This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

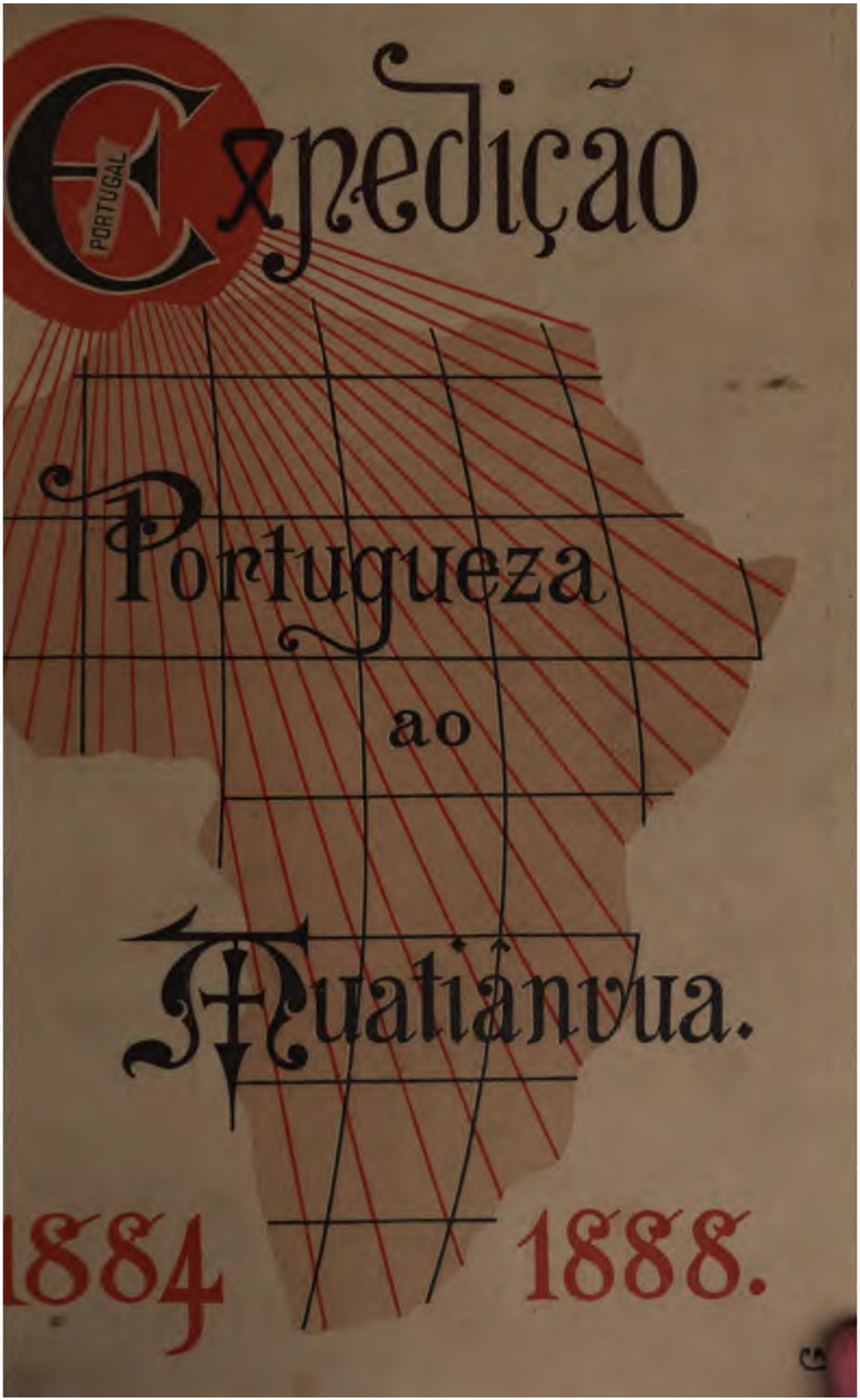
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LELAND STANFORD JUNIOR UNIVERSITY
ORGANIZED 1891
STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES


PORTUGAL
Expedição
Portugueza
ao
Muatianvua.
1884
1888.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA

DESCRIPÇÃO

DA

VIAGEM Á MUSSUMBA

DO

MUATIÂNVUA

PELO

CHEFE DA EXPEDIÇÃO

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

Major do Estado Maior de Infanteria

EDIÇÃO ILLUSTRADA POR H. CASANOVA

VOL. II

DO CUANGO AO CHICAPA

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1892

B9:615

DT611
D5
v.2

Pag.
Escola em Camau ..... opp. a 234
Na margem do rio Uhamba ..... opp. a 248
Agostinho Bezerra 257
Caça aos gafanhotos ..... opp. a 264
Dr. Summers 265
O incendio do acampamento Valle das Amarguras ..... opp. a 266
Acampamento Valle das Amarguras depois do incendio .... opp. a 271
Itinerario do Valle de Camau a Muquinji ..... opp. a 274
Coracias spatulata (chromo) ..... opp. a 276
Geckotidæ (Muquite) 300
Povoação de Quiocos ..... opp. a 302
Quissenda 304
Palma do rio Uhamba 308
Acampamento Francisco Maria da Cunha ..... opp. a 310
Caça do cavallo marinho 325
Angunza Muquinji 329
Muhongo 333
Filho de Xa Mujinga 337
Meliacea 342
Antonio Francisco 352
Capanda (rio Lulúa) 356
Itinerario do Muquinji ao Cuengo ..... opp. a 366
Muxacla (monumentos de caça) 369
A ponte sobre o rio Cuengo ..... opp. a 370
Rio Cuengo visto por entre arvores ..... opp. a 375
Rio Cuengo ..... opp. a 378
Cabo Antonio 380
Bucorax, sp. (Cazovo) 384
Remedios dos caçadores 385
Acampamento Solidão de Julião ..... opp. a 386
Planta do rio Cuengo ..... opp. a 388
Quimuanga 393
Cavallo-marinho 400
Cranio de cavallo-marinho 401
Muiéo 404
Angolungo 405
Muhanda 408
Itengo 409
Pelumba 412
Itinerario do Cuengo ao Cuilo ..... opp. a 428
Ponte do Cuengo construida pela Expedição ..... opp. a 435
Quiteca 438

Pag.
Despedidas da Solidão de Julia (chromo) ..... opp. a 440
Itinerario do Cuilo ao Lôvua ..... opp. a 448
Corça 449
Carregadores 466
Muhamba 470
Estação Cidade do Porto ..... opp. a 472
O chefe recebendo o Muatiânvua 475
Cassassa 484
Cacuata Andunda 488
Muluanda 492
Lubembe 500
Muteba 505
Chibuntila 508
Escola no campo ..... opp. a 512
A Muári 532
Bezerra na padiola 544
Ianvo-á-Uane 546
Sabas 550
Passagem do rio Luchico ..... opp. a 583
Rio Luele ..... opp. a 585
Parte da comitiva do Congo ..... opp. a 614
Recepção do Muatiânvua ..... opp. a 618
O Caungula 622
Cabuiza 623
Xambanza 625
Paulo, Malia e Camonga 636
Estação Luciano Cordeiro ..... opp. a 670
Planta da capital de Caungula ..... opp. a 672
Planta e alçado da Estação Luciano Cordeiro ..... opp. a 690
Caxix (*Tector auritus*) 698
Filippe e Ricardo 702
Palanga 714
Os afilhados do chefe ..... opp. a 716
O portador 719
Thephrosia vogelli 732
Cacuata Noéji 736
Lemá Tundo 741
Favorita de Caungula 744
Rio Lôvua ..... opp. a 744
A Muiri de Canapumba 751
O Muatiânvua bebendo malufo ..... opp. a 758
Quicurica e Mulolo 767

Pag.
Chiquele 774
Marabú 775
Ambanza Quingúri 778
Os portadores da mussumba 779
Muári de Quingúri 785
O Bângala Calombo 788
Mucuáli 794
A Temeinhe 801
Cabuíza 805
Muene Casse e Cacuata ..... opp. a 818
Cabaça de malufo 824
Syrnium Bohndorffi (chromo) ..... opp. a 824

INDICE DOS CAPITULOS

CARTA AO CONDE DE MACEDO.

CAPITULO V

DO CUANGO AO VALLE DO CAMAU

Estada em casa de José de Vasconcellos: Informações sobre os caminhos. Proposta do sub-chefe para ir ao Anzavo em busca de carregadores. A soberana Mona Mahango. Visita que lhe fez o chefe da Expedição; sua apresentação e recepção solemne. Marcha para a Estação Costa e Silva — Na Estação: A sua distribuição interior. Mona Mucanzo. Partida do sub-chefe. Cumprimentos de Mona Mahango e de sua familia: os pedidos de aguardente e algumas palavras sobre a propaganda contra a sua introducção, e contra a das armas de fogo no Continente africano. A vida de um cão considerada como equivalente á de um ente humano. Apresentação de carregadores Xinjes; contractos. Feitiços do *Angana Capitango*. Visita da princeza Mutumbo e estratagemas para obter photographias. A povoação de Mona Mahango. - Viagem do sub-chefe ao Anzavo: O seu itinerario; as difficuldades do trajecto; sua recepção pelo soba; presentes. Retirada da comitiva; incidentes da jornada; chegada á Estação — O cacuata Tâmbu e as suas comitivas: Combinações; intuitos do Cacuata. Ajuste de carregadores. Queixa de Quienza contra uma contractado de Loanda,; resolução do negocio. O itinerario a seguir. Nova visita a Mona Mahango; satisfação da sua curiosidade. Exigencias dos novos carregadores. Conferencia com o Cacuata, revelação do seu proceder astucioso. Mensagem de Zunga. Discussões com o gentio; recusa de serviços e retirada de Tâmbu e da sua gente - Pendencia a resolver: Detenção de um soldado doente e de seu camarada pela gente do Anzavo; providencias para regressarem á Estação. Visita a Mucanzo. O velho Matheus mata um cão; discussão sobre o caso; necessidade de limpar o sangue derramado; cerimonial usado e troca de presentes na occasião. Difficuldades suscitadas pelo mau proceder dos carregadores com o gentio. Aventuras commerciaes dos Xinjes. Preliminares para um tratado de amizade com Mona Mahango. Crença em feitiços. Como terminou a questão do soldado. Procedimento do Anzavo. Regresso de Augusto Jayme -- O nosso primeiro tratado: Preparativos de marcha.

Alarme produzido pelo rugido do leão. Reunião para accordos; discussão e leitura das bases do tratado; auto de noticia e cerimonia da sua assignatura; manifestações de regosijo. A condição servil nos povos do interior — Os ultimos dias na Estação: Distribuição de cargas. Desordem por causa de furtos de carne; alvitre sobre o modo de a repartir. Concessão de licença ao ambaquista Cruz para occupar um lado da Estação. Conflicto grave dos Xinjes com a nossa gente; providencias que se adoptaram na occasião; excerptos do nosso Diario. Troca de presentes e discursos conciliadores. Revelação de furtos feitos ás cargas pela nossa gente. Captura de um feiticeiro pelos Xinjes. Partida da Expedição. — Em viagem: Onze jornadas em vinte dias; motivos de demora; nas povoações de Mucanzo e de seu fallecido irmão Mucambo; os ossos d'este por sepultar. Aspecto do paiz. Episodio comico. Reflexões sobre o gentio. Morte de um carregador Xinje e exigencias de rações. Passagem do rio Uhamba; oito bois afogados; repartição da sua carne. Na povoação de Xa Quiessa; as doenças attribuidas a feitiços. Chegada ao valle do Camau e morte de um outro carregador, seu enterro. Retirada dos Xinjes abandonando as cargas.....Pag. 1 a 18

CAPITULO VI

DO VALLE DE CAMAU AO RIO CUENGO

No valle de Camau: A situação; consulta da gente experimentada no sertão aconselhando a compra de gente para os transportes; rejeição do alvitre; vantagens que resultariam da sua adopção. Diligencias para obter mantimentos e carregadores; difficuldades na acceitação da fazenda de lei; calculo do dispendio com os Xinjes. Noticias ácerca de Saturnino, da expedição allemã e do estabelecimento dos Ambaquistas no Muquengue — Viagem do ajudante ao Muxacla: O seu itinerario, povoações que visitou e idea geral ácêrca da região e seus habitantes; escacez de mantimentos; regresso — Esperando o interprete: Aproveitamento da fazenda de lei. Offertas de Quicânua; probidade dos Xinjes; morte de Quienza. O mau tempo. Noticias de varios personagens, de Cambongo e seu povo, de Ianvo, e dos Candas e Sequeles. Partida de uma diligencia para Malanje. Chegada do interprete — O valle e os seus arredores: Viagem de Bezerra ao Anzavo. Necessidade das missões agricolas; boas condições do valle para uma estação civilisadora — O pessoal em movimento: Contratempo, noticias do interior. Partida da primeira comitiva com cargas. Vistoria e balanço dos recursos da Expedição. Noticias do Lubuco; o bispo Taylor. Incendio no acampamento; este recebe o nome de Valle das Amarguras. O cabo da força reduz a mulher militarmente á obediencia. Preparativos de segunda caravana — Marcha das secções: Viagens do sub-chefe e do ajudante para novas Estações. Xa Madiamba no Cassassa. Typos Chilangues. A diligencia para Malanje; novas da Estação Ferreira do Amaral. Abundancia de peixe e caça: danças e folgares. Visita de Xa Mujinga. Uma comitiva do Rei do Congo. Os ultimos dias no valle — Viagem do chefe: Encontro com a comitiva de João de Andala Quissua. Povoação de Quiòcos; effeitos da garapa. Acampamento de Xa Mujinga; visitas. Prejuizo das derrubadas de florestas. A ultima jornada — No acampamento Francisco Maria da Cunha: As nossas impressões. Manuel Pereira da Silva. Preparativos de marcha. O primeiro parto no acampamento. Cambolo Cangonga; os Bângalas; o nosso nome como thema das suas cantigas. Viagem do sub-chefe para o Cuengo. Angunza Muquinji: A sua familia, estado e povos. Como se caça o hyppopotamo e outros animaes. Dignitarios do Muatiânvua. Embaixada de Mucne Puto Cassongo. Pagamento de rações em missanga e polvora. Segundo

[illegible]

CAPITULO VI

DO RIO CUENGO AO RIO CUILO

[illegible]

CAPITULO VIII

DO RIO CUÍLO AO RIO CHICAPA

Viagem para o Caungula: O interprete tem de ser transportado em padiola. Cerimonias a que se submette o Muatiânvua antes de começar uma jornada e ordem do seu sequito em marcha. Posto Guilherme Allen: A primeira secção passa o rio Cuílo; O cabo Antonio volta ao Cassassa e vem acompanhado do irmão-sobrinho de Xa Madiamba, que não queria seguir na comitiva sem que lhe fossem satisfeitos os proventos do cargo de Suana Mulopo para que foi interinamente nomeado. Xa Madiamba uniformisado e vestindo pela primeira vez calças recebe em audiencia os senhores das povoações e os ambanzas chefes de comitivas bangalas; Exigencias de tributos e a nossa intervenção contrariando-as; Os quilolos respondem em vez do Muatiânvua aos nossos questionarios, o que nos contraria e zanga sem que d'isso aproveitemos. Prejuizos de terça feira. A expedição passa o rio Cuílo: Difficuldades da marcha em terreno encharcado; A nossa canôa. Reorganisação das cargas: o nosso itinerario; presentes. O Xa Madiamba almoça comnosco e recebe de presente um revolver, sua alegria e modo de agradecer. Recordações de Rodrigues Graça. Necessidade de construir jangadas para passagem do rio Luangue. Reconhecimento de caminhos atravez uma floresta. Marcha para Cafundanga. Visita que nos faz o Muatiânvua. Queixas dos nossos carregadores contra o Muatiânvua. Quituches, embaixadores que vêem do interior ao encontro de Xa Madiamba. A nossa marcha extensa e fatigante para o rio Luchico e passagem d'este rio. Adoece o sub-chefe. Passagem do rio Luéle. Recepção do Muatiânvua; tiroteio, embriaguez e roubos. A secção do sub-chefe desvia-se. Os nossos carregadores subornados pela gente do Muatiânvua internam-se no mato. Questões com o Muatiânvua por causa das demoras na viagem. Posto Ferreira Ribeiro. Recepção; danças; feiticeiros. Ciumes de Xa Madiamba e nossa intervenção. Quarenta homens da expedição vão ao posto Guilherme Allen buscar as cargas. Preparatorios para a entrada na capital do Caungula — Entrada nesta capital: Embaixada do Caungula; desordens. Passagem do rio Mansai. Logar destinado para os acampamentos. Audiencia; os subditos do rei do Congo; tetâme; inferneira; apresentação do Caungula. A filha de Muteba; os seus amores com um filho de Cambolo de Cassanje e nomeação d'estes para cargos da côrte. Roubos nas nossas cargas pelos Songos que as transportavam. Apresentação e queixas dos subditos do Rei do Congo; noticias da expedição de que elles fizeram parte. Presente para o Caungula. O que o Muatiânvua escolhe para si; admiração pelos espelhos. A nossa visita ao Caungula; a sua quipanga; tropheu de craneos; a bandeira portugueza fluctua na quipanga — A segunda quinzena de Outubro: Construcção da Estação Luciano Cordeiro. Investigações e providencias sobre os roubos feitos pelos Songos e outros; indemnisação aos rapazes do Congo; expoliações ás comitivas bangalas e a nossa intervenção. Audiencias. Alarme de gazzivas dos Quiôcos nas terras do Caungula. Negocios feitos pelo Muatiânvua; como este se apodera dos negocios de seus antecessores — Na Estação Luciano Cordeiro: Noticias sobre a localidade. Estação e outras construcções. Preparativos para a inauguração da Estação no dia 31 de outubro de 1885. As nossas diligencias para se celebrar um tratado com Caungula; o tratado. Inauguração; communicação a S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar sobre as festas de inauguração e de todos os trabalhos comprehendidos na capital dos dominios do Caungula — Varios episodios: A nossa intervenção para que avancem as comitivas de commercio, se restituam as expoliações. As consequencias de se não cumprir com rigor os preceitos da *malala*. Grande roubo nas cargas da Expedição pelos Songos; providencias.

Boatos da approximação dos Quiôcos. Diligencias frustradas. Noticias de diversos potentados. Os nossos conselhos ao Muatiânvua e ao Caungula — Novos incidentes: Os pedidos de Mucanza. Uma traição; attenuantes; julgamento favoravel. O cacuata Mémá Tundo e sua missão. Receios dos Quiôcos e os nossos conselhos. Um passeio no rio Lôvua e visita ás lavras do Caungula. A cerimonia da lucanga. O carregador Chico tomado por um macaco; más consequencias. Preparativos de marcha das secções — Casos mais graves: fuga das mulheres da comitiva do Congo. Uma outra terça feira prejudicial. As nossas exigencias e providencias do Muatiânvua e do Caungula. Um assassinato horripilante; a audiencia e a nossa intervenção a evitar a pena de morte. Embaixada dos Quiôcos de Muxico; audiencias. Como influimos nas pazes entre Quiôcos e Lundas do Caungula, juramentos e considerações — Marcha das secções: Nova gente do Congo. Joanna ferida por Paulino. Segue a segunda secção para o Quicapa e a diligencia para Malanje. Nova comitiva de Bangalas. Os nossos hospedes Quinguri e Angonga. Portadores da côrte; boas informações sobre Cassanje. Derrota da comitiva do Ambumba; a nossa influencia para lhe evitar mais espoliações. Um servo que pretende mudar de amó para acompanhar sua mulher e como se resolve esta pendencia — Os ultimos dias do anno de 1885: Os nossos preparativos de marcha e resoluções dos Bangalas. Noticias das guerras a leste do Cassai e em Mataba. Doença da Muári; adivinhos; feiticeiros; tumbajes; a nossa intervenção. A nossa visita ao Caungula; festas dos caçadores; os jogadores. As nossas palestras com Quinguri. A chegada de Muzequele, sobrinho do Mucanza. Informações. A morte do Muatiânvua Muriba confirmada. Chega o Suana Mulopo Lubembe com as suas forças. Despedidas do Caungula..... Pag. 551 a 824

CAPITULO SUPPLEMENTAR

Resultado das nossas observações: Situação geographica da capital dos dominios do Caungula Muata Xa Muteba e da dos dominios de Muata Cumbana; inconvenientes da partilha d'estes e de outros vizinhos na conferencia de Berlim por falta de esclarecimentos praticos da região a partilhar; como nós portuguezes devemos aproveitar o que nessa conferencia ficou por partihar e por onde ha seculos é reconhecida a nossa influencia; considerações geraes sobre os factores meteorologicos observados na capital do Caungula comparados com os observados em S. Salvador do Congo e em Loanda no mesmo periodo; doenças predominantes e necessidade de estudos especiaes sobre a syphilis; considerações sobre a excellencia das terras e das aguas para a grande e pequena agricultura; communicações que projectámos da capital do Caungula á do Muata Cumbana e d'estas á de Capenda, á de Mnene Puto Cassongo e á de S. Salvador do Congo; boas e estreitas relações commerciaes mantidas por Portuguezes com estes e com os povos vizinhos, nos territorios de expansão da nossa provincia de Angola e necessidade de se occuparem estes; considerações sobre esses povos e modo de aproveitar a sua actividade em beneficio do desenvolvimento de suas propriedades no que interessa o commercio de Angola e a acclimação de migrantes europeus; os nossos alvitres para se obter esse aproveitamento o mais promptamente possivel — beneficiar a situação do indigena e do meio em que elle vive; motivos porque a nossa expedição caminhou vagarosamente e estacionou mezes em algumas localidades e ainda porque não nos arrependemos do nosso modo de proceder como chefe dirigindo os trabalhos da expedição. — Documentos: Propostas enviadas ao governo de Sua Magestade, já em Lisboa, segundo o nosso modo de ver com respeito aos nossos trabalhos e ás informações que fomos obtendo á medida que estes trabalhos iam seguindo na sua publicação ..... Pag. 825 a 908

PASTOR

Illmo e Exmo Sr. Conde de Macedo.

Meu respeitavel amigo:

De regresso da minha missão junto do Muatiânvua e acampado na margem esquerda do Cassai, tive conhecimento de que V. Ex.ª succedera, na gerencia dos negocios da Marinha e Ultramar, ao muito illustrado Ministro o Exmo Sr. Pinheiro Chagas, que me dera prova da mais alta consideração, confiando-me tão difficil quanto honroso encargo, que eu não dava ainda por terminado, no interesse do meu paiz e no da provincia de Angola, pois julgava de grandissima conveniencia commercial e de boa politica, não obstante a ruindade da minha saude, o ir pessoalmente a Maí Munene e seguir d'ali para o Lubuco.

Tudo me estava mostrando, para o melhor e mais pratico exito dos meus trabalhos, o conhecer *de visu* a situação da colonia portugueza ali existente havia doze annos e da qual faziam parte os dois europeus Saturnino Machado e Antonio Lopes de Carvalho, desde os principios do anno de 1884, seis mezes antes de lá ir estabelecer-se a expedição allemã do commando do Tenente Wissmann.

Era grave a minha situação, mas não deixava de me informar do que se estava passando em toda esta região e da expedição do Tenente Wissmann havia eu

obtido informações de muita importancia, e de tod
estes acontecimentos fui dando conta mensalmente
Direcção Geral do Ultramar, por me parecer que—
serem verdadeiros—os allemães iam conquistando i
fluencias e ganhando terreno e assim se apoderaria
de todo este vasto centro commercial, com gravissim
prejuizo para o commercio da provincia de Angola
com a maior desvantagem para a nossa influenci
junto a todos estes povos.

Avisado de que o Sr. Conselheiro Governador Gera
de Angola, por determinação de V. Ex.ª, enviara un
supprimento de varios artigos para acudir ás minha
mais impreteriveis necessidades, pois havia um ann
que eu e os poucos companheiros que commigo se
guiram de Luembe á Mussumba luctavamos com falt
de toda a sorte de recursos, e este supprimento, se-
gundo as ordens recebidas, estava á minha disposiçã
na estação Luciano Cordeiro, no Caungula Xá Muteba
tentava eu dirigir-me para ali a fim de receber os ge-
neros de que mais carecia.

As complicações e difficuldades, todavia, que se me
levantaram em Mataba e que eu tive de vencer com a
maxima paciencia e resignação, fazendo uso apenas

e conseguir d'elles um *modus vivendi* de que resultasse a paz entre todos, como eu sempre tive em vista conseguir.

Não me surprehendeu, portanto, a noticia official de que V. Ex.ª determinara ao Governador Geral de Angola, para que, conhecido o logar em que eu parava, me fizesse constar que o governo considerava terminada a minha missão, devendo eu voltar ao Reino o mais depressa que fosse possivel.

A intenção de V. Ex.ª não era o desconsiderar-me nem tão pouco julgar de somenos valia o merito dos meus trabalhos. Sei isto muito bem.

Conheço o nobre caracter de V. Ex.ª e, por isso mesmo, devo declarar com toda a franqueza que, tendo sido sempre muito respeitador das ordens dos meus superiores, vacillei sobre se deveria, ou não, deixar aquellas terras sem se tomarem algumas das providencias que reputava de maior urgenceia, meditando mesmo sobre se poderia deixar de ir ao Lubuco, como tencionava.

E não estranharia V. Ex.ª este meu procedimento, porquanto pela minha longa carreira de funccionario nas nossas provincias do ultramar, nunca deixei de

me sacrificar pelo interesse publico, e eu dispunha-me a novos sacrificios no intento de bem servir o meu paiz e cumprir, ao mesmo tempo, o que me era imposto nas instrucções que recebera do illustre antecessor de V. Ex.ª, as quaes se acham publicadas a pag. 35 do primeiro volume d'esta obra.

Não eram sufficientes os supprimentos que acabava de receber, nem eram os mais convenientes, mas isso seria o menos, pois reduziria o pessoal a doze individuos, que eram os strictamente indispensaveis.

O que, porém, me abalou o espirito foi uma longa correspondencia do meu amigo Custodio Machado, de Malanje, dando-me noticia da conferencia de Berlim e dos allemães terem occupado as terras de Muquengue, o Lubuco!

Perdido assim aquelle importante mercado, aquelle vasto campo da nossa actividade commercial, criado pelos portuguezes e adquirido para a nossa provincia de Angola, o facto de eu ir ali, nas circumstancias em que me achava, era expôr-me a ser mais uma testemunha da nossa liberalidade, sempre em prejuizo da nossa soberania, expansão colonial e dos mais legitimos interesses do paiz.

Tratei, pois, de me afastar das terras do Muatiânvua, antevendo todos os perigos que rodeavam a nossa provincia de Angola por este lado, resolvendo-me a completar em Lisboa todas as minhas informações, e apresentar todos os alvitres que podessem salvar, ao menos em parte, aquellas terras e os interesses da provincia de Angola que tão intimamente a ellas se acham ligados.

Ao chegar a Lisboa, era ainda V. Ex.ª que me honrava recebendo a minha apresentação official e, ouvindo-me nesta primeira audiencia, entendeu que sendo eu possuidor de um grande e bom material de trabalho, colhido dia a dia nas terras que percorrera, devia ser coadjuvado pelo governo para que todo esse material tivesse immediata publicação, e, nesse sentido, me foram dispensadas as primeiras providencias.

Como Ministro não teve V. Ex.ª tempo de ver publicada sequer uma parte dos meus trabalhos, mas é certo que de muitos auxilios sou devedor a V. Ex.ª, empenhando-se para que fossem conhecidos no paiz e no estrangeiro, e dando-me a subida distincção de, nos altos cargos em que V. Ex.ª honra o paiz no estrangeiro, fazer citações dos meus livros já publicados

vimento colonial estrangeiro, e bem conhecedor das necessidades sociaes e industriaes de cada nação, muito melhor do que eu reconhece toda a verdade das minhas affirmativas, e assim não deixará de ver quanto urge que nos preparemos para entrar em concorrencia com todas essas nações, animando e protejendo os trabalhos scientificos e procurando resistir a todos os meios de absorpção, que, por parte dos estrangeiros, se estão empregando em volta de todas as nossas colonias.

O campo de acção sobre que versa o assumpto d'este livro, delimitado entre os rios Cuango e Cuilo, campo que hoje nos não é contestado, constitue um dos principaes centros de resistencia que é absolutamente indispensavel não perder de vista. E bem pouco se sabe ácerca d'elle entre nós.

Este meu trabalho vem assim preencher uma importante lacuna na vida commercial e administrativa da nossa provincia de Angola, podendo mesmo dizer-se que com o livro da fauna e da flora do meu collega Sisenando Marques, e com os da ethnographia e historia, da linguistica e da meteorologia, climalogia e colonisação, feitos sobre as observações colhidas, dia

a dia, durante a minha viagem á Mussumba do Muatiânvua, se torna bem conhecida toda esta região a leste da provincia de Angola e todos os povos que as habitam, encontrando-se em todos os livros indicados novidades, não só para Portugal como para os estrangeiros.

Antecipamo-nos d'este modo ás investigações estrangeiras que devem ser mais activas, attentos os valiosissimos premios que se estão offerecendo para que se façam trabalhos identicos, sendo mandados especialistas para as terras do Congo e para as de toda a Africa austro-central, e assim é Portugal o primeiro a encetar estes trabalhos e a patentea-los a toda a Europa.

E, por isso mesmo, permittindo V. Ex.ª que eu colloque o muito illustrado nome de V. Ex.ª na primeira pagina d'este livro, cumprindo um dever que me é muito grato, alcanço para o meu modesto trabalho a muito valiosa influencia de V. Ex.ª, como um dos mais prestantes funccionarios do nosso paiz e um dos mais strenuos advogados dos nossos interesses coloniaes junto á côrte da Belgica, onde se está elaborando uma activissima exploração nas terras da bacia do Congo

CAPITULO V

DO CUANGO AO VALLE DO CAMAU

mulu kějikape čia kakŭeza ku polo «Ninguem sabe o que virá para deante — O futuro a Deus pertence».

Estada em casa de José de Vasconcellos: Informações sobre os caminhos. Proposta do sub chefe para ir ao Anzavo em busca de carregadores. A soberana Mona Mahango. Visita que lhe fez o chefe da Expedição; sua apresentação e recepção solemne. Marcha para a Estação Costa e Silva — Na Estação: A sua distribuição interior. Mona Mucanzo. Partida do sub-chefe. Cumprimentos de Mona Mahango e de sua familia; os pedidos de aguardente e algumas palavras sobre a propaganda contra a sua introducção, e contra a das armas de fogo no Continente africano. A vida de um cão considerada como equivalente á de um ente humano. Apresentação de carregadores Xinjes; contractos. Feitiços do *Angama Capitango*. Visita da princeza Mutumbo e estratagemas para obter photographias. A povoação de Mona Mahango. — Viagem do sub-chefe ao Anzavo: O seu itinerario; as difficuldades do trajecto; sua recepção pelo soba; presentes. Retirada da comitiva; incidentes da jornada; chegada á Estação — O cacuata Tâmbu e as suas comitivas: Combinações; intuitos do Cacuata. Ajuste de carregadores. Queixa de Quienza contra um contractado de Loanda,; resolução do negocio. O itinerario a seguir. Nova visita a Mona Mahango; satisfação da sua curiosidade. Exigencias dos novos carregadores. Conferencia com o Cacuata, revelação do seu proceder astucioso. Mensagem de Zunga. Discussões com o gentio; recusa de serviços e retirada de Tâmbu e da sua gente — Pendencia a resolver: Detenção de um soldado doente e de seu camarada pela gente do Anzavo; providencias para regressarem á Estação. Visita a Mucanzo. O velho Matheus mata um cão; discussão sobre o caso; necessidade de limpar o sangue derramado; cerimonial usado e troca de presentes na occasião. Difficuldades suscitadas pelo mau proceder dos carregadores com o gentio. Aventuras commerciaes dos Xinjes. Preliminares para um tratado de amizade com Mona Mahango. Crença em feitiços. Como terminou a questão do soldado. Procedimento do Anzavo. Regresso de Augusto Jayme — O nosso primeiro tratado: Preparativos de marcha. Alarme produzido pelo rugido do leão. Reunião para accordos; discussão e leitura das bases do tratado; auto de noticia e cerimonia da sua assignatura; manifestações de regosijo. A condição servil nos povos do interior — Os ultimos dias na Estação: Distribuição de cargas. Desordem por causa de furtos de carne; alvitre sobre o modo de a repartir. Concessão de licença ao ambaquista Cruz para occupar um lado da Estação. Conflicto grave dos Xinjes com a nossa gente; providencias que se adoptaram na occasião; excerptos do nosso Diario. Troca de presentes e discursos conciliadores. Revelação de furtos feitos ás cargas pela nossa gente. Captura de um feiticeiro pelos Xinjes. Partida da Expedição. — Em viagem: Onze jornadas em vinte dias; motivos de demora; nas povoações de Mucanzo e de seu fallecido irmão Mucambo; os ossos d'este por sepultar. Aspecto do paiz. Episodio comico. Reflexões sobre o gentio. Morte de um carregador Xinje e exigencias de rações. Passagem do rio Uhamba; oito bois afogados; repartição da sua carne. Na povoação de Xa Quiessa; as doenças attribuidas a feitiços. Chegada ao valle do Camau e morte de um outro carregador, seu enterro. Retirada dos Xinjes abandonando as cargas.

Começára o anno de 1885 e com maus auspicios, pois nos achavamos impossibilitados de sair de casa. O chefe em tratamento, que lhe fôra prescripto pelo seu companheiro de viagem, para debellar as febres do paiz

de que estava atacado; este, por seu turno, soffrendo e gravemente da mesma doença, que attribuia a um banho que tomára num riacho, já depois do meio dia, e quando o sol despedia raios ardentissimos, tendo tambem de recolher-se á cama no dia immediato.

As contrariedades da viagem, o mau tempo a que estiveramos expostos de dia e de noite, a irregularidade nas horas de refeição, o debilitamento em que nos encontravamos, emfim a noite que perderamos com a passagem do rio Cuango, tudo devia necessariamente ter estas más consequencias.

O sub-chefe estando mal alojado na barraca de lona levantada num descampado, e exposto a uma temperatura elevadissima durante o dia, e ás grandes humidades de noite, não podia restabelecer-se tão promptamente como seria para desejar; Vasconcellos prestou-nos portanto um bom serviço, fazendo seguir immediatamente para a nossa Estação as cargas que para aqui enviáramos em 31 de outubro passado, e que esperando se concluisse a casa, estavam armazenadas num dos quartos da sua habitação. Neste quarto se instalou então o sub-chefe em muito melhores condições para tratamento.

Até ao dia 9 o nosso pessoal occupou-se na mudança de todas as cargas para a Estação, e quando se tratava d'este serviço descobriu-se que, além do roubo de uma porção da nossa roupa de flanella — guardada numa boa malla de coiro ingleza, que ha doze annos nos acompanhava de Macau e que arrombada e amolgada aqui veiu terminar o seu serviço — nos faltava o conteudo de um barril de quinto de vinho, que os ratoneiros tiveram o cuidado de deixar tapado e lacrado como se estivesse cheio.

Em quanto se realisava a mudança das cargas e iamos convalescendo, aproveitavamos o tempo fazendo a correspondencia para a metropole e para Malanje, e procuravamos tambem informar-nos com os individuos que nos visitavam sobre o que julgavamos indispensavel no interesse da Expedição.

Sabendo que o Cacuata Tâmbu, que estivera comnosco em Malanje, e se promptificára acompanhar a Expedição á Mus-

sumba demorava no Anzavo, a cinco dias de viagem a N.-E. do logar em que estavamos, pensámos em o mandar prevenir da nossa chegada á Estação, e interessá-lo em nos arranjar carregadores para seguirmos avante com a maxima brevidade.

O Muana Angana[1] da povoação informou-nos, que o melhor caminho para Anzavo era o que da sua povoação vae para o Tinguile, porquanto o que segue a gente de Mona Mahango é muito mau para transporte de cargas, por ser montanhoso, e os carregadores de Malanje informados d'isso pelos Xinjes nunca se afoitaram a percorrê-lo. Fôra este o motivo porque Saturnino Machado, e ultimamente o explorador Wissmann, não tinham ido, como desejavam, visitar aquelle potentado, que é quilolo[2] do Muatiânvua.

Dizia o mesmo Muana Angana que Tâmbu, quando ahi passára, dera noticia que a nossa Expedição se estava preparando em Malanje com destino para a Mussumba e que fazia caminho pela terra d'elle, e por isso pedira a Mona Mahango que o mandasse avisar da nossa chegada, porque queria vir ao nosso encontro. Julgava de muita conveniencia o Muana Angana que a Expedição fosse acompanhada pelo Cacuata, e que este apresentasse carregadores. Sendo gente do Muatiânvua, dizia elle, havia de seguir os melhores e mais seguros caminhos, e não se portariam mal porque o Muatiânvua os mandaria matar.

Tambem elle aconselhava a Expedição a não passar pelo Caianvo, onde estavam acampadas muitas comitivas de Bângalas que levavam negocio para Cassele, Peinde, Lubuco, Caungula, Chicapa, etc. Esta gente tinha propalado más noticias contra a Expedição.

Os Bângalas sabendo que a primeira parte da Expedição havia passado o Cuango, e que fabricára uma casa em Mona Mahango para a Estação Portugueza Costa e Silva, espalharam boatos para amedrontar os Xinjes, dizendo que iam esperar-nos

---

[1] Titulo dos potentados Xinjes.
[2] Dignitario da côrte.

no Caianvo, e que estavam dispostos a oppôrem-se, se foss preciso, pelas armas, á nossa marcha para o interior!

Sempre a mesma historia!

Os Bângalas procuravam intrigar-nos com todos os povos tendo porém sempre em vista estar bem comnosco. Querian affastar-nos da concorrencia no commercio do interior, mas d modo a não deixarem de ser os nossos agentes. E na verdade com o fim commercial, ha toda a vantagem em aproveitá-los. Dizemos mesmo, o nosso commercio mantendo estes medianeiros, tira o maximo partido do que lhe offerece o interior, sem risco nas transacções.

MONA QUINONGA

São elles muito desconfiados, mas sendo convencidos que os Europeus que devassam o seio do continente miram a interesses muito differentes dos do commercio, pouco lhes importa com a sua passagem; e era portanto neste sentido que deviamos manifestar que nos não incommodavam os seus boatos, e que nos não fariam desviar do nosso caminho.

O sub-chefe sabendo que era nosso empenho demorarmonos o menos possivel na Estação Costa e Silva, offerecêra-se para ir ao Anzavo no intuito de arranjar carregadores. Posto estivesse doente, e tivesse encargos especiaes que requeriam para o seu desempenho tranquilidade e socego de espirito, todavia, para que elle não podesse suppôr que havia falta de confiança no serviço para o qual se promptificava, e sendo certo que teria de atravessar uma região não explorada por

CASA DE JOSÉ DE VASCONCELLOS E POVOAÇÃO DE QUINONGA (XINJE)

Europeus, onde podia encontrar vasto campo para investigações sobre a fauna e flora, entendemos dever esperar mais alguns dias para que se restabelecesse e organisarmos então a comitiva que o devia transportar e acompanhar na sua diligencia.

Tomada esta deliberação, entregámo-nos ao estudo da localidade e dos habitantes, o que sempre nos mereceu muito cuidado, por nos parecer que d'elle depende a resolução de certos problemas que ultimamente preoccupam as nações mais adeantadas.

A partir do sitio elevado onde estavamos começava uma depressão, em que o terreno no seu maior declive descae para W. sobre o Cuango, o qual corre em largos meandros inclinando-se mais para N.-W. Esta depressão, acompanhando o rio, segue suavemente em ondulações para N., mas formando rampas sobre taboleiros que descaem tambem para leste constituindo valles em que correm riachos affluentes do Cuango.

A les-nordeste, e proximo mas do outro lado do valle, correndo-lhe pela frente um riacho, assentava a povoação do Muana Angana a que já nos referimos, e que se chama Quinonga. Além da encosta e para nordeste, descobrem-se alterosas serras que se desenvolvem umas após outras, e onde entre as ultimas, correndo para noroeste em variadas curvas, se nos revela pelo arvoredo o percurso dos rios Uhamba e Nuôvo, que se dizia serem caudalosos, e que vão lançar as suas aguas lá muito ao norte no imponente Cuango.

Quinonga, chefe da localidade, foi o primeiro consorte de Mona Mahango. D'elle teve dois filhos: Mona Mucamba, que fallecêra havia mezes e que ainda não estava enterrado, e Mona Mucanzo. A este pertencia o Estado de Capenda-cá-Mulemba, cargo em que já devia ter succedido o seu irmão, que não chegou a preenchê-lo, porque um seu parente (primo) que d'elle tomára posse interinamente por Mucamba ser menor, lá se conservava ainda sem tenção de o largar, embora não tivesse satisfeito aos preceitos que se exigem para ser Capenda.

É de uso neste Estado, que é designado pelo das mulheres, por serem estas que dão o herdeiro ao Capenda, poderem

ellas escolher conjuge entre os homens do seu povo, porém o preferido só vive com a mulher até esta ter dois filhos d'elle, sendo então por ella nomeado conselheiro e potentado (Muana Angana) concedendo-lhe terra e povo para constituir o seu governo.

Mona Mahango já depois de cohabitar com Quinonga, tivera por companheiro Quibulungo de quem tambem lhe nasceram dois filhos que ainda viviam, Mona Candala e Mona Pire. Este homem estava tambem estabelecido em terra sua. Agora o terceiro conjuge d'esta princeza era Mona Quienza, de quem tinha por emquanto só um filho, Mona Cambongo de 10 para 11 annos, criança muito sympathica e de um typo que se podia até considerar bonito.

Dos dois filhos mais velhos, Mona Mucamba deixára descendencia, e Mucanzo já tinha doze filhos.

Desde 1882 que os filhos de Mona Mahango trajavam calças, camizolas, colletes e casacos de riscado ou em xadrez, feitos por uns Ambaquistas que se estabeleceram neste logar, sendo o primeiro que assim quiz trajar o fallecido Mucamba. Principiára elle a aprender a ler e escrever portuguez com Fragoso Garcia, que ainda ali encontrámos, e que nos informou ter elle feito tenção de ir a Malanje entabolar relações com algumas casas commerciaes, e de ir a Loanda pedir ao Governador geral da provincia para lhe ensinar a reger o seu Estado ao uso das terras de Muene Puto, e tambem pedir-lhe que o tornasse independente do Jaga de Cassanje, pois não fazia causa commum com elle contra os negociantes portuguezes, os dominios de Capenda não tendo em tempo algum sido sujeitos a esse jaga.

Fragoso Garcia, além do officio de alfayate que exercia nesta localidade, dedicára-se a ensinar os filhos dos seus patricios a ler, escrever e as operações mais elementares de arithmetica, tendo elle um bom talhe de letra.

Os filhos de Mona Mahango e mesmo os netos, quando saem de suas povoações vão escarranchados sobre os hombros de homens escolhidos da classe inferior do povo para esse serviço.

Estes das mãos fazem estribos, e o seu andar é tão certo que os cavalleiros equilibram-se bem, não tendo necessidade de se segurarem com as mãos á cabeça da montada.

Notando nós que Quinonga quando vinha ver-nos se apresentava sempre asseado e bem vestido, e que quando era chamado por Mona Mahango ia sujo e mal arranjado, disse-nos fazê-lo de proposito, para esta não saber o que elle possuia, aliás podia tirar-lhe o melhor do seu haver, porque nesta terra só Mona Mahango é senhora, todos os mais são seus servos e tudo que teem lhe pertence.

Ninguem se pode apresentar deante de sua senhora mais bem vestido e asseado do que ella, e noutro tempo era mesmo crime que importava pena de morte. Considerava-se um insulto á sua auctoridade e não havia perdão para o delinquente, sobretudo para os que tivessem sido seus amasios, porque se podia suppôr que queriam considerar-se iguaes a ella.

Devemos tambem notar de passagem que os proprios filhos de Mona Mahango tratavam o pae como se fosse individuo da classe mais infima, chamado apenas pela necessidade que sua mãe tivera de um homem para os gerar.

Como nenhum homem que é chamado para tal mister se pode a elle esquivar, os filhos que nascem d'essa união são os proprios que na maioridade teem em maior repugnancia o papel que desempenhára seu pae no Estado com relação a sua mãe.

Acreditâmos que o facto do pae, logo que nasce o segundo filho ter de afastar-se da côrte, e não mais exercer acção sobre os filhos, contribue muito para essa repugnancia, e actualmente, como estes sabem que entre nós o escravo era o individuo mais infimo da sociedade, quando fallavam de seu pae diziam-nos: — «Elle não vale nada no Estado, é um escravo de Mona Mahango». Por seu turno este, tratando-se do filho, como elle podia herdar o Estado de Capenda, dizia: — «O senhor meu filho Capenda...»

Emquanto o referido individuo vive maritalmente com Mona Mahango, representa-a para todos os effeitos, dá ordens em nome d'ella, e mesmo nas audiencias toma a palavra e falla

ao povo em seu nome, segundo o que com ella tenha antes combinado, sendo certo que todos o consideram e respeitam; porém depois, os extranhos á sua povoação tratam-o como se fôra outro qualquer, não deixando comtudo, quando na sua presença, de o respeitar como Muana Angana.

Notámos que estes povos, ou porque já estivessem acostumados ás casas dos Ambaquistas e ao estabelecimento de Vasconcellos, ou porque fosse isso de seu caracter, ou que lhe houvesse sido recommendado pelo seu potentado, não nos apoquentaram com a curiosidade de nos ver e saber o que faziamos a toda a hora. Pudemos portanto trabalhar á nossa vontade até ao sol posto, hora a que nos apparecia Quinonga com dois ou tres companheiros para conversar, assim como os Ambaquistas, que tambem escolhiam a occasião para nos visitar e prestar-nos os esclarecimentos e informações que desejavamos.

Mona Mahango já por vezes havia chamado Quinonga para saber como se havia de entender com o chefe da Expedição, que lhe diziam ter quatro olhos[1] e pellos na cara como um leão; e Quinonga respondia-lhe que na verdade a primeira vez que vira o chefe este lhe mettêra medo, porém, conversando com elle, as más impressões foram desapparecendo e que agradava porque a todos fallava e tratava bem.

Attentas as instancias de Mona Mahango para que fossemos viver para a Estação, e visto o sub-chefe não estar ainda completamente restabelecido, resolvemos ir pessoalmente visitá-la no dia 6. Quasi todas as cargas tinham seguido já para a Estação, e era preciso providenciar de modo que nas povoações estivessem prevenidos com mantimentos para venderem ao pessoal que ia augmentar.

O rumo seguido nos primeiros 5 kilometros foi pouco mais ou menos o de leste, passando-se apenas uma ribeira sem maior

---

[1] O habito em que estavamos de olhar por cima das lunetas, fazia crer aos pretos que tinhamos dois modos de ver, ou por outra que tinhamos «quatro olhos» (*méssu manhí*), como elles depois nos alcunharam.

importancia; as mulheres atravessaram-na a nado, o que chamou a nossa attenção porque nadavam bem. Os 4:600 metros que se seguiram, percorremo-los no rumo les-nordeste em ziguezagues e sobre terreno ondulado que descaía para o rio Cuango, sendo as arvores ali de pequeno porte. Neste percurso tambem passámos um riacho ainda de menor importancia. Junto a elle para leste, mas um pouco distante, ficava-nos a povoação de Quibulungo, pae de Mona Candala.

Ás oito horas annunciava-se a nossa chegada ao planalto com descargas de fuzilaria, dadas no largo em frente da Estação Costa e Silva, associando-se a esta manifestação de alegria da parte do pessoal da Expedição que ha mezes aqui estava, alguns moradores das povoações vizinhas.

Mandou-se prevenir Mona Mahango que a iriamos visitar ao meio dia, e até lá o ajudante foi-nos dando conhecimento de todas as occorrencias com o pessoal e com a gente das povoações desde que ali se installára, e das relações em que estava com todos.

Um bom almoço preparado com os recursos da localidade, e que na realidade era convidativo, veio pôr termo opportunamente ás questões de serviço particular da Expedição.

AUGUSTO JAYME

O ajudante já habituado ao viver do sertão, sabia tirar partido de todos os recursos da arte culinaria, e aquillo que para nós passaria despercebido, sob a direcção por elle dada ao cozinheiro, transformava-se em iguaria appetitosa. Inclusivé, uma especie de broa de milho que nos apresentou, era um explendido conducto para os molhos de guisados e com vantagem substituia o pão.

Á hora marcada, avisados de que Mona Mahango nos esperava, saímos da Estação devidamente uniformisados, e uma descarga de fuzilaria foi o signal da nossa partida para a povoação, onde se haviam reunido todos os potentados das proximidades com as comitivas que por costume os acompanham ás audiencias da soberana.

A bandeira portugueza era levada na frente por Augusto Jayme, irmão do soba Ambango, de Malanje, que vestia um dos antigos uniformes da nossa cavallaria ligeira, e era seguida por uma musica improvisada com tambores, cornetas e outros instrumentos. Os nossos soldados fardados, os contractados e alguns carregadores com os seus melhores pannos, todos armados, marchavam atrás da musica.

Por ultimo seguiamos nós acompanhados do interprete, de José de Vasconcellos e dos Ambaquistas que tinham vindo do sitio de Quinonga.

Ao entrarmos na povoação, Mona Quienza, o actual consorte de Mona Mahango, que nos aguardava, fallou a Vasconcellos para nos pedir em nome da soberana: — «Que se não fizessem tiros com as armas de Muene Puto ao pé d'ella, porque tinha muito medo d'isso, e que quando regressassemos á Estação podiam então os soldados disparar as armas á sua vontade, para que todos soubessem que o seu amigo branco já tinha chegado e conversado muito bem com ella».

Guiados por Quienza, caminhámos para um largo assombrado por duas grandes arvores, onde estava Mona Mahango sentada sobre esteiras e ao seu lado direito, um pouco afastados e dispostos em linha curva, os seus filhos e os conselheiros d'estes; do lado esquerdo e da mesma forma sua sobrinha e herdeira Catumbo (estrella), o escolhido d'esta, Quimica, Quibulungo e os conselheiros do Estado de Mahango.

Ao centro, atrás d'esta meia-laranja estavam as damas da soberana, e dos lados o povo; primeiro os mais velhos sentados, e atrás os rapazes, de pé.

Quienza sentou-se sobre uma esteira um pouco á esquerda e á frente da sua senhora, e defronte haviam collocado a nossa

nos demoravamos tres dias em casa de José de Vasconcellos, mas que depois teriamos muita occasião para conversar sobre o fim principal da nossa viagem por esta terra, que era assegurar um bom caminho á passagem do commercio e fazer um tratado de amizade para que os filhos de Muene Puto procurassem estes logares para se estabelecerem com negocio».[1]

Com respeito aos Bângalas, dissemos ainda: — «Que sabiamos terem elles espalhado boatos de que Muene Puto lhes queria mal, e que a Expedição vinha concorrer com elles no negocio e levantar-lhes difficuldades! Nunca Muene Puto pensára nisso, pelo contrario, muito nos recommendára fizessemos boa amizade com todos os povos que encontrassemos no caminho e lhes mostrassemos pela convivencia e bom tratamento que Muene Puto era pae de todos, que desejava a felicidade de seus filhos e que queria saber por onde com segurança podiam passar os negociantes que saem de suas terras com fazendas; que os Bângalas que fallavam contra as boas tenções de Muene Puto eram crianças, e com o tempo se havia de reconhecer que a passagem da Expedição por estas terras era um beneficio para os seus habitantes».

JOSÉ DE VASCONCELLOS

---

[1] Damos textualmente a linguagem de que nos servimos, sendo esta a que mais facilmente podia ser comprehendida pelos interpretes que tinham de transmitti-la ás pessoas a quem nos dirigiamos.

Mostraram-se convencidos do que lhes foi interpretado, e sobre estes assumptos fizeram algumas perguntas a que Vasconcellos respondeu, emquanto nos entretinhamos a affagar as crianças que se approximavam de nós, demonstrando os que reparavam nisto a sua satisfação, já batendo palmas, já fallando uns com os outros, admirados que as crianças não tivessem medo do leão de que elles ao principio se temiam.

Pediram por ultimo para ouvirem tocar a harmonica, e nós pouco depois despedimo-nos de Mona Mahango e retirámos para a Estação acompanhados de seus filhos, que se demoraram ainda para assistir ás tres boas descargas do nosso pessoal armado, com o que se mostraram surprehendidos.

Mona Quienza mandou-nos acompanhar por um portador trazendo uma cabra para o nosso jantar. Démos ordem para ser ella repartida pelo pessoal da Estação, e quando nos despedimos do ajudante para regressarmos a casa de Vasconcellos, apresentou-se-nos ainda um portador de Mona Mahango com uma porca que se reservou para o jantar á nossa volta.

Pouco depois de chegarmos a casa de Vasconcellos appareceu Quinonga, que ainda se demorava com Mona Mahango, e declarou que todos tinham ficado muito satisfeitos; gostaram de nos ouvir e folgaram por ver que tratavamos bem as crianças. Nunca pensaram que os brancos fossem assim tão bons, e que Mona Mucanzo não fôra para sua casa esperando até que o senhor major se estabelecesse na Estação para o ir visitar.

— O senhor major é um leão, dizia ainda Quinonga a Vasconcellos, mas sabe fallar com os pobres e todos o querem; elle vae para lá e eu fico aqui na minha terra sem poder vê-lo mais, porque os meus iguaes são invejosos e vendo que eu vou visitá-lo procurarão intrigar-me com Mona Mahango.

Era de uso ao findar o nosso jantar, no qual Vasconcellos nos acompanhava, apparecer sempre Quinonga que nos entretinha com as suas informações e historias que contava. Um dia perguntando-lhe porque apparecendo no sitio leões e sendo elle um bom caçador não matava um, respondeu: — «Que um rei não mata outro rei».

Esta foi a interpretação que Vasconcellos deu ao que elle dissera, e que por outras palavras significava: — Que o leão entre os seus, era igual a Quinonga entre os d'elle.

Devemos a elle as noticias sobre a organisação dos tres estados de Capenda, que depois a pouco e pouco rectificando e cotejando com as que obtivemos de outros, constituiram os apontamentos de que damos conhecimento noutro volume.

Vasconcellos a quem narrámos a partida que nos fizeram os carregadores do Luí, fugindo a duas horas de viagem do Cuango, contou que tambem aos Allemães que elle acompanhára, fugiram alguns; mas não se admirava d'isso, porque a Saturnino Machado, que era aliás muito conhecido no caminho de Quimbundo, numa das suas viagens de Malanje para ali, lhe fugiram 140 com as cargas e até aquella data, nunca mais tornára a saber nem de cargas nem de carregadores!

Do que se admirava, era que tivessemos passado o Cuango sem grandes difficuldades, não trazendo um homem conhecido dos donos dos portos; pois o explorador allemão Otto Schütt, apesar de ter pago o valor correspondente a quinhentos mil réis, tivera de retirar, e se não encontrasse S. Machado e o seu empregado João da Catepa que o acompanharam a effectuar a passagem mais a sul, teria regressado a Malanje.

Por intervenção de Vasconcellos conseguimos comprar bois para rações pelo equivalente de 6 a 8 peças de fazenda de lei, isto é, em réis entre 5$100 a 6$800, o que era ainda preferivel ao pagamento das rações em artigos de commercio, e como retiravamos para a Estação, encarregámo-lo de continuar por este preço a fornecer-nos de gado, que recolheria no seu curral; e esta providencia foi acertada, porque durante dois mezes que ali nos demorámos, livrou-nos de grandes difficuldades, e pena foi que não apparecesse mais porque logo no transito pelas terras dos Xinjes se fez sentir muito essa falta.

No dia 9 ao meio dia já toda a nossa bagagem havia seguido para a Estação, e nós, depois de nos despedirmos de Vasconcellos, dos Ambaquistas e de Quinonga, partimos e fomos para lá jantar.

NA ESTAÇÃO

eunia-se então pela primeira vez todo o pessoal da Expedição, e logo no dia seguinte se tratou de organisar a comitiva, que no immediato havia de partir sob o commando do sub-chefe para o Anzavo.

A Estação era a mais espaçosa e mais bem construida de todas que se tinham feito, e sanadas algumas difficuldades, conseguira o ajudante que as paredes se fizessem altas e barradas por dentro e por fora.

Situada num planalto, cuja altitude é de 765 metros acima do nivel do mar e de 80 acima do Cuango onde o passámos, tem por coordenadas 8° 27′ 49″ lat. S. do Equador e 17° 32′ 40″ long. E. de Greenwich. Isto indica que o rio Cuango já nesta altura se desvia muito na curva que faz para noroeste.

O local era desaffrontado, e pode dizer-se que a Estação occupava o vertice norte de um triangulo que formava com as duas povoações, a de Mona Mahango a les-nordeste, e a de Mona Catumbo a sul.

Occupava a Estação uma área de $13^m \times 5^m,5$, ficando ao meio o armazem das cargas de caixas, armas, munições de fogo e de bôcca, tendo $6^m \times 3^m,5$ com uma porta ao centro e uma janella de cada lado sobre uma varanda coberta em todo o seu comprimento, com a largura de um metro, a qual dava entrada para os corpos lateraes. Cada um d'estes corpos era dividido em dois quartos, avançando os da frente á linha da varanda, e tendo cada um duas janellas para o largo em frente da Estação que olhava para o norte.

Os quartos eram espaçosos e o do fundo, do lado do poente, onde dormiamos, era todo guarnecido de prateleiras de alto a baixo, sobre as quaes se guardavam os fardos de fazendas. Do lado de leste ficava o ajudante, servindo-se do quarto á frente para os seus trabalhos photographicos.

Por conveniencia dos serviços especiaes a cargo do sub-chefe, fizera-se ao lado da Estação uma casa com o espaço necessario e revestida de capim.

Durante o dia 10, emquanto o sub-chefe dispunha o que julgava indispensavel para levar na sua viagem, e preparava os medicamentos com as respectivas prescripções para tres doentes que ficavam na Estação, nós e o ajudante tratámos de distribuir armamento e cartuchame, organisar a carga de rancho que devia seguir com o nosso collega, e principiámos a inventariar e dispôr melhor as cargas da Expedição diminuindo-lhes o volume.

Havia pois um certo movimento e distracção com o trabalho, que é sempre agradavel nestas paragens, e que nos fazia olvidar, emquanto estavamos entretidos, a falta de commodidades, e as privações a que se não estava acostumado.

Perto das tres horas, ao fecharem-se as cargas inventariadas neste dia, appareceu Mona Mucanzo a visitar-nos, porque tencionava retirar antes da noite para o seu sitio, distante da Estação 15 kilometros.

Era um rapaz alto, bem formado, dos seus vinte e cinco a vinte e oito annos, typo fino e sympathico, de feições regulares, bons olhos, de um metal de voz muito agradavel, emfim

ESTAÇÃO COSTA E SILVA

fazendo um grande contraste com os individuos que o acompanhavam por serem grosseiros de feições, no porte e modo de fallar.

Versou principalmente a conversação sobre o caminho que se pretendia abrir para o commercio; as vantagens que traria para as suas terras; os direitos que elle tinha a occupar já o logar de Capenda; os desejos que nutria, depois de ter satisfeito aos preceitos que se lhe exigiam, de que Muene Puto o reconhecesse e o protegesse como ao Jaga de Cassanje, mandando para as suas terras uma feira com um chefe e soldados, etc.

Ouviu tocar a caixa de musica de que gostou muito, causando a todos admiração o movimento do cylindro; fumou um charuto que mostrou apreciar, e á despedida o interprete entregou-lhe um chapelinho de sol de panninho carmezim, como lembrança pela sua primeira visita, e elle agradecendo disse depois, que desejava ver-nos na sua residencia, para que o seu povo nos conhecesse tambem.

Era uma amabilidade que agradecemos, respondendo-lhe que não faltariam occasiões, visto a necessidade de nos demorarnos algum tempo para arranjar os carregadores de que precisavamos.

Ás seis horas e meia da manhã do dia 11 partia o sub-chefe com a comitiva para nordeste, em desempenho da sua diligencia, atravessando a povoação de Mona Mahango com a bandeira portugueza desfraldada na frente, sendo acompanhado até certa distancia pelos tambores e cornetas e pessoal que ficava, e que por motu-proprio pedíra para dar essa demonstração de apreço aos seus companheiros.

A saida d'esta pequena expedição, pouco depois da nossa chegada, e sem que antes houvesse d'isso conhecimento nas povoações, fez certo effeito, porque nesse mesmo dia de tarde Mona Mahango e o seu companheiro, o filho d'estes e o do Mucanzo e Mona Candala, todos, com os seus conselheiros, vieram á Estação cumprimentar-nos, trazendo como signal de amizade um jarro de vinho de palmeira, por não terem con-

seguido apanhar um boi com que Mona Mahango nos queria mimosear.

A conversa versou sobre a jornada do sub-chefe.

Mona Mahango logo que lhe foi dito que mandaramos pedir carregadores a Tâmbu, voltou-se para o seu companheiro exclamando: — «Eu bem lhe disse hontem e a meus filhos que viessem fallar com o meu amigo, o senhor major, sobre os carregadores, e sobre o caminho que elle quer seguir; não fizeram caso, e o senhor major foi incommodar os seus filhos quando nós lhe podemos apresentar todos os carregadores de que elle precisar.»

MONA MUCANZO

Como entre elles se travasse discussão sobre este assumpto, e fossemos informados do que se tratava, para evitar que se zangassem uns com os outros, cortámos a contenda, dizendo-lhe: — «Que acceitavamos todos os carregadores que nos apresentassem, quando o preço conviesse, e que o sub-chefe fôra fallar ao Cacuata Tâmbu, como em Malanje se tinha combinado, para vir com a sua gente transportar as cargas que eram para o Muatiânvua; que havia muita carga para contentar a todos; que desejavamos porém saber quaes os carregadores que Mona Samba Mahango e seus filhos podiam apresentar, porque se não chegassem mandava buscá-los a Malanje».

— «Hão de apresentar-se os que Muene Puto precisar, disse Quienza, e amanhã já se vão chamar todos os senhores de povoações que hão de dizer os homens que podem dis-

pensar para este serviço, devendo apresentá-los em seguida ao senhor major».

A pedido de Mona Mahango tocou a caixa de musica, e todos que a acompanhavam quizeram ver o movimento do cylindro, que foi o que mais os impressionou, por não perceberem a causa d'esse movimento.

Nesta occasião appareceu no largo um *bolondo* (palhaço) dançando e fazendo muitas momices; e como o ajudante então tivesse já tudo preparado para tirar photographias, sem que elles o percebessem, conseguiu reproduzir alguns grupos, aproveitando a scena do palhaço, e a que fôra motivada pela curiosidade de ver a caixa de musica que se mandára collocar no largo, em um logar que já de antemão estava escolhido para aquelle fim.

Despediram-se as visitas, terminando Quienza o seu discurso por pedir aguardente para Mona Mahango, ao que se respondeu não termos semelhante bebida, por fazer muito mal a quem não está acostumado a usá-la. Mas elles desconfiados que sempre a houvesse, retorquiram: — «Que tinha chegado lá a fama de que em viagem para o Cuango o senhor major distribuíra aguardente aos chefes das povoações».

— É verdade, disse-se-lhes, que trouxemos alguma, porém os carregadores beberam-na e em seu logar deitaram agua do rio nos garrafões. É como elles estivessem olhando para os garrafões que andavam então em serviço de levar agua para a Estação, mandou-se deitar de todos uma porção de agua em copos que provaram e certificando-se da verdade riram-se primeiro, para em seguida lamentarem a esperteza dos carregadores que os privava de satisfazerem um desejo que augmentára tanto mais quanto mais nos demoraramos em vir para a Estação.

Ultimamente na Europa e na America iniciou-se uma propaganda contra a importação da aguardente e de armas e polvora para o seio do Continente africano, por serem cousas nocivas á civilisação dos seu habitantes. É esta uma das questões mais importantes que se pretende resolver, tendo apenas

em vista que a aguardente embriaga e embrutece, e inutilisa os esforços dos que teem de modificar o caracter selvagem do preto e de educá-lo segundo os seus habitos; e que as armas e polvora são instrumentos que lhe fornecemos, e de que se servem para nos repellir, e mais se afastarem do convivio com os povos avançados.

Para nós é principio incontroverso, que a civilisação que queremos impor aos Africanos, ou até certo ponto o querer nivelá-los comnosco, não se radica, não progride sem a intervenção do commercio, commercio cujos principios humanitarios se resumem no seu interesse immediato. Busca elle novos mercados para os seus productos e não se abstem por certo de offerecer os de maior procura.

Na região do continente que conhecemos, isto é, aquella a que sempre nos referimos quando não especialisarmos outras, consideramos utopicas as restricções que se pretendem estabelecer com respeito á aguardente, armas e polvora, segundo a theoria estabelecida pelos propagandistas.

No proprio paiz encontra o indigena as suas bebidas fermentadas que facilmente o embriagam, modificando-lhe as formas do ventre e transformando-lhes o branco dos olhos num amarello orlado de vermelho e dando-lhes em geral um aspecto repugnante. O constante uso do fumo da liamba ou diamba produz-lhes effeito analogo ao do opio nos Chins; tambem os embriaga e tanto aquellas bebidas como a liamba os embrutece e inutilisa bem mais que a aguardente, sendo talvez mais prejudiciaes á saude.

Contam-se alguns casos de Bângalas e de naturaes de entre o Lui e Cuango terem morrido por beberem d'uma só vez, e em excesso, porções grandes de aguardente; mas isto são casos excepcionaes, ao passo que por vezes no nosso acampamento, entre varios, tornava-se notavel um homem que fallava portuguez e que já estava muito acostumado ao uso da aguardente, que ficava por dez e doze dias seguidos em tal estado de embrutecimento produzido pelo malufo ou garapas, que nem nos percebia nem nós o podiamos entender.

As armas de fogo substituiram entre os povos onde as encontrámos o uso do arco e flecha e das azagaias e outras armas de arremeço, e nunca elles se serviram d'aquellas contra os Europeus que vão ás suas terras, alguns d'elles abusando até da humildade com que os povos os recebem. Fazem uso das armas indigenas para as suas caçadas e com estas se apresentam nas suas luctas e guerras. Mas é notavel que andando constantemente armados durante o dia, nunca se ouve dizer que isoladamente um individuo matasse outro. Mesmo em guerras e geralmente nas gazivas disparam as armas de fogo para atemorisar os contrarios, e se chegam a combater é de longe e atiram á multidão sem fazerem pontaria. Quando chegam a approximar-se, a lucta dá-se então de corpo a corpo com as suas grandes facas, e acreditâmos que se não erra, dizendo que o mais aguerrido deseja sempre que o contendor o tema e consiga escapar-se-lhe, considerando-se aquelle victorioso e contentando-se com os despojos que o vencido lhe possa deixar ou com a sua rendição voluntaria e a dos individuos que lhe pertençam.

Os combates são sempre desordenados não obstante esperarem ao principio proteger-se uns aos outros, mas tal é a balburdia que se estabelece no momento da lucta, que reconhecem a necessidade de pôrem na cabeça signaes convencionaes para se não confundirem com o inimigo, pois já se tem dado o caso de se ferirem e mesmo matarem os do mesmo bando. A uma diligencia que vimos partir para prender um homem, por causa de quem se suppunha que haveria resistencia da parte da povoação a que elle pertencia, por pedido do seu chefe demos-lhe tantos oitavos de folhas de papel quantos os homens que a compunham e elles fixaram-nos logo á cabeça por meio de pequenos estiletes.

Seguramente o porte da arma e polvora para o individuo isolado é uma questão de dignidade, e só conhecem os seus bons effeitos contra os animaes bravios que os possam atacar. Com o seu semelhante, quando igualmente armado, se o preto o teme, a arma chega a ser para elle um perigo, porque o outro persegue-o para d'ella o despojar.

Um caso sabemos nós de tres Lundas armados, que regressavam d'uma diligencia, os quaes vendo a distancia numa floresta um Quiôco isolado, tal receio tiveram d'elle que largaram as armas e deitaram a fugir.

Estes Lundas quando chegaram ao nosso acampamento participaram a sua fuga, e haverem perdido as armas por terem visto uma guerra de Quiocos que os queria perseguir e prender. O Quiôco porém no dia seguinte apresentava-nos as armas e ria-se do medo que d'elle tiveram os Lundas, que nem ao menos o conheceram como amigo do seu chefe.

BOLONDO

Os Quiocos são os que mais prezam as armas e a polvora para a caça e para sua defeza. Os Bângalas são os que se lhe seguem no apreço em que as teem, porém ha a notar que as comitivas de commercio, quando regressam, pela ambição do negocio, vendem as proprias armas e tem sido victimas da sua imprevidencia, porque são depois salteados no caminho e tem de fugir abandonando as cargas. Pode dizer-se pois que o preto procura obter a arma de fogo com o fim principal de a utilisar na caça.

E quanto ao receio de que essas armas possam servir-lhe contra os Europeus, não o temos por agora, mas acreditâmos que deve havê-lo quando a civilisação que se pretende implantar entre elles, seja orientada de modo a despertar-lhe certas ambições, e quando se não esteja seguro por uma catechese apropriada de os fazer comprehender os beneficios que podem obter da transformação porque se pretende fazê-los passar.

Na Africa oriental e talvez a sul, esses receios podem ser hoje bem fundados, porque as modernas armas de tiro rapido ahi teem entrado, mas cumpre se diga que não foram intro-

duzidas pelo commercio portuguez, e que a sua importação é devida á expansão do commercio, onde o preto e os que o transformaram produzem e se tornaram consumidores.

Pois nós, que queremos civilisar o preto, nivelá-lo comnosco, podemos admittir o principio que elle ha de continuar humilde perante nós e sujeitar-se a todos os vexames com que o queiramos envilecer?

É um contrasenso, e o melhor então será deixá-los antes entregues a si mesmos, esperando que a evolução se opere vagarosamente, ou que sejam exterminados os que são incapazes de resistir na lucta pela vida com uma raça mais forte.

O commercio já não pára na sua carreira irresistivel. Os accordos para restricções redundam só em prejuizos dos que na melhor fé nelles acreditam. A canna sacharina pode considerar-se um producto natural do continente e a industria não pode desprezar este producto. Entre os Quiocos, mesmo do mel já se destilla o alcool, e fabricado com elle provámos uma finissima anisette. A espingarda já se fabrica lá tambem, e a manufactura da polvora que se está produzindo na margem esquerda do Cuanza, defronte da villa de Dondo, ha de incitar o preto a seguir esse exemplo.

Que valor pode ter pois a propaganda das restricções da introducção ali da aguardente, armas e polvora?

Era uma questão de opportunismo para lezar uns em proveito de outros!

A propaganda deve ser outra, tendo por fim apressar a evolução civilisadora dos indigenas, aproveitando as suas tendencias, aperfeiçoando os seus usos e costumes, esclarecendo as suas intelligencias de modo a prepará-los para as modificações progressivas porque passaram os povos cultos.

Nós, os que nos propozermos a regenerar o preto, desçamos um pouco do nosso elevado posto, retrocedamos apparentemente, procurando nivelar-nos com o seu atrazo para melhor caminharmos com elle, servindo-nos da sua forma de linguagem e modo de argumentar, para o esclarecer e fazer-lhe comprehender o que para elle são innovações. Guiemo-lo na

acquisição dos elementos de cultura, para o que revela uma certa aptidão, ensinemo-lo a ser bem morigerado do modo que mais se coadune com os seus costumes, e a pouco e pouco alargando-lhe o campo para o exercicio da actividade de que é susceptivel nas industrias que derem garantias de vingarem com os recursos de que dispõe, incitemo-lo a trabalhar ao nosso lado, saudando e applaudindo como novidade os bons resultados d'esse trabalho, e assim de um individuo inerte, de uma intelligencia julgada retardataria, mesmo inferior e incapaz de produzir, teremos conseguido formar um homem novo, o melhor e mais idoneo explorador da terra que é realmente sua.

É nesta phase que então teremos de o guiar em um novo campo de operações, no aproveitamento da producção em troca do que carecer, e assim o tornaremos consumidor do que os paizes mais avançados lhe podem offerecer.

Eis aqui pois a propaganda humanitaria que desejaramos se fizesse, no que interessariam elle e os povos que o procuram agora sob os pretextos illusorios de humanidade, que só teem contribuido para atrasar a evolução natural que se manifestava na raça negra e introduzir-lhe vicios que ella desconhecia.

A aguardente nunca será um mal tão pernicioso como adrede se quer fazer acreditar; e se o gosto pronunciado por ella fosse aproveitado inicialmente, como estimulo para o exercicio da actividade do indigena no trabalho productivo, seria talvez um instrumento do bem.

A gente que na occasião visitavamos, conhecia a aguardente; todos a pediam, mas ninguem a comprava ainda. Por emquanto é questão de um appetite que desejam satisfazer, mas para isso hade vir como presente de amizade, presente que elles consideram, como puramente gracioso, quando seja das terras de Muene Puto, e na obtenção do qual se tornam muito exigentes, embora cada um seja contemplado com um quinhão minimo na partilha do precioso licor.

Já na margem do Cuanza os Bângalas se preoccupam com a compra de aguardente, e nós vimos dar vinte bollas de bor

racha por uma garrafa, o que corresponde pouco mais ou menos a 400 grammas. Nas proximidades do Luí com um garrafão de aguardente compra-se uma vacca ou um boi de grandeza regular. Tanto num como noutro ponto, pode dizer-se que a aguardente é assás apreciada e que se trabalha para a alcançar.

Neste negocio são medianeiros os Bângalas, Calandulas e alguns indigenas de Malanje, Pungo Andongo e Ambaca.

Na margem esquerda do Cuango, nas povoações do Zanza e do Quissueia, vimos estabelecimentos de Ambaquistas, que na occasião estavam desoccupados e sob a vigilancia de moradores vizinhos, porque os seus proprietarios haviam seguido com negocio para o interior. Ahi sobre prateleiras e no solo via-se grande quantidade de garrafões de aguardente já vasios, e soubemos que nestas povoações se fazia bom negocio de aguardente a retalho.

Convencidos Quienza, Mona Mahango e os filhos que nós deviamos ter aguardente, mas que na occasião lh'a não queriamos dar, desistiram de insistir comnosco e retiraram passado algum tempo, depois de fallarem ainda acêrca do sabor agradavel da excellente agua, que só os filhos de Muene Puto sabem fazer. Voltaram, porém, dias depois um por um, julgando ser questão de numero, a pedirem-nos ao menos um copinho para consolo das suas gargantas sequiosas.

E nesta porfia continuada conseguiu Mona Mahango provar um pouco de vinho, e até algum vinagre que achou ser bebida agradavel, e receámos, não pondo termo ás provas, que ella e os seus esgotassem o pouco que já tinhamos.

Como estavamos proximo das povoações e houvesse muita polvora armazenada, á cautella, por causa dos fogos, e mesmo com receio de algum ratoneiro, determinou-se que os soldados fizessem sentinella durante a noite em roda da Estação, rondando nós tambem até ás quatro horas da madrugada.

Não retirára Mucanzo para o seu sitio, como dissera, e no dia 12 procurou o interprete para lhe participar que ia partir de vez para a sua povoação, mas como o tivessem informado

que mandaramos buscar carregadores ao Anzavo, não sabia elle se os devia procurar como lhe haviamos recommendado. Respondeu-lhe o interprete o que a tal respeito tinhamos dito a sua mãe, e que não se demorasse em apresentá-los, porque nós o gratificariamos bem, ao que elle retorquiu que tinha de esperar as ordens d'ella, porque na povoação de sua mãe era hospede e os irmãos mesmo tinham ciumes de que elle amiudadamente nos visitasse, o que sentia deveras por gostar muito de conversar comnosco.

Como os rapazes de Mona Mahango não conseguissem agarrar um boi da manada para no-lo mandar de presente, pediu ella para enviarmos um dos nossos caçadores afim de o matar. Agradecendo a boa intenção, recusámos mandar o caçador porque podia este errar a pontaria, matar outra rez, e que isso nos causaria desgosto, podendo mesmo dar logar a questões que era bom evitar para vivermos sempre como bons amigos.

Não foi sem motivo que se deu esta resposta, porquanto José de Vasconcellos informara-nos, que por causa do cabo da força ter morto um cão a tiro, as populações se amotinaram, sendo elle chamado para intervir; e eram já taes as complicações com que se pretendia levantar um *quitúxi* (demanda, crime) ao homem, que José de Vasconcellos conseguira que se não fallasse mais nisso até á nossa chegada, e quando algum filho de Mona Mahango o ia visitar, procurava elle convencê-lo de que o cabo não fizera aquella morte de proposito, e que deviam os seus rapazes abster-se de nos fallar nisso.

Entre os Xinjes o matar-se um cão causa-lhes tanta impressão como se matassem uma pessoa da tribu; e se o dono é individuo conhecido de quem pratica esse delicto, diz logo: «Matou o cão porque não teve coragem para me matar a mim; mas provou que me queria mal».

Se o cão pertence a um potentado, então o caso é peor: «Fez correr sangue nosso na minha terra, diz elle, porque o cão é tanto meu filho como qualquer pessoa do meu povo; veiu declarar-me a guerra, é porque conta com quem o ajude para me matar».

D'aqui se tiram depois illações que vão muito longe, chegando-nos a causar admiração como discorrem advogando a sua causa, e os argumentos de que se servem para aggravar ou para attenuar o crime e por fim fazê-lo esquecer.

É uma questão que acaba finalmente por um pagamento importante, e casos se teem dado, com individuos que não podem satisfazer a exigencia do pagamento, do delinquente ir occupar o logar do cão, isto é, torna-se servo do dono elle, até poder resgatar-se.

No dia 13 apresentou-nos Mona Mucanzo cinco homens para se tomarem os seus nomes como carregadores, e disse-nos não ser facil arranjá-los para o Caungula pelo Anzavo por ser o caminho para este sitio muito montanhoso; que a viagem por Quimica era muito melhor e que até á povoação d'este, que era subdito de Mona Mahango, não faltaria gente para levar todas as cargas.

Calculava elle poder fazer-se esta viagem com cargas em onze dias, e que Quimica, com recommendação da soberana, nos arranjaria os carregadores para as levarem até ao Cuengo, viagem esta que se podia fazer em quatro dias.

Na verdade fôra grande arrojo partir de Malanje com tão poucos carregadores, e era preciso agora uma grande resignação e paciencia, porque nos achavamos á mercê d'estes povos que não estão acostumados ao serviço de transportes, nem tão pouco a lidar com Europeus de quem desconfiam. Era necessario contemporisar, cedermos alguma coisa para não perdermos o ensejo de fazer o que projectavamos, e ao mesmo tempo estimulá-los de algum modo, para que tambem cedessem por seu lado.

Mucanzo fallou ainda das difficuldades que houvera em se agarrar um boi que Mona Mahango nos queria mandar, pelo que estava envergonhada, visto o seu amigo ter chegado ha dias ao seu sitio e não lhe haver dado ainda de comer; disse mais que os filhos de Mona Mahango tambem queriam trazer de comer ao hospede, e que não o podiam fazer sem que sua mãe se desobrigasse primeiro d'esse dever.

Pedimos que se não incommodassem, que quando a occasião se proporcionasse viriam esses presentes e seriam devidamente agradecidos. Que não esperavamos por elles para sermos seus amigos, e para tambem fazermos os presentes que tencionavamos a Mona Mahango e a seus filhos. Como Mucanzo via, estavamos arranjando as cargas, fazendo seccar o que se tinha molhado com as chuvas e reparando alguns estragos, e que haveria depois muito tempo para nos lembrarmos de todos.

Respondeu-nos que não viera pedir-nos coisa alguma, e sim apresentar 5 carregadores para se tomar nota dos seus nomes, e para participar que se resolvessemos fazer a viagem por Quimica podiamos contar com 60 carregadores do seu sitio.

A tal finura, tivemos de lhe dizer ainda que fallavamos dos nossos usos e não nos referiamos a elle; que sua mãe já nos havia prevenido de que tinhamos pago o chão da casa e nada tinhamos a dar-lhe agora, senão o que fosse de nossa vontade como lembrança de amizade. Que fallavamos assim porque todos a quem encarregaramos de arranjar carregadores nos prestavam um serviço, e na nossa terra esses serviços se pagam, quando não sejam ajustados, com outros serviços ou com presentes; que era elle o futuro Capenda, pessoa grande neste Estado e decerto recebendo de nós um bom presente, ninguem podia dizer que o tivesse pedido e sim que eramos amigos, e que elle queria manter boas relações com os filhos de Muene Puto.

Mostrou-se Mucanzo muito satisfeito com esta explicação, e ainda continuou fallando sobre carregadores, asseverando que haviam de tratar muito bem as cargas de Muene Puto, e por ultimo pediu-nos, que se resolvessemos seguir por Quimica lho mandassemos participar, para elle trazer todos os seus rapazes.

Havia-nos dito antes o interprete, que tanto Mucanzo como Candala já o haviam importunado por mais de uma vez, dizendo-lhe que sendo tão grande a fama do senhor major se admiravam que elle ainda se não tivesse lembrado de lhes dar um panno para vestirem e que só fallasse em carregadores.

Vê-se, pois, pela resposta que nos deu Mucanzo, que elle foi esperto, e comprehendendo a nossa intenção, quiz logo cortar a conversa de vez, para que sobre elle não recaisse o odioso do reparo, perante os homens que o acompanhavam.

Candala sabendo da visita do irmão e do assumpto que se tratára, ciumento como era, e receando que este fosse mais estimado por nós, apresentou-se logo no dia seguinte de manhã cedo para saber se deliberaramos ir por Quimica, porque nesse caso faria reunir logo os carregadores que estavam promptos a marchar por esse caminho para se apresentarem, e para tomarmos nota dos seus nomes.

Elle e os seus companheiros confirmaram o que dissera Mucanzo; que essa viagem se fazia em onze dias, sendo os acampamentos para pernoitar nos seguintes sitios que tem os nomes dos potentados: Mona Mucanzo, Mona Mucamba, Quienza, Quibombo, Dinga, Mona Pamba, Mussequéji, margem esquerda do Uhamba, Ucúmbi, valle de Camau e Quimica.

Descaindo para les-sueste para entrar na povoação de Mona Mucanzo, o resto era no rumo pouco mais ou menos de leste, começando o caminho sobre serras depois do sitio de Quienza, mas descendo para o Uhamba para depois se subir.

Como todos esses povos são sujeitos a Mona Mahango, comprehende-se bem que houvesse desejo em que a Expedição seguisse este itinerario, porque lhes deixava interesses nas transacções por mantimentos.

Como Candala fosse de genio irascivel, era preciso catechisá-lo, attraí-lo a nós, porque demais estavamos prevenidos que era elle sempre o discordante com a mãe e irmão, e que estes para evitarem quaesquer conflictos cediam em muito ás suas exigencias.

Dispozemo-nos sempre a aturá-lo com a maxima paciencia, apesar de certos ares de importancia que a si dava, o que nos causava um certo tedio e repugnancia devido tambem á sua figura, mas tinhamos sempre em vista este grande principio de Herder: — Quando formos ao paiz dos negros, devemos pôr de parte os nossos orgulhosos preconceitos.

Estranhou Candala que pensassemos em ir pelo Anzavo por ser muito mau o caminho para transporte de cargas, e que se fossem pedir lá carregadores, quando Mona Mohango e seus filhos podiam apresentar todos quantos precisassemos.

Com respeito a Quimica informou-nos, que este tinha uma grande povoação e podiamos contar que nem nos faltariam ahi carregadores, nem sustento para a nossa gente.

Tantas felicidades suscitaram-nos duvidas, e obrigaram-nos a reservar a nossa opinião até á volta do sub-chefe, procurando no emtanto entreter os potentados, de modo a contentá-los, aproveitando tambem o tempo em estudarmos os caracteres mais pronunciados dos povos Xinjes, conhecer a sua historia, lingua, usos e costumes, sempre que interrompiamos o trabalho de inventariar e dispôr melhor as cargas, reparar os objectos que valesse a pena conservar e alliviar-nos do transporte dos que já estavam inutilisados.

Pelo balanço que se deu aos artigos do commercio, reconheceu-se não ser grande a sua quantidade, porque d'ahi tinham de sair os pagamentos das rações do pessoal, e dos carregadores que de povoação em povoação tinhamos de contractar para as cargas encaixotadas que eram muitas, e que não se podiam dispensar. Estas tinham de ser pagas pelos que transportavam os artigos de commercio, e como tanto uma d'estas cargas como uma d'aquellas carecia de seu carregador e *quibessa,* quer dizer que um carregador transportava o sustento para mais tres bôccas.

Era esta uma questão assás importante, quando estivessemos mais internados, e como medida preventiva contractámos com José de Vasconcellos fazerem-se os pagamentos aos carregadores que ali se ajustassem com artigos de sua casa, dando-lhe um interesse de 5 % sobre os preços das facturas do seu estabelecimento.

D'esta forma não se desfalcava o que havia em deposito com esse pagamento que era avultado, porque já haviamos calculado serem precisos mais de 200 carregadores não obstante terem-se reduzido muitas cargas.

cediam os povos para comnosco; porém, como aqui se matava gado a miudo não se fazia isso sempre, e a porção que se dava variava mesmo, segundo o que era possivel dispensar.

O ajudante que tinha andado apoquentado com febres, achava-se bem disposto naquelle dia para aturar a visita de Candala e de seus companheiros, e entendeu dever causar-lhes varias surprezas.

Entregou a Candala uma faca para elle cortar uma linha e apresentou-lh'a depois inteira. Fez-lhe deitar num lenço um pequeno embrulho de polvora que tapou muito bem e depois mandando-o destapá-la, encontrou-se um pedaço de algodão em logar do papel e ainda estavam admirando a substituição, quando o ajudante largando fogo ao algodão, este explodiu como a polvora! Então ficaram todos pasmados e de bôcca aberta a olhar para o logar em que se dera a explosão e onde não encontravam indicio de que ali se tivesse queimado cousa alguma.

Escusado será dizer que era um pedaço de algodão-polvora que tinhamos, e que o ajudante havia encontrado na carga um pouco antes.

Já se não fallava noutra cousa senão nos bons feitiços que sabia fazer o Angana Capitango, e tudo nesse dia lhes causava admiração.

Vendo o tubo de borracha de um filtro de carvão, que estava num deposito, espantaram-se que fosse elle feito do seu *andundo* (borracha) e que por elle se obtivesse agua tão limpa. Mostrou-se-lhe uma almofada de borracha que se enchia de vento e se despejava para se arrecadar, e sabendo que tambem aquillo era feito do seu andundo, não quizeram ver mais nada, levantaram-se e lá foram contando a uns e outros ainda embatucados o que tinham visto, mas ainda assim Mona Candala dera-nos tempo para o figurar boquiaberto, maravilhado pelo que se estava passando ante seus olhos.

Neste mesmo dia, depois do almoço veiu a princeza visitar-nos com o seu consorte e dois filhinhos e com o cortejo que era de uso acompanhá-la.

VISITA DA PRINCEZA MUTUMBO (XISJE)

A princeza segundo os velhos não se chama Catumbo e sim Mutumbo. *Ca* diz-se quando se trata de cousas, *Ma* quando se trata de pessoas.

Era filha de Mona Cafunfo[1], irmã de Mona Mahango. Os filhos d'esta herdam o Estado de Capenda-cá-Mulemba como dissemos, e as filhas da primeira, o Estado de Mona Mahango.

Alguns mezes antes tendo adoecido gravemente Mona Mahango, os velhos do Estado mandaram pedir a Mona Cafunfo que despachasse sua filha e herdeira de sua ama para estar junto d'ella; veiu então Mutumbo que era a mais velha, e já com o seu conjuge Quimica e dois filhinhos. O mais velho se viver pertence-lhe ser Capenda.

A princeza era nova, alta, airosa e bonita, porém estava estragada, certamente de criar os filhos, pois até o mais velho, por desfastio, depois de andar correndo e vendo a irmã a mammar, tambem quiz chuchadeira e a mãe fez-lhe a vontade.

A razão porque a princeza continuava vivendo com o pae de seus filhos era porque ainda estava criando um d'elles, não podendo por isso manter relações sexuaes com pessoa alguma.

Elle acompanhára-a por ordem da mãe por ser a pessoa de mais confiança a quem esta a podia entregar, para a defender se fosse preciso em uma terra extranha e aconselhá-la bem.

Acabando ella de criar, podia o Mona Quimica ficar na sua povoação emquanto a princeza não herdasse o Estado de Mahango, porém teria de escolher novo companheiro.

A princeza demorou-se muito a ouvir tocar a caixa de musica e apenas nos pediu, se tivessemos, um santo para lhe dar felicidade. Promettemos levar-lh'o quando fossemos agradecer a sua visita.

Estavam feitas as visitas dos principaes potentados, e como a soberana Mahango já nos tinha mandado um presente, os filhos começaram a enviar os seus principiando pela princeza. Constavam de fuba, milho, farinha, cabras, ovelhas, etc.,

---

[1] Alguns trocam o *f* por *v*.

e não houve remedio senão principiar a corresponder-lhe de modo a contentar todos proporcionalmente ao que de cada um se recebêra.

O balanço dado ao vinho, mostrou que se tinha bebido muito, mas não o beberam aquelles a quem era destinado. Apurámos 120 garrafas, pertencendo 40 a cada um para toda a viagem!

— Que se acabe por uma vez, e menos carregadores serão precisos, foi a resposta que démos quando nos fizeram tal communicação.

Não sendo possivel tirar retratos dos personagens mais importantes, porque apesar d'elles dizerem que se prestavam a isso, não o fariam com receio de Mona Mahango, e como esta por conselhos ou porque tivesse medo nunca se promptificasse, dispozeram-se as coisas num dos quartos de maneira a obterem-se photographias sem que elles o percebessem, chamando-se-lhe a attenção para algum objecto que lhes despertasse curiosidade. A caixa de musica em principio, o receberem-se as visitas no largo, e os pagamentos a carregadores mais tarde favoreceram em parte os nossos desejos.

No dia 21 José de Vasconcellos veiu almoçar comnosco como fôra combinado, auxiliando-nos depois no ajuste de carregadores, e principiou-se o pagamento pelos que apresentou Mona Mucanzo que queria nesse dia retirar para o seu sitio.

Resolveu-se que, se o sub-chefe conseguisse pelo menos 50 carregadores, e estes viessem com a clausula de marchar pelo Anzavo, fosse uma secção por ali, e outra composta só de Xinjes seguisse ao Quimica pelo caminho que julgassem melhor, por tanto o ajuste fez-se já nesta conformidade.

Depois de uma grande discussão em que puzeram bem á prova a nossa muita paciencia, contractaram-se os carregadores por tres peças de fazenda de lei, considerando-se a arma lazarina como equivalente a duas e o barril de polvora a uma e meia.

Tornava-se este pagamento, uma questão de sorte, porque as armas tinham custado 3$500 réis cada uma e o barril de polvora 800 réis. Dependia, pois, dos pedidos, e dos valores

dados ás fazendas, louças e missangas o não haver prejuizos com relação aos preços porque obtiveramos todos os artigos.

Além d'este pagamento, ainda havia a discutir-se o das rações, que se conseguiu ser a um bando de fazenda de lei por cada dia de viagem, sendo o bando a jarda em que vem dobradas estas peças, e não medido, como elles ali faziam, o que corresponderia a jarda e meia.

Tambem Candala e a sua gente estavam presentes a este ajuste com o qual se conformaram. Tomou-se em seguida nota dos pedidos de 22 carregadores de Mucanzo, vendo estes logo a qualidade da fazenda e de outros artigos que pretendiam, no que decorreram horas, adiando-se a final o pagamento por ser tarde bastante.

Na noite d'este dia escreviamos no nosso diario:

«Se não fossem alguns recursos que encontrámos em casa de Vasconcellos, não sabemos o que fariamos, porque na verdade os poucos carregadores que trouxemos de Malanje não eram os sufficientes só para os artigos indispensaveis para o pagamento e rações do pessoal que carecemos d'aqui até á Mussumba, com os encargos a que demais a mais temos de dar cumprimento no transito.

Tendo em vista as instrucções, que nos impunham o dever de construirmos Estações, e de ahi nos demorarmos algum tempo, e suppondo que partiamos de Malanje pelo menos com 300 carregadores, nestas alturas quanto não teriamos já despendido com todo o pessoal?

A nossa norma de conducta com os indigenas com quem temos tratado, tem sido regulada de modo a não dar logar por algum acto de injustiça a que elles procedam irregularmente para comnosco, e assim nos esquivamos a estes casos muito frequentes que se tem dado com os pretos, como muito judiciosamente observa o sr. A. F. Nogueira, no seu livro — *A Raça Negra.*

Pagando pois dez peças medidas a cada carregador, o que corresponde a treze e ao preço minimo de 850 réis por peça, importavam os pagamentos em 3:315$000 réis. Contando nós

então 200 dias de partida de Malanje e suppondo que a cad homem se dava uma jarda por dia para comer, importariar as rações nesta data em 6:365$000 e portanto só a despez com este pessoal montaria a 9:690$000 réis.

Se a esta quantia juntassemos os vencimentos e rações do empregados, interpretes, contractados e soldados, o custo d construcção das quatro Estações, a despeza com presentes passagens de rios, a quanto não montaria tudo?

Um pessoal pequeno tem sido pois vantajoso por este lado mas tem contra si o não se poder recorrer nas necessidade futuras ás Estações que se deixam. Se as Estações fossen occupadas e fornecidas com recursos, se para deante encon trassemos estabelecimentos abastecidos como este de José d Vasconcellos, nem mesmo precisavamos pensar em mais car regadores, os poucos que tinhamos eram sufficientes, não s para todos os nossos trabalhos como ainda para atravessar grande Continente de costa a costa.

Até aqui não tinhamos conhecido differença nos volumes d artigos de commercio para viagem, que com poucas excepçõe se tinham conservado intactos, porque os pagamentos foran feitos em Malanje e reforçaram-se as Estações com o indis pensavel para sustento do pessoal ao nosso serviço.

Bem fizeram os Allemães em se fornecerem de gado, poi com este pouparam muitos carregadores e certamente conse guiram chegar ao seu destino, abatendo apenas dois ou tre fardos de fazenda á sua carga».

José de Vasconcellos antes de se retirar preveniu-nos que Mucanzo tivera acanhamento de nos dizer que seu irmão se mostrára triste, porque vendo as coisas que lhe deramos encontrára uma camisa rota na manga, emquanto que elle Mucanzo tudo que recebêra era bom.

Na verdade o rapaz não deixava de ter razão, e por isso quando appareceu no dia seguinte tratámos immediatamente de o contentar.

Comprehende-se porque Mucanzo tivera repugnancia em acceitar o presente que se lhe dava, preferindo ser mimoseado

quando fossemos á sua residencia. Considerava-se independente da mãe e do irmão, e não queria que estes dissessem que sendo elle hospede lhes vinha tirar interesses. Candala, por seu lado, não queria que o julgassem inferior ao irmão no Estado de sua mãe, o qual elle respeitaria como subdito quando fosse Capenda, comtudo considerava-se inferior a sua prima, porque era a herdeira de sua mãe, deante da qual se não podia assentar em igual altura, retirando por isso quando esta dava entrada na Estação.

Registámos as differentes manifestações de deferencia que se observam de uns para com outros na ordem hierarchica, e tambem dos mais novos para com os mais velhos.

Nos cumprimentos são menos humildes que os povos de Cassanje e de Andala Quissúa, porém pelo que respeita a tomar assento só o potentado é que usa um banquinho, assentando-se os seus conselheiros em esteiras, porém entre potentados é só o mais graduado que se assenta em banco. Se os potentados são de igual gerarchia não ha distincções. Era por isto que se não reconheciam differenças entre Mucanzo e Candala senão quando fallavam, porque então havia o respeito do mais novo pelo mais velho, o que é de pratica geral.

Candala apresentou-nos 30 carregadores para tomarmos nota dos seus nomes, e Quimica em nome de Mona Mutumbo apresentou outros 30; e todos fizeram os pedidos de artigos que queriam em pagamento. Pudemos pois contar com 120 carregadores, fora os que havia de apresentar Quienza por parte de Mona Mahango.

A maior parte dos pedidos consistiu de armas, polvora, louças, missangas e chapelinhos.

A arma reputada no valor de duas peças, isto é, em 1$700 réis, relativamente ao preço porque as obtivemos 3$500 réis, dava ao contracto um valor superior em 1$800 réis, mas por outro lado quem não pediu uma arma pediu um barril de polvora e em todos os pagamentos entraram fazendas, louças, missangas e chapelinhos de sol, e todos estes objectos dão saldos; pode dizer-se portanto que o contracto em réis regulou por

2$900 réis pouco mais de tres peças segundo o valor dado ás mesmas.

Encarando agora a questão pelo que respeitava ás nossas conveniencias, a arma só podia servir para negocio, e negocio já a Expedição conhecia que não era possivel fazer-se na região que tinha de atravessar; e uma carga de armas, posto fosse de valor, era má, porque além de se arruinar com facilidade exposta ao tempo, estava sujeita a roubos e a ser depreciada pelos carregadores que se serviriam d'ellas ou as trocariam pelas suas já usadas.

Além d'isto o gentio, quanto mais para o interior, gostando de ter uma arma não attende ao seu verdadeiro valor e quando não tem polvora, vende-a por objectos de insignificante preço.

Tambem os chapeus de sol de panninho de côres e os lenços são cargas sujeitas á deterioração pelo modo por que são transportadas.

Qualquer d'estes objectos, pois, saindo na occasião de preferencia á missanga e fazendas, dava-nos mais proveito.

Fizemos alguns pagamentos a carregadores, mas convinha effectuá-los a pouco e pouco, esperando a chegada do sub-chefe para sabermos quantos elle angariára, mas sem darmos logar a desconfianças, e por isso dispozemo-nos a aturar todos os que nos visitavam, e a irmos tambem visitá-los, procurando sempre nas conversas assumptos que nos offerecessem algum interesse.

Estavamos no dia 22 de janeiro, em que o trabalho nos fatigára bastante, e depois de jantar quando o sol estava proximo do seu occaso, fomos dar um passeio até á povoação de Mona Samba Mahango.

Gostámos de ver a boa harmonia que reinava entre toda a sua gente. Num pequeno largo formado pelas cubatas de residencia da senhora da terra, estava esta e sua sobrinha herdeira sentadas sobre uma esteira, conversando com duas ou tres mulheres já de idade que haviam chegado das lavras. Numa pequena elevação, um pouco afastados e sentados debaixo de uma arvore sobre uma tora já velha, estavam con-

versando Quienza, Candala e Mucanzo. O filho d'este e o do primeiro, que regulavam pela mesma idade, brincavam um pouco adeante, e na frente d'este grupo, mas proximo e debaixo de uma outra arvore, uma musica em que sobresaía uma especie de flautim, estava rodeada por alguns homens que fumavam e conversavam.

Os dois rapazitos assim que nos avistaram dirigiram-se logo para o nosso lado a saudar-nos, mostrando a sua alegria por nos verem. Conversando com elles encaminhámo-nos para os paes, e depois dos devidos cumprimentos a conversação versou sobre os pequenos, mostrando os paes desejos de no-los confiarem na nossa volta, para Muene Puto os mandar ensinar como aos brancos.

Comprehendiam elles a necessidade de ensino, e que nas terras de Muene Puto esse ensino lhes seria mais proveitoso que nas suas proprias. Naturalmente a conversa neste sentido encaminhada, deu logar a que fallassemos nas vantagens de se estabelecer uma missão nas terras de Mona Mahango, e portanto na necessidade de se avassallarem a Muene Puto, e como Mona Mahango era subdita de Capenda-cá-Mulemba só annuindo a isso este potentado é que o negocio se poderia realisar.

Reconheciam elles isto, e Mucanzo disse logo: — «Que entrando na posse do seu logar, seria o primeiro a prestar vassallagem. Da parte de Mona Samba e de sua irmã Mona Cafunfo, acrescentou elle, não haveria duvida alguma; porém, ir o senhor major fallar ao Capenda que é um intruso, pedimos-lhe se é nosso amigo que o não faça, pois seria dar-lhe força. Quando regressar da Mussumba já eu devo estar Capenda [1] e mandarei acompanhar o meu amigo com uma embaixada a Muene Puto a fim de elle nos attender».

Para nos convencerem dos direitos que assistiam a Mucanzo de estar já exercendo as funcções de Capenda, tanto elle

---

[1] Este rapaz morreu alguns mezes depois.

como dois macotas velhos que se haviam approximado de nós, se dispuzeram a fazer-nos a narração d'essa historia, de que fomos tomando notas.

Já tarde dirigimo-nos todos para Mona Mahango, que ainda estava sentada no mesmo logar, e dizendo-lhe o filho qual fôra a nossa conversa respondeu ella:

— Que me importa a mim com o Capenda, que está indevidamente no Estado; as minhas terras são de Muene Puto, que Muene Puto nos mande mestres para os nossos filhos e negociantes para as nossas terras e terá feito a nossa felicidade. O Capenda Pire [1] que me deu este Estado, era filho de Muene Puto, e senhor de todos os portos do Cuango por nomeação de Muene Puto. Quando teve logar a guerra do Ambumba de Cassanje, todas as nossas terras foram entregues por Pire ao major Salles. Veiu depois a guerra do Cazári, (Cazal) morreu este e Muene Puto não quiz mais saber de Cassanje, mas nós não tivemos culpa d'aquella morte para sermos desprezados e abandonados por elle. Estas terras continuaram a ser de Muene Puto, e se elle não tem querido tomar conta d'ellas o que havemos de nós fazer? Esperar! Chega agora o nosso amigo major que vae para o Muatiânvua, pois elle que diga a Muene Puto quando voltar que tambem aqui tem filhos; que os filhos de Mona Mahango são os seus, e que não os esqueça. Mande para cá os seus filhos brancos que sabem fazer coisas boas para nos ensinarem, etc.

Devemos dizer que esta mulher, que parecia ter mais dos seus cincoenta annos, e que era de pequena estatura e delgada, ainda se apresentava com um certo desembaraço. Tinha ainda frescura, era de aspecto sympathico e todas as madrugadas a viamos passar de pequena enxada ao hombro, á frente das suas mulheres em direcção ás lavras, voltando de lá muitas vezes depois das cinco horas da tarde.

---

[1] Era o que tinha fallecido dois annos antes, e a quem succedera o considerado intruso, que ainda não tinha as insignias do poder.

Poucas eram as occasiões diziam os seus, de a terem visto zangada, e quando isto succedia era quasi sempre com as suas mulheres por causa dos trabalhos da lavoura não correrem como ella desejava.

Confiando a resolução dos negocios do Estado ao seu companheiro, se intervinha alguma vez, era sempre para harmonisar as coisas e evitar conflictos entre os seus subditos chefes de povoações.

As lavras mereciam-lhe todos os cuidados, e na verdade aqui cuidava-se em cultivar mais alguma coisa do que mandioca e jinguba. Vimos cebolas, feijões, aboboras, tabaco, milho grosso e miudo, inhames, verduras acidas mas agradaveis ao paladar e tambem criações.

Pelo que respeitava a gado vaccum, só Mona Samba e os seus dois filhos mais velhos é que o tinham nesta parte do paiz, mas era criado nas florestas sendo por isso bravio. Disseram-nos não quererem curraes perto das casas, pelo receio que tinham dos leões que chegavam a approximar-se muito dos povoados, e de facto em mais de uma noite se sentiu o rugido d'elles nas vizinhanças, para os lados de leste.

Era tarde quando recolhemos da nossa visita. Vinhamos satisfeitos, não só porque nos agradou a distracção, mas porque Mucanzo nos dissera já ter chegado uma vacca que mandára buscar para nos offerecer; o seu primo Palanga tambem nos dera um cabrito, o que na occasião fez bom arranjo para ajuda da alimentação do pessoal.

Quando nos deitámos occorreu-nos a informação que nos dera Mucanzo de que a jornada para Quimica com as nossas cargas se não podia fazer em menos de onze dias, o que regulava por oitenta ou noventa kilometros. Pensámos, já se vê, em que era necessario que nós fornecessemos de mantimentos para esta jornada, porquanto em certos dias não haveria onde comprar sustento, tendo a gente de Saturnino Machado soffrido bastantes fomes por não se ter prevenido. Era esta uma questão séria, que nos obrigava a contractar mais dez ou doze carregadores só para levarem sustento para o pessoal.

Tratámos, pois, de procurar novas informações a tal respeito, para providenciar com tempo, e ás 2 horas da tarde do dia 23 tivemos de suspender os pagamentos que estavamos fazendo aos carregadores, porque nos avisavam que já estava proximo da povoação de Mona Samba o sub-chefe e que com elle vinha muita gente.

O nosso pessoal pediu logo com o maior alvoroço permissão para ir ao encontro dos seus companheiros, e nós tratámos em seguida de recolher as fazendas e de dar providencias para o agazalho do grande numero de gente que chegava.

Reinava a maior alegria na Estação pela chegado do novo reforço, que se considerava de summa importancia por ser composto de gente da Lunda, subditos do grande Muatiânvua, e tudo nos fazia acreditar que ficava sanada de vez a questão dos carregadores.

Do relatorio circumstanciado que nos apresentou o sub-chefe, sobre a sua viagem e commissão, e que remettemos na primeira opportunidade ao Governo, faremos agora um extracto do que julgâmos de mais interesse, para seguirmos a melhor ordem na exposição dos factos.

CRYPTOGAMIA DA MARGEM DO NUOVO

VIAGEM DO SUB-CHEFE AO ANZAVO

Dissemos já que o sub-chefe se despedíra de nós no dia 11 ás 7 horas da manhã, ainda bastante debilitado pela febre, mas animado dos melhores desejos de contribuir pela sua parte para o bom andamento dos trabalhos.

Tivera de luctar com grandes difficuldades para vencer em cinco dias successivos a distancia ao Anzavo [1], que se desenvolve em 113 kilometros, quasi sempre no rumo N.-E., sobre profundos valles e elevadas serras que se succedem desordenadamente umas ás outras, e marginando riachos e rios, que em curvas mais ou menos apertadas vão affluir ao largo e caudaloso Uhamba, que da mesma sorte serpenteando e descaindo mais para o N.-W., leva grande reforço das suas aguas para o Cuango.

---

[1] Ouvimos tambem pronunciar *Anzovo* («elephante»).

Os caminhos seguiam pelas abas escarpadas de serras quasi a pino, ou sobre o dorso de outras, assombrados de verdejantes, densas e emaranhadas florestas. O solo argiloso, em que não incidiam os raios solares, estava então escorregadio pelas aguas das chuvas e a pequenas distancias a passagem era obstruida por massas de grés. Alguns caminhos chegavam até aos pontos mais elevados, para no descenso irem atravessar depressões pantanosas em que fugia o terreno debaixo dos pés, ou acabarem em lagoas extensas de aguas fetidas e esverdeadas com 6 ou 7 decimetros de altura, de fundo instavel e molle, interceptados de arbustos e raizes, o que tornava a sua passagem difficilima.

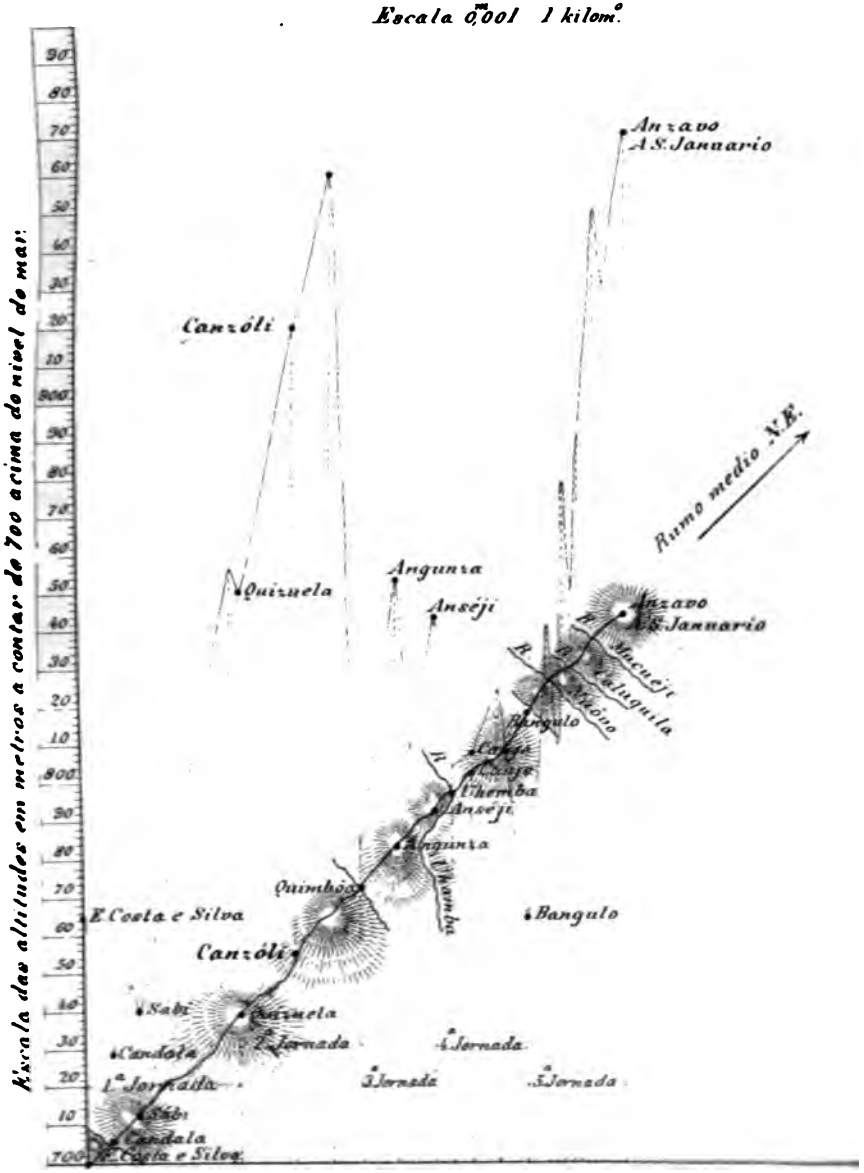
Em partes eram tão escabrosas ou escorregadias as subidas que, se as chuvas torrenciaes se não tivessem encarregado de descobrir as raizes das arvores atravessadas nos barrancos e esboroamentos do solo, e que se conservavam firmes como as cordas de uma escada, o que muito auxiliou o sub-chefe e os seus companheiros na ascensão, servindo-lhes de apoio ás mãos, pés e joelhos, de certo nenhum lograria chegar ao termo da jornada.

Dois rios importantes, não pela sua largura, mas pela força da sua corrente, como são o rio Uhamba e o seu affluente da direita o Nuôvo, em parte obstruidos por grossos troncos de arvores, alguns dos quaes implantando-se no seu fundo ahi vegetaram e se robusteceram e perigosos pelos jacarés e hipopotamos que os frequentam em abundancia, foram mais dois grandes entraves ao transito da comitiva, por ter de se fazer a sua passagem sobre um amontoado de troncos, na maior parte já pôdres, dispostos sem arte nem segurança alguma, que eram mais uma armadilha enganosa ao viajante extranho que d'esta passagem arriscada tivesse de servir-se. Mesmo os indigenas mais afoitos e praticos, tiveram aqui necessidade de caminhar como se fossem quadrumanos, apoiando mãos e pés nos troncos mais firmes.

Se a tantas difficuldades acrescentarmos, que a epoca era a das grandes chuvas, razão tinham os informadores para rejei-

Itinerario de Monà Mahango ao Muata Anz

Escala 0,001 1 kilom.



tarem este perigoso caminho, que em parte era um verdadeiro abysmo, para transporte de cargas.

Nem mesmo o esboceto que apresentâmos, dá uma justa idea dos enormes accidentes com que se topa em todo este transito. É necessario imaginar-se que depois do primeiro valle indicado, onde assenta a povoação de Mona Candala, todas as inclinações se approximam mais da vertical do que as linhas traçadas, e que portanto as subidas são muito maiores.

Uma rapida descripção do itinerario seguido, auctorisou-nos a dar este esboceto, para melhor esclarecer o leitor acerca do relevo do terreno sobre que elle é traçado.

A primeira jornada de 35 kilometros desenvolve-se do seguinte modo. Partindo de uma altitude de 765 metros acima do nivel do mar, desce-se em pequenas ondulações a um valle bastante arborisado, depois de uma marcha de 5 kilometros, onde corre um regato de boa e fresca agua. É sobre uma colina que está situada a povoação de Mona Candala, cuja altitude se verificou ser de 728 metros. Continuando por mais 4,5 kilometros sobe-se ainda uns 20 metros para em seguida andando 1 kilometro, se descer á povoação de Camba Sábi na altitude de 740 metros. Ora subindo, ora descendo segue depois o caminho sobre o dorso de uma outra serra bastante alterosa, para em seguida se cair numa depressão, um lameiro extenso, em que vegetam gramineas e cyperaceas, e além do qual está situada a povoação de Mona Quizuela na altitude de 850 metros, sendo todo este percurso de 24,5 kilometros.

A segunda jornada sendo mais pequena, não foi menos fatigante. Nos primeiros 12 kilometros, as serras succedem-se umas ás outras subindo-se sempre a maiores alturas, para se chegar á povoação de Mona Canzóli na altitude de 920 metros, e ainda continuando perto de 2 kilometros sobre a ultima serra, sobe-se mais 40 metros para em seguida se descer entre uma cerrada e vigorosa vegetação arborea a um profundo valle, tendo percorrido 5,5 kilometros, no qual corre o riacho Quimbôa, de pequena importancia e cuja margem direita, onde terminou a jornada, está na altitude de 783 metros.

Na terceira jornada, o transito nos primeiros 7,5 kilometros, fez-se sobre uma serra até a povoação do Angunza, um chefe Lunda subdito de Anzavo e quilolo do Muatiânvua, cuja povoação alegre e em disposição regular, está situada na altitude de 854 metros, seguindo-se depois em descida na extensão de 2 kilometros para um valle onde o rio Uhamba não conseguindo entrar, volta correndo com o caminho para passar mais adeante em outro valle e continuar o seu curso para N.-W.

Percorrendo depois mais 5,5 kilometros em caminho difficil sobre uma serra, chegou a comitiva á povoação de Anseje, cuja altitude de 840 metros tambem se registou.

A quarta viagem se era menos fatigante, pelas menores altitudes a vencer, tornou-se fastidiosa pelas difficuldades e indispensaveis cautelas na passagem do caudaloso rio Uhamba, embora elle não fosse muito largo. Transpondo num percurso de 2 kilometros a altura da serra para descer ao rio na altitude de 806 metros, segue o caminho por 3 kilometros sobre uma serra escarpada, para se descer a um valle mais profundo, em que se registou a altitude do ponto de partida da primeira jornada, 765 metros.

Este valle fertilissimo em palmeiras, vulgo bordão, de que se extrae a seiva para beber depois de fermentada (malufo), é sobrepujada de frondoso e gigantesco arvoredo, que por não deixar penetrar os raios solares, se conserva numa humidade intensissima, a qual promove o desenvolvimento da copiosa variedade de exemplares da flora tropical, de cuja colheita se enriqueceria um herbario.

A quinta jornada comprehende a difficil e perigosa passagem do rio Nuôvo, depois de uma marcha de 5,5 kilometros sobre uma serra; a de uma pestilencial lagoa na extensão de 30 metros, e a ascenção á maior altitude, 971 metros, em que se encontra a povoação do Anzavo, ao lado da qual se estabeleceu o acampamento S. Januario, sendo o percurso a contar do rio 11 kilometros, que se venceu transpondo tres collinas distinctas.

Comprehende-se que, nas altitudes a que se attinge neste transito, e na occasião em que se desce para valles em que a vista pode estender-se por um largo horisonte de N.-W. para S.-E., deve ser imponente e de admirar a configuração e accidentes do solo nesta região isolada, em que as aguas serpenteando de modo mui diverso e caprichoso entre eminencias

O SUB-CHEFE

de varias alturas, e seguindo direcções differentes se escondem de distancia em distancia entre verdes florestas, que figuram como manchas que se destacam do tom avermelhado e escuro das encostas, condemnadas á nudez e á esterilidade pela acção dos agentes atmosphericos.

A sombria magestade da natureza, que em alguns logares se impõe como a de um abysmo a que se pretende fugir, ainda

se torna mais commovente e mysteriosa pela neblina constante que se mantem como um veo sobre os valles, enchendo-se de mais tristeza o animo do viajante quando as nuvens tambem toldam o céu occultando-lhe a sua côr e a sua luz vivificante.

Foi na povoação do Anseje que o sub-chefe da Expedição, depois de tres fatigantes jornadas, extasiado perante o espectaculo grandioso que a natureza offerecia á sua contemplação, escreveu no seu diario:

«Ou seja do ar puro das serras, ou das aguas tão finas, tão frescas e tão potaveis, a minha saude que ao partir estava assás arruinada, vae restabelecendo-se: sinto agora mais vigor, mais animação e mais vida, reapparece-me o appetite, ao mesmo tempo que se me dissipa a tristeza em que parecia trazer a alma envolvida.»

Esta povoação era de aspecto regular; as habitações de base rectangular com paredes baixas mas perpendiculares e coberturas em duas e quatro aguas, todas revestidas de colmos de gramineas e de papyrus, tinham algumas pequenos pateos annexos cercados de papyrus. Viu alguns largos arborisados e algumas culturas de tabaco, liamba, mandioca, jinguba, canna saccharina, cabaceiras e bananeiras.

Tambem aqui notou em maior numero, os pequenos telheiros de que já démos noticia, em que os moradores guardam o seu muquíxi. Estão assentes sobre quatro estacas e são de forma circular, tendo por cobertura um cone, lembrando pequenos kiosques de 10 a 12 decimetros de altura e 6 a 7 de diametro.

Representam, segundo elle observou, monumentos erigidos em honra do Zâmbi ou divindade, e que os gentios construem a fim de implorarem a sua protecção; pode calcular-se que cada familia tem o seu, porque só no seu teem crença; respeita cada um o do vizinho para que lhe respeitem o d'elle, e pelo acato em que teem a propriedade alheia.

Assim pensámos, e é este um principio de moral que se pode comprehender no desejo de querermos o bem do proximo como o queremos para nós.

Deu-se um caso curioso nessa povoação com respeito á nossa bandeira, repetido em differentes epocas com outros povos e que tem sido narrado por varios viajantes, o que corrobora mais uma vez o facto de que entre tribus muito distantes na região que percorremos, e com pequenas alterações, se vê e ouve o que já se tem descripto, o que nos convence que tratâmos sempre com povos da mesma familia.

Estabelecendo-se o acampamento proximo de um muquixi abandonado, com o consentimento de seu dono, collocou-se a bandeira da comitiva sobre elle, e logo em seguida uma trovoada do N.-W. acompanhada de um grande vendaval, annunciava grossos aguaceiros. Ás 4 horas da tarde continuava mau o estado do tempo chovendo por toda a parte em redor da povoação excepto ali, o que fez logo correr o boato, de que não chovia por estar a bandeira içada, e nem de proposito, ás seis horas quando a bandeira foi arriada, começou a chuva immediatamente a cair! Convencê-los depois, que o motivo não fôra esse, era trabalho perdido!

No valle do Bangulo encontrou a comitiva um homem encarregado de encher cabaças com seiva do bordão para o Anzavo, de que reservava umas tantas para si, que mandava vender nas povoações proximas. Esse homem, familia e mais companheiros que ali estavam com elle, entretinham-se nas horas de mais fresquidão da tarde em fabricar armadilhas da casca do bordão para o peixe. São de variadas formas, cylindricas, pyramidaes, etc., de que damos conhecimento nos nossos estudos ethnographicos. Aqui chamam-lhe *mujía,* em Malanje *muzúa* e nas margens do Cuango *muquinda.*

Em todas as povoações onde passou a comitiva, os chefes apresentavam-se a cumprimentar Muene Puto, e tanto elles como os povos, demonstraram a sua satisfação pela sua passagem, e queriam conhecer o sub-chefe, que era o primeiro branco que ali apparecia.

Mimosearam-no com os seus presentes, segundo as posses; uns traziam gallinhas, outros ovos, outros cestos de amido da mandioca, farinha, cabras, etc. Todos mais ou menos se occu-

pavam nas lavras, mas no geral eram pobres, e qualquer pequeno retalho de fazenda lhes convinha, quando mais não fosse para cobrirem o que o pudor manda occultar. Os chefes, porém, apresentaram-se cobertos da cintura para baixo. Em geral podem elles ter uma camisola, um casaco, ou mesmo um collete que vistam, porém é da praxe entre elles mostrar o corpo ao povo, para demonstrar que ainda não teem defeito algum que os inhabilite de continuarem no governo.

Pouco exigentes foram estes povos com o sub-chefe, que por isso os considerou distinctos dos povos com quem convivemos áquem do Cuango, o que nós attribuimos á rapida passagem da comitiva; todavia, naturalmente, pediam tabaco para fumar aos que viam pela primeira vez, como se fossem todos da mesma familia, por ser este um habito entre elles como é o da saudação do dia. Este habito dá-se entre todos os povoados que visitámos, e assim como pedem tabaco, a qualquer o dão, se o tiverem.

O boi em que montava o interprete, deu grande trabalho á comitiva e passou muitas inclemencias. Na passagem dos rios julgaram-no perdido, e de uma das vezes alguns homens tiveram de entrar na agua até á cintura e com os machados cortarem os ramos de arvores e arbustos que obstruiam o rio e em que elle se embaraçava sem poder vencer a corrente.

Depois da passagem do rio Nuôvo, sendo impossivel guindar o animal pela escorregadia e alcantilada encosta da serra, entendeu, e bem, o sub-chefe, mandar pedir ao malufeiro do valle onde havia pernoitado para o vigiar até ao seu regresso, pelo que prometteu gratificá-lo.

Ainda a comitiva não havia chegado ao alto da povoação do Anzavo e já o Cacuata Tâmbu, do nosso conhecimento em Malanje, reconhecendo a bandeira portugueza, veiu ao encontro do sub-chefe, demonstrando com a sua proverbial verbosidade quanto estava satisfeito por ver o seu antigo amigo, tratando immediatamente de o apresentar ao seu collega Muene Caje e mais pessoas que o acompanharam a este feliz encontro naquella terra.

O Anzavo logo que o sub-chefe definitivamente se alojou, mandou cumprimentá-lo, e por não estar prevenido apenas lhe mandou na occasião uma cabra.

No dia seguinte o sub-chefe tendo preparado um presente, e depois de fazer prevenir aquelle potentado foi cumprimentá-lo á sua residencia.

Á frente d'esta residencia havia um largo cercado, e foi ahi que teve logar a recepção, estando Anzavo envolvido em uma colcha de ramagem estofada, forrada de panninho encarnado e debruada de ganga azul, sentado ao lado direito da porta de entrada, sobre um estrado de bordão de 3 a 4 decimetros de altura, tendo os pés sobre uma pelle de antilope.

Era homem magro, baixo, de cabello entrançado, e com a pera do mesmo modo composta, terminando como a pita de um chicote, no comprimento de uns 15 centimetros. Tinha as maçãs do rosto salientes, nariz achatado, grande prognathismo sub-nasal, e era aleijado de mãos e pés, faltando-lhe quasi todas as phalanges. As pernas estavam cobertas de grandes crustas eczematosas e de ulceras. Representava ter mais de 50 annos de idade, e pelo aspecto podia comparar-se a um cadaver carcomido pela syphilis.

A syphilis é uma doença que se tem generalisado na Africa. Seria de toda a conveniencia investigar, se, como é de suppôr, acompanhou as correntes do commercio europeu para o centro do continente, ou se tambem pode considerar-se como inherente á raça que o povoa.

Sentado no chão, aos pés do soba, estava tambem um outro preto de não menos idade e não menos repellente que seu amo, com as conjunctivas e scleroticas vermelhas, certamente em resultado do seu muito amor pelo malufo. Era o seu *muzumbo* (interprete).

Ao lado esquerdo da porta, em um estrado mais baixo via-se sentada uma mocetona, de nariz muito regular, feições finas e delicadas, beiços delgados, cabello preto e levantado, olhos vivos e expressivos, dentes bem postos e de grande alvura que contrastavam com a côr retinta da sua pelle.

Era esta a Muári (a primeira mulher) do Anzavo, e que assistia ás audiencias extraordinarias do seu senhor, o que se dá com os demais povos que visitámos.

Defronte do potentado estavam os dois cacuatas[1] hospedes na terra, Tâmbu e Muene Caje, e o sub-chefe collocou-se entre o Anzavo e a Muári, pondo-se a seu lado em assento mais baixo o interprete da Expedição.

Dispostos em semi-circulo estavam sentados no solo ou sobre os calcanhares, alguns individuos de categoria, e gente do povo, e entre elles parte do pessoal da comitiva.

Tomou a palavra o sub-chefe e os interpretes transmittiram pouco mais ou menos o seguinte ao senhor da terra:

— Que o Cacuata Tâmbu, presente, sabia que uma grande Expedição de Muene Puto, agora acampada proximo da povoação de Mona Mahango, estava em viagem para a Mussumba do Muatiânvua, a quem levava grandes e valiosos presentes; que no caminho se soubera que Anzavo era subdito do Muatiânvua e residia neste sitio; que por ser elle um grande potentado, dispôr de muita gente e estarem nas suas terras dois cacuatas, resolvera o chefe — que não podia vir na occasião fallar-lhe — encarregá-lo a elle sub-chefe de o representar, entregar o presente que lhe enviava, de pedir-lhe facultasse todos os carregadores de que pudesse dispôr e o auxilio dos referidos cacuatas, pagando-se a remuneração devida a todos que acompanhassem a referida Expedição á Mussumba.

Fallou em seguida o Tâmbu por largo tempo, afastando-se porém do assumpto capital e tratando só da grande Expedição, das riquezas do Muene Puto, do bem que fôra tratado pelo pessoal da mesma em Malanje, e dos presentes que esta levava para o Muatiânvua.

O sub-chefe vendo que o Anzavo nada respondia, e que Tâmbu não tratara do ponto principal, tomou de novo a palavra para lhes dizer:

---

[1] Dignitarios subalternos no Estado do Muatiânvua.

— Que Muene Puto era bastante rico e que nada pretendia no proprio interesse e sim no d'elles; que o serviço para que os convidava era de proveito para o grande potentado Muatiânvua, e ia redundar em beneficio d'elles; portanto desejava lhe respondessem positivamente, se podiam ou não arranjar os carregadores que procurava, sendo isso o que ali o tinha levado, e que queria retirar o mais breve possivel para dar uma resposta ao chefe da Expedição.

Respondeu então Tâmbu, que a unica duvida estava apenas no caminho a seguir, pois não faltariam carregadores para a Mussumba, se a Expedição quizesse seguir pelas terras do Anzavo.

O sub-chefe que em parte conhecia o caminho, disse logo ser este impraticavel para o transporte das cargas, e descrevendo as difficuldades com que teve de luctar, mostrou as razões porque não era acceitavel semelhante imposição.

Tâmbu sempre fertil em pretextos, retorquiu ainda, que o caminho não seria obstaculo, porquanto elle se compromettia a guiar a Expedição por um outro não conhecido de muita gente, que era accessivel para cargas e gado, e no qual se não dariam as grandes canceiras que a comitiva já tinha experimentado.

O que havia elle de dizer? Se era seu proposito firme que a Expedição fosse por ali e desse interesses áquella terra.

E depois achando-se os carregadores no seu sitio, quem os arrancaria d'ahi, para seguirem para a Mussumba?

O sub-chefe respondeu pois, e muito bem, que quando elle mostrasse um caminho de bom accesso, não haveria duvida em acceitar as condições, e que portanto tratasse de organisar os carregadores e lh'os apresentasse no dia seguinte, para lhes tomar os nomes e seguirem no dia immediato para Mona Mahango.

Havia já uma hora que a entrevista durava, e por isso o sub-chefe despediu-se, insistindo ainda com Tâmbu, a fim de conseguir que o Anzavo desse as suas ordens para os carregadores se apresentarem, e que não houvesse nisso demora.

Anzavo e a sua Muári entenderam dever presentear o hospede. Esta enviou-lhe seis ovos e o soba um bom garraio.

Infelizmente os soldados encarregados de matar a rez, por erro de pontaria, feriram de morte uma das melhores vaccas da manada e que tinha uma cria de mezes. Quiz o sub-chefe pagar a vacca, porém o Anzavo respondeu que não se incommodasse por causa d'isso, porque caso a vacca morresse, elle e a sua gente tambem gostavam de carne.

Terminou o dia para a comitiva — como termina sempre quando o pessoal está satisfeito com uma boa refeição em que entra carne e malufo — com danças e cantos até altas horas da noite, acompanhados de instrumentos de pancada; um batuque rasgado, um alarido infernal, que augmenta com os effeitos da bebida e só esmorece quando os seus promotores caem um a um rendidos de fadiga.

No dia seguinte morreu a vacca e o sub-chefe que mandára uma perna da rez pertencente á comitiva ao Anzavo, recebeu nesse dia em compensação, mas com vantagem, uma perna da referida vacca.

Com respeito á povoação informou-nos o sub-chefe que era realmente grande, mas relativamente mal situada. As cubatas de uma apparencia antiga, eram como as que já conheciamos, de base rectangular, paredes de pequena altura e direitas, coberturas de forma pyramidal, revestidas de colmo, e tendo uma ou duas portas baixas, em que não passava uma pessoa de mediana altura sem se curvar.

As ruas e largos não eram tratados, e o transito fazia-se por carreiros, entre monturos de immundicie, encobertos na maioria por plantas agrestes, damninhas e sem utilidade nem belleza, que apenas serviriam para tornar a povoação mais insalubre. Como seria um perigo para as cubatas fazer queimadas do capim, este tomava ali as maiores proporções e não se lembravam de o arrancar ou mesmo de o cortar, ao menos para facilitar a ventilação.

Existiam alguns vestigios de cultura, mas do que é mais trivial; tabaco, liamba, cabaças, milho, mandioca, tambem

perta cubiças, e na sua marcha vertiginosa arruina uns povos para enriquecer outros, sem olhar para trás. Não se importa com as victimas que deixa após si, e procura sempre quem o alimente embora passando sobre ellas.

A gente d'esta terra, na maioria, entrançam os cabellos, mas não se vê como entre outros povos, o uso de os untarem com substancias gordurosas. Rapam alguns o cabello no todo ou em parte; furam a cartilagem do nariz, pondo ahi um pequeno pau como no Luí. São aceados de corpo, mas alguns individuos apresentam-se pintados de vermelho.

Depois da audiencia que descrevemos, o sub-chefe por differentes vezes procurou encontrar-se com Anzavo, Muene Caje e Tâmbu para elles abreviarem a apresentação dos carregadores que fosse possivel arranjar, e para partir com elles para Mona Mahango.

Indo fazer as suas despedidas ao Anzavo no dia 18, este disse-lhe que podia partir no dia seguinte, devendo levar já alguns carregadores, e que ao seu encontro iriam ter os que estavam ausentes.

Numa d'essas entrevistas foi informado o sub-chefe, de que vivia nas terras do Anzavo, mas distante, um principe por nome Quibunza Ianvo, vulgo Xa Madiamba, irmão de Muteba Umbala, que diziam Muatiânvua, mas muito mais velho do que este, e ambos filhos do Muatiânvua Noéji; e que Ianvo outr'ora muito estimado na côrte, tivera de expatriar-se, porque Xanama, que tomára posse do Estado, o queria mandar matar.

Disseram tambem que Ianvo estava vivendo em socego no logar que escolhêra e sem pretenções, porém ultimamente seu irmão Muteba, reconhecendo as suas poucas forças para dirigir a governação do estado para que fôra eleito, propozera á côrte abdicar em seu irmão mais velho, e que acceita tal resolução, mandaram participá-la a Ianvo e chamá-lo para ser investido do poder.

Suppunha-se que este já devia ter partido, porém, por falta de noticias do sitio em que elle estava, havia já tempo, não davam d'isso certesa.

No dia immediato, tendo adoecido um dos carregadores, foi preciso que dois companheiros arranjassem com esteiras uma especie de rede para o transportarem, e continuar a comitiva a sua marcha para a povoação de Canje, onde encontraram Quicaia e os seus que quizeram logo seguir, visto ali não acharem de comer.

A comitiva teve de demorar-se neste sitio, porque houve necessidade de mandar mais gente para se apanhar o boi, e além d'isso porque Quicaia dissera ter fallado a Canje sobre os carregadores, mas que era conveniente que o sub-chefe pessoalmente lhe fallasse tambem, para elle os despachar com brevidade.

Canje estava numa reunião com todos seus, tratando da *ubanda,* que é questão para elles de grande monta, e que não interrompem por outros negocios.

Ubanda, é uma ceremonia em que o *Muenz Chibanda,* dispõe de todos os seus recursos e dos ingredientes de que tem conhecimento, para afastar uma determinada doença, de que o chefe e todas as pessoas de sua familia se arreceiam.

Na occasião a ubanda era para o senhor da povoação, e nella tomavam parte quasi todos os seus habitantes, que se apresentavam com a cara mais ou menos pintada de *tacula,* tendo alguns ramos compridos e flexiveis de plantas sarmentosas postos a tiracollo.

Ás duas horas da tarde, foi o sub-chefe, levando um pequeno presente de fazenda, fallar a Canje, que lhe pediu logo desculpa de não ter ainda tratado dos carregadores, porque não lhe era permittido interromper a cerimonia em que estava occupado para tratar de outros negocios, mas que ficasse certo que na madrugada seguinte lh'os apresentaria.

Allegando o sub-chefe que lhe era impossivel pernoitar naquelle logar porque a comitiva carecia muito de comestiveis e não os encontrava á venda, respondeu Canje com toda a promptidão que já havia dado providencias para que as mulheres fossem fazer fuba, e que antes da noite appareceria bastante de comer.

Acampou a comitiva, e ás tres horas da tarde appareceu o Cacuata Tâmbu e o seu immediato, com muita gente atrás de si, cantando e dançando. Dirigiram-se ao potentado a cumprimentá-lo, e vieram depois apresentar ao sub-chefe vinte e nove carregadores que com elles haviam partido de madrugada do Anzavo.

Por esta occasião disse Tâmbu que queria trazer o soldado, porém como elle continuasse doente o aconselhára a que se demorasse mais aquelle dia para no immediato fazer então a diligencia, embora em marchas pequenas, de continuar a sua viagem.

Na madrugada de 21, estando a comitiva prompta para partir e dando-se d'isso conhecimento a Canje, apresentou-se elle com quinze carregadores e desculpou-se de o não ter feito no dia anterior, porque a sua ubanda acabára já a hora muito adeantada.

A comitiva seguiu para a povoação de Anseje, onde descançou para comer, e no entanto o sub-chefe fallou ao potentado ácerca de carregadores, dando-lhe conhecimento dos que o acompanhavam.

Anseje ao meio dia apresentou-lhe quinze homens e tres rapazes, para se aggregarem aos de Anzavo e a comitiva continuou a marcha até ao riacho Quimboa, onde acampou depois das 3 horas da tarde.

No dia seguinte proseguiu a comitiva na sua jornada de regresso até ao Canzóli, onde se demorou para comer e para um pequeno descanso, e ahi encontrou o sub-chefe o senhor da terra já bastante embriagado; este ainda assim, tratando-se de carregadores, faz-se perceber, dizendo que a maior parte da sua gente estava longe, occupada na colheita da borracha, mas que a esperava brevemente, e que depois de dois dias de indispensavel repouso, a que se pudesse dispensar iria apresentar-se na Estação.

Como nada havia a esperar naquella localidade, de novo se pôz a comitiva em marcha, indo acampar na povoação de Mona Quizuela.

No dia 23, ás 6 horas da manhã, saiu ella d'esta povoação e ás 3 horas da tarde entrára na Estação Costa e Silva, acompanhada de muita gente, e do pessoal da mesma que avistando ao longe os viajantes com grande satisfação e alvoroço corrêra ao seu encontro.

O CACUATA TÂMBU E A SUA COMITIVA

ieram na secção do sub-chefe muitos carregadores, mas como ficaram de apparecer muitos mais, deliberámos aguardar que todos se reunissem, principalmente o Cacuata Tâmbu com a sua gente, que só se apresentou na manhã seguinte, para se decidir sobre o itinerario a seguir, e assente este, estabelecermos as condições do contracto e fazerem-se os pagamentos.

Os carregadores vinham grupados segundo as povoações a que pertenciam, e como desejassem demorar-se o menos tempo possivel, desoccuparam-se logo algumas cubatas do nosso acampamento, passando os desalojados a juntar-se com os seus companheiros para dar accommodação aos recemvindos.

Mandou-se matar um boi e distribuir rações de carne e fuba para dois dias aos que chegaram, guardando-se uma porção para os que se esperavam.

Como de costume, José de Vasconcellos auxiliou-nos no pagamento dos carregadores Xinjes, apresentados nesse dia

por Mona Mutumbó, e estava-se pagando ao vigesimo quarto quando se sentiu grande alarido para o lado do norte. Era Tâmbu que chegava com os seus rapazes e por isso interrompeu-se o pagamento.

Tâmbu depois dos cumprimentos e recordações de Malanje, e de manifestar com grandes exageros a sua satisfação por nos tornar a ver, e declarar estar prompto a seguir viagem para a Mussumba do seu Muatiânvua; procurou convencer-nos das vantagens que haveria em irmos direitos á povoação de Anzavo onde nos forneceriamos de mantimentos para a jornada até ao Cassassa na margem do Cuílo, emquanto os carregadores que de lá vieram iriam ás suas casas despedir-se das suas familias que tinham ficado a preparar o sustento para elles levarem.

Respondeu-se-lhe já estar este caminho conhecido como impraticavel para transporte de cargas, e que tanto os carregadores que trouxeramos de Malanje, como os Xinjes já contractados o rejeitavam; porém, como eram os seus que o preferiam sem se importarem com as difficuldades, no intuito de irem ás suas casas, podiam marchar por ahi sob o commando do senhor capitão, indo depois encontrar-se comnosco no Cambamba Côndi sobre o rio Camaxilo, para onde iriamos por Quimica ou Xaiasso, reunindo-nos neste logar todos, para juntos seguirmos o Cuílo.

Não agradava muito a Tâmbu um tal alvitre, mas como estivesse entre velhos Xinjes, mostrou concordar com estes, suppondo-se que a questão ficava d'este modo resolvida a contento de todos. Pareceu mesmo que se não suscitariam mais duvidas a este respeito, todavia não succedeu assim. Convinha a Tâmbu que toda a Expedição fosse pelo Anzavo, onde elle e o soba procurariam entretê-la sob varios pretextos até chegarem as maiores chuvas, cuja epocha se approximava (nos fins de fevereiro), tendo portanto a Expedição de ahi invernar até fins de abril, o que talvez para todo o pessoal tivesse sido melhor.

Nesse intento trabalhou sempre Tâmbu com toda a diplomacia, apresentando-se porém deante de nós como se concordasse

por estar sob a bandeira de Muene Puto. Os filhos de Muene Puto emquanto estiverem nestas terras são filhos de Mona Mahango, e se acontecesse alguma desgraça, o impunga tinha de passar trabalhos. Este, receoso, não só correu com o individuo que fôra procurá-lo, mas foi dar parte a Mona Mahango do pedido, apresentando-lhe o signal que recebêra.

— Mona Mahango, proseguiu Quienza, quer que eu mostre o signal a Muene Puto, e pede-lhe para castigar esse seu filho de modo que todos os outros o saibam, pois se mais tarde houver alguma novidade no acampamento, não deseja que o seu amigo o senhor major se zangue e saia d'estas terras suppondo que ella tem feiticeiros para matar os seus filhos.

Foi facil saber quem era o contractado que tivera tal lembrança, por causa das scenas de ciumes que se davam com a sua amasia Joanna, ciumes que já se haviam manifestado mesmo antes de passarmos o Cuango.

Chamado a contas, não poude negar o crime que se lhe imputava, desculpando-se que tinha companheiros que lhe queriam mal por causa da mulher que o acompanhára de Malanje, que todos pretendiam requestar.

Com respeito aos receios de feitiços, já haviamos notado que os contractados em Loanda eram muito mais supersticiosos e timoratos que os gentios, principalmente estando entre elles.

Tratando-se d'uma questão de ciumes resolvemos que o accusado pagasse a peça de fazenda a Mona Mahango para fazer d'ella o que lhe aprouvesse, e como satisfação a Quienza e aos contractados de Loanda, mandámo-lo prender na cubata com sentinella á vista, para não poder sair sem nova ordem.

Quienza declarou-se satisfeito com o castigo que se impoz ao delinquente, mas não quiz acceitar a peça de fazenda. E como nós a mandassemos buscar á Estação e insistissimos para que a recebesse surprehende-nos perguntando:

— Muene Puto, quer o feitiço?

— Não, lhe respondemos.

— Pois parece! Quem quer pagar a peça, quer receber o feitiço, disse elle, rindo.

—Mona Mahango, continuou elle, não acceita pagamento de questões aos filhos de Muene Puto, como faz aos das suas terras. Eu vim aqui só para pedir castigo para o rapaz, porque pode haver quem se lembre de proceder do mesmo modo, e se houver algum desgosto no acampamento, dirão que foi feitiço que fizeram os filhos de Mona Mahango.

Como não acceitasse a peça, démos ao impunga que o acompanhava uma porção de tabaco, louvando-o muito pelo seu bom procedimento.

Depois do sol posto começaram as danças no acampamento, em que os nossos antigos carregadores, os soldados e contractados tomaram parte, e a que fizemos pôr um termo á meia noite, para socegar, pois estavamos inquietos por causa das fogueiras, receando que o vento assoprasse algumas fagulhas para cima da Estação, onde havia bastante polvora e outras substancias de facil combustão como petroleo, arroz, etc.

Quienza ainda tinha de apresentar os carregadores, de cujos nomes já haviamos tomado nota, para receberem pagamento; mas resolvemos não contratar alem d'estes mais Xinjes, sem primeiro despacharmos os que vieram de Anzavo, no que nos empenhavamos, para se poder calcular os que ainda seriam precisos, e os recursos com que podiamos contar para o futuro.

Na madrugada de 25 appareceu Quinonga a cumprimentar-nos, pedindo o desculpassemos por não ter vindo antes; tinha estado doente e participou-nos que ia aconselhar Mona Mahango sobre o melhor caminho que deviamos seguir.

De facto demorou-se em conferencia com ella algum tempo, estando presente tambem o Cacuata Tâmbu, que tinha ido antes cumprimentá-la.

Na volta, já de regresso para a sua povoação, disse-nos que estivera convencendo a sua ama que não consentisse que os Xinjes levassem Muene Puto por Quimica.

—Este não tem carregadores para dar a Muene Puto, e obrigá-lo-ha a demorar-se ali muito tempo para os poder arranjar, e o caminho é mau por faltarem alimentos. Sendo ella vizinha e amiga de Anzavo, grande do Muatiânvua, e devendo

auxiliar Muene Puto, ficaria mal vista e desacreditaria as sua terras senão obrigasse os seus filhos a juntarem-se á comitiv do Cacuata Tâmbu, que de proposito viera para guiar a Expe dição de Muene Puto ao Muatiânvua. Os Xinjes passando po aquella terra, haviam de abusar, roubando as povoações e iss iria collocar em difficuldades a Expedição, porque elles log que fossem descobertos fugiriam abandonando as cargas.

Mona Mahango acceitára o conselho e dissera já ter pen sado que, para seu socego, era muito mais conveniente que Expedição fosse toda com o Cacuata, e que havia de chamar o seus filhos para os fazer mudar de resolução.

— Se assim fizer, disse Quinonga, eu irei tambem acompa nhar Muene Puto.

Chegára o Cacuata na occasião em que fallava Quinonga, a quem apoiou, o que era de esperar.

Agradecemos a Quinonga o interesse que mostrava ter pelo bem da Expedição e vacillavamos sobre o que se devia fazer, quando appareceu Quienza com os seus homens para receberem o pagamento. Era conveniente adia-lo até conferenciarmos ainda com Mucanzo sobre o itinerario, e desculpando-nos por ser domingo, Quienza sempre rasoavel, de bom grado concordou em deixar o pagamento para o dia seguinte.

Como estivesse bem disposto, disse ao interprete — que não sabia o motivo porque escondiamos só d'elle as bonitas cousas que levavamos para o Muatiânvua, e outras que traziamos comnosco como o *tic tic* (relogio), a ponta que nos mostrava o caminho (bussola), as armas pequenas de muitos tiros, etc.; elle tambem gostava de ver tudo, e os seus olhos não faziam mal a essas cousas, que todos já tinham visto.

Satisfizeram-se os desejos do homem com muitas notas admirativas d'elle e de todos que o acompanhavam. Mostraram-se-lhe os relogios, bussolas, pedometros, revólveres, facas, binoculos, etc., e sendo convidados a esperarem para verem como o senhor capitão num instante passava a figura d'elles para um vidro, só Quicânua (conselheiro grande do Estado) se sujeitou a estar sentado a olhar para a machina photographica, e pouco

depois todos espantados, analysavam o *cliché* e discutiam como se podia fazer semelhante cousa. Olhavam para a machina e nada viam, e já iam acreditando que era feitiço, quando nos dispozemos tambem a retratar-nos para os despersuadir da sua idea.

Como houvesse necessidade de mostrar ao Cacuata que os presentes que elle vira em Malanje, e que lhe dissemos serem para o Muatiânvua, estavam em viagem e iam ser confiados aos seus homens para os transportarem, abriu-se uma das caixas de folha onde estavam fardamentos e outros objectos bons e tudo se tirou para fora, o que era bem preciso por causa da humidade.

QUICAXUA

A curiosidade attrahira muita gente á Estação, e por isso mandámos guardar num quarto o que se havia tirado da caixa para se apresentar tudo em exposição no dia seguinte, de modo que todos pudêssem ver á sua vontade, sem que desapparecesse alguma cousa. Todos se conformaram com isso.

Quando á noite fomos visitar Mona Mahango, o que muito agradou á gente da sua povoação, mostrou-se esta penalisada por não lhe termos mostrado as cousas que levavamos para o Muatiânvua. Respondemos que nada lhe occultavamos, e que se ella estivesse presente na occasião em que abrimos a caixa, as teria visto como as demais pessoas, porem que fosse no dia seguinte cedo com sua sobrinha á Estação que veriam á sua vontade o que quizessem.

Foi o bastante para se mostrar satisfeita dizendo logo que não faltaria; e de facto, na madrugada seguinte ella e Mu-

tumbo foram as primeiras pessoas que se apresentaram par examinar os objectos expostos na varanda da Estação, que po precaução se fez cercar de modo que o povo de fora os pudess ver sem lhes tocar.

Pediramos a Mona Mahango que mandasse as suas raparigas acompanhadas de gente de confiança á Estação venderem fuba, bombós, milho, feijão, etc., do que pudessem dispôr, porque precisavamos já de fazer grande fornecimento para o caminho.

Mona Quienza quando lhe apresentámos o sub-chefe como medico da Expedição, pediu-lhe logo para fazer um remedio que o livrasse de ser ferido na guerra pelas balas. Isto deu logar a uma discussão, em que pretendemos convencê-lo que para isso não havia remedios, que casos havia em que o medico podia extrahir a bala e curar a ferida, mas evitar que ellas entrassem no corpo, o unico remedio para isso era fugir-lhe, e que se elle não fosse ás guerras podia ter a certeza que não era ferido.

Riu-se muito e quando nos despedimos, disse ao interprete: —Se o senhor major fosse mulher, ia já com elle, nunca mais o largava. Assim nos demonstrava a sua sympathia, o que não era para desprezar.

O Cacuata Tâmbu havia dado noticia a Mona Mahango de que tinham vindo portadores da côrte de Muatiânvua chamar Quibuinza Ianvo, para entrar na posse do Estado, e como ella nos perguntasse se alguma cousa sabiamos a tal respeito, quando regressámos á Estação, mandámos chamar o Cacuata para nos informar acêrca d'essa noticia, de que tambem haviam fallado ao sub-chefe no Anzavo.

Elle pouco mais adeantou. Disse-nos que morrendo o Muatiânvua Cangápua fôra chamado Umbala, que resignára em favor de Ianvo por ser mais velho. Que só interinamente tomára conta do Estado, esperando pela resposta que este desse, e que tendo chegado os portadores, Quibuinza Ianvo partíra para a Mussumba.

Interrogando o Cacuata sobre quem era Umbala, deixa-nos em grande perplexidade. Disse ser filho de Muteba e primo

de Quibuinza Ianvo, mas que tendo este mais irmãos, elle não sabia porque fôra chamado Umbala [1]. Deve ser assim, é como elle rematava, quando nada mais nos podia responder.

Era para nós incomprehensivel tudo o que dizia o Cacuata, e como não valia a pena occuparmo-nos d'esta questão por estarmos longe do theatro dos successos, despedimo-lo e fomo-nos deitar.

Quicaia, filho do Anzavo, veiu pedir-nos na madrugada seguinte para prepararmos as cargas e fazer-se o pagamento á sua gente, pois desejava aproveitar o bom tempo na viagem e como este era o assumpto capital, mandámos chamar José de Vasconcellos para tratarmos d'isso, por nos entendermos melhor com elle do que com os interpretes de que dispunhamos.

Já estava combinado com Tâmbu e Quicaia que os homens que com elles vieram transportariam as cargas para a Mussumba pelo Anzavo, como desejavam, sendo o pagamento de cinco peças de fazenda de lei, e ração igual á dos carregadores de Malanje. Chamando-se todos para nessa conformidade se lhes pagar, começaram as discussões e as divergencias; queriam só receber o pagamento até ao Anzavo e lá quem quizesse transportar cargas para a Mussumba, receberia então o que faltasse para as cinco peças.

Esta mudança de resolução não nos era indifferente; mas onde não ha recursos e quando só se pensa em avançar, todos os meios para o conseguir parecem bons. Lembravamo-nos só que Anzavo era um potentado sujeito ao Muatiânvua, e tudo nos fazia crer então no prestigio d'este titulo, portanto concluimos que elle conseguiria que a parte da Expedição que ia para o seu sitio proseguisse para a Mussumba.

Annuimos pois ao pedido, estabelecendo-se que cada carregador receberia duas peças e nada mais, e assim se fez logo

---

[1] Umbala nunca fôra Muatiânvua, o que se seguiu a Cangápua foi um irmão mais novo de Ianvo, Quibamba, vulgo Muriba que morreu depois em 1885 na guerra com [illegible] ocos.

o pagamento a todos, menos a doze que andavam dispersos pelas povoações.

Reflectindo depois, e impressionados com esta mudança de resolução inesperada, com a intervenção de Quinonga, com a indifferença que o Cacuata queria mostrar por ir só parte da Expedição pelo Anzavo, e ainda porque a sua gente só acceitasse o pagamento até ali, tudo isto, fez-nos antever a necessidade de nos precaver contra alguma cilada, esperando já, pelo menos, uma demora de dois a tres mezes naquella localidade, em que não faltariam as exigencias de fazendas e de outros artigos a pretexto de presentes, o que consideravamos natural em todos estes povos, não obstante naquella região o não terem demonstrado ao sub-chefe quando por lá passou.

Não confiando que os interpretes pudessem servir-nos devidamente numa investigação d'esta ordem, aproveitámos o favor de José de Vasconcellos, que conhece bem a lingua dos povos até ao Cassai, para nos acompanhar numa entrevista com o Cacuata, a quem mandámos chamar.

— Lembrámos-lhe, que por elle nos ter enganado em Malanje, dizendo que os rapazes da sua comitiva se promptificavam a transportar as nossas cargas para o Anzavo, nós ainda lá não estavamos como podiamos e com uma casa, como a que fizeramos no logar onde estavamos. Que elle havia enganado o senhor sub-chefe no Anzavo, dizendo-lhe que os rapazes d'este e os seus não tinham duvida em vir buscar as cargas á Estação para irem para a Mussumba, se Muene Puto acceitasse o ir pelo caminho do dito potentado, porque os rapazes precisavam voltar ás suas casas para se despedirem das familias e receberem d'estas os alimentos que ficaram preparando para o caminho até ao Cassassa, e que agora os carregadores só queriam receber o pagamento até ao Anzavo, mostrando-se pouco dispostos a seguirem para a Mussumba.

— Acrescentámos que annuiramos a fazer este pagamento por attenção ao Anzavo, que recebêra muito bem o senhor sub-chefe, mas que não estavamos dispostos a pagar a mais ninguem nessa conformidade, porque viamos difficuldades em

sairem do Anzavo as cargas que para lá fossem, e lembravamos-lhe que se obrigassemos os Xinjes, que tinham recebido mais pagamento para irem a Quimica, a seguirem o caminho que elles queriam, já nos resultava um prejuizo de peça e meia por cada um, e se pelas difficuldades do trajecto abandonassem as cargas, o que era mais natural, então muito maior o prejuizo seria. Finalmente que tudo isto nos desgostava muito, e que o haviamos de communicar ao Muatiânvua, para elle conhecer os cacuatas que tinha ao seu serviço, e os motivos porque ha muitos annos os negociantes de Muene Puto deixavam de mandar negocio ás suas terras.

— Respondeu Tâmbu que o seu amigo tinha razão pelo que respeitava ao pagamento que se pediu só para o Anzavo, no que elle não podia intervir por estar em terra estranha e ser o Anzavo na sua superior a elle; que emquanto ao caminho fôra na verdade Quinonga quem fallára a Mona Mahango para ir toda a Expedição por ali, mas não se lembraram do prejuizo nos pagamentos feitos; que elle queria acompanhar-nos ao Muatiânvua, tinha nisso honra e muito a ganhar em importancia para com elle, por lhe levar uma grande Expedição de Muene Puto, muito superior á do Glassa (Rodrigues Graça); que devia muitos obsequios a Muene Puto quando esteve em Malanje, e que nos affiançava que o Anzavo não consentiria que os seus filhos demorassem as cargas do Muatiânvua na quipanga (residencia) d'elle.

Chegava Quienza quando estavamos recommendando ao Cacuata que não suppozesse que continuaria a enganar-nos, porquanto o fariamos vigiar, e que sempre estariamos na espectativa de que elle pretendia illudir-nos.

Voltando-nos para Quienza, dissemos: — Que não haviamos mudado a tenção de seguir viagem por Quimica, e que estranhavamos muito que elle não tivesse ainda apresentado os seus carregadores para receberem o pagamento. Se Mona Mahango estava disposta a fazer alterar a marcha combinada, então que obrigasse os carregadores que já tinham recebido pagamen[illegible] tregarem, cada um d'elles uma peça e meia de

fazenda que receberam a mais do que se tinha pago para o Anzavo.

Quienza ficou estupefacto com o que nos ouviu, e depois disse com muita verbosidade:

— O Cacuata foi hontem cumprimentar Mona Mahango e pediu-lhe que obrigasse seus filhos a irem pelo Anzavo e não por Quimica. Que tinha muito empenho em que Muene Puto desse presentes ao Anzavo e aos seus amigos por ser em terras d'este que estava costumado a trabalhar. Este Cacuata, accrescentou elle, veiu aqui, já duas vezes, procurar Muene Puto, e disse ter ficado de o acompanhar para o Muatiânvua, e hontem quando fallou a Mona Mahango, ella suppoz que Muene Puto o tivesse encarregado de lhe fallar para se mudar a viagem.

Era isto mesmo o que haviamos já supposto; mostrámo-nos pois muito zangados, e dissemos ao Cacuata o que nos veiu á bôcca, estygmatisando o seu procedimento.

Quienza já o queria desculpar, mas mais o enterrava, pois acrescentou — que elle em Malanje, não podia deixar de nos enganar, por que os carregadores da sua comitiva eram filhos de Anzavo, de quem não podia dispôr para os levar para a Mussumba.

Tâmbu não desistiu de se desculpar a seu modo, procurando afastar-nos da principal questão e apresentando novos argumentos que nada tinham com o caso, e de que apenas se concluia: — Que elle ia acompanhar-nos á Mussumba; que a gente do Anzavo era má; que Muene Puto não se devia zangar com elle e que haviamos de sair de Anzavo, e em saindo nós veriamos como elle faria marchar todos muito bem, etc.

Já a embrulhada era de tal ordem, que lhe ordenámos por ultimo prevenisse Quicaia para no dia seguinte com toda a gente receber as cargas, e como Quienza estivesse acompanhado dos carregadores, fomos-lhes pagar. Interrompeu-se porém este trabalho, porque Augusto Jayme deu-nos parte de ter chegado do Cuango um portador de Zunga, trazendo-nos um recado de importancia a que tivemos de attender.

Disse o portador: — Zunga, amigo de Muene Puto, pede-lhe que não passe pelo Caianvo, porque teve noticia que os Bângalas foram para ali com uma guerra esperar pela Expedição para se opporem á sua marcha, pois estavam contrariados por o senhor major fazer abrir um novo caminho para a Lunda, e por ter passado o Cuango sem elles o saberem; e que sendo muito nosso amigo e tendo conhecimento que viera ter comnosco um Cacuata do Anzavo com gente d'este, nos aconselhava a ir com elle pelas suas terras, porque havia mais segurança para as cargas de Muene Puto.

A não ser Quinonga, a quem em tempo mostrámos querer saber onde era Caianvo, e a que distancia ficava de Mona Mahango, ninguem podia suppôr, sobretudo depois de escolhido o itinerario pelos Xinjes, que a Expedição se dirigisse áquelle sitio. Quimica e outros que estavam admirando os objectos expostos, e que nos rodearam para ouvir a noticia, disseram tambem não dar credito a esses boatos, porque elles tinham parentes entre os Bângalas, que immediatamente os preveniriam se isso fosse certo.

Deu-se ao portador um signal de amizade para levar ao amigo Zunga, e foi encarregado de lhe dizer: — Que dormisse descançado, porque Muene Puto sabia bem o caminho que devia seguir e que os amigos Bângalas seriam os primeiros a facilitar o que elle escolhesse.

Appareceram mais carregadores das povoações por onde passára o sub-chefe afim de tomarem cargas para o Anzavo. Foram bem recebidos, mas aos representantes dos potentados Candala e vizinhos que se apresentaram, dissemos que para o Anzavo não contractavamos mais ninguem, porque o nosso pedido fôra para irem á Mussumba. Pediram para se lhes pagar só uma peça. Não acceitámos.

O resto do tempo, até ás oito horas da noite, aproveitando-se a claridade do explendido luar, empregámo-lo comprando mantimentos em quantidade a mulheres e rapazes que appareceram com elles, acompanhados de Mona Candala, Quimica e Palanga.

Como tivesse adoecido o ajudante e não fosse possivel a saida immediata da secção para o Anzavo, empregámos o dia 27 em fazer a correspondencia para a metropole, e continuámos na faina de fechar cargas e aturar os visitantes que nunca deixaram de apparecer.

Ainda em 28 continuámos os trabalhos da vespera; o subchefe acondicionando as suas collecções para José de Vasconcellos as remetter na primeira opportunidade para Malanje, este pagando a alguns carregadores que appareciam já contractados, e o ajudante, já restabelecido, em distribuir as cargas aos homens que deviam acompanhá-lo.

Ás duas horas havia em frente da Estação um grande movimento de cargas e de carregadores, e uma algazarra que não deixava perceber o que se dizia, não sendo possivel ao ajudante fazer a distribuição por não lhe apparecerem os individuos por quem chamava.

Pareceu melhor interromper este serviço, dizendo-se aos cabeças que reunissem primeiro os seus rapazes e viessem com elles buscar os volumes. Assim se fez, mas já não foi possivel convencê-los a pegar nas cargas, pois allegavam que eram muito pesadas.

—As cargas não são pesadas, lhes diziamos, e já alguns separaram as que escolheram, mas os que não puderem ou não quizerem transportá-las, escusam de fazer motim, nem questões: entregam os pagamentos que receberam.

Pouco depois todos entregavam os seus pagamentos! Algumas fazendas já estavam immundas, mas que remedio houve senão acceitá-las.

Como já fosse tarde, e no intuito de ainda os convencer, dissemos que guardassem os seus pagamentos que nós *jimbulariamos* (conferenciariamos) com Quicaia e Tâmbu.

Depois do jantar, era sol posto, chamámos alguns d'aquelles que tinham estado em Malanje comnosco, e lembrámos-lhe que as caixas que eram muito mais pesadas, tinham vindo até á Estação, e estavam já muito reduzidas; que se os rapazes teimavam em entregar os pagamentos, a secção não iria pelas

terras do Anzavo como queriam, e decerto este se zangaria com elles; que ainda podia ir alguem por ali se aquelles que achavam as cargas pesadas se quizessem juntar para as levar a dois e dois, mas os que assim fizessem, deviam entregar um dos pagamentos, porque o companheiro dividiria com o outro o que recebêra.

O AJUDANTE

Pediram os homens que nos ouviram para fallar com a sua gente, porque Muene Puto tinha muita razão, e voltaram já de noite a pedir em nome d'elles que não lhes tirassemos a peça (meio pagamento), porque todos iam depois levar as cargas a Cambamba Côndi. Compensavam pelo trabalho a peça já recebida.

Isto na verdade era muito conveniente, se elles o cumprissem, mas quem no-lo garantia? Respondemos que não havia duvida em acceitar esta proposta, porém já tinhamos tantos motivos para desconfiar d'elles, que só podiamos annuir ao seu pedido entregando cada um metade do pagamento ao senhor ajudante; que um carregador especial levaria esses pagamentos marcados com os nomes de seus donos, e no Anzavo, quando tornassem a pegar nas cargas para Cambamba Côndi, estes lhes seriam entregues.

Pareceu que annuiam a esta condição e retiraram para nos dar a resposta definitiva no dia seguinte.

Não sendo possivel a saida da secção nesse dia, escreviamos nós á noite no nosso Diario: «Não ha remedio senão dar rações a todo este enorme pessoal, o que nos assusta deveras!»

No dia 29, o Cacuata vindo cumprimentar-nos, como de costume, mostrou-se satisfeito por os rapazes terem chegado a um accôrdo e poderem distribuir-se as cargas neste dia para seguirem viagem.

—Todos estão contentes e não ha mais duvidas. Foi o que o interprete nos disse ter ouvido a Tâmbu.

As cargas foram de novo para o largo, mas suscitaram-se novas questões e de tal ordem, que ás quatro horas da tarde todos puzeram os seus pagamentos sobre as cargas e em grupos, iam buscar as suas cousas e retiravam, mas não sem praguejarem, fazendo accionados com os braços, não havendo porém quem nos soubesse interpretar o que diziam.

O ultimo a retirar já de noite, foi o Cacuata com os seus homens, vindo primeiro despedir-se e desculpar-se. Declarava-se estranho ao que se passava, e que tudo era obra das crianças, sem que mesmo Quicaia, filho de Anzavo, o soubesse ou pelo menos lh'o tivesse dito, e que o Anzavo não ficaria por certo contente.

Disse mais que ia contar ao soba como as cousas se passaram, o bem que Muene Puto lhes havia dispensado emquanto estivera com a Expedição, e que iria depois ter comnosco ao caminho.

enche-nos de aborrecimento, a cabeça não socega, e não só devem escapar muitos dados e minucias nos trabalhos em que nos empenhemos, como devem haver prejuizos ou desfalques nas cargas que se evitariam, se nos acompanhasse esse commissario, homem que sendo honesto e de boa vontade, bastava ter uma mediocre instrucção para nos ser muito util.

Um homem que tinha sido segundo sargento no exercito escrevera-nos de Coimbra, offerecendo-se para nos acompanhar, e este homem, por trinta mil réis mensaes, de bom grado teria vindo comnosco. Bastantes vezes nos temos lembrado d'elle sentindo não ter acceitado a sua proposta.

José de Vasconcellos tambem muito nos conviria por conhecer a lingua d'estes povos, e disse-nos que se lhe tivessemos fallado em Malanje teria acceitado serviço na Expedição, porém tinha feito um contracto com Custodio Machado e estava ligado pela sua palavra. Mas se para nós é tarde o pensarmos nisto, não será indifferente para futuras expedições que registemos a necessidade de se fazerem acompanhar por um individuo naquellas condições».

Tinham retirado os carregadores, fazendo-nos perder tempo, dando-nos trabalho e obrigando-nos a despezas, mas ainda assim reflectindo sobre tudo o que com elles succedêra, e por ultimo no seu desapêgo aos objectos que tinham já em seu poder, e que podiam ter levado mesmo de madrugada sem que nós o soubessemos, viu-se bem que não fôra o seu fito obter apenas esse pagamento, e o que os movêra decerto era conseguir a demora de toda a Expedição no Anzavo, no que anteviam interesses para a sua terra resultantes do que lá se havia de dispender com mantimentos e com presentes.

Mas por outro lado, intrigava-nos sobremodo a resolução inesperada de retirarem, e as ameaças que iam fazendo, e o proprio Tâmbu ter mostrado ignorar tudo isso!

Fosse como fosse, o que se passára pertencia já aos factos consummados e o que restava fazer era mandar dobrar toda a fazenda, enfiar a missanga e reunir a polvora, e deitarmo-nos por ser já a hora bastante adeantada!

Mandou-se immediatamente dar roupa ao soldado, e estavamos pensando no que havia a fazer, quando Candala que tivera conhecimento da occorrencia entrou, e querendo mostrar-se agradavel, disse-nos que o Cacuata não era mais que um foragido do Muatiânvua, aliás não consentiria que os rapazes procedessem d'aquelle modo com um soldado de Muene Puto, e que se nós quizessemos elle ia lá com a sua gente soltar o soldado e trazer o Cacuata preso.

Para que este homem nos não importunasse mais, demos-lhe a camisa que lhe haviamos promettido e agradecemos os seus offerecimentos.

Pouco depois chamámos Augusto Jayme e fomos a Mona Mahango, a quem elle narrou o succedido e interpretou o que pelo caminho lhe tinhamos dito e que era o seguinte:

— Que o senhor major não queria fazer fogo contra os povos que encontrava no seu transito, mas que o Cacuata e os rapazes que o acompanhavam mereciam — pela sua malvadez em amarrarem á traição dois homens que os julgavam amigos e que dormiam descuidadamente a seu lado, estando um bastante doente — que se lhes desse um rigoroso castigo; que Mona Mahango e todos viram como aquella gente fôra bem tratada na Estação de Muene Puto, e se era verdade que o Anzavo dera uma rez para os carregadores que lá foram com o senhor sub-chefe, este a pagára com um bom presente, e que, se a vacca, que por engano se matou, não tinha sido logo paga, fôra porque o potentado e dono d'ella não o quiz, dizendo que a sua gente tambem comia carne, sendo esta quem a comeu, e que o Cacuata e todos os que o acompanharam, durante o tempo que estiveram na Estação comeram rações, e só em carne comeram dois bois grandes que pagavam bem o novilho e a vacca.

— O senhor major podia, continuou ainda Jayme, mandar lá o senhor ajudante com soldados e dar-lhe ordem para fazer fogo e queimar as povoações se o soldado não fosse immediatamente entregue, porém isto só se faria em ultimo extremo, porque Muene Puto não o enviára a estas terras para guerrear

com os seus habitantes, portanto, se Mona Mahango como vizinha e amiga de Anzavo, lá quizesse mandar gente sua tratar amigavelmente d'esta questão, e se o soldado fosse entregue, promptificava-se o senhor major a pagar a Mona Mahango todas as despezas que fosse preciso fazer.

Candala tomando o logar de muzumbo foi quem transmittiu a noticia á mãe, acompanhando-a de considerações suas, querendo mostrar que tinhamos muita razão, e que se fosse preciso ir buscar o soldado á força, já se havia offerecido para prestar esse serviço a Muene Puto.

Seguiu-se Quienza, que a seu modo narrou o que elle presenceára na vespera com respeito ás cargas, de onde concluiu: Que os rapazes, zangados por não ganharem a viagem, praticaram o abuso de prender o soldado que lhes não fizera mal, e que provavelmente iam indispôr o Anzavo contra nós. Que seria bom o senhor major dar alguma cousa para o contentar e para elle ordenar logo a entrega do soldado.

Combinou-se que Augusto Jayme iria com dois impungas de Mona Mahango, e que levariam diversos artigos que pudessem compensar o valor do novilho e da vacca, caso Anzavo, mal aconselhado, exigisse o seu pagamento.

Neste mesmo dia, ás onze horas, partia esta pequena diligencia, esperando nós que conseguisse trazer o soldado sem necessidade de maiores despezas e de apparato bellico, o que talvez mais complicasse a questão.

Se lá mandassemos o ajudante com vinte homens armados e de alguma confiança, seria sacrificá-los a uma penosa viagem, visto a difficuldade do terreno e a falta de recursos para a sua alimentação em todo o transito, e depois se a questão houvesse de ser resolvida pela força, decerto nós não teriamos vantagem, attenta a situação da povoação do Anzavo no alto de uma elevada serra. E quando chegassemos a esse extremo teriamos todos de nos approximar da localidade, e de arriscar de vez o bom exito da nossa missão.

Não acreditâmos que por emquanto, se possam resolver á força as pendencias dos viajantes europeus com os indigenas

no seio do continente; a prudencia, a contemporisação isenta de mostras de temor e o proceder sempre de modo que elles conheçam que os não procurâmos para os enganar e expoliar, quanto a nós, são os melhores meios com que podemos luctar ali e vencê-los.

Como tinhamos de nos demorar esperando a resolução d'esta pendencia, não quizemos adiar a nossa visita a Mona Mucanzo, e no dia seguinte ás seis horas e meia da manhã seguiamos para o seu sitio, fazendo o nosso reconhecimento como de costume, e salvo uns pequenos charcos proprios da epocha, o caminho podia considerar-se bom.

Chegámos á povoação eram nove e meia, e logo Mucanzo nos appareceu muito satisfeito, rodeado de suas mulheres e conselheiros e com todos elles estivemos conversando em diversos assumptos mais de duas horas, debaixo de um telheiro em frente da residencia principal.

Ao interprete, que nos estava desculpando por não havermos feito esta visita ha mais tempo, respondeu elle, que sabia termos todos os dias trabalho e não extranhava a demora, sentindo que não nos pudessemos avistar mais vezes para conversar sobre cousas relativas ás terras de Muene Putò.

Fallando depois das noticias que tivera com respeito aos rapazes de Anzavo, explicou-se-lhe como as cousas se passaram e as providencias que se tomaram, e elle garantiu-nos que não nos faltariam os carregadores precisos para Quimica, e que este forneceria a gente necessaria para se transportarem as cargas ao Cassassa, pois até as mulheres estavam acostumadas ali a pegar em cargas.

Relativamente á marcha, affiançou-nos que no transito só encontrariamos como potentado o Quibinda (caçador) de seu fallecido irmão, a duas horas de marcha para leste da sua povoação, e por ultimo o Quimica onde iamos acampar, que era um bom amigo e subdito de sua mãe o qual faria o que ella lhe ordenasse.

Dissemos a Mucanzo que esperavamos o soldado, e que estavamos resolvidos a fazer seguir logo o ajudante com a sua

pela frente o estreito rio Quingando, que aos zigue-zagues, atravessando o caminho que percorremos, segue para S-E., indo desaguar no Quissema um pouco mais largo, o qual junto á serra e por detrás da povoação depois da confluencia, corre ora para W. ora para S-W. a entrar no Cuango. O Quissema abundava em peixe miudo nesta epocha. Atrás da serra viam-se as pontas angulosas das montanhas Mahasso e Mulundo como demarcando o logar da povoação.

Chegámos á Estação ás duas horas e meia da tarde, tendo encontrado nas lavras Mona Mahango, com a cabeça coberta com um lenço por causa do sol, trabalhando ao lado das suas mulheres. Assim que nos avistou dirigiu-se para nós, e ficou muito satisfeita com as noticias que lhe démos do filho, e riu-se muito quando lhe dissemos que ella nos enganára asseverando que Mucanzo era ainda muito criança para tomar posse do Estado de Capenda, pois não era tão criança que não tivesse onze filhos e algumas raparigas já com vontade cada uma de escolher o seu companheiro!

— Para isto não se é criança nunca, disse ella, é o coração que falla; mas para governar o Estado é preciso cabeça e o coração fecha-se.

E lá ficaram todas as mulheres a rir, referindo-se ao preceito da circumcisão, a que Mucanzo tinha de se sujeitar, e para o qual a mãe entendia ser elle ainda muito novo.

Chegára um rapaz com o correio de Malanje, mas não nos trazia noticias de Portugal que tanto desejavamos, e como estivesse disposto a acompanhar-nos até ao Cuílo julgámos de toda a conveniencia aproveitá-lo no serviço das cargas.

Quienza viera participar-nos que tinha de ausentar-se por alguns dias, porque fôra chamado por Ambumba de Cassanje, para a resolução d'uma pendencia que tinha com alguns filhos[1] d'elle, os quaes tinham ido á sua povoação e levaram algumas raparigas amarradas para as suas terras. Conhecia Ambumba

[1] No sentido de gente da povoação de um potentado.

que mal andaram os seus, e como não queria guerras com Capenda, procurava terminar a questão amigavelmente.

Dissemos-lhe, o que já haviamos dito a Mona Mahango, que ficára combinado com Mucanzo, logo que chegasse o soldado do Anzavo, seguir a sua comitiva com o ajudante da Expedição para Quimica, e que Candala pedíra para tambem ir a sua, pois desejava que os seus rapazes fossem fazer negocio ao Peinde logo em seguida. Portanto recommendámos-lhe que se não demorasse muito na sua diligencia, pois não podiamos partir sem elle apresentar os seus carregadores.

Respondeu que contava demorar-se apenas tres ou quatro dias e que tambem queria que os seus rapazes fossem ao Peinde para aproveitarem a fazenda que receberam de Muene Puto em negocio da borracha e começarem o seu modo de vida, porque outra occasião tão favoravel lhes não appareceria tão cêdo.

Continuámos a fazer pagamentos a diversos que appareciam, aproveitando-se a fazenda cortada e regeitada pela gente do Anzavo, e tambem se aproveitaram os dias que tinhamos de esperar pelo regresso do soldado no proseguimento dos nossos estudos. Particularmente iamos tambem preparando terreno para se celebrar um tratado com Mona Mahango, afim de se garantir a occupação d'esta localidade por auctoridades portuguezas.

Na madrugada do dia 3 de fevereiro sentimos um tiro no acampamento dos carregadores, e tratando-se de averiguar quem transgredira as nossas ordens terminantes a este respeito, apresentou-se o velho Matheus, nosso antigo carregador de maxila em Loanda, a dar-nos parte que estando a limpar a sua arma que estava carregada com bala, esta se disparára e com tanta infelicidade, que a bala matara um cão que se dizia ser de Mona Candala.

Não acreditámos neste acaso e previmos novas complicações, porque este acontecimento ia lembrar o que se tinha dado com o cabo do destacamento, e que parecia já esquecido por intervenção de Vasconcellos.

Mandou-se dizer logo a Mona Candala que um homem velho de Loanda sem querer matára um cão seu, e que portanto dissesse quanto este homem tinha de pagar-lhe, pois nós eramos amigos e por causa d'este caso, em que não houvera proposito malfazejo, não haviamos por fim de ficar mal uns com os outros.

Como era de esperar, o novo incidente deu logar a grandes controversias e alarido, pondo por alguns momentos tudo em alvoroço no acampamento e nas diversas povoações, não se fallando noutra cousa durante o dia.

Apresentada a questão a Mona Mahango, resolveu esta mandar um portador a seu filho Mucanzo. Como era mulher e não estava presente Quienza, como seu filho Candala era uma criança, e Quimica não queria envolver-se em questões, porque o senhor major tinha vestido todos e de todos era amigo, e visto nós insistirmos que o velho havia de pagar a vida do cão, ella tambem assim o entendia para se não fallar mais nisso. Em todo caso desejava ouvir a opinião de Mucanzo.

Já se vê que a pendencia era para demora, e que tinhamos de nos precaver contra alguma cilada.

Á tarde fomos passear pelas povoações, e entrando na de Candala veiu este ao nosso encontro assegurar-nos que deviamos estar descançados pois não havia de ser a morte do cão motivo para não continuarmos como bons amigos. Elle ficava contente que o velho Matheus mandasse limpar o sangue do cão que caíra na terra de Mona Mahango, recebia a *ampemba*, e tudo ficava acabado.

A princeza, como nós lhe chamavamos, com quem depois estivemos, disse-nos que as zangas dos Anganas não eram por causa da morte do cão, mas sim porque os nossos soldados tinham abusado muito, indo de noite ás povoações desinquietar as raparigas.

— Muito naturalmente, acrescentou ella, encontram-nas a dançar; mas não se contentam em tomar parte nas danças; de repente desapparecem com uma ou com outra e não se sabe para onde vão. Procuram-se nas cubatas e não se encontram.

Quando umas voltam, retiram logo outras e os companheiros d'ellas queixam-se. Nada teem querido dizer ao nosso amigo para o não desgostarem, mas hoje tenho ouvido tantos queixosos, que estimo viesse para o prevenir.

Quimica, seu amazio, ajuntou: — Se alguem os avisa que não fazem bem, e que todos estão descontentes com elles, então ameaçam, dizendo que são soldados de Muene Puto e que vieram cá para fazer guerras e queimar as povoações, e que se não forem bem tratados e os prohibirem de conversar com as raparigas farão conhecer o que valem as armas de Muene Puto.

Desesperado pelo que ouviamos, recommendámos a Quimica, que quando soubesse estar algum soldado de noite na sua povoação nos mandasse chamar, e no acampamento prevenimos todos que depois do sol posto estavam prohibidas as entradas nas povoações.

Sempre a mesma cousa! Os que nos acompanham a darem motivos para que o gentio tenha razão de se queixar contra elles que querem passar por civilisados, e que dizem procurá-lo para entreter relações de amizade!

São sempre os nossos que não respeitam os direitos do gentio, querendo impor-se-lhe e querendo obrigá-lo a respeitar os seus, nas proprias terras, chegando a provocá-lo, ou sob o mais insignificante pretexto levantando logo conflictos. E isto porque á sombra dos chefes europeus que transportam e que ignoram a lingua do paiz, se julgam acobertados e isentos do devido castigo!

Candala continuava a apparecer; trazia-nos carregadores para contractar, e veiu mesmo consultar o sub-chefe sobre a papeira que tinha na face esquerda e que segundo este era uma aneurisma, que se ia avolumando e cujo curativo, que lhe prescreveu immediatamente, apenas o poderia entreter por algum tempo.

A questão do cão não estava porém terminada. Mucanzo recusára envolver-se nella, e fôra chamado Quinonga e outros velhos do Estado para darem o seu parecer.

Mona Mahango depois da conferencia que teve com elles resolveu-se a chamar o nosso interprete e a dizer-lhe:

— Que não estava socegada; que não tinha podido comer o seu infunde, desde que se matára o cão; que sabia muito bem que elle não fôra morto de proposito, porém fôra morto á bala e corrêra o seu sangue como se fosse de uma pessoa, e este ainda estava na terra sem que se limpasse. Que conhecia bem sermos nós amigos d'ella e dos seus filhos, mas o cão morto estava entre a nossa e a sua amizade, e era preciso livrar-nos d'elle para nos podermos abraçar; que o senhor major queria fazer pagar a vida do cão mas ninguem queria que esse pagamento se fizesse e ella tambem o não queria, mas que era mulher, e estava com medo que uma grande desgraça estivesse para cair na sua terra por causa d'aquelle sangue e que só nós a podiamos tranquillisar pagando a um anganga para o limpar e para desviar para longe todos os males que d'ahi pudessem vir a resultar.

Não nos admirámos do recado porque previramos que não desistiriam da questão, e como o nosso desejo era pôr-lhe termo, repetimos o que por mais d'uma vez já tinhamos dito:

— Que o velho Matheus de Loanda estava disposto a pagar todas as despezas; se ella ainda não comia infunde, a culpa era sua por não nos dizer o que o seu coração lhe dictava. Que não deixasse ao nosso arbitro o pagamento das despezas a fazer, porque podiamos dar menos do que devia ser, e o cão continuaria a afastar-nos, e nós queriamos abraçá-la como bons amigos para seguirmos o nosso caminho.

— O senhor major era muito bom amigo, mandou ella dizer, e por isso só diria, que um cão na sua terra era um servo do Estado, e que se podia regular o pagamento pelo custo d'esse servo!

A resposta para nós era ainda muito vaga, e por isso voltou o interprete a retorquir-lhe que nas terras de Muene Puto se não vendia gente, e portanto que dissesse Mona Mahango quanto queria em fazendas, mas que fizesse as suas contas de modo que naquelle dia mesmo ficasse limpo o sangue.

Estava acabado! Não se fallava mais na questão! Todavia Matheus quiz ser generoso ainda, e entregou um barril de polvora aos amigos presentes da parte que se reconciliava com elle para distribuirem entre si, e pouco depois recebia em retribuição do dono do cão, uma cabra da qual elle entendeu depois de morta e limpa dever mandar a perna direita a Mona Mahango e a esquerda ao dono do cão, que era como dissemos seu filho Candala, que depois se tornou intimo amigo de Matheus e o convidava muitas vezes para ir comer com elle.

Terminára emfim esta questão, mas restava ainda a do soldado, cuja solução esperavamos se demorasse menos tempo.

A princeza no mesmo dia da reconciliação veiu pedir-nos para que se não retardasse a partida do ajudante, e se fizessem incluir na comitiva os rapazes que ella apresentára, porque tambem queria que elles fossem ao Peínde fazer algum negocio.

Havia dois annos que o fallecido Mucambo mandára a primeira caravana ao Cassele com exito feliz, e Mucanzo imitára-o depois mandando outras, por varias vezes, e agora todos estavam animados com o mesmo proposito para approveitarem os pagamentos e presentes que tinham recebido da Expedição.

Não usam ir mais longe do Cassele que lhes fica a N-E. de Quimica na margem esquerda do Cuílo, e nunca passam este rio, com receio dos povos de Cumbana e de Caungula. Das povoações de Mona Cafunfo já ha muitos annos sahiam comitivas com negocio que obtinham dos Bângalas seus vizinhos e dos Ambaquistas que se estabeleceram nessas povoações.

Começando a ser mais procurada a borracha pelos Bângalas, os povos do Caianvo e de Cafunfo principiaram a explorar as margens do Uhamba até ao 7.º grau e d'ahi para leste, mas usavam de todas as cautellas por causa dos leões que infestavam as frondosas florestas e não quizeram arriscar-se a ir mais para o norte; e affirmava-se que a leste das terras de Iácca, a região explorada pelos nossos benemeritos compatriotas Capello e Ivens entre o 18º e 19º meridiano a leste de Green., não devassada antes por europeus, tambem o não

lhe mandava Muene Puto, porém como Jayme dissera que não podia voltar com ella, receando que considerassemos a sua recusa como uma desfeita, acceitou-a, entregando a Jayme um rapazito para nosso serviço, pois não queria que pensassemos que era preciso pagar-lhe para obrigar os seus rapazes a livrarem o preso. Fallando da vacca, disse que foram os seus que a comeram e não os filhos de Muene Puto, e que o novilho offerecêra-o elle por sua vontade. Que Muene Puto dando de comer aos seus rapazes tinha pago muito bem a hospedagem que elle dera aos d'elle.

— Que se a sua gente não concordava na questão das cargas, mandassem alguem fallar-lhe para se entender comnosco nessa pendencia, uma vez que Quicaia e Tâmbu não tiveram força para a resolver.

— Os seus filhos eram maus e queriam-no comprometter com Muene Puto e com o Muatiânvua. Elle estava já muito velho para poder ir encontrar-se comnosco ao caminho, mas mandaria o Cacuata, porque não estava socegado suppondo que Muene Puto ficava zangado com elle.

Agradecemos a Quienza o serviço que elle e os seus impungas nos prestaram, e promettemos aguardar a chegada de Jayme e do soldado para então irmos especialmente fallar a Mona Mahango a fim de serem devidamente gratificados.

Mandou-se chamar o soldado n.º 49, com quem nunca fallaramos porque se exprimia mal em portuguez, e por via do interprete soubemos que reconhecia o capote e o cantil como seus, e contou então, que estando no Quizuela com um rapaz do Cacuata que vinha ao encontro do pae na terra de Mona Mahango e como este continuasse a jornada, lhe dissera que elles ficavam ali durante a noite para seguirem de madrugada, e que mais tarde este rapaz os fôra encontrar com a primeira leva de carregadores do Anzavo que retiravam da Estação.

Tanto elle como o seu camarada julgavam que todos eram amigos, porque se mostraram muito satisfeitos com o tratamento que tiveram na Estação e conversavam com elles des-

cuidadamente quando chegaram outros rapazes perguntando onde estavam os soldados e vendo-os disseram logo: — Vocês mataram uma vacca e comeram um novilho, e emquanto o seu pae o senhor major não pagar estas cabeças de gado ficam presos, e logo lhes amarraram os braços atrás das costas. Estavam desarmados, não resistiram. O 49 lembrou-lhes que devia ir um d'elles prevenir-nos para pagar o que queriam, sendo nesta occasião que lhe tiraram a roupa e o mandaram seguir viagem.

Disse ainda o soldado que não tinha visto o Cacuata emquanto lá esteve, e se elle sabia do que se passava então estava escondido.

Aqui estava pois como o Tâmbu podia provar a sua innocencia, e decerto ainda havia de allegar que partira da Estação já noite e que nem sequer chegára ao Quizuela.

Era indispensavel agradecer a Mona Mahango o serviço dos seus homens, e ao mesmo tempo contentá-la dando-lhe um presente para a irmã, a fim de esta se fazer representar no tratado que desejavamos celebrar com uma e outra, segundo o pedido dos conselheiros.

No dia seguinte aproveitámos a vinda de José de Vasconcellos á Estação, e que tinhamos mandado chamar para nos apresentar em devida ordem as contas dos nossos fornecimentos e darmos-lhe a ordem de pagamento sobre a casa de Custodio Machado, para ir comnosco entregar o presente a Mona Mahango.

Esta agradeceu a nossa lembrança; porém Mutumbo, a quem depois visitámos e a quem demos noticia do que offereceramos a sua tia para se enviar á mãe, agradecendo tambem, mostrou-se ao mesmo tempo penalisada, por ter receio que pouca cousa chegaria ao seu destino.

Partiu logo o interprete e pediu a Mona Mahango que lhe desse o presente que deixaramos para Mona Cafunfo, porque haviamos encontrado na povoação de Mona Mutumbo portadores que iam partir para lá, e como esta quizesse ficar com os lenços, dissera-lhe o interprete que isso não podia ser, por-

que dando nós pela falta d'elles pensariamos que fôra elle que os roubára. Então entregou tudo immediatamente, dizendo:

—Vá, vá depressa, não faça esperar o meu amigo.

Mutumbo que tinha razão para as suas desconfianças ficou muito contente, e tudo entregou aos portadores, dizendo-nos todavia depois que posto estes fossem impungas de sua mãe, ainda não sabia o que esta receberia!

Havendo nós conversado com os diversos potentados ácêrca do tratado que tinhamos em vista, e chegado a discutir com elles e com os seus conselheiros diversos pontos sobre que devia ser baseado, lemos a José de Vasconcellos e explicamos-lhe as bases que minutáramos, e elle encarregou-se de as ir interpretar a uns e outros, dizendo-lhes não ser uma questão definitiva, mas que se mandariam ao Guvulo (governador) em Loanda e que este mandaria então a Mahango e Mona Cafunfo uma pessoa grande para se estabelecerem as condições que elles tinham de observar para estas terras serem tomadas sob a protecção de Muene Puto, e para os seus habitantes serem considerados filhos d'elle como os ambanzas e sobas do outro lado do Cuango.

Todos se mostraram satisfeitos, e aguardava-se que o velho conselheiro Candala que estava doente se restabelecesse, para tambem ser ouvido.

Quimica, o amazio da princeza que estava comnosco quando Vasconcellos nos dava conta da sua missão, observou-nos que os filhos de Mona Mahango o que desejavam era que Muene Puto mandasse para as suas terras, chefes, mestres e soldados brancos, porque os filhos de Angola levantavam sempre conflictos com as povoações. Que elles sabiam que as guerras de Cassanje foram devidas á gente de Ambaca e aos soldados pretos que desinquietavam as mulheres dos naturaes do paiz; e perguntou-nos, se, queixando-se elles com razão contra um chefe, Muene Puto não se zangaria e não mandaria collocar outro em seu logar.

Respondemos como a prudencia nos aconselhava, mas este foi até á ultima o ponto principal das suas desconfianças e

— Foi porque o Zâmbi comprehendeu o que o seu coração mais desejava quando a imagem d'elle entrou na casa que a senhora lhe destinou.

Tanto Quimica como sua mulher nos prestaram a maior attenção, mas esta mais esperta e ladina e a cargo de quem estava a direcção dos trabalhos das lavras, sentindo já a falta das chuvas disse-nos em seguida mas rapidamente:

— O nosso amigo quando retirar não deixe nesta terra o feitiço para afugentar a chuva, não?

— Repetimos-lhe que não havia feitiços para chover ou para não chover. Todos podemos pedir ao Zâmbi que chova e elle querendo pode satisfazer os nossos desejos.

— Nós já ha muitos dias que não vemos chuvas, continuou ella, e temos receio que não chova mais.

Essé reparo de Mutumbo obrigou-nos a perguntar-lhe se eramos nós os culpados?

— Não o quero acreditar, tornou ella, todavia a noticia que nos trouxeram de Muene Canje faz-me recear que seja verdade o que elle mandou adivinhar!

Felizmente, apezar do sol bastante quente e de grandes claros no céu havia uma grande arrumação a oeste e abalançámo-nos a dizer-lhe:

— Esteja descansada que em poucos dias começam outra vez as chuvas, que sendo um bem para as suas lavras são um grande mal para a nossa viagem.

Retiraram um pouco mais satisfeitos e nós fomos jantar com Vasconcellos a quem tinhamos convidado, e durante o jantar disse-nos elle que o Anzavo mandára de presente a Quienza uma arma, um barril de polvora, dois pratos e duas canecas e pedir-lhe que se empenhasse comnosco para provar a sua innocencia no que respeitava ao mau procedimento dos seus rapazes.

Tambem Vasconcellos nos informou ter noticia de que José Machado, estabelecido na Estação Ferreira do Amaral em Cafúxi, estava fazendo muito bom negocio e que Andala Quissúa mantinha com elle boas relações.

Oxalá diziamos nós então, que o Governador geral attendesse ao que lhe expozemos sobre a necessidade de encorporar a região dos Bondos no concelho de Malanje, e de avassallar o Jaga Andala Quissúa fazendo occupar immediatamente aquella parte do concelho, interressando o Jaga na sua administração, de modo a aproveitar-se a boa disposição daquelle grande povo em nosso favor.

Coincidencia notavel, durante a noite d'este dia e no dia seguinte 10, até ás 11 horas da manhã, successivos trovões e chuva torrencial obrigaram-nos a andar constantemente de pé pondo a coberto as fazendas e todos os nossos papeis. E pouco depois de terem cessado, como Mona Mahango não tivesse ido ás lavras, appareceu-nos com a sua sobrinha a qual nos disse logo:

— Muito lhe agradeço o seu pedido ao Zâmbi, e já não nos podemos queixar como Muene Canje.

A soberana quiz saber do que se tratava, e riu-se quando o interprete lhe narrou o que se passára na vespera áquelle respeito.

Participou-nos Mahango que morrêra o seu velho Candala, e que tinha mandado adivinhar se teria sido o sobrinho d'elle que o enfeitiçára, contando-nos em seguida o motivo das suas apprehensões.

— Fôra intimado o sobrinho para pagar a importancia de uma demanda antiga a Quienza, reputada no valor de quatro serviçaes, e elle pedíra ao tio que lh'os desse para se poder acabar a questão.

Candala recusou, dizendo-lhe que trabalhasse para saber quanto custa a juntar peculio, e que se corrigisse do mau procedimento que tinha tido, pois não podia estar constantemente pagando as suas leviandades.

Voltou o rapaz de novo a pedir-lhe que pelo menos o contentasse com dois servos para elle pagar já a Quienza e obter d'este uma demora para arranjar os outros dois, porém o tio continuou a recusar, censurando-o asperamente por andar sempre na vadiagem.

O sobrinho não voltou mais a procurá-lo e elle adoeceu logo, perdendo a vontade de comer e poucos dias depois morreu. Estavam todos convencidos que a sua morte fôra feitiço do sobrinho.

Aquelle dia e o seguinte, como disse o interprete, eram consagrados segundo o estylo ás festas funebres, que consistiam de danças e bebedeiras e em a maior parte da gente ir em romaria vêr o cadaver na sua povoação, que distava uma boa hora de marcha do ponto onde estavamos.

Fallar com esta gente em taes dias é perder o tempo, por que só cuidam em coisas que digam respeito ao defuncto, a fim de que este se enterre satisfeito e não volte disfarçado de algum modo a atormentá-los com exigencias.

Aproveitâmos pois estes dias na nossa correspondencia para a metropole, que desejavamos abrangesse todos os trabalhos e occorrencias até á nossa partida, que estava dependente da chegada do soldado n.º 54 e de Augusto Jayme os quaes se nos apresentaram em 15 ás 2 horas da tarde, dando-nos este conta da sua commissão do modo seguinte:

— Os rapazes do Anzavo, depois da partida do n.º 49, continuaram a viagem para o seu sitio que fizeram em dois dias, levando o n.º 54 amarrado á presença do potentado.

— Contaram-lhe que não podiam transportar as cargas por serem pezadas, e como nós não quizessemos diminuir-lhe o pezo entregaram os pagamentos que receberam.

— Encontraram os dois soldados no caminho e como se não tivessem pago as duas cabeças de gado que elles e os companheiros comeram, amarraram-nos; mandando depois o outro para que viesse dar-nos parte e levar-lhes o pagamento.

— O Anzavo estupefacto pelo que ouvia, mandou logo soltar os braços ao preso e em grande colera vociferou contra elles, que vendo-o aleijado de pés e mãos, ainda o queriam desgraçar mais.

— Que crime praticou esse soldado que veiu ás minhas terras com o branco, filho de Muene Puto, poderoso rei, protector e amigo do Muatiânvua nosso amo?

gui-los com uma guerra até os exterminar! Não, que eu não queria que o Muatiânvua me julgasse connivente neste crime!

— Vocês não sabem o que fizeram!

— Teem desgraçado as terras de seu pae e ainda não estão satisfeitos! Viemos para aqui por ordem do Muatiânvua, para tomar conta de vocês e não teem emenda!

— Ainda ha pouco tempo tivemos de sustentar uma guerra por causa das suas ladroeiras, e vão agora metter-se com os soldados de Muene Puto, amigo do nosso pae o Muatiânvua a quem elle manda os seus filhos, de proposito, para lhe entregar os presentes que quiz enviar-lhe! Um dia acabam as minhas contemplações pelo velho! Que mal lhes fez o senhor major? Não os recebeu bem? Não lhes deu de comer logo que chegaram e quanta carne vocês queriam?

— São muito malvados! O soldado vae commigo, eu lhe darei de comer, e quando esteja melhor, sou eu que o hei de levar, e vou já mandar um dos meus rapazes ao senhor major para que não esteja em cuidado.

De facto o 54 foi para casa de Tâmbu, que se mostrou sempre muito desgotoso com o que tinha succedido e exclamava de quando em quando: O que dirá agora o senhor major? Elle tratou-me tão bem em Malanje! Que vergonha!

— Eu cheguei, continuou Jayme, neste mesmo dia ao Anzavo ás 6 horas da tarde, bonita marcha, e fui logo á residencia do potentado, exigir-lhe que me mostrasse o soldado. Tanto elle como sua mulher queriam antes de tudo explicar-se, para me provarem a sua innocencia, porém eu não os quiz ouvir bradando:

Preciso ver o soldado, e depois jimbularei.

— Disseram-me que estava bom e em casa do Cacuata, fui logo lá. Vi-o, fallei-lhe, soube como o Anzavo e o Cacuata se portaram com elle, e voltei então com mais animo a fallar ao soba, porque já via que os velhos estavam todos a nosso favor. Passei-lhes logo uma grande desanda; narrei os factos como elles se passaram na Estação, fui chamar o Cacuata para testemunha e mostrei que elles tinham praticado

um grande crime. Que ia ali do mandado do senhor major, para exigir o castigo dos malvados que tocaram com as mãos nas vestimentas dos soldados, e que queria ver immediatamente tudo quanto roubaram ao outro, que mandaram dar parte das suas valentias em amarrarem á traição um soldado que estava doente e que os considerava amigos!

Tanto o potentado como a mulher procuraram abrandá-lo, mostrando a sua innocencia, e pediram-lhe que fosse descançar e que acceitasse uma cabra para o seu jantar; porém elle recusou, allegando que na sua terra, em quanto se tratava de uma questão, não se acceitava cousa alguma do potentado a quem ella se apresenta. Não queria que os seus filhos dissessem que se vendêra ao chefe para elle os castigar. Depois comeria da sua casa, agora comia onde comia o soldado.

Na manhã seguinte, Jayme arranjou um presente dos objectos de que era portador e foi levá-lo de nosso mandado ao Anzavo, que o não queria acceitar; e como Jayme dissesse que não voltava com elle porque tomariamos a recusa como desfeita, então acceitou, trazendo-nos elle um rapazito que o potentado lhe entregou para nosso serviço.

Ordenou o Anzavo depois a um velho que apresentasse a Jayme o capote e um cantil que na vespera á noite lhe trouxeram, e que despachasse immediatamente portadores para o Uhamba, para que fossem buscar as armas, correias, cartuchos, fato, etc., onde os rapazes os tivessem escondido.

Jayme declarou-lhe que não retirava d'ali sem apparecerem todos esses objectos e que o não demorassem, porque nós, vendo que elle não apparecia com o doente, mandariamos partir o senhor ajudante com os soldados, e não se queixassem depois se alguma cousa má succedesse á terra.

— Que ficasse socegado, lhes diziam Anzavo e a Muári, pois em dois dias tudo lhe seria entregue. Pediram-lhe que não lhes recusasse duas cabras, fuba e malufo que lhe apresentaram para elle comer com o soldado, o que tudo acceitou para repartir com o Cacuata Tâmbu na residencia do qual se havia hospedado.

Servem os factos que temos apresentado para se fazer uma justa apreciação do que são estes povos.

Appareceram os artigos que Anzavo mandára entregar a Jayme, e este por despedida ainda lhe fez um pequeno presente que o soba entendeu retribuir dando-lhe uma rapariga para sua companheira.

Em toda a parte a mesma cousa, mas aqui torna-se mais notavel, por ser mais longe da civilisação, o pagamento de dividas com gente, os presentes de gente, a sua venda emfim!

Quando acabará este uso que tanto repugna na Europa, e como poderá esta intervir para lhe pôr termo?

Registámos a nossa opinião de que isso se conseguiria muito brevemente, comprando-se toda a gente que na actualidade se põe á venda, e constituindo com ella um Estado sob a protecção da Europa, em uma região previamente escolhida.

Com Augusto Jayme veiu um representante do Anzavo para nos cumprimentar, e ainda desculpá-lo pelo procedimento da sua gente, e vieram dois rapazes fortes um do Cacuata Tâmbu e outro de Caje, para os representarem junto de nós e nos acompanharem á Mussumba, transportando as cargas de mais valor destinadas ao Muatiânvua, e como garantia de que um e outro viriam com os seus subordinados ao nosso encontro para fazerem parte da comitiva.

Mandámos vestir estes dois rapazes que ficaram sendo tutelados de Jayme, para comerem das suas refeições, pagando-lhe nós as rações que lhes pertenciam como carregadores, e um e outro tomaram os nomes de seus amos como é costume entre elles.

O rapazinho ficou a cargo do ajudante que encarregou Fernando, bom mestre de cozinha, de ensinar-lhe a arte culinaria, e baptisámo-lo com o nome de Manuel.

Jayme entregou-nos o resto dos objectos do commercio que levára, e d'aqui se tiraram gratificações para elle, para os portadores de Mona Mahango, para os soldados e ainda se vestiu o pequeno Manuel, contemplando-se tambem o seu mestre Fernando.

O NOSSO PRIMEIRO TRATADO

Terminára a questão dos soldados, e felizmente melhor do que era de esperar em principio, não só pelo que respeitava á demora como ás despezas, e sem se recorrer a medidas extremas, que podiam ter compromettido o exito da Expedição.

Era necessario agora admittir maior numero de carregadores, e era indispensavel conseguir tambem que estes recebessem a fazenda e outros artigos que os rapazes do Anzavo entregaram já depreciados.

Apparecendo alguns doentes no acampamento, deu-se ordem para que os individuos que se julgassem impossibilitados de marchar se apresentassem todos os dias ás 11 horas, para se lhes prescrever o curativo a seguir, sob pena de ficarem na Estação aos cuidados dos Ambaquistas, quando se resolvesse o dia de marcha. Esta ordem fez-nos saber que haviam mais doentes do que pensavamos, e que alguns requeriam serios cuidados.

Para qualquer projecto que demande dependencia d'esta gente, é preciso no calculo, principalmente do tempo para a sua execução, entrar com todos os factores ainda os mais insignificantes, e mesmo assim surgem sempre difficuldades que se não podem prever.

Não é sem muita antecedencia que se pode fixar o dia em que deve partir uma Expedição do acampamento, muito principalmente quando neste ella haja permanecido por algum tempo; porque além das relações amorosas dos carregadores com as mulheres das povoações, ha os fornecimentos de que só se lembram á ultima hora, e como naquella occasião, por exemplo, além das chuvas accresciam as doenças de que só nas vesperas de partida nos davam conhecimento.

Aproveitámos a visita que nos fez Mona Mahango no dia 19, para se assentar definitivamente pela sua parte desde que data nos podiamos considerar promptos a partir, e como ella vinha apresentar-nos um seu parente chamado Caximba, homem velho, e tambem a acompanhava Quicânua, que a representaria junto de nós em marcha, estes conferenciaram com ella sobre os dias que seriam indispensaveis para se reunirem todos os carregadores já pagos e apresentarem os que ainda faltavam. Pudemos decidir emquanto a estes, que em oito dias tudo se prepararia da nossa parte, para não haver impedimentos a que o ajudante avançasse com toda a gente que se tivesse apresentado, e Mona Mahango fez logo correr nas povoações um bando pelo seu *bolondo* (palhaço), chamando a attenção dos individuos que tivessem mantimentos para vender, pois que podiam ir negociá-los á Estação, visto Muene Puto retirar.

Ficou tambem assente que a comitiva do ajudante esperaria por nós na povoação de Mucanzo, porque a gente d'este ultimo desejava levar as suas cargas para ali e ir depois cada um a sua casa despedir-se da familia, e receber os mantimentos que estivessem preparando para a viagem.

Nesta entrevista obtivemos novas informações sobre as familias dos Capendas, que elucidavam os apontamentos que colheramos para a historia d'este Estado, e que provam como

a successão dos dominantes se vae afastando das praxes estabelecidas em principio, á semelhança de que está succedendo entre outros Estados de Cassanje, de Quiôcos e de Lundas; e por onde se conhece já com que difficuldades teriam de luctar estes povos para poderem conseguir, que no dominio de cada um dos Capendas entrassem hoje aquelles que dizem ser os verdadeiros herdeiros e que d'elles foram desviados pelos intruzos que se manteem, embora não tenham satisfeito os preceitos julgados indispensaveis para serem reconhecidos como potentados.

Basta saber-se que os Bângalas já estão senhores de um d'estes estados, para se calcular, o que é questão de tempo, quando os outros hão de passar para as mãos d'elles.

Visto as deliberações tomadas, officiámos a José de Vasconcellos para vir tomar posse da Estação até ulteriores resoluções do Governador geral, como já haviamos combinado; e pedimos-lhe particularmente que viesse auxiliar-nos nos pagamentos que tinhamos a fazer aos nossos carregadores e na compra de mantimentos.

Uma grande parte da noite estivemos occupados em dobrar fazenda de lei, e ainda outra melhor em qualidade mas manchada das chuvas, na medida do bando que conseguimos ser de $0^m,90$, pois o queriam ali superior a um metro.

Este serviço poupou-nos no dia seguinte o de medirmos a fazenda para pagamento das rações e ainda para as compras de mantimentos, que fizemos muito rapidamente das 5 ás 7 horas da tarde.

Vasconcellos ajustava os mantimentos pelas medidas que apresentavam os vendilhões, o sub-chefe e o ajudante cortavam a fazenda á faca pelos bandos medidos, segundo os ajustes, e nós vigiavamos pelo acondicionamento d'esses mantimentos, segundo as especies em sacos, ou os faziamos armazenar.

Foi uma faina em que se trabalhou bastante, estando o largo em frente da Estação cheio de povo, sempre em movimento e com aprazimento geral, por verem os bons resultados dos seus trabalhos de lavoura.

Mona Mahango e os seus filhos sentados ao lado da fazenda que se ia cortando gosavam da satisfação geral que reinava entre as suas mulheres, raparigas e rapazes, e exclamavam de quando em quando:

— Se isto fosse sempre assim, era bem bom! Mas retirando Muene Puto, quando voltará uma outra occasião como esta, em que todos se teem vestido bem, comem carne e andam contentes?

Tinham razão de assim pensar, porque estavamos convencidos que por muito tempo não tornavam a ter uma quadra tão feliz; mas para os animar e aproveitarmos o ensejo do facto que vivamente os impressionava, dissemos que dependia de Mona Mahango e de seus filhos repetir-se muitas vezes o que estavam vendo. Celebrassem elles o tratado em que lhe tinhamos fallado por diversas vezes e Muene Puto mandaria occupar a Estação, dando-lhe então grande desenvolvimento; que diligenciassem viver sempre bem com os filhos d'elle, que procurassem as suas terras para se estabelecerem e com o tempo teriam mestres para seus filhos e a pouco e pouco tudo mudaria nas povoações, como tinha mudado nas de Muene Puto, onde todos se vestem como nós e onde já dão outras applicações aos pannos.

— E Muene Puto importa-se comnosco, que estamos tão longe d'elle, e conceder-nos-ha estes beneficios? Eram as perguntas que todos nos faziam.

— Certamente, lhes respondiamos, e os interpretes encarregavam-se de os esclarecer sobre o que se passava nos concelhos a leste de Loanda, que melhor conheciam.

— Mas nós somos uns brutos, retorquiam, que nada sabemos fazer e temos medo que Muene Puto não queira proteger-nos tomando conta de nós.

Descrevendo-lhe como se constituiram as primeiras missões, a princeza que estava ao lado de sua tia, interrompeu-nos dizendo — que desejava muito que viesse um padre para lhe ensinar e aos filhos a fallar com o Zâmbi de Muene Puto; se ella soubesse, já teria pedido muita coisa para bem da sua terra.

— O Zâmbi de Muene Puto é o Zâmbi de todos que vivem neste mundo, continuámos nós; Mona Mutumbo falle-lhe como está fallando comnosco, mas certa de que elle a ouve, e embora o não veja, creio que será attendida.

Então disse Mona Mahango:

— Mas nós queremos que se faça a mucanda (tratado), porém o que não temos agora é um bom presente para mandar a Muene Puto, como faz o Jaga de Cassanje, e as nossas terras são pobres para dar tributos a Muene Puto.

Era preciso dissipar novos receios, que entre elles já se haviam manifestado nas suas conversas, depois que Vasconcellos lhes interpretára as bases que tinhamos estabelecido, e aproveitámos a opportunidade, procurando convencê-los de que Muene Puto não queria presentes, que estes só se dão quando se podem dar, e quando não façam falta aos que precisam trabalhar para viver. Os missionarios de Muene Puto ensinariam Mona Mahango a governar os seus povos, e a estes a trabalharem para si e para o Estado, e quando já houvesse bons resultados dos seus trabalhos, depois lhes ensinariam a ganhar para os tributos de Muene Puto, que este não queria para si, mas para applicar em beneficio das suas terras.

Estas e outras observações, que aquelles povos, principalmente os personagens que se consideram de mais respeito por vezes nos faziam expontaneamente, ou que pouco mais ou menos nos transmittiam os interpretes, obrigavam-nos a reflectir, e chegámos a pensar que nos seria possivel com o tempo conseguir alguma cousa d'esta gente, reformando os seus costumes, passados alguns mezes de convivencia, e que uma missão na devida ordem podia obter vantajosos resultados.

Este povo é mais inconsciente do que mau, e as suas inconsequencias e irreflexão que a cada passo nos impressionaram, são devidas ao estado em que se encontra. Factos não nos faltam para confirmar a nossa asserção, e sentimos ter de nos restringir aos que são mais palpaveis, para não alongar demasiadamente os volumes em que se deve comprehender a resenha dos nossos trabalhos.

Ás duas horas e meia da noite do dia 21 fomos despertados por grande alarme no acampamento.

Sentira-se o rugir do leão muito proximo, e todos de armas engatilhadas procuravam collocar-se em posição de proteger os nossos bois. O ajudante lembrou-se de ir com alguns soldados para o logar em que se suppunha andaria a fera, porém ao seu encontro foram homens da povoação de Mona Mahango pedir-lhe em nome d'ella, que não molestassem o animal, visto ser um rei que tinha por costume conversar com Mona Mahango sobre negocios de estado.

Como a coisa era assim, deixámos os nossos sentados junto ás fogueiras que haviam arranjado, fazendo commentarios sobre a veracidade do facto em que a maioria acreditava, e vellando apenas por precaução, para tomarem a defensiva se o leão se approximasse da Estação. Nós voltámos para a cama.

Não faltou quem se lembrasse de dizer que aquelle leão era o cazúmbi do fallecido filho de Mona Mahango, que vinha pedir-lhe para se enterrarem os seus ossos.

Chovêra bastante nos dias 21 e 22, e não sabemos se foi devido a isso que o carregador Xavier se apresentou gravemente doente com uma pneumonia, doença que tendo um periodo determinado nos prejudicava, demorando-nos mais dias do que haviamos calculado. Lembrámo-nos por isso de os aproveitar para ser assignado o tratado em projecto, e como no dia 22 apparecesse José de Vasconcellos para tomar conta da Estação, conseguiu elle reunir ahi Mona Mucanzo, Mona Candala, Mona Pire, o irmão de Mona Quienza, que fôra nomeado para nos acompanhar de ordem de Mona Mahango, Mona Quimica, o Tendala (ajudante) de Mucanzo, Donje, Quicânua, Quixita, Caluije, Caximba e mais outros personagens do Estado.

A estes leu elle, interpretando na lingua do paiz, as bases do tratado, e disse-lhes depois, que residindo na povoação de Mona Mahango, na qualidade de seu escripturario o Ambaquista Cruz, o mandassem chamar, para lhes tornar a ler o que estava no papel, para conhecerem se elle lhes tinha dito alguma cousa que não estivesse ali escripta; e que nós os

mandáramos chamar, para saber se queriam que se escrevesse mais alguma cousa para Muene Puto saber tudo quanto o coração d'elles queria que elle soubesse, pois nós tinhamos vontade antes da retirada de enviar um portador a Malanje com a mucanda (carta), onde todos haviam de pôr um signal que mostrasse a Muene Puto que fôra mucanda escripta por vontade de todos e que nós não os enganavamos.

O Tendala de Mucanzo, que era o mais velho de todos os presentes, e um dos que pela primeira vez ouvia aquella leitura, tomou a palavra para declarar:

—Que não era preciso chamar-se o Cruz, pois ninguem duvidava de Vasconcellos; elle que pela primeira vez escutava o que estava na mucanda, podia dizer que não estava escripto nem mais nem cousa differente do que já lhe haviam dito seu amo e outros potentados com quem tinha fallado por vezes a esse respeito; que todos sabiam bem o que estava na mucanda, e achavam muito bom que esta se mandasse já para Muene Puto, por ser o que estava no coração de todos; que pena tinham elles que não se tivesse feito e mandado dias depois de ter chegado ao sitio de Mona Mahango o senhor major, porque era melhor que estivesse lá quando chegasse a resposta, para ensinar os filhos de Muene Puto que viessem, a tratar todos do mesmo modo como o senhor major e os seus companheiros os tratavam.

—Tudo o que Muene Puto nos quizer conceder para beneficio nosso e das nossas terras, nós lhe agradeceremos muito. Elle pode mandar o que for da sua vontade, mas do que nós temos receio é que elle queira enviar para cá soldados da nossa côr, porque as mulheres fugirão para elles, por elles serem de Muene Puto.

—Os soldados, respondeu-lhe Vasconcellos, são precisos aos chefes, que hão de ser brancos, para fazer cumprir o que se estabelecer no tratado, tanto aos filhos de Muene Puto como a todos os extranhos ás terras de Mona Mahango, que passem ou queiram estabelecer-se nellas; para defender as casas de Muene Puto e o que nellas se guardar, de qualquer inimigo

que se atrevesse a atacá-las; e tambem para castigar os que forem maus, mesmo a pedido de Mona Mahango, mas nunca para maltratarem os habitantes das povoações e desinquietar-lhe as raparigas.

Que se algum soldado se portasse mal, os chefes brancos ás ordens de quem elles viessem, os castigariam e os mandariam voltar para as terras de Muene Puto; mas emquanto a este ponto, podiam elles dizer o que fosse da sua vontade por que se escrevia na mucanda no dia em que se fosse procurar Mona Mahango para pôr nella o seu signal, sem o que não se podia mandar a Muene Puto.

— Nós ainda lembrámos serem precisos os soldados para tomarem conta de prezos, levarem todos os mezes mucandas para o governador em Loanda, vigiar os valores que existissem nas casas de Muene Puto, para afastar os ladrões e inimigos das povoações d'elles que ficavam sendo consideradas como de filhos de Muene Puto, e tambem para, havendo algum fogo, os soldados acudirem logo para o apagar e tomarem conta não entrasse alguem nas cubatas para roubar.

— Os soldados são precisos, e nós entendemos que devem vir, porém pode Muene Puto não os mandar se lh'o pedirem, quando Mona Mahango e seus filhos apresentem rapazes para fazerem o serviço d'esses soldados.

Mucanzo e Candala estavam de accôrdo em que os soldados eram precisos, mas o que pediam era que os chefes fossem brancos e capazes, para não consentirem que os soldados requestassem as suas raparigas e para que as deixassem trabalhar nas lavras e cuidar dos filhos.

— Muene Puto, disse-lhes Vasconcellos, mandará um bom chefe com companheiros como desejam, e os soldados se vierem hão de trazer as suas mulheres, para se não metterem com as das povoações.

Mostraram-se satisfeitos e assentaram em ir fallar a Mona Mahango, para ordenar que se reunissem os velhos na sua residencia no dia seguinte ao meio dia, a fim de todos pôrem um signal na mucanda significando a sua approvação.

José de Vasconcellos partiu para sua casa naquelle mesmo dia no proposito de prevenir todos os Ambaquistas, Mona Quinonga, o irmão d'este e os seus conselheiros para virem assistir á cerimonia do auto como testemunhas; e elle ficou de comparecer de madrugada para nos auxiliar nos preparativos da cerimonia, que nos pareceu conveniente fazer-se com certo apparato, para dar mais importancia ao acto, e gravar mais na lembrança d'este povo os deveres a que se compromettiam.

Á noite fomos com Augusto Jayme visitar Mona Mahango, e em quanto nós nos entretinhamos com o seu filho mais novo de quem ella muita gostava, elle foi-lhe dizendo o que se havia combinado de dia na Estação, do que ella mostrou ter perfeito conhecimento, e demonstrou-o dizendo:

— O que foi combinado tem a minha approvação, mas o que eu desejava era que o chefe que Muene Puto nos mandasse fosse tão nosso amigo como é o senhor major.

Mencionámos todos estes factos porque elles demonstram exuberantemente que havia consciencia dos termos do tratado que ia celebrar-se.

Logo de madrugada no dia 23 principiaram a affluir á povoação de Mona Mahango, os potentados das outras povoações vizinhas, e na Estação compareceram os Ambaquistas Braga, Cunha, Cruz, Gomes, Garcia e outros, trajando os seus melhores fatos, e como ainda era cedo, encarregámo-los de aproveitarem o ensejo dos cumprimentos a Mona Mahango, aos filhos e aos seus amigos, para conhecerem as disposições de todos elles com respeito ás estipulações do tratado, e se por ventura havia influencia da parte d'elles para que se puzesse em execução.

Ás 11 horas e meia fomos informados que os potentados com as suas comitivas já nos esperavam, e que todos estavam satisfeitos com a mucanda que ia ser mandada ao Governador, porém que Mona Mahango dizia estar o seu coração triste por não ter agora um bom presente para remetter ao mesmo senhor em Loanda, como fizera o seu vizinho de Cassanje.

Eram horas de se proceder á cerimonia e por isso mandámos para o local por elles escolhido uma meza, quatro cadeiras e o que fosse indispensavel para escrever.

Augusto Jayme com a sua farda de cavallaria, servia de porta-bandeira da Expedição, e rompeu a marcha seguido dos soldados e contractados armados, e vestidos com as suas melhores roupas, indo postar-se no largo em que todos nos aguardavam.

Seguiu-se o pessoal superior, devidamente uniformisado, acompanhado pelos interpretes e por José de Vasconcellos.

Os carregadores que ficaram na Estação com o empregado europeu guardando esta e o acampamento, annunciaram a nossa partida por descargas de fuzilaria.

Depois dos cumprimentos do estylo, Mona Mucanzo disse, que Quicanua e Caximba representavam neste acto Mona Mahango, por não estar presente Mona Quienza. Quimica por parte de Mona Mutumbo apresentou dois enviados de Mona Cafunfo que vieram especialmente para a representar, declarando: — que sua ama desejava que o que se fizesse para as terras de Mona Mahango se fizesse para as suas.

Nomeou-se o Ambaquista, residente na povoação de Mona Mahango, Manuel Rodrigues da Cruz, para ir interpretando na lingua dos Xinjes o que se dissesse e fizesse durante o acto da celebração do tratado, para intelligencia de todos os individuos presentes; e nomeou-se Garcia Fragoso dos Santos, natural de Malanje, que estava residindo na povoação de Mona Quinonga, porque escrevia bem, escrivão *ad hoc* para o auto que se lavrou da referida cerimonia, e em que se registaram todas as occorrencias que se deram durante ella.

Auto

Aos vinte e tres dias do mez de fevereiro do anno de mil e oitocentos e oitenta e cinco, na povoação de Mona Samba Mahango, estando presentes: a Expedição Portugueza ao Muatiânvua composta do chefe, major do exercito Henrique Augusto Dias de Carvalho, do sub-chefe, pharmaceutico de primeira classe reformado em major, Agostinho Size-

nando Marques e do ajudante capitão do exercito da Africa Occidental, Manuel Sertorio de Almeida Aguiar; Mona Mahango pelos seus representantes grandes macotas do Estado, Mona Quicânua e Mona Caximba; Mona Buízo Cafunfo tambem pelos seus representantes Camba Murumbo e Xamucunguibi; Mona Mucanzo, Mona Candala e Mona Pire, filhos de Mona Mahango; Mona Mutumbo, filha de Mona Cafunfo, representada pelo seu conjuge Mona Quimica; Mona Palanga, filho de Capenda; os grandes do Estado: Camba Angunza, Camba, Tandala, Quicorasónhi, outros e muito povo; os Portuguezes africanos residentes em terras de Mona Mahango: José Antonio de Vasconcellos, Manuel Rodrigues da Cruz, Manuel João Soares Braga, João Cunha Soares, Antonio Gonçalves Gomes, Joaquim Domingues Gomes, Manuel Ferreira (Mucungiu); e os empregados menores da Expedição José Faustino Samuel, o interprete Antonio Bezerra de Lisboa, seu primo Agostinho Bezerra e sobrinho Manuel Bezerra; Augusto Jayme, irmão do soba Ambango de Malanje e soldados do batalhão de caçadores n.º 3 de Ambaca que constituem o destacamento na Expedição; contractados de Loanda e outros individuos aggregados á Expedição; e eu Garcia Fragoso dos Santos actualmente residindo na povoação de Mona Quinonga que fui *ad hoc* nomeado secretario para escrever este auto — se deu principio a esta cerimonia lendo-se e explicando-se a Manuel Rodrigues da Cruz as bases para um tratado de protecção e commercio entre Portugal e os dominios das soberanas, irmãs, Mahango e Cafunfo, que constituem o Estado de Capenda-cá-Mulemba e se extende da margem direita do Cuango á margem esquerda do Cuengo, tendo por limites ao norte as terras dos Harís, de Muene Puto Cassongo e Cambongo do rei do Congo, e ao sul os dominios do Capenda Malundo, as quaes bases Cruz interpretou na lingua dos Xinjes, e se resumem no seguinte:

Mona Mahango e Mona Cafunfo, e seus actuaes descendentes e grandes do Estado seus subditos, pedem a protecção de Sua Magestade El-Rei de Portugal para todos os seus dominios, e submettem-se á administração dos seus delegados, cooperando da sua parte para que essa administração se torne proficua aos povos de que são soberanas.

Solicitam Mona Mahango e Mona Cafunfo e seus povos que Sua Magestade haja por bem mandar estabelecer junto a esses delegados nos dominios d'ellas e onde mais convenha, missões civilisadoras para educação moral e religiosa, e ensino de seus povos nas artes, officios e industrias, e que faça manter boas relações do amizade e commercio entre elles e os estrangeiros que os procurem para tal fim.

Os delegados do governo de Sua Magestade encontrarão todo o auxilio da parte de Mona Mahango, de Mona Cafunfo e das auctoridades que lhes são subordinadas no cumprimento do que regulamentarem para o desenvolvimento das missões de que forem encarregados.

Accordando os potentados presentes nestas bases, pediram um momento de suspensão para irem conferenciar com Mona Mahango, e saberem se ella se lembrava de mais alguma cousa para dizer a Muene Puto.

Voltaram pouco depois todos a retomarem os seus logares, e Mona Mahango pelos seus representantes disse:

— Que respeitando muito Muene Puto, e desejando que para bem das suas terras lhe concedesse elle a graça de adoptar os seus povos como filhos, lhe custava se enviasse a mucanda, a qual nada tinha a accrescentar, sem enviar na occasião portadores com um signal da sua amizade ao senhor Governador em Loanda.

— O chefe da Expedição respondeu: — Que participassem a Mona Mahango, que esta mucanda era apenas uma communicação ao senhor Governador de Angola dos desejos d'ella e de Mona Cafunfo e seus filhos, para que se fizesse um tratado em que todos os povos sob os dominios de ambas as princezas ficassem sabendo que eram protegidos por Muene Puto; que em nome dos seus governados ellas se submettiam de vontade ás suas leis, e queriam ser ensinadas por seus filhos. Que o senhor Governador de Angola lendo esta mucanda formularia então o tratado definitivo e mandaria um seu delegado procurar Mona Mahango e Mona Cafunfo e todos os seus filhos para este ser rectificado, e nessa occasião poderia ella mandar o signal que desejava da sua amizade.

De novo foram os grandes conferenciar e voltaram com auctorisação para se sanccionarem as bases, e o auto, de que se havia de enviar original e copias para S. Ex.ª o Conselheiro governador geral de Angola e S. Ex.ª o Ministro dos negocios da marinha e ultramar, e no qual as assignaturas dos indigenas por não saberem escrever se limitaram a uma cruz junto aos seus nomes escriptos pelos diversos Ambaquistas presentes, foi assignado por estes e pelos membros da Expedição.

O chefe fez depois uma pequena allocução de modo a ser interpretada facilmente aos indigenas, em que mostrava estar satisfeito por ter podido cumprir um dos artigos de suas ins-

trucções, convicto de que todos estavam compenetrados da importancia do acto que se effectuára sem coacção, e só depois de muitas conferencias com os potentados presentes, que expontaneamente marcaram um signal ao lado dos seus nomes, confirmando os desejos que todos lhe ouviram de serem postos sob o protectorado de Sua Magestade El-Rei de Portugal, nosso bondoso monarcha. Nesta data ficavam pois estabelecidas as bases do accôrdo, para que em pouco tempo não houvesse distincções entre povos de Mona Mahango e Mona Cafunfo, de Capenda emfim, e os de terras portuguezas, e para que todos fossem povos de Sua Magestade Fidelissima o Rei de Portugal.

O chefe terminou levantando vivas a Sua Magestade o Senhor D. Luiz I, Rei de Portugal, á Familia Real Portugueza e a S. Ex.ª o Conselheiro governador geral de Angola.

Garcia pediu licença e levantou um viva á Nação Portugueza e outro á Expedição, que muito estava trabalhando no interior do continente para bem se desempenhar da tarefa que lhe fôra commettida.

Os vivas foram enthusiasticamente correspondidos, sentindo-se na occasião grande tiroteio fora da povoação e isto com a maxima surpresa dos indigenas, que informados da razão d'elle, entenderam dever acompanhar-nos á Estação onde por algum tempo ainda houve fogo de regosijo.

Distribuiram-se em seguida rações de carne de vacca a todo o pessoal e tambem aos Ambaquistas que compareceram á cerimonia, carne que chegou até para muita gente das povoações que a obteve trocar por farinhas, infunde, etc.

Durante a tarde e noite via-se muita gente das povoações no largo da Estação tomando parte nas danças dos nossos e dizendo: — o senhor major fez-nos hoje filhos de Muene Puto e por isso somos todos irmãos.

Se na Europa se comprehendesse quanto os povos gentios são desconfiados, apreciar-se-ia devidamente o que custa conseguir-se um documento verdadeiro do que realmente elles desejam.

O que temos notado é, que os vendidos preferem ser comprados por pessoas da sua côr, e entre estas, pelas que se não podem classificar como civilisadas, e d'aqui concluo que a escravidão a presentem elles, devido á tradição, longe do meio em que vivem, nas terras povoadas pelos brancos.

O preto sente-se pequeno ante o nosso progresso, não pode acreditar que possa um dia nivelar-se comnosco, julga-se mesmo muito inferior e teme-se da nossa superioridade.

Os indigenas quando vêem brancos nas suas terras é ainda o numero que lhes dá animo a approximarem-se d'elles. Se 200 ou 300 Europeus se apresentassem de uma vez em qualquer d'estas terras, estamos convencidos que todos fugiriam, pensando que os iam buscar para os tornarem seus escravos.

Os potentados africanos e a sua gente, só teem a recear-se de guerras entre uns e outros. Se são vencidos sabem que os matam, mas que não os levam para serem vendidos; emquanto aos brancos temem porém que estes os escravisem.

E aqui está a razão porque os filhos de Mona Mahango e os macotas do seu estado por instincto ou influencia tradicional, se não prestavam com mais facilidade á assignatura das bases para o tratado, e por vezes as discutiram, mostrando-se convencidos das vantagens que podiam alcançar, mas duvidando do nosso desinteresse, e de que não quizessemos obter muitas mais; e como nada viam que no seu paiz nos podesse interessar senão as suas pessoas, pensavam serem estas que queriamos e portanto que fariamos d'elles nossos escravos.

Esta foi a conclusão a que fomos levados, depois de termos conversado muito com todos elles a este respeito e por isso a registâmos neste logar.»

CAJINGA

OS ULTIMOS DIAS NA ESTAÇÃO

mpenhados sempre em cumprir o que promettiamos aos potentados, e para lhe darmos bom exemplo e mostrar-lhe que não nos deviam enganar, occupámo-nos nos dias 25 e 26 em distribuir cargas aos carregadores já pagos e apresentados por Mona Mucanzo, visto lhe havermos dito que celebrado o tratado assim se faria, podendo elles retirar depois para o seu sitio com o ajudante, que ahi ficaria esperando por nós.

Não se descreve, não se calcula, nem mesmo se acredita quanto custa um serviço d'esta natureza, debaixo de um sol ardentissimo, ouvindo constantemente uma algazarra infernal e aos encontrões a uma chusma de curiosos que tudo querem ver e ouvir.

A paciencia para aturar os carregadores chegou muito além do que nos era dado esperar. Pediam uma carga, olhavam para ella, gastavam tempo em experiencias só para a arrastar, e tocando-lhe apenas com as mãos, sem mesmo empregarem o

menor exforço, faziam caretas e accionados de espanto, mostrando assim aos companheiros que os observavam, que eram muito pesadas e desanimando-os de tentarem tambem reconhecer-lhe o peso!

Por vezes tivemos necessidade, ainda que isso nos fosse penoso, de levantar algumas cargas para os animar e dispô-los a tomarem conta d'ellas. Foi preciso discutir com elles, rir e mesmo caçoar da sua fraqueza, de modo a mostrar-lhe que o podiam fazer, mas que queriam enganar-nos; e a pouco e pouco conseguimos que ora um ora outro dos mais renitentes fosse separando a carga que mais lhe convinha.

Era indubitavel que uma manifestação de zanga, um mau modo, um gesto ameaçador na occasião, seria o bastante para todos abandonarem as cargas e retirarem, sendo difficil depois tornar a reuni-los.

A gente de Mucanzo amarrou emfim as cargas com que mais se ageitava, e arrumou as na tarde de 26 no largo, devidamente protegidas da chuva, para partir na madrugada de 27 sob o commando do ajudante. A esta secção da Expedição aggregaram-se para a completar 4 soldados, 4 contractados em Loanda e alguns carregadores de Malanje, que preferiram seguir viagem a ficarem comnosco, visto termos de esperar alguns dias para que se restabelecesse o carregador Xavier, ou que pelo menos pudesse seguir numa rede, transportado pelos seus camaradas.

Pouco depois de ter partido esta secção, Mona Candala e sua prima Mona Mutumbo pediram para a sua gente separar e amarrar as cargas que lhes fossem distribuidas. Revestimo-nos de toda a paciencia para os aturar e voltámos áquelle fatigante serviço.

A gente em geral era fraca, e conhecia-se bem que não estava costumada ao transporte de cargas, que de mais se não accommodavam aos seus usos de conducção, amarradas como estavam, entre dois paus que se prolongam para a frente o necessario para, inclinando o corpo um pouco para deante, se apoiarem estes logo no solo, alliviando-se assim o carregador

do peso e facilitando-lhe ainda a mudança da carga de um para outro hombro.

Fatigados e com dôres de cabeça interrompemos o serviço na maior força do calor, para o continuar de tarde pela fresca, e procurámos socegar um pouco, mas não foi possivel porque meia hora depois bradava a sentinella — ás armas! o que nos obrigou a sair.

Havia gritaria e desordem entre os nossos, alguns dos quaes já estavam de faca em punho, por causa de ter chegado de casa de Vasconcellos roubada a carne de uma vacca que de madrugada haviamos mandado buscar para se distribuir em rações.

Os carregadores que a transportavam vieram pelo caminho roubando o que lhes conveiu, e os que tinham ficado na Estação, principalmente os contractados entenderam em vez de darem parte, de trabalhar por sua conta para encontrarem os roubos, e d'ahi as desordens e pauladas.

Não sem esforços, conseguimos apasiguá-los e fazer a distribuição. A questão de carne é para todos o mesmo, e a gente de Loanda intervindo nella tornava-se mais bravia ainda do que o gentio! É o caso de dizer-se — que são maiores os olhos do que as barrigas — e só se comprehende esta avidez, quando se souber que além da porção que cobiçam para comer, ainda querem mais para trocar pela fuba, feijão, milho, etc., com que obsequeiem as amigas que sempre arranjam nas povoações, e mesmo para pagamentos a quem lhes transporte agua e lenha.

Achámos sempre conveniente pelo lado economico, e porque tinhamos a convicção de que o nosso pessoal se alimentava assim melhor, que as rações fossem em carne bovina, mas por causa da barafunda e desordens a que a sua repartição dava sempre logar, e para nosso socego repetimos o que já disseramos ao despejar-se o ultimo copo de aguardente — ainda bem que acabou!

A carne deve ser dividida e vendida por uma moeda convencional, a missanga por exemplo, que ande no giro para rações; ou então é necessario haver um empregado especial que faça os quinhões e os distribua a um por um, de modo que a

todos contemple, embora com porções insignificantes das peças do animal susceptiveis de divisão, ficando para elle e para os cabos o que não fôr divisivel para todos. É este o verdadeiro meio de evitar questões, que levantam até por um pedaço de tripa que algum companheiro tenha a mais.

Tivemos a pachorra mais tarde de assim proceder por grupos de oito individuos, e não tivemos conhecimento de mais queixas nem de questões, e se as houve passaram entre os individuos de cada grupo sem que o soubessemos. Aconselhâmos pois aos que de futuro se encontrem nas nossas circumstancias que adoptem o mesmo systema.

No dia 28 continuámos a distribuição das cargas, que é tal qual como o modo de o gentio fazer negocio — pegam, largam, querem, regeitam, não se importam com o tempo que se perde nestas continuadas alternativas, não pensam no pagamento que receberam, nem tão pouco lhes occorre que contrahiram um compromisso. Estão promptos a desobrigar-se, sim, mas como lhes agradar e quando a isso estejam dispostos. E por isto mesmo, se corre o risco de muitos prejuizos se não houver prudencia, resignação e muita cautela para d'elles se aproveitar o mais que for possivel.

Lembrar-lhes os seus deveres e os direitos que adquirimos, empregando a força ou tratando-os bruscamente, é trabalho baldado, e que nos faz perder num momento o que se possa ter ganho em mezes.

Prevenir, evitar sempre pretextos para nos contrariarem, é o que se deve ter em vista quando a necessidade nos colloque na dependencia d'elles, porque por cada pretexto temos de contar com uma contrariedade, e atrás do primeiro vem logo outro e assim successivamente, é um nunca acabar de questiunculas que fatigam, aborrecem e desgostam, fazendo perder o gosto e a vontade de proseguir, e muitas vezes para não succumbir na lucta vemo-nos forçados a retirar sem levar por deante o trabalho emprehendido, do que se apontam exemplos.

Algumas das cargas que tinham vindo transportadas por um só homem, não podiam seguir senão transportadas por dois!

—Conhecemos que são fracos, diziamos nós a Quicânua, que viera com o Ambaquista Cruz visitar-nos, mas deviam em compensação ser mais rasoaveis e menos exigentes, porque um homem que precisa quem o ajude a transportar a sua carga, não deve ter o mesmo pagamento do que aquelle que a transporta sósinho.

—Temos necessidade de pedir mais carregadores a Mona Mahango, mas é preciso que se attenda a esta circumstancia, pois que pagando-se do mesmo modo, essa carga custa mais, por termos de dar rações a duas bôccas.

Quicânua que principiava a apoiar-nos, suspendeu-se, para perguntar ao Cruz, se ouvira o que tinha dito um Xinje que este mandára retirar do nosso acampamento.

Bradava em altos berros o tal rapaz, que Mona Mahango reprehendêra os parentes de onze mulheres que tiveram relações com os nossos carregadores, porque se preparavam para levantarem conflictos á ultima hora com estes de quem pretendiam haver compensação, e que ella lhes dissera que era preciso que os filhos de Muene Puto partissem em boa amizade com todos, e como insistissem em promover desordens, Mona Mahango mandára amarrar as ditas mulheres até que a Expedição tivesse deixado o sitio.

Quem fallava assim era o filho d'uma das mulheres que viera procurar o amasio d'ella para este ir resgatá-la, e Cruz sabendo quanto esse proceder seria prejudicial fê-lo retirar, dizendo, que se Mona Mahango soubesse o que elle estava dizendo o mandaria castigar. Quicânua approvou o que fizera Cruz, e retirou para prevenir Mona Mahango e se tomarem algumas providencias para evitar desgostos.

Pediu-nos Cruz para occupar com os seus companheiros um lado da Estação, até que alguem devidamente auctorisado viesse tomar conta d'ella; que a conservaria sempre asseada e daria agasalho no outro lado a qualquer Portuguez ou estrangeiro que passasse pela terra; e como a Vasconcellos não conviesse abandonar o seu estabelecimento, de accôrdo com elle deferimos o pedido.

No dia 1 de março o carregador Xavier podia já ser transportado na rede, e por isso os seus companheiros, que tinham levado cargas ao acampamento no Mucanzo, vieram buscá-lo.

Neste dia fez-se a distribuição das cargas aos rapazes de Mona Mahango, a que assistiram Quicâñua e Caximba, porém ás 11 horas como o sol era insupportavel ficámos de continuar este serviço na manhã seguinte.

Ás 2 horas da tarde estavamos descançando, quando fomos despertados por grande berraria e tumulto no acampamento dos carregadores onde logo nos dirigimos, mas a principio sem comprehender o que se passava e sem encontrar quem no-lo explicasse, por mais que interrogassemos os que viamos a correr. Na balburdia entravam os Xinjes e os nossos, mas os potentados e os velhos forçavam os seus familiares a levarem os primeiros para fora do acampamento.

Em torno do acampamento viam-se homens correndo em todos os sentidos perseguindo outros; alguns munidos de paus outros de espingardas procuravam derrubar as cubatas, e sendo desviados do seu intento afastavam-se aos saltos dos seus perseguidores para se dirigirem a outras. De distancia em distancia viam-se grupos em que uns luctavam para deitarem outros por terra, e os nossos que conseguiam libertar-se entravam nas suas moradas e de lá saíam com as espingardas para o campo da desordem.

Emfim para nós que foramos surprehendidos quando já a lucta estava travada, tudo nos confundia, e pareceu-nos mais acertado correr em auxilio dos potentados. Porém de repente, vendo um dos nossos soldados perseguido por dois Xinjes, conhecemos então que a contenda era com os nossos e procedemos de modo diverso.

O sub-chefe por um lado e nós por outro, e diga-se a verdade auxiliados pelos velhos macotas, conseguimos ir repellindo os Xinjes para fora do acampamento, alguns deixando-nos nas mãos as espingardas e paus com que estavam armados.

Afastados da Estação e ao largo foi então que adoptaram um systema de aggressão que não deixava de ser perigoso

Capenda comtudo elle não admittia que nos deixassemos maltratar, e portanto as consequencias podiam ser muito graves.

— Que Mona Mahango devia mandar prevenir immediatamente as povoações de que, assim como nós castigariamos qualquer dos nossos subordinados que procedesse mal com os seus filhos, tambem estavamos dispostos a castigar com todo o rigor quem nos fosse provocar, porque não admittiamos insolencias e faltas de respeito fosse de quem fosse.

— Que os seus conselheiros tinham visto a prudencia com que nós afastaramos os seus rapazes e contiveramos os nossos por elles maltratados á falsa fé, sem attenção ás exhortações dos anciãos; mas como a prudencia deve ter um limite, vieramos procurar Mona Mahango para dar as suas ordens de modo que todos ficassem sabendo, que se nos tinham encontrado bons como amigos os não temiamos como inimigos.

Mona Mahango mostrou-se muito afflicta, pediu que retirassemos socegados e que tranquillisassemos os nossos, pois o que se passára fôra devido a uma leviandade de rapazes que nem ella, nem os potentados seus subordinados podiam approvar.

Ella tambem não sabia bem como principiára a questão e ia proceder a averiguações, pedindo-nos que fizessemos o mesmo.

Quimica que conseguíra reunir a gente de Mona Mutumbo, e recolhia á sua povoação quando entrámos na de Mona Mahango, disse-nos que todos os seus eram alheios ás contendas promovidas na povoação de seu primo Candala, e rogou-nos que retirassemos socegados porque tudo estava acabado e que elle iria fallar comnosco á Estação depois de dar parte a Mona Mutumbo do que se passára com sua tia.

Os rapazes e raparigas das povoações estavam aos magotes sobre as pequenas alturas que as rodeiam, commentando os acontecimentos a seu bel-prazer, e como de costume gesticulando e gritando muito uns com os outros. Os nossos, exasperados, tomavam já como insultos que lhe eram dirigidos a vozearia e alarido que se ouvia, e estavam teimosos em se desforrarem á força d'armas, tendo nós de empregar grandes esforços para os conter.

Continuavam a reforçar-se os grupos dos curiosos que se mantinham em hilaridade constante, e como os nossos estivessem armados e provocantes, advertimos Quicânua e Caximba que não nos largavam, que era conveniente mandar dizer a Mona Mahango fizesse retirar aquelles grupos, e Caximba partiu a correr para esse fim.

Sentira-se tocar o mondo [1] e outros instrumentos, o que os nossos interpretaram por signaes de reunir gente para a guerra, do que duvidavamos, mas por descargo de consciencia mandámos carregar as armas e armar os sabres. Quicânua que estava na occasião um pouco afastado, vendo estes movimentos dirigiu-se a nós immediatamente, pedindo que se não fizesse fogo, que era uma desgraça para a terra, e disse-nos que o toque do mondo fôra de retirar e não de reunir.

Não passaram despercebidos os movimentos de armas aos curiosos e as mulheres d'elles deram parte d'isso a Mona Mahango que immediatamente nos enviou seu sobrinho Palanga dizendo:

—Que todos estavam inquietos nas povoações, receando que as armas de Muene Puto fizessem fogo contra elles, que tambem eram filhos de Muene Puto; que ella já tinha avisado pelo mondo, que seria castigado quem provocasse algum dos nossos filhos, e finalmente que Mona Quimica vinha já dizer-nos como principiára aquella questão, que nós podiamos acabar ficando todos amigos como d'antes.

Mandámos então desarmar os sabres e encostar as armas á parede da Estação, e mais animados com isto os macotas que estavam comnosco mandaram chamar Quimica, o qual nos participou que um soldado fôra á povoação de Mona Candala e depois de o insultar, lhe apertára o pescoço, ameaçando-o que se estivesse na terra d'elle o havia de amarrar, fazer, acontecer, etc.; que era soldado de Muene Puto e não nosso escra-

[1] Instrumento de pancada usado para transmissão de noticias e para signaes.

vo, e que podia vir queixar-se d'elle, que a nossa amizade de nada lhe serviria porque nós o não podiamos castigar.

Dera-se o facto que já haviamos supposto, isto é, tinha havido uma provocação, que os nossos na maior parte ignoravam e de que só neste momento principiavamos a ter esclarecimentos. — Um soldado da Expedição promovêra o conflicto, que com outro povo podia ter consequencias funestas.

Ainda assim na refrega apanhámos com um dos taes projecteis pelos dentes, e o nosso collega uma bordoada nas costas que conhecemos não ter sido intencional; e em verdade, se não fosse o respeito pelas nossas pessoas, emquanto andámos afastando uns e outros, podiam ter largado fogo á Estação ou mesmo ao acampamento e só se limitaram a querer derrubar as cubatas.

O soldado apontado era reconhecido por elles como o Cambuta (o de pequena estatura), e era o mais irrequieto e insubordinado de todos. Contra elle tinhamos já algumas queixas, portanto era forçoso castigá-lo rigorosamente e em publico; todavia quizemos ouvi-lo antes.

Allegou que estando deitado víra vir por entre o capim e entrar de repente na sua cubata um rapaz que lhe roubára uma garrafa de azeite de palma e que corrêra atrás d'elle até á povoação de Mona Candala com o fito de o agarrar. Que este escondêra o rapaz e esquivara-se a apresentar-lh'o dizendo não o ter visto. Exasperado então e sem se importar que Candala fosse chefe da povoação e filho da soberana, porfiára com elle, e como este o repellisse por não querer fallar com escravos de Muene Puto e sim comnosco a quem se queria dirigir, que então o empurrára e lhe dissera tudo quanto lhe veiu á bocca.

Os que tinham ouvido as representações dos rapazes de Candala a Mona Mahango reclamaram do soldado que dissesse o que occultava, bradando: — os que o viram deitar as mãos ao pescoço do Muana Angana, gritaram-lhe que fazia um crime, e você respondeu que um soldado de Muene Puto não fazia crimes, e que ia buscar a sua arma para matar um indi-

viduo da povoação. Todos então foram buscar armas e paus e correram atrás de você, os seus companheiros quizeram defendê-lo e começou então a desordem sem que ninguem pudesse fallar ao senhor major, porque os potentados e os velhos procuravam afastar os seus para evitar guerras, e que se restabelecesse a ordem para fallarem a bem com Muene Puto.

A esta accusação o soldado nada disse, e foram então os nossos que surprehendidos pelo que ouviram se voltaram contra elle. Tinhamos de ser inexoraveis, e ordenámos ao cabo da força para que immediatamente despojasse o delinquente do seu uniforme e lhe desse um panno de carregador a cuja classe passava durante todo o tempo que estivesse ao serviço da Expedição, e ainda que nos custasse, démos ordem para lhe baterem nas costas com correias.

Eram então os anganas que nos pediam cessasse com o castigo, e as mulheres e os rapazes nos limites das povoações imploravam em altos gritos a Muene Puto que perdoasse. O soldado ficou ainda prohibido de sair da cubata emquanto nos demorassemos na Estação.

Abonançára a tempestade, e os velhos a seu modo lamentavam os conflictos que se deram, e que Mona Candala podia ter evitado, se se houvesse dirigido a nós immediatamente.

Não faltaram a importunar-nos depois portadores de Mona Mahango. Vinha um pedir que socegassemos; que sentia nos tivessemos incommodado em fazer castigar o soldado; que era interesse de todos que saissemos contentes da terra; que o mau procedimento do seu povo a envergonhava, etc. Vinha outro e dizia que sua ama estava triste, porquanto lhe participaram que nos estavamos preparando para retirar para Cassanje, e ella mandava dizer que os carregadores estavam promptos a seguir quando quizessemos, e que haviam de levar as cargas de Muene Puto muito bem ao seu destino.

A todos respondiamos com a maxima circumspecção, porque tinhamos em vista a dependencia em que estavamos dos carregadores, e a secção que estava já distante de nós. Emquanto a retirar para Cassanje, dissemos que não pensaramos

nisso, porque tinhamos a certeza que Mona Mahango havia de fazer cumprir os contractos, aliás não retiravamos, mas chamariamos o Cassanje para receber toda a fazenda que ficasse naquella terra.

Os circumstantes interrompem-nos immediatamente, allegando que ninguem queria faltar aos seus contractos, porém que era bom dizer-se a verdade, e que alguns dos que viram castigar o soldado estavam receando serem maltratados no caminho pelos seus camaradas, e que estes os intrigassem comnosco.

— Nada teem a recear, lhe dissemos ainda, porque o soldado foi castigado por culpa sua; e agora vão socegar Mona Mahango, que nós tambem precisâmos descançar.

De facto o nosso desejo era estar só, porque precisavamos reflectir, mas mallogrado foi esse intento, porque nos appareceram Braga, Garcia e todos os Ambaquistas que vinham de casa de Vasconcellos, onde se reuniram logo que tiveram conhecimento das occorrencias do dia, decidindo deixarem as suas casas, e ficarem ao nosso lado para o que fosse preciso. Disseram-nos tambem que Vasconcellos não viera por estar doente.

Narrámos o que se passára, e mostrámos as nossas duvidas que tivesse terminado a questão, em vista do que pediram elles para irem saber o que se pensava nas povoações.

Estavam todos muito reconhecidos aos brancos, disseram-nos elles depois das suas averiguações, por passarem aquelle mau soldado a carregador, mas elle commettêra um grande crime tocando na cara de um Muana Angana, que podia vir a ser um dia Capenda. Á vista d'isto alguns lembraram a Mona Mahango que nos propozessem a troca d'aquelle homem por um bom carregador.

Foi Braga quem nos trouxe este recado, e como viesse com os seus companheiros e com os macotas certamente para ouvirem a resposta, démos-lhe ordem para immediatamente nos favorecer com a sua ausencia. Ao interprete respondemos que nos admiravamos que um filho de Angola que fallava bem por-

tuguez ousasse transmittir-nos semelhante recado! Aos macotas declarámos, que Muene Puto não tinha escravos, nem trocava gente.

— Aquelle homem passou a carregador, mas não é escravo, e nós vellaremos pela sua vida como pelas dos seus companheiros, porque todos são filhos de Muene Puto como nós.

Sincera ou não, transmittiu-nos o interprete como resposta o seguinte: — Que nós tinhamos razão em nos zangarmos, e que os Ambaquistas não sabiam fallar, pois se alguem na povoação se lembrou de semelhante troca não fôra Mona Mahango e sim algum rapaz de Mona Candala de que se não devia fazer caso; que o senhor major devia ir descançar porque era noite e elles iam dizer a Mona Mahango que apresentasse no dia seguinte os carregadores para partirem logo.

. . . . . .

«Isto é preludio para receberem alguma cousa, mas antes isso — escreviamos nós no Diario já de noite, quando mais tranquillos — do que ficar a jornada empatada por mais tempo, ou termos de retirar por falta de carregadores. Como as cousas se complicam num momento! Não podemos contar com cousa alguma, não obstante andarmos sempre na melhor disposição que se requer em um missionario de paz para viver em boa harmonia com os que o rodeiam! Certamente fizeram prevenir Mucanzo e esperam conhecer a sua opinião. O que teremos mais a registar sobre esta pendencia? Na verdade, que tenhamos de luctar com o gentio na defensiva, vá, mas ser um dos nossos quem provoque a lucta, é o que não podemos admittir.

É devido a isto, que estamos passando por mais uma provação, que não nos era dado esperar nesta localidade em que todos ainda hontem se mostravam satisfeitos, e para o que temos empregado todos os nossos esforços; não nos esquivando a aturar e aconselhar, não só os homens que nos acompanham de differentes proveniencias da provincia, alguns dos quaes não são menos gentios que os povos que vamos encontrando, mas tambem estes, que precisâmos catechisar.

Estamos emfim á mercê da Providencia e temos constantemente de aguardar os acontecimentos para obrar em conformidade com elles!

Quem nos ler a sangue frio, o que poderá inferir dos conflictos que hoje tiveram logar com o gentio, quando ha dois dias com elles haviamos concordado nas bases em que se devia celebrar um tratado que lhes garante a nossa protecção em troca da sua submissão á nossa auctoridade?

Que o nosso procedimento foi correcto não nos parece que poderia isso soffrer duvidas, porquanto, se o soldado que tinha ido provocar na sua propria residencia o potentado de uma povoação — suppondo-se forte com a influencia dos chefes europeus da comitiva de que fazia parte, numerosa e bem armada relativamente — tivesse a convicção de que não encontraria apoio; ou antes, se esse soldado passasse por aqui sósinho ou na companhia de Ambaquistas, não só se não atreveria a fazer o que fez, mas ainda mais — fallâmos pelo que temos visto — apresentar-se-ia submisso deante d'esse potentado e se quizesse alcançar a garrafa roubada teria de o procurar e depôr a seus pés alguma dadiva, unicamente para poder apresentar-lhe a queixa.

Esta é a verdade e seria uma injustiça, interpretarem-se os conflictos que foram provocados, como demonstração dos maus sentimentos d'este povo e da sua selvageria.

Por isso mesmo que é selvagem e está mais sujeito a errar que os da sua mesma côr, senão da sua mesma raça, mais em contacto com a civilisação, é que devemos attender muito principalmente a que lhe devemos justiça, pois de outra forma nunca conseguiremos arrancá-lo do logar inferior em que permanece e levantá-lo ao nivel dos povos cultos.

É o que se nos affigura ser a melhor politica no campo pratico, e havemos de proceder sempre segundo esta norma, embora a levem á conta de caturrice; e ainda que um ou outro facto isolado se possa dar contrario ao nosso modo de pensar, cremos que são sempre os extranhos a estes povos que os provocam a revoltarem-se contra o seu proceder, que visa a de-

preciá-los, deprimi-los mesmo ao ponto de esses extranhos se tornarem os seus verdugos.

Devemos convencer-nos que o preto por mais selvagem que seja, sente sempre o prejuizo ou damno que se lhe faz, e em geral todos elles prezam os seus chefes, como os que entre nós sabem prezar os seus paes.»

Os dois dias que se seguiram passámo-los fastidiosamente, porque os Ambaquistas, os interpretes e Augusto Jayme, os primeiros com receio do que lhes poderia succeder, retirando nós e ficando a questão pendente, não desistiram de nos convencer da necessidade de contentar Candala dando-lhe alguma cousa, provando-lhe que não eramos inimigos d'elle e estimulando-o a apresentar os carregadores para seguirmos viagem.

Dias e dias se perdem em resolver pendencias com o gentio que se não importa com demoras, pois interessa nas despezas que os viajantes são obrigados a fazer na sua terra e tendo alguem de ceder, seriamos nós, sobretudo no caso sujeito, porque estavamos dependentes dos seus carregadores!

É este o mal que tem o systema, que nos pareceu conveniente adoptar, de ir mudando as cargas de Estação em Estação, utilisando para isso os povos vizinhos; mas se as Estações ficassem occupadas e fornecidas, as difficuldades desappareciam, porque as exigencias e pretextos para nos demorarem só se apresentavam ao levantar da feira, ao lembrarem-se que as fazendas lhe fugiam e que iam ser consumidas com proveito de outros povos.

Mona Candala era rapaz ambicioso, tornando-se singular pelo seu genio irrequieto, e ninguem o contrariava nos seus caprichos, ou por medo, ou porque com elle estavam combinados os velhos, os quaes querendo mostrar-se nossos amigos, todavia advogavam a causa d'elle. Ponderavam que elle era um grande do Estado de Capenda, que podia mesmo ser um dia Capenda, e se algum filho do seu povo lhe tocasse no corpo, de certo não ficava vivo. Que dar-lhe alguma cousa era signal de amizade a que elle tambem corresponderia, e assim os rapazes que lhe pertenciam e que receberam pagamento

para transportarem as cargas ficaram certos que não consentiriamos que lhes fizessem mal no caminho, e viriam immediatamente buscar as cargas que lhes foram distribuidas para partirem.

Era de certo conveniente o demorarmo-nos o menos possivel, e não perder os pagamentos já feitos, porque a greve seria geral. Nesta conjunctura tinhamos de forçosamente tomar uma resolução.

«É opinião de alguns exploradores, escreviamos nós então, e as nossas instrucções recommendavam-nos, que seria de grande vantagem para as expedições que teem de internar-se no centro de Africa o afastarem-se no transito ou acamparem o mais distante possivel das povoações de maior importancia.

Quando o fim de uma expedição seja unicamente desempenhar a commissão de que foi encarregada em um determinado ponto do continente, e que pode contar que leva comsigo todos os recursos que lhe são indispensaveis, com certeza pode de antemão estudar e seguir depois um caminho em que não haja sequer uma povoação e mesmo por onde não transite pessoa alguma.

Porém se o fim da expedição é explorar commercial e scientificamente a região que vae percorrer; se tem de estabelecer relações de amizade com os povos d'essa região, celebrar tratados com os seus potentados e levantar Estações nos pontos de reconhecida vantagem para o seu proposito civilisador, e que garantam a segurança do transito e demais vantagens a futuras comitivas, não é possivel deixar de procurar as maiores povoações e de acampar muito proximo d'ellas.

Estas expedições regionaes que innegavelmente são de muito proveito para a sciencia e para o commercio, além de demoradas, tornam-se muito fatigantes e penosas, expõem os exploradores ás influencias dos climas e selvageria dos habitantes, e trazem relativamente grande dispendio.

Uma expedição que avança sempre, embora só em duas ou tres horas por dia, muda de condições, não tem as difficulda-

pode dizer nossa e encravada entre duas grandes provincias littoraes, o dominio das quaes ninguem, em bom direito, nos poderá contestar.

Como tentou H. Stanley, homem essencialmente pratico, depois de uma gloriosa travessia, alcançar vantagens para explorações no centro do continente?

Como elle procede, dizem-no as communicações que temos lido; caminha devagar, desfazendo attritos em frente das Estações que tem levantado e sendo por estas protegido.

No paiz em que temos andado, não precisavamos como elle de nos fazer acompanhar de um grande sequito armado, porque grande é a influencia portugueza sobre todos estes povos; bastava que o pessoal que ficasse nas Estações tivesse onde recorrer, para que nestas não faltassem artigos commerciaes.

Os embaraços, como já dissemos, apparecem-nos em vesperas de retirar de qualquer localidade, ou são os originados pelo mau procedimento dos homens da nossa comitiva.»

. . . . . .

Estavamos convencidos que a questão se resolveria com uma dadiva de fazenda, e que não era para assustar, porém vacillavamos com receio de novas exigencias e ao acabarmos de escrever as considerações que precedem, eram duas horas da noite do dia 3, veiu o sub-chefe, que terminára a sua ronda, prevenir-nos que não saissemos porque havia muita humidade; disse tambem que se sentíra o rugir do leão, e que o velho Matheus lhe dera parte que da povoação, pediam para se não fazer fogo sobre o animal, ao qual tinham dado uma cabra para elle retirar, mas que certamente voltaria para fallar com Mona Mahango.

Tão entretidos estavamos que não deramos pelos rugidos; e como não pudessemos sair e o pessoal estivesse álerta por causa da fera, encerrámos o nosso Diario, com o seguinte conceito que temos ouvido ao gentio: — Tratemos do presente porque não sabemos o que está para vir. E fomos-nos deitar, que bem precisavamos de descanço.

Ás cinco horas da manhã encarregavamos Jayme de ir procurar Mona Mahango e Mona Mutumbo, e de interrogá-las da nossa parte para saber se os seus carregadores não queriam tambem transportar as cargas como os de seu filho, porque então mandariamos chamar o ajudante, deixariamos as cargas nas suas terras e passariamos o Cuango naquelle dia mesmo, para entrarmos em Cassanje no dia seguinte.

Candala que estava presente, na supposição que alguem o havia intrigado comnosco, mostrou-se magoado e vociferou contra os seus parentes, porquanto nenhum dos seus rapazes se recusára a transportar as cargas de Muene Puto; que estavam pagos para este serviço e haviam de cumpri-lo ou entregar os pagamentos que receberam.

A sua mãe e a sua prima trataram de accommodá-lo e mandaram-nos pedir que conversassemos em bem com Mona Candala para que todos conhecessem que não haviam reservas de parte a parte relativamente ao incidente que se dera por causa do soldado; pois os rapazes que deviam levar as cargas de Muene Puto estavam com receio de serem maltratados pelo caminho, por não terem procedido bem comnosco.

Era indispensavel pôr um termo a esta questão, á moda d'elles, e por isso mandámos os Ambaquistas, os interpretes e Jayme apresentar a Mona Mahango cinco peças de fazenda — que era a cabra que enviavamos a seu filho, e assim lhe provavamos que eramos amigos e nada tinham a recear de nós os seus rapazes, se porém nos fizessem demorar mais tempo, então acreditariamos que todos eram nossos inimigos.

Regressaram os portadores satisfeitissimos por ter terminado muito bem a questão, e o Cruz que os acompanhára participou-nos que Mona Mahango o chamára para lhe dizer que nos fizesse constar — ser ella muito amiga dos brancos filhos de Muene Puto, que seu filho tambem nos havia de trazer a sua cabra, e que no dia immediato se trataria da partida da Expedição.

Garcia que adquirira entre os seus a reputação de bem fallante, entendeu fazer-nos um discurso laudatorio pelo

muito que estavamos trabalhando em beneficio dos Africanos portuguezes que viviam no sertão para arranjar alguns interesses para as familias que deixavam nas suas terras; condemnou o gentio por ambicioso e exigente, por importunar sempre com pedidos, nunca se satisfazer com o que se lhe dava, etc.

Disse muita tolice mas com verbosidade e em tom sentimental, que para produzir mais sensação acompanhava de gestos grotescos, sempre com o applauso dos patricios e dos nossos interpretes, o que ainda mais o exaltava e o fazia prolongar as suas considerações.

Fartos de os aturar, despedimo-nos d'elles e recolhemos ao nosso quarto.

Quasi ao fim da tarde appareceu Mona Candala, com ar grave, envolto num grande panno, acompanhado de Quicânua que lhe servia de muzumbo, de Palanga, de Caximba e mais sequito.

Apontámos-lhe, como de costume, uma cadeira para se sentar. Fallou pouco, trazia uma cabra que nos offereceu, pedindo a acceitassemos como signal da sua amizade.

Seguiu-se Quicânua dizendo: — que Mona Mahango estava encatarroada, e por isso Mona Candala a representava para agradecer ao senhor major o ter socegado a sua gente, e ter mandado castigar o soldado que fôra insultar um filho de Capenda na sua residencia; que como elle e sua mãe eram amigos, para não se fallar mais nas occorrencias que se deram, trazia a cabra em troca da que recebêra, mostrando-se d'este modo a todos que a nossa boa amizade não fôra interrompida, e que se aquelle incidente se dera, fôra devido aos maus rapazes que elle e nós tinhamos; que Muene Puto e Capenda eram amigos e não eram os maus filhos que podiam acabar esta amizade; e finalmente que no dia seguinte viriam os carregadores com os homens de confiança que Mona Mahango ordenára vigiassem as cargas de Muene Puto.

— Em resposta, agradecemos o presente da cabra, visto ser um uso do paiz, o qual não queriamos contrariar; com respeito á questão, estava ella esquecida desde aquelle momento.

Que fôra sempre nosso interesse que os filhos de Muene Puto, de Capenda e do Muatiânvua vivessem como irmãos e amigos, e que não houvessem entre elles odios e malquerenças que estragavam as terras; que acceitariamos, e mesmo pediamos a Mona Mahango um velho de confiança, que fosse respeitado pelos carregadores, para nos acompanhar a fim de com elle nos entendermos quando houvesse qualquer ordem a transmittir aos carregadores e para os conter no limite dos seus deveres.

Mona Candala tomando de novo a palavra declarou: — Que todos os potentados eram muito obrigados a Muene Puto, e que o povo estava muito reconhecido pelo modo bom e agradavel com que a todos fallavamos. Tinha a convicção que nós não consentiriamos que os nossos rapazes fizessem bulhas e desordens com os d'elle, pois era do nosso interesse que as cargas chegassem bem ao seu destino, mas pedia licença para dizer á gente da nossa Expedição que não nos compromettessem com os povos gentios por onde iam passar com o seu amigo, filho grande de Muene Puto, procedendo mal, como procederam ali nas povoações; e não fossem os primeiros a roubar seu amo Muene Puto. Que fallava assim, porque em principio extranhou ver na sua povoação pratos, machados e polvora e soube serem comprados á nossa gente; que naturalmente mais para deante haviamos de dar por falta d'estes e outros objectos e não desejava se dissesse depois que os roubos tinham sido feitos pelos Xinjes. Prevenia-nos d'estas faltas para os nossos se cohibirem de praticar mais roubos nas cargas, pois quem os vestia e lhes dava bom comer, como elle e todos viam, não merecia ser roubado.

Aqui estava pois mais uma lição do gentio aos homens que se lhe querem apresentar como civilisados! Por aqui se conhece como os vicios adquiridos entre os povos mais em contacto com a civilisação, se transmittem nestes sertões!

E que remedio senão agradecer-lhe a prevenção. Emquanto aos nossos postos assim a descoberto, nem uma palavra tiveram de desculpa com que retorquir-lhe!

Acabou emfim mais esta embrulhada, em que os que nos acompanhavam, que só viam em cada gentio um ladrão, foram por elles mesmos apontados como mestres no officio! Ao menos estes roubavam pedindo, e contentavam-se com o que se lhes dava; e elles roubavam, tirando o que em boa fé lhes fôra confiado!

Apesar do mau tempo e da muita chuva, na manhã do dia 4 vieram alguns carregadores para receber pagamentos e outros para se lhes distribuirem cargas, mas não appareceram todos os precisos, nem as chuvas permittiam que continuasse aquelle serviço.

Mona Mahango entendeu dever presentear-nos com uma vacca e Mona Mutumbo com uma boa cabra para a nossa viagem, o que nos fez bom arranjo e que retribuimos logo.

Como terminassem os fornecimentos que haviamos feito para a viagem, propozemos a Mona Mahango, e foi acceite, que se fizesse aqui o pagamento de rações para dez dias com fazenda de lei e que cada um fosse comprar o que quizesse para o caminho. Deu-se ordem para que este pagamento se realisasse no dia seguinte, o que se effectuou.

No dia 6 quando nos levantámos, tivemos noticia que ainda de noite, uma porção de homens armados vindos das povoações, passára junto á Estação pelo caminho de S.-E. dizendo alguns d'elles que iam amarrar um feiticeiro numa senzalla proxima. Mais tarde vendo que continuavam a passar de corrida por esse caminho alguns rapazes com espingardas e flechas, interrogámos um, sobre as novidades que haviam e disse-nos:

— Que de noite chegára um aviso da povoação de Mona Quibulungo, pae de Mona Candala, de estar aquelle doente e de já terem morrido cinco mulheres na povoação por feitiços do irmão do Tendala de Mona Mucanzo, o qual em tempo soubera pelos adivinhos que sua mulher morrêra por feitiço de Mona Quibulungo.

Não havia que ver, teriamos mais demoras esperando que se resolvessem estas pendencias, nas quaes interviria por certo tambem Mona Mucanzo em favor do seu Tendala!

Ás 8 horas e meia sentiram-se um pouco distante os canticos de victoria. Eram os homens que chegavam satisfeitos com os despojos da guerra — gallinhas, esteiras, panellas, etc., e um velho amarrado!

Mona Candala fôra esperar a sua gente um pouco além do nosso acampamento. Diziam depois que em attenção a Muene Puto, fizera cortar as cordas que amarravam o velho, indo todos para a povoação. Mona Candala veiu depois ao nosso encontro cumprimentar-nos e dizer-nos que aquelle incidente em nada nos prejudicava, e que contassemos que elle apresentaria no dia seguinte todos os seus carregadores para podermos partir quando quizessemos.

Appareceram os carregadores que faltavam para receber rações, e acabou-se com mais um fardo de fazenda de lei a qual não nos deixou saudades, porque era uma rede que nem para mosqueteiros servia.

Apresentaram-se de facto no dia 7 os carregadores, porém a chuva até depois de meio dia pouco serviço nos deixou fazer; não houve remedio senão adiar a partida para o dia 8.

Recebemos neste dia uma carta do ajudante prevenindo-nos que Mucanzo tencionava partir com os seus homens e fazer fogo contra Quibulungo, por causa da prisão que Mona Candala mandára effectuar do irmão do seu Tendala, e por isso pedia para avançarmos.

Entre a correspondencia que recebemos de Malanje no dia 5 vieram alguns jornaes da metropole, e num d'elles lemos uma carta do consul inglez em Moçambique para a Real Sociedade de Geographia de Londres, sobre a bella organisação da expedição do nosso sempre laureado Serpa Pinto que nos impressionou bastante!

Assim, sim; pode atravessar-se a Africa e viver-se no centro d'ella!

De tarde despedimo-nos de Mona Mahango, de Mona Mutumbo, de Candala e de todos os personagens mais importantes nas suas proprias povoações que percorremos, e marcámos a partida para a madrugada do dia seguinte.

Não foi sem muito trabalho, depois de almoçar, que conseguimos ver partir o sub-chefe com a sua secção, da qual faziam parte os carregadores de Mona Mahango e de Quienza, seguindo-se-lhes o empregado europeu Augusto Cesar com os carregadores de Malanje.

Como apesar de tantos carregadores que tivemos de contractar não nos fosse possivel dispensar os carregadores das redes de transportar cargas, pela primeira vez o sub-chefe se viu obrigado a montar um dos bois, e nós, a quem não agradava este meio de conducção, dispozémo-nos a fazer as marchas a pé entretendo-nos com os nossos reconhecimentos.

Passava do meio dia quando seguimos com Augusto Jayme atrás da ultima secção, de que faziam parte os carregadores de Mona Candala e de Mona Mutumbo.

Já era tempo!

EM VIAGEM

uando entrámos na povoação de Mona Mahango, já esta e as mulheres e raparigas esperavam por nós de um e outro lado do caminho por onde tinhamos de passar para se despedirem, e a seu modo nos demonstrarem os melhores desejos de que tivessemos uma viagem feliz.

Era o caminho para a povoação de Mona Mucanzo já de nós conhecido, e podiamos vencê-lo em tres horas, porém como estivessemos molhados porque durante uma hora marcharamos debaixo de chuva, e como não quizessemos logo no primeiro dia contrariar os carregadores que nos pediram depois de passado o rio Lumónhi para acampar na sua margem, fizemos-lhes a vontade, tendo apenas andado 10 kilometros, e mandámos prevenir o sub-chefe, pelos carregadores que transportavam a sua cama e os volumes que lhe eram indispensaveis, para não nos esperar.

Tivemos de atravessar um pantano, ficando-nos o calçado usual em misero estado. O nosso creado Antonio para o enxugar, entendeu torrá-lo ao fogo, o que nos contrariou bastante, por sermos forçados, mais cedo do que queriamos, a usar de botas d'agua, ao que nos queriamos esquivar.

Os carregadores, ou porque fosse o primeiro dia de viagem, ou porque lhe houvessemos feito a vontade portaram-se muito bem, acondicionando as cargas o melhor possivel num largo distante dos seus fundos, que primeiro limparam rapidamente do capim, arranjando-nos em seguida um alojamento em que nos accommodámos com o que nos era necessario.

Já tarde e ao clarão das fogueiras, mestre Marcolino apresentou-nos uma refeição que improvisára conforme poude, e pela primeira vez comemos infunde e com tal appetite que nos soube bem.

Tudo estava em socego, o que ha muito tempo não sabiamos o que era, e emquanto saboreavamos uma chavena de café ouvimos num acampamento proximo um individuo fallando aos demais ácêrca das recommendações dos seus anganas, para manterem ordem e socego, cuidarem das cargas de Muene Puto e da necessidade de não dar motivo ao senhor major para elle se queixar dos filhos de Mona Mahango. Respondia-lhe Jayme, que os Xinjes eram filhos de Muene Puto, e que o senhor major era agora o pae de todos, que ali só havia amigos e era o interesse de todos chegarem as cargas bem ao seu destino.

Ainda por algum tempo fallaram um e outro sobre o mesmo assumpto, e pouco a pouco se estabeleceu o silencio, ouvindo-se só de quando em quando um a dar as boas noites aos mais.

Depois de lançarmos no Diario as occorrencias da jornada, adormecemos embrulhados numa manta de lã sobre a cama de campanha ao calor de um brazeiro, não sem nos termos lembrado que apesar de afastados da Estação Costa e Silva, ainda estavamos dependentes dos Xinjes.

Dormimos bem, e de madrugada, depois de fechado e posto em ordem de marcha o que nos pertencia, despertámos a gente

dos diversos acampamentos e conseguimos sem bulhas que um pouco antes das sete horas principiasse a desfilar a comitiva.

Ás oito horas entravamos na povoação de Xa Cafúxi, onde as mulheres nos esperavam para nos saudar e acompanhar até á povoação de Mona Mucanzo, cantando e batendo as palmas, correndo ora adeante ora atrás de nós e obrigando-nos a parar por vezes para nos verem mais de perto.

A interpretação que nos deram dos seus canticos resumia-se nisto:—«Hoje é dia grande! dia de festa! ninguem vae ás lavras trabalhar! veiu o senhor major; chegou Muene Puto!»

Tinhamos feito apenas uma marcha de 5 kilometros. Ao chegarmos á povoação de Mona Mucanzo vieram ao nosso encontro os collegas que já nos esperavam, acompanhando-nos até á habitação que nos fôra destinada por Mucanzo.

Haviamos transpirado muito e por isso mudámos logo de roupa, tomámos uma porção de sulfato de quinina e em seguida occupámos um logar á mesa do almoço, mandado preparar pelo ajudante.

Já conheciamos a povoação cuja altitude pouco differia da registada na Estação Costa e Silva, 767 metros acima do nivel do mar. Como nada houvesse para despertar a nossa curiosidade, tratámos logo de providenciar ácêrca do que consideravamos mais urgente, a saber: de carregadores para substituição de alguns doentes, de arranjar outros para auxiliarem os da cadeira e fazer pagamentos de rações aos que ainda as não tinham recebido, ficando a cargo do ajudante os da sua secção, que partiu antes da resolução tomada de se fazerem em fazenda de lei por falta de mantimentos á venda.

Mucanzo veiu cumprimentar-nos felicitando-nos pela nossa chegada ao seu sitio, e mostrar-nos quanto sentia as occorrencias que se deram com a gente de seu irmão, e que este fosse ainda tão criança que se esquecesse dos beneficios que sempre lhe dispensaramos.

—E que não nos deviamos admirar da sua maldade, proseguiu elle, porque conheciamos o atrevimento que tivera comsigo, indo assaltar a senzalla do irmão do seu Tendala e

fazendo amarrar o pobre velho. Mas este atrevimento havia elle de pagá-lo e bem caro.

Com respeito ao caminho, disse — que o que tinhamos a seguir como melhor, na sua opinião, era desviar-nos do Caianvo, para evitar exigencias que elle agora de certo nos faria depois de estarmos tanto tempo em Mona Mahango. O bom caminho era o que partindo da povoação de seu defuncto irmão seguia para o sol nascente e que passava 18 ou 20 kilometros a norte d'ella.

— Não queria enganar-nos dizendo que podiamos partir no dia seguinte, porquanto os rapazes depois de receberem as rações seguiam para as suas habitações em sitios distantes, e só podiam esperar-se no outro dia.

Pediu-nos para darmos ao velho Quicorazónhi um sombreiro de panninho de diversas côres, para elle não marchar com a cabeça ao sol.

Á noite fomos pagar a visita a Mucanzo, que nos pediu lhe deixassemos cartas de recommendação para boas casas de negocio em Malanje e em Cassanje, pois desejava que quando os seus rapazes voltassem do Peinde, fossem depois com impungas seus negociar a borracha que trouxessem em estabelecimentos onde soubessem quem elle era, e as boas relações que mantivera comnosco.

Nessa mesma noite depois de recolher escrevemos duas cartas neste sentido, uma para Custodio Machado e outra para Narciso Paschoal.

Chovêra tanto depois de estarmos deitados que as coberturas dos alojamentos funccionavam como filtros, e nós até de madrugada estivemos na cama, onde puzemos os papeis e livros, cobertos com uma capa de oleado e de chapeu de chuva aberto protegendo a cabeça e os hombros. E esta posição forçada em que nos collocaramos, com a manta e a capa chegadas ao corpo, e a porta da cubata fechada, provocou-nos uma transpiração copiosa.

Fomos dar um passeio com Mucanzo pelas suas lavras. As terras pareceram-nos excellentes para as culturas ordinarias

que conhecemos na região, que não differiam das de sua mãe, sendo tambem as suas mulheres que cuidam d'ellas depois do amanho que fazem os rapazes antes da sementeira. As terras estavam tão bem tratadas como as de Mona Mahango.

No transito fallou-nos na intenção de comprar armas e polvora em Malanje para ir guerrear Quilelo, que se apoderára do logar de Capenda que lhe pertencia, e o qual já contava que Caianvo, seu irmão, lhe succedesse. E para esta guerra, disse-nos Jayme, que na occasião era o interprete, Mucanzo desejava um *xinele* como o que Muene Puto deu ao senhor capitão!

Confessâmos que nos intrigou uma tal interpretação e rimos suppondo que o nosso camarada, em alguma occasião que estivesse bem disposto, se entretivera com Mucanzo a exaltar a excellencia dos seus chinelos, e só depois de muitas explicações conseguimos saber que se tratava de uma condecoração, a que Jayme queria chamar signal, mas que pronunciava *xinele* e nós julgámos ser chinelo.

Postos ao facto do que se tratava, dissemos ao Jayme que aquelle signal, como elle lhe chamava, dava Muene Puto aos seus subditos que se tornavam distinctos quer na guerra quer em paz, mas não para os livrar de morrerem em combate. E como Mucanzo nos rogasse então para pedirmos ao subchefe que lhe desse um remedio para esse fim, tivemos de entrar em novas explicações, admirando-se elle muito que Muene Puto, que tudo sabia fazer, ainda não tivesse mandado preparar um remedio para repellir as balas do inimigo.

Fallou-nos depois dos seus amuletos e convenceu-nos que entre elles se fazia distincção entre amuletos e idolos. Julgava que uma condecoração era o mesmo que um amuleto entre elles, porque os usam ao peito, nos braços, nas pernas, na cintura, segundo as circumstancias que reclamam o seu emprego, e como nós andassemos com todo o corpo coberto pelo vestuario, não sabia se além de usarmos as condecorações sobre os casacos as traziamos por debaixo junto á pelle.

Como elle gostava de saber, fomos minuciosos nos esclarecimentos que lhe prestámos sobre o assumpto.

Quando lhe dissemos que era um crime usar uma condecoração que não fosse concedida por Muene Puto, perguntou-nos se elle não podia comprar uma e trazê-la ao peito.

—Pode, lhe respondemos, como tambem nós podemos comprar uma machadinha igual á do Capenda, como qualquer pessoa pode comprar umas miluínas iguaes ás do Muatiânvua; —mas diga-me Mona Mucanzo, se nós andarmos constantemente com a machadinha ou com as miluínas, ficâmos sendo Capenda ou Muatiânvua? Riu-se e respondeu: — tem razão o meu amigo, e nós só pensâmos em tonterias por não termos mestres que nos ensinem.

No dia 10 Mucanzo auxiliou-nos na distribuição das cargas pelos seus rapazes que foram apparecendo, e resolveu bem algumas pendencias que se deram entre diversos, que pretendiam recusar-se a receber as cargas que haviam trazido á Estação, não suppondo que tivessemos tomado nota d'elles.

Na manhã de 11 continuaram a apresentar-se os carregadores e como ás 10 horas só esperavamos por Quicorazónhi, almoçámos emquanto Mona Mucanzo andava no acampamento fazendo recommendações aos carregadores—para cuidarem bem das cargas e não o envergonharem com os seus amigos, pois elle queria a protecção de Muene Puto quando tomasse conta do seu estado de Capenda; e se algum não pudesse com a carga, entregasse o pagamento a qualquer dos rapazes que estavam presentes e que não faziam parte da comitiva.

Faltavam dez minutos para o meio dia quando principiou a desfilar a Expedição, marchando na frente o ajudante com o pessoal de Mucanzo, seguindo-se a ordem que trouxeramos da Estação.

Estando tudo em marcha despedimo-nos de Mona Mucanzo, abraçando-o e agradecendo-lhe os seus esforços em desfazer algumas difficuldades, que sempre ha para arrancar uma comitiva numerosa d'uma povoação, sobre tudo quando ella é na maior parte composta como era a nossa, de individuos que pertenciam a essa povoação ou deixavam parentes e amigos de quem tinham de ausentar-se por algum tempo.

Podia fazer-se a viagem á povoação do fallecido Mucambo num dia, porém, attendendo a que a começaramos muito tarde e que havia necessidade de construir abrigos fora da povoação, acampámos depois de ter passado o rio Cóli, sendo o percurso de 11 kilometros no rumo que em media pouco se afastou de E.-SE.

Logo ao sair da povoação descemos a um profundo valle onde corria pelo S. o riacho Quimbango, e pouco depois passámos o Bandamate, affluente d'elle.

Para passar o Cóli, julgou-se ainda assim conveniente armar metade da nossa canoa, servindo-nos de um cabo em vez de remos para a mover de uma para outra margem.

Como fôra combinado acamparam as secções separadas umas das outras, ficando as barracas dos chefes á frente de cada secção e dispostas todas num triangulo; e as cargas adeante, devidamente arrumadas e protegidas das chuvas, eram vistas das barracas.

Um dos nossos bois de monta extraviara-se da manada, e apezar das diligencias que se empregaram não se conseguiu agarrá-lo.

A marcha no dia 12 começou pouco depois das 7 horas e foi apenas de 8 kilometros entre os rumos E. e E.-SE. continuando o terreno como na vespera a apresentar-se ondulado, sendo cortadas as depressões por linhas de agua de pequena importancia, a maior parte das quaes desapparecem no tempo sêcco, correndo quasi todo o caminho desde a povoação de Mucanzo entre florestas. Registaram-se nos acampamentos altitudes sempre superiores ás do dia anterior, na aba de uma serra a leste da povoação de Mucambo 897 metros, e em Cóli 788 metros.

A mais de meio percurso passado o rio Camilenga atravessámos a povoação de Quicóxi, ficando á sua frente pelo lado do norte as terras lavradas que lhe pertencem. Descançámos nesta povoação uns dez minutos, porque as mulheres e rapazio corriam para nós gritando: *Muene Puto ueza tucusota cumumona* («chega Muene Puto, desejâmos vê-lo»).

No grupo de mulheres e crianças que nos rodearam, nem pelas formas, estatura, feições, penteado, vestuario, gestos e vozes conseguimos destacar um typo diverso dos já conhecidos em Mona Mahango e no Mucanzo, parecendo-nos a gente mais timorata, mais humilde e tambem mais pobre, o que condizia com o aspecto da povoação e grandeza das terras lavradas que estavam á vista, e que diziam haver necessidade de alargar mais.

Quando passámos na povoação de Mucanzo viramos apenas alguns rapazitos e pelas costas tres mulheres que fugiam a esconder-se nas cubatas, mas sempre curiosas, procurando observar-nos julgando não serem vistas.

As cubatas eram de altura muito regular e de maiores frentes que as de outras povoações de Xinjes já conhecidas. Entre estas havia bons largos limpos de capim e assombrados por frondosas arvores não muito altas.

Apontaram-nos a cubata em que ficára o corpo do fallecido potentado, emquanto não vinham ordens de Mona Mahango para ser enterrado; demora que dera já motivo a que as mulheres fossem insultar os da povoação de Mucanzo. Esta cubata estava completamente fechada e cercada com paus em redor, para ninguem d'ella se approximar.

Emquanto se não enterrassem os ossos do potentado, nenhum dos herdeiros podia tomar conta da povoação e do que lhe pertencesse, e por isso Mona Mahango nomeára o seu Quibinda (caçador) para tomar conta d'ella, vigiando tambem os ossos de seu filho.

Já depois de estarem alguns abrigos construidos nos acampamentos, notámos um movimento extranho com as cargas em frente da nossa barraca, e fomos informados que alguns Xinjes pensavam em voltar aos seus sitios para trazerem de comer, no que de certo não gastariam menos de tres dias. Entendemos porém dever esperar que alguem nos viesse fallar nisso.

O interprete dera parte ao sub-chefe que Quienza, o cabeça da comitiva sob suas ordens, participára que na povoação do

Quibinda não acceitavam fazenda para compra de sustento, e que por isso os seus rapazes tinham necessidade de ir a casa.

Custa a crer que o nosso interprete tivesse passado a maior parte da sua vida entre o gentio e não soubesse auxiliar-nos, resolvendo muitas questiunculas de que nem mesmo precisavamos conhecer o motivo. Por vezes quiz-nos parecer que este homem, ou tinha medo do gentio ou então estava com elle combinado, sendo certo que mais advogava a seu modo os interesses d'elles, do que os nossos.

Convencido que se tratava de levantar um pretexto para qualquer fim, e que era levantado pelo proprio Quienza, e só entre os rapazes que foram confiados á sua vigilancia, e estando nós a combinar com o ajudante sobre o modo de fazer apanhar o boi que ficára atrás, interrompemos a conferencia para ouvirmos Quienza que mandaramos chamar, o qual nos disse: — Que nós não lhe deramos rações, e os seus rapazes queriam uma cabeça de gado!

Que cousa tão differente do que nos transmittira o primeiro interprete!

Effectivamente razão tinha Quienza em se queixar de falta de rações, mas a culpa não era nossa, porque fôra Mona Mahango que á ultima hora ordenára que elle viesse com Quicânua, e só uma vez o viramos e de fugida na povoação de Mucanzo, não tendo sido nós que o ajustaramos para nos acompanhar. — Disse, pois, que lhe daria as rações que lhe eram devidas, e que tinha tenção, prestando elle bom serviço até Quimica, de o gratificar, assim como a todos os cabeças das comitivas, todavia advertia-o já que não era bom serviço desinquietar os seus rapazes para voltarem atrás. Mona Mahango mandára-o nesta diligencia para nos auxiliar aconselhando os rapazes a manterem a ordem e não a promover conflictos; que reparasse que a gente de Mucanzo, sob as ordens do ajudante, tinha vindo socegada e não se queixava; a de Mona Mutumbo e Mona Candala que marchava comnosco tambem estava satisfeita, finalmente que os seus eram tratados do mesmo modo que os demais carregadores.

No recinto limitado em torno da cubata só podiam entrar os caçadores, os quaes se lá apanhavam alguem extranho, esse individuo era tomado com uma fera disfarçada em forma humana e logo amarrado, livrando-se da prisão junto á porta da cubata por meio de resgate ou de venda, e se ainda estivesse prezo quando se fizesse o enterro dos restos do potentado era sepultado com elles.

Dizia Quibinda estar agora descançado, porque os ossos estavam já sob a guarda da mulher que fôra Muári do seu amo, e que esta não podia ter relações com outro homem sem que se fizessem as cerimonias funebres, as quaes só se celebravam depois dos ossos enterrados.

Como ella se não podia afastar da cubata que fizera ao pé da do seu amo, todas as suas servas estavam desesperadas pela demora havida em se fazer o enterro, e por vezes tinha mandado pedir a Mona Mahango que mandasse chorar a morte do filho, porque já depois d'elle se tinham enterrado muitos defuntos sem cerimonias, por se não poderem fazer, emquanto os ossos do chefe não tivessem sepultura, apparecendo os cazumbís d'aquelles defuntos todas as noites a pedirem ás familias que os chorassem se queriam ter felicidade.

Mucanzo tendo tomado conta dos filhos do irmão, fizera das mães suas concubinas, e estas a pouco e pouco tinham ido chamando para si as servas da Muári, e isto exasperára os companheiros d'estas, porque não queriam abandonar a terra, indo de quando em quando procurar a gente de Mucanzo.

—Elles teem razão, ajuntava Quibinda, e eu não posso oppor-me a que façam desfeitas a Mucanzo, e podem mesmo as raparigas que para lá foram enfeitiçá-lo sem que me seja licito intervir, por ser crime feito em terra a que sou extranho.

—Ultimamente mandou dizer-me Mona Mahango, continuou elle, que o enterro se faria depois de regressarem todos os rapazes que iam acompanhar Muene Puto, e que seria nomeado seu filho Candala para tomar conta do sitio; e este de certo havia de reclamar as raparigas que foram amazias do fallecido. Para evitar questões entre os irmãos mandára

lembrar a Mona Mahungo que sujeitasse esta povoação ao domínio de Muzaza, e que elle ficaria ahi encontrando as suas ordens. Esperava a sua resposta.

Relativamente ao sitio, informou-nos que eram mais as aguas, e que a estas se attribuiam dôres de cabeça e de ventre, e a origem de doenças que em pouco tempo tinham termo fatal. Tambem tinham morrido varias pessoas mordidas por cobras que vinham do mato á povoação, mas a gente não as matava, apenas as enxotava por não saberem se era Mucambo disfarçado que vinha vigiar como tratavam os seus ossos!

Emquanto estes não eram enterrados, todos os presentes que Quibinda recebia ia-os apresentar á porta da cubata em que elles estavam, e fallava ao amo como se elle estivesse dentro.

—Este presente, ó senhor da terra, dizia elle, veiu para ti; vê bem no que consiste e toma nota que tudo guardo para lhe dares o destino que quizeres. Tudo se amontoava na habitação para ser entregue ao herdeiro.

O interprete certificou-nos que, depois de haver entregue o presente que lhe enviaramos, Quibinda agradecêra e se dirigira em seguida á porta d'aquella cubata, apresentando-o peça por peça ao fallecido amo; que em seguida ajoelhára, esfregára o peito e braços com terra e lhe fallára assim:— Muene Puto que tu desejavas ver não te encontrou, mas veiu á tua terra e trouxe o presente que te mostrei.

A chuva —mesmo dado o caso que não estivessem já combinados, pelo menos os chefes das comitivas Xinjes, em passarem na povoação o dia 13 para comerem á custa de Quibinda— não nos permittiu que marchassemos neste dia, e para evitar novos pretextos que nos empatassem no seguinte chamámos os velhos e mostrámos-lhe o presente que iamos enviar a Quibinda, o qual nos mandára dizer de madrugada que os carregadores podiam ir comprar mantimentos á povoação e que a fazenda de lei era bem recebida.

Depois d'isto os velhos, manifestando o seu agradecimento por Muene Puto se não ter esquecid[illegible]ibinda, trataram

de fazer recriminações aos seus rapazes,
eram maus; que não queriam obedecer a
etc.; e como comprehendessemos que os
que Quibinda fosse contemplado com o pr
que acompanhassem o nosso muzumbo e
recendo pouco depois e durante a tarde
fazerem negocio no acampamento.

Acabavamos de jantar quando se apres
tido á europea. Á primeira vista não o re
agradecer-nos o presente. Conversámos c
cureceu sobre os usos do paiz e sobre a
das de que tratâmos em outro logar.

No dia 14 ás 7 horas da manhã, depoi
mos sobre a substituição dos doentes por
transporte de cargas, avançou a Expedição
doentes e supprimento de agua fomos aca
do Calúa depois de o passar a vau, tendo
quena, 9,200 metros apenas entre os rumos
sobre terreno bastante accidentado.

A collina em que acampámos era sobrepu
arvoredo, e a sua altitude registada foi de 873
inferior á do ultimo acampamento, não obst
elevado por vezes a maior altura.

Se lamentavamos as pequenas marchas, tinh
a recear que as chuvas e os doentes nos obrigass
demoras, portanto do mal o menos; porque, se
siado, a fraqueza dos carregadores Xinjes, e o fa
o sub-chefe andarmos a pé por falta de conducçã
ageitarmos a montar os bois eram contrariedades
as marchas embora pequenas davam sempre logar
de localidade e a entretermos o pessoal em movime
sempre julgámos muito conveniente.

A temperatura tornára-se insupportavel nas bar
lona. Neste dia não nos foi possivel trabalhar nem de
dentro d'ella, tivemos de nos accommodar á sombra
arvore para marcar o itinerario da marcha e continuar

investigações sobre as linguas d'estes povos. As barracas de lona, convenientemente modificadas para terem a necessaria ventilação, serão abrigos muito acceitaveis para viagem, quando se possa previamente escolher o logar em que se devem assentar, porém para permanencia são preferiveis as habitações mais altas do que as que vemos nas senzalas, e em viagens diarias, os abrigos (fundos) que fazem os carregadores, os quaes, além de mais frescos, quando bem revestidos de capim protegem melhor das chuvas; são tambem muito mais economicos, porque dispensam um carregador para a barraca, e esta quando molhada torna-se um fardo muito incommodo.

Proseguiu a Expedição a sua viagem no dia 15 depois das seis horas da manhã, subindo primeiro pela serra em que estivera acampada para descer ao rio Xancôa. Em seguida e sempre no rumo entre E. e E.-SE. cortámos serras que se desenvolvem em diversas direcções entre linhas de aguas, as quaes em differentes pontos das suas margens apresentavam boas lavras de mandioca, cujas plantas nos impressionaram pela robustez das hastes e grandeza das folhas.

Depois de passarmos o rio Urinda acampámos e já fatigados na altitude de 968 metros, sobre a vertente de uma montanha que nos disseram chamar-se Dinga.

Passámos pela povoação de Camba Angunza, onde nos aguardava Quincânua, que viamos pela primeira vez depois de sair de Mona Mucanzo, e que nos acompanhava até ao Urinda.

Esperando na margem que os carregadores passassem o rio, mostrou-nos elle as ruinas do acampamento dos Allemães que seguiram pelo caminho a S.-E. para o Caianvo, e tornou-nos a fallar nas vantagens que encontrariamos se fossemos acampar na povoação d'este potentado, dando-nos a entender que viera do sitio de Mucanzo comnosco por causa de Quicorazónhi e Quienza o quererem intrigar com Mucanzo, por elle nos aconselhar a seguirmos o caminho dos Allemães.

Chegámos cançados, aborrecidos e transpirando muito, não porque a marcha fosse grande, 10:400 metros, mas devido ás ondulações do caminho. Além de soffrermos de dôres de

cabeça e de relaxamento de ventre, o facto de não trazermos meias de lã dera logar a que as botas de agua que calçavamos nos magoassem muito os calcanhares a ponto de os ferirem.

O insupportavel *cambululo*, insecto insignificante pelo tamanho mas em demasia importuno, aguardava-nos neste acampamento. Quem tiver a infelicidade de usar de luneta mais mortificado é, porque elle obriga constantemente a sua victima a desarmar a vista, e nem de proposito, o melhor logar que escolhe na cara para a flagellar, é junto ao nariz, entre os olhos e os vidros da luneta. Esta perseguição constante dura até ao sol posto, sendo só então que nos favorece com sua ausencia!

Mas não foram só estes os importunos que tivemos de aturar durante o dia. Lembrou-se Quicorazónhi de nos procurar por vezes para nos atormentar sob varios pretextos.

Primeiro apresentou-nos um sujeito, como enviado de Mona Cafunfo, para nos avisar, que Caianvo mandára retirar do seu sitio os Bângalas armados que ali nos estavam esperando, visto elle não querer questões com Mona Mahango que nos entregára os seus filhos para transportarem as cargas de Muene Puto, acrescentando que os ditos Bângalas tinham ido todos para o Cabouco nas margens do Uhamba e que d'ali viriam ao nosso caminho.

Encarregou-se Quicânua de desmenti-los, asseverando ter estado no dia anterior com o Caianvo, e censurou-os asperamente por nos pertenderem enganar constantemente.

Como este pretexto não produzisse o effeito desejado, pediu então Quicorazónhi se davamos alguma cousa aos seus rapazes para comprarem de comer. Bem conhecia elle que não tinham razão, porque ainda faltavam tres dias para pagamento de rações, mas como eram crianças, observou elle, dissiparam a fazenda que receberam com as raparigas.

— É outra mentira que vocemecê nos está contando, lhe respondemos, porque a fazenda das rações anda em redor da cintura e da cabeça dos rapazes; aquella fazenda deu-se para compra de comer e não para vestirem; a de vestir foi o pagamento que fizemos segundo o seu ajuste.

— Esse pagamento, retorquiu elle, foi entregue aos nossos anganas e os rapazes com pouco ficaram.

— Não somos nós, lhe replicámos, que temos culpa d'isso; e demais perdemos tres dias acampados, e as marchas teem sido muito pequenas, o que nos está prejudicando muito; todavia, se ámanhã continuarmos a viagem, quando se acampar, dar-lhes-hemos alguma cousa, visto os seus anganas serem pouco generosos. E fazemos-lhe isto porque se teem portado bem e por ser a primeira cousa que vocemecê nos pede.

Mostrou-se Quicorazónhi satisfeito e retirou-se. Á noite, depois de restabelecido o silencio nos acampamentos, ouvimo-lo usar da palavra e em grande grita recommendar a todos os Xinjes — que olhassem bem pelas cargas de Muene Puto, e que se apparecessem os Bângalas cada um defendesse a sua e morresse ao lado do senhor major que era o pae de todos, era Mona Mahango, Mona Mucanzo, Mona Mutumbo e Mona Candala! Era elle emfim quem dava de comer e de vestir a todos, e tambem polvora para se carregarem as armas quando fosse preciso, etc.

. . . . . .

«Eis o que elles querem, escreviamos nós no nosso Diario, lembram-se dos Bângalas para nos pedirem polvora! São artificiosos em inventar pretextos para satisfazerem os desejos que de momento a momento lhes apparecem! E que remedio senão ceder alguma cousa para não perdermos muito mais!

Cada dia de demora são 260 bandos de fazenda ou 26$000 réis só para os Xinjes! E se não cedermos podem aqui deixar-nos, o que seria peor, além da despeza feita que se tornaria infructifera.

Regatearemos emquanto pudermos, cederemos o menos possivel, lembrando-nos dos Chins que pedem muito e se contentam com pouco, não obstante pedirem sempre».

. . . . . .

Deitámo-nos convictos de que no dia seguinte não marchariamos, porque mau tinha sido pensarem em que lhe deviamos dar alguma cousa. De facto, logo de madrugada procuraram-nos

os chefes das comitivas dizendo haver alguns doentes que não podiam marchar e que todos se queixavam de terem fome.

Tinha sido agarrado o boi que fugíra, e por isso dissemos que davamos d'aquelle boi e mais duas jardas de fazenda a cada Xinje, mas no primeiro acampamento a que chegassemos.

Foram jimbular e voltaram pouco depois dizendo — que ninguem podia acceitar o boi que eram as pernas dos brancos para caminharem nas terras de Muatiânvua, e que todos ficavam muito contentes se lhes dessemos uma peça de fazenda por cada dois carregadores, e que nada mais pediriam até ao fim da viagem.

Perguntámos aos cabeças se tomavam a responsabilidade do que promettiam os seus rapazes, pois tinhamos razão de sobra para os não acreditar.

— Ninguem pode pedir mais nada, foi a resposta, e se não saimos em seguida d'aqui, acrescentou Quicorazónhi, é porque em todos os acampamentos temos doentes como pode verificar o senhor sub-chefe.

Em todos os acampamentos se fez pagamento de quatro jardas da chita avariada a cada homem, pedindo-nos depois Quienza, por intermedio de Quicânua, se lhe pagavamos a elle a gratificação que tencionavamos dar-lhe, para aproveitar um rapaz que viera vê-lo e que podia na retirada levar a chita para as suas raparigas.

Tendo-se dado aos carregadores tres peças, apezar d'elle não transportar carga como representava Mona Mahango, de accordo com Quicânua mandámos entregar-lhe duas peças.

Acabára tarde o pagamento. De facto havia doentes, e ainda no dia 17, dando-nos parte o sub-chefe que um rapaz de Mona Candala estava impossibilitado por alguns dias de transportar carga e neste dia mesmo de se levantar, de combinação com o encarregado de vigiar pela comitiva a que elle pertencia, démos por concluido o seu contracto para poder regressar.

Como nos mostrasse receio de se apresentar a Mona Candala, porque podia este suppôr que fugíra abandonando a sua carga, aproveitámo-lo como portador da correspondencia para

José de Vasconcellos, a quem encarregámos de communicar a Mona Mahango o nosso descontentamento com todos os Xinjes pelas pequenas marchas e grandes demoras que tinhamos tido, e muito principalmente com os homens que vinham encarregados de os vigiar, pelas suas exigencias, pois que, em vez de nos auxiliarem, ou por medo dos rapazes, ou talvez combinados com elles eram os primeiros a contrariar-nos.

Aproveitámos os dias 16 e 17 em trabalhos exclusivamente de gabinete, nos estudos a que mais especialmente nos tinhamos dedicado, e providenciámos para se abaterem algumas cargas de modo a ficarem dois carregadores disponiveis para o caso de termos de substituir mais algum doente.

Estava tudo preparado para continuarmos a viagem no dia 18, e á ultima hora ainda fomos obrigados a fazer substituições por ser preciso armar-se a nossa rêde para o transporte de Paulino, contractado em Loanda, que se apresentou impossibilitado de andar.

Seguindo o rumo entre E. e E.-NE. ora subindo ora descendo as serras que se nos apresentavam parallelas umas ás outras e descaindo para N.-W., fomos acampar depois de uma fatigante marcha de 9:800 metros na serra entre os rios Tumba e Samba, numa altitude de 1:116 metros.

Como de costume, a marcha não fôra grande, mas fôra penosa devido ao excesso de calor.

É occasião de dizer, por julgarmos de grande vantagem esta indicação para os que teem de viajar em Africa, que nunca deixámos de usar além de camisola, camisa e ceroulas de flanella clara, calças, collete e blusa tambem do mesmo tecido azul escuro. Sempre que chegavamos de viagem com a roupa repassada de suor, despiamo-nos completamente, embrulhavamos numa manta de lã e assim nos conservavamos sobre a cama de campanha pelo espaço de meia hora. Tomavamos então mais uma dóse de sulfato e emquanto houve, uma chavena de café, bem quente. Coberto assim com a manta esperavamos algum tempo e vestiamos então roupa completamente enxuta.

A roupa que tiravamos ia logo para o rio, onde se deixava ficar sujeita á acção da corrente, e depois de escorrida era enxuta, preferindo-se sempre os logares assombrados á exposição ao sol.

Duas mudas de fato andaram sempre neste serviço por muito tempo, e quando esquecemos esta precaução e puzemos mais roupa a serviço foi quando ella mais se inutilisou ou se extraviava.

Não é indifferente ao viajante em Africa o attender ao vestuario, seu acondicionamento, modo de o conservar e condições a que deve satisfazer, conhecimentos estes que só com a pratica se adquirem. Tanto estas como outras indicações que constituem advertencias essenciaes, fomo-las registando pouco a pouco e estão colligidas sob o titulo de «Guia para uso do viajante em Africa», que se encontra no ultimo volume das nossas publicações: *Meteorologia, Climatologia e Colonisação.*

A falta de mantimentos fez-se sentir neste acampamento, e por isso nos vimos forçados a contemplar os mais debilitados com uma cabra que destinavamos para nosso rancho, e no dia seguinte para podermos continuar a viagem tivemos de sobrecarregar soldados e contractados com as subdivisões de cargas de dois homens que pelo seu estado de fraqueza não as podiam transportar.

Devido a estas providencias pudemos fazer no dia 19 a nossa oitava jornada que foi de 10:700 metros, cortando montanhas já mais alterosas e accidentadas do que as anteriores, pouco nos desviando no rumo E. Passado o rio Sequéji acampámos a 300 metros distante delle numa altitude de 1:200 metros, aproveitando-se a sombra de um bom e frondoso arvoredo.

Não podia ser maior a marcha, não só porque a temperatura logo de manhã era elevadissima, mas porque era fatigante o accesso ás altas montanhas, e abafava-se entre o arvoredo que as revestia.

Num dos planaltos a nossa vista dominava as depressões que nos rodeavam, e as alterosas serras em escalões que se desenvolviam até ao extremo horisonte.

Os valles eram formosissimos e regados por linhas de aguas que ora se viam ora desappareciam entre a prodigiosa vegetação, correndo para N., N.-W. e N.-NW. para irem confluir no caudaloso Uhamba, cujas margens se distinguiam no rumo do N. protegidas por corpulentas arvores cujas copas descendo em altura segundo o terreno se nos apresentavam com uma facha verde ondulada. A sul descortinavamos a uns doze kilometros a montanha em que Caianvo assentára a sua povoação, e Quicânua apontou-nos um pouco a leste d'esta, e em nivel inferior uma outra que dizia ser o seu sitio, e onde elle pretendia ir buscar de comer para nos dar, visto não termos querido lá ir.

Perto do nosso acampamento haviam algumas povoações e durante o dia por lá andou o pessoal procurando mantimentos.

Ás 6 horas da tarde um movimento extranho entre o pessoal que estava mais perto de nós, attrahiu-nos a attenção. Vimos alguns homens correrem aos seus abrigos a buscarem flechas e armas, e neste numero tambem gente de Malanje e contractados de Loanda que, interrogados, diziam:

— Não sabemos se são os Bângalas que vem atacar-nos!

Indagando, soube-se que alguns rapazes do Mucanzo se lembraram de irem caçar, e vendo numa arvore uma grande pelumba (macaco), fizeram-lhe fogo suppondo tê-la ferido, porém como não caisse, vieram outros buscar flechas. Estes com o engodo da carne, interrogados pelos companheiros, não quizeram dizer ao que vieram. Os que os viram, surprehendidos pelo seu procedimento foram tambem buscar as armas, e d'estes um mais timorato ou mais velhaco interpelado sobre o que havia, disse: — São os Bângalas!

Foi então que Malanjes, soldados e outros correram a buscar as suas armas dirigindo-se para onde viam correr os mais, e conhecendo que era de um macaco que se tratava, caçoaram-se reciprocamente.

Choveu bastante depois das oito horas da noite e tambem de madrugada, no emtanto esperançados em que continuariamos a viagem, para isso nos preparámos como de costume.

Surprehendeu-nos todavia que o ajudante nos mandasse dizer que os seus estavam promptos, e perguntasse se podia marchar.

— Que aproveite immediatamente as boas disposições da gente, foi a resposta.

Tinha seguido a 1.ª secção e já a 3.ª estava prompta para marchar, quando tivemos communicação da 2.ª que a maioria não queria levantar as cargas. Quienza a quem interrogámos allegou ser a demora devida a um doente que não podia levar a carga, e ser preciso mais um homem para o transporte de um barril de polvora. Como Paulino já pudesse seguir a pé, os dois rapazes que o transportavam salvaram ainda d'esta vez a situação.

Como de costume, seguimos depois de todos estarem já em marcha no rumo E., na extensão de 500 metros entre o arvoredo, entrando depois numa clareira e mudando de rumo para E.-NE. Tinhamos andado uns 300 metros quando encontrámos Quienza ao pé de um rapaz que dizia ser seu irmão, e que jazia deitado á sombra de umas arvores tremendo com uma sezão.

Quizemos armar uma rede para o transportarem, mas Quienza não acceitou por ser *quijila;* que marchariam *mole, mole,* (devagar) depois de passar a sezão. Instámos para resolver o doente a entrar na rede, mas nada conseguimos porque entre elles só se conduzem assim os mortos para a sepultura.

Seguimos no rumo S.-E. e ás 11 horas tivemos de acampar numa floresta porque chovia bastante e por já termos feito uma marcha de 11:800 metros.

Ficámos numa serra na altitude de 1:105 metros entre os rios Lulo e Camissamba, deixando a 3:500 metros de distancia o encontro do caminho de Caianvo com o que percorreramos, acompanhando-nos então o Lulo aos zigue-zagues, o qual segue depois para o N.-W.

Como o tempo continuasse mau, cada um tratou de se abrigar como poude conservando-se em silencio, o que nos permittiu trabalhar, desenhando os itinerarios, e principiando a

escrever a communicação do mez e ainda o lançar no Diario as nossas impressões ácerca do caminho, e da gente que nos acompanhava.

Para quem estivesse a sangue frio não era tão má como parecia. Usando de paciencia submettia-se ás nossas indicações. Devemo-nos lembrar que era a primeira vez que esta gente se ausentava da sua localidade em serviço de Europeus e carregando com pesos que se não accommodavam ao seu uso de os trazer. E de facto eram pesadas as cargas para elles, na maioria debeis, e até nos surprehendeu como alguns puderam caminhar assim, tendo as pernas tão delgadas.

Com o genio irascivel e impaciente, como em geral adquirem todos que teem vivido um certo numero de annos em Africa, quando chegâmos a estas alturas depois de se ter passado por grandes decepções, incommodos, doenças, impertinencias e faltas de alimentos, e mais recursos indispensaveis á vida e a certos trabalhos — o que já se não dava no littoral a que estavamos habituados, nem mesmo na ilha de S. Thomé ou no interior de Angola que todos conhecemos, e onde a classe de serviçaes com que nos acostumâmos pela influencia das auctoridades locaes nos obedece e se conserva submissa — é dever nosso, querendo apreciar o gentio que nos servia em suas terras, vivendo em relação a nós na maxima liberdade e sem coacção auctoritaria, é dever repetimos, fazer entrar em linha de conta todas as más condições em que nos encontravamos e que os abonam a elles.

Temos de encarar o gentio tal como elle é fora da influencia da civilisação, affeito a usos e costumes rudimentares e grosseiros, adstricto ao que a sua vista alcança, o que não lhe permitte comprehender que nos pode prejudicar demorando-nos, nem tão pouco que seja possivel termos de retirar das suas terras por nos faltarem recursos.

Acreditam estes povos que possa haver um grande interesse da nossa parte em nos internarmos pelos sertões, mas como não nos vêem fazer negocio e comprar gente, suppõem que todos os volumes que levâmos são de objectos diversos

para repartir pelas tribus que vamos visitar; e querem pois para si o mais que d'elles possam alcançar, e todos os pretextos são bons para esse fim, sendo certo que a final se contentam com a mais insignificante cousa.

Afora as suas superstições, se não dermos causa a que sejam molestados, e quando haja boa disposição e paciencia para lhes fallar e discutir ao seu uso, consegue-se viver bem com elles. Nós, que estivemos seis annos entre os Chins, não encontrámos os povos africanos tratando comnosco, nem mais supersticiosos, nem mais exigentes, nem mais falsos, nem mais maus, nem mais ladrões do que os habitantes do Celeste imperio.

Até ás sete horas da noite ainda não tinha apparecido Quienza com o doente, certamente porque não tendo este melhorado, preferíra ficar no mato. Era pois natural que na manhã seguinte não quizessem levantar do acampamento os carregadores esperando o velho Quienza, e ainda que esta resolução nos prejudicasse tinhamos de desculpá-los, porque o velho representava para elles neste logar a sua soberana.

Pouco depois de assim manifestarmos o nosso sentir na communicação mensal que principiaramos para o Governo, já perto das 8 horas da noite, e depois de haver silencio nos acampamentos, ouviam-se uns a fallar com os outros, e como elles dizem, communicando o que estava no seu coração.

— O Muana Angana Quienza ficou atrás, não devemos marchar ámanhã, sem o vermos, dizia um.

— Não senhor, objectava outro, devemos caminhar até o rio Uhamba para arranjar de comer, aqui nada ha; lá esperaremos que os rapazes vão buscar o seu velho.

Um terceiro dizia: — O senhor major se lhe pedirmos que nos dê de comer, é bom, e não quer que vamos dormir com fome; só no Uhamba nos pode dar de comer.

Acrescentava ainda outro: — Que venha o velho primeiro, e depois iremos para o Uhamba.

Por fim disse um: — Nós temos medo de passar o Uhamba com as cargas de Muene Puto de que não tomamos conta; a gente do senhor major é que as ha de fazer passar na canoa.

Afinal, fechou um outro com applauso geral: — Só as podemos receber do outro lado do rio, emquanto os rapazes de Mona Quienza vão buscar seu pae, e depois todos iremos levar as cargas muito bem até Quimica!

Iamos escrevendo estas phrases á medida que Augusto Jayme e Bezerra, a quem chamaramos para se tomarem providencias sobre a vinda do doente, no-las transmittiam.

«Se é só o que elles sentem, o que dizem, escrevemos nós em seguida, não será mau. Porém antevemos que alguma cousa ficou ainda por dizer. Pelo que respeita a rações, não é o peor, porque dando-lhes alguma cousa, contentar-se-hão. As marchas teem sido em verdade muito pequenas, mas vê-se bem que não podem com as cargas, e alguns de facto estão doentes, e muitos parecem-nos esfomeados.»

Esperar pelo velho era mau, porque as rações iam correndo como se estivessemos em marcha.

Durante o dia 21 aguardámos o velho Quienza que só appareceu com o companheiro depois da 1 hora da tarde. O tempo fôra aproveitado medicando os doentes que não eram poucos, entrando nesse numero todos os brancos.

Chovêra bastante e cada um se conservara no seu alojamento triste, aborrecido e entregue aos seus pezares. Procurando distracção no trabalho, a nossa attenção ás 7 horas da noite foi attrahida pela voz de um orador que clamava contra os feiticeiros, por serem elles que ha dias nos estavam perseguindo com doenças, e prevenia, que se na comitiva havia algum, que retirasse o feitiço, porque se fosse descoberto havia de padecer muitos tormentos. Nisto o orador foi interrompido pelo carpir de gente no primeiro acampamento, e logo se espalhou o boato de que tinha expirado um velho irmão de Quicorazónhi, tornando-se grande e geral o alarido.

Este velho já nas ultimas duas jornadas tinha sido por nós dispensado do transporte da sua carga, por nos parecer uma mumia e de quem tiveramos compaixão, mas ainda não podiamos crer que houvesse fallecido, persuadindo-nos que tivesse sido o doente de Quienza.

O interprete que mandaramos ao primeiro acampamento, para nos avisar das occorrencias que se dessem, acompanhou Quicorazónhi para a cubata, mostrando-lhe que sentiamos aquella morte, que aliás já todos deviam esperar, porque seu irmão além de velho estava muito fraco, etc.

Quicorazónhi pediu-lhe que viesse prevenir-nos que a bulha que ouviamos era a do costume, mas que em pouco tempo acabava, e que podiamos dormir tranquillos que elle de madrugada nos viria agradecer e pedir licença para se enterrar o cadaver.

«São de esperar novas difficuldades, registámos nós no Diario, pelo menos ámanhã é um dia perdido com o enterro, e os nossos antigos carregadores já se queixam de fome e nos arredores nada ha para comprar! Já andaram hoje a bater mato em procura de caça e não a encontraram!»

Ás quatro horas da madrugada os carpidores accordaram-nos, e logo nos lembraram o bello dia que tinhamos de passar. A pedido dos soldados e contractados, que já havia quatro dias tinham direito a rações, pagámos-lh'as, recommendando-lhes que não dessem a perceber aos Xinjes que se fizera esse pagamento para não sermos importunados por elles, pois haviam de suppor-se com iguaes direitos a recebê-lo.

Os dois Lundas de Tâmbu e Caje, que faziam parte do primeiro acampamento, vieram zangados avisar-nos de terem ouvido dizer aos Xinjes, que choravam o morto, que se nos devia pedir o pagamento da vida do seu companheiro, e que se não quizessemos pagar então retiravam todos.

— Do gentio inculto tudo é de esperar, mas se de tal se lembrarem, dissemos nós ao interprete que estava comnosco, esperâmos convencê-los que não teem razão para fazer semelhante exigencia.

Pouco depois Quicorazónhi veiu contar-nos a morte do seu parente, e como nós representavamos Mona Mahango pediu as providencias para o enterro do corpo.

Queria isto dizer que lhe deviamos emprestar uma enchada para abrir a cova e dar-lhe a mortalha, que consistia de duas

jardas de fazenda para involver o defuncto e de um lenço para lhe atar á cabeça. Tambem lhes démos doze cargas de polvora para carregarem as armas, que em seguida ao enterro costumam disparar.

Por ultimo dissemos algumas palavras para o dissuadir da idea de feitiços e elle mostrando-se reconhecido foi logo tratar do enterro.

Os Xinjes que nada tinham com o enterro, vendo fazenda na mão dos Malanjes, vieram como esperavamos, para a frente da nossa barraca gritar que tinham fome e pedir r a ç ã.

Como se ia agglomerando gente e a algazarra já fosse muita, mandámos chamar Quicorazónhi e o seu companheiro Muholo a quem recommendámos que fizessem entrar aquella gente na ordem, porquanto não tinham direito a mais rações, bem sabiam que estavam pagos para toda a viagem segundo o seu ultimo pedido; que se pagára agora á gente antiga por nada terem recebido no dia em que os Xinjes receberam.

Não comprehendiam que isto pudesse ser assim; pagando-se na occasião a alguns tambem elles deviam receber, comtudo já pouco lhes importando a recusa, diziam: — É verdade, mas nós temos fome! Muene Puto é nosso pae, não temos outra pessoa a quem recorrer, e mostravam-nos as barrigas, puchando-lhes pela pelle, como a prova mais evidente da sua necessidade.

Fizeram-nos rir com a mimica, e promettemos que se marchassem até onde se pudesse comprar alimentos lhes dariamos alguma cousa.

— Marchâmos ámanhã.

— Pois quando lá chegarmos receberão, foi a resposta. E todos retiraram.

Quicorazónhi que nos auxiliára a convencer a multidão a dispersar-se, pediu-nos uma gallinha para a festa do enterro, e como a mulher de Paulo nos rogára na vespera que lhe comprassemos uma por duas jardas de fazenda, mandámos perguntar-lhe se ainda queria fazer esse negocio.

É provavel que se acredite ser esta exigencia d'aquellas a que não se devia attender, ou que pouco importaria se não fosse

satisfeita. Mas quem conhece os usos d'estes povos sabe que lhes não é indifferente no dia em que se enterra uma pessoa de familia, poder o chefe apresentar aos individuos que o acompanham a chorar o obito do parente uma boa refeição, e não tendo carne de vacca preferem a tudo uma gallinha.

Muito apreciam e agradecem que um amigo em melhor posição, se lembre de os auxiliar com qualquer dadiva que contribua para os festejos funebres, e nós que acabavamos de ser auxiliados por Quicorazónhi em pôr termo a uma questão que ia levantar-se, e que nos podia prejudicar em muitas jardas de fazenda, se os representantes dos potentados, a quem estavam confiadas as comitivas, manifestassem estar de accordo com ellas, entendemos ser preferivel dispender apenas duas jardas na compra de uma gallinha para contentar esse homem a contrariá-lo com uma recusa que em taes circumstancias serviria de pretexto para mais tarde não intervir com a sua influencia em acalmar os animos irrequietos.

Na manhã de 23 antes de partirmos, vieram os chefes das comitivas solicitar uma audiencia, que versou sobre o pedido feito pelos rapazes para lhes matarmos a fome.

— Temos andado pouco, disseram-nos, mas de facto teem havido muitas doenças, já morreu um dos nossos companheiros (o que aliás não era culpa nossa), estamos ha muito tempo fora de nossas casas, o ultimo pagamento acabou-se, e em verdade ha muita gente com fome. Elles não pedem fazenda por pedir, e tanto que vão já levantar as cargas até onde haja uma povoação em que se vendam mantimentos, pedem sómente ao senhor major que lh'os compre para depois elles os venderem entre si.

Agradaram-nos os termos do pedido e respondemos: — Cumpram o que dizem, que da nossa parte não faltamos ao que promettemos.

Desfilára a Expedição e no segundo acampamento, sem que Quienza desse por isso, ficára um desgraçado doente de quem ninguem fizera caso, e com a carga ao lado. Providenciámos para que o doente e a carga seguissem.

Haviamos feito uma promessa á gente na disposição de a cumprir, mas não podiamos suppor que o ensejo se proporcionaria tão depressa para a verem satisfeita e por forma que nunca podiam imaginar.

Caminhámos 8 kilometros entre os rumos E. e E.-NE. sobre terreno accidentado, descaindo por ultimo para o rio Uhamba, onde já a nossa canoa estava em serviço a montante da sua perigosissima ponte, transportando as cargas mais pesadas para a margem direita.

O rio onde estava lançado aquelle amontoado de troncos a que chamavam ponte, medía 40 metros, porém tanto para um como para outro lado, sendo as margens aos reconcavos havia pontos em que a largura variava de 50 a 60 metros. A velocidade da sua corrente era grande, e como a ponte ao centro estava em parte debaixo de agua, e todo o rio se apresentasse obstruido com grossos troncos de arvores, alguns dos quaes floresciam e fructificavam como se tivessem sido de proposito plantados no seu leito, julgámos arriscado obrigar os carregadores a passarem a ponte com as cargas, e por isso se armou a canoa que prestou um serviço importante, mas que exigia muito cuidado para poder ir de uma a outra margem livre dos obstaculos.

Vogava ella ao longo da margem para ir cortar a corrente a um determinado sitio, e ia descair pela outra ao logar de desembarque, onde os carregadores que passavam a ponte recebiam as cargas que lhes pertenciam.

As passagens pela ponte tornavam-se ainda mais perigosas, porque os carregadores que conseguiam collocar na margem direita o que lhes pertencia, sem attenção aos que para lá seguiam voltavam precipitadamente, e por vezes se estabelecia a confusão, chegando nós a recear que sobcarregada com tanto peso a ponte que vacillava, se desmanchasse de vez, e homens, cargas e os troncos tudo fosse levado pela corrente.

Ás 11 horas todas as cargas haviam passado, a canoa afastara-se, e nós aguardavamos na margem direita a passagem do gado.

Como de costume os guardadores calcularam na margem direita a distancia a que os bois poderiam cortar a corrente para alcançarem o logar de desembarque, mas na precipitação com que os fizeram entrar na agua esqueceu-lhes enrolar a corda aos paus dos animaes.

Não succedeu porém como era de esperar. A corrente levou-os de encontro á ponte onde as cordas se prenderam nos troncos que debaixo da agua serviam de esteios aos de cima, os quaes se moviam com a força que nelles fazia a corrente, e uns animaes apertados pelos outros de modo algum se poderam desprender, não obstante os esforços dos soldados e contractados, que ainda assim conseguiram desviar os tres ultimos e fazê-los retroceder para o ponto da partida.

Em poucos minutos morreram oito bois afogados, uns em seguida aos outros.

Depois de mergulharem pelo seu proprio peso as cordas que os prendiam rebentavam, e a corrente encarregou-se de os impellir por debaixo da ponte para o outro lado, onde appareceram de barriga para o ar, indo dois na corrente para logar distante.

Custou-nos ver os pobres animaes luctando sem ser possivel soccorrê-los! E depois que grandes recursos que se perdiam com aquella mortandade!

Era realmente muito triste!

— Grande feitiço! clamava em altos berros Quicorazónhi para os poucos Xinjes que estavam com elle ao nosso lado.

— Que grande praga nos rogaram! Era o que nós pensavamos, e em seguida lembrámo-nos se não seria isso mesmo que elles diziam.

— Quem nos quererá tanto mal? suspirava o interprete.

Era preciso não darmos prova de esmorecimento nesta conjunctura, e sabe Deus com quanto custo dissemos aos soldados e contractados: — O que não tem remedio, remediado está! Aproveitemos porém alguma cousa. Digam aos Xinjes que os ajudem a tirar os bois do rio e já todos terão comida em abundancia.

RIO UHAMBA

Em uma hora estavam seis em terra, e mandou-se recado a povoação proxima para ajudarem na busca dos outros que tinham seguido para baixo na corrente.

Dois homens de cada acampamento foram encarregados de esfolar e esquartejar os bois, por assim ser mais facil o seu transporte, e nós subimos em zigue-zague ao alto da serra desgostosos com esta nova fatalidade, e seguindo depois no rumo E.-NE. por um kilometro num planalto arborisado descemos a um bonito valle no rumo de E., e fomos acampar em Quileca, junto á povoação de Xa Quiessa no extremo de uma grande planura á altitude de 1:060 metros, sendo o percurso total da jornada de 11:300 metros.

Depois da scena desoladora que narrámos, deram-se no transito episodios que nos fizeram esquecer por momentos o rio de bem triste recordação, e que fôra o que passámos em maior altitude.

Os homens que até ali montavam os bois e os carregavam além d'isso com os volumes que constituiam as suas cargas, caminhavam a pé dizendo mal á sua vida, porque aguentavam agora com a propria carga e com os apparelhos que pertenciam aos animaes, o que dava logar a ditos mais ou menos engraçados e picantes.

Da maior elevação a que subiramos viam-se a N. as margens do rio Nuôvo e mais além, a elevada montanha do Anzavo, que segundo as informações sobre o tempo gasto em se ir até lá, calculámos estar á distancia de 20 kilometros.

Promptos os abrigos em todos os acampamentos e arrumadas e cobertas as cargas á frente das nossas barracas, tratou-se da distribuição da carne dos bois já reunida, sendo a de seis para os Xinjes, e a de dois para o antigo pessoal do que tomámos uma parte, sendo uma rez completa para os carregadores de Malanje.

Apezar da abundancia, houve ainda grande balburdia nas subdivisões de pernas, tripas, figados, etc., por causa de dignidades offendidas na ordem de precedencia dos potentados a que pertenciam as comitivas.

As questões succederam-se ainda nos dias 24 e 25, e por mais providencias que dessemos para os contentar, com difficuldade conseguimos apaziguá-los, ou antes que cessassem de nos importunar. Sofregos por carne bovina já nós os conheciamos a todos, mas famintos como estavam tornaram-se insupportaveis e mesmo temiveis!

Aos de Mucanzo dera-se um boi, e estes porfiaram com os de Mona Mahango porque lhes faltava uma perna. Não negavam terem recebido quatro quartos, mas entendiam que lhes faltava um para estar completo! E um dos rapazes mais novos e atrevidos vendo o velho Quienza abraçado a uma perna de boi com receio de que lh'a tirassem, gritou-lhe: — Largue a carne e vá chorar a morte do irmão, pois por não o ter feito é que as doenças não acabam!

Foi isto o bastante para um levantamento da parte dos de Quienza, que queriam castigar o insulto, e tivemos de intervir fazendo entrar o rapaz na nossa barraca.

Os de Malanje vieram tambem chamar-nos para vermos que lhes faltava carne para completar a de um boi! Pois além de tudo mais, tinham cinco quartos! Foram elles mesmo que se denunciaram e lá se mandou um d'esses para o grupo de Quimica ao qual faltava.

Os de Candala pela primeira vez fizeram motim, recusando receber o seu quinhão que nos vieram apresentar e pedindo fazenda. Certamente estavam satisfeitos com a carne que nos occultavam, e exploravam-nos por fazenda. Escudados pela maxima paciencia de que nos revestimos, discutimos com elles, procurando mostrar os prejuizos que tinhamos tido nas suas terras, e que era resolução já tomada depois da mortandade do gado não lhes darmos mais cousa alguma, e que se abandonassem as cargas não se queixassem depois do que viesse a succeder-lhes.

Levou horas esta discussão e remataram por não querer a carne, mas como sempre esperámos que se não fosse naquelle dia a pediriam no seguinte, mandou-se guardar; e de facto no outro dia reclamaram-na.

Vieram depois as queixas individuaes contra os chefes das comitivas pelas más divisões. Um, por exemplo, tinha tripa, figado e bofe, mas não lhe deram coração! O chefe ficára com o coração para si! Uns queixavam-se que tinham costellas, mas não tinham peito. Alguns pediam que se tornasse a ajuntar toda a carne do seu grupo e que fossemos nós dividi-la!

No fim de tantas queixas descobriu-se que Quicorazónhi, só á sua parte, que se visse, guardava duas pernas na cubata, e razão tinham os seus rapazes para se queixar. Dividiu-se aquella carne pelos que tinham menor quinhão.

De noite não se fallava noutra cousa, e adormeciam já fatigados de tanto jimbular e de protestarem que nos apresentariam novas queixas no dia seguinte, fundadas nas descobertas que faziam pelas suas conversas.

Muholo veiu prompto, armado e equipado pedir-nos licença para regressar com os seus rapazes, porque o companheiro Quicorazónhi lhes não quizera dar carne.

Era este homem um explendido typo do africano, de alta estatura, forte, e sympathico; sempre se portára bem, auxiliando-nos na solução de varias pendencias. Como nos conviesse tê-lo a nosso lado, combinámos com o sub-chefe — o qual tivera o fastidioso encargo de dividir, conservar sobre a sua guarda, fazer seccar e salgar a carne — a dispensasse elle em porções a quem julgasse conveniente, fazendo nós de conta que a mais ninguem a queriamos dar além dos seis individuos que lhe recommendaramos.

No dia 24 depois das quatro horas disse-nos o sub-chefe que em quanto se salgava a carne que destinára para o nosso rancho nunca o deixaram, e tinha contemplado vinte e um individuos que se queixavam de nada terem recebido. Parece incrivel!

Reflectindo sobre tanta avidez de carne, lembrámo-nos que elles estariam combinados para retirar de madrugada, e tratassem de fazer fornecimento para o regresso. Tinham sido tantas as contrariedades que esperavamos mais esta e já resignados.

Tão enfastiados estavamos no dia 25, que dissemos a Quicorazónhi que se havia doentes no acampamento, como nos informaram os interpretes, os apresentasse ao sub-chefe para se conhecer o seu estado, e que durante o dia não queriamos ver um unico Xinje ao pé da nossa barraca. Elle para se nos tornar agradavel e sempre manhoso saiu para o largo, e depois de chamar a attenção de todos nós em altos berros botou o seguinte pregão: — Ninguem vae hoje procurar o nosso pae o senhor major porque elle quer trabalhar, e tem junto de si uma arma carregada para desfechar contra aquelle que fizer motim!

Em outra occasião zangava-nos que tal cousa se dissesse, porém naquelle momento pouco nos importou, porque na verdade tudo nos enchia de tedio, até o dia, que nos parecia o de um rigoroso inverno em Lisboa.

De dentro da cubata entretivemos-nos mais tarde a esboçar as bonitas paizagens que desfructavamos, e ahi mesmo recebemos a visita de Xa Quiessa, potentado da povoação, que nos trouxe um presente, a que correspondemos com um panno de bonecos que agradeceu reboleando-se no solo e esfregando a cara com terra, o que nos convenceu que elle em sua vida nunca víra cousa tão boa.

Fomos com elle visitar a povoação que era pequena mas aceada, e collocando-nos um pouco distante conseguimos fazer um esboceto d'ella e de todo o nosso acampamento que occupava uma grande extensão.

Os doentes deram causa a que já de noite se suscitasse uma nova questão e das peores; attribuiam-se a feiticeiros todas as contrariedades da viagem.

Quienza, já velho e tonto, acabrunhado pelo insulto do rapaz, foi quem fez correr o boato. Sonhára estar tudo enfeitiçado, por se não ter chorado devidamente a morte do irmão e um dos rapazes que o acompanhava levantou este pregão: —Tem havido muitas doenças! estão muitos para morrer! oito bois de Muene Puto perderam de repente a vida na agua do rio! Nós temos comido e vestido muito e esquecemos o

extensão de 5 kilometros e meio no rumo E.-NE. por um espaçoso valle até ao riacho Camau, sobre a margem direita do qual acampámos.

Passava da 1 hora quando ahi chegámos, e mandámos logo sair dois carregadores de Malanje com a rede para irmos ao encontro do sub-chefe, que encontrámos deitado á sombra de uma arvore extenuado e doente, esperando que lhe trouxessem agua que mandára buscar, mas de que não quiz servir-se por saber que já estava proximo do acampamento.

A marcha, que fôra de uns 19 kilometros depois de quatro dias de descanço, não se podia dizer longa, porém a fraqueza, e o desanimo provocado pelas contrariedades successivas que experimentáramos, tinham-nos creado um mal estar permanente que o mais pequeno excesso aggravava.

Tornava-se portanto uma necessidade o providenciar para que fossem sempre redes armadas, pois não era possivel contarmos com as nossas forças d'ali em deante, e era preferivel o sacrificio do abandono de duas ou tres cargas, a cair algum de nós gravemente doente.

No caminho encontrámos pela primeira vez Bângalas que regressavam do interior com cargas de borracha, e que nos deram noticia que a comitiva que na vespera nos mandára cumprimentar já marchava adeante de nós.

Á sombra de uma arvore, entre o capim, notámos que estava deitado ao lado da sua carga um rapaz, e um outro que vinha na frente de nós e que lhe fallou, informou-nos que elle sentira uma dôr no lado e por isso descançára. Costumando sentir aquella pontada recusou que mandassemos buscar uma rede para se transportar, esperando poder marchar quando estivesse mais alliviado.

Já as nossas barracas estavam armadas e alguns do pessoal antigo construiam os seus abrigos nas vizinhanças, quando dois rapazes novos, Bângalas, um filho do ambanza Quissueia e outro do Cuango, e que se diziam subditos portuguezes, nos vieram cumprimentar. Estavam acampados com a sua gente do outro lado do rio, onde se conservava um grande numero

Planteau)

de abrigos feitos pelas comitivas que por ali transitavam, e os Xinjes na maioria aproveitaram-nos por estarem desoccupados, arrumando as cargas em frente das nossas barracas.

Estes rapazes eram sympathicos, gostavam de conversar e como já conheciam Dondo, Pungo Andongo e Malanje e se mostrassem satisfeitos com o chefe portuguez em Cassanje, prolongou-se a conversa, tendo nós ensejo de lhe fallar do projectado caminho de ferro a partir de Loanda que não deixaria de chegar a Cassanje se ahi continuasse a affluir o negocio. Tratámos das vantagens que elles encontrariam em chegarem com as suas cargas a Loanda com toda a rapidez e sentados; da necessidade que tinham então de cultivar as suas terras como os brancos, fazendo desenvolver o tabaco e o café de que teem bons exemplares, porque em Loanda lhes pagariam bem os seus productos etc.; tudo isto os surprehendeu muito, mostrando desejos de ver esse caminho prompto, mas duvidando que Muene Puto quizesse conceder-lhe tão grande beneficio.

Depois do sol posto chovia bastante, e informados de que já tinha chegado o rapaz que encontraramos no caminho e que estava melhor recolhemos, e depois de escrever deitámo-nos. Á meia noite, porém, o grande estrondo de um trovão proximo de nós sobresaltou-nos e não pudemos socegur mais, porque os raios succediam-se, parecendo-nos que um tinha caido muito perto e exercêra influencia sobre as escoras de ferro da nossa barraca, uma das quaes saindo do seu logar fôra parar a dez metros de distancia. As cordas da barraca bambearam, o panno afrouxou e tornou-se como um filtro sob a chuva intensa que com toda a força caia perpendicularmente no acampamento.

O empregado europeu que estava mal alojado viu-se na necessidade de recolher á nossa barraca, e veiu a proposito porque nos ajudou a esticar as cordas e a desviar o charco que se havia formado junto á cama.

Sentado sobre ella e coberto com a capa de oleado, ora pensando quanto se padece nestas viagens, ora dormitando, de

repente, já perto das quatro horas fomos despertados por grande alarido, e carpir de gente em distancia, que se distinguiu ainda assim entre a bulha dos trovões, e da chuva e vento.

—Muito bem, dissemos ao empregado, se é mais um que morreu, d'esta vez ficâmos asseados! Já andam de má vontade e aproveitarão o ensejo para retirar, deixando-nos em um bom logar, não haja duvida!

Pensámos que teria sido algum dos velhos que mandaramos regressar ou dispensado do serviço dos transportes e que teimasse em acompanhar a Expedição, mas enganámo-nos. Pouco depois informou-nos Jayme de ter morrido o rapaz que encontraramos no caminho queixando-se d'uma dôr!

Circulára em seguida o boato entre o antigo pessoal de que o fallecido, que era um rapaz forte e que pertencia á pequena comitiva de Muholo, morrêra devido a fraqueza; porém os que o acompanhavam já diziam no acampamento dos Bângalas que retiravam, porque as cargas tinham feitiço e se continuassem a transportá-las morreria mais algum. Que era um castigo por causa do atrevimento dos filhos de Candala em irem fazer guerras com os filhos de Muene Puto; mas que o castigo por engano ia caindo sobre os filhos de Mucanzo que estavam innocentes.

O filho de Quissueia que veiu despedir-se de nós e que dormíra numa cubata ao lado d'aquella em que fallecêra o rapaz, contou-nos que ouvindo os projectos dos companheiros do fallecido procurára dissuadi-los, lembrando-lhes que tinham sido bem tratados por nós; que eramos filhos grandes de Muene Puto e não deviam deixar-nos ali no mato ao lado das cargas, quando tinham sido pagos até Quimica. Teimavam os rapazes que já era a segunda morte, tinham receio que houvesse mais alguma e por isso não iam para deante.

Agradecemos os seus bons officios e elle partiu.

Veiu Quicorazónhi dar parte do fallecimento e pedir providencias para o enterro. E com a excepção da gallinha que não démos por não a termos, fizemos as mesmas concessões que se tinham feito por occasião do primeiro enterro.

Os interpretes que foram levar a mortalha a Muholo, deram-nos parte que os companheiros insistiam em retirar, apezar de nós não os tratarmos mal, mas queriam ir morrer ao pé de suas familias e não no caminho. Muholo recommendou-lhes que se aquietassem, que depois de se enterrar o defuncto viria fallar comnosco, mas os interpretes pelo que lhes ouviram depois não esperavam que fosse possivel contê-los.

Passado o meio dia appareciam os Xinjes aos grupos nos diversos acampamentos a desamarrarem as cargas para levarem os seus paus arrumando-as de novo; e interrogando nós um velho de Mutumbo sobre aquelle movimento, disse-nos — Que os de Mucanzo tinham dado a voz de retirada, e que se algum ficasse seria victima dos seus feitiços. Elle e os seus esperavam porém que os chefes voltassem do enterro e fallassem muito bem comnosco.

Compareceram os chefes, e tomou a palavra Muholo.

— Admirava-se do que se estava passando, porque tinha dito aos rapazes que esperassem que elle enterrasse o morto e que viria fallar comnosco sobre a viagem. Chegava agora e via todos em debandada deixando as cargas de Muene Puto que Mona Mahango lhes recommendára levassem até Quimica. Os velhos depois d'isto nem sabiam o que haviam de dizer na presença de seus amos.

— Quizeram fugir de noite, acrescentou elle, mas pude contê-los, porém agora aproveitaram a minha ausencia e desinquietaram todos para retirar.

Quicorazónhi fingia-se sentido, e disse-nos que se quizessemos dar duas jardas de fazenda a cada um, talvez elles voltassem.

Queria este, como de costume, tirar partido das circumstancias; mas um rapaz de Candala, tomou a palavra e disse:

— Que tanto elle como os companheiros não approvavam a fugida da gente, e que era necessario, ou que os velhos os chamassem já, ou decidissem qualquer cousa, porque os que ficaram esperando eram poucos para o serviço e além d'isso tinham receio que os mais os enfeitiçassem.

Quienza dormitava, nem tivera coragem para se envolver na questão; mas o rapaz tocou-lhe e disse: — Você que é mais velho faça voltar os rapazes para fallarem com o senhor major, ou decida qualquer cousa.

Fartos e aborrecidos com todas estas scenas, pozemos termo á conferencia, dizendo-lhes:

— Não podemos fazer combinações algumas sem estarem todos presentes.

Foram-se e ficámos convencidos que não voltavam, porque era ponto de fé para nós que todos haviam accordado logo que o rapaz expirou: ou mais fazenda ou retirar; e como não davamos fazenda, partiram.

É possivel que outrem em nosso logar pensasse em mandar fazer fogo sobre os Xinjes que primeiro desertaram, porque como estavamos sobre uma elevação e com armas de bom alcance tinhamos toda a vantagem sobre elles que nem de polvora dispunham. Mas o que se ganhava com esse expediente? Fazer algumas mortes? Mas isto não servia a nossa causa. E depois as consequencias?

Não perdemos por avisados, foi o que pensámos, vendo-nos rodeados de numerosas cargas, expostos ás inclementes chuvas no fundo de uma larga depressão, em que as montanhas mais afastadas na nossa frente arrumadas umas apoz outras parecia que lá ao longe tocavam na abobada celeste!

CAPITULO VI

DO VALLE DE CAMAU AO RIO CUENGO

kŭeda kakiepe mačiko maôso, tŭaxika «andar todos os dias um pouco, chegâmos».

No valle de Camau: A situação; consulta da gente experimentada no sertão aconselhando a compra de gente para os transportes; rejeição do alvitre; vantagens que resultariam da sua adopção. Diligencias para obter mantimentos e carregadores; difficuldades na acceitação da fazenda de lei; calculo do dispendio com os Xinjes. Noticias ácerca de Saturnino, da expedição allemã e do estabelecimento dos Ambaquistas no Muquengue — Viagem do ajudante ao Muxaela: O seu itinerario, povoações que visitou e idea geral ácêrca da região e seus habitantes; escacez de mantimentos; regresso — Esperando o interprete: Aproveitamento da fazenda de lei. Offertas de Quicânua; probidade dos Xinjes; morte de Quienza. O mau tempo. Noticias de varios personagens, de Cambongo e seu povo, de Ianvo, e dos Uandas e Sequeles. Partida de uma diligencia para Malanje. Chegada do interprete — O valle e os seus arredores: Viagem de Bezerra ao Anzavo. Necessidade das missões agricolas; boas condições do valle para uma estação civilisadora — O pessoal em movimento: Contratempo, noticias do interior. Partida da primeira comitiva com cargas. Vistoria e balanço dos recursos da Expedição. Noticias do Lubuco; o bispo Taylor. Incendio no acampamento; este recebe o nome de Valle das Amarguras. O cabo da força reduz a mulher militarmente á obediencia. Preparativos de segunda caravana — Marcha das secções: Viagens do sub-chefe e do ajudante para novas Estações. Xa Madiamba no Cassassa. Typos Chilangues. A diligencia para Malanje; novas da Estação Ferreira do Amaral. Abundancia de peixe e caça; danças e folgares. Visita de Xa Mujinga. Uma comitiva do Rei do Congo. Os ultimos dias no valle — Viagem do chefe: Encontro com a comitiva de João de Andala Quissua. Povoação de Quiôcos; effeitos da garapa. Acampamento de Xa Mujinga; visitas. Prejuizo das derrubadas de florestas. A ultima jornada — No acampamento Francisco Maria da Cunha: As nossas impressões. Manuel Pereira da Silva. Preparativos de marcha. O primeiro parto no acampamento. Cambolo Cangonga; os Bângalas; o nosso nome como thema das suas cantigas. Viagem do sub-chefe para o Cuengo. Angunza Muquinji: A sua familia, estado e povos. Como se caça o hyppopotamo e outros animaes. Dignitarios do Muatiânvua. Embaixada de Muene Puto Cassongo. Pagamento de rações em missanga e polvora. Segundo parto no acampamento. — Trafico de gente: O ambaquista Antonio Francisco e o seu negocio; commercio de sal em Cassele e nos Peindes de Muata Cumbana; considerações sobre o trafico illicito. — Ultimos trabalhos no acampamento: Novas diligencias para alcançar carregadores. Amores de Joannas e Manueis. Noticias diversas da Mussumba. Nas vesperas da partida do chefe.

VALLE DE CAMAU

NO VALLE DE CAMAU

Grande era o desanimo do pessoal que dividido em grupos lamentava a sua sorte, e nós estranhavamos que nenhum dos homens que nos acompanhavam, todos já acostumados á vida nomada do sertão, apresentasse um alvitre, ou dissesse uma palavra que nos orientasse sobre o modo de pôr em acção os recursos de que podiamos dispôr.

Absortos, não tanto pela contrariedade que já receavamos, mas pela incerteza do logar em que os desertores nos deixaram relativamente a qualquer ponto onde encontrar recursos, e de prompto os alimenticios, porque tinhamos ainda assim em nossa companhia setenta pessoas que passadas as primeiras impressões nos haviam de atormentar pedindo de comer, e perplexos tambem porque as cartas que consultavamos nada nos esclareciam sobre a localidade; fomos despertados do abatimento em que iamos caindo, pelo tropel da gente que pretendia. por assim dizer, fazer uma montaria a um desgraçado Xinje que entrava correndo no acampamento.

Salvar aquelle pobre homem de alguma brutal vingança que nada justificava, foi o que nos occorreu, e saimos a buscá-lo para a nossa barraca.

Interrogado, respondeu que vinha offerecer-se para ir dar parte a Quimica que os malvados nos tinham deixado com as cargas no mato e dizer-lhe que mandasse elle gente sua buscar-nos.

Não nos admirava que isto fosse sincero, porque entre tantos homens podia haver um que julgasse mau o proceder dos outros, não obstante por medo os ter acompanhado; por isso dissemos-lhe que podia contar a Quimica o que quizesse, mas acrescentasse que não queriamos mais gente de Capenda para nosso serviço, e que prevenisse Quicânua que o esperavamos com os dois rapazes que na sua companhia levaram cargas de louça, visto não irmos a Quimica.

— Muene Puto fica aqui? perguntou o rapaz.

— Fico esperando que passem as chuvas, e tu dize nas povoações por onde passares que venham vender-nos mantimentos; não precisâmos mais de ti, podes ir.

Despediu-se e partiu.

Proximo da noite, como densas nuvens escuras e baixas convergiam sobre o valle, tratámos de mandar cobrir todas as cargas o melhor possivel, e dispor tudo nas barracas de prevenção para a chuva que estava imminente.

Preoccupados, como se pode suppôr, por não conhecermos a nossa situação geographica, aproveitámos ainda o ensejo em quanto não chovia para ouvirmos os interpretes, os dois Lundas de Tâmbu e Caje, e ainda os homens mais velhos de Malanje, praticos nestas regiões, não só sobre o ponto que de momento nos interessava, mas tambem sobre o que teriamos a esperar dos povos circumvisinhos.

Informou-nos Caje, que pouco mais ou menos ao norte do logar em que estavamos, a tres ou quatro jornadas de distancia, ficava a povoação de Muxaela, subdito de Anzavo. Que d'ahi até ao rio Cuengo todas as povoações que se encontravam eram já dependencias do Muatiânvua, e quando nestas se

soubesse que a Expedição, tendo por objectivo a Mussumba, estava parada no mato por lhe faltarem carregadores, mandariam immediatamente toda a gente de que pudessem dispôr para transportar as cargas pelo menos para o Caungula, Muata importante do Muatiânvua, o qual facilmente nos forneceria todos os carregadores precisos.

O interprete Bezerra e os seus dois parentes que viveram annos para além do Chicapa e até na côrte junto do Muatiânvua, corroboraram que os Lundas eram boa gente e que bastava o facto de os fazerem transportar as cargas de Muene Puto ao seu Muatiânvua, para se contentarem com o sustento que se lhes desse, um panno para vestirem, e que se não demorariam pelo caminho.

Os velhos de Malanje não conheciam a região ao norte, porém com respeito aos Lundas tambem nos prestaram boas informações, e era opinião d'elles que comprassemos gente pois tinhamos muito quem vigiasse, e que esta faria tudo que lhe ordenassemos sem recalcitrar e sem nos fazer exigencias.

Era talvez este o alvitre mais acertado que rejeitámos logo de principio, e hoje convencemo-nos que os carregadores que por este meio obtivessemos, seriam depois muito mais felizes, porque os deixariamos em terras portuguezas sob a acção benefica das suas auctoridades.

O preço da compra era inferior ao pagamento por contracto com homens livres; o despendio com rações se não fosse inferior era o mesmo, mas em egualdade de circumstancias favoraveis a viagem seria muito mais rapida.

Reflectindo a sós, lembrou-nos que o mais acertado seria proceder antes de tudo a um reconhecimento das povoações que nos indicavam, e dos recursos de que poderiam dispôr, e para este fim partiu o ajudante no dia immediato, 29, com os dois rapazes Lundas, quatro soldados, quatro contractados em Loanda e quatro carregadores de Malanje.

Estes ultimos receberam ordem de voltar do primeiro ponto onde encontrassem provisões. Emquanto ao ajudante proseguiria com os demais, segundo as indicações e recursos que obti-

vesse, até onde lhe fosse possivel, tendo em vista conhecer, além do Mujinga, Anjita e Muxaela, ainda outros dois senhores de povoação que nos informaram poderem dispor de gente.

Se o caminho fosse accessivel ao transporte das cargas, e segundo a distancia, condições de preço e garantia de segurança, ia auctorisado o ajudante a contractar com os potentados até duzentos carregadores, e para os incitar a interessarem-se pelo nosso serviço a dar um bom panno a cada um.

Ainda nesta noite não descançámos sem conhecer qual seria a despeza em rações feita com os Xinjes, e pelos nossos registos apurámos a importancia, chegando á conclusão que, se elles tivessem marchado em media só 10 kilometros diariamente, nos seria ainda assim muito favoravel.

As rações dos duzentos e sessenta carregadores importaram no seguinte:

Duzentas quarenta e uma peças de lei (de dezesete jardas) equivalente, com fretes e outros onus a 1$000 réis, 241$000 réis; quarenta ditas de chita (de vinte e quatro jardas), idem, a 3$000 réis, 120$000 réis; seis bois (custo medio por cabeça) 20$000 réis, 120$000 réis; somma 481$000 réis.

Sendo de vinte o numero de dias que os Xinjes andaram ao nosso serviço depois de sairmos da Estação Costa e Silva, consumiu cada um por dia proximamente 93 réis.

Se a marcha tivesse sido a minima considerada, teriamos andado 200 kilometros e por conseguinte haveriamos chegado já ao Cassassa no Cuílo; mas segundo os calculos e pelas informações, estavamos a meio caminho, porque não só se perderam nove dias, que não marchámos por motivo de doenças, chuvas e outras causas sendo a despeza de 170$820 réis, como ainda nos onze dias de marcha só se aproveitaram 90 kilometros, o que augmentava o prejuizo, devendo nós ainda ajuntar a esta verba, a importancia de 45$990 réis que foi o custeio durante os referidos nove dias em que se não andou, de setenta pessoas que constituia o pessoal permanente.

Depois de havermos feito este calculo, considerámos que nos teria sido conveniente transigir ainda uma vez com aquella

gente, dando-lhes de duas a quatro jardas de fazenda para continuarem até Quimica, que dista tres dias do Cuengo, e assim, no ponto onde ficámos, tinhamos pois de dispender inutilmente rações com a gente, emquanto nos demoravamos á espera de recursos e ainda com a que se obtivesse, para nos transportarmos d'ali para o Cuengo.

Como o que não tem remedio remediado está, ou como dizem os Xinjes, *uarianga*, *uariange* («o que se comeu, comeu-se»), aproveitámos d'este trabalho o estabelecer como principio, que para futuros contractos com carregadores o pagamento que excedesse uma jarda de fazenda por cada dia de marcha, não nos podia ser vantajoso.

Foi por isto que dissemos ao ajudante que se conseguisse contractar alguns carregadores procurasse não exceder esta unidade.

Saindo a pequena comitiva que tinha alguns dias de demora, tratou-se immediatamente de providenciar para acondicionar o melhor possivel as cargas, desviando-as do solo e abrigando-as das intemperies que neste local nos pareceram as peores, não só com respeito a elevadas temperaturas como a chuvas que eram fortes e continuadas.

A grande barraca de lona e os oleados que trouxeramos, foram aproveitadas para resguardo das cargas, fazendo-se sobre o solo do recinto coberto um estrado com troncos de arvores, providencia de occasião, mas que devia ter sido substituida por um abrigo ao uso dos gentios.

O silencio devido ao isolamento em que ficámos e de que ha tanto careciamos, convidava-nos a aproveitar o tempo quando não podiamos sair para fora da barraca em estudos de gabinete, sendo o das linguas reservado para as horas vagas, quando tinhamos com quem praticar.

As passagens de comitivas de commercio foram tambem sempre por nós aproveitadas para colhermos informações ácerca da historia, ethnographia, geographia e linguistica africanas e ainda noticias que julgámos de interesse mais immediato aos nossos trabalhos.

Neste mesmo dia em que saíra a comitiva do ajudante, alguns Bângalas que chegaram de tarde vindos do Lubuco, disseram-nos terem dormido no Mulosso, a tres horas de marcha do ponto em que estavamos, onde já havia chegado aquelle official, e que tambem lá tinham chegado rapazes da povoação de Anjita para venderem mantimentos, mas que não queriam acceitar a fazenda de lei por ser muita ralla. Tinham sabido na noite anterior que estavamos demorados neste sitio, por que o Xinje Caxavala lhes dissera que seguia de madrugada de mandado do senhor major para a povoação do Quimica, a fim d'este arranjar carregadores para os transportes.

Traziam trinta dias de viagem do Lubuco, e levavam cargas de borracha. Saturnino Machado ficára bom; vendêra todas as suas fazendas aos Allemães e esperava carregadores de Malanje, para o transporte das cargas de marfim que tinha em deposito. O socio Carvalho andava longe negociando ainda a missanga que lhe restava. Os Allemães estavam fabricando casas e lavrando grandes tratos de terreno, porém os Chilangues não se mostravam satisfeitos, porque os brancos obrigavam-nos á força a pagarem tributos ao seu amigo Muquengue, e tinham ensinado a gente d'este a fazer fogo com as armas que lhe levaram. O marfim já vinha de longe para o Muquengue e custava mais caro, por isso os Bângalas e Quiôcos só podiam negociar borracha. Disseram tambem que era muito bom negocio para lá o sal e os bois da margem esquerda do Cuango. Que os Allemães estragaram o negocio da missanga e do buzio porque o vendiam muito barato e de melhor qualidade do que os Bângalas o podiam obter em Angola. Que havia muitos Ambaquistas vivendo na terra de Muquengue e cosendo roupas para este e para os filhos do Moio [1] a troco de borracha, e ensinando a lingua de Muene Puto ás crianças filhos dos seus hospedes.

---

[1] Membros da primeira classe da sua associação que tambem se denomina *Lubuco*.

Offereciam-nos interesse estas noticias, as primeiras que tinhamos dos Allemães no seu campo de operações, porém não estavamos tranquillos com respeito á nossa situação, que era o que mais nos podia importar nesse momento. Cingimo-nos pois a tomar aquellas notas, reservando para mais tarde fazer investigações que melhor esclarecessem os assumptos a que se referiam os Bângalas.

Nada haviamos recommendado a Caxavala sobre carregadores, mas se viessem alguns de Quimica, e se se sujeitassem ao que o ajudante houvesse combinado com os Lundas, não deixava de ter sido opportuna a sua lembrança, porém não contámos com tal recurso.

TAMBU

Na occasião, o que mais nos impressionou da entrevista com os Bângalas, fôra o encontrarem no Mulosso quem vendesse provisões e essa gente não querer fazenda de lei, que tinhamos necessidade de fazer passar por ainda termos bastante.

Com uma comitiva de rapazes de Cafúxi que conheciamos, chegaram no dia seguinte os quatro carregadores de Malanje que tinham partido com o ajudante, e corroboraram a noticia que já tinhamos. Alguma cousa que trouxeram de provisões, carne de caça, e bombós, fôra obtido a troco de missanga e polvora com que se preveniram e que era d'elles e de alguns companheiros, e entregaram-nos a fazenda que fôra regeitada pelos vendilhões.

Os de Cafúxi confirmaram o que os Bângalas já nos haviam dito, a saber: que nas ultimas viagens as comitivas que vinham

á borracha não traziam d'aquella fazenda, porque com muita difficuldade o gentio a acceitava, sendo preciso que ignorassem haver nos fardos outra melhor ou outros artigos, para então fazerem negocio com ella.

Ainda assim, nós já tinhamos provas de que os riscados e xadrezes chamados de terceira, e que fazem vista em peça, mas a que faltam fios, bem como o algodão cuja falta de fios se pretende encobrir com colla e cal, tambem não agradavam a estes povos, e qualquer d'estes tecidos era bem peor para seu uso que a fazenda de lei.

Em todo o caso eram estas as fazendas a que primeiro se tinha de dar saida para rações, pois não deviamos, além dos prejuizos já soffridos, depreciar o melhor que havia para compra de mantimentos. Pelo que iamos presenciando concluimos, que para futuras comitivas que não negoceiam, lhes será indispensavel munirem-se de riscados e algodões de segunda qualidade para compra de sustento.

Já era sol posto quando nos foi entregue um bilhete do ajudante, trazido por um expresso em que nos participava: — Que a povoação do Mujinga nos ficava 19 kilometros a norte, sendo pobre e de pouca gente. Que fizera diligencias para comprar mantimentos, porém que o não conseguíra por lhe recusarem a fazenda de lei, e que para a sua comitiva os obtivera por riscado. Que caminhára durante o dia debaixo de copiosa chuva — o que nós calcularamos e pelo que receararamos delongas — e que partia em seguida para a povoação do Anjita onde, segundo informações, esperava chegar ao meio dia e naturalmente tambem encharcado, pois já estava chovendo quando escrevia.

Dava-nos serios cuidados a questão do alimento, e sendo indispensavel attrair ao nosso sitio quem o vendesse, nesta mesma noite incumbimos o carregador Manuel Ignacio, que fallava bem portuguez e era um sertanejo pratico, para de madrugada ir com tres rapazes do seu fogo ao Mulosso negociar duas peças de riscado de segunda qualidade por bombós, e animar os vendilhões a virem ao acampamento.

No outro dia ás 5 horas da manhã quando nos levantámos, já elles haviam abalado, e seriam nove horas quando uns Bângalas, que passavam, nos surprehenderam dizendo que ao partirem ás seis horas do Mulosso já lá deixavam Manuel Ignacio fazendo compras. Tambem estes Bângalas nos informaram que atrás d'elles vinham carregadores para transportar as nossas cargas, mandados pelo senhor capitão, e que eram acompanhados por um soldado.

De facto pouco depois appareceram uns rapazes que pretendiam logo ser contractados, porém como o soldado não vinha na sua companhia, nem trouxessem um bilhete, dissemos que esperassem pelas noticias que devia mandar o senhor capitão. Pediram para voltarem ás suas cubatas a buscar de comer. Estranhámos esta resolução, e avisámos o interprete para que de algum modo os entretivesse e indagasse o que elles queriam com respeito a itinerario e a pagamento. Tudo porém que disseram nos pareceu inverosimil.

— Que eram de Anjita e vinham por chamado do senhor capitão para levarem as cargas de Muene Puto ao Cassassa passando pela terra d'elles, devendo fazer uma jornada até á sua povoação, duas d'esta ao Côdi, que é um porto do Cuengo, uma ao Muxaela, porto do Lubale e uma d'ahi ao Cassassa.

Ora isto era inacreditavel, porque já sabiamos que a distancia ao Mulosso era de 15 kilometros, e no primeiro dia com cargas não passavam d'aqui e que portanto não iam ao Anjita com menos de duas jornadas. Tambem sabiamos que do Lubale ao Cassassa os carregadores com cargas não podiam vencer a distancia num dia. Além d'isto pelas cartas que possuiamos e pelos nossos calculos, a distancia directa ao Cuílo, suppondo que seguiamos o rumo de leste, o mais favoravel, dava-nos mais de um grau, e com certeza elles não marchariam em cinco dias seguidos 20 kilometros por dia.

Insistimos portanto em que esperassem pelo ajudante que fôra fallar com os seus potentados, pois só elle nos podia dizer o que haviam combinado todos. Mas insistiram que não podiam esperar e retiraram.

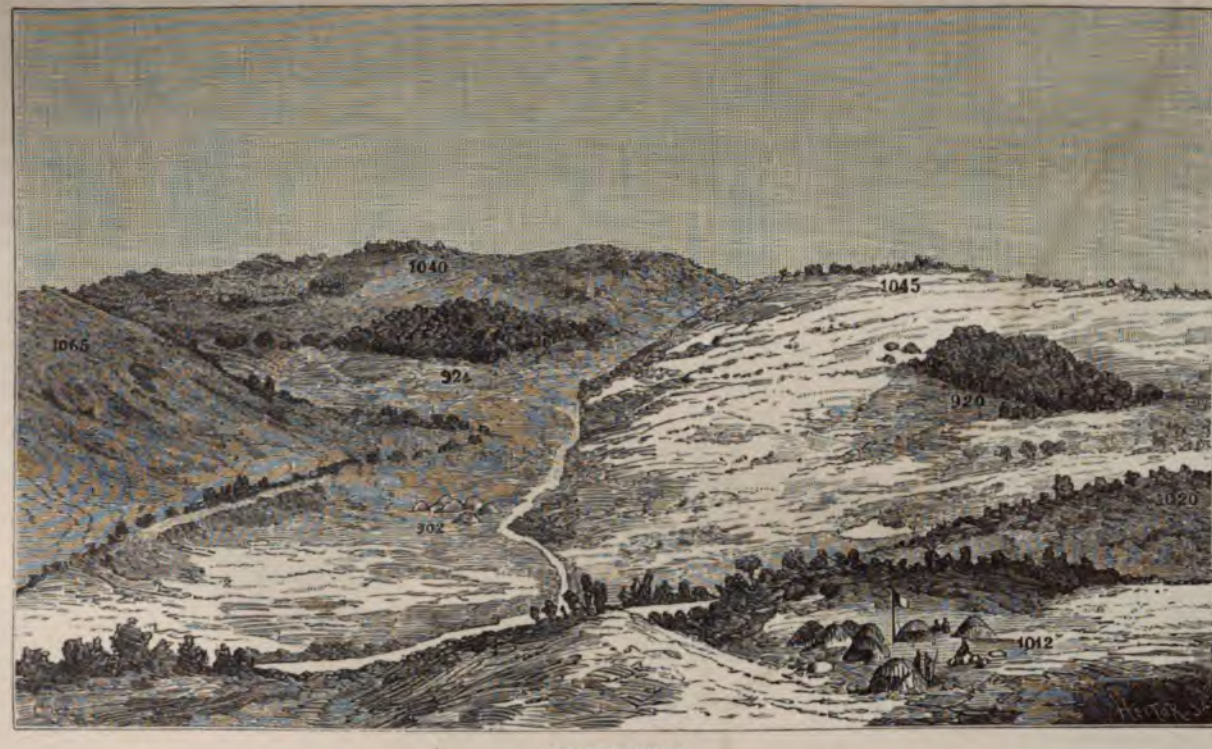
Quando chegou Manuel Ignacio e os seus rapazes, informou-nos que no Mulosso acampára um soldado com mais de vinte carregadores que o senhor capitão mandára adeante, e que deviam chegar ao acampamento no dia seguinte. Que o soldado lhe dissera que vinham muitos carregadores, porque a gente das povoações ficára contente por a Expedição de Muene Puto querer seguir pelas suas terras para o Muatiânvua; que nas povoações se dizia que o Cacuata Tâmbu esperava ter noticias da nossa passagem, para vir com sua gente ao nosso encontro e que já estava arranjando os mantimentos para a viagem.

Era bom que tudo isto se realisasse, mas duvidámos de tantas facilidades, e para distrairmos a nossa attenção de tão risonhas esperanças — como o mez terminasse nesse dia, e quizessemos aproveitar os serviços que nos offereciam uns rapazes de Quissole que chegavam do interior e partiam no outro dia de madrugada para Malanje — tratámos de fechar a nossa communicação mensal para o Ministerio e mais correspondencia para Malanje e Lisboa.

Já perto da noite, quando descançavamos do trabalho aturado de muitas horas, durante as quaes estiveramos escrevendo, procuraram-nos dois rapazes que diziam ser de Quicânua, e que vinham ao nosso encontro para lhes darmos cargas para Quimica, na supposição de que estavamos continuando a viagem com os Xinjes.

Não os acreditámos. Suppozemos antes que tinham sido enviados pelos Xinjes que fugiram e que ainda estavam no caminho esperando o velho Quicânua, e que como este lhes não apparecesse, pensaram que nós o teriamos preso por vingança. Para os não empatar respondemos logo que o velho estava ainda em Quimica onde Caxavala o fôra procurar, e que se queriam ir ao seu encontro lhe dissessem que nós continuavamos esperando que elle viesse com os dois rapazes entregar-nos as cargas que levavam para Quimica, pois não queriamos mais negocios com os Xinjes.

Os rapazes que desejavam passar a salvo perto dos nossos e terem informações do seu velho, promptificaram-se a proseguir



VALLE DE CAMAU

na sua marcha nessa mesma noite para apressar a vinda das cargas, e lá partiram muito satisfeitos.

Effectivamente no dia 1 de abril chegaram 40 e não 20 rapazes que diziam pertencer á povoação do Muxaela, a mais longinqua a que fôra o ajudante, mas andaram até perto das tres horas da tarde pelo acampamento a vender as provisões que traziam, e só depois nos vieram dizer que o senhor capitão os mandára fallar comnosco para transportarem cargas, porém que só podiam tomar conta d'ellas até Camaxilo, junto da povoação do antigo Cassassa, porque não lhes era possivel afastarem-se nesta epocha, por muitos dias, das suas casas.

Interrogados sobre o itinerario que seguiriamos para ahi, mencionaram por jornadas — Mulosso, Catala, Tundale, Zaire e Angunza Muquínji. Pareceu-nos isto mais conforme á verdade e offerecemos-lhes um bando de fazenda por cada jornada. Disseram logo que não faziam o serviço por menos de tres peças (24 bandos)! que era o que lhes tinha offerecido o senhor capitão.

Não os acreditando, encarregámos o interprete de os convencer a ficarem de noite no acampamento, porque o senhor capitão já estava no Mulosso e que quando chegasse se pagaria conforme houvessem ajustado com elle.

Á noite escreviamos no nosso Diario:

«Virão outros, ainda mais exigentes que os Xinjes?

Já os que appareceram hontem fizeram-me desanimar e estou vendo que os esforços do ajudante são baldados. Não é esta gente que nos pode convir! Paciencia, continuaremos a cavar na vinha do Senhor. Tentarei quanto seja possivel! Bem dizia Custodio Machado, que era um arrojo partir de Malanje só com 26 carregadores para 340 cargas, á aventura de os angariar pelo caminho! Previu bem, como homem pratico que é, os muitos trabalhos que teriamos de passar, para fazermos mover esta enorme massa de cargas!

Appellarei ainda de novo para o Cacuata Tâmbu!

Caso nada se consiga com esta gente, veremos se o interprete e os dois Lundas conseguem trazê-lo com os seus rapazes, e

se combinâmos na melhor forma de sair d'aqui. Se esta tentativa ainda falhar só me resta recorrer a Malanje!

Mas o peor é a demora neste meio insupportavel! Chuvas torrenciaes quasi constantes de dia e de noite, um calor abrazador nas barracas de lona, umas estufas em que se distilla por todos os poros, em que os lapis se desgrudam, a manteiga se torna em agua, e os miollos nos parecem ferver! E por cima de tudo a humidade durante a noite attingindo o maximo grau de saturação.

Isto seguidamente deve fazer-nos muito mal, e se tivermos ainda demora precisâmos arranjar uma casa nas devidas condições, ao menos para trabalho!

Se o Natal foi mau, a Semana Santa, em que estamos, não se nos antolha melhor!»

Assim encerravamos o Diario na noite de Quarta feira de trevas, e logo na madrugada seguinte se apresentaram os taes rapazes de Muxaela á porta da nossa barraca, participando-nos que iam retirar por não verem o pagamento!

Procurámos entretê-los para esperarem o ajudante e diziamos-lhe que o pagamento só elles podiam vê-lo quando levantassem com as cargas para seguirem viagem e marcassem bem as pousadas que se deviam fazer. A resposta porém era sempre a mesma: - Ainda não vimos nada!

Se lhes perguntavamos o que queriam? Respondiam — rações e tres peças.

— Mas que peças?

— Fazendas, polvora e armas.

— Sabem quanto vale uma arma?

— Quatro peças.

— E quanto um barril de polvora?

— Duas peças.

— Então se sabem isto, lhe retorquiamos, como podemos dar nas tres peças uma arma?

Um riso aparvalhado era a resposta!

Era preciso muita resignação e por isso continuavamos a interrogá-los.

— Onde vamos?

— A Muári Calumbo, no Cuengo.

— Quantas jornadas são d'aqui até lá?

— Nove. — Então querem uma peça por tres jornadas e ainda por cima rações?

— Muene Puto é muito grande, tem muitas cousas, pode pagar muito bem.

Era impossivel resolver qualquer cousa sem a presença do ajudante, e por isso puzemos termo aos interrogatorios dizendo-lhes que esperassem pelo senhor capitão, mas elles a pouco e pouco foram retirando.

Ás 2 horas da tarde chegou o ajudante com a sua pequena comitiva, cinco carregadores novos com o sobrinho de Muxaela e os que tinham retirado pouco antes.

Participou-nos que no dia anterior os rapazes que retiraram do acampamento, affugentaram parte dos que o acompanhavam, queixando-se que só queriamos pagar um bando por fundo, mas que conseguira fazer voltar os que haviam retirado.

O que elles pediam era impossivel dar-se-lhes, e além d'isso uns contavam cinco fundos, outros sete e alguns nove; por isto nada podiamos decidir sem sabermos quaes as combinações que se haviam feito com Muxaela. Dissemos ao ajudante que descançasse e procurasse depois ajustá-los em condições rasoaveis, estabelecendo-se o principio que a distancia ao Cuengo não podia ser superior a 80 kilometros de marcha, por isso que ao Cuilo já haviamos calculado regular ella de 110 até 120 kilometros.

Aos rapazes do Cacuata que se nos apresentaram mostrámos o nosso descontentamento pela gente que tinham ido buscar, declarando que iamos mandar um d'elles com o interprete dizer ao Cacuata Tâmbu: — Que se queria ir para a Mussumba com a Expedição de Muene Puto, viesse já com a sua gente, pois estavamos ali empatados porque os Xinjes foram maus e traiçoeiros, e a gente de Anzavo pedia muita fazenda só para chegar ao Cuengo, e do Cuengo para lá ainda se não sabia o que os outros pediriam. Que nós pensavamos que o

Muatiânvua era mais respeitado, e que os caminhos para a Mussumba eram de amigos e não de ladrões, mas como não fosse assim, se Tâmbu não pudesse vir largariamos fogo ás cargas, e retiravamos para dizer a Muene Puto que não mandasse mais filhos seus visitar o Muatiânvua e tampouco consentisse que de suas terras saisse mais negocio para as d'elle.

Os rapazes declararam que estavam promptos a chamar o Cacuata, mas lembraram que seria conveniente aproveitar a gente que viera para levarem as cargas para o Cassassa no Cuilo, ou pelo menos até ás terras de Muári Calumbo no Cuengo, que, segundo elles, indo por Muxaela, eram cinco jornadas para cargas. Entrando-se em averiguações com um dos rapazes de Muxaela sobre a marcha, insistiu em nove jornadas, e quando se tratou do ajuste, não respondia, mais do que os outros — Nós ainda não vimos nada.

MANUEL IGNACIO E SUA MULHER

— Nem podem vêr, lhe dissemos, senão quando o sobrinho de Muxaela e o senhor capitão chegarem a um accordo sobre o pagamento, e quando estejam promptos para levantarem as cargas que lhes forem distribuidas.

— Dissera-nos o sobrinho de Tâmbu que pagando-lhes uma peça deviam de acceitar, e nós annuiamos a dar meia até Muxaela, e que lá dariamos uma a quem seguisse para o Cuengo, e que fossem elles combinar com os seus companheiros, dando parte ao senhor capitão do que resolvessem.

Informou-nos depois o ajudante que os carregadores de Malanje mostravam má vontade em seguirem pelo caminho que elle percorrêra para Muxaela, mas que receavam nos zangassemos, e que por isso até então nada nos haviam dito.

Na verdade extranhámos esta noticia dada pelo ajudante, que acabava de chegar de uma diligencia em que fôra fazer o reconhecimento d'aquelle caminho, visto não ter feito parte da sua comitiva um unico carregador de Malanje, porque os quatro que foram chegaram só até ao Mulosso, ponto obrigado de passagem ás comitivas de commercio com quem haviamos fallado. Como tinhamos de perder tempo em averiguações, recommendámos ao ajudante que antes de qualquer deliberação nos apresentasse o relatorio sobre o reconhecimento que fizera, pois melhor ajuizariamos do que nos tinha dito acêrca dos homens de Malanje.

Mandámos em seguida chamar os interpretes, o Ebo e mais alguns carregadores velhos, cujos companheiros diziam terem elles já transitado por estes caminhos, e depois de mostrarem receio de nos fallar a tal respeito, suppondo que eram nossos desejos ir a Muxaela, disseram — ser o melhor caminho, o que nós quizeramos seguir com os Xinjes pelo Mulosso ao Cangúia, depois ao Xa Mujinga dependente do Caianvo, e que no dia immediato se podia acampar no Angunza Muquinji, tio do Cassassa.

— Que do Angunza ao Cuengo eram ainda dois ou tres dias de viagem, porém no Angunza havia de comer e perto haviam as povoações de Xa Passa e Quimica que tambem tinham de comer e gente. Este caminho era melhor, mais directo e havia mantimentos, emquanto que para Muxaela era sempre a subir e as povoações por onde se passava nada tinham.

Á vista do que nos expozeram, mandámos perguntar ao ajudante emquanto calculava a distancia e a altitude de Muxaela.

A marcha fôra de 36 kilometros e a altitude era de 1:300 metros proximamente. Como estivessemos á altitude de 1:020 metros, mais de 300 metros em 36 kilometros para transporte de cargas, quando o pessoal já estava debilitado, era muito.

Perguntámos então aos individuos que consultavamos se, acceitando nós o caminho por elles lembrado, estavam dispostos, ajudados por soldados e Loandas, a fazerem a mudança a pouco e pouco para Angunza Muquínji.

Responderam ser isso bom, e que todos fariam o serviço de bom grado, porque era serviço de Muene Puto. Calculavam fazer a viagem em quatro dias e regressarem em dois. Portanto podendo-se dispor de quarenta homens em cada viagem, vimos que a mudança se fazia o muito em nove turnos, para o que eram precisos cincoenta e quatro dias, isto é, dois mezes.

Antes isso do que ficarmos ali parados, mas como o tempo ainda estava mau para viagem com cargas, deliberámos mandar o interprete Bezerra com os dois Lundas, diligenciar que Tâmbu viesse ao menos com vinte rapazes, pois era já um auxilio bom para esta mudança, que se faria então em menos de mez e meio.

Estava decidido que se desistia da gente de Muxaela, a não ser que acceitasse o caminho indicado, e nas condições do pagamento já estabelecidas.

Não quizeram, preferiram retirar, e nós tratámos de instruir Bezerra não só sobre o que devia dizer a Tâmbu, mas ainda como devia satisfazer na sua marcha para o Anzavo, a uns quesitos que julgámos indispensaveis afim de apurarmos para a nossa carta geographica o maior numero de esclarecimentos que se pudessem colligir.

Ensinámo-lo a servir-se da bussola, do pedometro e a fazer registos em uma caderneta com as respectivas indicações, no que empregámos uma boa parte do dia 2. Como elle tinha de percorrer uma grande distancia já estudada pelo ajudante no seu regresso de Muxaela, e como a chipanga (residencia) do Anzavo já estivesse determinada pelo sub-chefe, facil nos seria corrigir as imperfeições do seu trabalho e marcar na carta o seu itinerario com muita approximação.

Saiu esta diligencia na madrugada do dia 3, e nós fomos logo estudar attentamente o relatorio da viagem do ajudante, de que damos em extracto o que offerece mais interesse.

VIAGEM DO AJUDANTE AO MUXAELA

ontado no seu boi-cavallo partira o ajudante ás dez horas da manhã do dia 20 de março com a pequena comitiva indispensavel, andando pouco mais ou menos no rumo N.-NE. até 2:100 metros subindo sempre, e passada a linha de agua Camassenda, que corria para W.-NW. a confluir no Uhamba, mudou de rumo para N.-E. caminhando entre arvoredo por 1:500 metros, tendo de passar uma outra linha de agua denominada Chaquingoma, que corria a W. da primeira. Seguindo depois um quarto mais para o N., deparou-se-lhe no fim de 4 kilometros um sitio encharcado. Já debaixo de chuva houve demora, porque um outro boi de monta que ia de reserva arrebentou a corda com que o soldado o segurava, e ás carreiras foi internar-se na floresta cerrada a oeste.

Todo o pessoal teve de arrear cargas e de ir em sua perseguição, conseguindo-se agarrá-lo depois de algum tempo de trabalho.

Continuando a marcha percorreu 6:200 metros no rumo N.-E. com pequenas variações, chegando ao sitio a que chamam Mulosso, onde os povos vizinhos costumam ir feirar os productos das lavras e outros generos de alimentação, por ser ahi que acampam as caravanas de commercio que vão mais para o interior ou de lá regressam, e onde se teem conservado abrigos permanentes para evitar que ellas vão acampar em outro ponto.

O percurso até ali foi de 14:800 metros em caminho muito regular para cargas, porque apesar de subida era pouco accidentado.

O Mulosso é uma grande planura na altitude de 1:149 metros, desaffrontada do lado de W. sendo limitado o horisonte a N. e E. por elevadas serras. Alguns fundos estavam occupados por Bângalas, que pouco antes de o ajudante ali chegar tinham acampado vindo do interior pelo caminho de leste.

Já tambem ali estavam alguns homens das povoações proximas vendendo carne de caça defumada, bombós, mandioca e jinguba.

Fez o ajudante diligencia de comprar alguns mantimentos para nos enviar, porém os vendilhões não quizeram a fazenda de lei que elle levava para tal fim, e por isso limitou-se a fazer compras com fazenda de riscado para o pequeno pessoal que tinha de o acompanhar.

O descanço fôra ali de duas horas e continuando a marcha para Mujinga, seguiu primeiro ainda no rumo E.-NE. por 1:500 metros até um novo pantano, para depois percorrer mais 1:700 metros subindo no rumo N.-E. Virando então novamente a E.-NE. e caminhando neste rumo 500 metros, entrou na povoação de Mujinga onde acampou, attingindo uma altitude de 1:250 metros chegando bastante fatigado de um percurso em boi-cavallo de 17 kilometros e meio, sempre encharcado pelas chuvas constantes e torrenciaes.

A povoação era muito pobre de recursos, pequena e de pouca gente, no emtanto impressionou-o bem com respeito ao trato dos habitantes, demonstrando elles ao seu modo a sua satisfação por verem um branco, filho de Muene Puto, que muito

principalmente despertou a curiosidade das mulheres, as quaes mostraram empenho em conhecer se os seus pés eram do mesmo feitio que os d'ellas, se eram brancos como as mãos e de carne, pois haviam-lhes dito que eram de trapos de algodão encobertos com as botas.

Relativamente a vestuario notou ser aqui ainda mais singelo do que em outros povos que já tinhamos visitado, pois as raparigas na maior parte apenas usavam para occultar as partes genitaes, um retalho de fazenda suspenso por fibras de plantas torcidas de uma corda delgada que traziam atada em roda da cintura, e os homens applicavam para o mesmo fim as pelles de pequenos animaes, uma adeante e outra atrás tambem suspensas á cintura.

Quando o ajudante foi visitar o potentado, tanto este como o povo que o rodeava mostraram-se muito satisfeitos pela passagem da Expedição de Muene Puto para o Muatiânvua, porém lastimaram-se de sua pobreza, que não só lhes não permittia corresponder ao presente que lhe enviavamos dando de comer á visita, mas ainda apresentarem gente para as cargas.

—Porém, se nós nada podemos, dizia o potentado, siga o filho de Muene Puto para o Anjita e Muxaela, que estes dispõem de muito povo e apresentarão os rapazes que forem precisos para os filhos de Muene Puto não continuarem demorados no mato á chuva e passando fome.

Não havendo possibilidade de obter cousa alguma nesta povoação, continuou o ajudante a sua viagem no dia seguinte de madrugada, apesar de estar chovendo.

Percorrendo 300 metros para N.-W. entrou no trilho, em que marchou 2,5 kilometros no rumo N.-NE. tendo de atravessar o rio Mazengo e seguir 1,5 kilometro no rumo um pouco mais para E., encontrando pela primeira vez o rio Nuovo que corria de N.-E.

Passou este rio com facilidade montado no boi e marchou 500 metros para E. e no rumo N.-E. uns 1:100, ficando-lhe a leste as povoações de Camba Angunza e de Anjita. Caminhou depois 2 kilometros no rumo de E. e passou o riacho Muquiza

affluente do Nuovo, para seguir ainda no mesmo rumo outros 2 kilometros, voltando então a N.-E., direcção em que andou 1 kilometro, entrando na povoação de Mona Uta, onde deu descanço á comitiva e foi visitar o potentado.

Tambem esta povoação era pobre, mas dispunha ainda assim de alguns recursos, não podendo o potentado sem ordem de Muxaela, ceder os poucos rapazes que tinha disponiveis para o nosso serviço. Todavia animou o ajudante a procurar o Muxaela porque este não só daria gente da sua povoação para transportar as cargas de Muene Puto, mas mandaria chamar a de outras, e os poucos homens que Mona Uta tinha seguiriam então com os d'elle.

Já no caminho o ajudante havia encontrado homens e mulheres do Anjita com cargas de mantimentos para o Mulosso, a quem disse que nós estavamos acampados em Camau e que pagariamos bem os mantimentos que elles nos quizessem vender, e isto mesmo repetiu a Mona Uta, animando-o a mandar os seus filhos buscar mandiocas das lavras para negociarem comnosco.

Proseguindo a viagem para o N. e sempre subindo, caminhou 1 kilometro por uma densa floresta, para atravessar o rio Cassuza, mais 2 kilometros para novamente passar o rio Nuovo, que nascia nas montanhas elevadas que lhe ficavam a W. e depois 300 metros para atravessar um riacho affluente d'aquelle. Continuando num percurso de 4:800 metros entre serras a E. e W. aos zigue-zagues no rumo medio de N.-NW. e atravessando uma floresta de corpulentas arvores entrou num descampado. Descansando pouco depois junto da povoação de Muxaela, numa altitude approximada de 1:320 metros, verificou que a marcha d'esse dia fôra de 19 kilometros, chegando como na vespera fatigado por causa dos grandes accidentes do terreno, e com a roupa molhada da chuva que aguentára até Mona Uta.

Como fosse já muito tarde quando acampou, só no dia immediato 31, de manhã, foi visitar o potentado, e procurou desempenhar-se da sua missão com respeito a carregadores.

Tanto o potentado como a gente que o rodeava ficaram surprehendidos por os Xinjes terem abandonado as cargas de Muene Puto no mato, e mostraram a sua satisfação por nos lembrarmos que elles por certo viriam de bom grado ajudar-nos a proseguir a nossa marcha para o seu Muatiânvua. Deram noticia que o Cacuata Tâmbu nos estava esperando ha tempo para ir comnosco á Mussumba, d'onde ha muito estava ausente; e que já tinha mandado pedir que o prevenissem da passagem da Expedição para vir ao nosso encontro, mas o que elle de certo não esperava era que escolhessemos um caminho tão perto do seu sitio.

Como o ajudante dissesse que pretendia retirar no dia seguinte, o potentado ficou de expedir as suas ordens para se lhe apresentarem carregadores naquelle mesmo dia, encarregando logo seu sobrinho de acompanhar o hospede e de vigiar os que tomassem conta das cargas.

Pouco depois do ajudante ter regressado ao seu acampamento, foi-lhe entregue da parte do potentado o presente de comida que lhe enviava — gallinhas, ovos, fuba, bombós, etc.

Estando situado o seu acampamento numa posição relativamente a mais elevada de toda a nossa viagem, sobranceira a um grande numero de valles que se desenvolviam em ziguezagues, estendendo-se para N.-W., podia com a vista abranger um largo horizonte e contemplar abaixo de si um panorama soberbo, distinguindo-se ao longe, entre as diversas eminencias umas sobre o redondo, outras agudas, os profundos valles em que corriam largas linhas de aguas crystallinas. Como um marco, a N.-W. estava a montanha do Anzavo á qual tres mezes antes subira o sub-chefe, para visitar o potentado, com o mesmo fim com que elle visitava agora Muxaela.

Pena foi que o ajudante, a cujo cargo estava a secção photographica da Expedição, não tivesse sido acompanhado nesta excursão por dois ou tres homens transportando o material indispensavel para reproduzir não só os interessantes lances de vista que no seu transito disfructou e os typos das diversas povoações onde esteve, como ainda a estructura e relevo

d'esse grande quadrilatero irregular, que via a W., determinado por Mona Mahango na altitude de 765 metros, Quileca na de 1:060 metros, Muxaela na de 1:320 metros e Anzavo na de 971 metros, e do qual as tres linhas extremas de Anzavo a Mona Mahango, d'este ponto a Quileca e d'ahi a Muxaela, tinham sida percorridas pela Expedição!

Foi pena na verdade, nem talvez outra occasião se nos proporcionasse para o estudo tão completo d'esta região, em que os rios Uhamba e Nuovo, na epocha em que correm mais caudalosos, se apresentavam perfeitamente definidos, com todas as suas ramificações, serpenteando entre as eminencias, ora a descoberto ora occultos por frondosos e variados macissos de exemplares da superabundante flora que a natureza ali ostenta.

Mas quem podia prever este ensejo, se o motivo porque saíra o ajudante do nosso acampamento, desviando-se do itinerario que seguiamos, fôra o de procurar gente e mantimentos, para nos tirar da pessima situação em que de subito haviamos caido?

Era esta mais uma lição que só o viver prolongado nestes sertões nos podia ensinar. Mesmo nas peores circumstancias, sempre que houvesse necessidade de nos afastarmos do campo das operações convinha levar o maximo numero de recursos que possuissemos de trabalho e de estudo.

Mas se a photographia que nos podia prestar documentos importantes, que muito elucidariam as informações do observador faltou, contentemo-nos com estas, procurando tirar d'ellas o maximo partido.

O ajudante desviando-se do itinerario que seguiamos, andou sobre as ondulações do terreno que mais se elevam entre os rios Cuango e Cuengo para N., e que constituem por assim dizer a divisoria das bacias d'aquelles dois rios que baixam rapidamente para o norte.

Foi nesta região que as aguas pluviaes rasgando sulcos deram ao terreno o actual relevo, dividindo-o em massiços por valles tortuosos, os quaes contornando-os se reunem por vezes, para de novo se afastarem, ora mais para o norte ora mais para oeste. Segundo a exposição d'estas montanhas, encontram-se tratos de terreno em que a vegetação se desenvolve mais do que em outros, e tambem alguns se apresentam muito mais desnudados do que outros onde afloram as terras avermelhadas em volta das bancadas de rochas escuras, tornando-se estes caracteres mais salientes nas abas das serras que olham a sul e oeste, notando-se uma vegetação mais desenvolvida nas que olham a norte e leste.

A bacia de leste apresenta-se menos deprimida, mais uniforme e regular, mas menos cortada de aguas e por isso mesmo muito mais arida, notando-se que onde prevalece a vegetação esta é muito mais rachitica que na de oeste, e que os maiores exemplares da flora não tem a corpulencia dos que habitam nesta ultima.

Eram pouco dados á cultura os povos visitados pelo ajudante, porém destacavam-se ainda assim os de Muxaela que sabiam tirar partido da abundancia de linhas de agua ao norte da povoação. Cultivavam mandioca, tabaco, jinguba, milho, feijão miudo e alguma abobora, vendo-se bons exemplares de mandioca e milho.

Com respeito á povoação informava o ajudante, ser ella grande e aceada, tendo as habitações construidas pelo mesmo systema conhecido, vendo-se algumas rectangulares e com duas aguas mas o mais commum eram as coberturas em forma pyramidal. As entradas eram baixas mas reforçados os seus aros, sendo os que as revestiam superiormente avançados para resguardo contra as chuvas.

O potentado recebeu-o como de costume, num largo á frente da sua residencia, e pela gente que compareceu nessa recepção affigurou-se-lhe que a população era das maiores que tinha visto, e emquanto ao cerimonial era já differente do dos Xinjes e dos Bângalas, indicando mais respeito para com os chefes.

São já Lundas estes povos, e por isso o esfregar os braços e peito com terra é uso constante de quem falla com os seus superiores.

Nos penteados encontrou differenças caracteristicas. Os homens na maioria usam-nos levantados e alguns trazem os cabellos atados atrás ao alto da cabeça. As raparigas usam-nos levantados adeante e as mulheres já de certa idade deixam-nos caidos em tranças, ornados com contaria, para o que preferem as contas vermelhas e tambem pequenas chapas de metal amarello.

Entre as raparigas viu algumas de bonitas formas, de seios sobre o redondo, avançados e rijos, mantendo-se tambem direitos porque os apertam com uns cordeis que atam nas costas. Não são altas, teem cabeça pequena, pescoço curto mas reforçado, mãos e pés curtos mas largos e achatados, olhos vivos e escuros, bocca pequena mas com beiços grossos, nariz pequeno, largo na base e um pouco abatatado. Hombros direitos e carnudos, braços roliços mas delgados em baixo. As ancas salientes, as pernas proporcionadas á altura, coxas roliças, arqueadas posteriormente, adelgaçando no joelho e com os calcanhares um pouco salientes.

Tambem viu mulheres de seios caidos e chatos, que indicavam terem mais de trinta annos de idade, e algumas com elles muito compridos e largos, sendo estas em geral mulheres de maior estatura, deparando com algumas que os tinham com a pelle muito quebrada e enrugada, denotando grande abatimento.

Os homens em geral eram de estatura regular, alguns altos, mas tambem de cabeça pequena, beiços grossos, nariz achatado, pouca barba, usando alguns a pera entrançada, enrolada para o lado de dentro e atada. Tinham peito largo e chato,

braços compridos e delgados, costas curvadas, cintura delgada, ventre grande e um pouco saliente, pernas direitas tambem delgadas e pouco cabelludas e sobre o ventre alguns cabellos.

Tanto as mulheres como os homens tinham a pelle muito fina e lustravam-na com materias gordurosas.

As mulheres em geral traziam suspensos de um cordão na cintura, atrás e adeante, pedaços de mabella franjada, da grandeza de um lenço regular, e os homens, adeante, pelles de pequenos animaes sobre um bocado de mabella mais grossa que a das mulheres suspenso em torno da cintura, e que os cobria ordinariamente até aos joelhos. Alguns usavam fazenda em vez da mabella.

Como ornamentação todos traziam no delgado dos braços e pernas, aros redondos de fio de metal ou de missanga, e tambem cordões em que enfiavam algum fructo secco ou uma conta grande de vidro, ou mesmo pausinhos ou pequenos bonecos de pau, estes eram muito usados acima do cotovello.

Ao pescoço tambem suspendiam de fios com ou sem missanga, pausinhos, fructos, bonecos, pequenos chifres, dentes de animaes, tubos de metal etc., servindo de amuletos para preservar de varias cousas más, e na cabeça além do que já ficou dito, pennas de animaes, estiletes de fabrico indigena com seus relevos, fitas, folhagem de arvores, etc.

As crianças até aos cinco annos andam nuas, notando-se porém que com as raparigas teem as mães o cuidado, de as proteger como o que podem, mesmo quando lhes dão de mammar, para que não sejam vistas descompostas pelos estranhos.

Foi este um uso que observámos por mais de uma vez e entre todas as tribus que visitámos, o que nos pareceu ser uma manifestação de pudor muito natural ao sexo feminino.

As mães, como já temos dito, não se descuidam dos filhos até uma certa idade, e como estes não possam aguentar-se muito tempo de pé, nem tão pouco acompanhá-las quando mais crescidos nas caminhadas diarias para o mato, para o rio e para as lavras, finalmente em todas a que dão logar os

serviços domesticos, por isso vão escarrachados á cintura das mães, quer atrás quer ao lado e seguros por umas tiras de fazenda ou de mabella que os encobrem, ficando apenas de fora a cabeça, braços e as pernas do joelho para baixo.

Se as mães se sentam ou se estão fazendo serviço em um determinado sitio, as crianças são postas no chão onde se entreteem, os rapazes completamente nus e as raparigas cobertas adeante da cintura para baixo com qualquer farrapo.

Vêem-se na rua os rapazes brincando, saltando e luctando completamente nus, mas já não succede o mesmo com as raparigas.

As mães não as deixam sair da habitação, ou de junto de si se estão ao ar livre, e neste caso encobrem-nas onde a decencia obriga, quanto mais não seja, com folhas de qualquer arbusto suspensas á cintura.

São estes povos mais caçadores que agricultores, e pode dizer-se que a pouca cultura que existe é feita pelas mulheres, e com o seu producto os homens obteem das caravanas de commercio fazendas, polvora, armas, e a missanga principalmente para ellas se enfeitarem.

Havia caça em abundancia nas depressões em redor da montanha de Muxaela, porém na occasião, raros foram os pedaços de carne de caça vistos pelo ajudante na povoação. Foi informado da existencia da veação grossa, como sóco, veado, palanga, muhanda e tambem de caça mais miuda, como lebre, macaco, etc.

Na epocha propria, a caça não só fornece melhor alimento ao gentio, como ainda lhe dá ensejo de adquirir em troca d'ella os objectos do nosso commercio de que carece.

Tambem os melhores caçadores vão longe a qualquer dos rios Uhamba e Cuengo caçar o hippopotamo, defumando a carne á falta de sal, para reserva no tempo das chuvas.

Fazem uma grande cova rectangular de pouco fundo no solo, onde dispõem achas de lenha a que largam fogo, e na abertura fazem um gradeamento de troncos e sobre estes collocam pedaços de carne que de quando em quando viram.

A carne não fica bem passada por este grosseiro systema de fumagem, e em geral os pedaços assim preparados que apparecem á venda estão mais ou menos corrompidos, mas ainda assim, segundo alguns individuos com quem fallámos sobre o assumpto, preferem-na á carne fresca.

Não nos surprehendia que assim fosse, porque entre nós o bom apreciador da perdiz prefere-a um pouco sentida. A verdade, porém, é que será raro elles comerem carne fresca de cavallo marinho pelas condições que se dão na caçada. O animal ferido corre logo para a agua, onde vae morrer; passado algum tempo é levado na corrente, e como os rios em geral se desenvolvem em largas curvas, quasi sempre são encontrados 24 horas depois no fundo de alguma das suas reintrancias.

Aberto, limpo e esquartejado o animal, no que decorre parte do dia, só no outro é transportado para a povoação dos caçadores, onde muitas vezes só chega no dia immediato e já a carne está corrupta mas de tal modo que entre nós seria considerado como nociva á saude.

Por isso — a não ser o caçador e os companheiros, que procuraram o animal e depois o preparam á margem do rio no ponto em que foi encontrado, que se lembrem á noite de cozinhar uma porção de carne — quando esta chega a distribuir-se e a vender-se, pode affirmar-se que já não está fresca.

Na tarde do mesmo dia 31 alguns rapazes de Muxaela como tivessem provisões para vender e fossem mandados apresentar

ao ajudante para o acompanharem ao nosso acampamento, pediram-lhe e obtiveram licença para nessa mesma tarde partirem. Foram estes que chegaram, fizeram o seu negocio, e como não quizessem esperar o ajudante, para entrarem em ajustes sobre o serviço para que foram chamados, retiraram.

O ajudante foi despedir-se na madrugada do dia 1 de abril do Muxaela, e partiu com o sobrinho d'elle por um caminho mais a W. e mais breve do que o já percorrido, até encontrá-lo no ponto em que passára pela primeira vez o Nuovo, ficando as montanhas em que o rio nasce entre os dois caminhos.

O primeiro percurso no rumo pouco mais ou menos W.-SW. foi de 800 metros até ao riacho Chibinda, que em grandes curvas corre para os quadrantes de W. e vae entrar no Nuovo, e o immediato foi de 3,5 kilometros, no rumo S.-W. até ao riacho Camabuto affluente do anterior, deixando no segundo kilometro a E. a povoação de Mona Lubanda que tinha agradavel aspecto pela sua boa ordem, asseio e regulares construcções, resguardadas com cercos de delgados troncos revestidos de capim secco bem unido e coroadas pelas verdejantes folhas dos rebentos dos mesmos troncos.

Tambem nos caminhos e largos limitados por estas divisorias, viu alguns pés de bananeiras e arbustos, que se podem chamar entre elles de ornamentação, e em pequenos recintos reservados, guarnecidos de panellas de barro com ingredientes, alguns toscos bonecos de madeira, emfim os taes muquixis de geral veneração.

Era desaffrontada a localidade para as bandas de W. e as collinas d'esse lado illuminadas pelo sol, destacavam-se do escuro dos valles, impressionando agradavelmente, porque a luz mais realçava a variedade de tons verdes da exuberante vegetação ainda molhada das chuvas. A determinação dos maiores individuos que a compunham daria trabalho, pelos innumeros parasitas que, enroscando-se nos troncos das arvores e dos arbustos, caiam depois como festões e se enlaçavam nos de outros, formando coberturas abobadadas por onde a claridade difficilmente se coava.

Muito são estes jardins naturaes de admirar, quando de tempos a tempos com elles deparâmos!

Seguindo o ajudante no rumo S. por kilometro e meio, mudou para S.-SW. em que caminhou 3:300 metros até ao riacho Chileca que corria para W. e depois mais 3,5 kilometros no rumo S. para entrar na povoação de Mucangala.

Esta era pequena e pobre, parecendo uma dependencia da do Anjita, que o ajudante visitára na sua passagem e com a qual se communica por um caminho directo que segundo as informações não excedia 1 kilometro.

Continuando no mesmo rumo ainda por 1:300 metros, mudou depois para S.-W. andando 1:200 metros para encontrar o rio Nuovo no mesmo ponto em que primeiro o passára. Tinha pois completado o circuito em torno das montanhas onde nasce este rio e algum dos seus affluentes.

Passando o Nuovo, entrou no caminho já percorrido e foi pernoitar na povoação do Mujinga onde acampára na sua ida para Muxaela.

Este caminho sendo mais curto dois kilometros approximadamente, era ainda menos accessivel para transporte de cargas que o outro; e na occasião muito escorregadio por causa das chuvas torrenciaes e successivas dos ultimos dias.

Foi no dia 2 que saiu da povoação do Mujinga em direcção ao acampamento, onde chegou nestè mesmo dia depois das 2 horas da tarde.

No Mulosso encontrára já de regresso os rapazes a quem havia fallado para o serviço do transporte das cargas, e deram-lhe parte que retiravam por não lhes convir a disposição em que estavamos de só pagar um bando de fazenda por cada dia de jornada.

Tambem aqui tivera noticias por uma comitiva de Bângalas que regressava do Lubuco, que no Caungula todos estavam preparados esperando uma guerra de Quiôcos promovida por um pretendente áquelle Estado; e que no Cassassa em companhia do velho Cacuata Catumbelai estava Ianvo, Suana Mulopo do fallecido Muatiânvua Muteba, que ha tempos a

côrte tinha mandado chamar para tomar posse do Estado, por ser elle o filho mais velho do Muatiânvua Noéji.

Este individuo era o mesmo a proposito do qual já se dizia no Anzavo, quando lá estivera o sub-chefe, que a Expedição provavelmente encontraria no caminho, ou que ella iria ainda assistir ao acto da sua posse. Nós porém, pela demora que tinhamos tido suppunhamos estivesse elle já ha muito tempo na Mussumba, pelo facto de caminhar em terras do estado que era chamado a governar.

TREPADEIRA DO RIO CAMAU

ESPERANDO O INTERPRETE

aira, como atrás dissemos, a pequena diligencia do interprete, e calculámos que, por muito bem que andasse e por muito depressa que o Cacuata a despachasse, não poderia estar de regresso antes de doze dias.

Era necessario portanto distribuir fazenda para rações, mas ainda fazenda de lei, a qual o pessoal não querendo acceitar, se convenceu depois de muita discussão da conveniencia que havia em se consumir, e de não se dispôr da de melhor qualidade neste logar, porque os vendilhões nos reduziriam com exigencias ulteriores a apuradas circumstancias.

Aqui tivemos pois mais um argumento, de que para expedições além do Cuango, o pessoal de carregadores não deve ser procurado nos sobados em contacto com a civilisação, porque acostumados já a um certo numero de commodidades relativas e senhores da vontade propria, prestam-se a servi-las

não com o fim unico de se vestirem e de comerem durante o tempo que ellas duram, mas de as explorarem tambem. Cada um mira ao proposito de comprar pelo menos uma mulher para sua companhia, ou um rapaz para o auxiliar nos seus trabalhos. Padecem, soffrem privações e impõem a si mesmo o sacrificio de ir subtraindo no pagamento das rações uma parte, para conseguirem o desejado intento. Ninguem pode acreditar que a gente que se tem amoldado a um melhor modo de viver por imitação dos povos vizinhos, que prospera, que mantem relações com os povos civilisados, se contente apenas com o lucro equivalente a uma importancia em réis, de 6$800 a 8$500, que é o preço porque ultimamente se ajustavam para o transporte de cargas até ao Lubuco ou até á Mussumba, no que está calculado se gastarão pelo menos dois mezes!

Este pagamento, que em geral se faz com differentes artigos de commercio á escolha, se nelle entra uma arma e polvora que corresponde a metade, é o que o carregador leva comsigo; o mais deixa-o á mulher e parentes, tirada uma parte para o soba que o contracta para o serviço.

Comnosco e por sermos portuguezes — dando-se a circumstancia de termos completado os seis mezes quando caimos no valle em que estavamos sem saber como e quando d'elle podiamos sair — estes homens não só continuaram ao serviço, mas estavam animados a proseguir, conscios de que tinham de luctar com mais trabalho e por tempo indefinido, pois se propunham a fazer a remoção das cargas de acampamento para acampamento.

No caso sujeito, da compra de mantimentos, não eram tambem as maiores difficuldades levantadas pelos indigenas entre os quaes os procuravamos, antes sim pelo pessoal que nos acompanhava, a quem pelas circumstancias que se davam, não podia convir a fazenda de lei que não servia aos seus fins. Com os nossos ainda se davam outras condições, parte das quaes ficam expostas, pelo que bem mereciam que os desculpassemos, os aturassemos com a maxima paciencia e procurassemos

convencê-los que não estavamos em terras de recursos, que não era possivel attender ás suas exigencias, que todos trabalhavam em serviço de Muene Puto — o qual não deixaria de recompensar todos os sacrificios que fosse necessario fazer — e que relativamente se elles padeciam, os seus chefes europeus ainda padeciam muito mais.

Acceitaram emfim a fazenda de lei e em boa occasião, por que momentos depois chegava ao acampamento Quicânua com vinte rapazes de Quimica, de que se fizera acompanhar para nos auxiliar no transporte das cargas, os quaes aproveitaram o ensejo para virem com muhambas de mantimentos que immediatamente o pessoal negociou pela referida fazenda, parte da qual não chegára a entrar nas suas cubatas.

Procurou Quicânua convencer-nos de que tivera grande desgosto quando lhe participaram o modo como os Xinjes se portaram, e que não viera logo para o nosso lado porque procurára reunir rapazes para nos ajudar a sair d'ali.

— Não trago muitos, dizia elle, mas estes podem receber pagamento para marcharem com o senhor capitão, depois voltam e animam outros a virem com elles buscar novas cargas, e a Expedição não continúa aqui desamparada padecendo tantas fomes.

Agradecemos-lhe a sua boa intenção e respondemos:

— Que nada queriamos com os Xinjes, e que já tinhamos resolvido não ir a Quimica e esperarmos ali o Cacuata Tâmbu que mandaramos chamar com a sua gente. Que pouco nos importara o termos de padecer, e que estimavamos estar naquelle logar, porque passando ahi muita gente com cargas para baixo e para cima, o Capenda, o Caianvo, os Bângalas, o Muene Puto e o Muatiânvua depressa ficavam sabendo que o povo de Mona Mahango, que tantos beneficios devia á Expedição e que sempre por esta fôra bem tratado, se comportára mal com os filhos de Muene Puto, e que Mona Mahango e os seus filhos consentindo-o, faziam a sua desgraça e das suas terras, porque haviam de ver um grande castigo pelo mal que nos causaram.

Quicânua dava-nos razão. Ponderava que não sabia como apresentar-se deante de sua ama se não acceitassemos os seus serviços; que só depois de estarmos em Quimica é que tencionava ia dar-lhe conta do procedimento dos rapazes e dos seus esforços em nos tirar da má situação em que nos deixaram; que elle acompanharia tambem o senhor capitão e voltaria com mais gente para o transporte do resto; que se não queriamos ir para Quimica nos levaria para Muquínji, distante d'ali quatro dias de viagem, mas que tinhamos então de pagar uma peça pela carga, e meia peça de rações, etc., etc.

Como não acceitassemos a sua proposta depois de muito insistir comnosco, pediu-nos que ao menos acceitassemos a comida que de proposito nos trouxera, um bode feio e pequeno — que não resistimos depois á tentação de desenhar — e fuba, batatas doces e jinguba. Como estavamos necessitados e para o não contrariar mais acceitámos, retribuindo logo o seu presente com muito pouco, o equivalente a 600 réis, o que lhe não agradou. Pediu depois na retirada se lhe davamos dois pratos de louça, ao que annuimos, porque dois rapazes do seu fogo que tinham levado cargas de louça as apresentaram intactas, apesar de oito dias de ausencia podendo até ter ficado com toda ella.

Se este facto, por ser isolado, não era o bastante para comprovar probidade, tanto por parte dos dois rapazes como do velho seu amo, dá occasião de dizermos que os Xinjes vivendo tres mezes comnosco, sob este ponto se distanciavam muito de todos os povos que conhecemos, e muito principalmente do pessoal que nos acompanhava, composto de individuos de diversas proveniencias que constantemente se tornavam maus modelos para imitar.

Nem na Estação Costa e Silva, nem em jornada durante vinte dias transportando cargas, sem que fosse possivel exercer sobre elles uma fiscalisação regular, marchando na maxima liberdade entre florestas e valles que só elles conheciam, e onde por algum tempo, a pretexto de descanço, podiam acoutar-se sem que o percebessemos, e acampando proximo de povoações

de parentes e amigos; em parte alguma, devemos dizê-lo em abono da verdade, nos constou que abrissem um fardo ou uma caixa, e ainda hoje estamos convencidos que não nos roubaram a cousa mais insignificante.

E nós que temos comparado os Chins com os indigenas do sertão africano, ainda neste ponto, lhes levam vantagem os Xinjes, pois sempre nos hade lembrar que uma velha china extasiada perante o seu neto que apenas andava de joelhos, nos contava da alegria d'elle por ter acabado de esconder uma

pequena acha de lenha. E como nos surprehendesse esta admiração procurou convencer-nos que o Chim que não roubar não pode ser santo! E note-se que esta mulher nas vesperas havia dado uma prova da probidade, fazendo remetter a sua ama que tinha ido para Hong-kong, varias notas de banco no valor de 100$000 réis, que esta por esquecimento deixára sobre a mesa do seu toucador, estando convencida de as ter perdido no transito de Macau para aquella cidade!

O gosto pelo roubo que se tem apresentado como um caracter privativo dos indigenas do sertão africano, em quanto a

nós, torna-se mais accentuado do Cuango para a costa, e é tão proverbial que o Cabinda diz «que esconde mas não rouba»; e do Cuango até ao ponto onde chegámos apontam-se só os casos que registámos, e não nos parece errar attribuindo o habito, se assim já se pode considerar, aos maus exemplos que dão os povos que da provincia de Angola vão commerciar ao interior. Como os Xinjes de Mona Mahango são aquelles com quem os referidos povos teem tido menos contacto, por isso mesmo, talvez, foram elles que nos deram provas de mais honestidade e honradez.

Depois da nossa entrevista com Quicânua, como chovesse muito, encarregámos Jayme de lhe dar agasalho e de comer, para o que contribuimos com parte do presente recebido, e com uma gallinha que comprámos a um dos rapazes que viera na sua comitiva.

Apesar da chuva, o calor naquelle dia fôra insupportavel. Os factos meteorologicos que se registaram mostram bem claramente quanto nos era penosa a vida neste logar, e a necessidade que tinhamos de nos afastarmos d'elle. Chovêra durante todo o dia e noite, a temperatura na barraca elevou-se a 40° centigrados, sendo grandes as variantes durante o dia e as differenças para o ar livre de 10 a 15 graus, accusando a humidade 96° de saturação!

Na manhã de 4, Quicânua ao despedir-se, voltou a insistir para que aproveitassemos o serviço dos rapazes que trouxera, mostrando as vantagens de sairmos já do valle onde nos não podiamos sentir bem com tanto calor, chuvas e mau passadio, e como não fosse possivel chegar a um accordo por causa do elevado custo em que nos importariam as viagens, mesmo para Muquínji, teimámos em rejeitar os seus serviços. Disse-nos por ultimo que voltava para Quimica e ahi esperaria até ter noticia que Tâmbu viera ao nosso chamamento, para então regressar a Mona Mahango e tranquillisar sua ama e filhos.

Depois d'elle ter partido reflectimos que talvez tivesse sido conveniente entrar em ajustes, e que houvesse vantagem em

principiarmos a mudança das cargas para onde de certo se encontrariam mais recursos e onde principiariamos a lidar com povos Lundas; mas chovêra muito tambem durante o dia, e este facto veiu lembrar-nos que seria mais prudente esperar que as chuvas acabassem de todo.

Já depois do jantar e quando por algum tempo a chuva deixára de cair, sentiram-se ladrar os nossos cães para o lado do poente, e não socegavam apesar dos esforços da gente do acampamento. Isto indicava a approximação de pessoas estranhas, pelo que se mandou proceder a um reconhecimento.

Eram uns caçadores Xinjes que se diziam perdidos no mato, e como não pudessem passar o rio por este levar muita agua, sabendo estar Muene Puto neste logar, vinham pedir-lhe agasalho até de madrugada em que tencionavam retirar para as suas povoações.

Tinham passado o rio Uhamba de manhã em procura de caça, mas as chuvas forçaram-nos a abrigarem-se no mato e depois perderam-se.

Durante o dia o velho Matheus, que tambem se afastára do acampamento com o mesmo intento, sentira tiros a distancia e por isso era de suppôr que fossem aquelles caçadores que os fizeram e que fosse verdade o que diziam, mas á cautela tomaram-se precauções, porque podiam ser ratoneiros e de madrugada ao retirarem levar alguma cousa que estivesse mais á mão.

Augusto Jayme foi conversar com elles e informou-nos que tinham visto havia dias os Xinjes que nos deixaram acampados nos fundos da margem esquerda do Uhamba, carpindo a perda do velho Quienza que ali morrêra e lá fôra enterrado.

Depois da morte do seu parente que naquelle mesmo logar recebêra sepultura, pareceu-nos sempre que o velho não lograva saude, andava tristonho e abatido e não o mandámos regressar de Quileca, com os tres rapazes porque Quicorazónhi lembrou, e bem, que se fosse o velho seria isso um pretexto para os carregadores da sua comitiva o quererem acompanhar, e atrás d'estes iriam todos.

O que não teriam dito depois da morte de Quienza? Certamente que fôra feitiço nosso por nos deixarem! E depois diriam provavelmente que começára o castigo de Muene Puto.

Não nos regosijámos com a noticia, e preferiamos ter dado mais alguma cousa a continuarmos no valle do Camau sujeitos ás inclemencias dos dias que se seguiram, provadas pelos factos meteorologicos registados. Foi por certo devido á mercê da Providencia o não lhes sentirmos as consequencias, que podiam ser bem fataes, attento o mau estar de todos!

Nos dias 5, 6 e 7 houve chuvas constantes e torrenciaes, trovoadas proximas e imponentes, ventanias de levarem as barracas pelo ar, humidade no maximo de saturação; tudo molhado e bolorento, as camas em deposito, podres, as roupas sempre encharcadas durante a noite, embora abrigadas, as temperaturas elevadissimas, differindo a das 9 horas da manhã da das 3 da tarde em 30° centigrados!

Nós com uma alimentação pouco reparadora, já debilitados, aborrecidos, sem fundamento para uma esperança de em breve sairmos d'ali e vendo os recursos a consumirem-se, nem sequer nos lembrámos de animar a nossa gente a ir construir um acampamento em melhores condições no cimo da serra na base da qual estavamos, e onde só depois de cessarem as chuvas tivemos conhecimento que havia um magnifico logar para esse fim!

Se os dias 8 e 9 se apresentaram um pouco melhores, ainda assim não era tempo que permittisse mecher em cargas, e a humidade durante a noite do ultimo augmentára tanto, que fomos obrigados pelos fortes ataques de tosse a levantarmo-nos, accender a vella e até de madrugada entretermo-nos a escrever.

Voltaram as chuvas e trovoadas nos dias seguintes, sendo notavel que no dia 10 baixou o thermometro a 10 graus, o que nos fez suppôr mudança de estação; mas no dia 13 elevando-se a 48 baixou de repente a 22, continuando as chuvas e trovoadas.

«E temos vivido aqui, escreviamos neste dia, setenta pessoas mal alimentadas e mal abrigadas, com um tempo horrivel

e felizmente, sem que uma se queixe de doença que demande cuidados. Qual será a causa modificadora?

Quanto a nós, provavelmente é porque, apesar de estarmos num valle, o logar em que acampámos fica desaffrontado e os ventos dos quadrantes do sul que mais teem predominado com certa impetuosidade são benignos, e afastam os maus effluvios e tudo que pode tornar a localidade insalubre.

Mas visto que temos de nos demorar — assim terminavam as nossas considerações a tal respeito no nosso Diario — esperemos por um maior numero de observações e esclarecimentos sobre os arredores para melhor apreciação da localidade».

Colhemos durante aquelles dias até ao dia 16 um certo numero de informações, que não deixavam de offerecer interesse, e consumimos tempo em coordená-las por causa das interpretações. Resumimo-las agora.

O fallecido dr. Paul Pogge quando foi á Mussumba em 1876, esteve algum tempo com o seu companheiro o dr. Lux que não proseguiu, hospedado em casa de Saturnino Machado, no Quimbundo. Tendo pedido a este um Lunda para seu guia apresentou-lhe Saturnino o Cacuata Vunje com quem tinha relações e que mandára chamar á distancia de tres dias de jornada.

Este cacuata estava ahi refugiado com receio de ir á Mussumba porque o Muatiânvua Ambumba, vulgo Xanama, lhe entregára em tempo duas pontas de marfim de lei para negociar nas margens do Cuango, e elle locupletara-se com o producto e não voltou. Animado porém com a esperança de perdão por apresentar o dr. Pogge com a sua caravana ao Muatiânvua, acompanhou-o, e o potentado ficou tão satisfeito que não lhe fallou na falta que commettêra, e ainda o presenteou com varios objectos dos que lhe dera o mesmo doutor.

Quem nos prestou estas informações disse que os cacuatas Tâmbu e Caje vieram tambem numa diligencia d'aquelle Muatiânvua para Muene Puto Cassongo no Cuango, e que regressando ficaram no Anzavo logo que tiveram conhecimento da morte d'elle; e acreditava que lhes convinha aproveitarem

o ensejo de se apresentarem naquella occasião com a nossa Expedição na Mussumba. Na côrte, aquelle que apresenta ao Muatiânvua uma caravana de commercio é considerado pessoa muito idonea, e se Tâmbu e Caje apresentassem a Expedição de Muene Puto, dizia o nosso informador que os seus nomes ficarão afamados.

Sobre a diligencia d'estes ultimos cacuatas, houve tambem quem nos affirmasse que a visita ao potentado Muene Puto Cassongo era um pretexto, e que o verdadeiro fim era obrigar o Anzavo a cobrar tributos dos povos vizinhos para o Muatiânvua, e fazer guerra ao Cambongo, se fosse preciso, para elle os pagar.

Cambongo era um potentado que se dizia subdito do rei do Congo. Saindo das suas terras em exploração para as margens do Uhamba, tornara-se senhor de um dominio que abrange a região comprehendida entre as terras de Muene Puto Cassongo, Muêto Anguimbo, Mona Mahango, e Anzavo, sendo o rio Cuengo o seu limite a leste.

Ficava portanto encravado nas terras a que o Muatiânvua chamava suas, entre os dominios de Capenda-cá-Mulemba, Caungula e outros vassallos seus.

Quando pela primeira vez se exigiu ao Cambongo, da parte do Muatiânvua, que pagasse tributos como faziam todos os quilolos, respondeu que era subdito do rei do Congo e não do Muatiânvua. Que se estabelecêra onde estava, na intenção de não fazer guerras aos povos seus vizinhos, e nesse proposito ainda continuava, porém se alguem se lembrasse de ir porfiar com elle com tenção de o desalojar, que o esperava e o receberia a fogo, pois para isso estava bem prevenido.

Os cacuatas Tâmbu e Caje quando chegaram ás terras do Anzavo instigaram-no em nome do Muatiânvua a fazer guerra ao Cambongo, porém elle recusou-se dizendo estar velho e ter sempre vivido em boa harmonia com aquelle potentado, e que seus filhos se tinham aparentado com as filhas d'elle e vice-versa. Que podia o Muatiânvua mandá-lo matar a elle Anzavo, mas que não faria guerra ao seu vizinho Cambongo.

Tivera este potentado junto de si uma velha tia que o criára, por nome Angúri Cama, que pelo facto de representar sua mãe tinha sobre elle muita influencia. Esta porém levantára em tempo questões com Mona Mahangó, e entendeu dever mandar construir uma tranqueira para evitar que gente da povoação d'esta fosse buscar agua ás nascentes de um riacho que limitava as terras de Mona Mahango e as suas. Cambongo fez porém retirar a tia, que residia proximo das nascentes, por ter mandado fazer aquella construcção sem o consultar, e mandou-a demolir, dizendo aos seus em audiencia:

— Não me mettem medo os vizinhos, mas não quero que se diga que nós os provocâmos; se tivermos de sustentar guerras com elles ha de ser quando nos provoquem.

Pensando assim, soubera sempre impôr-se e de tal modo, que os Bângalas, que são entre estes povos os mais atrevidos, o temem ainda hoje; sendo certo que alguns que teem ido ás suas terras com negocio, se promovem conflictos durante o tempo das transacções, são mandados pôr fora e na maior parte das vezes despojados de tudo que lhes pertence. Até hoje não consta que procurassem tirar desforra.

Contava-se que elle dizia aos Bângalas que o ameaçavam de que ninguem voltaria ás suas terras para fazer negocio:

— Que me importa isso! alguem os foi chamar? Se veem cá, é atrás do seu interesse e não para me verem. Portem-se bem, se quizerem continuar a ser recebidos como amigos. Nas suas terras manda o Jaga, nas minhas mando eu, e quando eu precisar de negocio das terras de Muene Puto mando lá a minha gente, e não vou procurar os Bângalas.

— Primeiro que ao Jaga de Cassanje, dispensou Muene Puto a sua amizade ao rei do Congo meu amo, que me deu este *chibocolo* (sino [1]), que lhe enviou Muene Puto, para que todos saibam da minha grandeza e da terra d'onde elle veiu que é

[1] Diz-se que este sino era de uma das antigas egrejas de S. Salvador do Congo.

d'onde mando buscar o negocio de que preciso. Lá existe muito negocio das terras de Muene Puto, porque os filhos do Congo não são como os de Cassanje, que fazem fogo contra os filhos de seu bemfeitor com as armas e polvora que elles lhes vendem. Vão e escusam de voltar, e se quizerem experimentar armas, venham ver quanto valem as minhas.

Depois da morte do tenente coronel Casal na guerra de Cassanje, Cambongo prestou serviços importantes aos africanos portuguezes que perseguidos conseguiram refugiar-se nas suas terras, do que damos conhecimento como facto historico no volume em que se trata da ethnographia e historia dos povos Tus.

Emquanto á religião dos povos de Cambongo, observa-se o mesmo que entre outros que conhecemos, porém nelles nota-se uma tal ou qual influencia da catechese do nosso antigo clero no reino do Congo.

Teem as suas deidades imaginarias sim, mas que figuram em madeira ou em marfim, mais perfeitas e bem acabadas do que as que em geral tinhamos visto. Se receiam que lhes façam mal, e antes de tentarem qualquer negocio, empreza, caçada, guerra, etc., fazem-lhe offerendas, cantam e dançam para lhes serem agradaveis e invocam-nas a seu favor; e quando são bem succedidos, as provas de reconhecimento consistem em manifestarem a sua satisfação, chamando todos os parentes e amigos para comerem, beberem e dançarem em dias e noites de festejo successivo. Ao lado do idolo de maiores ou menores dimensões que possuem, e em diversos logares lá teem os crucifixos e registos dos santos a que indistinctamente chamam *Zâmbi muculo*[1] e dizem: — Se não fosse o Zâmbi que é bom e tem compaixão de nós que somos uns brutinhos, o idolo tal (o que estão festejando) nos faria muito mal.

As contrariedades, maus partos, doenças, mortes, etc., attribuem-nas ou a feitiços ou aos idolos, e por isso ha muitos adivinhadores que teem sempre que fazer.

---

[1] Deus velho, antigo.

UM ADIVINHO

Á semelhança do que succede na Lunda, logo que um adivinhador attribue qualquer d'aquelles males, que são considerados extraordinarios, a um feiticeiro, o potentado faz correr um bando avisando que se encontra uma pessoa enfeitiçada nas suas terras, e ordenando a quem a enfeitiçou que trata de retirar o feitiço se ainda tem tempo, ou então que fuja, pois se fôr apanhado será morto. No caso do enfeitiçado ter morrido, o feiticeiro sendo agarrado é victimado pela populaça.

Os feiticeiros são considerados como flagellos dos povos, e por isso os potentados não lhes podem perdoar e procuram desfazer-se d'elles. Todavia entre alguns povos, se o individuo hoje apontado como feiticeiro é pessoa de posses, contentam-se em lhe tirarem tudo quanto tem e em o venderem para fora da tribu.

Se os causadores do mal foram os idolos, procura-se conhecer qual foi d'estes o que o promoveu, e chama-se o mesinheiro especial para fazer o tratamento á victima, ao mesmo tempo que se procura propiciar o idolo para que permitta que o tratamento produza o resultado desejado e para que não continue a persegui-la.

A doença mais conhecida que se cura, e que tambem se attribue aos idolos, é a que elles chamam *ioca* (lombrigas).

O adivinhador depois de ter dito ser esta a doença de que soffre o enfermo e de estar devidamente pago o seu trabalho, indica o curandeiro que se deve chamar para fazer o respectivo tratamento. Este traz logo uma panella bem tapada, com uma beberagem especial feita de umas determinadas ervas, que tem o mesmo nome da doença, e de que sempre tem fornecimento.

Principia o tratamento por collocar ao lado do doente uma outra panella nova com agua, onde deita cascas de arvores e umas folhas que procura no mato proximo e que são apanhadas observando-se uns certos preceitos, para o que se faz acompanhar como acolyto de uma pessoa da familia ou da amizade do doente.

Servindo-se de ramos de folhas o curandeiro asperge com esta agua o corpo todo do doente — o qual está deitado esperando

a operação — dizendo umas palavras do rito, fazendo momices e dando saltos em roda d'elle, tudo muito exagerado.

No primeiro dia faz-se este tratamento tres vezes, servindo por cada vez um ramo de folhas novas a guisa de hyssope e a que chamam *cucópula*.

Nos outros dias é o enfermo que asperge a propria barriga, servindo-se sempre da ultima agua e da cucópula que lhe deixou o curandeiro.

Depois de desapparecer o sol não pode o doente tornar a comer, e no dia seguinte tem de esperar que este appareça ou ter a certeza que elle deve estar acima do horisonte para comer; não podendo entrar nas suas refeições em quanto dura o tratamento, carne de porco ou de bagre, dando-se preferencia só a ervas com infunde.

A cura dizem ser infallivel, durando o tratamento tanto tempo quanto o necessario para esse resultado! E se não se melhora é porque a doença é outra, e é preciso chamar um novo adivinhador que indica outro curandeiro!

Muitos para accelerarem o tratamento, principalmente em crianças, depois do primeiro dia em que as aspergem, esfregam-lhe todo o corpo, desde a cabeça até aos pés, com cinza.

Uma comitiva de Bângalas que chegára no dia 14 do Caungula com cargas de borracha acampou além do rio, e pouco depois vieram os Ambanzas cumprimentar-nos e tambem colhi d'elles varias informações e esclarecimentos que consignei no meu Diario e de que darei conhecimento.

Angunza Matata, filho da ama que criou Caungula, tornára-se pretendente ao Estado d'este, e convidára o potentado quiôco, Mucajanga, para o ajudar numa guerra contra o seu soberano. Caungula mandára dizer a Mucajanga que era melhor que esperassem que as chuvas acabassem para o atacar, e preveniu Quibuinza Ianvo no Cassassa para suspender a sua viagem para a Mussumba, porque os Quiôcos estavam assaltando os caminhos.

Tendo Ianvo amigos entre os Quiôcos vizinhos, estava diligenciando evitar aquella guerra por ser muito prejudicial aos

povos da Lunda cujo estado, a pedido da côrte, elle se dispozera a ir governar.

Confirmaram que Ianvo tinha os seus sessenta annos e que era filho do Muatiânvua Noéji, o qual Rodrigues Graça visitára em 1848, e que fôra Suana Mulopo de seu primo, o fallecido Muatiânvua Muteba com quem vivêra Lourenço Bezerra, negociante sertanejo filho do Golungo Alto, descendente de Europeu. Que por receio de intrigas da côrte Ianvo se expatriára em 1870 ou 1871, conservando-se exilado, não obstante os recados de Muteba para ir retomar o seu logar garantindo-lhe a successão no Estado.

Acceitando como bons os conselhos de Cata, mãe de Xanama, que era a Lucuoquexe de Muteba, nunca fizera caso dos recados d'este, e Xanama que ambicionava o Estado de que conseguiu com o apoio dos Quiôcos ser Muatiânvua, fizera-lhe uma perseguição de morte, obrigando-o a esconder-se nas terras de Caungula, refugiando-se Ianvo ainda depois com medo d'elle nas terras de Capenda-cá-Mulemba.

Depois dos Lundas matarem o Xanama, procurou a côrte indagar se Ianvo era vivo para lhe entregar o poder, porém como não se conhecesse o seu paradeiro foram succedendo no Estado outros filhos de Muatiânvua, que pouco tempo depois da posse foram mortos.

Soubera-se onde estava Ianvo por um Quiôco que fôra encarregado de o chamar para ir tomar conta do logar que lhe pertencia, mas, accrescentavam os informadores — que passaram por Caungula de Mataba vindos do Lulua a norte — terem-lhe ahi dito que Quimbamba Quimalanca, irmão mais novo do Ianvo, que estava em terras de Xa Cambunje, no Tenga, sabendo que da Mussumba mandavam chamar Ianvo por não estarem já satisfeitos com o Muatiânvua Cangápua, que apenas tinha tres mezes de governo, se preparava para antecipar-se á marcha do irmão e, com auxilio dos Quiôcos do Cassai e de alguns potentados Lundas do Lulúa conquistar-lhe o logar, e que se Quimalanca conseguisse avançar ainda Ianvo d'esta vez ficava preterido.

Como é facil de comprehender, estas informações que nos davam as pessoas que conheciam os usos do paiz suscitavam, para quem era extranho a elles, um certo numero de interrogações, dirigidas não só a estas como a outros individuos com quem iamos travando relações e tambem aos nossos interpretes e homens da Expedição que tinham conhecimentos praticos

JOSÉ FAUSTINO

d'estes povos, e do conjuncto d'estas investigações, que com o tempo fomos ampliando, coordenámos os apontamentos que fazem parte da Ethnographia e Historia tradicional dos povos que conhecemos, os quaes publicâmos em separado.

Os odios contra Xanama, disseram ainda os Ambanzas, desenvolveram-se por differentes causas.

Morticinio dos mais affamados potentados do Estado, rigorosos castigos por ciumes, exigencias na tributação, etc.; todavia o que mais exacerbou esses odios foi querer o despota implantar na Mussumba o uso da anthropophagia dos Uandas vizinhos, o que muito repugnava aos Lundas.

Esse povo que fica entre o Lulúa e o Calânhi está dividido em tribus sujeitas ao Muatiânvua. Os mais proximos cobrem-se com pelles e mabellas, e teem por chefes: Muene Quianda, Muene Cambundo, Muene Pepa, Muene Cambamba e Muene Beza, e todos são considerados quilolos do Estado de Muitía, que é o principal conselheiro de Muatiânvua, sendo tributarios d'este por intermedio do referido dignitario.

Os não sujeitos ao Muatiânvua habitam a região entre o Lulúa e o Lubiláxi, na altura do Cassongo para o norte, e affirma-se que são de pequena estatura mas de cabeças desproporcionadas. São caçadores, usando de flechas e azagaias de pontas envenenadas. Teem fama de valentes, e cobrem as partes pudendas com a pelle da barriga, que logo de crianças as mães vão distendendo para as obrigar a descair ficando pendentes, de modo que nos homens o penis por maior que seja fica coberto.

Tambem nos informaram estes Bângalas, que alguns dos seus companheiros que teem feito viagens para o sul dão noticia dos Sequeles que não são negros, mas *russos* (!) É de suppôr que a interpretação seja, entre negro e pardo. Usam tranças compridas até abaixo dos hombros e são corpulentos. Entre elles encontram-se potentados que dispõem de muito marfim, sendo os dentes curtos mas grossos.

O trafico com elles, sendo de muito interesse, não é facil, porque são bastante desconfiados, e em vendo comitivas de povos extranhos fogem para as florestas onde vivem occultos pela prodigiosa vegetação.

Ha muito tempo que para lá não vão caravanas das margens do Cuango, porque os Quiôcos do sul a pouco e pouco teem vindo estabelecer-se no antigo caminho para aquella região, e só deixam passar as que satisfazem ás suas exigencias

de tributos. Na maior parte das vezes, quando os mercadores regressam, tiram-lhe todo o marfim e cera que trazem, dizendo-lhe que por muito favor os deixam retirar com a vida, porque se queriam fazer negocio e fizessem no sitio d'elles que tambem sabem onde hão de ir buscar aquellas mercadorias.

Quando lá iam as caravanas, tinham os individuos que as compunham de tomar precauções para se occultarem quando acampavam, e apenas um ou outro individuo de confiança era encarregado de procurar o chefe dos Sequeles para lhe apresentar um presente de fazenda com uma cabra ou ovelha, e só passados alguns dias de convivencia é que se entabolavam as relações para negocio.

As caravanas compravam mandioca e gado miudo, antes de lá chegarem, e com isso, e mais com o sal que levavam se faziam muito boas transacções.

Dizendo nós a estes informadores, que não deviam ter abandonado aquella carreira de negocio e que podiam ter aproveitado mesmo os Quiôcos para intermediarios, responderam que era sempre mau o negocio com o Quiôco do sul, porque para receber queria as medidas muito grandes e para pagar roubava-lhes um pedaço que ficava para elle. Isto traz-nos á lembrança os Chins, que fazendo pagamentos com as mexicanas, a pretexto de garantir a sua boa qualidade as carimbam de modo, que de cada uma lhes fica um pedacito de prata para a gaveta.

A razão que nos deram de fugirem os Sequeles ao verem gente extranha, é pelo receio que teem de que os levem para escravos fora da sua terra.

Por differentes indagações a que procedemos sobre estes povos, acreditámos que são os conhecidos entre nós por Massequéres, vizinhos dos Amboellas; e com respeito aos Uandas do norte tambem nos convencemos que serão uma tribu dos Acas do que nos fallou Schweinfurth, quando não sejam os proprios aborigenes.

Para complemento d'estas nossas informações devemos ainda acrescentar, que se falla com repugnancia entre os Lundas em

ESCOLA EM CAMAU

comer a carne dos seus semelhantes, porém que é antigo uso do Muatiânvua, quando elle julga ser pequeno o castigo da pena de morte para um delinquente, mandá-lo entregar ao seu quilolo Muena Beza para este o negociar com os Uandas vizinhos que o trocam por cabras para o devorarem.

Isto nos foi confirmado mais tarde como veremos por Muene Massaca, potentado na margem do Caunguéji, por quem fomos hospedados tres dias, e que sendo Uanda e chefe de Uandas, nos declarou ser este o castigo mais repugnante que o Muatiânvua podia dar aos seus filhos.

Quinze dias haviam já decorrido depois da partida do interprete, e dava-nos cuidado a sua demora. A não ser por doença só a podiamos attribuir ás grandes chuvas, ou então ao Cacuata, que querendo acompanhá-lo estivesse reunindo gente para esse fim; mas tambem podia ser devida a uma causa extraordinaria.

Apesar de termos trabalhos em que nos entretivessemos e do socego em que se vivia no acampamento, em parte devido á ausencia dos que andavam em procura de mantimentos, em parte a uma aula de instrucção primaria — que se instituíra por lembrança do empregado José Faustino e outros, onde concorriam alguns soldados, carregadores de Malanje e menores, a qual continuou durante a viagem, e alguns discipulos teve que aproveitaram — e em parte ainda ao mau tempo que obrigava um grande numero a não sair dos seus alojamentos, não era possivel conservarmo-nos indefinidamente naquelle logar, esperando opportunidade de apparecerem carregadores, porque os recursos iam escasseando e podiamos chegar a uma situação critica.

Lembrámo-nos de fazer seguir a Expedição a pouco e pouco para avante sob a vigilancia do sub-chefe e do ajudante, e de irmos nós rapidamente com oito homens a Malanje organisar ahi com os conhecimentos praticos já adquiridos, uma nova caravana com supprimentos e carregadores de sobrecellente.

Se havia vantagem neste projecto, considerámos que teria o inconveniente de desfalcar o pessoal, porque nós já bastante

enfraquecidos não podiamos fazer marchas grandes a pé, carecendo de gente para a conducção da cadeira; além d'isto, a responsabilidade que assumiramos como chefe, obrigava-nos a estar junto da Expedição, e por isso deliberámos mandar seguir o empregado europeu com dois cabos de carregadores que tinhamos na conta de mais espertos, Manuel Ignacio e Gamboa, e mais tres rapazes á escolha d'estes, ficando para os substituir no transporte de cargas, cinco quibessas (auxiliares) que contractariamos quando principiasse este serviço.

Esta diligencia ia a Malanje com uma requisição de diversos artigos que julgavamos de mais necessidade, para ser satisfeita pelo negociante Custodio Machado. Pediamos a este bom compatriota todo o seu empenho em angariar o maior numero de carregadores possivel em um curto praso.

Tambem pediamos ao capitão Machado chefe do concelho e nosso antigo amigo o seu valioso auxilio, para aquelle negociante poder satisfazer os nossos desejos tão promptamente como desejavamos.

A diligencia procuraria pela sua parte desempenhar-se da missão com a maxima rapidez possivel, e não nos encontrando á volta na localidade, seguiria para o Cassassa, no Cuilo, pelo itinerario escolhido de accordo com os velhos carregadores, e que era conhecido dos que partiam.

Todos trataram de fazer as suas correspondencias, matou-se um dos tres bois que se dividiu em rações, distribuindo-se uma parte á diligencia para a entreter pelo caminho até ao Cuango, e deram-se-lhe cartas de recommendação para ter soccorros no Luí e em Cafúxi.

Saiu a diligencia na madrugada de 18, e segundo Manuel Ignacio que conhecia um caminho mais direito, calculou-se que chegaria a Malanje no dia 2 de maio.

As chuvas e trovoadas não cessavam, e no dia immediato depois do sol posto appareceu-nos debaixo de uma chuvada torrencial o interprete Antonio Bezerra, esfarrapado, com as carnes á mostra. Á noite, depois d'elle ter descançado e comido, chamámo-lo para nos dar conta da sua commissão.

O VALLE E OS SEUS ARREDORES

aviamos encarregado Antonio Bezerra, como dissemos, de tomar um certo numero de apontamentos no seu transito, pelos quaes nos fosse possivel, segundo os pontos determinados que já tinhamos, cartear a sua viagem, e bem assim aproveitar as suas informações sobre o que observasse, para ao menos resumidamente podermos dar alguns esclarecimentos sobre o que fosse mais verosimil e aproveitavel.

Marchára sempre debaixo de chuva, gastando cinco dias até ao Anzavo e quatro no regresso.

As duas primeiras jornadas, a contar do acampamento até á povoação de Mona Lubanda ao norte, foram as já conhecidas no itinerario do ajudante quando regressou do Muxaela. Foi d'aqui que mudou de rumo em direcção ao Anzavo, caminhando em largos zigue-zagues sobre terreno muito ondulado, descendo a profundos valles e transpondo ás montanhas que os dividem, tornando-se-lhe mais sensivel o accesso á ultima, onde

reside o Anzavo, não só pela differença de nivel com o valle a que tinha descido e onde corre o rio Nuovo, mas ainda pelo ingrime das suas encostas, embora caminhasse aos torcicolos para vencer a altura em que se encontravam as povoações.

Partindo de Muene Lubanda no rumo N. $^1/_2$ W.-NW. aos 3,5 kilometros passou o riacho Quibunza e 2 kilometros mais adeante o Quicta seu affluente, que corria para norte, certamente a confluir com outros que correm para N.-W. a entrar no Nuovo. Seguiu depois por 4 kilometros no rumo N.-W. sobre uma montanha para descer ao rio Camabuto que passou, marchando em zigue-zagues 1 kilometro mais para o norte para atravessar o rio Capemba.

Estes rios são de tal modo tortuosos que no seu transito os tornou a passar em seguida na ordem inversa, primeiro o Capemba marchando mais 1 kilometro para oeste, depois o Camabuto, tendo feito um percurso de 500 metros para N.-W. Continuando por 200 metros neste rumo passou o rio Muiala e 300 metros depois o Canapamba, rios que tambem tornou a passar; este depois de 1,5 kilometro de marcha no rumo W.-NW. e o anterior depois de percorrer 2 kilometros um pouco mais para W., atravessando novamente o Camabuto depois de andar 1 kilometro ainda no mesmo rumo.

Seguiu por 1 kilometro no rumo W.-NW., e descendo passou o rio Zenza. Continuando por 3 kilometros no mesmo rumo passou novamente o Canapamba e mais adeante 1 kilometro o Camissana. Marchou então 1,5 kilometro para N.-W. e atravessou a povoação de Mutombo Canana, que fica na margem esquerda do Camabuto, com o qual deparou outra vez tornando-o a passar, e seguindo 1 kilometro no rumo mais para norte passou o rio Muiala. No mesmo rumo ainda percorreu 1,5 kilometro e tornou a passar o Canapamba e com mais 1 kilometro de caminho entrou na povoação do Xicoje, onde acampou. O percurso total da marcha neste dia foi de 27 kilometros sobre serras, pantanos, terras encharcadas, atravessando os rios a vau, sendo a maior parte do trajecto por densas florestas, onde os caminhos principalmente nas rampas estavam

escorregadios, obstruidos com troncos de arvores derrubadas pelo tempo e raizes a descoberto o que junto ás asperezas da penedia difficultavam a marcha e molestavam os pés. Por vezes do alto das montanhas viu o rio Nuovo e todos os que passou correndo para este rio, e de todos os valles que tinha atravessado julgava ser o ultimo aquelle em que mais desceu.

Pela apresentação que os Lundas fizeram de Bezerra como muzumbo da Expedição de Muene Puto ao soba Xicoje, este deu-lhe boa pousada para pernoitar, e mandou preparar-lhe de comer e com elle bebeu malufo, que o nosso interprete muito apreciava. Succedia-lhe porém de ordinario, que depois da terceira caneca, gaguejava, e se bebia quarta, já não dizia cousa que se entendesse.

Contou elle que a povoação era pequena. A maior parte dos homens estavam ausentes quando elle chegou, e as mulheres que se entretinham nas lavras regressavam de lá com cargas de mandiocas, que notou serem grandes. Viu as mulheres cobertas sómente com folhas, e tendo comprado a uma vinte mandiocas por uma jarda de riscado, disseram-lhe ellas que ha muito tempo não viam um retalho de fazenda nova.

Seguiu da povoação no rumo quasi do norte, e depois de 1 kilometro de marcha passou de novo o rio Canapamba. Virando a N.-W. passou, percorridos 2 kilometros, o Canluia que corre para sudoeste e que entra no Camabuto 1 kilometro mais adeante. Este rio que corre ahi para N. via-se entrar no Canapamba, que afastado já do seu transito corria parallelo a elle pela direita para N.-W. Subiu ainda no mesmo rumo na extensão de 2,5 kilometros, e d'aqui desceu inclinando um pouco para norte em todo o percurso de 2 kilometros até ao rio Camitou, que tambem corre para o Canapamba.

Seguiu no rumo W-.NW. por 1 kilometro, subindo até á povoação do Xa Muzaza e desceu marchando 3 kilometros quasi no rumo W. passando o rio Cabula que tambem corre para o Canapamba. Continuou subindo 1 kilometro no rumo W $^1/_2$ W.-NW. para descer em 2 kilometros no rumo W.-NW. ao riacho Angombe tambem affluente do Canapamba, e subindo

no mesmo rumo ainda caminhou 500 metros para entrar na povoação de Cambango Mucanzo, tendo sido a jornada de 16 kilometros.

No quinto dia principiou a jornada no rumo N.-W. em que caminhou 1 kilometro subindo, e em seguida percorreu 1 kilometro no rumo W.-NW. e no mesmo rumo ainda 2:200 metros descendo para o rio Canapamba, que já corria para W. entrando depois no Nuovo. Caminhou no mesmo rumo 5 kilometros e com elle continuou sobre o planalto por 2:200 metros, descendo depois constantemente na extensão de 3 kilometros para o rio Calucula, que corre para sudoeste e que tambem entra no Nuovo. Seguiu ainda no mesmo rumo por 1,5 kilometro subindo, e voltou para N.-W. num percurso de 2 kilometros, descendo até ao riacho Cazela que corre para W ½ W.-NW. a confluir no Nuovo. Caminhou depois um kilometro no rumo N.-NW. e entrou na povoação de Quibulungo. Passados 2 kilometros para N. entrou na do Cacuata Tâmbu, sobre um planalto que dista da do Anzavo, que lhe fica ao N., mais um kilometro, que percorreu para ir cumprimentar o potentado, volvendo ao sitio do Cacuata, onde acceitou agasalho que este lhe offerecêra, sendo toda a jornada de 22:400 metros.

Como se deprehende, todo o caminho percorrido foi cortando por serras, indo as aguas que as contornam reforçar as do Nuovo e as d'este rio as do Uhamba. Pode dizer-se que era o lado que nos faltava conhecer do irregular quadrilatero de que já fallámos, e que limita a grande área em depressão ao norte do caminho que tinhamos seguido para a Mussumba.

É de acreditar portanto, que attenta uma estructura de terreno tão irregular, haja muitos charcos, pantanos e terras humidas em todo o transito.

Todas as quatro povoações por onde passou o interprete e que ficam nas abas das montanhas que se succedem aos valles mais profundos, são de pequena importancia, vivendo a gente das suas lavras e da caça. A mais populosa era a do Anzavo, que se considera o chefe de todas, e ás quaes se aggregavam as provisorias de Tâmbu e de Quibulungo.

As terras para norte de todo este caminho são mais baixas que as da região do sul, e tambem cortadas por muitas linhas de aguas, sendo á beira d'estas que se espalharam differentes povoações que constituem o estado de Anzavo até ao Cuengo. É através d'ellas que se faz o transito do Anzavo ao Cassassa no Cuílo, que não é dos mais faceis até ao Cuengo para conducção de cargas aos hombros de homens.

O Cacuata Tâmbu mostrou-se surprehendido por estarmos acampados no valle de Camau. Julgava-nos invernando na povoação de Mona Mucanzo, pelas informações que tivera de um Xinje que poucos dias antes tinha estado no seu sitio, e que lhe affiançára havermos feito construir ahi uma grande casa. Calculou que nos demoravamos nessa casa esperando que acabassem as chuvas, e por isso consentíra que os seus rapazes e os de Muene Caje fossem com os do Anzavo levar milambo (presentes) á sua Lucuoquexe. Estava-os esperando e portanto, se Bezerra se demorasse em sua casa dois ou tres dias, em elles chegando podiam-no acompanhar.

Tanto o Anzavo como os dois cacuatas e os velhos que rodeavam o potentado quando Bezerra se avistou com elle e lhes narrou o que se passára com os Xinjes, mostraram-se indignados com tal procedimento, dizendo o velho Anzavo não ter confiança no seu filho Quicaia, porque se a tivesse, o mandaria logo com alguns rapazes apresentar-se ao nosso serviço.

Os Lundas disseram aos amos, que eram por nós muito bem tratados sem distincção dos filhos que trouxeramos de Loanda e de Malanje, e que por isso quando lhes démos ordem para acompanharem o Muzumbo, promptamente obedeceram, porque queriam dizer aos seus companheiros que fariam bem em levar as cargas de Muene Puto á Mussumba. Os amos mostraram-se gratos pelo bom tratamento que tiveram os seus rapazes, e Tâmbu insistiu com Bezerra para se demorar, porque elle tambem o acompanhava logo que chegassem os filhos que tinham ido numa diligencia. Quiz provar-lhe que já se estava preparando para ir ao nosso encontro, mostrando-lhe cargas de mantimentos amarradas e promptas para a viagem.

Decorreram dois dias e ainda outros e os rapazes não chegavam, attribuindo-se a demora ao mau tempo, ás muitas chuvas e aos rios cheios que não dariam passagem a vau.

No dia 13 calculando Antonio Bezerra que estariamos com cuidado por não termos noticias suas, despediu-se de Tâmbu para seguir para o acampamento na manhã seguinte. Tâmbu recommendou aos dois rapazes que voltassem para o serviço de Muene Puto e que fizessem chegar bem o seu Muzumbo, a quem encarregou de nos dizer: — Que esperava só pelos seus rapazes, mas no emtanto, que fizessemos seguir as nossas cargas a pouco e pouco para Angunza Muquínji, que elle ahi iria encontrar-nos com a familia, e com Muene Caje e mais trinta rapazes que era os de que dispunha. Que no Cuangula estavam dois Cacuatas Angunza e Mulanda que tinham regressado de Muene Puto Cassongo e havia pouco tempo que tinham estado no sitio d'elle, e como lhes dissesse que tencionava acompanhar a Expedição de Muene Puto á Mussumba, pediram-lhe elles que quando chegasse ao Cassassa os mandasse prevenir, porque viriam ao nosso encontro para tambem acompanharem com a Expedição, e que estes tambem nos podiam auxiliar com os seus rapazes para o transporte das cargas.

Bezerra, que estava muito molhado e fatigado e precisava comer não quiz demorar-se no Mujinga, onde pernoitaram os seus companheiros Lundas, e veiu logo para o acampamento.

No dia seguinte appareceram os Lundas que corroboraram as noticias que já tinhamos, e pelos exemplares que nos trouxeram de canna saccharina, tivemos mais uma prova de que tudo favoreceria esta região com grandes vantagens quando se pensasse em occupá-la e cultivá-la devidamente, e se creassem meios de transporte faceis até ao Cuango.

A disposição orographica do terreno, a abundancia d'aguas, cujo regimen facilmente se pode melhorar, a exposição beneficiada na peor quadra do anno pelos ventos do sul e sueste, que são os das regiões mais altas e as elevações acima de mil metros para boas residencias, tudo emfim são condições boas para uma exploração agricola, a qual de certo encontraria campo

para outras producções além da canna. Abrindo-se caminhos regulares para norte e nordeste nas florestas virgens, a gomma elastica e a caça dos grandes animaes offereceriam á exploração bons recursos, e tambem nos convencemos que quando a região seja devidamente reconhecida, de certo que os mineiros terão onde exercer a sua actividade.

Portugal tendo de alargar a esphera da sua acção em Africa além do Cuango — oppondo-se ao movimento das nações europeas que modernamente procuram cingir a provincia de Angola pelo norte e sul apenas á faxa onde existem os seus portos — só pode confiar nas explorações agricolas para tornar effectiva essa acção, aproveitando-se de todos os elementos que lhe offerecem ha seculos os indigenas do centro do continente.

Hoje é uma lucta grandiosa que temos a sustentar, porque as ambições dos nossos rivaes em Africa não se limitam a estabelecimentos em um determinado ponto, miram a alargarem-se por todo o continente, apoderando-se de povos a quem não reconhecem vontade propria, e para que logo succumbam caso tentassem resistir-lhes procuram, e hão de consegui-lo, tirar-lhes os meios de defesa de que muitos já sabem fazer uso — as armas e polvora que só por grande preço obteem.

Deixámo-nos atrasar pela falta de iniciativa, e encantados pelas maravilhas da industria estrangeira, tudo importando d'ella e pouco produzindo, temos concorrido para o alargamento dos seus mercados, dando ensejo á creação de outros novos, pois além da nossa metropole e colonias, já os seus agentes os procuram estabelecer nas terras do centro da Africa, por nós constantemente devassadas, e aplanámos-lhe o caminho, porque fomos nós os primeiros a lá levar os productos estrangeiros que obtinhamos.

Animámos as outras nações a produzir especialmente para Africa, e não tratámos nós de fabricar; e com o progressivo caminhar na senda da producção, a necessidade obrigando a achar consumidores, ei-los em campo dispondo de toda a sua influencia para com segurança se internarem nas regiões do continente que mais se prestem á exploração.

A concorrencia necessariamente devia-nos fazer recuar, e esta concorrencia deu-se, mas de um modo tão prepicitado, que, se os individuos que lhe soffreram as consequencias não estivessem compromettidos nos pontos em que ella mais se sentiu, teriam abandonado tudo, e a provincia de Angola passaria por uma maior crise ficando adstricta apenas aos seus recursos.

Como se pode pois competir no negocio do sertão com quem tem facilidade de transportes maritimos, isempções de direitos, fabricas productoras e outras vantagens, quando é d'essas mesmas fabricas que o negociante portuguez se fornece dos mesmos artigos já onerados com lucros, pesando sobre estes depois elevados fretes, grandes direitos, transportes terrestres sem segurança e caros, e ainda os encargos municipaes?

São estes factos que revelam a falta de conhecimento dos males da nossa administração provincial, o pouco senso pratico que temos tido, o receio que sentimos pelas innovações, o apêgo a velharias que não abonam a nossa capacidade, e que só servem para provar que emquanto as circumstancias actuaes subsistirem, não é com o commercio indigena que podemos contar para mantermos o nosso prestigio e acção além do Cuango, e por tanto tornar effectivo o nosso dominio de costa a costa.

Para evitar que os nossos rivaes invadam os territorios dos povos, que por emquanto só a nós conhecem e estimam, para d'elles se apossarem, e que nos usurpem o pouco commercio que ainda nos offerecem, é preciso firmarmo-nos, e só o conseguiremos por meio da agricultura.

Mas para que a agricultura em Africa seja remuneradora e se torne um incentivo regenerador dos seus indigenas, transformando-os em uteis auxiliares da nossa causa, carecemos mais em principio de uma boa orientação para se levar a cabo o plano que com antecedencia se fixar, do que de dispendio de grandes capitaes por emprezas particulares, que só tenham em vista lucros immediatos, actuando livremente sem obediencia aos principios a que tiver de ser subordinado esse plano, que só o governo pode estabelecer.

Não devemos pensar em aproveitar na Africa os terrenos para ensaios de culturas que lhes são estranhas, e sim tratar das conhecidas e que lhe são proprias, que se podem classificar em duas classes — as de productos de consumo local e as já consideradas ricas.

Pertencem ás primeiras: mandioca, feijão, milho, batata, arroz, jinguba etc.; e ás segundas: canna saccharina, café, cacau, algodão, gomma elastica, beterraba, etc., productos que pela abundancia e boa qualidade sirvam de incentivo no proprio local ao estabelecimento de industrias que os aproveitem.

Não condemnâmos que o colono europeu procure para seu uso cultivar o que lhes é mais familiar, mas suppôr que d'essa producção possa auferir pela exportação interesses que lhe proporcionem um futuro melhor, é um erro de que ha muitos exemplos na provincia de Angola.

A batata da Europa plantada em Novo Redondo, vendeu-se em Loanda pelo mesmo preço que a importada da metropole onerada com fretes e direitos, e ainda assim o productor tão poucos lucros tirou d'essa cultura, relativamente ás despezas que com ella teve de fazer, que cultivou sim para consumo do grande pessoal da sua propriedade agricola, mas não com a mira de entrar mais em concorrencia nos mercados importadores.

Relativamente ao trigo, que em alguns pontos da provincia está provado produzir-se bem, tambem era ocioso pensar em reduzi-lo a farinha, para concorrer com as farinhas da America.

A rasão d'isto não tem sido só as difficuldades de transportes, o seu elevado custo e os direitos de alfandegas e os municipaes — está principalmente na falta de consumidores.

E desenganemo-nos, temos de crear em Africa os consumidores d'estes e de outros productos, e estes consumidores não podem deixar de ser os proprios indigenas. Mas para se tornar o indigena consumidor é preciso primeiro fazê-lo productor.

O indigena educa-se facilmente nas culturas que mencionámos e que lhes são conhecidas, que nem demandem demorados trabalhos e aturadas canceiras, nem requeiram esforço do entendimento, nem tão pouco lhes exigam transformação de habitos;

casam-se bem com os seus usos e costumes e podem dedicar-se a ellas os dois sexos. Mas o educador ha de ser o missionario, o propagandista que abnega de si e saiba soffrer, renunciando á propria vontade, só para diffundir a fé christã.

É elle por emquanto que pelos seus dotes, pela sua resignação e desprendimento das vaidades humanas se accommoda com mais facilidade aos recursos que se podem encontrar entre os povos gentios, e pelo exemplo, procurando praticamente melhorar as condições do meio em que tem de viver, incitará o gentio a segui-lo, e a imitá-lo.

Não devemos descrer de que se encontrem no nosso paiz homens dedicados a quem se possa confiar a direcção d'estas missões, e aos quaes se associem outros para os auxiliarem nos diversos misteres que constituem tão meritoria empreza; mas o que lhes é indispensavel e sem o que não podem progredir, são os necessarios meios.

Manifesta-se entre nós um mal, que já se vae tornando de effeito grave. Quando se projectam emprezas em Africa, esperam-se do governo concessões que garantam os capitaes precisos, exigem-se mesmo beneficios que sobrecarregam os muitos encargos que o governo já tem contrahido, e a Nação, digamo-lo, já está cançada, porque na maior parte das vezes não conhece os resultados vantajosos, antes sabe que houveram prejuizos, mas que não recairam sobre os emprezarios.

Pela iniciativa particular ultimamente tem-se organisado no paiz muitas associações de beneficencia. Estas associações quando mesmo se dirigem ás colonias pedindo o concurso do seu obulo, nunca apellam em vão. Porque não se ha de pois organisar uma associação nacional para manter as missões em Africa por sua conta?

Estamos certos que os homens mais abastados do nosso paiz se não recusariam a tomar parte nesta associação, e á sua frente se collocaria a beneficente familia real portugueza, em a qual a caridade está personificada pela nossa augusta e muito amada rainha a sr.ª D. Maria Pia, que o povo justamente denomina — Anjo da caridade.

Tudo está na iniciativa, porque, para uma empreza d'esta ordem não faltam varões benemeritos, e as primeiras missões estabelecidas em pouco tempo se poderão manter a si proprias, e desenvolvendo-se hão de então attrair as emprezas particulares que já encontram o campo preparado para as suas explorações, aproveitando os productos nas proprias localidades, ou transaccionando-os, e tanto num como em outro caso creando necessidades aos indigenas. O nosso commercio terá assim novos consumidores nos productores africanos, base mais solida para o seu desenvolvimento do que tem tido até hoje, pois que o consumidor tem sido o destruidor dos productos que a natureza lhes prodigalisára.

Desde que se inicie a empreza pelas missões, o governo tem o seu papel a desempenhar, e tanto mais activo quanto mais o progresso for produzindo os seus effeitos.

Que se nos desculpe esta divagação, ao considerarmos um grande tracto de terreno não conhecido por europeus até agora, que está junto ao Cuango e do qual devemos tomar immediata posse, já pela influencia que exercemos sobre os seus habitantes, e pelas condições que offerece de proximidade dos centros em que a nossa civilisação impera, já emfim pela sua boa exposição e altitude, fertilidade das terras e abundancia de aguas.

Pelo que respeita ao valle de Camau, estamos intimamente convencidos — depois de dois mezes de o habitarmos e pelas informações que obtivemos de diversas comitivas indigenas de commercio de differentes proveniencias, que com frequencia o atravessam, ora para leste ora para oeste — que não é tão insalubre como se nos affigurou nos primeiros dias, attentas as excessivas humidades e elevadissimas temperaturas, pois que, entre dezenas de pessoas que permaneceram constantemente ali, não houve uma doença grave a mencionar. Afastado de centros povoados não era um ermo ou local isolado como a principio se julgou, visto ser ponto obrigado á passagem das caravanas do commercio que de Angola se destinam ao Peinde, Lubuco, Caungula, Quiôcos do norte, Mataba e Mussumba do Muatiânvua. Logo que o tempo nos permittiu, e mais

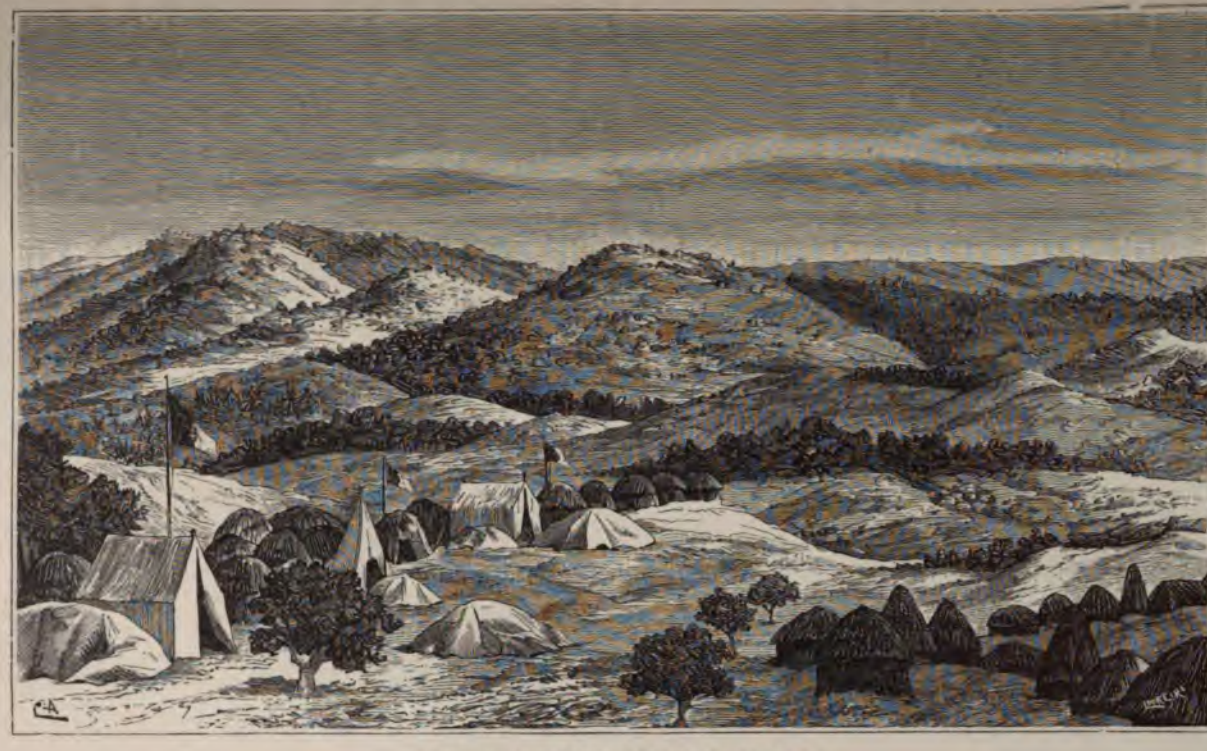
tranquillos por os nossos dois companheiros estarem estabelecidos em pontos differentes e a contento dos povos lundas; em melhores circumstancias, pois, visto o pessoal das cargas estar tambem distraído com a sua mudança, e nos tres acampamentos isolados se colligirem novos conhecimentos para a nossa missão, tratámos de estudar novamente a localidade, figurando-a o melhor que nos foi possivel, para elucidar os esclarecimentos que alcançáramos, por nos convencermos que ella podia ser aproveitada em beneficio do commercio. Tal era a nossa convicção que além de expormos ao governo as vantagens da sua occupação, procurámos animar o negociante C. Machado, de Malanje, a emprehender a realisação do nosso projecto.

O valle é vasto, e do ponto em que acampámos — á altitude de 1:012 metros, no 8°, 33′, 0″ de lat. S., e 18°, 28′ 0″, long. E. de Grenw. — ao sopé de uma montanha que olha a oeste e proximo do bom riacho Camau, disfructa-se um largo horisonte de sul a norte, porque as encostas das diversas montanhas na sua frente afastadas superiormente descaem em rampas suaves, e desaffrontam-no de modo que todos os ventos o varrem.

Conseguimos cotá-lo nos pontos em que deparámos com boas referencias, servindo-nos do ommimetro estabelecido no nosso acampamento, cuja altitude estava determinada pela media de um grande numero de observações, e vê-se bem que se nos tivessemos estabelecido no alto da montanha na base da qual estavamos, dominariamos todo o valle e o nosso horisonte seria ainda muito mais vasto.

As vantagens de terem agua e lenha proximo, são as unicas a que attendem os indigenas ao estabelecer as suas povoações, e muito principalmente os acampamentos quando em marcha, e decerto os Xinjes nos teriam deixado nos fundos que se veem na parte mais baixa da depressão, se não tivessem ahi encontrado os Bângalas, e se o ajudante que vinha na avançada os não incitasse a passar o riacho.

Por causa de uma subida de cêrca de 500 metros ao planalto, não pudemos acampar num explendido logar bastante arborisado.



OS ACAMPAMENTOS NA MARGEM DIREITA DO UHAMBA

Num raio de 15 kilometros em torno do nosso acampamento não havia povoações, ficando a de Xa Quiessa onde estiveramos a sudoeste, proximo ao caudaloso Uhamba. Mais para o sul ficava a do Cabonco e para norte ainda outras duas; ao nordeste e leste do acampamento as indicadas nas viagens dos nossos collegas e a sueste a de Xa Iasso e Xa Passa.

Faz parte este valle dos dominios de Caianvo, subdito de Capenda-cá-Mulemba. As disposições tanto de um como do outro potentado com respeito aos Portuguezes são as melhores possiveis, o que em principio desconheciamos, e nas suas povoações encontram-se Ambaquistas estabelecidos rasoavelmente.

Na povoação de Mona Cafunfo, que fica mais proxima d'este ponto na margem do Cuango, tambem lá se encontram Ambaquistas que ha muito tempo manteem relações com o Capenda e com o Caianvo.

A diligencia que mandámos a Malanje seguindo as nossas instrucções, passou o Cuango no porto do Anguvo, e esteve hospedada na margem esquerda na povoação do Zanza, velho Ambanza que tem um forte partido para succeder ao jaga de Cassanje; e tanto um como outro estimaram muito terem occasião de ser agradaveis aos filhos de Muene Puto, sentindo que a Expedição para passar o Cuango tivesse preferido um novo caminho mais ao norte por Mona Mahango.

Sendo facil pois, por um convenio com estes ou com outros potentados Bângalas, ter um bom porto do Cuango, visto que de todos se diz capitão portuguez o Capenda, por nomeação do fallecido major Salles Ferreira, e estando este valle livre de povoações, occorreu-nos dever ser elle escolhido para uma estação agricolo-commercial e civilisadora.

Em media, de 20 de abril a 9 de junho, cincoenta dias, o movimento de cargas de commercio pelas nossas notas foi de 70 a 80 por dia. Até setembro augmentou muito esta media, não só por ser a epocha mais propria para a saida das caravanas, como ainda pelo regresso das que invernaram nos mercados distantes onde se tinham dirigido.

A agua ali é excellente, das melhores que temos encontrado, e as terras são magnificas como já dissemos, para serem agricultadas. O rio tem peixe, ha abundancia de caça nos matos em redor e muito bom pasto para gado vaccum.

Nestas circumstancias uma povoação inteiramente nossa formada com indigenas, em breve tempo se desenvolveria.

Na montanha do lado do sudoeste, um grande reducto que facilmente se construia, demandando pouco tempo e pouco trabalho, limitaria o recinto em que se devia levantar a Estação official e todas as suas dependencias, e protegeria o seu pessoal de quaesquer aggressões que pudessem dar-se, do que duvidâmos, fluctuando sobre ella a bandeira portugueza.

Na extensa área dominada pelo reducto e em que acampam as comitivas do commercio, construir-se-iam boas cubatas alinhadas, mas separadas umas das outras, mantendo-se nos intervallos e em redor o solo limpo de capim por causa dos fogos.

Estas cubatas deviam ser providas de lenha para quem a quizesse pagar, o que seria para as caravanas de pequenos negociantes um grande recurso que deveras apreciariam, pois são forçados a fazerem viagens apenas de 15 a 21 kilometros pela necessidade que teem de construir abrigos, preferindo no tempo secco não os fazerem, dormindo ao ar livre.

A um outro lado do reducto se dividiria em lotes todo esse bello torrão marginado pelo rio para lavras, que se fariam ao nosso e ao uso indigena, com as moradias de permeio á imitação dos nossos casaes e outros terrenos seriam aproveitados para creação de gado.

Os habitantes d'esta povoação seriam os pretos resgatados ás caravanas que os compram no interior, ou aquelles que de proposito mandassemos resgatar, casando os que desejassem constituir familia e dando-se aos homens a liberdade de escolha.

A Estação nos seus estabelecimentos commerciaes além de um sortido fornecimento de fazendas e outros artigos de commercio, devia de ter sempre em deposito sal e borracha.

Todos que vão para o interior e os que de lá regressam, uns a troco de sal e outros a troco de borracha, azeite, cestos e

mais artefactos, procuram sempre obter carnes, peixe, farinhas, mandiocas e outros alimentos.

Alguns Bângalas bem trajados e outros negociantes a quem fallámos neste projecto, encararam-no bem, e disseram-nos que seria uma grande fortuna se se realisasse, porquanto os sertanejos que vão ao Cassele e Lubuco á procura de borracha, tendo aqui uma feitoria assim montada, não retirariam para os seus sitios sem irem antes áquelles mercados duas e tres vezes, por encontrarem aqui os precisos supprimentos para revirarem e assim regressavam de vez para descançar algum tempo, gosando de melhores lucros.

Xa Mujinga, potentado sujeito ao Caianvo, que nos visitou — de quem havemos de fallar, regressando do Caianvo e ao qual deramos conhecimento do projecto — em seu nome nos pediu depois que não desistissemos d'elle e o fizessemos executar o mais prompto que nos fosse possivel, dispondo-se a auxiliar-nos quando entendessemos utilisar o seu prestimo, porque via no projecto uma felicidade que Muene Puto ia conceder aos seus subditos que habitam nestas terras.

Acreditâmos que assim seria, porque as caravanas ou veem por conta propria, reunindo-se um certo numero de individuos, ou por conta dos chefes das povoações, sobas ou ambanzas, a quem pertencem, e em qualquer dos casos era interesse geral trocarem neste ponto o negocio que trouxessem por outro para assim voltarem com novo fornecimento.

Havendo tanto gado bovino na margem esquerda do Cuango, estamos convencidos que bastava trazê-lo á venda ali e mesmo pelo caminho até ao Caungula, para o creador ou comprador auferir bons lucros em borracha.

O projecto bem comprehendido daria interesses a quem o tentasse, e não faltariam carregadores para o transporte de cargas para o Cuango, porque competiriam os povos de Xa Mujinga, das margens do Uhamba, do Caianvo, do Xa Iasso etc., em fazer esse serviço.

Quanto a nós está sufficientemente provado, que para pequenas distancias não se recusam os indigenas aos fretes dentro

das suas terras, e quando este serviço seja continuado e nelle interessem os chefes, chegará a haver concorrencia.

Adquirindo-se dois portos do Cuango que offerecessem garantias de segurança, interessando nessa acquisição os que d'elles se hajam apossado, um a norte e outro a sul do ponto central — Cassanje — e dotando-os de boas embarcações; construindo no rio Uhamba uma boa ponte de madeira, o que é facil fazer-se, e regularisando o caminho para a projectada povoação e d'esta aos portos do Cuango escolhidos, não só se facilitavam os nossos transportes, mas tornavam-se estes melhoramentos um beneficio geral, que attrairia muito mais caravanas á nova povoação.

Os Lundas e Quiocos que encontram difficuldades na passagem do Cuango por causa das expoliações dos Bângalas nas suas margens, viriam até aqui fazer negocio.

De seis até dez casaes europeus, que mais tarde rodeassem bons missionarios, de que fosse chefe um homem de conhecimentos e essencialmente pratico, attrairiam alguns Ambaquistas que são os aventureiros da Africa Occidental para negocio e para lavras, e por certo se estabeleceriam do Cuango até ahi á beira dos caminhos abertos, e iriam mesmo para a frente, tornando-se este valle em pouco tempo um centro populoso.

Apesar de velho e cançado dissemos ao governo que não teriamos duvida, com os recursos que apontámos, de iniciar o projecto para demonstrar que não era uma utopia.

O negociante Machado por certo vacillaria em iniciá-lo, porque lhe seria indispensavel ter um bom empregado que além de possuir certos conhecimentos fosse dotado de grande abnegação e paciencia.

Mostrou-nos a pratica que só existindo estes elementos é que se devem emprehender com esperança de exito as grandes explorações do que ainda possa restar de bom nesta parte do continente, e se não fôr assim, tambem acreditâmos que o pouco que existe cairá nas mãos dos estrangeiros, que principiam a procurar relações directas com os povos do centro d'Africa.

O PESSOAL EM MOVIMENTO

omo não pudessemos contar na occasião com o auxilio que esperavamos do Cacuata Tâmbu, e tendo já em marcha uma diligencia para o Malanje, urgia aproveitar a boa vontade do pessoal, fazendo avançar uma secção quanto maior possivel para o Cuílo, estabelecendo na sua margem esquerda uma nova Estação, que denominariamos «Cidade do Porto» e mandando remover para ahi a pouco e pouco as cargas por toda a gente disponivel, auxiliada com a que pudessemos attrahir ao nosso serviço.

No dia 22 conferenciámos com o ajudante para se levar a effeito este projecto. Como pelas informações que tinhamos houvesse confusão ácerca do local em que ficava a residencia do Cassassa — o que se explica porque vivendo ainda o que resignára o cargo no que exercia as suas funcções, continuara-se a chamar ao primeiro Cassassa, a quem chamaremos d'aqui em deante pelo seu nome Angunza Muquínji — eis o motivo

porque nas instrucções que démos ao ajudante, lhe deixámos liberdade de acção sobre a marcha que tinha a fazer.

Se a distancia de Muquínji ao Cassassa, pelas informações que obtivesse, não fosse grande, e não achasse boas as condições para acampar no primeiro logar, avançaria até ao segundo, e pelo reconhecimento que nos enviasse se regularia o andamento do resto da Expedição. Faria levantar a Estação com a gente que julgasse conveniente reservar na sua companhia, e diligenciaria já pelo transito, já onde se estabelecesse entre os Lundas, com quem manteria relações, angariar os carregadores que nos eram indispensaveis.

Tencionavamos neste mesmo dia preparar as cargas que deviam ser transportadas pela primeira secção, porém á uma hora da tarde e sem que o esperassemos, um cyclone acompanhado de fortes trovoadas e chuva, atirou com as barracas por terra, rasgando-se em pedaços a grande, onde estavam as cargas e molhando-se tudo. Deu isto logar a uma faina extraordinaria para reparar ao menos em parte as grandes avarias e dispôr tudo á espera de novas chuvas, que effectivamente cairam já proximo da noite, ficando por isso adiado o serviço planeado para quando o tempo o permittisse.

Um preto chegado do interior nesse dia, e que se explicava muito bem em portuguez, informou-nos ter gasto sete dias do Cuangula até ali, o que era uma boa marcha. Naquelle ponto soubera que estavamos em caminho para a Mussumba e havendo já decorrido alguns dias que nos esperavam, suppozeram que tivessemos seguido pelo caminho de Quimbundo.

A noticia fôra transmittida pelos Bângalas, mas disse o informador que não estranhassemos que em toda a região da Lunda fosse já conhecida, porquanto a transmissão se fazia rapidamente entre os Lundas e Quiocos por meio do *quinguvo* [1].

Dera-se effectivamente a guerra dos Quiocos com Caungula por causa do pretendente Matata, mas o Caungula conseguíra

---

[1] Instrumento de pancada — Vide *Ethnographia*, pag. 373 e 374.

repelli-lo das suas terras, perdendo os Quiocos, tres potentados importantes — cujas caveiras ficaram á entrada da sua residencia — o quinguvo de guerra de Mucanjanga chefe dos Quiocos, e duas raparigas, que estavam presas ainda esperando que os seus senhores as resgatassem.

Esperavam no Caungula a chegada de Ianvo, o filho de Muatiânvua que os da Mussumba queriam tomasse posse do governo. O Estado cairia em decadencia pelos maus regentes que tivera nos ultimos annos, não se sabia porém se Ianvo quereria fazer-se transportar pelo Caungula, ou pelo Bungulo, que era o caminho mais direito. Tambem ouvira o preto, que Quimalanga, Suana Mulopo que fôra de Xanama e que fugira para o Tenga, já tinha morto o Muatiânvua Cangápua e se fizera reconhecer como Muatiânvua, recebendo o *lucano* ou insignia do poder.

Para o interior chovêra muito, e os caminhos do Caungula para leste estavam intransitaveis por causa das cheias, e dos pantanos que se tinham formado; todos esperavam porém que as chuvas tivessem um termo até ao fim do mez.

Estas informações mais nos animaram a fazer apressar a saida da primeira secção, que chegaria em tempo opportuno á localidade mais apropriada para se construirem as casas que nos eram indispensaveis, ao mesmo tempo que se principiaria a fazer a mudança das cargas.

Aproveitou-se todo o dia 23 de abril em activo trabalho para a secção poder partir na madrugada do dia immediato, se o tempo permittisse, o que se effectuou.

Além da bagagem do ajudante e de tudo que lhe era necessario para seu uso, e dos volumes da secção photographica a seu cargo, em cuja remoção se empregaram 14 individuos, entrando nesse numero 4 soldados e 4 contractados, foram mais nove cargas de fazendas diversas e missangas, nove de rancho, tres de polvora (59 barris), quatro de sal, uma de café, uma de vinagre, e uma com pertences da cadeira. Tambem ia o rapaz Manuel para o serviço de cozinha, e um sobrinho de Bezerra. Total 44 pessoas, ficando comnosco 25 homens, 7 mulheres e 4 rapazes.

Era de necessidade nomear um interprete para acompanhar o ajudante, e por isso contractaramos o primo do Bezerra que viera na companhia d'este, bem como um seu sobrinho em segundo grau a que elle chamava neto.

No numero de carregadores que partiram, já iam cinco rapazes companheiros dos contractados em Malanje, que ajustámos nas mesmas condições que estes, depois de feita a primeira viagem que era da sua obrigação. O pagamento far-se-ia logo que chegassem os recursos de Malanje e na razão de uma jarda de fazenda, ou o equivalente em outros artigos por cada dia de jornada não inferior a duas horas de marcha.

Não se podia fazer melhor contracto em vista dos pedidos que tivemos, nem mais economico. As rações venciam-nas os carregadores quer marchassem quer não, havendo ainda assim nestas o estimulo, porque acampados recebiam quatro jardas para oito dias e em marcha recebiam para seis.

Felizmente o tempo melhorára um pouco, conservando-se o vento E.-SE. quasi constante nos primeiros dias e as chuvas tiveram o seu termo, o que foi bom para a marcha da secção e nos permittiu no dia 26 começar uma nova faina, isto é, mecher nas cargas, reconhecer os estragos e prejuizos que soffreram, providenciando sobre os primeiros ao mesmo tempo que se procedia ao balanço do que tinhamos.

Apuraram-se nove saccos de missanga e contaria que montavam proximamente a vinte arrobas, conhecendo-se ter havido roubos nos massetes pelas rupturas dos involucros, pelos fios partidos e pela contaria e missangas que havia solta. Tivemos trabalho para de novo pôr tudo em ordem. Nas caixas encontraram-se tambem estragos, sendo mais para sentir o do papel e de sementes de hortaliças; e nos fardos de fazendas foi onde houve maiores prejuizos, principalmente entre as chitas de côres mais vivas que se mancharam, desapparecendo os desenhos. A polvora tambem além de muito roubada, pode dizer-se que por causa das chuvas ficára toda deteriorada.

Tivemos com que nos entreter por alguns dias, porque nas nossas circumstancias nada era para desprezar, tornando-se

indispensavel que todos os artigos ficassem em condições de se aproveitarem.

Algumas peças de chita, em que não havia sequer pedaços que dessem um panno (quatro jardas) sem manchas, mandaram-se expor por algumas horas á corrente do rio para largarem toda a tinta, e quando brancas não tardou muitos dias que fossem distribuidas em rações.

Procura-se illudir o indigena boçal offerecendo-lhe fazendas pintadas com côres vivas sobre chapas, e que por serem muito vistosas elle sempre aprecia, reconhecendo passado alguns dias que fôra logrado.

AGOSTINHO BEZERRA

Basta a humidade para amollecer esta qualidade de fazenda, manchá-la e torcê-la, porém quando molhada pelo orvalho nas plantas, pela agua do rio ou pelas chuvas, as tintas mudam de côr e desapparecem os desenhos, quando não desapparecem tambem as tintas ficando em partes completamente branca.

Em algumas povoações já encontrámos individuos escrupulosos na escolha de fazendas, e que tambem conheciam estas e as preparadas occultando a falta de fios, a ponto que sendo-lhe apresentadas as desviavam logo de si.

Acreditâmos que os promotores d'estas fraudes commerciaes e ainda a de subrepticiamente apresentarem no mercado as peças dobradas em medidas inferiores á jarda — medida que até então o gentio acceitava como unidade — alcançaram grandes interesses nas suas transacções, porém actualmente o individuo que de boa fé acceita fornecimentos d'estas fazendas para negociar, é na verdade o explorado e lucta com grandes difficuldades no interior para as passar ao indigena, cuja unidade

tem variado até mais do dobro da que se lhe apresenta na peça, exigindo elle ser o medidor.

Não acceita hoje a peça fechada, nem tão pouco as fazendas que reputa de má qualidade nas transacções mesmo de generos alimenticios.

O modo por que a polvora vae acondicionada em barris de fancaria para o peso de uma libra, e que já fica reduzido pela espessura da madeira, presta-se facilmente a roubos. Uma pequena pancada dada num dos aros do barril desune-lhe as pequenas aduellas, e uma faca introduzida num ponto de juncção levanta o tampo, e sem mesmo haver necessidade de o tirar completamente pode o especulador apoderar-se por ahi do seu conteudo.

A madeira exposta a elevadas temperaturas e ás chuvas, dá logar tambem a prejuizo, porque a agua entrando pela desunião das peças de que é formado o barril, faz com que a polvora primeiro se converta em uma massa e depois em torrões. Como nestas circumstancias é rejeitada, tratou-se de esmagar os torrões á mão e de reduzir o numero de barris, dando-se aos que se apuraram a medida que deviam ter.

Todos os volumes soffreram uma vistoria minuciosa, e para evitar mais perdas, como havia agulhas e linhas em abundancia, estabeleceu-se um casão de alfaiates em que se aproveitaram fazendas e guarnições, confeccionando-se pannos de diversas grandezas e romeiras, aventaes, bonés, tapa-peitos, camisolas e outros artigos de vestuario e ornamentação ao uso gentilico.

Tivemos a necessaria paciencia para delinear todos estes trabalhos, fazendo mesmo os desenhos e córtes do que se emprehendeu, e de aproveitar bem o material de que dispunhamos, salvando assim muitos objectos que em melhores circumstancias seriam considerados inuteis.

A faina das cargas entreteve o nosso reduzido pessoal até 6 de maio, conseguindo-se diminuição de volumes, e o acondicionamento foi feito do modo que ficaram á mão os que convinha transportar logo que se apresentassem os carregadores.

Durante os dias decorridos attendemos sempre aos chefes das caravanas e a outros individuos que passavam para leste e oeste, e que vinham cumprimentar-nos. D'elles obtivemos esclarecimentos sobre informações que já tinhamos e ainda novos dados ácerca do que mais nos convinha saber.

É interessante quando no gabinete — compulsando tranquillamente o que ha de aproveitavel nas informações de diversos individuos sobre o mesmo assumpto, e muito principalmente quando estas informações são de tribus differentes — reconhecer pelo confronto o fito do informador em nos ser agradavel, nos rodeios de que se serve para nos transmittir a noticia de um facto que se deu, occultando por conveniencia na maior parte das vezes a causa que o motivou, se d'ahi sobretudo pode resultar compromisso para o narrador.

Á primeira vista o mesmo facto contado por diversos parece cousa muito differente, quando, o que differe é a forma por que foi narrado e as circumstancias de que o narrador o reveste para captar as sympathias do auditorio.

Uns Xinjes disseram-nos que Mona Mahango ficára muito apoquentada porque os seus rapazes não levaram as cargas de Muene Puto a Quimica nos termos em que se ajustaram e foram pagos, depois de terem sido por nós muito bem tratados. Acreditava que os seus vizinhos, invejosos porque os filhos de Muene Puto estiveram hospedados na sua terra e dispensaram a ella e ao seu povo muitos beneficios, tinham feito os seus feitiços para a desgraçarem. Já no regresso morrêra Quienza e outros, mas ella receava cousas peores e por isso exigira aos Angangas que tratassem de cobrar dos seus rapazes fazendas, para estar prevenida com presentes para os vizinhos.

Alguns Bângalas deram-nos parte que Mona Mahango mandára prevenir o Cassanje de que nós iamos convidar o Muatiânvua para vingarmos as mortes que seus paes fizeram na guerra do Casal, mas o Jaga Ambumba rira-se e respondêra, que estava em boa amizade com o governador de Loanda e sabia muito bem que nós iamos de mandado de Muene Puto combinar com o Muatiânvua para se abrirem bons caminhos

para o negocio, e que mal tinhamos feito em não passar por Cassanje, antigo caminho de Muene Puto para a Mussumba, pois teriamos sido muito bem recebido e muitos Bângalas nos acompanhariam com o seu negocio.

Nestas noticias havia de verdadeiro que os Bângalas não ficaram satisfeitos com a Expedição para o interior. Fizeram propalar por vezes diversos boatos para indisporem os povos contra nós, a fim de levantarem difficuldades á nossa passagem, e depois os Xinjes de Mona Mahango, receando que os Bângalas dessem assalto ás suas povoações para lhes roubarem o peculio que de nós obtiveram, aproveitaram os boatos que elles espalharam querendo lhes dar confirmação, e não acreditando na sufficiencia d'este meio para assegurar a sua tranquillidade, Mona Mahango procurou prevenir-se para ir presenteando alguns Ambanzas mais proximos a fim de os contar como amigos, mas sem desfalcar o que de nós recebêra.

Uns e outros em nossa presença se mostravam humildemente nossos amigos, e censuravam-se reciprocamente pelo procedimento que tiveram para comnosco; e longe de nós, não podendo perceber qual era o fim da nossa missão e receando que ella lhes pudesse causar damnos, lembravam-se sempre de que fosse prejudicial ao seu bem estar e procuravam intrigar-nos.

Alguns rapazes de Malanje que fizeram parte da expedição allemã, informaram-nos terem encontrado no dia 28 o capitão Aguiar acampado no Camaxilo, e que elle estava disposto a continuar no dia seguinte a sua viagem para o Cuengo.

Por elles soubemos que Saturnino Machado estava estabelecido a tres dias de marcha do Muquengue onde ficaram residindo os Allemães; que era verdade terem estes já comprado fazendas a Saturnino e estarem fazendo lavras; que armaram a gente do Muquengue com as espingardas pequenas que levaram, e com esta tinham atacado os Chilangues, obrigando-os a pagarem tributos áquelle potentado; que estavam fazendo grandes canoas para serviço da Estação nos rios Lulúa e Muansagoma; que a maior parte dos rapazes de Malanje continuavam ao serviço dos Allemães, que lhes davam em pagamento

escravos que o Muquengue lhes tinham passado em troca de fazendas; que prohibiram a passagem para o norte das comitivas de Bângalas que não se sujeitavam a vender a borracha que trouxessem na Estação, e a qual elles compravam com dinheiro ou com artigos de commercio, e finalmente que era certo já terem feito negocio com os Bana-moio (individuos da primeira classe da sociedade) por libras esterlinas que depois acceitavam em troca de fazendas, polvora, etc.

D'estas noticias concluimos nós que os Allemães pretendiam occupar o Lubuco, alargando sob esta denominação o dominio do Muquengue para o norte até ao Zaire, para o oriente até ao Cassongo e para o occidente até ao Cuango. O limite sul, estavamos convencidos que no emtanto não deixaria de ser o que marca pelo norte os dominios do Muatiânvua, mas com o tempo facil lhes seria catechisar os povos vizinhos pelos progressos que fossem realisando nos estados limitrophes.

Os Allemães encontraram os habitantes do Lubuco preparados para uma evolução mais rapida, e com o seu auxilio iam alargando as suas operações, abrindo caminhos para o Zaire. Porém o que não podiam por emquanto era prescindir do auxilio dos africanos portuguezes, que são em geral os artifices que tem educado nas artes e officios os indigenas; que estabeleceram relações de amizade, de commercio e mesmo de familia com os Bana-liamba ou Bana-moio; que introduziram no dialecto d'estes, nomes de objectos que lhes eram desconhecidos, e preposições, conjuncções e adverbios que elles não tinham e que eram indispensaveis para tornar menos aspero, menos difficil e mais claro e intelligivel o seu dialecto, não podendo os Allemães por muito tempo prescindir tambem de se familiarisarem com a lingua portugueza e com os usos e costumes d'aquelles de quem teem de se servir como auxiliares.

Declarâmos que muito nos apraz ver os esforços que se façam pela regeneração dos povos africanos, mas como Portuguezes sentimos que os nossos sejam aproveitados por estrangeiros, que depois querem para si as glorias que lhe não pertencem e procuram esquecer-nos quando não depreciar-nos.

E dá-se isto entre nós pela falta de propaganda e de conhecimento das cousas nas regiões officiaes!

Na Europa até 1881 não havia conhecimento do Lubuco, e já em 1872 saiam de Malanje negociantes africanos para as immediações, e tinham noticias sobre essa região para onde corriam a refugiar-se os elephantes perseguidos pelos caçadores. Em 1875 para ali principiaram a affluir Ambaquistas com os Quiocos, e em seguida a elles outros africanos portuguezes lá se estabeleciam com as suas pacotilhas de commercio uns provisoriamente ficando outros por lá arranjados.

Foi o nosso velho sertanejo Silva Porto o primeiro europeu que devassou esta região, e em pouco tempo negociou a sua grande factura, sendo depois do seu regresso que os exploradores allemães dr. Pogge e Wissmann em fins de 1881, no intento de atravessar o continente, em vez de se dirigirem para a Mussumba, por conselho de Saturnino Machado desceram com o curso do Chicapa e entraram no Muquengue, acompanhados pelo quiôco Mona Congolo, amigo, freguez e vizinho de Saturnino Machado, com a casa do qual já tinha relações ha muitos annos.

É necessario que se saiba que Mucanjanga e Congolo foram os primeiros Quiocos que exploraram pela caça a região do irmão do actual Muquengue que lhe succedeu no governo, região que depois se denominou Lubuco. Estes Quiocos garantiram o seu caminho pelas margens do Chicapa ao commercio portuguez, de que elles depois se tornaram tambem agentes.

Segundo nos informou Congolo, com quem mantivemos muito boas relações mais tarde, os Allemães gratificaram-no muito bem pelo serviço que lhes prestou.

Mal poderia suppôr então Saturnino Machado que os benemeritos viajantes allemães, que só tinham em vista adquirir conhecimentos para a sciencia, e que eram commissionados da Sociedade de Geographia de Berlim, seriam mais tarde os doadores d'essa região inexplorada até ali por estrangeiros a um Estado que se havia de organisar quatro annos depois e que tanto mal tem feito ao commercio já por nós ali iniciado!

Amargos dissabores tem tido o nosso compatriota depois de 1883 nas terras do Muquengue, como retribuição da boa hospitalidade, francas e verdadeiras informações, sinceros conselhos, remoção de difficuldades e generoso abono de supprimentos a que se prestára para servir não só estes como todos os exploradores allemães que os precederam desde de 1875 nas terras da Lunda! E é devido a uma ingrata concorrencia dos seus protegidos que Saturnino Machado e os seus socios não poderam até hoje liquidar os resultados da sua já longa e muito trabalhosa exploração.

Nós, ao escrevermos hoje estas informações e depois do que se tem passado, conhecendo que toda a cautela é pouca, entendemos do nosso dever, sempre que o ensejo se nos offereça, chamar a attenção dos governos para as occorrencias que não chegam ao seu conhecimento ou que chegam já tarde para se providenciar. Ha pouco tempo voltou a Malanje o bispo William Taylor, superintendente das Missões americanas estabelecidas na provincia de Angola, e entre outras cousas procurou informar-se se seriamente nós acreditavamos que Malanje viesse a ser servido por uma linha ferrea, porque eram passados quatro annos depois que ali estivera e não ouvira mais a esse respeito do que então já lhe era conhecido, isto é — que o caminho de ferro se faria, mas não por conta de Portugal!

— Perguntou tambem se havia alguma idea da parte do governo de fundar em Malanje um asylo para orphãos, e isto por ter visto tres infelizes crianças, filhos de um europeu que morreu em exploração nas margens do Luí, a mãe das quaes por nada ter com que as sustentar as entregára á missão que se encarregou de as manter e educar a seu modo. E como a resposta não podia deixar de ser senão a ignorancia do que o governo tencionava fazer, retorquíra o bispo: — Que acreditava na impotencia de Portugal como nação colonisadora!

É innegavel que a Missão americana em Malanje tem prestado serviços e se exforça pela regeneração dos indigenas, e como os Allemães no interior tem-se servido da lingua portugueza para se fazer comprehender dos que procura tutellar.

Devemos lembrar todavia, que devido aos esforços do linguista que em principio os acompanhou, M. H. Chatelain, ella possue uma grammatica em ambundo e portuguez, sendo assim facil aos missionarios irem-se aperfeiçoando com o tempo e com pratica, e quando familiarisados com o dialecto de Malanje, de certo prescindirão da lingua portugueza e a catechese far-se-ha depois nesse dialecto, sem que os portuguezes e as auctoridades residentes ao seu lado d'isso se apercebam.

O que se passa em Malanje de certo succede no Dondo, em Pungo Andongo e em outros pontos onde estão estabelecidas as Missões do bispo Taylor e isto, acreditâmos, não nos poderá ser favoravel.

No Lubuco quiz este bispo estabelecer tambem missões e com os soccorros que de bom grado e por espirito compassivo lhes prestaram os portuguezes Marcus Zagury e Narciso Paschoal partíra para lá o dr. Summers. O governador do Estado Independente não consentiu porém que elle entrasse em exercicio nas terras do Estado, e aguardando essa auctorisação o infeliz missionario lá succumbiu.

Tambem o missionario Campana, de Landana, tentou estabelecer-se nas terras do Estado do Congo, e já se propunha a ir para o Lubuco mas foi-lhe recusado, por isso este bom sacerdote recorreu a Lisboa para se estabelecer nas terras do Muatiânvua.

Ora se o novo Estado — apossando-se de uma região em que tinhamos antigas relações, e onde exerciamos influencia civilisadora, e que os exploradores allemães a quem proporcionámos e facilitámos o contacto com os seus habitantes, deviam ser os primeiros, ao menos por gratidão, a respeitar como portugueza — não consente Missões estranhas onde domina, porque não deveremos fazer o mesmo ou pelo menos acautelar-nos quando mais não seja, contrapondo-lhe Missões nossas que inutilisem os esforços de uma propaganda que não nos pode convir?

Embora as questões da Africa oriental absorvam muito a attenção do governo, convem não desviar a vista do occidente onde já temos perdido muito depois da Conferencia de Berlim.

CAÇA AOS GAFANHOTOS

Aproveitavamos no dia 9 de maio a tranquillidade em que ficára o acampamento, e o espaço livre que pela saida de cargas tinhamos na barraca grande para trabalhar mais á vontade, sob uma temperatura mais supportavel, modificada pelos ventos predominantes e frescos de E. e S., quando de repente fomos distraidos pelos estalidos do capim que ardia proximo.

DR. SUMMERS

Tinham-se passado já alguns dias depois que a monção se declarara. As seccas manifestavam-se para as bandas do poente nos clarões das queimadas que se viam pelas quebradas das serras que vão descendo para N.-W., e nos arredores do acampamento o capim secco e vergado pelas rajadas de vento convidava o gentio a aproveitar-se do ensejo favoravel para a caça dos gafanhotos.

Lembraram-se nesse dia os dois Lundas e dois rapazes dos mais boçaes que nos acompanhavam de fazerem a caçada pelo processo mais rapido, largando fogo ao capim, e á medida que as labaredas seguiam bater o queimado com ramos de folhagem para os gafanhotos cairem no chão. O vento soprava rijo para fora do acampamento, mas ainda assim, como era frequente neste logar haver rapidas variações de vento durante o dia, démos ordem para immediatamente se pôr termo á queimada, porém succedeu infelizmente o que receavamos, e já não foi possivel cumprir-se a ordem com a presteza que era para desejar.

O vento tornara-se inconstante e o fogo extinguia-se numa parte para apparecer noutra. Toda a gente correu a auxiliar os primeiros que procuravam extingui-lo, mas o seu numero era insignificante para as proporções que o fogo tomou! As labaredas que seguiam pela frente do acampamento de novo mudaram de rumo e caminharam para elle! D'ahi por deante estabeleceu-se a confusão, todos queriam trabalhar, mas o fogo impellido por um vento rijo afugentava-nos! A barafunda tornou-se indescriptivel; envoltos em nuvens de fumo espessas eramos obrigados a fechar os olhos. As chammas altas estendendo-se communicavam a sua verocidade ás partes mais elevadas do capim e num momento fizeram desapparecer as cubatas do acampamento que pertencêra á primeira secção.

Á elevada temperatura do sol reunia-se a insupportavel das chammas; os pés escaldavam-se no solo, transformando-se num verdadeiro inferno o meio em que estavamos! Era indispensavel sacrificar alguma cousa para salvar muito material em deposito, que já estava num restricto cêrco de enormes labaredas.

Cortar o fogo em algum ponto era o empenho, mas baldado, porque o vento estava incerto, tendendo sempre a impellir as labaredas para o deposito. Neste existiam as caixas de munições das nossas melhores armas, polvora em grande numero de barris, petroleo, arroz, fazendas, alcool, medicamentos em quantidade, etc.!

Fallar na remoção de volumes pesados com vinte pessoas e algumas invalidas, quando as labaredas já iam consumindo

O INCENDIO DO ACAMPAMENTO VALLE DAS AMARGURAS — 9 DE MAIO DE 1885

as cubatas proximas e se sentia o estampido das armas carregadas com ballas que se disparavam, era perder tempo!

Decorreram momentos angustiosos e confessâmos que o desanimo se ia apoderando de nós a ponto de nos approximarmos da barraca das cargas e de lhe voltarmos as costas. Pela mente passavam-nos como visão rapida todas as desgraças que em seguida podiam ter logar!

Só nós e o sub-chefe calculavamos a extensão e enormidade do perigo em que estavamos, mas era indispensavel animar os que trabalhavam para entreterem o fogo nuns certos limites em quanto se procurava remover algumas cargas.

A nossa grande responsabilidade, os nossos mais queridos parentes, a patria, o triste fim da nossa missão, todas as nossas amarguras tudo nos acudia á imaginação esquentada pela imminencia de um grande perigo, sem que nos occorresse um meio de salvação prompta e com desespero fitavamos o catavento na nossa frente. Invocámos a mercê divina, e porque o não diremos, ainda hoje se nos affigura que por um milagre fomos attendidos!

O vento repentinamente mudou, as labaredas correram a distancia parallelamente ao maior comprimento da barraca, e a coragem resurgiu em todos, e de tal modo, que ao nosso brado — acudam á barraca das cargas — homens e mulheres tudo correu, tudo lidou! Salta aqui, acode acolá, traz isto, agora esta carga, mais este barril, safa este fardo — era o que se ouvia!

José Faustino — o Cabinda mestre da escola, que por abnegação ou grande fé se não importou com a cubata onde tinha todos os seus haveres — como homem acostumado aos grandes perigos em viagens maritimas, descalço, de calças arregaçadas, barrete caido para trás, animava os rapazes em frente das labaredas, e bradava — não esqueça a canoa, saltem rapazes á canoa; e abraçado a ella fazendo esforços para a transportar, dizia — Oh F... acode, allivia aqui, olha que morremos se a canoa cá fica! Deram-se ainda outros episodios que só mais tarde foram commentados promovendo alguns a hilaridade, mas que na occasião passaram despercebidos.

Conseguiu-se transportar todas as cargas para um logar afastado em que o capim já tinha sido queimado, e tal foi a azafama que momentos depois de levantada a ultima, vimos que não houvera tempo perdido e que se trabalhára bem, porque as labaredas labiam já o capim ao redor do recinto em que estiveram as cargas.

Approximámo-nos então das nossas barracas, onde havia além de material importante da Expedição, a nossa maior riqueza, os nossos trabalhos e registos de um anno. Mas qual não foi a nossa surpresa, quando ao corrermos para ellas, só vimos os logares que tinham occupado! Tudo d'ahi havia desapparecido! As mulheres depois de pôrem a salvo o que lhes pertencia, expontaneamente correram a derrubá-las e a pôr em logar seguro o que lá havia.

Que fortuna! que felicidade! exclamámos atirando-nos fatigados para cima de uma caixa. E o fogo fazendo destroços, consumindo as cubatas e alimentando-se com o capim de toda a encosta ia-se afastando-se para léste sobre o planalto.

Estavamos seccos por dentro. A lingua, o ceu da bocca, as guelas, ao mais pequeno movimento parecia que estalavam e não havia agua que nos saceasse. Ainda de noite sentiamos aquella dolorosa impressão.

Que transes porque passam os que se expõem a desempenhar missões como a nossa nestas terras! Naturalmente este acampamento em que tanto desgosto soffreramos, ficou com o nome que bem lhe cabia — Valle das Amarguras.

Os Bângalas estão acostumados a estas grandes queimadas, que elles mesmo promovem ao deixarem os seus acampamentos nesta epocha do anno, mas os que estavam acampados do outro lado do rio, tal susto tiveram quando sentiram o zunir das balas das espingardas que rebentavam sem ninguem lhes tocar, que agarraram nas suas cargas e a correr fugiram para longe á procura de logar seguro.

Trabalhou-se bem e de boa vontade, ficando antes do sol posto as barracas armadas nos seus antigos logares já limpos de capim, e tudo accommodado como antes do incendio!

Alguns gentios que tinham vindo ao acampamento vender mantimentos, prestaram serviço na remoção das cargas, mas como sempre acontece em occasiões analogas, dois d'elles queriam fazer uma remoção mais completa, levando duas cargas de munições de guerra para maior distancia com o fim de as transportarem mais tarde ás suas povoações; mas os soldados que os vigiavam agradeceram-lhe os seus bons serviços e pagaram-lhe fazendo-os transportá-las de novo para a barraca.

Tão impresso na memoria nos ficou o theatro do sinistro com todos os seus horrores, e o seu aspecto depois da passagem do incendio, que nos foi facil desenhar a scena ameaçadora em que maior perigo corremos e a vista do campo antes de novamente armadas as barracas.

Quando depois á noite queriamos descrever o que se tinha passado, parecia-nos tudo um sonho, e pelo receio de sermos taxados de exaggerados, adiámos a tarefa, esperando o necessario sangue frio para o fazer.

Gratificámos cada um dos homens com uma camisa e um barrete, e a cada uma das mulheres démos tres jardas de algodão para fazerem roupões, pois que o frio da madrugada já convidava a abafar o corpo.

Na communicação mensal ao governo, tratando d'este sinistro diziamos:

«Outra devêra ser a remuneração dada a esta pobre gente pelos seus esforços em nos salvarem, e não lh'a regateariamos se estivessemos em terras de recursos, mas attentas as nossas precarias circumstancias, procurámos dar-lhe o que menos falta nos pudesse fazer e o que a elles mais convinha.

Foi pouco o que se perdeu! Mas o que seria se não fosse a boa vontade de todos, que em geral muito timoratos com os fogos, tratam só de pôr a salvo o corpo e de lamentar os estragos e o desapparecimento dos haveres, que na maior parte dos casos constituem toda a sua riqueza!

A data 9 de maio de 1885, ficou decerto bem gravada na memoria de todos que se encontraram no pavoroso incendio rodeados de materias inflammaveis.

Perderam-se algumas armas Winchester e Westley-Richards, revolveres, traçados, patronas, correame, massos de cartuchos embalados e desembalados, cargas Lefaucheux e outras, camas de campanha, etc. E o José Faustino, esse, apenas ficou com o que tinha no corpo! O pobre homem lidára e animára os carregadores a trabalharem, e por isso lhe cedemos a cama do empregado europeu que fôra em diligencia a Malanje e démos-lhe da nossa parte alguma roupa branca, e uma andaina de fato já usado de flanella mas em estado de lhe servir.

Os dias 10, 11 e 12 foram empregados em reparar os abrigos, e nas horas de descanso o pessoal fazia commentarios sobre o que cada um dissera na occasião de maior perigo. Era um caso extraordinario e onde não ha distracções, succede como na bonança em seguida ás grandes tempestades, reina a alegria por nos encontrarmos salvos do perigo e tudo dá motivo á hilaridade.

E a nossa alegria era maior porque, no dizer dos carregadores, as barrigas folgavam, porque se via carne, devido nos ultimos dias á exploração feliz de dois companheiros caçadores.

Na tarde do dia 13 appareceram alguns dos carregadores da comitiva do ajudante que os dispensou na margem do Cuílo, onde ficou com doze homens da sua confiança dando principio á construcção das casas para a Estação Cidade do Porto.

Tinham chegado ali no dia 5, feitas doze jornadas, algumas pequenas, e descançando um dia por causa de um carregador que adoecêra gravemente.

Podendo considerar-se dez jornadas em andamento regular, era no emtanto uma grande distancia e por forma alguma convinha continuar a fazer a mudança de uma vez para tão longe. Como no sitio de Angunza Muquínji além da sua povoação, havia outras proximas que dispunham de alguns mantimentos e as caravanas de commercio costumavam acampar numa grande floresta que ali havia, de accordo com o sub-chefe ficou decidido ir elle ali estabelecer o acampamento que se denominou «Francisco Maria da Cunha» para onde fariamos remover todas as cargas pelos carregadores que regressassem.

ACAMPAMENTO VALLE DAS AMARGURAS DEPOIS DO INCENDIO

O sub-chefe pela sua parte apromptou-se para seguir na primeira opportunidade, o que dependia de descansarem os carregadores alguns dias, e não obstante os nossos esforços para abreviar á partida d'esta comitiva, o apparecimento da caça nos arredores de que o pessoal desejava fazer provisão para o caminho, moveu-nos a conceder o adiamento do dia da partida já fixado, reinando grande animação no acampamento que á noite se demonstrou por longos batuques.

O cabo da força que fazia gosto na sua posição, tinha uma companheira, que elle entendeu educar militarmente, fazendo-a manobrar com todos os tempos até nos serviços domesticos á voz de commando, o que elle imaginava ser indispensavel. Assim marchava com ella para o rio a buscar agua ou lavar roupa, para o mato a roçar lenha, a fazer fogo para a comida, a preparar o infunde, etc. Se os tempos não eram observados como elle queria, obrigava-a a repetir a manobra, dando-lhe a voz de primeira forma. O casal na verdade era um pratinho para o pessoal, e confessâmos, quando estavamos trabalhando na nossa barraca bem dispostos, e os ouviamos, que nos rimos muitas vezes, maravilhado com a mania d'elle e com a paciencia e docilidade d'ella.

O cabo dava-se ao respeito, tomava uns ares importantes e gostava pouco de batuques; porém como não queria desmanchar prazeres e todos folgavam no acampamento com as melhores e mais abundantes refeições que nos ultimos dias tinham tido devido a generosidade dos caçadores, annuiu, posto que a custo, ao pedido da mulher para a deixar ir tomar parte num batuque, dizendo-lhe:

— Vá, mas muito juizinho, e eu cá a espero na cubata, para saber as horas a que recolhe.

A mulher, que ha muito tempo não desfructava um momento em que estivesse livre das vistas ciumentas do cabo, enthusiasmada com a dança e não reparando na fogueira, queimou o panno que vestia, e com receio de que o cabo a visse assim, porque era certa uma dóse de pau, entendeu ser melhor demorar-se no batuque para dar tempo a que elle adormecesse.

Quando suppoz que o marido estivesse immerso em somno profundo entrou vagarosamente na cubata, porém elle que estava vigilante e em posição que o brazeiro lhe permittiu ver o panno queimado, rompeu em exclamações ora em portuguez ora no dialecto de Ambaca: — Sim senhor! ora esta, não me faltava mais nada! Eu trabalho como um negro desde o romper do dia até á noite, para você romper pannos! muito bem! Você come, bebe, dança e agora estraga os pannos, isso é bom, cá está o negro para o ganhar! Continue que é bonito! Durante tres dias, agua e infunde, mais nada! Fique sabendo, ao toque da alvorada roda immediatamente sobre os calcanhares a ganhar quatro bandos para um panno e só apparece deante de mim na devida ordem! entendeu? Agora tape a porta, um, dois. Deite-se, um, dois e tres.

A mulher não dava palavra com receio que elle como costumava lhe fosse ás costas, e elle proseguiu: — E não diz uma palavra! Eu vou comprar mantimentos, acarreto agua e lenha e você ajuda-me com estas esmolas! Se não fosse noite, teriamos agora uma boa conversa! Durma e depois fallaremos.

Como todos fossem vizinhos, os companheiros que não podiam suster o riso, de quando em quando dirigiam-lhe uma graça, com que elle refinava nas exclamações, alardeando o muito trabalho que tinha com ella, quando o contrario é que era a verdade.

Designára-se o dia 18 para a partida da secção e os caçadores pediram para irem em procura de um sóco, animal grande, que elles suppunham terem ferido na vespera já perto da noite e que tivesse morrido em logar não muito distante.

Andaram por lá todo o dia e seguinte e não apparecia o animal. Como o cabo tivesse ido tambem procurá-lo, quando regressou veiu dar-nos parte que o animal tinha fugido. Como foi isso? Então fugiu depois de morto?! Não senhor, replicou o homem, cousa assim nunca se viu, deixou uma perna e fugiu com as tres.

— Nesse caso, não se procura mais. Dê ordem para que se apromptem, e de madrugada marchem com o sr. sub-chefe.

MARCHA DAS SECÇÕES

artiram as duas secções. A do ajudante em 24 de abril, e a do sub-chefe no dia 20 de maio. Dos relatorios respectivos extractâmos agora o que julgámos mais essencial, referindo-nos a medias quando encontrâmos algumas differenças em rumos e distancias.

Em todas as nossas viagens os rumos são magneticos, mas nos esquissos que fazemos são corrigidos logo da variação da agulha pelo methodo de Labrosse.

As altitudes registaram-se onde se conheceram differenças sensiveis, na occasião em que se marcaram mudanças de rumo e distancias, sendo estas contadas em terreno plano á razão de 1:440 passos ou 14 minutos por kilometro, e em terreno accidentado pelo calculo em que entrámos com as altitudes.

A distancia do acampamento Valle das Amarguras ao de Francisco Maria da Cunha foi percorrida pelas duas secções em quatro jornadas, mas é distancia que as comitivas indigenas vencem em duas e os escoteiros em uma jornada.

A primeira já conhecida é de 15 kilometros até ao Mulosso, que decompomos do seguinte modo. No percurso de 5 kilometros elevaram-se — seguindo o rumo N.-E. com pequenas differenças de quartas ora para leste ora para norte — de 1:012 a 1:071 metros, passando a meio d'elle o riacho Camassenda de agua potavel. O caminho foi por entre arvores e capim, gramineas e cyperaceas, em terreno ondulado, argillo-silicioso e em que predomina a silica, havendo tambem algum humus. O segundo percurso foi de 4 kilometros, elevando-se successivamente de 1:120 a 1:124 metros, num rumo variando para E. e N.-E. entre florestas pobres, em terreno sempre ondulado e da mesma qualidade. O terceiro foi de 6 kilometros no rumo N.-E. variando como no primeiro, ora para norte ora para leste, subindo-se nos dois primeiros kilometros a 1:160 metros para se descer a 1:149, altitude em que se acampou.

A leste d'este logar existia um valle com alguns charcos de aguas potaveis, mas constou aos viajantes que seccavam de julho a setembro.

A segunda jornada de 11 kilometros, até uma povoação de Quiocos de que era potentado Cangúia, foi fatigante pela ascenção a montanhas com que depararam no transito e que se desenvolviam parallelamente umas após outras.

O rumo mais seguido foi o de E. inclinando mais ou menos para N.-E. sendo o terreno muito accidentado, subindo mais do que descendo. Assim tendo-se descido de 1:149 metros, que era a altitude do acampamento, no percurso de 2 kilometros a 1:114 metros, houve que subir a 1:134, 1:167, e 1:225 metros, altitude do novo acampamento junto á povoação do Cangúia, tendo-se descido entre estas a valles mais ou menos profundos.

As montanhas eram coroadas de arvoredo, porém a ultima encosta que dava accesso ao planalto, em que acamparam os viajantes, era coberta de uma floresta cerrada.

Encontraram um bom acampamento de cubatas altas e bem feitas levantado por uma grande caravana do Congo que havia mais de um anno por ali tinha passado para o interior. O potentado da terra vigiava-o para que se não inutilizasse, por dar

Planta e Perfil do itinerario de Caman (

Inguerra Maquinji (Acampamento Franc

Planta de Caman a Muxa

Escala da planta 0,m002 - 1.ª

Var da agulha 18° N.W

Rumo verdadeiro.

E. Estação.

A. Acampamento.

P. Povoação.

(a) Agua que secca.

Caminho para o Jacuíne

Luhanda

Camahondi

Cubuco

Mucangala

Rio Nangó

Cagulla

VALLES

Mulosso

VALLES PROFUN

Valle das Amarguras

Valle das Amarguras

Mulosso

Canguia

1.ª Jornada

2.ª Jornada

3.ª Jornada

ensejo a que todas as caravanas de commercio que passavam acampassem no logar, do que tinha obtido resultado a povoação com a venda de mantimentos, e elle com os presentes que recebia.

Os individuos que estavam no acampamento apresentaram-se aceados, condizendo o seu aspecto com a ordem, limpesa e boa disposição das habitações do logarejo, que embora pequeno, produzia impressão agradavel e se destacava, sobretudo, pela forma das habitações, de outros já conhecidos.

A povoação projectava-se sobre a encosta de uma elevada serra proxima ao sul, sendo coberta de arvores colossaes, entre as quaes vegetava o grosso capim e arbustos de diversos tons de verde, o que produzia bom effeito entre as habitações que afastadas do solo sobre pontaletes pareciam estar em cima de um tapete de verdura. As coberturas d'estas habitações, pela forma pyramidal e altura, e pela côr parda do capim secco faziam lembrar os desenhos de certos logarejos pittorescos, que muitas vezes existiram só na fertil imaginação do artista.

Os Quiocos que ali estavam tinham vindo para o sitio havia annos, fugindo aos feitiços do Muana Angana Ambumba, considerado entre os da sua tribu como um dos maiores potentados, descendente de uma importante familia que por divergencia com o primeiro Muatiânvua seu parente instituíra o Estado quioco, residindo elle ainda com a sua côrte entre os rios Cuílo e Quicapa, acima do 9º de lat. S. do Equador.

Já aqui se apresentam gerações novas, que muito tem perdido dos habitos dos Quiocos de além Cuílo.

São caçadores e lavradores, e negocio só o fazem na localidade com os negociantes que por ahi transitam.

Os desejos do Cangúia eram avizinhar-se mais das terras de Muene Puto, porém como os Bângalas iam adquirindo predominio sobre as terras dos Capendas, com receio d'elles estabelecera-se ali, tendo vivido em boa paz com os Lundas e com os Xinjes.

Cangúia, a quem se fallou para contractar alguns rapazes para o transporte das cargas, declarou não poder satisfazer ao

que d'elle se pretendia, não só por elles serem poucos, terem de cuidar das suas lavras e de aproveitar o tempo na caça, mas ainda porque não queria acarretar sobre si o odio dos vizinhos, e por recear que succedesse algum mal ás cargas de Muene Puto, de quem queria ter a protecção.

A terceira jornada foi de 8,5 kilometros, sendo o caminho em zigue-zagues sobre uma alta montanha. Elevaram-se em um kilometro a 1:253 metros, seguindo o rumo para E., sempre entre floresta cerrada, e caminharam depois em direcção E.-NE. 3 kilometros descendo apenas 4 metros, contornando pelo norte dois profundos valles. Na descida para o segundo avistava-se através da floresta uma pequena povoação de Lundas vindos do interior, que indicava pobreza, e de que era potentado Quissenda.

Caminharam sobre o dorso de uma montanha que se ia esboroando por effeito das chuvas torrenciaes, e que se mantinha ainda pela forte e densa vegetação que protegia em parte os grandes taludes naturaes que descem para valles e que se aprofundam com o correr das aguas que vão avolumar as dos rios affluentes do Cuengo.

Continuaram a marchar sobre esta elevação para S. num percurso tortuoso de 2 kilometros, em que desceram outros 4 metros que tornaram a subir nos dois kilometros seguintes, sendo então o rumo para leste.

Acamparam pouco depois ao lado da povoação dos Xinjes, de que era potentado Xa Mujinga, na altitude de 1:250 metros, á beira do caminho que limita uma grande floresta que se estende para o sul.

Fronteiro ficava um grande descampado, que pelas tóras e troncos que jaziam sobre o solo, indicava ter sido ainda ha pouco tempo a continuação da floresta que as queimadas e derrubadas successivas tinham posto a descoberto.

Á beira do caminho, entre as primeiras arvores da floresta e em grande extensão, encontravam-se cubatas de diversos acampamentos, o que mostrava ser aquelle um caminho muito frequentado pelas caravanas indigenas de commercio.

CORACIAS SPATULATA

O potentado foi cumprimentar o sub-chefe, levando-lhe um presente de comida a que este correspondeu, e com respeito a carregadores ficou de vir apresentar-lh'os.

Uns quinze a vinte quimbares que se diziam filhos de Quifuruma, do concelho de Malanje, vendo no acampamento do sub-chefe a bandeira portugueza vieram logo cumprimentá-lo e participar o mesmo que a nós disseram no dia immediato. Regressavam do nordeste com algum negocio, e ao passarem nas terras dos Chibangues, margem esquerda do Chicapa, foram victimas do procedimento da Expedição allemã que segundo elles matára ali um rapaz da povoação. Foram estes quimbares que tiveram de pagar o crime, a vida, no dizer do indigena, sequestrando-se-lhes tudo que traziam, inclusive as panellas em que cozinhavam.

Justiça gentilica! O crime alguem o havia de pagar. Mas quem? Era questão de occasião, proporcionando-se aos aggravados a opportunidade, pouco lhes importava quem fosse o delinquente.

Tambem nos informaram estes rapazes que os inguerêzes (allemães) no Lubuco, davam toda a força aos potentados subditos do Muquengue para sujeitarem os povos vizinhos, impondo-os pelas armas.

Constando-nos que vinham na comitiva alguns rapazes do concelho de Malanje que fallavam portuguez, apenas cobertos com pelles de animaes da cintura até aos joelhos, propozemos-lhes que fizessem uma ou duas viagens com cargas nossas ao acampamento Francisco Maria da Cunha, para terem um panno com que se cobrissem na sua entrada em Malanje. Não acceitaram.

É sempre assim, são vicios da educação. Nada tinham para comer, iam cobertos como o gentio, teriam de marchar uns quinze dias neste estado, mas preferiam isso a trabalhar algum tempo para voltarem á condição melhor que já conheceram!

A quarta jornada foi feita sobre alterosas serras e profundos valles. Principiando sobre o planalto no rumo E.-SE. ainda dentro da floresta por 1 kilometro, desceram depois no percurso

de 2,5 kilometros abaixo de 1:198 metros e continuando a descer ainda numa marcha de 1,5 kilometro entraram num valle na altitude de 1:105 metros.

Neste valle corria para sul um regato de boa agua, sombreado por frondosas e altas arvores, o que tornavam a agua muito fresca.

Em um kilometro de marcha elevaram-se no rumo E. a uma altitude de 1:156 metros e seguiram no rumo E.-SE. outra vez por 1,5 kilometro elevando-se a 1:166 metros, notando-se ser o solo constituido exclusivamente de areia branca quando até ali era argillo-silicioso.

Percorrendo 3 kilometros no rumo mais para E. e por vezes mais para S.-E., desceram a um novo e profundo valle na altitude de 1:108 metros onde corria o rio Lungassala em dois ramos, que atravessaram, o primeiro correndo para sul, e o outro para norte.

Subiram depois á falda da montanha a E., sobrepujada de alteroso arvoredo e percorridos 2,5 kilometros estavam na altitude de 1:180 metros, ficando-lhe a norte o caminho percorrido—extensos valles, num dos quaes se via uma plantação importante de mandioca.

Continuaram a marcha entre E. e E.-SE. ainda por um kilometro, sendo a maior parte do percurso dentro de uma floresta subindo a 1:266 metros, altitude em que o sub-chefe estabeleceu entre as arvores e com ruas espaçosas o acampamento — Francisco Maria da Cunha — e onde esperou que chegassem todas as cargas que nós para ali iamos remettendo.

O acampamento ficou distante da povoação principal, que era de Angunza Muquinji uns 200 metros, tendo por vizinhos a sul uma povoação pequena de Lundas, a oeste outra maior de Quiocos, e a nordeste sobre a elevação entre os valles do transito, a de Quimica, que era a dos Xinjes onde houvera tenção de acampar quando saimos da Estação Costa e Silva.

Em toda a viagem desde o Camau, a contar das seis até ás onze horas da manhã, o sub-chefe registou temperaturas variando de 20° a 30° centigrados, temperaturas que eram

beneficiadas pelos ventos que predominavam entre E. e S. por vezes rijos e sempre frescos.

Eram portanto quatro dias de viagem que faltaram aos Xinjes para chegarem a Quimica, sendo a maior jornada ao Mulosso, uns 15 kilometros. Ora se tivessemos dado tres jardas de fazenda que fosse a cada um d'aquelles carregadores, embora tivessemos de apurar mais a nossa paciencia ainda por oito dias teriamos ganho muito pelo lado economico, porque já haviam decorrido trinta dias depois que elles nos deixaram.

E isto mais uma vez demonstrava que era necessario transigir, esquecendo preconceitos que só em meios civilisados podem ter cabida, se quizermos conseguir alguma cousa d'estes povos.

A secção do ajudante, como teve de seguir por um caminho afastado de povoações, forneceu-se na de Angunza Muquínji e vizinhas de provisões para alguns dias, e no dia 28 de abril continuava a sua viagem para o Cuílo, onde acampou como dissemos em 5 de maio, proximo das povoações do Cassassa.

No dia seguinte apresentou-se Chibuínza Ianvo a cumprimentar o viajante, trazendo em sua companhia um sobrinho e um interprete.

Chibuínza, vulgarmente conhecido por Xa Madiamba, e assim o denominaremos d'aqui em deante, estava residindo na margem direita do Cuílo em terras do Cabembe, subdito do Bungulo, cujos dominios se estendem até ao Luachimo, residindo aquelle chefe na margem esquerda d'este rio.

De facto Xa Madiamba era filho do Muatiânvua Noéji, e fôra Suana Mulopo do fallecido Muatiânvua Muteba, isto é, era a auctoridade abaixo d'este e quem lhe devia succeder. Por intrigas da côrte expatriara-se, e a pouco e pouco fôra-se afastando até que ultimamente fixára a sua residencia em terras do Anzavo, onde o encontraram os portadores que havia dois annos foram encarregados de lhe participar de mandado da Mussumba que todos o queriam para Muatiânvua, e que regressasse ao Cassai onde iriam esperá-lo todos os potentados com as forças que tinham para assistirem ás cerimonias da posse.

Saíra do seu domicilio no Anzavo em principios de janeiro com todas as precauções para não ser visto, e estava na occasião nas terras de seu amigo Cabembe esperando a estação propria para seguir viagem, aproveitando o tempo em mandar indagar dos senhores do Estado áquem do Cassai, se devia acceitar o cargo para que o chamaram, e se a occasião era propria para passar o grande rio, visto as circumstancias anormaes em que se encontrava o paiz para além d'elle.

Apezar de pobre, vindo coberto unicamente da cintura para baixo com um panno já muito usado, trazia na cabeça o distinctivo de filho de Muatiânvua, umas pontas revestidas de missangas terminando num pequeno buzio, que, partindo de sobre as orelhas e afastadas da cara conservavam os extremos na altura dos olhos. Faziam lembrar as armas de alguns animaes que voltam um pouco sobre a testada.

O velho carregador Christovam, que conhecêra Xa Madiamba quando elle era Suana Mulopo, viu-o e fallou-lhe.

Disse elle que nos esperava para irmos juntos para a Mussumba, e como Christovam lhe fizesse conhecer as difficuldades com que estavamos luctando por causa de carregadores, ficou de fallar com o Cassassa para em tres dias reunir os seus rapazes e os mandar apresentar ao nosso serviço com um dos soldados do ajudante.

Sabia Xa Madiamba que seu irmão Quimalanga, com o apoio dos seus amigos Quiocos e dos potentados Lundas das margens do Lulúa, se animára effectivamente a precedê-lo para se fazer Muatiânvua e entrára em Cauenda, onde já tinha sido morto Cangápua traiçoeiramente por gente de Muene Capanga, e que sendo ali acclamado, seguira com a côrte do assassinado para o Calânhi onde recebêra o lucano.

— Porém, acrescentava elle, os quilolos que me chamam é porque não estão satisfeitos com Quimalanga, e na verdade elle é uma criança, principiou mal, acompanhando-se dos Quiocos que estão estragando as terras da Lunda, e está matando os potentados velhos para dar os seus logares a rapazes ambiciosos que são os seus maus conselheiros.

O facto de Xa Madiamba ter partido havia cinco mezes da sua morada occulta, com destino á Mussumba; o estar demorado na margem do Cuílo esperando o apoio dos senhores de Estado; ter elle a certesa de que seu irmão — que se anticipára a occupar o logar de Muatiânvua para que o chamavam — procurava rodear-se de uma côrte de gente nova que lhe fosse dedicado, e finalmente o affirmar que avançava na nossa companhia, por ter a certesa de que inutilisariam o irmão para lhe entregarem o logar a elle, collocava-nos num estado de duvida sobre o modo de proceder a seu respeito. Faltando-nos bases seguras para os nossos calculos reconhecemos a necessidade de aguardar os acontecimentos, como faz o gentio, e de aproveitarmos todos os ensejos favoraveis para o exito da nossa empreza.

— Esperará elle ter noticias do que se passa além do Cassai? Sabendo que nós avançâmos quererá ir comnosco para lhe servirmos de costas? Quererá utilisar-se da influencia do nome portuguez para desfazer algumas difficuldades que se lhe apresentam na marcha?

Foram estes os quesitos que a nós mesmos propozemos, e sobre os quaes tinhamos de aguardar novas informações do ajudante e de algumas comitivas que apparecessem antes de o encontrarmos.

Tendo de nos demorar algum tempo no Valle das Amarguras, onde estavamos apenas com alguns homens indigenas, que na maior parte do dia andavam por fora em procura de caça, aproveitaramos o tempo em trabalhos que julgavamos pudessem offerecer interesse ao conhecimento da região e dos seus habitantes, não despresando todas as informações de viajantes que nos appareciam e que pudessem esclarecer-nos sobre estes assumptos.

Diversas comitivas de Bângalas, vindas do Lubuco, confirmaram as noticias que já tinhamos relativas aos Allemães e a Saturnino Machado. Acrescentavam que os Allemães andavam separados nas suas diligencias e por grandes distancias. Os que estavam no sitio do Muquengue prestavam auxilio a este

chefe com gente bem armada para assaltos ás povoações dos potentados que recusavam pagar-lhe tributos. Se chegavam a amarrar gente, não a entregavam, e embora os potentados se sujeitassem depois, davam-lhes fazenda. A gente ou era vendida por marfim, ou era dada em pagamento aos Malanjes que a vendiam bem aos Bângalas, ou era mandada de presente para o norte aos chefes nas margens do Lulúa para, sem opposição, se puder descer por este rio até ao Zaire.

Uma das comitivas que nos prestou melhores informações, trazia gente comprada aos Malanjes os quaes se diziam soldados inguerêzes, e por emquanto não pensavam em regressar ás suas terras.

Um representante de Quiluanje-quiá-Cassanje informou-nos que os inguerêzes (allemães) amarraram um chefe Chilangue, fizeram grandes estragos nas suas povoações, mataram gado e criações, aprisionaram toda a gente que não lhes poude fugir e entregaram-na ao Muquengue o qual a distribuiu em presentes pelos seus amigos nas margens do Lulúa, recommendando-lhes que deixassem passar em boa paz os inguerêzes pelo rio, porque queriam abrir por ahi uma boa via para negocio o que era um beneficio para todos. Que já navegavam canoas numa parte do rio sem inconveniente; que os Chilangues que estavam satisfeitos com o negocio dos Quiocos, Bângalas e quimbares, se mostravam agora bravios contra elles por terem aberto o caminho aos inguerêzes, os quaes foram estragar as terras e já tinham prendido e morto gente.

Alguns rapazes da sua comitiva mostraram-nos finissimas mabellas fabricadas no Lubuco já com riscas de côres, e camisolas sem mangas e abertas no peito cosidas por gente de lá.

Disseram-nos tambem que junto ao rio Muansagoma havia uma povoação importante, de que era chefe um primo de Muquengue e que ahi os homens trajavam como os Cabindas. Em vez do panno ser de algodão branco, era de mabella mas muito clara e o boné era tambem de mabella com a copa bordada.

Apresentaram-nos alguns typos de Chilangues que seguiam na sua companhia os quaes nos impressionaram desagradavel-

mente. Eram baixos, magros, com as costellas perfeitamente accusadas. Tinham braços compridos, mãos curtas, pernas delgadas de regular comprimento, rotulas salientes, pés grandes e largos, cabeça pequena, rosto curto, testa descaida e larga, nariz quebrado, ventas um tanto viradas para cima que com os beiços muito salientes fazia lembrar um focinho, barba curta, orelhas grandes e viradas para a frente, carapinha muito lanosa e curta, pescoço delgado e alto.

Affiançaram-nos por vezes existirem bons typos de homens entre os Chilangues e de mulheres que se podem chamar bonitas, de olhos brilhantes e expressivos, feições regulares, bellas formas e de pelle finissima e assetinada, mas bastante negra.

Não vimos typo algum d'estes, o que não admira, porque certamente não se vendem; mas não se devem confundir os Chilangues com os Lubas e povos ao norte d'elles, nem tão pouco com os que nelles se encravaram e são hoje os que constituem a sociedade mais considerada do paiz a que ultimamente se chama Lubuco. Os Chilangues marginam o Cassai de um e outro lado a começar das quedas do Maí para o norte, e sendo reconhecidamente selvagens constituem um povo, que differe dos seus vizinhos Tubinjes e Tucongos tambem selvagens, nos dialectos, modo de fallar, e modo de viver.

O dialecto dos Chilangues é o mais difficil de pronunciar dos que conhecemos, por depender de grandes esforços da larynge. É entrecortado cada vocabulo por uns outros especiaes que são repetidos pelo ouvinte ou ouvintes, para a pessoa que falla saber que é comprehendida, e até os cumprimentos triviaes do dia de per si são longos, e depois d'elles é que segue a communicação ou noticia que se pretende fazer, a qual, em regra, leva muito tempo.

Todavia ha filhos de Angola que o comprehendem e o fallam bem. Comnosco estiveram alguns Ambanzas bângalas, o interprete Bezerra e seu sobrinho que sustentavam conversas nesse dialecto e entendiam-se bem.

Não conseguimos saber qual fosse a origem dos Chilangues, mas sendo elles, relativamente, o povo mais atrazado entre os

vizinhos que os rodeiam, e sendo certo que o seu dialecto pertence á lingua de prefixos, que parece ser caracteristico de uma familia, acreditâmos que os Chilangues foram dos primeiros emigrantes d'essa familia que desceram do nordeste para a depressão entre o Cassai e o Lulúa, acommodando-se no estado de rudeza em que chegaram ao novo meio onde lhe faltaram as condições que os estimulassem a progredir. Succederam-lhe depois outras correntes de emigrantes, que procedendo da mesma região do nordeste já vinham num estado relativamente melhor e que os circumscreveram no territorio que actualmente habitam.

É mesmo de crer que tanto os seus vizinhos já citados a leste, como ainda os Uandas, sejam os que actualmente teem caracteres que mais se approximam dos primitivos povos d'essa familia, que possue uma lingua distincta de outros povos já conhecidos.

Os Chilangues estão divididos em tribus, sendo as mais afastadas dos povos que estão hoje em relações com as comitivas de commercio, as menos consideradas, aquellas emfim a quem os vizinhos chamam os Pelumbas (macacos.).

Na historia tradicional dos povos d'esta região dizemos como se organisou o Estado do Lubuco, que é de moderna data, e como o quiôco Mucanjanga e os seus companheiros o fizeram conhecido da Europa por intermedio dos Portuguezes.

Como este estado se tem engrandecido nos ultimos quatro annos, sujeitando as pequenas tribus Chilangues e outras vizinhas, deprehende-se das informações que colhemos em toda a nossa viagem das comitivas que de lá regressavam.

A Allemanha e a Belgica, ou o Estado Independente do Congo, de certo farão mais tarde a historia dos povos que teem conseguido dominar, mas nós como Portuguezes entendemos ser conveniente dar já publicidade aos subsidios que possuimos.

E tal era o nosso interesse em que se apurasse a veracidade das informações que iamos tendo do Lubuco, depois que nos internámos no continente, que recommendámos a conveniencia

dos chefes dos concelhos de Cassanje e de Malanje levantarem autos de noticia em que depozessem todos os negociantes e carregadores que regressassem do Lubuco e immediações, e os indigenas que d'ali os acompanhassem, dizendo o que soubessem com respeito ás occorrencias que se tem dado e sobre que versam as nossas informações.

Da provincia de Angola chegavam todos os dias comitivas ao nosso valle, de que faziam parte rapazes de diversos sobados de Malanje, de Ambaca, Bondos de Andala Quissúa, Bângalas, uns sujeitos, outros não ao jagado de Cassanje, Calandulas e individuos das margens do Luí e Cuango. E como os chefes de todas vinham sempre cumprimentar-nos, tomavamos nota dos itinerarios que traziam, pontos a que se dirigiam, commercio que iam fazer, noticias dos povos por onde transitavam e outras que julgavamos util colligir para os nossos trabalhos.

É para sentir que os informadores fossem pouco escrupulosos, e nos obrigassem a perder muito tempo em investigações, para rectificar a veracidade de outras noticias que já tinhamos colhido, ou para podermos harmonisar o que nos diziam com o que já nos fôra dito sobre o mesmo assumpto, de modo a podermos tirar uma conclusão que nos parecesse mais segura, ou pelo menos se approximasse da verdade, dando o devido desconto ás incertesas e exageros.

Foi devido a ellas que soubemos que a diligencia a Malanje do empregado europeu, que partíra do acampamento em 19 de abril, apezar das chuvas, fôra nesse mesmo dia pernoitar ao Caianvo, tendo descançado na povoação do Cabouco. No dia 22 pernoitou na povoação do Anguvo á margem do Cuango, tendo passado os rios Camissanga e o Lua, á margem do qual acampou em 20 e o Luzau, Colí, Camassenda, Cajinga e o Camatarí, á margem do qual acampou em 21, e depois o Lumameme e o Missau.

O caminho fôra sobre serras, mais accidentado do que o seguido pela Expedição em sentido inverso e pelo sul, não tendo passado o Uhamba, mas em seu logar o rio Cahica que

parece ser ou o mesmo rio que muda de nome, ou então um affluente d'aquelle proximo das suas nascentes.

Passou o Cuango em 23, esteve na povoação do Ambanza Zanza e foi pernoitar na do Quissueia; no dia 24 passou o Luí a vau e foi pernoitar na Estação Paiva de Andrada que estava occupada por José de Vasconcellos.

Tanto Anguvo, como Zanza e Quissueia receberam muito bem a diligencia, e mostraram o seu pesar por nós termos despresado o seu caminho indo procurar o de Mona Mahango, que não era frequentado pelo commercio. O caminho de Anguina Muzuna que a diligencia tinha trazido do Caianvo fôra sempre segundo elles o caminho dos filhos de Muene Puto para a Lunda. Que era verdade, acrescentavam, que nem o Jaga nem os Bângalas ficarem contentes quando a Expedição se estavam organisando em Malanje, porque tiveram noticias que era uma expedição militar e muito grande, que se dizia com destino ao Muatiânvua para regressar com guerras de Lundas e expulsar os Bângalas das suas terras. Viram depois que nos demoravamos a construir casas, e todos esperavam por ordens do Jaga para conhecer as nossas intenções, e que mandariamos alguem fallar com elle a fim de nos proporcionar um bom porto para a nossa passagem. Como continuassemos em direcção ao norte, suppozeram então que iamos seguir com o Cuango para o Congo, e ficaram surprehendidos quando souberam que passaramos o rio no Muêto Anguimbo. De Mona Mahango tiveram muito boas noticias nossas e sentiram que os Xinjes nos tivessem abandonado em Camau.

Disseram que fosse a diligencia depressa ao seu destino e que voltasse por o caminho que trouxera, que elles não levantariam difficuldades na sua passagem, visto ser de subditos de Muene Puto.

A diligencia chegára ao Cuango com falta de recursos, porém os potentados com os presentes que lhe deram pelo caminho, de fuba, ovos, gallinha, uma cabra, um carneiro e um porco fizeram com que não sentisse essa falta, pois tivera de comer á farta até casa de Vasconcellos.

Como o empregado tivesse chegado ao Cuango com os pés ensanguentados, os seus companheiros arranjaram-lhe com um bordão e umas esteiras uma especie de rede e nesta o transportaram até áquella casa. Demoraram-se ali um dia e em 26 partiram para o sitio de Mulolo Quinhangua nosso amigo, fazendo então Augusto Cezar a jornada até Malanje, montado num boi que lhe emprestou José de Vasconcellos.

No dia 28 pernoitou a diligencia na Estação Ferreira do Amaral, sendo o empregado hospedado por José Machado, que prestou á diligencia os recursos necessarios para o caminho até Malanje, para onde partiu no dia immediato, chegando ali na tarde do 1.º de maio, tendo pernoitado em 29 na Estação 24 de Julho, e em 30 em Catala na casa do negociante e nosso amigo Esteves.

Foi esta viagem muito mais rapida do que podiamos pensar, durando apenas doze dias! O que mais nos animou foi ainda a noticia que nos deram de que Custodio Machado já tinha alguns carregadores contractados, e que viram o empregado europeu no armazem d'aquelle nosso amigo e bom compatriota cosendo fardos de fazenda.

Estas noticias foram tão agradaveis e produziram tal effeito nos onze companheiros que se achavam então comnosco, que, estando todos na madrugada do dia 3 de junho acocorados em torno de uma fogueira por causa do frio, e succedendo verem ao longe descendo para o valle uma comitiva trazendo á sua frente um homem montado num boi, e olvidando o tempo que era indispensavel para se organisar uma caravana e vencer uma grande distancia d'esta vez com cargas, suppozeram logo ser esta a nova expedição que se esperava, correndo alvoroçados para a receberem.

—Devem ser muito bons os novos carregadores, e foi grande a prestesa com que tudo se arranjou em Malanje para serem elles! No emtanto é possivel, dissemos ao darem-nos a nova; e fomos mais um dos enganados.

O homem que tomaram por Augusto Cezar, era o africano Felix Gomes Monteiro de Lemos que ha annos se estabeleci

proximo do Capenda-cá-Mulemba, na margem do Tulo, affluente do Cuango, e que ia com a sua caravana á exploração da borracha nas margens do Luangue.

Um sobeta de Andala Quissúa que comnosco mantivera relações na Estação Ferreira do Amaral, e a quem baptisámos de João por dizer que queria ser nosso afilhado, tambem nos appareceu com uma pequena comitiva, que ia de mandado do velho Jaga ao Peínde negociar sal por borracha.

Deu-nos boas noticias ácerca da Estação Ferreira do Amaral. José Machado tinha sabido viver bem com todos, e por isso era estimado pelo jaga que por vezes o presenteára com cabeças de gado, correspondendo José com garrafões de aguardente, presente que o velho mais apreciava. Fazia muito negocio e mandára já muitas cargas de borracha para Malanje.

Como estivesse doente um rapaz da sua comitiva, pediu-nos João para tomarmos conta d'elle em quanto a comitiva se demorasse, e que quando estivesse melhor o podiamos empregar no serviço das cargas para ir ganhando alguma cousa. O rapaz ficou e prestou-nos bom serviço, fazendo ainda tres viagens ao acampamento Francisco Maria da Cunha.

Apresentaram-se-nos alguns rapazes de uma comitiva de Bângalas do Calandula de Malanje que se dirigiam ás margens do Luchico com sal e alguma fazenda do seu jaga para negociarem por borracha, e disseram-nos que este potentado pedíra ao governador em Loanda para nós resolvermos com o Quissengue, potentado quiôco, uma pendencia que existia ha tempo entre os seus filhos e os d'elle, devido aos de Quissengue terem morto dois rapazes de uma comitiva do Calandula e sequestrado o marfim, borracha e escravos que trazia para entregar ao referido jaga em resultado das suas transacções.

Era sobre esta questão que versava o requerimento que nos enviára o governador Amaral, dando-nos a faculdade de tomar sobre ella a deliberação que julgassemos acertada, tendo em vista o modo porque os gentios resolviam as suas pendencias.

Os indigenas que se nos apresentavam, vindos de Angola, e que lá se consideram como gentios, por estarem mais afastados

dos europeus, fallavam-nos em escravos como cousa muito corrente, causando-nos isso uma impressão muito desagradavel. E sendo notavel que quem mais fallava em escravos eram os servos das comitivas, deu-nos isto ensejo para fazer o estudo d'esta entidade entre os povos africanos e d'esse trabalho daremos conta em tempo opportuno.

O requerimento fallava de roubos e mortes, mas não se referia a escravos, e o governador suppondo certamente que se tratava de uma d'essas muitas expoliações e sequestros que se dão com as comitivas de commercio entre os povos fora da alçada das nossas auctoridades, entregara-nos a questão, por que no caso de alguma cousa alcançarmos a beneficio de Calandula, este já devia ficar muito satisfeito.

O Jaga estava esperando, disseram os rapazes, que nós nos approximassemos do Chicapa para então os seus macotas virem expor na nossa presença e na de Quissengue o que entendessem a bem de sua justiça.

Como não tinhamos tenção de nos avistar com aquelle potentado, não nos incommodava semelhante pendencia e tudo ficava como d'antes.

Em menos tempo do que podiamos pensar as cargas iam sendo transportadas para o acampamento Francisco Maria da Cunha. No dia 27 de maio appareceram alguns auxiliares, os primeiros vindos do oeste, doze rapazes lundas, que pediram lhes dessemos algum trabalho para ganharem um panno.

Eram altos, possantes e de physionomia agradavel. Tinham abandonado as terras de Muene Puto Cassongo na margem direita do Cuango, d'onde eram naturaes, pelas do Anzavo, vindo ultimamente fundar a sua povoação na margem do rio Uhamba a sudoeste.

Ouvindo dizer que estavamos empatados por falta de carregadores combinaram apresentar-se, porque tinham necessidade de se vestirem.

Ajustaram-se por seis jardas de algodão, que receberiam logo que se dispozessem a marchar, e no dia seguinte de madrugada vieram para esse fim e transportaram as cargas de munições

que eram as mais pesadas, tendo o proprio chefe trocado a sua, que era mais leve por a de um rapaz que se queixou do peso da que lhe pertenceu.

Dois dias depois apresentaram-se mais cinco lundas da povoação proximo de Xa Mujinga, de que era chefe Mona Quissenda, e estes fizeram duas jornadas por oito jardas de algodão.

Reinava já a alegria no acampamento, porque a estes auxiliares se ajuntavam as boas noticias de successivas comitivas que diariamente passavam; e aos bons recursos de caça que nos proporcionavam os nossos caçadores, acresciam os da pesca no rio Camau.

Um dos carregadores, que andava mais descorçoado por não ver caça depois que fugíra o *sóco* que elle suppoz ter morto, estando sentado á margem do rio esperando pelas rôlas observou uma grande quantidade de peixe e deu-nos parte d'isso por intermedio de José Faustino.

Demos-lhes dois cartuchos de dynamite, ensinando ao Faustino como os devia empregar, o que surtiu excellente effeito. Houve peixe em abundancia não só para o nosso acampamento, mas para as comitivas que estavam acampadas na outra margem. A nós trouxeram-nos tres baldes cheios d'elle, alguns exemplares tinham dois palmos de comprimento e fizeram-nos lembrar a tainha. Muito foi levado pela corrente.

Para os Calandulas, Bângalas e outros eram aquelles cartuchos umas armas especiaes que tinhamos, noticia que vogou sempre d'ahi em deante entre todos os povos com quem estivemos, e que já encontravamos quando acampavamos em qualquer povoação.

As explendidas noites de luar, as barrigas fartas, como elles diziam, as visitas de conhecidos e amigos e as novas relações que os nossos iam adquirindo, tudo os convidava a entreterem-se com a dança de que eram marcantes ou soldados ou contractados, já ao uso de Ambaca e de Loanda.

Algumas vezes adormecemos ouvindo o nosso creado Antonio a gritar: — Vite, grande ronda, mais para cima; marcha

para anavante, brincar muito bem; vira tu, paga. As mulheres ficam, homens para trás; vira tudo, tudo, vite, paga, etc.

Os que não attendiam ás vozes, iam para o centro e pagavam qualquer cousa combinada, geralmente tabaco, e no fim o monte era dividido igualmente pelos dançarinos. O que pagava recebia tambem umas vezes menos outras mais do que tinha dado, mas era sempre chasqueado por ter perdido.

Rarissimo era o que não pagava, e compensava-se depois chasqueando por seu turno os outros.

Durante quatro dias successivos houve grande abundancia de peixe, de que partilharam os carregadores que regressavam de uma das viagens do acampamento Francisco Maria da Cunha e as comitivas que appareciam, porém no ultimo já foi necessario dividi-lo em rações, cabendo quatro peixes por cabeça aos que se apresentaram para receber o seu quinhão.

Em compensação, no dia em que faltou o peixe Augusto Jayme matou uma grande palanga proximo do acampamento, e como não fosse possivel transportá-la inteira, fomos vê-la antes de a retalharem e démo-nos ao trabalho de a desenhar em escala reduzida; esse desenho porém extraviou-se.

Naquelle dia o potentado Xa Mujinga que saíra de madrugada para visitar o Caianvo, lembrara-se, porque tencionava ver-nos, de trazer comsigo oito rapazes para os offerecer ao serviço das nossas cargas se lhe fallassemos nisso.

Chegára elle já perto da noite e fomos prevenidos que tencionava passar o rio e ir acampar do outro lado, pois receava vir á falla comnosco áquella hora, porque tinhamos quatro olhos e não haviamos de gostar que nos incommodassem a abri-los.

Fomos ao seu encontro e offerecemos-lhe hospitalidade nas cubatas que estavam desoccupadas em numero sufficiente para elle e sua comitiva se alojarem.

Como tinhamos abundancia de carne e de peixe frito, e com uma boa porção de fuba que Augusto Jayme arranjou, apresentou-lhes este da nossa parte uma boa refeição que elle e a sua gente muito agradeceram.

Quando acabaram de comer e como os nossos se entretivessem nas danças, os rapazes approximaram-se; e o velho com dois companheiros veiu então agradecer-nos a boa hospitalidade e conversar comnosco, fumando do nosso tabaco que achou excellente.

Ha muito tempo que desejava avistar-se com a Expedição e offerecer-nos os seus serviços, porém tinha medo que o recebessemos mal por elle ser Xinje, tendo nós razão de estarmos magoados com a ingratidão da gente de Mona Mahango, que não soubera apreciar o bem que lhe fizemos.

Todos os que tinham passado ali lhe haviam dito que nós os tinhamos recebido com agrado, que gostavamos de conversar sobre as cousas d'esta terra e que davamos bons conselhos; e acrescentou, que por certo estariamos melhor na sua povoação, onde iam muitos Ambaquistas fazer negocio com as comitivas que por ali transitavam.

Era elle subdito de Caianvo a quem ia visitar, e nada tinha com Mona Mahango. Como sabia que nós tinhamos aproveitado os serviços dos Lundas seus vizinhos para o transporte de cargas, trazia-nos uns oito rapazes para ver se queriamos dar-lhes trabalho.

Acceitámos a proposta nas mesmas condições dos seus vizinhos, e os rapazes ficaram de ir com os mais na madrugada seguinte, sendo a segunda viagem que estes faziam.

Ainda fallámos sobre o nosso projecto de estabelecer ali uma Estação, e da necessidade que havia dos potentados nos auxiliarem com gente, quando tivessemos de transportar cargas para o Cuango ou trazê-las de lá.

Enthusiasmou-se o homem com o projecto e disse-nos:

— Pertencem estas terras ao Caianvo, e para olhar por ellas veiu o primeiro Xa Mujinga fixar-se onde eu estou. Esse estabelecimento era uma fortuna para nós todos, porque teriamos a protecção de Muene Puto e já não haveria receios nem dos Bângalas nem dos Quiocos.

— A gente não faltaria, Caianvo de lá e nós de cá apresentariamos a gente precisa. Os rapazes em principio teriam

medo dos brancos, mas estabelecendo-se elles aqui e acostumados os nossos a vê-los e a viver com elles, viriam pedir-lhes serviço para terem um panno para vestir, uma carga para a sua arma e missangas para enfeitarem as suas raparigas.

—Eu ámanhã já fallo ao Caianvo nesta boa conversa, e estou certo que lhe ha de agradar muito.

Como a conversa fosse por via de interprete, decorreu nisto bastante tempo, e despedimo-nos, por serem horas de cada um se recolher. Nós ainda nessa noite escrevemos no Diario:

«Se estes homens que nos ultimos dias teem apparecido para transportarem cargas, viessem logo de principio, sendo bem tratados como recommendâmos sempre aos que os acompanham, já estariamos muito mais adeantados e não haveriamos consumido aqui tanta fazenda.

Para os fins da nossa missão, o mais conveniente é a mudança das cargas de Estação para Estação pela gente dos povoados vizinhos, mas esta deve ser sempre em numero menor do que o pessoal permanente, para a conter em respeito.

As cargas vão abatendo já pelos pagamentos ao pessoal, já pelo nosso rancho, já pelos presentes, medicamentos, ingredientes de photographia etc., que se vão consumindo, e por isso o pessoal a admittir vae sempre diminuindo.

Todos pagamos aprendizagem, e se foi effeito de inexperiencia o sairmos de Malanje apenas com 26 carregadores e por isso com muito pouca fazenda para o que havemos emprehendido e é necessario ainda emprehender, peor foi o expediente de querermos sair de vez da Estação Costa e Silva com 250 homens das vizinhanças, pois nos entregámos ao seu arbitrio e caminhámos sempre com receio do que por fim nos succedeu — abandonarem-nos, largando as cargas no caminho.

Estivemos coactos, sem força, obrigados a contemporisar e transigir a todo o momento com diversas vontades, por não querermos sacrificar num dia o trabalho e esforços de mezes.

A nossa missão não consiste só em ir á Mussumba e entregarmos presentes ao Muatiânvua, para isto qualquer Ambaquista servia e por uma remuneração insignificante.

Devemos ter em vista a sofreguidão do estrangeiro por tudo que é nosso em Africa, ou que como tal é considerado. D'isso nos dão provas as informações que temos tido do procedimento dos Allemães no Lubuco, e para neutralisar a sua influencia entre estes povos devemos procurar todos os meios. A paciencia com que temos tratado o gentio, os presentes aos potentados, cujos valores se reduzem muito pelo que recebemos em troca, as jornadas de grupos de individuos da Expedição entre estes povos e principalmente entre os Bângalas, que em principio se nos mostravam hostis, tudo vae inspirando confiança e relembrando a nossa influencia e antigo prestigio que se mantem pela paz, o que realmente é muito mais para apreciar do que pela força das armas, e evitam-se difficuldades futuras para quem nos siga ou venha a estabelecer-se para negocio em qualquer ponto do nosso transito.

Cada noticia que vamos recebendo do interior mostra-nos, que não podendo nós dispôr de recursos para attrairmos a nós os povos pela generosidade de dadivas, por vontade ou porque as circumstancias os obrigam, estão os estrangeiros fazendo por toda a parte o que podem para destruir a nossa influencia. Temos pois de nos despir de preconceitos, de estender a mão e acolher bem o mais immundo e repugnante dos potentados ou os representantes d'elles; e temos de attender a todos e fallar-lhes com benignidade, como se fossem prestantes cidadãos numa sociedade culta.

Ainda hoje — continuavamos nós na noite do 1.º de junho — os rapazes do Congo que chegaram da Mussumba do Muatiânvua nos deixaram em duvidas se H. Stanley ou as missões inglezas no Congo já pensam no commercio da Lunda como mais um recurso para a realisação dos seus projectos.

Estes rapazes constituem por assim dizer a guarda avançada de uma grande expedição do Rei do Congo que regressa da Mussumba.»

Em 1881 o Rei do Congo mandára uma pequena comitiva ao Muatiânvua Ambumba (Xanama), com um presente de azenda, missanga, polvora e armas em signal de amizade,

e pedia-lhe para entrarem em relações commerciaes, porque elle recebia do seu amigo Muene Puto muito negocio de que lhe mandava amostras, precisando para lhe corresponder de marfim e de escravos.

Xanama retribuiu o presente com dois dentes de marfim e doze escravos, fazendo acompanhar a sua dadiva por dois emissarios especiaes (cacuatas) que disseram ao Rei que o Muatiânvua muito desejava que elle mandasse á sua Mussumba caravanas de negocio e assegurando-lhe bons interesses.

O Rei achou pequeno o presente do Muatiânvua, e para lhe provar que não tratava com um potentado pobre, determinou se desse boa hospitalidade aos emissarios e comitiva, e tratou de organisar uma grande expedição com duzentas cargas de fazendas, armas, polvora, missangas, fardas e até mandava cornetas, barretinas e alguns garrafões de aguardente. Disse aos cacuatas que os demorára para acompanharem aquella expedição para o seu Muatiânvua e entregarem-lhe um presente especial que lhes recommendava muito particularmente, afim de que elle conhecesse a sua grandeza e ficasse sabedor que todo o marfim e escravos que lhe mandasse seriam bem pagos.

Augusto Jayme que acompanhára Saturnino Machado até ao Cuango, quando este foi para o Lubuco, disse no seu regresso em dezembro de 1884 que encontrára em Catala a expedição do Rei do Congo composta de muitos carregadores, cujo numero não podia precisar mas que eram mais de cem.

Estes disseram que na Mussumba ficára o principe D. Miguel, filho do Rei, que fôra com elles, e no Caungula ficára o Mujinga Congo ou chefe da comitiva com muita gente tambem de regresso. Traziam gente da Lunda que o Muatiânvua mandava apresentar para servirem o seu irmão Rei do Congo, 68 escravos, e 10 pontas de marfim sendo 4 de lei.

Iam adeante para participarem o resultado da exploração, e diziam que na Mussumba deixavam já Cangápua no logar de Muatiânvua, mas que no Caungula estavam esperando Xa Madiamba para tomar posse d'esse logar.

Voltavam pelo mesmo caminho que trouxeram: Malanje, Lombe, Lucala, Encoje etc.

— «Verei eu mal? diziamos na communicação de 2 de julho de 1885 a S. Ex.ª o Ministro dos negocios da marinha e ultramar. Penso que o Rei do Congo não terá tanto para dispor e muito menos para arriscar. Parece-me que a Internacional e as missões suas alliadas estão não só a intrigar-nos, servindo-se do Rei do Congo e fazendo passar escravos por terras portuguezas, como ainda procuram attrahir o pouco marfim que ha na Lunda para o Zaire pelas mesmas terras, emquanto os exploradores allemães não conseguem abrir caminho do Muquengue pelo Lulúa para as suas Estações no alto Zaire, no que trabalham de accordo com a Internacional, sendo os escravos mais robustos empregados nos rasgamentos de florestas mais indispensaveis.

E para mim este projecto teve origem, depois que o tenente Wissmann regressou da sua primeira travessia a Berlim, devido ás noticias enviadas pelo fallecido dr. P. Pogge, ás informações sobre a Lunda apresentadas por M. Büchner e tambem depois que a França se pronunciou pelo projecto de Brazza, quando terminaram as discussões entre este e H. Stanley. Este projecto, segundo as informações que tenho obtido, vae ser agora secundado pela nova expedição de Wissmann, não porque de seus trabalhos e sacrificios se possa alcançar sequer o juro do capital despendido pela Internacional, mas para num futuro não muito remoto dominarem com vantagem os povos que á força vão sujeitando por intermedio de Muquengue; porque repito mais uma vez — o marfim e borracha, em menos tempo de que pode suppor-se, desapparecem.

A Expedição allemã do commando de H. Wissmann tem seguido a politica prussiana, isto é, unir os pequenos estados independentes para formarem um só, sob o dominio de Muquengue.

As informações são accordes em dizer que andam de povoação em povoação homens armados com as carabinas que elle trouxe, recolhendo marfim e escravos, queimando cubatas,

levando criações, tudo a pretexto de tributos para o Muquelengue Muquengue e que os Allemães trocam por artigos do seu commercio, com que o potentado fica muito satisfeito, chamando-lhes bons filhos a quem o Estado deve a felicidade que principia a disfructar.

As familias podem resgatar os escravos por marfim, e constituiram-se tres mercados vigiados por forças do Muquelengue onde se negoceia esta mercadoria.

Teem os Allemães feito construir boas casas que se dizem para colonos europeus que esperam; estão lavrando terras, e sob a direcção de um carpinteiro da comitiva fabricam-se boas canoas.

O terror pelos inguerêzes é tal, disseram-nos os informadores, que já potentados distantes vão á residencia do Muquelengue fazer acto de obediencia e levar-lhes bons tributos, que elle diz são para os seus filhos brancos comerem e com o que lhes não paga os beneficios que o Estado está recebendo d'elles.

Está o Muquengue dominado pelos Allemães, e as ultimas informações são que elles tendo construido boas canoas, teem já feito com este viagens pelo Lulúa. O Muquengue leva escravos e marfim, e prepara-se uma expedição de canoas para seguir até ao Zaire, indo forças armadas. Esperavam que uma outra expedição vinda pelo Zaire se encontraria com elles e com a qual o potentado regressaria. Na Estação apenas ficava um dos exploradores com o creado Germano.

O tenente Wissmann é muito intelligente e conhecendo pela sua primeira exploração o partido que podia tirar do Muquengue e do seu primitivo povo, era de esperar que realizasse o projecto de os chamar ao convivio dos europeus da Internacional».

Dando corpo a estas nossas apprehensões mal podiamos suppor que nessa mesma data se tratava em Berlim de organisar o novo Estado Independente do Congo, do qual faria parte o Muquengue e todos os outros povos que se lhe iam sujeitando.

A falta de publicidade dos trabalhos portuguezes nestas regiões depois de 1860, isto é depois das ultimas guerras de Cassanje desarmou-nos de documentos para na conferencia de Berlim sustentarmos os direitos a nossa posse na Africa occidental entre o 5° e 12° de latitude S. do Equador, pelo menos na região mais central até ao merediano que passa pelo lago Tanganica.

Monteiro de Lemos despediu-se de nós no dia 5 muito satisfeito pela hospedagem que tivera no nosso acampamento. Tencionava seguir de Angunza Muquínji por um caminho mais ao norte do que o seguido pelo ajudante para o Cuengo, e tomar ahi o rumo do nordeste para Cundugulo, Majía, Cabama, Cassemba, Quifúa-Méssu (norte do Cassassa no Cuílo) Mussacanhe no Luangue, onde tencionava negociar a sua factura.

Disse-nos elle que tanto Capenda como Caianvo, com quem esteve no dia em que lá chegára Xa Mujinga, tiveram pena que a nossa Expedição não passasse pelas suas terras e censuraram Mona Mahango por não ter obrigado os seus filhos a voltarem para levarem as nossas cargas até ao ponto onde deviam chegar pelos seus contractos; mas corriam boatos de que nós estavamos no valle do Camau porque queriamos mostrar que não tinhamos receio dos Bângalas, e não porque nos faltassem carregadores, pois se os mandassemos buscar ao Capenda este os faria seguir immediatamente.

— Que o Capenda se considerava subdito de Muene Puto e seu empregado, porque o fallecido major Salles Ferreira nomeára o seu antecessor capitão dos portos do Cuango, pelos serviços que prestára ás tropas portuguezas contra o Jaga de Cassanje que foi deposto pelo mesmo major.

As versões que corriam a nosso respeito eram realmente curiosas e todas devidas ao acaso, e escrevemos exactamente o que Monteiro disse ter ouvido:

— O homem de Camau tem quatro olhos, grandes barbas e muitas armas de vinte tiros. Trata todos bem e ninguem se mette com elle. Tem uma agulha para ver onde está a caça, e se dá um tiro é certo que a caça morre. Tem tambem uma

arma com que mata peixes no rio Camau. Com mais cinco homens pode passar por toda a parte, toda a terra é d'elle. A sua fama é grande em Cassanje; os Ambanzas e Sobas recommendam aos rapazes que passam, que tenham cuidado com o branco que está em Camau, pois se o provocam faz fogo e não escapa nem um.»

Tambem diziam: — O homem sabe de tudo, falla de tudo como se já tivesse andado por cá muito tempo. Não anda só a passear, está escrevendo e lendo livros de noite para conhecer bem as terras. Mandou fazer uma casa no Angunza Muquinji para onde vae passar algum tempo, e já tem outra no Cassassa onde vae descançar depois.»

Que Mujinga dissera que o Suana Mulopo de Muteba estava esperando o senhor major para ir com elle para a Mussumba, pois que na companhia d'elle ninguem lhe faria mal, e que este se demorava só dois dias em nos apresentar carregadores.

Nos dias 7 e 8 vieram chegando carregadores e os auxiliares, e por isso em 9 mandámos seguir todas as cargas que nos restavam e mesmo a nossa bagagem, porque nos dispozemos a vencer a distancia ao acampamento Francisco Maria da Cunha em duas jornadas. Nestes dias concedemos que as comitivas de Bângalas que chegavam pernoitassem no nosso acampamento, visto ter ardido o do lado opposto do rio onde ellas costumavam estacionar.

Rectificámos muitas das nossas informações e obtivemos outras para a historia d'estes povos, fizemos alguns estudos sobre typos ethnicos e sobre os dialectos e satisfizemos a curiosidade de todos, mostrando-lhes instrumentos, armas, revólveres, etc., e aproveitámos a felicidade com que estavamos atirando ao alvo, para assim augmentar a nossa fama, como elles dizem.

Durante a noite um explendido candieiro inglez alliviavanos de uma carga de petroleo que tencionavamos inutilisar para poupar um carregador e evitar algum prejuizo no arroz, ou no café, como já se dera com uma barrica de farinha de trigo.

Com este grande luzeiro ficava o acampamento bem illuminado, e uma musicata já ensaiada pelos nossos rapazes attraia os hospedes na localidade ás costumadas danças, que por fim já nos faziam falta para adormecer, tal era o habito em que estavamos de os ouvir.

O sub-chefe participara-nos que Angunza Muquínji ainda não tinha ido vê-lo e por isso não pudera ainda conseguir carregadores para o Cassassa. Nisto foramos nós, apesar de longe das povoações, mais felizes, pelos auxiliares que nos appareceram, e por isso mais cedo do que esperavamos podiamos avançar para aquelle ponto.

GECKOTIDÆ (MUQUITE)

VIAGEM DO CHEFE

sperando o romper da manhã do dia 10 de junho aproveitavamos o tempo a escrever no nosso Diario, e tão entretidos estavamos e tão socegadamente se dormia ainda no acampamento que nem notámos que a escuridão da noite já se tinha dissipado.

Uma aragem do sueste, e o despertar do primeiro passarinho lembrou-nos que era tempo de guardar todos os nossos livros e papeis, e de nos apromptarmos para a marcha que havia a fazer, emquanto Antonio, depois do nosso brado — leva arriba — nos não trazia o sulphato e a vivificadora chavena de café. Logo que veio tratou de enrolar a cama e de abater e acondicionar a barraca.

Deixámos emfim o Valle das nossas amarguras ás 6 horas e meia, e não sem saudades dos ultimos dias pelo socego e relativo bem estar que ali disfructaramos, posto que mesclado com algum desassocego por não termos noticias mais positivas da partida da nossa gente de Malanje.

Subimos ao alto da montanha, e sendo attrahida a nossa attenção para o acampamento que estava ardendo, devido ao descuido com o fogo que ficára acceso numa cubata, vimos ao longe descendo para o valle um grupo de individuos que os de melhor vista diziam ser Xa Mujinga. Regressava elle do Caianvo, no outro lado da serra que limita o valle pelo oeste, e dirigia-se apressadamente do nosso lado. Para evitarmos palestras e aproveitar o fresco da manhã accelerámos a nossa marcha.

O itinerario que seguimos foi mais uma rectificação aos apresentados pelos collegas, sendo as differenças em distancias insensiveis, divergindo os rumos nas horas de registo, sendo certo que a media dos tres devidamente reduzidos e em rumos verdadeiros, davam pela estima para a carta geral uma grande approximação com as coordenadas que se obtiveram pela observação nos acampamentos ou estações em que permanecemos.

Chegámos ao Mulosso ás 9 horas e meia, e ás 11 horas e um quarto ao acampamento junto á povoação do Cangúia, tendo feito uma marcha de 25,5 kilometros.

No Mulosso encontrámos parte da caravana de João de Andala Quissúa que já regressava de Cassele com cargas de borracha. Pediu-nos o chefe para despacharmos de Angunza Muquínji o seu companheiro, que estava ao nosso serviço, para ir juntar-se com elles em Camau; ia-nos portanto servir elle de correio para a Estação Ferreira do Amaral.

No acampamento encontrámos as cubatas occupadas pelos Ambaquistas e pelos Bângalas, que no dia 8 nos deixaram no Valle das Amarguras.

A povoação dos Quiocos, como disseram os nossos collegas, de tal modo se destacava do que até então conheciamos, que não resistimos ao desejo de esboçá-la na nossa carteira de viagem; e como não fosse trivial a construcção de casas sobre pontaletes, disseram-nos os da povoação a quem interrogámos, ser isso necessario, porque no tempo das grandes chuvas accodem ao sitio as aguas em enchurradas, ficando o solo

POVOAÇÃO DE QUIOCOS

pastoso por muitos dias e no tempo secco porque abundam os ratos que tudo estragam.

A razão era plausivel. O certo é que entre as corpulentas e copadas arvores produzia á povoação um effeito agradavel a quem passava no caminho, embora ao longe nos tivesse impressionado como um cemiterio europeu na melhor ordem e disposição.

Tinhamos vontade de fazer conhecimento com o potentado, porém o Ambanza, ou antes o cabeça da comitiva dos Bângalas tão impertinente estava com a bebedeira de garapa que apanhára, e vendo eu que os nossos não resistiam ás offertas que para festejar o nosso encontro os Ambaquistas lhe faziam da fresca bebida — que como cerveja a pouco e pouco se assenhoreia do individuo que procura saciar-se sem conta no que bebe — que desistimos de esperar pelo potentado e decorrida meia hora proseguimos na marcha para o acampamento, que estava situado ao lado da povoação do Xa Mujinga, onde chegámos ás 2 horas, tendo caminhado mais 8:250 metros.

Haviamos feito uma marcha de cerca de 44 kilometros, tendo apenas tomado como alimento uma chavena de café.

O cozinheiro Marcolino ficára para trás, e como era de esperar que se demorasse — porque mau fôra o encontro da garapa no caminho para quem havia mezes já não provava aguardente que era a sua bebida favorita — encarregou-se José Faustino, que encontrámos acampado com a caravana que saira antes de nós, de promptamente remediar aquella falta para não continuarmos a estar sem alimento.

Antonio trazia uma lata de carne que nos restava, e José tratou de aquecê-la e de fazer um pouco de infunde.

A vontade era boa e por isso foi á gloria o bolo, emquanto entre o arvoredo e afastado das cubatas agglomeradas de diversos acampamentos se armava a nossa barraca, e nesta se accomodava a cama e o que nos era indispensavel para trabalhar nas horas em que as visitas no-lo permittissem.

A primeira pessoa que nos appareceu foi o Muene Quissenda, chefe dos cinco Lundas que estavam ao nosso serviço.

Acompanhava-o sua mulher e filhos, trazendo-nos de presente duas gallinhas, dois cestos de fuba, seis ovos e a tal bebida de mel fermentada, o que agradecemos, ficando de o remunerar no acampamento Francisco Maria da Cunha, onde prometteu ir apresentar-nos carregadores para o Cassassa. Para o estimular démos-lhe um chapéo de panno encarnado que elle poz

QUISSENDA

logo na cabeça com as abas viradas para baixo e deitámos-lhe ao pescoço um collar de contas de vidro com um crucifixo de metal amarello.

Sentado sobre uma esteira agradeceu deitando o corpo para o lado direito sobre o solo, e depois erguendo-se fez o mesmo para o outro lado, e curvando-se depois para a frente friccionou o peito com terra, bateu tres vezes palmadas intercallan-

do-as com estas palavras que pronunciou em extase — *vudiẽ, tátuco! vudiẽ Muene Puto! vudiẽ!* (Obrigado, pae! obrigado senhor dos portuguezes! obrigado).

Prestou-se a que o figurassemos, emquanto o interprete conversava com elle mostrando-lhe a necessidade que tinhamos de carregadores para chegar depressa ao pé do seu Muatiânvua, á presença de quem nos mandava o proprio Muene Puto. Como não fomos infelizes no desenho, apresentámo-lo na pagina anterior.

Era baixo e grosso, de peito abaulado, seios avançados, pescoço alto e direito e cabeça de regular grandeza. A testa larga e espaçosa estava um tanto enrugada; os olhos eram grandes, amortecidos e encovados, com o branco sujo, o globulo escuro bastante, sendo as palpebras encapelladas e espessas, o rasgamento obliquo e a orbita em forma de amendoa. O nariz era curto, um tanto quebrado, largo na base e abatatado, as ventas grandes sobre o redondo, e as orelhas compridas, largas e um tanto salientes. A bôcca era grande, os beiços muito grossos sendo o inferior bastante descaido. Tinha os cabellos dispostos em tranças delgadas, farto o bigode e as barbas um pouco encrespadas. As rugas das faces eram pronunciadas, a voz um tanto rouca mas branda, e os seus gestos compassados indicavam ainda assim mais idade do que a sua apparencia revelava.

Para não despertar a curiosidade á mulher e ás crianças com o que estavamos desenhando, démos a estas uma bolacha que dividiram entre si, e a ella umas pequenas argollas de latão para as orelhas, e dissémos ás mulheres do nosso acampamento que a entretivessem comprando-lhe as bananas e a canna de assucar que trouxera para vender, e que nós depois lhes pagariamos.

Era um dos primeiros Lundas que encontravamos no nosso transito e por isso desejámos reproduzi-lo o melhor que nos fosse possivel.

O homem, em resposta ao interprete, terminou por dizer que a sua povoação era pequena, mas que ainda assim iria

fallar aos seus rapazes. Que era necessario ajudar a visita a levar as suas cargas ao Muatiânvua e como nós tinhamos demora em Muquinji, se elle não pudesse ir, mandaria alguem em seu logar a dar-nos parte do numero de rapazes com que podiamos contar. O presente que nos trouxe, bem como o que se comprou á mulher, foi repartido entre os nossos.

A sua povoação tomára o nome do rio que passava junto d'ella — Muzombo.

Marcolino chegára ás 4 horas, porém ás 6 já nos apresentava um bom jantar, sendo a sopa uma explendida canja de gallinha; a elle assistiu Xa Mujinga, que pouco antes chegára á sua povoação onde o receberam com salvas de fuzilaria.

Demorára-se só o tempo necessario para nos trazer um presente consistindo de dois cestos de fuba, seis cargas de bombós e mandiocas, um cesto de jinguba e uma porção de feijão e outra de bananas, com que muito folgou o pessoal.

Apressára a sua jornada para nos encontrar ainda ali, e pedir-nos para passarmos com elle o dia seguinte, pois desejava receber-nos devidamente na sua povoação e mandar matar um carneiro para a nossa gente.

Era subordinado de Caianvo e como elle subdito de Muene Puto, e tendo a fortuna de nos lembrarmos de passar pela sua terra, o seu coração ficaria triste se não acceitassemos a hospitalidade que elle, apesar de pobre, nos podia offerecer.

Agradecemos, dizendo-lhes que era bastante a sua lembrança, e o presente que á pressa nos poude trazer, não sendo porém possivel demorarmo-nos mais tempo.

Apresentou-nos a mulher que era bastante gorda e já avançada em idade, mas de aspecto agradavel, e os filhos que d'ella tinha, a quem démos pedaços de bolacha de que gostaram.

Como estivessemos jantando démos-lhe um pouco de savel frito, com que Marcolino entendeu fazer-nos uma surpreza. Era de conserva, e depois de lhe escorrer o môlho envolvera-o em fuba e frigira-o em azeite. O homem provou, e como lhe soube bem pediu licença para o levar para a sua cubata, onde disse que o comeria com infunde.

Aproveitámos o resto do dia passeando pela floresta que se estendia muito mais para sul descaindo para os profundos valles, cuja direcção media inclinava para N.-W. e que tinhamos de atravessar. Fizera-se aqui uma grande derrubada, porém deixaram ficar as raizes e parte de troncos, que com as queimadas iam desapparecendo.

Se as derrubadas que estes povos fazem attestassem um progresso, bom era, mas isto só nos indicava que destroem o que a natureza lhes proporcionou generosamente; o que obteem é tambem para ser consumido logo. Destroem não pensando na posteridade nem sequer no dia de ámanhã. Assim estas terras que são uberrimas e onde correm abundantes e bellas aguas continuam á mercê da natureza!

Quando toda a floresta desapparecer, as populações proximas retiram e será mais um deserto que para ali fica. Arvores collossaes como estas quando se tornarão a fazer aqui? O machado derrubando e o fogo consumindo representam o atraso na civilisação d'estes povos e no aproveitamento de magnificos torrões!

Regressando ao acampamento já os nossos homens estropiados pela marcha dormiam ao lado das fogueiras, despresando o abrigo das cubatas. Um Ambaquista que residia na povoação esperava-nos para nos cumprimentar, e por elle soubemos que Xa Mujinga tinha mandado queimar mato no logar em que se deitaram abaixo as arvores para lenhas, porque o destinava só para acampamento de comitivas de commercio, por ser afastado da povoação e melhor se preservarem as lavras de roubos. Os productos d'ellas destinava-os para trocar com as comitivas por sal e borracha.

É aqui onde se fornecem os negociantes que vão em jornada ou regressem por terras de Caianvo, e ás vezes a affluencia é tanta que as comitivas se demoram dois ou tres dias á espera de fornecimentos para o caminho e no entanto comem, o que tudo é de interesse para a povoação. Não é só a gente de Xa Mujinga e das povoações vizinhas que estão arrasando a floresta, são tambem as comitivas de negocio.

Calculava o homem que todos os annos aqui passam de dez a doze mil pessoas, e todos dão um grande contingente para a destruição d'aquella bella floresta!

Estavamos cançados tambem, e encerrado o nosso Diario lançámo-nos sobre a cama de campanha e dormimos até ás 5 da manhã. A essa hora fizemos logo seguir as cargas sob a vigilancia de José Faustino.

Xa Mujinga veiu despedir-se de nós, trazendo-nos duas cabaças de garapa e apresentou-nos seu filho, um bom mocetão, dizendo-nos ser este que nos procuraria em seu logar se não lhe fosse possivel, como desejava, ir visitar-nos ao nosso acampamento, para onde iamos permanecer algum tempo.

Eram 8 horas e meia quando nos apartámos d'este homem, e descemos um profundo valle no rumo S.-E. Continuando pouco mais ou menos no itinerario do sub-chefe entrámos na floresta, em que se estabelecêra o acampamento Francisco Maria da Cunha, eram 11 horas. Aguardava-nos a entrada todo o pessoal, mostrando os carregadores ao uso gentilico a sua satisfação pela nossa chegada.

PALMA DO RIO UHAMBA

ACAMPAMENTO FRANCISCO MARIA DA CUNHA

Tinhamos percorrido 11,5 kilometros quando chegámos ao acampamento, sendo portanto a marcha a contar do Valle das Amarguras de 45:250 metros que podiamos ter vencido num dia, senão fosse o encontro da garapa no Cangúia, e o da caravana de José Faustino em Xa Mujinga, a qual precisavamos que marchasse adeante de nós por causa dos objectos de nosso uso que transportava.

Angunza Muquínji ainda não tinha apparecido, allegando estar a resolver demandas de feitiços, aos quaes attribuia a morte de uma pessoa de sua familia, e tambem prevenira o sub-chefe que logo que acabassem as demandas o viria cumprimentar e saber os carregadores de que precisavamos.

Como esta promessa tivesse sido feita por vezes, não era de suppôr que se realizasse tão cedo, e logo depois do almoço mandámos participar-lhe a nossa chegada ao seu sitio e combinámos com o sub-chefe que se o potentado não desse signal de si no praso de tres dias, avançaria elle então com a gente

que se pudesse apurar do nosso pessoal para a margem do Cuengo, distancia que — segundo o itinerario do ajudante — um homem com carga podia vencer em dois dias.

Informara-nos o sub-chefe que appareciam poucos generos alimenticios á venda, mas em compensação havia abundancia de garapa e por isso era de toda a vantagem afastar o pessoal d'ali o mais depressa possivel.

Depois que sairamos de Lisboa era a primeira vez que eu e o sub-chefe viveramos apartados por tantos dias, e como era natural entretivemo-nos communicando um ao outro as nossas impressões, tanto com respeito ao que tinhamos visto como ao que tinhamos ouvido.

Era ponto assente para nós, que presentemente as explorações commerciaes, em que as cargas são transportadas aos hombros de indigenas africanos que gosam da liberdade e que se destinam á procura de marfim e borracha nos pontos em que se diz existirem mercados para o norte do 7° de latitude S. do Equador, não podem dar bom resultado; e que se os Allemães e Stanley conseguissem abrir caminho para estes mercados pelo Zaire e affluentes, em menos tempo do que se pensa não viria d'ahi um dente de marfim para a nossa provincia de Angola, a não ser como curiosidade, e em poucos annos nem os Bângalas encontrariam borracha para trazer.

Houve tempo em que as comitivas se compunham de aviados das casas de commercio, os quaes carregavam os individuos que compravam com as suas pacotilhas, e estes sujeitavam-se aos alimentos que esses aviados lhes distribuiam, e para o regresso faziam estes acquisição de novos carregadores por compra para os volumes de negocio que traziam, vendendo no fim os volumes, e os carregadores como escravos.

Tambem, em geral, quando no ponto de partida havia necessidade de contractar homens livres para o serviço das cargas, em chegando as comitivas aos mercados na sua maior parte eram elles despedidos, e para o regresso os chefes ou encarregados dos negocios compravam gente para trazerem as cargas.

ACAMPAMENTO FRANCISCO MARIA DA CUNHA

Ainda concordámos que a região que tinhamos percorrido só podia ter valor sendo explorada pela agricultura, porém emquanto a America offerecer vantagens aos emigrantes, só um ou outro procurará a Africa com mira em maiores lucros, não passando porém da zona litoral, e que só mais tarde, quando se derem um certo numero de circumstancias é que se poderão fazer convergir as correntes de emigração para ali.

E é triste que chegando essa occasião só tenhamos a lamentar a nudez d'estes bellos torrões, e o definhamento das populações indigenas que por aqui ainda se encontrem.

Proximo de nós estavam estes povos aniquilando os recursos com que a natureza os favorecêra, e era uma imprevidencia da nossa parte não os ensinarmos a aproveitá-los, quando colonisadores de moderna data, os Allemães por exemplo, iam abrindo caminhos pelo norte e sul da nossa provincia de Angola e procuravam cercar-nos e tirar todo o partido que podiam em proveito dos territorios que iam occupando.

Percorrendo a floresta em torno do acampamento vimos sempre o mesmo! Arvores frondosas e corpulentas que mais dia menos dia desapparecerão sob os golpes dos machados ou lambidas pelas chammas das queimadas.

E entre estas ramagens, tão longe quanto a vista podia alcançar, coroando as montanhas ou partindo das suas abas proximo dos valles viam-se columnas de fumo que envolviam pequenas e pobrissimas choupanas occupando uma área insignificante, em relação ao que viamos e a que se chama povoação. Faziam lembrar estas povoações, os navios que de longe em longe se encontram no alto mar, e apenas com os recursos indispensaveis para a gente que nelles vae!

É indifferente isto ás comitivas que frequentemente ali passam, porque apenas se demoram uma tarde e noite nos acampamentos, mas comnosco mudava o caso de figura, e bastavam tres dias de demora junto de uma povoação para lhe consumirmos as reservas de alimentos, se é que as tinham.

As nossas observações sobre esta penuria aconselharam-nos a continuar com o pessoal em marcha, porque espalhado

procurava comestiveis em differentes sitios e não se sentia tanto o desfalque, como indo buscá-los sempre aos mesmos.

Tratámos pois de aproveitar o resto do dia e a noite fazendo a correspondencia para a Europa, visto termos de despachar do dia seguinte Xingo, o rapaz de Andala Quissúa e portador de confiança, que em poucos dias a entregaria a José Machado em Cafúxi o qual a expediria logo para Malanje.

Xingo na manhã de 12 foi pago com oito jardas de algodão e com um chapellinho de sol pelo serviço de fretes em tres viagens do Valle das Amarguras ao acampamento onde estavamos, e partiu com a correspondencia, na qual davamos conta ao Governo da nossa situação e de todas as occorrencias mais importantes do mez de maio.

Calculava este mensageiro fazer a sua viagem em seis dias á Estação Ferreira do Amaral, e sendo assim antes de trinta chegaria a Malanje a correspondencia, podendo partir de Loanda para a Europa no dia 15 do mez seguinte, o que nos convinha.

Ás 11 horas apresentou-se-nos Manuel Pereira da Silva, da vizinhança do soba Ambango de Malanje, vindo de Cassele com uma companha de doze rapazes. Chegavam todos esfarrapados e queixando-se de muita fome. Como fossem conhecidos de Augusto Jayme mandámos propôr-lhe para fazerem uma viagem ao nosso serviço até ao Cuengo, deixando ficar ao nosso cuidado as poucas cargas que traziam. Não comprehenderam o interesse que neste serviço podiam ter e recusaram.

O negocio que traziam era insignificante, constava de 7 a 8 arrobas de borracha, 4 cabaças de azeite de palma e 8 raparigas que obtiveram em troco do sal do Luí!

Chamámos Silva que se fazia entender bem em portuguez, e procurámos convencê-lo das vantagens que se propunham aos seus rapazes e dissemos mais, que lhe compravamos a borracha e o azeite pelo preço porque se vendesse em Malanje, evitando-lhe assim o seu carrego ao regressarem. Este homem para nos dar uma prova da sua esperteza disse-nos: Isso era muito bom, mas o preto não conhece o bem que se lhes quer fazer e ha de morrer com a sua fome e a sua miseria.

Tinham ido ao Xa Muini no Muata Cumbana e regressaram por Cassuma Mufunda, Ambumba, Cassanje, Mussuilo no rio Cuilo, Luendo (rio), Capemba (rio), Mutundua, Mujia, Cundungulo (rio), Cuengo (rio) e Camaxilo (rio). Saindo do Cuengo naquella madrugada gastaram seis horas na marcha, o que regulava pouco mais ou menos com o itinerario do ajudante no qual a distancia estava calculada em 34 kilometros.

Com respeito ao caminho do Cuilo até ao nosso acampamento deram-nos as peores informações. É conhecido pelo nome de —caminho da fome. Nelle existem muitas sepulturas de rapazes das comitivas de commercio que por ali teem transitado, sendo a maior parte de Bingalas.

Como todas as sepulturas estão resguardadas e são cercadas pelos amigos que passam com offrendas pode chamar-se-lhe, disse Pereira — o cemiterio dos negociadores sertanejos das nossas terras. Por ali não se vê uma só povoação; ás vezes encontram-se alguns caçadores que andam pelos matos em quanto lhes dura o comer que trazem comsigo.

Uma outra comitiva de Bingalas que chegára do Cuengo, e da qual tambem faziam parte lundas de Muata Cumbana, confirmou a noticia da falta de mantimentos d'ali até ao Cuilo, encontrando-se porém alguns no caminho já conhecido da Expedição para o Cassassa na margem do Lubale e entre os rios Camaxilo e Cuengo.

Vinham estes ultimos da vizinhança de Ambanza Ilunda [1] na margem do Cuengo, personagem que costumava levantar difficuldades a quem pretende ahi passar o rio, e seguiram por Cangumba, Camabambe, Lucola, Camissanga, Caianvo, Uhamba, Camau indo para o Caungula pelo caminho do Cundungulo; continuavam depois pela margem esquerda do Lôvua para o norte esperando nesta margem fazer o seu negocio entre os povos que já conheciam.

---

[1] Ilunda foi o Ambanza que levantou difficuldades á passagem da expedição dos nossos dignos exploradores Capello e Ivens.

Não eram realmente muito animadoras as noticias d'estas comitivas com respeito ao encontro de recursos alimenticios, sobretudo para quem se ia remediando, senão numa noutra povoação mais ou menos distante, e que tinha fé de que encontraria caça nos matos em redor.

Estas noticias desagradaveis serviam de pretexto a alguns rapazes do pessoal a quem pagámos rações para seguirem com o sub-chefe para lhe pedirem que se interessasse comnosco afim de poderem ir já de vez para a Estação Cidade do Porto no Cuílo.

Sabia o sub-chefe que não nos convinha desfalcar a fazenda, por já termos entrado pela de melhor qualidade que era realmente uma lastima ter de cortar em pedaços para rações, e que não era conveniente ficarmos muito distantes por falta de quem vigiasse pelas cargas no transito.

Como a fazenda que saíra era boa, convinha-lhes exactamente o contrario do que a nós, que esperavamos recursos proprios para rações; isto é, queriam já um maior numero de dias de jornadas para obterem maior quantidade d'aquella fazenda que não gastavam em rações. Alguns faziam d'ella pannos para vestir e outros mais poupados arrecadavam-na para mais tarde negociarem com ella.

Chamámos Augusto Jayme e os cabos, e se os não convencemos que era necessario ir mudando as cargas para o Cuengo, dando tempo a chegar a diligencia de Malanje para não se gastar a melhor fazenda em rações de que haviamos depois de sentir a falta, fizemo-nos obedecer, e no dia 15 ás 8 horas da manhã partia o sub-chefe com todo o pessoal, menos oito homens que ficaram comnosco, desempenhando tambem os soldados e contractados o serviço de carregadores.

Preparava-se esta secção para marchar seriam 7 horas, quando se ouviu grande alarido no acampamento. Era uma bulha infernal não só pela gritaria, como quem procura espantar animaes, mas ainda pelo bater de paus em folhas de ferro ou objectos de latão que se encontrassem á mão, parte dos quaes, diga-se de passagem, pertenciam á nossa cozinha.

Esta scena passava-se sobre uma cubata e em roda d'ella, e soubemos que dentro estava a mulher do cabo com as dores de parto, e todo aquelle motim era para afugentar os feitiços e poder a criança nascer com facilidade.

Partíra a secção já depois da criança haver nascido, e restabelecendo-se o silencio em todo o acampamento apresentou-se-nos pouco depois o pae devidamente uniformisado e armado, e a uma dada distancia perfilou-se batendo com toda a força na bandoleira da arma.

— O que ha de novo, cabo?

— Temos lá mais uma praça, respondeu elle, que não tem nome e venho saber como se ha de chamar.

— Vae ter com o padrinho.

— Aqui o commandante é o pae, a mãe e o padrinho de todos.

— Está bem, então chama-lhe Henrique, e se viver quando regressarmos a Malanje o baptisaremos devidamente.

Démos-lhe uma gallinha para arranjar uns caldos á mãe e um pedaço de baeta encarnada para agazalhar a creança, porque já se sentia bastante frio de madrugada. O homem agradeceu, fez meia volta direita e foi para o pé da familia.

Não devemos esquecer que dois carregadores de Malanje nos deram trabalho para seguirem com a secção, por não quererem transportar a carga que se lhes distribuiu.

Era habito nosso procurar sempre evitar que nos desobedecessem, e como a carga era pretexto, porque o interesse d'elles era ficar no acampamento, tivemos a paciencia de os levar ao deposito das cargas deixando-os escolher á sua vontade.

Tanto os cabos das comitivas a que elles pertenciam como Augusto Jayme, que representava o soba da maioria d'elles, assistiram á escolha.

O mais velhaco e descarado lembrou-se de pegar numa pequena caixa que teria o muito dez kilos de peso; com isto Jayme exasperou-se tanto que lhe deu uma bofetada.

Eram os seus a fazerem justiça e o cabo pedia-nos ainda em cima que o castigassemos. Não é preciso, respondemos,

elle leva a carga que escolher e nós faremos o pagamento correspondente. Se for meia carga, tem meio pagamento; se for um terço tambem sei dividir o pagamento em tres. Levou então tres caixas que estavam reputadas numa carga.

Ia partir a secção quando nos appareceu um filho de Angunza Muquínji. Vinha felicitar-nos em nome de seu pae pela nossa chegada, e trazia-nos uma porção de carne de corça defumada e um cesto de fuba que repartimos com o sub-chefe.

Dissemos ao rapaz que sabiamos estar seu pae occupado com demandas e que por isso não tinha ainda apparecido, mas que sendo elle quilolo do Muatiânvua esperavamos desse ordem aos seus rapazes para transportarem as cargas para o Cassassa ou até ao Cuengo, segundo o ajuste que comnosco fizessem. Que era um bom serviço que fazia ao seu Muatiânvua e tambem a Muene Puto e com o qual tambem lucrava, porque haviamos de gratificá-lo com um bom panno para vestir.

Depois das 10 horas chegou uma comitiva de Bângalas pertencente a Cambolo Cangonga, afilhado do fallecido major Salles Ferreira, e que reside entre a montanha da feira de Cassanje e o rio Luí. Passára o Cuango no Muzanza, tendo ido ao Caianvo pelo Cangumbo e Cambolo Cangunza; estivera no Cabonco á margem do Uhamba e viera ao valle de Camau, seguindo depois o nosso itinerario. Destinava-se a fazer o seu negocio no Cabeia e no Xacataula na margem do Luchico.

O chefe, homem ainda novo, apresentou-se-nos como o filho de Cambolo e deu-nos noticia que em Cassanje e entre os Bângalas na margem do Cuango houvera um reviramento de opinião a nosso favor, pois constava que tinhamos tratado muito bem os seus filhos que se tinham avistado comnosco; que eramos pae de todos que encontravamos no caminho com fome, e que estavamos concertando os caminhos para o negocio; que prestavamos attenção a todos os que nos procuravam sendo estes que levaram o nosso nome para as cantigas da terra.

Ao som do quissanje, cantaram uma d'essas cantigas, cuja interpretação feita pelos nossos foi a seguinte:

— «O senhor major, grande! passou o mar de mandado de Muene Puto! tem coração de Jaga como o nosso Cambolo; é o proprio Jaga! É nosso pae. Se tiveres fome pede-lhe de comer que elle não te enxota e enche-te a barriga; se fores roubado procura-o, que o roubo apparecerá; mas tem cautella em lhe fallar bem porque elle tem quatro olhos! É o Jaga! amigo de Cassanje, é o proprio Muene Puto!

Estiveram no acampamento até ás 4 e meia da tarde, entretidos com os nossos a quem deram noticia que tinham visto em Malanje já muitas cargas promptas para a nossa Expedição, e que sabiam estarem já pagos muitos carregadores.

Á retirada vieram despedir-se. A cada um dos tocadores e cantores démos um charuto e recommendámos-lhes que não fizessem o mesmo que alguns dos seus patricios que tinham ido atemorisar os Quiocos dizendo-lhes que Muene Puto nos mandára á Mussumba para ajudarmos o Muatiânvua a fazer-lhe guerra.

Foi esta uma nova versão de que tivera noticia o sub-chefe neste acampamento; e era de acreditar que alguns propalassem taes boatos pela conveniencia dos Quiocos nos empatarem a viagem, porque aos Bângalas não agradava que negociantes estranhos viessem entrar com elles em concorrencia.

Elles mostraram-se muito indignados com os seus patricios, a quem chamaram nomes por propalarem taes boatos — porque quando assim fosse, diziam elles, todos os Bângalas se juntariam ás forças de Muene Puto para correrem com os Quiocos dos caminhos da Mussumba, pois eram elles que tinham fechado esses caminhos, morto as mulheres e filhos do Cassanje e roubado os negocios dos que tinham logrado fugir-lhes. Nós não somos d'esses, diziam, somos amigos e filhos de Muene Puto e o nosso Jaga é afilhado do major Salles Ferreira.

Augusto Jayme, que de manhã andára batendo mato em procura de caça, teve a sua arenga com o interprete Bezerra. Este suppondo elogiá-lo pelo bom serviço que nos prestára de madrugada, auxiliando-nos em fazer seguir a secção, chamara-lhe um bom cabo de carregadores, e o Jayme desenvolveu-se-lhe a bebedeira com que se aguentava, passando-lhe em altos

berros uma grande descompostura: — Que era irmão de Chico Bernardo, soba Ambango de Malanje, capitão de Sua Magestade e caçador do senhor major, que representava o soba e não era cabo; que elle intreprete era apenas um morador do Golungo que para nada prestava, um bebedo, etc., etc.

E por este gosto esteve fallando por muito tempo, sendo preciso para o fazer calar que procurassemos convencê-lo a que fosse matar algum animal, porque tinhamos palpite que havia de encontrá-lo.

Foi-se muito satisfeito e ás 5 da tarde mandava pedir ao nosso creado Antonio um prato para nos mandar o figado de uma corça, para ainda se arranjar um bife para o nosso jantar.

Quando voltou já vinha melhor e contente por haver morto a corça que tratou logo de repartir, não se esquecendo de Bezerra com quem esteve em amigavel cavaco, procurando convencê-lo que deante dos Bângalas fizera mal em fallar como fallou, porque eram maus e traiçoeiros e na presença d'elles queria fazer-se respeitar como irmão de um grande soba que era. Bezerra, já muito carregado, desculpava-se protestando que bem conhecia quem era o soba de mais confiança que Sua Magestade tinha em Malanje.

Jayme enthusiasmado pelo elogio, levantou-se, e de panno traçado sobre o hombro, ficando-lhe livre o braço direito e com grandes accionados para Bezerra, ora na lingua d'elle, ora em portuguez faz um grande discurso sobre as boas qualidades do soba Ambango e sobre a sua historia. Da nossa barraca d'onde a luz da fogueira desfructavamos o animado quadro, pudémos apurar o que depois recompozémos no seguinte resumo:

Malanje esteve em poder de tres sobas antes de ser chefado portuguez, eram elles do Songo, cujo estado fôra governado por Iembe com o titulo de Ambanza. No Lombe, vivia Cananga com *malunga* (grosso bracelete de metal) subdito do rei do Congo. Mais tarde Iembe juntou-se com este que passára o rio Lombe para Malanje e mandaram vir Momo e Muieba.

Este ultimo foi castigado pelos soldados das expedições militares a Cassanje, vindo então Ambango do Congo que sempre

fôra vassallo e amigo de Muene Puto que tomou conta de Malanje, sendo elle quem formou o Estado dos Bambeiros, que se estendia pelas terras de Andala Quissúa.

Muieba tinha a seu serviço um caçador que mais tarde se fez reconhecer por um chefe portuguez como Muieba, e constituiu um novo Estado.

Quando em 1859 se fez guerra a Cassanje, o primeiro que apresentou a sua gente ao serviço das tropas de Sua Magestade foi o soba Ambango.

— É por isto, dizia Jayme, que os Bângalas não podem ver os filhos do soba Ambango, e muito menos a mim que sou seu irmão, e se o sr. Bezerra me chama cabo dos carregadores elles irão dizer para Cassanje que eu acarreto com cargas e farão caçoada de mim. Quero que elles saibam que sou capitão de Sua Magestade. Falta-me a mucanda (decreto) mas o sr. major sendo feliz nesta viagem ha de arranjá-la. É o ganho que eu venho buscar no serviço da Expedição de Sua Magestade.

Quando nos deitámos ainda o cavaco continuava sobre este assumpto, porém de todos o que estava mais impertinente era Bezerra, que se ouvia desfazendo-se em desculpas, dando muita razão ao seu velho amigo Jayme, o Muxaela, primeiro caçador da Expedição de Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I, filho da senhora D. Maria II que Deus tenha, que o seu avô muito bem conheceu porque era de Lisboa. Que elle Antonio Bezerra de Lisboa fizera conhecimento pela primeira vez com o seu amigo capitão Jayme na margem do Cassai, onde os Quiocos o queriam atoucinhar, porém como valente soubera defender-se e regressar com elle até Quimbundo, etc., etc.

Adormecemos com a palestra em que a loquela dos discursadores nem já nos deixava distinguir o que se dizia, e mesmo quem fallava.

Despertámos ás 3 horas da madrugada por causa da ventania que soprando rijamente entre o frondoso arvoredo fazia uma bulha medonha, sentindo-se o estalar e caír de uma arvore sobre outra, chegando nós a recear que uma já secca proxímo da nossa barraca tombasse sobre ella. Ás 7 horas, tivemos uma

prova de que era necessario mudar de local, porque uma arvore em circumstancias analogas, ia victimando quatro pessoas que vinham da povoação vender provisões ao acampamento.

No dia 16 estavamos esboçando o nosso acampamento, quando fomos interrompidos pela visita dos rapazes de uma comitiva de Andala Quissúa que chegára de Anguina Ambanza na margem direita do Chicapa. Participaram-nos terem espalhado a noticia da nossa marcha para a Mussumba e de sermos já esperados no transito que seguiram, que foi a contar d'aquelle logar — Caungula no Lôvua, Cafundanga na margem do Luangue Grande ao norte do Camassa, Quimuanga na margem do Cuílo ao norte do Cassassa, Cabuínhe no Lubale, Cundungulo, e Cuengo d'onde chegavam. Não encontraram a secção do subchefe por ter este seguido um caminho mais a sul.

Iam continuar a jornada pelo Caianvo, Anguina Muzuna, Quitambo-quiá-Quipungo no Cuango, vizinho do Anguvo, onde passára Augusto Cesar, seguindo direitos a Angana Dembe no Luí, Mulolo Quinangua e Cafúxi.

Souberam que o ajudante estava no Cassassa na companhia de Ianvo, Suana Mulopo de Muteba, que este se tinha demorado muito e por isso Anguvo do Cassai mandára portadores ao Caungula para elle fazer apressar a marcha de Ianvo.

Quando estavam no Caungula, mandára este potentado os cacuatas Mulanda e Angunza Quitende com os portadores que se lhe apresentaram de Anguvo para irem ao Cassassa afim d'este e do velho Catumbelai transmittirem o recado de seu amo a Ianvo, para elle avançar logo, porque os quilolos da Mussumba estavam desesperados com Muriba e queriam substitui-lo.

Tambem estes rapazes que levavam cargas de borracha diziam ir negociá-la com José Machado, e que o velho Quissúa estava muito contente comnosco por termos recommendado para a Estação um bom homem que sabia tratar todos com agrado, e que Quitári o potentado vizinho se lembrava muito das boas conversas que tiver comnosco.

Era agradavel ouvir isto do gentio, e na verdade acreditâmos que Quitári, Quissúa e outros velhos com quem mantivemos

relações se lembrassem de nós, porque os tratámos sempre com benevolencia. Remunerámo-los pelos seus serviços e relativamente pagámos muito bem todos os mantimentos, criações e gados que nos venderam, e tambem as circumstancias favoreceram o interesse que elles tinham em que, quando nós deixassemos a Estação, para ahi fosse um negociante que se desse bem com elles e fizesse bons negocios a retalho.

José Machado tinha lucrado e aquelle povo tambem, e isto seria o inicio, para com o tempo facilmente se desenvolver o gosto pelo commercio, e tornar-se effectiva a nossa occupação d'ahi até ao Cuango pelo nordeste.

Estes rapazes pediram-nos para ficarem dois dias no nosso acampamento, por ter adoecido um seu companheiro. Estimámos que houvesse este ensejo para escrevermos á familia e a Custodio Machado, e elles prestarem-nos informações de que careciamos para a nossa carta e outras para ajuizar melhor do que ia chamando a nossa attenção; e como tinhamos bastante em que nos entreter, mandámos o interprete dizer ao potentado que precisavamos de fallar-lhe impreterivelmente passados dois dias, e que se não podia vir o dissesse porque nós o iriamos procurar.

O nosso acampamento — construido na parte mais desbastada da floresta e á beira do caminho d'onde se desfructava maior horisonte — estava situado na altitude de 1:260 metros, a maior que registámos, a 8° 26′ de latitude S. do Equador e a 18° 50′ 30″ de longitude E. de Green.; mas como era muito assombrado por altas e copadas arvores, a luz tinha aqui menos duração para nós, que precisavamos escrever e desenhar, e mais curto nos parecia ainda o dia pelas visitas dos transeuntes que nos tomavam bastante tempo.

Como os rapazes a quem de bom grado démos hospitalidade já conheciam os nossos habitos de Cafúxi (Estação Ferreira do Amaral), depois dos cumprimentos, continuámos os nossos trabalhos e elles lá foram com os nossos arranjar os alojamentos que lhe eram precisos, para voltarem ao anoitecer e conversar comnosco.

Alguns dos carregadores que foram com o sub-chefe apresentaram-se em 17 depois das duas horas e trouxeram-nos uma communicação d'este nosso collega.

Acampára no dia anterior na margem direita do Cuengo e delineára logo as construcções indispensaveis, dando ao acampamento o nome de «Solidão de Julia», lembrança pela qual nos mostrámos reconhecidos.

Partindo o sub-chefe d'este logar no dia 15 ás 7 e meia da manhã caminhára entre a floresta no rumo E.-NE. descendo no percurso de 8 kilometros a um valle na altitude de 1:165 metros, isto é, 101 metros, sendo ahi os terrenos pantanosos quando antes eram areentos.

Nestas terras baixas mas accidentadas caminhou 7 kilometros, ora no mesmo rumo ora um pouco mais para N., ainda por floresta menos densa, descendo a um outro valle mais profundo que o primeiro na altitude de 1:150 metros, onde corre o rio Camaxilo em grandes voltas para N.-W. Passou o rio a vau e foi acampar numa elevação na altitude de 1:181 metros, tendo percorrido sobre uma rampa meio kilometro.

A elevação era bastante arborisada e tomava o nome do rio — Camaxilo — desfructando-se desafogadamente para N. e W. bonitos lances de vista.

Era neste ponto em que acampavam as comitivas de commercio que se dirigiam para as terras a E. e a N.-E. ou que de lá regressavam. O terreno descae ali suavemente para E., mas para N. a queda é abrupta. Era bastante frequentado pelos caçadores, que nas terras baixas que se lhe seguiam ainda encontram bastante caça.

A segunda jornada fôra tambem sempre entre floresta mais ou menos fechada, sendo a mesma a natureza do solo ondulado, descendo successivamente em 10 kilometros, a 1:179, 1:156 e 1:150 metros, até um profundo valle na altitude de 1:098 metros, sendo o rumo entre E. e N.-E. mas descaindo por vezes para o norte. No percurso seguinte de 6,5 kilometros subiu a 1:194 metros para descer ao rio Cuengo, na altitude de 1:099 metros, que passou sobre troncos mal dispostos e sem

segurança, parte dos quaes mergulhavam na agua, indo acampar a pouca distancia sobre a rampa que dá accesso ao planalto que margina o rio, ficando o acampamento que denominára Solidão de Julia na altitude de 1:106 metros.

A margem direita na largura de 2,5 kilometros era muito baixa e pantanosa, e na occasião, por ser a epocha das seccas, deparava-se á medida que se chegava ao rio com grandes torrões que se desagregavam e difficultavam a marcha que ou tinha de ser feita sobre ou entre elles, o que era penoso.

A descida da ultima encosta para esta baixa em que terminava o arvoredo era bastante ingrime, em resultado das grandes enchurradas que a corroiam, sendo a vegetação rasteira, e os sulcos das aguas muito pronunciados.

A distancia percorrida nos dois dias fôra de 32 kilometros, que differia da marcha do ajudante que fôra de 34, porém este por erro do guia descaíra para o sul.

O ajudante saindo em 28 de abril, para se desviar das superficies ainda encharcadas pelas chuvas, tomára o caminho de E. 1/4 E.-SE. dando uma grande volta para ir seguir o rumo de E. e depois o de E. 1/4 E.-NE. tendo de passar o Lemba, riacho affluente do Camaxilo que o sub-chefe não encontrou.

Este rio era atravessado por uma perigosa ponte, tendo os carregadores de pôr as cargas á cabeça porque parte d'ella estava debaixo de agua. O boi em que montava o ajudante passou o rio a nado.

A margem direita em que costumavam acampar as comitivas era um logar pessimo, e por certo doentio, em rampa sobrepujada de arvoredo, estando as terras sempre encharcadas; e só se justificava a paragem ali por ser de uma noite e por estar na proximidade de agua. Fôra ali que adoecêra gravemente um carregador, tendo o ajudante de se demorar um dia e dispensando-o do serviço d'ahi em deante.

Na segunda jornada, tendo deparado com dois caminhos, ainda tomou o do sul, e por isso foi passar o Cuengo mais abaixo do acampamento Solidão de Julia, e assim se justifica a differença de 2 kilometros a mais no itinerario do ajudante.

A jornada com cargas desde Angunza Muquinji faz-se sem embaraço em dois dias, e portanto do valle de Camau em seis.

Isto provou-nos que havendo falta de informações de confiança que nos esclarecessem sobre as distancias a percorrer, e sendo deficientes os mappas d'esta região, os contractos para os transportes de cargas com os povos das localidades que encontrámos, só deviam ser feitos estabelecendo-se como base, que o pagamento fosse dividido segundo as jornadas e quando houvesse, como é frequente, desconfiança de faltas do pagamento, se abonar apenas adeantado o dia da jornada. Se houvesse prejuizo, era muito pequeno em relação ao total. Nós mais tarde conseguimos, visto não quererem a fazenda cortada, pagar depois do serviço feito.

Mas na verdade isto custou-nos, e foi preciso conviverem os carregadores comnosco algum tempo e conhecerem que procediamos sempre com justiça para o alcançarmos. Pareceu-nos conveniente propôr-lhes — o que os nossos não quizeram acceitar, para nos provar que tinham confiança nos ajustes que faziamos — dar diariamente em missanga o valor correspondente ao ajuste, e acceitarmos esta como moeda finda a viagem na compra de fazendas, ou de quaesquer artigos da nossa factura que mais lhes conviesse.

É indispensavel da nossa parte, quando nos propomos a penetrar no seio do continente, procurar inspirar confiança ao pessoal que tem de nos acompanhar do ponto de partida, por que em geral é elle quem sempre nos levanta as difficuldades entre os povos gentilicos, incitando-os a fazerem-nos exigencias para a pretexto d'ellas serem tambem contemplados. Para esta parte do pessoal o contracto só tem valor emquanto transitam em terras onde nos reconhecem auctoridade.

Como teremos occasião no decurso d'esta obra de voltar a este assumpto, que é de importancia para futuras explorações, passaremos a dar noticia dos potentados e povos com quem convivemos nesta localidade, em que nos demorámos para a remoção das cargas, e a dar outras informações que julgâmos não serão destituidas de interesse.

CAÇA DO CAVALLO MARINHO

ANGUNZA MUQUÍNJI

Na manhã da dia 18 levantámos da meza do trabalho, contra o nosso costume, bem dispostos para recebermos a visita do potentado da terra Angunza Muquinji, que já de vespera tinha sido annunciada para ás 7 horas, e tão bem dispostos estavamos que conseguimos figurá-lo com felicidade.

Era homem já edoso, de elevada estatura, de bom porte e ainda robusto, tendo a cabeça bem posta sobre o pescoço alto, rosto um tanto comprido, testa espaçosa, sendo calvo a partir da testa até á linha da nuca, com o cabello em redor encrespado. Os olhos eram grandes, encovados e amortecidos, sendo o branco sujo, o nariz comprido de quebra pronunciada, fossas largas, carnudas e salientes, orelhas relativamente pequenas,

bôcca grande, beiços revirados e salientes, o inferior muito descaido, maçãs do rosto pronunciadas, mostrando rugas profundas junto ás azas do nariz e nos cantos da bôcca. Tinha a barba bastante espessa, grisalha, muito encrespada a partir das orelhas e amarrada inferiormente abaixo do queixo, sendo dobrada um pouco para a parte interior a trança em que a fazia terminar.

Era um ancião sympathico, e, pelos seus gestos moderados e modo de fallar pausado, indicava ser de caracter bondoso e que fôra educado para os elevados deveres da governação, infundindo mesmo respeito.

Pouco ambicioso do poder preferíra o seu socego no seio da familia, a conservar-se no cargo de Cassassa em que estivera tres annos por eleição dos povos, passando-o no fim d'esse periodo a seu tio, homem muito mais velho do que elle, e já pobre de forças para o governo do Estado.

Angunza escolhêra aquelle sitio, onde veiu estabelecer-se como Suana Mulopo do tio, e distribuíra diversos cargos pelos parentes mais velhos que o acompanharam, cada um dos quaes levantou povoação em redor da do chefe, mas um pouco distante, governando-se cada uma independentemente.

Cassassa era quilolo e subdito de Muene Capanga, cujo estado fica na margem direita do Lulúa, ao norte do 8° de lat. sul do Equador e que confina com a terra dos Uandas, subditos do Muatiânvua, conhecidos por *anjala iquita* (que vestem pelles de animaes), destacando-se assim dos anthropophagos do mesmo paiz que vivem ao norte conhecidos por *manjala mavumo* (que occultam as partes genitaes com a pelle da barriga).

Um dos ascendentes do actual Muene Capanga, grande no Estado do Muatiânvua, que era Cárula por ser descendente de um tio do primeiro Muatiânvua e que tinha as honras d'esta auctoridade, mandou sair em exploração para oeste um dos descendentes do Cassassa com a sua tribu, e este depois de cumprir a missão de que fôra encarregado, escolhêra terras junto á margem esquerda do Cuílo para se estabelecer e formar um Estado de governo independente, considerando-se comtudo

subdito de Muene Capanga, a quem de tempos a tempos enviava tributos ou antes presentes.

Numa epocha já recente, no tempo do Muatiânvua Noéji até 1850, deram-se novas migrações mesmo de além de Lulúa para oeste, por causa de muitas exigencias d'este Muatiânvua feitas aos potentados de maior categoria, as quaes recaíam depois sobre os de menor graduação. Estes trataram de se afastar para mais longe, não chegando ao Cuango pelo receio que tinham de que os Bângalas os escravizassem.

Assim se explica que sendo Muata Cumbana, Caungula e Quimbundo, os tres grandes potentados cujos estados limitavam pelo oeste o grande paiz da Lunda, estabelecessem depois o Cassassa e o Anzavo, subditos de outros quilolos do Muatiânvua, novos estados ainda mais para oeste, chegando o Cassassa áquem do Cuengo e o Anzavo ainda mais longe.

Os limites do dominio do Cassassa confinam pelo norte com os do Caungula, pouco mais ou menos na altura do 8° S. do Equador, e com o estado do Anzavo que chega ao Cuengo; pelo oriente com o de Bungulo que chega ao rio Luangue; pelo sul com o de Quimbundo que chega proximamente ao 9°; e pelo occidente com o de Capenda-cá-Mulemba cujos limites mais orientaes confinam com as povoações de Quimica, de Xa Mujinga e de Xa Iasso, vizinhos de Angunza Muquínji, que se diz ser na margem do Camaxilo, do qual ainda assim dista 15 kilometros.

Este exerce jurisdicção para leste até ao Cuengo, todavia já aqui, como vizinhos do Cassassa e para o sul teem vindo estabelecer-se os Quiocos, emigrados dos territorios dos seus potentados Quissengue e Muxico, e para evitar questões tanto Cassassa como Muquínji lhes teem dado *tombo* [1].

---

[1] Chama-se *tombo* ao acto de um potentado entregar uma parente sua a outro para elle se acasalar com ella. Os Quiocos exigem *tombo* aos seus vizinhos Lundas para se aparentarem com elles e manterem mutuas relações de amizade.

As povoações sob o dominio de Angunza eram pequenas e novas como já dissemos. As mulheres, que se diz serem poucas, contribuem muito ainda assim com o seu trabalho para o bem da communidade, pois fazem grandes esforços para desenvolver as lavras, acarretam agua e lenhas e em casa reduzem mandiocas e milhos a farinhas, tratam da cozinha e cuidam dos filhos até aos oito annos.

Os homens durante o dia occupam-se na caça e na pesca, e no tempo proprio preparam as terras antes de chegarem as chuvas.

Para o norte, na grande depressão até ao Cuílo, consta haver ainda abundancia de caça grossa, e depois das chuvas na corrente dos rios vê-se abundancia de peixe grande, porém, é difficil de apanhar por ser muita a velocidade com que vae levado e serem os processos de pesca ás margens assás primitivos, não se conhecendo o uso da rede.

Os peixes grandes que se alcançam, posto que em numero limitado, são os que desviados da força da corrente vão de encontro aos compartimentos que se fazem nas saliencias ou reintrancias das margens com troncos grossos unidos a formarem um labyrintho, e que com o remoinhar da agua entre elles não conseguem sair.

Tambem usam das armadilhas de fibras vegetaes espessas para peixe de menor grandeza, mas não são de forma conica. São uns cylindros que usam prender por cordas ás margens do rio e deixam-nos ao acaso, esperando que com o tempo algum peixe lá entre.

Como ha falta de polvora entre estes povos, a caça que elles obteem é por meio de armadilhas. Umas são grandes fossos mascarados com sebes e extensos tapumes feitos com ramos e troncos de arvores seccos, interceptando o caminho em que haja indicios de ser frequentado pela caça. Estes fossos são tapados na abertura com ramagem disposta sobre troncos cruzados.

Batem a caça que levantam obrigando-a a correr e saltar sobre o apume. Os animaes estonteados vão cair na cova ou

fosso, onde quasi sempre no fundo ha flechas ou pontas aguçadas e na maior parte das vezes ahi ficam prostrados pelo cansaço e feridos. Os caçadores que estão occultos esperando o animal rapidamente o matam á paulada ou a ferro.

Na maior parte dos casos estas armadilhas preparam-se e deixam-se tendo no fundo além das flechas laços de corda, ou dispoem-se piques suspensos de modo que o animal caindo nellas fique subjugado ou ferido e não possa escapar-se.

Para o cavallo-marinho (anguvo) que se encontra em abundancia, principalmente no Cuengo, a armadilha é o mais simples possivel e de effeito, por se confiar na presença frequente do animal num determinado sitio para pastar á sombra de altas arvores, e tambem no seu peso.

AXGUNZA MUQUÍXJI

Conhecido o trilho do animal, pelas grandes pégadas que deixa, atravessam neste um tronco secco e delgado que manteem acima do trilho a uma pequena altura sobre duas estacas a que o fixam, e de modo a ficar por baixo de um tronco de arvore. Passam uma corda sobre este tronco e prendem uma extremidade ao que está sobre as estacas. Ao outro extremo suspendam um toro de madeira no sentido do comprimento e no extremo cravam-lhe um ferro aguçado em forma de farpa que envenenam.

O corpulento animal não podendo passar por baixo do obstaculo atravessando no caminho, nem tão pouco saltar por ser pesado, logo que assenta a mão no tronco fazendo esforço para se levantar parte-o, e o toro despedido de cima com força bate no animal, cravando-se-lhe o ferro no corpo.

O animal assustado foge logo para a agua e esta mais rapida torna a acção de veneno, que passadas 24 horas produz o seu effeito fatal, encontrando-se o hippopotamo boiando de encontro ás margens do rio em algumas das suas curvas.

A esta armadilha chamam os Lundas *ditulo*, e a outra analoga que fazem para leões e elephantes, mas cujo effeito é mais tardio pelo que respeita ao veneno, chamam *dileco*. Esta differe da primeira em se fazer por baixo e adeante do tronco atravessado um grande fojo que se mascara com mato.

Servem-se d'este mesmo systema para caçarem o *ambau* (boi do mato), o *ansuine* (porco silvestre) e tambem a *palanga;* mas estes animaes só passados dias é que morrem, isto se não abreviam a sua morte á facada ou com pauladas applicadas na cabeça.

Com qualquer dos animaes, caçados por este systema de pontas envenenadas, o caçador tem o cuidado de deitar fora a parte avermelhada em torno da ferida que julga offendida pelo veneno.

Não aproveitam os dentes do cavallo marinho. A cabeça depois de descarnada é enterrada com os dentes, e isto porque receiam que os miolos tragam epidemia á terra.

Na falta de caça e peixe recorrem ao *ampupo* (ratos), *massesse* (lagartas de arvores) e *ampássu* (gafanhotos).

Ha uma grande variedade de ratos, e apanham-nos tambem por meio de pequenas armadilhas que dispõem entre o capim. Constam estas de uns pequenos cercos de delgados tronquinhos abertos de um dos lados, tendo ao centro um pequeno arco de cabama, no alto do qual se suspende um cordão ou fio fixo a um pontallete em frente d'esse arco.

No extremo do cordão suspende-se um annel de correr feito de cabama, de modo que uma ponta d'esta fica do lado interior e nella se prende um pedaço de mandioca. O rato vendo alvejar a mandioca corre para roê-la e fica preso pelo pescoço no laço indo de encontro ao cerco, onde é apanhado pelo armador. Succede porém que alguns dos mais pequenos comem a mandioca e conseguem escapar-se.

Nas florestas que se estendem até ao Cuengo, principalmente para o lado do norte e no tempo secco, fazem estes povos grande colheita de massesse, de que se aprovisionam para a estação das chuvas.

Deitam as lagartas em panellas com agua para lhes darem uma fervura, pondo-as depois sobre esteiras ao sol durante alguns dias para seccarem, e quando as julgam em estado de se conservarem, guardam-nas em envolucros cylindricos feitos de folhas de uma certa grandeza correspondente a uma unidade de medida, tendo geralmente estes envolucros $0^m,6$ de alto por $0^m,15$ de diametro, e isto serve-lhes quando procuram vendê-los.

Usam fazer deposito d'estes cylindros nas regiões em que ha abundancia de massesse, exportando-os em quantidade para aquellas em que o não ha.

Os processos para apanhar os gafanhotos são os que já temos indicado.

Tratando-se da graduação dos *ilolo* (plural de *quilolo*) disse-nos Angunza que ha tres categorias no Estado a saber: Os *acuámuana* (no singular *mucuámuana*, filho de grande senhor) que teem honras de Muatiânvua, e a quem se dá o titulo de Muata. Sentam-se em pelle de onça pelo que pagam contribuição, usam de *miluina* na cabeça e de *lucano* no braço, andam em *mouha* (palanquim) pelo que tambem pagam todas as vezes que assim se apresentam nas audiencias da côrte presididas pelo Muatiânvua. Neste numero contam-se apenas: a Lucuoquexe, o Muitía, Muata Cumbana, Quimbundo, Caungula, Xa Cambunje, Muansansa, Maí, Mucanza (vulgo Anguvo) e Rinhinga. Os chamados *cárula* (descendentes de tio do Muatiânvua, continuando a representá-lo como qualquer Muatiânvua representa sempre este tio) e que teem titulo de Muene, sentam-se em pelles de animaes considerados inferiores, andam escarranchados sobre os hombros do *quimangata* ou servo destinado a este serviço e ao do palaquim, e usam lucano no braço; pertencem a este grupo: Bungulo, Muene Panda, Muene Capanda, Muene Massaca, Muene Luhanda, Calala,

Cambáji-iá-Pembe etc. *Os acuambango* (singular *mucuambango*, titulo de nobreza) que na côrte se sentam em esteiras ou mabellas, andam a pé e não podem usar baeta para vestuario, são senhores de povoação e aqui com excepção de lucano tratam-se como outro qualquer Muene; d'estes apontaram-nos: Cassassa, Cambembe, Cabatalala, Angunza e outros.

A Lucuoquexe é considerada a pessoa de maior grandeza no Estado do Muatiânvua e para todos os effeitos representa Luéji, a mãe do primeiro Muatiânvua, depois de viuva. Tem o seu estado independente, sendo o maior pelo numero de tributarios. Vive na capital ao lado do Muatiânvua, e só pode sair da côrte na companhia d'este.

Muquínji lembrava-se com saudade da Lucuoquexe Camina, a ultima do Muatiânvua Muteba, e disse que fazia muito bem aos pobres e que era de genio varonil. Dava gosto vê-la, contou-nos elle com enthusiasmo, entre o seu povo montada no quimangata que passava sempre correndo para a Mussumba, trajando ella, como um homem, camiza, farda, banda, chapeu armado e com o *mucuále*, ou grande faca, suspenso do hombro esquerdo.

Sendo em dia de mercado, era certo fugirem os feirantes á sua passagem, e ella depois de chegar á sua residencia mandava pagar os destroços e roubos feitos pelos seus rapazes, quando não tinha de cuidar de alguns feridos.

Era ella quem animava o sobrinho Xanama para fazer guerra aos Quiocos, e censurava-o por consentir que estes estivessem arruinando os estados dos quilolos nas margens do Cassai.

Este nunca a quiz ouvir e por isso morreu, e o peor, acrescentava Angunza, foi que a mataram tambem pelas culpas d'elle, sendo depois da sua morte que Muene Capanga consentiu que eu viesse tomar conta do Estado de Cassassa, que resignei pouco depois em meu tio, porque os rapazes estavam muito insubordinados e sempre em questões com os vizinhos.

Cassassa ha annos passára por um grande desgosto, e como não conseguisse que o sobrinho de novo tomasse conta do

Estado, distribuiu toda a sua gente por diversas povoações sob o seu dominio e ficou elle só na chipanga ou residencia principal com alguns parentes mais affeiçoados, como as raparigas e os empregados indispensaveis.

Como a chipanga ficava proximo de caminho de muita passagem convinha-lhe passar por ser mais pobre do que na realidade era, para se livrar de exigencias dos grandes senhores seus vizinhos.

Quando regressou a embaixada de Muene Puto Cassongo da Mussumba, de que já fallámos, os cacuatas e as forças que a acompanhavam acamparam na chipanga, e os cacuatas representantes do Muatiânvua exigiram do Cassassa hospitalidade condigna.

MUHONGO

Este fez logo reunir todos os seus conselheiros e disse-lhes que sendo indispensavel não só dar de comer aos hospedes para o caminho, mas ainda demonstrar-lhes quanto estavam reconhecidos pela visita que haviam feito ao seu Muatiânvua, os chamára para cada um, segundo as suas posses, apresentar o que pudesse dar de milambo (contribuição).

Fez-se a entrega do que se apurou da contribuição voluntaria e todos da embaixada se mostraram muito satisfeitos com a boa hospitalidade, despedindo-se do potentado como bons amigos.

Logo no dia da primeira jornada de regresso, um dos rapazes de Muene Puto Cassongo passando por uma lavra de mandiocas onde estava o dono lembrou-se de roubar uma.

O roubado foi direito ao rapaz e fez-lhe sentir que já havia dado de comer á comitiva, e que mais daria se o Cassassa assim o entendesse, mas estranhava que os homens a quem dera alimentos o fossem roubar.

Originou-se d'aqui uma altercação, o rapaz deu duas bofetadas no dono da lavra e este apanhando um pau quebrou-lhe a cabeça. Ouvindo os gritos do ferido voltaram atrás os companheiros, ao tempo que se juntava povo do Cassassa ao lado do lavrador, e de parte a parte se estabeleceu confusão e começou a gritaria e a bordoada. Os cacuatas procuraram apaziguar a contenda, porém embora socegados a questão não podia ficar assim.

O Cassassa e os cacuatas de Muatiânvua com receio de Muene Puto Cassongo, deliberaram que se constituisse um tribunal para julgar e pôr termo á questão, e ficou resolvido que o Cassassa tinha de obrigar os seus a pagarem de indemnisações aos de Muene Puto Cassongo quatro rapazes e seis raparigas.

Assim se fez, mas depois de tudo socegado e de accordo com os velhos tomou o potentado a resolução de afastar todos os rapazes do caminho, e elle mesmo estabeleceu-se um pouco mais a sul do ponto em que estava anteriormente.

A visita de cumprimentos de Angunza tornara-se interessante, mas já era longa, e como elle nos trouxesse duas pernas de corça, duas gallinhas, alguns ovos e fuba, resolvemos dar-lhe um panno da costa dobrado, dizendo-lhes ser para abafar-se por que estava frio e elle agradecendo replicou — que podia fazê-lo actualmente porque ninguem ambicionava o seu logar, mas se fosse Cassassa succedia-lhe o mesmo que ao Muatiânvua em face da sua côrte, tinha de apresentar-se ao povo nu da cintura para cima, afim de mostrar que não havia nelle aleijões ou defeitos que o inhabilitassem de governar. Um filho de Muatiânvua deixou de succeder no Estado por ser torto dos olhos e um outro por ter seis dedos num pé.

Á despedida pediu-nos Angunza, visto ter-se avistado com Muene Puto, uma pouca de missanga para repartir pelas suas raparigas. Demos-lhe um massete, dizendo que não nos lembraria fazê-lo se elle o não pedissse, porque nos informára o interprete que as raparigas que vinham vender ao acampamento recusavam trocar os seus generos por missanga.

O velho e os seus companheiros mostraram-se surprehendidos, dizendo-nos que as raparigas estavam lastimando que os nossos carregadores não tivessem missanga que muito apreciavam, e que os rapazes sentiam a falta de polvora para as suas caçadas.

Nós já havia dias que notavamos que as fazendas de xadrez e de algodão que estavamos dando para rações eram empregadas pelos carregadores em objectos de vestuario e em pannos, e que tanto os soldados como os interpretes faziam calças do algodão.

Existia portanto uma combinação entre todos, e os interpretes mais uma vez nos enganavam.

O certo é que no dia seguinte fizemos o pagamento de rações em missangas e polvora, de cada genero o equivalente a duas jardas de fazenda, e neste dia affluiram ao acampamento raparigas e rapazes a venderem mantimentos.

Participámos immediatamente ao sub-chefe o bom successo d'esta nossa resolução, e no seu acampamento no Cuengo deu-se o mesmo caso.

Na verdade, era a gente que nos acompanhava que nos collocava sempre em maiores difficuldades, e o interprete que era o mesmo a que já nos referimos, quando o censurámos por ter mentido, com um riso alvar desculpava-se dizendo que os rapazes o haviam enganado.

Era de missangas e polvora que tinhamos maior fornecimento, e dando-lhes saida pudemos evitar que os melhores fardos de fazenda, que já poucos eram, fossem retalhados em pagamento de rações, emquanto aguardavamos que chegassem os recursos pedidos de Malanje.

Angunza retirou-se dizendo que no dia seguinte o seu Mona Uta [1] viria procurar-nos, para apresentar alguns rapazes que desejavam levar as nossas cargas para o Cuengo.

---

[1] «Filho da arma», o portador da arma do potentado — dignitario do Estado.

De facto appareceram, e nós dissemos-lhe que para uma viagem só pagariamos apenas duas jardas de fazenda, e por isso julgavamos melhor para elles ou contractarem-se para duas viagens d'estas ou para uma ao Cassassa.

Preferiram esta ultima, porque o velho Angunza se estava preparando para ir cumprimentar o novo Muatiânvua que estava hospedado pelo Cassassa e tencionava demorar-se ao seu serviço até que elle retirasse.

— Esperaremos então que Angunza nos mande prevenir quando quer partir, foi a nossa resposta.

Registámos no nosso Diario do dia 20 mais um nascimento, um filho da companheira de Muhongo, carregador que admittiramos em Cafúxi.

Viramos pela primeira vez esta rapariga no Valle das Amarguras em seguida ao incendio, porque se nos apresentou chorando agarrada ao braço de um Xinje que não queria largar, exigindo que elle lhe desse uma porção de missanga grossa Maria II que tinha escondido em si, e que lhe fôra roubar á cubata aproveitando-se da confusão.

Uma porção de retalhos de fazendas, esteiras, panellas, etc., tudo lhe desapparecera no incendio, porém a missanga que ella tinha salvado e guardado numa cubata já fora de perigo, suppondo-a em logar seguro, fôra descoberta pelo gatuno, que apparecêra no acampamento para se aproveitar da occasião, empalmando o que se lhe deparasse sem ser visto.

O acaso fez com que a rapariga o visse, e de tal modo se agarrou a elle que conseguiu approximar-se de nós arrastando-o comsigo. Como se desse a circumstancia de tencionarmos gratificar este homem, porque o viramos trabalhar junto dos nossos transportando as cargas, exigimos que nos mostrasse a missanga em questão que entregámos á mulher, e dando a elle uma porção igual mandámo-lo logo sair do acampamento.

O homem allegava tê-la encontrado entre os destroços do fogo, e a rapariga dizia que elle a roubára de uma cubata, e como não houvesse testemunhas e para a questão terminar, de modo que ella, que já tinha perdido bastante ficasse satisfeita,

entendemos ser o melhor gratificar o homem pelos serviços que nos tinha prestado, obrigando-o antes a restituir o que não era seu.

Foi então que soubemos da existencia d'esta rapariga no nosso acampamento, e que já vinha da Estação Costa e Silva. O velho Calenga, cabo de um pequeno grupo de carregadores, recebera-a em pagamento de uma divida no mez de fevereiro e entregara-a a Muhongo, um dos seus rapazes, para viverem juntos. Ella ao que parece já vinha gravida, ignorando porém qual fosse o homem de que ficára pejada.

Nascendo um rapazito, Muhongo quiz perfilhá-lo, e pediu-nos para tomarmos o encargo de padrinho que acceitámos, ficando mais um Henrique na Expedição, e este que nunca conhecêra o pae foi um dos que vingaram, baptisando-se em Malanje.

FILHO DE XA MUJINGA

A rapariga não era desengraçada, e como fosse muito humilde e socegada entretendo-se com o filho e com os trabalhos domesticos e não apparecendo nunca nas bulhas das companheiras, mereceu as nossas sympathias, embora com custo lhes arrancassemos uma palavra, a não ser a do agradecimento por qualquer cousa que nos lembrava dar-lhe para o filho.

Tivemos sempre dó d'esta mulher. Muhongo seu companheiro, rapaz novo e bem parecido, era dos mais ladinos do pessoal de carregadores. Por mais de uma occasião o castigámos, inutilisando-lhe os esforços que empregára em promover gréves, do que a tempo fomos prevenidos; e como receassemos que

algum dia se lembrasse de vender a mulher e o filho, pedimos á esposa do chefe do concelho de Malanje, Simão Candido de Sarmento, para acceitar o ser madrinha do rapazito, e a este nosso amigo para vigiar a mãe e o filho, pelo menos até que a mãe comprehendesse que encontrava o apoio da auctoridade como garantia da sua liberdade em qualquer terra portugueza.

Na manhã de 22 apresentou-se o filho de Xa Mujinga trazendo-nos um porco de presente de mandado de seu pae, e dizendo-nos que se interessara para que alguns rapazes viessem auxiliar-nos no transporte das cargas, porém os velhos foram de parecer que se nos dissesse que não podiam vir, por esse serviço ter de se fazer em terras que lhe eram estranhas, evitando-se assim questões com vizinhos. Estes não haviam de gostar que os seus rapazes lhes fossem tirar interesses, e algum podia lembrar-se de usar de feitiços contra elles resultando d'ahi qualquer desgraça.

—Todos queriam ser agradaveis a Muene Puto, disse elle, mas sempre havia entre os pretos rapazes maus e os velhos procuravam evitar conflictos e desordens, por isso Xa Mujinga pedia que nos não zangassemos com elle, e lhe dessemos uma prova de que ficavamos amigos, acceitando o presente que mandava.

Viera o rapaz na companhia do Mona Uta de Angunza e portanto apresentára o seu recado de modo a ser agradavel aos vizinhos e nós tendo de respeitar o melindre, que afinal era o resultado de uma deliberação tomada, respondemos dirigindo-nos mais a Mona Uta: —Que achava bom que todos assim procedessem, porém que nas suas terras deviam auxiliar todos os individuos que os visitavam para negocio, porque não sendo assim, o commercio fugia-lhes e ia procurar outros caminhos.

—Se quando estavamos em Camau os rapazes de Xa Mujinga fossem buscar as nossas cargas para ali, os de Angunza as levassem até ao Cuengo e os de Cassassa as fossem buscar ao Cuengo, todos teriam obtido lucros para si e para as suas terras, e nós não nos veriamos na precisão de mandar buscar a Malanje mais carregadores. Estes viriam tirar interesses

aos rapazes das povoações que fossemos encontrando d'ali em deante.

O Mona Uta observou que assim era, mas em principio todos tiveram receio dos brancos, suppondo que nós os levariamos para o novo Muatiânvua de quem fugiam, não querendo ir para a Mussumba, e que agora só esperavam que o velho se apromptasse para marcharem. Mujinga acrescentou que na sua terra todos se arrependiam de não terem ido a Camau, e depois que viram os que foram com fazenda, queixavam-se contra o potentado por os não ter mandado logo ao principio quando tiveram a noticia de ali termos ficado.

Estavamos ouvindo estes homens quando appareceu Quissenda trazendo-nos uma gallinha e bombós. Vinha visitar-nos e prevenir-nos que os seus rapazes viriam mais tarde para acompanhar Angunza ao Muatiânvua, e que então levariam as nossas cargas ao Cassassa.

O filho de Xa Mujinga destacava-se tanto do typo que já tinhamos figurado, que encarregámos o interprete e alguns Lundas de o entreter emquanto nós procuravamos a melhor posição de o retratar.

Este homem era álto e grosso, de hombros largos e carnudos, peito saliente e de pelle finissima e retinta. A testa era avançada e espaçosa, o nariz muito quebrado e arrebitado, a bôcca grande, os beiços grossos, o bigode delgado e cortado, os olhos grandes, o globo preto e brilhante, a barba redonda, as faces largas, os cabellos em parte rapados e levantados para trás sujeitos por uma fita bordada a missanga, dando assim forma arredondada á cabeça.

Notando entre os Lundas que já conhecemos, cabeças alongadas e largas posteriormente, informaram-nos que é habito, principalmente entre as familias mais consideradas, o comprimir os lados das cabeças para distincção. Este uso de modificar as formas do cranio já o encontrára tambem Schweinfurth entre os Dinkas e Bongos.

Embora os Lundas, Quiocos, Xinjes e Bângalas com quem tinhamos fallado fossem concordes em que eram parentes e

todos filhos de antepassados que viveram em communidade além do Cassai, o certo é que á primeira vista pela estatura, physionomia, côr de pelle e linguagem nós classificariamos num grupo os tres ultimos povos como mais semelhantes, destacando-os dos Lundas; comtudo entre todos os povos do Cuanza ao Cuango ha caracteres que parecem uniformes.

Agradecemos e retribuimos os presentes que nos trouxeram Xa Mujinga e Quissenda, e como a respeito de carregadores ficassemos na mesma, continuámos com o nosso pessoal a fazer seguir as cargas para o acampamento na margem do Cuengo, contractando dois rapazes que por ali andavam desgarrados e que nos appareceram, um chamado Augusto, de Ambaca, parente de um soldado, e outro de Cassanje que se dizia sobrinho de Paulo contractado em Loanda. Foram contractados para a Mussumba.

Como tivesse apparecido um aviado do Cassassa com um encargo qualquer para Angunza, e nos viesse dizer que o nosso filho, o senhor capitão, mandava pedir com instancia que apressassemos a nossa viagem, porque o sustento que tinha levado estava acabando e que não escrevia por recear não chegasse a carta á nossa mão, vimo-nos na necessidade de mandar com urgencia um rapaz de confiança á Estação Cidade do Porto. Este portador teria não só de levar uma carga de objectos mais essenciaes ao ajudante e saber do que elle mais carecia para então mandarmos uma pequena diligencia, mas ia tambem incumbido ainda de pedir-lhe noticias das occorrencias relativas ao indigitado Muatiânvua, se este seguia para avante, e quaes os recursos que podiamos esperar d'elle com respeito a gente.

Vunje, rapaz novo, que já era reputado como andarilho entre os companheiros e que conhecia bem esta região, comprometteu-se a desempenhar-se da incumbencia em dois dias, ficando o regresso dependente do despacho do ajudante. Era na verdade uma boa marcha, muito mais rapida do que podiamos esperar, e portanto tratámos logo de o pôr a caminho, dando-lhe uma boa camiza de chita de nosso uso para o animar.

Tendo sido avisado na vespera por dois soldados que regressavam do Cuengo, que nas margens do Camaxilo tinham apparecido alguns rapazes das povoações proximas com cargas de mantimentos, dizendo procurarem o nosso acampamento para fazer negocio, e que entre elles conheceram alguns individuos do Anzavo, que lhes asseveraram estar o cacuata Tâmbu com a sua gente na povoação do Cacobra a N.-E. e que vinha para nos acompanhar para a Mussumba, encarregámos Vunje, se os visse, de os animar a virem fallar-nos para prestarem mais esclarecimentos, e a garantir-lhes da nossa parte a compra de todos os seus mantimentos.

Custava-nos a crer que Tâmbu estando tão perto de nós, e na tenção de nos acompanhar, tendo ainda alguma demora não nos mandasse prevenir por qualquer dos seus rapazes. Certamente aquelles individuos iam com algum destino que pretendiam occultar e, como é de costume, para nos serem agradaveis, e sabedores das promessas de Tâmbu, lembraram-se de dizer que elle já ali se achava, sem idea mesmo de que estavam mentindo e que d'ahi nos pudesse resultar qualquer prejuiso.

Partíra Vunje, e como não deixasse de nos causar admiração que elle fizesse tão rapidamente a viagem ao Cassassa com uma carga aos hombros, na manhã de 25 fallando sobre este assumpto com Manuel, que se dizia neto de Bezerra, quiz elle convencer-nos que em seis dias podia chegar ao Bungulo partindo do Cassassa, e que em doze dias estaria no sitio do Anguvo.

Registavamos estas notas com o fim de ouvirmos o seu avô Bezerra, Calenga e outros praticos, pois nos occorrêra fazer mais uma tentativa para alcançar carregadores, quando nos chamaram porque a mulher de Paulo desde que rompêra o dia se achava sem falla e numa modorra constante.

Estava ella muito adeantada no seu estado de gravidez, e viamo-nos realmente embaraçados para aconselhar qualquer cousa; porém quando chegámos perto d'ella já lá estava Bezerra e um Bângala fazendo das suas.

A doença, diziam elles, era de idolos, e começavam já com as pantomimices usuaes e hyssopadas de agua fria sobre o corpo da mulher, que jazia estirada sobre uma esteira ao lado de uma grande fogueira.

Mandámos aquecer uma chavena de café e apagar immediatamente o fogo, e obrigando a mulher a sentar-se atirámos-lhe com toda a força para a cara a agua contida numa pequena panella. Ella deu accordo de si, e immediatamente lhe fizemos beber o café. Devido a isto, ou ao que naturalmente se deu depois visto o seu estado, passadas duas horas já a mulher andava trabalhando.

MELIACEA

TRAFICO DE GENTE

egressava de Cassele a comitiva de um velho Ambaquista por nome Antonio Francisco, que em 1849 fôra alferes de uma companhia movel no Calúia, divisão de Malanje, e que residia no sitio do Lombe, onde se dedicava á lavoura.

A comitiva compunha-se de primos, sobrinhos e de escravos d'elle, e trazia azeite, borracha, esteiras e mabellas.

Antonio Francisco deu-nos noticias, que por serem curiosas e nos suggerirem algumas considerações não deixam de ter interesse; tal qual as registámos démos d'ellas conhecimento na nossa communicação mensal ao Governo, e transcrevemo-las aqui.

Cassele é um logar situado pouco mais ou menos a 90 kilometros a N.-E. do ponto em que estavamos, e que toma o nome de um riacho affluente do Cuilo; está nas dependencias do Muata Cumbana, sendo governado por uma auctoridade da sua nomeação, que é actualmente o Cahima.

Não permitte este que os forasteiros passem para o norte sem a competente licença do Muata, e os que logram obter tal licença só conseguem chegar á residencia d'este potentado.

É Cassele uma especie de feira em que o principal negocio é o sal de Luí. Conservam-se ali muitas cubatas dispostas em linhas, a limitar um grande largo, para receberem as diversas comitivas de commercio que ali concorrem tambem á procura de marfim, borracha e gente.

Justificam-se as difficuldades de passagem para o norte pela ambição de se monopolisar o sal de que toda aquella região é desprovida, e na qual se desconhecem os processos de obtê-lo pelos meios que a natureza possa offerecer. É o sal do Luí que os de Cassele preferem, por ser o unico que teem conhecido, e attribuem aos seus antepassados o senhorio das salinas d'onde elle se extrae.

O Cassele é povoado pelos Peíndes, e da entrada do commercio no paiz por esse lado querem elles ser os intermediarios com os seus patricios e com os Chilangues vizinhos.

Quando os forasteiros ultimam a permutação do sal que trazem, a auctoridade faz correr bando nessa noite para que retire quem já não tem ali que fazer, deixando o logar para outros que estão a chegar com negocio, o que corresponde tacitamente a auctorisar o povo a roubar os que não quizerem obedecer.

Este bando é muito respeitado, e o chefe de comitiva que tenha qualquer impedimento de retirar, logo que haja terminado as suas transacções, mesmo antes d'elle correr com referencia á sua comitiva, vae logo procurar a auctoridade para lhe participar a natureza d'esse impedimento ao mesmo tempo que lhe entrega mais alguns medicamentos (emolumentos) que podem ser avultados, segundo o numero de dias que se estipular para a demora.

O logar d'aquella auctoridade é rendoso e por isso mesmo muito invejado.

O sal vae empacotado em folhas de arvores, de modo a formar um rolo, que regula de 80 a 90 centimetros de compri-

mento tendo um decimetro de grossura, a que chamam *muxa*, e que corresponde, em valor, a um terço de uma jarda de riscado ou algodão de qualidade inferior, ou a 40 réis approximadamente.

Sobre o sal contado ás muxas, para troca de qualquer genero procurado, o negociante tem de pôr a *quizeza* (que os Ambaquistas traduzem por «traquinadas») e que consiste de missangas, contaria, tachas amarellas, facas, polvora, guizos, barretes etc. e ainda de duas jardas de fazenda, chita, riscado ou xadrez. Não querem baeta por não lhes ser dado usá-la, é vestuario de grandeza, nem algodão liso, por o julgarem inferior ás suas mabellas. E na verdade teem razão, pois que os parentes de Antonio Francisco apresentavam-se vestidos com camizolas, casacos, colletes e calças feitos de mabellas lá fabricadas, que realmente nos illudiram a distancia, suppondo serem feitos com as nossas antigas gangas. As armas não as apreciam, e vendem mesmo algumas que teem de presentes por duas e tres jardas de fazendas ou o seu equivalente, é espelhos rejeitam-nos, é feitiço verem-se a elles.

O que mais se compra com o sal é gente de differentes edades e de ambos os sexos, e alguma borracha. Apresentam algum marfim mas é difficil a sua permutação embora seja só de um dente.

Presentemente já é pouca a borracha para satisfazer á procura, pois são muitas as comitivas que nos ultimos tempos ali teem affluido.

— Ao marfim ninguem chega, dizia-nos Antonio Francisco, porque as pontas regulam de cem a tresentas muxas e não são muito grandes. Os Quiocos e Bângalas obteem as pontas a troco de gente que compram na Lunda, mas isso não fazemos nós; comprâmos gente para arranjar a nossa vida, mas não a vendemos.

— O pequeno negociador como nós, não pode fazer transportar o sal preciso para o negocio do marfim; cada homem carrega com 20 até 30 muxas e é preciso quem lhe leve o sustento. Para uma ponta regular teríamos de empatar dez homens.

Como vae faltando a borracha, para não perdermos as passadas compramos escravos, que na verdade já não estão baratos!

— Hoje um escravo não se tira por menos de 20 a 26 muxas, fora a quizeza e os medicamentos para o Cahima e para o Muata. Tanto vale uma criança como uma pessoa grande, e o gentio entende mesmo que para nós tem mais valor uma criança. Diz elle que esta vae-se acostumar aos usos do seu novo possuidor, e faz-se um bom escravo; emquanto que um homem ou mulher custa-lhes o deixar os seus e mais facilmente fogem, sendo nós obrigados a não os perder de vista principalmente emquanto nos não afastâmos dos logares em que elles foram vendidos.

Antonio Francisco com o producto da venda da borracha que levava queria estabelecer-se definitivamente no Lombe, onde dizia ter já umas casinholas e terras lavradas, e que os seus filhos, primos, sobrinhos e escravos viriam todos os annos fazer um reviro ao Cassele, ficando elle com os novos escravos a augmentar as suas lavras.

Ora o portuguez d'este homem, dissemos nós a S. Ex.ª o sr. Ministro dos negocios da marinha e ultramar, entende-se bem, e a mesma franqueza e modo naturalissimo com que nos contava os seus projectos e como encarava a questão do repugnante trafico usaria elle decerto com qualquer estrangeiro que encontrasse no seu transito. Dado este caso teriamos por certo novos Camerons, Youngs e Stanleys a narrarem proezas de um portuguez, como o Coimbra, que comprava escravos para terras portuguezas e ás rebanhadas os trazia presos uns aos outros.

Em geral o preço do preto que se compra regula de 1$000 a 1$200 réis, e tanto Antonio Francisco como outros que teem passado com gente comprado vão queixosos, porque o negocio lá está mau!

— Então acha muito caro a compra de um homem por 1$200 réis — perguntámos nós a Antonio Francisco, acrescentando, que muito mais do que isso teria elle a pagar a quem lhe transportasse a carga que um d'esses homens trazia do Cassele até ao logar onde estavamos.

—Mas esse homem, respondeu-nos Francisco, é um escravo, e eu vou dizer a V. quanto elle custa a quem os traz á venda ao Cassele. Veem do Muquelengue ao norte do Muata Cumbana, onde só podem ir os individuos que este consente, e a troco de um bom *mussapo* (presente, luvas).

—Estes individuos são senhores de boas povoações e teem muitas mulheres das quaes o segundo filho é para o serviço do Muata e os outros para a compra do sal. Os que teem este destino, quando chegam á edade de andarem são vendidos á razão, mais ou menos, de duas muxas por anno de edade; assim, um rapaz ou rapariga de sete annos, vende-se, nas terras proximas á residencia do Muata por quatorze muxas, e este producto torna o vendedor negociante.

—Dá duas muxas ao Muata, obtem a licença e vae ao Muquelengue, compra adultos por tres e quatro muxas cada um, sem traquinadas, e vem ao Cassele vendê-los por 20 até 26 muxas com traquinadas, e por causa de tão bom interesse não consentem elles que nós lá vamos. Mas para nós é bem melhor, porque depois de pagarmos os medicamentos, emquanto temos sal para vender, não nos prejudicam em cousa alguma e estamos seguros.

H. Wissmann disse-nos em Malanje, que no Lubuco uma mulher nova e bem formada se obtinha por uma espingarda lazarina, o que nos causou admiração. Mas agora ficámos sabendo que no tal Muquelengue, a carne humana está cotada em muito menor preço; o escravo custa de 100 a 120 réis, nem sabemos mesmo onde se possa encontrar por menos!

Devemos notar, todavia, que isto se dá pela ambição do sal do Luí, e só com o d'esta proveniencia porque receiam que qualquer outro lhes faça mal ao ventre[1].

---

[1] Quando Quingúri veiu da Lunda para as terras de Ambaca, trouxe na sua comitiva o Angolambole, cargo identico ao de Calala do Muatiânvua, e foi este que deu origem ao primeiro jaga Andala Quissúa que constituiu o estado dos Bondos na margem esquerda do Luí, affluente do

Por outro lado, não dão valor ás fazendas, difficilmente encontram quem lhes compre marfim e o que fazem os mais abastados negociantes sertanejos, nem todos o podem fazer, diz Antonio Francisco — O negociante de fazenda nas terras dos Lundas troca a maior parte d'estas por gente e depois em Cassele e nas terras do Muata Cumbana vende a gente por marfim. É pois ainda a gente que está á venda, é a moeda circulante nas transacções para a compra de outros artigos de commercio.

Isto já nós sabiamos pelos exploradores allemães Buchner e Wissmann. Troca-se o marfim por fracções de outros generos e estas por escravos, sendo estes escravos depois trocados com os Bângalas e Xinjes e em geral com os quimbares por sal.

A maior parte d'esta gente que é levada em direcção á nossa provincia, não passa das margens do Cuango e alguma chega até aos sobados de Malanje. Vão engrossar os povoados

---

Cuango, havendo repellido do sitio a fogo os povos que ahi encontrou, de quem são oriundos os actuaes Peíndes a que nos vamos reportando.

Foram pois os antepassados d'estes os senhores das salinas de que se apoderaram Quingúri e os seus, e que hoje constituem os povos — Holos, Songos, Bondos e Bângalas.

Os Peíndes não encontrando sal nas terras para onde emigraram, apesar de corridos por elles, vinham procurar os invasores das suas terras para lhes darem sal em troca de mulheres que lhes iam offerecer. Com o tempo se organisaram então as comitivas que todos os annos saiam da margem esquerda do Cuango com sal para os Peindes.

A lenda diz que os filhos aprenderam dos paes até os logares onde existiam as bananeiras, palmeiras e mulembas das terras de que foram expulsos, e se comerem sal de outras salinas que não sejam as de que comeram seus paes todos morrem de doenças de ventre.

Asseveram os homens praticos que ainda hoje quando apparecem as comitivas de Bângalas, de Bondos e de outros povos, emfim os quimbares, dizem elles: «*acuácumba, acuávumo, mucuá quilangala, énu tuamixile balubale diá mulundo, lelo muatune henáquio camuquele camôngoa, quiáhuhaha munêtu.*» (Meus parentes, vocês que ficaram juntos das nossas salinas lembraram-se de vir hoje vêr-nos e trazer-nos nm pedaço de sal. Bem vindos sejam, foi muito bom para nós.)

dos jagas, ambanzas, sobas e sobetas que nos são ou não sujeitos, ou que estão distantes da influencia da auctoridade. A gente assim obtida sujeita-se a servir os seus patrões e a transportar as cargas, e eis a razão porque principalmente os povos que marginam o Cuango se tornaram negociantes e conseguem fazer entrar a borracha e algum marfim nos concelhos a leste da nossa provincia, chegando alguns d'esses negociantes a irem até ao Dondo, e mesmo a Loanda e ao Ambriz. Esta é a verdade, e se não fossem elles, ha muito que pela alfandega de Loanda nem mesmo borracha se exportaria.

Hoje as casas commerciaes de leste da provincia entre o Cuanza e o Dande nem já aviados podem ter que possam internar-se como outr'ora em procura de productos do centro do continente, porque não acham os carregadores precisos, nem tão pouco podem arriscar o pagamento com os poucos que poderiam arranjar; fizeram-no quando havia escravos.

É esta uma questão muito importante para a qual chamámos a attenção de S. Ex.ª o sr. Ministro a quem dissemos: — V. ex.ª não ignora que os estrangeiros, principiando pela Inglaterra que nos hostilisa constantemente, se manteem em Africa á custa da escravidão que nella existe, e do trafico para o qual teem concorrido em grande escala nos tempos modernos; e digo escravidão e trafico porque são duas questões que devemos distinguir, sendo o trafico puramente europeu, com o qual tem lucrado outras partes do mundo.

Se prohibirmos ás tribus gentilicas, que se dizem viver sob a protecção da nossa bandeira, a entrada da gente que compram além do Cuango, ou se afastarão de nós porque as inhabilitâmos de servirem o commercio apresentando-lhes carregadores para o transporte de cargas dentro da provincia á custa do qual vivem; ou então nos veremos em difficuldades para reprimir os assaltos ás comitivas de commercio de tribus para tribus, como recurso para occorrerem ás suas necessidades.

E demais devemos ser francos — levar gente que se vende, uns desgraçados, esfomeados, embrutecidos e nus para a nossa provincia nas condições em que vão, é um beneficio para elles.

Os contractados em Loanda, soldados e carregadores que nos acompanharam da provincia, todos foram escravos e por muito maus que fossem, destacavam-se de todos os povos do interior como prestaveis e relativamente civilisados.

As nossas leis coercitivas contra a escravidão nas colonias, permittindo o resgate de gente que se vende no centro do continente para se empregar no trabalho remunerado, e prohibindo o trafico para fora do continente, não só eram humanitarias, mas estava ainda nisso o verdadeiro meio pratico de preparar os povos, que por emquanto precisam de tutella, a civilisarem-se. Por se não terem cumprido em toda a sua plenitude as ultimas leis e decretos de 1875 a 1878, principalmente no que respeita ás boas disposições sobre a instrucção e educação dos serviçaes, não temos conseguido tanto adeantamento como era para desejar no estado de civilisação dos gentios da nossa provincia de Angola, que já se teria feito sentir tambem além do Cuango.

Não sejamos utopistas, e devemos dizê-lo com franqueza ao mundo inteiro, não fomos nós os Portuguezes que criámos a escravidão em Africa, mas aproveitando-nos d'essa má instituição social libertámos muitos milhões de individuos que pelo trabalho collocámos em condições de progredirem, de constituirem familia e de entrarem no nosso convivio, desprezando preconceitos sobre côr de pelle e de inferioridades de raça, do que nem todas as nações, mesmo as que hoje querem para si o exclusivo de humanitarias, se podem vangloriar.

E se o que temos feito é pouco, nenhuma outra nação fez mais do que nós, como muito bem diz o illustrado escriptor africanista o sr. A. F. Nogueira no seu interessante livro — *A Raça Negra*. Em uns casos porque podendo substituir a raça indigena por individuos da sua raça não teve necessidade de educar aquella, e preferiu repelli-la, ou mesmo exterminá-la; em outros porque não teve coragem, não teve fé, não teve mesmo sufficiente intuição para o emprehender.

Dos individuos emancipados de 1875 a 1878, somos nós testemunhas que grande numero d'elles se estabeleceram sobre

si, nas provincias de S. Thomé e Principe, de Angola e de Moçambique, já sem necessidade de tutella, devido á educação profissional que tinham alcançado durante a sujeição como libertos; outros devido á mesma sujeição foram procurar que fazer na agricultura e no commercio, trabalhando muitos por sua conta, e os que mais aproveitaram tinham conhecimentos de instrucção primaria.

E é notavel que a estes individuos se deve o grande desenvolvimento que entre os indigenas das nossas colonias africanas teem tido não só as artes e profissões mechanicas, como o conhecimento da nossa lingua fallada e escripta.

Cada propriedade que se mantinha até então, á custa de um certo numero de individuos na condição servil, foi como um nucleo de civilisação que depois se subdividiu e espalhando-se esses individuos por toda a provincia quando se aboliu aquella condição, concorreram elles para o progresso que de anno para anno se nota até nos concelhos mais afastados do littoral.

Não devemos deixar de mencionar que o liberal e illustrado ministro João de Andrade Corvo, que referendára os decretos da abolição e o que regulava as formas dos contractos de prestação de serviços para os individuos que se fossem resgatar, e a quem se dava uma tutella official, não esqueceu a par d'essas beneficas leis, de dar o maior desenvolvimento, que lhe facultavam os recursos de que podia dispôr, ao serviço de obras publicas das nossas colonias, e a esse serviço affluiram logo em grande numero os que tinham direito á sua emancipação e ahi encontraram uma boa escola em que aprenderam ou se aperfeiçoaram em varios misteres, sendo isso o que mais concorreu para o desenvolvimento a que nos referimos.

Muito desejariamos ver pôr um termo á escravidão no centro de Africa, mas a obra é tão grandiosa, os obreiros convictos da sua efficacia são tão poucos, a necessidade de dispôr de grandes quantias é tão evidente e carece-se de tanto tempo, mesmo quando todas as nações civilisadas se liguem para esse fim sem interesse especial, que não acreditamos na realisação d'esse desideratum.

É possivel pôr-se termo ao trafico, isto é, á deslocação gradual de populações gentias dos centros independentes por meio da compra, para aquelles que se consideram sujeitos ao dominio e influencia das nações europeas. É uma lucta em que de certo estas hão de vencer; com o tempo a deslocação continuará a dar-se, mas será voluntaria, e ha de admittir-se como facto natural, como está succedendo na Europa e na Asia, sendo um dos pretextos para isso a escassez de territorio para sustento de população, o que nem sempre é verdade.

ANTONIO FRANCISCO

Pode alguem acreditar que a emigração da China para a America, e mesmo a do nosso reino e ilhas, que se dá todos os annos para pontos determinados, é voluntaria e expontanea? Alguem ignora como se fazem os convites aos emigrantes, como se lhes arranca a promessa formal de que embarcam em o dia aprasado? O que é isto se não uma venda mascarada entre povos civilisados, que é bem peor do que aquillo que se faz no centro do continente africano.

A philantropia de que somos dotados só vê victimas ali, no que está longe, e não as vê mais perto, em casa, onde as ha em abundancia e onde se dispõe de recursos para as salvar!

É um mal, dizem todos, mas é um facto natural; e occorre o tirar partido d'elle offerecendo-se vantagens ás correntes de emigrantes, para que, em vez de irem para os pontos estranhos para que são convidados, se encaminhem para as nossas colonias africanas.

É porém outro erro, de que temos exuberantes provas e de que temos soffrido as consequencias funestas, por não que-

termos estudar e modificar o que é indispensavel para as evitar como nos indica a experiencia.

Mas se attraindo as correntes de emigração para as nossas colonias, pensâmos beneficiar os mal aconselhados, os compromettidos, digamos a verdade, os que se vendem para ir trabalhar em territorios que nos são extranhos, porque não procedemos do mesmo modo, offerecendo vantagens em Africa ás populações vizinhas, em que a venda é uma instituição social, para que os vendidos entrem nas nossas colonias, onde se não pode attentar contra a sua liberdade?

Perguntem aos individuos que foram escravos, aos que temos resgatado entre os gentios na conformidade do regulamento de 21 de novembro de 1878, se querem voltar para as terras de sua naturalidade? Só por mezes que seja, depois de entrarem em terras portuguezas — embora venham para os sobados e ambanzas sob um governo que lhes é particular — nenhum quer voltar.

O indigena que está sujeito a ser vendido entre os povos da região central, precisa de ensino preparatorio para que se civilise e adquira as noções convenientes da liberdade que se disfructa em terras portuguezas. A imposição d'essa aprendizagem não é um attentado contra a liberdade; e só com o ensino é que elles podem saber aproveitar-se d'ella.

Ora o citado regulamento tudo providenciava com respeito a esta classe de individuos, sobre o modo pratico de os preparar para serem cidadãos portuguezes, e de aproveitar as forças de sua actividade em proveito de familia, da sociedade e da nova patria que encontravam.

Porque nos arguem pois os estrangeiros, que ultimamente teem entrado no seio do continente?

Porque entendemos e bem, á custa da pratica, que o indigena é o instrumento activo do trabalho no continente africano, e que o individuo da raça branca só tem ahi um papel a representar, o de dirigir e fazer progredir esse trabalho, em quanto a intelligencia do preto se não desenvolve e possa prescindir da sua immediata tutella!

Porque foi que depois da abolição da condição servil nos dedicámos com mais afan, não por interesse particular como outr'ora, mas por interesse geral, a instruir, moralisar e interessar o indigena nos beneficios da civilisação!

Porque reconhecemos a necessidade de estudar o indigena, de estimulá-lo e de procurar os meios adequados para o auxiliar na sua evolução, sem auxilio dos instrumentos de tortura e de barbaros castigos, de que ainda se não libertaram os que estão trabalhando a favor dos estabelecimentos estrangeiros a quem molesta o nosso testemunho!

Fazer cessar o que se chama a escravidão no centro de Africa, sem que se ensine aos naturaes quaes são os meios licitos de adquirir uma moeda com que comprem aquillo de que carecem para occorrer ás suas necessidades, não é empreza que offerece garantias de exito; este ensino tem grandes difficuldades a vencer.

E essa escravidão reclamará mais cuidados e repugnará mais aos sentimentos humanitarios, do que as arduas luctas das classes inferiores entre os povos civilisados para grangearem os meios de subsistencia?

Sinceramente, os individuos que entre nós, na maioria, passam a maior parte da vida trabalhando no interior de uma mina respirando um ar viciado, por insignificantes salarios, com que procuram manter-se e á sua familia contribuindo ainda para as despezas do Estado; os que junto ás machinas quer no mar, quer em terra, com pequenos intervallos de descanço, as estão alimentando tambem por salarios que não compensam o que ha de arduo na sua tarefa; emfim todos aquelles que um contracto obriga a duras imposições sem attenção ás localidades, horas de serviço de dia e noite e á qualidade de trabalho, ás vezes por remunerações que mal chegam para os supprir e áquelles que de si dependem — tudo isto não será bem peor do que a escravidão que a philantropia nos ultimos tempos tanto se empenha em extinguir?

Porque será que cada um em sua casa não cuida de satisfazer os seus sentimentos humanitarios, de que actualmente se

faz tanto alarde, arrancando da oppressão os individuos que o rodeiam?

Pois entre nós a cada passo se topa com opprimidos, mais desgraçados e mais dignos de que se condoam da sua sorte, do que os individuos que temos encontrado entre os povos gentios sujeitos á chamada escravidão!

Se este estado tem sido causa do atrophiamento da maior parte das tribus que povoam o centro do continente, os que d'elle temos arrancado e vingam nos nossos dominios civilisam-se, e pelos seus progressos manifestos estão concorrendo para as modificações por que estes dominios estão passando.

E é isto que invejam os estabelecimentos estrangeiros ao nosso lado, que até de empregados portuguezes carecem para se manter, e custa-lhes a tolerar a deferencia dos indigenas para comnosco, chegando a suppôr que afastando-nos, poderiam mais desaffrontadamente servir os seus fins!

E tal tem sido a cegueira por um lado e os esforços perseverantes pelo outro, que teem conseguido mover os seus governos a entrarem na lucta, incommodando-nos apenas, porque os factos, os documentos, as leis, os nossos trabalhos emfim, destroem as falsidades e os insultos, e fazem recuar esses governos convictos de que foram illudidos por interesses de individuos e emprezas, que sonham com maiores ganancias quando se acharem livres de nós.

Se qualquer estrangeiro tivesse encontrado o velho Antonio Francisco com os seus parentes e com a gente que comprou em Cassele, e o ouvisse como nós, na primeira opportunidade diria ao mundo civilisado — que tinha visto Portuguezes no interior comprando escravos, e d'ahi as illações e exageros a que estamos acostumados, occultando-se que esse portuguez não passava de ser um africano ha muitos annos afastado do nosso convivio, que fallava inconscientemente em escravos, e lhes chamava seus filhos, gente da sua familia com quem repartia o seu sustento, que os levava para um sobado que a auctoridade portugueza, por assim dizer só conhece de nome, e que para o seguirem contribuiu tambem a vontade d'elles, pois

muitos dos seus companheiros fugiam e nada os impedia de fazerem o mesmo.

Depois da conversa com Antonio Francisco, interrogámos por meio dos nossos interpretes a gente comprada, adultos e crianças dos dois sexos em numero de onze, e disseram-nos que sabiam perfeitamente que iam para as terras de Muene Puto, e como a sua sorte fôra a de serem vendidos, estimaram terem-no sido agora aos filhos de Muene Puto, porque não passavam para o poder dos Quiocos. Que encontraram em Cassele, nas comitivas do sal, patricios e mesmo parentes seus que já vinham das terras de Muene Puto, que se mostravam contentes pelo bom tratamento que tinham tido nas povoações de que hoje faziam parte, os quaes os animaram na mudança de vida que iam ter; que estavam satisfeitos com Antonio Francisco e com os parentes d'elle e não viam motivo algum para pensar em fugir, e que os seus companheiros fugiram para dar mais interesses ao Cahima, pois bem sabiam que tornavam a ser vendidos a outros negociantes.

Seguiu esta gente para Malanje na manhã do dia 25, e nós ainda por descargo de consciencia, aproveitando a occasião de mandar a nossa correspondencia, avisámos em carta particular o chefe do concelho a respeito da gente comprada por Antonio Francisco, para ser cumprida a lei que respeita aos resgates.

Para lá foram e com certeza ficaram livres de irem para as terras onde as gargalheiras, as algemas, as correntes pezadas e os açoites ainda se julgam indispensaveis como incentivo para os obrigar ao trabalho em que os sacrificam, privando-os do producto de todo elle.

CAPANDA (RIO LULÛA)

ULTIMOS TRABALHOS NO ACAMPAMENTO

A Mujinga havia-nos desenganado. Quissenda e Angunza ficaram de nos mandar carregadores mas estes nunca appareceram, e por isso quando Vunje regressou da Estação Cidade do Porto, tomámos a deliberação de o fazer ali ir novamente com uma carga de rancho para o ajudante, e de mandar sair uma diligencia composta de Manuel Bezerra, de Domingos de Loanda e de um soldado, todos tres considerados bons para marchas rapidas, afim de irem ao Bungulo, entre os rios Luchico e Chicapa, que nos ficava para leste.

Informara-nos o sub-chefe ter conhecimento por alguns rapazes da margem do Lubale, que se estava reunindo gente no Cassassa para acompanharem Xa Madiamba á Mussumba. O ajudante participava-nos tambem terem chegado portadores de Caungula e de outros potentados que mandavam dizer ao Cassassa para abreviar a viagem de Xa Madiamba para o Caungula, porém que Cassassa se oppunha a esse itinerario e

queria que elle fosse directamente ao Anguvo entre o Luembe e Cassai, porque Caungula só agora, depois dos dignitarios da Mussumba chamarem o Suana Mulopo de Muteba para tomar posse do logar do Muatiânvua, é que fazia caso d'esse pobre velho expatriado.

Acrescentava o ajudante que Xa Madiamba pela sua parte lhe não parecia que estivesse resolvido a seguir com brevidade na sua jornada, dizendo esperar que os rios abaixassem por não haver canoas de passagem em todos, mas que julgava ser outra a causa da demora, que um ou outro poderia saber mas que não se divulgava e que elle ajudante tinha querido indagar pelo seu interprete, mas tudo eram pretextos e evasivas, e ainda nada podia dizer com certeza, considerando a questão de Ianvo, uma questão para demora.

Sendo Bungulo o potentado da Lunda de maior grandeza mais proximo do Cassassa, e que parecia não ter mantido relações com Xa Madiamba no exilio por se ter alliado ao potentado dos Quiocos, Quissengue, e dizendo Manuel Bezerra que era muito amigo d'elle e que quando sua mãe estivera em terras do tio d'aquelle potentado se creára lá; encarregámo-lo de o ir sondar sobre as desconfianças em que estavamos de que Xa Madiamba previa difficuldades em chegar á Mussumba e investir-se da auctoridade para o que era certo alguns influentes chamarem-no.

Dois casos se podiam dar. O de não ter ordens ou noticias da Mussumba para auxiliar a marcha de Ianvo, ou tê-las e por qualquer circumstancia haver demorado a sua embaixada para o ir buscar. Em qualquer d'elles, nós precisavamos que Bungulo nos cedesse vinte homens para o transporte das nossas cargas para o Muatiânvua reconhecido, e no primeiro caso um guia capaz para seguirmos um caminho por fora de Cassassa.

Era nosso intento, logo que chegasse a expedição de Malanje, o despachar todos os carregadores precisos d'onde estivessemos para o Cassassa, para o sub-chefe e o ajudante partirem com todas as cargas em duas secções para o Bungulo. Voltariam depois todos os carregadores a buscar as cargas que houvessem

trazido de Malanje seguindo comnosco e com o resto dos antigos por um caminho differente para o Bungulo.

Manuel Bezerra lembrou-nos que talvez fosse conveniente, no caso do seu amigo Bungulo nada poder dizer com respeito a Xa Madiamba, e de não ter rapazes para as cargas, o ir então ao Anguvo e dar a elle o mesmo recado, pois este potentado tinha muito povo e estava em constantes relações com os grandes quilolos da Mussumba.

Annuimos, mas recommendámos-lhe muito expressamente que não devia demorar-se no Cassassa, procurando ir prenoitar na Estação onde receberia mais artigos de commercio para rações, e que seguisse de madrugada sem fallar a Xa Madiamba e sem dizer aos nossos carregadores o seu destino, por que escreviamos aos nossos collegas ácêrca do que ia fazer a diligencia.

No dia 30 partia ella e logo em seguida uma grande caravana de cargas para o acampamento Solidão de Julia.

Á semelhança do que estava succedendo no acampamento do sub-chefe, em que a Joanna do Paulino era o motivo de discordias por causa do seu fatacaz pelo Manuel de Loanda, principiaram no nosso as discordias por causa da Joanna do Manuel Ignacio e de Manuel carregador de Malanje.

A garapa e as demoras nos acampamentos é que davam origem a estas discordias, que nos desassocegavam, pondo-nos depois de mau humor com tudo e com todos. O nosso Manuel já depois de algumas discussões acerrimas querendo provar em diversas occasiões que nunca desinquietára Joanna, nem lhe offerecêra peças de fazenda para ella lhe corresponder, embirrou em beber com ella juramento, e Joanna que fazia luxo em ser requestada por diversos, caprichou em se não recusar a essa prova, pretendendo assim occultar o individuo a quem realmente se havia entregado na ausencia do companheiro que mandaramos na diligencia a Malanje.

Para evitar que esse juramento fosse por deante, tratámos de mandar na secção do pessoal das cargas o nosso carregador Manuel, mas pouco depois apresentou-se-nos com guia do

sub-chefe o seu Manuel contractado de Loanda, por se tornar inconveniente no acampamento.

Saindo esta secção podiamos nós partir logo que regressassem alguns dos carregadores, e por isso tratámos de dispor tudo para esse fim.

Lembrou-se Antonio Bezerra de encarregar o seu neto de passar na volta por Mona Congolo no Quicapa e entregar-lhe da sua parte uma porção de chitas bonitas que trouxera de Malanje, a fim d'este consentir que uma sua amasia e filhos que na ultima viagem ficaram na companhia d'elle, viessem com o seu parente.

Este nosso interprete era um grande propagador da especie por toda a parte por onde andava, e por isso já extranhavamos quando se passavam muitos dias sem que elle nos apresentasse um parente que encontrava nas povoações onde entrava, ou nas comitivas que passavam pelos nossos acampamentos.

Uma grande comitiva de Bângalas que acampára proximo de nós, fornecera-se em Malanje no estabelecimento de Alfredo José de Barros, e o seu chefe affirmou-nos que estivera com Augusto Cesar que já tinha distribuido cargas aos carregadores que estavam acampados junto do armazem do negociante Custodio Machado, e que só esperava por uns oito que faltavam. Esta comitiva saíra de Malanje havia vinte e cinco dias e por isso era de suppor que a nossa estivesse muito proximo do Cuango.

Uns portadores que vieram de Anguina Ambanza no Chicapa para Angunza Muquínji, participaram-nos que d'ali partiram tres cacuatas vindos da Mussumba, levando um d'elles para o indigitado Muatiânvua um presente da Lucuoquexe Macanda. Constava este de uma peça de chita, de uma braça de baeta encarnada, do chissanje em que tocava o fallecido Muatiânvua Muteba, de quem Ianvo fôra Suana Mulopo, de um rolo de *icanga* (esteiras) para a sua cama em viagem e do *sambo* d'ella, ornato muito fino de fio de cobre que as mulheres usam na perna como distinctivo de nobreza. Este presente era acompanhado de conselhos sobre o itinerario que Ianvo devia seguir, e pelo

pedido de a avisar logo que chegasse ao Anguvo, e de ahi esperar que os funccionarios de maior categoria da Mussumba o fossem buscar com as suas forças.

Respondemos ter noticia que havia poucos dias chegára ao Cassassa o Mema Tundo, cacuata de Anguvo, e que elle dissera em publico a Ianvo que os quilolos da Mussumba mandaram dizer a Anguvo que o mandasse buscar com a sua gente, porém que Anguvo se recusára a fazê-lo emquanto os quilolos não enviassem os seus filhos, porque conhecia as intrigas da Mussumba e não queria envolver-se nellas.

Mona Uta que acompanhava os portadores sorriu-se e disse-nos: — O senhor major não conhece os nossos costumes, aquillo que se diz aos nossos paes em voz alta é o que nós queremos que conste; o que queremos communicar de verdade dizemo-lo em segredo. Aquillo foi esperteza de Anguvo para que se não diga a todo o tempo que foi elle que chamou e fez aquelle Muatiânvua.

O Anguvo remettêra duas cabaças de azeite de palma a Ianvo por um portador de confiança, o qual lhe disse — que a Lucuoquexe mandára saber de Anguvo se de facto Ianvo existia, onde estava, e que o mandasse buscar porquanto os quilolos estavam muito descontentes como Muriba e resolvidos cada um a enviar os seus representantes, e ella a sua mouha para o irem esperar na sua chipanga, e que Muriba já estava vigiado para ser morto; que os proprios Muene Panda e Muene Capanga que o chamaram para o Estado já estavam de accordo com os quilolos da Mussumba em mandarem tambem a sua gente para acompanhar Ianvo, mas todos esperavam ter noticia da sua entrada no Caungula.

Fossem ou não verdadeiras as noticias que tivemos neste dia, ellas sobresaltaram-nos, e aproveitámos a comitiva dos Bângalas para levarem uma carta que escrevemos ao Caungula dizendo-lhe — que tinhamos alguns dias de demora no Cuengo, mas desejavamos conversar com elle com respeito ao Muatiânvua, e por isso que nos mandasse oito ou dez rapazes para nos transportarem.

Ás oito horas da noite cantava no acampamento um gallo, e pouco depois apparecia-nos Augusto Jayme com elle, pedindo que o mandassemos matar; que era feitiço, cousa má que lhe succedêra em casa e por isso já não o queria ter.

Esta superstição existe tambem na Europa, mas admirámo-nos quando elle muito convicto sentindo o canto de um passaro, o cabuavo, que faz lembrar a voz de um cão, nos disse logo: é morte de parente, certamente de minha irmã [1]. Procurámos dissipar estas impressões porém deitámo-nos sem o ter conseguido, e quando adormecemos dançavam os nossos e os das comitivas que ficaram no nosso acampamento ao clarão do lampião inglez e ao som da harmonica e do tambor.

No dia 1 de julho chegaram carregadores para nos transportarem e ao resto das cargas, pagámos-lhe polvora e missangas de rações para elles comprarem fornecimentos e partirem no dia seguinte.

Nós ficámos ainda no dia 2 em Angunza Muquinji e jantámos mais cedo para que o cozinheiro fosse pernoitar á margem do Camaxilo, onde no dia seguinte nos prepararia o almoço, porque contâmos continuar a viagem e ir jantar com o subchefe no seu acampamento.

Mandámos prevenir o potentado que nos retiravamos no dia seguinte, e visto elle estar havia tres dias chorando a morte de um parente, observavamos-lhe que se quizesse acompanhar-nos ao Cassassa nos encontraria no Cuengo, onde teriamos alguma demora.

Entretivemo-nos durante o dia com os Bângalas que chegaram de vespera. Por causa de um doente ainda ficaram comnosco, e deram-nos boas informações sobre as questões dos Xinjes, do Capenda-cá-Mulemba e dos Quiocos, o que augmentava o nosso peculio de apontamentos.

---

[1] O certo é que dois mezes depois tinha elle acompanhado pelos rapazes da sua comitiva de carpir a morte de uma irmã; a má noticia trouxeram-na os nossos carregadores que chegaram de Malanje.

CAPITULO VII

DO RIO CUENGO AO RIO CUÍLO

čieči ŭatala soǧaṅi, ŭadimukini, mačiko maôso mu ǧila «O que imita a formiga, é esperto, anda sempre no caminho» — Emprega todos os esforços para chegares ao teu fim.

Nas margens do Cuengo: Aspecto do paiz, escacez de população. Monumentos gentilicos, seu culto; indicações que fornecem ao caçador, e em geral ao viandante. Encontro com o sub-chefe. Queixas do pessoal por excesso de trabalho e por mau passadio; a sua má vontade. Ciumes no acampamento. Conferencia com os cabos de carregadores; acceitação das condições impostas pelo chefe. O sr. Bateman e o seu procedimento com o negociante Saturnino Machado. Roubos feitos ás cargas pelos carregadores; meios de os evitar. Partida da secção do sub-chefe — O acampamento Solidão de Julia: O planalto, vestigios de uma povoação; pégadas do cavallo-marinho. Largura variavel dos rios; aspecto da vegetação no Cuengo. O nosso viver no acampamento, varios episodios; as queimadas, fogo nos abrigos. O caçador Quimuanga e os seus remedios; exito feliz de Jayme; caça grossa. Noticias de Custodio Machado e da caravana por elle enviada. Construcção de uma ponte no Cuengo. Aspecto estranho do sol no seu occaso — Visitas inesperadas: A narração de Garcia, e as reflexões que ella provocou. Informações de Mona Mahango e da successão do Capenda. As relações commerciaes no interior. Alvitres ácerca do proseguimento da Expedição. Conclusão da ponte, regosijo. O representante de Catumbelai; episodio com as vendedeiras de mantimentos. Os nossos ensaios linguisticos. Um novo nascimento — Viagem das secções: Os itinerarios seguidos. Boatos contra a Expedição. A diligencia ao Bungulo, os successos neste Estado; procedimento de Bezerra. Chegada da comitiva de Malanje; incidentes da jornada. O nosso correio; boas novas, e mimos de varios amigos para o chefe. Nova diligencia para Malanje — Marcha do chefe para o Cuilo: Partida de Augusto. A nossa comitiva; o primeiro acampamento; abundancia de caça. A segunda jornada. Passagem perigosa do Lubale. Cêrco á caça. Doença e teimosia do interprete Bezerra. Noticias ácerca do Muatiânvua eleito; situação embaraçosa. Acampamento no Manzavo; destroços e furtos numa plantação, queixa dos roubados e reparação do damno. Novo incendio. A muhamba do carregador, modo de elle a levantar. Na margem do Luito — A estação Cidade do Porto: Visita de Xa Madiamba; as suas excellentes disposições. O doente Bezerra. O potentado Cassassa e o Cacuata Catumbelai. Pagamentos, reducção de cargas, distribuição de uniformes e de armamento novo. O Canapumba Andunda; o Cacuata Muruanda e os seus impetos de furor. A libação do cranio. Xa Madiamba pedindo aguardente. O Suana Mulopo Lubembe. Muteba, Muene Têmbue do Muatiânvua. Marcha de uma secção debaixo das ordens do sub-chefe — Ultimos dias na Estação Cidade do Porto: Mudança de alojamento. Chegada da comitiva de Xa Muteba; ovação ao futuro Muatiânvua. Algumas palavras ácerca dos negocios d'esta comitiva. A gratidão de Xa Madiamba. Como se faz a investidura do Jaga de Cassanje. Uma audiencia; cerimonial usado na investidura solemne de cargos na côrte da Lunda; astucia de Catumbelai. Desordem no acampamento dos Bângalas. A Muàri de Xa Madiamba. Novos embaraços. Ianvo-a-Uane, a sua dedicação pelo chefe da Expedição; visitas. Partida para o Caungula.

NAS MARGENS DO CUENGO

Como tudo ficára devidamente disposto de vespera, ás 6 horas e meia da manhã do dia 3 de junho partiamos com os cinco homens que haviam pernoitado comnosco no acampamento em direcção ao Camaxilo, onde chegámos ás 9 horas.

Ahi nos aguardava Marcolino com o almoço prompto.

No nosso percurso nada encontrámos de notavel, porém depois de termos almoçado neste logar, e emquanto o cozinheiro e os nossos companheiros davam uma fervura a uma porção de farinha da mandioca para aproveitarem o guizado que lhes deixámos, entretivemo-nos disfructando o agradavel panorama para o lado do norte, que era na realidade soberbo para quem, como nós, estivera prisioneiro durante vinte dias num recinto limitado na densa floresta, em que por acaso e só a determinadas horas se via o sol atravez das aberturas das copas das suas altas arvores.

A nossa vista alongava-se por extensas depressões em que existiam valles bem definidos, destacando-se do verde escuro do agigantado arvoredo a vegetação rasteira pelos seus tons mais claros. Em alguns valles corriam varias linhas d'agua que pelas direcções que seguiam, deviam de ir cair no rio Camaxilo e outras no Cuengo que afflue aquelle rio muito mais para o norte.

Um pequeno espaço de terra lavrada para mandioca, proximo ao rio, demonstrou-nos que havia escacez de população em redor, não faltando comtudo naquella localidade os elementos naturaes indispensaveis para o desenvolvimento da população indigena.

Certamente, pensámos nós, o desprezo pela região, cujo bom aspecto nos impressionava, era devido a não ser este o caminho que seguiam as comitivas de commercio; mas reflettindo, lembrámo-nos que não podia ser essa a causa, porquanto ha dez annos que as comitivas de Cassanje e todas as da nossa provincia que saem pelos portos do Cuango a norte d'aquella localidade se dirigem exactamente pelo caminho que percorreramos até certa altura, o qual se afasta depois para o Cundungulo seguindo a linha de nordeste.

A causa não podia ser senão a falta da população em relação á grandeza do paiz. E até ali, pelo caminho que haviamos percorrido desde o Cuango, contavam-se as pequenas povoações todas a grandes distancias umas das outras.

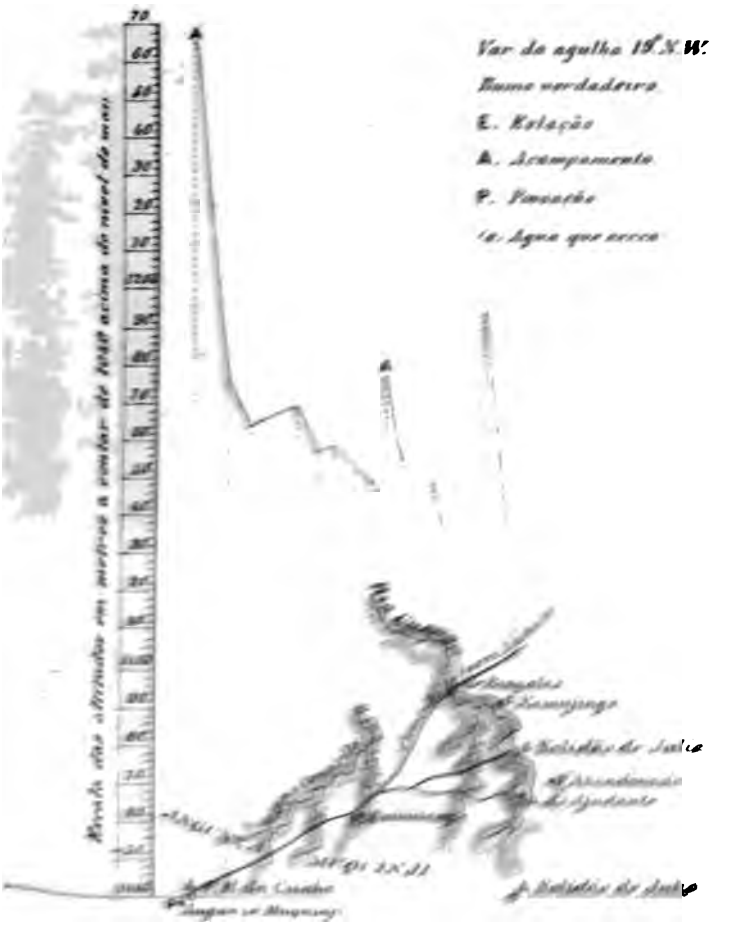
Continuámos a marcha em direcção ao acampamento denominado Solidão de Julia, e aproveitámos uma arvore na bifurcação do caminho que tinhamos a seguir com o de E.-NE., que tomam as comitivas para o Caungula e Lubuco, para nella suspender um pequeno pau no qual enleámos um papel em que diziamos: — Attenção! Este caminho é o do Lubuco. Sigam o da direita. H. de Carvalho. E num tronco grosso e secco que jazia ao lado do caminho que tinhamos de tomar, gravámos com uma faca a seguinte indicação — Caminho do major.

Estas referencias eram para o empregado europeu que esperavamos com os supprimentos de Malanje.

Planta e Perfil do itinerario de Anguanza Muquinji ao rio Cuêngo

Acampamento Francisco Maria da Cunha ao Acampamento Soldado de Julia.

Escala da planta 0,m002 - 1.k



Desde que deixaramos o Camaxilo e principalmente nos descampados, notámos por serem muitas, o que á primeira vista chamariamos em Portugal medas de lenha. Eram troncos grossos já seccos, uns dispostos em pyramide, lembrando esqueletos de cubatas, outros dispostos em rectangulos ou em triangulos cruzando-se as suas extremidades e assentes as fiadas, a contar do solo, uma sobre outra até grande altura. Alguns troncos estavam deitados em acervos compactos por camadas, e em cada camada dispostos parallelamente assentando os das ordens superiores nos intervallos das inferiores, diminuindo sempre em numero os troncos de baixo para cima, de modo que o todo fazia lembrar as duas vertentes de um telhado; finalmente tambem vimos alguns troncos junto ás arvores em posições diversas.

Isto para os naturaes do paiz e mesmo para os indigenas da nossa provincia de Angola, representa monumentos, logares sagrados que se conservam intactos pelo respeito que todos lhe consagram. Junto a elles collocam panellas, umas com certas drogas, e de mistura pennas de aves, chifres de diversos animaes cheios de nauseabundas mixordias, onde tambem prendem fios tirados de cascas de vergonteas seccas, fios de metal, etc.; outras panellas conteem agua com folhas e rama de diversas plantas.

Aos troncos prendem tiras de fazenda, sendo indifferente a qualidade e a côr, conhecendo-se ainda assim preferencia pelas ourelas das baetas, as quaes variam na largura. Aproveitam as formas e as saliencias nos troncos para com as suas facas as affeiçoarem, procurando dar-lhe semelhanças de cabeças humanas, chegando mesmo a imaginar figuras completas de homens, de mulheres ou de animaes.

A estes monumentos chamam uns indigenas *muxaela,* os Ambaquistas chamam-lhe *mabanda* e os Lundas *muquixi-iá-quinguima,* distinguindo-se assim estes dos que se fazem nas proprias povoações e de que temos dado noticia.

Estes monumentos fazem-se por causa de negocio e por causa da caça. Antes de entrarem nas suas emprezas, os inte-

ressados e devotos invocam um idolo para terem exito feliz, e se os seus desejos se realisam, voltam pelo logar onde dispozeram os monumentos para os melhorar, fazendo então os festejos que consistem em comer, beber e dançar junto d'elles, entretendo-se de quando em quando durante o tempo da festa em embellezá-los conforme lhes apraz, e segundo os recursos de que podem lançar mão.

Os cantadores acompanhando-se com o instrumento a que chamam chissanje, cantam e recitam varias composições allusivas a estes objectos da sua veneração.

Em alguns d'elles vimos o que chamam — os agradecimentos. São lenços e retalhos de fazendas fluctuando a guiza de bandeiras, e fiadas de missangas e mesmo de contaria grossa enfeitando as toscas esculpturas.

Os monumentos dos caçadores transformam-se quando elles regressam em tropheus, porque as queixadas, os cranios completos descarnados, e as maiores peças osseas dos animaes que mataram são presos aos troncos, não sendo indifferentes a posição e o tronco a que se prendem.

São na verdade interessantes estes monumentos, porque mesmo os caçadores extranhos á localidade, examinando o modo por que se collocam as ossadas, o lado para que estão viradas, a disposição dos troncos, as figuras que nestas se veem, as cores e collocação das tiras, o que contém as panellas, etc., comprehendem immediatamente onde ha caça, a sua qualidade, a distancia a percorrer para a achar, a epocha de maior abundancia, os cognomes dos caçadores felizes, o tempo em que caçaram, o que caçaram, as difficuldades, se as tiveram, onde se deve procurar agua, de comer, etc.

Entre estes monumentos vimos vestigios de traços feitos no solo com fuba de mandioca, e outros traços negros feitos com madeira queimada em diversas direcções, alguns cruzando-se. Tambem vimos os muquíxis que ha nas povoações, formados de capim com grosseiros e grotescos bonecos de madeira em diversas posições; o que tudo tem interpretações mais ou menos desenvolvidas e que servem de aviso ou de noticia para os

caçadores e viajantes — de fomes, de doenças, de individuos que morreram, de perigos que se devem evitar, ou do caminho que se deve preferir para certos pontos. Tambem commemoram factos extraordinarios que tenham succedido entre elles como — guerras, mortes, roubos, registando minucias o que realmente causava admiração aos profanos como nós.

O nosso Augusto Jayme andou examinando as indicações dos caçadores e mostrou-se satisfeito por averiguar que havia

MUXAELA (MONUMENTOS DE CAÇA)

abundancia de boa caça proximo do Cuengo, e tambem nos disse ter percebido que os Quiocos de Mona Muchico se estavam preparando para fazer guerra ao Muata Cumbana, por este não ter pago até agora um remedio de feitiço que a seu pedido fizera a Muchico contra os seus inimigos, e que já produzíra o effeito desejado. Terminava a indicação avisando os viajantes que tivessem cuidado na passagem do rio Lôvua, porque os Quiocos já ali estavam exigindo tributos de guerra.

A nossa marcha foi de 32 kilometros e sobretudo o que mais contribuiu para nos fatigar foi a ardencia do sol, que ainda mais se fez sentir quando descemos para uma immensa savana que marginava o Cuengo, onde tivemos de atravessar uma extensão de 3 kilometros de mau piso, vendo-nos forçados a reparar onde punhamos os pés, porque o solo que por algum tempo depois das chuvas se conservára pastoso, exposto depois á intensidade dos raios solares seccou, fendendo-se e separando-se em torrões maiores ou menores e ficando entre elles intervallos desiguaes.

No tempo das chuvas esta grande savana deve ser um famoso pantano, não só pela falta de escoante, mas tambem pelo trasbordo das aguas do rio que veem juntar-se ás que ficam estagnadas nas maiores depressões.

O sub-chefe, prevenido de que estavamos perto pelos rapazes que nos precederam, veiu esperar-nos na desmantellada ponte por onde tinhamos de entrar no acampamento, e quando pudemos descortinar esta entrada lá o vimos na margem direita sentado sobre o tronco de uma grande arvore em que se apoiava a ponte por esse lado. Era logar que elle frequentava durante as horas de maior calor do dia para fugir á temperatura de estufa na barraca de lona.

Com difficuldade passámos a ponte aos hombros de dois rapazes que vieram ao nosso encontro, porque a parte central do taboleiro, se tal nome se lhe podia dar, estava toda debaixo de agua.

Eram quasi duas horas da tarde quando fizemos esta passagem, e tão agradavel pela sombra e frescura encontrámos o logar em que abraçámos o sub-chefe, que preferimos descançar sentando-nos no referido tronco a seu lado, emquanto se armava a nossa barraca e nesta se dispunham os volumes de nossa bagagem, a atravessar logo o acampamento exposto ao sol que ainda ia alto.

O sub-chefe informou-nos ácerca do que occorrêra de mais importante depois das suas ultimas communicações; e como nos dissesse, pelo que respeitava aos trabalhos das collecções

A PONTE SOBRE O RIO CUENGO

que pelos arredores do acampamento estava tudo visto, que não merecia a pena demorar-se ali por mais tempo e que estava prompto a seguir do dia 6 em deante, ficou combinado entre nós preparar-se com a maxima brevidade o maior numero de cargas que fosse possivel conduzir a sua comitiva para a Estação Cidade do Porto.

Queixava-se o pessoal, e com razão, não só da falta de alimentação sufficiente, como ainda de excesso de trabalho com a remoção das cargas, apresentando-se alguns homens doentes e bastantes com feridas nos pés.

Mas nós não tinhamos remedio senão exortá-los e animá-los, lembrando-lhe que todos estavam prestando um bom serviço á Expedição, e que com o excesso do trabalho venciam um bando de fazenda ou o seu equivalente em cada dia de jornada. Que esse lucro que lhes seria pago logo que chegassem os supprimentos que esperavamos em breve, junto com as economias que tinham das rações servir-lhes-ia para comprarem alguma borracha para negocio em Malanje, onde tambem haviam de receber uma gratificação os que regressassem ao nosso serviço.

As economias das rações explicam-se, porque a pedido do pessoal adoptámos no valle de Camau o systema, que nos poupava muito trabalho, de distribuirmos os artigos destinados para rações pelos cabeças dos grupos de carregadores, ficando estes de os fraccionar como entendessem. Elles do monte tiravam só o que julgavam indispensavel para o sustento, e conseguiram assim ter peças de fazenda e macetes de missangas inteiros e encherem barris de polvora.

Com estes artigos iam commerciando, e em Malanje o novo negocio que fizessem sobre os productos que levavam, borracha, azeite, cera, pequenas pontas de marfim, mabellas, macacos, papagaios, etc., seria então repartido igualmente pelos que faziam parte do grupo.

Nestas viagens de exploração ao centro do continente estavam costumados os carregadores de Malanje e das circumvizinhanças a ajustarem-se para o transporte de volumes a um

ponto determinado, calculando demorarem-se geralmente uns tres mezes para o caminho do Lubuco, e quatro para o da Mussumba do Muatiânvua.

Chegadas as cargas a estes pontos retiravam por sua conta, sem terem cousa alguma a receber além das rações até áquelle praso; mas elles bem o sabiam e, afora algumas excepções, preferiam isso a estarem mais tempo ausentes das suas familias.

Nunca os que nos acompanharam suppozeram que teriam de demorar-se nas Estações e estarem ao seu serviço, e se pouco lhes importavam essas demoras antes de chegarem ao Cuango, porque mais ou menos as aproveitaram indo ás suas casas ou mantendo relações com as suas familias por intermedio de parentes que os vinham visitar, é certo que na Estação Costa e Silva e depois no Valle das Amarguras já demonstravam a sua má vontade pelo serviço e pela demora cujo limite, pelo que iam vendo, não podiamos precisar.

A esta má vontade acrescia ainda, que pelo caminho a que chegaramos ao acampamento e d'ahi até á Estação no Cuilo, que com cargas se não vencia em menos de quatro dias, não se encontravam mantimentos á venda. Era necessario ir comprá-los ás povoações de Angunza Muquinji e vizinhas, mandando-as prevenir com antecedencia para d'elles se fornecerem, aliás seria preciso esperar que os moradores os fossem procurar.

Portanto para uma remoção de cargas era indispensavel pagar rações e contar com tres dias para o pessoal ir comprar mantimentos e voltar. Era o menor praso possivel. Partindo no dia seguinte com as cargas tinhamos de contar mais quatro dias para a marcha. Suppondo que se demorassem apenas um para descanço e tres para regresso, o praso menor para uma remoção seria de onze dias.

Não havia probabilidade que fizessem immediatamente outra viagem, nem se lh'o podia exigir, e por isso era de presumir que o praso fosse de quinze dias, e ainda assim tinhamos de contar com as impertinencias dos marralheiros mais ladinos que a cada passo buscariam pretextos para se esquivarem ao

trabalho, desinquietando quem os acompanhasse para se não tornarem tão salientes.

Attendendo á insufficiencia dos recursos de que na occasião dispunhamos e não convindo desfalcar os que ainda tinhamos de superior qualidade, emquanto não chegassem os supprimentos que já não podiam estar muito longe, pensámos ser conveniente animar o pessoal para conseguir que o maior numero possivel de cargas fosse com o sub-chefe, não nos importando com as delongas nas outras viagens, procurando nós economisar nas rações seguintes o que pudesse ser. Preparavamo-nos a dispor os animos neste proposito, quando nos chamaram para o jantar.

Como tambem estivessemos informados de que o Paulino e o Manuel vindos comnosco de Loanda, e que se tratavam por manos, andavam ultimamente sempre em desavenças por causa de Joanna companheira do primeiro, que cheio de ciumes e completamente desorientado de cabeça estava inquietando os companheiros que não approvavam o procedimento de Manuel, foi nosso primeiro cuidado logo depois de jantar providenciar para afastar o pomo de discordia do casal de Paulino.

Estavamos convencidos de que Joanna, pelo que respeitava a constancia, não era nenhum modelo; gostava de distrair-se com quem lhe desse trela, e fazia por provocar galanteios tornando-se muito garrida, variando os seus penteados altaneiros de modo a darem bem nas vistas, enfeitando o collo com missangas de diversas cores e grandezas, e naquella epocha de penurias apresentando-se com pannos novos e bons, caso que mais desassocegava e intrigava Paulino por não conhecer a sua proveniencia.

Joanna era já conhecida como uma heroina em negocios de amor. Como era mulher propensa á voluptuosidade cremos que lhe era indifferente o afastamento de Manuel, por que tivéramos occasião no Valle das Amarguras de reprehendê-la pela variedade das suas predilecções, ameaçando-a mesmo de a entregar a qualquer comitiva de regresso para Malanje, visto a desharmonia em que vivia com o seu companheiro.

Mas o socego de acampamento demandava que se separassem os dois, outr'ora amigos, e por isso demos ordem a Manuel para no dia seguinte partir com dois companheiros levando cargas e a correspondencia ao ajudante, a quem recommendámos ordenasse a Manuel que voltasse logo que chegasse á Estação a caravana do sub-chefe, que dentro em poucos dias para lá devia seguir.

Chamámos depois Augusto Jayme e os cabos de carregadores a uma conferencia sobre as questões que mais nos preoccupava — fazer marchar o mais depressa possivel a maior caravana de cargas que se pudesse arranjar, e combinar a forma do pagamento das rações d'ahi em deante.

Fizemos-lhe sentir o que elles conheciam tão bem como nós, isto é, que os supprimentos que mandáramos buscar a Malanje já deviam ter passado o rio Cuango, e que era necessario poupar a boa fazenda e polvora que tinhamos. Que por causa da distancia e por ser necessario ir comprar comestiveis a Angunza Muquínji, a remoção das cargas para a Estação se fazia com bastante morosidade e que por tanto no interesse do serviço de Sua Magestade nos deviamos auxiliar mutuamente, pondo de parte exigencias e sujeitando-nos todos ás circumstancias.

— Que sabiam não ter a Expedição negociado, e que os recursos que trazia numa grande parte foram consumidos com o sustento do pessoal, e tambem não ignoravam estarmos nós scientes de que algumas cargas tinham sido mais ou menos roubadas por elles.

— Que o nosso interesse era desempenhar o serviço que o governo de Sua Magestade nos confiára, fazer os estudos que nos estavam commettidos e irmos á Mussumba, deixando o caminho aberto com segurança para os negociantes europeus e indigenas que saissem de Angola para o interior.

— Que todos ganhavamos em poupar os recursos que tinhamos. Era chegada a hora de fazer alguns sacrificios que esperavamos não fosse por muito tempo, e que por isso o pagamento das rações seria effectuado neste acampamento quando estives-

sem dispostos a fazer a viagem, constando este do equivalente a quatro jardas de fazenda, com o que tinham de contentar-se até estarem dispostos a fazer nova viagem, e que em compensação nós emprestavamos aos caçadores as nossas armas para em viagem e mesmo quando acampados procurarem caça para se repartir por toda a gente, gratificando-se os caçadores quando chegassem os recursos.

Concordaram em que todos de bom grado tinham de obedecer ao que determinassemos, porque nós ali eramos o pae e a mãe, e os filhos não podem fallar em sentido contrario ao do pae! Nós porém que conheciamos alguns dos carregadores menos faceis de contentar, aconselhámos Augusto Jayme, os cabos, o interprete, e alguns velhos que haviamos chamado para que fossem fallar com socego aos seus rapazes ácêrca das deliberações que todos deviam de respeitar para não allegarem ignorancia.

Todos annuiram de bom grado ás imposições dictadas pelas circumstancias — de receberem as rações na manhã seguinte para irem comprar sustento, e de na volta tomarem as cargas que lhes fossem distribuidas para as levarem á Estação.

Nesta primeira viagem só não ia o nosso cozinheiro Marcolino e quem estivesse doente. Até o nosso criado Antonio e o seu companheiro Narciso seguiam com os mais para ajudar os homens que transportavam a cadeira.

No dia 4 de madrugada era muito o frio, marcava o thermometro 3°,50 centigr., ainda assim levantámo-nos logo para fazer o pagamento de polvora e missanga, o que além de levar tempo era enfadonho por causa das medidas das cargas de polvora. Seis cargas d'esta e dois fios ou noventa bagos de missanga grossa era o equivalente a quatro jardas de fazenda.

Os barris de polvora estavam muito roubados, mas mesmo quando estivessem na medida tivemos o cuidado de calcular que o muito que podiam dar seria trinta cargas, e como cada barril nos saira a 900 réis, importava uma carga de polvora em 30 réis e portanto as seis em 180 réis! o que era uma importancia elevada para rações.

A missanga estava calculada em 3 réis por cada dezena de bagos, e assim a 27 réis correspondiam noventa bagos.

Se á somma d'estas duas importancias, 207 réis, addicionarmos 50 por cento para os desfalques que trazem as mercadorias, os roubos feitos pelos carregadores, o transporte de Malanje, os presentes a potentados, as passagens de rios, demora nas estações, etc., o custo de cada uma d'estas rações orçaria por 310 réis.

Sendo esta importancia distribuida pelos seis dias como estava estabelecido em marchas, sairia a ração diaria a 51 réis, mas como o praso minimo para a remoção de uma carga estava calculado em doze dias a importancia de cada ração passava a ser de 26 réis.

Pagavam assim bem os roubos que haviam feito na polvora e nas missangas.

Mas porque se conseguia que os carregadores, na maior parte tendo já completado um anno ao serviço da Expedição, continuassem neste serviço com muito mais trabalho do que podiam esperar, sem que nos fosse possivel marcar-lhe o limite do periodo em que deixariamos de carecer dos seus serviços, e com a ração reduzida a menos de metade do que pelo uso se lhes dava?

Porque estes homens eram individuos livres, pertencentes aos sobados avassallados de Malanje que rodeiam a villa, influindo muito no seu animo o viver dos portuguezes europeus, e por que reconheciam a necessidade de se cumprir uma ordem de Muene Puto, e de se sujeitarem á força das circumstancias que lhes não eram desconhecidas.

Já o mesmo se não dava como vimos com os povos gentios, que pelo temor que tinham de serem enganados pelo branco, não transportavam uma carga sem se lhes dar o que se lhe tivesse promettido, e com antecedencia exigiam em viagem o pagamento de rações, e tambem para os dias que tencionavam fazê-la durar além do prazo calculado.

São estes povos que na Europa se suppõe que vivem na escravidão, e por este exemplo se vê como lhes é facultativo

o procederem como fôr da sua vontade. Não ha cabeças, não ha chefes, não ha senhores que os obriguem a trabalhar para um extranho se elles não quizerem.

É porque a escravidão aqui nunca foi o que era entre os primeiros, isto é, entre os povos gentios áquem do Cuango mais em contacto com a civilisação.

Entre estes, os escravos eram os individuos que se obtinham pelo trafico no interior e sobre quem recaía todo o trabalho cujo producto era auferido pelos senhores. Repugnava o trabalho forçado d'estes desgraçados, mas é certo que a lei benigna emancipando-os, encontrou-os educados de modo a aproveitarem-se da sua liberdade.

E nas circumstancias em que se encontram os povos d'além-Cuango, terão resultado efficaz as medidas que se projecta fazer vigorar pela força das armas no intuito de libertar os que estão sujeitos á escravidão?

Aguardemos o tempo necessario para obter resposta cabal.

É certo que o nosso procedimento com respeito aos carregadores no serviço da Expedição foi regulado pelas circumstancias, e depois d'elles terem a consciencia da deliberação que fomos forçados a tomar.

Pelo que lemos ultimamente no recente livro — *The first ascent of the Kasaï,* do sr. Charles Somerville Latrobe Bateman, chefe da Estação do Estado Livre no Luebo, este nosso proceder seria taxado de escravista, pois assim considerou elle os contractos feitos pelo negociante Saturnino Machado na administração do concelho de Malanje com os carregadores Jingas subditos portuguezes que a seu serviço encontrou no Luebo. Nós porém appellâmos para o publico que ler os nossos livros. Compare-se o nosso procedimento com o do chefe a Estação de Luebo, que se julgou com auctoridade para quebrar aquelles contractos sem attenção ás consequencias futuras, e por um alistamento simulado a obrigar os Jingas ao serviço da sua Estação; providencia com que se congratula, porque num momento obteve uma centena de excellentes trabalhadores agricolas!

Os nossos contractados e soldados não tiveram tempo determinado, nem podiam tê-lo, para se alistarem ao serviço da Expedição. Os de Loanda, que se contractaram em 9 de junho de 1884, terminaram o seu serviço quando regressaram á mesma cidade em março de 1888.

Se encontrassemos o sr. Bateman no nosso transito nas epochas mais criticas da nossa viagem, isto é quando os carregadores deixaram de receber rações — 100 réis por dia ou o seu equivalente na moeda que corresse durante seis mezes — creia que se arriscaria a muito, se ainda assim, se lembrasse de desinquietar estes nossos contractados para abandonarem o serviço da Expedição.

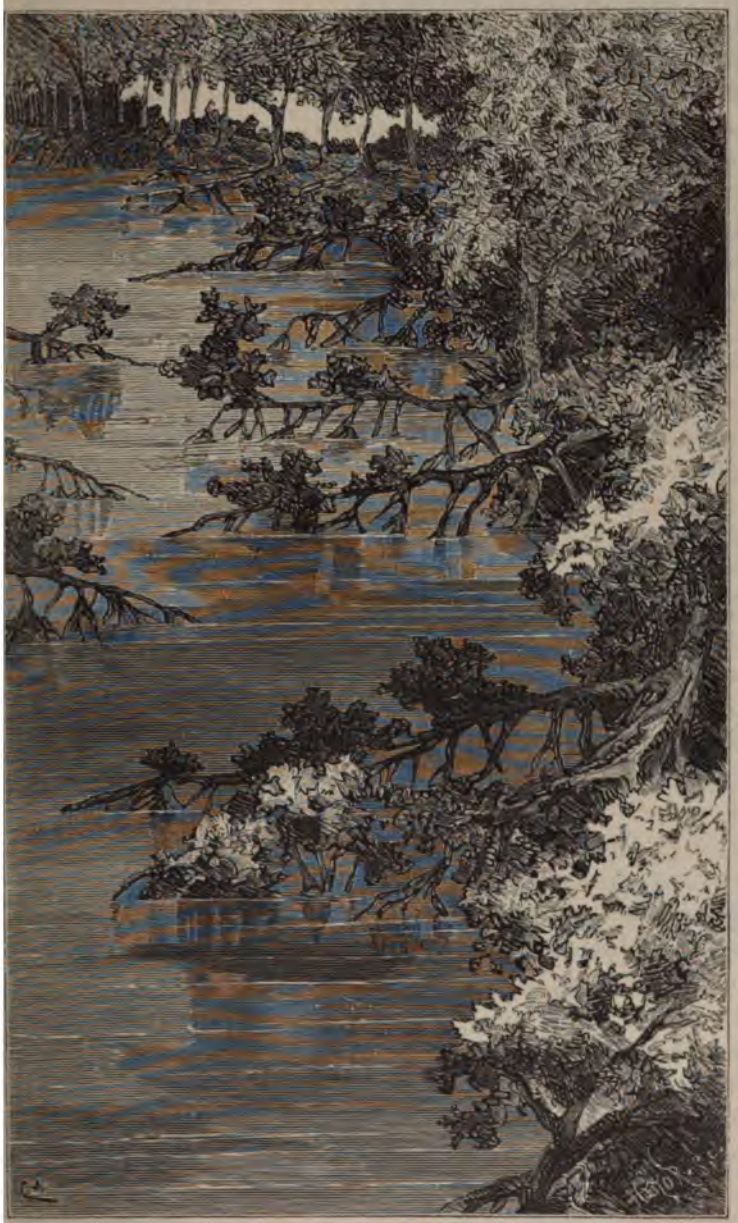
Porque é que o sr. Bateman não poz um termo aos contractos feitos pelos exploradores allemães em Malanje e por H. Stanley com os homens a seu serviço, alguns angariados na Africa oriental á falsa fé, e que não sabiam quando teria fim o seu fadario?

Se as auctoridades portuguezas nas grandes provincias do littoral procedessem como o sr. Bateman, nenhum explorador estrangeiro lograria internar-se por ellas no continente, e o que diriam então os governos das nações a que pertencessem esses benemeritos da sciencia?

E na verdade para a nossa causa, era bem melhor que assim tivessem procedido.

A pratica mostra-nos que por ora na Africa não civilisada — e já não é pouco a que temos de exceptuar — o europeu tem de ser opportunista, de obrar segundo os acontecimentos que se succedem vertiginosamente, sem leis conhecidas que os determinem, e pelo procedimento dos individuos de que tem de acercar-se.

Não dispomos de grandes recursos civilisadores, e por muitas vezes os nossos sentimentos humanitarios baqueiam perante o que estamos presenceando. Ainda não chegámos á epocha que desejaramos, e para a qual Portugal tem trabalhado onde quer que tem feito tremular a sua bandeira, de espalhar missões com o unico fim de civilisar os povos.



RIO CUENGO

A obra não era para um dia, assim o comprehendeu Portugal que ia caminhando de um e outro lado do Continente para o seu centro. As ambições da sua antiga alliada a Inglaterra, depois que se apossou do sul, irrequietas por conhecerem o que havia nesse centro, não querendo tolerar delongas e precipitando-se, despertaram ambições ás nações que precisavam de colonias para alargar os mercados do seu commercio e a nossa obra das missões paralysou deante das desenfreadas cubiças com que se procurou penetrar no amago da Africa e arrancar de lá as fabulosas riquezas que se presuppunha existissem nos vastos senhorios em que ella se dividia.

Em tempo algum essas riquezas pagaram as despezas que se fizeram em procurá-las, e com estas pesquizas os povos só reconheceram novas necessidades e não se lhes fez comprehender como satisfazê-las. As explorações scientificas a determinados pontos ou as gloriosas travessias em diversos sentidos tiveram de arcar com as difficuldades levantadas pelos deanteiros do commercio, que por ultimo já se contentavam com o trafico de gente.

Na sua passagem dispenderam todos os recursos de que dispunham no intento de cumprir a sua missão, satisfazendo por uns dias a avidez do gentio, mas não são um ou dois europeus isolados residindo mesmo alguns mezes junto d'elle que o podem educar modificando-lhe costumes.

Alguns indicios que se notam nos povos do centro de Africa, como habitos novos em substituição dos que lhes eram proprios, são devidos a uma influencia, mais ou menos directa dos Portuguezes, e neste caso podem citar-se a plantação de mandioca, de tabaco, de feijão e de algumas hortaliças; a substituição das flechas e armadilhas de caça, pelas armas de fogo; a fiação do algodão e o fabrico da tanga em substituição das pelles de animaes; o fabrico dos cachimbos, etc. E pode dizer-se que pelo occidente foram os Ambaquistas e Bângalas que os foram implantar nas terras onde se demoravam para o negocio, e que se generalisaram pelas vantagens que se lhes foram reconhecendo.

Infelizmente nestes dois povos influem muito os caracteres regressivos e uma vez entre os gentios, ao contrario do que era para desejar, submettem-se aos antigos usos que constituem as suas leis, não os preparam para a modificação, não os podem educar, mas lembram-lhes as necessidades que adquiriram com o contacto de povos civilisados.

Acreditâmos que é mais facil hoje ao europeu preparar para a civilisação os povos que não tenham tido relações directas ou indirectas com o commercio que lhes é extranho, do que aquelles a quem este de algum modo se lhes tornou conhecido.

CABO ANTONIO

É por isto mesmo que qualquer viajante no centro do continente tem de regular o seu proceder pelo dos individuos com quem vive.

Pela vistoria que fizemos a todas as cargas no Valle das Amarguras conhecemos que os carregadores tinham feito roubos, principalmente nos artigos enfardados; tambem fomos avisados nas vesperas de deixarmos a Estação Costa e Silva de varios furtos de objectos que se venderam nas povoações vizinhas, e pautando depois o pagamento das rações por causa das más circumstancias de modo a ressarcir em parte esses roubos, mal podiamos suppor o alcance d'esta providencia, porque indo pagar as rações, tanto na polvora como nas missangas, por nós devidamente acondicionadas naquelle valle no mez de abril, reconhecemos dois mezes depois grandes desfalques tanto nos barris de polvora como nos volumes de missangas.

E estes roubos só foram feitos pelos carregadores que estavam ao nosso serviço, e no transporte das cargas para o acampamento Francisco Maria da Cunha e d'este para o logar em que nos achavamos.

Mostrou-nos este grande desfalque, com que deparavamos em circumstancias que já julgavamos criticas, que o modo de acondicionar a polvora e missangas para viagens como esta, em que tinhamos de confiar os volumes a carregadores, devia de ser outro.

Não ha vigilancia possivel no transito, a não ser que pudessemos dispor de um guarda, de um olheiro de confiança — que não podia ser senão europeu interessado na causa da Expedição — para acompanhar constantemente um certo numero de carregadores, sendo obrigado a fazer parar esse grupo todas as vezes que um d'elles, a pretexto de qualquer necessidade, parasse tambem.

Em marcha por trilhos em que uns andam mais apressadamente do que outros, em que alguns se atrazam para beber agua ou internar-se no mato, e em que muitos querem descançar um pouco arreando os fardos, etc., por maiores cuidados que haja de vigias, e devido a forma porque os volumes são transportados attentas as questões de economia e de distribuição de peso, ha sempre logar e ensejos para se fazerem os roubos.

Os roubos feitos nas cargas pelos proprios individuos que as transportam é uso muito antigo, e houve negociante que se lembrou de levar balanças comsigo para verificar o peso d'ellas de jornada em jornada e exigir a responsabilidade a quem cabia.

Mas para isto se fazer era indispensavel que as cargas fossem pezadas e revistadas todos os dias antes de se levantar o acampamento, na presença dos carregadores a quem eram distribuidas, e d'elles se recebessem no novo acampamento tambem depois de pezadas; e que as cargas assim verificadas fossem convenientemente resguardadas em logar afastado e seguro e vigiadas sempre de dia e de noite por individuos de confiança.

Quanto trabalho, quanto tempo e paciencia não requer este systema? E haverá sempre opportunidade para o seguir systematicamente?

De facto alguma cousa se ganharia com elle, quando pelos contractos que se fazem com os carregadores ha garantias de se alcançar o pagamento dos roubos, mas é preciso que se saiba que os povos que acceitam os referidos contractos, tambem impõem condições que são bem onerosas e que entre nós correspondem a um seguro de vida. Por exemplo, reputa-se a vida do carregador em um certo numero de peças de fazenda, e quando elle morra, perca a saude ou venha aleijado, consequencias de andar ao serviço da caravana em que se alistou, e se não prove ser isso devido a questões de força maior ou em resultado de accidentes naturaes, o que é sempre difficil, o chefe, o negociante ou a parte que contracta os carregadores tem de pagar pela vida, pelas doenças, pelas deformidades ou por qualquer mazella que tragam no corpo os contractos, o que dá logar a longas demandas, prejuizos e damnos, que nunca são compensados pelos pagamentos de roubos que realmente faz depois a auctoridade gentilica que garantiu os contractos.

Nós cremos que o meio de evitar em parte os roubos é acondicionar todos os artigos em volumes fechados a cadeado, de modo que o envolucro se não possa simuladamente romper ou descoser.

Os carregadores depois de receberem as rações partiram para Angunza Muquínji, emquanto nós tratámos de ir escolhendo as cargas que deviam de seguir primeiro entre as que nos pareceu não ser preciso sujeitar a nova vistoria.

Na tarde do dia 7 regressaram os ditos carregadores com os seus fornecimentos, e á noite Augusto Jayme e o cabo mais conceituado entre elles, o Antonio do soba Angonga, fizeram os seus discursos, convencendo a gente sua subordinada a receber na madrugada seguinte as cargas e a seguir viagem, ficando só no acampamento quem estivesse realmente doente.

Na madrugada de 8 apesar do frio, além da distribuição de cargas ainda fizemos pagamento de rações a alguns quibessas que se apresentaram, e a uns quatro individuos que ao principio se recusaram a fazer parte da caravana pretextando doença.

Augusto Jayme e o Cabo Antonio logo que se levantaram, andaram de cubata em cubata chamando os retardatarios e aconselhando-os a que nos não fizessem estar esperando por elles para se lhes darem as cargas; e nós iamos prevenindo as cousas de modo a evitar incidentes e mesmo discussões desagradaveis, porque não deviamos esquecer que alguns estavam estropiados, e revestindo-nos da maxima paciencia conseguimos que ás 7 horas e meia partisse o sub-chefe com a sua comitiva.

Quando através do arvoredo vimos desapparecer o ultimo carregador, escrevemos no nosso Diario: — «Foram, mas não sem trabalho, luctando-se com a reluctancia manifesta dos menos educados, que preferem estar na ociosidade embora tenham de soffrer privações.

Temos a consciencia que no cumprimento das nossas instrucções empregâmos todos os exforços para obter carregadores, e sujeitos aos poucos que alcançámos vamos marchando de vagar é verdade, mas com economia.

Pensar que não encontrariamos espinhos na missão que acceitámos, seria esquecer as difficuldades com que tiveram de luctar nesta região, principalmente por causa dos carregadores, Rodrigues Graça, Carneiro, Saturnino Machado, Lopes de Carvalho, Schütt, Pogge, Buchner, etc., accrescendo que o nosso transito do Cuango até aqui tem sido feito por caminhos distantes de povoações.»

Tendo partido aquella secção aproveitámos ainda a manhã, antes que o calor do sol se fizesse sentir com mais intensidade, para dar balanço á polvora, conseguindo apenas apurar vinte barris bem cheios com peso de libra, e um resto que se lançou num barril de quinto em serviço e que ficou menos de meio.

Havendo difficuldades no transporte das cargas de munições das nossas armas, contidas em caixas, por causa de seu pezo, e por se não ajeitarem aos usos dos carregadores, e ainda de outras cargas que pela sua grandeza só dois homens podiam transportar e que davam muito incommodo entre o arvoredo, reservámos para as horas mais frescas das manhãs seguintes o serviço de combinar os pezos e grandezas d'ellas de modo a igualá-las e torná-las transportaveis por um só homem.

BUCORAX, SP. (CAZOVO)

REMEDIOS DOS CAÇADORES

ACAMPAMENTO SOLIDÃO DE JULIA

Proximo á margem direita do rio Cuengo, na latitude 8° 15′ 20″ S. e na longitude 19° 3′ 0″ E. de Greenw. e á altitude de 1:106 metros acima do nivel do mar, estabeleceu o sub-chefe da Expedição o acampamento que denominou — Solidão de Julia.

Quiz o nosso collega ser-nos agradavel com esta denominação, associando á soledade do logar o nome que nos era mais querido.

O acampamento assentava sobre uma rampa junto á base da serra a leste, que se ia estendendo para o noroeste acompanhando o rio. A nossa

barraca levantada ao meio d'elle e em maior altura dominava-o, bem como o rio na parte que se via entre o frondoso arvoredo e o descampado além em frente da ponte.

Mesmo de dentro da nossa barraca era esplendida a vista que disfructavamos, o que nos dispoz a reproduzi-la com todo o esmero e vagar.

A serra era alta, e como nos assombrava, sentiamos mais o frio das madrugadas, sendo só depois das 8 horas que o sol começava a incidir sobre o acampamento, e ás 10 tornava-se insupportavel, sendo penoso o ter de trabalhar mesmo dentro da barraca.

Quizemos subir ao alto da serra, porém a certa altura o trilho que percorriamos conduzia-nos para o lado do sul, e seguimo-lo, na supposição de ser um desvio tão frequente nas abas das montanhas, o qual por correr entre o arvoredo e alto capim não nos deixára ver que iamos deparar com um bonito planalto, em que terminava a serra para o lado do sul. Descia-se d'ali uma suave rampa até ao rio que a vinha contornar por esse lado, seguindo a serra para leste e depois para sudoeste.

O planalto estava mascarado com grandes arvores em redor, porém tinham-se feito ali recentemente derrubadas importantes, e encontrámos todos os indicios de que fôra abandonado, não haveria muito tempo, por uma pequena população que lá se estabelecêra.

Vimos algumas cubatas em parte já arruinadas com o solo batido entre ellas, fragmentos de panellas e de cabaças, pedaços de esteiras, cascas de bananas e de mandiocas, um pilão de madeira já usado, o terreno sujo de fuba em differentes pontos, e caminhando um pouco para a extrema, nas rampas para leste e sul vimos lavras de mandioca e milho ainda em principio.

Notámos bons exemplares de vegetação arborea de grande porte, e se não fosse o alto capim e os arbustos por certo que a povoação devia de ser vista das margens do rio, que nós de cima podiamos descobrir por vezes no seu curso tortuoso para o noroeste.

ACAMPAMENTO SOLIDÃO DE JULIA

Descendo pelo lado de sudoeste para o rio, logo que chegámos á sua margem e nos logares em que o capim rareava, o solo de distancia em distancia mostrava ter sido pisado recentemente pelo cavallo-marinho, e esses vestigios, visto o seu numero e direcção, indicavam a presença frequente ali de varios individuos.

O sub-chefe dissera-nos, que em mais de uma noite e proximo do acampamento haviam elles dado signal de si pela expulsão ruidosa da agua, e que o velho Matheus e mais alguns companheiros tinham ido fazer-lhes uma espera na margem para o lado do norte, em que tambem se viam os indicios d'elles ahi procurarem pasto. O animal ou animaes fugiram porém do logar em que eram esperados e continuaram rio abaixo, certamente por causa das fogueiras que os caçadores accenderam para se aquecerem e tambem com receio de serem surprehendidos por elles.

Depois do almoço continuámos a inspecção do terreno para o lado do rio com José Faustino. Como este dizia ter visto bom peixe, munimo-nos de dois cartuchos de dynamite para fazermos uma tentativa de pesca, porém o rio que tinha apenas 20 a 30 metros de largura em frente do acampamento, além de fazer amiudadas curvas era muito fundo, sendo a corrente de grande velocidade (6 milhas por hora). A sua agua era limpida, muito saborosa e fresca.

É opportuno dizer já o que notámos com respeito á largura de diversos rios que passámos, para se não suppôr que ha desaccordo entre as nossas medidas e as de outros viajantes, que podem referir-se aos mesmos pontos de passagem ou a pontos muito proximos. As larguras dos rios estão dependentes das epochas em que se passam. Assim a este, nos mezes de fevereiro a abril, acreditámos que lhe dêem uma largura, no ponto em que o passámos, talvez de 100 metros ou mais, em quanto no seu leito em alguns pontos não chegava a ter 20. O rio Luí, que passámos com intervallo de dois mezes, a primeira vez em outubro e a vau, regulava por 40 metros, e em dezembro tendo de o passar em canoa approximava-se a

sua largura de 100 metros, notando-se que os pés de milho na sua margem esquerda indicavam que a agua tinha chegado já a maior altura, e por conseguinte que o rio tinha ahi sido mais largo.

Convencemo-nos mesmo de que a hydrographia da região central em que andámos, tem variado bastante com os tempos. É para acreditar que muitos dos affluentes dos rios principaes fizessem outr'ora parte dos mesmos rios, havendo muito mais ilhas do que hoje se notam, e d'isto nos dão ainda indicios o Luangue com o seu affluente Luangue pequeno; o Lôvua com o seu affluente Luele; o Calanhe, o Cassai e o Luembe, nas partes em que os passámos no nosso regresso, em que as ilhas baixas que nestes vimos, tendem a desmoronar-se pelas correntes das aguas, ficando nos dois primeiros memorias d'ellas, nas pedras que affloram aqui e acolá, e que em alguns pontos, no tempo do estio, dão passagem a vau de uma para outra margem.

Marginando o Cuengo em 4 kilometros de percurso — estabelecendo bases ora numa ora noutra margem — em alguns dias conseguimos ter uma planta approximada d'esta parte do rio, não encontrando na margem direita, para o lado do norte, indicios de trilhos frequentados para o interior, o que nos fez crer que não havia povoações proximas.

A canoa só podia navegar seguidamente por alguns metros, porque o rio estava muito obstruido com troncos de arvores, alguns dos quaes mergulhando crearam raizes no fundo e fizeram-se novas arvores ligadas ás das margens.

Para o lado do norte offerecia tão curioso aspecto esta obra da natureza, que numa occasião, fugindo á elevada temperatura do acampamento, fomos para o centro da ponte e de lá nos entretivemos a desenhar a paizagem. Como se vê pelo desenho, as pernadas de troncos quasi horisontaes ligaram-se ao leito e seguiram de uma e de outra margem, formando arcadas a atravessar o rio, e d'essas pernadas de distancia em distancia desenvolveram-se novos exemplares diminuindo em altura para dentro do rio.

D
C
A
Senzála
Malunda

Em alguns ainda se viam as fiadas de filamentos e raizes aereas que caíam dos troncos para o leito do rio e que com o tempo iam engrossando.

Como era de prever foram pouco felizes os nossos homens na tentativa de pesca, no que se entretiveram ainda assim os que nadavam, durante uma grande parte do dia. Na canoa foi José Faustino até onde poude, lançou a distancia o primeiro cartucho de dynamite retirando immediatamente, e os que estavam na margem vendo pouco depois á tona d'agua algum peixe que ia levado na corrente, saltaram logo ao rio para apanharem o peixe que vinha á superficie, perdendo-se porém muito. Foram mais felizes os que correndo pela borda d'agua, foram mais adeante lançar-se no rio e esperá-lo nos pontos onde a corrente ia de encontro ás curvas mais pronunciadas da margem.

Á borda do rio vimos algumas palmeiras novas que julgámos ser plantação de moderna data, por não encontrarmos proximo exemplar algum d'onde pudessem provir, e acreditámos ser trabalho da população que se estabelecêra no planalto.

Não nos pareceu acertada a escolha do local para residencia permanente, não só por estar num ermo, mas ainda por o julgarmos insalubre, e se na epocha em que estavamos a grande humidade durante a noite não fazia sentir mais os seus effeitos, deve attribuir-se isso á ardencia do sol, modificada em parte pelas grandes rajadas de vento que todos os dias quasi á mesma hora vinham beneficiar-nos.

Mas se isto se dava nos mezes de julho e agosto, não succederia o mesmo nos mezes das grandes chuvas, e quando os ventos predominassem de leste e de nordeste, tornando a quadra de certo muito doentia. Ainda assim devemos dizer que soubemos mais tarde não ser o abandono da povoação devido a isso, e sim por termos acampado na sua vizinhança e estar no Cassassa o filho do Muatiânvua Noéji, que os grandes da Mussumba chamaram para tomar o governo do Estado.

A povoação que ali se estabelecêra era composta de Lundas, mas vivendo sempre afastados da côrte ouviram fallar do

Muatiânvua como de um tyranno a cuja vontade nunca ninguem se oppozera, e receavam que nós filhos de Muene Puto que iamos ao seu encontro, os levassemos presos para o serviço d'esse potentado.

Os povos vizinhos do Cassassa por muito tempo se persuadiram que fôra Muene Puto quem ordenara que aquelle personagem, vulgarmente conhecido por Xa Madiamba, tomasse conta do Estado, e que nós iamos acompanhá-lo.

E isto espalhou-se de tal modo, que nas pequenas povoações do Cuengo ao Cuílo a gente fugia de nós, e foi este o motivo porque Angunza Muquínji não conseguiu fornecer-nos carregadores. Todos tinham receio de se apresentarem deante do Muatiânvua, e por fim esse homem, como veremos depois, só tinha força quando lh'a queriam dar os que se lhe foram aggregando e que nisso interessavam.

Estavamos effectivamente numa quasi solidão, por que os poucos homens que ficaram comnosco logo de madrugada saiam em procura de caça e de provisões. Houve occasiões em que só ficava comnosco no acampamento o cozinheiro.

O nosso tempo era repartido por diversos trabalhos, como desenho, estudo de linguas, correcção e desenvolvimento dos nossos apontamentos ethnographicos e geographicos, etc.

Para desenhador faltavam-nos muitos predicados, comtudo tinhamos paciencia e boa vontade. Rabiscando segundo as regras, procurámos sempre reproduzir com verdade, e assim nos entretinhamos durante as horas mais frescas da manhã, e alcançámos ultimar alguns trabalhos que depois de retocados se aproveitaram para as gravuras que vamos apresentando.

Das 2 para as 3 horas da tarde o calor e a limpida agua do rio convidavam-nos a tomar banho, o que fizemos mas com algum receio do rheumatismo, de que tinhamos padecido bastante em ambas as pernas nos mezes de agosto e setembro do anno anterior quando estavamos em Malanje. Chegámos a tomar uns trinta d'estes banhos. Pensamos que talvez devido a elles é que só de quando em quando sentimos uns ligeiros ameaços do antigo soffrimento.

Haviamos escolhido um optimo logar para o banho, uma especie de bacia na margem assombrada por uma grande arvore, que para recordação desenhámos, e ao tronco da qual nos seguravamos como ponto de apoio contra a velocidade da corrente.

Succedeu que ao quarto ou quinto banho sentimos como uma picada de alfinete na barriga da perna direita ao entrar na agua, porém suppozemos ter roçado por um espinho de qualquer planta e não fizemos caso.

Pouco antes do jantar e já cançados da posição inclinada sobre a mesa em que construiamos a nossa carta, numa cubata que haviamos mandado fazer de proposito para trabalhar, sentámo-nos para repousar; como a ceroula se encostasse á barriga da perna sentimos uma friesa desagradavel que nos impressionou e indo com a mão por fora da calça conchegá-la, pareceu-nos molhada por qualquer substancia pegajosa.

Desatámos a ceroula em baixo com o proposito de ver o que seria; os dedos da mão encontraram sangue, mas não podendo ver d'onde provinha, chamámos em nosso auxilio o cozinheiro que nos ajudou na busca, encontrando-se então uma boa e já repleta sanguesuga, sangrando ainda a cesura que nos deixára.

Era uma sangria sem se esperar, e alegramo-nos por ver que o sangue, contra a nossa expectativa, já não era tão descorado como o que corrêra de um golpe que fizeramos na mão havia mezes na Estação Costa e Silva.

Um outro accidente nos estava reservado para a noite d'esse dia. Em tal estado se encontrava a nossa cama de campanha, que alta noite ao virarmo-nos de um para o outro lado, rasgou-se ella em todo o seu comprimento, e nós entalámo-nos de modo que foi preciso o auxilio do criado que dormia numa cubata proxima para nos desenvincilhar da armadilha em que cairamos.

D'ahi em deante foi preciso trazer sempre a cama ligada com uma tira de lona, que de tempos a tempos se apertava para se conservar tensa.

A caça foi um grande recurso que nos appareceu pelos arredores, mas já depois de estarmos por mais de quinze dias sujeitos nós e os nossos rapazes a uma dieta de mel, alguma fuba que de dias a dias se obtinha e pequenas porções de jinguba e de feijão.

A caça principiou pelas corças, mas na noite de 30 os caçadores enthusiasmaram-se porque se sentiram os cavallos-marinhos proximo, e o mestre Augusto Jayme teve occasião de sujeitar á prova os remedios apregoados pelo mezinheiro lunda, Quimuanga, senhor de uma povoação de Angunza Muquinji na margem do Camaxilo, que sendo tambem um afamado caçador se fizera amigo de Jayme, nosso Muxaela, e de outros rapazes da expedição.

Quimuanga era alto, magro, mas forte e muito direito; pouco mais teria de 40 annos. Usava o cabello rapado na frente e o resto todo eriçado e amarrado atrás no alto da cabeça. A pera trazia-a comprida e entrançada. Apenas se cobria com uma curta mabela da cintura para baixo, sujeita por larga correia onde enfiava uma bolça de couro, e entre a correia e o corpo trazia sempre a sua pequena faca na bainha. Não largava nunca a espingarda, e no braço direito apertado por dois fios, usava elle como amuleto um fructo secco a fim de que o braço nunca vergasse depois da arma posta em pontaria. Do pescoço pendiam-lhe tambem, presos por uma fiada de fructos seccos, onde se intercalavam dois bagos de missanga grossa, um chifre de corça tapado com cera cheio de uma mistela especial e uma meia lua feita de marfim. Eram estes os distinctivos do bom caçador, tendo a virtude de afastar todos os maleficios que o pudessem prejudicar depois de apontada a arma a qualquer animal.

Era a este homem a quem Angunza Muquínji confiára a vigilancia do seu sitio até ao Lubale, e era elle quem determinava quando se devia proceder ás queimadas dos matos e o modo de as fazer.

Dissera-nos no dia 16 que em breve se faria uma queimada, e que nos preveniria de vespera para tomarmos providencias

relativamente á segurança do acampamento, mas logo no dia immediato depois do nosso almoço, sentindo os estalidos do capim que ardia assoprado por um vento forte, saimos da barraca para saber o que se passava, e appareceu-nos o cabo da força dizendo: — É o mato que está ardendo; o fogo ameaça vir para cá, e se o meu major dá licença vou buscar a minha arma e faço-o suspender a marcha.

— Vaes fazer-lhe fogo?

— Não senhor, vou atacá-lo para o não deixar passar, mas levo-a por que se a minha cubata se incendiar não quero que a espingarda arda tambem.

— Está bom, mas é melhor deixar a arma onde está, e chamar a gente que aqui temos para nos seguir. Ao todo eramos apenas dez, contando com duas mulheres.

QUIMUANGA

O fogo estava ateado á distancia de uns 400 metros do acampamento, e como era impellido do sul para o nosso lado, munimo-nos de grandes ramos de folhagem, e a 200 metros em torno do acampamento fomos queimando uma larga facha de capim a contar do rio pelo sul e leste, até o mais proximo possivel do acampamento, batendo com os ramos de dentro para fora, e assim se conseguiu que as labaredas da primeira queimada que eram impellidas pelo vento chegando a facha já nua de vegetação se extinguissem ahi.

O trabalho foi fatigante, porém depois do meio dia estavamos descançados; e um pouco antes do sol posto, como o vento continuasse ainda do mesmo lado, deitámos fogo ao capim da banda do norte e assim nos isolámos para o caso de futuras queimadas. Pois apesar d'esta providencia com que julgámos poder descançar, duas noites depois, seria hora e meia, acordámos sobresaltados por causa do calor abrasador e dos clamores da gente, e vimos a nossa barraca completamente illuminada.

Saltámos logo para fora dando com a cubata do nosso vizinho a arder, devido ao descuido de um soldado que dentro de outra contigua, e que já tinha sido pasto do incendio, fizera uma fogueira, de que seria victima se o não arrastassem de lá ainda adormecido.

Felizmente não havia vento, e conseguimos, não sem custo, localisar o fogo abafando-o com areia. Para isso apenas contavamos com quatro homens para nos ajudar, conscios de que não faziamos cousa nova porque conheciam os usos de Loanda. Os outros, os carregadores, olhavam para o fogo pasmados, contentando-se em fazer commentarios sobre a falta de cuidado e sobre a desgraça que podia succeder, porquanto a nossa barraca, onde havia algumas cargas e polvora de uso, estava apenas a dois metros de distancia do incendio.

Como estivessem immoveis e desanimados e prejudicassem o serviço, ordenámos-lhe que retirassem, e como nos vissem a trabalhar, alguns entenderam então afastar-nos e auxiliaram os outros.

Entre alguns objectos perdidos, lá ficou o armamento e uniforme do soldado.

Foi esta mais uma indicação para que de futuro as cubatas nos acampamentos se construissem isoladas umas das outras, ficando as nossas distantes das mais; nunca se conseguiu porém que os indigenas assim o fizessem expontaneamente, por que lhes convem a sua accumulação, não só para a conversa da noite com os vizinhos, mas ainda porque conservam d'este modo uma temperatura que lhes é mais agradavel, pois se a

uns falta o fogo sempre ha uma ou outra cubata que o mantem, e finalmente, porque unindo umas cubatas ás outras com troncos e folhagens, suppõem-se assim ao abrigo dos animaes ferozes durante a noite.

Augusto Jayme depois que saíra de Angunza Muquínji, queixara-se de que fazendo uso da nossa boa arma Stein tinha errado a pontaria umas poucas de vezes. Por mais que lhe dissessemos que isso não nos surprehendia, porque era difficil á bala ferir o animal na carreira, o que elle faria com facilidade com as armas lazarinas usando cargas de chumbo, não o comprehendia, e julgava-se enfeitiçado pelos invejosos. Foi por este motivo consultado Quimuanga que era experto, e que assim encontrou um meio de agenciar alguns proventos pelo seu trabalho, o qual durou quatro dias.

Na margem do rio e occultos de vistas profanas se fizeram os remedios e as oblações aos idolos especiaes da caça. Os remedios consistiram em Quimuanga lavar o corpo de Jayme desde a cabeça até aos pés com aguas onde se misturaram folhas de arvores e arbustos de reconhecidas virtudes, e que foram procurados por elle; e tambem na preparação de especificos, em que entravam folhas amassadas com sangue de gallinha, pequenos ossos e dentes de animaes triturados, raspas de cascas de determinadas arvores e ainda pedacitos de troncos de arbustos com rebentos, sendo tudo mettido em chifres, pequenos troncos furados, ou affeiçoada a mistura em forma de bolos e estes envolvidos em trapos de côres. Estes objectos eram, uns para se suspenderem ao pescoço, outros para ligar aos braços ou ás pernas do caçador e outros tambem para prender ás armas com que elle devia caçar.

Foi-nos permittido assistir a estas cerimonias, querendo assim Quimuanga dar uma prova de que a nossa arma nada tinha a soffrer.

Em local apropriado abriu-se entre o arvoredo um caminho para o rio, e proximo á margem limpou-se um espaço da vegetação rasteira. Ahi sob um pequeno telheiro levantado um pouco acima do solo, tinham collocado um boneco de madeira

acocorado, tendo fitas estreitas á cintura, ao pescoço e nos braços. A um lado do telheiro plantara-se uma pequena bananeira e do outro estavam dispostos dois cones de capim secco, um tapava uma pequena panella contendo agua, cascas e folhas e uma porção de ramagem de arbustos enfeixada em forma de vassoura, o outro cobria dois pratos de louça, um tendo pedaços de mandioca e jinguba e o segundo a ampembe, substancia terrosa que se esmaga facilmente entre os dedos e que suja de branco — é cousa indispensavel principalmente para todos os povos além do Cuango, e tanto mais se observa o seu uso quanto mais nos internâmos no sertão.

A nossa arma envolvida num panno estava encostada a uma forquilha, entre o pequeno telheiro e a bananeira. Esta planta tinha em redor uma caldeira onde estava pingando constantemente agua de uma panella suspensa, que tinha um orificio aberto no fundo. Nesta agua tambem se viam folhas de arvores.

Em frente do telheiro espetadas no terreno, e pouco distantes uma da outra, estavam duas forquilhas da mesma altura.

A cerimonia principiou por o mestre Quimuanga se dirigir ao rio e numa gesticulação exagerada invocar o idolo, senhor tutelar das aguas, para que viesse pura e livre de maleficios a que devia passar-lhe pelos pés e mãos e limpá-los de qualquer cousa má, a fim d'elle poder apresentar-se condignamente ante aquelle que dá couto á caça perseguida. Sentou-se á beira do rio de modo que os pés ficassem cobertos pela agua, movendo-os para os lados e proferindo umas palavras sacramentaes. Curvou-se depois e fez o mesmo com as mãos, e fallando sempre escorreu a agua das mãos e em seguida dos pés.

Veio pôr-se depois entre as forquilhas á frente do telheiro, gesticulou de novo, deu alguns saltos, desguarneceu a cabeça dos enfeites que a ornavam, como pennas, e dois pequenos bonecos de madeira que terminavam em forma de prego já enegrecido das gorduras e do tempo, o que tudo poz sobre o estrado em que estava a figura do idolo que invocava.

Descobriu o que estava debaixo dos cones, e trouxe o prato da comida que veiu offerecer ao idolo, acompanhando a offerta

de palavras rituaes, no que se demorou algum tempo, pondo-o depois no chão em frente d'elle. Fez o mesmo com o prato da ampembe e collocou-o ao lado do primeiro. Em seguida foi ao pé da bananeira e recebeu nas mãos algumas gotas de agua da panella, esfregou uma na outra e poz-se em frente do idolo, continuando a esfregar as mãos até ficarem bem enxutas. Agachou-se então e com um pequeno pedaço de ampembe riscou uma cruz no peito e uma em cada palma da mão, dirigiu-se em seguida para a arma que a pouco e pouco e sempre resmoneando desembrulhou, indo deitá-la depois sobre as duas forquilhas.

Trouxe depois a panella com agua, que ao principio estava coberta, para defronte do idolo e para junto da arma, levantou-a ao ar, e apresentando-a ao idolo bebeu algumas gotas. Tomou depois uma porção de ampembe que apertou entre as mãos, deixando cair o pó na agua, mecheu-a bem com o ramo das folhas e borrifou depois a arma com este ramo em todos os sentidos, virando-a e revirando-a sobre as forquilhas, fallando e gesticulando sempre.

Acto continuo chamou Augusto Jayme a quem esfregou os braços e mãos com as folhas e cascas que estavam na agua, e com a ampembe fez-lhe uma cruz em cada palma da mão, e disse-lhe que separasse os canos da coronha da arma, sendo elle quem lavou os canos por dentro e por fora.

Juntou depois as peças da arma, e pela coronha fez correr alguns pingos da agua que foi cair no pé da bananeira; limpou a arma com o panno em que depois a tornou a involver, deitando-a assim na forquilha e tapada de modo que não pudesse ser vista. Tomou depois tres bagos de jinguba e um pedacito de mandioca e deu-os a comer a Augusto Jayme, que ficou assim na malala, até que desse o primeiro tiro na caça.

A malala, é o regimen a que se sujeita o individuo a quem se fazem os remedios, consistindo não só na escolha da sua comida que é feita em vasos separados dos usados pela familia, mas no modo de a tomar, que deve ser em logares reservados, obrigando tambem ao isolamento a sua companheira

favorita, unica pessoa que o pode servir. Elle e ella não fallam com pessoa estranha emquanto estão na malala, entendem-se por gestos, e só a mulher é que pode dirigir-se aos servos.

É geral o attribuir-se o mau successo nas caçadas a infracções dos preceitos pelas mulheres durante a malala, soffrendo ellas as consequencias ás vezes bem desagradaveis do seu malogro. Neste casal tivemos um exemplo d'isso mais tarde. Nunca podiamos suppôr que viesse á questão a malala de que estamos fallando, e fomos obrigados a intervir para evitar que se desse execução a certas deliberações de cuja severidade a mulher de Jayme devia de ser victima.

Augusto Jayme ficou na malala até á primeira occasião em que se lhe deparasse um animal para matar, e a sua companheira Maria esteve tambem na malala para o seu serviço no respeitante a comida, tendo de dormir na cubata em que cozinhasse. Na arma só os dois podiam tocar emquanto esta não fosse posta á prova.

Se o primeiro tiro fosse bem empregado era o remedio bom, e acabava a malala com uma grande festa feita pelo caçador, reunindo-se todos os seus amigos principalmente os caçadores; do contrario, não entrára bem na malala, faltára alguma cerimonia indispensavel nos remedios do anganga (mesinheiro) ou então houvera infracção dos preceitos, que o anganga procuraria adivinhar, e neste caso é sempre a mulher quem padece, porque só a ella se attribuem as infracções. Ha sempre amigos do caçador que começam a prescrutar até os mais insignificantes movimentos da mulher durante a malala, e chegam mesmo a lembrar-se de circumstancias anteriores que possam causar o seu malogro, inclusive se ella em tempo pelos seus gestos e meneios se tornou reparada por algum rapaz, emfim buscam um pretexto qualquer para desacreditá-la e de sorte que nunca se deslustre a fama que tenha adquirido o seu companheiro como bom caçador.

Augusto Jayme teve permissão de retirar do logar das cerimonias, as quaes terminaram por Quimuanga distribuir pedacitos de mandioca e jinguba aos circumstantes para comerem,

fazendo em seguida com a ampembe cruzes nos peito e palmas da mão de cada um. Por ultimo poz na cabeça as suas pennas e mais ornatos, foi depositar a panella no seu logar debaixo do cone de capim, lavou os pés e mãos no rio como fizera ao principio e tomou os pratos já como pertença sua. Fallou então aos circumstantes sobre os bons remedios que havia feito, e na certeza que tinha de que os feitiços eram impotentes, o que o caçador em breves dias teria occasião de provar.

Na margem do rio mascarado pelo arvoredo, e depois pelo capim, lá ficou o monumento que dará talvez motivo a investigações de viajante extranho a estes costumes que por acaso o encontre.

Na noite de 30 era grande como dissemos o enthusiasmo dos nossos caçadores, porque Jayme sentindo os hippopotamos saíra da barraca com a arma e dirigia-se para o rio. Os seus rapazes, que estavam em roda das fogueiras para se aquecerem, foram logo armar-se e seguiram-no fallando baixo uns com os outros, mas de modo que todos ouvissem, segredando que se não devia gritar para não espantar os animaes e que se diminuissem as chammas das fogueiras.

Jayme passou a ponte e seguiu para sul, indo esperar a caça, emquanto alguns seguiam pela margem direita no rumo de norte, pois conhecia-se que os hippopotamos ainda vinham longe. Os da margem quizeram mesmo atirar sobre os animaes, emquanto elles estavam dentro de agua, e obrigá-los assim a seguirem na corrente e a passarem debaixo da ponte.

Pelo que disseram os entendidos era uma familia composta de pae, mãe e uma cria, e esta como mais inquieta vinha a terra pastar, chegando mesmo muito proximo de Jayme que em principio a não vira.

Já descorçoado e na supposição de que todos haviam seguido para baixo, pois os sentia longe, ia para retirar quando perto de si viu uma enorme massa que se movia, fez então dois tiros seguidos contra o animal, o qual correu logo para a agua.

Petiscando lume conseguiu incendiar um feixe de capim secco, e indo no rasto da caça viu pelo caminho algum sangue

até ao rio. Andou ainda pela margem algum tempo, e como não visse indicio algum de paragem, suppoz que o hippopotamo tivesse ido na corrente e voltou para o acampamento.

A malala tinha terminado, e elle durante a noite não podendo socegar combinou com os seus rapazes irem de madrugada fazer um reconhecimento ás margens para o sul, pois tinha a certeza de ter ferido o animal.

Na manhã de 31 seriam 8 horas trabalhavamos na nossa cubata, quando sentimos tiros de fuzilaria um pouco distantes.

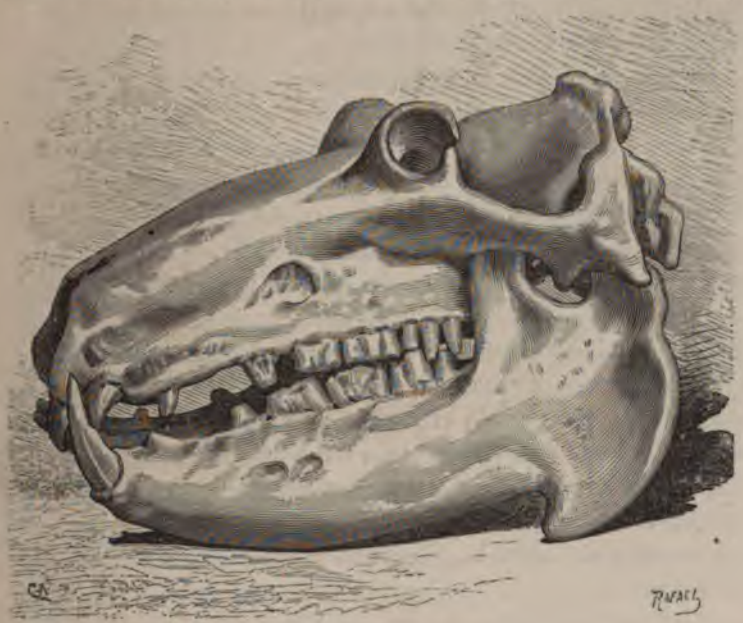
CAVALLO-MARINHO

Era este o signal de que fôra encontrado o cavallo-marinho ferido por Jayme. A alegria foi indescriptivel, e nós mandámos prevenir Jayme que não esquartejasse o animal porque queriamos ve-lo e medi-lo.

Fomos pela margem direita, tendo de atravessar um vasto descampado onde o rio faz curva muito pronunciada para oeste, e que deve ser um formidavel pantano no tempo das chuvas. Tivemos de passar o rio aos hombros de Marcolino, o qual caminhou sobre uma armadilha perigosa de madeiros

mergulhados na agua aguentados por tirantes aos troncos das arvores nas duas margens, e em seguida uma outra ainda mais perigosa lançada num braço que o rio formava para sudoeste, passagem que se podia ter evitado se o houvessemos contornado.

Chegámos emfim ao reconcavo da margem onde encontrámos o animal de barriga para o ar, entalado nos troncos de uma grossa arvore já desligada da borda e a descoberto d'agua,



CRANIO DE CAVALLO-MARINHO

sendo necessario os reiterados esforços de mais de vinte homens para d'ahi o tirarem e arrastarem-no para terra.

Conseguimos desenhá-lo em escala, nauseando-nos por vezes emquanto tratavamos de medir-lhe a cabeça, por causa dos gazes que se exhalavam do seu interior. E tão incommodado nos sentiamos, que para desenhar as mãos e pés do animal pedimos que no-los levassem ao acampamento separados do tronco.

O animal que era muito corpulento, e ao qual os entendidos davam dois annos de idade, tinha de comprimento $3^m,80$ contados da raiz da cauda delgada e curta ao focinho, e $2^m,20$ d'aquelle ponto ao delgado do pescoço. O corpo descaia ao meio e a altura, da quebra das costas ao ventre era de $1^m,20$, sendo mais alto atrás. A cabeça tinha $0^m,70$ de comprimento. Em pé o animal apresentava de frente uma altura de $1^m,50$. Tinha os pés e mãos compridos e abaulados superiormente. Bastante largo e sobre o redondo o tronco, na sua parte mais larga pouco menos teria de $0^m,90$.

Os olhos e orelhas do hippopotamo são pequenos em relação ao comprimento da cabeça e grandeza da bocca; a região frontal é espaçosa. A cabeça escarnada do individuo de que tratâmos, está no museu da Sociedade de Geographia de Lisboa, e é d'ella o desenho que apresentâmos.

O hippopotamo tem a pelle grossa e rija, e a carne é de côr muito clara. O alimento do que se matou fôra o capim e encontrou-se-lhe dentro uma grande porção por digerir. Só esquartejado é que os rapazes conseguiram transportá-lo.

Comprehende-se que este enorme animal tivesse assustado Augusto Jayme quando elle o viu ao pé de si. Foi pelos dois dentes maiores que conheceram ter o animal apenas dois annos. Nós trouxemos tambem para a Sociedade de Geographia uns enormes dentes de um outro que o mesmo Jayme matou na margem do Luembe, mas que por estar muito longe não fomos ver.

Marcolino arranjou-nos logo um bife da carne ainda fresca preparando-o em vinagre, tendo-a esfregado antes com sal e alho. Provámos e achámo-la a um pouco molle. A lembrança do mau cheiro na occasião em que mediramos o animal, fez-nos rejeitar esta iguaria á segunda garfada; no emtanto devemos dizer, que se não tivessemos deante de nós um guisado de carne de corça, arroz com molho de linguiça e um pedaço de sóco assado, é provavel que comessemos todo aquelle bife não conhecendo que era de cavallo-marinho, e que até nos havia de saber bem.

Repugnava o tocar nas extremidades anteriores e posteriores do animal pela molleza e flexibilidade de todas as suas partes e pela frieza da pelle.

É realmente muito ensossa a sua carne, e os indigenas acceitam-na bem por não estarem habituados ao sal como nós estamos, e cremos que seria necessario carregá-la muito com este tempero para que lhe tomasse bem o gosto.

Conservam-na do modo que já dissemos, passando-a ao fumeiro, e os nossos carregadores conseguiram que até á ultima porção não exhalasse mau cheiro, certamente por ter sido preparada ainda fresca, no mesmo dia em que se tirou d'agua, se limpou e esquartejou o animal, o que seria poucas horas depois d'elle ter morrido.

Estava desenguiçado a arma e o caçador, por isso na noite de 31 Jayme convidou o seu amigo Quimuanga e todo o pessoal do acampamento para tomarem parte na lauta refeição que Maria muito prazenteira e satisfeita apresentava aos seus hospedes.

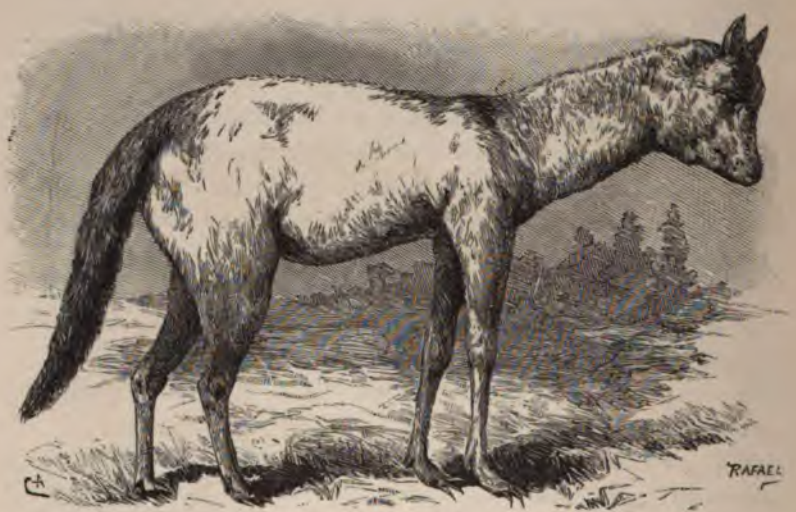
Como de costume terminou a festa com um batuque rasgado até alta noite em redor de uma bella fogueira, conseguindo elles arranjar umas cabaças de garapa, que por ser pequena porção em relação ao numero dos convivas não os embebedou, dando porém alguma animação á festa.

D'esta data em deante raro foi o dia em que um ou outro dos carregadores não apresentava um animal morto no mato para nós o desenharmos. Isto rendia-lhes uma gratificação em polvora e um maior quinhão na partilha dos despojos. De todos os animaes se procurou tirar-lhes a pelle do melhor modo que fosse possivel; dos duplicados só tomámos nota das dimensões.

Assim da palanga ou palanca, de que já tinhamos conhecimento desde o Camau, podemos dizer que nos apresentaram exemplares variando de 1 a 2 metros de comprimento, sendo a altura contando com a cabeça na sua posição natural de $0^m,8$ a $1^m,2$. O comprimento da cabeça regulava de $0^m,15$ a $0^m,22$. As femeas não tinham paus. As orelhas eram grandes e largas, de forma oval e espetadas para a frente. A côr da pelle era

de um amarello torrado. No seu todo o animal é de aspecto pesado.

O sóco (tambem do grupo dos antilopes) é mais delicado que a palanga, elegante, de pescoço comprido, cabeça pequena em relação ao comprimento do corpo que observei ser de $0^m,9$ a $1^m,20$, variando tambem a altura de $0^m,8$ a 1 metro. Os paus dispostos ao alto são delgados, ligeiramente curvados para deante variando na grandeza de $0^m,2$ a $0^m,24$. As orelhas largas, inclinadas para trás, terminam em ponta aguda.



MUIÉO

O focinho é recurvado. As pernas são delgadas, a cauda larga, a pelle amarellada por igual. O sóco é muito ligeiro e fez-nos lembrar a gazella.

A muhanda é animal bonito e elegante, de pello finissima. A que vimos não tinha paus e era considerada muito nova. Tinha um metro de comprimento, a sua altura de frente era de $0^m,85$; as pernas tambem eram delgadas. A sua carne é de um gosto muito delicado; considerâmo-la superior á de toda a outra caça que comemos.

O angolungo, é o cervideo que encontrámos com maior desenvolvimento, com grande armação derreada para trás. Tanto este como a corça foram os animaes que se viram em maior abundancia.

Achámos boa a carne de veado, mas um pouco secca. Dizia-nos um gentio a quem contámos que estavamos mudando as unhas, o que nos succedeu por duas vezes, tanto nas mãos como dos pés, que era isso devido a comermos carne de veado.

ANGOLUNGO

Vimos alguns d'estes ruminantes que tinham mais de 2 metros de comprimento e altura superior a $1^{m},30$, medindo a cauda cêrca de $0^{m},15$.

É animal elegante e de bom porte.

O itengo, foi tambem um dos maiores animaes que vimos, de grandes paus revirados para trás em larga curva protegendo o corpo para além dos quartos deanteiros. Paulo, contractado de Loanda, matára um na margem direita do rio Lubale.

Os Bângalas que viram o itengo disseram-nos existir elle entre o Cuanza e Cuango; chamam-lhe ahi *sola*. Um dos seus paus está no museu da Sociedade de Geographia. A cabeça fez-nos lembrar a do Harrisbok, encontrado pelos nossos ousados e esclarecidos exploradores Capello e Ivens na sua viagem entre o Libonta e o Cabompo, e por elles figurado, e tambem a do Oryx batard, apresentada por Schweinfurth, e a que os Bongos chamam *nanhia*.

É um antilope a que certamente se dá diversos nomes segundo os povos entre os quaes tem o seu *habitat*.

Encontraram os nossos rapazes abundancia de macacos. Citaremos neste logar apenas a pelumba, especie que mais nos impressionou na occasião. É tambem o cúji, e a que em Angola chamam umbalaximba. A pelumba que nos apresentaram era grande; estendida tinha mais de um metro de comprimento. O pello era longo, preto e lustroso, sendo branco debaixo da nuca, sobre os hombros, de um e outro lado das costas até á região dos rins e no peito tambem. Na cabeça forma o pello uma especie de madeixa em rolo caida para a frente. Tambem trouxemos a sua pelle.

A carne d'este animal é muito adocicada, e o figado, que além d'isso é rijo bastante.

São as corças e veados muito frequentes, bem como as gazellas, seixas e outras, e os cães silvestres (mabeco dos Angolenses e muiéo na Lunda), e como d'elles ha variedades tambem figurâmos o que nos apresentaram.

Havendo abundancia de carne no acampamento, mandámos sair algumas diligencias com destino a Angunza Muquínji, para compra de mantimentos — farinhas, feijão, bombó etc., devendo aproveitar a occasião de obterem noticias pelas comitivas que ali acampavam relativamente á caravana que esperavamos de Malanje.

Nós no emtanto dispozemo-nos a marginar o Cuengo até á passagem ao norte, para reconhecer se no caminho chamado do Cundungulo encontrariamos povoações que nos pudessem fornecer comestiveis.

Fizemos uma marcha proximamente de nove kilometros, acompanhando o rio Cuengo pela sua margem direita, e ainda andámos mais dois kilometros já no caminho para o Cundungulo, deparando ahi com um acampamento de Bângalas e de alguns Ambaquistas que viajavam de companhia para a região dos Peindes.

Informaram-nos que aquelle era conhecido pelo — Caminho da fome —; não haviam povoações senão proximo das margens do Lubale, e até lá só se encontravam sepulturas de viajantes que regressando dos seus reviros vinham enfraquecidos e não resistiram á falta de alimentos, que tambem se não encontram depois do Lubale até ao Luchico, onde já se vêem os Quiocos.

Um dos referidos Ambaquistas vendeu um gallo ao soldado Paschoal que nos acompanhára e que para nós o comprou. Depois de guisado por elle mandámos-lhe dar uma parte da ave.

Disseram-nos os Ambaquistas terem noticia de que atrás d'elles seguia de Malanje uma grande expedição, em que vinha um branco montado num boi. Sabiam que tinha passado o Cuango e que acampára em Mona Mahango, mas depois d'isto nada mais tinham ouvido a tal respeito.

Regressámos ao acampamento onde chegámos ao sol posto, e Paulo surprehende-nos apresentando duas cartas que lhe dera um Ambaquista com quem tinha estado em Angunza Muquinji, d'onde havia chegado. Eram do negociante Custodio Machado, uma para nós e outra para o dr. Wolff da expedição allemã no Lubuco.

Queria o Ambaquista, que fazia parte de uma comitiva para aquelle ponto, que Paulo escolhesse das cartas a que era para nós, e como nem um nem outro soubessem ler entregou ambas, ficando de vir depois buscar a destinada ao referido doutor. Este Ambaquista affirmou que eram oitenta as cargas que vinham, e que o sabia por ter ajudado Augusto Cesar a coser os fardos. Esta noticia alegrou bastante os nossos carregadores, e para cumulo de satisfação mataram-se tres corças durante esse dia.

Custodio Machado, attenta a urgencia, contractára carregadores entre os Songos e para mais segurança na passagem do Cuango, fazia seguir junto com a nossa caravana uma outra que expedia para o Lubuco a pedido dos Allemães. Contava fazê-las partir o muito dentro de oito dias, que devia ser em os primeiros dias de junho.

Na esperança de que o portador viesse buscar a carta para o dr. Wolff, escrevi a este explorador dando-lhe noticias nos-

MUHANDA

sas, e como não apparecesse o portador, passados tres dias mandámos um dos nossos homens a Angunza Muquinji a fim de esperar ali alguma comitiva que se dirigisse ao Lubuco, para essa levar as cartas ao seu destino. Encontrou este portador uma grande comitiva de Bângalas e de Ambaquistas de mais de cem pessoas, que lhe disseram terem estado com a nossa caravana em Catala havia 26 dias, tendo contado mais de duzentas cargas, sendo parte d'ellas para Saturnino Machado.

No dia 2 de agosto o Lunda Ambanvo, rapaz ao nosso serviço, deu-nos parte de ter sido avisado que seu amo o Cacuata Caje estava com a sua gente no Cangúia proximo da povoação de Xa Mujinga, e que sabendo onde nós estavamos o mandara logo chamar.

Estava o dito cacuata em questão com o seu companheiro Tâmbu, porque uma rapariga d'este havia enfeitiçado um rapaz que lhe pertencia, o qual morrêra. Isto provara-se, segundo

ITENGO

elles, e portanto Tâmbu tinha de pagar o crime. Se pagasse ficava tudo em bem, do contrario tinham de fazer guerra um ao outro.

Ambos deviam de seguir para o Cuílo, afim de acompanharem Xa Madiamba para a Mussumba, e para se evitarem conflictos no caminho, resolvera Tâmbu seguir directamente para o Anzavo e Caje viera para ali no intuito de se encontrar comnosco e de nos entregar os filhos para o serviço das cargas.

Ambanvo não dava muito credito a este aviso, mas não querendo desobedecer pediu-nos para ser acompanhado por um dos nossos soldados, para que no caso do patrão o querer demorar, este lhe dizer que iam do nosso mandado numa diligencia urgente de que tinham de nos dar a resposta. Ambanvo estava satisfeito por andar ao nosso serviço e queria ir comnosco até á Mussuimba.

Nomeámos logo o cabo Antonio para o acompanhar, e aproveitámo-los de facto para uma diligencia, porque devendo elles chegar no dia seguinte á povoação de Xa Mujinga podiam d'ahi ir ao Caianvo em dois dias e saber onde parava a nossa caravana.

Lembrando-nos que a podiam encontrar no caminho, nomeámos depois Vunge para tambem os acompanhar. Elles viriam com a caravana animando-a a apressar a marcha, e Vunje que era um bom andarilho viria mais adeante para nos trazer a correspondencia.

Neste mesmo dia Manuel, que chegára de Muquinji, informou-nos que estivera ali com uns rapazes de Malanje vizinhos do soba Ambango, e que estes lhe affiançaram terem visto a nossa caravana passar o Cuango e que devia estar, o mais longe, no Caianvo.

Nessa mesma tarde partiu a diligencia.

Estas noticias animadoras deram logar a que a nossa gente, soldados e contractados se enthusiasmassem e quizessem construir uma ponte com a necessaria solidez para a passagem da caravana.

Foi uma distracção para elles e tambem para nós, e nesta tarefa fomos coadjuvados pelos carregadores nas horas em que era ocioso procurar caça. Elles iam derrubar boas arvores e cortar varas direitas e grossas para a nossa construcção, a qual denominámos — Quinze de Agosto — por ter ficado concluida nesse dia, que é de grande festa para a cidade de Loanda.

Aproveitámos o que já existia da madeira amontoada, tratando de a ligar devidamente, para sobre ella fazermos um taboleiro com a necessaria segurança.

Ficando este taboleiro muito superior ás margens em altura, conseguiu-se dar-lhe maior extensão, prolongando-o sobre as mesmas margens e atravessando-o com varas equidistantes pregadas em todo o seu comprimento, démos á ponte a precisa solidez, o que permittiu que aos lados se fixassem guardas que garantiam a sua melhor passagem. A parte inferior de uma arvore derrubada, de onde partia a antiga ponte, serviu-nos tambem de ponto de apoio, e nella se gravaram os nomes dos que concorreram para a construcção.

Foi uma memoria que deixámos da nossa passagem por aquelle sitio, e que desenhámos depois da obra concluida. Estamos convencidos que, por emquanto, na região em que andámos além do grande rio Cuango, foi esta a primeira ponte em que entrou o prego de ferro, principalmente de fabricação portugueza.

Á digna direcção da Companhia Previdente devemos o poder dizê-lo, pois offertára a Expedição uma carga de pregos de differentes grandezas, que muito folgámos em poder assim utilisar.

Trabalhava-se com boa vontade de manhã e de tarde pela fresca, e nós satisfeitos depois de largar o trabalho lá ficavamos passeando sobre a parte da ponte construida ou sentados á sua entrada em um estrado mais elevado contemplando o pôr do sol, tendo occasião então de observar em dias successivos um estranho phenomeno que descrevemos do modo seguinte no nosso Diario:

«Notámos ha dias que tres quartos ou uma hora antes do pôr do sol, se forma uma especie de barra no horisonte, que só se distingue claramente quando a parte inferior do disco solar vae nella penetrando como num veu, diminuindo de intensidade e passando o disco por diversas côres desde a de fogo ao prateado, ennegrecendo o véu quando corta o disco pelo meio. Em seguida ao escurecimento de toda a sua parte inferior, vae descorando a superior, fazendo-nos lembrar o nascer da lua cheia, e á medida que vae desapparecendo parece o sol que vae tomando maiores dimensões.

Por algum tempo approximadamente meia hora conserva-se a atmosphera corada até uma certa altura.

É possivel que este facto que registo nada tenha de extraordinario, e seja mesmo muito frequente em Africa, principalmente neste logar, em todo o caso para mim foi novidade, achei mesmo o phenomeno magestoso e digno de menção.»

PELUMBA

VISITAS INESPERADAS

Tão entretidos estavamos com os trabalhos da ponte na manhã do dia 5 de agosto, que não reparámos em quem se approximava, e surprehende-nos ouvir um — dá licença — que não era de voz extranha, mas que já nos não era usual. Deixámos o que estavamos fazendo para fallar a Garcia Fragoso dos Santos, o companheiro de José de Vasconcellos que deixaramos na margem do Cuango, occorrendo-nos logo perguntar-lhe se nos trazia alguma má noticia.

— Não senhor, respondeu, trago boas noticias, aqui tem uma carta do sr. Augusto.

Comprehende-se a satisfação com que lemos a seguinte carta: — «Meu amo. Participo-lhe que hontem (26 de julho) ás 5 horas da tarde passámos o rio Cuangó sem inconveniente, apesar dos do Muêto Anguimbo terem turras uns com os outros, e um d'elles de nome Mucambo, sobrinho do Quitobo ter de proposito quebrado a canoa, mas que felizmente não nos causou damno algum.

«Outrosim, ámanhã vamos chegar a Mona Mahango, porque esta me mandou dizer que a Estação Costa e Silva era a casa de Muene Puto, e que para lá é que deviamos ir dormir. Aproveito porque os carregadores veem pesados, e é preciso não puchar muito por elles para ver se os levo sempre a bem até ao pé de meu amo, e com muita paciencia os tenho aturado.

«Como Garcia se offereceu para lhe levar noticias, aproveitei-o pagando-lhe rações, dando-lhe V. de pagamento o que entender, pois me pediu duas peças e meia medidas.

«Seguimos o caminho do Caianvo, com cujo potentado me dei muito bem na minha vinda.

«A caravana é de 106 carregadores, mas com mulheres e ajudantes que os acompanham são 200 pessoas. — De V., etc. *Augusto Cesar.*»

Como o almoço estava prompto, convidámos Garcia para tomar parte na nossa refeição que, nem de proposito, nesse dia não nos deixava envergonhados, quer pela abundancia quer pela qualidade das iguarias, sendo tambem a primeira e unica vez que na viagem tivemos coelho guisado e rola assada.

O coelho fôra apanhado á mão pelo carregador Xavier, que entendeu com elle mimosear-nos, grato por o havermos curado de uma fortissima febre com um purgante de sal commum e boas dóses de sulfato de quinina.

Comendo com todo o descanço ia-nos Garcia distrahindo com as suas noticias e satisfazendo a nossa curiosidade. Contou-nos elle que a caravana se afastou do porto do Zunga porque Augusto receou que este potentado e o seu irmão se tornassem exigentes com a passagem, e encaminhou-se por entre o mato para o porto ao norte. Mona Samba, que tivera noticia da sua chegada áquelle ponto, mandou logo ali um impunga para acompanhar Augusto á Estação. A passagem levou o dia todo e por isso nessa noite pernoitaram na margem do Cuango.

Passaram só uma noite na Estação, e na manhã seguinte partiram para o Lumonhe onde Garcia deixou a caravana acampada, continuando a jornada nesse dia até ao Caianvo. As marchas tinham sido pequenas por serem pesadas as cargas, o

que tinha sido bom, porque não se afastavam os carregadores uns dos outros. Como a Expedição era grande e todos os carregadores traziam a sua arma, mettia respeito aos povos por onde passava.

Mona Mucanzo morrêra, e a mãe Mona Mahango estava gravemente doente com a mesma enfermidade do filho.

Quando lhe appareceram os carregadores sem uma carta nossa, com que iam munidos os dois primeiros que regressaram, e informada que nós os haviamos tratado bem e que elles nos deixaram no Valle do Camau, zangara-se muito, e em audiencia com os filhos queria que se obrigassem todos os carregadores a voltarem a Camau, para levarem as cargas a Quimica como era do seu dever.

Mona Mucanzo apresentára toda a sua gente prompta para partir, porém o irmão Candala declarou que não mandava os seus rapazes porque certamente nós os correriamos a tiro, o que seria muito bem feito.

Em abril José de Vasconcellos entregára a Estação Costa e Silva ao Braga, e fôra com elle Garcia para a estação Paiva de Andrada, onde a companheira de Vasconcellos esteve em tratamento morrendo alguns dias depois. O soba Ambango apenas lhe exigiu quatro jardas de fazenda para ser enterrada a mulher, dizendo que nada mais queria por pertencer ella a um filho do senhor major que era o protector da sua terra, o que lhes causou admiração, porque o gentio em geral faz grandes exigencias para se poder enterrar em suas terras uma pessoa extranha que ahi morra.

Estiveram tres mezes naquella Estação e deram-se sempre bem com os povos vizinhos, fazendo José bom negocio a troco de gado e de borracha.

Ultimamente o Ambango e os seus tinham abandonado a povoação e refugiaram-se numa montanha ao norte no Holo, com medo de Muene Canje, e este potentado dissera que se Muene Puto lá mandasse algum portador por causa dos filhos de Ambango e outros terem roubado e abandonado as cargas do senhor major, immediatamente lhes levaria a guerra e faria

aprisionar os criminosos para lh'os mandar entregar. Tanto o Ambango como Augusto disseram que queriam pagar em gado os prejuizos que nós declarassemos ter tido com os seus filhos, mas que esse gado só o entregariam a um portador por nós auctorisado a recebê-lo, e não a Vasconcellos ou a Garcia que eram negociantes. Notou Garcia a boa recepção que lhe fizeram todos os povos por onde transitára, apresentando-se como nosso escoteiro, e que nunca esperára encontrar os caminhos tão limpos. Por toda a parte se fallava bem da nossa Expedição, sentindo-se que a influencia de Muene Puto se tornava a manifestar entre estes povos, o que estava animando os filhos de Angola a virem com gado tentar fortuna até ao Lubuco.

— Ninguem melhor que José de Vasconcellos podia tentar esse negocio lhe dissemos nós, é um homem serio, falla bem as linguas d'estes povos, conhece o negocio e podia utilisar os serviços de individuos como V. e outros rapazes da sua confiança. Devem aproveitar os trabalhos da Expedição emquanto os povos se lembram de nós, porque mais tarde surgirão novas difficuldades, pelas ambições desmedidas resultantes da falta da convivencia com os povos civilisados e d'aquillo que lhes alimenta as suas necessidades.

— Iniciámos como viram o acostumar estes povos ao serviço de carretos remunerados, mas pagando directamente ao carregador, o que é muito differente do uso estabelecido nos sertões da nossa Provincia, em que os contractos são feitos com os sobas e estes só lhes dão parte do pagamento porque ficam com um tributo para si. E o que succedeu? Todos viam o resultado do nosso trabalho. Era uma cousa inteiramente nova entre elles, e muito se conseguiu de gente supersticiosa como são os Xinjes o chegarem com as cargas até Camau, sendo algumas reconhecidamente pesadas e na maioria desgeitosas para os seus habitos de conducção. Tambem os do Luí andaram no serviço de transportes e ultimamente, por vezes, grupos de diversas povoações proximas do nosso transito.

— Vendo todos elles agora a grande caravana que para nós se dirige de Malanje, decerto reconhecem a nossa influencia e

muitos se hão de arrepender, uns de não terem querido contractar-se para o nosso serviço, e outros de não terem cumprido os contractos. Os negociantes que seguissem as nossas pisadas decerto seriam mais felizes, porque as fazendas e mais artigos que de nós receberam hão de ter fim, e certamente o gentio ha de desejar adquirir outros novos, tendo assim de recorrer ao serviço de transportes como unico meio para os obter.

— Estes povos teem usos e superstições que não podemos deixar de respeitar, e só com o tempo os poderemos convencer o desapegarem-se d'elles, mostrando-lhes os erros em que laboram. Por uma vez, e á força, nada se alcança d'elles.

— As duas mortes que se succederam com intervallo de dias entre os Xinjes ao serviço da Expedição, justificam até certo ponto o abandono das cargas, mas elles hão de reconhecer que o seu proceder não foi o que devia de ser e hão de mudar, porque precisam satisfazer necessidades que lhes despertámos.

Quando terminámos estas nossas considerações, Garcia, como homem pratico e que ha mais de tres annos residia entre estes povos, apoiou-nos, e disse que seria elle o primeiro a divulgar aos seus patricios, agora que seguia para Malanje, as vantagens que podiam colher em seguirem o caminho da Expedição com o seu negocio.

Tratando-se da grave doença de Mona Mahango, informou-nos ainda Garcia, que se ella morresse o seu conjuge teria de abandonar logo a povoação, e para junto da defuncta iria um rapazito que não sairia d'ahi senão para acompanhar os seus restos mortaes á sepultura. Levam-lhe de comer e de beber com fartura emquanto está na cubata mortuaria, acrescentou elle, tendo por obrigação ir guardando todos os ossos que depois da putrefacção do corpo se forem desarticulando. Quando dá a sua tarefa por prompta os macotas mais velhos do Estado procedem á contagem dos ossos, e accommodam-nos em uma grande panella, sendo depois enterrados numa montanha.

Mona Mahango teria de estar muito tempo depositada, porque ainda se achavam por enterrar os restos do seu filho mais velho Mucambo, e os do irmão Mucanzo.

Que a povoação seria logo demolida, ficando apenas a casa onde fosse depositado o corpo devidamente resguardada com uma cêrca, passando a ser povoação principal a da princeza Mutumbo, que seria augmentada com as novas habitações da gente da povoação de Mona Mahango, que ella tinha de herdar como seus servos, pois no Estado de Mahango e Cafunfo, havia distincção de senhoras e servos, e entre estes distinguiam-se os que tinham assento e voto no conselho. O proprio amasio da soberana era considerado servo, sendo por isso mesmo que não podia esquivar-se a viver com ella até que ella conseguisse ter dois filhos que eram os successores para o estado principal de Capenda-cá-Mulemba. Pela morte de Mucanzo seria successor naquelle Estado o seu irmão Candala, porém se Mona Mahango morresse, como no logar d'esta deveria entrar Mutumbo que tinha um filho de 4 a 5 annos, já Candala seria supplantado na successão por esta criança.

Era esta a praxe que devia seguir-se, porém, como já sabiamos, Quilelo, actual Capenda, a quem os de Mona Mahango chamavam intruzo, apesar de não ter as insignias, não largava o cargo; mas se o largasse Candala tomando posse tambem não cederia o logar a seu primo, filho de Mutumbo. Complicar-se-ia mais ainda a ordem da successão, porque os Bângalas que ultimamente viviam em muito boas relações de amizade com o Caianvo que era o immediato ao Capenda, queriam que elle lhe succedesse e o proprio Capenda protegia-o.

Contou-nos ainda Garcia que o desapparecimento das insignias por occasião da morte do ultimo Capenda Mona Pire era um facto verdadeiro, de que tratámos na historia tradiccional dos povos Tus.

Disse-nos mais que o potentado Caianvo trajava á europea, e vivia sempre em muito boas relações com os Ambaquistas, que se estabeleceram para negocio na sua povoação principal. Era muito grato aos favores que lhes dispensavam e fallava muito de um homem conhecido por Cacuto, por o ter salvo de um traidor que numa noite para afugentar o potentado, se lembrára de largar fogo á povoação.

— Quem está na residencia de Caianvo, continuou Garcia, parece estar num sobado de Malanje, pois não se manifesta entre a gente a ambição, como em outras povoações dos Xinjes, de expoliarem o negociante. Ali ha a confiança reciproca, abonam-se creditos porque o Caianvo obriga os devedores a pagar. Vão ali acampar muitas comitivas de Bângalas, e um Ambaquista que lá está estabelecido mata gado e vende a carne a retalho a troco de borracha, do que tem auferido bons lucros.

— É este o verdadeiro negocio que os Ambaquistas e os rapazes de Malanje e de Pungo Andongo deviam fazer, dissemos nós a Garcia. Convençam-se que as auctoridades portuguezas consideram livres todos os individuos que vão do interior para a nossa Provincia, e se os povos do interior traficam com elles é pela necessidade da fazenda e outros artigos que lhe levam, mas não é porque queiram desfazerem-se d'elles, e do que eu lhe digo dão prova as questões continuadas que os negociantes teem na retirada com esses povos, as espoliações que se lhes fazem de gente e os muitos individuos que lhes fogem. — Já lhes constou que estes povos roubassem gado ou borracha aos negociantes, a não ser por vingança, embora mal entendida, de questões não terminadas com negociantes ou comitivas que os precederam?

— Por certo que não, respondeu Garcia, mas não somos nós os que mais alimentâmos o trafico de gente. Nós contentâmo-nos com uma rapariga para companheira e com um rapazito para nos ajudar, e este educâmo-lo e ensinâmo-lo a escrever e damos-lhe um officio, e quando tem idade e que sabe tanto como nós sabemos, é tão livre como nós. Das comitivas que vem para o interior, são os Bângalas do Cuango e os Calandulas quem compram mais gente para augmentar as suas povoações. E hoje mesmo o maior negocio é para o Peinde e Lubuco; consta de sal, pouca fazenda, missangas, polvora e armas, recebendo-se em troco a borracha. Se alguem compra gente aos Lundas, Quiocos e Peindes é para os reviros no Lubuco.

Estas noticias confirmavam o que já sabiamos, sendo para o norte do 6° no centro do continente que se faz o trafico, e

as correntes são alimentadas pelos Arabes, que dão saida aos escravos pelo norte de Moçambique.

A conversa fôra longa e continuaria, mas como Garcia queria retirar o mais depressa possivel, não houve remedio senão pôr-lhe termo, e tratarmos de fazer a nossa correspondencia para a Direcção dos negocios do Ultramar, para Malanje e para a familia, porque calculando Garcia chegar em 30 a Malanje, ainda se alcançava o correio para o paquete de 15 do mez de setembro, o que era de grande vantagem.

Ao Ministro da Marinha e Ultramar mostravamos a vantagem que haveria de estabelecer em alguns pontos da região que já conheciamos Estações, ou melhor colonias agricolas, de indigenas dos confins do districto de Loanda, de Ambaquistas e de filhos de Malanje e de Pungo Andongo, que querem passar por Ambaquistas, dirigidas por europeus, devendo-se fornecer aos colonos gados, criações, ferramentas e instrumentos adequados á agricultura e tambem os carros de formas especiaes para transportes em terra, e quando desarmados para passarem os rios como se fossem lanchas.

Lembrámos a conveniencia de ficarmos na Mussumba por algum tempo junto do Muatiânvua, para conseguirmos abrir ao commercio o caminho para Canhíuca, onde o Muatiânvua se fornece de marfim, e estabelecer ali em boas condições residencia para uma auctoridade portugueza. Lembravamos tambem —para evitar maiores despezas e não exigir mais sacrificios— o auctorisar os nossos collegas a retirarem logo que a Expedição chegasse á Mussumba, e que nós, na incerteza de o governo de Sua Magestade approvar este projecto, aguardariamos que nos fizesse render ou retirar, mas para qualquer dos casos seria indispensavel contar com os necessarios recursos. Por ultimo instavamos por uma resposta prompta, ponderando que a fraqueza que sentiamos era grande, devido ao nosso estado anemico.

Ao Governador geral de Angola pediamos que lesse esta communicação, lhe juntasse as observações que para melhor exito lhe suggerisse o seu bom juizo e conhecimentos, que

empregasse todos os seus esforços para não serem inutilisados os sacrificios da Expedição e para que se não demorasse a resposta.

Com Custodio Machado insistiamos para mandar estabelecer casas filiaes pelo nosso transito, pelo menos até ao Caungula, que fossem fornecidas além de fazendas, de sal e de gado, servindo essas casas de pontos de apoio á grande exploração em que elle estava interessado com seu irmão no Lubuco.

Tambem escrevemos ao chefe do concelho de Malanje agradecendo os seus esforços em obter os carregadores para a caravana que já vinha perto.

A gente da Expedição aproveitou o regresso de Garcia para enviarem cartas ás familias, as quaes eram escriptas pelo mesmo Garcia por cujo serviço cada um o remunerou a seu modo.

Garcia retirára, e o pessoal cheio de enthusiasmo queria terminar a construcção da ponte para se fazer uma festa á chegada da caravana. Quimuanga e alguns vizinhos vinham de proposito ver os trabalhos, e tão satisfeitos ficaram quando os viram concluidos, que nos pediram para collocar na ponte um Zâmbi (crucifixo de metal) sobre um pedaço de baeta encarnada, para os viandantes a respeitarem e não lhe arrancarem a madeira, e para as aguas nas enchentes a não deteriorarem.

Fizemo-lhes a vontade, fixando o crucifixo do melhor modo que foi possivel sobre a taboleta. Propalara-se para oeste a noticia d'este nosso trabalho, e a curiosidade attraiu muitas mulheres de uma povoação distante, que vieram com as suas pequenas cargas de mandioca, bombós e milho para vender, porém, ao entrarem no acampamento, como vissem que nós estavamos recebendo a visita de tres Lundas que haviam chegado pouco antes do Cuílo, de mandado de Xa Madiamba, largaram as cargas e fugiram em grande carreira.

Dando-nos parte d'esta occorrencia, mandámos recolher aquellas cargas na casa em que costumavamos trabalhar.

Eram as visitas, um homem que se intitulava Catumbelai, representante do velho Cacuata d'este nome, o mais antigo da côrte de Muatiânvua, que residia proximo do Cassassa e que

estava ao lado de Xa Madiamba fazendo-lhe côrte; os outros eram rapazes da sua povoação que elle nos vinha apresentar para o transporte de cargas.

Participou-nos Catumbelai que Xa Madiamba, a quem elle tratava de Muatiânvua, estava muito contrariado por o seu quilolo Cassassa não ter até então providenciado para se apresentarem rapazes da sua povoação a buscar as nossas cargas, vendo que estavamos no mato soffrendo fomes e mal alojados; que por isso o mandára a elle Catumbelai com aquelles dois rapazes de que dispunha para o desculparmos e nos communicar as noticias que elle recebêra dos quilolos seus amigos.

Fôra nesta altura do seu discurso que se deu a occorrencia das raparigas. Os nossos homens que tinham necessidade de comprar alimentos correram atrás d'ellas para as chamarem, e o que conseguiu fallar a uma, disse-nos não quererem ellas voltar, e não se importarem com o negocio por terem medo da gente do Muatiânvua.

Catumbelai disse então, que não nos admirassemos do que se passava, porque era o costume sempre que apparecia um cacuata do Muatiânvua a gente das povoações abandonarem tudo que tinham, e que procuravam fugir-lhe para não serem agarradas e levadas para o serviço do Muatiânvua; que deviamos repartir com os nossos filhos o que ellas deixaram porque tinhamos direito a isso, ou então consentissemos que elles levassem tudo para o Muatiânvua.

Respondemos que não fariamos nem uma nem outra cousa, porque aquelles mantimentos representavam o producto do trabalho d'aquellas pobres mulheres, e que dispôr d'elles sem sua auctorisação era um roubo, que de nenhum modo auctorisariamos.

—Tem sido por causa d'isso, lhe dissemos ainda, e de factos analogos, e de roubos de gente para o serviço do Muatiânvua, de que já tambem abusam os Bângalas e Quiocos, que alguns povos teem fugido da Expedição de Muene Puto, suppondo que nós estamos em campo para amarrar gente e entregá-la aquelle potentado. Isto faz muito mal ao Estado do Muatiânvua,

porque lhe vão fugindo os povos para outras terras que lhe não obedecem, e assim augmentam essas povoações enfranquecendo-se as suas.

—Tem razão Muene Puto, e são estes conselhos que desejáramos desse ao seu amigo Muatiânvua, respondeu Catumbelai, porque elle é um homem velho e pode ainda endireitar o seu Estado que os rapazes na Mussumba teem estragado.

Queriamos providenciar sobre o incidente, por isso ordenámos ao nosso cozinheiro que tratasse de arranjar alguma cousa de comer para os hospedes que tinham chegado, sendo preciso que o tirasse das nossas refeições d'aquelle dia, e fomos com Augusto Jayme e Paulo ao ponto onde nos disseram estarem escondidas ainda algumas das mulheres.

Encontrámos Quimuanga no caminho, o qual nos auxiliou para podermos fallar ás mulheres que eram suas conhecidas.

Dizia a mais velha que não voltavam ao nosso acampamento emquanto lá estivesse o cacuata do Muatiânvua, porque elle tinha vindo de proposito para amarrar gente. Procurou Quimuanga convencê-las de que não deviam ter receio, que Muene Puto não consentia nisso, mas como insistissem, perguntámos se sabiam as cargas que trouxeram. Como as enumerassem entrámos em negocio, e como ainda tivessem medo que voltando nós ao acampamento fossemos chamar o Cacuata, ficou combinado retirarem ellas e que Quimuanga lhes entregaria o pagamento ajustado, e assim foram mais satisfeitas.

Dividiu-se então o fornecimento pelo pessoal, tomando d'elle uma parte Catumbelai e tambem a sua gente, que levaram cargas para a Estação no dia immediato.

Na tarde d'este dia pela primeira vez nos abalançámos a fallar na lingua da Lunda ás visitas, e Catumbelai surprehendido, dizia que nos entendia. O ensaio satisfez-nos, e lemos-lhes em seguida alguns dos nossos escriptos que mostrou ter comprehendido bem. Era-nos ainda difficil comprehendê-lo por causa da pronuncia, das interpolações, e dos prefixos accumulados, dos *chús* e *rús* para nós novidade, e que se tornavam muito salientes.

Reconhecemos que precisavamos de muita pratica, mas não deviamos desanimar, porque a forma estava apanhada, e confessâmos que d'ahi em deante com mais gosto nos dedicámos ao estudo dos dialectos que ouviamos.

Visto que tratâmos de visitas inesperadas não devemos omittir o facto, de que na noite de 9 para 10, já bastante tarde, fomos despertados por grande conversa no acampamento, e como ouvissemos Paulo fallar mais alto, perguntámos se havia alguma novidade. Como a resposta fosse negativa recommendámos que socegassem todos, porque nos não deixavam dormir. Restabeleceu-se o silencio e logo de madrugada, com grande surpreza nossa, veiu Paulo apresentar-nos uma filha que a sua companheira Rosa havia dado á luz.

—Como se chama, lhe perguntámos?

—A afilhada do nosso patrão, chama-se Julia.

—Está dito.

VIAGEM DAS SECÇÕES

issemos já que a secção do ajudante atravessára o rio Cuengo na ponte que nos ficava mais ao sul, a mesma que tivemos de passar quando fomos ver o hippopotamo. D'aqui dirigiu-se ella ao planalto, a leste do acampamento Solidão de Julia, ao qual subiu tambem a do sub-chefe e as que se seguiram, attingindo a altitude de 1:123 metros, sendo os itinerarios de todas os mesmos até certa altura.

A primeira secção tendo deixado o Cuengo em 1 de maio, alguns dias apenas depois de terminadas as grandes chuvas, não só encontrou os rios na sua maxima largura, mas os terrenos muito encharcados ou cheios de pantanos e os capins em todo o transito no seu maior crescimento, sendo por isso forçada a desviar-se por vezes d'esses obstaculos descaindo para sul depois da passagem do rio Lubale ou Rubale, ganhando nisso em se approximar de umas poucas de povoações as quaes, ainda que pobres, algumas provisões venderam aos carregadores que as procuraram.

As outras secções seguindo caminho mais directo e no tempo já secco, se não encontraram povoações a que recorrer, tiveram a vantagem pelo menos de matarem alguma caça.

Todas as secções com cargas venceram a distancia em cinco jornadas, sendo a maior de 19 kilometros e a menor de 10 kilometros, por causa da importante condição da existencia da agua para os gastos nos acampamentos.

A primeira jornada fez-se, pode dizer-se, sobre o planalto da serra, sempre através de floresta mais ou menos densa, seguindo-se as suas ondulações em largas curvas mais ou menos regulares. Durante o transito nos primeiros 2 kilometros a maior depressão foi de 27 metros, e no kilometro seguinte á maior elevação foi de 52 metros, que se conservou na extensão de um outro kilometro, descendo-se depois em 2 kilometros 25 metros para se subir durante outros 2 a 8 metros, altura a que se acampou junto a um valle arborisado regado pelo riacho Camassego, que nesse ponto corria no rumo de W. para dar a volta pelo N.-E. sobre o Cuengo onde afflue. O rumo seguido, feitas as correcções, variou em todo o transito de leste para nordeste.

Nas maiores altitudes os ventos que sopravam entre E. e S.-E. e que eram frescos mitigavam em parte o calor do sol, e a calma a que se esteve exposto nas depressões.

A segunda jornada nos primeiros 2 kilometros fez-se no rumo N.-E., marginando uma linha de agua que afflue ao Camassego e a qual se atravessou na altitude de 1:056 metros; isto é, desceu-se á maior depressão de toda a jornada, 78 metros.

Houve que atravessar um extenso areal, em que se distinguiam palhetas de mica amarella, cercado de florestas de arvores de pequeno porte, e percorrido elle passaram os viajantes o rio Camassego. O terreno d'ahi para deante em todo o percurso, que pouco se afastou do rumo E.-NE., conservou-se regularmente ondulado, variando as altitudes entre 1:064 e 1:079 metros. O caminho andado nesta jornada foi de 14 kilometros, porém aos 12 passou-se o rio Lubale que corre entre margens

arborisadas na largura de 30 metros sendo ambas pantanosas, e de trajecto difficil principalmente para os carregadores, por estarem muito obstruidas com as vergonteas e liames dos arbustos que se estendiam de umas para outras arvores, por arvores partidas e troncos grandes jazendo no solo cobertos de parasitas, e em tal quantidade, que por vezes illudiam semelhando elevações de terra.

O acampamento foi levantado numa floresta sombria, em que corria do sul uma linha de agua que seguia para o Lubale.

Todo o terreno da mesma natureza se pode dizer, era areento, com alguma mica e humus vegetal.

A ponte de passagem no Lubale foi das peores que se encontraram, estando em grande ruina pela força das aguas no tempo das chuvas. Como o rio descêra, estava por assim dizer abandonada, porque se encontrava a montante uma passagem a vau. Alguns carregadores ainda assim atreveram-se a passá-la com as cargas á cabeça, procurando com os pés os troncos mais firmes debaixo de agua e segurando-se com as mãos a umas guardas feitas de fibras vegetaes. O boi em que o ajudante ia montado passou este rio a nado, o sub-chefe e depois nós, passámo-lo aos hombros dos carregadores.

A terceira jornada sendo a maior, 19 kilometros, foi a mais directa no rumo E. $^3/_4$ E.-NE. e a mais trabalhosa pelo accidentado do terreno, pois que de 1:071 metros que era a altitude do acampamento subiu-se em 2 kilometros a uma campina rasa na altitude de 1:155 metros, descendo-se depois em socalcos successivos no percurso de 5 kilometros a um valle na altitude de 1:082 metros, coberto de corpulentas e copadas arvores onde corria o rio Luípo de sul para o norte, que se atravessou na extensão de 5 kilometros para se subir a um planalto na altitude de 1:150 metros. Era uma depressão em forma de vaso, de paredes quasi iguaes, e no fundo da qual corria o rio ás curvas para o norte descaindo depois para o Lubale.

Caminhando no planalto por 3 kilometros no rumo um pouco mais para E., a meio pouco mais ou menos tinham-se elevado

os viajantes a 10 metros para voltarem á mesma altura e rumo, descendo então a 1:119 kilometros, altitude em que acamparam numa floresta junto ao rio Manzavo, proximo de uma pequena povoação de Lundas, onde havia uma plantação de mandioca.

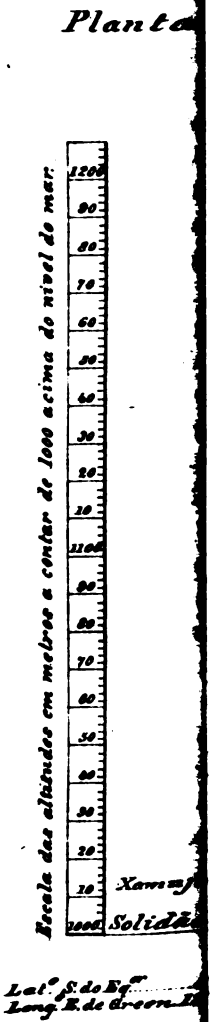
Á frente do acampamento ficava um grande descampado, que se estendia de sul para norte com o capim já queimado pelos caçadores, e que era limitado a leste por uma floresta cerrada.

A secção do ajudante, pouco depois de passar o Lubale, desviou-se logo d'elle descaindo muito para sueste e dando uma grande volta, tendo depois de acompanhar o rio Luíto para ir passar onde o passaram as outras secções. Querendo desviar-se do largo valle, que certamente na occasião era um extenso pantano onde corria o Luípo e outros ribeiros que vão engrossar o Luebo, caminhou depois para o norte marginando o Luíto, tendo de andar 8 kilometros sempre sobre chão lamacento.

O rio Manzavo vae dar uma grande volta a oeste e corre depois em curvas para o norte já com o nome de Luebo, d'onde segue mais ou menos entre N.-E. e E. para ir desaguar no Cuílo.

Na quarta jornada as secções tiveram de ir ganhar a altura da passagem numa floresta, para seguirem ali o rumo do caminho usual, evitando atravessar outros riachos e linhas de agua, o que teriam de fazer, e por isso caminharam mais ou menos para N. descaindo por vezes para N.-W. num percurso de 5 kilometros em que o Manzavo ou o Luebo se afastavam para E.-SE., tendo nos primeiros 2 kilometros descido a 1:050 metros, isto é, 69 metros, para depois subirem no percurso de 1 kilometro 16 metros e descerem nos kilometros restantes 29 metros.

Ganha a referida altura mudaram então de rumo para E.-NE. e subiram a 1:073 metros, altitude em que caminharam por 2 kilometros entre florestas mais ou menos densas e subindo em todo o resto da jornada, o que faltava para 15,5 kilometros, á altitude 1:110 metros, que era a do acampamento onde


Planta
Escala das altitudes em metros a contar de 1000 acima do nivel do mar:
1200
90
80
70
60
50
40
30
20
10
1100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
1000
Xamm
Solid
Lat.º S. do Eq.or
Long.º R. de Green

o caminho se bifurcava com um ramal para N.-NE. que se dirigia á povoação do Caianvo e com outro para E. $^3/_4$ E.-NE. para a povoação do Cassassa, correndo um pouco distante de sul para norte o rio Luito que afflue ao Cuílo.

Na quinta jornada o caminho percorrido por todas as secções foi estimado em 10 kilometros, sendo o terreno bastante ondulado tanto nas elevações como nas depressões. O rumo nos primeiros 5 kilometros foi E.-NE. directo, descendo-se a um valle na altitude de 1:102 metros, e no restante foi o caminho em zigues-zagues sendo a direcção média para leste, elevando-se na primeira parte a 1:120 metros para descer irregularmente a 1:085, altitude da Estação Cidade do Porto.

Foi pois a distancia estimada pelo caminho mais directo em 69,5 kilometros, distancia esta que como veremos pouco se afastou da calculada pelas observações, sendo o terreno bastante accidentado e por vezes o caminho tortuoso.

O ajudante tendo-se afastado para sueste encontrou algumas povoações de Lundas pequenas e pobres, em parte abandonadas, o que tambem observou o sub-chefe nas poucas que encontrou no seu transito, sendo informados que se despovoavam as habitações e ficavam as lavras desertas com receio do filho do Muatiânvua que estava no Cassassa de viagem para a Mussumba. O sub-chefe que passou dois mezes depois, teve ainda uma outra informação em outro ponto, certamente devido a região ir sendo devassada pela nossa Expedição, a saber — que se receava que o Angana major de Muene Puto quizesse prender gente para a levar ao filho do Muatiânvua.

Estas versões eram consequencia dos boatos que propalavam as comitivas de Bângalas, gente sem consciencia, aventureiros astuciosos que abusavam da ignorancia dos povos humildes e inoffensivos, quer para lhes roubarem as lavras quer mesmo para lhes roubarem as mulheres e crianças que encontravam isolados e que facilmente se lhes entregavam, pelo terror de cairem em poder do soberano da Lunda.

Com respeito á nossa Expedição havia para os Bângalas ainda uma outra conveniencia em indisporem os povos contra

ella, e que consistia em nos difficultarem a marcha afastando quem nos vendesse alimentos e quem nos auxiliasse no transporte de cargas. Convenciam-se que assim nos desgostavam e que affugentavam os negociantes europeus de virem concorrer de futuro com elles no commercio da borracha.

Os Bângalas, ou porque nos temiam ou porque lhes convinha mostrar que nos eram affeiçoados e dedicados, apresentavam-se perante nós humildes e respeitosos, procurando-nos para conversar e mostrando sempre interesse em se esclarecerem sobre tudo que dissesse respeito aos Portuguezes, aos melhoramentos que iamos introduzindo em Angola, aos nossos usos, costumes, etc.; porém quando nos deixavam, logo no primeiro dia, se encontravam algum povo, não nos esqueciam, e ainda peor, procuravam desconsiderar-nos de modo que á sua imaginação se lhes affigurasse ser o peor.

Pretextando antigas relações de amizade e de negocio, embora tivessem aggravos dos povos com quem tratavam, diziam estarem estes esquecidos; e pelo antigo uso de darem sempre noticias, forjavam-nas contra nós e de modo a agradar a esses povos de quem desejavam as boas graças para servirem os seus interesses.

Chegavam mesmo a dizer-lhes que nas nossas terras tinham padecido, porque estando doentes não havia medicamentos nem angangas a quem recorrer; que nós em apanhando lá gente do interior com negocio lhes extorquimos a fazenda e tratavamos de lhes dar caça para os matar, fazer polvora, etc.

Não se imaginam as difficuldades em que nos collocaram os Bângalas e Calandulas com as suas engenhosas mentiras, e os argumentos de que precisámos lançar mão e o tempo que se consumia para as destruir, de modo a alcançar que os povos que encontravamos confiassem em nós.

Foi no decorrer da nossa viagem d'este ponto em deante que se tornaram mais frisantes estes factos entre as povoações de Lundas e de Quiocos com quem tivemos de conviver, e por isso os iremos mencionando á medida que com elles formos deparando.

A diligencia que saíra da Estação Francisco Maria da Cunha, composta de Manuel Bezerra, do soldado n.º 8 e de Domingos, contractado em Loanda, seguiu da Estação Cidade do Porto na margem do Cuílo pouco mais ou menos no rumo de leste, e ao cabo de tres grandes marchas, em que passou de canoa os rios Cuílo e Luangue, entrou na povoação do Cabembe, quilolo do Muata Bungulo.

Este quilolo informou a diligencia que de facto Xa Madiamba por vezes fôra consultado sobre se acceitava regressar do exilio á Mussumba, porque os grandes do Estado o queriam eleger seu Muatiânvua, cargo que lhe pertencêra pela morte de Muteba de quem fôra Suana Mulopo; e como elle tivesse annuido, havia pouco tinham chegado portadores de Mucanza, governador de Mataba, que deram parte a Xa Madiamba de ser elle esperado pela côrte, e que portanto devia apressar a sua jornada. Xa Madiamba não se contentára com estas noticias e mandára partir homens de sua confiança para Quimbundo, Muansansa, Caungula e outros Muatas, pois queria saber se podia contar com o seu apoio. Aguardava as respostas no Cassassa.

Disse mais Cabembe, que até aquella data Xa Madiamba não mandára participar a Bungulo seu amigo que estava no Cassassa, talvez por este ser novo no logar, mas como os enviados de Muene Puto lá iam em procura de carregadores, d'elle ouviriam as suas disposições com respeito aos reclamos da Mussumba para que Xa Madiamba fosse investir-se nas insignias do poder.

Ora sendo Cabembe subordinado de Bungulo, deprehende-se que tudo quanto elle dissera era sob a influencia de communicações com Cassassa, e certamente com Xa Madiamba; não as tendo tido a tal respeito com o seu Muata.

Para outros homens deviam ser de peso as informações que obtiveram de Cabembe, mas não o foram para os indigenas que mandámos numa diligencia que tinha por fim habilitar-nos, não só a formar juizo seguro sobre os boatos que corriam com insistencia de ter sido eleito na Mussumba para Muatiânvua o Xa Madiamba, mas quando houvesse quaesquer duvidas, o

poderem alcançar-se carregadores que estivessem dispostos a seguir por um caminho differente, e onde essas duvidas não fossem empecilhos á nossa marcha.

Mas não succedeu assim, acceitaram-nas como cousa muito natural e proseguiram logo no seu itinerario para o Bungulo, convencidos de que Xa Madiamba era o Muatiânvua eleito, e muito satisfeitos em serem os primeiros a dar novidades áquelle Muata, se elle não estivesse já prevenido pelo Mussumba.

A diligencia continuou a sua jornada descaindo um pouco para sul, e conseguiu em tres dias passar os rios Luele, e o Chicapa no porto de Iala.

Na povoação d'este potentado demorou-se ella alguns dias acampada, porque Manuel Bezerra entendeu fazer exactamente o contrario do que lhe haviamos determinado, isto é, ir mais para o sul do seu caminho visitar Mona Congolo, que segundo as observações de Wissmann está situado no 8° 57′ 13″ de lat. sul, e por conseguinte fazer um desvio pouco mais ou menos de 70 a 80 kilometros, o que occasionou uma demora de 8 a 10 dias senão mais, que nos quizeram convencer depois ser devida ao mau caminho, falta de mantimentos e por esperarem despacho do Bungulo.

Manuel tinha recommendação do seu avô, nosso interprete, de no regresso levar um presente áquelle potentado, para d'elle receber uma sua amazia com uma filha sua que lá deixára depositada por causa de uma divida, porém o primo de Bezerra, Quimuanga, negociante sertanejo, tendo sido mais tarde obrigado a pagar aquella divida, seguira com a parenta e a filha para o Luachimo onde se foi estabelecer, e na ausencia de Bezerra entendeu por conveniente ir-lhe augmentando a prole.

O Bungulo que a diligencia encontrou, não era o amigo de sua criação que Manuel Bezerra esperava achar. Aquelle potentado havendo sustentado por tres vezes fogo contra os Quiocos de Mona Quissengue, que em nome de seu amo lhe exigiam tombo, conseguiu repelli-los sempre. Como conhecesse porém da ultima vez, que Quissengue era animado a guerreá-lo pelos

partidarios de um primo que pretendia derrubá-lo do poder para entrar no seu logar, participou em uma audiencia — para a qual convidára os parentes e os quilolos do Estado — que no intuito de evitar traições que podiam motivar graves conflictos entre parentes e que como Muata teria de castigar, e como não tivesse sido vencido pelos Quiocos que quizeram medir as suas forças com as d'elle, não lhes dando aliás o gosto de cair em seu poder, e visto que os quilolos preferiam para o logar d'elle o seu sobrinho, tomára a resolução de resignar o poder nesse parente, e de retirar com os amigos que o quizessem acompanhar para a margem do Chiúmbue nas terras de seu pae Caungula, onde ia levantar uma povoação.

Podia o novo Bungulo dar tombo a Quissengue, elle é que nunca o daria, mas tambem desde já prevenia os que ficavam com o seu successor, que passado tempo não fossem procurá-lo com intrigas para elle voltar ao Estado, porque os não attenderia.

O facto dera-se como no-lo relataram, e a nossa Expedição encontrou depois esse Muata na margem do Chiúmbue. Era um bom typo de homem, dos mais audazes que na Africa conhecemos e com quem mantivemos muito boas relações.

O novo Bungulo disse aos nossos homens ter ouvido ás pessoas que vinham ali do oeste, que no Cassassa estava Ianvo filho do Muatiânvua Noéji, em viagem para a Mussumba, onde ia tomar conta do Estado por eleição dos grandes da Lunda, porém que da Mussumba nada sabia a tal respeito, o que não era para extranhar, porque primeiro havia de ter essa noticia seu pae Caungula, com quem ha tempo não tinha communicações, porque os caminhos entre ambos estavam cortados pelos Quiocos de Mucanjanga.

Agradeceu muito ter-se Muene Puto lembrado d'elle, e como quizessemos passar pelas suas terras para ir ao Anguvo mandava-nos apresentar 20 carregadores, e que quando nos avistassemos com elle, se fosse preciso, nos apresentaria mais.

Estes homens acompanharam a diligencia, porém o Cabembe quando elles chegaram ao seu sitio quiz impedir-lhe a passagem

por virem do Bungulo, sem trazerem um mussapo de seu amo para Xa Madiamba, o Muatiânvua já reconhecido pelo grande Caungula.

Atemorisou os rapazes dizendo que já Xa Madiamba estava rodeado de representantes de diversos Muatas, e que não podiam passar nas terras do Cassassa sem irem cumprimentá-lo, e que se o fizessem sem o presente de Bungulo, decerto ficariam todos presos como escravos do seu serviço. Disse mais que voltassem todos a pedir a seu amo o mussapo, pois sem elle não os deixaria passar; não queria que succedesse alguma cousa má e que Bungulo mais tarde lhe imputasse as culpas por o não ter prevenido.

Manuel Bezerra pediu então a Cabembe que d'aquelles vinte rapazes deixasse passar ao menos dois na sua companhia para no-los apresentar, como prova de ter a diligencia cumprido a missão de que fôra encarregada, de que Bungulo os mandára e para dizerem porque não vinham já todos na companhia d'elle.

Accedeu Cabembe ao pedido, e de facto Manuel Bezerra apresentou-nos os dois rapazes.

Nós haviamos ordenado aos tres mensageiros que chegando á Estação Cidade do Porto se apresentassem ao ajudante chefe da secção, para receberem o complemento das rações para o resto da viagem, e preveniamos aquelle nosso companheiro para que tomasse as necessarias providencias a fim de que elles seguissem ao seu destino, evitando que fallassem com Xa Madiamba ou com pessoas da sua comitiva.

A Manuel Bezerra fizemos sentir na presença dos seus dois companheiros a necessidade que havia de não fallarem a pessoa alguma ácêrca do que iam fazer. Foi tudo trabalho baldado.

Creio mesmo que quando chegaram ao Cassassa já o Xa Madiamba estava ao facto de tudo, e logo que Manuel Bezerra entrou na Estação mandou-o Xa Madiamba chamar para ter noticias do seu compadre e amigo o Angana major, sendo o proprio Manuel que se anticipou a dar-lhe o *maésu* como o faria qualquer gentio, não esquecendo mesmo dizer-lhe que

PONTE NO CUENGO CONSTRUIDA PELA EXPEDIÇÃO

fôra encarregado de saber do Bungulo se os quilolos da Mussumba o queriam a elle para Muatiânvua, como mais tarde o proprio Xa Madiamba por vezes nos dizia, querendo mostrar-nos que nós procederamos como um bom quilolo, e como homem velho e prudente.

Já se vê que Xa Madiamba, que contava com o apoio de Cabembe, preveniu-o a tempo como devia proceder em relação á nossa diligencia, afim de não nos afastarmos do seu caminho.

Contrariou-nos bastante a resolução tomada por Cabembe. Era esta mais uma difficuldade para juntar ás que tinhamos tido durante a nossa commissão, a contar mesmo de Lisboa e que resignadamente acceitámos tirando d'ellas o melhor partido. Convencemo-nos que eram até essenciaes, para enriquecer os nossos trabalhos com um maior peculio de factos e de observações.

Esta contrariedade porém pouco nos podia importar na occasião, porque toda a nossa attenção se havia voltado para a comitiva de cargas vinda de Malanje que Augusto Cesar nos tinha apresentado na vespera.

A chegada d'aquella comitiva, como é bem de deprehender, era um successo importante de que se esperavam optimos resultados, por isso imagina-se qual foi a satisfação que de todos nós se apoderou logo que os primeiros carregadores se avistaram ao longe.

Todos os rapazes que estavam no acampamento principiaram a disparar as suas armas, indo logo uns enfeitar a ponte com lenços e retalhos de chita de diversas côres, outros vestir o que tinham de melhor e pedir-nos algumas cargas de polvora para saudarem condignamente os antigos companheiros que caminhavam no couce da comitiva com Augusto, o qual vinha montado num boi, e os que faziam parte da musica lá foram para a entrada da ponte com os seus instrumentos.

Pode dizer-se que entre o gentio era esta uma manifestação imponente, e naquelle dia ficaram logo esquecidos os sacrificios, privações e trabalhos que todos até ali tinham soffrido no cumprimento dos seus deveres. Já não havia desgostos, e os

soffrimentos referiam-se apenas para justificar a alegria de que todos estavam possuidos.

A comitiva veiu chegando por grupos com os seus cabeças, e os carregadores iam collocando as cargas na arrumação devida em local reservado que se lhes destinou. Atrás dos grupos de cada sobado apresentava-se-nos o representante do respectivo soba entregando-nos uma mucanda d'esse potentado, que principiava invariavelmente pelos protestos de submissão a Muene Puto, desejos que tinha em bem o servir, recommendando á sua protecção os seus filhos, e terminava sempre esperando que nós agradecessemos os serviços d'elles, e não nos esquecessemos no regresso de o contemplar a elle soba com uma boa gratificação e com roupas para se vestir.

Chegou emfim Augusto. Sentimos alegria ao vê-lo, e não pudemos deixar de o louvar pelo seu bom serviço e pelo modo porque se houve, apresentando-nos na melhor ordem possivel a comitiva que á sua vigilancia fôra confiada.

O seu itinerario para o acampamento, salvo o porto de Cuango em que effectuou a passagem, e o ter seguido directamente de Mona Mahango ao Caianvo para não passar na povoação de Mucanzo que estava de luto pelo seu potentado, não differia no mais do nosso.

Para lá, já o dissemos, seguira directamente do Valle das Amarguras em que nos deixou ao Caianvo, e d'ahi cortou ao porto do Anguvo no Cuango, onde foi bem recebido, não voltando por este porto com receio do Calandula no Luí.

Ainda assim na margem esquerda d'este rio, uma hora antes de chegar ao Ambango (Estação Paiva de Andrada) Cambolo e a sua gente sairam-lhe ao caminho para impedirem a marcha da comitiva, ou então receberem um grande presente, mas os carregadores que traziam cada um a sua espingarda, portaram-se muito melhor do que era dado esperar de Massongos.

Reuniram as cargas em um ponto, rodaram-nas e disposeram-se a recebê-los debaixo de fogo.

Manuel Ignacio prestou um bom serviço á Expedição. Foi procurar Cambolo, e disse-lhe de um modo terminante que

aquella comitiva era do Angana major de Muene Puto que estava com o Muatiânvua, e que se elle com a sua gente não desistia do intento de roubar as cargas, o branco e os carregadores que tinham de as entregar ao Angana major estavam resolvidos a morrerem todos ao pé d'ellas, e que não se queixassem depois do que lhes pudesse succeder.

Então Cambolo pediu para fallar ao branco, e cumprimentando-o ao seu uso disse-lhe não saber que elle estava ao serviço de Muene Puto, julgando que fosse elle algum Quimbare de quem se queria pagar por um quitúxi que lhe ficára devendo uma outra comitiva da mesma gente que passára para o interior havia mezes; que era um quitúxi grande, pois uma das suas raparigas andava doente, não comia, e desconfiava-se que estivesse pejada.

Que sendo o Angana major que Augusto representava, o seu coração ficaria triste se lhe não desse um signal de que seguia não ficando inimigo d'elle.

Deu-lhe então Augusto uma porção de tabaco e elle voltou mais tarde com duas gallinhas, presente que Augusto retribuiu com um panno de riscado.

Afora este caso houvera o incidente na passagem do Cuango, de que já nos dera conhecimento Garcia, e que não teve maior importancia.

Em Mona Mahango foi Mona Candala por ordem da mão quem abriu a Estação Costa e Silva para Augusto ali pernoitar, encontrando-a elle muito bem tratada, com portas e janellas novas e muito asseada por dentro.

Esperava-se em Mona Mahango que para ali fosse uma missão de Muene Puto, e por isso todos os potentados esperichavam em que se entregasse a casa a essa missão na melhor ordem possivel.

A vista das notas que já tínhamos do negociante Custodio Machado, o empregado Augusto prestou as contas do que trazia fora da carga para pagamento de rações, de passagens de rios, de presentes a sobas e regulos e tambem dos volumes das cargas que nos deviam de ser entregues, e depois de

minuciosa inspecção ficámos satisfeitos com elle e com todos os carregadores.

Quiteca, que representava o soba Nhângua seu irmão, e que maior numero de carregadores apresentou (68), reconhecendo a nossa satisfação, quiz aproveitar a opportunidade de representar em nome de alguns contra as differenças nos pagamentos por causa das medições de fazendas, faltas de rações e ainda por parte d'outros, pelo pagamento incompleto; e foi apoiado na lamuria pelos cabeças dos diversos fogos.

QUITECA

Anciosos por abrir a nossa correspondencia respondemos que nos informariamos, devendo elles naquelle dia descançar e fazerem as cubatas para tratarem de se acommodar e de comer e dormir.

Não se imagina a commoção que experimentavamos á chegada de um correio, estando no sertão, longe da patria e sequestrado da familia e dos amigos. Assaltava-nos a duvida, avivava-se a saudade, dominava-nos uma receosa hesitação e quasi esquecidos de nós e do meio em que estavamos, lançavamos mão do masso da correspondencia, abriamo-lo, sobresaltava-nos ao vêr um sobrescripto cuja letra nos era extranha, ao reparar num involucro de maior volume, ao attentar num officio ou num jornal que nos era dirigido, e revolvendo tudo sempre com a idea de que alguma cousa ainda nos faltava, quasi que ali

queríamos ver entre toda a papelada a propria familia. Nós que lhe pediramos para não nos escreverem com receio de que as suas cartas se perdessem!

Por uma inesperada felicidade a unica carta de Lisboa que se nos deparou entre tão volumosa correspondencia era a do nosso bom amigo Guilherme Allen. Enviava-a incerto de que nos pudesse chegar ás mãos. Dava-nos boas noticias da familia e dos nossos amigos e remettia-nos inclusa uma carta da nossa querida mãe.

Com os olhos arrasados de lagrimas, foi vivissima a alegria que sentimos ao percorrer com a vista linha por linha essa carta escripta numa letra miudinha, e em que ella nos dava boas novas dos entes que nos eram mais caros.

Sentimo-nos reanimados para o trabalho e depressa tomámos conhecimento de toda a correspondencia.

O agricultor Vaz, do Quissole, e o negociante Esteves de Catala, a quem tantos obsequios deviamos, lembravam-se ainda de nos mimosear, o primeiro com um boi de monta que transportára Augusto e com uma porção de vinho, e Esteves com uma lata de farinha torrada e com café. Custodio Machado tambem se não esqueceu enviando-nos como mimos cognac, queijos e bolachas.

O capitão Machado chefe do concelho de Malanje escrevia-nos, e pela sua carta vimos que os Bângalas que nos deram noticia do seu enterro, o confundiram com o chefe da colonia Esperança que na occasião fallecêra. Era pois certo que mais um joven official do exercito de Africa occidental perdia a vida no sertão da provincia e no serviço de uma instituição tão util como era a de uma colonia penitenciaria! E porquê? Porque não nos rodeâmos dos cuidados indispensaveis ao iniciar uma empreza no sertão, que se conhece ser arriscada, tentada a distancia de todos os recursos de que é possivel lançar mão para luctar com vantagem contra as doenças; porque emfim na séde d'onde partem os funccionarios que se escolhem para missões extraordinarias como estas se não sujeitam antes de tudo esses individuos a uma inspecção de saude.

Estas indicações praticas alguma vez hão de servir para orientação dos poderes publicos, não se despresando os cuidados a que se deve attender numa boa administração colonial.

Tambem a Sociedade de Geographia Commercial do Porto nos officiou animando-nos no nosso emprehendimento, porém era desanimador o que nos dizia com respeito a uma carga de borracha que lhe enviaramos por via do Ministerio dos negocios da Marinha e Ultramar. Que destino teria essa carga?

Approvou a Sociedade que o negociante Machado disposesse, como agente seu em Malanje, dos volumes que alguns negociantes tinham enviado á nossa consignação, que só tarde partiram de Lisboa e que estavam depositados na villa do Dondo.

Nos jornaes vimos que infelizmente o nosso ousado explorador Serpa Pinto, apesar dos recursos de que dispunha, se encontrava ainda no littoral e já padecendo fome, e que uma nova expedição de Allemães debalde tinha procurado na provincia de Angola carregadores para se internar pelo Zaire!

Na verdade estas noticias não nos alegravam, avivavam-nos porém o desejo de proseguir nos nossos trabalhos e dar-lhes o maior desenvolvimento, aproveitando em seu favor a boa disposição dos povos entre os quaes iamos acampar.

Findaramos a leitura da correspondencia e por alguns momentos o nosso espirito transportara-nos a Lisboa e... pensámos se realmente lá chegariamos, levando em boa ordem todos os nossos trabalhos. Fomos porém distraidos d'estes pensamentos pela grande alegria do acampamento que se desenvolveu num ruidoso batuque, mesmo de dia.

Na manhã seguinte desenhavamos com todo o cuidado umas bonitas flôres brancas em forma de campanula, que pendiam das arvores que se elevavam á entrada da ponte, e que colheramos como despedida do acampamento Solidão de Julia, quando fomos interrompidos pelas saudações dos cabeças da nova comitiva. Quiteca disse-nos que se na vespera apresentára a sua queixa, fôra para que os rapazes não gritassem, mas que nós tinhamos tido muita razão em nos querer informar com o

DESPEDIDAS DA SOLEDÃO DE JULIA

empregado branco. Accrescentou que era irmão de um soba de Sua Magestade, e que não queria logo no principio que ficassemos zangados com elle.

Respondemos que seriamos sempre justos quando reclamassem o seu direito, mas não attendiamos exigencias desarrazoadas. Que os pagamentos foram feitos em Malanje, era ahi, ao chefe do concelho que os chamou que deviam de fazer reclamações se encontravam faltas nos ditos pagamentos.

Tambem em Malanje receberam rações até ao Cuango, e depois na Estação o empregado deu a cada carregador uma peça de fazenda de lei para rações até ao fim da viagem, nada pois tinham a exigir. D'aqui em deante, accrescentámos, as rações serão pagas no mesmo dia a todos, e na mesma quantidade e qualidade.

Pediu então o homem para irmos ver um dos seus rapazes que estava doente, e que lhe dessemos um remedio para elle ficar bom ou se fosse feitiço, destruí-lo.

—Nós não sabemos fazer nem desfazer feitiços, temos alguns remedios, e se fôr doença talvez algum lhe possa fazer bem. O homem ouvindo esta resposta, perguntou então se não fomos nós que fizemos um feitiço para matar Mona Samba?

Já se vê que era este um dos boatos que Quiteca naturalmente ouvira entre a gente de Mona Samba, e que era conveniente fazer cessar na nossa, agora numerosa comitiva, e logo de principio, porque podia isso collocar-nos em novas difficuldades se por acaso viessem a morrer alguns carregadores, principalmente dos que tinham chegado. Demos-lhe portanto como resposta que Muene Puto não fazia mal a ninguem, porém o seu Zâmbi castigava muitas vezes aquelles que eram maus e que procuravam intrigar os filhos de Muene Puto.

Um purgante que administrámos ao doente, e algumas dóses de sulfato de quinina durante o dia foram de bom effeito.

Reflectindo sobre um aviso muito particular que nos fizera Augusto Jayme, e que era confirmado por Manuel Ignacio, de que não podiamos contar que os Massongos passassem o Cassai, pois todos elles traziam o seu negocio para o Anguvo

e Caungula e fallavam em fazer um reviro no Muata Cumbana; considerando tambem que Xa Madiamba havia de querer avançar na nossa companhia para o Caungula, o qual tinha mandado gente para o transportarem para ali e portanto que se pensava deveras em entregar-lhe o Estado de Muatiânvua; pensando ainda que nove dos carregadores novos que não tinham cargas distribuidas não era numero sufficiente para as que tinhamos a mais, embora se pudessem fazer mais reducções; lembrando-nos pelo balanço feito aos volumes que vieram, que os recursos podiam apenas chegar para ir a Mussumba e voltarmos, quando era indispensavel termos ali alguma demora, sobre tudo se Xa Madiamba fosse tomar posse, como se dizia do cargo de Muatiânvua; entendemos ser de toda a vantagem expôr novamente ao Governo a nossa situação e mandar voltar Augusto com Manuel e Domingos e os soldados que chegaram na diligencia de Manuel Bezerra, para aguardarem em Malanje as ordens e acompanharem os recursos que este entendesse dever proporcionar, quer para permanecermos ou retirarmos, quer para se continuar a manter ali a nossa occupação por alguem que nos viesse render.

MARCHA DO CHEFE PARA O CUÍLO

manhecêra o dia 21 de agosto bastante quente. O céo mostrava-se sombrio e carregado de nuvens escuras, o que nos fez lembrar que a monção das chuvas estava a declarar-se, e que já precisavamos de ter todas as cautelas em viagem no resguardo das cargas.

Do chocolate que nos trouxera Augusto mandámos logo de madrugada fazer duas chavenas, uma para elle e outra para nós, e como elle estivesse já prevenido de vespera relativamente a ordem de marcha despedimo-nos, seguindo elle com os seus companheiros o caminho de Malanje. Dirigindo-nos ao acampamento fizemos avançar Manuel Ignacio e a sua gente como dianteiros na marcha para a Estação Cidade do Porto, e para acompanharem a bandeira da Expedição, que já ia na frente.

O nosso cão Zunga, que se acostumára a andar com Manuel, fôra atrás d'elle para Malanje, o que nos custou bastante, porque era uma companhia que nos entretinha. Paciencia, ainda

nos restava o papagaio, que nos distrahia de quando em quando do trabalho chamando pelo nome de Julia, para ver se assim lhe davamos de comer.

Mandámos substituir os carregadores doentes dando as cargas que transportavam a gente mais valida, e a pouco e pouco estava em marcha a caravana por fogos ou companhas, o que levou seu tempo, porque contando com as mulheres e crianças excedia a duzentas o numero de pessoas em jornada.

Ás sete e meia seguiamos nós, como de costume, no couce da comitiva, e comnosco Augusto Jayme e Quiteca, indo os Loandas e soldados intercalados na fileira dos carregadores.

Como cada carregador trazia a sua arma na mão era de um effeito imponente a marcha, sobre tudo quando elles procuravam não afrouxar na cadencia com os seus cantos em côro.

A gente que viera era em geral robusta, de elevada estatura e como a viagem tinha sido regular, pode dizer-se que fôra um reforço fresco que nos viera animar no proseguimento dos trabalhos que ainda tinhamos a emprehender. E não era de admirar que nos causasse esta impressão, porque o pessoal que nos acompanhava da primitiva estava enfraquecido e já muitos individuos soffriam de anemia, que mais ou menos os minava, sendo preciso ter com um ou outro alguma contemplação, porque uma doença de mais gravidade podia ser fatal a qualquer d'elles.

A nossa marcha foi de 13 kilometros, porque o calor apertára, não sendo possivel conseguir pelo estado de fadiga dos carregadores o ir acampar como desejavamos na margem do rio Lubale, que ficava ainda a uns 12 kilometros de distancia do ponto em que parámos, segundo o itinerario das outras secções.

O nosso rumo tendo sido de E.-NE. na marcha de 4 kilometros até ao riacho Camatula, affluente do Camassepo, que corre para o Cuengo na direcção de N.-W., mudou depois para E. no decurso de 1 kilometro para voltar a N.-E. em 3,5 kilometros de marcha até passarmos uma linha de agua que corria para norte sobre o riacho Camassego. Caminhou-se depois com a

direcção a leste, na extensão de 4,5 kilometros atravessando-se o riacho Camassego, que corre para N.-W. a desaguar no Camassepo.

O acampamento foi feito uns 300 metros além d'este rio, á saida da floresta que orla o riacho, ficando na nossa frente uma extensa planicie, que se estendia para N.-W. e S.-E., podendo ver-se o arvoredo que marginava o Camassepo.

Pelo perfil que apresentâmos vê-se que o terreno era bastante ondulado, acima sempre de 1:000 metros sobre o nivel do mar, sendo a maior altura a que attingimos superior a 1:140 metros. O dia conservára-se nebuloso, o que tinha sido bom para a marcha se não fosse a calma que era abafadiça, e os caçadores praticos tendo conhecido proximo do acampamento rastos de caça, apesar de fatigados, pediram-nos licença para a irem bater. Abalaram, e pouco depois appareceram-nos tres dos nossos carregadores cada um com a sua corça, o que era um bello recurso.

Augusto trouxera-nos de Malanje bem remendada a bota que em tempo se queimára por descuido do criado, e por isso com os pés mais á vontade voltámos ao antigo costume de fazer longas marchas sem nos fatigarmos.

As cargas foram bem acondicionadas sobre troncos de madeira na frente da nossa barraca, em logar limpo de capim e devidamente cobertas para as abrigar da chuva que era muito para recear, e que não nos poupou de noite. Este cuidado da gente nova, sem ser preciso recommendação admirou-nos, e descançados por esse lado aproveitámos o socego em que nos deixou durante o dia a maior parte do pessoal em busca da caça para nos occuparmos em alguns trabalhos de gabinete.

A estreia que tinhamos marchando com Massongos era boa, tanto no que respeitava á sua boa ordem, submissão e socego, como aos seus cuidados pelas cargas, e se isto continuar — escrevemos no nosso Diario — teremos de modificar a má opinião que por informações formámos ácêrca da gente do Songo no tocante a transporte de cargas. É porém cedo para mudarmos de opinião, no emtanto julgâmos conveniente evitar o

dar-lhes qualquer pretexto para demonstrarem que são muito differentes do que pelo seu proceder os suppozemos.

Recommendámos á noite a precisa cautela com os fogos, visto terem feito os *fundos* por economia de tempo e de trabalho aos grupos, aproveitando as paredes de uns para outros. Não tinhamos receio pelas cargas, essas estavam bem isoladas, assim como a nossa barraca, mas tinhamo-lo por causa d'elles, pois que alguns traziam polvora e todos uns mais outros menos traziam cargas de sal, tabaco, fazendas, etc., como já dissemos, para negocio.

Na madrugada do dia seguinte, depois de tomarmos o nosso café, emquanto Antonio e Marcolino preparavam para a jornada o que era nosso, os carregadores depois de se aquecerem ás fogueiras, principiaram a levantar, seguindo a ordem da marcha da vespera, vindo Quiteca pedir-nos antes, em nome de todos, para acampar na margem direita do Lubale por estarem informados que ali havia muita caça.

Elles já sabiam que nós, quando o caminho estava conhecido e estudado, gostavamos de não perder tempo e de fazer marchas grandes, porém sendo este o primeiro pedido da gente nova, e sendo necessario obter caça, não deviamos de ser exigentes. Tambem era rasoavel não fatigar o pessoal e por isso annuimos ao pedido, dando-lhe ao mesmo tempo a polvora de um barril que estava em meio, e que perdia bastante pelas fendas. Fizemo-lo tirar da carga e ordenámos a Quiteca que distribuisse o seu conteudo pelos caçadores que na vespera mataram as corças.

A marcha devia ser de 12 kilometros, como estava calculado, se acampassemos onde costumavam acampar as nossas secções, mas decidimos que fosse um pouco maior a pedido dos proprios caçadores.

Saimos do acampamento em direcção ao Camassego no rumo de leste, e passámos este rio depois de uma marcha de 1:500 metros. Continuámos ainda neste rumo por 3 kilometros em subida, e mudámos depois para E.-NE. no percurso de 2:500 metros subindo sempre, para depois caminharmos um pouco

mais para N. na extensão de 1:500 metros descendo ao riacho Cassalepo, que corre em direcção ao norte a entrar no Lubale, ao qual nos dirigimos, marchando 3 kilometros no rumo de N.-E. Demorámo-nos duas horas na margem d'este rio, para a caravana o passar com as precisas cautelas na primeira ponte com que deparámos, e que estava em muito peor estado do que quando ali passaram as primeiras secções.

Entre o Camassepo e ó Cassalepo, separadas pela crista de uma elevação que tivemos de ultrapassar, viam-se duas vastas planicies para o norte, descaindo a primeira sobre os affluentes do Cuengo, estendendo-se a outra em ondulações sobre o Lubale. É esta elevação a divisoria das aguas que se grupam naquelles dois rios e nos principaes o Cuengo e o Lubale, e que obriga este ultimo a um grande turno pelo norte até entrar no Cuengo.

Esta mesma elevação que tambem vae crescendo gradualmente em altitude para sueste, é o limite onde o Cassassa extremou pelo oeste os seus dominios com os Xinjes; todavia em tempo, como já dissemos, destacou-se do estado do Cassassa seu sobrinho Muquínji, que resignou o poder que então tinha no tio, e com parentes e alguns amigos passou este limite para ir estabelecer-se onde o encontrámos e onde, restringindo-se á sua povoação, levava vida mais tranquilla e socegada.

A ponte, quasi toda mergulhada na agua, era perigosissima, porque parte das traves que em tempo formavam o seu taboleiro, tendo saido de seus logares ficaram sujeitas a impulsos desencontrados da corrente, devidos ao refluxo determinado pelos grandes reconcavos das margens que estão muito proximos d'ella.

Alguns d'aquelles madeiros, apenas presos por um extremo, estavam num vae-vem continuado, e quando o caminhante escolhendo um dos firmes para collocar o pé, não reparasse no movimento dos mais podia facilmente desequilibrar-se, cair ao rio, e não sendo destro e previsto podia ser victima naquella armadilha, que parecia de proposito disposta ali para fazer estremecer os mais audazes.

Quatro homens tiveram de tomar-nos sobre os hombros, havendo ainda assim necessidade de se fazerem á pressa umas cordas, que outros conservavam tensas nas margens para lhes servirem de apoio nos equilibrios a que foram obrigados durante a passagem.

Pode calcular-se como iriamos naquella posição, não obstante sermos nós provavelmente que tinhamos menos a soffrer caso elles caissem, porque ficariamos deitados de costas sobre a parte firme da ponte. Por vezes quizemos alliviar os homens, e caminhar embora em parte debaixo de agua, como vulgarmente se diz, de gatinhas, sobre os troncos mais estaveis, mas elles não o consentiram, allegando que não era preciso molharmo-nos, pois tinham a força e a esperteza precisa para se não deixarem cair.

Afinal passámos!

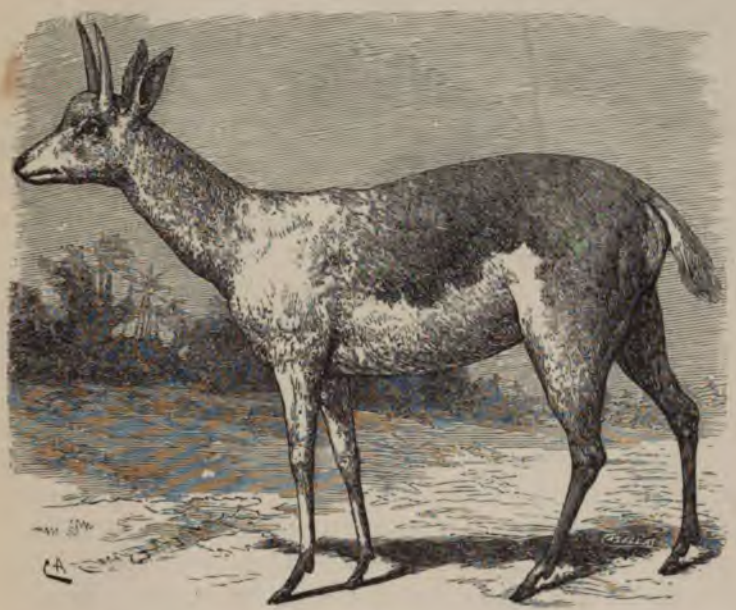
O rio é muito tortuoso, e em sitios muito mais largo que o Cuengo, onde o conhecemos; a corrente é-lhe superior em velocidade e as margens são fechadas por arvores corpulentas e de grande porte.

Deixando a floresta do rio Lubale a uns 200 metros, viam-se os acampamentos em que as nossas secções pernoitaram; porém, como ficou dito, Quiteca veiu pedir-nos para irmos acampar além do Camissama, affluente do Lubale, que ficava proximo, e além do qual haviam extensas campinas para o norte, onde, segundo as noticias que os caçadores tiveram em Angunza Muquínji, havia muita caça.

Seguimos pois mais 2 kilometros no rumo E.-NE., passámos o rio Camissama, que é estreito, correndo sinuosamente para N.-W., e acampámos uns 500 metros além d'elle, aproveitando a sombra das arvores já mais destacadas das suas margens, ficando na nossa frente uma grande campina, que se estendia tanto para a frente como para os lados coberta de capim, que promettia grande crescimento, ostentando-se já em toda a sua frescura e na altura de pouco mais de meio metro, podendo dizer-se á vista d'elle que estavamos entrando na estação das chuvas.

1200
90
80
70
60
50
40
30
20
10
1000
90
80
70
300 acima do nivel do mar

A nossa marcha foi pois de 14 kilometros, sempre em altitude superior a 1:000 metros, mas em terras baixas relativamente ás percorridas no dia anterior até ao acampamento do Lubale, oscillando sempre entre alturas que variavam no limite de 20 metros, mas do Lubale ao nosso acampamento tivemos de subir a 1:154 metros, isto é, mais 76 metros do que naquelle acampamento.



COREÇA

Assim como na vespera, todos os carregadores, sob a direcção dos seus cabos, collocaram em logar isolado e em boa ordem as cargas devidamente cobertas com capim, e depois procederam ao fabrico dos fundos, indo outros bater caça para o norte.

O processo de bater caça numa campina coberta de capim é interessante, e mesmo da nossa barraca, sem nos incommodarmos, pudemos disfructar o quadro, que era digno de um habil pintor.

Os caçadores destinados a montear foram na vanguarda, dividindo-se pelos lados de um largo rectangulo em que suppozeram dever existir a caça, e espalharam-se em linha a uma grande distancia fechando o rectangulo. Os caçadores mais afamados, caminhando vagarosamente entre o capim isolaram-se uns dos outros e tomaram posições de antemão combinadas, esperando ahi os que caminhavam para elles fazendo alarido, assobiada, agitando cousas que pudessem fazer bulha, procurando assim espantar os animaes que se achassem para a frente d'elles.

O certo é que passado algum tempo vimos grande numero de corças correndo espavoridas deante dos caçadores que as perseguiam, caindo algumas aos tiros dos que as esperavam a pé firme.

De quando em quando por entre o capim appareciam as cabeças dos perseguidores, e a distancia saltando em diversas direcções viam-se os animaes.

Foram mortas dez corças por este processo, e tanta era a satisfação e tão grande a esperança de se fazer uma outra caçada igual, que os Loandas foram encarregados de saber se não nos faria differença demorarmos-nos ali no dia seguinte.

Como haviamos mandado pedir aos nossos collegas todas as caçadeiras disponiveis, e que dispensassem os rapazes que caçavam e quizessem vir ao nosso encontro com o fim de obtermos alguma carne para todo o pessoal, e não querendo contrariá-los, prestámo-nos a fazer-lhes a vontade. Cumpre porém dizer que nos era mais vantajoso estar na Estação, onde tinhamos de nos demorar alguns dias para reorganisar a Expedição, de modo a poder ella seguir toda reunida, contando arranjar entre os Lundas os carregadores que nos faltassem.

Apresentou-se-nos o Lunda Ambanvo, de Muene Caje, que fôra visitar o tio na povoação do Quissenda, e deu-nos parte que conseguíra escapulir-se, dizendo ao tio que o esperavam no Cassassa mais ao Tâmbu, visto o seu companheiro estar com o Muatiânvua, e que tanto um como o outro tinham a receber de Muene Puto uma gratificação pelos seus serviços. Disse que encontrára Augusto e os companheiros em marcha

para o Camau, e que esperavam pernoitar nesse dia no Caianvo; tambem vira o cão Zunga seguindo atrás do boi.

Boa marcha tinham levado os nossos homens, e calculámos que continuando assim chegariam a Malanje com mais quinze dias de jornada.

Tambem chegou um escoteiro da Estação trazendo-nos um officio do sub-chefe, participando que o primeiro interprete havia dias que estava doente, com a perna esquerda como um trambolho, a ponto de a não a poder dobrar. Parecia que todo o mal era no joelho, em consequencia de alguma queda, pancada ou geito, o que até aquella data não pudera averiguar, porque o padecente não se queixava que fosse devido a qualquer d'essas causas, suppunha antes que fosse resultado de feitiços.

O doente precisava de um tratamento rigoroso, não podendo o sub-chefe garantir que ficasse sem defeito, ainda assim acreditava que para se poder levantar da cama talvez fosse mister tres ou quatro mezes de tratamento. Havia principiado a medicá-lo e prevenira-o que o abandonava caso conhecesse que elle se tratava com remedios dos indigenas.

Logo na segunda visita que lhe fizera vira-o já rodeado de mistelas do gentio e de gente estranha, pelo que o reprehendêra, e como elle teimasse em se entregar aos curandeiros recommendados pelos seus amigos da Lunda, declarara-lhe positivamente que não voltava a tratá-lo, e d'essa resolução nos dava parte, salvando assim a sua responsabilidade como encarregado da clinica da Expedição.

O ajudante tambem nos communicou que a Estação tinha armazens na devida ordem para receber todas as cargas que vinham na nossa caravana, e que tinham chegado novos cacuatas do Caungula com a sua gente para fazerem parte da comitiva que devia acompanhar Xa Madiamba para o seu sitio, onde se lhe devia collocar na perna a lucanga, e receberem os embaixadores da côrte e forças de diversos Muatas que deviam formar o sequito de honra, que iria augmentando pelo caminho até á entrada na Mussumba.

Foi-nos bastante agradavel ter esta noticia, tanto quanto nos contrariava a impossibilidade do interprete nos poder auxiliar nas investigações a que tencionavamos proceder com respeito ao novo Muatiânvua, logo que chegassemos ao Cassassa, e ainda mais a sua estupidez em preferir ao tratamento medico que o sub-chefe lhe podia fazer, as mesinhas e intrujices dos espertalhões gentilicos que o poderiam inutilisar para o resto de seus dias, sobrecarregando-nos durante a viagem ou obrigando-nos a perder alguns carregadores e recursos para o fazer transportar para Malanje.

Ora se de facto o Caungula, um dos mais poderosos potentados da Lunda, mandava cacuatas e forças para acompanharem Xa Madiamba com honras de Muatiânvua, é porque de certo tinha auctorisação da côrte para o fazer, aliás, embora fosse amigo d'elle ou dos seus partidarios — vista a distancia a que estava da côrte — não se envolveria em negocios que só a esta respeitavam e com que nada lucrava; e o Bungulo bem o fizera sentir, dizendo que se alguem da côrte chamára este filho do Muatiânvua, que estava no Cassassa, para ir tomar posse do cargo de seus antepassados, Caungula seu pae havia de sabê-lo primeiro do que elle.

Além d'isso Caungula tambem nos participava que não podia enviar carregadores, porque já o Muatiânvua lh'os mandára pedir para no-los apresentar.

Á vista d'isto não nos restava duvida que até ao Caungula, para onde seguiamos, tinhamos de acceitar Ianvo como Muatiânvua eleito, e d'elle deviamos tirar todo o partido para o bom exito da nossa missão, quer no tocante ao commercio da provincia de Angola, quer no que respeitava á grande idea nacional de tornar effectiva e de resultados praticos a expansão dos nossos dominios, e a união das duas grandes provincias luso-africanas por paizes onde é evidente a influencia que ha seculos os portuguezes nelles exercem.

Com o espirito sempre preoccupado com assumptos que diziam respeito ao novo Muatiânvua, pela circumstancia de não nos ser possivel mudar de rumo com vantagem, embora

tivessemos de alijar de alguma forma umas cincoenta cargas pelo menos, vieram as noticias do ajudante sobresaltar-nos ainda mais, obrigando-nos a reflectir sobre a dependencia em que nos collocavamos dos successos que necessariamente se deviam de ir desenrolando á medida que o indigitado Muatiânvua fosse avançando para a Mussumba.

Não podiamos reagir contra a influencia das manifestações a favor d'esse homem por parte dos nossos carregadores, que apesar de pertencerem a sobados muito em contacto comnosco, no seu modo de pensar eram tão gentios como os povos da Lunda, e acabavamos de ter uma nova prova d'isso no proceder do nosso primeiro interprete Antonio Bezerra, neto de europeu, nascido no Golungo Alto, educado por europeus e sempre ao seu serviço.

Por outro lado pensavamos tambem que havendo nós rejeitado o caminho do Quimbundo — o primeiro que o nosso commercio abríra para a Mussumba — por estar infestado de Quiocos, que pelos seus ataques ás caravanas não offerecia garantia de segurança, acrescendo a isso que nem os Lundas nem os Quiocos nesse transito apresentavam genero algum á permutação; e tendo nós querido cortar direito ao Bungulo e d'ahi ao Anzavo no Cassai, contando embora que teriamos de entreter relações com Quissengue e com potentados Quiocos seus subordinados, chegando a nossa diligencia a alcançar vinte carregadores para ali irmos, o facto de encontrar o obstaculo da influencia de Xa Madiamba era caso para grande ponderação. Querendo libertar-nos d'este homem, o meio unico, e heroico, e era preciso contarmos com o apoio decidido do nosso pessoal, seria reduzir as nossas cargas ao indispensavel e seguir caminho pelo mato, tendo de abrir esse caminho pelo menos em parte a machado, e dispormo-nos a forçá-lo em alguns pontos a fogo contra povos que nos quizessem disputar a passagem, desempenhando assim o papel de salteador, porque tambem a alimentação só a alcançariamos pelo roubo.

Passariamos? Mas admittido que sim, o que tinhamos ganho para a causa do nosso paiz?

Em primeiro logar não tinhamos confiança alguma nos nossos homens, nem mesmo nos vinte soldados e Loandas para uma empreza d'esta ordem, quando o gentio se revoltasse contra nós, pois que para combater estranhos ligar-se-iam Quiocos e Lundas. Mas mesmo pondo de parte esta circumstancia, o nosso fim então seria muito diverso d'aquelle que nos impuzera o governo e o paiz. Deixariamos de ser amigos para sermos inimigos, avançariamos, podiamos mesmo chegar a qualquer ponto mais remoto do continente, mas só podiamos pensar em vencer distancias. Deixariamos de fazer estudos, não teriamos contacto com os povos, e se afinal conseguissemos entrar na Mussumba ferindo e matando, e sem cousa alguma que offerecer ao Muatiânvua que encontrassemos no poder e á sua côrte, como seriamos recebidos? Não era possivel determinar quando d'ali poderiamos sair, contando mesmo que todos tivessemos uma saude de ferro, e estivessemos ainda animados com forças para novas lutas.

E quando se desse o caso, muito de presumir, que os Quiocos e Lundas d'aquem do Cassai se reunissem sem mais reflexões sob o commando de Xa Madiamba, para se anteciparem por caminhos que elles só conhecessem, marchando sem difficuldades e com os alimentos á mão, e deparassemos com elle no governo do Estado ou mesmo que elle lá entrasse depois de nós e tivessemos de assistir á sua acclamação, como seriamos tratados depois de o desprezar no caminho, repudiando-o por não acreditarmos que era elle o Muatiânvua escolhido pela côrte?

Suppondo mesmo que elle respeitasse os brancos, como filhos de Muene Puto do Calunga — cuja influencia é realmente tão grande, que até os proprios Allemães o confessam — a quantos desaires não ficariamos sujeitos, e depois o que poderiamos obter d'elle e dos que o rodeassem?

Grande era a responsabilidade que sobre nós impendia, e se vacillámos sobre o partido a tomar, desejando fazê-lo com bom exito, se se levantavam duvidas no nosso espirito, os novos acontecimentos que surgiram com rapidez aconselharam-nos

a não tomar deliberações precipitadas. Deviamos de ter a necessaria paciencia e resignação com o que nos contrariasse, a constancia para a todos ouvir e empregar todos os esforços, fitando a nossa querida bandeira, para não comprometter os bons creditos e influencia da Patria entre estes povos incultos; para não sermos nós emfim, que pela nossa impericia fossemos dar na actualidade algum documento que destoasse dos conhecidos feitos dos nossos antepassados no continente africano.

Estas reflexões consignámo-las no nosso diario d'esse dia, e hoje relendo-as entendemos nada alterar, porque ellas, para nós pelo menos, justificam bem o nosso procedimento d'ahi em deante com respeito a Xa Madiamba, que nos dispuzemos a acompanhar.

De tarde, já perto do sol posto, Quiteca procurou-nos para se darem providencias por não apparecer um dos seus rapazes, que tendo morto um jacaré na confluencia do Camassego com o Lubale seguíra para o norte para o agarrar, havendo receio que tivesse sido preso numa povoação de Quiocos que se dizia haver para aquelle sitio.

Não sendo verosimil que tal prisão se tivesse feito, respondemos que tencionando nós ficar no acampamento no dia seguinte, seria conveniente aguardar ainda que o rapaz viesse, pois não era bom ir atemorisar as povoações sem haver a certeza de que em qualquer d'ellas estivesse retido o rapaz.

De facto, quando começava a escurecer apresentou-se o homem que fôra longe ver se apanhava o jacaré, porém este seguíra sempre com grande velocidade no meio da corrente para o norte e elle já fatigado desistira, não vendo no regresso a povoação de Quiocos de que fallára Quiteca.

Ficámos neste sitio no dia 23, na esperança de uma boa caçada, em que afinal apenas se obtiveram tres corças, e nós soffremos bastante com a variação do tempo, effeito de mudança na phase da lua. O dia que se conservára sombrio até ás dez horas, logo que o sol descobriu tornou-se ardentissimo. O calor era abrazador, e nós como ultimo recurso querendo-nos sentar

para poder trabalhar na rede suspensa a troncos de arvores, além da posição incommoda a que estivemos obrigados, de tal modo fomos causticados com a alluvião de *cambululos,* que pouco depois desistiamos ficando com dores de cabeça insupportaveis. Não era possivel estar na barraca de lona, transpirava-se lá copiosamente, e nestas circumstancias o que nos pareceu melhor foi pôr um lenço por debaixo do capacete e passear por entre o arvoredo aspirando de quando em quando de um frasco essencia de hortelã pimenta.

Á aragem que soprava do nordeste seguiu-se felizmente ás cinco horas da tarde uma rajada de vento impetuoso que nos trouxe chuva e trovoada, com o que ganhámos, sentindo allivios das dores e vendo-nos livres da praga de cambululos que trataram de se recolher.

Pudemos então jantar com algum apetite, e mais bem dispostos ouvimos Augusto Jayme relatar episodios das guerras de Cassanje, em que por vezes nos quiz demonstrar a lealdade do seu irmão Francisco Bernardo, Soba Ambango de Malanje, e o odio que elle tinha a todos os Bângalas por serem traiçoeiros e terem feito fogo contra os soldados de Muene Puto.

O vento continuava a soprar rijo, e como tivessemos receio dos fogos nas cubatas, andámos rondando o acampamento até ás nove horas, e os carregadores conhecendo os nossos cuidados, sem que lh'o recommendassem apagaram os fogos, e Quiteca veiu assegurar-nos em nome dos seus que podiamos recolher sem receios, que elles vigiariam as brazas com que ficavam por causa dos mosquitos e do frio da noite.

É realmente para admirar — diziamos nós entrando na nossa barraca — como esta gente pode dormir numa atmosphera tão pesada. Se não fosse o fumo esvair-se pelas fisgas do capim e a renovação constante de ar puro que por ahi se faz, ainda que em pequena escala, com certeza já devia ter havido muitas victimas d'este pessimo costume, que ainda assim lhes acarreta incommodos e doenças, de que elles não percebem a causa.

Durante a noite não choveu, e ás seis horas da manhã do dia 24 já o nosso porta-bandeira ia vagarosamente a caminho

esperando ser seguido pela caravana. O toque de corneta indicára a mudança da cadencia, e partimos com os companheiros do costume registando o que iamos vendo.

Caminhámos cerca de 4:300 metros no rumo de leste, descendo á altitude de 1:080 metros, para depois galgarmos a uma elevação no percurso de 1 kilometro ainda no mesmo rumo, passando então o riacho Luípo que corria em meandros para o N. sobre o Luebo, que pertence já ao grupo dos affluentes occidentaes do grande Cuílo.

Descaindo um pouco para E.-NE. caminhámos 5:200 metros subindo ainda, e passámos um outro riacho, o Vampo, tambem affluente do Luebo, e caminhámos então 5 kilometros no rumo E.-NE. pode dizer-se sobre um planalto em que a maior altitude que registámos foi de 1:160 metros, descendo depois a uma linha de agua que sécca na quadra do estio. Continuando no mesmo rumo descemos ao riacho Manzavo registando 1:200 metros de marcha, estabelecendo o nosso acampamento 600 metros além d'este rio.

Foi a nossa marcha de 17:300 metros, descendo a um valle para depois de ganharmos uma eminencia acamparmos noutro valle menos profundo que o primeiro, e entre rios, passando-nos ao norte o Luebo, cujo arvoredo marginal, bem caracteristico pela sua robustez e grande altura, limitava o horisonte a menor distancia com o que ficava atrás do Manzavo e adeante de um outro ribeiro, o Cahulo.

Os rapazes do Bungulo e do Ambanvo que nos acompanhavam, insistiam que tanto o Cahulo como os outros ribeiros vizinhos que se lhe seguiam, e que tinhamos de passar, eram as nascentes do Luebo, porém os Loandas, os Malanjes que por ali tinham passado com cargas e se tinham demorado nas suas caçadas, disseram-nos que aquelles ribeiros são affluentes do primeiro, e que a nascente d'este fica nas montanhas em que está situada a povoação do Calundo Ianvo, ao norte do caminho que iamos seguir.

É sempre difficil demarcar a situação de nascentes por informações quando nos não approximâmos d'ellas, e emquanto as

linhas de aguas tiverem nomes conhecidos, melhor é registá-las com esses nomes, não deixando comtudo de consignar as informações que sobre ellas se obteem.

Na aba da montanha a que subimos proximo do Vampo encontrámos uma grande área lavrada de mandioca e milho, e nella uma porção abandonada, mas de pouco tempo, porque no solo entre as cubatas por onde tivemos de passar viam-se pedaços de esteiras, panellas, cabaças, graes de madeira, cascas de mandioca, fuba, etc.

Os carregadores que vinham na frente não se contentaram em colher uma maçaroca de milho e uma ou outra mandioca. Arrearam as cargas no caminho e trataram de fazer colheita abundante. Apesar de chegarmos tarde ainda conseguimos poupar uma grande parte da plantação, obstando a que se fizessem mais estragos.

E para evitar que lhes apetecesse voltar e fazer novo saque, não quizemos acampar áquem do Manzavo, como o pessoal nos pedia, a pretexto de haver muita caça ao norte.

O terreno não differia do que até ali conheciamos, parecendo-nos comtudo mais rico em humus pela corpulencia dos exemplares da flora que vimos e por ser mais pastoso o trilho entre elles. Em todo o percurso apenas notámos um pequeno descampado, onde todavia se viam algumas arvores ainda que de menor porte e d'estas uma ou outra rachitica, o que podia attribuir-se ás queimadas, como podia tambem ser devido a ellas que outras arvores que pareciam novas não tivessem vingado.

Ao sul via-se uma extensa floresta prolongando-se para o poente, acompanhando o rio Manzavo nas suas voltas muito irregulares, e ahi affirmavam os do antigo pessoal que havia muita caça.

Era perto do meio dia quando acampámos, e como ameaçasse chover tratou-se logo de acondicionar as cargas como de costume. Só depois d'isso é que partiram os caçadores para a floresta, deixando aos companheiros o cuidado de tungar e de fabricar fundos para abrigo.

Ainda d'esta vez foram felizes os caçadores, porque mataram uma boa palanga; vieram bastante tarde mas traziam-na já esfolada e esquartejada.

Seriam 3 horas da tarde appareceu no acampamento um Lunda de grande estatura mas muito magro. Vinha de espingarda na mão seguido de dois rapazes e fazendo uma enorme gritaria. Era um dos queixosos dos roubos que se fizeram nas lavras, e que os Songos que estavam no acampamento procuravam desviar para que não tomassemos conhecimento da queixa.

A tempo saimos da barraca para conhecer o motivo do alarido, e já alguns dos nossos munidos de paus procuravam castigar a ousadia do homem, que considerando-se roubado apontava a arma para um d'elles que o ameaçava com uma faca.

Fizemos entrar todos na devida ordem e chamámos o queixoso para junto da nossa barraca, a fim de tomar conhecimento do seu aggravo. O homem a principio tinha medo de fallar, porém como insistissemos em que declarasse o que o trouxera ali e lhe assegurámos que ninguem lhe faria mal, tomou animo e disse — que sabendo vir Muene Puto com muita gente para o seu amigo Muatiânvua que estava no Cassassa, os seus rapazes tiveram medo que o povo de Muene Puto amarrasse as suas mulheres para as levarem para o poder d'aquelle potentado e combinaram todos esconder-se no mato.

Elle que era o chefe da povoação não quizera ficar só, pois o podiam prender e fazê-lo escravo do Muatiânvua. Todos elles haviam já padecido muito com os Quiocos depois de terem fugido das suas terras, quando pensavam achar socego e verem-se livres do jugo dos Muatas. Agora escondiam-se no mato onde preferiam viver emquanto estivesse no Cassassa o Muatiânvua, porque este sabendo do seu paradeiro os mandaria agarrar.

Vivendo assim escondidos, um ou outro com todas as cautelas vinha durante o dia ver as lavras e levar algum sustento para as familias, e fôra assim que descobriram que os filhos de Muene Puto ao passarem roubaram as mandiocas e indo elle lá vira tudo estragado! Eram aquellas as suas riquezas, o

fructo do trabalho das suas mulheres, e não podia deixar de chorar vendo tudo perdido!

Acrescentou que o Angunza Muquínji, quando ali passára, lhe dissera que o senhor major era o proprio Muene Puto, pessoa muito boa que attendia aos pobres, vinha pois procurá-lo e queixar-se dos prejuizos que seus filhos causaram a uma gente pobre e que lhes não tinha feito mal algum.

Conhecia-se que o homem estava nervoso, apaixonado como se fosse uma grande desgraça que tivesse caido inopinadamente sobre a sua terra; era preciso de algum modo suavisar as suas magoas.

— Censurámo-lo primeiro por elle e os seus fugirem de Muene Puto, quando estavam prevenidos pelo Muquínji que o seu representante que vinha para o Muatiânvua tratava bem todos os povos que encontrava. Ao contrario, deviam ter ficado na povoação esperando por Muene Puto, para lhe vender os alimentos de que elle e os seus carecessem. Muene Puto não podia ter conhecimento de tudo que faziam os rapazes que vinham numa marcha com as suas cargas muito adeante d'elle.

Dissemos-lhe que se elle estivesse na povoação podia ver e fazer saber a Muene Puto quem fôra o rapaz que o roubára, para Muene Puto o castigar. Não estando lá ninguem para presencear o facto, não se podia saber quaes foram os que praticaram o crime.

— Que Muene Puto porém quando passava, não era como o Muatiânvua, não consentia que se fizesse mal algum aos povos, era amigo de todos, por tanto iamos indemnisá-lo dos prejuizos que soffrêra na povoação, deixando-lhe uma lembrança de que ficavamos despedidos como amigos e não como inimigos.

Mandámos em seguida buscar um panno de seis lenços e lançámo-lo sobre os joelhos do pobre chefe.

Não se imagina o contentamento, a alegria do homem! Largou a arma e agarrado ao panno com ambas as mãos rojava o corpo todo no solo de um para o outro lado, exclamando — *vudiê! calunga! Muene Puto uámi! tátuco saquirila! vudiê!*... etc.

Esfregava a cara, peito e hombros com terra, exclamando sempre e batendo palmas.

Todos os nossos rapazes vieram então deitar-lhe no panno bolas de tabaco e porções de sal com que o homem ainda se mostrava mais reconhecido.

Já conversava com mais confiança, e pediu licença para ir chamar os seus e animá-los a dormirem na povoação, porque Muene Puto não consentiria que lhes fizessem mal e era bom amigo de todos. Tambem pediu licença para voltar ainda com as suas mulheres para ellas nos verem, pois nunca tinham posto os olhos num homem branco.

Depois das 7 horas sentámo-nos proximo de uma fogueira e rodeados dos Loandas, soldados, interpretes e cabeças dos carregadores advertimo-los que Muene Puto muito nos recommendára não consentissemos que se fizessem roubos nas povoações por onde passassemos; que o que tinham feito na marcha d'aquelle dia se fosse entre Quiocos daria logar a que soffressemos com justa razão as inevitaveis consequencias de tão mau procedimento, e que por causa de meia duzia pagariam todos. Nenhum dos que nos ouviam havia de gostar que alguem fosse á sua cubata ou mesmo á sua carga roubar-lhe a mais pequena cousa, e havia de nos procurar para darmos providencias, obter os objectos roubados e castigarem-se os ladrões, portanto não podiam esperar que negassemos essas providencias aos individuos que estavam nas suas terras não se importando que nós passassemos por ellas.

Concordaram todos que não tinham procedido bem, allegando que suppunham que os da povoação tudo haviam abandonado indo fazer novo sitio.

Estavamos nesta fundação, palavra, audiencia ou como lhe queiram chamar, quando se apresentou o Lunda com as suas mulheres, e os rapazes com as suas armas, todos satisfeitos, assobiando, saltando e elle gritando — *Muene Puto, tátuco ulongo!* Abriram os nossos passagem para elles se approximarem, e outros que estavam pelas cubatas seguiram-os ficando de pé, atrás dos que estavam sentados, formando uma nova roda.

Tomou a palavra o chefe agradecendo o modo porque fôra tratado por Muene Puto, e apresentou-nos duas cargas de mandioca e duas de milho para comermos como bons amigos, e em seguida apontou-nos as suas tres mulheres designando qual era a Muári.

Esta recebeu então de uma rapariga uma pequena capaia com seis ovos de gallinha e uma outra maior com farinha de milho que nos offereceu.

Como todas as tres mulheres e as raparigas que vieram com os seus rapazes nunca tinham visto um homem branco olhavam-nos com admiração, e reparavam nos nossos mais pequenos gestos e movimentos, fazendo os seus commentarios ácêrca da nossa pessoa, que decerto era muito differente do que suppunham, pois julgavam que nunca se poderiam entender comnosco por falta de quem conhecesse a nossa lingua.

Estranharam muito que perguntassemos ao chefe, qual o motivo porque na sua povoação eram as mulheres quem lavravam, colhiam os fructos, fabricavam fuba e farinhas, faziam de comer e acarretavam agua e lenha para todos, emquanto que os rapazes se occupavam apenas num recado ou em irem á caça?

Logo que o interprete acabou de transmittir a observação, o interrogado bateu tres palmadas e disse: *vudiê*. Tomou em seguida uma fumaça da cabaça em que pouco antes deitára um pouco de tabaco e passou-a para a sua muári. Em seguida debruçando-se para o lado do interprete começou a fallar, entretendo-se tambem a riscar com os dedos a terra e apartando-a para os lados de quando em quando.

— Em todas as terras que temos visto com os nossos olhos, mesmo na chipanga do Muatiânvua, disse elle, se faz o mesmo, e nas terras do Muene Puto não é isso? Nós fazemos assim, e já os nossos paes tambem, porque as mulheres se não trabalharem o seu coração pode ser-nos falso, não pensam no seu homem e nos seus filhos, estão sempre fora das nossas vistas e nós não podemos ver o que ellas fazem. O trabalho obriga-as a pensarem no seu homem, e nós conhecemos quando entrâmos em casa se ellas nos enganaram.

Quizemos contraditá-lo para o ouvir ainda, e dissemos que estando ellas sós nas lavras podiam fazer o trabalho mais depressa e aproveitar algum tempo para conversar com qualquer rapaz de quem gostassem. As mulheres riam-se e os homens fizeram outro tanto, comtudo o nosso interlocutor respondeu:

— Nunca vae uma só para fora da povoação; as nossas mulheres são como as abelhas umas andam á roda das outras, e se uma se desgarra do rancho as outras accusam-na.

Conversámos ainda por algum tempo sobre o assumpto, mostrando a conveniencia dos homens se empregarem tambem na agricultura e no negocio para augmentarem as povoações e terem todos de vestir; porém tivemos ainda por resposta, que o trabalho que as mulheres faziam bastava para todos comerem, e que nas vizinhanças todos faziam o mesmo, e que não era com o trabalho das lavras que se podia fazer negocio.

Quem caçava ou pescava é que podia alcançar alguma cousa pelo negocio. Se nós, acrescentou elle, tivessemos filhos como Muene Puto, que soubessem fazer fazendas, missangas, polvora, etc., então sim, podiamos ir longe buscar gente, marfim e borracha e fazer boas as nossas terras.

Como a noite estivesse escura e fosse já tarde, distribuimos missanga pelas mulheres, duas cargas de polvora para cada homem, demos duas jardas de xadrez a Muári e ao chefe uma camisa de chita.

Todos agradeceram muito, e lá foram munidos cada um com o seu molho de capim para se alumiarem pelo caminho.

Uma hora depois escreviamos no Diario as nossas impressões ácêrca da condição da humilde gente que nos visitára, quando tivemos de sair a toda a pressa porque Antonio nos dava parte de haver fogo no acampamento.

Corremos logo ao logar do sinistro, que felizmente era distante de nós e das cargas, e que se manifestára num grupo de quatro cubatas construidas no extremo oeste do acampamento. O vento favorecia-nos. A maior difficuldade que tivemos foi em tirar de dentro de uma d'ellas dois rapazes que estavam ferrados no somno e que nem os nossos gritos despertavam.

A temperatura era já insupportavel, ainda assim, Antonio e Adolpho encheram-se de coragem, entraram no recinto que ia ser fechado pelas labaredas e cada um puchando um dos rapazes pelas pernas conseguiram arrasta-los para fora.

Não houve prejuisos, porque se limitou o fogo somente ás quatro cubatas, mas apesar de mais esta lição demonstrativa de que deviam de attender ás muitas recommendações que lhes faziamos para afastarem as cubatas umas das outras, ainda assim não lhes serviu de emenda.

«A gente da Lunda que hoje nos visitou — escrevemos no Diario — apresentou-se-nos tão humilde como miseravel, e muito concorre certamente para esse estado o receio constante que teem de serem servos de extranhos. Deprehendemos que fugiram dos seus potentados no interior para se livrarem de serem vendidos, e que vieram para aqui onde por algum tempo se julgaram em segurança, mas a vinda do Xa Madiamba tornou-se um tormento para elles porque temem que os seus Muatas os encontrem e os levem. Procuram supprir as necessidades quotidianas, mas não pensam no dia de ámanhã, não tendo elementos para se conservarem independentes neste logar. É de acreditar que mais dia menos dia os Bângalas, Quiocos ou mesmo os Lundas os subjuguem, porque são poucos para resistir ou a mesma necessidade os ha de obrigar a irem procurar uma povoação mais populosa que os queira admittir. Foi talvez a caça que os convidou a estabelecerem-se neste sitio, mas nem isso mesmo tem contribuido para que ao menos tenham uns pannos com que se cubram.

Se como observadores que somos tivessemos de julgar os Lundas por os primeiros exemplares que já conhecemos, diriamos que de pouca valia são estes povos para aproveitarem os recursos que a natureza lhe prodigalisou.

Temos esperança que encontraremos gente em melhores condições, para podermos formar um juizo mais lisongeiro sobre os povos da Lunda, pois não é de crer que num periodo de 40 annos que medeia entre a nossa viagem e a de Rodrigues Graça a sua decadencia fosse tão profunda.»

Terminámos assim as considerações a este respeito, porque na verdade precisavamos de maior numero de observações e de factos para podermos escrever com mais afouteza.

Passou-se a noite sem novidade, e tal era o desejo de evitar que nos pedissem nos demorassemos mais um dia a pretexto da caça, que logo ao despertar e ainda com luz tratámos de acondicionar as nossas pequenas cousas na mala, emquanto Marcolino nos arranjava uma chavena de café e Antonio enrolava a nossa barraca e distribuia tudo que nos pertencia pelos respectivos carregadores.

Ainda o sol não era nado, rompia a marcha a guarda avançada no rumo E.-NE. direita ao ponto de passagem no rio Luebo, e como que á formiga, os carregadores, levantando as cargas sobre o hombro e com passos curtos mas apressados, procuravam ganhar a distancia ao ultimo companheiro que já enfileirado caminhava no trilho dos que o precediam.

É occasião de dizermos como um carregador levanta rapidamente a sua carga sem precisar do auxilio de ninguem. Como já referimos, a muhamba ou canastra que contem a carga está ligada pelo fundo a uma vara que a excede no sentido do comprimento para um e outro lado, podendo dizer-se que a extremidade que fica para a frente tem o dobro do comprimento da que fica do lado opposto. Na occasião de partida a carga está já atada e prompta na canastra sobre o solo. Basta o carregador passar o pé por baixo do extremo posterior da vara, empregando para o elevar um pequeno exforço curvando ao mesmo tempo um pouco o corpo, para a receber na mão direita. Correndo depois com ambas as mãos pelo fundo da canastra e chegando-a a si apruma-a, e agachando-se um pouco faz com que elle lhe vá cair sobre um dos hombros. Isto feito endireita-se rapidamente e rompe logo a andar.

Foi de 1:200 metros a distancia percorrida até ao arvoredo que reveste a encosta de uma serra que o rio Luebo corta, e uma vez passado este seguimos o trilho tortuoso aberto pelo gentio, acompanhando as sinuosidades d'aquelle rio que então nos ficava á direita. Caminhando ora no mesmo rumo ora mais

para leste subimos a uma eminencia na mesma encosta na altitude de 1:860 metros, para descermos bruscamente a 1:070 metros, ponto em que nos começámos a afastar do rio que ainda se estendia para as bandas de S.-E. onde querem alguns que elle nasça. Até ali registámos 6 kilometros de boa marcha.

Entrámos num valle muito arborisado em que caminhámos 2:400 metros no rumo E. ½ E.-NE. sem grandes differenças de nivel, deixando pouco antes um trilho que seguem os vian-

CARREGADORES

dantes que querem cortar para o Caianvo subdito do Cassassa, evitando a passagem pela povoação d'este potentado.

Tivemos depois de caminhar sobre uma outra aba de serra, elevando-nos á altitude de 1:115 metros e de percorrer no rumo medio E.-NE. 3:600 metros para descer suavemente no rumo de leste pouco mais de 10 metros, registando depois mais 1:800 metros de marcha.

A depressão em que entraramos era cortada pelo rio Luito, que pelas arvores que no-lo definiam seguia uma linha pouco sinuosa para o norte.

Tinhamos deante de nós uma planicie que alargava para sul e que nos era preciso atravessar no rumo E.-NE. para passarmos o rio.

Os que iam na avançada tendo visto os fundos das secções anteriores á entrada da depressão, já se preparavam para acampar, mas como o velho Matheus e outros viessem da Estação ao nosso encontro com alguns cartuchos de dynamite que mandámos pedir, por nos terem informado que havia abundancia de peixe no Luito, todos se dispozeram a ir acampar na margem direita naquelle dia e ali pernoitarmos apesar de não ficar longe a Estação. Foram mais 2:500 metros de marcha até á frondosa floresta ao meio da qual passava o rio e diversas linhas de limpida agua que a elle affluem.

A passagem na floresta tornou-se embaraçosa para os homens carregados, por serem obrigados a procurar caminhos desobstruidos de arvores derrubadas, algumas já em parte apodrecidas, mascaradas por massiços de enredada vegetação, e que tambem estivessem livres de troncos e de hastes pendentes que em alguns sitios se entrecruzavam fechando a passagem como se fossem espessas paredes, tudo revestido de parasitas algumas fazendo lembrar a nossa hera.

Podemos calcular ter andado mais meio kilometro, em que apenas ganhámos no rumo directo uns 100 metros.

Acampámos emfim, bastante fatigados de errar nesse labyrintho de que a final conseguimos desembaraçar-nos, e, como nas marchas anteriores, trataram os carregadores antes de tudo de acondicionar as cargas em sitio que julgaram mais apropriado.

Emquanto o pessoal se occupava em arranjar os fundos e Marcolino em nos preparar almoço, e como todas as nossas cousas estivessem em ordem, fomos logo fazer o croquis da nossa marcha que fôra de 18:300 metros.

O rio Luito onde o passámos era estreito, tendo apenas 12 metros de largura, mas de velocidade não inferior á do rio Cuengo. A passagem fez-se sobre uma ponte de troncos, esta porém encontrámo-la em melhor estado de conservação, o que era devido a estarem ligadas as suas peças pelas cordas

pendentes dos grossos troncos das arvores a que a ponte se apoiava nas margens.

Vimos no rio, emquanto esperavamos que passasse a caravana, alguns peixes seguindo com a corrente, o que alegrou os rapazes do nosso antigo pessoal, dizendo elles que nós tinhamos nesta viagem trazido a fortuna de lhes dar corças e peixe.

Só Marcolino e Antonio é que sabiam que partiramos do acampamento do Cuengo apenas com uma lata de carne conservada, e que não tinhamos nem bolacha nem bombós em deposito. Realmente tinhamos sido afortunados em nos não faltar alimento na viagem.

Naquelle dia mesmo, embora se não arranjasse nem caça nem peixe, já estavamos remediados com duas boas gallinhas e alguma bolacha que nos mandára o ajudante por um dos seus rapazes.

Ao meio dia já havia no acampamento peixe e duas corças, mas faltava o melhor que era o conducto, a fuba. Alguns rapazes que vieram da Estação lembraram-se de ir ao Caianvo, e de obterem a troco de peixe algumas capaias de fuba, os outros voltaram para o rio; mas a trovoada e a chuva com que se não contava na occasião rompeu de repente com impeto e só cessou ás 4 horas da tarde, não lhes permittindo terem um regabofe nessa noite como tudo lhes fazia crer.

Emquanto choveu entretivemo-nos a ler os jornaes que receberamos da nossa querida Lisboa, para a qual neste dia desde madrugada estavam voltados todos os nossos pensamentos; dia que devia ser de jubilo em casa por ser o do anniversario natalicio do nosso filho Filippe, que se tivesse sido feliz deveria ter terminado o quinto anno do curso do Real Collegio Militar.

Completava 18 annos este bom moço — escreviamos no nosso Diario — e depois, como que dominados por um mau espirito, o pensamento divagava e chegavamos a temer que algum desgosto, alguma occorrencia funesta se pudesse ter dado no seio da familia durante o periodo, já longo, em que não tiveramos noticias d'ella.

A esta crise de desanimo que por momentos nos dominára, succedeu como lenitivo a esperança, e crentes na nossa boa estrella, e de que tudo havia de ter corrido bem e que todos os nossos estariam naquelle dia cheios de alegria, procurámos distrair a imaginação, esquecer o logar em que estavamos, e a tempestade que sobre nós descarregava, retomando a leitura dos jornaes, e isso nos bastou para nos suppormos por momentos em Lisboa esperando o jantar, que para nós neste dia, diga-se de passagem, era lauto, porque além de gallinha com que o nosso ajudante nos mimoseára tinhamos peixe do Luito.

Eram seis horas quando chegaram os rapazes com a fuba, e apesar de não ser muita e do peixe encontrado depois de partirem não ser tambem uma fartura, todos, á claridade de fogos que illuminavam os diversos grupos do acampamento, comeram alegremente o seu quinhão.

Não seria muito abundante a refeição, mas nem por isso se conspiraram contra a sorte, e uns dançaram ao som de uma musica improvisada de que fazia parte a harmonica e outros observavam rindo os requebros, momices e cantigas de um ou outro que entre elles passava como mais folgasão.

Assim se passou o dia até ás 10 horas em que a corneta deu o toque de silencio, apagando-se os fogos fora das cubatas recolhendo cada um ao seu abrigo.

No dia 26 ás 6 horas da manhã já todos estavam promptos e com vontade de chegarem á Estação, e como a distancia a vencer era pequena, determinámos aos que fossem adeante que suspendessem a marcha junto ao riacho affluente do Cuílo, para de ahi seguir toda a comitiva na devida ordem.

Tinhamos de subir a uma pequena elevação na altitude de 1:120 metros, o que se fez por um caminho tortuoso cujo rumo medio era de E.-NE. Tendo andado 2:200 metros descemos depois para o rio, sendo o rumo medio seguido o de N.-E. e o percurso total de 35 kilometros.

Reunida toda a caravana desfilou depois, indo na frente a bandeira e atrás d'ella os cornetas e tambores tocando uma cadencia em ordinario.

O ajudante veiu esperar-nos proximo do riacho para nos acompanhar, porém como fosse grande o pessoal que traziamos, julgámos mais acertado irmos acampar entre a Estação e o acampamento de Xa Madiamba. Passámos em redor de uma parte da Estação que nos ficava á direita, indo arvorar a bandeira, para o que andámos mais 900 metros, sendo surprehendidos pelo fogo de regosijo que de lá rompeu para celebrar a nossa chegada.

Sendo indispensavel que todos os nossos carregadores tivessem abrigos onde se alojassem convenientemente durante alguns dias, deliberámos, para lhes dar tempo para conducção de materiaes e fabrico das cubatas, que as cargas fossem acommodadas á frente da nossa barraca em logar limpo de capim e devidamente resguardado das chuvas e do salalé que abundava, trabalho este que vigiámos e no que decorreu mais de uma hora. Só depois d'isto entrámos na barraca para dispôr todas as nossas cousas e prepararmo-nos para ir abraçar o subchefe, visitar o seu acampamento e depois a Estação, onde deviamos de almoçar por convite do ajudante.

MUHAMBA

NA ESTAÇÃO CIDADE DO PORTO

Informados que no acampamento do sub-chefe todo o pessoal estava a postos aguardando a nossa visita, para lá nos dirigimos, sendo recebidos com um bom tiroteio de fuzilaria, formalidade esta indispensavel entre os povos gentios para demonstrarem a importancia que dão aos seus chefes.

Como Xa Madiamba julgára opportuno estabelecer o seu acampamento á vista da nossa Estação, do lado opposto mas em logar proximo, estabeleceu-se o sub-chefe com o pessoal permanente que o acompanhava, visto que ahi mais facilmente podia ter conhecimento de todas as occorrencias que se fossem dando com relação á marcha do referido Xa Madiamba, e das noticias que a seu respeito chegassem do interior.

Demorámo-nos com o sub-chefe vendo o seu acampamento e ouvindo-o sobre os mais palpitantes successos dos ultimos dias, que elle entendeu ser conveniente communicar-nos immediatamente, e ainda sobre o que pensava ácêrca da demora de

Xa Madiamba, demora que se estava dando, não obstante os portadores que tinham chegado de diversos pontos do interior lhe terem affirmado que vinham para o acompanhar a Mussumba, por ser elle o Muatiânvua que os quilolos da côrte mandavam chamar.

Compromettidos com o ajudante, de quem estavamos separados desde o dia 24 de abril, para almoçar com elle, despedimonos do sub-chefe para voltarmos nesse mesmo dia mais tarde a reatar a conversa ácêrca dos assumptos que mais importavam na occasião.

Na Estação aguardava-nos já o ajudante, tendo o seu pessoal formado em alas á entrada, o qual á nossa passagem deu uma descarga cerrada, o que foi de grande effeito para as povoações vizinhas do Cassassa e do velho Cacuata Catumbelai, e d'onde veiu correndo a gente, assistindo depois a um tiroteio de regosijo bem sustentado.

Impressionou-nos agradavelmente a Estação. Limitando-a pela frente corria um riacho que era coberto na larga rua da entrada por uma ponte solida de madeira. A avenida aberta através do frondoso arvoredo, em que houvera necessidade de fazer uma grande derrubada, dava ingresso a um bom largo circular, ao centro do qual se construíra um elegante pavilhão octogono de cobertura pyramidal.

Entre as arvores, todas de uma grande altura que ficaram limitando a avenida, construiram-se as cubatas de um e de outro lado regularmente alinhadas para alojamento do pessoal. Altas, solidas, bem revestidas, e com entradas espaçosas, destacavam-se muito dos abrigos das povoações vizinhas e de todas as construcções analogas que tinhamos visto depois das dos Bondos, muito principalmente das que se fazem nos acampamentos provisorios de comitivas, que em geral, como já temos dito, são baixas, achatadas, de entradas estreitas que obrigam os moradores a passarem por ellas quasi de rastos.

O pavilhão era uma edificação ligeira, feita de bordão, sendo ligados os esteios angulares uns aos outros por meio de xadrezes do mesmo material, que para esse fim fôra cortado ás tiras

ESTAÇÃO CIDADE DO PORTO

de igual largura e espessura, sendo os portaes de cada face largos, altos, terminando em ogiva. As trepadeiras iam já revestindo exteriormente os angulos da construcção em direcção á cupula, protegendo-a assim da intensidade dos raios solares.

Ao centro havia uma mesa fixa de taboleiro quadrado, formado de regoas estreitas de bordão, havendo em redor d'ella espaço sufficiente para andarem duas pessoas e poderem sentar-se á vontade em bancos ainda do mesmo material.

Foi este recinto destinado para tomarmos as nossas refeições, para escrever e tambem para se receberem visitas.

O largo era limitado por boas construcções para accommodação do pessoal superior, sendo as casas espaçosas e de bom pé direito com coberturas em duas aguas, e guarnecidas com prateleiras para as cargas, tudo solidamente construido.

Numa rua aberta perpendicularmente ao seu eixo foram construidas as habitações para o interprete, cozinheiro e serventes da Estação, e no fim d'ella, em espaço devidamente reservado, encontrámos uma horta, em que já se viam alguns productos, e foi pena que o ajudante se não tivesse lembrado de nos mandar pedir sementes de diversas hortaliças que tinhamos numa carga, que por não ser indispensavel transportar logo fôra das ultimas de que fizemos remessa.

De dois casaes de pombos que entraram na Estação Costa e Silva já se contava uma criação de vinte e quatro, e senão havia mais era porque o ajudante encontrando difficuldades em obter alimento para todos conseguiu, no que fez bem, trocar alguns por gallinhas.

A estação ficava em 8° 9′ 18″ de lat. austral e 19° 38′ 20″ de long. E. de Green. e á altitude de 1:085 metros acima do nivel do mar, sobre uma rampa que suavemente se estendia até ao rio Cuílo, o qual passava a 2 kilometros pela sua frente vindo do sul e fazendo grandes curvas, ora para oeste, ora para nordeste e norte, sendo a linha media da sua direcção para noroeste.

Para o Cuílo affluiam linhas de agua, que nasciam nas montanhas que já deixaramos a oeste, sendo d'ellas que se forneciam

as povoações proximas, principalmente a do Cassassa, potentado da terra.

A vinda de Xa Madiamba para este logar, e as suas antigas relações de amisade com o velho Cassassa, que fôra sempre acerrimo partidario d'elle, dera logar a que se afastassem muitos rapazes e raparigas da povoação do potentado, com receio que este se lembrasse de os dar de presente ao seu amigo, agora Muatiânvua, para formarem parte do seu sequito.

A povoação do Cassassa, sendo a principal, era de apparencia muito pobre, estando na occasião em parte abandonada, o que lhe dava ainda peor aspecto, porque como é do uso entre esta gente, cubata que não tenha morador, ainda que só temporariamente, é um recurso que lhes poupa irem ao mato buscar lenha para alimentar os seus fogos.

Estavamos ao almoço quando da parte de Chibuinza ou Chibunza Ianvo, vulgo Xa Madiamba, se apresentou um homem já velho, tambem de nome Ianvo, dizendo-se muzumbo (interprete) d'elle, que vinha cumprimentar-nos e felicitar-nos pela nossa chegada ao sitio, e pedir lhe dissessemos quando podiamos receber seu amo.

Agradecemos aquella attenção e ficámos de avisar logo que acabassemos de almoçar, para elle vir quando quizesse, e como signal da nossa amisade enviámos-lhe um raglan de panno castanho com forro carmezim, tendo as mangas guarnecidas de alto a baixo com sete ordens de galões estreitos de ouro fino, formando diversos ornatos e rematando em bico proximo dos hombros. A abotoadura era constituida por duas ordens de alamares de seda preta e fio de ouro.

Este objecto, que nos disseram quando o comprámos por 2$000 réis ter pertencido a um general de uma das republicas da America do sul, estava na verdade em muito bom estado, e salvo umas picadas de traça que tinha o forro, passaria por novo.

Avisado Xa Madiamba de que o recebiamos, appareceu pouco depois escarranchado sobre os hombros do Lunda, representante de Tâmbu e que estivera ao nosso serviço, o qual da

primeira vez que trouxera carga para a Estação entendeu dever juntar-se ao sequito d'aquelle personagem e prestar-lhe os seus serviços.

Na frente d'elle vinham uns oito rapazes, especie de guarda avançada, armados de espingardas, fazendo grande alarido pela rua principal da Estação, e a seu lado, um pouco atrás, o muzumbo, trazendo no alto da cabeça uma especie de espanador de pennas carmezins de papagaio, a que chamam *sala*.

O CHEFE RECEBENDO O MUATIANVUA

A certa distancia de nós agachou-se o quimangata, e Xa Madiamba ficou de pé, compondo as pregas do seu panno. Dirigimo-nos então á visita, que nos abraçou, inclinando-se primeiro sobre o nosso hombro direito e depois sobre o esquerdo, sentando-se em seguida no banco que lhe offerecemos. Vestia o raglan sobre uma camisa que em tempo lhe dera o sub-chefe, mas que já estava muito suja, e á cintura trazia um panno de lenços que não estava em melhor estado.

Na cabeça tinha um chinó bem feito, que fixava as miluínas de que já temos fallado, de modo a partirem do alto das orelhas para a frente, e no topete trazia o muquíqui, muquíji ou muquíxi, em forma de pyramide conica, feito do mesmo material das miluínas e de que tambem já demos conhecimento.

Quando elle se sentou os homens que o acompanhavam bateram palmadas por tres vezes, e em seguida sentaram-se atrás d'elle no chão formando um semi-circulo, ficando a seu lado, mas um pouco á frente o muzumbo. Nós ficámos defronte d'elle, sentando-se ao nosso lado direito o ajudante, e á esquerda em um banco raso o interprete Bezerra.

Ianvo era um velho sympathico. Apesar de exilado ha bastantes annos soffrendo constantemente privações estava bem conservado e ainda direito. Tinha olhos expressivos, pelle finissima assetinada e limpa, o que se attribuia aos banhos que todas as manhãs elle ía tomar no rio. Era de boa figura e apesar de baixo não deixava de ter certa elegancia nos gestos e meneios. Como tivesse os pés pequenos, estreitos e bem contornados, no que mostrava certa presumpção, arqueava as pernas andando compassadamente, e alguns Lundas nos disseram que assim era o andar de um homem nobre, que como o papagaio vae escolhendo o melhor sitio onde pousar os pés.

Tinha a palavra fluente, prescindia do interprete, mas notámos que, ou era esquecido ou de proposito para nos mostrar a sua importancia, de quando em quando, tratando de factos passados, e querendo lembrar-se de nomes de pessoas, e de sitios ou de datas, estendia o braço, dava estalinhos com os dedos, até que alguem do seu sequito lhe suggerisse o que desejava.

Principiou por nos apresentar os seus companheiros um por um, como representantes de fidalgos da côrte do Muatiânvua, a quem elle honrava tratando-os pelos titulos de seus amos. Disse que vieram em nome d'elles chamá-lo para ir tomar conta do governo do Estado de seus avós, o qual nos ultimos annos depois da morte de seu tio Muteba, de quem elle fôra Suana Mulopo, e por ter passado de mão em mão entre as crianças seus netos, se encontrava numa grande decadencia·

Acrescentou que estava aguardando a nossa chegada para irmos juntos para o sitio do Caungula, o qual já mandára portadores para o transportarem, pois que na terra do Cassassa estavamos mal por ser elle um quilolo pobre e achar-se abandonado pelos filhos, não havendo de comer para tanta gente. Tendo o seu amigo Muene Puto chegado esperava só que dessemos ordem de partida para todos obedecerem. A gente do seu sequito sempre que havia alguma interrupção ou que elle olhava para alguem, batia palmadas como quem applaude e dizia: *muaniê! chi noéji! vudiê!* etc., e no fim todos á uma, por tres vezes, bateram palmadas e exclamaram: *calombo! chi noéji!* Mostrámo-nos satisfeitos pela apresentação dos representantes dos quilolos, e entre differentes cousas com que preenchemos o discurso que tivemos de fazer occorre-nos ter-lhe dito: — Que conheciamos pela nossa jornada até ali que principalmente entre os Lundas havia uma grande indisposição contra o proceder dos cacuatas e outros enviados do Muatiânvua que tinham transitado nos ultimos tempos por aquelles caminhos, que todos temiam de fallar no soberano, a quem attribuiam todas as suas desgraças e fugiam do seu poder porque pela cousa mais insignificante elle lhes mandava tirar a vida.

— Eu sei, nos disse elle, que isso assim é, mas a culpa creia que não é do Muatiânvua, é dos seus enviados que abusam do poder nas missões que lhes são confiadas. Um cacuata que seja, saindo numa diligencia por ordem do Muatiânvua representa-o para todos os effeitos, emquanto se lhe não apresenta a dar conta da sua missão. Nessa qualidade exije tributos aos povos por onde passa, rouba-lhes raparigas, come o melhor que elles tiverem, e se alguem lhes faz uma advertencia, se tiver força comsigo manda-lhe cortar a cabeça.

— Não se fazem representações ao Muatiânvua na côrte contra esses abusos, porque a todos os fidalgos convem que estas praxes continuem a subsistir, e porque uma queixa neste caso seria contra o proprio Muatiânvua, o que ninguem se atreveria a fazer por ser elle senhor de tudo que os seus subditos possam possuir.

—Creia o meu amigo que o Muatiânvua que tiver sempre vivido na Mussumba e cercanias ignora estas cousas, mas eu como exilado estou ao facto de tudo, e ensinando-me o meu amigo como devo governar o Estado e aconselhando os meus quilolos sobre o que fôr da vontade de Muene Puto, acabaremos com essa e outras praxes que tem afastado o povo do Muatiânvua, e tambem lhe prometto que na Mussumba só mandarei matar a pessoa que se tornar perigosa á segurança do Estado.

Visto as boas disposições em que me pareceu estar este homem, que todos me apontavam como Muatiânvua, e a quem faziam as devidas honras; e como elle tencionava seguir viagem pelo menos para o Caungula na nossa companhia, aproveitámos a occasião para lhe dizer: — Que esperavamos que elle, na viagem que iamos fazer juntos, desse ordens á sua gente para não roubarem as povoações, embora as encontrassem abandonadas; que pelos maus habitos que estavamos condemnando deviamos esperar que alguns rapazes e mulheres fugissem sabendo que passava o Muatiânvua, mas que em vez de persegui-los e roubá-los, melhor era tratá-los com benevolencia, attrahi-los a si, fazendo-lhes crer que o Muatiânvua sendo o pae de todos os Lundas, não podia tratar mal os seus filhos, que apreciava o seu bem estar e queria que engrandecessem as terras dos seus dominios, e que quando isto se não fizesse, nós não o poderiamos acompanhar porque Muene Puto muito nos recommendára que fizessemos amizade com todos os povos com quem deparassemos para proporcionar aos negociantes segurança nos caminhos.

—E se os Quiocos, disse elle interrompendo-nos, vierem ao caminho disputar-nos a passagem, o meu amigo não faz fogo contra elles?

—Não ha de succeder isso; se os Quiocos tiverem pendencias a resolver com alguem das nossas comitivas, hão de preferir soluções a bem e não a mal.

—Hão de procurar fallar-nos, e nós trataremos por meio das melhores palavras de convencê-los da sua semrazão ou então far-se-ha a justiça que merecerem. Se as cousas porém se não

passarem assim, e elles á traição nos fizerem fogo, trataremos então de nos defender.

— Muito bem, disse elle, e repetiram-no todos os seus. Verdade fallaram os que me disseram que o meu amigo era bastante esperto e um homem velho [1] capaz de viver bem com todos. Diga quando quer continuar a viagem, para todos nós nos prepararmos.

Respondemos que de bom grado se marcaria já o dia, se tivessemos a certeza que o Muatiânvua nos poderia apresentar 50 rapazes de que ainda careciamos para os transportes.

— Pois bem, disse elle levantando-se, vou mandar chamar o Cassassa, o Catumbelai e todos os meus quilolos e procuraremos apresentar ao nosso amigo os 50 rapazes.

Agradecemos a sua demorada visita e despedimo-nos d'elle e de todos os seus, assegurando-lhe que á noite iriamos conversar, não o podendo fazer de dia porque tinhamos muitos encargos de que nos desobrigar.

Retirou Xa Madiamba observando-se as cerimonias da praxe ao montar no quimangata e que terminaram pelo disparar das armas por parte da sua gente, fazendo o mesmo a nossa quando elle passou á porta da Estação.

Fomos depois ver o interprete doente. Informados circumstanciadamente pelo sub-chefe do seu estado, que era grave; considerando o tratamento que requeria a doença e ser difficil fazê-lo mesmo por differentes circumstancias, sendo a principal o termos de caminhar — não garantindo o sub-chefe, por muitos cuidados que houvesse, que se conseguisse o não ficar elle defeituoso, receando muito que tivesse de ficar entrevado por alguns mezes — aconselhámos Bezerra a que abandonasse o tratamento dos intrujões da terra, pois só assim o sub-chefe o trataria, servindo-se dos recursos da medicina, recursos que felizmente tinhamos em deposito. Como elle nos assegurasse que já na vespera tinha pago e despedido os dois angangas,

[1] Este qualificativo é por elles muito usado como uma amabilidade.

que por lembrança do Muatiânvua o queriam curar d'aquelle feitiço, o sub-chefe, a nosso pedido, voltou a vê-lo e a tratá-lo, notando porém que o encontrava já muito peor do que quando o deixou.

Na verdade o homem apresentava a perna rija e de tal modo tensa e inchada que parecia prestes a rebentar por algum lado. Parecia que um tumor se formára proximo da rotula, mas elle não se lembrava de cousa alguma que pudesse ter dado motivo a tal accumulação de humores, nem sequer o presentiu por dores ou qualquer outro indicio, já andando, já estando sentado. Lembrava-se só que vindo uma noite de conversar com Xa Madiamba, que elle conhecêra no tempo em que fôra Suana Mulopo de Muteba e que era amigo do seu irmão Lourenço, se deitara, e que pouco depois sentira principiar a esticar-se-lhe a perna e com dores taes que não só o não deixavam socegar mas nem lhe permittiam movê-la.

Que mandára pedir ao senhor sub-chefe para lhe acudir com algum medicamento, mas o seu rapaz soube que elle estava descançando e não o quiz acordar. A mulher e alguns rapazes de Malanje deliberaram fazer-lhe remedios ao uso de suas terras, mas não conseguiram alliviá-lo das dores que estava soffrendo.

Tivemos dó do homem que se conservava com a perna estendida e o tronco encostado a uns volumes que durante o dia a mulher punha de encontro á parede na cabeceira da tarimba.

Pareceu-nos ser mais conveniente que o doente não seguisse viagem e ficasse com a familia na povoação do Cassassa, observando o tratamento que lhe fosse determinado, podendo quando melhorasse ir ter comnosco ou retirar para Malanje. Mas informado elle d'isso, ainda mais se ameudaram as lamentações da sua desgraça e os pedidos para que o não abandonassemos, pois que elle arranjaria que os rapazes de Malanje o transportassem emquanto não pudesse andar, e de modo a não causar prejuizos á marcha da Expedição, allegando que ficaria nos acampamentos esperando que esses rapazes fossem levar as cargas ao ponto onde nós parassemos e viessem depois buscá-lo.

Como não podiamos saber quando deixariamos a Estação, nada resolvemos, na esperança que seria possivel que elle com o bom tratamento ficasse senão completamente curado, ao menos em condições de poder seguir fosse como fosse.

Jantámos nesse dia com o sub-chefe, o qual nos informou ácêrca do que se tinha passado entre elle e o Xa Madiamba, da desconfiança que tinha de que alguma cousa elle receava pelo caminho ou na Mussumba, porque apesar dos cacuatas virem do interior com recados dos quilolos para elle continuar a viagem, não lhe tinha conhecido disposição para o fazer, dizendo sempre estar esperando novos portadores, e que aguardava a nossa chegada.

E como talvez fosse um meio de o fazer andar o marchar algum de nós quanto antes com uma secção para o Caungula, visto ser certo que nas vesperas tinham chegado cacuatas de mandado d'este potentado para o futuro Muatiânvua esperar no seu sitio os quilolos que o deviam acompanhar, occorreu-nos mandar avançar o sub-chefe, logo que desse por findas as suas investigações metereologicas e botanicas naquelle sitio.

Declarou-nos o sub-chefe que pela sua parte estava prompto a seguir no dia 2 ou 3 do mez seguinte, e nós ficámos de preparar a secção que devia ir na avançada sob o seu commando. Antes d'isso porém tinhamos de fazer pagamentos em atraso e o das rações a vencer, tarefa esta que principiámos no dia seguinte.

Á noitinha fomos com o sub-chefe retribuir a visita ao Xa Madiamba, e elle pediu-nos logo se mandavamos chamar o nosso Muári chissanje[1], pois lhe haviam dito que elle tocava muito bem.

Veiu o Adolpho com dois companheiros, o soldado n.º 54 que arranjára para elle um acompanhamento na corneta e o Faustino que se tornára um bom tocador de tambor. Um pouco

[1] Nome dado pelos gentios ao contractado Adolpho, que tocava harmonium.

distante de nós e proximo de uma fogueira estiveram os tres tocando diversas cousas, algumas proprias dos indigenas africanos, provocando a admiração dos rapazes da Lunda que os rodeavam.

Como esta visita era de mero cumprimento e o proprio Xa Madiamba se mostrasse enthusiasmado com a musica, a ponto de nos dizer — nunca branco nenhum trouxe cá d'estas cousas — e como estivessemos bastante fatigados, despedimo-nos, ficando ainda a musica a seu pedido, demorando-se com elle até ás 11 horas.

Deixámos o sub-chefe no seu acampamento e nós recolhemos á nossa barraca onde fomos escrever no Diario. Pouco depois o criado Antonio apresentava-nos uma chavena de café e uns biscoitos que não vieram fóra de proposito.

Preveniu-nos elle que não era possivel por mais tempo encobrir a Augusto Jayme, como tinhamos recommendado no Cuengo, as noticias que chegaram da morte de sua irmã e de seu primo, porque o Manuel sobrinho d'elle, filho d'essa irmã, sonhára naquella noite que sua mãe tinha morrido, e que lhe puchára pelos cabellos por elle não ter chorado como devia a sua morte. Contou isto a um rapaz de Malanje que lhe disse que chorasse, mas desse parte primeiro a Augusto Jayme.

— É melhor dizer-lh'o já, foi a nossa resposta, contando com uma inferneira que não nos deixasse pregar olho. Como porém o homem estivesse a dormir, ninguem o quiz accordar, e nós gozámos de um bom somno até madrugada, do que bem careciamos.

As primeiras pessoas extranhas que nos appareceram na madrugada do dia 27 foram o velho Cassassa e o não menos idoso cacuata Catumbelai, o qual já era cacuata do Muatiânvua Noéji no tempo de Rodrigues Graça.

O Cassassa, como se vê pela gravura feita sobre uma boa photographia que o ajudante conseguiu obter, era um typo que se destacava dos que até agora temos apresentado. Bungo de origem, conseguíra aguentar-se durante uma longa vida attribulada e sempre com minguados recursos alimenticios, e pouco

e pouco viera arrastando-se com os seus para a margem do Cuilo onde o encontrámos. Mesmo ahi para disfructar algum socego, e libertar-se das exigencias do Muatiânvua, tivera de se subordinar aos Quiocos vizinhos, concedendo-lhes as suas parentes para mulheres, comtanto que elles o auxiliassem na defeza da sua vida e das povoações que ali oriára.

Tinha o rosto comprido quasi ponteagudo, a testa espaçosa e elevada, as orelhas grandes e salientes, os olhos grandes mas amortecidos, o nariz sobre o comprido, abatatado e de ventas largas, os beiços muito grossos, sendo o inferior assás descaido. Usava a barba crescida, a pera revirada e o bigode espesso. O pescoço era alto e delgado. A cabeça sempre pendida para a frente dava ao seu todo um aspecto de abatimento, um parecer de homem triste e acabrunhado que sempre viveu na dependencia e que não pode deixar de ser humilde.

Magro bastante e muito ossudo, com a pelle em todo o corpo muito quebrada e enrugada, causou-nos lastima vêl-o, e mais nos condoemos ouvindo as suas palavras compassadas e sonoras, mas proferidas em tom baixo, sobre tudo quando reconhecemos que a superstição pelos feitiços era um dos males que o affligiam, em consequencia de estar sempre receioso e desconfiado de tudo e de todos que o rodeavam.

O traje d[illegible] muito simples. Ao pescoço [illegible] com os seus amuletos [illegible] um panno de algodão que [illegible] perna direita [illegible] distinctivo [illegible]

Não [illegible] lá. Dizia ele [illegible] mesmo em [illegible] de Muata [illegible] veliu. [illegible] sua [illegible] gosta [illegible] quando [illegible]

Era baixo e grosso, e apesar de denotar mais idade do que o Cassassa, que representava para cima de 60 annos, estava mais direito e bem disposto. Sempre galhofeiro, de olhos pequeninos mas buliçosos, indicava ser muito ladino, e vendo-o e ouvindo-o acreditava-se o que era corrente a seu respeito e que elle não negava — ter sido um refinadissimo ladrão, um bom cacuata como de si dizia, e digno discipulo do Muatiânvua Noéji.

Nunca fallara verdade, e quando elle nos contou que fôra nomeado cacuata por ter sido sempre um excellente caxalapóli do Muatiânvua Noéji, a quem mentia sempre para lhe agradar — o que o salvou por varias vezes de ser morto, pois não podia resistir á tentação das suas raparigas — acreditámos, apesar de ser crivel o que nos contava, que não dizia a verdade.

CASSASSA

Verificámos que elle só proferia a palavra *não* em circumstancias excepcionaes, ou para mostrar que estava de accordo com as pessoas com quem fallava.

Explicava a sua residencia naquelle logar precisamente por ter sido muito estimado pelo seu amo Noéji. Tres vezes este o mandára dirigindo caravanas do seu negocio aos amigos Bângalas do Cuango, e elle ficára sempre com uma parte da gente, com que ia fazendo ali na margem do Cuilo a sua povoação, desculpando-se com o Muatiânvua do seguinte modo: Que aquella que faltava uma parte tinha morrido, outra tinha fugido; e que o negocio estava incompleto, á uma por ter sido roubado pelos Quiocos e Bângalas e tambem por ter sido gasto em comer para a caravana. E não se gastava — dizia elle

rindo — porque todos os povos por onde eu passava eram meus amigos, conheciam o meu bom mucuáli [1], e logo que eu o punha no chão antes de conversarmos sabendo que eu era enviado de Noéji, mandavam-me dar boa comida e faziam-me presente de boas raparigas ainda com os peitos redondinhos e direitos.

Da ultima vez o carregamento era grande, e como tivesse boas raparigas, quando voltou do Cuango entendeu dever ser amavel com ellas mimoseando-as com alguma missanga e fazendas.

Dava-se bem com a vida que levava entre as raparigas, sentia-se fatigado de jornadas, e pareceu-lhe melhor esperar ali noticias da morte de seu amo, que se dizia estar muito doente.

Xa Madiamba, Bezerra que o conhecêra na Mussumba e o proprio Cassassa affirmaram-nos depois que nesta narração que elle nos fizera devia haver muitas mentiras. Estavam até informados que o Muatiânvua Noéji o esperava para o mandar matar pelas muitas ladroeiras que lhe tinha feito.

Verdadeira ou não, tomei nota d'ella como no-la contou. Catumbelai conhecia que nós gostavamos de ouvi-lo, pelos gestos, interjeições e movimentos do corpo com que acompanhava as suas narrações, e que estavamos no caso das pessoas a quem lhe cumpria agradar, porque tendo bom olfato convenceu-se que na nossa barraca podia satisfazer o apetite de matar o bicho com um copo de aguardente, que era o que mais tinha apreciado nas terras de Muene Puto.

O Cassassa não conhecia a bebida e apenas a chegou aos beiços quando lh'a offerecemos, porém elle levou-a de um trago e acabou com um estalo de lingua, deitando-se e rolando por terra, batendo as palmas e agradecendo a Muene Puto aquelle mimo que, exclamava elle — já ha muitos annos não consolava a sua barriga!

---

[1] Grande faca usada nas execuções capitaes.

Terminar a sua primeira visita sem a convicção de que lhe ficavamos agradecidos, não estava nos seus habitos, e nesta occasião que ainda não o conheciamos a fundo, não deixou de ser de effeito a sua promessa de nos apresentar no dia immediato os cincoenta rapazes, conforme lhe recommendára Xa Madiamba, para transportarem as nossas cargas e partirmos todos quando se determinasse.

Comprehende-se bem que estas visitas nos tomavam muito tempo, mas por todos os motivos era-nos na verdade indispensavel attendê-las, não só porque careciamos de viver bem com todos, mas ainda porque d'ellas tiravamos todo o partido, principalmente para os nossos estudos ethnographicos.

Todos os dias que decorreram até ao fim do mez foram preenchidos, quer com as visitas de diversos individuos a que nos iremos referindo para apresentar alguns dos typos com quem tivemos de conviver d'ali em deante, quer com pagamentos em atraso ao pessoal e remodelação de cargas, procurando reduzir o seu numero, quer emfim com a acquisição dos carregadores que nos faltavam. Nunca abandonámos os estudos a que sempre nos tinhamos dedicado, visto que naquella localidade encontravamos melhores auctoridades para sanccionarem certas correcções que conhecemos ser necessario fazer, principalmente nalguns trabalhos de linguistica.

Pagas as rações correntes a todos, fez-se o pagamento em atrazo ao pessoal antigo desde que se principiou de Camau a fazer o transporte das cargas até esta Estação, sendo a primeira remessa por conta do contracto em Malanje e todas as mais extraordinarias. Recordando que este serviço começára em 24 de abril, e portanto que se effectuára durante quatro mezes, podemos dizer que saindo por 140 peças em diversos artigos, fazendas, missangas, polvora, etc., foi-nos muito mais barato do que se tivessemos obtido carregadores, a quem, além da soldada que com certeza era superior, ainda teriamos de pagar rações, que a um bando por dia de marcha muito economico seria, se só para isso os obtivessemos, contentando-se elles com uma peça cada um.

Os pagamentos em debito, como se pode imaginar, não se fizeram em menos de dois dias, por que a cada um dos carregadores tivemos de enumerar as viagens que fizera e carga que trouxera de acampamento em acampamento, os motivos porque deixára de fazer algumas viagens e por isso as differenças de pagamento a receber em relação a outros, e ainda lembrar porque lhe haviamos facultado a escolha das qualidades tanto de fazendas como de missangas.

Como chovesse todos os dias e bastante, fizemos recolher as cargas aos armazens da Estação, e foi ahi que tratámos de fazer uma nova vistoria ás antigas, no intuito de conhecer as avarias, refugar o que fosse inutil e reduzir o numero de volumes.

Tambem nas novas cargas havia reducções a fazer por causa dos ultimos pagamentos, e porque era de justiça vestirmos os soldados e por equidade os contractados de Loanda, para o que haviamos mandado pedir ao nosso correspondente em Malanje fardas encarnadas e bonés de velludilho preto e uns pannos imitando os chamados da Costa ás riscas de diversas côres.

Este uniforme economico e vistoso reservavamo-lo para servir nas nossas solemnidades nas terras dos maiores potentados, mas como já estavamos em terras de Muatiânvua e acompanhavamos o que ia ser acclamado e ainda muito principalmente porque nos interessava reduzir o numero das cargas, fizemos logo distribuir 32 uniformes, substituimos correames e armamentos novos pelos que já estavam inutilisados e contemplámos tambem com estes artigos os que até então ainda os não tinham recebido.

Houve uma revista, e a pedido do Xa Madiamba a força armada commandada pelo cabo foi manobrar em frente d'elle fazendo varias evoluções e o manejo d'armas, terminando por um tiroteio de fuzilaria bem sustentado, que causou geral admiração pela presteza com que todos carregavam as armas pela culatra, o que era uma grande novidade para estes povos. A improvisada musica do costume lá ia em seguida ao porta bandeira na frente da força.

Xa Madiamba ficou tão enthusiasmado, que no dia em que isto se passou pediu-nos uma bandeira portugueza para a sua residencia, e se lhe emprestavamos seis espingardas e correames para armar os seus çaxalapólis. Como as armas Westley-Richards em deposito ainda constituiam duas cargas muito pesadas, emprestámos-lhe não 6 mas 12 espingardas, com a condição dos homens a quem elle as destinasse virem á nossa Estação aprender o seu manejo.

CACUATA ANDUNDA

O pedido bem percebemos nós que se referia ás armas do commercio, mas fizemos de conta que era das de tiro rapido que se tratava. Foi uma carga mais que abatemos.

Como se esperava, o facto de mechermos em fazendas, e o de distribuirmos alguma em pagamentos despertou a cobiça dos rapazes da comitiva de Xa Madiamba, e já todos elles perseguiam os seus chefes e este e aquelle afim de nos serem apresentados para transportarem as cargas.

No dia 29 apresentou-se-nos o cacuata Andunda, que mais tarde o ajudante conseguiu photographar, mas que figurâmos neste logar, dizendo-nos ter sido nomeado Canapumba para a viagem, por ser elle subdito do Canapumba da Mussumba.

Este cacuata viera ao Cuango vigiando cargas de negocio do Muatiânvua Ditenda, vulgo Chibinda, e fizera-se acompanhar de sua familia. Realisára as transacções com os ambanzas

que lhe foram indicados pelo Muatiânvua, e mesmo no Cuango tivera noticia da morte d'este. No Anzavo, onde passou com um outro cacuata, o Muluanda, recebêra tambem noticia da morte do irmão d'aquelle soberano que lhe succedêra.

Estes dois cacuatas e ainda outros mais de quem fallaremos, estavam agora com as familias e pessoal das comitivas com que sairam de seus sitios residindo no Caungula, esperando que acabassem as guerras dos Quiocos com este potentado, para com segurança regressarem. No emtanto souberam que Muriba, que estava no Cassai, se impozera para ser acclamado, e que os quilolos tinham mandado buscar Xa Madiamba.

Em tal conjunctura Caungula aconselhara-os a que se demorassem junto da sua quipanga até se conhecer se Muriba fazia vingar o seu intento, ou se os quilolos insistiam em querer o Xa Madiamba, e tão incertas e confusas eram as noticias que de dia a dia chegavam do interior que os cacuatas demorados resolveram dedicar-se á lavoura e d'ella já estavam comendo havia alguns mezes.

O Mucanza governador de Mataba tomára então o encargo pelos principaes do Mussumba de mandar os seus cacuatas directamente ao Caungula, para facilitar o transporte de Xa Madiamba pelas suas terras em direcção ao sitio do seu immediato Caungula de Mataba, onde elle Mucanza o iria esperar com as suas forças para o acompanhar á Mussumba, e crentes todos que não offerecia duvidas a eleição de Xa Madiamba, aquelles cacuatas de accôrdo com Caungula vieram então ao Cassassa para tomarem parte no seu sequito e incitarem-no a marchar immediatamente para Mataba.

O Cassassa em principio quiz oppôr-se a que Xa Madiamba fosse por esse caminho, allegando que Caungula, em quanto Xa Madiamba estivera expatriado nas suas terras, nunca se lembrára d'elle, porém agora como acreditava que era elle o Muatiânvua que a côrte chamava, já queria ter as honras para si de o acompanhar. Queria o Cassassa que elle fosse pelas terras do Bungulo onde o ia acompanhar, e que este o conduziria então ao Mucanza (Anguvo), que devia ser quem havia

de collocar a lucanga na perna de Ianvo, filho do seu defunto amigo o Muatiânvua Noéji.

Mas com este projecto do Cassassa nunca Xa Madiamba concordou, primeiro, por ser um caminho em que se não encontravam recursos alimenticios, segundo e muito principalmente, porque Bungulo até á data em que Caungula lhe mandara cacuatas e pessoal para cargas, nunca se pronunciára a seu favor; em terceiro logar finalmente porque receava opposição dos Quiocos de Mona Quissengue.

O cacuata Andunda, a quem d'aqui em deante chamaremos Canapumba, porque assim o tratavam todos, era de estatura regular e apesar de já grisalho era ainda muito agil e atrevido. Acostumado ao viver da Mussumba, e sempre em commissões de commando, justificava por isso a sua audacia. Embora fallando comnosco se apresentasse sempre muito risonho, de modos humildes, e palavras muito mansas, era de má indole, mesmo cruel, e deu-nos provas de sua ferocidade.

Forte e arrogante onde encontrava fraqueza, era tambem desleal, e mesmo cobarde com aquelles que tinham auctoridade. Inventivo em pretextos para alcançar os seus fins, a sua physionomia indicava o seu caracter astuto. Era homem em que se não podia ter confiança e de quem entre o gentio se diz — tem *mafefe*.

Apresentara-se o Canapumba da parte de Xa Madiamba a dizer que não pagassemos aos dois rapazes de Bungulo que nos trouxeram cargas de Cuengo, porque elles logo que recebessem o pagamento fugiriam. Respondemos que não tornaramos a vêr esses dois rapazes desde a nossa chegada á Estação, e alguem nos previníra que Xa Madiamba os chamára para seu serviço; que certamente depois de lá estarem, nada tinhamos a pagar-lhes, porém quando elles se nos apresentassem tinham direito a receber uma gratificação pelo serviço que prestaram e haviamos de dar-lh'a.

Acrescentámos que como Canapumba do Muatiânvua devia de ser elle o primeiro a aconselhá-lo que mal estava fazendo em obrigar aquelles rapazes, que vieram do seu sitio a nosso

chamamento, a prestar-lhe serviços como se fossem seus servos. Procedendo assim afastava não só os rapazes do Estado de Bungulo de virem ao seu encontro como todos os das povoações por onde tivessemos de passar, porque corria a fama de que Xa Madiamba era mau, e que já ia forçando ao seu serviço quem encontrava pelo caminho.

Mais tarde appareceu de novo o Canapumba com os cacuatas seus companheiros e o Catumbelai e um grande numero de rapazes e mulheres, onde vinham tambem os dois rapazes de Bungulo.

O Muatiânvua acceitára o nosso conselho, e os dois rapazes vinham para lhes darmos o que fosse da nossa vontade, e toda a gente que o Canapumba nos apresentava para lhes pagarmos rações para a viagem e distribuir-lhe as cargas.

Desconfiámos da sinceridade e da rapidez com que esta apresentação era feita, mas como não queriamos proceder de modo a perder o que houvesse de aproveitavel no offerecimento, limitámo-nos na occasião a tomar nota dos nomes dos individuos que se prestavam a transportar cargas, e dissemos a Canapumba que fosse com elles ao acampamento do sub-chefe, a quem num bilhete que demos ao mesmo Canapumba recommendámos que segundo as forças de cada um lhes distribuisse cargas mas em caixas, e que depois d'esse serviço feito lhes fizesse sentir pelo interprete que nós pagariamos rações, mas só na vespera do dia em que se declarassem promptos para partirem com o sub-chefe, ás ordens de quem haviam de marchar até ao Caungula.

Emquanto esta gente esteve escolhendo cargas que se ageitassem pelo peso e forma ao seu modo de transporte, estivemos nós ouvindo Catumbelai que principiou por nos apresentar o cacuata Muluanda (Muruanda), tambem elevado por Xa Madiamba á categoria de seu Calala, por este ser da familia do grande Calala do Muatiânvua (descendente dos antepassados da mãe do primeiro Muatiânvua).

Tambem em tempo se conseguiu retratar este cacuata, e apresentámos a boa gravura que obtivemos da photographia,

prestando já alguns esclarecimentos sobre este personagem, com quem mantivemos sempre as mais cordiaes relações.

Este homem, de trato bastante agradavel, era alto, forte e bem proporcionado. Muito agil e bom caçador, andava sempre munido ou de espingarda ou de arco e frechas, nunca esquecendo o seu mucuáli, no manejo do qual era insigne. Dotado de bons nervos, conhecia-se a influencia que nelle exerciam. Arrebatado, á menor contrariedade todo o seu systema venoso se tornava saliente debaixo da pelle finissima, a ponto de que esta parecia uma pellicula assetinada onde em altos relevos appareciam distinctamente todas as veias.

MULUANDA

Era nesses momentos que de um impeto proferia a phrase que lhe era peculiar:—*Mona macuámi uáfua cáli!* O filho de minha mãe morre já! o que equivale a dizer:—É-me indifferente morrer, estou prompto para tudo.

Nos seus impetos de colera, era difficil contê-lo. De faca em punho e em passo gymnastico procurava logo um espaço livre, e aos saltos e fazendo grandes trejeitos transtornava completamente a physionomia sympathica, empregando grandes exforços para soltar palavras vibrantes. Era então, quando coberto apenas de pelles de animaes bravios, que elle com frequencia usava para com mais liberdade se mover, e com molhos de guizos á cintura e presos em baixo das pernas, de que elle muito gostava, era nesses momentos a incarnação verdadeira do selvagem indomito.

Lembra-nos um dia, quando já tinhamos mais confiança com elle, que o vimos entrar pela nossa barraca naquella catadura, ameaçando a terra, o mar e o mundo por causa dos Quiocos que ousaram (emquanto a elle) dizer que nos vinham atacar, e estranhando que nós estivessemos muito descançados e não mandassemos distribuir polvora aos nossos soldados para defender o Muatiânvua, que era o senhor de todas as terras e de todas as vidas!! Nós porém que apenas percebiamos uma ou outra palavra naquella torrente de apostrofes fulminantes, e sem mesmo esperar que o interprete nos communicasse o que elle queria, como lhe não ouvissemos o estribilho costumado, quando o vimos no auge do seu furor, rimo-nos e exclamámos — *Mona mucuámi uáfua cáli!* — o que foi de um effeito surprehendente, provocando a hilaridade em todos que o rodeavam, porque o homem parou de chofre, riu-se e exclamou: *Vudiê!* e embainhando a faca, agachou-se batendo as palmas e dizendo — *Muene Puto, Muene Puto uami* ... e ao mesmo tempo estendeu a mão direita pedindo *macânha* (tabaco) que costumavamos dar-lhe a miudo.

Foi então que o interprete disse o que elle queria, e perguntando nós porque não continuava fallando respondeu, apontando para um dos nossos pombos que andava no largo — quando ouço Muene Puto eu sou aquillo.

Era realmente um bom homem, e nós conhecemos que sobre elle exerciamos bastante influencia.

Nas vesperas de nos separarmos na Estação «Serpa Pinto, Capello e Ivens» tinha elle tido uma pendencia com um dos rapazes de uma comitiva do Congo que fazia então parte da nossa Expedição. Esse rapaz entendeu dever pôr termo á questão, indo ao acampamento d'elle roubar-lhe uma das raparigas para refens, em quanto se não decidisse a pendencia.

Deram parte ao Calala — titulo porque o trataremos de aqui em deante — do occorrido, e furioso, sem mesmo pensar nas consequencias, desembainhou o mucuáli e não corria, voava, direito aos fundos em que pernoitavam os rapazes do Congo vociferando sempre.

Uma vez ali, fazendo sarilho com a faca e aos saltos de um para outro lado, sem que fosse possivel ao grande numero de homens que o rodeavam o contê-lo, e procurando sempre o rapaz, ameaçava desfazê-lo. Os do Congo, querendo defender o patricio, foram buscar as suas espingardas carregadas e num momento estabeleceu-se a balburdia, juntando-se logo em auxilio do Calala todos os rapazes da sua comitiva dispostos já a medirem-se com os do Congo, libertarem a rapariga e levarem o rapaz preso.

Os do nosso acampamento consideram como um insulto a entrada de Lundas armados no recinto da nossa Estação, e todos se aperceberam para os repellir defendendo a gente do Congo.

A vozearia era verdadeiramente infernal, e nós que saimos da barraca de trabalho, chegámos a tempo, e conseguimos fazer-nos ouvir chamando-os á ordem. Foi o bastante para que o Calala embainhasse a mucuáli e dissesse — *Vudiê!*

Confiou o homem em nós e confiou bem, porque tendo direito a que se lhe fizesse justiça, fez-se-lh'a inteira.

Acompanhou-nos á nossa barraca e elle mesmo ajudou a fazer dispersar a multidão emquanto caminhámos para lá. Ouvimo-lo, ouvimos a parte contraria, e o resultado foi esta entregar a mulher e tomarem ambos da mesma caneca bebida de masango fermentada, e de receberem da nossa mão a pemba com que fizeram as costumadas cruzes na bocca — signal de reconciliação, não podendo jámais nem um nem outro fazer reviver aquella pendencia.

Xa Madiamba encontrára um homem nas condições indispensaveis para se desempenhar excellentemente da missão de Calala durante a viagem, sendo a principal a sua lealdade, de que deu constantes provas até á ultima, pois ainda no nosso regresso o fomos encontrar ao lado do seu Muatiânvua, quando elle podia ter ido para sua casa na margem direita do Cajidixi, onde a povoação a que pertencia e toda a sua familia que fomos conhecer viviam na abundancia.

A missão do Calala tem muita importancia, sendo sempre a mais arriscada, porque é elle o chefe da guarda avançada do

Muatiânvua e garante a segurança do caminho que este tem de percorrer. Em guerra cumpre-lhe mandar depôr logo no principio aos pés do Muatiânvua pelo menos uma cabeça do inimigo, e nesse momento cabem-lhe as honras da importante cerimonia da libação, que se faz na esperança de se alcançar a victoria. Deposta a cabeça, os tumbajes, emquanto o Calala narra os trabalhos que passou e os perigos a que se expoz para alcançar aquelle tropheo, limpam-na na presença do auditorio e transformam o cranio numa taça em que deitam qualquer bebida fermentada e quando a não haja, agua pura. O Calala é o primeiro a levá-la aos beiços, e fazendo o seu juramento de lealdade toma um gole e apresenta-a em seguida ao Muatiânvua que bebe como elle, e pela ordem de hierarchia os presentes passam de mão em mão a horrenda taça fazendo todos igual libação.

Termina esta cerimonia por o Muatiânvua entregar a sua vida á lealdade do seu valente Calala, que só o pode chamar em seu auxilio quando se vir na necessidade de render-se ao inimigo. O Muatiânvua manda-o approximar de si, o que elle faz quasi de rastos, e depois de lhe dirigir palavras sacramentaes, invocando os espiritos de seus antecessores que deixaram fama de bons guerreiros, cospe na palma da mão do seu fiel vassallo, e este leva-a logo á bocca, rojando-se em seguida no solo de um para outro lado, agradecendo a honra que acabou de receber.

Nesse dia não se lucta mais, não se procura o inimigo, ha vigias apenas em torno do acampamento de guerra para a defensiva em caso de necessidade. O tempo é todo consagrado a cerimonias, ao acto que teve logar, e a larguezas do Calala, que consistem em libações acompanhadas de danças e cantos guerreiros, animando-se uns aos outros a imitarem durante a guerra o valente chefe cuja coragem e bravura exaltam.

O Calala Muluanda viera com uma pequena comitiva de commercio de seu amo a Muene Puto Cassongo, e no regresso pelo Anzavo encontrára o Andunda, Canapumba de quem fallámos, e com elle fôra para o Caungula onde teve conhecimento

dos successos que se tinham dado na Mussumba com relação aos ultimos Muatiânvuas, e acreditava que todos os quilolos estivessem unidos para receberem Xa Madiamba, porque mesmo antes de Xanama, já muitos estavam convencidos que se elle estivesse vivo era o unico filho de Muatiânvua capaz para governar o Estado em boa harmonia com os velhos, tendo sido essa a recommendação de Muteba, tio de Xa Madiamba. Logo que soube que elle fôra chamado, pediu ao Caungula para fazer parte da embaixada que este potentado tencionava enviar para acompanhar Xa Madiamba na viagem para o seu sitio.

Trazia na sua companhia a sua Muári e tres raparigas, uma das quaes Cabuíza, de quem tomára conta no Caungula de Mataba onde a encontrára, por ser filha de um grande personagem da côrte, elle entregou a Xa Madiamba para acompanhar a Muári d'elle; na sua companhia trazia tambem seis rapazes. Esperava que o Muatiânvua nomeando-o seu Calala lhe mandaria apresentar mais rapazes para a guarda avançada, porém naquella occasião só dispunha da gente que lhe pertencia, a qual nos offereceu para o transporte de cargas, afim de ganharem alguma cousa para se vestirem, pois estavam nús por andarem ha muito tempo fora de suas casas.

Gostavamos muito de o ouvir, e recommendámos-lhe que nos procurasse com frequencia, pois quando não houvesse serviço urgente teriamos muito interesse em colligir informações ácêrca de muitas cousas que diziam respeito ás suas terras.

Voltára o Canapumba do acampamento do sub-chefe, e como os 22 individuos que apresentára tivessem escolhido cargas e d'elles se tomasse a devida nota, ficámos de fallar na noite d'esse dia, 31 de agosto, com o Muatiânvua, sobre o pagamento das rações para a viagem, que tambem fariamos a mais alguns rapazes que ainda nos pudessem apresentar.

De facto nessa noite estivemos com Xa Madiamba. Disse-nos elle que poucos mais carregadores se poderiam arranjar se o Cassassa e o Catumbelai não apresentassem os seus rapazes, mas que podiamos contar que no porto em que iamos passar o rio Luchico não nos faltariam quantos quizessemos.

Respondemos-lhe que tinhamos primeiro de pensar no presente, e que depois tratariamos do futuro; que devia lembrar-se de que já lhe haviamos dito ser de toda a conveniencia marchar avante com a Expedição e que se faltassem os carregadores precisos largariamos fogo ás cargas que não pudessem seguir. Se elle porém tinha de demorar-se por qualquer motivo durante alguns dias, partiria já o nosso collega o sub-chefe, com parte da Expedição para o Caungula, e de lá mandaria os Lundas que com elle partissem e mais alguns carregadores dos nossos que fossem precisos.

Ora nós fallámos-lhe assim terminantemente, porquanto viamos que os rapazes da sua comitiva estavam cercando as habitações particulares d'elle, isolando-as do resto do seu acampamento, e que elle havia ordenado que se fizesse um telheiro para o cavaco durante as horas de maior calor.

De modo algum podia o homem approvar que se queimassem as cargas de Muene Puto; segundo disse preferia antes que partisse o sub-chefe e fa-lo-ia acompanhar do seu Calala, porque em verdade desejava terminar uns negocios já entabolados com o Cassassa e com Catumbelai, um velho cacuata de seu pae que elle tinha muito empenho em convencer a regressar ao seu sitio proximo da Mussumba.

Disse-nos tambem, que como iamos pagar rações no dia seguinte aos rapazes que elle nos mandára apresentar, era natural que mais alguns apparecessem para tambem receberem um pedaço de fazenda, e que podia o nosso collega ir esperar-nos no Caianvo um ou dois dias porque era de suppôr que os seus negocios com Catumbelai se concluissem nesse tempo.

E a proposito da dependencia em que estava dos seus quilolos, fallou-nos do pouco respeito que já se notava á auctoridade do Muatiânvua, muito principalmente nos Capendas, no Anzavo e mesmo entre os Lundas do Lubale ao Cuílo; convencendo-se que o mesmo succederia em todo o caminho que tinha de percorrer até á Mussumba.

Nós lembrámos-lhe a conveniencia de ir registando o que visse que poderia contrariar a marcha dos negociantes que se

dirigiam para a Mussumba, para depois adoptar as necessarias providencias, a fim de que ao menos o caminho que iamos trilhar não se fechasse, como já estavam fechados os do sul.

Dando-nos razão disse tambem que nos havia de consultar a tal respeito, para de accordo com os seus quilolos deliberar sobre as medidas que de prompto se deviam tomar.

Surprehendeu-nos depois quando iamos quasi para retirar com o pedido particular, que por via do interprete nos fez, de lhe mandarmos um copo de aguardente para dormir bem.

Haviam-nos dito, e até mesmo em Malanje, que o Muatiânvua não bebia aguardente, e acabavamos de ter uma prova do contrario. Não nos admirámos todavia, porquanto quer o Catumbelai quer o Canapumba e o Calala nos tinham feito o mesmo pedido. Nós guardavamos ainda uma pequena porção d'esta bebida, e lembrámo-nos que addicionando-lhe bastante agua não faria mal nem aos Lundas nem ao Muatiânvua, e contentando-os assim nos livrariamos de exigencias e de outros pedidos mais custosos de satisfazer.

Ficámos certos que os Bângalas, Quimbares e mesmo os cacuatas sempre teriam trazido, como mimo, uma ou outra garrafa de aguardente para os potentados da Lunda seus amigos, e mesmo para o Muatiânvua, e não tivemos rebuço em obsequiar Xa Madiamba enviando-lhe duas garrafas com o mencionado tempero.

Haviam os nossos rapazes de Malanje transmittido ao seu chefe Augusto Jayme as noticias que receberam de terem morrido os seus dois parentes, e o nosso acampamento durante alguns dias e noites tornou-se inhabitavel para quem quizesse trabalhar e muito mais dormir, por causa das carpideiras, cantorias, danças, musicatas, tiros e mais manifestações estrondosas do estylo.

Mas como o homem é nos seus habitos a criatura que mais facilmente se adapta ás transições, embora rapidamente caia do sublime no que possa haver de peor, nós fomos-nos gradual e insensivelmente acostumando aos usos gentilicos, e nos ultimos dias d'estas condolentes cerimonias, que entre nós chamariamos

de ruidosa folgança, já nem davamos pela inferneira, antes pelo contrario na primeira noite em que cessaram sentimos uma falta qualquer para poder conciliar o somno.

Na manhã do dia 1 de setembro não appareceram os Lundas para receber as rações, mas veiu Catumbelai dizer-nos que elles tinham ido de madrugada para a caça, e participou-nos tambem que ia avisar os seus filhos para se apresentarem no dia seguinte.

Pouco nos importava que estes viessem ou não, porque estavamos resolvidos a manter a deliberação tomada de fazer avançar uma secção sob o commando do sub-chefe, o mais tardar até ao dia 4, e neste sentido lhe respondemos, tratando já neste dia de nomear os nossos novos carregadores e parte dos antigos, a quem fizemos pagamento de rações, para irem comprar mantimentos para o caminho, de modo que no dia 3 estivessem promptos para receberem as suas cargas.

Dos novos carregadores conseguimos que sobrassem quatorze para as cargas antigas, e no dia 2 apresentou o Canapumba trinta e dois individuos, homens e mulheres, parte dos quaes já tinham cargas separadas, e os que vieram a mais foram recebê-las pagando-se a todos o estipulado.

Tornava-se indispensavel toda a vigilancia com os carregadores de Quiteca, porque eram muitos os quibessas de que se fizeram acompanhar, e todos com cargas de sal, de fazendas e de outros artigos para negocio.

Irão ao Caungula, diziamos nós neste dia ao sub-chefe, porque insistiam, o que não era verdade, que tinham sido contractados só para o Anguvo no Cassai, e se ali chegassem podiam fugir-nos para o Lubuco com as suas mercadorias.

Neste mesmo dia mandou Xa Madiamba o muzumbo prevenir-nos de ter chegado o seu irmão Lubembe, de quem ha muitos annos estava separado, e pedir-nos lhe dissessemos a hora em que elle podia vir cumprimentar-nos.

Como tinhamos acabado o pagamento de rações recebemo-lo logo, e d'elle damos já noticia com o seu inseparavel filho, criança assás sympathica e que elle muito estimava.

Lubembe era filho do Muatiânvua Noéji mas de mãe diversa da de Xa Madiamba e do Muteba a qual sempre os acompanhou. A mãe d'elle era uma irmã de Xa Madiamba e portanto Muteba era irmão de Xa Madiamba por parte do pae, e sobrinho por parte da mãe; pode dizer-se que era irmão de sua mãe e neto de seu pae.

Conhecemos um outro individuo, tambem irmão d'este grupo, e que tinha filhos já homens, e por elles se vê a confusão que estabelecêra na dynastia da casa imperante o Muatiânvua Noéji (o visitado por R. Graça) com a sua concupiscencia, á qual não escaparam as suas tias e até as proprias filhas. Era elle que fazia consistir a sua principal grandeza na immensa progenie.

LUBEMBE

Quando Xa Madiamba retirou da Mussumba, Lubembe que residia com a familia no sitio de sua mãe na margem do Lulúa ao norte, nas vizinhanças dos Uandas, retirou tambem pouco depois para o acompanhar e d'ahi veiu até ao Caungula.

Sabendo ali que seu irmão era perseguido por Xanama, e ouvindo os conselhos de Caungula foi estabelecer residencia na margem do Cuílo já em terras de Muata Cumbana, com o assentimento d'este Muata.

Como sabia o officio de ferreiro, amestrou nelle os rapazes da comitiva que o acompanharam e constituiu com elles o que chamam o seu estado.

Fez uma boa povoação; as mulheres lavravam as terras, e com o producto do trabalho d'estas e dos seus rapazes tor-

nou-se elle negociante, conseguindo ir com negocio uma vez a Loanda e duas ao Dondo, tendo feito tambem negocio em Pungo Andongo, Malanje e Cassanje.

A sua povoação ia augmentando, porque demais era auxiliado pelos seus poderosos parentes, Caungula e Cumbana. Embora expatriado vivia bem e muito tranquillo, e não largaria o seu sitio se seu irmão Xa Madiamba o não tivesse chamado, pedindo-lhe para o acompanhar á Mussumba, na qualidade de Suana Mulopo (immediato), podendo elle depois ou voltar ao sitio de sua mãe ou regressar ao Cuílo.

Lubembe apesar de filho de Muatiânvua não podia aspirar a ser Muatiânvua porque sua mãe era escrava, e muito principalmente porque era defeituoso, tinha seis dedos na mão direita.

Era esta deformidade que mais o prejudicava, porque emquanto á filiação, se elle conseguisse ter partidarios na côrte, punham de parte a praxe, sobretudo quando elle tivesse dado provas de ousado e intelligente para bem se desempenhar do cargo.

Tinha vindo na occasião combinar com Xa Madiamba sobre a marcha, e regressava no dia immediato a sua casa para se preparar e a sua comitiva para a longa jornada, devendo ir encontrar-se comnosco no Caungula.

Mostrou-nos ter visto bem Loanda e outros pontos da Provincia, fallando-nos de individuos do nosso conhecimento. Como é de suppor foi a visita que mais tempo nos occupou e com certo interesse. Habituado já aos nossos usos sentia-se á vontade na nossa companhia e tendo bebido um copo de cognac, esteve fazendo jus a um outro por despedida.

Tratando-se das más circumstancias em que nós iamos encontrar nas terras do Estado além do Chicapa, por causa das desintelligencias suscitadas pelos diversos filhos do Muatiânvua que se haviam succedido no governo, e entre os Quiocos e os Lundas, disse-nos que seu irmão, logo que tomasse posse da regencia, devia levar por deante o projecto do Muatiânvua Muteba — mandar uma embaixada a Loanda para que o Augu-

vulo (governador) fizesse occupar por ordem de Muene Puto as terras do Estado, mandando para a Mussumba chefes, soldados, bons mestres e negocio, e que elle acceitaria com muito gosto ser chefe d'essa embaixada.

— Nós estamos incumbidos de fazer tratados com os Muatas que formos encontrando, lhe respondemos, e muito desejâmos que o Muatiânvua seja testemunha d'elles, e que uma vez no Estado os confirme; cremos ser essa a maior prova que se pode dar a Muene Puto de que elles são reaes, exequiveis e voluntarios. Com respeito ás luctas com os Quiocos, affigura-se-nos que o Muatiânvua pode já pelo transito fazê-las cessar, admittindo o que está feito, e de accordo com os seu chefes providenciar sobre o modo de vida no futuro não só entre os vizinhos, como d'elles para com o governo superior do Estado.

E acrescentámos: — acabou de nos dizer que os Quiocos são Lundas e os seus chefes parentes da casa do Muatiânvua, e que foram elles os primeiros que deram origem á denominação dos Quiocos, querendo expatriar-se voluntariamente; que não foram expulsos nem commetteram crimes nas terras.

— Disse-nos tambem que Noéji e Muteba quizeram attraí-los de novo, porém que convindo a Xanama a scissão de Quissengue com o poder do Estado para os seus fins, sempre transtornou aquelle intento, e antes d'elle Quimbundo e Muansansa foram tambem os obstaculos a essa repatriação; pois se Xa Madiamba principiar por regular os negocios com Quissengue, insistimos nós, vence o peor da lucta porque tranquilliza os povos até ao Luembe.

— Onde estiverem estabelecidos os povoados de Quissengue, Muxico e Ambumba, garanta-lhes o Muatiânvua o direito ás suas povoações, como quilolos do seu Estado, sem que tenham por isso de pagar cousa alguma aos Muatas em cujos dominios elles se fixaram, deixando-os governar independentemente d'estes, mas pagando ao Muatiânvua os tributos como quaesquer Muatas.

— As contendas pendentes entre Quiocos e Lundas, vae-as Xa Madiamba resolvendo com justiça ouvindo os pleiteantes; e

o mesmo se deve ir fazendo para além do Cassai. Conseguido isto, os caminhos ficam limpos, e a embaixada passará sem difficuldade até ao Cuango, e nós iremos dispondo os Bângalas que encontrarmos para não lhes ser ahi impedida a passagem. Se alguma cousa neste sentido o novo Muatiânvua tiver feito até ao nosso regresso, nós conseguiremos completar o trabalho desfazendo todos os attritos por parte dos Bângalas.

— Sim senhor, disse-nos o Suana Mulopo, logo que eu regresse para junto do Muatiânvua empregarei todos os meus esforços para que elle attenda aos bons conselhos do seu amigo Angana Majore, e estou certo que os quilolos nos hão de apoiar se quizerem indireitar as terras da Lunda.

A impressão que nos causou este individuo foi muito agradavel, e isso animava-nos a proseguir no nosso intento de occupar por parte de Portugal a região do Muatiânvua, aguardando como delegado do governo ulteriores ordens para tornarmos effectiva esta occupação, procedendo logo a construcções de bons caminhos para a passagem de viaturas taes como os tinhamos imaginado. Precisavamos porém conhecer o relevo do terreno d'ali em deante, para os projectar com mais segurança de exito.

Haviamos participado ao governo, pela diligencia que mandaramos para Malanje, que ficariamos na Mussumba esperando ordens, e o que nos dissera o Suana Mulopo mostrou-nos que bem andaramos. Seria com o Muata Caungula que tentariamos fazer o primeiro tratado no Estado do Muatiânvua.

Como tambem tivessemos dito ao Suana Mulopo que nos fôra muito recommendado por Muene Puto o abrirmos um bom caminho da Mussumba para Muene Canhíuca, em que se garantisse aos negociantes que se dirigiam á capital a segurança necessaria para de lá irem buscar marfim, dando-se nisso interesse ao proprio Muatiânvua, nessa noite Xa Madiamba, referindo-se a nossa conversa com seu irmão, disse-nos ter gostado muito de ouvir o Suana Mulopo contar-lhe o que se passára. Que agradecia muito a Muene Puto o ter-lhe enviado um homem prudente para lhe dar bons conselhos no governo do seu

Estado; que depois da sua posse nos mandaria apresentar um certo numero de quilolos para nos ajudarem, e para pôrem em execução o que ordenassemos a bem do mesmo Estado, por serem elles quem tinham voto deliberativo nos negocios que diziam respeito á governação, pois com o que dependesse d'elle já Muene Puto podia contar. Que era verdade terem havido duvidas em se consentir a passagem de negociantes para além da Mussumba, porém que conversando nós sobre o assumpto com os quilolos decerto conseguiriamos removê-las. Finalmente, disse que rectificaria todos os tratados que fizessemos porque era para bem dos Lundas, e estava disposto a mandar uma embaixada a Muene Puto e pedia-nos mesmo para o não deixarmos emquanto Muene Puto não mandasse outro quilolo para nos render.

Estava pois lançada a primeira pedra nos alicerces do nosso edificio, e era preciso d'ahi por deante ir firmando a influencia adquirida, tornarmo-nos indispensaveis, para com segurança assentarmos as outras, pois estando a base segura, o resto seria questão de tempo.

Preparava-se a secção do sub-chefe para partir, e na vespera, 3 de setembro de manhã, veiu Muteba, irmão e sobrinho de Xa Madiamba, apresentar-nos da parte d'este os dezoito rapazes de Bungulo, os taes que Cabembe fizera regressar para irem pedir a seu amo um presente para o Muatiânvua, do que démos conhecimento, tratando da diligencia que mandaramos em tempo a Bungulo.

Muteba tambem fôra contemplado por Xa Madiamba com um titulo na comitiva que o acompanhava em viagem, o de immediato do seu immediato, ou Muene Têmbue, e ficou fazendo as vezes de Suana Mulopo, emquanto este foi á sua povoação buscar a familia.

Muteba era homem muito antipathico, não só pela sua figura e modos selvagens, mas ainda pelo seu genio irrascivel e ambicioso; todavia devemos confessar que por vezes soubemos tirar partido d'elle, e muitas vezes o torturámos obrigando-o a humilhar-se, convencidos sempre que elle tratava de nos contra-

riar e que se um dia fosse potentado independente e estivessemos na dependencia d'elle, seria ousado bastante para se pagar e com uzura da pouca importancia que ligavamos aos seus desabrimentos.

Foi este o typo de homem que vimos mais semelhante aos Bungos com quem estivemos na Mussumba, e de quem os

MUTEBA

Lundas se dizem oriundos pelo lado das mães. Eram as feições d'elle as mais grosseiras que conhecemos, e augmentava mais a fealdade do seu rosto o pouco movimento das palpebras com pestanas compridas que apenas lhe permittia entreabrir os olhos, sendo forçado a levantar a cabeça para olhar para as pessoas com quem fallava.

Ostentava carapinha farta, bastante comprida e frizada, variando muito de penteados, trabalho que era feito por uma de suas mulheres, no que decorriam horas, e muitas vezes se haviam interrupções só no dia immediato se concluia.

Apresentou-se na occasião com tranças delgadas em que foram enfiadas missangas grossas e outra contaria.

Tambem o vimos usar as tranças grossas apertadas de distancia em distancia de modo a formarem bojo, lembrando-nos as bolças para dinheiro feitas de missangas que se apertavam com anneis.

Muito supersticioso, nunca deixou de usar amuletos ao pescoço, e querendo dar-se ares de destemido, ao mais pequeno boato de approximação dos Quiocos espetava uma pequena penna encarnada na carapinha, signal de se considerar em guerra.

Vestia uma camiza que lhe deramos, mas o mais usual era andar sempre de corpo nu da cintura para cima, e raro era que não apparecesse com elle e com a cara riscada em diversos sentidos com traços pretos, vermelhos ou brancos, largos e lustrosos, feitos com certos ingredientes em que entrava o azeite de palma ou outra materia gordurosa, e estes traços denotavam que tinha receio de ser enfeitiçado.

Sobre a camiza trazia o seu chibele-ciá-anzambi, feito de uma tira de baeta encarnada guarnecida de um vivo de algodão branco, tendo cosido inferiormente á abertura um crucifixo de metal amarello, que elle e em geral todos os indigenas fazem muito gosto em possuir porque confiam mais nelle que em todos os medicamentos que conhecem contra doenças, quer estas sejam determinadas pelos idolos quer sejam lançados pelos feiticeiros.

Muene Têmbue, assim lhe chamaremos d'aqui em deante, expatriára-se com o seu irmão a quem nunca largou, e por isso mesmo foi causa de um grande numero de desgostos e inclemencias porque passou Xa Madiamba, sobre tudo na companhia de Xanama no Tenga, que considerou Muene Tâmbu feiticeiro, por elle lhe desinquietar as raparigas do seu harem.

Muitas vezes se nos queixou Xa Madiamba das partidas que constantemente lhe tinha feito este seu irmão-sobrinho, e de tal modo as contava e justificava com tantas razões o tê-lo ainda na sua companhia, que nos chegámos a persuadir, e pelo que tambem fomos sabendo pelos quilolos, que elle sempre desconfiára que, além de irmão-sobrinho, podia tambem ser seu filho.

Aguardaremos porém a occasião opportuna para tratar das queixas de Xa Madiamba contra o seu Muene Têmbue, e voltemos ao que mais importa.

Apresentaram-se-nos os rapazes que chegaram de Bungulo para nós lhe darmos cargas e seguirem com ordens de Xa Madiamba para a povoação do Catumbelai.

Os rapazes principiaram por nos contar o que já sabíamos. —Que Bungulo os mandára logo com o nosso muzumbo, porém que Cabembe lhe impedíra a passagem dizendo-lhe que fossem buscar um mussapo para o Muatiânvua; elles trouxeram-lh'o mas não queriam ficar agora no seu acampamento, como já lhes fôra determinado por Catumbelai, no sítio do qual haviam pernoitado de vespera por terem chegado muito tarde.

Vindo para o serviço de Muene Puto, queriam ficar já no nosso acampamento.

Os rapazes não deixavam de ter razão, porém nós dissemos-lhe que desde o momento em que o Bungulo os mandou voltar com o mussapo para o Xa Madiamba, é porque o reconhecía como Muatiânvua, e nós não podiamos intervir para que elles deixassem de cumprir a ordem que lhes fôra dada.

No entanto como fôra Xa Madiamba quem os mandou apresentar para receberem cargas, nós iamos dar-lhes as rações para no outro dia seguirem na comitiva do sub-chefe, e que por tanto só ficavam fora do nosso acampamento naquella noite.

Mostraram-se satisfeitos, receberam rações da mesma qualidade e na mesma quantidade que os outros, riscado de lei, e foram tomar conta das cargas.

Constando-nos de tarde que os novos carregadores de Malanje e parte dos antigos se disputaram no dia seguinte a fazer

greve para não partirem sob o commando do sub-chefe, allegando que só queriam andar com o chefe, mandámos chamar Augusto Jayme, os cabos Antonio, Quiteca, Negrão, e o Manuel Ignacio que viera com os novos carregadores, e conseguimos convencê-los a fazer com que os seus rapazes avançassem sob o commando do sub-chefe até ao Caianvo, onde os de Quiteca ficariam passando todas as cargas para a margem de Cuílo, vindo os antigos carregadores buscar-nos e as cargas que por ventura ainda restassem.

No dia 4, um pouco antes das 7 horas da manhã, partia a comitiva, mas não deixára de haver vivas discussões nos tres dias anteriores com Xa Madiamba a respeito da sua marcha. Eram ao todo 160 carregadores que seguiram com a bandeira portugueza á frente que o vento fazia fluctuar, e ao som de uma marcha em accelerado de cornetas e tambores, e da algazarra e assobios dos Lundas da comitiva do Muatiânvua.

Algumas cargas da pharmacia que deviam ter seguido ainda ficaram, porque os Lundas que as deviam transportar, e alguns eram do Bungulo, não compareceram á hora da partida; de proposito estavam escondidos, ou como se dizia tinham ido a compras e não haviam regressado a tempo.

CHIBUNTILA

OS ULTIMOS DIAS NA ESTAÇÃO

orçosamente tinhamos de nos demorar mais alguns dias na Estação Cidade do Porto, porque além da doença do interprete—que carecia de 4 homens para o transportarem numa padiola, que era preciso fazer-se, por não ser possivel accommoda-lo numa maca—tivemos conhecimento á ultima hora que um rapaz da companha de Manuel Ignacio, dos que vieram de novo, estava impossibilitado de marchar por ser gravissimo o seu estado de fraqueza. Tambem para o seu transporte eram necessarios outros quatro homens.

Acrescia o haverem ainda cargas de mais para o pessoal, não obstante termos admittido cincoenta individuos da Lunda e reduzido bastante o numero d'ellas. Era esta questão dos transportes a que constantemente nos trazia alvoroçados; foi negocio que nos deu bastante que fazer mesmo no regresso, quasi até ao rio Cuango.

Por parte do Xa Madiamba contavamos com pretextos tambem para alguma demora, porque foramos avisados que elle esperava uma grande comitiva de Bângalas.

Sendo certo que no Caungula tinhamos de esperar que se procedesse a cerimonia da lucanga, e que viessem de differentes terras os representantes dos Muatas e as suas forças armadas, havia toda a conveniencia em chegarmos ao sitio d'elle o mais depressa possivel, sem inutilisar uma carga. Urgia pois que empregassemos todos os esforços para que a demora fosse de poucos dias.

Mas quando todos os elementos se dispunham contra nós, sobre tudo num meio como aquelle em que nos achavamos, em que tudo nos falhava, umas vezes por falta de recursos, outras porque os que alcançavamos nos eram inteiramente estranhos, muitos esforços se tornavam inuteis.

Tivemos pois de sustentar uma lucta constante durante oito dias para realizar os nossos projectos, e no emtanto tão variadas foram as occorrencias que registámos, oppostas todas ao proseguimento da marcha da Expedição, que julgo de conveniencia mencioná-las para se poder formar um juizo seguro sobre essa lucta.

Como estivessemos mal alojados na barraca de lona por causa das chuvas fomos, com os poucos homens que nos acompanhavam, para o acampamento deixado pela secção do sub-chefe, cujas cubatas estavam em bom estado, continuando o ajudante com o seu pessoal na Estação.

Ficámos portanto ao lado de Xa Madiamba no intuito de desfazer difficuldades e incitá-lo a emprehender a viagem, ao mesmo tempo que vigiavamos os doentes de mais perto, ficando nós melhor accommodados e menos devassados, podendo proseguir com mais socego nos nossos estudos.

Ás dez horas da manhã chegaram tres grandes comitivas de Bângalas com cargas de negocio. Era seu chefe principal Xa Muteba, que já se esperava de vespera. Tinha um bom typo este homem, e era muito bem conceituado nos estabelecimentos commerciaes europeus do Dondo, Pungo Andongo e

Malanje. Haviamo-lo já encontrado em Cula-muchito á entrada de Malanje.

Era esta uma grande novidade para a terra, e ia grande borborinho nas povoações e no acampamento de Xa Madiamba, porque Xa Muteba era um grande Ambanza da margem direita do Cuango. Tinha por Muári a irmã de Xa Madiamba, que lhe fôra concedida pelo Muatiânvua Muteba, de quem elle tomára o nome, desde que assim ficaram aparentados e que estreitaram as antigas relações de amisade.

Descançaram as comitivas nas povoações do Cassassa e do Catumbelai, mas nem um nem outro se atreveram a marcar-lhes o logar em que deviam acampar sem receberem ordens do Muatiânvua, e por isso foram participar-lhe a novidade. Elle despachou immediatamente dois delegados seus para acompanharem seu cunhado Xa Muteba á sua presença e agradecer-lhe o mussapo que este lhe enviára de vespera.

Os chefes das povoações seguidos de Xa Muteba e dos delegados passaram pelo nosso acampamento, porque Xa Muteba sabendo que estavamos ali, preferiu fazer um trajecto maior para nos cumprimentar antes de se avistar com Xa Madiamba, ficando de voltar para conversar comnosco com mais socego.

Era esta visita a Xa Madiamba puramente de caracter particular, mas concordou-se que as comitivas deviam de acampar ao lado dos Lundas para oeste, e nessa conformidade Xa Muteba mandou avançar toda a sua gente.

Tinha uma certa imponencia selvatica a marcha d'aquelles trezentos homens! Haviam arreado as cargas sobre o capim a uma certa distancia da chipanga, e cada um com a sua arma lazarina na mão direita inclinada para a frente, vinha em passo accelerado entoando em côro um canto guerreiro. Quando já proximos da residencia de Xa Madiamba, era deveras curioso o quadro que disfructámos. Os pretos avançavam, retiravam, saltavam, corriam de um para outro lado, agachavam-se rodeando a cêrca da residencia, uns em attitude de quem vae fazer fogo, cantando ou soltando assobios, outros agitando as armas e fazendo sarilhos.

Durou isto algum tempo e só cessou quando Xa Madiamba appareceu no limiar da larga porta da chipanga com o braço cruzado no do seu parente Xa Muteba. Recrudesceu então a inferneira de assobios e de brados, terminando por tres, quasi unisonos, ao mesmo tempo que os homens levantavam o braço direito segurando a arma pelo delgado como quem a quer apresentar, fazendo assim lembrar as nossas acclamações, e que depois soube pelo interprete que tinha a mesma significação.

É possivel que a impressão que nós tivemos, fosse a mesma que receberam o interprete e todos os indigenas da nossa provincia de Angola acostumados aos usos dos europeus, porém o certo é que se tratava de uma manifestação de regosijo, e deu-se só depois que Xa Muteba fallou á sua gente, apresentando o seu parente como o novo Muatiânvua.

Havia já duas ou tres noites que o sub-chefe e eu notavamos quando Xa Madiamba espirrava, o uso das pessoas presentes baterem as tres palmadas compassadas do costume, e de dizerem — seja para bem! afastem-se os feiticeiros! seja feliz! etc. E tambem registámos o facto de pedirem licença quando tinham de passar por deante de gente que estivesse sentada, ou de interromper quem estava conversando; davam estalidos com os dedos para prevenir os que deviam de afastar-se e que não prestaram attenção por qualquer circumstancia á palavra que em voz baixa pronunciavam antes de os dar.

Estas e outras cerimonias usadas como signaes de deferencia e de mutuo respeito tanto pelos Lundas como por outros povos com quem convivemos, mereceram-nos registo especial e d'ellas damos desenvolvida noticia no nosso livro sobre Ethnographia e Historia.

Os recem-chegados depois de findas as cerimonias foram buscar as suas cargas e transportaram-nas para o logar em que tinham de fazer o acampamento, e tendo de passar pelo nosso e pelo do Xa Madiamba, seguiram em passo accelerado, soltando cantigas allusivas a Muene Puto e ao Muatiânvua, que um cantava primeiro e que todos repetiam em côro.

SCUOLA DI CANTO

Xa Muteba e os Ambanzas que o acompanhavam eram d'aquelles que não tinham querido reconhecer o Jaga de Cassanje, mas que se consideravam para todos os demais effeitos subditos de Muene Puto, sendo os que teem mantido mais relações com as casas de commercio portuguezas.

Tanto elle como Xa Madiamba e Quingúri, com quem convivemos alguns mezes em boa harmonia, tinham as suas povoações na margem direita do Cuango a dois dias de marcha para sul do Ambanza Ilunda, ficando a de Xa Muteba junto ao riacho Lussesse, fronteira aos Quimbos, sendo Catau o seu porto no Cuango.

Além de fazendas, sal e polvora, conduziam estas comitivas alguns bois e cabras, e mostrando nós desejos de comprar um boi, Xa Muteba disse-nos com toda a franqueza que não pedia aos donos para no-lo venderem porque os destinavam ao Lubuco, onde haviam sido pedidos na ultima viagem com a promessa de seis escravos por cada um, e por muito que nós dessemos não podia ser negocio que lhes conviesse.

Pela naturalidade com que nos fallava este homem em troca de gado por escravos, vê-se bem que não foram os europeus que teem visitado o Lubuco — está visto que nos referimos a Portuguezes e a Allemães — que ali foram introduzir esse uso nefasto; mas tambem é certo que os Bângalas aproveitando-o, não teem em mira vender a gente assim adquirida porquanto na provincia de Angola, do Cuango para dentro, o escravo deixou de o ser. É de crer que nas comitivas de Bângalas haja individuos que se considerem escravos de outros ou dos potentados a quem as comitivas pertencem, todavia é certo que de tal modo são tratados pelos Ambanzas ou chefes de comitivas e tão boa é a harmonia e a sociabilidade que reina entre todos, que para os que visitam os seus acampamentos — não diremos já na Provincia, mas nos sertões para leste do Cuango — ou são todos escravos sob a obediencia dos chefes, ou todos constituem uma familia; e no primeiro caso feliz é então o estado de escravidão, pois em paizes civilisados não se encontra tanta liberdade.

Apraz-nos insistir sobre esta nossa observação depois que temos conhecimento de algumas exposições quer oraes quer por escripto, que se attribuem aos companheiros do explorador Wissmann no Lubuco, em que se allega que os Bângalas vão ali buscar escravos para os trocarem por armas e polvora; podendo d'aqui concluir-se, e mal, que os Portuguezes em Angola negoceiam em escravos. Aquelles que os Bângalas adquirem ficam nas suas povoações, e com o tempo com elles se confundem até pelo typo. E é bom não confundir isto, com o que foi auctorisado ácerca de resgates, que geralmente se faziam ao sul do Cuanza.

Devemos terminar este incidente por dizer, sem receio de contra-provas, que tanto uns como outros entrando nas terras portuguezas onde a auctoridade se exerce effectiva e realmente, são muito mais felizes de que no meio d'onde sairam.

Como se tenha demorado a publicação d'estes nossos trabalhos, ainda neste logar podemos congratular-nos porque Stanley, — já depois das nossas publicações: *Carta a Sua Magestade o Rei dos Belgas,* e *O Lubuco,* refutando as asserções de Mr. Bateman contra negociantes portuguezes — confirma o que dissemos com respeito á escravidão no centro d'Africa.

Fallando-se da indisposição dos Bângalas contra a nossa Expedição, disse-nos Xa Muteba que de facto correram más noticias em quanto nós estavamos em Malanje e nas terras marginaes do Luí, porém quando elle saíra da sua ambanza para esta viagem já todo o Cassanje fallava de outro modo. Todos tinham boas noticias da amizade que o Angana Majolo havia feito com os filhos de Cassanje, que a todos ouvia muito bem e com bom coração.

Informou-nos que se dirigia para a margem do Lulúa nas vizinhanças dos Uandas, onde os seus companheiros iam comprar alguma gente para depois a negociarem por borracha nos Chilângues do Cassai, fronteiros a Maí Munene, onde tinham bons freguezes. Porém como Xa Madiamba lhe pedíra para o escoltar até ao Caungula fazia-lhe a vontade, sendo certo que isso causava transtorno aos seus rapazes por ser a viagem do

Muatiânvua muito vagarosa. Este demorava-se a ouvir os povos e a receber presentes, e os seus rapazes precisavam de tirar fazenda das suas cargas para comerem e além d'isso ficavam sujeitos a fazer as diligencias que o Muatiânvua determinasse, por não ter ainda forças sufficientes para esses serviços.

Custa a comprehender á primeira vista o trafico que se faz aproveitando a escravidão no centro do continente, ou os que o teem comprehendido, procuram confundir as cousas com o intento de rebaixar o grau de consideração e de estima em que devem ser tomados na Europa os trabalhos seculares dos Portuguezes em Africa.

Préviamente, referiu Xa Muteba, os bois eram levados para o Lubuco para serem trocados por gente, e depois seguia elle com os seus companheiros para o Lulúa onde ia comprar gente e voltavam aos Chilângues no Cassai para a trocar por borracha.

Não devem ser indifferentes estes factos, que parecem contradizer-se, ao observador que quer acreditar-se; a mesma comitiva ia ao Lubuco buscar gente em troca de gado e ia mais longe buscar outra gente, para voltar áquelle paiz e trocá-la por borracha.

Explica-se isto assim — os que no Lubuco compram cabeças de gado vaccum pertencem á primeira sociedade, são os do Moio, os mais abastados e que dispõem de grande numero de serviçaes já educados por elles e são estes que conveem aos Bângalas para augmentar as suas populações e os auxiliarem no negocio sertanejo. Os Bângalas não os vendem, por isso a corrente d'essa gente, que é mais de emigrantes que de escravos, dirige-se para o occidente. Precisando os do Lubuco por seu turno de gente para venderem como escravos aos povos que lhe ficam ao norte e que os procuram para os Arabes, que são os povos estranhos que se encontram ainda na actualidade com o privilegio de alimentar a escravatura, vão então as comitivas de Bângalas, de Quiocos e de outros povos procurar gente noutros paizes como moeda para a apresentarem aos do Lubuco que lhe offerecem em troca marfim e borracha, na maior parte obtida dos seus vizinhos ao norte.

Quer dizer, os traficantes da região central, depois das leis coercivas portuguezas abolindo a escravatura, para poderem obter do commercio civilisado o que lhes é indispensavel á satisfação das suas necessidades, tendo de procurar os unicos productos acceitaveis com que podem auferir mais interesses, naturalmente foram levados a aproveitarem-se da existencia da escravidão em certas regiões para alcançarem aquelles productos, sujeitando-se a grandes marchas, privações e muitos perigos.

Mostra este uso, que a forma porque a Europa na melhor boa fé entendeu dever intervir para reprimir a escravidão em Africa, não foi salutar, e devemos dizê-lo com franqueza — por quanto na altura em que vão estes nossos trabalhos já temos dado provas bastantes do nosso modo de sentir a respeito do indigena africano, mesmo do mais rude — é até condemnavel.

Os serviços de diligencias que Xa Muteba já esperava, começaram logo no dia immediato, de nada lhe servindo o conselho que lhe haviamos dado a seu pedido, porque se pudemos evitar uma d'essas diligencias, não conseguimos evitar outra que se fez sem o sabermos.

Queria Xa Madiamba que o seu cunhado mandasse gente armada á margem do Lubale apprehender sete escravos que em tempo tinham sido desinquietados para deixarem o seu serviço. Havendo nisto inconvenientes, e sobre tudo demora, dissemos a Xa Muteba que o seu parente não principiava bem a desempenhar-se do elevado cargo para que o queriam na Mussumba, e que tanto elle como nós o deviamos dissuadir de mandar executar semelhante ordem que o ia já indispôr com os povos da Lunda, embora elle tivesse razão. Devia primeiro tratar de receber o lucano, e depois fizesse o que entendesse a bem da sua justiça.

Apezar d'este conselho não ficámos tranquillos. Fomos em seguida á cubata de Bezerra e mandámos ali chamar Xa Madiamba a quem dissemos — que tendo conhecimento da diligencia que elle queria se fizesse, lhe pediamos nos promettesse que não trataria por emquanto de milongas (demandas), pois

devia lembrar-se que fôra esse o mal de Xanama e dos seus successores, e que para elle seria mais proveitoso grangear agora amigos e tomar conta do Estado, do que cuidar dos poucos proventos que podia alcançar com pequenas questões. Elle bem sabia que nas terras da Lunda não havia segredos, e que quando partisse a diligencia para o Lubale todos saberiam o que esta ia fazer; a noticia espalhar-se-ia logo por toda a parte e quando elle depois passasse por qualquer povoação, em vez de encontrar povos á sua espera, encontraria tudo deserto com receio d'elle e da sua gente.

Contámos o que nos succedêra na passagem de Angunza Muquinji até ao Cassassa, e que os Lundas só por saberem que nos vinhamos juntar com elle, fugiam de nós com receio de que os trouxessemos presos para o seu serviço.

Tambem lhe fizemos sentir que essa diligencia se não podia fazer em menos de dez dias, e que este era o tempo sufficiente para chegarmos ao Bungulo livrando-nos das maiores chuvas que se nos apanhassem no caminho estragariam toda a fazenda e principalmente a polvora.

—O meu amigo tem razão, disse elle, e os meus é que instaram para que se fizesse esta diligencia; mas eu vou chamar Xa Muteba e dar-lhe ordem em contrario, reservando esta e outras questões para quando estiver de posse do meu logar esperando que Muene Puto me coadjuvará.

—Agora, continuou elle, devo communicar ao meu amigo que tinha vontade que Catumbelai me acompanhasse, mas elle é um mau homem, engana-me sempre, allegando que as suas raparigas e algumas parentas se ligaram com os Quiocos e que não as pode abandonar; diz que me fará acompanhar de sete filhos e que mande eu depois um d'estes occupar o seu logar na Mussumba. Quero elevá-lo ao cargo de primeiro Canapumba a ver se d'este modo o resolvo a acompanhar-me. Acceitando elle tem de me dar os emolumentos, e se os não der peço a Muene Puto que o obrigue a pagar o que me for devido.

Vimos que neste seu desejo havia algum proposito reservado, e occorreu-nos repentinamente que podia ser de vingança

por cousas antigas, talvez pela pouca importancia que Catumbelai lhe ligára emquanto elle estivera exilado nas vizinhanças do Cuango. Aproveitámos pois a opportunidade de estarmos a sós os dois com o interprete para lhe dizer que Muene Puto nos encarregára de obter que o Muatiânvua não mandasse matar pessoa alguma, embora fossem grandes os seus crimes, e que emquanto nós estivessemos na sua companhia receberiamos todos os criminosos que merecessem tal castigo, para os fazer trabalhar nas terras do Estado, quer em caminhos, quer em lavras, quer nas construcções de cadeias, de fortificações ou de grandes casas para elle Muatiânvua e sua familia.

Preveniamo-lo que se durante a nossa viagem elle ordenasse semelhante castigo excusava de contar que a Expedição continuasse a acompanhá-lo, porque a bandeira de Muene Puto não podia ser testemunha de um castigo tão barbaro.

—Que emquanto a Catumbelai, depois de sabermos que elle o tinha em má conta, parecia-nos que pouco podia lucrar com a sua companhia, sobre tudo quando lhe reconhecia má vontade em se separar das parentas ligadas com os Quiocos. Duvidavamos muito que este lhe concedesse mesmo os filhos (povo) para o acompanharem, ou que o mimoseasse sequer com a mais pequena cousa, e que se elle lhe dera a entender á pouca vontade que tinha em deixar a sua povoação, com certeza não acceitava o cargo que lhe queria dar e acceitando-o seria apenas por comprazer. Conclui dizendo que Catumbelai não marcharia com elle, e se marchasse regressaria quando se lhe apresentasse opportunidade. Tudo que nos occorreu de prompto, expozemo-lo a Xa Madiamba, não nos esquivando todavia a sondar o velho cacuata ácêrca das suas intenções.

Terminou esta entrevista, pedindo Xa Madiamba que lhe dessemos um panno para a sua Muári vestir na viagem; e como o interrogassemos com respeito á situação futura d'ella disse-nos—Que muito devia áquella mulher, era a unica pessoa que o não abandonára mesmo nos dias mais angustiosos do seu exilio; tinha sido sempre uma boa companheira e se ella continuasse a portar-se bem, faria questão com os quilolos que

queriam que elle fosse Muatiânvua: ou ella continuaria sendo sua Muári, ou então elle não acceitava o cargo. Não podia acreditar que os seus amigos e partidarios a quizessem fazer substituir quando elle fosse Muatiânvua, por quanto só a ella devia terem-no elles encontrado ainda com vida, pois além de o tratar com muito carinho quando por vezes esteve enfermo, cosinhava, ia ao mato buscar lenha, ao rio buscar agua, construia-lhe a cubata e vigiára-o sempre para que seu sobrinho Muteba o não enfeitiçasse.

Contou-nos, que uma das ultimas partidas do sobrinho fôra querer embebedá-lo com malufo para depois lhe roubar a Muári e deixá-lo morrer abandonado no mato; mas ella que percebeu pelas continuadas perseguições com que dias antes a atormentára qual era o seu designio, acudiu a tempo e despejando o malufo e arrastando o sobrinho para fora da cubata, correu sobre elle com a machadinha, exprobrando o seu odioso procedimento. Foi nesta occasião que elle teve conhecimento das tenções d'aquelle malvado.

—Com uma mulher que procede d'esta forma, disse elle, já vê o meu amigo que eu não devo ser ingrato, e como a tenho sempre no coração, peço-lhe que a proteja, como me está protegendo a mim.

Queriamos que os homens que na Europa negam ao negro africano o sentimento da gratidão, ouvissem neste momento aquelle ancião discorrer sobre as qualidades apreciaveis da companheira durante os quatorze annos do seu penoso exilio.

Desejaramos a presença de um d'esses homens de estudo e de saber naquelle pequeno recinto no meio do sertão adusto, em que nós sentados sobre o fundo de uma panella, e elle no pequeno banco do interprete que nos acompanhára, narrava com tocante singeleza os actos de dedicação da sua humilde consorte.

Para quaesquer observadores, o juizo não podia ser outro, ou tinha fallado um homem a quem se não podiam negar bons sentimentos ou um comediante habilissimo, mas em qualquer dos casos, revelava-se nelle a intelligencia clara de quem sabia

defender a sua causa e commover o seu interlocutor. Para nós, já habituados a diversos povos africanos, e que por principio sempre para com elles usámos da melhor boa fé — porque os considerámos mais ignorantes do que maus — aquelle homem não via deante de si senão um protector, dizia o que sentia querendo encontrar em nós o necessario apoio para fazer vingar o seu pensamento constante; era reconhecido e queria pagar com usura a sua divida de gratidão.

A Muári já não era moça, nada devia a belleza physica e Xa Madiamba mesmo sendo muito mais velho, claro está que não eram a mocidade e a formosura as qualidades que elle nella apreciaria.

Reconhecendo que predominava nelle um bom sentimento, satisfizemos immediatamente o seu desejo, dando-lhe um panno de seis lenços grandes, e foi com grande satisfação que se despediu logo, ficando de nos mandar prevenir de tarde para assistirmos á audiencia em que deviam ser ouvidos os portadores que chegaram de madrugada do Anguvo e de Caungula.

Tambem tinhamos de retirar para attender aos rapazes de Malanje que vieram do Caianvo para levarem cargas, e para responder á communicação do sub-chefe, serviços de que logo nos desembaraçámos e a tempo, porque pouco depois recebiamos a visita do Ambanza Xa Muteba, que para nós foi interessante, pelas noticias que nos deu sobre os preceitos barbaros a que tem de sujeitar-se o jaga em Cassanje depois de eleito pelos grandes do Estado.

Morrendo um jaga fazem-se as cerimonias funebres em que intervem o herdeiro, e reunem-se logo os macotas (conselheiros) que não podem ser jagas, e tambem os maquitas, ás familias dos quaes e por uma determinada escala se foi buscar o herdeiro. Os primeiros são descendentes dos que fizeram parte da côrte que acompanhou o primeiro jaga Quingúri, do seu paiz (o dos Cabundos), sendo o que tem maior grau entre elles o Tendala.

Este é o mestre de cerimonias, o qual, depois de receber o povo numa grande audiencia, principia por dançar desenfreada-

mente ao som dos instrumentos de pancada na arena formada pelos espectadores. Vae depois buscar o filho do maquita que deve ser eleito e apresenta-o ao povo, discursando sobre todas as qualidades que nelle concorrem para ser um bom jaga.

Depois d'isto pode este já exercer as funcções, porque não tem havido exemplo do povo não ter recebido bem a apresentação de um jaga, terminando sempre esta por grandes festas durante tres, quatro e mais dias segundo as posses da familia do eleito.

Não deve o escolhido addiar por muito tempo o sujeitar-se ao cumprimento dos preceitos estabelecidos, aliás começa a intriga, e reinando esta poucos dias elle lhe sobrevive, sendo morto por feitiços (nós chamar-lhe-hemos veneno).

Para a primeira prova ou preceito, é o jaga encerrado numa casa durante oito dias com uma rapariga nova, que tambem antes se sujeita a certas cerimonias para ser agraciada com um titulo de grandeza.

A ambos se untam os corpos com materias gordurosas, não lhes faltando alimentação abundante, que lhes é enviada pelos macotas, e ninguem os perturba e nem mesmo os vê.

Vivem durante aquelles oito dias um para o outro, mas logo em seguida o Tendala vae buscar o jaga e isola-o numa casa especial onde soffre a circumcisão. Esta casa é feita de modo que a porta fica á beira de um riacho, e no dia em que o jaga sae para ser saudado pelo seu povo, deposita-se o cadaver de um homem recentemente morto e gotejando sangue dos peitos e outras partes do corpo atravez do riacho em frente da entrada, de modo que o jaga saindo, o mais bem trajado que é possivel, hade passar sobre elle, ensopando os pés no sangue derramado. Nessa occasião um maquita que o espera dá-lhe uma faca como insignia e com ella o jaga corta a cabeça á victima e banhando as mãos no sangue atira com ella ao povo que a recebe com grandes alaridos, gritos e assobios, em quanto elle esfrega as mãos uma na outra procurando assim enxugá-las.

Sendo rodeado depois só por maquitas, estes despem-no, e suspendem-lhe adeante e atrás, de uma corda posta á cintura,

pelles pequenas de animaes e põem-lhe na cabeça e nos braços e pernas diversas insignias do poder.

Agacham-se depois os maquitas, esfregam-se com terra e rojam-se pelo chão, ao mesmo passo que tocam os instrumentos e que o povo berra, assobia e bate palmas. O jaga passa então entre os maquitas que se levantam para o seguir e approxima-se do povo que logo o cerca.

Dança então dando grandes pulos e levantando de quando em quando as pelles para que todos vejam que foi circumcidado.

É depois d'isto que passam á ultima prova. Enterra a azagaia que traz na mão no corpo de um rapaz que esteja na roda quando acabou de dançar, e retira para descançar em quanto se cosem em panellas as pernas d'aquella victima de mistura com gallinhas, carne de cabra e de outros animaes, não faltando a de um boi se a houver.

A cerimonia continua geralmente até ao sol posto, vindo elle para fora onde está o povo acompanhado já com os da sua côrte. O Tendala apresenta-lhe então uma das panellas, e elle dançando mette nesta a mão e tira um pedaço de carne que ali mesmo come.

Todos em seguida tratam de metter por sua vez as mãos nas diversas panellas e comem tambem. Desde então até madrugada só se dança e bebe; ultimamente é já aguardente.

D'ahi em deante o jaga tem de se acautelar dos quixindas (escravos), que são induzidos para o matarem de algum modo pelos que lhe invejam o cargo.

O jaga quando morre fica exposto em completa nudez emquanto se não apresenta o herdeiro para o cobrir com uma esteira, e é então que, depois de lhe arrancarem um dente, que se guarda num cofre especial como reliquia, o vestem e lhe fazem o enterro de noite, sepultando-o com dois rapazes e duas raparigas. Sobre as grandes elevações de terra que fazem no logar em que o sepultaram, depositam um homem e uma mulher mortos na occasião para serem pasto das feras, com receio que estas ainda venham procurar o corpo do jaga.

Como Xa Muteba tambem fosse convidado para assistir á audiencia do Muatiânvua e fossemos avisados que este já estava fora da residencia, para lá nos dirigimos ambos.

Encontrámo-lo sentado sobre uma pelle de leopardo, pouco mais ou menos num dos focos de uma ellipse formada pelos individuos de maior gerarchia da sua comitiva, e em pé por trás d'estes que estavam sentados de pernas encruzadas, se foram reunindo os rapazes com as suas armas e flechas, sendo os intervallos entre elles preenchidos pela nossa gente que a curiosidade tambem ali levou.

Sentados no chão razo em frente de Xa Madiamba estavam dois homens ainda novos, com a cara, peito, braços e mãos branqueados de ampembe, tendo na cabeça uma especie de espanador de pennas carmezins, distinctivo de representante de Muata, a *sala* a que já nos referimos.

Fallava segundo elles o mais velho, porque representava o Anguvo, mais graduado que o Caungula, mas dava-se a circumstancia de ser o orador de menos edade que o seu companheiro, que de quando em quando o apoiava.

O Anguvo participava a Xa Madiamba que os quilolos da Mussumba insistiam em que o avisasse de que era urgente a sua presença entre elles, porque o Muriba, que se apossára do lucano contra vontade dos Lundas, estava abusando muito do poder e tratava-se de o derribar. Se Xa Madiamba, que era filho de Muatiânvua e que elles queriam para os governar, tivesse demora, ver-se-iam forçados a chamar outro, e elle mais uma vez seria preterido. Que muitos quilolos velhos tinham fugido para os matos porque a alguns dos seus collegas que se manifestaram contra a entrada de Muriba no Estado, mandára-os este assassinar e confiscára as suas populações e bens.

O Anguvo recommendava a Caungula que proporcionasse tudo quanto fosse preciso para que a viagem do seu neto Xa Madiamba se fizesse com rapidez, e que não lhe faltasse de comer e de beber, e tambem que tivesse bons olhos para o caminho para que elle não fosse incommodado pelos Quiocos do Quissengue e de Mucanjanga.

Finalmente, que sendo grande a fama de Caungula por isso não lhe mandava as suas armas; com ellas iria receber o Muatiânvua no Luembe, para o acompanhar depois até ao Calânhi.

Tambem Caungula mandava dizer ao Muatiânvua que avançasse com o seu amigo Muene Puto, porque elle já fôra avisado que os Quiocos de Mucanjanga voltavam outra vez com a guerra e os caminhos iam ficar maus para a sua passagem e a da sua visita, e que se lhes succedesse alguma cousa depois, os quilolos voltavam-se todos contra elle.

Xa Madiamba, respondeu logo, o que não era frequente nelle, como vimos mais tarde, felicitando-se pela boa amizade de Anguvo e de Caungula, e depois de lhes agradecer o terem mandado aquellas boas noticias disse: — Que estava já de viagem e que haviam de ter visto a gente do seu amigo Muene Puto no caminho que trouxeram; não pudera apressar-se mais porque tendo uma visita grande como todos viam, não a devia deixar ficar só no mato onde os carregadores a abandonaram.

Narrou-lhe a seu modo o que nos succedêra com os Xinjes, e a necessidade que tiveramos de esperar carregadores para podermos vir até ali.

E terminou dizendo-lhes:

— Que dormissem bem naquelle dia que no outro continuaria a conversa. A noite já se approxima, disse elle, e quero hoje mesmo cumprir com um dever de justiça — nomear Catumbelai primeiro Canapumba, logar que já ha muito devia occupar se estivesse na Mussumba, por ser o cacuata mais velho do Estado de meu pae Noéji.

— Encontrei-o aqui, já com suas sobrinhas e outras parentes ligadas com os Quiocos, e como o convidei para voltar ás terras de seus paes, quero que elle entre já na posse do cargo que lhe pertence.

O velho Catumbelai que estava sentado ao fundo da roda em frente d'elle poz-se de pé, de grande cacete na mão, e aos saltos de um para outro lado fallou nos seguintes termos, fazendo grandes tregeitos e sempre apoiado pelos circumstantes: — Que era verdade o que dizia o Muatiânvua, e posto que

recebia agora aquelle cargo, outros sem que a isso tivessem direitos tinham disfructado os seus proventos.

— Fôra elle o primeiro cacuata nomeado pelo seu protector e bom amigo Muatiânvua Noéji, e que se não fosse por causa das intrigas da Mussumba nunca se teria estabelecido naquelle logar deixando a casa e terras de seus paes.

— Aparentado agora com os Quiocos ali tencionára morrer, porém o filho de seu amigo chamava-o para o seu serviço querendo que o fosse já acompanhar, não podia recusar, elle era o soberano e todos os mais seus servos.

O enthusiasmo dos circumstantes foi enorme; dois rapazes da povoação de Catumbelai de facas em punho, dançaram vertiginosamente dando grandes saltos em frente de Xa Madiamba, brandindo os ferros e de quando em quando imitando estocadas corridas a um inimigo imaginario.

No espaço por elles deixado ao centro, preparava-se para dançar do mesmo modo o velho Catumbelai, não largando o grande pau; chegou mesmo a dar alguns passos, porém Xa Madiamba, certamente em attenção á sua edade levantou logo o braço direito e elle deteve-se.

Caminhando então para ir agradecer ao Muatiânvua a sua nomeação, este quando o agraciado ia a ajoelhar, desembainhou a sua faca e inclinando-a para a frente concedeu-lhe a honra d'elle lhe bater na folha com a sua de um e outro lado que para esse fim empunhára. Esta cerimonia equivale a uma declaração de lealdade, ou a um juramento por parte do nomeado de que está prompto d'ahi em deante a sacrificar a sua vida pelo Muatiânvua.

Depois d'isto os quimangatas do Muatiânvua agacharam-se logo adeante do nomeado para este se escarranchar nos hombros d'aquelle que escolhesse, e este levantando-se logo foi com elle correndo, rodeado de todos os circumstantes que o quizeram acompanhar até á sua residencia cantando, saltando, assobiando e disparando as armas.

Geralmente estas cerimonias fazem-se antes do sol posto para acabarem quando começa a escurecer, como succedeu

neste dia. Na povoação do nomeado já estavam preparadas as comidas e bebidas para todo o acompanhamento, e pouco depois começaram as danças das raparigas que só terminaram quando nasceu o sol.

Deixando então o theatro das suas folias, é de uso seguirem logo os festeiros apesar de fatigados para as lavras, onde vão trabalhar até á hora em que o calor é mais intenso regressando ás suas habitações para comerem e dormirem até ás duas ou tres horas da tarde, cozinhando depois para a festa da noite. Isto repete-se tambem no dia immediato.

Sabendo do que se tratava tinhamos levado um panno da costa para o darmos a Xa Madiamba, mostrando assim que approvavamos a nomeação que fizera em reconhecimento dos serviços do velho cacuata, posto não acreditassemos que este deixasse os seus commodos para emprehender uma viagem que se dizia vagarosa e arriscada até á Mussumba. Quando a cerimonia terminou, entregámos-lhe o panno na presença dos que ficaram, declarando qual a significação que tinha aquella dadiva.

Como todos se mostrassem reconhecidos, dissemos não ser a nós e sim a Muene Puto a quem cumpria agradecer, pois nós apenas executavamos as suas ordens.

Retorquiu immediatamente Xa Madiamba, que nem elle nem os seus conheciam Muene Puto; para os Lundas o Muene Puto eramos nós que elle mandára aquellas terras. Um quilolo do Muatiânvua quando sae do sitio com ordens d'elle, é o proprio Muatiânvua para todos os effeitos. Só em caso de guerra é que se faz differença de Muatiânvua da guerra, e de Muatiânvua do caminho, quando algum quilolo tenha recebido ordens de sair para ponto diverso do theatro das operações.

De noite, já depois das nove horas, levantou-se uma grande questão no nosso acampamento entre o carregador Gamboa, que pertencia á povoação de Augusto Jayme, e Maria, mulher d'este ultimo.

Jayme que se considerava insuspeito, fez-se acompanhar dos contendores e apresentou immediatamente a questão a Xa

Muteba para este a resolver. Este constituiu com os seus Ambanzas um tribunal, e depois das allegações de parte a parte, decidiu-se que Maria tinha razão. Não se pode imaginar a bulha estrondosa que fizeram os Bângalas logo em seguida applaudindo Maria, e para se dar por terminado o negocio não só Gamboa pagou logo as custas d'aquelle processo, mas Augusto Jayme teve de vir a casa buscar com que retribuir as ovações feitas á sua companheira. Faltava esta questão para termos mais um dia de constante agitação e de inferneira.

Chovêra bastante até de madrugada, e pouco depois de nos levantarmos admirámo-nos de ver á nossa porta o Canapumba, que suppozemos ter marchado para o Caianvo em companhia da sua gente com a secção do sub-chefe. Vinha pedir-nos rações para os seus por saber que Quiteca havia de chegar d'ahi a pouco a fazer igual pedido em nome dos seus companheiros, porque o sub-chefe entendêra e bem que as não devia de pagar.

Allegou não ter seguido com os seus filhos porque precisava assistir ao enterro de um seu parente, e não o podia fazer sem que nós o obsequiassemos com uma pouca de polvora, para mandar dar as descargas do estylo.

Contrariou-nos bastante que por tal motivo deixasse de ter ido para o Caianvo metade da canoa e por consequencia que não se tivesse principiado ainda o transporte das cargas para a margem direita do rio.

Fomos procurar Xa Madiamba, não só para que mandasse proceder immediatamente á remoção aquella parte da canoa, da caixa dos instrumentos e de uma outra carga que estava escondida no acampamento dos Lundas, mas ainda para que fizesse transportar a grande peça da cadeira, visto que Ambanvo e Tâmbu diziam que sem o Mustiânvua lhes conceder dois homens para os auxiliar não podiam continuar em toda a viagem a transportar aquella carga, que além de pezada era muito incommoda pelo seu grande volume.

Xa Madiamba receando que mandassemos queimar a cadeira, conseguiu com promessas, que só mais tarde cumpriu, que

os rapazes a levassem para o Caianvo, e ordenou ao Canapumba que fizesse seguir as cargas confiadas aos seus rapazes, podendo elle ficar para chorar condignamente a perda do seu parente.

Estavamos combinando com o ajudante para avançar no dia seguinte com a secção, quando se nos apresentou Quiteca participando que os seus rapazes reclamavam rações que o sub-chefe não queria satisfazer. E como lhes dissessemos que já áquella hora se deviam de estar pagando as rações, lembrou-se de nos prevenir que os seus rapazes não queriam avançar com o sub-chefe, e que quando não pudessemos ir todos juntos pediam para seguirem com o ajudante; além d'isso que não podiam continuar ao serviço da Expedição se tivessemos muitas demoras pelo caminho.

Respondemos, que em quanto aos chefes com quem deviam de marchar, não havia estipulações especiaes, que qualquer de nós tres era um enviado de Muene Puto, todos trabalhando no mesmo serviço, por isso haviam de andar com quem lhes determinassemos. Relativamente a demoras, quando ellas fossem devidas a doenças de rapazes da Expedição não se podiam queixar, porque todos estavam sujeitos a esses males, e nós estabeleceramos como principio não deixar um só doente abandonado, o que elle já sabia, pois logo que se apresentou nos chamou para tratarmos de um doente seu.

— Que os officiaes da Expedição tratavam bem os seus carregadores, e nós não os mandaramos chamar para os tratar mal; que fosse elle para o pé dos seus rapazes dirigir a mudança das cargas para o outro lado do rio como lhes haviamos determinado e que esperasse ahi, pois era muito provavel que o senhor capitão avançasse primeiro e que então iriam com elle.

Queixou-se ainda de ser pequena a unidade de medida da fazenda, demos-lhe uma vara do comprimento de 83 centimetros, segundo a qual o sub-chefe pagava, e fizemo-lhes sentir que sempre que o pagamento fosse feito com aquella medida, escusavam de reclamar porque não lhe davamos mais; era aquella a medida do bando da Expedição.

Pediu então para lhe trocar a fazenda de lei por riscado, o que não fizemos, porque era abrir um exemplo, e elle bem sabia que tinham trazido aquella fazenda para se consumir em rações.

A titulo de gratificação por elle ser chefe dos carregadores, demos-lhe seis lenços que tinhamos á mão, ordenando-lhe que partisse immediatamente para junto do sub-chefe e fizesse com que os seus rapazes lhe obedecessem no cumprimento dos serviços determinados, que eram serviços de Muene Puto.

Partiu effectivamente e com elle foi o Canapumba, a quem demos duas peças de lei para distribuir em rações pelos seus, visto ser dia de pagamento aos outros carregadores, dando-lhe tambem uma gratificação de 125 grammas de polvora.

E depois d'isto logo que a chuva cessou, era uma hora da tarde, tratámos de fazer o pagamento de rações ao pessoal nomeado para partir no outro dia, o que equivale a dizer que entrámos na nova lucta de distribuir cargas.

O ajudante tinha instrucções, caso podesse encontrar ensejo, de avançar com os Songos por um caminho differente do Caungula, fazendo transportar as cargas que mais lhe conviesse de modo a chegar ao Anguvo entre o Luembo e o Cassai para ahi levantar uma Estação. Emquanto nos esperasse devia de proceder a trabalhos agricolas com o seu pessoal permanente, conciliaria os povos e far-se-hia estimado procurando manter sempre relações constantes comnosco, e informando-nos de tudo que chegasse ao seu conhecimento relativamente aos Quiocos e ao que se passava na Mussumba.

Com effeito, na madrugada do dia 8 partia o ajudante com a sua secção, e como fossemos prevenidos que numa barraca de Lundas estavam ainda duas caixas que tinham sido distribuidas para seguirem na secção do sub-chefe, conseguimos que os individuos a quem tinham sido destinadas se encorporassem naquella secção.

Nesse dia os Bângalas sairam para a diligencia que na vespera á noite o Xa Madiamba nos dissera ia mandar fazer a pedido de Catumbelai. Iam buscar os rapazes que elle quizera

apresentar para seu serviço, mas que fugiram quando souberam que Catumbelai fôra nomeado Canapumba do Muatiânvua.

Calculámos e bem que o pedido de Catumbelai não era mais que um pretexto para se esquivar ao pagamento dos emolumentos que tinha de dar pela nomeação do seu novo cargo, e que se Xa Madiamba se considerára mais esperto que Catumbelai era agora enganado por elle.

Nada dissemos sobre a diligencia, e esperámos os acontecimentos com a curiosidade apenas de saber quem seria o logrado.

Regressou a diligencia perto do meio dia, em grande vozearia, correndo como é do costume em taes casos, direita á residencia de quem a ordenara, recolhendo em seguida ao seu acampamento, indo quasi todos os homens que nella tomaram parte ajoujados com as cargas da pilhagem que poderam fazer nas cubatas e nas terras lavradas.

As informações que depois alcançámos foram — que de madrugada um caxalapóli de Xa Madiamba entrára á povoação de Catumbelai e vendo este a beber malufo, bebeu com elle. Interrogado sobre se a diligencia vinha, respondera que sim. Pouco depois sentindo-se do outro lado do rio os gritos de guerra dos Bângalas, todos os da povoação e tambem o caxalapóli e Catumbelai cada um debandou para seu lado indo esconder-se.

Os Bângalas não vendo ninguem trataram de roubar o que estava abandonado e que mais lhe convinha, como gallinhas, esteiras, panellas, graes de madeira, capaias, mandiocas, bombós, ginguba, etc., e tambem trouxeram um rapasito que estava a cargo do velho Catumbelai e que no regresso viram entre o capim.

O chefe da diligencia participando as occorrencias a Xa Madiamba, disse, que emquanto a Catumbelai estava convencido que tinha sido morto pelos seus rapazes e lançado ao rio, por quanto junto á margem encontrára o cinto de couro, a machadinha, a arma e a mutopa d'elle, o que tudo apresentou.

Quando Xa Madiamba nos veio contar tudo isto não nos

pudemos conter e rimos a bom rir com grande pasmo d'elle, que ainda teve a ingenuidade de perguntar ao interprete por que se ria o seu amigo? Tivemos a pachorra de explicar ao interprete, e que elle transmittiu na sua lingua, aquella celebre fabula de la Fontaine — Le Coq et le Renard, e na qual pertencia ao nosso amigo o papel da raposa ludibriada.

Xa Madiamba bateu as palmas e em seguida levou a mão direita á bocca apertando o beiço inferior, amparando com a esquerda o braço direito; assim ficou algum tempo fitando-nos, e meneando a cabeça, disse como do costume: — *Chauape Muatiânvua amudimba* (tem razão, enganaram o Muatiânvua), e depois dirigindo-se para o interprete — Então Muene Puto falla como nós, tambem sabe contar cousas aos velhos antes de entrar na conversa?!

Sabe tudo muito bem, lhe respondeu o interprete.

— É possivel que me enganassem, mas os Bângalas afiançaram-me que perseguiram Catumbelai, porém que lhes appareceram primeiro os Quiocos a perguntarem se o novo Muatiânvua queria fazer guerra com elles, e que o declarasse para a receberem. Fôra Xa Muteba quem recommendou aos seus rapazes que não havia ordem para fazer fogo, e que era amigo de Cacova, Muana Angana (chefe) d'elles. Continuando nas suas buscas foi então que encontraram as cousas de Catumbelai no porto.

Como Xa Madiamba se mostrasse contristado por não apparecer Catumbelai, julgámos conveniente dizer-lhe — que já esperavamos que elle não o acompanhasse, e que o Muatiânvua se achava rodeado de gente que não o aconselhava bem; estava perdendo tempo com questiunculas que o desacreditavam e prejudicavam a sua causa.

Insistindo que mandára fazer aquella diligencia a pedido do Catumbelai, fizemos-lhe sentir ainda que o pedido fôra um estratagema para se não dizer que elle desobedecia ao Muatiânvua, e aproveitámos a occasião de o prevenir que tambem não podia esperar que o Cassassa nem Angunza Muquinji lhe apresentassem rapazes para o acompanhar, porque estes não

queriam segui-lo com receio de não voltarem mais ás suas casas. Dissemos mais, que o Muatiânvua devia conhecer que não tinha ainda o poder de se fazer obedecido, por lhe faltar satisfazer a certos preceitos de que devia de tratar antes de tudo. Cumpria-lhe seguir para o Caungula, e não se demorar com exigencias que lhe acarretavam inimisades; não lhe faltaria depois muita gente para o seu serviço e de boa vontade. Que não tinhamos necessidade de o enganar, proseguimos, e com franqueza lhe fallavamos; se esperava resoluções de negocios da parte do Cassassa, Catumbelai e Muquínji só ouviria d'elles mentiras visto que não tinham coragem de lhe dizerem a verdade. Que os homens e mulheres das suas povoações estavam escondidos no mato e mesmo fugiriam para os Quiocos vizinhos, se pela força os quizerem obrigar a acompanha-lo. Que já tinha o exemplo de Catumbelai, e que acreditasse que este mesmo estava escondido no Cacôva e só de lá retiraria quando o Muatiânvua saisse da localidade.

A MUÁRI

Terminámos a nossa exhortação mostrando-lhe, que inevitavelmente tinhamos de deixar cargas e tambem os doentes no Caianvo. A vantagem estava pois em avançar e quanto antes para o Caungula, de onde mandariamos buscar o que ficasse no Caianvo. Evitavamos demoras ahi onde não havia de comer, e onde ficavamos longe de quem lhe podia prestar bons conselhos e auxilios.

Como de costume agradeceu-nos o conselho e disse — que ia combinar com o seu amigo Xa Muteba sobre a disposição da marcha e marcar o dia em que deviamos de partir.

Já passava das 8 horas da noite, quando se sentiu grande gritaria e assobiada no acampamento dos Bângalas. Mandámos Augusto Jayme indagar o que era, e fomos informados que a Muári de Xa Madiamba munida da sua machadinha fôra áquelle acampamento sósinha, no intuito de cortar as cordas com que estava preso o rapazito que a diligencia trouxera da povoação de Catumbelai, clamando que elles não foram mandados para amarrar aquelle seu parente, uma criança que não precisava de estar nas cordas. Os Bângalas gritavam que o que lhe valia era ser ella Muári do Muatiânvua, porque mesmo que fosse de um quilolo havia de ir para o logar em que estava a criança, para não ser atrevida.

É occasião de apresentarmos a Muári. Era de altura regular e bastante robusta e nutrida. Davamos-lhe a edade entre os 35 e 40 annos sem a pretenção de acertar, porque é muito difficil calcular a edade d'esta gente. De uma apparencia bastante pesada era com tudo muito desembaraçada. Mulher de genio ousado e muito falladora era por vezes irrascivel e viamos que nella se verificava o proloquio: — Se queres conhecer o villão mette-lhe a vara na mão. Orgulhosa, enfatuada, de modos descomedidos e mesmo insolentes, achando-se investida agora de funcções auctoritarias, olhava para todos com uma certa soberbia. Não possuindo aquella elevação de sentimentos que encontrámos mais tarde entre as filhas de Muatiânvua e mesmo entre algumas mulheres de potentados Muatas, revelava ella nas mais pequenas questões quer fallando desabridamente quer gesticulando, as baixas tendencias da sua origem. Por vezes collocou em difficuldades o seu companheiro que por ella se deixára dominar, como elle dizia, por reconhecimento ou gratidão. Porém, se este sentimento era louvavel nelle como homem de familia, o excesso d'elle fôra, como Muatiânvua, um dos seus grandes males, na apreciação dos que o rodeavam.

Chegaram mesmo a acreditar que aquella mulher no exilio virara por feiticeria o coração de Xa Madiamba, que muitos conheceram como bom Suana Mulopo de Muteba, fundando nelle todas as esperanças de terem um bom Muatiânvua. Iam vendo porém que ella afastava todas as mulheres de anganda (residencia particular), e não ligava importancia aos representantes dos quilolos, para só comer os milambos com Xa Madiamba, e d'ahi proveio uma tal ou qual indisposição que principiou logo a manifestar-se em viagem.

A gravura que apresentâmos é copia de uma photographia obtida nove mezes depois de convivencia com ella, e então trajava a Muári um grande panno que lhe demos de boa chita guarnecido de pequenos folhos de zuarte azul ferrete, tendo á cintura uma larga faxa vermelha orlada de galões dourados.

Com presumpções de que não era mulher que estivesse no caso de ter rivaes, enfeitava-se porém de modo a chamar a attenção, e a cabeça, pescoço e seio, eram verdadeiros mostradores destinados á exposição das variadas missangas e contarias de que fazia deposito e que muito apreciava. Nos braços e pernas trazia tambem argolas de diversos metaes.

Quando no Cassassa appareceu o cacuata Muluanda que já conhecemos como Calala, apresentou a Xa Madiamba uma rapariga de que fallámos, por nome Cabuiza filha de Muene Caje e de Mulunda da familia dos cozinheiros da casa do Muatiânvua. Foi este, (o Mulunda) nomeado Muári Muíxi (chefe da cozinha) do Muatiânvua em viagem, e a rapariga Cabuiza amilombe (dama) da Muári.

D'essa data em deante a Muári descançou d'aquelles trabalhos tão lembrados por Xa Madiamba no exilio, e passou a dar ordens e a intremetter-se, no que fazia bem mal, nos negocios do governo a que tinha de attender o seu companheiro.

A Muári, que como diziam os Bângalas era na verdade atrevida e que não se calava embora lhe não dessem razão, recalcitrou e dirigiu-lhes palavras fortes e feias, e como um d'elles mais ousado se quizesse oppôr ao córte das cordas, dizendo que as prezas feitas dormiam, como era costume, na habitação

de quem as fazia e que os chefes das diligencias no dia seguinte é que as entregavam a quem as mandava, a Muári chamou o cozinheiro em seu auxilio e uns puchando para um lado e outros para o outro conseguiu a Muári cortar as cordas ferindo na contenda um Bângala, e retirou com a criança.

—O que fez ella! Sangue no corpo de um Bângala! Grande desgraça ia succeder, dizia muito espantado o doente Bezerra que ouvia contar o succedido.

A vociferação entre os Bângalas recrudesceu, e succederam-se as ameaças: —durmam hoje os Lundas, que ámanhã os mataremos a todos, e outras de igual jaez.

Pouco depois Xa Muteba andava de um para outro lado, ora entrando ora saindo da residencia de Xa Madiamba; a Muári já por este tinha sido reprehendida pelo seu mau procedimento, e alguns Bângalas mais atrevidos quando se restabeleceu um pouco o silencio aproveitavam esses momentos para jogarem indirectas aos Lundas, sendo algumas dirigidas ao proprio Xa Madiamba: — Se vae tomar conta do Estado providencie para que a sua Muári pague este crime, lembre-se que tem tres irmãs no Cuango que podem passar alguns trabalhos por causa d'ella.

Pediu-nos o doente Bezerra para aconselhar Xa Madiamba a que accommodasse de alguma maneira os Bângalas, porque se estes dormissem com a raiva, na madrugada seguinte ninguem os podia conter; que vivera muito tempo com elles em Cassanje e por experiencia sabia o que havia a esperar se tal succedesse.

Respondemos que não nos mettiamos onde não eramos chamados; e que não queriamos que nem uns nem outros se persuadissem que tinhamos receio das suas bulhas, elle como amigo de Xa Madiamba podia aconselha-lo como entendesse, mas de forma alguma invocando o nosso nome no que lhe quizesse dizer.

Algum tempo depois de restabelecido o socego, estando a escrever no Diario ouvimos um pregoeiro bângala lançando o seguinte pregão: — Quem governa aqui é o Muatiânvua, foi

elle que ordenou a diligencia que fomos fazer, nós vamos acompanha-lo com seu irmão Xa Muteba, nosso amo; é elle quem nos ha de dar de comer na viagem, mal d'aquelle que no caminho fizer desordens com a sua gente. Todos somos amigos, cada um durma com o seu coração socegado.

Assim terminou a turbulencia nesse dia, mas no immediato logo de manhã deram-se outros casos que nos desassocegaram o espirito, produzindo-nos uma excitação nervosa e febril terminando com a costumada enxaqueca que nos prostrou. A força de vontade suppria porém nestas occasiões tudo o mais que nos faltava, para arcar com as contrariedades constantes que com grande rapidez surgiam umas após outras.

Os carregadores de Malanje chegavam do Caianvo em procura de mantimentos, declarando que na povoação d'este e nas das immediações nada encontravam, o que confirmava as noticias que já tinhamos, não sendo portanto por causa da fazenda de lei que não obtinham mantimentos, como allegavam os Songos.

O sub-chefe participava-nos que os Lundas não queriam proseguir na viagem sem chegar o seu Muatiânvua, e que os Bângalas iam seguir, e insistia por ordens para avançar com a sua secção!

Ao mesmo tempo que liamos esta participação estavam regressando os Lundas por causa da questão de Catumbelai; os Bungulos ainda não tinham avançado com as cargas que eram d'aquella secção, e Xa Muteba com a sua principal comitiva ainda não tinha sido despachado por Xa Madiamba; os Songos a pouco e pouco vinham tambem á procura de mantimentos e nós ainda não podiamos dispor de carregadores para o transporte dos dois doentes.

Terminava o sub-chefe perguntando se o ajudante podia seguir com os novos carregadores?

O Muatiânvua tinha já tres questões a resolver n'aquella manhã. Uma de Angunza Muquínji, que esperava ordens na povoação do Cassassa; outra a de uma comitiva de Bângalas que tinha tido pendencias com o Calala que acampara em frente

do Caianvo na outra margem do Cuílo; e a terceira a do Catumbelai, para o que elle fizera chamar os Lundas que faziam parte da secção do sub-chefe.

Só tarde, e muito tarde, podiamos fallar e combinar qualquer cousa com Xa Madiamba; por isso mandámos dar de comer ao portador emquanto respondiamos ao sub-chefe: — Que nem elle nem o ajudante podiam avançar e muito menos ambos a um tempo, pois não desconheciam que nos faltavam carregadores para os transportes e de modo algum deviamos de ir deixando cargas espalhadas pelo transito; que ainda comnosco estavam cargas e doentes que era preciso transportar, e que além d'isto não podiamos contar com os Lundas emquanto o Xa Madiamba tivesse de resolver pendencias levantadas pelos Bângalas perto d'elle. Finalmente, que tanto os nossos carregadores antigos como os modernos, de uma e de outra secção, estavam passando pela nossa frente em procura de mantimentos.

Em todo o caso accrescentavamos, se o ajudante, que devia estar na margem direita do Cuílo, não encontrava difficuldades em seguir, que avançasse, embora tivesse de deixar algumas cargas no Caianvo que julgasse poder dispensar, aguardando elle sub-chefe o resultado da entrevista que haviamos de ter com Xa Madiamba, que ainda não nos era dado calcular quando podia ter logar naquelle dia.

Acabavamos de escrever quando nos participaram que o Muatiânvua estava dando audiencia aos Bângalas que vieram apresentar as suas queixas, e como tinhamos interesse que esta audiencia terminasse para fallarmos com elle sobre o que mais nos importava, fomos para onde estava Xa Madiamba.

Eram dois rapazes os queixosos e faziam parte da comitiva de Mona Suinda, que se dizia subdito de Muene Puto.

A queixa era que o Calala lhes prendera seis pessoas na occasião em que a comitiva ia a passar o rio, dizendo que as não entregava sem ordem do Muatiânvua. Os queixosos suppunham que aquellas prisões se effectuaram por conselhos dos Quimbares que estavam na companhia do Calala.

Xa Madiamba respondeu que não eram Quimbares os que estavam com o Calala e sim filhos do seu amigo Muene Puto, que vieram visitar o Muatiânvua, e que fôra elle quem ordenara se fizesse aquella preza aos filhos do Suinda, pois deviam de lembrar-se como se portaram e o que disseram quando foram para as terras da Lunda — Não fizeram caso de mim, accrescentou elle, nem sequer quizeram dar-me um pouco de tabaco e de sal que lhes mandei pedir, sabendo que os da Mussumba já me haviam chamado para eu tomar o governo do Estado que me pertencia. São maus parentes que disseram ser eu um desgraçado filho de Muatiânvua que comia bichos e que não me ligavam importancia. Agora já foram á Mussumba devem saber quem é o verdadeiro senhor de todas estas terras, se sou eu ou a criança que lá se introduziu e tem estado a comer o que me pertence?

— Quero ser ainda generoso, porque sempre estimei os Cassanjes e tenho com elles, além do parentesco dos meus avós, o de minhas irmãs que lá vivem, e por isso não faço o que devia que era mandar buscar toda a gente da Lunda que vae na comitiva e de que sómente a mim pertence dispôr.

Como a audiencia tivesse de suspender-se por causa da muita chuva, nós e Xa Muteba aproveitámos a interrupção para abrandarmos Xa Madiamba e dispôrmo-lo a dar liberdade aos presos e deixar voltar os Bângalas sem lhes exigir mesmo os emolumentos pela resolução da pendencia.

Alcançámos não tudo o que queriamos, mas ainda assim que desse a liberdade aos prisioneiros na manhã seguinte, a quem ficou de mandar chamar, mas foi sempre dizendo que em troca os queixosos lhe haviam de dar uma rapariga nova que tivesse os peitos «bem arrumados em pé»; exigencia esta que nos fez rir bastante, e cuja satisfação dependia de haver na comitiva uma nympha nessas condições.

Ainda d'esta exigencia o dissuadimos á noite e sem muito custo.

Chamando os dois homens, Xa Madiamha cingiu-se a dar-lhes conselhos para o futuro, e terminou por lhes assegurar

que vindo os prisioneiros os mandaria chamar e lhes havia de mostrar que elle não lhes queria mal, e sim fazer-lhes conhecer a sua falta, que merecia um bom castigo.

Então os Bângalas disseram ao interprete que estavam agradecidos a Muene Puto, e que só agora sabiam que os rapazes a quem chamaram Quimbares eram filhos do Angana Majolo, de quem os Cassanjes apregoavam a boa fama.

O Cassassa apresentou depois o seu sobrinho Angunza Muquínji, que nós já conhecemos; trazia seis rapazes que vinha apresentar ao Muatiânvua para o acompanharem, dizendo não poder dispôr de mais gente como desejava por ser preciso aproveitar o tempo para as lavras.

Muquínji acompanhava o seu discurso de movimentos alternados dos braços, esfregando ora um ora outro acima do cotovelo com pitadas de pó branco que tirava de um embrulho que trouxera e collocára na sua frente sobre a pelle em que se sentára com as pernas encruzadas, e sempre que Xa Madiamba lhe fallava inclinava todo o corpo para a direita e para a esquerda até tocar com a cabeça no chão ficando com a cara virada para cima.

Em seguida fez depôr adeante do Muatiânvua duas cargas de bombós, uma perna de corça já secca e dois cestos de amendoim fresco, o que elle agradeceu indifferentemente com um simples — muaniê — indo dois rapazes levar tudo á Muári que estava á porta da sua habitação, como lembrando que para casa é que deviam ir aquelles recursos alimenticios, o que não agradou muito aos rapazes, pois já contavam com elles.

Um dos rapazes de Muquínji disse que corria a noticia de que Catumbelai fôra morto pelos seus por os querer fazer prender para irem com o Muatiânvua, com o que este se mostrou de novo muito pezaroso, mas em seguida foi dizendo que ia mandar sair uma diligencia para ver se apanhavam esses individuos que mataram o velho cacuata, pois embora elle fosse mau homem e um grande ladrão que seu pae enriquecera, elles tinham commettido um crime gravissimo que precisava de severo castigo.

Como a conversa promettia durar, dissemos a Jayme que prevenisse Xa Madiamba que nós retiravamos porque não acreditavamos naquellas mentiras, e que se elle ordenasse mais alguma diligencia que não esperavamos mais tempo por elle e iamos já seguir viagem.

Estavamos jantando quando nos appareceu o Muatiânvua, e como elle não podesse comer deante do sequito que o acompanhava, arranjámos com um cobertor um compartimento onde estava livre das vistas de todos e ali foi comendo da nossa refeição, repartindo de quando em quando um pouco do que tinha no prato com os seus, passando sómente a mão para fora do cobertor e dizendo o nome do individuo que queria contemplar, o qual agradecia fazendo apenas bulha com os beiços e dando em seguida estalidos com os dedos.

Mostrou-se muito satisfeito, e disse que vinha prevenir-nos que fallára na audiencia em mandar sair uma diligencia para assustar os rapazes de Muquínji; que elle nada mais tinha que fazer naquelle sitio. No dia seguinte tencionava entregar os presos aos Bângalas e ficava ainda no outro dia esperando que as raparigas do Cassassa pizassem bombós para comer no caminho partindo logo que nós quizessemos.

Foi tal a satisfação que sentimos, que tendo apenas uma lata de nabos á mão lh'a demos para elle comer á noite com o infunde. Como se pode calcular, isto deu logar a explicações ao seu cozinheiro sobre o modo de os arranjar, pois fôra um dos petiscos que o Muatiânvua mais apreciára no nosso jantar.

Aproveitámos depois a boa disposição em que o viamos e aos seus — que muito apreciavam que dessemos qualquer cousa a seu amo porque tambem d'ella participavam, sobre tudo tratando-se de goloseimas que lhes fossem desconhecidas — e dissemos que tinhamos muito empenho que elle entregasse todos os prezos a Suinda sem exigencia alguma, porque Suinda pertencia á povoação de um Ambanza que sempre se conservára em obediencia a Muene Puto. Que era bom que todos soubessem que o novo Muatiânvua tinha todas as attenções com o seu protector Muene Puto e isto fazia-lhe muito bem,

porque estimulava os Bângalas a procurarem a sua Mussumba para negocio como a de um Muatiânvua amigo, e que estes franqueariam a passagem do Cuango aos Quimbares e outros negociantes que viessem das terras de Muene Puto para as suas.

Levantando-se para retirar, disse ao interprete — Faça saber ao meu amigo que lhe desejo um somno socegado, e que me basta saber o empenho que tem que eu proceda como elle quer, para acceitar o seu bom conselho. Que vá ámanhã pela manhã ver-me e verá o que faço.

Já de noite veiu Xa Muteba com os queixosos agradecer em nome de todos os Bângalas os conselhos que haviamos dado ao Muatiânvua e pedindo que acceitassemos como lembrança uma perna de cabra que traziam. Como a intenção fosse boa, acceitámos a dadiva recebendo elles em troca tambem em signal de amisade — Xa Muteba um boné de velludo guarnecido de galões dourados, e cada um dos rapazes uma pequena caixa de uma peça de musica, que muito agradeceram.

Como Xa Muteba se despedisse contando na madrugada seguinte ter de avançar com o resto da sua gente, para toda a comitiva seguir de vez até á margem do Luele, onde nos ia esperar, aproveitámos a occasião para pedir-lhe que recommendasse da nossa parte a todos os Ambanzas que vigiassem os seus rapazes para evitar conflictos com os nossos carregadores que estavam para deante, e que quando algum dos seus tivesse queixas a fazer nos procurasse, por que haviamos de attende-los sempre que tivessem razão.

Tranquillisou-nos Xa Muteba a este respeito, garantindo-nos que por parte dos Bângalas nunca teriamos motivo para desgostos. Abraçâmo-nos e elle em seguida retirou, indo nós depois escrever aos nossos collegas pedindo que mandassem oito homens para conducção de macas e doze carregadores para o resto das cargas. Ao sub-chefe diziamos tambem que nos esperasse no dia 12, pois acreditavamos, a não ser por alguma cousa extraordinaria, que se não revogaria o que estava por nós determinado.

Xa Muteba que já conhecia os usos dos Muatiânvuas entendeu e bem, não dever partir sem que os presos fossem entregues aos dois rapazes de Suinda, e no outro dia logo de madrugada mandou-nos pedir para que lembrassemos ao Muâtianvua que os despachasse como promettera na vespera, o que fizemos immediatamente em seguida aos cumprimentos do costume.

Queria o homem ainda demorar a questão para mais tarde, e allegava que Suinda precisava de castigo, porém nós interrompemo-lo logo dizendo que em Cassanje fluctuava na residencia do jaga uma bandeira egual á que estava fluctuando deante d'elle. Não podia a mesma bandeira, que era a de Muene Puto, estar protegendo dois povos inimigos e por isso ou elle entregava sem mais conversas os presos ou então retiravamos com aquella bandeira, que lhe haviamos dado, para junto de homens que estimassem Muene Puto e lhe obedecessem.

Respondeu muito senhor de si — Que andar de vagar, sempre era andar; que estava contando como as cousas se passaram desde o principio e as razões que havia para castigar Suinda, mas nunca faltaria ao que nos promettera, sabendo que protegiamos aquelle Ambanza, e immediatamente mandou chamar os prisioneiros que entregou a Xa Muteba.

Os Bângalas mostraram-se-nos muito reconhecidos e nós fizemos-lhe recommendações para que não fechassem os portos do Cuango aos negociantes que desejassem passar de um para o outro lado do rio com as suas comitivas, e que fizessem saber nas suas terras que ao contrario do que espalharam alguns homens mal intencionados, nós não tinhamos vindo á Mussumba para hostilisar aos Bângalas, nem tão pouco os queriamos contrariar nos seus negocios.

O resto do dia foi empregado em preparativos de partida, e no dia 11 seguiam todas as cargas mesmo as que eram de objectos do nosso uso que podiamos dispensar. Nesse dia escrevemos bastante, porém á noite uns portadores chegados do Caianvo vieram perturbar o socego com que estavamos ultimando os nossos trabalhos, por causa do alvoroço em que puzeram o Muatiânvua, a sua Muári e todas as pessoas que

costumavam acompanha-los até se recolherem, e que vieram procurar-nos para lhe fallarmos immediatamente.

Eis o caso — o Calala participava que o ajudante e os carregadores haviam passado o rio Cuílo, e que se preparavam para seguir viagem de madrugada em direcção ao Anguvo, não passando pelo Caungula.

Imprevidencia fôra descobrir-se o que estava planeado, pois o resultado era de esperar. Os Lundas atemorisaram-se, e o Muatiânvua pedia a nossa protecção e que o ajudante não partisse, pois iria prejudicar a sua causa.

As mulheres eram as peores na lamuria; estavam inquietas, gritando que o senhor capitão era muito rapaz, podia partir e deixar todos ali e por isso aconselhavam o Muatiânvua a marchar já naquella mesma hora para o Caianvo.

Não havia remedio senão tranquillisa-los, assegurando-lhe que tal noticia não era mais que o resultado de uma conversa de carregadores com o seu Calala por o Muatiânvua se estar demorando e todos estarem padecendo fome.

Que bem via o Muatiânvua e os que o acompanhavam que as disposições e socego em que estavamos eram signaes evidentes de que esperavamos por os nossos doentes e por elle; e se o ajudante tinha passado o rio, fizera-o, porque haviamos combinado marchar elle na frente para o Caungula com o seu Calala.

Xa Madiamba agradeceu o que lhe era communicado, porém nem elle nem os seus ficaram completamente socegados, pois ainda fizeram considerações sobre o mal que podia advir.

Ponderavam que o Muatiânvua tinha pessoas de sua confiança junto de Mucanza (Anguvo) no Cassai para o informar de todas as occorrencias que se iam dando na Mussumba, e na conformidade d'estas é que progredia por não querer de forma alguma que se derramasse sangue por sua causa; que se o Mucanza visse lá o ajudante sem noticias do Muatiânvua, pensaria que Muene Puto não fazia caso d'elle nem lhe ligava importancia alguma, e isto iria alterar em parte os accordos a que chegaram os quilolos na Mussumba e passaria elle por um impostor, pois

já havia feito saber a Mucanza que estava esperando por nós para avançar.

Em vista de tantos receios procurámos socegal-os, fazendo expedir áquella hora um correio dizendo ao ajudante que aguardasse onde estava a nossa chegada ao Caianvo, e logo que o portador se poz a caminho os Lundas, os Bângalas e os nossos entenderam dever demonstrar a sua alegria bailando e cantando durante toda a noite.

BEZERRA NA PADIOLA

Fechámos o nosso Diario com estas linhas: «—Decididamente nada se pode ordenar mesmo em segredo que se não saiba pouco depois; e aqui estamos destinados a aturar Xa Madiamba, cuja causa, ao parecer bem figurada, cremos todavia que nos ha de dar ainda muito trabalho durante a viagem».

Iamos para a cama quando um rapaz de Xa Madiamba nos veio dizer que o Muatiânvua pedia ao seu amigo para ir conversar um pouco com elle e com Xa Muteba, que addiara a sua partida para o dia seguinte.

O Muatiânvua combinára com Muteba partirem os Bângalas de madrugada para o Caianvo e tambem as mulheres da comitiva d'elle, mas não queria que isto se fizesse sem nos consultar.

Como elle affirmasse que nós partiamos no dia immediato, respondemos sem hesitações que era muito boa aquella deliberação e que pela nossa parte disporiamos tudo de modo a não ser ella transtornada.

No dia 11 de madrugada tocaram os gomas (especie de tambores) a alvorada no acampamento dos Bângalas, e começou logo o movimento de levantar para viagem, que entre elles é feito com muita gritaria e assobios; e pouco depois um silencio repentino mostrou que todos tinham partido.

Acreditámos que o receio que tiveram os Lundas de que parte da nossa Expedição avançasse fôra o que impelliu Xa Madiamba a deliberar que partisse o resto da gente de Xa Muteba que ainda ficára.

Tendo chegado do Caianvo varios carregadores para o transporte dos doentes, os que destinámos para Bezerra trataram de construir uma padiola com varas delgadas e fibras vegetaes forrando o taboleiro de esteiras. Conseguiu-se com algum trabalho passar o doente da tarimba para a padiola que sobre os hombros de quatro homens lá seguiu, caminhando a companheira ao lado d'elle com agua, tabaco, remedios e outras cousas que formavam uma pequena carga do que no caminho poderia ser mais preciso.

Seguiu tambem o outro doente e toda a nossa bagagem, ficando nós apenas com o que nos era absolutamente necessario, e quatro homens além do cozinheiro e do creado Antonio.

Tambem mandámos Augusto Jayme para o acampamento do sub-chefe, porque o ajudante nos participára ter havido um conflicto entre Gamboa, carregador que pertencia aos do seu grupo e alguns Bângalas em que interviera Xa Muteba prestando-nos bom serviço.

Gamboa era rapaz turbulento e capaz de desinquietar os seus, por isso lembrou-nos ser conveniente a presença de Jayme para que se não repetisse alguma scena desagradavel.

Quando jantavamos annunciaram-nos a visita do Muatiânvua, que na forma do costume vinha acompanhado do antigo Muzumbo que passara a ser Ampuédi, chefe dos seus domesticos e Muári Muíxi, e do novo Muzumbo.

Este como o Ampuedi tinham o mesmo nome de Ianvo, e para não haver confusão tratando-se do novo dignatario, ao seu nome juntaram-lhe o de sua mãe, era pois Ianvo-á-Uane.

Este homem viera de Cassanje com a comitiva de Xa Muteba para negociar nas terras da Lunda. Vivia ha annos na ambanza d'aquelle com uma prima de Xa Madiamba que tinha acompanhado a mulher de Xa Muteba e já d'ella tinha quatro filhos. Pertencia elle á povoação do grande Canapumba da Mussumba, mas em pequeno venderam-no como escravo e de mão em mão fôra parar ao serviço do negociante Carneiro em Quimbundo.

IANVO-Á-UANE

Sendo rapaz experto aprendera com os Ambaquistas ao serviço de Carneiro o officio de ferreiro, a coser pannos, a preparar o tabaco e ainda a tecer as tangas de algodão.

Era além d'isso bom caçador e sabia, como elles dizem, bater todas as linguas dos diversos povos do Muatiânvua incluindo chilangue e cassanje, e tambem conhecia alguns dialectos de ambundo. Era portanto um Lunda de muito prestimo para as comitivas de commercio dos Bângalas. Carneiro gostava muito d'elle e dera-lhe a carta de alforria e credito de fazendas para negocio. Transformara-o de escravo em freguez da sua casa.

Xa Muteba era um antigo freguez de Carneiro, conhecia Ianvo e a sua familia, e sabendo as vantagens que lhe proporcionára o seu antigo senhor, offereceu-lhe a prima de sua mulher que lhe servia de aia, para viver com elle e com a approvação de Carneiro fôra Ianvo estabelecer-se na ambanza de Xa Muteba, continuando a servir a casa de Carneiro como se fosse um pombeiro mas dentro da provincia de Angola, nos concelhos de Malanje, Pungo Andongo, Dondo, e fôra mesmo uma vez a Loanda.

Forte e grosso, bem proporcionado, de feições regulares, olhos vivos, cabeça bem formada e bem disposta em relação aos hombros; activo, discorrendo com acerto, sempre prompto para se tornar prestavel e tendo o dom de imitar com facilidade nos modos, linguagem e nos costumes, os typos mais caracteristicos dos diversos povos com quem tratára, foram estes os predicados mais importantes que concorreram para nos tornar sympathico e agradavel este homem, com quem convivemos até ao dia em que deixámos o continente africano para regressar á Europa, salvo uma interrupção de oito mezes durante os quaes estivemos além do Cassai. Havendo-se propalado boatos, que haviamos morrido de inanição, que nos tinham assassinado e ainda que os Luenas ou Lassas nos levaram prezo para as suas terras, fomos encontrar em Mataba Ianvo-á-Uane que por ordem de Xa Madiamba seguira disfarçado para o interior em nossa procura. Expozera-se por nossa causa e com muita dedicação; e em Mataba prestou-nos serviços importantes. Factos são estes que registâmos gostosamente, e que nos levaram a provar-lhe o nosso reconhecimento logo que com elle e com outros regressámos a Malanje.

Este homem aparentado com Xa Madiamba era-lhe muito affeiçoado, e nas suas viagens havendo descoberto o logar do seu exilio, procurava-o a meudo para lhe levar alguma lembrança.

Quando Xa Muteba saira do Cuango para a excursão que ia emprehender, já ali se sabia que Xa Madiamba fôra chamado pelos quilolos para ir tomar posse do elevado cargo para que fôra eleito, e Ianvo avisado por Xa Muteba que ia passar

pela terra onde estava o novo Muatiânvua, encorporou-se na comitiva porque como Lunda e como parente queria apresentar-se ao seu serviço.

Xa Madiamba recebeu-o muito bem, e para o ter sempre junto de si dera-lhe o cargo de Muzumbo, até que vagasse na Mussumba o de Canapumba em que o queria collocar.

Era este um dos casos que exemplificava o que dissemos com respeito á escravidão nas tribus da região central que conhecemos. Este homem fôra vendido em criança, não na qualidade de escravo porque o não era, mas pelas necessidades dos que d'elle dispunham para uma transacção. Passara, é verdade, como moeda de mão em mão, mas o negociante portuguez Carneiro emancipando-o, reconheceu que nesse acto adquiria um amigo, porque apressava o momento de o tornar independente, pois liberdade disfructava elle na sua companhia, andando no giro dos seus negocios por terras muito distantes de sua casa.

Á Mussumba, ás terras banhadas pelo Cassai e mesmo onde habitavam os seus parentes, a todas fôra elle negociar, umas vezes encorporado em comitivas outras como director de companhas e por ultimo com o novo Muatiânvua, como qualquer quilolo de maior grandeza, tendo voto no seu conselho.

Nestas circumstancias vê-se que não é isto a que na Europa se dá o nome de escravidão.

Neste dia Xa Madiamba calculando que estavamos a jantar quiz repartir comnosco uma cabaça de malufo que recebera, e nós correspondemos á fineza addicionando ao conteudo da sua caneca um calice de cognac. Mechendo o liquido com uma colher até fazer escuma, bebeu e achou excellente dizendo que assim é que devia ser todo o malufo das suas terras.

Extranhando-lhe que elle tivesse feito seguir de manhã parte de sua gente na comitiva de Xa Muteba, perguntou-nos se Muene Puto quando fazia uma viagem não mandava adeante os seus servos para arranjarem o acampamento em que devia dormir, e os seus soldados e quilolos para garantir a segurança dos caminhos por onde devia de transitar.

Assim era mais ou menos, e feitas as nossas explicações mostrando-lhes o luxo e prevenções de taes cortejos, elle não deu provas de que o impressionassem essas differenças de grandeza que se dão ainda hoje nos diversos estados civilisados e disse-nos muito naturalmente — Nós somos pessoas grandes, Muene Puto é Muatiânvua, Muatiânvua é Muene Puto, por isso devemos ter quem nos espere de vespera, nos logares em que determinámos acampar.

Foi nesta occasião que o Muzumbo nos disse, o que já tinhamos ouvido em tempo, que o nosso amigo Muatiânvua pelo habito em que estava de tratar por Muene Puto os filhos de Angola que dirigiam caravanas de commercio ás terras da Lunda, suppunha que nós eramos da sua côr e estava muito satisfeito contando que em viagem podiamos dormir juntos na mesma cubata para conversarmos á nossa vontade livres de importunos, e que na Mussumba nos queria casar com uma filha de Muatiânvua nova, para haver parentes de filhos de Muene Puto no seu Estado.

Respondemos emquanto á primeira parte que pouco importava a côr se queria satisfeito o seu desejo de termos a mesma cubata, mas que impunhamos a condição d'elle se guiar pelos nossos conselhos; com respeito á segunda, que não o podiamos satisfazer por que já contavamos muitos annos para casar e muito principalmente com raparigas.

Disse então o homem que uma pessoa branca do Calunga tem outros costumes, e por isso já ficava satisfeito ficando as nossas cubatas proximas para nos avistarmos durante o dia quando não estivessemos occupados; porém que não se conformava com a nossa desculpa para não acceitarmos o casamento que nos queria fazer, e rindo-se dirigiu-nos a seguinte amabilidade — O meu amigo não é velho; mais velho sou eu e estando ao pé de uma rapariga nova, bonita e bem feita ainda provo que um rapaz não vale mais do que eu.

Neste sentido discorreu-se com geral satisfação dos circumstantes, que muito gostaram de fallar em raparigas e de verem o seu Muatiânvua em boas disposições para o cavaco.

A cabaça do malufo já estava esgotada; ainda se tentou comprar mais uma na povoação do Cassassa mas como não o havia, Xa Madiamba despediu-se perguntando-nos se haveria inconveniente em marcharmos no dia seguinte para o Caianvo, pois já tinha dado ordem aos Bângalas para o virem buscar.

Mostrámos-lhe que apenas tinhamos em casa a cama e a pequena mala de mão, e que o cozinheiro partia naquelle momento com as nossas louças porque contavamos sair de madrugada.

O nosso Diario, terminava neste dia com uma interrogação: — Afinal, deixaremos ámanhã a Estação Cidade do Porto?

SABAS

CAPITULO VIII

DO RIO CUÍLO AO RIO CHICAPA

aĉi nadi naoso ni ŭape, aoso arudami «Trata todos bem se quizeres ser bem tratado por todos»— Se eu comer bem com todos, todos são meus amigos.

Viagem para o Caungula: O interprete tem de ser transportado em padiola. Cerimonias a que se submette o Muatiânvua antes de começar uma jornada e ordem do seu sequito em marcha. Posto Guilherme Allen: A primeira secção passa o rio Cuílo; O cabo Antonio volta ao Cassassa e vem acompanhado do irmão-sobrinho de Xa Madiamba, que não queria seguir na comitiva sem que lhe fossem satisfeitos os proventos do cargo de Suana Mulopo para que foi interinamente nomeado. Xa Madiamba uniformisado e vestindo pela primeira vez calças recebe em audiencia os senhores das povoações e os ambanzas chefes de comitivas bangalas; Exigencias de tributos e a nossa intervenção contrariando-as; Os quilolos respondem em vez do Muatiânvua aos nossos questionarios, o que nos contraria e zanga sem que d'isso aproveitemos. Prejuizos de terça feira. A expedição passa o rio Cuílo: Difficuldades da marcha em terreno encharcado; A nossa canôa. Reorganisação das cargas: o nosso itinerario; presentes. O Xa Madiamba almoça comnosco e recebe de presente um revolver, sua alegria e modo de agradecer. Recordações de Rodrigues Graça. Necessidade de construir 'angadas para passagem do rio Luangue. Reconhecimento de caminhos atravez uma floresta. Marcha para Cafundanga. Visita que nos faz o Muatiânvua. Queixas dos nossos carregadores contra o Muatiânvua. Quituches, embaixadores que vêem do interior ao encontro de Xa Madiamba. A nossa marcha extensa e fatigante para o rio Luchico e passagem d'este rio. Adoece o sub-chefe. Passagem do rio Luêle. Recepção do Muatiânvua; tirotelo, embriaguez e roubos. A secção do sub-chefe desvia-se. Os nossos carregadores subornados pela gente do Muatiânvua internam-se no mato. Questões com o Muatiânvua por causa das demoras na viagem. Posto Ferreira Ribeiro. Recepção; danças; feiticeiros. Ciumes de Xa Madiamba e nossa intervenção. Quarenta homens da expedição vão ao posto Guilherme Allen buscar as cargas. Preparatorios para a entrada na capital do Caungula—Entrada nesta capital: Embaixada do Caungula; desordens. Passagem do rio Mansai. Logar destinado para os acampamentos. Audiencia; os subditos do rei do Congo; tetâme; inferneira; apresentação do Caungula. A filha de Muteba; os seus amores com um filho de Cambolo de Cassanje e nomeação d'estes para cargos da côrte. Roubos nas nossas cargas pelos Songos que as transportavam. Apresentação e queixas dos subditos do Rei do Congo; noticias da expedição de que elles fizeram parte. Presente para o Caungula. O que o Muatiânvua escolhe para si; admiração pelos espelhos. A nossa visita ao Caungula; a sua quipanga; tropheu de craneos; a bandeira portugueza fluctua na quipanga — A segunda quinzena de Outubro: Construcção da Estação Luciano Cordeiro. Investigações e providencias sobre os roubos feitos pelos Songos e outros; indemnisação aos rapazes do Congo; expoliações ás comitivas bangalas e a nossa intervenção. Audiencias. Alarme de gazzivas dos Quiôcos nas terras do Caungula. Negocios feitos pelo Muatiânvua; como este se apodera dos negocios de seus antecessores — Na Estação

Luciano Cordeiro: Noticias sobre a localidade. Estação e outras construcções. Preparativos para a inauguração da Estação no dia 31 de outubro de 1885. As nossas diligencias para se celebrar um tratado com Caungula; o tratado. Inauguração; communicação a S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar sobre as festas de inauguração e de todos os trabalhos comprehendidos na capital dos dominios do Caungula — Varios episodios: A nossa intervenção para que avancem as comitivas de commercio, se restituam as expoliações. As consequencias de se não cumprir com rigor os preceitos da *malala*. Grande roubo nas cargas da Expedição pelos Songos; providencias. Boatos da approximação dos Quiôcos. Diligencias frustradas. Noticias de diversos potentados. Os nossos conselhos ao Muatiânvua e ao Caungula — Novos incidentes: Os pedidos de Mucanza. Uma traição; attenuantes; julgamento favoravel. O cacuata Memá Tundo e sua missão. Receios dos Quiôcos e os nossos conselhos. Um passeio no rio Lôvua e visita ás lavras do Caungula. A cerimonia da lucanga. O carregador Chico tomado por um macaco; más consequencias. Preparativos de marcha das secções — Casos mais graves: fuga das mulheres da comitiva do Congo. Uma outra terça feira prejudicial. As nossas exigencias e providencias do Muatiânvua e do Caungula. Um assassinato horripilante; a audiencia e a nossa intervenção a evitar a pena de morte. Embaixada dos Quiôcos de Muxico; audiencias. Como influimos nas pazes entre Quiôcos e Lundas do Caungula, juramentos e considerações — Marcha das secções: Nova gente do Congo. Joanna ferida por Paulino. Segue a segunda secção para o Quicapa e a diligencia para Malanje. Nova comitiva de Bangalas. Os nossos hospedes Quinguri e Angonga. Portadores da côrte; boas informações sobre Cassanje. Derrota da comitiva do Ambumba; a nossa influencia para lhe evitar mais espoliações. Um servo que pretende mudar de amo para acompanhar sua mulher e como se resolve esta pendencia — Os ultimos dias do anno de 1885: Os nossos preparativos de marcha e resoluções dos Bangalas. Noticias das guerras a leste do Cassai e em Mataba. Doença da Muári; adivinhos; feiticeiros; tumbajes; a nossa intervenção. A nossa visita ao Caungula; festas dos caçadores; os jogadores. As nossas palestras com Quinguri. A chegada de Muzequele, sobrinho do Mucanza. Informações. A morte do Muatiânvua Muriba confirmada. Chega o Suana Mulopo Lubembe com as suas forças. Despedidas do Caungula.

VIAGEM PARA O CAUNGULA

Foi esta uma das viagens mais demoradas que fizemos e mais cheia de impertinencias. Podia ter-se realisado, como de ordinario succede com caravanas bângalas, em 10 ou 12 jornadas, porém nós tivemos de a fazer em 17, sendo 7 de 1:200 metros a 9 kilometros, e nisto decorreu um mez!

Não se pode dizer que o caminho fosse mau, por quanto tendo nós partido da altitude de 1:085 metros — salvo a primeira jornada ao Caianvo de 11:200 metros sobre um planalto, pois a altitude d'esta localidade é de 1:090 metros — de ahi em deante

todo o percurso foi sempre em descida, não tomando em linha de conta pequenas ondulações, sendo a maior queda do terreno da setima para a oitava jornada, em que baixámos de 1:030 a 890 metros no pequeno percurso de 11:800 metros. D'aqui por deante póde dizer-se que a descida foi gradual, pois registando nós 93:600 metros de marcha, passámos á altitude de 822 metros, que era a da nossa Estação no Caungula.

Contra nós, além de alguns incidentes e casos de força maior que se não podiam evitar, militava a circumstancia de termos de acompanhar o homem que os povos reconheciam como Muatiânvua. Tivemos de passar os rios uns em canoas, outros em pessimas e arriscadissimas pontes e tambem riachos e linhas de agua a váu, e atravessámos terrenos encharcados e mesmo extensos pantanos devidos á chuva, que era constante, fazendo mesmo algumas marchas debaixo d'ella.

Marchando nos primeiros tres dias para o norte, atravessámos o rio Cuílo no porto do Caianvo, para irmos ao Andúa tomar o rumo medio de N.-E. direitos ao Caungula.

Foi no dia 12 que principiámos esta fastidiosa viagem, que começou logo pelas difficuldades de passar o doente Bezerra da tarimba em que jazia, havia mais de vinte dias, para a padiola que á pressa se construiu com os recursos da localidade; e fomos tambem retardados depois pelas longas cerimonias antes do Muatiânvua se pôr a caminho, tendo vindo de proposito para lhes dar mais realce, uma força de Bângalas de Xa Muteba devidamente armados.

O Muzumbo, desempenhando as funcções de Anganga (mezinheiro), lavou os pés e mãos ao Muatiânvua, e depois um caxalapóli apresentou-lhe um prato com pó vermelho a um lado e fuba, á falta de pemba, ao outro.

Elle então tomou entre os dedos da mão direita uma pitada de fuba e riscou a testa da raiz do cabello até á ponta do nariz e depois o peito do pescoço ao umbigo. Em seguida tomou pitadas de pó vermelho para fazer riscos dos cantos dos olhos para os lados e no peito de um e do outro lado no sentido das costellas em tres pontos. Emquanto fazia isto, toda a comitiva

em alas e prompta para marchar observava os seus movimentos em religioso silencio, e elle ia acompanhando esses movimentos pronunciando certas formulas, o que se conhecia apenas pelo mecher dos beiços. Pelo que a physionomia denunciava, segundo o dizer do nosso interprete, invocava os bons espiritos para ter uma jornada feliz.

Acabada esta cerimonia sentou-se em um pequeno banco no topo das alas formadas pelas comitivas e pediu-nos para nos sentarmos a seu lado. Pouco depois sentiram-se os cantos de guerra dos Bângalas que vinham avançando em passo gymnastico direitos a nós, com as espingardas cruzadas á frente do peito. As alas recuaram abrindo praça e elles antes de entrarem no recinto dispararam as armas para os lados e vieram então aos saltos, com as bocas das armas inclinadas para o chão, entoando louvores pela honra que lhes fôra concedida de acompanharem o Muatiânvua, expressando o desejo de que uma vez no poder elle se lembrasse que os Cassanjes eram seus parentes, e de que poria termo ás intrigas dos Lundas com elles para serem todos amigos e fazerem bons negocios.

Em seguida agacharam-se todos para ouvirem o Muatiânvua que lhes disse: — Estou contente por terem vindo buscar-me; vou marchar com o meu pae e amigo Muene Puto. A vós fica entregue a guarda das nossas vidas. Têem de defender Muene Puto e o Muatiânvua, se algum inimigo lhes vier ao encontro. Avante.

Os Bângalas agradeceram ao seu modo e partiram, seguindo-se a comitiva dos Lundas na ordem indicada pelo Muári muíxi (cosinheiro), que fazia de Chiota (mestre de cerimonias).

Seguiu a Muári com as amilombes (aias), e atraz escarranchado sobre um quimangata o Xa Maliamba, que desejava fossemos na rêde a seu lado, mas nós seguimos a pé fazendo o nosso reconhecimento. Convinha-nos ir atrás e a distancia, por que indo elle sobre os hombros de um homem, era uma boa mira para as nossas referencias.

Marginámos sempre o rio Cuilo até ao Chianvo, tendo de passar tres riachos seus affluentes entre florestas que nos fize-

ram lembrar os emaranhados cipós cerrados da ilha de S. Thomé. Os terrenos que pisavamos estavam tão encharcados que tivemos de acceitar o offerecimento de Ianvo-á-Uâne de passarmos sobre os seus hombros nos sitios mais difficeis.

Xa Madiamba por vezes marchou a pé, vindo até para o nosso lado afim de irmos conversando com o auxilio dos interpretes.

Logo que chegámos ao local dos acampamentos appareceu Xa Muteba e outros Ambanzas a cumprimentar-nos, mostrando Xa Madiamba estar muito satisfeito com a companhia que lhe faziamos.

O doente Bezerra soffreu muito, principalmente entre o arvoredo.

Considerando que lhe seria penoso proseguir comnosco, e tornando-se cada vez mais grave a doença do rapaz da comitiva de Manuel Ignacio, que parecia estar soffrendo de uma tuberculose pulmonar e de anemia profunda, e finalmente, que pouco podiamos contar com o serviço dos 50 Lundas, deliberámos estabelecer naquelle ponto um Posto que denominámos — Guilherme Allen — ficando este a cargo do empregado José Faustino, acompanhado da familia Bezerra, de um companheiro de Manuel Ignacio, de Paulino e de Joanna e de mais dois rapazes das visinhanças de Loanda e de dois soldados. Todos vigiariam os doentes e os volumes das cargas até que podessemos ir dispondo de gente em numero sufficiente para os virem buscar.

Tomada esta deliberação tratámos de mandar distribuir rações a todo o pessoal, determinando que no dia 11 de madrugada avançasse a secção do ajudante com o Calala do Muatiânvua, fazendo parte do pessoal da secção os Lundas de que este dispunha.

Como não fosse possivel seguirem todas as cargas que estavam sob a vigilancia do ajudante na margem direita, foi ali o sub-chefe tomar nota das que ficavam, e em vista d'esta nota e da que tomámos das cargas que estavam no Posto, separámos umas 50 que tinham de ficar esperando os carregadores.

Pretendiamos seguir no dia 15, pouco nos importando que fosse terça feira, dia para nós aziago, o que já por mais de uma vez haviamos notado nesta nossa commissão.

Trabalhámos bastante dos dias 12 a 15 de madrugada com este intento. Logo no primeiro a pedido de Xa Madiamba mandámos o cabo Antonio atrás ao Cassassa para convencer Muene Tembue a vir juntar-se com o seu tio, pois á ultima hora recusára-se a acompanha-lo por este lhe não ceder uma rapariga para o seu harem.

Só no dia 14 de madrugada é que o cabo conseguiu quasi que arrasta-lo á nossa presença, por que se mostrava renitente com o tio por se esquecer d'elle logo em principio da viagem. Estava fazendo serviço de Suana Mulopo e queria ter os seus proventos. A praxe era, que o Suana Mulopo levantava para a viagem com o Muatiânvua, depois d'este o ter presenteado com uma rapariga.

Só a nossa paciencia demasiadamente provada é que nos ajudava a contemporisar com estas questiunculas, no intuito de congraçar todos e de desfazer attrictos.

Como elles tivessem chegado transpirando muito, demos-lhes um pouco de cognac com agua, e lá fomos acompanhar o sobrinho á presença do tio conseguindo apazigua-los. Xa Madiamba deu a Muene Tembue um panno novo de lenços com que Ma Xuteba o havia presenteado na vespera, dizendo-lhe que assim fazia por não ter ainda rapariga de que podesse dispôr para satisfazer a praxe.

Este procedimento deu logar a que depois o presenteassemos com um uniforme de funccionario civil — calça de galão de ouro e casaca com a gola, canhões e algibeiras bordadas tambem a ouro — para elle vestir, quando tivesse de receber as homenagens e cumprimentos dos chefes das povoações onde acampassemos, e no dia em que entrassemos no sitio onde residia o Caungula.

Com este uniforme demos-lhe tambem o indispensavel chapeu armado e o espadim correspondente, um kepi carmesim agaloado a ouro e mais uns sapatos de trancinha nossos que

Respondeu que naquellas terras quem governava era o seu pae Muene Puto, e o que haviamos dito era uma ordem do Muatiânvua, podiam pois seguir os Cassanjes, e que fossem felizes na sua viagem.

O sub-chefe que estivera na margem direita registando as cargas, encontrou muitas d'ellas divididas em dois volumes, obra dos carregadores para se alliviarem do pezo, por isso encontrava mais cargas do que carregadores, os quaes com licença do ajudante tinham ido a compras de mantimentos e ainda não tinham regressado.

Era forçoso passar para a margem direita, mas naquelle dia, terça feira, como dissemos, não havia senão a esperar cousas que nos contrariassem. Luctáramos nas vesperas para pôr em movimento os Lundas, chegámos mesmo na noite anterior a mostrar-nos enfastiados e zangados quando fallavamos com Xa Madiamba, por os individuos que o rodeavam nos responderem em seu logar.

É de suppôr que o nosso interprete lhe não dissesse metade do que vociferavamos contra elle e contra os seus, mas todos pelos nossos gestos comprehendiam perfeitamente que não estavamos nada satisfeitos. Procurou Xa Madiamba tranquillizar-nos, mostrando-nos ser aquelle um uso com que de ahi em deante e principalmente na Mussumba tinhamos de nos conformar, porque o não podia alterar; e accrescentou — Nunca deixam o Muatiânvua só, e mesmo quando vae passar algum tempo com as suas raparigas, ficam-no esperando fóra da cêrca um ou dois homens, quando não são os musicos tocando nos seus instrumentos.

— Rodeado sempre de gente, quando recebe alguma visita, um dos homens de mais consideração responde-lhes em conformidade com o que está combinado entre os quilolos, ao que o Muatiânvua tem de se sujeitar. Muitas vezes este pode manifestar o seu interesse em proceder de um certo modo, mas se os quilolos entenderem o contrario, intrigam-no e preparam as cousas de forma que se ha de fazer o que queiram e não aquillo que o Muatiânvua deseja.

—Posso eu, disse elle por fim, responder ao meu amigo e protector uma cousa na boa intenção de a cumprir e os quilolos, ou os que me cercam em seu logar, decidirem depois o contrario, allegando ser para bem do Estado, e eu tenho de me submetter, ficando no conceito do meu amigo como um mentiroso. Para elles porém o Muatiânvua não tem mentiras.

—Isto são costumes muito antigos que o interprete conhece, e devia de ter prevenido Muene Puto, pois sempre que eu não respondo ás visitas, é porque preciso saber o que se passa no coração dos quilolos. Estão as visitas muitas vezes demoradas oito e mais dias esperando um despacho, e a culpa não é do Muatiânvua que tem de as hospedar e de lhe dar de comer, mas dos quilolos que não tem tomado uma deliberação. Se o Muatiânvua não souber comer bem (governar) o Estado com os seus quilolos, está perdido; de tal modo o intrigam que póde começar a contar os poucos dias que lhe restam para viver.

E na verdade com o tempo observámos que isto era assim, e que ao contrario do que se dizia existe no Estado do Muatiânvua um certo numero de preceitos que se respeitam, e se ha poderes absolutos que se attribuem ao chefe, este só os exerce quando tem o voto e o apoio dos seus conselheiros.

Nós avisados d'estes habitos tratámos d'ahi em deante de luctar com os homens que o cercavam, e tambem de catechisar os principaes, para ganharmos uma tal ou qual ascendencia nas deliberações que podessem influir de modo benefico nos nossos trabalhos.

Conseguiramos emfim que se disposessem todos a seguir viagem naquella terça feira 15 do mez, porém foram exactamente os nossos carregadores que deram motivo a que isso se não realisasse. Sendo indispensavel — depois das grandes discussões que tiveramos para a partida — não sermos nós a mostrar que não estavamos para ella preparados, combinámos com o sub-chefe mandar as cargas de madrugada para a margem direita do rio e irmos nós em seguida, e depois buscar um pretexto qualquer para demora, e se este não apparecesse,

apparentar que queriamos condescender mais uma vez com o Muatiânvua acampando ali, para no dia seguinte marcharmos para o Andúa.

Começára a faina logo de madrugada. Já tinhamos dado as nossas instrucções aos que ficavam e feito as nossas despedidas ao doente Bezerra, recommendando-lhe que observasse as prescripções que lhe deixára o sub-chefe, quando elle se lembrou de nos pedir algumas cargas para a sua carabina Winchester, com o que nos zangámos, primeiro por elle ter inutilisado as que lhe haviamos distribuido, e depois porque as munições de fogo já haviam seguido na secção do ajudante.

Reflectindo porém que ficando o doente ali sósinho era conveniente ter ao menos duas cargas na sua arma, fomos á barraca descarregar a nossa que tinha dez. Por felicidade fizemos a operação com o cano voltado para cima, porque ao cairem duas cargas, em vez de pucharmos a alavanca, puchámos o gatilho que immediatamente feriu a terceira carga e nunca o estampido de um tiro nos impressionou tanto!

Perdemos completamente a côr e ficámos sem movimento, esperando ouvir algum grito que nos denunciasse ter a bala morto alguem no acampamento!

Ao nosso lado estava Paulo de Loanda, que tinha vindo para levar as cargas ao interprete; elle vira-as cair no chão, mas tal foi tambem o seu susto que perdeu o tino do logar e não se poderam encontrar.

Dissemos a Paulo que fosse ver se alguem ficára ferido, pois não estavamos descançados.

A bala atravessára a lona da barraca, e fôra bater de raspão no tronco grosso de uma arvore que estava a alguns passos de distancia. Como felizmente a inclinação da arma era grande o projectil descrevera a trajectoria muito alta vindo cair em frente da nossa barraca aos pés de um dos carregadores de Malanje que estava sentado de pernas estendidas junto da sua cubata.

Foi só depois de Paulo nos trazer a bala achatada de um lado que socegámos, reconhecendo quanto foramos descuida-

O Muatiânvua antes de passar o rio teve de proceder ás cerimonias do estylo, esconjurando os negregados espiritos que podiam ser-lhe funestos durante a passagem, e apostrophando e amaldiçoando os que quizessem vir ao seu encontro ou enfeitiçar a agua. Depois, agradeceu aos bons espiritos que o protegessem.

Antes mesmo de se armar a barraca de lona, que lhe deramos para nos alliviarmos d'aquella carga, teve elle de dar audiencia, sentado sobre uma pelle entre o capim, ao Cassassa e ao Caianvo, que já o esperavam no planalto sobre a margem, pelo que nos mandou pedir se o esperavamos, pois tinha de se demorar algum tempo a ouvir aquelles quilolos.

Fomos dizer-lhe que sendo tarde não tinhamos duvida, se elle quizesse, de pernoitar ali, com o que o homem e os seus se mostraram muito reconhecidos. O favor porém eramos nós obrigados a faze-lo por culpa dos nossos carregadores Massongos, não só porque muitos ainda não tinham recolhido ao acampamento, mas ainda porque grande era a confusão que tinham feito com as cargas depois que sairam da Estação Cidade do Porto, encontrando-se muitas dispersas e algumas occultas entre o capim.

Foi preciso, com o auxilio do sub-chefe, de Jayme, de Quiteca e de alguns Loandas, reunil-as em um espaço á frente das nossas barracas, e de proceder a uma nova reorganisação; reconhecemos então que os pessimos costumes dos nossos antigos carregadores já se manifestavam nos novos, e que era preciso d'ahi em deante uma grande vigilancia sobre elles.

Fez-se bom serviço durante o dia para proseguirmos a jornada na madrugada do dia immediato, e Xa Madiamba por mais que batalhou discutindo com o Cassassa e com o Caianvo, não conseguiu sequer ao menos uma rapariga bem feita para lhe coçar a cabeça quando quizesse adormecer, serviço que estava sempre a cargo de uma aia especial do seu harem.

A nossa terceira jornada, assim lhe podemos chamar, foi de 15 kilometros, aos zigue-zagues sobre as abas de uma serra baixa, vendo-se sempre ao nosso lado esquerdo, serpeando en-

tre frondoso arvoredo, o magnifico rio Cuílo, tendo a comitiva de passar tres riachos seus affluentes nas depressões, o Luimbe, o Indamba, e o Andúa. Seguindo depois com este nas suas voltas acampámos sobre uma elevação, d'onde avistavamos o sitio do potentado, que ou deu ou tomou o nome ao riacho d'onde o seu povo bebe agua.

Esta viagem foi-nos bastante penosa, porque do meio dia em deante tivemos de marchar debaixo de uma imponente trovoada e num grande descampado, e fomos muito fustigados com a chuva torrencial, até mesmo depois de chegarmos ao local em que encôntrámos o ajudante acampado com a sua secção e o Calala com a sua comitiva.

Eram duas horas quando podemos almoçar, e isto porque o ajudante se lembrou de esperar por nós, aliás só o poderiamos fazer muito mais tarde.

Ameaçando chover aindo muito, o pessoal antes de proceder á construcção dos seus fundos foi empregado em dispôr as cargas, que chegaram muito molhadas, de modo a ficarem protegidas contra o tempo.

Prevenidos pelo ajudante de que a gente do Canapumba, que com elle tinha vindo, depois de se pagarem as rações declarára que não podia marchar no dia seguinte, emprehendemos nova lucta com Xa Madiamba e com os seus conselheiros, conseguindo a custo que avançasse ao menos o Calala com o ajudante para a margem do Cabâma. Era nosso fim destacar sempre diligencias do grosso da Expedição, não só para evitar a agglomeração de gente na mesma localidade, o que era mau por causa de mantimentos e das desordens, mas tambem porque menores eram as difficuldades para arrancar o Xa Madiamba e os que o cercavam dos acampamentos.

Seguiu com effeito a secção do ajudante no dia 17 já perto das 11 horas, porque os nossos tambem já se iam dando bem com as demoras e fraternisavam, muito principalmente, com as mulheres novas da Lunda.

E a rasão porque os Lundas queriam passar o dia neste logar conheceu-se logo. Fôra porque o chinguvo dera signal

da chegada do Caianvo com o Andúa, senhor da terra, que vinha com a sua gente cumprimentar o Muatiânvua e trazer-lhe milambo (presentes de comida e bebidas).

Os visitantes pararam a uma distancia de respeito, esperando ordem para avançar, a qual se demorou emquanto o Muatiânvua se vestia para os receber, aproveitando elles essa demora para entoarem cantigas, fazendo-se acompanhar do chinguvo, allusivas á chegada do novo Muatiânvua áquella sua terra.

O Canapumba que fôra contemplado com duas boas canecas de malufo, estava um pouco alegrote, e deu-lhe para fazer as pazes comnosco, apresentando-nos cinco rapazes para andarem ao nosso serviço até ao Caungula, dando-lhes nós de comer e de vestir. Acceitámos immediatamente a fineza, mimoseando-o com um macete de missangas para a sua Muári.

Em vista d'este reforço escolhemos cinco dos nossos antigos rapazes de Malanje, que tinham cargas mais pequenas, as quaes passaram para os novos, e mandámo-los ao Posto Guilherme Allen saber como estavam os doentes e trazer cinco cargas de contaria. Um d'elles era pratico d'estes caminhos, indo passar o Cuílo um pouco abaixo da confluencia do Indamba, seguindo pela margem esquerda ao Posto, onde deviam pernoitar naquella mesma noite, ficando de se encontrarem comnosco o mais tarde na margem do Luangue pequeno, pois contavamos que iriamos lá em duas jornadas.

Com respeito á cadeira, tivemos de lembrar a Xa Madiamba depois da audiencia que tratasse de pedir ao Andúa dois rapazes para auxiliarem os que a transportavam até ao Caungula, na certeza de que nos não importavamos com ella, pois se ficasse no caminho era por culpa d'elle; o caso foi que alcançou do Andúa os dois rapazes.

Havendo-se combinado que no dia immediato iriamos acampar na margem do Cabâma affluente do Cuílo, onde nos aguardavam o Calala e o ajudante, para lá seguiu a Expedição.

Foi a marcha apenas de 9 kilometros, no rumo medio E.-NE., e se tivessemos ido na frente com certeza aprovei-

tariamos a boa vontade dos Lundas, os quaes não lhe convindo acampar no planalto descampado com que depararam, subiram á elevação na margem direita d'aquelle rio e continuaram a marchar para o rio Luangue onde contavam achar proximo, senão algumas povoações, ao menos algumas lavras onde podessem obter mandiocas.

Os nossos que iam na frente, na esperança de encontrarem caça e como tivessem recebido ordem para acamparem na margem direita do Cabâma, quando ahi chegaram accommodaram devidamente as cargas; uns foram logo para o matto e outros trataram de construir os abrigos, de modo que antes que quizessemos, e sem nos podermos queixar, era já impossivel seguir os Lundas.

Quando Xa Madiamba chegou estavamos almoçando e dirigindo-se a nós lamentou que os seus rapazes e raparigas fossem para deante do ponto combinado. Elle e os poucos que o acompanhavam, apezar de não terem panellas para cosinhar nem esteiras para dormir não deixavam só naquelle deserto o seu amigo Muene Puto.

Aconselhámo-lo a que fosse para deante, promettendo que no dia immediato o alcançariamos, mas o homem não quiz, e então convidámo-lo a tomar parte do nosso almoço, o que fez segundo o estylo tapando-se para não ser visto a comer. Tomou tambem café que achou ser boa bebida, e a esse proposito fizemos-lhe uma prégação sobre agricultura, mostrando as grandes vantagens que para o engrandecimento do Estado adviriam se as terras fossem plantadas de café, algodão, tabaco, canna doce, chinchonas, etc., que pouco trabalho daria isso aos Lundas depois das raizes estarem bem agarradas á terra. Assim muitos brancos viriam procurar os seus productos, como vieram para a exploração do marfim e da borracha, porém da parte dos Lundas devia haver mais cuidado para não se perderem os arbustos que dão esta ultima substancia, pois deviam lembrar-se que não podia haver filhos sem mães, não podia haver ovos de gallinhas numa terra onde se matassem todas as gallinhas, etc. etc.

D'estas comparações ao modo d'elles, tiravamos sempre partido para que nos comprehendessem, razão porque diziam frequentes vezes — Que o senhor major era muito entendido, e sabia fallar com elles.

Mas sem querer estavamos preparando difficuldades e delongas para o nosso regresso; pois dando-se o mais pequeno incidente, que alterasse o curso regular das cousas, succediam-se as consultas, os conselhos, e depois as deducções de que o Estado do Muatiânvua muito tinha a perder se o protector d'elle, Muene Puto, nos não mandasse substituir por um homem de sua confiança e prudente que soubesse tratar todos bem.

Neste dia, confessâmos, a attenção que para comnosco teve o Muatiânvua, preferindo ficar mal accommodado a seguir para o acampamento que os seus filhos lhe foram preparar mais alguns kilometros adeante dispoz-nos bem, e entendemos dever-lhe corresponder aturando-o.

Mandámos armar a sua barraca, e Augusto Jayme arranjou entre os seus algumas esteiras, e com capim fez-lhe uma boa tarimba para dormir. Demos-lhe uma lata de carne de conserva e a Maria do Jayme cosinhou uma boa porção de amido de mandioca e assim se lhe preparou uma refeição perto da noite que chegou para elle, para Muári e para o pequeno pessoal que com elle ficou.

Depois das duas horas da tarde entretivemo-nos conversando com elle, ainda sobre a agricultura e meios de garantir a segurança dos caminhos ao commercio; e tal era a nossa pachorra, que o sub-chefe mais tarde disse-nos que chegara a convencer-se que nós imaginavamos estar fazendo uma prelecção ou conferencia entre povos civilisados. Era certo que por vezes nos succedeu, por estarmos tão familiarisados com a côr dos nossos ouvintes, fallar-lhes como o fariamos na Europa a quem nos honrasse prestando-nos attenção.

Foi neste dia que pela primeira vez vimos Xa Madiamba verdadeiramente enthusiasmado com um mimo que lhe demos, um revólver Lefaucheux com 400 cargas, que elle ha muito tempo ambicionava possuir.

Este homem esqueceu-se naquelle momento que havia sido guindado pelos cortezãos ao mais elevado cargo do Estado do Muatiânvua. Voltou aos seus antigos tempos de Suana Mulopo, tomou-nos pelo Muatiânvua, e dançando emquanto lhe collocavamos a arma á cintura, esfregou em seguida o peito e braços com terra exclamando — *tátuco Muene Puto vudiẽ! chi Noéji, Muatiânvua Noéji tatucuámi, Calombo!* (Pae, Rei dos Portuguezes, obrigado! Ente superior, Muatiânvua Noéji meu Pae, agradecido!) E em seguida começou numa dança desesperada de grande faca em punho, gesticulando e fallando sempre no grande presente que acabava de receber.

Não querendo que se fatigasse, abraçámo-lo e conduzimo-lo ao logar em que estava a pelle de onça para se sentar, e estivemos algum tempo explicando-lhe como devia fazer uso da pequena arma de cinco narizes, como lá lhe chamam, e como a devia de limpar.

Ainda á noite lhe fallámos numa das recommendações que tinhamos de Muene Puto, de construir uma grande casa no Caungula, mas em terreno que este cedesse, destinada aos filhos e negociantes de Muene Puto que ahi se estabelecessem para compra de borracha e de marfim á gente de Lubuco, aos Quiocos e aos Lundas.

— Caungula disse elle, é descendente do Muata Candala, irmão do pae de Luéji, mãe do primeiro Muatiânvua; é por isso considerado, bem como o hão de ser todos os seus descendentes, avô do Muatiânvua. É pessoa grande, e por certo estimará muito que Muene Puto, que é o dono d'estas terras, o queira contemplar com uma feira como a de Cassanje, e eu mesmo lhe hei de fallar nisso.

Aproveitámos a opportunidade para lembrar as vantagens que elle e todas as terras do Estado do Muatiânvua podiam alcançar, celebrando nós com Caungula já um tratado em que de parte a parte se estipulassem as condições que deviam observar tanto os Lundas como os filhos de Muene Puto, para as suas relações de boa amizade e de commercio nunca se quebrarem, mostrando-lhe os inconvenientes de se deixarem

guiar pelas intrigas de Bângalas e de quaesquer brancos que não fossem filhos do Muene Puto.

Foram de voto elle e os seus que se fizesse esse tratado, sobre tudo quando lhe communicámos o que sabiamos ácerca dos Allemães no Lubuco, e que todo o territorio do Muquemgue estava sob o dominio d'aquelles que estavam abrindo pela navegação dos seus rios bons caminhos para o grande Zaire, e que agora os Quiocos já não podiam pensar em tomar conta das terras d'aquelle potentado.

— E porque não faz Muene Puto o mesmo que estão fazendo os Inguerezes? perguntou-nos Xa Madiamba.

— Veiu Rodrigues Graça visitar Noéji, prometteu muita cousa e Muene Puto nunca mais quiz fazer caso das suas terras na Lunda: mas Graça foi estimado, e se elle tinha queixas que levar a Muene Puto não era dos Lundas e sim dos escravos de D. Anna Joaquina que vieram de mandado de sua ama dizer ao Muatiânvua que Graça era seu caixeiro, e que Muene Puto não o encarregára de serviço algum.

Para que Augusto Jayme nos interpretasse este ultimo periodo não se imagina quanto tempo e quantas perguntas tivemos de fazer a Xa Madiamba! Conseguimos emfim percebê-lo, e mostra-nos isto, com quanto cuidado devemos nós europeus conversar com estes povos que são muito desconfiados, pois num momento por uma inconveniencia dos interpretes se podem perder trabalhos de muito tempo.

Respondemos que Graça viera na verdade encarregado por Muene Puto de tratar com Noéji de arranjar bons caminhos para o commercio, acabando-se com a venda de gente e fazer-lhe conhecer que assim como Muene Puto não podia vender os filhos d'elle, que eram precisos para augmentar o seu Estado, tambem o Muatiânvua não devia de vender os seus.

— Noéji acreditou mais nos escravos de Anna Joaquina do que no homem branco e mandou-o roubar; por isso Graça retirou e deu parte d'isso a Muene Puto que ficou muito zangado com o Muatiânvua. Agora quiz Muene Puto por bem ordenar que viessemos saber o que por aqui se tem passado, e se

os Lundas já pensam melhor no que lhes convem; determinou ao mesmo tempo que lhes dessemos bons conselhos para que soubessem viver com os seus filhos brancos e com elles aprendessem a aproveitar as proprias terras, as suas forças, e o que forem conhecendo durante a sua existencia.

A este proposito a conversa prolongou-se com muitas perguntas, visto termos-lhe despertado a curiosidade, sendo já tarde quando nos recolhemos.

No dia 19 deu-se ordem á Expedição para passar o rio Caluangue ou Luanguemuca (diminuitivo de Luangue e do qual o Luanguemuca é affluente), e de acampar na sua margem direita esperando a passagem da cadeira e dos doentes que já então contavamos.

Passava das 6 horas quando a Expedição se poz em marcha, seguindo nós depois de nos despedirmos de Xa Madiamba, que tinhamos a certeza que se não demoraria, pois estava receoso que os Quiocos o aguardassem emboscados no caminho, não obstante termos procurado dissuadi-lo d'isso, dizendo-lhe que podia muito bem succeder que elles viessem ao seu encontro para o felicitar esperando que lhes désse alguma cousa.

Seguimos pouco mais ou menos no rumo de leste até ao riacho Campopo. Tendo feito uma marcha de 6,5 kilometros, atravessámos este riacho e ainda caminhámos 2 kilometros no mesmo rumo voltando depois ao rumo medio N.-NE., escolhendo sempre logar onde pôr os pés numa extensa superficie de 3 kilometros bastante molle e com alguns charcos, até chegarmos ao Caluangue ou Caruangue.

Nos mezes de dezembro a abril toda esta superficie deverá estar coberta de agua, e, a calcular por uma ou outra arvore que encontrámos deve esta attingir uma boa altura.

Antes de mudarmos de rumo, vimos na nossa frente, e proximo, o rio que tinhamos de passar encoberto por alteroso arvoredo, e virando para o N. encontrámo-nos por assim dizer caminhando sobre o eixo maior de uma parabola perfeitamente definida pelo arvoredo que contornava o rio Caluangue e seu affluente Campopo, e tão cerrado era elle que não nos permit-

tia descortinar o logar por onde teriamos de penetrar para chegarmos ao rio.

Foram apenas 3 kilometros de marcha, mas muito fadigosa, e em que se gastou mais do dobro de tempo que seria necessario para uma marcha igual em terreno regular.

Chegámos emfim ao rio que nesse logar tinha 39 metros de largo e uma velocidade de 3 metros por 1″; e deparámos com uma das taes pontes já conhecidas, em parte debaixo d'agua e toda curvada para deante quasi a desconjuntar-se pelo embate violento da corrente.

Corremos um grande risco passando-a escarranchados sobre os hombros do cabo Antonio, o homem mais alto do nosso pessoal; não havia outro remedio.

A passagem das cargas além de se fazer com muita difficuldade, levou muito tempo, o que nos convenceu que era sempre melhor calcularem-se as marchas de forma que as passagens de rios quer em más pontes quer em canoas se fizessem no fim das jornadas.

Antes d'isso era perigoso pela rapidez com que todos pretendiam atravessar para seguirem logo para o ponto de acampamento com antecedencia determinado.

Os Lundas e alguns dos nossos carregadores que vinham atraz, ficaram numa pequena povoação em ruinas, um pouco antes da mudança de rumo para o norte. Xa Madiamba que marchava comnosco, aconselhado pelos seus a esperar ali pelo sobrinho e por alguns doentes, queria convencer-nos que tambem nós fariamos bem em acampar, ao que não annuimos por julgarmos conveniente effectuar a passagem do rio naquelle dia.

Estavamos almoçando, já depois das 11 horas, quando se nos apresentaram o soldado n.º 49 e os cinco carregadores que mandáramos ao Posto Allen buscar cargas de contaria. Foram e vieram na verdade com promptidão. Não havia novidade naquelle ponto. O doente Bezerra chamára um curandeiro da terra, o qual golpeara o abcesso do joelho na parte inferior por onde saira muito pus. Talvez aquella resolução fosse vantajosa; o tempo é que o havia de mostrar.

Informara-nos Agostinho Bezerra que os nossos rapazes, que tinham ido até ao rio Luangue á procura de mantimentos, deram noticia da secção do ajudante ter neste dia passado aquelle rio em uma jangada de bambu, e de ter acampado do outro lado onde se sentia gente fazendo grande alarido de alegria.

Havia povoações d'aquelle lado, mas os nossos não puderam comprar mantimentos por não encontrarem pilotos para os passarem.

Desanimou-nos esta nova, porque as cargas pesadas e os doentes de certo nos iam dar muito trabalho na passagem, e conhecemos que era indispensavel que a canoa acompanhasse o grosso da Expedição.

Depois das 3 horas appareceu do sul correndo para o nosso lado uma trovoada, e com tal imponencia se succediam os clarões e o ribombar dos trovões que sentimos o nosso systema nervoso fortemente abalado. Felizmente as cargas estavam bem abrigadas, mas já o mesmo nos não succedia, porque a nossa barraca estava muito esfarrapada, e quando a chuva nos acommettia impetuosamente valia-nos o ser quebrada a sua força entre as differentes camadas de arvoredo, aliás a barraca não resistiria.

Ficámos durante toda aquella longa noite á beira do rio num completo lodaçal, expostos não só as emanações dos detrictos vegetaes accumulados e em decomposição mas a uma grande humidade.

«Já que fomos obrigados a mudar de itinerario e a ter de dar uma grande volta pelo Caungula — escrevemos no nosso Diario — toda a vantagem está em avançar com rapidez fugindo á fome, e demorarmo-nos o menos tempo possivel entre os pantanos, embora as chuvas continuem a fustigar-nos.»

E neste proposito demos ordem a Jayme e ao interprete — visto terem chegado as cargas pesadas da secção do ajudante que ficaram para traz, bem como a cadeira — que seguissem de madrugada para o grande Luangue e que fossem estas e os seus carregadores os primeiros a passarem nas jangadas.

Accordámos muito cedo e contra o costume fomos despertados pelo toque de alvorada no acampamento dos Lundas. Receando que estes viessem encontrar-nos apressámo-nos em fazer levantar o acampamento, indo o interprete na frente para cumprir as ordens que recebêra.

Fizemos 5 kilometros de boa marcha no rumo E.-NE. até ao riacho Muluéji affluente do Luangue, e passando-o mudámos de rumo a N.-E., succedendo-nos como na vespera irmos pizando terras molles e por vezes encharcadas em direcção á testa de uma ferradura formada pelo denso arvoredo que contornava os dois affluentes, sendo esta marcha de 7 kilometros em que pouco nos afastámos do Muluéji. Quasi proximo da sua confluencia com o Luangue era o logar onde atracavam as jangadas.

Principiavam a passar as cargas sob a vigilancia do interprete quando chegámos, sendo a manobra das jangadas feita por dois dos nossos rapazes Massongos, por não terem apparecido os pilotos. Este serviço não lhe ser extranho.

Como o tempo era de chuva mandámos acondicionar as cargas, e armar as nossas barracas por o serviço se fazer com muita morosidade, não podendo passar mais do que uma carga das grandes, ou apenas duas pessoas por cada vez.

Era pequeno o espaço livre de arvores no sitio do embarcadouro, não podendo ahi estar mais do que a carga a embarcar e o pessoal para o seu serviço. Como os Lundas estavam a chegar, e apenas havia duas pequenas jangadas, calculámos logo que muito bom trabalho se faria naquelle dia se fosse possivel passarem todos os Lundas e as suas bagagens. Resolvemos aproveitar portanto a demora nesse e no dia immediato, certamente na margem direita, mandando Manuel Ignacio com tres rapazes ao Posto Allen para nos trazerem a canoa, promettendo-lhes uma gratificação se regressassem depressa.

Seguiram pelo caminho mais ao norte do nosso, directamente ao acampamento em que estiveramos na margem do Cabâma, e indo pernoitar no Andúa no dia immediato chegaram ao Posto.

Principiaram a chegar os Lundas, e Xa Madiamba sentou-se á beira do rio, sobre um grosso tronco que ali jazia, tocando chissanje. Annuiu elle a esperar que passasse a cadeira e ainda duas cargas que faltavam do ajudante, mandando no emtanto chamar dois pilotos, que vinham na sua comitiva e que de vespera tinham ido ao seu encontro com uma carga de mandioca que lhe levavam de presente.

Foi a primeira vez que vimos a mandioca a que elles chamam Candongo, um pouco differente da vulgar até ali conhecida, a que dão o nome de Candinga. Aquella é mais rija e mais branca, emquanto que esta é mais flexivel atirando na côr para o amarello. Vê-se muita da primeira nas terras do Caungula e talvez para isso influa a differença de altitude.

Conversando com Xa Madiamba, quando se interrompia a sua cantilena a meia voz, disse elle — Que nos ajudava a apressar a jornada por estas terras onde não havia de comer para a nossa gente, mesmo porque elle tinha interesse em chegar ao Caungula, para d'ali despachar portadores para os seus cárulas, Cumbana, Maii, Mussenvo, Chibango, Tâmbu-á-Cambongo e Manzári (é este um outro nome que dão ao Anguvo, que tambem já conhecemos por Mucanza). Queria fazer-lhes constar que seguia jornada na companhia de seu pae Muene Puto, afim de elles enviarem presentes de marfim que desejava entregar-nos, pois estava envergonhado por ainda o não ter podido fazer.

— Nós preferimos, lhe respondemos, não ter demoras na viagem a receber presentes agora; quando chegarmos á Mussumba então de bom grado acceitaremos o marfim que nos queira entregar para o apresentarmos a Muene Puto.

Chegaram os pilotos e começou a passagem dos Lundas que se fez vagarosamente, e como Xa Madiamba se occultasse debaixo de uma arvore á beira rio para proceder ás cerimonias da praxe com o seu Anganga, tratámos nós de nomear alguns rapazes para irem cortar bordões afim de se arranjar pelo menos mais uma jangada, visto estarmos informados que entre os nossos havia quem soubesse fazê-las.

A passagem de Xa Madiamba, que era a ultima, fez-se depois das cinco horas da tarde, mostrando elle o seu sentimento, por termos deliberado passar o rio só no dia seguinte depois de todas as cargas estarem do outro lado.

Durante o dia 21 estivemos occupados em fazer transportar as cargas para a margem direita, e tivemos de pernoitar ainda no mesmo logar, porque o serviço começára muito tarde em consequencia de dois rapazes de Quiteca, que de noite quizeram ir á margem direita, não terem amarrado devidamente uma jangada que foi levada pela corrente, e de se não encontrar a segunda que se suppunha devia de ter tido o mesmo destino.

Em vez de uma tivemos então de fazer duas jangadas, ás quaes se deu forma de prôa com amuradas tornando-as mais espessas que as dos Lundas. Como uma fosse mais comprida do que outra, e a proposito de um dito de um dos rapazes de Malanje, foram baptisadas a primeira com o nome de Custodio e a outra com o de Saturnino Machado.

Fizeram-se as experiencias como de costume á vara, verificando-se que a segunda tinha maior andamento, com grande applauso do pessoal, porque assim devia de ser visto que Saturnino andava sempre no sertão.

Só depois das nove horas é que começou o transporte das cargas, e tal era a confiança que os constructores das jangadas tinham na sua obra, que chegaram a passar de uma vez tres cargas, receando nós bastante por esse atrevimento.

Eram perto de onze horas quando nos appareceu um piloto de mandado de Xa Madiamba para nos auxiliar, indo encontrar uma jangada por elle encalhada na vespera.

Ainda assim este reforço que estimámos foi de pequena monta, porque depois de cinco ou seis viagens deram a jangada por inutilisada. O piloto e o seu companheiro que mais tarde appareceu, no empenho que lhe dessemos as jangadas feitas por nós e que estavam realmente boas, propozeram-se a render os nossos homens, que ás tres horas da tarde e contando já cinco de trabalho aturado e sem comerem, estavam deveras

fatigados. Haviam passado sessenta e duas cargas e quarenta homens para a margem direita.

Alguns dos nossos que já tinham cargas e bagagens do outro lado, para não esperarem a vez da passagem na jangada, animaram-se a atravessar o rio a nado, indo pela margem ganhar a altura necessaria para melhor cortarem a corrente.

Logo nas primeiras viagens um caçador Lunda pediu-nos passagem para apresentar ao Muatiânvua um feio e velho porco de matto que dizia haver morto. Á tarde Xa Madiamba mandou-nos uma grande posta de carne, a qual repartimos pelos soldados e Loandas que se não importaram que ella estivesse esverdiada e com um cheiro insupportavel.

Trabalharam ainda os pilotos até ao sol posto, e apesar de lidarem bem ainda ficavam muitas cargas por passar. Gratificámos cada um com quatro jardas de algodão e recommendou-se-lhes que viessem trabalhar no outro dia de madrugada para passarem o resto pois lhes pagariamos bem. Os homens disseram que vinham, mas o melhor pagamento para elles seria ficarem com as canoas, assim chamavam ás jangadas.

Gosando do explendido luar sentados á beira do rio, cogitavamos sobre qual teria sido a sua largura, em partes superior hoje a 100 metros, e a sua velocidade, superior á do seu affluente Luanguemuca; e chegámos a concluir que em tempo o primeiro rio que corre por vezes parallelo ao Luanguemuca, podia muito bem ter formado com elle um d'esses lagos que têem desapparecido pela desaggregação das terras numas dadas direcções mais de que em outras; e que talvez mesmo a grande depressão em que iamos caminhando para o norte, tivesse estado outr'ora por muito tempo coberta de aguas provenientes das elevadas altitudes visitadas no sul pelos nossos benemeritos exploradores Serpa Pinto, Capello e Ivens.

Seriam oito horas, convidou-nos Sezinando Marques para tomarmos uma chavena de chocolate com tiras de bombó torrado com manteiga. Era uma tentação a que se não podia resistir.

No dia 22 continuou a passagem das cargas, e nós ao meio dia passámos o rio estendidos sobre a jangada.

Caminhando depois pouco mais de um kilometro por um trilho tortuoso, parte em terrenos alagadiços e parte sobre uma rampa, encontrámos o acampamento em que pernoitaram os nossos. Se elles tivessem seguido de madrugada com os Lundas teriamos ido pernoitar a Cafundanga, ganhando assim um avanço de quasi 12 kilometros; mas os taes Massongos que já demonstravam serem muito peores que os antigos carregadores, de accordo com os Lundas e a pretexto de caçadas entenderam não caminhar e foram bater o matto.

Nós e o soldado n.º 54 fomos explorar a floresta á entrada da qual estava o acampamento, e caminhámos sempre na direcção de leste, marcando as arvores do caminho para não nos perdermos no regresso e seguindo sempre no intento de vêr o rio Luchico. Teriamos andado 4 kilometros sempre no planalto, quando vimos á nossa esquerda, a N., e em nivel inferior, mas distante, a povoação de Cafundanga. Desviando-nos um pouco para sul o terreno descaía suavemente, e a uma grande distancia via-se arvoredo numa linha que se nos affigurou ser para N.-E. e por isso entendemos ser melhor retirar, convencendo-nos que não havia vantagem para a Expedição em nos afastarmos do itinerario dos Lundas. No emtanto uma cousa verificámos, era haver caça nesta floresta, pelos vestigios da sua recente passagem, e propozemo-nos no dia seguinte ir com Augusto Jayme no trilho que seguiramos até á altura de Cafundanga e tomar então o rumo para lá, indo a Expedição pelo caminho ordinario com o sub-chefe. E ganhámos com esta resolução porque Jayme ao primeiro tiro que deu matou um bom antilope, o que para nós foi de grande ajuda, porque já ha muito que não comiamos carne fresca.

Tendo de descer para irmos a Cafundanga, fomos obrigados a atravessar um grande pantano, onde por vezes nos enterrámos até aos joelhos. Entrámos num covão e continuando a caminhar d'ahi em deante mais para norte, calculámos que teriamos sempre de descer e não nos enganámos.

Chegámos muito fatigados e transpirando muito. Por isso na fórma do costume, tirámos toda a roupa humida e embru-

lhámo-nos numa manta de lã. Deitados sobre a cama, depois de tomarmos uma chavena de café e o sulfato de quinina, esperámos que se arranjasse o almoço para então vestirmos roupa enxuta.

Tivemos de receber a visita de Xa Madiamba, que principiou por nos dizer que entendera do seu dever esperar ali por nós, e que o seu Calala e o nosso tinham ido pernoitar no Luchico, tendo ficado no acampamento a mala grande do ajudante, por que o carregador que a transportava não apparecera na occasião da partida.

Na vespera havia-nos participado o ajudante que os Lundas tinham reclamado rações, e que se as não recebessem não transportavam mais cargas, e que o Muatiânvua era de opinião que se deviam de dar. Aproveitámos a visita de Xa Madiamba para lhe dizer que mal fizera em não ter continuado a viagem com a sua gente, pois nós estavamos dispostos a pouco nos importarmos com elle e com os seus Lundas; que não davamos mais nada aos seus carregadores emquanto não chegassemos ao Caungula, e que se não quizessem transportar as cargas, melhor para nós, queimavamos todas as que eram destinadas para a Mussumba e seguiriamos a nossa viagem para onde julgassemos mais conveniente, e que a primeira carga a queimar seria a caixa grande que o ajudante deixára no acampamento; finalmente que estavamos fartos de o aturar a elle e a todos os seus e por isso procurariamos o nosso socego.

Tanto elle como os Cacuatas com quem elle viera visitar-nos, ou para nos agradar ou porque receassem que pozessemos em execução o que diziamos, immediatamente nos deram razão e disseram que até ao Caungula ninguem mais nos pediria rações, nem haveria mais demoras.

Vieram dar-lhe parte que tinham chegado portadores do interior e elle retirou dizendo-nos que voltaria para nos fallar; o que nos fez crer que alguma cousa vinha pedir.

Já depois de almoçarmos appareceu elle montado no seu quimangata acompanhado de alguns rapazes, um dos quaes puchava por um cabrito.

Sentou-se e disse-nos que aquelle cabrito lh'o haviam dado na vespera, e que entendera dever guarda-lo para as visitas. Com vergonha o trazia por ser muito pequeno.

Recusámos ao principio acceita-lo, porque não queriamos que os seus dissessem que estavamos zangados por não nos ter dado um presente, e que quando mais para deante os seus quilolos o presenteassem com animaes maiores então repartisse comnosco; que por emquanto precisava elle que lhe dessem de comer, e que pela nossa parte estavamos remediados.

Diversos individuos usaram então da palavra no sentido de que o nosso amigo tomava a recusa como uma desfeita, e que lhe tinhamos zanga por causa das asneiras dos rapazes. Dissemos então que mandasse elle matar o cabrito e nos enviasse uma perna. Tambem não quiz. Propozemos por ultimo mandar matar a rez e dividi-la ao meio, ficando cada um com a sua metade; assim se concordou com applauso de todos.

Estava já o homem levantado para retirar quando appareceu um dos cabos dos carregadores a fazer uma queixa. Pedia justiça contra o Muatiânvua. Achámos isto tão curioso que convidámos o nosso hospede a assentar-se de novo para ouvir o cabo

Eis o caso — Um cão da gente do Muatiânvua comera os dois quartos trazeiros de uma corça que o queixoso e os seus haviam comprado. Procuraram o Muatiânvua para este lhes pagar o quitúchi, e elle não quiz.

—Até aqui, observámos nós ao cabo, sabiamos que os das terras por onde transitam os viajantes, por qualquer pretexto, se lembram de armar um quitúchi; porém os viajantes fazerem-no aos donos das terras e sobre tudo ao Muatiânvua, é caso novo! O que mais me admira é que você o procurasse para esse fim. Se isto se desse na Mussumba, quando elle já estivesse investido do seu cargo de certo você não ousaria fazer o que fez. Pediria providencias contra o dono do cão, mas mesmo para isso tinha de apresentar o seu pedido com todo o respeito. Se tinha fome devia-nos procurar a nós, e não a elle. Ainda se não providenciou sobre o modo de evitar os

roubos feitos por cães, senão enxotando-os ou guardando as cousas de modo que elles lhe não cheguem. A nós succedeu-nos o mesmo ha dias, o cão pertencia-lhe, e nós não nos queixámos.

Riram muito os Lundas com a nossa argumentação, mas o Xa Madiamba, não obstante conhecer da sem razão do queixoso, mandou-o ir ao seu acampamento para lhe dar um pedaço de carne, advertindo-o que tivesse cuidado com os cães de dois pés, que eram mais ladrões que os que tinham quatro.

Não se atrevera Xa Madiamba a fazer-nos o pedido que queria, mas depois mandou-nos procurar para lhe darmos duas jardas de algodão e zuarte para barras de um panno que estava fazendo. Pagava-se assim do cabrito.

De tarde fomos assistir á audiencia em que eram recebidos os tres enviados do interior. Vinham completamente enfarinhados da cintura para cima e traziam na cabeça uma especie de espanadores de pennas de gallinha. A certa distancia do logar da audiencia, logo que avistaram o Muatiânvua vieram batendo as palmas e gritando: *vudiê! calombo!* etc.

Avançaram depois, rojaram-se no chão rolando de um para outro lado, demorando-se quando ficavam de ventre para o ar, isto acompanhado com ruidosas exclamações de alegria por verem o novo Muatiânvua.

Um d'elles, o de mais importancia na casa de Muitia, e que estava no centro, foi quem tomou a palavra. O seu exordio foi longo. Referiu scenas da vida do Muatiânvua Ambumba (Xanama), as suas barbaridades e as que se deram depois com os que lhe succederam até á data em que elle partira da Mussumba. Narrou depois as combinações dos quilolos para Ianvo, Suana Mulopo de Muteba, ir occupar o logar que de ha muito tempo lhe pertencia. Terminou o seu discurso mencionando os enganos que se tinham dado com os boatos da sua chegada ao Cassai, e mencionou os individuos que já não existem por acreditarem nesses boatos e que procuraram vir ao seu encontro, uns mortos pelos Quiocos que os assaltaram nos caminhos e outros por ordem do Muriba que os considerara feiticeiros.

Xa Madiamba agradeceu-lhes o terem vindo procura-lo, e aos seus amos o lembrarem-se ainda d'elle; declarou os motivos por que retirára da Mussumba e por que se tinha conservado sempre fóra da politica; desculpou-se dos boatos que pela Mussumba se espalharam de ter chegado ao Cassai, pois nem mesmo ao portador que por tres vezes o fôra chamar dissera acceitar o convite que lhe faziam os quilolos. Era certo que o estavam depois d'isso chamando constantemente, e só o seu avô Caungula poderia por emquanto saber que elle estava em marcha, mas ainda assim este não tinha a certeza de que elle acceitasse o cargo de Muatiânvua, pois dispozera-se a acceita-lo com condições, e para as apresentar é que se animara a ir ter com elle e só depois do que se tratasse entre Caungula e Mucanza tomaria a deliberação, ou de continuar a viagem ou de retirar para o seu exilio.

O Cacuata do Muitia, perguntado por Xa Madiamba, narrou então que de facto seu amo, por mandado de Cangapua, fôra levar uma guerra a um quilolo a quem matára muita gente fazendo-lhe 60 prisioneiros dos quaes mandou 30 ao Muatiânvua, mas que fôra depois para o seu sitio com os outros e que nunca mais voltára, por terem começado as intrigas na côrte contra elle e estar receoso que o Muatiânvua o quizesse mandar matar.

Xa Madiamba ouvindo isto não poude conter-se e exclamou — Sempre os mesmos! Na Mussumba os quilolos não pensam noutra cousa senão em beber, nas raparigas e em se intrigarem uns aos outros. Eu sou uma das suas victimas e julguei que estavam agora mais emendados! É por isto que eu ainda tenho algumas duvidas em ir tomar conta do Estado que me pertence.

Passando a conversa a generalidades retirámo-nos.

A marcha no dia 24 foi realmente fatigante, por causa das grandes differenças de nivel a vencer, que se não podem representar devidamente no esboço do itinerario, pela falta de cotas de altitude em pequenas distancias do percurso. O rumo em média, salva a variação da agulha foi E.-NE. Desenvol-

viam-se as serras umas após outras de S.-E para N.-W. descaindo todas mais ou menos para os quadrantes de norte, e ao transpo-las desciamos sempre mais do que subiamos, tendo por vezes de contornar pantanos e de atravessar terras mais ou menos encharcadas. Até chegarmos ao rio Ruiza affluente do Luchico foi o nosso percurso de 13,5 kilometros. Atravessado este rio subimos a um planalto, que descaindo para norte nos proporcionou um grande horizonte entre serras acastelladas, apresentando os seus cumes linhas de contorno muito variado.

Permitta-se-nos a comparação — estivemos de pé sobre a mais alta bancada de um amphitheatro natural, tendo por cobertura o firmamento azul, e cujo piso eram lagos, terrenos encharcados, secções dos rios Luchico e seus affluentes que se viam aqui e além, recurvados em diversos sentidos, e que pela quietação em que nos parecia estarem as aguas e pelo effeito dos raios solares sobre ellas, nos faziam lembrar espelhos engastados em verdejantes alfombras.

Era de um effeito prodigioso este quadro da natureza com que deparámos, e enlevados nos detivemos por algum tempo a contempla-lo.

Ao descer, tivemos de fazer um extenso rodeio para nos desviarmos de um grande pantano e procurarmos caminho para subir a uma extensa planura, parecendo aquelle caminho como um chanfro na aba da serra, perigoso por vezes, vendo-nos forçados em alguns pontos a deitar as mãos a raizes e penedos para nos auxiliarmos na ascenção.

Teriamos andado 1:500 metros no rumo de N.-E. quando avistámos uma povoação de Quiocos, proximo da qual estava acampada a primeira secção e o Calala do Muatiânvua.

Queriam os nossos acampar ali mas não o consentimos, ordenando que seguissem para a margem do Luchico.

O ajudante veiu esperar-nos e offerecer-nos o seu almoço, de que não nos utilisámos porque queriamos passar o rio logo. Pedimos-lhe que mandasse umas bolachas para comermos pelo caminho, pois o sub-chefe tinha ficado para traz e não sabiamos se teria vontade de vir ao nosso encontro.

POSTES MOBILES À BORD DE LA VOITURE

Um pouco mais adeante appareceu-nos o Calala, pedindo para não seguirmos porque o Muatiânvua determinára acampar naquelle logar, mas nós continuámos a marcha sem lhe prestar attenção.

Na nossa marcha até ao rio, no rumo E. ¼ E.-NE., em terreno muito ondulado, e que foi de mais de 3,5 kilometros, vimos algumas povoações, linhas de agua, das que seccam no estio, e abundancia de morros de salalé, chegando alguns pela sua altura a figurarem-se-nos como mausoleos num cemiterio.

Chegámos á margem alta do rio, o qual corria com bastante velocidade sobre grande numero de pedras, algumas das quaes não chegavam a ser cobertas pela agua. Em resultado da muito fadiga e aproveitando a sombra do frondoso arvoredo, estirámo-nos sobre umas esteiras de Augusto Jayme esperando que fossem apparecendo os nossos carregadores e alguem que se lembrasse de nos trazer alguma cousa de comer. Transpiravamos muito, mas como traziamos cognac no cantil misturámos algum com agua, o que nos permittiu mitigar um pouco a sêde sem receio de que a frescura da agua nos fizesse mal.

Uma hora depois appareceu o sub-chefe, que nos animou a passar o rio sobre a pessima ponte meio desmantellada, suspensa em parte por cordas pendentes das grandes arvores nas margens e em parte assente sobre as pedras do fundo.

Para lá chegar tivemos de descer uns 40 metros por degraus talhados de proposito pelos indigenas na rocha viva da escarpa marginal.

A ponte que não tinha guardas era feita em dois lanços, aproveitando-se os apoios naturaes de modo a resistir melhor á violencia da impetuosa corrente, devida ás quedas d'agua proximas. Regulava a largura do rio por 50 metros, e o taboleiro da ponte, se tal nome se póde dar aos mal dispostos e tortuosos troncos, era rasado pela agua. Com grande risco a passámos aos hombros de dois homens.

Subimos depois cerca de 25 metros, e numa planicie, a uns 200 metros de distancia do rio, e á sombra de arvores frondosas, mandámos armar as nossas barracas; era perto das duas

horas da tarde. Logo em seguida, na forma do costume, atirámo-nos para cima da cama, esperando que nos arranjassem alguma cousa de comer.

Informaram-nos haver a um kilometro mais para o norte uma ponte melhor feita pelos Quiocos da povoação em que encontrámos o ajudante, e por onde passaram uns rapazes da povoação de Quiteca que vieram do interior, e tambem os Bângalas de Xa Muteba, os quaes foram acampar mais adeante na margem direita do Luele.

O cabo Antonio, que acompanhára Otto Shutt, disse-nos que este passára aquelle rio muito mais ao norte em canoa, tendo ahi uma grande largura, mais de duas vezes a que viamos neste logar.

Perto da noite queixou-se o sub-chefe de uma grande pontada, mas pediu-nos que não se alterasse a ordem dada de seguirmos no dia seguinte para o Luele, pois reconhecia a necessidade de chegarmos o mais depressa possivel ao Caungula, para fugir ás chuvas que já nos tinham feito muitos estragos nas cargas.

Como elle nos affiançasse que apenas precisava de repouso por se ter fatigado muito com a jornada da vespera, partimos na madrugada de 25 para o Luele. A marcha foi pequena, de 7 kilometros, e no rumo quasi de leste, caminhando-se primeiro sobre a cumieira de uma serra para descermos depois a uma larga savana que se estendia em declive muito suave para o rio, e que no tempo das grandes cheias deve de ser um extenso pantano.

Numa encruzilhada de caminhos, á entrada d'esta savana, encontrámos o Calala e sua gente já acampados; tinham para ali ido pernoitar de vespera aguardando a chegada de Xa Madiamba. Era um verdadeiro posto telegraphico que ali estava, pois logo que d'elle nos despedimos, o chinguvo transmittiu a Xa Madiamba a noticia — de que tinhamos passado, e de que tencionavamos acampar na margem direita do rio.

Iamos errados pelo caminho de N.-E. que se dirige a uma povoação de Quiocos, e o Calala reparando nisso veiu ter com-

RIO LUKLE

nosco e guiou-nos ao logar em que atracavam as canoas, chamando os pilotos para nos passarem.

O rio tinha cento e noventa metros de largura, e para norte viam-se ilhas destacadas sobrepujadas de arvoredo baixo, de arbustos e mais vegetação. As suas margens arborisadas eram muito baixas e havia pontos já bastante encharcados, tendo nós precisão de passar aos hombros de dois homens na extensão de uns 15 a 20 metros para entrarmos na canoa.

Aconselhara-nos o Calala que fossemos acampar numa povoação proxima a leste, que era para onde tencionava ir Xa Madiamba, mas nós preferimos ficar a uns 300 metros de distancia do rio, num sitio que encontrámos muito aprazivel, e onde havia bastante sombra.

Emquanto andámos vendo os arredores e o rio, a mulher de Jayme arranjou-nos um petisco de amendoim pisado com pimentinhas, sal e milho, a que chamam quitaba, e que, com bombó torrado, nos soube muito bem.

Numa povoação visinha o Paschoal comprou fuba, e o soldado n.º 54 arranjou-nos um bom almoço — meia lata de peixe com molho de caril e infunde, e um pedaço de carne assada de antilope, que o nosso criado Antonio conseguira comprar.

Sentimo-nos bem e dormimos em seguida uma boa hora.

Ás duas horas sentámo-nos á sombra de uma arvore para escrever e principiaram a rodear-nos homens, mulheres e creanças da povoação proxima, com curiosidade de verem o branco.

Notámos serem as mulheres mais altas do que as que vimos com frequencia, bem feitas de corpo e sympathicas, todavia a descompostura em que se apresentaram causou-nos uma certa repugnancia. Algumas apenas traziam um farrapo de mabela como cobertura. Entre ellas chamou a nossa attenção uma que se achava em estado adeantado de gravidez, e como nos demorassemos a observa-la, notou-o, e a pouco e pouco procurou occultar-se entre as companheiras, até que conseguiu desapparecer de todo.

Ao mais pequeno acenno ou gesto que naturalmente fazíamos as mulheres que nos rodeavam fugiam, como quem pro-

cura esconder-se, porém chamando nós duas crianças de 5 a 6 annos para que se approximassem, ainda que tremendo foram-se chegando vagarosamente. Acariciámos uma e outra e sentando-as nos joelhos entretivemo-las mostrando-lhes o relogio e a bussola que tinhamos nas algibeiras.

Depois em roda da cintura de cada uma prendemos uma jarda de algodão, e logo que as pozemos no chão foram correndo batendo as palminhas e muito satisfeitas juntar-se ás mães que já se tinham approximado mais de nós. Tornou-se então geral a alegria, sendo grande a vozearia e palmas do mulherio.

D'ellas partiram os boatos que se espalharam ácêrca da bondade do homem branco que Muene Puto mandava á Mussumba. Muito tinhamos ganho em popularidade.

A mãe das crianças voltou passava das 4 horas, e em signal de reconhecimento pelo modo porque trataramos seus filhos trouxe-nos uma capaia de fuba e seis ovos. Tivemos dó d'ella e quizemos dar-lhe duas jardas de algodão que de nenhum modo queria acceitar, e só o fez quando lhe dissemos ser a recusa uma demonstração de que queria ficar mal comnosco. É o caso de se dizer — que quem meus filhos beija minha bocca adoça.

Uma velhita, que nos disseram ser da mesma familia, trouxe-nos tambem mandioca e junguba; acceitámos, recebendo ella jarda e meia de algodão com que ficou muito contente.

Veiu depois uma rapariga aceada, de formas elegantes, com finissima pelle, sem uma ruga visivel, mais parecendo uma vestidura justa de setim; trouxe-nos fuba e uma gallinha. Foi-nos apresentada pelo soldado Paschoal, que nos disse ser ella filha da mulher que de manhã lhe vendera a fuba que trouxera para o nosso almoço. Ficara ella de a mandar de tarde trazer-nos alguma cousa de comer, para que vissemos que nada tinha para vestir, e que o algodão não era proprio para a sua edade.

Como os objectos que trazia valiam bem 4 jardas demos-lh'as de uma peça de xadrez que ella escolheu entre algumas que lhe mostrámos, e foi muito contente dizer ás suas compa-

nheiras — Que nunca pensára que um filho grande de Muene Puto tivesse assim coração tão bom para os pobres.

Como apparecessem mais presentes, encarregámos Jayme e Antonio de ajustarem e comprarem tudo, pois d'outra forma não os podiamos acceitar, porque não queriamos o prejuizo de ninguem.

Não ha fome que não dê em fartura! Nada trouxeramos comnosco de mantimentos e já podiamos esperar tres dias pelas nossas caixas de rancho.

Tambem appareceram alguns Quiocos de uma povoação a N.-W. e como fugissem, perguntámos que mal lhes faziamos? Sentaram-se então e disseram — que lhes era muito agradavel o passar por ali o Muatiânvua, homem velho de quem eram amigos, e que já tinham prompto os milambos para lhe dar. Prevenidos de que se queriam vender alguns mantimentos os trouxessem ao nosso acampamento no dia immediato, vieram com effeito para negociar com cabras, gallinhas e fuba.

Xa Muteba, que estava com as suas comitivas acampado na povoação de Samba, para onde o Calala queria que nós fossemos, veio com dois Ambanzas cumprimentar-nos, mostrando-se muito satisfeito por nos ver já naquelle logar e pedindo que nos interessassemos para fazer seguir o Muatiânvua com a maior brevidade possivel, porque os seus rapazes estavam já muito descontentes por consumirem com as demoras o que traziam para negocio.

Havia tres dias que estavam esperando Xa Madiamba como haviam combinado, e disse-nos, que se elle não viesse no dia immediato receava que os rapazes fossem roubar as povoações, o que era mau para todos.

Tinhamos feito as maiores diligencias para arrancar Xa Madiamba dos logares em que acampava, e acreditámos que a sua pouca presteza era para dar tempo á chegada de qualquer resposta que esperava, e para encontrar pelo transito quem lhe apresentasse comida. Os que o rodeavam tambem nos parecia que se não achavam com forças de o aconselharem a apressar a marcha.

Em todo o caso dissemos aos Ambanzas que se não fosse no dia seguinte, no immediato avançaria o sub-chefe com o maior numero de cargas possivel, pois talvez assim elle se movesse. Contaram-nos então que a demora na margem do Luchico, fôra devida a perderem a noite vendo dançar as mulheres dos Quiocos, que assim festejaram a chegada do Muatiânvua, e receavam que no Caja-quia-Quieza, onde tambem havia povoações de Quiocos, succedesse o mesmo.

Á vista de taes informações pareceu-nos conveniente que o ajudante fosse mandando todas as suas cargas para a margem, porque tendo por felicidade chegado a nossa canoa facilmente as fariamos passar o rio. Esta faina teve logar no dia immediato depois de passarem todas as cargas do sub-chefe, no que fomos muito auxiliados pela canoa dos indigenas os quaes gratificámos.

Ás 11 horas do dia 26 almoçámos com o sub-chefe. Pouco depois appareceu-nos o ajudante por causa de um recado mal intrepretado, e aproveitámos a sua presença para combinarmos que o sub-chefe partiria para Caja com a maior parte da comitiva, e elle ajudante regressaria ao acampamento e trataria de influir com Xa Madiamba para avançar e fazer toda a diligencia para não haver mais demoras.

Seguiu o sub-chefe com os Malanjes e todos os carregadores que se poderam arranjar, isto depois de nos zangarmos muito com Quiteca, que procurava enganar-nos com as suas costumadas mentiras. O Calala vendo partir o sub-chefe rompeu a vociferar que nós não eramos amigos do Muatiânvua, pois que os Bângalas lhe disseram que fariamos seguir a nossa gente para o Lubuco e que desprezavamos os Lundas. Conheciamos bem o que valiam os ademanes grotescos e a gritaria do nosso amigo Calala, e por isso não lhe ligámos importancia.

Como os Bângalas nos dissessem que esperavam o Muatiânvua, e que tencionavam dar tiros á chegada d'elle, distribuimos polvora pelos nossos rapazes que puzeram as suas melhores roupas para o irem esperar tambem; os que remavam na canoa vestiram as suas fardas encarnadas.

Estavamos na margem do rio, concluindo o serviço da passagem das cargas, quando nos appareceu o Suana Mulopo pedindo passagem na canoa para ir ao encontro do tio, pois viera prevenir Mona Samba para esperar o Muatiânvua, e como alguem já tivesse dito que este estava resolvido a só passar o rio no dia immediato, recommendámos-lhe que dissesse a seu tio que era um bom conselho não se importar com pequenos milambos e que viesse já, pois todos o estavamos esperando e que se não viesse logo, fechavamos então a canoa para seguirmos de madrugada para Caja-quia-Quieza.

Houve depois troca de recados. O ajudante assegurava-nos que Xa Madiamba não vinha, e por isso perguntava se podia avançar, embora ficassem alguns Lundas com cargas. Não era isto conveniente e insistimos em que elle empregasse todos os seus exforços para que viessem as cargas e tambem Xa Madiamba.

Resolveu-se emfim a questão, e correndo do interior para a praia vieram os Bângalas aos saltos e com cantos de guerra trazendo á sua frente Xa Muteba, que nos assegurou ter sido avisado para ir buscar o Muatiânvua. Os nossos sairam tambem armados do acampamento ao uso gentilico. Xa Muteba vendo-os, deu ordem aos seus para irem esperar os nossos. Toda a praia que é extensissima era pouca para uns e outros, era uma perfeita inferneira de parte a parte e isto sob um sol de rachar! A gente das povoações toda barrada de branco rolava por terra numa alegria indescriptivel. Os Bângalas enthusiasmados gritavam: — Nosso pae Muene Puto, faça com que venha já o Muatiânvua, aliás abalâmos e vamos roubar as lavras! Não podêmos esperar mais tempo, temos as mulheres e filhos em casa esperando que voltemos do nosso negocio, e estamos aqui empatados.

Lá os contentámos com promessas que provocaram grandes ovações, dançavam tambem e tudo isto acompanhado de muita bulha e gritaria de ensurdecer.

Por felicidade começou emfim a apparecer a comitiva do Muatiânvua.

A pesada e medrosa Muári passou o rio, havendo desequilibrado por vezes a canoa; seguiu-se-lhe o Muatiânvua e o Suana Mulopo, que passaram ao toque da harmonica.

Logo que o homem poz os pés em terra, começou um bom tiroteio de fuzilaria na praia e isto intermediado com saltos, corridas, brados, assobios e grandes cambalhotas. Pela primeira vez vimos um quimangata deitar-se por terra de forma a servirem-lhe as costas de assento para o Xa Madiamba.

Custou-nos tanto isto, que offerecemos ao potentado uma das nossas caixas de cargas que estava ainda na praia para elle se sentar emquanto foram buscar a nossa cadeira, e mandámos levantar o quimangata dizendo-lhe — que o Zâmbi não fez o homem para servir de assento a ninguem.

Xa Madiamba abraçou-nos, agradecendo os grandes favores de que nos era devedor e o termos esperado por elle.

Pareceu-nos commovido com a ovação, mas foi só algum tempo depois que se dignou olhar para os homens da povoação que se rojavam a seus pés e para as mulheres, tambem barradas de branco, que a um e outro lado d'elle batiam as palmas esperando merecer-lhe um aceno da sua grandeza; correspondendo-lhe a final por nossa indicação, levantaram-se os que se espojavam e todos em silencio vieram formar roda em torno do nosso grupo.

Tinha Xa Madiamba de attender aos discursos e felicitações, e como estivesse muito sol lembrou-se de nos dizer que retirassemos e que fossemos para o acampamento, porque elle ainda ali tinha demora e que depois iria conversar comnosco; o que estimámos.

Como desejava ir para a povoação de Samba não o contrariámos, indo o ajudante estabelecer o seu acampamento ao lado do acampamento d'elle, pelo facto de serem os carregadores na maior parte Lundas.

Na povoação do Samba houve grande distribuição de malufo, de que partilharam os Bângalas e muitos dos nossos, que para lá foram á noite com os musicos para as danças com as raparigas da terra.

Em consequencia da excitação dos animos resultou sermos despertados ás 11 horas da noite por Augusto Jayme, que nos deu parte de um grande motim entre os Bângalas, a gente da povoação de Samba e os nossos Massongos, por causa de roubos de lavras e de creação. Um papagaio e até a propria mutopa do Muatiânvua desapparecera na refrega!

Adolpho livrára um Songo de levar uma boa cutilada, e os Bângalas já haviam confessado em parte o roubo, affirmando que tambem os Massongos eram coniventes. Jayme disse tambem que Xa Madiamba estava muito incommodado por esta scena se passar numa povoação que pertencia a seu avô Caungula, o qual lhe offerecera hospitalidade, mostrando-se arrependido de não ter acampado junto de nós como lhe haviamos dito. A Muiri censurava-o por não ter attendido aos nossos conselhos de despachar os Bângalas, que á sua sombra estavam roubando as povoações.

Segundo a ordem que lhe haviamos dado de manhã logo que o sub-chefe acampou, Quiteca regressara ao nosso acampamento para no dia immediato seguir com o resto da sua gente e os que se diziam doentes, para a secção do sub-chefe; por isso logo que tivemos conhecimento dos roubos, mandámo-lo chamar, e não obstante mostrar-se extranho ao que se passára, por nossa ordem foi immediatamente indagar quaes dos seus rapazes tomaram parte nos roubos, obrigando-os a apresentar os objectos ou valores equivalentes para se mandarem ao Muatiânvua, antes que este nos desse parte de que os filhos de Muene Puto o haviam roubado.

Os Massongos apresentaram o papagaio e a mutopa e pagaram em fazenda uma cabra e duas gallinhas que já estavam cosinhando. Na madrugada de 28 Jayme foi entregar tudo a Xa Madiamba.

Pouco depois fomos nós fallar com elle, para combinar a partida do ajudante e o logar para onde devia seguir, visto que o sub-chefe fôra enganado no caminho. Encontrámos Jayme já de volta com a fazenda, dizendo-nos que o nosso amigo Muatiânvua não quizera acceita-la porque o sr. major não pa-

gava crimes nestas terras que eram de Muene Puto. Mandámos voltar Jayme e dizer-lhe — Que não era o sr. major que pagava, porque o sr. major não fazia roubos e sim os que roubaram e comeram os animaes, e isto mesmo não era castigo; o castigo ainda o haviam de ter.

Quando chegámos estavam elles discutindo a pendencia a que pozemos termo, de modo que sem repugnancia foi acceite a fazenda para se pagarem ao dono da terra os prejuizos.

Como estavamos sobre uma elevação emquanto conversavamos com Xa Madiamba e o terreno descesse para o lado do norte, quiz o acaso que occulto com as arvores que estavam na crista do talude descobrissemos Quiteca fallando muito á mão com o Canapumba. Surprehendidos, como é natural, por elle ainda lá estar quando o esperavamos a caminho com a gente que partira de madrugada para o acampamento do subchefe, dirigimo-nos a Quiteca com o fim de o interrogar, mas á medida que nos approximavamos, descobriamos todo o declive e espalhadas entre o capim vimos as nossas cargas e acocorados aqui e ali alguns dos carregadores.

Perdemos a nossa usual prudencia, e num movimento rapido tirámos da mão do Canapumba um grande bengallão, e bastante excitados e sem perguntarmos do motivo da demora, caímos em cima dos primeiros que alcançámos descarregando-lhe varias bordoadas com toda a força.

A maior parte d'elles fugiram, mas como tivessem apparecido seis dos nossos soldados e contractados que nos haviam acompanhado, ordenámos-lhes que amarrassem immediatamente Quiteca, prendendo-se-lhe os pulsos atrás das costas com uma corda que mandámos buscar ao acampamento do ajudante.

Não se chegou porém a effectuar esta operação, porque vieram todos os fugitivos rojar-se aos nossos pés pedindo clemencia para o irmão do seu soba.

Estimámos que assim succedesse, e ouvindo-os a todos, soubemos que haviam influido no animo dos principaes, as promessas dos que rodeavam o Muatiânvua de os gratificarem com moleques se demorassem a viagem. Reconhecendo que

tinham andado mal iam seguir logo para o acampamento do sub-chefe.

Cada um tratou de levantar a sua carga e de seguir nesse destino, sendo acompanhados por dois soldados de Loanda até á passagem do primeiro rio, e não até áquelle acampamento como haviamos determinado, por acreditarem os soldados que elles para lá iriam. Foi esta mais uma contrariedade que muito nos incommodou.

Voltando á audiencia de Xa Madiamba, encontrámos lá Xa Muteba e alguns Bângalas tratando da questão do roubo da vespera e apresentando as indemnisações. Interrompemos o que se fazia para dar largas á nossa colera, censurando o procedimento de todos os Lundas.

Procurava Xa Madiamba tranquillisar-nos dando-nos razão como de costume, quando fomos interrompidos por um soldado do acampamento do sub-chefe, participando estar a gente da sua secção demorada numa povoação de Quiocos, porque um guia os levára para ali enganados, e que estavam desviados do caminho, não tendo ainda partido nesse dia não só por causa das chuvas mas porque alguns rapazes se diziam doentes.

Nova contrariedade era esta, porque a comitiva de Quiteca decerto nesse dia não encontrava aquella secção e ficava durante o dia e noite sem gente de confiança para a vigiar, e sto dava-nos agora tanto mais cuidado porque na vespera o soldado n.º 54 e Jayme nos preveniram que haviam descoberto iterem os Massongos feito alguns roubos nas cargas.

Era indispensavel providenciar, e o dono da terra a nosso pedido apresentou-nos um guia que marchou com o soldado n.º 49 a fim de pôr a secção a bom caminho, e partiram dois contractados de Loanda pelo trilho que levara Quiteca afim de animar a gente a proseguir na marcha ao encontro da secção, e se os encontrasse já acampados para pernoitarem com elles vigiando as cargas.

Convidara-nos o ajudante para almoçar, e como já era tarde acceitámos, porque de mais tornava-se indispensavel que elle partisse no dia seguinte, devendo nós seguir de madrugada com

toda a nossa gente e cargas para o seu acampamento, afim de providenciarmos sobre qualquer incidente que occorresse, visto serem Lundas a maior parte dos seus carregadores.

Lembrou elle a conveniencia de se distribuirem rações ao seu pessoal, por já terem passado dois dias sem se lhe dar cousa alguma e para o animar a proseguir. Não querendo contrariá-lo, dissemos que désse como deliberação sua apenas duas jardas de fazenda a cada homem, fazendo-lhes sentir que tanto nos haviam zangado todos que não queriamos que se dessem rações emquanto não chegassem a Caja, e que não era conveniente fallarem em semelhante cousa.

Prevenimos Xa Madiamba da partida do ajudante, recommendando-lhe que fizesse avisar os Lundas que tinham de seguir com elle, e que nós viriamos de madrugada para aquelle acampamento, ficando certo que havendo mais pretextos dos Lundas para não marcharem ficavamos inimigos.

Regressando ao acampamento appareceu-nos o Muitia de mandado do Muatiânvua para nos acompanhar; dispensámo-lo d'esse serviço dando-lhe uma porção de tabaco para provar a seu amo que foramos nós que o dispensámos.

Muito incommodados moralmente, ficámos pensando na resignação e paciencia que era preciso ter para supportar todas as contrariedades que se levantavam a cada passo na difficil situação em que caminhavamos, sempre na dependencia d'estes povos gentios, contrariedades que de alguma forma se podiam atenuar, se os homens que nos acompanhavam quizessem auxiliar-nos.

Mas os nossos carregadores eram os peores, eram elles que davam o maior contingente para aggravar os embaraços, e astuciosos na malicia, que nem o gentio conhecia, appellavam constantemente sob pretextos futeis para a benevolencia do chefe, querendo com elles mascarar os insuccessos, as faltas mesmo graves, ou os prejuizos que só podiam attribuir-se em uns á ignorancia, nos mais espertos aos seus propositos egoistas.

E sobre a direcção superior de uma Expedição d'esta ordem recae tudo, encontrando-se muitas vezes só com a sua boa von-

tade e os proprios recursos para providenciar em harmonia com as instrucções que lhe foram confiadas.

Tinhamos duas fracções da Expedição uma para cada lado, devia partir uma terceira no dia immediato, e sendo tão conhecido o caminho para o Caungula, estavamos na incerteza de quando todas as fracções se tornariam a reunir!

Parecia impossivel que isto succedesse, diziamos nós, mas era para conhecermos de tudo!

Tinhamos tido desordens, roubos, incendios, abandono de cargas, falta de carregadores, demandas, enganos de caminhos e marchavamos com um homem que nos confins do Estado do Muatiânvua era reconhecido como a primeira auctoridade, e que só lhe faltava lá chegar para se investir no poder!

Não nos faltavam para contar sobre tudo isto, as inclemencias do tempo, os maus abrigos, sentindo-se já por vezes a escassez de recursos alimenticios, e isto estando nós apenas á entrada da extensa região que tinhamos de atravessar para attingir o ponto principal das nossas operações! E como nós contavamos desde o principio, o peor estava para vir.

Entrámos no acampamento dispostos a irmos trabalhar muito socegadamente na nossa barraca, e quando chegámos apresentou-se o Lunda que na vespera se compromettera a levar-nos gado meudo para vender. Trazia tres cabras pequenas que comprámos. Mandámos a mais pequena de presente a Xa Madiamba, ordenámos que se matasse a segunda que repartimos com o ajudante, reservando a terceira para mais tarde.

Tudo isto estava já concluido quando nos appareceu o vendilhão com um homem que se dizia enviado de Xa Madiamba, dizendo-nos que este lhe mandára duas armas lazarinas exigindo-lhe as cabras.

Tivemos um momento de desespero!

Perguntámos ao homem se estava satisfeito com o negocio que havia fechado comnosco, e como elle declarasse que sim, virámo-nos para o companheiro e rapidamente dissemos não acreditar que o Muatiânvua se atrevesse a mandar ao nosso acampamento fazer concorrencia em negocios de mantimentos

e que como elle era um embusteiro, ia ser amarrado pelos nossos soldados que assim o levariam ao Muatiânvua para este o castigar.

Foi isto o sufficiente, o homem largou as armas no chão e tratou de correr a bom correr, o que deu logar a uma grande assuada dos nossos.

Lembrando-nos que o vendilhão podia soffrer as consequencias do seu mau proceder, mandámos Jayme levar as armas ao Xa Madiamba e narrar-lhe o succedido, pois devia de ter recebido uma das cabras que enviaramos antes de chegar aquelle homem para as comprar, e pediamos-lhe que recommendasse á sua gente que fosse ás povoações comprar o que quizessem mas nunca ao acampamento de Muene Puto, para assim se evitar algum conflicto.

Terminára a segunda feira sem mais incidente que nos contrariasse, mas lá veiu a terça de madrugada logo com *arrelias*.

Dispunhamos as cousas de nosso uso no acampamento do ajudante, quando nos appareceu o cabo Negrão da secção do sub-chefe allegando o que lhe parecia de justiça para receber pagamento de rações.

Era a consequencia de termos annuido na vespera á lembrança do ajudante. Estava pois levantado o pretexto para aquella secção não marchar, por tanto escrevemos logo ao sub-chefe auctorisando-o a pagar rações ao seu pessoal, e se o tempo permittisse, pois ameaçava chover, a proseguir na viagem. Choveu até ás duas horas, ficando todas as secções ainda um dia nos seus acampamentos, Quiteca com os seus ficara apenas a 4 kilometros de distancia na margem de uma lagôa.

No dia 30 de madrugada seguiamos nós para a povoação de Samba, e recebemos participação do ajudante de que parte da sua gente estava a caminho, e que elle só esperava por nós para receber as ultimas ordens.

Alguns homens do Canapumba esconderam as cargas e afastaram-se do acampamento para os não vermos, e cremos que o ajudante suppoz que elles tivessem seguido na comitiva; não nos passára porém despercebido, na occasião em que aquelle

official se despedira de Xa Madiamba, que este fizera um tregeito com os olhos para o sobrinho, chamando a sua attenção para qualquer cousa que estava proximo.

O ajudante montára no boi e seguira. Nós desconfiados, dirigimo-nos para o tal logar indicado e descobrimos uma caixa de cargas do ajudante. Pode imaginar-se o que diriamos a Xa Madiamba, por querer encobrir aquella falta de um carregador.

Não prestámos attenção ás suas desculpas, acompanhados de Jayme e de dois soldados demos uma busca e encontrámos seis cargas que collocámos deante d'elle e retirámos deixando junto d'ellas Jayme, que disse ao Muatiânvua por nosso mandado — Ou estas cargas dormem hoje no acampamento do sr. ajudante, ou nós lhe largâmos fogo em signal de guerra com a gente que o acompanha, e não conte comnosco sem que o sr. ajudante escreva participando te-las recebido.

Produziu o effeito desejado este nosso expediente.

De tarde o Suana Mulopo trouxe-nos um presente de fuba, jinguba, milho e uma gallinha, pedindo-nos desculpa da insignificancia. Acceitámos.

Como elle procurasse desculpar Xa Madiamba, dissemos-lhe que avisasse seu tio de que as pessoas grandes não deviam obrigar os seus servos a mentir. Elle que ia ser Muatiânvua dava as suas ordens, e a nós dizia-nos — preciso demorar-me dois, tres ou mais dias, mas não devia enganar-nos constantemente com o dia de ámanhã.

— Que elle ensinava os seus a mentir para poder enganar por sua vez, e depois era enganado e atraiçoado por elles.

— Quiz salvar seu tio dando por desculpa as doenças das suas raparigas, fica-lhe bem o seu procedimento, mas era melhor aconselha-lo a dizer a verdade com franqueza. Na sua companhia vemos o Ianvo que já esteve em Malanje, Pungo Andongo e no Ambriz e que conhece os costumes dos filhos de Muene Puto, será bom que elle faça saber ao Muatiânvua que mal tem andado em induzir os nossos carregadores a desobedecerem-nos, pois está-se desprestigiando, e um dia quando tenhamos necessidade de alguns serviços que demandem rapidez e confiança, não podemos contar com elles.

Acrescentámos — que era indispensavel saber-se com verdade o tempo minimo que o Muatiânvua se podia demorar no Caungula, porque talvez fosse conveniente despedir os carregadores Songos e Sanzas, visto que em cada mez o pagamento de rações só para elles regulava por 197 peças de lei.

Tanto o Suana Mulopo como Ianvo seu companheiro ficaram de relatar ao Muatiânvua tudo que lhes dissemos.

Dois homens que acompanharam as ultimas cargas para a secção do ajudante, e que chegaram ao sol posto, participaram-nos que o ajudante marchava disposto a ir pernoitar no logar em que já se calculava ter acampado o sub-chefe, e onde já havia informações de estar Quiteca com a sua gente.

Só no dia 2 de outubro, depois de uma fatigante marcha de 17 kilometros no rumo de N.-E., por caminho muito ondulado, atravez de linhas de agua que corriam ainda para o Luele e sobre terras bastante encharcadas, é que conseguimos, e já depois do meio dia acampar na povoação em ruinas e abandonada de Caja-quia-Queza, onde encontrámos a secção do ajudante.

O sub-chefe partindo de madrugada de Campopolo, que ficava um pouco a norte e á nossa vista, tendo vindo de uma povoação de Quiocos por Cambouzo, onde o haviam guiado mal do nosso acampamento na margem do Luele, fôra acampar nesse dia no Xinje-á-Pembe, que distava do ponto em que estavamos,

segundo os informadores, pouco mais de uma hora de marcha em terreno uniforme e plano.

O caminho que haviamos percorrido sendo bastante ondulado, pode dizer-se que fôra sempre em descida, até á altitude do nosso acampamento — 915 metros. O logar em que acampámos apesar de limitado pelas serras do quadrante do norte, ainda assim era aprasivel e fresco bastante.

Como d'ali se contavam quatro jornadas pequenas ao Caungula, mas como não podessemos prever o tempo de demora não só para as fazer, como a demora que teriamos na Estação em Caungula, lembrámo-nos que era de toda a vantagem mandar 50 dos nossos carregadores devidamente arraçoados ao Posto Guilherme Allen, para trazerem as cargas e doentes que lá ficaram.

Xa Madiamba prestou-se a mandar dois delegados seus com aquella diligencia, para não haver demora nas passagens dos rios.

Os homens que acceitassem ir ao Posto e trazer tudo para o Caungula ficavam dispensados de continuarem ao serviço da Expedição, podendo regressar ou irem para onde quizessem fazer os negocios que sempre tiveram em vista; assim nos alliviavamos de 50 consumidores.

Tomada esta deliberação, escrevemos ao sub-chefe para que nos mandasse apresentar Quitoca, e fizemos-lhe a proposta mas já com uma outra condição que nos occorreu depois, caso elles acceitassem — os 50 homens que elle escolhesse em vez de irem á Musumba, iam buscar as cargas do Posto para o Caungula e d'ali marcharam com o ajudante para o Musta Cumbana, podendo lá fazer as suas transacções e regressando ao Caungula terminavam ali o seu contracto.

Nem elle nem os dez rapazes que estavam commigo aceitaram acceitar esta proposta, e poderiam ir buscar as cargas do Cázanzo para o Caungula e terminarem o seu serviço no Ruguvo (Cassai), ficando os companheiros de levar as cargas que deixaram no Kinje-à-Pemba, onde estabelecemos um novo Posto, que denominámos — Ferreira Ribeiro.

Dando aos nossos Postos os nomes de Guilherme Allen e de Ferreira Ribeiro, deixavamos na Africa testemunho de que nos não esqueciamos dos nossos dois collegas fundadores da Revista illustrada — *As Colonias Portuguezas.*

Regressou Quiteca com ordem para o sub-chefe deixar ficar no Xinje quarenta carregadores com as suas cargas e um soldado de confiança aguardando a nossa chegada e para continuar a sua jornada com o pessoal restante até a margem do Lôvua, onde devia acampar e esperar pelo resto da Expedição.

Pouco depois de acampados veiu visitar-nos Xa Catuala, chefe da povoação vizinha, o qual nos disse ter sido sua mãe Queza ou Queja que dera o nome ao logar em que estavamos. Era subdito de Muata Cumbana e viera da margem de Luchico ao norte estabelecer ali a sua residencia. Informou-nos que a viagem regular de Caungula á residencia do seu amo era de seis dias. Pouco depois chegaram dois cacuatas do Caungula para acompanharem o Muatiânvua, e participaram-nos terem deixado um guia de confiança ao sub-chefe para o encaminhar a um bom porto do rio Lôvua.

Perguntámos a estes homens se estavam satisfeitos com a vinda de Chibuiza Ianvo, e como elles respondessem affirmativamente, e que Caungula já mandára cortar paus para se fabricarem as chipangas do Muatiânvua e do seu amigo Muene Puto, perguntámos ainda porque não viera então mais gente para o transportar e porque não lhe trouxeram de comer?

— Ha muito tempo, responderam elles, que os quilolos queriam Ianvo, e muitos Lundas teriam vindo busca-lo se não fosse primeiro com medo do Xanama, e ultimamente de Muriba; e não lhe trouxeram de comer porque os Quiocos tinham estragado as terras por onde transitaram, mas que o Caungula tinha muito sustento.

— Se teem medo de Muriba, continuámos nós, o que farão d'elle levando para a Mussumba o nosso companheiro de viagem?

— Mata-se, se não fugir antes de termos chegado ao Cassai, o que é mais provavel.

— Mas por que não trataram d'isso ha mais tempo, objectámos nós?

— Porque só Muene Puto é que pode resolver as cousas muito bem para felicidade de todos nós.

Mais claro só agua!

Estavamos mettidos numa boa rêde, e o remedio era Giroflé Giroflá — entreter o tempo esperando os acontecimentos, mas de modo que o aproveitassemos com vantagem aos fins da nossa missão.

Sendo de toda a conveniencia, visto ter ficado o velho Matheus tomando conta do Posto Ferreira Ribeiro, ir lá instrui-lo sobre o modo de acondicionar as cargas e faze-lo acompanhar de mais alguns companheiros para as irem enviando quando fossem precisas, partimos na madrugada do dia 3. O bom piso do caminho fez com que esta excursão nos fosse bastante agradavel.

Entregámos tudo a uma guarda de quatro homens e regressámos com os Massongos que ali tinham ficado, para lhes fazermos o pagamento de rações, devendo elles levar primeiro todas as cargas que estavam comnosco para aquelle Posto; e no dia immediato foram então com dois portadores do Muatiânvua para o Caianvo a cumprirem a sua diligencia.

Partiu esta no dia 4, e nós fomos depois assistir a uma audiencia do Muatiânvua dada a Lundas e Quiocos de povoações vizinhas, que lhe trouxeram cargas de mandioca e de milho e cabras e gallinhas, terminando a recepção, como de costume, pelas danças das raparigas dos Quiocos que duraram até o sol nado, sendo gratificadas com porções de sal que o Muatiânvua lhes mandou distribuir.

Entre estes povos foi uma festa de estrondo, e em que gastaram bastante polvora em tiros de fusilaria.

No dia 5 avançou o ajudante com a sua secção, e nós no immediato partimos demorando-nos apenas para comer alguma cousa no Posto Ferreira Ribeiro, ficando ahi tudo em muito boa ordem a cargo do velho Matheus. Continuámos a viagem para Anguiana Catoxe, tendo feito nesta jornada um percurso

de 26:800 metros, pode dizer-se no rumo medio de N.-E. Acampámos depois de passar o rio Itende, affluente já do Lôvua.

O terreno trilhado era pouco ondulado, um descampado deserto, e no tempo da força das chuvas devia de ser muito pantanoso, a julgar pelos charcos que tivemos de atravessar.

A marcha fatigou-nos bastante por estarmos com febre e enfraquecidos nos dias ultimos por uma diarrhea acompanhada de grandes dôres de ventre, e que muito nos incommodára. Lembrou-se o cosinheiro quando acampámos, de nos administar caldos de gallinha, mas em seguida a cada caldo era um martyrio de dores.

Desconfiámos muito das aguas de Caja-quia-Queza, pois fôra ali que principiaramos a sentir o mal.

Xa Madiamba no outro dia de madrugada passou mais a N.-E. para o Xinga, onde contava com bons recursos das povoações vizinhas, mas nós não pudemos acompanha-lo e só para lá fomos no dia 7, ainda não restabelecidos. Marchámos 4 kilometros em rumo N.-NE. e outros 4 mais um pouco a leste. Passámos o rio Quibeta affluente do Lôvua, marchámos 2 kilometros em rumo N.-E. e acampámos na povoação do Xinga entre nascentes de varios riachos que alimentam aquelle rio e outro affluente do Lôvua que corre para o norte.

A povoação ficava num grande descampado. Os nossos homens aproveitaram para nosso agasalho um abrigo de pequena altura e de base circular mas de cupula elevada a que chamam sombra, e que serve para conversar, cercando os paus que sustentavam a cupula com feixes de capim. Acommodámo-nos realmente bem naquelle recinto, por ser muito espaçoso, apesar de baixo junto ás paredes, e por a sua cobertura não dar passagem á chuva.

Xa Madiamba que tinha occupado uma cubata proxima, foi quem ao chegarem os nossos primeiros rapazes lhes apontou aquelle abrigo para nossa habitação, mandando gente sua com elles cortar o capim que era necessario para o revestimento das paredes, lembrança que mereceu os nossos agradecimentos.

Pouco depois de chegarmos veiu elle logo trazer-nos um cabrito de presente, e dar-nos parte que o Caungula já tinha mandado um portador indagar onde elle estava acampado, e que respondera que ía pernoitar na povoação do seu quilolo Ambanvo na margem do Lôvua, mas que se nós preferissemos ficar naquelle logar mandaria preveni-lo.

Respondemos-lhe ser conveniente reunirmo-nos todos na povoação do Ambanvo, para entrarmos juntos no sitio do Caungula.

Como o homem estivesse bem disposto e desejasse conversa, entre differentes cousas fallou-se no pessimo systema de tributar os povos, e no descontentamento geral por o Calala andar adeante prevenindo as povoações que apromptassem milambo para o Muatiânvua, o que nós consideravamos vexatorio.

— Mas se não fosse assim, disse-nos elle, os povos fingiam não saber que o Muatiânvua estava passando nas suas terras e este morria de fome no caminho. E como faz Muene Puto?

Não tivemos remedio senão fazer-lhe uma grande prelecção sobre o modo de lançar os tributos no reino e de applicar o seu producto.

— Mas isso, retorquiu-nos, é bom para lá, nós temos outros usos; os tributos que pedimos são para distribuir por todos que nos cercam, e se não fizermos assim dizem ser mau o Muatiânvua e procuram logo substitui-lo.

O dia para os Lundas foi de alegria, de que os nossos partilharam, por que além de um dos seus caçadores ter morto um grande antilope, apresentara-se um homem novo e sympathico, chefe de uma povoação que se estava fazendo a 2 kilometros de distancia para N.-W., com rapazes e raparigas — na forma do costume todos barrados de branco — com o fim de passarem o dia com o Muatiânvua, trazendo, além de cargas de mantimentos frescos das lavras um bom carneiro e uma cabra.

Esta gente que era asseada, annunciou a uma certa distancia a sua chegada por um tiroteio de fuzilaria, o que obrigou Xa Madiamba a ir envergar a sua melhor farpella para receber o chefe e mais visitas. Depois dos cumprimentos do estylo

logo as mulheres se agruparam um pouco afastadas do local da audiencia, e principiaram a cantar e a dançar em roda dos seus musicos.

Pertenciam ao estado do Muata Cumbana, mas acompanharam o chefe que teve necessidade de fugir da perseguição d'aquelle Muata que o queria mandar matar por os adivinhos o terem apontado como o feiticeiro, que causára a morte de um parente do potentado. O Caungula, a quem este chefe se apre

sentou pedindo a sua protecção, destinara-lhe o logar em que estava para se estabelecer. Reclamou Muata Cumbana aquelle grande criminoso, porém o Caungula recusou-se a entrega-lo, dizendo que era ainda muito novo para ser feiticeiro; que o protegia visto ter pedido hospitalidade na sua terra e que estava disposto a pagar-lhe a sua vida.

Escusado será dizer que, salvo as interrupções devidas aos aguaceiros, as danças continuaram durante a noite, mas o que chamou mais a nossa attenção foi um dançarino isolado que

de quando em quando entendia dever dedicar-nos os seus melhores passos e o seu canto. Estava mascarado com caraça de pau.

Nós figurámos a caraça com que esse individuo tapava o rosto, por ser trabalho indigena. Era feita de um pedaço de madeira muito leve, cortada da arvore á machadinha e depois aperfeiçoada á faca. Era obra tosca, terminando a parte inferior em ponta aguda para arremedar o talho da barba, que os gentios usam em forma de pera.

Este individuo apresentava-se de corpo nú até á cintura e ahi mantinha suspenso por uma corda feita de fibras uns ramos de folhagem que lhe tocavam nos joelhos, mas de tal modo unidos e sobrepostos que imitavam um saiote.

A sua missão era expulsar por meio de exorcismos, danças e cantares os feiticeiros e os maus espiritos, phantasiados pela credulidade ignorante ou supersticiosa, que poderiam naquella localidade perseguir o Muatiânvua. As mulheres e rapazes felicitavam-se pela sua passagem naquellas terras, e este homem era o vigilante para que as festas de recepção não fossem perturbadas por aquelles entes imaginarios que se tornariam implacaveis sem a sua intervenção para a nova povoação que estavam formando.

A chuva incessante, desde a madrugada até ás onze horas do dia 8, obrigou-nos a passar o resto d'este dia ainda na localidade, e emquanto os Lundas se entretinham nas folias que se seguiram ás da vespera, ajudados por novos grupos de raparigas e de rapazes de outras povoações, desenhámos e escrevemos bastante, tendo principiado a nossa communicação para o respectivo Ministro relativa ao ultimo mez, dando conta da viagem de Cassassa ao Caungula.

Xa Madiamba por duas vezes nos visitou nesse dia, e quando deixou de chover fomos a seu pedido para o pé d'elle vêr as danças da nova gente que viera sanda-lo. Notámos que estava muito apprehensivo e vacillante em tomar uma decisão, visto a variedade de assumptos sobre que procurava encaminhar a conversação.

Desconfiados, mas não podendo prever o fim a que elle queria chegar, conhecemos ser necessario muita reserva da nossa parte, e como elles fazer rodeios nas nossas respostas, de modo a não se tirarem d'ellas illações que justificassem qualquer procedimento menos conveniente para nós.

Tratando-se do rapaz de Cumbana, mostrámos como sensatamente tinha andado o Muata Caungula (nesta occasião soubemos chamar-se elle Muteba, e quando o tratavam por este nome precediam-no da particula Xa, que equivale entre nós ao qualificativo de grandeza), em salvar aquelle rapaz de ser uma victima da credulidade supersticiosa. Admittindo mesmo que houvessem feiticeiros, deviam acreditar que estes teriam a necessaria esperteza para não serem descobertos, e os primeiros que elles enfeitiçariam quando tivessem ideia de preseguir alguem seriam os adivinhadores. O facto da fuga d'aquelle que se apontava como feiticeiro, era devida á certeza que esse individuo tinha que depois de incriminado seria perseguido pelos fanaticos até o matarem. E para conhecerem que assim era fizessem uma experiencia — gritassem dois ou tres que entre as raparigas e os rapazes que estavam dançando se achava um feiticeiro e veriam como nesse momento todos fugiam, uns com receio de serem enfeitiçados e outros de que lhe imputassem o crime.

Matar um individuo, embora criminoso, acrescentámos, era sempre mau, e o rei o mais poderoso não podia tirar a vida aos seus semelhantes por a simples razão de que aos mortos se não podia dar vida. Tornava-se pois elle um criminoso e estava sujeito a ser tambem castigado de morte, por tres, quatro ou cinco que se unissem para se tornarem mais fortes do que elle.

— Mas então disse-nos Xa Madiamba, se Muene Puto não manda matar os criminosos o que faz elle aos rapazes que vão metter-se com as suas mulheres?

A proposito d'isto tivemos de nos demorar primeiro em largas explicações ácêrca da instituição do casamento entre nós, e indicação das penas em que se incorria nos casos de prevaricação; sobre as leis respectivas e modo como se applicavam;

forma de processo; exames de provas etc., depois tratámos das penalidades em geral. E como se comprehende, usando de interpretes e tendo de nos servir de exemplificações, foi demorado o nosso arrasoado, que despertando a curiosidade dos circumstantes e — visto todos poderem tomar a palavra quando se não trata de negocios do Estado — muitas perguntas provocou. A todos tratámos de responder de modo a resalvar-nos de intenções reservadas que começámos a desconfiar que existiam, e que se nos revelaram na ultima vez que nos avistámos neste dia pela simples pergunta de Xa Madiamba — Se um homem que tem uma companheira nas terras de Muene Puto a vir um dia, sem razão que elle conheça, muito enfeitada e com objectos que lhe não foram dados por elle, o que faz?

Ora é preciso que se saiba que nós logo de madrugada tinhamos reparado, por dar muito nas vistas, que a Muári se apresentara com o largo peito e as costas cobertos de contaria e de missanga branca de diversas grandezas, e de alto penteado tambem ornado de contas brancas apipadas; por isso calculámos qual era a porta onde elle estava batendo.

Respondemos — Se o dia é de festa em casa e ha visitas a receber, o homem não estranha que a sua companheira se enfeite para ser agradavel ás visitas que veem tomar parte nos jubilos da familia. Se elles ha muitos annos vivem juntos sem motivo de queixa, deve suppôr que esses enfeites não sendo dados por elle foram adquiridos pelo trabalho honesto, pelo negocio ou pelo que sobra do governo domestico que lhe confiou. Nunca deve suppôr que a sua companheira receba presentes cuja proveniencia ella não possa explicar.

— Isto é o geral, mas tratando-se de pessoa de Estado, então essa tem os seus rendimentos, os tributos e adquire varios objectos de vestuario e adorno por compras que faz.

— Muito bem, disse Xa Madiamba, e se as compras que fizer foram de objectos roubados?

— Não é ella que tem culpa, e se ha desconfianças d'isso, é essa uma investigação que se confia á policia — descobrir onde o vendedor obteve esses objectos.

— Nesse caso, o meu amigo, terá meios de saber se lhe falta alguma missanga branca, pois estou vendo ha dias muita sobre os hombros das raparigas do meu acampamento, e eu sei que o meu amigo desde que está comnosco nunca deu semelhante artigo em pagamento?

Para evitar conflictos, embora acreditassemos que houvesse roubo das nossas cargas e que chegariamos pela indagação a uma conclusão desagradavel, foi rapida a nossa resposta.

— As comitivas de Bângalas são as que trazem maiores quantidades d'essa missanga; os nossos carregadores, principalmente os Songos e Sanzas tambem teem muita, trouxeram-na para negocios e é com ella que teem comprado mantimentos, por isso não admira que algumas raparigas a tenham; mas em todo o caso é bom o conselho do meu amigo e no Caungula havemos de revistar todas as cargas.

Dito isto, tratámos logo de mudar de assumpto, dizendo que elle no desempenho do elevado cargo para que o chamaram, e bem assim os seus quilolos, deviam de mandar alguns dos seus filhos ainda creanças para Loanda a fim de serem ahi ensinados.

Uma cousa era elles verem e contarem o que se passava nas terras de Muene Puto, outra cousa eram as narrações que lhes faziamos. Seriam esses individuos que regressando ás suas terras iriam preparando os rapazes da sua geração para modificar os antigos usos e costumes que os não deixavam progredir, e só assim se fariam boas reformas no Estado do Muatiânvua. Que fallarmos nós a elle Muatiânvua, era tempo perdido, por que bem sabiamos que aquelles que o rodeavam não acreditavam no que diziamos e aconselhavam-no a não nos prestar attenção.

Xa Madiamba sabendo ser amavel sem precisar pensar muito na forma, disse-nos logo — Não chegámos ainda á Mussumba, e o meu amigo não deve julgar os velhos quilolos pelos rapazes que tem visto no Cassassa e em viagem. Estes são servos d'aquelles, e como não teem auctorisação para tratar de outros negocios que não sejam os que respeitam á minha viagem,

poderão não tomar sentido nestas conversas que só pertencem aos grandes; mas os olhos é que hão de prestar-lhe a devida attenção, pois conhecem logo que tratam com um grande Muata que representa o proprio Muene Puto.

Vê-se por estes extractos da nossa palestra neste dia, que apezar das danças e folguedos Xa Madiamba estava opprimido, e nós mais tarde soubemos por Jayme que de facto era a ornamentação das missangas sobre o corpo da Muári que o puzera de mau humor, pois desconfiava que ella lhe mentira dizendo como as tinha obtido.

Seguimos no dia 9 de madrugada para o rio Lôvua no rumo de N.-E. pouco mais ou menos. A marcha foi de 10 kilometros, sempre sobre terras baixas e em parte encharcadas.

O rio, no logar onde o fomos passar, tinha 80 metros de largura e pequena velocidade. A passagem fez-se numa canoa estreita, de um só pau, um perfeito berço que se desequilibrava ao mais pequeno movimento, mas as cargas mais pezadas, uma a uma bem assentes sobre as amuradas passaram bem e sempre melhor que um passageiro, por só que fosse.

Mais 1 kilometro de marcha e estavamos no acampamento com os nossos collegas, o sub-chefe e o ajudante e pouco depois almoçavamos juntos.

Era neste logar que todos nos deviamos preparar para a entrada no Caungula, por isso no dia 10 ficámos ahi acampados, mandando logo de madrugada partir Augusto Jayme com um presente para aquelle grande Muata, e cumprimenta-lo da nossa parte.

Foram na companhia de Jayme alguns soldados e carregadores com as suas cargas, para irem construir o acampamento em logar que o Caungula designasse.

Reparando depois que havia muitas cargas no nosso acampamento, interrogámos Quiteca sobre se tinham ido com Jayme todos os carregadores que foram nomeados, porém elle de tal modo se atrapalhou com mentiras para nos enganar, que se levantou um grande conflicto entre a gente dos diversos grupos da sua comitiva e já estava uma arma para elle apon-

tada qnuado tivemos de intervir a seu favor; ainda assim não o podemos livrar de algumas pauladas.

Tivemos de chamar á ordem aquella gente para obedecerem ao irmão do seu soba Nhangua, no que fomos auxiliados pelos mais pacatos que apoiaram as nossas exhortações e censuras.

Choveu bastante de tarde, mas não obstante isso regressou Jayme do Caungula dando-nos parte de que fôra muito bem recebido pelo potentado; que este o contemplára com duas gallinhas e uma muhamba de bombós, mostrara-se muito agradecido por Muene Puto acompanhar o seu Muatiânvua, e que mandára mostrar-lhe o logar que destinara como melhor para a Mussumba, podendo nós construir o nosso acampamento ao pé d'esta. Ordenára tambem que se construisse de novo a passagem sobre o rio Mansai, no ponto por onde deviamos entrar na sua capital.

Para o Muatiânvua mandára duas grandes cabaças de malufo de que bebemos uma caneca. Era magnifico.

Ou por que Xa Madiamba estivesse de novo excitado pelos seus caxalapólis sobre a questão das missangas, ou por que o malufo já estivesse fazendo das suas, julgou conveniente aproveitar o ensejo de estarmos bem dispostos na sua companhia para nos dizer, que os seus caxalapólis estavam muito tristes por que as raparigas d'elles andavam com as cabeças levantadas por causa das dadivas dos nossos rapazes.

—Dê o Muatiânvua as suas ordens, lhe dissemos, para que ellas não vão ao nosso acampamento, e previna-as que se nós lá virmos alguma a amarrâmos e assim a mandâmos á sua presença.

No dia 11 de madrugada todos seguiram na devida ordem no rumo norte para o rio Mansai, acompanhando sempre o rio Lôvua até onde aquelle vae desaguar. A marcha foi de 9 kilometros.

ENTRADA NO CAUNGULA

Emquanto Xa Madiamba se paramentava occulto entre o arvoredo, sentámo-nos sobre uma carga e armados de binoculo fizemos um esboceto do panorama que se disfrutava para além da ponte, pela clareira que por derrubadas successivas de arvoredo dava franca passagem de um para o outro lado do rio, sobre o qual a toda a pressa a gente do Caungula havia reconstruido nas vesperas uma pequena ponte que ali existia.

A margem direita elevava-se suavemente até ao planalto a que tinhamos de subir, sendo a differença de nivel d'este com a base do talude de 35 metros, como verificámos depois.

Tanto em baixo como em cima e sobre a rampa vimos entre o capim e á sombra das poucas arvores muita gente em grupos, homens com as suas armas, mulheres e creanças, destacando-se os Bângalas que formavam alas da ponte até ao sopé da rampa.

Ao avistar-se Xa Madiamba, vestido com o uniforme que lhe haviamos dado, de facha encarnada a tiracollo e de chapeu armado, montado já sobre o quimangata, correram os nossos com as suas fardas encarnadas para a entrada da ponte onde formaram alas.

Uma deputação do Caungula e as familias dos Cacuatas que acompanhavam o Xa Madiamba, e que ficaram residindo na terra, esperando o regresso dos seus chefes, todos com a cara e corpo barrados de branco vieram ao encontro do Muatiânvua áquem da ponte, rojando-se por terra á sua vista.

O Muatiânvua montado sobre o quimangata recebia os cumprimentos, emquanto elles rolavam no solo e esfregavam peito e braços com terra dando-lhe as boas vindas, que elle agradecia seccamente dizendo — *muanié*.

Por ultimo estendeu o braço direito para baixo com a mão aberta, permittindo que um por um dos felicitantes passassem as pontas dos dedos da mão direita pela palma da sua e que em seguida batessem uma palmada com ambas as mãos, o que fizeram por tres vezes.

Devemos nesta occasião dizer, que, se o individuo que faz o cumprimento ao Muatiânvua é pessoa de grandeza, em vez de passar os dedos pela mão direita d'este personagem, entrega-lhe uma folha de qualquer arvore ou arbusto e elle segurando-a entre os dedos espera que aquelle tire tres pedaços batendo de cada vez as palmas, acompanhando-o o Muatiânvua tambem na ultima vez batendo as suas. A gente da classe inferior e geralmente as mulheres contentam-se em passar os dedos pelo panno que elle veste, pelos pés ou mesmo pela pelle em que elle se senta.

Acabada esta solemnidade, seguiu o Muatiânvua com todo o povo atrás de si, e logo que entrou na ponte os nossos des-

carregaram as armas e em seguida do outro lado os Bângalas e os Lundas fizeram o mesmo.

Sentou-se depois o Muatiânvua no chão sobre uma pelle e todos formaram grande roda para verem passar o sobrinho do Caungula, Suana Fuma, que vinha com a sua *sala* na cabeça representando o tio, e como é da praxe todo branqueado de ampembe, para receber as ordens do Muatiânvua e guia-lo para o logar que elle quizesse marcar para a mussumba[1].

Seguiu-se á sua chegada a troca de cumprimentos e por ultimo a dança da cufuinha, em que rompeu o Calala, exhibindo de faca em punho o que melhor sabia, quer de saltos quer de oratoria, para convencer os circumstantes que pela sua parte estava disposto a perder todo o seu sangue e todas as suas forças defendendo a vida sagrada d'aquelle Muatiânvua, que todos os filhos da Lunda acclamavam. Ao Calala succederam-se mais alguns, dos considerados mestres, tanto da comitiva de Xa Madiamba como dos Caungulas, nesta especie de jogos, que mal comparados semelham os que se celebravam na Grecia antiga.

Continuámos depois na marcha para o logar que o Caungula escolhera para acamparmos. Foram mais dois kilometros de percurso por entre boas arvores, sendo a maior parte de uma especie de *Ficus,* e durante o transito constantemente se sustentou um bom tiroteio de fuzilaria.

Junto a uma grande arvore de sombra foram collocadas as nossas quatro cadeiras e sentando-se numa o Muatiânvua, formou-se novamente uma grande roda na sua frente. Vieram então as familias, mulheres e creanças dos Cacuatas, depôr aos pés do recemchegado presentes de mantimentos de bocca, e em seguida o Ambanza Xa Muteba pediu-lhe que permittisse aos Cassanjes o fazerem as suas despedidas e retiraram para o respectivo acampamento.

---

[1] Quando o acampamento do Muatiânvua chega a ser cercado por uma tapagem, toma então o nome de Mussumba.

Abriu-se então a roda e aquelles que tinham ido tomar posição a uma certa distancia, avançaram na forma do costume para o Muatiânvua em correrias, saltos, cantos guerreiros e com as armas apresentadas a seu modo.

O Muatiânvua quando elles estavam perto levantou o braço, pararam todos a um tempo como tocados por uma mola, e elle então agradeceu a Xa Muteba os bons serviços dos seus filhos. Em seguida descarregaram todas as armas e partiram cantando sempre.

A grande barraca para o Xa Madiamba pernoitar armou-se com uma rapidez incrivel.

Um grande numero de varas já preparadas, o mais direitas possivel e já descascadas, foram distribuidas uma a cada homem, e logo que o potentado apontou o logar em que as queria, a um tempo foram espetadas no terreno e ligadas logo a uma cupula já de antemão feita que cobriu o recinto que ellas fechavam, com a portada virada ao nascente.

Revestiam-se de capim as paredes formadas pelos gradeamentos quando nós retirámos, indo o ajudante, a pedido de Xa Madiamba, estabelecer o seu acampamento junto do Calala e nós com o sub-chefe provisoriamente marcámos o nosso á direita da Mussumba.

Ameaçava chover, e como os Bângalas se nos apresentaram a vender varas e capim, comprámos estes materiaes e a toda a pressa se arranjaram uns abrigos provisorios para nós e para as cargas.

Choveu bastante das 3 ás 4 horas da tarde, e pouco depois appareceram a cumprimentarem-nos dezeseis rapazes que se diziam filhos do rei do Congo.

Só um, que se dizia chefe, homem de edade, o Mujinga Congo (director da marcha), é que se apresentou com um panno que fôra branco suspenso á cintura e com um casacão por cima; dos outros alguns tapavam as partes pudendas com pequenas pelles de animaes, os restantes usavam folhas.

— Como filhos do rei do Congo, dizia um dos mais novos, que se fazia perceber menos mal em portuguez, somos vassal-

UMA PARTE DA COMITIVA DO CONGO

los do Rei D. Luiz I de Portugal, todos queremos pedir-lhe protecção porque precisâmos de justiça.

O que apurámos nesta primeira entrevista foi resumidamente, que elles formavam parte de uma grande expedição do rei do Congo, que sob as ordens do principe D. Miguel fôra á Mussumba do Muatiânvua. Que o principe estabelecera ali a sua residencia e resolvera mandar Munjinga Congo com a maior parte da comitiva apresentar ao Rei o negocio obtido da primeira transacção — marfim, borracha e gente, e fazer organisar uma nova expedição que lhe devia levar fazenda novas, armas, polvora, missangas, etc. Nessa occasião regia a Lunda o Muatiânvua Ditenda (Chibinda), o qual, satisfeito com aquella deliberação, mandára acompanhar o Mujinga Congo, de nome Paulo, por dois Cacuatas e por gente sua conduzindo um presente para o Rei, expedindo ordem a Mucanza (Anguvo) para que fizesse juntar áquelles Cacuatas o velho Capenda, a fim d'este tomar o commando da diligencia dos Lundas.

Veiu de volta a expedição, e quando chegaram ao sitio de Mucanza tiveram noticia de que já Cangápua era Muatiânvua, e de que havia morrido o principe D. Miguel. Negociaram então a factura, e quando retiraram foram roubados no proprio sitio de Mucanza, depois em Mataba pelos Calambas, ainda no caminho por diversos potentados e a final no ponto onde estavam pelo cacuata Angunza (o Canapumba de Xa Madiamba).

Parte da comitiva tinha já seguido com algum resto de negocio para o Congo, (a que viramos passar no acampamento do Valle das Amarguras em Camau), e uma outra fracção ainda ficára em Mataba esperando cobrar os creditos de fiados e obter algumas indemnisações pelo que lhes roubaram. Na Mussumba estava ainda um filho de Paulo, que acompanhára o principe até á ultima, sendo elle quem entregou os seus ossos aos rapazes que Paulo mandou de proposito do sitio de Mucanza á Mussumba para os trazerem; finalmente, a ultima parte d'aquella expedição, composta dos rapazes presentes seguia como a primeira para as suas terras, mas tendo conhecimento de que o novo Muatiânvua se dirigia para o Caungula com a Expedição

do Rei de Portugal o Senhor D. Luiz I, e que o Cacuata Angunza fôra ao seu encontro, entenderam dever demorar-se, esperando que o senhor major os protegesse pedindo ao seu amigo Muatiânvua lhes fizesse justiça, obrigando Angunza a entregar-lhes o que lhes roubara, e que este ouvindo em Mataba os seus companheiros ordenasse aos Calambas que tambem os indemnisassem pelos roubos soffridos.

Estavam no Caungula havia mais de 30 dias, sem terem que vestir, e se alguma cousa comiam era por favor do Muata.

Era já tarde e nós tinhamos muito a que attender, por isso respondemos — que precisavamos de mais esclarecimentos sobre as queixas que apresentavam, para saber o que podiamos fazer em seu favor e que portanto nos procurassem no dia immediato. Como no emtanto precisassem de vestir e de comer, que nós os gratificariamos pelo seu trabalho se elles quizessem trabalhar na construcção de uma grande casa que iamos fazer.

Os homens retiraram satisfeitos, ficando de vir receber as ordens para o trabalho que lhe destinavamos.

Depois de jantar, que neste dia passou da hora do costume, fomos conversar com Xa Madiamba sobre os rapazes do Congo e dissemos-lhe — que sendo elles vassallos de Muene Puto esperavamos que, depois de receber a visita do potentado da terra, designasse o dia e hora em que os podia ouvir.

Promptificou-se o Muatiânvua a avisar-nos quando os receberia e a proposito do rei do Congo, cuja amizade elle queria continuar a manter como seus avós, fez-nos saber o muito negocio que em outros tempos se fazia na Mussumba com as comitivas d'aquelle rei; e que muita gente fôra das terras do Muatiânvua para lá por intervenção do quilolo Muene Puto Cassongo.

Procurámos provar-lhe que tanto pelo seu interesse particular como no interesse do Estado, devia elle fazer justiça áquelles rapazes, obrigando logo o Cacuata a restituir senão o roubo, o seu equivalente, e em favor dos interesses do Caungula, onde estava bem hospedado, não devia demorar essa resolução, pois assim acreditava-se e dava exemplo ao Caungula de como

se devia garantir aos negociantes a posse segura dos seus haveres; e ainda, que nós consideravamos de tanta importancia a resolução a contento dos infelizes expoliados que estavam agora sob a nossa tutella, que lhe asseveravamos que deixariamos de pensar nelle se a fosse addiando como era o costume dos Lundas de dia para dia, ou se a resolução ficasse só em promessas.

A resposta foi realmente de espirito — Então o meu amigo Muene Puto porque viu hoje um passarinho novo que lhe agradou, já quer despresar o antigo que estimava?

— Repare o Muatiânvua que não é bem assim, lhe retorquimos. Se este que nós estimavamos e que está vivendo com todas as commodidades no seu ninho roubar o que traz no bico a ave pequenina que o veiu visitar, abusa da sua força, não carecerá da nossa protecção e nós iremos pôr esta em logar seguro.

O homem sorriu-se dizendo que nós viraramos a questão, por quanto elle não se recusava a reparar o mal, mas que era noite, e que deviamos ir dormir descançados na amizade.

Era esta uma das formas usuaes com que Xa Madiamba cortava, segundo dizia a gente do seu sequito, a conversa nocturna, uso de todos os Muatiânvuas para despedirem as visitas e irem para o seu harem.

E era certo que dito isto, d'elle não se arrancava mais uma palavra sobre a questão em discussão, e o bom entendedor tratava logo de se despedir porque se elle, por attenção com quem fallava, não se retirava logo, a conversa versava só sobre banalidades entre aquelles que tinham de o acompanhar.

No dia immediato ás 6 horas da manhã, já depois de havermos pago as rações ao pessoal antigo, appareceu-nos Xa Madiamba, cuja visita era de extranhar áquella hora.

Depois dos cumprimentos participou-nos que o Caungula mandára pedir-lhe licença para o visitar, por isso vinha-nos rogar para assistirmos ao tetame, e se o obsequiavamos fazendo fardar os nossos soldados e dando-lhes ordem de fazerem alguns tiros como na vespera, para o Caungula ficar convencido que elle era protegido de Muene Puto.

— Quer o Muatiânvua todas as vezes que nos procura, dissemos nós ao Muzumbo, ser logo servido, e a noite fez-lhe esquecer que esperavamos d'elle uma resposta. Vendo-o tão cedo pensámos que era essa resposta que vinha dar-nos.

Insistimos em fazer sentir aos que acompanhavam o Muatiânvua, que, se as reclamações dos rapazes do Congo não fossem attendidas de modo a contentar-nos, não iamos para a Mussumba, nem tão pouco voltariam ás terras do Muatiânvua negociantes filhos de Muene Puto e filhos de Muene Congo, porque ninguem quereria sair de suas casas com negocio para ser roubado.

Xa Madiamba não esperou pelo Muzumbo, elle mesmo tomou a palavra dizendo — Não esteja o meu amigo zangado, ouvirei os filhos de Muene Congo; decidirei a questão d'elles que é pequena, pois não quero perder uma cousa grande como é a amizade de Muene Puto. Vae chegar o Caungula, peço ao meu amigo que me acompanhe, e depois combinaremos sobre o modo de contentar os filhos de Muene Congo.

Effectivamente, sentiram-se toques de corneta e apitos na povoação do Caungula. Era o signal de movimento para á saida do potentado e os nossos rapazes que se fardaram foram receber cartuchos desembalados.

O Muatiânvua mandou buscar o seu fato e nós estivemo-lo ajudando a arranjar-se. A camisa estava enxovalhada e fizemos com que elle a substituisse, dizendo-lhe, que era preciso mandar lavar a sua roupa, aliás em pouco tempo nada teria, pois devia lembrar-se o que em algumas terras dos seus estados estava succedendo com os elephantes, com a borracha e com as abelhas — exploraram sem ordem nem criterio essas fontes de riquezas e ficaram sem cousa nenhuma. Não tratando da roupa devidamente, depressa voltaria a não ter que vestir.

Preferiu substituir o mucozo de casimireta azuloia que trazia por um panno de chita clara, e pediu-nos se mandavamos limpar o mucozo, ao que accedemos.

Estava-nos parecendo uma creança cheia de denguices, e nós dispostos com muita paciencia para o aturar. Não queria

RECEPÇÃO DO MUATIANVUA

que os seus lhe tocassem porque não sabiam atavia-lo como nós. Não o contrariámos, e deu-nos trabalho o prender-lhe o chapeu armado ao chinó, por causa dos aros de metal que tinha na frente e de que elle não queria prescindir.

Seguimos emfim para o local da vespera á sombra da grande arvore, e logo elle se sentou na cadeira tendo debaixo dos pés a pelle da onça. Os nossos e os do seu sequito romperam o fogo e em seguida da povoação corresponderam com um bom tiroteio de regosijo.

Tocava já o chinguvo fortemente, quando appareceram os Bângalas na forma do costume.

Vieram emfim os da povoação, mulheres e rapazio na frente e muitos homens com armas, e por ultimo o Caungula montado num rapaz, seguindo-se as suas mulheres e o grande pessoal da sua residencia, todos branqueados com ampembe.

Muitos tiros, muita bulha com os instrumentos de pancada e com os apitos, gritaria, assobiada e cantos — uma inferneira em fim.

O Caungula parou a uma certa distancia, esperando a ordem para se adeantar mas d'esta vez pelo seu pé. Esta não se fez esperar, e a inferneira recrudeseeu mas então com correrias e saltos de um para o outro lado, apresentação de armas e em seguida tiros.

Os recemvindos entraram para a arena formada pelos nossos, pelos Bângalas e pela gente do Mustiânvua. Os quilobos do Caungula tomaram assento em chão raso do lado direito, e pelo fundo na frente do Mustiânvua e do pessoal superior da Expedição abriu-se a roda para dar passagem ao Caungula, que se sentou sobre uma pelle de onça que um servo d'elle estendeu no chão. As suas mulheres tomaram assento á esquerda d'elle e um pouco atrás, do lado direito, ficaram os rapazes que traziam as suas armas e diversas insignias do Estado, mas mais atrás do que as mulheres.

Fechou-se a roda, mas tudo isto foi feito com muita gritaria, palmas e assobios que duraram enquanto Caungula, de pernas cruzadas e um pouco debruçado para a frente, fitava

de um saquinho pitadas de ampembe com que esfregára a cara, hombros, peito e braços, exclamando — *chi noéji! calombo! muatiânvua uámi! uaxica! mucuambango eié utala uei! anganda uámi caquiepe cuenu! mutuè uámi seleja uajipa uasala ua muxima uei! ami ni muata cumbana aquene aruru, èié, muatiânvua! disuì dimué casso uci muatiânvua tuafuile! chi noéji!*

— De todas as grandezas a maior! tu! o senhor dos Muatas, chegastes! Grande fidalgo, tudo que vês é teu! A minha terra é pequena para ti! A minha cabeça é tua meu amo, manda-a cortar, faz d'ella o que quizeres! Eu e o meu visinho Muata Cumbana que somos grandes, somos teus escravos, Grande senhor! Uma só palavra tua, senhor dos Muatas, basta para nós morrermos! Tenho dito grande senhor!

O Muatiânvua bateu as palmas uma vez e disse: — *Angacámi chauape angaiámi utalei* — (Meu avô muito bem, muito bem; alegra-me o ver-te.)

O Caungula bateu tres palmadas compassadas e inclinou logo o corpo para um e outro lado de modo a tocar com a cabeça no chão, emquanto fallava, pois continuou com palavras entrecortadas com pausas a fazer sentir o seu reconhecimento e o dos Muatas Caungulas seus ascendentes aos Muatiânvuas, antepassados de Xa Madiamba.

Ainda o Caungula agradecia rojando-se no solo, quando as suas mulheres principiaram um canto melodioso, em que mostravam a sua satisfação pelas boas palavras do Muatiânvua ao seu Quilolo, e seguiram em louvores por elle ter vindo procurar hospitalidade naquelle logar antes de entrar na sua Mussumba. O conjuncto das suas vozes fez-nos lembrar os nossos hymnos religiosos.

Restabelecido o silencio e a um signal de Caungula abriu a roda atrás d'elle e entraram na arena uma porção de caxalapolis com cargas de mantimentos e com cabras e gallinhas, o que tudo pozeram defronte do Muatiânvua.

Este agradeceu com o costumado *muaniê,* ao que Caungula correspondeu com tres palmas.

Xa Madiamba apresentou-nos o Caungula, Muata Xa Muteba, como um grande quilolo do Estado do Muatiânvua, descendente de uma tia de Luéji, mãe do primeiro soberano, sendo por isso considerado avô dos Muatiânvuas. Disse-nos que sempre fôra amigo d'elle e reconhecido, por quanto lhe devia não ter elle cumprido a ordem que recebera do Xanama para o matar, e que lhe proporcionára a fuga para além do Cuilo onde o fôra acompanhar. Era este um serviço que nunca podia esquecer.

O Caungula era homem sympathico, robusto, sadio, de côr retinta, de aspecto ousado, impondo-se pela figura no mando. Fallava com o entono de quem estava acostumado a ser obedecido. Tinha occasiões em que carregava o semblante, tendo então um aspecto sombrio e torvo. Nesses momentos a pelle da testa franzia-se-lhe em grossas pregas, as narinas tufavam, os movimentos dos braços eram bastante agitados e se fallava, era como se fosse numa explosão de cholera.

Não era isso porém frequente nelle, antes pelo contrario, com os que viviam dentro da sua chipanga e em redor, o Caungula era affavel, dirigia-se-lhes sempre em termos comedidos e não se alterava, fallando sempre com modo paternal, em tom baixo e pausadamente. Todos lhe prestavam attenção respeitosa como a um oraculo que se acata.

Se se lhe fallava dos Quiocos ou de algum quilolo desleal que com elles mantinha relações ou acordos, por serem partidarios de Anguza Matata que pretendia conquistar-lhe o logar, então sim, despertado o seu rancor contra os que lhe eram adversos, tinha impetos de verdadeiro selvagem. Afora isto, tivemos provas de que era dotado de um coração bondoso.

Xa Madiamba disse-lhe que tivera conhecimento dos ataques que lhes fizeram os Quiocos e das diligencias de Matata, e que pensára em mandar assaltar os Quiocos que encontrou no seu caminho, porém tendo em attenção as palavras de Muene Puto, que o acto que poderia prejudicar os interesses das terras, julgou mais prudente esperar antes de tomar qualquer resolução. Podia o seu avô contar já com o agrado d'elle Mua-

tiânvua até onde podessem chegar os recursos de que dispunha, mas estava firmemente convencido, que emquanto Muene Puto e o Muatiânvua permanecessem nas suas terras nem Matata nem os Quiocos se atreveriam a apresentar-se ahi em tom de guerra.

Caungula agradeceu lançando-se por terra e virando-se depois de peitos para cima exclamou — *eié uangutumine cuápua.* (Vós sois grandes. Mandae e sereis obedecidos.)

O CAUNGULA

Os cortezãos mais velhos do Caungula, tres por turno, saltaram logo para a arena a fim de reforçar a submissão do seu amo, dançando o cufuinha, a que corresponderam o Calala e outro rapaz do Muatiânvua, dizendo: — *achioco aruru á muatiânvua auchi aeza, aôso mudi amuè tucuitapa ni cutapa.* (Os Quiocos são escravos do Muatiânvua, se vieram, a todos como a um, nós os mataremos.)

O Caungula apresentou-se sempre deante do Muatiânvua com o tronco nú, como prova de respeito e apenas um panno de lenços o envolvia da cintura até ao delgado da perna. Como atavios usava simplesmente ao pescoço uma fiada de contaria grossa com os seus amuletos, no braço direito o lucano (grosso bracelete), distinctivo do Muata, e no delgado da perna direita a lucanga e aros de fios de cobre entrançados que sobrepostos abrangiam uma altura de $0^{m},12$. Vimo-lo algumas vezes com um grande panno de chita forrado, (angubo) sobre os hombros, com que se cobria todo; para andar tinha de o apanhar com os braços.

Usava o cabello, que era bastante lanoso, aparado, arripiado para trás e sem enfeites. Foi retratado com o chapeu armado do nosso uniforme que lhe deramos, e que pelo facto de ser pequeno para a sua cabeça só se segurava na posição em que o collocou derreado para trás, deixando vêr a testa espaçosa Como se mostra na gravura, tinha barba um tanto rala, porém o bigode se o deixasse crescer devia de ser farto.

Logo que se restabeleceu o silencio Caungula pediu licença ao Muatiânvua para lhe apresentar Cabuiza, filha do seu tio Muatiânvua Muteba, que seguia para o Cuango na companhia de um rapaz Bângala. Fizera-os suspender a viagem, dando-lhes hospitalidade na sua chipanga para esperarem ahi a chegada do Muatiânvua, afim d'elle tomar conhecimento dos motivos porque esta filha de Muatiânvua retirava da Mussumba, e deliberar o que julgasse conveniente.

CABUÍZA

Não a conhecia Xa Madiamba, porque ao tempo em que se expatriou o mais que ella poderia ter seria de 6 a 7 annos de edade. Interrogando-a soube que a mãe vivia estabelecida por Muteba em sitio afastado da côrte, entre o Lúlua e o Luiza.

A rapáriga era interessante, desembaraçada, casquilha e como em geral todas as filhas de Muatiânvua pretenciosa e cheia de requebros e galanterias estudadas, realçando a elegancia de seu corpo o seu olhar insinuante. Namoradeira por

excellencia inspirava, mas não parece que sentisse o encanto do amor, e como fosse voluvel gostava de se rodear de uma cohorte de apaixonados. Sendo nova já tinha uma longa historia a contar, e fôra causa de muitos desgostos e prejuisos para alguns rapazes.

Á semelhança das filhas de Muatiânvua rapava o cabello adeante para o compor ao alto em forma de resplendor e apresentar uma fronte espaçosa. Cobria-se com um panno, apertando os peitos superiormente de forma a deixar ver o collo como os nossos vestidos decotados, ficando com bojo na frente até á cintura; ahi tambem apertava o panno com uma fita de fazenda ou fiadas de missangas, fazendo-o cair depois solto até ao delgado da perna e deixando bem a descoberto os pés pequeninos e bem feitos.

O panno que trazia quando se retratou era de boa chita orlado de galões dourados; sobre os hombros tinha uma romeira de panninho encarnado e na cinta, suspensos adeante e atrás cobrindo parte do panno, usava os aventaes da mesma fazenda da romeira e como esta igualmente guarnecidos. Esta toilette fôra-lhe dada pela Expedição.

Dizia ella que o Muatiânvua Muriba a quizera vender a uma comitiva, e que por isso entabolára relações com um rapaz Bângala de uma outra comitiva e que quando esta partiu fugira com elle. Na viagem esse rapaz tratara-a mal e esfregava-lhe os olhos com jindungo (pimentinhas) na intenção de a cegar.

Passaram o rio Luachimo, e como a comitiva com quem vinha acampára na povoação do Quioco Xa Suana, encontrando-o só com o filho Quiêvu pediu-lhes para que a protegessem e a escondessem dos Bângalas. Elles contando que o Muatiânvua a resgataria, protegeram-na. Dias depois passou parte da comitiva do Ambanza Cambolo, e o seu coração ficou preso por um filho d'este que vinha doente e se hospedára na mesma povoação, onde tinha de esperar com os seus companheiros o irmão mais velho com o resto da comitiva.

De noite ella sempre acompanhava o doente e este melhorou e apaixonou-se por ella. Os seus companheiros não podiam

esperar mais tempo e quizeram continuar a viagem. Ella, que receava voltar para o poder de Muriba, combinou com o seu amante fugirem para o Caungula onde elle esperaria o irmão.

Este chegou dias depois, mas teve de pagar a Xa Suana o tratamento do doente e o crime d'este fugir com ella, o que lhe custou a perda de 22 pessoas que comprára em Mataba.

— Eu hoje, dizia ella, sou escrava d'este rapaz, que não pode voltar á terra de seu pae sem lhe apresentar as 22 pessoas que teve de pagar para me tirar dos Quiocos, e a ti Muatiânvua, pae de nós todos, peço para que me resgates se queres levar-me para a Mussumba.

O Xa Madiamba approvou o que Caungula havia deliberado, quiz ver o rapaz, que lhe foi apresentado, e agradeceu-lhe ter salvo aquella rapariga do poder dos Quiocos inimigos do Muatiânvua e dos Lundas. Como não podia na occasião pagar-lhe o resgate, aconselhou-o a que continuasse vivendo na companhia da sua protegida e que o acompanhasse até á Mussumba onde lhe pagaria o que lhe era devido para elle indemnisar o seu pae.

Como ella era filha de Muatiânvua, deu-lhe o logar de Anguina Ambanza durante a viagem e portanto ficou o companheiro d'ella sendo o Xa Ambanza (Xambanza).

— Os Bângalas são parentes dos Lundas, continuou elle, por isso não é de extranhar que na minha côrte entre um Bângala.

O novo Xambanza era um rapaz muito novo filho de Cambolo Cangonga, cuja Ambanza ficava entre o Lei e o Cassigo.

Este chefe prestára bons serviços na guerra de Cassanje ao fallecido major F. Salles Ferreira, que o fizera seu afilhado. Seu filho era muito sympathico, fallava bem portuguez e mais tarde tivemos de o tomar sob a nossa protecção, porque Xa Madiamba enganara-se; nem aos Lundas agradou que elle fosse o companheiro da filha de um Muatiânvua e que tivesse assento entre os da côrte, nem tão pouco os muitos Bângalas que se encontraram durante a viagem lhe ligaram importancia. Alguns Ambanzas mesmo desprezavam-no, por elle, depois da creancice de comprometter a comitiva de seu pae, se sujeitar a ser, a bem dizer, um escravo d'aquella mulher e por conseguinte do Muatiânvua.

Elle não era mau rapaz, prestou-nos bons serviços e tivemos sempre dó da triste situação a que humildemente se resignára com receio de apparecer a seu pae, sem lhe apresentar o negocio que por sua má cabeça perdera.

Teremos de fallar d'elle e da sua companheira por muitas vezes até o dia em que os deixámos na Mussumba, onde elle ainda ficou, sempre na esperança de obter o resgate que Cabuiza lhe promettia e sujeito aos caprichos d'aquella mulher vaidosa e em demasia exigente.

Caungula por fim dirigiu-se-nos agradecendo o termos mandado cumprimenta-lo, acrescentando que era tambem um servo antigo de Muene Puto. Deu-nos informações de Vieira Dias de Loanda, de Saturnino Machado e de outros negociantes com quem já tinha tido relações.

Xa Madiamba mencionou então o muito que já nos devia; que nós não vieramos para fazer negocio e sim para estreitar mais as relações de Muene Puto com o Muatiânvua, concertar os caminhos para o commercio, contractar amizade com os Muatas e povos que encontrassemos, etc. etc. Agradecemos a um e outro as suas boas palavras, e ficámos de ir visitar brevemente o Caungula. A cerimonia terminou pelo cufuinha, retirando depois todos no mesmo babaré com que se reuniram.

Regressando ao nosso acampamento dispozemo-nos a empregar o resto da manhã pagando rações aos Songos e Sanzas

de Quiteca, e tanto nós como o sub-chefe notámos que as peças de riscado estavam muito roubadas. Mandámos buscar segundo fardo e reparámos no mesmo. Xa Madiamba havianos pedido uma vara de metal, e tambem no feixe de varas conhecemos grande diminuição de espessura.

Fazendo a Quiteca os nossos reparos, suspendemos o pagamento e demos-lhe ordem para prevenir toda a sua gente que no dia seguinte se apresentassem para assistirem á abertura das cargas, a fim de cada um responder pelas faltas que houvesse na que lhe fôra distribuida.

Occorrendo-nos momentos depois que a prevenção não tinha sido conveniente, conseguimos que repentinamente se armassem os Loandas e soldados cercando-se o acampamento dos novos carregadores, que então se resumia apenas a vinte cubatas.

Feito o cerco, nós, Augusto Jayme e dois soldados fizemos reunir num sitio todos os carregadores que encontrámos, e ordenámos aos que formaram o cerco que tirassem para fora das cubatas tudo quanto lá encontrassem, mesmo as cargas particulares dos que se diziam negociantes encorporados nas comitivas dos Songos e Sanzas.

Nesta rusga fez-se uma boa colheita, com admiração dos circumstantes que logo nos vieram rodear.

Foi tudo conduzido para junto da nossa residencia, pondo-se-lhe duas sentinellas á vista, emquanto se não procedesse ao balanço e se não armazenassem os objectos com a necessaria segurança.

Mostrámos a Quiteca e aos seus varios artigos que logo conheceramos como pertenças da Expedição, ficando Quiteca de refens até que todos os seus homens apresentassem os roubos que haviam feito, pois ainda nos faltavam muitos objectos das cargas.

Quiteca não recalcitrou, e apenas disse á sua gente que o tinham desgraçado, e que tratassem ao menos de salvar o seu soba, que ficára na terra, de ser castigado pelo chefe de Malanje.

Não podiamos calcular na occasião as proporções do roubo. Lembrámo-nos porém que muitos teriam a sua parte já escondida, outros a teriam guardada por falta de cubatas proprias naquellas onde estavam hospedados e finalmente, que tendo mais de metade da comitiva de Quiteca ido ao Caianvo se fossemos logo rigorosos no castigo, poderiamos ser mais prejudicados. Dissemos pois a Quiteca na presença de todos, que queriamos acreditar que elle era estranho áquelle crime e que por isso o soltavamos; que fosse conversar com os seus rapazes e os aconselhasse bem para apresentarem tudo que tivessem roubado, á vista do que se tiraria das cargas apprehendidas tudo o que não fosse de Muene Puto que entregariamos a quem pertencesse, provando-se não terem os donos partilhado do roubo.

Isto foi de effeito, porque Quiteca durante o dia veiu-nos trazer galões, cadernos de papel, cargas das nossas diversas armas, pacotes de tachas de cabeça amarella, até pelles de camurça e outros artigos que encontrou escondidos entre o capim.

Não se contentaram os gatunos em irem só aos fardos de fazendas e de missangas, tambem foram aos barris de polvora e ás caixas pregadas, inclusivè ás da pharmacia.

Alguns acompanharam Quiteca nas diligencias que elle fazia envergonhado pelos seus rapazes e no intuito de salvar o seu soba, e nós aproveitando a situação continuavamos a ameaçalos que tudo pagariam em Malanje, e que mesmo não tinhamos duvida em entregar os cabos e os mais velhos ao Muatiânvua e ao Caungula para os castigarem segundo os seus usos. E de uma das vezes que assim lhe fallámos, nem de proposito, procurou-nos o muzumbo do Muatiânvua e disse bem alto, que este nos pedia para não nos incommodarmos, e que lhe fizessemos apresentar o cabeça dos carregadores que todos os roubos appareceriam.

Respondemos logo ao muzumbo, de modo a atemorisar todos — que já conheciamos alguns criminosos, porém que lhes concediamos a noite d'aquelle dia para considerarem se

era melhor entregarem tudo que roubaram, e que se o não fizessem até ao outro dia de madrugada, não só lhe mandaríamos amarrados os criminosos que conheciamos, como o seu chefe Quiteca.

Este de noite veiu, ás escondidas, pedir-nos que dormissemos descançados, que no outro dia tudo havia de apparecer, e se não fosse assim elle proprio viria trazer-nos amarrados os que descobrira como principaes delinquentes.

No principio da noite estivemos com Xa Madiamba, e enviou-se recado ao Caungula para que mandasse fechar as passagens dos rios para todos os nossos carregadores, e d'isto prevenimos Quiteca, accrescentando, que se não apresentasse todos os roubos no dia seguinte, do que depois lhe succedesse só tinha a culpar os companheiros.

Grande era o numero de pannos de diversas qualidades de fazenda já cosidos, debruados e perfeitamente acondicionados que se acharam nas muhambas para negocio, e tambem haviam feito saias, camisolas e colletes, os quaes devidamente dobrados e reunidos faziam duas boas cargas; de missangas e outros artigos formava-se uma terceira carga, de sal doze cargas e de armas lazarinas que lhes pertenciam trinta e sete.

A calcular pelos fardos que abrimos, e suppondo que os 80 rapazes de Quiteca teriam feito um roubo igual, avaliámos o prejuizo em cada fardo de 5 a 6$000 réis e debaixo d'este ponto de vista tratámos de empregar os meios coercivos para reaver o mais que fosse possivel.

Reputámos os valores já colhidos um mutado de prejuizo, e por isso na manhã seguinte quando Quiteca nos veiu pedir para prendermos seis rapazes, em vez d'isso mandámo-lo acompanhar á presença do sobado, que com alguns soldados foi proceder a uma nova revista ás cubatas fazendo-se ainda lá nova colheita.

Não sendo de esperar que se descobrisse mais nada e alguns dos que se esperavam do Calanjo, mandámos Augusto Angus fallar com Quiteca e com os seus, e fizemos-lhes, que os objectos recolhidos das cubatas são chegados para pagar metade do

roubo, e portanto que haviam de pagar com trabalho o que faltava; não recebiam rações emquanto não chegassem os seus companheiros do Caianvo, porque elles ainda tinham muita fazenda escondida.

Voltou Jayme com Quiteca e este declarou — Que os seus rapazes se mostravam muito agradecidos, e que iam já no outro dia com os do Congo principiar a trabalhar para a casa de Sua Magestade; queriam continuar no nosso serviço pagando com trabalho o mal que fizeram; mas pediam para não escrevermos para Malanje ácêrca do seu crime, porque isso ia fazer muito mal ao soba Nhanga, que era subdito de Sua Magestade.

— Foi grande o roubo que fizeram, lhe respondemos, mas nós só queremos castigar os culpados. Você e os seus não os querem accusar, pagarão todos com trabalho os valores que tiraram da fazenda do Rei.

Lembrou-nos Quiteca que algumas muhambas, armas e sal que fizeramos recolher ao deposito pertenciam a negociantes que acompanhavam a sua comitiva desde Malanje, e pediu-nos para lh'as entregar. Recusámo-nos a faze-lo porque em todas as cargas haviam artigos que pertenciam á Expedição, e se não foram os seus proprietarios os ladrões, eram tão culpados como estes, porque sabiam dos roubos e esconderam-nos.

Haviamos na vespera dado ordem para que se construisse um telheiro, onde provisoriamente se abrigassem as cargas e com espaço onde podessemos receber visitas e tomar as nossas refeições.

Como Xa Madiamba nos mandasse prevenir que viria de manhã vêr-nos e ouvir os rapazes do Congo, pozemos termo á nossa entrevista com Quiteca, determinando-lhe que fosse com toda a sua gente ao matto cortar varas, vergonteas, ramos de folhagem e feixes de capim para se acabar depressa o telheiro.

Não havendo onde estavamos uma arvore sequer para nos fazer sombra, com rapidez se formou o esqueleto do telheiro, e com a ramagem se improvisaram as paredes e cobertura, que pela parte interior se revestiram com pannos de baeta azul

dos já feitos pelos carregadores Massongos. Com as caixas das cargas arranjou-se um estrado que se cobriu de baeta encarnada, e sobre este se collocou uma das nossas cadeiras onde devia de sentar-se o Muatiânvua.

O cabo da força encarregou-se de organisar a guarda para recepção do potentado á entrada do acampamento e os rapazes do Congo, que tinham sido avisados, collocaram-se ao lado do telheiro, esperando que os chamassem.

O rufar dos tambores annunciou a chegada do Muatiânvua, e logo que elle se apeou a guarda apresentou armas e em seguida deu tres boas descargas, com geral admiração de sua gente, e do rapazio da terra que deitou a fugir.

Fomos recebe-lo e conduzi-lo ao logar que lhe destinaramos, e depois dos cumprimentos do estylo chamaram-se os dezeseis rapazes do Congo, os quaes vieram postar-se na sua frente batendo palmas e felicitando-o, e depois d'elle ter dito — *chauape, muene congo* — sentaram-se no chão.

Nós já melhor informados sobre o que respeitava a esta gente, tomámos a palavra para os apresentar. A sua historia era a seguinte, a que juntâmos agora alguns commentarios como esclarecimento.

— Ha annos (calculámos entre 1878 e 1880) o rei do Congo despachou seu filho D. Miguel com uma caravana de trinta cargas para o Mussumba, sendo quatro d'essas cargas de presente especial para o Muatiânvua Ambumba (Xanama), contando-se nellas entre outros artigos — barretinas, terçados, cornetas e espelhos.

A caravana partiu de S. Salvador para Encoje, atravessando as terras dos Hungos e passando na baixa (ao occidente) do Duque de Bragança; seguiu depois pelo norte de Malanje para Catala e através dos Bondos foi passar o Cuango (ao norte) pelo lado de baixo da feira de Cassanje. A missão de D. Miguel era travar relações commerciaes e de amisade com o Muatiânvua.

Na primeira povoação dos Hungos em que descançou, o regulo apresentou Paulo ao principe D. Miguel, como um homem

muito pratico dos caminhos que elle ia percorrer, e que havia mezes tinha chegado de uma exploração nas margens do rio Uhamba, d'onde tinha trazido tres dentes de marfim.

Era o pensamento de D. Miguel seguir d'ali para leste e passar o Cuango nas terras de Muene Puto Cassongo, porém á vista dos inconvenientes que Paulo lhe apontou com respeito ás exigencias dos povos na margem esquerda d'aquelle rio e das facilidades de conducção pelo caminho que elle costumava seguir, nomeou-o director da viagem, e á caravana se foram reunindo negociantes de Calandula, de Encoje e de outros pontos, na maior parte individuos que estavam habituados a andar no sertão com Paulo, e que se diziam subditos de Muene Congo. A caravana seguiu pelo antigo caminho de Quinbundo a Cauenda, onde era a Mussumba do Xanama.

Recebeu o Muatiânvua muito bem o principe, e este fez as suas transacções; mas, como succede sempre, decorreu muito tempo para rehaver os creditos, e como os recursos iam escaceando e muito lhe faltava ainda por cobrar, acceitou o conselho do Muatiânvua de mandar a seu pae o presente que este lhe queria enviar — cinco dentes de marfim grandes e doze captivos, signal que desejava continuar as relações de amisade travadas.

Tambem D. Miguel tinha já alcançado das suas transacções quatro dentes de marfim e dezeseis captivos, entre homens, mulheres e creanças.

Foram, Paulo por parte do principe e o Cacuata Capenda por parte de Xanama, os encarregados de apresentarem ao rei o marfim e a gente que lhes era confiada, e de pedirem da parte de seus amos que por elles mandasse no regresso mais fazendas, armas e polvora.

Na margem do Cuango o Cacuata tratou de vender dois dentes, Paulo quiz oppor-se, porém aquelle allegou que a sua gente tinha fome, não podia continuar a caminhar assim e que precisava comprar sustento.

Continuaram a viagem até ao Calandula e marginaram o Lucalla, porém já proximos de S. Salvador nem Capenda

nem Paulo tiveram coragem de ir á presença do rei, por se terem vendido os dois dentes de marfim. Foram os seus immediatos que apresentaram ao rei o que levavam e lhe transmittiram os recados dos seus amos.

O Rei recebeu-os bem, mandou-lhes dar hospitalidade e tratou de organisar uma numerosa comitiva, no que decorreu mais de um anno, porque era grande. Esta seguiu pelo mesmo caminho, e foi encontrada acampada no sitio de Catala em dezembro de 1883 por Augusto Jayme, quando este regressou do Cuango, onde fôra acompanhar a grande expedição dos irmãos Machados de Malanje. Calculara elle que a caravana não era inferior a duzentas cargas.

Quando chegaram ao Anguvo Mucanza, entre o Luembe e o Cassai, teve Paulo noticia de ter sido perseguido e esquartejado Xanama, de ter apparecido morto na sua cubata o seu successor Ditenda e de estar governando o estado o irmão d'este, Cangapua.

Na lua seguinte áquella em que Paulo e Capenda deixaram a Mussumba, morrêra o principe D. Miguel, e um filho de Paulo, que ficara como creado ao serviço d'elle, enterrou o corpo num logar só d'elle conhecido, esperando que seu pae o viesse buscar, pois consideravam grande crime deixar os ossos do principe numa terra que lhe era estranha.

Não corriam bem as cousas na Mussumba, e Mucanza auxiliado por Capenda que era cacuata d'elle, e que o cedêra a Xanama para a diligencia que fôra fazer, aconselharam Paulo a transaccionar nas terras de Mataba, de que era governador o primeiro, as fazendas e mais artigos de commercio que a caravana havia trazido.

Já havia tempo que a caravana estava demorada, e alem de dois dentes de marfim tinham comprado oitenta pessoas, gente na maior parte velha e invalida. Os rapazes mais destemidos que acompanhavam Paulo principiaram a censura-lo, não só pela demora, mas por estar estragando o negocio do rei. Mucanza, importunado constantemente por Paulo, tratou de arranjar algumas mulheres ainda novas para contentar os rapazes,

e deu a Paulo para sua companheira uma rapariga que foi logo o seu enlevo, e a qual elle baptisou com o nome de Malia (Maria).

Paulo mandára um recado ao filho que estava na Mussumba, para que regressasse e trouxesse comsigo os ossos do principe. O filho acondicionou numa muhamba uns ossos embrulhados em folhas e entregou essa carga aos portadores do pae, mandando-lhe dizer que eram os restos do principe, e que elle não partia sem primeiro ter pago uma grande divida que tinha a um Ambaquista que d'elle tomára conta e que o protegera sempre depois da morte do seu senhor.

É este um facto que nos foi confirmado pelo proprio filho de Paulo e pelos Ambaquistas que encontrámos no Luambata e que de lá regressaram todos comnosco; e isto mais uma vez prova que entre as gentes mais boçaes do continente africano, ao contrario do que muitos teem affirmado, se encontra o sentimento da gratidão e o reconhecimento pelo bem que se lhes faz.

E este facto abona ainda o muito que se deve á educação christã introduzida no Congo pelos nossos religiosos missionarios. Podiam estes ter tido muitos defeitos quando os estudâmos na actualidade, porém quando vemos hoje o que em Africa está fazendo o protestantismo e o islamismo, as comparações são todas a favor dos primeiros evangelisadores. Então a educação ministrada tinha em vista um proveito futuro, e as seitas que na actualidade lá vão fazendo propaganda tratam apenas do presente e de interesses que lhes são muito peculiares. Verdade é que entre nós, gente civilisada, a educação moderna se resente do mesmo mal, porque se abalaram os alicerces da religião christã, unico e verdadeiro culto que alenta os crentes ainda nos mais difficeis transes da existencia.

O rapaz a quem nos iamos referindo — cujo typo era muito antipathico, já pela sua figura descarnada, já pelas suas horrendas feições, e que mais parecia um chimpanzé do que um homem — desamparado depois da morte do principe, por não querer retirar com os seus companheiros para não abandonar

os ossos do amo, encontrou a protecção de um Ambaquista, unica pessoa que d'elle tratou quando foi atacado de bexigas negras. Curado, considerou que lhe devia a vida, e passou a servi-lo como um escravo, mas com a consciencia do que fazia, e que só d'elle se libertaria resgatando-se, e foi nessa conformidade que mandou dizer ao pae: — Se tem muita fazenda e polvora, mande o que é preciso para me resgatar do homem a quem devo a vida.

Quando nós o encontrámos, tinha morrido dias antes o Ambaquista de quem elle fôra um assiduo enfermeiro, e então acceitou a protecção que lhe offerecemos, passando a fazer parte da familia do nosso interprete Bezerra.

Paulo vendo que pouco mais negocio podia fazer no Mucanza, conseguiu que este o despachasse para retirar com a sua caravana, porém na vespera fugiram-lhe setenta das pessoas que havia comprado e entre ellas as suas favoritas Malia e Camonga.

Na gravura que apresentâmos está elle sentado num banco, tendo á sua esquerda Malia e á direita Camonga. Scenas curiosas se deram com esta gente, a quem por vezes teremos de nos referir, porque bastante nos incommodaram.

Podia Paulo perder tudo, menos a sua Malia. O velho estava deveras apaixonado porque a rapariga se não podia conformar com os usos de viver no mesmo récinto com um homem e outra mulher. Camonga pela sua parte concordava com a companheira, porque de mais reconhecia ser esta a predilecta. Uma e outra tornaram-se amigas para fazer tarrafias ao velho, e a primeira e melhor, já em terras de Mucanza, foi irem-se esconder ambas de noite na vespera da partida para longe do acampamento, no intento de não seguirem viagem com elle.

Mucanza, apoquentado com a lamuria do velho, chegou a offerecer-lhe quatro mulheres em logar das duas mencionadas, porém elle não quiz, e mais se convenceu que estas lhe fugíam, contando com a protecção de Mucanza ou de seus quilolos. Demorou-se a comitiva mais dez dias, e como não apparecessem as fugitivas, Paulo fez seguir os seus rapazes com o que

lhes restava, e apenas vinte pessoas das setenta fugidas que Mucanza conseguiu prender, e elle ficou só com quatro companheiros mais velhos.

Houve mais outros dez dias de demora em que elle não largava Mucanza, e o caso é que appareceram as raparigas e elle partiu através de Mataba para o Luembe; porém, antes de chegar ahi na povoação do Calamba Cacunco encontrou a sua caravana expoliada.

Estando acampada a caravana numa povoação proximo, dias depois era ali procurado Paulo pelo Calamba Xa Luvundo e por mais dois Calambas, todos com a sua gente armada, e como

PAULO, MALIA E CAMONGA

Paulo ainda não tivesse chegado, appareceu o rapaz Manuel, a quem os do Congo chamavam capitão do caminho, perguntando-lhes o que queriam.

— Duas raparigas que Xa Ianvo entregou a Paulo quando elle foi para o Mucanza.

— Uma d'essas raparigas disse-lhe Manuel morreu, e a outra partiu com os nossos companheiros que foram adeante para Malanje.

Fizeram mal em a levar, replicaram elles, porque vocês teem fama de que veem comprar gente para comer, e os parentes agora reclamam-nas. Se quizerem continuar a sua

viagem socegados hão de esperar o Mujinga Congo (Paulo), para elle apresentar as raparigas.

Emquanto os Calambas fallavam com Manuel, os seus rapazes andavam visitando o acampamento e souberam que os do Congo traziam armas, mas que não tinham polvora. Levantou-se de repente um babaré, e não só fugiu a gente que Manuel levava, mas uma parte da gente dos Calambas luctou com os da comitiva e outra parte encarregou-se de acarretar o marfim e mais cargas para as suas povoações.

Queixaram-se os roubados a Cacunco, que lhes disse terem os Calambas má fama, e que o melhor era retirarem com as velhas e crianças que elles não quizeram. De noite fê-los passar o rio na sua canoa.

Paulo havia abonado muitos creditos a Cacunco, a quem considerava como amigo, e tendo conhecimento por elle do que se passou, pediu logo que o fizesse passar o rio com a sua gente e que lhe désse o que quizesse do que devia ao seu rei, por quanto o seu maior empenho era apresentar-lhe Malia.

Cacunco reduziu o pagamento a dois moleques e deu passagem aos forasteiros, e elles foram reunir-se a Manuel e aos seus, que estavam na margem do Luachimo lamentando a sua sorte emquanto esperavam Paulo, pois mesmo dos pannos que vestiam tiveram de servir-se para pagarem a portagem no Chiumbue e alguma cousa que comerem.

Era má a situação, e Manuel com mais dezesete rapazes assentaram ser melhor ficarem onde estavam ganhando a vida, já na colheita de malufo já fabricando esteiras, chapéus e cestos e procurarem haver os creditos que tinham nas vizinhanças entre Lundas e Quiocos.

Resolveu então Paulo seguir com os dezeseis rapazes do Congo e com gente que escapou ás rusgas de Mucanza e dos Calambas e levar ao rei os ossos do principe. Quiz cobrar creditos pelo caminho mas ninguem lh'os pagou, não obstante confessarem que lhe eram devedores, allegando differentes motivos e compromettendo-se todos a pagarem-lhe quando voltasse a fazer mais negocio.

Para poderem pagar as passagens dos rios tiveram de se desfazer dos pannos com que se cobriam, substituindo-os uns por pelles de animaes e outros por retalhos de mabela.

Chegados ao Caungula, o Cacuata Angunza entendeu que estes infelizes pouco haviam soffrido, e foi ao seu acampamento roubar-lhes um rapazito que fazia parte da comitiva.

Queixaram-se ao Caungula, mas este que algumas vezes lhes tinha mandado dar mantimentos para mitigarem a fome, não quiz tomar conhecimento da queixa por estar esperando o Muatiânvua e Muene Puto.

Recebendo esta noticia resolveram esperar, porque, disseram logo, Sua Magestade o Rei D. Luiz I era rei d'elles, e que nós seu representante não deixariamos de lhes conceder a protecção de que careciam para não perderem todo o seu haver.

Terminada a narração dissemos: — Estes homens esfarrapados e nus que estão diante de nós e que parecem uns miseros selvagens, teem um rei em cujas terras se encontram hoje muitos brancos filhos de diversos reis, e Muene Puto protege-o. Se elles que vão regressar á sua terra, ao apresentarem a Muene Congo os ossos de seu filho lhe narrarem os maus tratos e roubos que soffreu a embaixada que elle mandou ao Muatiânvua, devem os Lundas lembrar-se que este rei de um dia para outro póde pôr em marcha contra a Mussumba 5:000 homens armados com as boas armas dos brancos, e que no Cuango se lhes podem reunir outros tantos Bângalas que descontentes tambem com os Lundas e Quiocos se promptificarão para os ajudar a alcançar uma desforra dos damnos recebidos.

Não tem o nosso amigo que vae agora governar o Estado cousa alguma com o que se passou, porém sabendo-se que não attendeu aos nossos pedidos, grandes males podem resultar d'ahi para o seu governo.

Respondeu então Xa Madiamba que estimava ver aquelles rapazes, por serem filhos de seu antigo amigo e irmão Muene Congo; que tinha prestado a maxima attenção ao que lhe haviamos dito. Que se Muene Puto era protector de Muene Congo

tambem o era de Muatiânvua, e o que elle quizesse havia de cumprir-se. Por emquanto só podia dar satisfação a uma parte da queixa que se referia ao Cacuata Angunza, o qual estava ao serviço d'elle. No que respeitava a Mataba aconselhava Mujinga Congo que acompanhasse com seus rapazes Muene Puto para ali fazerem valer as suas razões perante os Calambas que os roubaram, pois provando-se que haviam sido despojados, elles haviam de pagar senão os mesmos roubos, valores equivalentes.

Voltando-se depois para o Cacuata do Caungula que estava ás suas ordens disse-lhe — que tomasse conta da questão de Angunza e que o fizesse pagar o que roubara aos filhos de Muene Congo. É natural, acrescentou, que o roubo não appareça, mas que pague valor igual.

Mostraram-se os rapazes satisfeitos com a deliberação e agradeceram batendo as palmas tres vezes dizendo — *Vudiê! Calunga! Anzâmbi!*

Disseram ainda que Xa Muteba Caungula tivera dó d'elles, e que muitas vezes lhes mandara dar mandioca das suas lavras, porém que desejavam trabalhar para ganhar com que se vestirem e matarem melhor a sua fome.

Respondemos que tencionavamos fazer uma grande casa e que elles podiam auxiliando os nossos rapazes ganhar alguma cousa, e prestando-se a acompanhar-nos e transportando cargas dar-lhes-iamos rações iguaes aos dos nossos carregadores.

Immediatamente se promptificaram a entrar ao serviço da Expedição e principiaram a trabalhar na manhã seguinte.

Xa Madiamba disse-lhes por ultimo, que o fossem procurar ao seu acampamento para lhes mandar dar de comer para aquelle dia.

Retiraram os rapazes do Congo e logo em seguida se apresentaram portadores de Caungula com uma boa cabra e cargas de bombó, que o Muata nos enviava de presente e com elles veiu o rapaz de Muata Cumbana, na povoação do qual estiveramos acampados dois dias antes de passarmos o rio Loma que nos trazia tambem de presente um bello carneiro.

Mandámos dizer a Caungula que iriamos pessoalmente agradecer a sua lembrança, e ao rapaz que nos procurasse depois de retirar o nosso amigo Muatiânvua.

Haviamos dito a este que as chuvas tinham feito algum estrago nas cargas, e para que elle conhecesse que não era sem fundados receios que o aconselhavamos a fugir-lhe, mandámos buscar a caixa que de manhã abriramos, onde vinha o banco estofado destinado á Lucuoquexe, e tambem varios brincos, anneis, broches e outros artigos, tudo de bijuteria franceza.

Mas que fizemos nós! Elle, logo que abrimos a caixa e viu o que estava dentro, com receio de que os seus companheiros tambem vissem, abaixou a tampa em acto continuo com ambas as mãos e collocando os braços sobre ella gritou enthusiasmado: *Ah ca! uape! ámi! ámi!* (Oh senhores! esplendido! tudo isto é meu!)

Achámos graça ao espanto por tão pouca cousa e pedimos-lhe nos deixasse mostrar como muitos objectos estavam estragados e ao mesmo tempo escolher alguns artigos para juntar ao presente que tencionavamos levar ao Caungula.

— Sim! Eu escolho, e foi puxando os cartões para o pé de si, mirando-os sempre, ora tirando-os ora pondo-os em diversos logares dentro e fora da caixa. Quiz ver tudo, contou, separou, tornou a juntar dizendo — Caungula tem muitas raparigas e depois... se o meu amigo apresentar isto na Mussumba tem a casa cheia d'ellas.

— Não temos nisso empenho, lhe dissemos rindo, e demais tudo isto é do Muatiânvua para distribuir pelas suas raparigas.

Mostrou-se muito satisfeito, abraçou-nos, tornou a contar o que já havia contado, e como lhe custasse a largar o que via deante de si, dissemos que escolhesse elle alguns brincos, broches e anneis para dar como cousa sua ao Caungula. *Muaniê!* exclamou elle então, e escolheu dez cartões entre todos. Contou de novo o que ficava e pediu que se empacotasse e fechasse tudo novamente. Como lhe perguntassemos se tinha medo que o roubassem, respondeu promptamente — Tenho

sim meu amigo, tenho; todos estes rapazes são muito ladrões e querem ser amaveis com as raparigas á minha custa; quando tudo esteja bem enxuto, feche o meu amigo bem a caixa e guarde-a no seu aposento.

Havia uns ornatos de cartão dourado já avariados, que principiámos a distribuir pelos curiosos, porém logo que chegámos ao sexto fez-nos suspender a distribuição e embrulhar tudo bradando — Basta! basta! Guarde, senão ficâmos sem nada.

Perguntámos-lhe se queria um pedaço de uma peça de torcida de candieiro que já não nos servia para amarrar o panno, respondeu-nos — Agora não; mas observando um dos seus que era bom, acrescentou elle muito depressa — Para m'o roubarem, não é assim?

Todos admiraram o banco estofado bordado com galão. De dentro da caixa tirámos um espelho grande oval, mas virado. Perguntámos-lhe se podia ver a cara ao espelho e elle apanhando rapidamente uma folha da ramagem que revestia as paredes, dividiu-a, uma parte enrolou-a e metteu-a no ouvido direito e apertando entre os dentes a outra parte fez um aceno com a mão para se virar o espelho.

Grande enthusiasmo d'elle e de todos!

Restabelecido o socego, continuou a mirar-se e disse-nos com certa complacencia — Ainda sou um Muatiânvua capaz!

Reparando na moldura que era preta e a qual estava um pouco deteriorada, fizemos-lhe sentir que o estrago era devido ás chuvas, e que para não se perder o resto precisava elle de apressar a viagem; animei-o porém dizendo-lhe que aquelle espelho era para a Lucuoquexe e que o d'elle ainda se conservava em bom estado.

Desejou ver o presente que tencionavamos levar ao Caungula; mostrámos-lh'o logo. Constava de uma peça de chita, uma de riscado, uma dita de zuarte, doze lenços, uma peça de galão dourado, uma banda, um barril de polvora, um masso de missanga grossa Maria II, um bom panno de casimireta azul. Dissemos-lhe que tencionavamos brindar tambem o potentado com uma bandeira portugueza.

Nada lhe fez impressão senão o panno; entristeceu e foi preciso convence-lo que tinhamos outros iguaes e ainda mais bonitos, para voltar á alegria em que estava. Mostrou-se satisfeito por destinarmos uma bandeira ao Caungula, mas pareceu contente por ser ella mais pequena do que a sua. E terminou dizendo aos seus familiares — Está bom, o Caungula é um velho amigo e parente, e ficará contente com a minha passagem pelas suas terras. Nada perdeu, não é verdade?

Ganhou muito, disseram todos.

Quando se despediu eram mais de quatro horas, e nós fomos pouco depois jantar. Neste dia tinhamos carne de antilope de que se fez boa sopa, um guisado e um assado.

No dia 14 de madrugada foi o soldado n.º 54 para a residencia do Caungula com a bandeira, presa já a uma haste que depressa se improvisou; na sua companhia iam dois contractados levando as nossas cadeiras. O pessoal superior da Expedição não se demorou em segui-los acompanhado de Augusto Jayme como interprete e de outros contractados fardados, um dos quaes levava o presente.

A quipanga do Caungula ficava a oeste do nosso acampamento e distante d'elle pouco mais de 1 kilometro. O caminho que tinhamos a percorrer era feito entre povoações as quaes por ficarem á frente da principal constituiam o que elles chamam — *méssu* da quipanga.

Algumas cubatas de maior vulto estavam resguardadas por tapagens feita de paus enterrados no solo revestidos de folhagem de arvores e algumas vimos feitas de capim secco, sendo umas e outras tão altas que só podiamos ver os extremos das cupulas nas cubatas mais elevadas.

Estas em geral pertenciam a homens ou mulheres que tinham assento no conselho do estado do Caungula.

Rareavam as arvores, a não ser a norte do nosso caminho marginando um affluente do Lôvua, mas em compensação já neste mez o capim era alteroso e uma vez perdido o trilho um extranho com difficuldade se orientava para o ir encontrar de novo.

Em frente da Quipanga havia um espaço limpo que regulava por 80 metros de comprimento e com a largura da quipanga, que era de 120 metros, ficando aos lados as povoações. As da esquerda eram da velha Muári, que continuavam pelo lado da quipanga separadas d'esta por uma larga rua; outras eram da Temeinhe (segunda mulher) e de mais algumas companheiras de Caungula, todas com as cubatas dos seus servos, que faziam parte das familias. As povoações do lado direito pertenciam aos homens de guerra de Caungula e aos caçadores mais considerados.

Á entrada do largo existia um portal isolado, tendo suspensa na verga uma panella com uma mixordia qualquer, saido d'ella ramos de folhagem em forma de vassouras. Passando este portal ao nosso lado esquerdo vimos dois trophéus, uma especie de cabides de troncos de arvores que se aproveitam já seccos; num d'elles viam-se tres caveiras humanas e noutro ossos, chifres e caveiras de animaes diversos mortos pelos caçadores.

O primeiro trophéu fôra levantado para commemorar a derrota dos Quiocos no ataque que estes tentaram dar á residencia do Caungula, sendo aquellas caveiras dos tres Quiocos de maior importancia que morreram nesse ataque, conservando Caungula de refens o chinguvo (instrumento de pancada) do Muana Angana Mucanjanga e duas raparigas que vinham na sua companhia.

A Quipanga era bastante grande, muito mais funda que larga; seguia-se depois a extensa rampa de inclinação suave que dava sobre a margem do rio Lôvua, havendo ainda sobre a rampa varias habitações que constituiam a povoação do Canapumba do Caungula, isto é, o Mazembe.

Toda a Quipanga era resguardada por uma boa e grossa tapagem, dando-se aqui o caso de as estacas ainda verdes com que a formaram se terem transformado em arvores frondosas.

A entrada era constituida por um corredor da largura de 2 metros, e dos lados e um pouco á frente havia duas arvores enormes, á sombra das quaes o Caungula dava audiencias diariamente ao seu povo.

A sua residencia era do lado direito, voltada ao sul, mas a cubata onde dormia tinha a entrada virada ao nascente. Eram de forma circular e grandes as cubatas destinadas ao seu uso particular, tendo as cupulas elevadas em forma de pyramide, revestidas de capim secco, destacando-se entre todas duas muito altas a que os Ambaquistas chamam torres, certamente por lhes fazer lembrar, mal comparado, as torres das igrejas de Loanda.

Dentro da Quipanga as cubatas estavam bem dispostas em boas ruas sempre aceadas, havendo alguns largos e nestes plantas de estimação; vimos lá tambem bons carneiros, ovelhas, cabras, patos, gallinhas, etc.

Apesar de haver lá dentro muita gente e quasi tudo mulheres reinava silencio, o que, junto com a boa ordem em que vimos tudo, nos produziu agradavel impressão.

Sobre esteiras limpas estavam seccando ao sol nos largos enormes quantidades de lagartas de arvores, a que chamam massésse, alimento de que se faz uso na falta de caça e de peixe. As lagartas apanhadas em umas determinadas arvores no matto e trazidas para as habitações, são deitadas em agua quente e depois expostas ao sol durante alguns dias. Para as guardar fazem-se canudos de folhas grandes, sendo mais procuradas as de bananeira, que tenham de 6 a 7 decimetros de largo e exteriormente cingem-se as folhas com fibras de cabama, uma especie de chibata. Em tempo humido e mesmo no das grandes chuvas aproveitam-se as horas em que o sol está descoberto para se tirarem dos envolucros e exporem-nas ao sol.

Caungula estava já sentado á sombra de uma grande arvore sobre uma pelle de leopardo e ao lado d'elle, mas um pouco atrás, as suas mulheres. A bandeira fôra collocada na sua frente e nós sentámo-nos á sombra ao seu lado direitô e formou-se logo roda com a gente d'elle, a do Muatiânvua e a nossa, sentando-se no chão os da fileira central, que era formada pelos quilolos.

Agradecemos o presente que nos enviara, no que manifestava querer continuar a manter as já antigas relações do ami-

sade com os filhos de Muene Puto, fim esse com que Muene Puto nos mandára á Mussumba.

— São sempre bem vindos a estes dominios os filhos de Muene Puto, aqui estão na sua terra, nos disse elle interrompendo o interprete. Nós continuámos.

— Entregâmos-lhe a bandeira que está fluctuando na sua frente, por que sabemos que a conhece por ser a de Muene Puto; ella representa amisade e paz com os filhos d'esta terra. Bom será que faça uso d'ella, para que os negociantes que por aqui passarem para o Lubuco, e para os estados do Muatiânvua, saibam que Caungula é amigo e protegido de Muene Puto, e que sempre comnosco manteve boas relações.

Asseverou-nos que nunca seria causa de desgostos para Muene Puto; que esse era o senhor d'aquella terra, pois sem a sua protecção nem elle nem pessoa alguma do seu povo saberiam o que era vestir, o que era uma arma e polvora; que todos fallavam muito de Muene Puto por ouvirem os velhos, porém elle já conhecia mais do que isso, porquanto estivera em terras de Angola e mantivera ahi relações de negocio com boas casas. De uma memoria feliz citou-nos Vieira Dias e descreveu-nos a casa d'elle em Loanda, o seu trem, cavallos, etc.

Fallámos depois da necessidade que tinhamos de fabricar uma grande casa para estação hospitaleira e de commercio, mas ponderámos que não lhe queriamos dar principio sem ter com elle a devida attenção e pagarmos o chão, porquanto desejavamos que a casa ficasse sendo pertença de Muene Puto e nella podessem entrar todos os negociantes que viessem de suas terras e que ahi quizessem estabelecer-se.

— A terra é de Muene Puto, respondeu elle, nada tem a pagar o sr. major fabricando uma casa. A felicidade é para nós se ella estiver sempre occupada com negocio que tragam de Angola os seus filhos brancos e os de côr como nós.

Em seguida Jayme descobriu o presente que lhe levavamos, e este e o soldado n.º 54 abriram as peças e estenderam-nas em todo o seu comprimento uma por uma, dobrando-as depois como é de uso nestes casos; mas Caungula olhava para tudo

com indifferença, como quem não ligava importancia ao que se estava fazendo e continuou dirigindo-se a nós dando agradaveis noticias de Saturnino Machado e de Antonio Lopes de Carvalho, trazidas por Bângalas que ha pouco tempo tinham seguido de regresso e que com elles tinham estado. Os expedicionarios separaram-se no Luangue (rio que nós passámos) indo Antonio Lopes marginando este rio para o norte e continuando Saturnino para nordeste; passando por ali, ficaram quatro rapazes que Caungula disse estarem doentes, mas que mais tarde soubemos serem fugidos, tendo roubado parte das cargas.

Dois d'estes foram cornetas das companhias moveis de Malanje e ambos prestaram serviços ao Caungula na defesa contra os Quiocos. Um d'elles morreu debaixo de fogo e o outro era o José, muito protegido por este potentado e que se aggregou á nossa Expedição emquanto nos demorámos no sitio prestando-nos bons serviços nos trabalhos da construcção da Estação, e tocando na requinta que trouxera, que era de Saturnino, acompanhando os nossos cornetas.

Foi este homem que elle nos apresentou na occasião e mais tarde havemos de fallar de um terceiro carregador que tivemos de resgatar, e que foi morrer de inanição no Luambata.

Ainda nos fallou Caungula de Antonio Bezerra, e de seu irmão Lourenço, com quem mantivera boas relações, bem como de alguns Bângalas de quem era amigo.

Estavam feitos os cumprimentos do costume, e como ficasse assente não haver impedimentos para se construir a Estação e houvesse bastante material reunido para esse fim, á vista de um plano que tinhamos feito tratámos de dar principio a essa construcção, na qual foram empregados os rapazes do Congo e os carregadores Massongos, sendo os primeiros gratificados a titulo de rações, creditando-se aos segundos o valor d'estas para o pagamento dos roubos.

A SEGUNDA QUINZENA DE OUTUBRO

urante a segunda quinzena do mez de outubro, em que todo o pessoal esteve entretido, nas horas de menos calor, a construir sob nossa immediata direcção, nas melhores condições e com a maxima brevidade um edificio para a nossa Estação civilisadora e hospitaleira, deram-se alguns incidentes, que apezar de triviaes entre os indigenas, pelo menos nesta parte do continente africano, entendemos ainda assim ser conveniente dar d'elles conhecimento, dispensando-nos comtudo de seguir a ordem do diario para não interrompermos a sua narração.

Como os carregadores de Quiteca insistissem em affirmar que não tinham em seu poder objecto algum roubado, e este nos pedisse que não tomassemos resolução alguma sem chegarem os 50 rapazes que tinham ido ao Caianvo, e que segundo elle, era de suppôr tivessem alguns objectos escondidos, e que era de crer roubassem tambem as cargas que deviam de trazernos, deliberámos que todos trabalhariam no fabrico da casa e

nas ruas que pretendiamos fazer, sem que por isso recebessem pagamento algum nem mesmo de rações, por estarmos convencidos que elles tinham com que comprar mantimentos; isto porém só o fariamos constar depois da chegada dos companheiros, impondo-lhe como condição a que se haviam de sujeitar, se quizessem continuar ao nosso serviço, isemptando assim os seus sobas do pagamento dos roubos que fizeram.

Sendo revistadas as cargas quando chegaram os companheiros, démos com algumas tambem roubadas e d'elles rehouvemos ainda 8 pannos feitos, 6 peças de fazenda completas (atacadas), 4 barris de polvora e 8 armas lazarinas.

Continuámos todos os dias em investigações para que nos apresentassem mais objectos, pois não era de duvidar que tivessem dado creditos a diversos Lundas, mostrando-lhes estarmos dispostos a nada perdoar, nem mesmo o negocio que d'elles houvessem em troca.

Devemos dizê-lo, não contavamos com o auxilio nem de Xa Madiamba nem do Caungula, por quanto entre os que os rodeavam existia quem protegesse os ladrões, uns por terem escondido os roubos para haverem interesses d'isso e outros porque tinham recebido creditos; porém se de uns e de outros era certo que nós nada receberiamos tambem elles não, e o mais que fariam em beneficio dos culpados seria proporcionar-lhes a fuga a despeito das ordens dadas por Caungula para serem fechados os portos dos rios.

Com respeito á fuga isso já pouco nos importava, visto as demoras que tinhamos em cada Estação e a necessidade de aguardarmos os successos além do Cassai, pois vinham chegando noticias de guerras entre Quiocos e as forças da Mussumba commandadas por Muriba, de que daremos conhecimento mais adeante.

Era nosso proposito não dar rações aos ladrões e tirar-lhes do corpo o maximo trabalho possivel, mas se fugissem seriam outras tantas boccas de menos a sustentar.

Todavia como os homens se mostrassem receosos, aos mais pequenos movimentos de forças que por circumstancias diver-

sas se deram entre a gente do Caungula e do Muatiânvua, suppondo que os iamos entregar áquelles potentados, procurámos tirar proveito da nossa situação exigindo-lhes trabalho, fazendo-lhes sentir sempre que não nos convenciamos que tivessem entregue tudo que nos haviam roubado e que não lhes restituiriamos as cargas alheias que tinhamos em nosso poder.

Eram estas cargas que elles pretendiam, e não nos passou desapercebida a sua insistencia, o que nos fez convencer que se as recebessem os seus donos retirariam e atrás d'elles iriam todos.

Lembrámo-nos de lhes propôr que, antes de estabelecermos as condições em que continuariam ao nosso serviço e de nos resolvermos a fazer entrega do que nos não pertencia, haviam elles de sustentar a sua affirmação, pela prova do juramento e ao uso da sua terra, na presença do Caungula e de Augusto Jayme, irmão do soba Ambango de Malanje, de que nada mais tinham que fosse roubado.

Acceitou Quiteca a proposta e foi participar aos seus esta nossa resolução, que elle entendia que todos approvariam.

Mas não foi assim, e indo nós ao acampamento d'elles encontrámos todos discutindo sobre o que pretendiamos se provasse pelo juramento; tivemos de explicar o nosso pensamento, isto é, o que segundo elles o nosso coração a tal respeito dizia.

—O que lhes tirámos das cubatas, dissemos, nada é em comparação do que nos falta; teimaram em affirmar que nada mais têem, pelo juramento é facil convencer-nos que dizem a verdade. Os que já comeram o que roubaram, declaram o que comeram para lhes ser descontado em serviços e bebem o juramento que provará que nós não temos razão em lhes exigir mais; os que ainda não comeram tudo, apresentam o que lhes resta e bebem juramento como os primeiros; os que empregaram o que tinham em negocio, ou o esconderam para esse fim fazem o mesmo. E depois d'isto todos assignarão uma mucanda em que se hão de mencionar os serviços que hão de prestar e os pagamentos que teem a receber de ahi em deante e essa mucanda ha de ser enviada ao chefe do concelho de Malanje.

— O que desejavamos nós obter com o juramento, nos perguntou um dos rapazes muito assustado?

— Que um por um respondam ás seis interrogações que lhes fizermos, e que bebam juramento para confirmar a verdade das suas respostas.

Pediu-nos então o rapaz que exemplificassemos, o que fizemos nos seguintes termos:

— Roubou ou não você a carga que trazia?

Titubeou, gaguejou, fez muitas caretas e ficou-se quêdo.

— Basta, lhe dissemos, já não tem que beber juramento por que o reconhecemos como criminoso.

A um outro ainda perguntámos — O roubo que você fez entregou-o todo ou tem parte d'elle ainda guardado?

Tambem este se atrapalhou, para nos dizer por fim — Com essa pergunta não posso beber juramento.

— Mais um criminoso dissemos para os circumstantes que todos nos apoiaram.

Então o que por vezes nos servira de piloto na passagem dos rios e que merecera ser por nós considerado disse-nos: — Nós não podemos negar que roubámos as cargas de Muene Puto, o senhor major encontrou-nos com parte dos roubos que levou, e o resto, fallemos verdade, já foi por nós consumido e por isso não podemos beber o juramento; temos de nos sujeitar ao castigo.

Foi este apoiado por alguns companheiros e nós então retorquimos — Nesse caso tratem de provar pelo juramento que não possuem cousa alguma do que roubaram.

Tambem não quizeram; e foi por isso que resolvemos darlhes tempo, continuando elles a trabalhar nas construcções, para reflectirem no que deviam de fazer e que só depois do dia da inauguração da Estação seriam chamados para se lhes lerem as condições a que tinham de sujeitar-se querendo continuar ao nosso serviço, salvando assim o soba da responsabilidade do crime que tinham commettido.

Emquanto trabalhavam sem que se lhes pagasse cousa alguma era isso vantajoso, e como se sujeitavam ao trabalho na

esperança do que lhes restituiriamos as cargas dos negociantes que os acompanhavam, deixámo-los sempre nessa illusão.

Havendo Xa Madiamba conseguido que o Cacuata Angunza pagasse aos rapazes do Congo o roubo que lhes fizera, pediu-nos Paulo para regressar com cinco dos homens mais velhos a Malanje, onde queria arranjar um caixão para os ossos do principe e poder assim apresenta-los ao seu rei, ficando comnosco dez rapazes a quem se juntariam os vinte que estavam em Mataba. Todos estes ficariam ao nosso serviço esperando obtivessemos de uns potentados o pagamento de creditos e de outros indemnisações dos roubos soffridos.

Era uma questão de dias, e convinha-nos que elles assistissem á festa da inauguração da nossa Estação, para levarem a nossa correspondencia. Paulo no emtanto prestava-nos bons serviços, porque fallando com Caungula e Xa Madiamba, e com os homens de mais importancia sobre as vantagens que tinha alcançado o rei do Congo e os seus subditos da protecção dos Portuguezes, ia influindo no seu animo para que todos com consciencia assignassem o tratado que tinhamos em vista celebrar com Caungula.

Entre os africanos em geral, e referimo-nos mais particularmente ás regiões que conhecemos, o tempo não tem valor, mas nós fortalecidos com uma paciencia evangelica nunca desistimos do que se nos afigurava como mais conveniente para o melhor exito da nossa missão; eramos persistentes no que projectavamos e procuravamos auxilios lançando mão dos meios que se nos deparavam, tendo sempre em vista o proverbio ambundo: *neza buanguene, utambujila, quembilé.* (Quem vem á casa estranha, faz côro não canta — isto é: Quem quer viver na Lunda, faz-se Lunda.)

Paulo de bom grado se prestou a demorar-se alguns dias, para dirigir os seus rapazes no trabalho, ficando nós de mandar fazer no dia seguinte ao da festa da inauguração, o caixão que elle desejava para o que não nos faltavam os materiaes.

Paulo seria uma das testemunhas conscientes das diversas cerimonias que esperavamos tivessem logar naquelle dia, e

tanto elle como os velhos que o haviam de acompanhar iriam divulgar na nossa provincia de Angola o que tinhamos de relatar a tal respeito ao Ministro da Marinha e Ultramar.

No emtanto haviam chegado do interior, d'além do Cassai, duas comitivas de Cassanjes, uma do Ambanza Angúri e outra dos Ambanzas Cambolo e Camuéji.

A primeira trazia um dente de marfim um pouco avariado, que o Muata Anguvo Mucanza mandava de presente a Xa Madiamba, como signal de ter estado aquella comitiva na sua terra negociando, e por isso na mesma noite do dia em que chegou a comitiva o seu Ambanza veio cumprimentar o Muatiânvua, entregar-lhe o presente e informa-lo das occorrencias mais recentes na Mussumba de que Mucanza tinha conhecimento, e nessa mesma noite alcançou que Xa Madiamba e o Caungula o despachassem, retirando com a comitiva na madrugada seguinte.

Já o mesmo não succedeu á de Cambolo e de Camuéji. Era esta uma das que tendo passado no Cassassa e que não fizera caso de Xa Madiamba, não indo os Ambanzas vêl-o como elle lhes mandára pedir, dizendo que não sabiam quem elle era e que seguiam a fazer o seu negocio com o Muatiânvua que estava na Mussumba.

Dizia-se, e nós acreditámos, que os rapazes d'esta comitiva tinham declarado, que bem sabiam estar uma expedição de Muene Puto nas terras de Capenda em viagem para a Mussumba; que essa expedição passára o Cuango abaixo das terras de Cassanje, pois que se não fosse assim havia de encontrar opposição dos Bângalas. Que não tinham receio das armas de Muene Puto e que os seus velhos o tinham provado na guerra do Cazal, pouco se importando que os brancos fossem á Mussumba buscar as armas do Muatiânvua para lhes fazer guerra, e outras cousas de igual jaez.

Xa Madiamba, que não podia perdoar o não lhe terem dado importancia, logo que soube da chegada d'elles mandou prevenir Caungula que não os despachasse, conferenciando depois da despedida de Angúri com os seus até alta noite.

Resultou d'esta conferencia sair no dia immediato Xa Madiamba, com grande admiração dos que o viram, montado num quimangata e seguido de 20 a 30 homens armados para o lado da quipanga do Caungula, o que nos fez suppôr que elle ia visitá-lo, mas, segundo o nosso interprete, isso não podia ser, por não ter ainda o lucano no braço, emquanto Caungula era senhor de lucano de Muata.

Passado pouco tempo sentiu-se grande gritaria no acampamento dos Bângalas, e foi depois d'isto que regressou Xa Madiamba, vindo os seus homens aos saltos cantando victoria.

Fôra o caso que aquelles homens armados e os de Caungula, sob o commando de Xa Madiamba, despojaram a comitiva dos Bângalas tirando-lhe toda a gente Lunda trazida do interior.

Haviamos mandado indagar do proprio Xa Madiamba por que se tinha elle incommodado, e obtivemos por resposta: — Deliberei sair para satisfação do meu amigo Muene Puto e por minha auctoridade; e ainda não fica nisto, hei de dar uma boa lição aos Cassanjes.

Á noite conversando com Xa Madiamba a tal respeito disse-nos que sentia não ter ido mais cedo como desejava e ao que os seus se oppozeram, porque teria feito maior preza; que os seus eram uns tolos que só trouxeram 27 pessoas, emquanto que os do Caungula levaram muitas mais; que já havia dado ordem a este potentado para no dia seguinte lhes serem apresentadas todas as pessoas que os homens d'elle levaram, mas estava certo que na maior parte já estavam escondidas e fora do sitio.

Perguntámos se o Ambanza Xa Muteba não interviera em favor dos seus patricios? Respondeu que não, porque elle participára antes a esse seu amigo e cunhado que a dita comitiva o havia desfeiteado, e que lhe não pedisse para os não castigar; convenceu-se da minha razão, acrescentou elle e mandou dizer-me que fizesse o que entendesse.

E depois de nos dar estas explicações disse ainda — O meu amigo o senhor major não deve tambem pedir por aquelles malvados que offenderam Muene Puto.

Não podemos deixar de lhe lembrar que as presas que fizesse aos Bângalas redundavam num grande mal para as terras do Muatiânvua, porque elles não só fechariam os portos do Cuango aos negociantes que costumavam ir das terras de Muene Puto para a Mussumba, mas tambem porque nenhum Bângala passaria além do Chicapa, todos levariam o seu commercio para o Lubuco.

Emquanto ao que elles diziam sobre a nossa Expedição, declarámos ser certo que procurámos caminho pelos Haris e Capendas do norte, porque quizemos abrir uma via nova para o commercio, pois o caminho d'elles já era muito percorrido e não queriamos fazer concorrencia com elles na compra de alimentos.

— Que com os boatos que elles espalharam pouco nos importaramos, e bem sabiamos que não tendo elles animo para nos atacarem no caminho, procuraram atemorisar-nos espalhando que os Quiocos não nos deixavam passar. Comtudo eram subditos do Jaga que Muene Puto protegia e nós não podiamos deixar de interceder por elles.

— Mas, continuou elle, o meu amigo não sabe que o maior crime d'elles no meu conceito foi o de terem levado polvora e armas para o menino Muriba e para os Quiocos do Cassai, que o mesmo é dizer que fizerem fogo contra os meus amigos, homens velhos que querem que eu tome conta do Estado dos meus avós.

— Vamos dormir, lhe dissemos nós, com o que elle riu e os que o rodeavam, por ser esta a phrase sacramental para deixar a questão no mesmo terreno, e continuar-se no dia seguinte com a conversa.

No dia seguinte estava effectivamente Xa Madiamba fazendo-nos uma visita quando appareceram a cumprimentar-nos os Ambanzas Cambolo e Camuéji e a pedir-nos providencias contra o arresto que lhes fizeram os Lundas, allegando serem subditos do Jaga; e terminaram por dizer a Xa Madiamba que se nada lhes queria dar, elles nada já tinham, e portanto que desse as suas ordens para poderem regressar ás suas terras.

Xa Madiamba ficou contrariado e disse-lhes que eram muito inconvenientes em nos procurarem quando elle nos estava visitando.

Não tivemos outro remedio, senão intervir.

— Dizem agora vocês que são subditos de Muene Puto e que nós os devemos proteger, porque se consideram perdidos; mas não se lembraram que eram subditos de Muene Puto para nos intrigar com os povos d'estas terras, primeiro dizendo que não nos temiam e que se haviam de oppôr á nossa marcha, e ainda hontem que o Muatiânvua os roubava para presentear o seu amigo Muene Puto.

— Nós nem mesmo conhecemos a questão, nem as razões que o Muatiânvua teve para proceder como procedeu, não temos a haver cousa alguma das presas que elle faz, tão pouco nos pede elle conselhos e auxilios para as fazer. Todavia como temos dó dos fracos, pediremos ao nosso amigo Muatiânvua que se condoa de vocês, pois que decerto reconhecem, vindo agora do interior, que mal andaram em não o terem attendido e respeitado os seus soffrimentos na expatriação e que devem ir procura-lo quando elle fôr d'aqui para o seu acampamento.

Allegando que nada tinham para comer naquelle dia, Xa Madiamba declarou que a gente que haviam trazido da Lunda, era gente que pertencia ao Estado e que Muriba estava vendendo para o arruinar; que mandára chamar o Caungula para este lhe apresentar todas as pessoas que os seus lhes levaram, pois queria ver todos, e que alguma cousa por nosso respeito havia de fazer em seu beneficio, e que visto nada terem de comer naquelle dia, o acompanhassem pois que ia soccorre-los com alguma cousa.

De facto deu-lhes algumas cargas de mandioca e uma porção de carne de caça.

Na noite d'este dia, quando estavamos recolhidos seriam 10 horas ouvimos pela primeira vez um bando.

Um caxalapóli de bom pulmão andava pelas povoações gritando: *ovuagânhi, ovuagânhi* (attenção, attenção) e seguiu depois em nome do Muatiânvua a avisar todos os seus homens

de armas que se não deixassem dormir junto das raparigas, porque era preciso cautella não fossem os Bângalas rouba-los.

O bando terminava pelas palavras do costume: *Jajeanjaje* (têem entendido), ao que um ou outro respondia da cubata: *muaniê mucuambango* (sciente meu fidalgo).

Com effeito no outro dia Caungula obrigou os seus homens a apresentarem na audiencia de Xa Madiamba a gente que haviam apprehendido e este não encontrando pessoa alguma conhecida entregou-a de novo aos Bângalas. Com respeito ás 27 pessoas que estavam na quipanga, disse-lhes que esperava que d'esta gente lhe deixassem ficar dois menores para serviço de sua Muári. Os Ambanzas responderam immediatamente que tirasse elle quantos quizesse, só iam na sua companhia os individuos que o Muatiânvua lhes entregasse.

Escolheu o Muatiânvua dois rapazes e os Ambanzas pediram para offerecer mais duas raparigas para elle não ficar de zanga com elles.

Xa Madiamba depois d'isto perguntou-nos se ficavamos satisfeitos, como não esperavamos tanta generosidade mostrámos que nos tinha agradado bastante o seu procedimento, e os Bângalas logo em seguida agradeceram-nos o interesse que haviamos tomado pela sua causa e offereceram os seus serviços para Malanje.

Esta comitiva retirou no dia em que chegava uma outra maior do Cuango para o interior, de que era chefe o Ambanza Quinzaje. Nella vinham incorporados alguns rapazes do Calandula e uns vinte moradores da margem do rio Luximbe, proximo da villa de Malanje dos quaes quatro vestiam á europêa e se faziam entender na lingua portugueza, escrevendo dois muito rasoavelmente; eram estes Antonio João da Silva Monteiro e Manuel Joaquim.

Foram os chefes dos diversos grupos d'esta comitiva informados pelos da outra que retirava, dos serviços que lhes haviamos prestado, e por isso vieram cumprimentar-nos na tarde do dia em que chegaram e deram-nos parte que o Muatiânvua lhes havia pedido que se demorassem alguns dias para seguir-

mos todos juntos; elles porém ficariam prejudicados nos seus negocios se assim fizessem, porquanto consumiriam toda a sua fazenda com o sustento durante a demora com o Muatiânvua. Pediram-nos portanto que influissemos no animo d'aquelle nosso amigo a fim de os despachar com brevidade.

Como fosse nosso intento fazer a inauguração da Estação no dia 31 de outubro, e elles estivessem dispostos a assistir á festa commemorativa do anniversario natalicio do nosso Augusto Monarcha, compromettemo-nos a alcançar-lhes o despacho no dia immediato para se retirarem quando quizessem, mas observámos que certamente Xa Madiamba os faria acompanhar de um Cacuata para não passarem além do Cassai, pois temia que fossem vender polvora e armas aos Quiocos e aos amigos de Muriba.

Disse-nos Quinzaje que tambem os seus não queriam passar além do Cassai; o interesse d'elles era chegarem a Mataba onde esperavam negociar toda a sua factura.

A grande comitiva de Xa Muteba partira emfim para leste, fôra passar o Cassai entre os Matabas e Chilangues para a margem do Lulúa, onde esperava fazer bom negocio com gente e com borracha.

No dia 22 a pedido de Xa Madiamba fomos assistir a uma audiencia em que se apresentaram quatro portadores vindos do interior, um de Mucanza, outro do Caungula de Mataba, o terceiro de Bungulo e o quarto de Cambembe.

Fallou o primeiro por ser o de mais consideração. Participava haverem novos protestos de adhesão de outros potentados do sul, que pediam para que Xa Madiamba avançasse quanto antes, pois os da côrte não podiam já supportar Muriba. Este tratava de rodear-se de rapazes e de raparigas e tornara-se exigente com os antigos potentados que fugiam para os matos com receios de perseguições e de guerras; que elle já desconfiava que o Suana Mulopo fazia causa com Mucanza para o derrubarem do poder e entregarem o governo do Estado a Xa Madiamba; que fôra chamado Cahunza, filho de Xanama, para acompanhar Ambinje, a quem Muriba concedêra sob certas

condições que voltasse a Mataba e herdasse o Estado que lhe pertencia de seu pae.

Que Cahunza e Ambinje prestaram juramento de sangue pela vida de Muriba, ou de vingarem a sua morte quando fosse devida á traição de qualquer quilolo.

O juramento de sangue consistíra em Muriba golpear um braço e o sangue ser chupado pelos dois que antes d'isso se comprometteram pelo sangue que iam beber a observarem religiosamente as ordens que d'elle recebessem e a matarem o inimigo que elle lhes indicasse.

Muriba pela sua parte tambem jurára não os enganar, e de só exigir o cumprimento do juramento quando fosse necessario, e quando não pudesse pessoalmente tomar uma vingança contra os seus inimigos.

Que se soubera do juramento mas que não se soube do que se tratára por ser essa cerimonia passada entre os tres.[1]

Na audiencia fallaram todos os outros portadores no mesmo sentido, e depois generalisou-se a conversa, sobre os potentados que tinham fugido, os que tinham sido sentenciados á morte, e sobre as combinações dos quilolos para fazerem sair

---

[1] Suana Calenga era chefe dos Matabas quando Xanama governava no Tenga, e pretendia fazer-se Muatiânvua do Cassai ao Cuango, isto é, dividir o estado de modo que o Muatiânvua Muteba que estava reinando, sómente exercesse a sua auctoridade até ao Cassai.

Um sobrinho de Calenga, que ambicionava herdar o cargo do tio, propoz a Xanama reconhecê-lo como Muatiânvua e pagar-lhe tributos, se este o protegesse collocando-o no logar de seu tio. Xanama procurou um pretexto, fez guerra a Calenga e entrou no Estado o sobrinho com o titulo do tio e o novo Suana Calenga nos primeiros tempos pagou tributos ao governador do Tenga. Quiz Xanama depois fazer uma guerra ao grande quilolo Muansansa, que nunca o reconhecêra como Muatiânvua quando estava no Tenga, allegando que nunca o Estado fôra fraccionado, e que fosse elle disputar o logar de Muatiânvua na Mussumba porque uma vez eleito e investido do lucano de seus avós considerar-se-ia seu humilde escravo. Para esta guerra pediu Xanama auxilio a Suana Calenga e este não se atreveu a dar-lh'o, recusou-se sempre e deixou de lhe pagar tributos não os pagando tambem á Mussumba.

o Muriba com uma guerra contra os Quiocos, que constava estarem-se preparando para no tempo das grandes chuvas irem roubar gente aos Tubinjes.

O Caungula tambem estivera na audiencia, e como sabia que se esperavam os portadores que tinham ido ao Muata Cumbana, ao Muene Quimbundo e a outros para trazerem as forças que deviam acompanhar Ianvo, tomou a palavra declarando que o Muatiânvua não podia continuar a viagem sem aquellas forças, porquanto Mucanza e os Muatas abaixo d'ellê, Caungula de Mataba e Bungulo, que chamaram o Muatiânvua, se não tinham lembrado até então de mandarem as suas. Nunca se vira, dizia elle, chamar um filho do Muatiânvua de tão longe para tomar posse do Estado e não se mandar a gente precisa para o seu transporte e armas para o escoltar na viagem.

O Xa Madiamba neste dia não podia responder, e poz termo á audiencia dizendo aos seus — *jajanjaje* — o que equivalia a perguntar: Teem entendido? Ao que todos responderam batendo as palmas e exclamando — *mamaê!*

Aproveitou o Caungula a saída da audiencia para vir visitar-me á Estação nesse dia que já ia muito adiantado, estando

---

Xanana foi acclamado Muatiânvua e passados dias seguiu com uma grande guerra para Matalha; destruiu as lavras, fez presas de gente, perseguiu e matou Suana Calenga, levando os seus tres filhos para a Musumba dos quaes o mais novo era Ambinje, que ao tempo do mesmo Xanana vir morrer seus irmãos.

Ambinje fez-se homem na Musumba, esperando sempre que alguns Muatiânvua se lembrassem de o proteger e fazel-o herdar o logar que lhe pertencia.

Muriba que não era amigo de Bagoyo Mucanza e lhe não perdoava ter-se recusado a proteger com forças a sua entrada na Musumba para ir derribar o Muatiânvua Caungula que apenas tinha tres meses de idade, lançou os seus olhos sobre o habilidoso para se vingar de Mucanza, mas tendo receio que elle uma vez no Estado lhe não fosse que o atraiçoasse, chamou Calenga, filho de Xanana, que estava doido em Estado, para o acompanhar, promettendo não tarde dar-lhe o banhado de Mucanza: não entendo porém e para que não digamos a outro lembrou-se do juramento de sangue.

as cargas devidamente acondicionadas nos respectivos armazens. Pediu desculpa de não ter vindo ha mais tempo cumprir com aquelle dever; primeiro, porque estivera doente e depois por esperar a occasião de ir ao Muatiânvua para o prevenir que nos vinha visitar. Não queria que este levasse a mal o visitar-se elle comnosco sem o prevenir e estava satisfeito porque o Muatiânvua lhe dissera estimar isso muito e que tambem viria ter comnosco.

Com receio de que este se não demorasse em chegar, pediu-nos para mandarmos o nosso interprete á sua quipanga, porque tinha lá um dente de marfim de lei que talvez nos conviesse comprar.

Tambem nós, antes que chegasse o Muatiânvua, lhe fallámos sobre um pedido que na vespera nos havia feito o nosso cozinheiro Fernando.

Havia dias apresentara-se a Fernando uma mulher edosa, que á primeira vista elle não conhecêra, tão mudada estava; fôra quem lhe servíra de mãe na sua menoridade. Vivêra com ella ao tempo da guerra do tenente coronel Cazal em Cassanje. Todos os que faziam parte das forças de Cazal debandaram em seguida á morte d'este, sendo perseguidos pelos Bângalas. Os aprisionados foram vendidos, de modo que esta mulher que se chamava Passa e que era de terra portugueza ali veiu parar ás mãos do tio do actual Caungula. Tinha 5 filhos, tres maiores e duas raparigas ainda menores, e desejava que Fernando a resgatasse para regressar a Malanje na sua companhia, mas queria ir com os filhos, o que nos parecia difficil.

Apresentámos a questão a Caungula considerando Passa como filha das terras de Angola, e elle disse-nos logo — Isso não é commigo; é uma questão em que teem de ser ouvidos os velhos do Estado, porque quando tomei posse do meu cargo já lá a encontrei. Parece-me que não haverá duvida em se lhe permittir o resgate, porém com respeito aos filhos são propriedade do Estado, duvido muito que os quilolos consintam que elles acompanhem a mãe; em todo o caso eu fallarei nisso, mostrando interesse em satisfazer os desejos do meu amigo.

Admirando as obras da Estação disse-nos que se julgaria feliz se esta estivesse sempre occupada por brancos filhos de Muene Puto, pois haviam de fazer bom negocio, por ser aquelle um ponto muito concorrido.

Armava-se a canoa para elle ver, quando nos appareceu Xa Madiamba que lhe perguntou se tinha visto a casa das cargas; como Caungula respondesse negativamente pediu-nos para lhes proporcionarmos esse prazer.

Demoraram-se numa minuciosa inspecção, admirando tudo, lamentando alguns estragos devidos ás chuvas e mostrando-se espantados com os roubos feitos pelos Songos e Sanzas.

A visita foi demorada e Caungula ao chegar á sua quipanga enviou-nos como lembrança um bom pato para o nosso jantar.

Xa Madiamba voltou duas horas depois e apresentou-nos duas crianças, um rapazito e uma rapariga que não tinham paes e que entregava á nossa protecção. Que remedio senão acceitar!

Démos ao rapaz o nome de José e á rapariga o de Thereza, para serem confirmados pelo baptismo em terras portuguezas resolvendo nós que os padrinhos por essa occasião seriam os nossos sobrinhos d'estes nomes.

Desde aquelle momento eram os orphãos nossos protegidos e vigiámos o seu tratamento e educação, tratando de lhes ensinar praticamente a conhecerem a nossa lingua.

Na manhã do dia 26 vimos passar para a residencia de Xa Madiamba grandes magotes de gente armada, e pouco depois saia da sua quipanga na mesma direcção o Caungula montado no quimangata rodeado de muita gente armada e em grande grita. Os Bingalas tambem para lá seguiram.

O muzumbo do Mustiânvua a toda á pressa veiu-nos chamar em nome do seu amo, dizendo terem chegado más noticias dos Quiocas e ser muito precisa a nossa presença para aconselhar o que se devia de fazer.

Quiteca que estava comnosco tratando da questão dos roubos, tranzido de medo, perguntou-nos afflicto se nós chamaramos aquella gente armada para lhe fazer mal e aos seus.

Respondemos que se lhe quizessemos fazer mal já o haveriamos feito, escusavamos de chamar gente de fora. —Venha comnosco, lhe dissemos, e saberá o que se passa. Apezar dos receios, como estava em duvida acompanhou-nos.

Entrando no logar da audiencia deparámos com um apparato bellico, estando todos anciosos por conhecerem as noticias. Abriram-se alas para passarmos e fomos direitos ao Xa Madiamba, que nos abraçou. Estendemos a mão ao Caungula e sentámo-nos na nossa cadeira á direita do Muatiânvua.

Quando nos sentámos todos bateram as palmas e felicitaram-nos ao seu uso, sendo o proprio Xa Madiamba quem transmittiu ao nosso interprete o que se tinha dito até então, proseguindo depois o portador das novas, que se resumiam no seguinte:

—Participava Samba, potentado estabelecido perto do rio Luele e onde estiveramos acampados quatro dias, que os Quiocos tinham ido ao seu sitio roubar mulheres, creações e as lavras, declarando na occasião que os seus principes Mona Muxico (Quiniama) e Mona Ambumba estavam em marcha para o Caungula com uma guerra, não se importando encontrar junto d'elle o Muatiânvua e o Muene Puto, pois se estes interviessem a favor d'aquelle Muata sujeitavam-se ás consequencias.

Sobre isto travou-se discussão e Xa Madiamba poz-lhe termo dizendo, que nada havia a recear, que trouxessem todos os quilolos a sua gente, pois esperava que Muene Puto o não desampararia.

Caungula muito senhor de si, sem demonstrar alteração de espirito e como quem estava costumado a encarar estas noticias a sangue frio, logo que Xa Madiamba acabou de fallar disse para os seus: —Vão saber em que sitio estão os Quiocos; no regresso quebrem todas as pontes até ao Luchico e digam aos chefes dos portos que inutilisem as canoas e vigiem todas as passagens a vau.

Nós dissemos que não acreditavamos que os Quiocos se atrevessem a vir áquelle sitio emquanto nós ali estivessemos, a não ser para parlamentar; no emtanto estavamos na terra de um amigo como era Caungula, acompanhavamos o Mua-

tiânvua para a Mussumba, e por certo não ficariam nos armazens as armas e a polvora de Muene Puto se os Quiocos tivessem o arrojo d'ali chegarem com ares de provocação.

Os Bângalas quando o interprete acabou de transmittir o que dissemos, principiaram aos saltos, nums brados que lembravam os nossos vivas, e um d'elles disse que os companheiros não ficariam impassiveis, collocar-se-iam ao lado dos soldados de Muene Puto porque eram seus filhos como estes, e todos cantariam o seu canto de guerra.

O Calala, que extranharamos não ter visto até aquelle momento, appareceu na arena rompendo através da populaça, de grande faca na mão, dando pulos na toada do chinguvo; depois provocou a hilaridade geral pelo modo porque se exprimiu sempre, dançando mas mais compassadamente.

— Teem medo de quê? com os diabos! Então vós (para os de Caungula) que ha pouco tempo matastes uns e fizestes bater em retirada os outros, agora acompanhados com os filhos do Muatiânvua e com os filhos de seu amigo Muene Puto estaes receosos?! Ide dizer-lhes que cá está o Calala que não lhes dará um momento de descanço emquanto tiver esta faca.

Isto foi ouvido no meio de grandes palmas, assobios e vociferações; e aberto o exemplo pelo Calala continuou a cufuinha entrando nella tambem os quilolos do Caungula, alguns dos quaes faziam passos difficeis.

Terminou esta audiencia agradecendo-nos Xa Madiamba o que haviamos dito que influira no animo de todos, acrescentando que sempre esperou que os filhos de seu pae Muene Puto não veriam com indifferença uma lucta naquella terra.

Despedimo-nos, mas ficámos surprehendidos porque os Lundas nos seguiam dando saltos e gritos.

Era grande a honra segundo elles, mas para nós era maior ainda a inferneira, e instámos para que retirassem para junto do seu Muatiânvua que por certo precisava fallar com elles.

Caungula saindo da audiencia veiu procurar-nos para lhes darmos um pouco de papel para fazer cartuchos, porque assim dividia melhor a polvora com os seus e evitava desperdicios.

Fallando sobre a questão dos Quiocos, apezar de mostrar que não os temia, disse-nos:—Ainda assim creia o senhor major que os Quiocos estão muito atrevidos e precisavam de uma boa lição; lembraram-se de me mandar dizer: Se Caungula precisa de polvora que venha cá buscá-la, o que me obrigou a responder-lhes: Que viessem elles, que eu precisava não de polvora, mas de mais algumas caveiras para a portada da minha quipanga.

—Não acreditâmos, dissemos, que elles se atrevam a vir outra vez aqui, porque não o diriam se o quizessem fazer; mas os culpados do modo porque hoje elles procedem nas terras da Lunda, são os filhos dos Muatiânvuas que buscaram o apoio d'elles para conquistar o poder, e os Lundas invejosos que os chamaram pela ambição dos cargos dos seus parentes e lhes fazem promessas de terras, de tombos, de milambos e de outras concessões que depois não cumprem.

—Esses malvados é que precisavam de ser castigados e não os Quiocos que vão atrás dos seus interesses. Angunza Mataba, um quilolo por exemplo, que se lembrou de herdar o seu cargo, foi o instigador da guerra dos Quiocos de Mucanjanga. Elle é que devia de ser castigado. Não se lembrou que se conseguisse o seu intento, haveria um outro parente que lhe faria o mesmo pouco tempo depois, e se serviria dos proprios Quiocos que o ajudaram na occasião para depois o derribarem.

—Tem razão, nos respondeu Caungula, Xanama foi a desgraça das nossas terras, porque animou estas guerras de Quiocos contra os seus parentes, filhos de Muatiânvua, e é preciso que Ianvo alcance a protecção de Muene Puto para pôr termo a estas desavenças continuadas, perdendo-se tempo que bem podia ser aproveitado na lavoura e no negocio.

A disposição era boa e a conversa encaminhou-se para a questão do tratado que tinhamos em vista, assentando-se logo neste dia nas bases geraes sobre que o deviamos de formular.

Precisava Xa Madiamba de despachar os portadores que tinham vindo do interior, e veiu procurar-nos para lhe fazermos

um abono de alguns artigos, dizendo que em breves dias nos pagaria com um dente de marfim de lei que, segundo estava avisado, ia receber. Dissemos não ter duvida em lhe fazer o abono, porém que estimavamos que não esquecesse o que já tinha recebido, pois precisavamos justificar a despeza que faziamos da fazenda de Muene Puto. Tirou então debaixo do panno uma fiada de diversos pausinhos de varias grossuras e tamanhos, golpeados nos extremos á faca e á vista d'elles enumerou tudo que já de nós havia recebido; achei ser este um systema muito engenhoso de mnemonica.

Satisfiz o seu pedido com parte dos artigos roubados pelos Songos, sendo os pannos já cosidos e debruados, e constava o abono em: 14 pannos de chita debruados de zuarte, 6 ditos de riscado de 1.ª qualidade debruados e 2 por debruar, 5 de algodão, 1 de mubela debruado de zuarte e 2 de lenço, 1 vestido de lençaria, 4 espingardas e 6 barris de polvora; considerado tudo como objectos novos avaliámo-los em 325700 réis.

Agradeceu-nos dizendo que já teria pago o negocio que naquella data ficara devendo se necessitassemos gente, pois como lhe pediramos mesmo para não negociar com os nossos carregadores a troco de gente, só com marfim ou com borracha é que nos pagaria; e se não pagasse tudo ali, pelo caminho ou por ultimo na Massumba nos pagaria tudo.

É este um pessimo systema de fazer negocio, mesmo entre as pequenas tribus dos estados de Lunda, contra o qual quiz reagir o dr. Max Buchner — e do que lhe produziram os prejuizos e rodeios no Cassai e o abandono de cargas que teve de reduzir a cinzas. Com este systema se tem enfurecido os demais exploradores e negociantes que percorreram estas regiões, porque os valores recebidos em pagamento, embora não sejam os prometidos e que sempre se esperam, obrigam o custo da realisação dos artigos alcançados.

Se pretendia receber o resto os artigos que lhes faltavam, e que o negociante não queria entregar-se sem ele ser de fato, mesmo de sociedade, porque fazer negocio com qualquer outra pessoa e o comprador não tenha na largura [illegible]

sar-se ao potentado do que fez, e se não foi antes, na propria occasião em que parte a comitiva apparece-lhe este já de caso pensado, para tirar ao negociante o que recebeu de seus filhos sem conhecimento d'elle.

Muitos casos d'estes registámos durante a nossa viagem, e d'isso iremos dando conta á medida que com elles formos deparando nos nossos diarios.

Foi-se o nosso filho Ianvo, como vulgarmente lhe chamavam já, satisfeito com o abono, porém o que então não sabiamos era que na vespera á noite tinha havido uma sessão magna no acampamento do Canapumba (Cacuata Angunza), onde elle fôra, para este Cacuata entregar o negocio que trouxera de Muene Puto Cassongo com destino para o Muatiânvua que estava na Mussumba.

Como já dissemos, este Cacuata viera da Mussumba por ordem de Cangápua, encarregado de trocar marfim, borracha e gente nas margens do Cuango em terras de Muene Puto Cassongo por fazendas, missangas, polvora, armas, etc.

Ora, está entendido que o Muatiânvua nunca morre, morre o individuo que exerce o cargo, mas entra outro no seu logar e tudo o que fôra ordenado e feito pelo primeiro é mantido.

Ianvo annuindo ao pedido de tomar posse do cargo, entendeu observar a praxe dos seus antepassados; procedia como Muatiânvua, convicto de que Muriba que tinha o lucano era um homem morto, não querendo porém intervir como muita vez o disse nessa morte, nem que por sua causa se derramasse sangue nas terras da Lunda. Deixava a questão ao tempo, caminhava vagarosamente tendo a certeza de que a sua entrada na Mussumba era apoiada por todos os Muatas e senhores de povoações, e mais, que sem pedir o auxilio de forças armadas aos Quiocos seus parentes, era por elles bem acceite deixando-os viver em boa paz com os seus vizinhos Lundas.

Esta é a verdade que sempre fomos observando e que se demonstrou em todos os episodios consignados nos nossos diarios archivados no Ministerio de Marinha e Ultramar, e escriptos no proprio campo e no mesmo dia em que elles se deram.

São factos, e só o modo porque os apreciâmos é que pode soffrer discussão; no emtanto diremos já, que felizmente vae engrossando o numero de exploradores regionaes e que nos livros da actualidade o seu modo de apreciar os incidentes com que deparam, e que parecem a repetição dos que apontámos em toda a nossa viagem, se coaduna perfeitamente com o nosso. É bom que se conheça, que fomos para o centro de Africa tendo já um tirocinio não pouco importante de 30 mezes como administrador do concelho na ilha de S. Thomé, em que encontrámos além dos naturaes, gente africana de diversas regiões do continente, e que serviramos em outras commissões em Moçambique e Angola, lidando sempre com os indigenas; portanto quando nos internámos já tinhamos um juizo formado sobre o preto inculto, e os factos que iamos observando e se poderiam considerar como novidades, foram-nos sempre demonstrando que não erravamos.

Em geral o caracter do indigena revelara-nos mais ignorancia do que maldade, e na convivencia com elle não nos repugnára essa ignorancia, porque elle tende a amoldar-se aos nossos intuitos civilisadores, o caso está em fazê-lo comprehender que não tentâmos deprimi-lo e antes tratá-lo como nosso igual.

E frisâmos bem este modo de pensar, para que não extranhem o nosso procedimento aquelles que de um genio mais irrequieto e de menos sangue frio não possam conformar-se d'aqui em deante com a nossa fleugma e pertinacia em esperar os acontecimentos e proceder segundo elles, desprezando a questão de tempo como o indigena, isto contra os nossos habitos bem conhecidos dos que comnosco trabalharam no ultramar. Tinhamos em vista que passando por terras de gentios, nos deviamos nivelar com elles, por ser impossivel que elles se pudessem nivelar de um momento comnosco, isto é, pensavamos como pensam aquelles povos: — Se vaes ás terras dos Quiocos faz-te Quioco, se vaes ás dos Lundas faz-te Lunda.

Exigíra Xa Madiamba do seu Canapumba que este lhe entregasse todas as cargas que levava para o Muatiânvua, visto ser elle o Muatiânvua.

Respondeu-lhe o Cacuata que já formára tenção de lhe entregar tudo, mas que não lhe parecêra ser ali logar azado e a occasião opportuna; queria-o fazer na Mussumba, todavia não tinha duvida em lhe entregar já as cinco cargas de fazendas e de missangas que tinha em seu poder. Julgava conveniente porém que ficasse á sua guarda por emquanto a polvora, pois se o Muatiânvua a recebesse ia distribui-la pelos quilolos e cada um tratava de a estragar em festas funebres e divertimentos podendo depois fazer falta no caminho.

Entregou portanto a fazenda, pedindo desculpa de lhe lembrar que tendo elle Muatiânvua recebido por vezes fazenda do seu amigo Muene Puto não gratificára até então os Cacuatas que foram buscá-lo ao Cassassa; e que ficando desembaraçado d'aquellas cargas pedia, lhe permittisse a liberdade de contractar os rapazes que as traziam com o seu amigo o senhor major para poderem ganhar algum vestuario.

«Ora se tinha na vespera recebido estas cinco cargas de fazendas — escrevemos no nosso Diario — custa a perceber porque nos pediu um abono. Quem não está habituado á politica d'esta gente, extranha que além de mentirem muito, uma simples noticia, um aviso, uma pequena apprehensão e principalmente a cubiça de haverem uma cousa, que a nós parece insignificante, seja motivo para modificarem os melhores planos combinados, dando pouco valor ao tempo que se perde com essas alterações.

«É para nós ponto de fé que Xa Madiamba espera respostas que mais lhe agradem, no que está de accordo com o Caungula, embora a este não possa convir semelhante demora, porque os proventos que costuma receber das comitivas de commercio que por aqui passam os está recebendo aquelle que reconheceu como Muatiânvua.»

Na occasião a demora não nos prejudicava porque era nosso interesse, além de estarmos esperando as cargas, que se fizessem boas observações e estudos, se augmentassem as collecções, e se fosse radicando melhor a influencia que já iamos exercendo sobre o Caungula e o seu povo.

NA ESTAÇÃO LUCIANO CORDEIRO

Construiu-se esta Estação numa magnifica localidade. Era num planalto que tinha por coordenadas 7° 26' 14" de lat. S., e 20° 16' 0" de long. E. de Green.; sendo a sua altitude de 822 metros.

Tinha a frente virada a leste, e correndo pelo oeste, e d'ella distante pouco mais de um kilometro, seguia em zigue-zagues para noroeste o caudaloso rio Lôvua affluente do Cassai; pelo sul correndo de leste para oeste pouco mais ou menos, e distante da linha da sua frente 1:600 metros, passava o estreito rio Mansai, e pelo norte, a uma distancia quasi igual e numa linha media quasi parallela á do Mansai, corria um outro rio da mesma categoria d'este, o Cacoco, ambos affluentes directos do Lôvua.

O planalto como se vê já por esta descripção prolongava-se para leste, e pode dizer-se que a 1 kilometro de distancia em torno da Estação o terreno começava a descair para os rios, sendo a altitude do Lôvua no logar do embarcadouro a oeste da quipanga do Caungula de 732 metros.

Esta quipanga fôra construida naquelle ponto pelo actual Caungula e as suas extensas lavras ficavam-lhe fronteiras na margem esquerda do Lôvua. A quipanga do seu antecessor e tio fôra junto á confluencia do Mansai com o Lôvua mas do outro lado d'aquelle rio. D'esta, apenas se conservava a sepultura do potentado, um massiço de terra barrada exteriormente tendo dentro uma grande cubata, cujas paredes eram revestidas de baeta azul ferrete.

A Estação propriamente dita occupava um espaço de 27 metros em quadro. Na linha de frente ficava ao centro a casa de entrada com 4 metros de lado, com portas á frente e ao fundo de $1^{m},40$ de largura, e a cada lado d'ellas uma janella. Ao centro da casa poz-se uma mesa de taboleiro rectangular de $1,40 \times 1$ metro; nos angulos das paredes fixaram-se bancos.

A altura das paredes era de 3 metros e com o vão da cobertura cuja maior altura era de 1,40 ficava a casa com uma grande cubagem.

Destinou-se esta casa para receber visitas, para aula de instrucção primaria de menores e adultos voluntarios e para as nossas refeições. Muitas vezes por ultimo nos servimos d'ella para trabalhos de gabinete.

Aos lados da casa central fizeram-se pateos com a largura de 3 metros, cujas tapagens na linha de frente tinham a altura da porta da entrada 1,80, seguindo-se de um e outro lado os armazens para cargas, que na linha da frente tinham 6 metros de extensão ficando com a largura da casa central. As portas ficaram no lado dos pateos e ao alto nas paredes fronteiras abriram-se frestas gradeadas para dar luz e ar aos armazens.

Como á frente da casa se fez um portico com columnas e frontão, a cobertura d'este portico e da casa central ficou em duas aguas seguindo as linhas do frontão, e a fileira das coberturas dos armazens ficou numa direcção perpendicular á da casa central.

As paredes dos armazens tinham 2,50 metros de altura, porém como a fileira da cobertura tinha de altura 4,40 metros, ficaram estes com bastante capacidade.

ESTAÇÃO LUCIANO CORDEIRO

Aproveitaram-se os pontaletes ao centro que sustentavam a fileira das coberturas para os rodear de prateleiras largas, que tambem se dispozeram ao longo das paredes. As paredes de todas as casas bem como as suas coberturas foram revestidas exteriormente de capim, porém na casa central tambem se revestiram interiormente as paredes.

Ainda aos armazens se seguiam pateos de $1^m,80$ de largo, com a sua tapagem á frente como nos demais, e assim se limitou toda a linha de frente do edificio.

Do lado do norte fez-se ao centro uma entrada por um corredor de 2 metros de largo, e de cada lado fizeram-se dois bons quartos com janella, o da direita destinado ao chefe e o da esquerda ao sub-chefe. Cada um occupava um espaço de 3 metros em quadro, ficando as portas do lado do corredor. A altura das paredes era $2^m,20$ porém as cupulas feitas ao uso da terra em forma de pyramide elevavam-se acima d'ellas $2^m,80$ e portanto ficou cada quarto com cubagem de ar necessario para dormitorio de uma pessoa, embora se guardasse lá a sua bagagem.

Nos extremos N.-W. e S.-W., isto é, nos angulos da Estação, construiram-se quartos de menores dimensões, com paredes e cupulas mais baixas, o do lado do norte para Augusto Jayme e sua familia e o do lado do sul para o segundo interprete e familia.

Os intervallos entre as habitações do lado de norte foram limitados por uma cêrca revestida como os pateos da frente e com a mesma altura sendo aproveitados para canteiros de horticultura.

Do lado do sul em frente da entrada fez-se um quarto para o primeiro interprete e sua familia, de $2^m,20$ de frente por 3 de fundo com paredes de 2 metros de altura, sendo a cupula como a dos quartos fronteiros e aos lados deixaram-se ficar pateos de $1^m,70$ de largo.

A estes seguiam-se dois quartos de $2^m,60$ de frente por $1^m,80$ de largo; num esteve Paulo do Congo e a familia, outro foi para os criados.

bom quarto que se destinou para a photographia e depoi
telheiro para trabalho, que se ligava com o quarto de Au
Jayme.

Contiguo ao telheiro da lenha havia um quarto para o
nheiro e depois a cozinha e logo um telheiro de traball
mesma grandeza que o outro, e que se ligava com o q
do segundo interprete.

Ao centro do grande pateo interior fez-se por ultim
observatorio de forma octogona que tinha $5^m,50$ de altu
paredes e uma galeria em roda da cupula devidamente
deada. A escada era interior, de caracol, e o espaço que f
no plano inferior foi bem aproveitado para um calaboiço.

Todo o pateo foi plantado de bananeiras e outras ar
com intervallos de 2 metros.

Fôra o frontão um dos ultimos trabalhos executados. T
ao centro as armas reaes portuguezas assentando a corôa
um laço branco, em cujas fitas caindo para os lados se li
letras azues, numa *Luciano* noutra *Cordeiro*, e abaixo
armas e da mesma forma a palavra *Estação*. Collocadas
mas na ante vespera do dia da inauguração, 31 de outub
1885, estiveram cobertas até á hora da cerimonia.

Em frente da Estação e orlada de arvores que tamben
gomma elastica e que todas deixámos já folheando, cons
mos sempre limpa e regularisada uma rua de 2 metros d
gura, e por fora d'esta tambem definido pela mesma es
de arvores, um bem largo em forma de meia laranja, fo

Como o pessoal que tinhamos na construcção era obrigado aos serviços da Expedição, os Songos, como já ficou dito, sem vencimento algum, para irem pagando os roubos que fizeram, e os do Congo apenas pelas rações, permittiu-nos esta circumstancia e tambem o tempo que fossem mais longe os nossos trabalhos.

Abrimos ruas lateraes e entre estas cercámos um espaço que tinha de fundo 30 metros, mas que terminava em curva para que a rua da direita a que chamámos Sertorio de Almeida fosse ligar com a da esquerda a que demos o nome de Sesinando Marques; estas ruas convergiam para uma rotunda d'onde se entrava numa estrada na direcção E.-W. que ia direita ao largo em frente da quipanga do Caungula, e que denominámos — Estrada de D. Luiz I.

O espaço cercado foi destinado para horta da Estação e communicava com os lados d'esta pelas portas de entrada ás quaes se seguiram, na linha do sul, um quarto em forma de pavilhão para o cabo da força e sua familia, e ao lado d'este uma casa maior para os soldados, e na linha do norte um quarto para o guarda da horta e outro maior para os trabalhadores voluntarios que quizessem dedicar-se á sua cultura, que no tempo em que ali estivemos se reduziu a milho e ginguba.

A ultima construcção foi a continuação da rua á frente da Estação até ao rio Mansai, no sitio em que passaramos a sua ponte, e que tomou o nome de — Estrada Maria II.

Em todas as ruas e estradas se collocaram taboletas com os respectivos nomes, e tanto umas como outras ficaram bem definidas entre o capim pelas linhas de arvores que dispozemos de dois em dois metros.

Tambem a rua á frente da Estação para o lado do norte em linha de dupla curvatura foi ligada ao largo em frente da Mussumba (acampamento), que era devidamente cercado e d'esse largo ficou em principio uma nova estrada em direcção a leste, uns 200 metros.

O largo espaço entre a Mussumba e a nossa Estação foi devidamente limpo e arborisado.

Todas as estacas para o nosso arvoredo foram mandadas pôr na Estação pelo Caungula, e nós aproveitavamos as madrugadas para as dispôr, e rara foi aquella que não pegou dentro de poucos dias.

— É uma riqueza que o nosso amigo tem aqui, diziamos muitas vezes ao Caungula, e para lh'o provarmos quebravamos alguns rebentos e amassando o succo entre os dedos, mostravamos a sua elasticidade — Conservem-nas, que quando lhes faltar a borracha do interior já estas arvores podem ser muito procuradas; dê as suas ordens e adopte os meios que melhores lhe parecerem a fim de evitar para que se arranque essas estacas que cá lhes deixamos já viçosas.

As estradas foram limpas de raizes e de alguns toros de arvores, residuos das queimadas, e todos, tanto os filhos da terra como os estranhos, homens, mulheres e crianças que admiraram muito a nossa actividade e o interesse que tomaramos nestes trabalhos andavam satisfeitissimos, e transitando nas ruas livres de paus e covas, rodeavam constantemente a Estação de bocca aberta para a grandeza e altura das casas.

Muitos da terra vieram procurar trabalho para ganharem alguma cousa e diziam — se Muene Puto não mandar para cá gente branca, em saindo o Angana Majolo, os Bângalas e mesmo as nossas mulheres os ajudarão a estragar tudo para roubar lenha para os seus fogos.

Entristeciamos quando lhe ouvimos tal cousa! Era isto um aviso para nós, que tão influidos andavamos nas horas de menos calor dirigindo todos os trabalhos para os ver progredir, e animando os trabalhadores de que estavamos perdendo o nosso tempo!

—«Na verdade se esta Estação fosse occupada já, e houvesse interesse e enthusiasmo em lhe dar todo o desenvolvimento de que é susceptivel — escreviamos no nosso Diario — toda esta grande área tornar-se-ia o foco de uma transformação completa e regeneradora para o vasto dominio do Caungula!»

Em dois mezes apenas e adstrictos aos recursos da localidade tinhamos conseguido muito, e tão empenhados nos acha-

vamos em tornar bem lembrada a nossa passagem por ali e ao mesmo tempo em dar um desmentido formal aos boatos traiçoeiros dos Bângalas, que pretenderam malquistar-nos com Caungula e com os Lundas, propalando que era nosso fim assenhorearmos-nos das suas terras, que embora acreditassemos que o barbarismo havia de aniquilar a nossa obra por falta de quem nos substituisse na conservação d'ella, nunca desanimámos, e dividindo methodicamente o nosso tempo de madrugada até á noite, continuámos sempre reparando e melhorando as construcções que emprehenderamos.

Tanto para o commercio como para a agricultura, e ainda para o aproveitamento dos povos vizinhos e catechese d'elles e do seu chefe, esta nossa Estação ficava perfeitamente situada; seria de primeira ordem como nucleo civilisador e de grande vantagem para o commercio da nossa provincia de Angola.

Se um dos nossos collegas quizesse ter ficado ali estabelecido, aguardando que o governo de Sua Magestade o mandasse substituir na occupação seria esse um importante serviço, mas nós não nos atrevemos a convidá-los para tomarem esse encargo, porque vieram no proposito de seguirem até á Mussumba e além d'isso estavam longe de pensar como nós sobre as vantagens que resultariam d'essa occupação.

Ali, a poucos dias de viagem do Lubuco e a outros tantos de Quissengue, e a 50 ou 60 dias da Mussumba ficavamos situados num bello ponto central para a expansão da nossa influencia e dominio.

Pensavamos ainda na necessidade de aproveitar as boas disposições de Caungula e do seu povo a nosso respeito, e ainda em se não perderem os nossos esforços e por isso trabalhámos e conseguimos fazer um tratado com Caungula e com os do seu conselho.

Em quanto a construcção progredia tivemos amendadas conferencias, ora com o Caungula, ora com o Muatiânvua eleito para ficarem bem assentes as respectivas bases, e elles conscientemente aceitarem todas as clausulas do tratado que a

pedido d'elles foi vertido em lingua da Lunda, para depois de assignado ser sujeito á rectificação do nosso Governo.

No dia 30 de outubro armava-se a sala de entrada para as festas da inauguração da Estação e da sua aula, e aproveitava-se esse acto para a assignatura do mencionado tratado.

Ao fundo sobre um estrado coberto com tapetes collocou-se a grande cadeira de espaldar com o respectivo docel. Os angulos da casa foram adornados com bandeiras portuguezas pendentes das hastes as quaes eram enlaçadas em grinaldas de folhagem.

As bancadas nos angulos foram cobertas de baeta vermelha, as janellas adornadas com cortinas de baeta azul e na porta poz-se um reposteiro de baeta vermelha.

Cobriu-se a mesa do centro com um bom panno da Costa e sobre esta poz-se uma bandeja de christofle tendo dentro dois colares de ouro baixo com cruzes pendentes, alguns fios de contas de ouro com cruzes de coralina e cordões dourados com crucifixos de metal. Uma outra bandeja continha um jarro de christofle cheio de vinho de Porto, duas taças do mesmo metal e copos de vidro.

Havia tambem sobre a mesma mesa uma pasta com papeis, tinteiro e pennas. A um lado d'esta, sobre um estrado, poz-se uma cadeira para o Muatiânvua eleito, coberta com um cobertor escarlate, ficando do lado direito o assento mais baixo para o Caungula, e á esquerda o da Muári. As nossas tres cadeiras ficaram do lado fronteiro cobertas com cobertores vermelhos.

Sobre o estrado da cadeira e de cada lado d'ella ficou uma grande caixa de musica, uma d'ellas tocando o hymno de Sua Magestade El-Rei D. Luiz I.

O chão da casa estava juncado de folhagens e debaixo da mesa, aos pés da cadeira de Ianvo, estendeu-se uma pelle de onça. Na parede de cada lado da cadeira havia dois espelhos ovaes de moldura preta, figuravam de escudos em tropheus que se arranjaram com treçados, revólveres, punhaes, etc.

Era de toda a conveniencia rodear o acto da assignatura do tratado com a maior pompa e apparato e de festejar o dia 31 o

mais solemnemente possivel. Dias antes da festa o José, corneteiro de Saturnino Machado, que tomára de empreitada o fabrico das cupulas para as habitações, todas as madrugadas e ao sol posto, com a sua requinta e os nossos com as cornetas e tambores ensaiavam os toques da alvorada, do recolher e mesmo algumas marchas.

Com antecedencia haviamos pedido á companheira predilecta do Caungula para nos alcançar algumas cabaças de malufo para o dia 31, e pedimos ao potentado permittisse que os seus rapazes e raparigas que quizessem divertir-se nas danças, podessem fazê-lo naquelle dia na nossa Estação.

No dia 30 foi o sub-chefe encarregado de ir convidar o Caungula para a cerimonia da inauguração da Estação e levou-lhe de presente um uniforme de general que elle agradeceu muito, mas declarando logo que o não podia usar na presença do Muatiânvua.

Foram tambem convidados para assistirem á festa os vinte rapazes portuguezes do Luximbe, concelho de Malanje, que vieram na comitiva do Ambanza Quinzaje, este chefe e todos os seus.

O nosso amigo Quibuínza Ianvo foi por nós convidado logo que completámos a ornamentação da casa de entrada a vir vê-la mas sem sequito, ao que elle com prazer accedeu vindo apenas acompanhado da sua Muári e do Muzumbo.

A cadeira estava apenas armada mas não parafuzada, do que o prevenimos para não se sentar nella, e muito de proposito lhe dissemos não se terem encontrado os parafusos e que portanto ficava a cadeira só para vista, indicando-lhe ao mesmo tempo qual o logar que lhe destinavamos. Esteve vendo tudo meudamente e enthusiasmado ia contando á Muári o que sabia das riquezas que Muene Puto mandava para o Muatiânvua.

Na tarde d'esse dia sem que o esperassemos, entrou elle no nosso quarto pelo lado do norte, acompanhado do seu Muzumbo e de um caxalapóli ajoujado com um dente de marfim que tinha 90 libras de peso.

Era este o dente que o Caungula, dias antes, offerecêra vender-nos ás escondidas do Muatiânvua, porém elle lá conseguiu que lh'o cedesse e muito satisfeito veiu logo apresentá-lo pedindo o acceitassemos á conta do seu credito.

Na occasião tratava-se da limpeza dos espadins que tinham soffrido bastante com a humidade e elle escolheu dois, um para si e outro para mandar ao Caungula.

Demos-lhe uma camizola e um collete de setim branco bordado a fios de prata, e ficou Adolpho de o ir vestir no dia seguinte á hora precisa para vir com o Caungula e os seus quilolos para a inauguração.

Pediu-nos se lhe davamos seis divungas de chita e tres de baeta para mandar ao seu amigo Mucanza para quem despachava cacuatas, acrescentando que podiam ir com estes a comitiva de Quinzaje e os portuguezes nossos protegidos. Era pouco o que pedia, e como tinha tido um grande abatimento o seu debito, se é que o não tinha pago completamente, de bom grado satisfizemos o pedido.

Como elle tencionava avistar-se ainda naquelle dia com o Caungula e fallar-lhe da nossa cerimonia, leu José Faustino na lingua da Lunda a minuta do tratado, e sobre cada uma das clausulas o interrogámos para que dissesse se queria tirar ou accrescentar alguma cousa, pois havia tempo ainda de fazer qualquer alteração; achou todas muito a seu contento.

Mostrámos-lhe então a necessidade de se abrir um bom caminho, o mais directo possivel, do Caungula a Muene Puto Cassongo, e que tinhamos tenção de escrever ao rei do Congo pedindo para fazer tambem um caminho seguro de S. Salvador ao Caungula.

—O rei do Congo, lhe dissemos, pode manter com o Muatiânvua por este novo caminho relações ameudadas de commercio, e um e outro pela sua parte por intermedio dos seus quilolos deve conservar esse caminho em estado de por elle se transitar, e sempre desempedido aos negociantes, embora entre as tribus sob suas dependencias haja desintelligencias ou questões a resolver.

Tambem lhe fizemos vêr que o tratado que iamos assignar era remettido a Muene Puto, e uma vez chegado ás suas mãos os potentados tinham de cumprir pela sua parte as condições a que declaravam sujeitar-se, por que Muene Puto mandava os seus delegados cumprir o que se lhes promettia; se os potentados depois não fizessem caso do que tinham assignado soffriam-lhe as consequencias.

Paulo do Congo explicou-lhe o que se passava nas terras do seu rei com respeito á sujeição a Muene Puto, e as vantagens que d'essa sujeição todos ali tinham obtido.

Paulo já por vezes esclarecêra tanto o Muatiânvua, como o Caungula e os quilolos sobre os trabalhos que os filhos brancos de Muene Puto tinham feito nas terras do seu rei, e contou que D. Pedro V fôra posto no Estado por intervenção dos commandantes Baptista de Andrade e Theotonio Borges. É bem de suppor que Paulo como dependia de nós e como é costume d'elles, embora o não sentisse, exaggerasse a valia dos beneficios que sabia terem os Portuguezes prestado aos seus soberanos, ao povo e ás terras do Congo.

Para se conhecer a lealdade de que usámos para com os potentados até á assignatura do tratado, transcrevemos parte do officio que a elle se referia e que dirigimos a S. Ex.ª o Ministro por aquella occasião.

«Concluida a Estação com todos os seus aposentos, como vai indicado nos esbocetos, planta e alçados juntos, tratou-se de construir ruas e estradas, cujos nomes indicados na planta foram gravados em taboletas.

Tanto o Caungula como os habitantes e negociantes que passam neste logar, admiram-se e mostram-se muito satisfeitos com os trabalhos da Estação e das estradas e alguns habitantes já teem aberto caminhos das suas povoações para ellas entre o capim, e com o auxilio d'elles já tenho plantado mais de 500 estacas de mulembas, e rara foi a que teve de se substituir.

Tanto isto como o modo porque tenho tratado esta gente, e a necessidade que elles reconhecem de ter auxilio para evitar as correrias de Quiocos que de quando em quando se lembram de assaltar as povoações mais isoladas e distantes da capital, onde se concentraram a maioria das armas de Caungula fez com que se lembrassem os homens mais

velhos do Estado de pedirem a Muene Puto que lhes concedesse o mesmo que já tinham os seus parentes de Cassanje, uma auctoridade com força militar que garantisse a integridade do territorio que lhes pertence como se este fosse portuguez e em troca da submissão d'elles ás leis da Nação portugueza solicitam uma protecção que crêem ha de ser benefica para o rapido desenvolvimento da educação de seus filhos.

Quem como nós portuguezes, conhece os usos do indigena africano, não estranha que eu diga, que em seguida fizeram a seu modo a explicação de como comprehendiam essa protecção: feiras e estabelecimentos commerciaes como os que teem visto em Cassanje e Malanje, mestres de officios para os seus filhos, padres, escolas, etc.

Respondi-lhes que eu faria o pedido ao governo de Sua Magestade, mas que era necessario uma prova pela qual o governo se convencesse de que era verdadeiro o pedido d'elles e por sua vontade, isto é, que reconheciam a soberania de Portugal e se compromettiam a ser obedientes ao seu governo.

—É o poder de Muene Puto, diz Caungula apoiado pelos velhos, o unico que reconheceram nossos avós, que nós temos reconhecido e hão de reconhecer os nossos filhos. Ha poucos annos que viemos no conhecimento de que os *inguerezes* passam pelas nossas terras e temos sempre supposto que é Muene Puto que os envia com as suas fazendas e missangas.

Do nosso coração desejâmos que Muene Puto seja o protector d'estas terras, o novo Muatiânvua nosso amo e seu amigo, assim o reconhece tambem, e por isso nós pedimos ao sr. major seu enviado que faça uma *mucanda* (escripto) para Muene Puto saber o que nós desejâmos e nos aconselhe sobre tudo que é preciso fazermos para Muene Puto nos mandar o que pedimos.

Entrou pois em discussão em dias successivos o Tratado que acompanha este officio sendo interpretados cada um dos seus artigos na lingua d'elles por diversos interpretes e á medida que a discussão proseguia dei-me ao trabalho de escrever a interpretação de cada uma das clausulas, que depois lhes lia e elles admirados confirmavam-nas declarando-se satisfeitos.

Tratou-se em seguida das suas assignaturas e concordou-se no signal de + que aprenderam a fazer e depois na presença de testemunhas empregaram, o que sendo para elles estranho se promptificaram a aprender como cousa a que achavam graça.

Serviu-me de norma para este Tratado o que foi celebrado pelo meu distincto amigo, o illustrado official da armada, o capitão-tenente Guilherme de Brito Capello com os principes de Cabinda, e uma das clausulas que tornei mais frisante foi a de se admittirem as povoações dos Quiocos onde estão estabelecidas, com ou mesmo sem auctorisação do Caungula,

para se não levantarem conflictos com esses povos, e ainda uma outra que muito lhes agradou, foi a de se abrirem bons caminhos, taes como elles viram fazer agora — estradas D. Luiz I e D. Maria II — e principalmente para S. Salvador do Congo passando pelas terras de Muata Cumbana e de Muene Puto Cassongo (junto do Cuango) que são sujeitos um e outro ao Muatiânvua.

O acaso proporcionou-me circumstancias favoraveis á realisação do Tratado; porquanto sendo presente nas discussões Paulo e os da caravana do Congo, estes mostraram conhecer não só os nomes dos principes de Cabinda que celebraram o Tratado com o nosso official Brito Capello, mas ainda informaram o novo Muatiânvua e o Caungula da protecção que ás suas terras dispensa Muene Puto, enviando ali os seus navios de guerra para aniquilar os esforços ambiciosos de estranhos em se apoderarem das suas terras.

A pedido de Paulo escrevi tambem ao Rei do Congo sobre a abertura do caminho pelas suas terras até Muene Puto Cassongo e lembrei-lhe a conveniencia que havia para o seu Estado em fazer sair de S. Salvador em julho proximo, uma caravana commercial, de que fizesse parte o referido Paulo, a encontrar-se commigo em Muene Puto Cassongo para onde eu esperava seguir d'aqui, já de regresso com trinta dos seus subditos, reliquias da sua grande expedição dispersas no Chibango, em Mataba e no Anguvo e que esperam por nós para se nos reunirem.

As cousas encaminharam-se por tal forma, que dizendo eu ao Muatiânvua que ia escrever ao Rei do Congo, dando-lhe parte do nosso projecto sobre este caminho e quanto nos interessavamos em realisá-lo que aquelle me pediu lhe communicasse que tambem elle lhe enviava a sua mucanda de bom amigo e irmão, que consistia de um rapazito para seu serviço, que era o unico presente que eu viagem para a capital lhe podia enviar e que acceitasse como bom o projecto de estreitarem mais as relações entre os Estados d'elles encurtando as distancias para caravanas de negocio.

De facto officiei neste sentido ao Rei do Congo, e supponho que elle não deixará de interessar-se pela abertura do novo caminho, e que tambem para nós é de grande conveniencia, porquanto estou convencido que em S. Salvador mais facilmente se arranjavam carregadores e melhores para este logar e em maior numero, accrescendo uma grande economia no custo de fazendas e outros artigos de commercio.

V. ex.ª já conhece a minha opinião com respeito ao commercio nestas regiões, e tudo me leva a crer que esta localidade é a que offerece maiores attractivos para estabelecimentos commerciaes. Uma feira, como elles dizem, neste ponto, com o tempo, tornar-se-ia certamente um centro importante, visto que por aqui passa o commercio do Lubuco, da Lunda, do Muata Cumbana e tambem o de Cassanje e de Malanje e

d'outros pontos do sertão a leste do districto de Loanda, e aberto o caminho para o Congo, será de importancia a concorrencia de todo o norte da provincia.

O Tratado que se fez será de toda a vantagem para o nosso paiz, principalmente quando nelle se faça interessar o Rei do Congo.

Muito podia dizer a v. ex.ª sobre a venda da gente, e se neste ponto não é tão frequente como ha dez annos atrás, é isso devido não só á muito menor procura, como á elevação de preços. Hoje uma criança importa aqui em sete ou oito peças de fazenda (sete mil réis pouco mais ou menos); mas reservo este assumpto para mais tarde, mesmo porque ha uma qual ou tal justificação, que convence ainda os mais humanitarios, e só dando-se um certo uumero de circumstancias é que se pode fazer cessar o nefando trafico.»

Kivajana

ŭasabele — mŭata xa muteba, kaŭgula ŭa mŭatıavŭa, mŭéne ŭgada unŭeı, čilolo čijima čıa luda, uloda, dijina dıa mŭéne ni dijina dıailolo, dıavala dıedi, dıana dıedi, dıaôso: ku mučima ŭaŭ, akŭijika abote, usŭa ŭa mŭéne puto, amŭita ŭalodele kutuma ku agada aıhaŭ utalele ıakadi matedu ŭaŭ akatu; mŭéne puto eıé mukuludika ku magada mŭa mŭatıavŭa akalepa uruda ŭaŭ.

kaadi — kaŭgula ni ilolo ıedi ni anedi aitia mŭéne puto muleja ƀata ıa kutuga ikubo ku ilolo, tukŭata, tuxalapoli ni anedi, mŭamo ni agada ku kudima kŭa kusota ıa mŭéne puto ni anedi aôso akŭisa akunoko.

kasato — mŭéne puto ukutumixa kunôko kŭa kaŭgula čilolo čıedi ni suladi ni idele ikŭaŭ čıa kusota, anedi mŭéne puto akunaka ni ŭape

TRATADO

Artigo 1.º O grande senhor Muteba Caungula do Muatiânvua, dono d'estas terras e grande da Lunda, declara em seu nome, em nome dos seus conselheiros, dos seus parentes e de todo o seu povo: que voluntariamente reconhece a soberania de Portugal e pede com insistencia ao governo d'esta Nação lhes envie as auctoridades necessarias para protegerem e governarem as terras do dominio do Muatiânvua, amigo de longa data.

Art. 2.º Portugal, alem da Estação Luciano Cordeiro que lhe pertence, tomará onde lhe convenha, propriedade inteira e completa dos territorios que lhes sejam precisos para os seus estabelecimentos militares, administrativos e particulares para a agricultura e outras industrias.

Art. 3.º Portugal mandará para junto de Caungula, um delegado de seu governo, com as auctoridades, força militar e pessoal que

nunômo; kanĝula na ĥolo ieli akiitala ni aŭape pa manuena aŭ, ni kudima miiĥila diru dia kulada i kudima kuia mûamo akiita ĉi eli ĉilolo ĉia miéne puto (zéfi).

kuii — miéne puto uniitia kudi aŭlolo n'ama ia tuhiata ia napuĥo i mulogo olao aŭli a kanĝula diiĥo dia lelo eli dautaĝo na ĝoĥa eulen i aŭulau kuuiita miéne puto aŭdiĥile nuĝuĥo a kulatie aŭlezuli ni uape kudi aŭlolo olao ĉ miéne ĝuĥa ulutia ni uape ia miéne puto.

kitumo — miéne puto kuuila diuii puiiela puiao ulauata kuuuala ni ifje miéneili miéne puto ni kuuutala uéne uuiiduliile.

kuuĥuno — miéne puto uniitia kudi aŭlolo ni kuuiia nunomo kaitana ine ujuĥa olao kiete ĝiĥuĥa kuiuuliĝa kuuuleja, aŭiete aŭulo eli, aŭi aŭauta kulaĥiuo kiua nuiiuan kuleje miéne puto ki uuiiia i aŭlolo ia kapiiuo uuiuua, uuiloĝe olao, duuuiiia aŭauta kadiiio uuiiuai uuua kaiéjuao uuiiuai ia kapiiuo kudi.

kuuĥiuuri — dudue dia lelo ni kulatie aŭulaia aŭlao olao aŭiiua ni kuiuĝe uuulaia uuua kulao ĥiuuuiia miéne ĝuĥa kiiuuua, kuĝuĥo kudi aŭapuuo uudi olao aŭuuĝe uuii aŭapuuo aŭi kulaĥo

julgue conveniente e serão bem recebidos e protegidos nestas terras todos os seus filhos que quizerem exercer sua actividade, para o que lhes serão facilitados sem onus, os terrenos de que necessitem e que forem marcados pelo referido delegado.

Art. 4.º Portugal reconhece todos os potentados e chefes de povoação que nesta data estão estabelecidos nas terras compreendidas no domínio colonial sob o seu protectorado, e confirmará no futuro os que forem eleitos pelos povos ou de nomeação de Caungula segundo as suas leis e usos, garantindo-lhes auxílio e protecção.

Art. 5.º Portugal obriga-se a manter a integridade dos territórios que forem collocados sob o seu protectorado.

Art. 6.º A todos os chefes e habitantes será garantido o domínio que hoje disfrutam nas terras em que estão estabelecidos ou que por sua conta são cultivadas, podendo vendê-las ou aliená-las de qualquer forma para estabelecimentos de negócio, agrícolas e outros, sendo pago o que é de uso, devendo estas marcar-se as terras cedidas e registarem-se na delegacia do Governo Portuguez para se evitarem complicações no futuro.

Art. 7.º A qualquer estrangeiro se concede a liberdade de estabelecer-se nestas terras, respeitando este os usos e costumes dos povos que Portugal não modificar, garantindo-lhes a autoridade portu-

kilila kŭa mŭéne ğada akumŭopata kŭa kŭedĭ kusota kuıa mŭéne puto aôso akuxala ukŭitile ni ŭape maŭseıa maŭ.

kačinana—kauğula ni ilolo ıedĭ ni ana makŭedĭ ni anedĭ ni alŭedĭ aleka akŭaŭ kŭivajana ni kuladixa ağada akutuğa kudi mŭijila ŭa mukatu; aôso ači ŭakasala, mu puği kasu ŭa mŭéne puto čilolo čiedĭ ğuvulo ŭağada ŭeı.

kadivŭa—kanğula niaôso ilolo ıedĭ aıtıa ağŭeği akŭiza akulugixa, aıtala ku maŭseıa naŭ kunôko ni paôso pasŭipa aladixa useıa ŭape ŭakadi kudibajana, akuneta mateďu maôso akŭiza alade kŭaŭ kakŭetepe muloğa čıipe mŭéne luvudo; ni majila majikuki mağada mŭéne kŭeďa ukŭede akŭeďa. mŭéne useıa akuladato ŭape čiğada ni majila; éne kudima adime, éne kuta useıa ate kŭaŭ; éne kŭiza ŭeza kŭaŭ idele ijima ağağa žabi akuleja kusańika kŭana mŭata ni ilolo ijima ni aôso kamo, ni éne kŭiza ni kutala mağada ou nena kuleja kudima ni ŭape.

kauğula ni ilolo ıedi amŭitıana mŭéne puto kujikula majila akuıa ku musuba ıa mŭatıaŭŭa ni kŭaŭ akuıa ku mukeğe mu lubuko ni ku mŭata kubana mutobo ni kudıoka panapa ni mŭa mŭéne puto kasoğo ajila ipŭike ni muğada ıa mŭéne koğo, aitia akusala mujikita ou ŭa kuludika majila mağada ei uleja alu adi pasŭipa akŭatexe kumujikita uıé kulutŭe.

gueza a necessaria protecção, mas com o direito de proceder esta como entenda quando se prove que por tal concessão se tenta destruir o dominio de Portugal nesta região.

Art. 8.º O Caungula e as suas auctoridades compromettem-se a não fazer tratados nem a vender terras a estranhos; neste sentido so se fará o que tenha sido aconselhado pela auctoridade portugueza.

Art. 9.º O Caungula e as suas auctoridades obrigam-se a proteger todos os negociantes que vierem estabelecer-se nas suas terras, vigiando para que não sejam enganados nos negocios e castigando os que procurarem fazer com elles desordem; garantem seguros e bons caminhos para o viajante andar a sua vontade, e comprar o que lhe convenha aos habitantes e garantem protecção aos lavradores, aos estabelecimentos de commercio, aos missionarios que quizerem instruir os seus filhos e os do povo para desenvolvimento de suas terras.

O Caungula e todas as suas auctoridades promptificam-se a auxiliar a auctoridade portugueza na abertura de caminhos para a capital do Muatiânvua, do Muquengue no Lubuco, do Muata Cumbana e d'ahi para a do Rei do Congo, sendo este o primeiro a fazer-se, coadjuvando-a com todos os seus esforços para que prosigam os respectivos trabalhos sem difficuldades nas terras dos seus vizinhos.

kadikumi — *ofei ohanalume ma-mbeno ofi amona ulupe ni ujima ulusa ka miéne puto ulodiza mingu ohufanuka umunme, ûcuja omisijina ûkule ûdele ûkule miéne jinda ofeo ohiina mîno ka miéne puto ohiete kuludika.*

kadikumi ni kamû — *divujou' ri ohamanlene zu matebo mûnta kwajula, ni mûnthetia ûujila ûkûlûla info ofi ûkûlo ofeo ê mundu omutalûlû' ofi kuba ûuta ma mîna, ni miéne puto ûujile ûûena ûa mûnthetia ûirî omindo mûeja ofe ofeo, kûlo ame pompa ûlûujo ûia miéne puto, mûeja ofeo mowujuki ni ûupe, etu divujouki ohii ohûkûle mujîna mui di kulumu mûeja kûlla kûlume kumo i ofeo omutolo miéne puto ofi kûlolo jîvulu ûûlûme ma kinda ûtumûr ûupe miéne puto ûûtile ûupe ofeo omûlla mûnta mujuli ni mûnta zu matebo ma mîno ofeo mûlolo mumene.*

Art. 10.º Toda e qualquer questão entre europeus e indigenas, e entre estes, seja qualquer fôr a sua terra e categoria será resolvida com a assistencia do delegado do governo portuguez.

Art. 11.º O presente tratado feito pela Expedição Portugueza ao Muatiahvua e pelo grande senhor Mateba, Caungula do Muatiahvua, estando presente Chibuinza Isavo, chamado pela côrte para tomar posse do cargo do Muatiahvua, que lhe pertence foi lido e explicado pelos interpretes da dita Expedição e assignado pelo pessoal superior da mesma, pelos referidos senhores, por todas as auctoridades presentes com o respectivo signal +, pelos interpretes e mais pessoas de diversas comitivas que assistiram ao acto e começará a ter execução quando o governador de Angola adoptar as providencias necessarias.

No original vão assignados pelos potentados da Lunda, e pelos individuos do Congo que estiveram presentes, Antonio Bezerra de Lisboa; por parte dos individuos de Malanje, Agostinho Alexandre Bezerra; por outros ainda, Antonio Bezerra de Lisboa; pelos Bângalas de Quinguri, de Quipungo, de Quituta, e de Cassamba, um dos Ambaquistas que os acompanhavam, Diogo Alexandre; pelos soldados do batalhão de caçadores 4 e pelos contractados de Loanda, José Faustino Samuel.

Tudo estava preparado para a nossa festa, como elles lhe chamavam, no dia 31 de outubro; e como as cerimonias que se fizeram nesse dia foram descriptas minuciosamente na nossa communicação mensal, as transcrevemos neste logar.

A S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar

Illmo e ex.^mo sr. — Com a maxima satisfação vou narrar a v. ex.ª como me foi possivel neste logar (capital de Caungula) em terras da Lunda commemorar o dia de hoje, anniversario natalicio de sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, Nosso Augusto Monarcha, a quem Deus conserve por muitos annos a preciosa vida.

Na frente da Estação ao romper do dia tocaram a alvorada tres cornetas e tres tambores que depois seguiram com uma pequena guarda de cabo á quipanga do Muatiânvua e d'ahi á do potentado da terra. Tanto as marchas como as alvoradas dos cornetas e tambores foram intercaladas com hymnos e marchas tocados n'um harmonium portatil que todos os povos por onde temos transitado muito teem apreciado.

No seu regresso foi içado o pavilhão real no grande mastro de 11^m,40, hasteado na meia laranja á frente da Estação e bandeiras em pequenas hastes nos angulos, tocando as cornetas e tambores uma marcha em grave e dando-se uma descarga salva de 21 tiros de fuzil.

Os nossos carregadores e mulheres que os acompanhavam, com as suas melhores vestes, dançaram segundo os seus usos na referida meia laranja até ás dez horas da manhã, o que tudo attrahiu ali as comitivas do Congo e os Bângalas (Cassanjes) que tambem tomaram parte naquelle divertimento.

Os tiros succediam-se de quando em quando por conta dos carregadores o que muito animava a gente nas suas danças.

Havendo eu convidado com antecedencia o Muata Chibunza Ianvo (ou Chibuínza, segundo differentes pronuncias) reconhecido até aqui pelos potentados da Lunda como Muatiânvua o potentado da terra Caungula, para assistirem ao acto da inauguração da Estação e nesse mesmo acto declararem em publico a cedencia que haviam feito da área que ella occupa, com suas ruas lateraes e largo na frente de 1:200 metros quadrados; para se levantar o competente Auto de Noticia, que devia de ser enviado pelos filhos do rei do Congo ao Governo de Sua Magestade, mandaram-me elles prevenir ao meio dia, que estavam reunidos e promptos a seguir para a Estação quando eu quizesse.

Formou a guarda em numero de 1 cabo e 22 praças (o que se conseguiu reunindo os contractados) todos uniformisados com fardas encarnadas e bonés de velludo preto bordados de sutache carmezim e pannos todos iguaes, e aguardou-se a chegada dos dois potentados e suas comitivas. Assim que elles appareceram na rua em frente da Estação que a separa do largo, descobriu-se o frontão, o qual contém ao centro as armas reaes portuguezas e numa fita branca o distico com letras

arues Luciano Cordeiro e inferiormente às armas numa tabuleta a palavra Estação. Ao cahir o panno a força deu tres descargas em quanto as cornetas e tambores tocavam uma marcha em grave.

Em seguida deram entrada no peristyle as Muatas, os grandes e povo, vindo atrás o tocador do harmonium encorporado na sua musica de pancada a pedido de Iaava. Os nossos carregadores, a quem fornecemos pólvora, logo que o povo ao seu uso dava vivas ao Muata, começaram num tiroteio de fuzilaria muito nutrido.

Devo agora dizer a v. ex.ª, como havia disposto a casa central para a recepção.

No topo, sobre um estrado coberto com um tapete apropriado armei a cadeira de Estado que levavamos e na altura competente o docel com o respectivo cortinado adamascado de seda e nos lados estavam assentos da altura do estrado cobertos de baeta encarnada e fronteiros a estes outros analogos sendo cada assento para duas pessoas. Tanto a porta como as janellas interiores tinham cortinados de baeta azul. Ao centro da casa, cujo chão era coberto de esteiras, estava fixada uma mesa rectangular coberta com um bom panno. Ao lado direito desta sobre um pequeno estrado coberto de baeta encarnada havia uma cadeira para o Muatianvua coberta com um cobertor de lã tambem encarnado com orlas pretas (muito apreciado por elles) e do lado esquerdo as nossas tres cadeiras cobertas do mesmo modo mas sem estrado. Em frente da cadeira destinada ao Muatianvua estendeu-se um pequeno tapete de viva côres.

Aos lados da cadeira, que os dois potentados já me haviam mostrado muito interesse em ver e de que eu estava desejoso de conhecer o estado pelas muitas chuvas e mais accidentes a que esteve sujeita durante quinze mezes a caixa que a continha, e que por muitos cuidados que houvesse da parte do pessoal superior da Expedição, não foi possivel evitar, estava muito melhor do que se poderia suppôr. Aos lados d'ella como digo, colloquei caixas de musica, uma das quaes felizmente continha no numero de suas peças o hymno de Sua Magestade que se tocou constantemente em quanto cada um tomava os seus logares, o que não foi sem tengo por causa da etiqueta. Não me esquecí de providenciar neste sentido por causa do muito povo que cercava a Estação e embaraçava a passagem, que não obstante se fez com alguma confusão, tendo a guarda de policia de empregar activamente as suas diligencias para os convidados poderem entrar por sua ordem.

Sobre a mesa em uma salva de prata estavam doze crucifixos de metal dourado com cordões de fio de ouro e prata, um collar largo com a respectiva cruz espessa de ouro baixo, um jarro de electroplate com vinho do Porto e seis copos, tinteiro, papel e pennas. Nos angulos da casa estavam suspensas bandeiras nacionaes.

Em quanto cada um tomava os seus logares chegaram os da comitiva do Congo de que fallo detidamente a v. ex.ª em outro officio, por julgar conveniente referir como tem sido protegida por esta Expedição. Tambem chegaram os da comitiva dos Bângalas de Quinzaje subdito do actual Jaga de Cassanje e os Malanjes que a acompanhavam a quem tambem se prestaram serviços, como v ex.ª tem conhecimento pela communicação geral; e estes, segundo seu uso, entraram no largo aos saltos com os seus canticos de guerra e manejando as espingardas em signal de submissão e respeito.

Restabelecido o silencio tomei eu a palavra, e depois de mim os diversos potentados. O que foi dito e resolvido consta do auto que acompanha este officio.

Tomei de novo a palavra para brindar o nosso Augusto Monarcha, no que fui acompanhado pelos dois potentados cobertos ao uso do paiz com sombreiros para não serem vistos pelos seus, por suas Muáris e seus Suanas Mulopos, acompanhando todos os circumstantes os tres vivas que levantei a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I.

Os soldados, empregados, auctoridades subalternas do paiz e povo que estavam na rua tambem secundaram calorosamente os nossos vivas e como de costume rompeu o fogo de fuzilaria. A caixa de musica devidamente preparada fez ouvir o hymno de sua Magestade emquanto fora principiaram diversos grupos a dançar ao uso da terra.

Fez-se em seguida a distribuição dos doze crucifixos, suspendendo eu ao pescoço do Muatiânvua futuro, o collar que lhe destinára.

Sendo muita a curiosidade das Muáris pelas caixas de musica mandei buscar dois pequenos realejos que tinha de uma só peça de musica e depois de tocarem, foram offerecidos um a cada uma, com o que os circumstantes mostraram muito regosijo.

Eram tres horas da tarde, quando de novo me dirigi á assemblea, agradecendo não só aos dois potentados a sua presença á nossa festa, como aos seus quilolos que os acompanharam.

Foi-nos entregue então pelo Muatiânvua em nome do Caungula, um carneiro e uma carga de bombós para o nosso jantar e sendo do estylo o corresponder pediu-nos o Muatiânvua para eu dar ao Caungula uma pequena cousa correspondente a duas beirames de fazenda; mandei logo buscar uma peça de lenços (doze) que elle lhe entregou. O Caungula agradeceu e retirou, e os cornetas e tambores lá o foram acompanhar á sua residencia o que elle agradeceu. O Muatiânvua ainda pediu para o seu Suana Mulopo um panno de chita que tambem lhe dei.

Retirou depois este com o seu sequito pedindo para que fosse declarado na mucanda (officio) ao seu bom pae Muene Puto a satisfação que teve em assistir á festa que seus filhos lhe dedicavam e que obrigado era elle não só aos beneficios e tratamento que a sua embaixada lhe

havia dispensado depois do seu encontro com elle no Cassussa (Estação Cidade do Porto) mas em lhe aplanar as difficuldades que teve para poder seguir para a Mussumba em virtude das reclamações dos seus parentes e grandes do Estado para d'elle ir tomar posse, e ainda por lhe mandar cousas que o seu povo até hoje não tinha visto.

Respondi que em breves dias iam ser satisfeitos os seus desejos e acompanhei-o até fóra do peristylo onde lhe foram prestadas as honras pela guarda que elle pediu o acompanhasse á sua residencia onde então se deram as descargas e houve mais vivas

Ao sol posto foi arreado o pavilhão e em seguida as bandeiras, formando a guarda que apresentou armas e em seguida deu as tres descargas. Os carregadores aproveitaram a occasião para tambem descarregarem as suas espingardas de quando em quando e começaram as suas danças. A noite estava má, chovia e não era possivel fazer as fogueiras que desejava até apparecer a lua e tiveram portanto de cessar as danças.

Com os recursos que tinhamos e pelo lugar onde estavamos, não nos era dado fazer mais.

A escola que neste dia se inaugurou vae principiar a funccionar no dia 3 do proximo mez para os menores que nos acompanham em viagem. Tenho de fazer os alphabetos e de aproveitar um africano que lê e escreve alguma cousa para os principios por haver a vantagem de se fazer perceber bem, e na Mussumba proseguirei eu então a ensinar os seus discipulos.

Deus guarde a v. ex.ª, Estação Luciano Cordeiro, ás 10 horas do 31.º de outubro de 1885. — Ill.mo e ex.mo sr. Conselheiro Ministro e Secretario d'Estado dos negocios da Marinha e ultramar. = O chefe da expedição, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, major do exercito.

Auto de noticia

Aos trinta e um dias do mez de outubro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo mil oitocentos e oitenta e cinco, na Africa central, no sitio do potentado Caungula, Muata Xa Muteba, e a leste da sua quipanga (residencia propria) pouco mais de um kilometro de distancia e no logar que a Expedição portugueza á Africa central, composta do chefe major Henrique Augusto Dias de Carvalho, do sub-chefe major reformado Agostinho Sesinando Marques e do ajudante capitão Manuel Sertorio de Almeida Aguiar, acampou e onde levantou a Estação portugueza, hospitaleira e commercial e já na casa principal da mesma Estação, achando-se presentes: Chibunza Ianvo (Xa Madiamba), Muata que na companhia da mesma Expedição segue para o Calanhi para tomar posse da governação do Estado da Lunda como Muatiânvua, cargo que

lhe pertence por ser herdeiro de Muteba; e mais o seu grande quilolo Xa Muteba, Muata Caungula, os empregados da Expedição portugueza, interpretes Augusto Jayme, irmão do soba Ambango de Malanje, Agostinho Bezerra, empregado José Faustino, os contractados em Loanda Matheus, Paulino, Paulo, Narciso, Adolpho, Roberto, Domingos, Cabuita, Antonio e Marcolino e ainda as praças do batalhão de caçados n.º 3 da Africa occidental cabo n.º 18 Jorge Francisco e soldados do mesmo batalhão, n.º 4 Catraio, n.º 128 Manuel Paschoal, n.º 49 Antonio Dias Bungo, n.º 50 Antonio Gabriel, n.º 54 Adriano Annanias, n.º 57 Augusto, n.º 90 Antonio Bartholomeu, n.º 127 Filippe Cabral, n.º 28 Manuel Pedro Soares; a comitiva de S. Salvador do Congo, de regresso da Mussumba do Muatiânvua que conduz para o seu Rei, os restos mortaes do seu fallecido filho D. Miguel, comitiva em numero de dezeseis individuos e dos quaes se tomou os nomes dos seis principaes, D. Paulo, Miranda, Miguel, João Manuel, Calunda e Quibando; os da comitiva de Cassanje do Ambanza Quinzaje, representados por os Ambanzas Quinzaji, Quitamba-quiá-Cambamba, Xa Cacúco, Cassosso e Quiringo; e os portuguezes do Luximbe, concelho de Malanje que os acompanham, Domingos Manuel Silverio da Costa, Antonio Matheus da Silva, Antonio Domingos Pedro, Antonio João da Silva Monteiro e Manuel Joaquim, os cabos de carregadores da Expedição Portugueza; Quiteca, do soba Nhanga, do soba Anguengue, do soba Quimonga, Matheus, do soba Quissua, Gamboa, do soba Ambango, Antonio, do soba Angonga, Sarrote, do soba Muiéba e Manuel Ignacio do Lombe, todos do concelho de Malanje; e ainda o Muata Xa Muteba potentado da terra, quilolo Caungula do Muatiânvua, sua Muari, o Suana Mulopo e seus sobrinhos de nomes: Tembu, Chiungo á Pêmbe e Caméxe e ainda o Cacuata Joûji-á Cabuita, e finalmente muitos outros Cacuatas e povo d'elles, bem como todos os nossos carregadores, suas mulheres, ajudantes (quibéssas) e creanças aggregadas á nossa expedição; e depois de descoberto o frontão que tem ao centro as Armas Reaes portuguezas e ladeadas estas com o nome de Estação Luciano Cordeiro, foi pelo chefe da expedição dito: — Que se congratulava, encontrando-se tão longe da sua patria, em poder de algum modo deixar um monumento nestas paragens commemorando o anniversario natalicio de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I na presença de seus amigos africanos, dos filhos de Muatiânvua e do Caungula seu subdito, dos do rei do Congo e ainda dos vassallos Jaga de Cassanje e dos sobas Ambango, Muiiéba, Angonga, Lombe, Nhanga, Quinhonga e Quissua e de nesta mesma occasião perante os Portuguezes, prestar a sua devida homenagem a um dos homens contemporaneos do nosso paiz que mais se interessam pela instituição das estações civilisadoras portuguezas em todo o continente africano, principalmente nas terras da Lunda e que tem com distincção trabalhado

neste ultimo periodo de doze annos em promover os interesses da nação em Africa e sustentar os nossos antigos direitos, dentro e fóra do paiz, ao que neste continente nos pertence por herança dos nossos maiores.

«Que quiz a providencia que no seu caminho encontrasse um antigo amigo, Suana Mulopo do fallecido Muatiânvua Muteba, cuja presença os grandes fidalgos ministros ou conselheiros do estado da Lunda ahi reclamavam para tomar conta da governação do Estado e que este a quem se prestára a acompanhar de bom grado, julgasse um dever entrar, primeiro que em qualquer outra parte, em terras tambem de um velho amigo, ainda parente e leal quilolo, o Caungula; que em taes circumstancias pois, aproveitára a occasião, logo depois dos cumprimentos do estylo de fallar ao potentado Caungula para levantar esta Estação cobrindo uma area de 1:200 metros quadrados com os aposentos que julgára de prompto serem indispensaveis, e depois de devidamente limitada, tendo á sua frente uma area em semicirculo definida por arvores mulembas, onde fora levantado o mastro da bandeira portugueza um quarto do diametro e perpendicularmente á frente do frontão; e ruas lateraes espaçosas, a da esquerda (norte) que separa a Estação denominou Sesinando Marques que vae ligar-se a 350 metros com a que se dirige á quipanga do Caungula e a da direita menos larga que se reune aquella no mesmo ponto que a primeira denominou Sertorio de Aguiar; e assim deixava tambem junto a este monumento, por elle projectado e construido consignado quanto o tinham auxiliado com seus serviços prestimosos, os seus dois companheiros de trabalhos na sua já longa e fastidiosa missão. Que feita a dita Estação e que havendo-se estreitado de dia para dia as relações com os dois potentados Muatiânvua e Caungula e com os seus grandes, propozera a estes a compra d'aquella área de 1:200 metros quadrados para a nação portugueza, que elle em nome do seu governo adquiria para que mais tarde ninguem ouzasse pedir tributos ou exigir por suggestões de qualquer ou por qualquer pretexto a saída dos filhos de Sua Magestade, que com auctorisação do seu governo ou por elle enviados viessem nella residir. Um e outro d'estes potentados por essa occasião, lembrando as antigas relações que sempre sustentaram com os filhos de sua Magestade, declararam não ser crivel que houvesse potentado algum que tal fizesse, pois todos respeitavam e estimavam o nosso Monarcha como um bom amigo e protector, pois fora sempre elle quem lhes mandara as fazendas e missangas que vestiam e a polvora e armas com que caçavam e com que combatiam os seus inimigos. «Nós, dissseram o Muatiânvua e Caungula não podemos vender a Sua Magestade o que ha muitos annos a Lunda considera pertencer-lhe; mas para que não reste duvida alguma a seus filhos, que o chão em que a bem vinda Embaixada de Sua Magestade fabricou esta Estação lhe pertence, de bom grado fazemos cessão a Sua Magestade nosso protector

do terreno que ella comprehende e com prazer annuimos ao convite da mesma Embaixada em se lavrar o Auto d'esta cedencia no dia de hoje, que os portuguezes festejam; por ser o dia em que faz annos ter nascido seu amado Rei nosso bom amigo e protector.»

Tambem para ser lido e assignado neste dia, declarou o Muatiânvua que com Caungula e com elle chefe da Expedição haviam feito uma *mucanda cuivajana* (Tratado), para Sua Magestade o Rei dos Portuguezes tomar conta das suas terras como tomou de seu irmão Cassanje.

Que fora em consequencia d'esta adhesão, proseguiu o chefe, que convidára os portuguezes para serem testemunhas do acto que se estava passando e do qual fazia lavrar o competente Auto de Noticia que esperava em breves dias remetter ao governo de Sua Magestade.

Que aproveitáva a occasião para declarar, que não podendo por emquanto fixar-se o dia da partida para o Calanhi, com a annuencia tambem do Muatiânvua se abria nesta Estação uma escola primaria de instrucção da lingua portugueza obrigatoria para todos os menores que faziam parte da Expedição entre sete a quinze annos e para todos os individuos que o Muatiânvua levava na sua comitiva e que elle dizia que ia mandar frequentar.

Que por emquanto era professor d'ella o empregado da Expedição José Faustino, que sob sua direcção havia de leccionar das 11 horas da manhã ás 2 horas da tarde, tendo logar a primeira lição no dia 3 do proximo mez e esta aula, a primeira que se estabelecia em terras da Lunda entendia dever denomina-la Chibunza Ianvo para que pelo menos os seus discipulos se recordassem no futuro, não só d'este dia, como do Muatiânvua presente que de passagem pelas terras do Caungula seguia a chamado dos grandes quilolos a tomar posse do seu Estado.

Foi depois lido e assignado o Tratado que se juntou a este termo por estar prompto.

«Vêde pois, meus amigos, continuou o Chefe da Expedição como felizmente a Providencia me permitte, que eu possa, repito, tão longe da minha patria, commemorar a festa do nosso Rei, com instituições de utilidade em beneficio de um povo ha muitos annos amigo e que precisa do nosso valimento para entrar no convivio dos mais civilisados.

«Sob a nossa protecção se collocaram, desde que chegamos a esta terra os filhos do Rei do Congo, nosso antigo alliado, e elles esfomeados e nús tiveram a justiça que solicitavam e pelo trabalho nesta Estação adquiriram já com que se cobrir e têem ganho para seu sustento; testemunhas agora d'este acto, elles vos podem dizer o valimento e influencia do nome portuguez para com o seu Rei e povo, e quanto a nossa actual missão em S. Salvador composta de zelosos e infatigaveis sacerdotes tem conseguido no intento de instruir na nossa lingua, usos e costumes e nas artes e officios, a sua nova geração.

E tendo os dois intepretes da Expedição repetido a Ianvo, interprete official do Muatiânvua o que fica exposto, em seguida este, na lingua Lunda, depois das cerimonias do estylo fez constar tudo aos dois potentados, suas Muaris, seus Suanas Mulopos e mais quilolos e povo presentes o que foi rectificado pelos nossos interpretes que bem conhecem a lingua Lunda.

Respondeu o Muatiânvua, já reconhecido pelo potentado Caungula e pelo seu Suana Mulopo e Cacuatas *(tu-cuáta)*, que representavam os maiores da Lunda seus *séleji* (patrões): Que tudo que disséra o seu amigo major representante de Muene Puto, não tinha para elles duvida alguma, que fosse escripto e que elle estava prompto a dar o seu nome para que seu protector e amigo soubesse que tanto elle como o Caungula, de bom grado cederam o chão em que ficou fabricada a sua Estação e fizeram o Tratado, em que sollicitam a sua protecção effectiva e que ninguem ousaria contrariar o que fora feito e que acceitavam o nome que se lia á entrada, como desejava a Embaixada de seu bom amigo Muene Puto.

Que muito tinham a agradecer em nome de seus povos que Muene Puto fizesse ensinar seus filhos, pois era uma fortuna grande para as suas terras onde de dia para dia se admiravam as cousas novas que Muene Puto lhes enviava, (e referiu-se principalmente á cadeira, docel e tapete que seguem com a Expedição e que estavam expostos devidamente collocados no topo da casa, ornada segundo os recursos disponiveis) e que todos se empenhariam em aprender a fazer.

Que a Estação era já para elles uma cousa nova, e o trabalho feito em tão poucos dias, bem indicava, o muito que elles com o tempo podiam aprender. Elle Muata desejava muito que se escrevesse a Muene Puto, dizendo o que se estava passando e que se lhe dissésse que eram bem vindos todos os seus filhos que mandasse para aquella sua casa para negociar e para ensinar os filhos daquellas terras.

Em seguida disse o Caungula: O nosso amo Muatiânvua declarou o que eu agora só tenho a confirmar. Esta casa é do nosso bom protector Muene Puto, por aqui passam muitos filhos seus ha annos e são sempre recebidos, e vem agora o representante de Muene Puto em pessoa e por isso o que não lhe fariamos nós que o reconhecemos nosso maior? Elle tem-nos mostrado cousas que nos surprehendem, se algumas já tinhamos visto em poder dos ingueresez (allemães) e de relance, agora as vimos melhores e outras são para nós inteiramente novas e de maior riqueza o que nos mostra sua grandeza. Como não lhe havemos nós de proporcionar os meios de o termos ao pé de nós e aos seus filhos que desejarem vir aqui estabelecer-se? Eu agradeço muito a Muene Puto que acompanhe o seu amigo Muatiânvua á Mussumba, mas tambem desejo muito que venham filhos seus, proseguir na educação dos meus.

Está feita uma boa casa e por isso todos nós temos muita esperança que Muene Puto não deixará de mandar para ella quem venha negociar e ensinar o povo d'esta terra. O nosso Muatiânvua deseja que se escreva a Muene Puto, e se lhe participe que está feita a casa em terra que cedemos de bom grado a Muene Puto, para ella se fazer, e eu tambem desejo que elle saiba que muito estimo que mande para ella seus filhos e emquanto não vierem para cá que mande um homem que tome conta d'ella e a conserve sempre limpa e em estado de ser devidamente occupada por quem elle quizer. Isto que eu desejo, desejam tambem as do meu Estado e por isso presto o meu nome para a mucanda (escripto) que o sr. major já nos leu.

E tendo-se dito aos interpretes que transmittissem novamente, que eram desejos da Expedição comprar o terreno, não com receio dos presentes, mas porque no futuro seus herdeiros, talvez mal aconselhados, não quizessem confirmar a concessão agora feita, tanto pelo Caungula, directo senhor d'estas terras como pelo futuro Muatiânvua já por elle como tal recebido e considerado; foi repetido que uma futura interpretação differente do acto que se estava celebrando se não podia dar pelos seus herdeiros e que se fechasse a mucanda.

Por sua parte o chefe agradeceu em nome de Muene Puto não só a concessão dos 1:200 metros quadrados de terreno para as dependencias da Estação, como ainda o teremos potentados annuido a assistir ao acto da sua inauguração, commemorando assim o dia da festa de Muene Puto seu amigo e de voluntariamente se prestarem a discutir o Tratado que acabava de ser assignado.

Respondeu o Muatiânvua que os agradecidos eram elles e que sentia bastante não estar já no seu Estado, para dar uma prova do que o seu coração desejava e por agora (dirigindo-se ao chefe) pedia acceitasse a embaixada a pequena lembrança que lhe podia dar no dia de hoje: um grande carneiro e uma porção de bombós (mandioca).

O chefe agradeceu e pediu, como era de uso no seu paiz, para que Muatiânvua, o Caungula, as Muaris e seus maiores presentes o acompanhassem bebendo vinho do Porto (vinho das terras de seu protector Muene Puto) e á saude de S. Magestade e para que o Anzambi (Deus) lhe désse muitos annos de vida, saude e felicidades na companhia de sua Real Esposa e Augustos Flhos e para bem do seu povo.

De um jarro de electroplate que foi muito admirado, se lançou vinho nos copos emquanto os dois potentados procederam ao cerimonial de abrir os chapeus de sol para se occultarem ás vistas dos espectadores em quanto bebiam, e distribuidos os copos, o chefe levantou tres vivas seguidos a Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I, vivas que foram correspondidos com enthusiasmo até ao largo pelo povo, ouvindo-se em seguida o fogo de fuzilaria vendo-se subir e descer o pavilhão real por

tres vezes o qual todo o dia esteve tremulando no alto do mastro em frente da Estação.

Em seguida o chefe deitou ao pescoço do Muatiânvua um largo collar de ouro e o sub-chefe e ajudante distribniram pelas muaris e pelos grandes doze crucifixos de metal dourado suspensos de cordões de fio de ouro o que foi muito apreciado.

Duas caixas de musica, uma que tocava o hymno de Sua Magestade El-Rei, foi depois o entretenimento dos potentados e tão interessados estavam, principalmente as Muaris e as mulheres que as acompanhavam, em ver os movimentos dos cylindros que o Muatiânvua pediu para que ninguem soubesse como as cousas se passavam e que só se ouvisse a musica, e para mais surpreza, mandaram-se buscar dois pequenos realejos cada um de uma só peça os quaes tocados provocaram muita admiração pela sua pequenez e pela manivella. Foram dados um a Muari do Muatiânvua e outro á do Caungula que ficaram muito agradecidas.

O chefe depois d'isto mandou os interpretes agradecer ao Muatiânvua e Caungula a concorrencia dos seus maiores e povo a este acto bem como aos chefes presentes das caravanas do Congo e de Cassanjes (Bangalas).

O Muatiânvua pediu, como era do estylo, um panno (4 jardas) de fazenda para o quilolo da terra (Caungula) que o acompanhára e o chefe fez-lhe entregar doze lenços o que elle agradeceu retirando com os seus, sendo acompanhado pelos cornetas e tambores até á sua residencia. Despediu-se em seguida o Muatiânvua e os grandes e retiraram, dando a guarda as descargas e os carregadores muitos tiros com as su espingardas.

Eram 3 horas da tarde pouco mais, quando terminou este acto de que se lavrou este Auto, que pelos interpretes se mandou ás auctoridades e pessoas maiores que estiveram presentes e que sabendo escrever pudessem assignar e as que não soubessem e fossem d'elles conhecidas que o pudessem fazer de cruz e que seus nomes fossem escriptos por procuradores.

E por ser verdade tudo isto que ahi fica narrado nós membros do pessoal superior da Expedição Portugueza a Africa Central o asseveramos e assignamos no final d'este auto.

Ianvo (Quibunza, Chibunza ou Chibuinza) segundo as melhores pronuncias, Muatiânvua eleito +; Muari do Muatiânvua + (primeira mulher); Cassaje Muteba + Suana Mulopo (herdeiro do Muatiânvua +; Cacuata Angunza + representante do quilolo Canapumba; Cacuata Mulande + representante do grande Calála; Cacuata Ndunda + e Cacuata Capenda + ambos da casa da Muari; Cacuata Ianvo + representante de Muene Capanga; e Cacuata Ianvo + representante de Muene Quiamba.

Por todos estes individuos presentes, a quem bem interpretei na sua lingua o que me foi dito pelo Chefe da Expedição de quem sou empregado e o que póde jurar o meu collega Augusto Jayme que tão bem conhece a referida lingua, eu affirmo o que consta d'este Auto com respeito ao que elles disseram e que nós interpretamos á mesma Expedição em portuguez, e assevero e mesmo juro quando me seja exigido que reconheço os nomes acima como dos presentes e que por todos assigno bem como por meu collega Augusto Jayme que neste tambem assigna de cruz. = Augusto Jayme + interprete = (a) *Agostinho Bezerra* = (a) *Antonio Bezerra de Lisboa.*

Termo

Estiveram presentes a este acto, os dezeseis filhos do Congo que levam para o seu Rei a ossada de seu filho D. Miguel, fallecido em terras da Lunda; e o chefe da Expediçao mandou tomar o nome dos seis mais importantes, como testemunhas a saber. Paulo + Miguel + Miranda + Culunda + Quibando + e João Manuel + a rogo dos quaes assigno tambem este termo, por terem conhecimento do que se passou. = (a) *Agostinho Bezerra.*

Termo

Reconhecemos como testemunhas que presenciaram o acto solemne constante d'este auto, os individuos que em seguida vão nomeados e que por não saberem assignar o seu nome nós por elles o fazemos e estamos promptos a jurar se for preciso a veracidade do que se passou e a identidade dos referidos individuos de Cassanje que na nossa companhia seguem para o Muata Mucanza, subdito de Muata Ianvo, residente no Cassai e pertencem ao dicota do Jaga de Cassanje denominado Quinzaje: Quinzáje, Ambamza Quilamba-qui á-Cambamba, Xa Cacuco, Cassosso, Quiringo e os portuguezes de Malanje: Domingos Manuel Silverio da Costa, Antonio Matheus da Silva; e Antonio Domingos Pedro.

E por os reconhecermos como taes assignámos a seu rogo — Quinzaje + Quilamba-qui á-Cambamba + Xa Cacuco + Cassosso + Quiringo + Domingos Manuel Siberio da Costa + Antonio Matheus da Silva + Antonio Domingos Pedro +. = (a) *Antonio João da Silva Monteiro* = (a) *Manuel Joaquim.*

São estes dois individuos naturaes de Malanje do sitio Luximbe reconhecidos bem como todos os outros pelos interpretes Augusto Jayme e Agostinho Bezerra, que por não saberem escrever, eu abaixo assignado primeiro interprete da Expedição Portugueza que se dirige a Cauenda, Mussumba do Muatiânvua reconheço pelos seus proprios nomes e por estes e aquelles assigno este termo e por todos me responsabiliso e juro aos Santos Evangelhos que não só deram os nomes porque são conheci-

dos como ainda que os que não conhecem a lingua portugueza de sciencia conhecem o que se passou neste acto e que d'elle darão testemunho sendo preciso. = (a) *Antonio Bezerra de Lisboa.*

Termo

Declaro que estiveram presentes a este acto de que se lavrou o competente auto, os potentados Caungula, Muata Xa Muteba, sua Muari Têmbu, seu Suana Mulopo (herdeiro) Chiungo á Pembe, seu sobrinho Yonji-á Cabuita o sobrinho d'este Camexe e o Cacuata Youji-á-Cabuita e que todos apoiaram Caungula que em seguida ao Muatiânvua eleito disse o que fica escripto o que por ser verdade estou prompto a jurar aos Santos Evangelhos quando me seja exigido. = (a) *José Faustino Samuel,* Empregado da Expedição.

Termo

Pelo cabo e soldados constantes d'este Auto e que foram testemunhas do que se passou assigno tambem eu, por elles não saberem escrever. = (a) *José Faustino Samuel,* Empregado da Expedição.

Termo

Pelos representantes dos sobas de Malanje: Ambango, Muiiéba, Angonga, Angunge Quimonga, Quissúa e tambem por Augusto Jayme, assigno eu primeiro interprete da Expedição, que por docente não assisti á cerimonia, mas que por d'elles ouvir e por pedido d'elles estou prompto a jurar que os conheço. = (a) *Antonio Bezerra de Lisboa.*

Foi este por mim escripto e vae assignado por todos os presentes que sabem escrever. Estação Luciano Cordeiro, proximo á Quipanga do Caungula na Africa Central, aos trinte e um dias do mez de outubro do anno de mil e oitocentos e oitenta e cinco. = O Chefe da Expedição = *Henrique Augusto Dias de Carvalho,* major do exercito = *Agostinho Sesinando Marques,* sub-chefe = *Manuel Sertorio de Almeida Aguiar,* capitão ajudante = *José Faustino Samuel* = *Antonio Bezerra de Lisboa* = *Agostinho Alexandre Bezerra.*

Terminava o mez de outubro, estando nós alojados na Estação Portugueza — Luciano Cordeiro — tendo-se occupado o pessoal superior da Expedição alem dos trabalhos indicados nos da especialidade de cada um; o ajudante accumulando com

os trabalhos photographicos, que pelo processo antigo eram mais morosos, os de fundição de balas e em dirigir o fabrico de cartuchos; o sub-chefe nas observações e collecções a seu cargo; o chefe na investigação da historia tradicional dos povos, estudo dos seus dialectos e do que podia observar com respeito aos caracteres ethnicos e do que principalmente respeita ao commercio e do que era possivel apurar no relativo a conhecimentos geographicos.

Iamos entrar no mez de novembro. Foi elle fertil em *episodios,* os quaes reunimos todos numa secção sob esse titulo.

CAXIXE (TURTUR AURITUS)

VARIOS EPISODIOS

[illegible]

Ainda assim, Xa Madiamba duvidando da intenção que mostravam de irem só aos Matabas, e apesar de Quinzaje fazer parte da familia a que pertenciam suas irmãs que estavam no Cuango, entendeu dever mandá-los acompanhar por um cacuata com ordens terminantes, para o Mucanza não consentir que passassem o Cassai; e para lá seguiram com elle.

Um outro compromisso nosso para depois do dia da inauguração, era mandarmos fazer uma caixa apropriada para o transporte dos ossos que segundo os rapazes do Congo eram do principe D. Miguel, ao que se deu começo no dia 2 aproveitando-se uma que servíra para transporte de mantimentos e que se forrou interiormente de algodão e exteriormente de baeta azul guarnecida nos lados e no tampo de galões dourados e prateados de diversas larguras, tudo pregado com tachas de cabeça dourada, o que na verdade produzia um bom effeito.

Tanto Paulo, como os rapazes da sua comitiva ficaram satisfeitissimos, dizendo que mesmo em Malanje não esperavam arranjar uma caixa que tanto lhes pudesse agradar e que o seu Rei sabendo como tinham sido tratados pelos embaixadores de Muene Puto seu irmão e vendo aquella caixa, não deixaria de mostrar o seu reconhecimento.

Alguns casos se deram em dias successivos que provam quanta cautella é indispensavel haver da parte dos chefes de uma caravana de commercio, quando se trata de negocios, inclusivè da simples compra de mantimentos, com os individuos das povoações em que se acampa embora estes negocios á primeira vista se possam considerar insignificantes. Outros casos de que tambem damos conhecimento, devem merecer a mais seria attenção dos encarregados de qualquer missão de importancia entre estes povos, porque muitas vezes posto sejam cousas de pouca monta compromettem ou prejudicam o seu bom exito. Estes casos repetem-se por toda a parte no centro do continente, os quaes havendo a necessaria prevenção não podem deixar de ser levados á conta de ignorancia e de falta de educação do gentio e facil é evitá-los quando haja a pru-

dencia e o bom senso necessario para desfazer todos os attritos que os possam promover.

Assim o Muitia, ou o cacuata de que temos fallado que o representava, tornou-se insupportavel a titulo de conhecimento antigo dos expedicionarios, querendo proteger os seus amigos vendilhões da terra, insistindo depois de feito o negocio com elles e ás vezes passados dois e tres dias para que lhes dessemos mais alguma cousa, por isso que os objectos por elles vendidos valiam muito mais do que receberam. Succedia ás vezes ser a mercadoria uma gallinha ou qualquer genero já consumido o que dava logar a arengas que nos incommodavam.

Tivemos de prevenir o Muatiânvua eleito do que se passava com esta sua auctoridade e de prohibir-lhe não só a entrada na nossa Estação, mas ainda de ter qualquer contracto com o nosso pessoal. O Muatiânvua vendo-nos zangado, lastimou o atrevimento de tal personagem e disse-nos na presença d'elle: — que mal andaramos em o não correr a pau.

Uma mulher nova entrou na cubata do cozinheiro Marcolino e fez com elle ajuste para a venda de dois bombós.

Fechado o negocio retirou ella e pouco depois appareceu um rapaz que se dizia seu amasio a exigir de Marcolino mais alguma cousa. Este não esteve para o aturar e pô-lo fora da cubata e elle então puxou de uma faca e cresceu para aquelle.

Foi isto o bastante para se armar um conflicto em que tivemos de intervir, porque os nossos caindo-lhe em cima, elle gritou e os Lundas corriam para o defender. A Muári vendo que já tinhamos o rapaz seguro e lhe tirámos a faca, pediu-nos que lh'o entregasse que ella o castigaria por ter procedido mal.

Tambem com o sub-chefe se deraą o caso de apparecer á porta da sua residencia uma mulher que lhe apresentou uma cabaça de mel pela qual elle lhe offerecêra vinte e tantos bagos de missanga grossa Maria Segunda. A mulher dizia que não queria vender e que traria aquelle mel de presente, o sub-chefe não acceitou, ella insistiu em o deixar como presente. Ordenou-lhe que levasse o mel, ella não quiz, dizendo que o seu barrigão viria entender-se com elle.

Mandou então o sub-chefe que o soldado seu camarada acompanhasse a mulher e esta a certa distancia pousou a cabaça em terra e deitou a fugir.

Viu-se o sub-chefe na necessidade de acompanhá-la á sua residencia mandando trazer o mel d'onde ella o deixára.

Ora se assim não fosse, apparecia o amasio depois a fazer exigencias e tão impertinente se tornaria que o sub-chefe para se ver livre d'elle teria de lhe dar mais do que o ajustado.

FILIPPE E RICARDO

Se em logar do sub-chefe, fosse um carregador ou qualquer negociante de côr, era natural que no correr da discussão se forjassem pretextos para maiores pagamentos quando não fossem multas.

Tambem os nossos abusavam quando se suppunham escudados pela influencia dos chefes. Por exemplo, a par dos casos narrados succedeu haver um carregador da Expedição ajustado com um rapaz de Caungula a compra de uma porção de carne e no pagamento dava-lhe menos. Deu em resultado

armar-se bulha entre ambos e já os nossos se dispunham a correr em auxilio do companheiro, suppondo estar a razão da parte d'este. Tomámos conhecimento do facto e decidimos que o carregador, ou entregaria a carne ou daria o que faltava no pagamento; o que os companheiros foram unanimes em apoiar, pois até ali ignoravam os pormenores da questão.

Filippe, rapaz boçal que nos acompanhava de Malanje e a quem procurámos dar algum ensino, queixou-se que da sua cubata desapparecêra o panno do uniforme que lhe distribuiramos, pois o haviamos enfileirado com os Loandas e soldados. Soube-se que um rapaz de Canapumba andava com elle vestido. Preveniu-se do facto Xa Madiamba o qual mandou dizer ao Canapumba que nos viesse fallar.

Demorando-se, mandámos-lhe tres recados para dicidirmos d'uma questão que dizia respeito a um rapaz d'elle e obtivemos as seguintes respostas: primeiro, que tinha medo de vir á nossa presença; depois que estava numa cerimonia e que não podia sahir e finalmente que viria no dia seguinte.

Em vista d'isto, démos ordem á nossa gente que se vissem o tal rapaz com o panno o trouxessem á nossa presença.

Nem de proposito, pouco depois fomos avisados que ia passando em frente da Estação com o panno vestido, saimos e em boa occasião porque o Canapumba vinha um pouco atrás. Sem nada dizermos seguimos direitos ao rapaz, tirámos-lhe o panno, deixando-o nu, mas elle parecia prevenido porque de dentro d'aquelle caiu uma especie de rodilha que era o antigo e sujo panno em que logo se envolveu. O Canapumba seguiu-nos então com o rapaz para a Estação querendo fazer allegações em favor d'elle; e o rapaz comprometteu-se a ir chamar um terceiro de quem obtivera o dito panno.

No emtanto contámos ao Canapumba o que se havia passado na vespera com respeito á questão entre um nosso carregador e o Lunda. Se de facto, lhe dissemos, por ultimo, o seu rapaz tiver feito licitamente acquisição d'aquelle objecto de vestuario, dar-lhe-hemos outro em logar d'aquelle que é do uniforme dos nossos soldados.

O homem mostrou-se satisfeito com a explicação, porém o rapaz apresentou-nos um outro individuo da povoação do Caungula que disse ter elle perdido aquelle panno ao jogo e que o obtivera de um Bângala no dia anterior a troco de uma gallinha.

Duvidámos do arrazoado, certamente preparado com antecedencia, por quanto o panno desapparecêra depois do dia 31 de outubro e os Bângalas partiram na manhã seguinte, além d'isto á Estação só vinham os seus Ambanzas; por isto dissemos ao rapaz que para o acreditarmos, teria de passar pela prova de juramento na presença do Caungula e elle logo que o interprete chegou a este ponto, não quiz ouvir o resto e deitou a fugir.

O Canapumba disse então que a causa estava perdida, e do seu rapaz, que muito feliz era elle por nós lhe não exigirmos como era da praxe — que pagasse a demanda.

Tambem o cabo da força quiz prender um rapazito que viu sair da sua cubata com um pequeno sacco com fuba, na supposição de que era missanga, neste caso, contentámo-nos em dar ao delinquente dois puchões de orelhas.

E visto que fallâmos d'esta criança, devemos já prevenir que registamos casos das que estavam ao nosso serviço, a quem sustentavamos e bem, de as termos de castigar por pequenos furtos, quer dos nossos mantimentos, quer mesmo de missangas e polvora; imitam assim ou seguem os conselhos dos adultos.

D'um tivemos noticia na Estação Luciano Cordeiro, de cujas consequencias temos de fallar mais adeante. Camonga, uma das mulheres de Paulo do Congo, e companheira de Maria, aconselhou um rapazito de 12 annos a subir á fresta do armazem das cargas e roubar de lá uma porção de carne. Preso o rapazito confessou que fôra praticar o furto de mandado de Camonga.

Paulo que estava presente pediu-nos para a castigar e por nos parecer sufficiente mandámos-lhe dar uma duzia de palmatoadas. Protestou ella vingar-se.

Estes furtos que de quando em quando temos de relatar, provaram-nos que sendo entre estes povos habituaes, são provenientes na maior parte dos casos, de falta de educação, e podem classificar-se, do mesmo modo que o habito de mentir.

Fazem-no por fazer, e fora do meio em que vivem, corrigem-se facilmente, do que apresentaremos as provas.

As bebedeiras, e note-se que eram devidas ao malufo e não á aguardente, tambem nesta localidade originaram desordens e mesmo conflictos de que daremos conta pelo menos dos que foram mais notaveis em que tivemos de intervir; e observaremos que quando os conflictos se davam com estranhos ao pessoal da Expedição, eram sempre os nossos que os promoviam. E para taes casos não podemos deixar de chamar a attenção dos chefes de futuras missões no centro da Africa.

Numa tarde, já depois do sol posto, a Maria do Jayme foi á residencia do Caungula, mas em tão má hora que foi vista por aquelle potentado que já tinha bebido muito durante o dia e que estava irritado por se lhe ter participado momentos antes que um dos nossos carregadores andava desinquietando uma das suas favoritas.

Vendo, aquella, fê-la ir á sua presença e sobre ella descarregou toda a sua colera, bradando que nada tinha que fazer ali; que era ella que vinha chamar as suas raparigas para os seus patricios; ameaçou-a, chegou mesmo a empurrá-la para que se retirasse, sem querer prestar attenção ás desculpas que ella intentou dar-lhe. Esta dizia que fôra ali encontrar-se com uma mulher de idade que a estava tratando para lhe dar um remedio que ficára de ir buscar depois do sol posto.

É preciso que se saiba que tanto Xa Madiamba como o Caungula estavam no seu sexto dia de embriaguez continuada. Este mandára de presente ao Muatiânvua uma porção de cabaças de malufo e o presenteado todas as madrugadas convidava o Caungula para beberem juntos.

Maria que era tida como boa rapariga e que era tratada com muito mimo por Augusto Jayme e por todos os rapazes de seu fogo, veiu muito chorosa para casa contar o occorrido.

O Gamboa e o Manuel os mais irrequietos e rafeiros como nós lhe chamavamos, tambem alegrotes, entenderam já de noute que deviam fazer berraria: «que todos os seus companheiros deviam armar-se e ir tomar satisfações ao Caungula por ter maltratado a rapariga; que não eram escravos de ninguem e que não estavam para supportar os maus tratos dos gentios, etc.» Obrigaram-nos a ir acommodar o pessoal que principiava a deixar-se influenciar pela pimponice d'aquelles dois rapazes atrevidos a quem tivemos de fazer calar, dizendo-lhes: — que eram valentes mas de lingua e se apanhassem uma carga de pau de Caungula, viriam então correndo pedir que lhe acudissemos, mas que tivessem a certeza que o não fariamos, pois não estavamos dispostos a deffendê-los, senão quando fosse de justiça.

Estes rapazes que na occasião queriam mostrar-se defensores acerrimos de Maria, para levantarem um conflicto entre o nosso pessoal e gente de Caungula sem pensarem nas tristes consequencias a que ficariam sujeitos, transformaram-se dois dias mais tarde em accusadores d'ella e o facto que vamos narrar tem agora relação com o que dissemos a respeito da malala dos caçadores no acampamento Solidão de Julia na margem do Cuango.

Augusto Jayme, Manuel e outros que com elle andaram alguns dias batendo caça, vieram do matto desesperados por a não terem encontrado, havendo Manuel apanhado demais a mais um grande susto por ter passado proximo d'elle um leão que ía de corrida. O Gamboa quiz attribuir as culpas a Maria, porque na ausencia dos caçadores notára elle algumas vezes ella se deixava galantear por Paulo, contractado de Loanda.

Os caçadores não tinham encontrado caça, mas em compensação encontraram malufo, e Augusto Jayme que já não estava bom da cabeça ouvindo os commentarios de Gambôa, quiz logo esfaquear a sua Maria. Avisados d'esta oocorrencia, tratámos de socegar os animos irrequietos e levámos Maria para a casa das cargas onde podia estar sob a nossa vigilancia e a coberto de algum insulto.

Á noite as cousas complicaram-se mais por causa de novas libações de malufo e a embirração de Gambôa e Manuel foi de gritarem que Maria devia naquella noite dormir com Paulo. Esta exigencia equivalia a Paulo ter de pagar um certo numero de vaccas, processo que se observa nos sobados de Malanje, onde na verdade se praticam cousas muito peores do que nas terras dos gentios.

Apesar de Jayme estar malufado conseguimos que viesse ao nosso aposento e convencemo-lo a conter em respeito os seus rapazes e a restabelecer o socego na Estação e acampamentos em redor, pois já os Loandas queriam tomar a parte de Paulo e dispunham-se a luctar com os de Malanje.

Alta noite constou-nos que em conciliabulo se decidira entre os rapazes de Jayme a que elle presidia, que Maria devia de ser vendida a Paulo, visto nós a querermos proteger.

Procuraram por todos os meios vêr se era possivel conhecer-se da parte de Paulo o mais pequeno interesse por Maria porque qualquer indicio nesse sentido era motivo para se levantar uma complicada demanda. Foi o que previamos; e logo que tivemos aquelle aviso mandámos dizer a Jayme que se Maria fosse vendida, era Sua Magestade quem a comprava e que ella regressava a Malanje na comitiva de Manuel Bezerra que estava em vesperas de partida. Por este modo conseguimos pôr termo ás questões naquelle dia.

Logo de madrugada procurou-nos Jayme para que entregassemos Maria ao Gambôa, ao que nós respondemos que a entregariamos a qualquer pessoa menos a Gambôa, e que elle Jayme, que sempre nos havia attendido e viera para nos ajudar na missão que nos fôra confiada tinha de ouvir-nos. Que visto elle não estar tranquillo devia antes de tomar qualquer resolução, pensar primeiro. Tinha de averiguar o que havia de verdade na accusação que se fazia á companheira, que nós não podiamos approvar um mau procedimento de Maria, mas que tambem não acreditavamos em Gambôa; que este era um rapaz muito leviano e lembrei-lhe que elle no Cassassa perdeu uma demanda com Maria de que procurava vingar-se; se as

cousas se passaram como se contam, Jayme tinha razão para castigar, mas insistimos que Gambôa mentia; que era bom pensar durante o dia e não proceder com precipitação pois podia mais tarde arrepender-se do máu passo que queria dar.

Jayme ouvia-nos em silencio, bastante concentrado, e sabendo nós da amisade que elle tinha pela companheira aproveitámos o ensejo de estarmos a sós, tocando-lhe na corda sensivel dos seus merecimentos e bons serviços prestados á Expedição, e das provas de mutua amisade que entre elle e sua companheira se tinham trocado.

E por nos parecer conveniente que se conheça como fallavamos e tratavamos os indigenas, transcrevemos o que a tal respeito ficou escripto no nosso Diario:

«Hontem soubemos que os rapazes de Jayme influenciados por malufo o aconselharam mal — uns que matasse Maria, outros que a vendesse ao gentio, alguns que obrigasse Paulo a dormir com ella, e até não faltou quem se lembrasse de largar fogo ao acampamento; tudo isto foram tolices que se disseram esquecendo-se que nós ainda estavamos vivos e que tinhamos de intervir, porque não podemos consentir que cousa alguma d'estas se faça porque Maria é tanto portugueza como nós todos, e temos de dar conta d'ella ao seu soba; veiu comnosco das terras de Sua Magestade, não póde ser vendida a ninguem, mas se Jayme insistir nesse proposito, então nós em nome da auctoridade de que estamos investidos obstaremos a que elle pratique esse crime, resgatando-a e mandando-a apresentar ao Governador em Loanda. Maria veiu debaixo da protecção da bandeira portugueza, nós não podemos deixar de a proteger até á sua volta a Malanje, Jayme quando estiver mais socegado, o que tem a fazer é mandar ouvir Maria e depois Paulo sobre as accusações que se fazem, pois um e outro querem provar a sua innocencia; Maria desde creança que é a companheira de Jayme e nunca prevaricou, nem intentou faze-lo. Jayme estima-a muito e tem despendido muito com a doença d'ella; nós pedimos a Jayme que vá descançar um pouco, pense e volte depois a fallar-nos.

Foi rasoavel, bastante contristado — disse que adoptava os nossos conselhos, e que ia descançar.

Ás tres horas da tarde procura-nos Jayme: — estava resolvido a não nos desgostar, que nada faria durante a viagem, que Maria iria comnosco á Mussumba e regressaria a Malanje, que não teria questão alguma com Paulo. Que seu irmão o soba Ambango decidiria esta questão e faria o que entendesse a um e outro; que não dava espectaculo naquella terra dos gentios; que Maria e Paulo queriam beber juramento para provarem não ser verdade o que dizia Gambôa, mas que tambem não queria que isso se fizesse emquanto estivesse ao serviço de Muene Puto.

Terminou por pedir que lhe entregassemos Maria a quem não faria mal algum; que ella ia para a cubata, mas tinha de chamar um Anganga para fazer remedios, porque a não queria agora para mulher e sim para criada.»

É bom que se saiba que antes d'isto Maria nos havia chamado, pedindo que a comprassemos, por quanto receiava das intrigas dos rapazes de Jayme; afiançou-nos que estava innocente e que queria beber o juramento para provar que Gambôa era seu inimigo.

Como Jayme nos afiançasse ainda por ultimo que a não castigaria, fomos com elle á casa das cargas e dissemos á rapariga: Augusto Jayme vem busca-la, siga-o que elle não lhe faz mal.

Jayme vendo que ella estava com receio, disse-lhe: — rogue a seu padrinho lhe dê uma peça de fazenda para poder entrar em casa. Dei-lh'a e elles lá foram juntos.

É tempo agora de dizer quaes as deliberações que tomámos com respeito aos carregadores de Quiteca, que insistiam em nos fazer acreditar que nada mais possuiam dos roubos que tinham feito nas cargas.

De tal modo expunham o que se lhes affigurava ser a bem de sua rasão, que os seus argumentos só serviam para provar que ninguem vivia durante vinte dias do ar e que nestas terras não alcançavam de comer sem o comprar com fazendas ou

outros artigos de commercio. Como porém era preciso pôr termo á questão por uma vez e nós tinhamos interesse em participar ao Governador de Angola pela diligencia que ia seguir; as providencias que sobre os roubos haviamos tomado; resolvemos impôr-lhes condições, que se fossem acceitas seriam escriptas na presença de testemunhas.

O interprete communicou a Quiteca quaes eram as nossas condições que devia transmittir aos seus rapazes.

1.º Como affiançavam nada terem em seu poder e como não queriam fazer juramento, toda a fazenda ou qualquer artigo de commercio que algum apresentasse além do que vestia e do que lhe fosse dado para rações ser-lhe-ia sequestrado como pertença da Expedição. Comprehendia-se nisto, armas, sal, missangas, polvora etc., borracha e serviçaes que tivessem ou viessem a ter;

2.º Que iriam á Mussumba e voltariam como propunham, em nosso serviço até Loanda, sem mais vencimentos, sendo as rações o equivalente a quatro bandos de fazenda por oito dias, quer em marcha, quer acampados;

3.º Que quando acampados, trabalhariam na construcção de casas, transporte de materiaes e fariam as limpezas do que pertencesse á Estação, sem que por isso recebessem outros vencimentos;

4.º Que quando recebessem cargas, seriam todos os artigos contados em presença de testemunhas e á falta do mais insignificante artigo numa carga, o carregador que a transportasse seria amarrado e entregue ao poder do Muatiânvua e só voltaria á Expedição quando ella regressasse e como preso entregue á primeira auctoridade portugueza que se encontrasse no caminho;

5.º Que se um unico carregador désse motivo a que se não cumprissem estas condições, ficava sem effeito a benevolencia concedida, e que participariamos immediatamente ao chefe de Malanje para que mandasse prender os sobas e os remettesse para Loanda e que todos os carregadores que d'ahi em diante agarrassemos seriam tratados como inimigos.

Acceitaram os homens estas condições e no dia seguinte, 5 de novembro, lavrou-se o auto que a seu tempo publicamos.

Andavamos preparando a partida dos rapazes do Congo para Malanje sendo Manuel Bezerra o encarregado do nosso correio e de vigiar pelo dente de marfim e alguns volumes que mandavamos por elles.

O facto de se saber d'esta nossa resolução, deu logar a que na noite d'aquelle dia os contractados de Loanda embriagados com malufo exigissem em altos berros as suas guias para regressarem. Attendendo nós a que não havia partido em sustentar discussões com bebados, armámo-nos da maior paciencia e lá os fomos accommodando e fazendo-os recolher ás suas cubatas.

A nossa correspondencia que era volumosa estava terminada e tudo estava prompto no dia 9 por parte dos rapazes do Congo para seguirem para Malanje. Reservamos para o dia seguinte ir procurar o Caungula para que este mandasse ordem aos senhores dos portos dos rios para facilitarem a passagem á comitiva.

Terminámos o nosso diario em 9, escrevendo:

«Até aqui tenho cumprido como é possivel, as instrucções que me foram confiadas: — construcção de Estações e demora nellas para os estudos que me foram recommendados; boas relações com o gentio procurando attrahil-o ao nosso convivio celebração de tratados, organisação de collecções, observações, itinerario de marchas, photographias; protecção e auxilios a quem a nós tem recorrido, nada me tem escapado; não faço mais porque não posso. Por outro lado, não me tenho esquivado a fazer radicar a influencia portugueza, destruindo a estrangeira que por ventura se haja imposto. Se mais exigirem da nossa Expedição são injustos. Gasta-se tempo e capital, mas de outra fórma como seria possivel dar execução ao que me foi recommendado? Na pratica é que se reconhecem as illusões dos theoricos. Caminhemos, ainda que, de vagar, mas caminhemos. São muitos os nossos sacrificios, embora, maior será a gloria para quem de vontade se dedicou a tal empreza.

Não foi de certo para acompanharmos um presente á Mussumba que o governo organisou a nossa Expedição.»

Durante a tarde do dia 10 os negociantes da comitiva dos Songos não nos largaram, insistindo em que lhes dessemos as cargas que lhes pertenciam. Fomos inexoraveis, dizendo-lhes por ultimo «que elles se haviam aggregado á comitiva sem nós o sabermos, já com vista nos roubos e em fazerem negocio com os carregadores; eram tão culpados como elles senão mais, pois os animaram a roubar-nos em seu interesse.»

Á noite voltaram a procurar-nos para se despedirem, dizendo que retiravam por que tinham fome. Não podem retirar, porque os portos estão fechados, lhes dissemos, e se forem para o Lubuco serão lá agarrados pelos nossos amigos Allemães; nós com estes em Malanje estabelecemos — que vendo passar os carregadores d'elles, e elles os nossos, se não apresentassem mucanda, seriam presos.

Na manhã de 11 partia de facto Manuel Bezerra, Paulo do Congo e os seus.

A Joanna de Paulino, á ultima hora, resolveu de accordo com Paulino, regressar tambem a Malanje o que estimámos, indo na companhia de um rapaz que nas vasperas, ella imaginou ser seu primo e certamente partia com o fito de ir encontrar-se com o seu Manuel.

Neste dia, o Caungula havia mandado matar um boi para ser vendida a carne a retalho a troco de borracha, por terem chegado comitivas do Lubuco, as quaes nos deram boas noticias de Saturnino Machado, de Antonio Lopes de Carvalho e dos Allemães.

Como havia difficuldade em os nossos alcançarem quem lhes vendesse borracha, convencemos Caungula a que ordenasse a venda de uma parte da carne a troco de missanga.

Estavam os nossos collegas bastante aborrecidos com a demora na Estação o que naturalmente mais se fazia sentir na occasião por causa da partida da comitiva, por isso mandámos chamar Xa Madiamba, que vindo só com o seu Muzumbo nos proporcionou o podermos dizer-lhe o que queriamos.

Dissemos-lhe que completava naquelle dia um mez que estavamos residindo no Caungula e que elle ainda não tinha tratado da ceremonia da lucanga; que já havia escassez de mantimentos e no emtanto estavamos fazendo uma grande despeza; que era necessario que elle se resolvesse a partir ou então que mandasse o seu Calala para Auguina Ambanza no Chicapa, para onde nós iamos fazer seguir já o ajudante e dias depois o sub-chefe da Expedição.

— Que pensaramos assim não só para distrahir os nossos collegas com novos estudos entre outros povos, mas tambem para entreter o pessoal em serviço, e que divididos mais facilmente se alcançavam alimentos. Que ainda nos occorria ser de vantagem que principiando a manter a Expedição relações com os Quiocos das margens do Chicapa, lhes iamos mostrando que não lhe eramos hostis.

— Tem rasão, respondeu o potentado um tanto triste; e disse que vinha pedir-nos de comer, porque o Caungula já se havia esquecido que elle não podia passar sem isso.

— Na verdade, disse elle, o meu amigo é que tem sido o meu verdadeiro pae, devia ouvir os seus conselhos mas não posso por causa da gente que me acompanha; se lhes não presto attenção, fogem e deixam-me abandonado, só estão contentes quando lhes dou alguma cousa.

Fallava verdade, e nós pensámos que o poder do Muatiânvua era ephemero quando não tivesse os necessarios milambos para repartir com os que o rodeavam. O tempo mostrou que não nos enganavamos.

Elle despediu-se de nós, asseverando que naquelle mesmo dia fallaria com Caungula para dar as suas ordens a fim de se realisar a ceremonia da lucanga e que depois faria marchar o seu Calala.

Pobre homem! Acceitara ser monarcha de um grande Estado e antes mesmo de tomar posse de tão elevado cargo, já estava sendo dominado pelos que tiveram por missão acompanha-lo e estava na dependencia de quem lhe queria dar de comer e aos que o cercavam. Tivemos dó d'elle, e quando se

retirou démos-lhe uma porção de missanga para mandar comprar carne para a sua refeição.

Na noite d'este dia continuaram as bebedeiras o que nos obrigou a levantar para chamar os amotinadores á ordem e quando voltámos a deitar-nos, o interprete Bezerra que ainda não saía da casa, mandou-nos participar que fôra avisado que Quiteca fugira com os seus rapazes e com os negociantes que os acompanhavam. Tinham sido taes as contrariedades naquelle dia que respondemos desesperados ao alviçareiro: — melhor; deixa-os fugir.

PALANGA

Já deitados reflectimos que certamente elles queriam aproveitar-se da passagem da gente do Congo e roubar-lhes depois a correspondencia e o dente de marfim; por isso nomeámos logo o cabo 18 com quatro rapazes do Congo para irem immediatamente ao encontro da caravana e fazê-la regressar, pois era de temer visto o seu numero que fossem mal tratados pelos Songos.

O Palanga, que não era da terra dos Songos mas que viera incorporado na sua comitiva trazendo por quibessa, Mutúri, rapaz a quem chamava irmão e de quem á ultima hora a Joanna de Paulino se declarou prima, foi quem avisou Bezerra da fugida dos Songos e dos outros, não avisando antes com receio de que lhe fizessem mal.

Contou-nos Palanga ter ouvido a combinação fingindo que dormia, mas não esperava que fosse para aquella mesma noite. Diziam elles: — nós já não podemos fazer neste serviço ganhos alguns e o angana major mandou cartas para Malanje e vão fazer mal aos nossos sobas; precisâmos pois aproveitar

a viagem da gente do Congo por causa da passagem dos portos ou então vamos para baixo do Lôvua ao norte e passaremos o Luchico no caminho do Lubuco indo ainda encontrar a gente do Congo no Cundungulo.

A conversa passára-se proximo de uma fogueira, e elle não quiz mecher-se com receio de que lhe tapassem a bocca, mas depois como tudo ficára em silencio passou revista ás cubatas e não viu ninguem. Foi então que dera parte a Bezerra para nós providenciarmos e salvar o seu irmão.

Eram noventa e quatro boccas de menos a sustentar e outros tantos ladrões de que ficavam livres as nossas cargas.

Fallando com Caungula a tal respeito, disse-nos, que passarem os rios nos seus dominios por certo que não; era de crer que fossem para norte e alcançassem dos Quiocos que lhe facultassem a passagem nos portos d'elles.

Ás dez horas e meia chegaram os homens que mandaramos regressar; vinham satisfeitos pelo aviso e tomaram aposentos na Estação esperando melhor opportunidade para fazerem a viagem.

Avisados de que algumas peças de fazenda estavam manchadas pelas chuvas, foi necessario uma minuciosa inspecção de que resultou conhecer-se ser indispensavel abrir todos os fardos. Tivemos de ordenar que todas as peças fossem estendidas alguns dias ao sol porque a maior parte d'ellas estava humedecida, ainda em resultado das chuvas a que estiveram expostas e em seguida procedeu-se a um novo balanço de cargas e a uma nova arrumação, com que entretivemos o pessoal.

Tendo havido aula regularmente alegrava-nos ver os progressos dos alumnos e surprehendia-nos a comprehensão da pequena Thereza que se tornou o decurião dos rapazitos seus companheiros e alimentavamos a esperança de que durante a nossa missão a haviamos de preparar de modo a lhe não causar surpreza a sua entrada entre povos civilisados.

Como os nossos affazeres quotidianos não nos permittiam uma assistencia assidua na aula, todas as noites escreviamos em oitavos de papel, imitando a letra de imprensa, em princi-

pio palavras de duas syllabas e depois de tres que deviam constituir a lição a estudar, e tinhamos o cuidado no nosso aposento quando nos era dado descançar de outros trabalhos de ir explicando a Thereza a significação dos vocabulos que ella ia lendo.

Faziamo-la contar varios objectos na sua lingua em quanto nós o faziamos na nossa; addicionavamos ou subtraiamos servindo-nos d'estes objectos e dias depois já ella nos respondia a perguntas faceis sobre estas operações em numeros digitos e sem necessidade de auxilio dos objectos ou de pausinhos. Como nós conheciamos muitos vocabulos da sua lingua, sem difficuldades durante o dia, affagando-a a pretexto de fallarmos com ella e com os seus companheiros que eram tambem nossos de casa, e sempre que nos era possivel lhe faziamos conhecer a significação em portuguez, encarregando-se depois este pequeno ente de ensinar os tres rapazitos que mais conviviam com ella, e que estavam sob nossa protecção.

Iam tomando corpo os boatos de se aproximarem os Quiocos com uma guerra e isto ia influindo no animo do nosso pessoal o que nos collocava em difficuldades, porque haviamos planeado deixar na Estação o interprete Bezerra com a familia e tres rapazes vigiando um certo numero de cargas que nos decidimos a deixar ficar, umas para regresso e outras porque nos parecia poderem dispensar-se, como eram por exemplo cinco caixas de pharmacia que com custo tinham sido ultimamente transportadas cada uma por dois homens.

Não obstante as circulares impressas que expediramos em Lisboa, dizendo quaes deviam ser as dimensões e peso dos volumes, entendeu o fornecedor da pharmacia alterar as nossas indicações procurando sempre convencer-nos que se os volumes tinham maiores dimensões, tinham menos peso; mas o que é certo é que um homem só allegava não poder com ellas e a dois custava-lhes o transporte por ser incommodo e porque na marcha estava sempre um na dependencia do outro.

E é bom que se saiba que mesmo das cargas destinadas a um homem e dispostas em condições que elles não podem re-

AFILHADOS DO CHEFE

geitar, preferem sempre as que se podem repartir, pois tomando a responsabilidade por toda a carga distribuem-na ás porções por um ou dois ajudantes que a par d'isso tambem transportam o que pertence á parceria.

Isto que viamos, e a necessidade que reconheciamos dos carregadores transportarem o que era seu, esteiras para se deitarem, roupa para vestirem, peneiras e gral para o amido, panellas, pratos, canecas, etc., e de carecerem ainda nas suas cargas de logar para as suas fazendas de ração e mesmo para as de seu negocio, etc., tudo nos demonstrava que o emprego do homem como meio de transporte para cargas numa missão especial ao centro de Africa tem muitos inconvenientes, pois que além de serem pequenas as fracções de que se podem encarregar, o que o obriga a chamar um grande numero para pouca cousa e até para os insignificantes volumes de commodidades como são bagagens, livros, louças, ranchos etc., ainda tem o grave inconveniente das doenças e estas tanto mais nos embaraçam quanto maior é o numero de carregadores e com este crescem na rasão directa as bulhas, os conflictos, as exigencias, as gréves, em que muitas vezes interveem os indigenas da localidade auxiliando ou contra os carregadores.

A pratica obrigando-nos a tomar em consideração todas estas circumstancias, fez-nos conhecer como meio de evitar aquelles inconvenientes o fazerem-se com vantagens uso de carros dando-lhe fórmas especiaes, de fundo em feitio de canoa, desmontaveis tendo uma peça em fórma de prôa, o eixo das rodas dobrando-se em tres partes de modo a levantarem-se as extremas com as rodas e os carros poderem atravessar os rios carregados com o auxilio de remos que poderiam ser os supportes dos toldos que deveriam ser arreados na occasião d'estas travessias. Os toldos deveriam tambem ser revestidos de uma rede de arame de tecido fino para de noite protegerem as cargas ou as pessoas que se abrigassem debaixo d'elles, dos ataques dos ferozes animaes e mesmo de algum gentio mal intencionado que ás occultas tentasse disparar alguma flecha para dentro do carro.

Foram estas as indicações geraes que deixámos exaradas no nosso Diario na occasião em que faziamos os nossos considerandos sobre transportes, e a proposito dos receios de Bezerra e de mais alguns homens que pensámos em deixar ficar na Estação; indicações que teremos de desenvolver quando tratarmos do nosso regresso a Malanje. Motivaram aquelles receios, as ultimas noticias que se tinham recebido de leste e do sul.

De leste viera um representante do estado de Xa Bana que disse estar esperando ser confirmado como potentado d'esse Estado o irmão d'aquelle ha pouco fallecido, Mulamba Samba, que era irmão de Muata Cumbana.

O Estado fica na margem esquerda do Chicapa a norte do de Anguina Ambanza e ambos são comprehendidos nos dominios do Caungula. Tambem viera da margem do Luiza, um representante de Muene Casse e um Cacuata.

O Xa Bana fallecido diligenciára derrubar do poder o Muata Cumbana com auxilio dos Quiocos e para este fim dirigira-se ao potentado Mona Quiniâma (Muxico). Este recusára-se, declarando não querer estabelecer um precedente que era um mau exemplo para os seus. Cumbana era um grande quilolo do Muatiânvua, Muata de lucâno como elle, desejava viver em boa paz com os Lundas e tratar dos seus negocios em socego e em boa amisade com os visinhos.

Os portadores traziam recado de seus amos para Xa Madiamba pedindo que diligenciasse durante a sua viagem harmonisar os Quiocos com os Lundas. Estes julgavam que para socego das terras do Estado de que Xa Madiamba ia tomar conta, era indispensavel que mandasse resgatar a faca do poder de Quissengue, aliás continuariam as exigencias e perseguições aos povos do Muatiânvua.

Estes mesmos portadores narrando os episodios da sua viagem, citaram varias luctas de Quiocos com as povoações lundas no seu transito e innumeraram os quibengues (acampamentos de Quiocos) que viram no caminho e que ahi se estabeleceram para assaltarem os viajantes.

O portador que chegara do sul, era um dos tres que na vespera Xa Madiamba insistira em mandar ao Cambembe, e voltara por ter encontrado acampado no Ambambu-qui-Ambambu, uma grande comitiva de Bângalas, de que era principal chefe Xa Madamba, guiada por um Cacuata de Anguvo Mucanza o Memá Tundo (agua amarga). Dizia o portador ter noticias urgentes a communicar a seu amo, d'estes e de Ambambu.

Como as noticias são dadas em segredo aos potentados antes das audiencias que elles convocam e nestas só se transmitte o que o potentado quer que se diga, o publico de uma ou outra palavra que póde ouvir antes aos portadores tira as suas illações e espalham-se boatos que, se alguns se aproximam da verdade, na maioria andam sempre muito longe d'ella.

O PORTADOR

Neste caso correra primeiro que Mona Quissengue estava com toda a sua gente em marcha e seguia marginando o rio Chicapa para dar batalha ao Caungula. Este boato foi destruido logo pelos homens mais velhos e praticos da vida dos Quiocos, que diziam não haver exemplo de Quissengue deixar a sua residencia a não ser para sitio proximo, mas que podia haver confusão com o seu tio Ambumba, tambem potentado, e que saía a grandes distancias com as suas caravanas de negocio.

Era possivel, diziam outros, que fosse algum representante de Quissengue que em nome d'este ia fazer alguma diligencia.

Ora os tres portadores que Xa Madiamba mandara sair, iam com o proposito de saberem o que havia de verdade com respeito á morte de Cambembe, noticia que vogara dias antes; e

era geral a anciedade sobre tudo do nosso pessoal em ter conhecimento do que motivara o prompto regresso de um d'aquelles portadores. Á vista d'isto convidámos Xa Madiamba a dizer-nos o que sabia de novo.

Veiu elle com o portador das novas e principiou por nos dizer muito ingenuamente que Cambembe estava vivo.

Isso já nós lhe haviamos dito e que essa morte era igual a de Catumbelai. Elle continuou — e tambem o meu amigo teve rasões em duvidar da viagem de Quissengue, porquanto é Quiniama e não Quissengue que está em marcha, mas não chega cá porque nós estamos aqui; porém o Cabouco nosso visinho que promoveu ao guerra contra Caungula, informaram-me que mudou de povoação com receio dos nossos tiros e de lhe constar que estavamos muito bem fornecidos de polvora e de balas.

Ouçamos o portador foi a nossa resposta.

Encontrara elle no caminho o ambanza Madamba com a sua comitiva e fôra este que o mandara voltar para dizer ao Muatiânvua que Cambembe, que fugira dos Quiocos, já retomara o seu logar.

Que o Cassassa, com receio de que o Muatiânvua estivesse zangado com elle por não lhe ter apresentado até áquella data a sobrinha que lhe havia promettido para o seu harem, encarregara o Caianvo de vir apresentar-lhe uma outra rapariga, mas este estava na cerimonia de obito de um seu parente, pedira a Madamba para desempenhar a missão de Cassassa.

— Que os Quiocos estavam ali proximo e em grande força e seguiam marginando o Lôvua em direcção ao Caungula. Á frente d'elles vinha Quiniama (Muxico), por que Cabouco lhe communicara que o Caungula em resposta a uma ameaça que lhe fizera invocando Mona Muxico havia dito: — Mona Muxico póde vir quando quizer, não o temo, para mim vale o mesmo que qualquer outro negro; se vier saberá que o espero.

Que o Muxico desejava saber porque Caungula o achincalhava e insultava assim, e tambem queria saber do Cabouco porque fizeram os Quiocos guerra a Caungula sendo este um Muata de lucâno e bom visinho; e ainda quem auctorisara seu

sobrinho Mucanjanga a intervir nas questões de Augunza Matata.

Só depois de bem informado sobre estas questões, dizia Muxico, é que se avistaria com Caungula e estudaria como havia de proceder, se como amigo antigo, se como inimigo.

Para que se possa avaliar esta noticia, devemos dizer que Angunza Matata era filho de uma ama de leite que creára o Caungula, tinha um cargo elevado no estado d'este regulo, mas influenciado por alguns quilolos que estavam descontentes por Caungula ser muito rico e só querer comer e beber com as suas raparigas, quiz aproveitar-se d'elles para organisar partido que o derrubasse e apresentar-se como pretendente.

Aquelles quilolos prometteram apoia-lo se vencesse o seu contrario, mas significaram-lhe não contasse com elles para o ajudarem a fazer a guerra porque receavam os feitiços do Caungula.

Angunza então procurou um pretexto para saír com a sua gente do logar em que estava, e foi estabelecer-se na margem do Chicapa como visinho do potentado quiôco Mucanjanga.

Este tambem em tempo fugira do dominio de seu tio Quiniama e estabelecera-se como potentado independente na margem de Chicapa fronteira a Quitári, 50 kilometros a sul de Anguina Ambanza e uns 20 kilometros a norte de Mona Congolo [1]. Tanto um como outro são tambem Muananganas (potentados quiocos).

Pediu Angunza a Mucanjanga para o auxiliar numa guerra contra Caungula e como já dissemos, promettendo-lhe parte dos lucros da victoria, das riquezas que se suppunham ter enterradas e ainda das raparigas do seu harem que se dizia ser muito maior do que lhe conhecemos.

---

[1] Algumas cartas dizem Hongolo mas deve escrever-se Congolo. Um e outro vocabulo é o mesmo — arco-iris —, porém o primeiro é Ambundo, e o segundo Quioco e Lunda, e como o potentado é Quioco e dá o nome á localidade, erro foi dos Ambaquistas informando os viajantes interpretarem no seu dialecto aquelle nome.

Para esta empreza convidou Mucanjanga seu sobrinho Quinguéji e outros potentados seus parentes, mas subditos de Mona Ambumba. Na guerra morreram Quibulungo e mais tres quilolos de Quinguéji e como tambem já dissemos perdeu elle duas raparigas e o seu chinguvo.

Retiraram na esperança de melhor occasião, não só para levarem por deante a empreza, mas tambem de se vingarem com usura, porém os parentes d'aquelles mortos, não quizeram esperar e estavam exigindo constantemente o pagamento das vidas d'elles ou a entrega do promotor da guerra.

Mucanjanga, que tambem perdêra um quilolo dizia não poder entregar Angunza por causa dos parentes d'este, que tambem d'elle queriam haver a vida do quilolo e incitava-os a que fizessem a guerra ao Caungula e para si tomassem todas as raparigas do regulo e se compromettessem caso vencessem a fazer com que Angunza pagasse as outras concessões promettidas.

Mucanjanga tambem quiz empenhar Mona Muxico na guerra ao Caungula, e como elle não annuisse, mandou dizer-lhe — Que elle só tinha prestimo para beber malufo; que as suas antigas valentias acabaram e era bem melhor que morresse já para deixar o logar a quem o soubesse desempenhar.

Não gostou o velho d'este insulto e respondeu — Que tinha de saír para Muata Cumbana e como passava por terras de Caungula saberia como as cousas se passaram; que se seu sobrinho tivesse razão em fazer uma guerra provar-lhe-ia que apezar de velho não precisava mesmo da sua ajuda; que todavia não era nenhuma creança para ir perturbar o socego nas terras de um bom visinho, se a culpa fosse d'elle Mucanjanga.

De facto, dizia o portador, que Quiniama estava em viagem e já proximo, e parece que procurára informar-se com o proprio Caungula como se originára o conflicto e no caso de estar a razão da parte de Caungula de intervir nas pazes d'este com o seu sobrinho.

Dado o lussango (recado), dissemos a Xa Madiamba, que acreditavamos que Quiniama, tendo de passar pelas terras do

Caungula, procuraria um pretexto para contentar o sobrinho, mostrando a sua influencia com o seu visinho e amigo Caungula, pois a apreciação de Mucanjanga sobre o prestimo do tio e o que lhe dissera Cabouco, de certo o incitaram a intervir na pendencia.

Tambem era de crer, que os rapazes de Quissengue e do Quiniama, aproveitassem a excitação dos animos e andassem pelos arredores roubando ás sanzallas, creações, lavras e muito principalmente raparigas para negocio ou para serviço d'elles; mas não seriam estes que viriam ali sabendo que encontravam muita gente extranha e muita polvora.

— Que podiamos dormir descançados e tratar da cerimonia da lucanga e preparar-nos para continuar a viagem, pois o que estavamos fazendo era perder tempo com questões que por emquanto não podiam importar ao Muatiânvua.

Xa Madiamba retorquiu-nos — Só Muene Puto nos póde valer, mandando tomar conta das nossas terras como fez ao nosso irmão Quingúri (referia-se ao Cassanje) e mandando para junto de nós um chefe capaz para nos acompanhar no governo e chamar os nossos parentes quiocos á boa razão ordenando para não proseguirem com as suas guerras e correrias que tanto mal têem feito ás nossas terras.

— O tratado com respeito a Caungula, dissemos, já iria a caminho, senão fosse a fuga dos Songos, porém como o meu amigo nada póde fazer por emquanto, alcance de Caungula, que tem tido relações com Vieira Dias em Loanda, que mande uma embaixada ao Governador geral de Angola a pedir o que desejam que creio serão attendidos.

— O nosso desejo, continua elle, é que Muene Puto nos proteja como tem protegido o Rei do Congo, mas não podemos agora mandar-lhe presentes como o Rei do Congo e o Jaga de Cassanje fazem.

— Não é pelos presentes, replicámos nós, que Muene Puto os attende, elle não precisa de presentes. O Muatiânvua e o Caungula o que devem é assentar no que desejam pedir, e já o temos dito por vezes, que as questões de mais importancia

para Muene Puto são — a certeza que os potentados não consentem nem ordenam que se mate pessoa alguma nas suas terras; que se não vende e se não escravisam nem adultos nem creanças; que todos contribuem para que seus filhos trabalhem em beneficio das terras, já construindo vivendas e caminhos, já lavrando as de producção, creando gados, etc.; que se garanta o transito por todas as terras do Estado aos negociantes e a segurança do negocio licito que fizerem; que se não façam guerras para roubar gente aos visinhos mais fracos; emfim, que auxiliarão as auctoridades de Muene Puto no desempenho de seus deveres.

O presente é apenas uma lembrança e essa tanto valor tem para Muene Puto se fôr de riqueza como se fôr de pobreza; dá muito, quem tem muito, dá pouco o que tem pouco e quem não tem nada nada póde dar.

Agradeceu-nos o Muatiânvua o que lhe disseramos e ficou de fallar a Caungula, mostrando-nos estar convencido que só com a protecção de Muene Puto é que podia ter socego no governo das suas terras.

Como elle estivesse bem disposto a ouvir-nos, narrámos o que sabiamos terem já alcançado os Allemães do Muquengue no Lubuco, mas com o que não se conformou foi com a nossa supposição, de que não seria para extranhar se os Chilangues em pouco tempo dessem lições aos da Lunda no governo das suas terras e em negocios, e que talvez elles um dia apparecessem no Mussumba para negociar com o Muatiânvua.

— Isso não póde ser disse elle muito depressa. — Póde, continuámos nós, e a gente da Lunda tambem podia estar muito melhor se tivessem aproveitado a protecção que teem encontrado nos filhos de Muene Puto, que ha muitos annos viajam por estas terras.

— Quantas cabeças de gado vaccum tinha seu tio Muteba quando o meu amigo era seu Suana Mulopo, lhe perguntámos?

— Mais de mil.

— Pergunte agora, a Cachiche, filho do Canapumba que veio ha pouco da Mussumba, quantas lá existem. Tudo mataram,

disse elle; mas foram os malvados, a gente de Xanama que protestou estragar tudo e desgraçar as terras de meus avós.

— Bem sei, mas lembra-se, proseguimos nós, quem para lá levou o primeiro gado e onde o foi buscar?

— Foi Lufuma, nos respondeu, que o trouxe das terras de Muene Puto a pedido de Muteba.

— Ainda bem que se recorda de Lufuma. Não viu este homem fazer lavrar as terras de modo differente, produzindo mais e melhor? Não tinha elle muita couve, tomates, melancia, arroz, melhor tabaco de que todos; e porque o não imitaram? Se os filhos da Lunda tivessem aprendido com elle, em vez de irem todos os dias ver o que o Muatiânvua faz e come, esperando lhes dê algum pedacito pela golosice, por que não enche barriga o que o Muatiânvua lhes dá, por certo que todos teriam amizade ao que era seu por ser trabalho d'elles e não abandonariam o que lhes custou a fazer para o deixarem roubar pelos Quiocos, como agora está succedendo.

— Se o Muatiânvua educando o seu povo tivesse aberto e assegurado um bom caminho para as terras de Muene Puto e feito construir em todo esse caminho boas povoações, já hoje podiam transitar carros com fazendas nas suas terras. O costume de os homens carregarem fazendas de tão longe para a Mussumba ha de acabar mais dia menos dia, e as grandes comitivas de brancos não voltarão. Póde vir um ou outro Bângala, um ou outro quimbare, mas pouco podem trazer para tanta gente vestir. Não sabe o nosso amigo como os Quiocos estão embaraçando o caminho? não se lembra das questões que se têem levantado no Cassai para o negocio não passar para a Mussumba?

— De quem é a culpa? Dos Lundas que não querendo trabalhar iam para os caminhos roubar emquanto as mulheres lhe arranjavam a comida e iam trabalhar nas lavras.

— Os Quiocos aprenderam com os Lundas. Primeiro principiaram nas terras áquem do Chicapa, deixando passar para lá pouco negocio e agora já vão até ao Lulua. Vingam-se neste tempo, dos roubos que lhes fazia o Xanama quando era Mua-

tiânvua. Trataram de adquirir a polvora e as armas que seguiam para a Mussumba e agora que os Lundas estão desprevenidos, têem a supremacia nas guerras e roubam-lhes as mulheres e o que lhes convem nas povoações.

— Se o nosso amigo Xa Madiamba vae ser Muatiânvua para seguir a rotina dos seus antecessores, se não quer fazer reformas radicaes, é melhor não ir passar trabalhos, retire para as nossas terras com os seus parentes que lá ao menos vive tranquillo. Escusa de ir morrer na Mussumba deixando o Estado mais desgraçado do que elle está.

Depois de alguns momentos de reflexão disse-nos elle — Com a ajuda e continuada protecção de Muene Puto posso fazer muito, posso expulsar os Quiocos e evitar que sejam retalhadas as nossas terras pelos inimigos do Estado.

Entendemos, como por vezes temos dito, que deviamos aproveitar sempre o ensejo que se nos proporcionasse para desempenhar junto dos potentados um papel de missionario como comprehendemos devia ser o que nosso Governo devia mandar para o sertão africano, e por isso não será para estranhar a paciencia com que viamos desapparecer as horas, entretendo-nos com palestras que a muitos se podem affigurar de prolixas, e transcrevemo-las como as exarámos no nosso Diario, para que se possa avaliar a consciencia com que procediamos.

Affigurava-se ao nosso amigo Xa Madiamba, protegido ou filho, como já se dizia, de Muene Puto, que se fosse auxiliado, isto é, se podesse readquirir o poderio de seus antepassados, expulsaria os Quiocos dos logares onde se tinham estabelecido.

Ora, pelas circumstancias que se davam nos Quiocos que já iamos conhecendo, uma tal medida offerecia na verdade grandes difficuldades mesmo para povos civilisados, quanto mais para os Lundas, que já não era aquella gente aguerrida que nos descrevera Rodrigues Graça e alguns escriptores africanistas e viajantes confiando em informações de Ambaquistas e de outros povos gentios que os temiam.

Tanbem não havia vantagens para a grande região a que se chama Lunda, e que está invadida pelos Quiocos que fossem repellidos estes povos, porquanto pelo contacto que têem tido com a civilisação se hão desenvolvido muito mais e é natural que venham a fixar-se com proveito dos logares em que se estabelécerem, quando cesse a causa que os levou á vida nomada em que têem andado. Por outro lado na duvida de quem levará a melhor, convencemo-nos que é de toda a conveniencia, para nós Portuguezes, proceder de modo a não nos malquistarmos, nem com uns nem com outros muito principalmente fazendo causa commum com uma das partes.

E por assim peusarmos respondemos a Xa Madiamba — Pode Muene Puto protegê-lo, mas é necessario definir bem a situação do Estado do Muatiânvua, saber bem as terras que lhe pertencem; e isto tem de ser tratado na Mussumba em presença da côrte e dos representantes dos Muatas que têem terras longe da capital.

— Na epocha actual o desalojar povos já estabelecidos ha annos na Lunda com o consentimento dos Muatas que já morreram a pretexto de receberem as gratificações ou pagamentos de serviços de guerras, não é facil, e esses factos consumados devem respeitar-se. Levantar conflictos pela insistencia em expulsar os Quiocos é questão gravissima, daria logar a uma guerra geral e para a fazer e sustentar têem de ser ouvidos os potentados mais distantes, muitos dos quaes vivem relacionados com os Quiocos seus vizinhos; precisava o Muatiânvua estar preparado com armas e polvora, porque ainda todos estão no costume de receberem tudo do Muatiânvua e seria necessario que cada homem soubesse fazer uso da sua arma.

— Pode um Muata, como Xa Cambunje, Caungula ou Quimbundo, destacar-se do Estado do Muatiânvua e entregar-se ao poder de Muene Puto ou de uma outra potencia, porque vemos que não é solida a união e segura a obediencia d'estes quilolos ao Muatiânvua, nem este os protege devidamente. Quando o nosso amigo tomar posse do seu cargo peça ao Muata Cumbana, ou a Quimbundo uma força de 40 armas para uma guerra

contra os Uandas, e verá que sob qualquer pretexto nunca as vê chegar e inversamente, se estes pedirem auxilio ao Muatiânvua, nunca o recebem.

— Já vê pois que a entrega da Lunda á protecção de Muene Puto para ser real, para não ser só em nome, como até aqui succedia, é uma questão que tem de ser estudada por todos que tem voto no Estado, e muito pensada, para não succeder como succede com os seus parentes Bângalas em que uns reconhecem o Jaga vassallo de Muene Puto e outros não, fugindo para as terras dos Capendas na margem direita do Cuango.

E mais ainda, repare no que está acontecendo com os Quiocos tambem seus parentes, uns afastaram-se de Andumbu-uá-Tembue, e d'estes alguns têem por potentado o Quissengue, outros o Muxico, outros o Ambumba, etc.

— Devem lembrar-se ainda que alguns Muatas não só admittiram os Quiocos nas suas terras, mas tambem estabeleceram relações de parentesco com elles. O actual Quissengue por exemplo é filho de mãe Lunda, sobrinho de Xa Cambunje e de pae Quioco, que era filho de paes Lundas. Como podem pois expulsar este potentado das suas terras? Cossas e Luenas são Quiocos e Lundas de origem e como repelli-los dos logares em que estão?

— Ora o que se tem tolerado é facto consumado, foi auctorisado por quem podia e Muene Puto não altera o que está e o que mais importa é aproveitar estes povos a quem os Lundas umas vezes chamam parentes e outras intrusos, em beneficiar as terras.

— Para se manter a integridade dos territorios como actualmente estão occupados e haver de futuro attenção com os direitos que venham a definir-se, é preciso principiar por reformar as instituições do Estado, sendo a primeira cousa a fazer, regular a successão no cargo de Muatiânvua. É nesta successão que está o principal defeito e o perigo da causa do Estado; são as ambições dos filhos de Muatiânvuas que têem levado a decadencia do Estado nestes ultimos annos ao ponto que estamos vendo.

Todos que nos ouviam admiravam o modo como iamos discorrendo, diziam ao nosso interprete — Nunca julgámos que houvesse um branco que soubesse tanto dos nossos negocios e fallasse sobre elles tão acertadamente.

Nós proseguimos — Luéji nunca suppoz que o Estado que seu marido tanto engrandeceu havia de decaír, mas as grandes recompensas que se deram aos conquistadores sem compensação e o deixar-se á escolha dos quilolos o filho do Muatiânvua que devia succeder no Estado, foi estabelecer precedentes que contribuiram para alimentar ambições de independencia e de poderio.

— Luéji, que era a senhora das terras, nunca podia suppor que outra mulher a supplantaria nas suas relações com Ilunga e que portanto se atrevesse a apresentar em publico um filho d'este para prejudicar os seus no accesso ao Estado que elle creára.

Cuidou dos filhos, mas não se lembrou dos netos. Ainda assim devemos dizer, que nos parece que os quilolos é que têem esquecido as praxes adoptadas no principio; porquanto estando estabelecido que o filho do Muatiânvua que toma posse do cargo dê logo um Estado á Muári que tinha, e lhe destine o homem com quem depois hade viver; e tem de acceitar a Muári que a côrte lhe apresente; faz-nos crer se pensou que só deviam ser os filhos d'esta mulher que deviam herdar o Estado e não os que tivesse de outras.

— Pela sua parte os Muatiânvuas e muito principalmente Noéji pae do nosso amigo, entenderam fazer consistir a sua grandeza em augmentar o seu harem não poupando tias, primas, e até irmãs e só os satisfazia o terem filhos de todas as suas mulheres; d'aqui nasceram os intrusos e com elles os partidos dos quilolos que desejam ter sempre no poder um Muatiânvua seu.

— Repare ainda que Luéji, quando morreu seu marido, para evitar pela sua parte complicações, acceitou ser Lucuoquexe no Estado de seu filho com a condição de não poder ter filhos. Ora nesta medida vê-se que se pretendia providenciar para

que os filhos da Lucuoquexe e depois as mulheres descendentes neste cargo, não podessem fazer valer direitos a seus filhos para herdarem o Estado de Muatiânvua.

— Cata, mãe de Xanama, a Lucuoquexe de Muteba, tinha sido Muári do irmão do nosso amigo, mas este seu irmão que tinha direito a ser Muatiânvua, morreu antes de o ser e por isso nunca ella encontrou o apoio que esperava para seu filho entrar no Estado, antes do cargo, pertencer ao pae caso tivesse vivido para isso, mas é certo que elle lá entrou depois, com a protecção da sobrinha, do Muitia e dos Quiocos.

— Aos que quizeram combater a sua entrada, sabem todos como Xanama mais tarde os fez desapparecer e nisso era apoiado pelos que queriam substituir os condemnados á morte nos seus cargos.

Uma vez que os Quiocos com bons resultados se tornaram precisos para satisfazerem as ambições dos Muatas, foram-se os Lundas tornando humildes deante dos Quiocos, e o que é mais notavel — é que uma grande parte dos mais ousados e destemidos se tornaram Quiocos e são hoje os que mais mal fazem á Lunda.

— Agora é muito tarde para fazer retirar os Quiocos dos logares em que se estabeleceram e deve o Muatiânvua, que vae agora tomar conta do Estado, tratar com todos os seus Muatas de se harmonisarem com elles de alguma maneira, mesmo que tenham de lhes fazer concessões e de accordo com os seus potentados reformar as praxes para que de futuro se possa governar sem attrictos e evitar tudo que possa dar logar que individuos a quem não assistem direitos na successão, possam ter ambições ao poder supremo.

Todos nos apoiaram e acharam que fallaramos bem e muitas vezes notámos ser o nosso interprete interrompido por interjeições admirativas e com applausos.

Xa Madiamba começou a dizer em seguida que tinhamos feito uma explicação que todos entendiam; pedia-nos que fizessemos acompanhar o Tratado celebrado com o Caungula, de uma carta narrando a Muene Puto o que nós tão bem conhe-

ciamos; pedindo em nome de todos que fosse acceite esse Tratado e os protegesse mandando-lhes bons conselheiros que estudassem bem as más condições em que elles estavam, para na Mussumba os ensinarem a fazer as reformas que eram precisas para bem do Estado.

O Caungula accrescentou — Que disseramos bem, — com as ambições do Xanama principiára a desgraça da Lunda. Fôra este que entregára a vida de Moansansa, um dos grandes do Estado, nas mãos de Quissengue e do seu povo; que elle vivera sempre bem com os Quiocos seus vizinhos e lhes permittira viverem nas suas terras pagando-lhes um pequeno tributo, e os que passavam para o Lubuco faziam negocio com o seu povo sem nunca haver conflictos; porém o exemplo de Quissengue serviu de incentivo para os pretendentes da Lunda ambiciosos dos cargos dos Muatas convidarem forças de Quiocos para guerrearem estes chefes.

— Que era preciso, para tranquilidade de todos que Muene Puto, mandasse auctoridades suas capazes de harmonisar uns com os outros. Quem está, está, diz bem o Muata Major. Não se podem expulsar os que estão, mas contentem-se com o que têem e não venham roubar e levantar questões para nos expoliarem.

— O Muata Major veiu de mandado de Muene Puto, fazer amizades e endireitar os caminhos, pode já dizer a Muene Puto o que tem visto e pode ir ensinando ao Muatiânvua o que elle tem a fazer, pois se a occasião não fôr aproveitada vejo para deante tudo mau. Se eu pela minha parte mandar sahir uma embaixada podem os outros Muatas imaginar que eu pretendo ser mais do que elles.

— Que o Muatiânvua e seu amigo Muata Major fallem ao Mucanza, despachem de lá uma embaixada que eu a reforçarei de gente e de recursos. Os Muatas isolados podem entregar-se a uma potencia, mas as terras de facto são do Muatiânvua. É elle quem pôde fazer tudo e os que vierem depois d'elle hão de confirma-lo, porque a responsabilidade é da auctoridade e não da pessoa.

Apoiámos o Caungula e terminámos esta nossa longa palestra dizendo a Xa Madiamba que era necessario antes de tudo pôr-se elle em marcha para a Mussumba e tomar posse do cargo para que fora chamado e que depois se trataria da embaixada e de outros negocios de interesse.

Como nos retorquisse que isso só estava dependente da cerimonia da lucanga, e que esta devia ser collocada na sua perna por Caungula, ficou logo assente que passados tres dias se procederia á referida cerimonia.

THEPHROSIA VOGELII (MUDIANGAMBE)

NOVOS INCIDENTES

ssente ficára que dentro em poucos dias se procederia á cerimonia da lucanga e não obstante não acreditarmos como nos asseverava o Xa Madiamba, que dependia da cerimonia continuar a jornada, tratámos de dispor tudo para avançar ao menos o ajudante com o maior numero de cargas possivel para Anguina Ambanza na margem do Chicapa, onde a expedição pouco tempo se devia demorar.

Como dissemos, para nos aliviarmos de cargas pesadas, pensámos: em deixar um pequeno pessoal na Estação, vigiando por essas cargas e doentes; em contratar com Canapumba Angunza para nosso serviço os trinta rapazes que já estavam livres das suas cargas que transportaram do Cuango para a Mussumba por o Muatiânvua as ter chamado a si, e, quando esse numero não fosse sufficiente, contratar então com Caungula, os que nos faltassem para seguirem até á povoação mais proxima.

Mas governar uma diversidade de povos incultos no continente africano, se não tem por contrariedades, as exigencias e ambições dos povos civilisados, tem outras difficuldades muitas vezes não menos penosas, proprias da indole dos individuos e peor são, as circumstancias imprevistas e falta de recursos que em dados momentos nos estorvam e é inevitavel o perder-se tempo em as remover para que possa medrar a obra do missionario entre elles.

O que era tão simples no projecto que traçámos, foi o nosso primeiro embaraço. Exactamente o interprete doente, acostumado á vida do sertão, que só com a familia fôra do Lúbuco para Quimbundo e d'aqui para Casssanje de 1883 para 1884, e os rapazes de Loanda que eram os de mais confiança; pelas noticias que diariamente se propalavam, nos mostraram as inconveniencias de ficar alguem na Estação e n'estes termos: que a maioria dos quilolos do Caungula e muitos dos que viviam aqui no *méssu* eram contrarios ao Caungula, e estavam dispostos a apoiar Matata, mas não se pronunciavam com receios dos feitiços d'elle, se não vingasse a causa d'este; que os Quiocos de Quiniama estavam perto do rio Mansai e se o Caungula não annuisse ao que elles queriam, estabelecia-se o conflicto e ficando pouca gente na Estação seria victimada; que alem d'isto, os Cacuatas que tinham chegado do Anguvo, vinham prevenir Xa Madiamba se não avançasse immediatamente perdia a sua causa, porquanto os dias de Muriba já estavam contados e se elle não estivesse proximo, os quilolos tinham de chamar outro filho de Muatiânvua para o substituir.

Para evitarmos uma gréve que n'estas alturas seria muito prejudicial para a nossa missão, pozemos de parte aquelle alvitre, não tendo outro recurso senão substituil-o pelo que já nos havia occorrido, deixar as caixas de pharmacia na chipanga de Caungula, pois nos libertavamos de dez carregadores. Como Paulo do Congo nos désse parte que o Cacuata Noéji, que chegára do Cassai, mas cuja missão ainda não era conhecida, o avisára que dez dos rapazes da sua comitiva que estavam em Mataba tendo noticia que elle estava aqui com o Mua-

tiânvua e Muene Puto, se pozeram a caminho e foram esperar no Chibango alguma noticia boa, contámos com mais aquelles dez rapazes para o transporte das nossas cargas e para os fazer chamar, tratámos de empregar os nossos exforços.

Empenhados em reagir contra as difficuldades conhecidas para deixarmos a Estação, sobrevieram incidentes a que não podiamos deixar de attender, mas para solvê-los não se póde imaginar a nova lucta que tivemos, porque demais estavamos na epocha da abundancia do malufo, e raro era o dia, em que nos podiamos fazer entender de Xa Madiamba, de Caungula, e dos que o rodeavam.

De uma das vezes em que nos persuadiamos chegar a horas do primeiro estar em estado lucido, aproveitámos o ensejo de censural-o: que tinha de manhã de attender ás visitas e resolver pendencias que respeitavam ao seu Estado e se o encontrassemos uma outra vez, antes de cumprir aquelles deveres, a beber malufo, partiamos a cabaça em que o vissemos e nunca mais lhe fallariamos.

Desculpou-se o homem que precisava enganar a sua fome, pois no tempo do malufo todos se esqueciam de lhe dar de comer.

De outra vez, tivemos de o arrancar do logar em que bebia com os seus quilolos, para lhe lembrar que era já tempo de ouvir os portadores que tinham chegado do Anguvo Mucanza.

Agradeceu a lembrança, prometteu não beber, e cumpriu, porque pouco depois eramos convidados para assistirmos á audiencia em que íam ser ouvidos os portadores.

Pela primeira vez vimos Xa Madiamba tendo a seus pés uma grande pelle de leão, que lhe havia mandado Mucanza, notando-se que sobre a de leão estava a de leopardo. Sentára-se na cadeira de viagem que lhe démos e tinha posta a facha azul agaloada, de que muito gostava.

Defronte d'elle, sentado na pelle de leopardo, estava o Caungula, ficando á sua esquerda o Cacuata Noeji ia Mucanza, com a cara e o corpo branqueados e atraz d'elles outros portadores da mesma fórma.

A ordem dos logares da audiencia é sempre a mesma, havendo muito povo armado em roda como formando parede ao recinto em que se passa a scena, collocando-se sempre o potentado á sombra de uma arvore, a maior que existe na sua chipanga ou na ambula (largo á frente).

Quando entrámos, Caungula acabava de apresentar os enviados, e elles agachados caminharam para o centro e rebolaram-se todos na terra, dizendo o Muatiânvua: *uendi Noeji, uendi F...* uendi S... etc., (bemvindo Noeji, bemvindo F..., bemvindo S...), a que cada um de per si respondia: *Vudiê mucuambango, Chi Noeji,* etc., phrases da praxe, e esfregavam depois peitos e braços com terra.

CACUATA NOÉJI

O Muatiânvua poz termo aos cumprimentos dizendo: Falla Noeji.

Eis a interpretação em resumo do que elle disse:

O Muatiânvua Mucanza [1], meu amo, insta com Caungula para que despache V. Muatiânvua que não é só Muatiânvua de Caungula e sim de toda a Lunda. Se Caungula tem na sua terra muito de comer, tambem elle Mucanza e mais quilolos têem muita comida para dar ao novo Muatiânvua. Todos querem ver o seu Muatiânvua na Mussumba e não que fique no matto. Mucanza está em

[1] Mucanza é um quilolo com honras de Muatiânvua para perpetuar a memoria do Muatiânvua d'este nome, de quem não houve descendencia. O irmão Anguvo Mucanza era o unico quilolo do Muatiânvua Mucanza, que sobrevivia no tempo de Muteba, que a este concedeu aquellas honras que herdou o irmão, o actual Mucanza.

risco de perder a sua vida por ordem de Muriba, que está mandando para a sua terra os *ampuedis* que o estão vigiando por desconfiar que elle se encarregou de chamar o seu tio Chibuinza Ianvo para tomar posse do Estado. Mucanza já teve de sustentar uma guerra em que ficou vencedor, mas nem sempre póde succeder assim, porque das traições ninguem está livre. O Muriba póde comprar os parentes d'elle, e estes ambiciosos podem matal-o [1].

---

[1] Estando Cangápua no Estado, Quimalanga (Muriba) que estava no Tenga, veiu com uma força de Quiocos ao Mázai (Cassai) procurar Mucanza para este o fazer acompanhar com sua gente armada até á Mussumba. Recusou-se Mucanza, allegando que Cangápua era muito estimado na Mussumba e não lhe fazia guerra. Dizia Muriba que o não ía guerrear e sim pedir-lhe um estado bom, mas ao menos lhe apresentasse dois Cacuatas para o guiarem.

Prevenida Mucanda, que era então Lucuoquexe de Cangápua e fôra a Muari de Xanama, que Muriba seu irmão estava no Lulua, entrou em combinações com os seus quilolos Muene Capanda e Muene Panda para proteger a entrada de Muriba, e consultado Muene Dinhinga, este dispoz-se a apoiar o grupo e foi quem fez participar a Cangápua que se esperava uma guerra de Quiocos e devia elle vir com as suas forças para o Lulua. Cangápua, ludibriado, foi morto pela gente de Muene Panda e Muriba fez-se acclamar.

Senhor do Estado, mandou apresentar os dois Cacuatas a Mucanza, com um presente para elle, agradecendo-lhe os seus serviços, e pediu-lhe noticias das terras de Mataba.

Mucanza agradeceu o presente e mandou felicital-o, assegurando-lhe não haver novidade entre os povos do seu governo e visinhanças.

Succediam-se recados diversos de Muriba, umas vezes queixando-se dos quilolos do Cassai que lhes não mandavam milambos, outras de faltas de comitivas de commercio e algumas sobre qualquer pretexto; reconhecendo-se em todos um pensamento reservado para ser informado da atitude de Mucanza e da fidelidade de seus quilolos. Tão amiudadas se tornaram as visitas de portadores da Mussumba, que Muriba desconfiou haver, entre os quilolos um ou mais que pensavam em chamar Chibuinza Ianvo e que era Mucanza o intermediario.

É certo que veiu Cahunza e Ambinji, como já dissemos, para Mataba e Mucanza á cautella viu-se na necessidade de conservar durante a noite em torno de seus aposentos, trinta homens armados

Todos os quilolos estão desesperados com o comportamento do Muriba e pedem a Mucanza faça apressar a viagem do Muatiânvua, que elles elegeram, e sabem está em companhia de Muene Puto. O desespero em que todos estão póde fazer-lhe mal, porque se matarem Muriba, póde apparecer um outro filho de Muatiânvua para occupar o seu logar.

Traziam umas esteiras e azeite para o Muatiânvua, mas como encontraram Quiocos no caminho e receiando que os fizessem demorar, deram-lhe aquelles artigos, porém apresentaram um bom panno da parte de Mucanza, que Chibuinza agradeceu e o deu em seguida ao Caungula que se levantou para o ir vestir e voltar a agradecer.

Os agradecimentos são feitos como já temos dito, mas d'esta vez eram acompanhados das ovações dos circumstantes, que assim mostravam que o Muatiânvua havia procedido muito a contento de todos.

Como Xa Madiamba se empenhou que nos transmittissem o que dissera Noeji, para ouvirem a nossa opinião, dissemos, em seguida: era um dever d'elle como um bom pae, correr a tomar conta do Estado para poupar a vida de seus filhos ameaçados. Devia lembrar-se que os quilolos grandes como eram Mucanza, Caungula, Cumbana, Xa Cambunje, por causa dos maus governos da Lunda, estavam luctando com os inimigos que procuravam estragar as terras e matal-os. Com respeito a Caungula já tinhamos fallado bastante e tudo estava preparado para em pouco tempo contar com o auxilio de Muene Puto, porém Mucanza, que estava mais proximo da Mussumba, via-se numa má situação, porque tinha contra si os subjugados por Muriba e os Calambas de Mataba que ambicionavam o seu logar e só se podia salvar, indo o Muatiânvua já para a Mussumba e empossar-se do cargo para que fôra eleito. O Mucanza tem rasão em não confiar nos parentes, porque pelo que vamos conhecendo, as valentias dos Lundas passados, degeneraram em traições até por um copo da malufo.

Todos nos apoiaram, e Xa Madiamba agradecendo-nos respondeu-lhes: que já estava em combinação comnosco sobre o

dia da partida, porém as noticias que todos ouviram, obrigavam-no a demorar-se o menos tempo possivel, porquanto era um dever ir para junto de seu amigo Mucanza.

Haviamos retirado, e notando á saída que o Canapumba Angunza e diversos rapazes que estavam fóra da chipanga com o Suana Mulopo, esperavam ordens para entrar, e aquelles, caiados de branco, fallando todos uns com os outros, informámo-nos do que ía passar-se e procurámos a Muari para lhe dizer: se quer ter a protecção de Muene Puto, salve o innocente que nos disseram vae ser julgado hoje. Trata-se de Cacheche que é seu quilolo e se precisar do nosso auxilio, mande-nos chamar.

Assegurôu-nos a Muari que fossemos descansados para a Estação, e nós depois de almoçar voltámos para nos esclarerem sobre o que se tinha passado.

Soube-se certamente por algum dos portadores que nos ultimos dias tinham vindo de Mucanza, que em tempo o Cacuata Angunza (Canapumba), mandára Cacheche, um rapaz da sua comitiva, á Mussumba participar ao Canapumba que estava demorado no Caungula com as cargas que trouxera de Muene Puto Cassango para a Mussumba porque Muata Xa Muteba o suspendêra, dizendo estar no Cassassa, o Chibuinza Ianvo, Suana Mulopo de Muteba que os quilolos da Mussumba mandaram chamar para entrar no logar de Cangápua e portanto se assim não era, lhe mandasse gente forte e capaz para tomar conta das cargas e poder fugir á vigilancia do Caungula e d'aquelle filho de Muatiânvua.

Descoberto isto, era considerado de traidor Cacheche, se não confessasse como as cousas se passaram. Confessou e tratava-se de se julgar Angunza que não negou, desculpando-se que cumprira um dever, porquanto o Muatiânvua Cangápua o havia mandado sair da Mussumba numa diligencia, e precisava dar conhecimento d'ella aos seus amos.

Serviu de attenuante a desculpa e foi sentenciado ao pagamento de tres serviçaes, unicamente porque tendo tomado aquella deliberação fôra depois collocar-se ao serviço do novo

Muatiânvua e não lhe dera d'ella conhecimento, podendo prejudicar a sua viagem e as vidas dos quilolos que o chamaram.

Exigia-se mais uma serva para a Muari e esta disse que pela sua parte nada queria e pedia apenas que se não fizesse mal a Cacheche que foi cumprir uma ordem do seu amo Cacuata Angunza, nem tão pouco a este que não commettêra crime algum, em mandar fazer uma pergunta justa a seus parentes, que tambem eram parentes d'ella; que estavam elles agora ao serviço do seu amazio e muito desejaria que lhe fossem tão leaes como quizeram ser para o seu fallecido Muatiânvua.

Portára-se admiravelmente, e depois de nos interpretarem o que ella dissera fomos dar-lhe um abraço e o Xa Madiamba que viu, riu-se, dizendo para os seus: cuápua (acabou-se), o nosso amigo Muene Puto já decidiu a milonga e todos disseram, vudiê, vudiê. A Muari correspondeu ao abraço dizendo; é amigo de meu amazio, é tambem meu amazio, com o que todos se riram bastante.

Havia chegado na vespera a comitiva bangala de Xa Madamba e nella vinha tambem o Cacuata Memá Tundo e na tarde do dia em que teve logar esta audiencia, recebemos aquelle e este, que vieram cumprimentar-nos á Estação

O Memá Tundo, veiu de ordem de Anguvo com negocio ao Cuango, e fôra um dos que passando na Estação Cidade do Porto (Cassassa), antes de nós ali chegarmos trouxera recados de seu amo a Xa Madiamba e levou d'este, noticias a suas irmãs, convidando-as a virem com os seus homens acompanharem-no á Mussumba. Uma d'estas, lembrâmos que era mulher de Xa Muteba, e outra era de Xa Madamba, que se dispozeram a acompanhar seu cunhado na supposição de que este seguia sem mais demora para a capital e não vieram as irmãs por estar chegada a epocha das sementeiras, trabalhos que as mulheres dos potentados dirigem.

O cacuata Memá Tundo, bem como o Noeji iá Mucanza, impressionaram-nos como homens serios, bons typos, fortes, e é certo que durante todo o tempo que com elles vivemos d'ahi em diante, nunca com estes homens hou[illegible] mais insignifi-

cante questão nem com o nosso pessoal, nem com as comitivas de commercio com quem mantinham estreitas relações, nem tão pouco com as gentes das povoações proximas, nas quaes tivemos de acampar, nem mesmo com os individuos de diversas proveniencias que vinham reunindo-se ao cortejo de Xa Madiamba. Numa palavra, estes homens que eram praticos nas viagens ao Cuango, eram typos para acreditarem os Lundas e se estes, os imitassem como exemplos, de certo o estado do Muatiânvua não teria decahido do que se affirmava ter sido em outro tempo, e antes muito, teria aproveitado das relações que sempre tem querido manter com os Portuguezes.

MEMÁ TUNDO

Disse-nos Madamba, corroborado pelos Ambanzas seus companheiros, que atravessaram diversas povoações em que nós haviamos deixado muitas sympathias pelo modo como tratámos os seus habitantes e, que todos mostravam ter saudades do tempo em que estivemos com elles.

Sabiam dos nossos exforços em arrancar o Muatiânvua do Cassassa, e pediam-nos para apressarmos agora a marcha não só porque Mucanza ha muito o esperava e já estava afflicto com a demora por ter a vida em risco, mas tambem porque a alimentação ia escasseando e a que se alcançava era por preço muito elevado com que os negociantes não podiam, pois ficavam sem generos para negocio.

Foram estes Ambanzas, que nos preveniram ser certo terem encontrado quibengues (acampamentos) dos Quiocos muito proximo, nas margens do Lôvua, de que era o chefe principal

Mona Muchico. Seguiam para o norte por causa de umas pendencias que este tinha a resolver com Muata Cumbana, mas passando perto de Caungula fez tenção de o mandar cumprimentar e informar-se d'elle como principiaram as questões com Mucanjanga.

Era exactamente isto o que nós pensavamos e foi a rasão por que havendo entre os nossos um terror panico, pelo boato que se propalára de madrugada, que os Quiocos haviam dormido junto ao Mansai, tivemos de reunir os que melhor nos comprehendiam para lhes dizer: Supponham que é verdade, e que temos nós com isso? Não póde Quiniama viajar e ir visitar os seus povos mais ao norte? Não póde elle acampar aqui, acolá, onde lhe convenha e a sua gente? Já viram nestas terras marchar qualquer diligencia ou mesmo portadores isolados sem as suas armas? Quem lhes prohibe que mandem cumprimentar Caungula e conferenciar com elle sobre qualquer negocio? V. tudo se lhe afigura para mal e a nós tudo para bem. Pois então nós não estamos em viagem pelas terras de diversos povos e sempre armados? Que mais rasão temos nós para o fazer do que elles? O que é preciso é todos terem muito juizo e lembrarem-se só de que teem um chefe a quem devem obedecer, que alem de prezar a sua vida tem a defender a dos seus companheiros e não comprometter a missão do seu governo. Quero dizer que se não importem com o que diz o gentio e se não envolvam em questões, nem a favor nem contra elle, porque as consequencias podem ser prejudiciaes a V. e á nossa missão.

No mesmo sentido viera depois fallar-nos Xa Madiamba pedindo o nosso conselho. Se tem receios, foi a nossa resposta, mande um enviado ao caminho, saber do intento d'essa gente. De duas, uma; ou Muxico dirá a que vem, e sabemos o que devemos resolver, ou não receberá ou prenderá o enviado, e assim terá Caungula uma declaração de guerra e immediatamente fará marchar a seu encontro forças para os repellirem ou contê-los em respeito, até que tome melhores determinações.

O conselho é bom, disse-nos elle, mas entre nós esse procedimento era considerado uma fraqueza da parte do Caungula. Nesse caso, retorquimos, deixe proceder Caungula como entender e não se metta a querer governar a casa alheia. As terras são minhas, do Muatiânvua, diz o homem com emphase, mas como sou amigo d'elle, só intervirei se for para isso convidado.

Repare, continuámos ainda, que tendo o lucâno, é uma cousa, e por emquanto é outra. Agora será Muatiânvua na terra em que está e entre os que o rodeiam, porém note que para os Quiocos é um filho de Muatiânvua de quem elles têem provado ser amigos e não é a si que elles procuram para fazer guerras. Tenho mesmo a certeza que elles virão fallar a Caungula e depende do modo por que este os tratar e responder, deliberarem trazer ou não uma guerra a Caungula. O que o nosso amigo tem a fazer é seguir o rumo que lhe indicaram os quilolos da Mussumba, e avançar para ser acclamado Muatiânvua.

Mas se nós podermos ser prestaveis ao meu avô Caungula contribuindo para que elle fique cá em paz com os Quiocos, não o devemos fazer?

A isso nem nós nos recusâmos, mas não devemos estar aqui demorados esperando que os Quiocos queiram vir.

A prova que tambem penso assim, disse-nos elle então satisfeito, é que estão dadas as ordens de accordo com Caungula para ámanhã principiar a cerimonia da lucanga.

Agradou-nos a resposta, e caminhando para o rio onde mandámos lançar a nossa canôa para o estudarmos, mais satisfeito ficamos, porque sentindo tocar o mondo, nos informaram que o Muatiânvua estava chamando toda a sua gente que estava dispersa para no dia seguinte comparecerem á cerimonia da lucanga.

Caungula, as suas raparigas e muitos homens, estavam no rio admirando a canoa. Nós levámos o nosso binoculo e este foi objecto depois de algumas explicações para Caungula, mulheres e outros, quererem conhecer da verdade do que lhes

asseverámos, e algum tempo se demoraram a verificar se a distancias maiores podiam ver bem o que lhe apontámos.

Convidámos Caungula a entrar na canôa para o passarmos para a outra margem, onde tencionava ir fazer as sementeiras nas terras já lavradas a seu uso, mas recusou-se por ser muito pesado, consentindo que passassemos todas as suas raparigas.

Quando davamos passagem á ultima, que era a sua favorita, seguia-nos elle na sua canôa e nós para o ouvir fizemos transmittir-lhe: «que fugiamos com ella, e elle não era capaz de nos tomar a diantteira»; riu-se e respondeu: «que o Muata Major não lhe queria mal.»

FAVORITA DE CAUNGULA

Desembarcada esta, passámos junto d'elle, dizendo-lhe que iamos rio abaixo e voltariamos pelas suas lavras. O rio seguia ás curvas muito apertadas, o que nos fez suppor por vezes, muito maior largura do que realmente tinha e em media na parte percorrida não excedia a 80 metros, a velocidade é que na verdade era grande e tanto que levámos quatro horas a vencer depois a distancia a que nos affastámos do embarcacadouro durante meia hora. As experiencias que fizemos deu-nos uma velocidade de 1 a 2 metros, porém tudo nos fez convencer ser superior. As margens eram baixas e salvo o arvoredo que orlava dois dos affluentes que vimos, eram raras e rachiticas as arvores que avistámos até grande distancia para o interior tanto de um como do outro lado.

A pé fizemos um trajecto de pouco mais de 2 kilometros, tendo de atravessar em alguns sitios, charcos mais ou menos

RIO LOVUA

extensos, para chegarmos a um plan'alto em que fomos encontrar Caungula e os seus nos trabalhos das lavras.

As terras numa grande extensão já estavam limpas, cavadas e revolvidas, e, a distancia vimos trabalhando uns em limpeza e outros amontoando o capim para a queima, etc., e as raparigas cavando com as suas pequenas enchadas, dirigidas pela favorita.

O Caungula com dois rapazes pequenos andava semeando jinguba e sem muito incommodo. Um dos rapazes sustentava em ambas as mãos um especie de bandeja feita de fibras de cabâma (similhança da nossa chibata) onde estava uma porção de jinguba, que o outro ahi lançava d'um sacco que trazia suspenso ao lado.

Caminhavam os rapazes atraz de Caungula que com o pé direito desviava a terra para os lados fazendo uma cova e nesta deixava caír da mão direita trez bagos de jinguba que tirava da bandeja e depois com o mesmo pé empurrava a terra desviada sobre aquelles e o rapazito do sacco a pizava em seguida. Tudo isto era feito com muita rapidez e sempre conversando comnosco sobre a nossa canôa, que achava excellente e cousa que nunca tinha visto, e ainda fallámos sobre o nosso passeio.

Seguia as linhas traçadas á enchada sobre a terra preparada até ao seu terminus e voltava pelas parallelas, uma das outras pouco distantes. Quando acabava de percorrer a terceira linha, despedimo-nos, fazendo com o pé direito o mesmo que elle fazia, com que muito riu.

Tratavamos de almoçar e estavamos bastante fatigados da nossa excursão por isso não assistimos aos preparativos para a cerimonia da lucanga, comtudo era tal a bulha que sentiamos que não resistimos á curiosidade e fomos para o nosso observatorio de onde se disfructava o que se passava na chipanga.

D'uma bacia com agua onde se viam mergulhados os fios de fibras de uma planta textil especial, Caungula que estava sentado sobre a pelle do uso, rodeado dos seus, recebia os fios e ia

entrançando em torno de uma verguntea delgada que brandamente se amoldava á forma de circulo. Emquanto Caungula fazia este trabalho, Ianvo uá Uana fazia um analogo, e na arena diversos rapazes com folhas de arvores formando saiotes, suspensos á cintura, e com as suas facas na mão direita ou azagaias, jogavam os saltos, cantavam e recitavam á tonda dos instrumentos de pancadaria. As mulheres formando grupo á parte, dançavam e acompanhavam-se de cantigas nas suas danças de roda.

No dia immediato, 28 de novembro, teve logar definitivamente a cerimonia, o que se conhecia a uma grande distancia pela assobiada, instrumentos de pancadaria e cantos de guerra; e nós nos armazens davamos as necessarias ordens para se acondicionarem os artigos em fardos e caixas que considerávamos de mais importancia a seguirem para deante, ao mesmo tempo que, os iamos relacionando e notando seu estado e quantidades.

Muita gente estava dentro da chipanga de Ianvo e em roda d'elle, mas a chuva fez suspender as cerimonias, que continuaram de tarde, a que fomos convidados a assistir.

Como esta cerimonia foi descripta no nosso livro *Ethnographia,* diremos apenas que para ella contribuimos com um cabrito. Ás comidas seguiram-se as danças, que duraram até á madrugada do dia seguinte.

Disse-nos Xa Madiamba que o costume era matar-se uma pessoa em vez de animaes, pois o sangue humano é que devia lançar-se na lucanga, porém em attenção a que Muene Puto estava presente e nós muito lhes haviamos recommendado que se não devia matar pessoa alguma no seu Estado desde que elles pediam a protecção de Muene Puto, o Caungula lhes mandára um carneiro, uma cabra e seis gallinhas para substituirem a pessoa, isto é, comprar a vida de uma pessoa, o que tambem é admittido aos Muatas que fazem essa cerimonia ao filho do Muatiânvua que é chamado para herdar o Est[illegible]

A noite d'este dia assignalou-se primeiro p[illegible] da força militar entendeu dar tapona rija na m[illegible] que

tivemos de intervir para lhe significar que era bastante o castigo, e suspendesse. Tiveram graça porém os commentarios: «Teve a audacia de chamar para a cubata o camarada José (soldado 54)! Diz que se queimou e lhe pedíra agua, mas não se vê fogo em casa! Não sabia pedir agua a mim! O camarada não tem culpa, mas é bom que se saiba que na casa de um homem amigado não se entra sem elle lá éstar; deixei-o ir embora socegado, mas muito cuidado amigo, porque mais uma vez, póde levar uma perna no ar... cuidado... cuidado, e você mulher, tome conta com as cantigas... bem sabe que não me embaça... meia volta, roda para a cubata e faça por não levar uma segunda data.»

Socegámos este casal militar e pouco depois tivemos de ir á residencia de Augusto Jayme, onde encontrámos o carregador Chico, ferido com grãos de chumbo no lado direito do corpo, apanhando parte das costas e peito.

Haviam ído á caça diversos, e Chico sem que Jayme tivesse visto, havia trepado para uma arvore e de tal modo se sentára num tronco, que já perto da noite, Augusto Jayme um pouco malufado e não satisfeito por não ter visto caça, durante o dia, deparando com aquelle vulto, animou-se suppondo ver um macaco grande, e fez-lhe boa pontaria. Se fosse á bala, de certo tinha morto o rapaz, e bastava que fosse a pontaria mais de frente para lhe succeder o mesmo.

O sub-chefe veiu a nosso chamado vel-o e afiançando-nos não haver perigo, tratou-se pois de lhe fazer os primeiros curativos sem que se désse a perceber ao accampamento, para evitar conflictos, porquanto era Chico irmão de um soba tambem importante e podia haver mais alguma cousa do que a demanda, que essa era certo levantar-se e levantou-se dias depois; mas como vieram procurar-nos para a julgarmos, comnosco concordaram os partidarios de um e outro lado que para a resolvermos segundo as leis de Muene Puto, tomariamos apenas conhecimento da representação do queixoso, ouviriamos as testemunhas e no nosso regresso entregariamos o processo com a nossa informação ao chefe do concelho de Malanje, não

podiamos nós castigar; para resolvermos ao uso d'elles chamariamos os velhos e ou os parentes se sujeitariam á condemnação d'estes, ou então a opinião d'estes que nós escreviamos e a queixa, seria apresentada aos sobas em Malanje para deliberarem no pagamento.

Accordaram depois que nós guardassemos a representação e só d'ella fizessemos uso quando em Malanje não se conformassem com as deliberações dos sobas; e nós libertámo-nos de difficuldades porque nos convinha que os partidarios de um e outro, continuassem a servir-nos com vontade, o que de certo não succederia, se tivessemos de sentenciar.

Comprehende-se que só alta noite podemos recolher, deixando-os senão completamente satisfeitos, ao menos não inimigos e não contrariados comnosco.

Duraram as danças da cerimonia da lucanga ainda durante o dia seguinte, mas nós que tudo estavamos dispondo para seguir a secção do ajudante e estavamos empenhados que esta secção e os Bangalas de Madamba seguissem já para Anguina Ambanza e d'ali o ajudante mandasse uma diligencia chamar os rapazes do Congo que estavam no Luachimo; fomos á chipanga para resolver estas pendencias.

O Canapumba Angunza veiu a nosso encontro, queixar-se que o Suana Mulopo, continuava a exigir-lhe o pagamento de um servo por causa da questão de Cacheche, já julgada; e nós deparando com Xa Madiamba em audiencia das ordinarias, principiámos a fallar-lhe sobre este assumpto, estranhando o procedimento de seu sobrinho irmão.

Lembrámos-lhe que não era bom em viagem fazerem-se d'estas exigencias que nos pareciam injustas, sobre tudo quando se tratava de uma questão julgada e recordámos que exigencias como esta, foram as difficuldades com que tiveram de luctar os quilolos no tempo de Xanama e agora nos poucos mezes do governo de Muriba. Os roubos, as exigencias a capricho sem rasão de ser, desgostavam; e muito mal lhe acarretavam, podendo ser obstaculo á sua entrada no Estado. Não estavamos no tempo de seu pae Noéji, ha muito que elle estava

fóra da Mussumba e bom era que se informasse como os negocios corriam agora. Então ninguem se atrevia a levantar os olhos e fitar um Muatiânvua, e ultimamente matavam-no se elle não se emendava nos seus desvarios. Diziamos com toda a franqueza o que sentiamos e se cada um dos que representavam na sua companhia os grandes quilolos, começassem a fazer roubos sem encontrarem correctivos, declaravamos não continuar a acompanhá-lo.

Foi correcta a sua resposta, que não approvava, nem queria que alguem suppozesse que approvava tal procedimento; que era mau seu sobrinho e por causa d'este já duas vezes sua vida esteve em perigo; acreditassemos que a mulher que elle exigíra ía ser entregue ao Canapumba.

Despachou nesse dia, Xa Madamba, que veiu agradecer o nosso interesse e embora não podesse passar o Chicapa sem ali chegar seu cunhado, seguia satisfeito porque podiam os da sua comitiva negociar com os Quiocos.

Ficou resolvido que tambem iria Calala e o nosso ajudante no dia 1.º de dezembro, destinando nós o dia da vespera para pagamento de rações ao pessoal e a outros carregadores que contractámos na localidade.

Vendo todos em boas disposições de se prepararem para a jornada e estando presente o Caungula, aproveitámos a occasião de fallar a este para a comitiva do Congo regressar com uns Bangalas que haviam chegado do Lubuco e tambem alguns Portuguezes ambaquistas e ficou assente que podiam seguir, compromettendo-se Xa Madiamba a dar uma nova mucanda a Paulo, para levar ao seu Rei, isto é, um caxalapoli para serviço d'elle.

É occasião de registarmos que entre os Portuguezes que faziam parte da comitiva de Madamba vinha um de Ambaca, primo do soldado Paschoal, que frequentára a nossa escola para aprender as operações de multiplicar e repartir; e como as ficou sabendo quando se despediu de nós, nos veiu pedir para acceitarmos como lembrança um macaco, especie, para nós inteiramente nova, pelo que lhe démos uma arma lazza-

rina que elle depois de muito instarmos para que nos dissesse o que lhe deviamos dar tambem como lembrança, mostrou desejar, por se ter inutilisado a que trouxera.

O macaco era pequeno, olhos vivos, pello preto com uma especie de dragonas acastanhadas, cabeça pequena terminando seu pello no alto, em bico para cima, uma especie de penacho em pyramide, peito branco, orelhas pequenas; e foi este animal d'ahi em deante que estimavamos pela sua intelligencia, um dos nossos assiduos companheiros e d'elle temos de fallar muitas vezes por causa das suas partidas interessantes.

Como Muriba era o nome de quem se mais fallava entre o nosso pessoal e os Lundas, e na epocha póde dizer-se em toda a região que comprehende os estados do Muatiânvua, foi Muriba o nome que lhe démos e a que todos achavam muita graça.

CASOS MAIS GRAVES

Sempre Deus ajuda a quem trabalha, mas não é menos certo que o homem põe e Deus dispõe; e nós que acreditâmos n'estes principios como aphorismos, não estranhavamos qne nem tudo corresse á medida dos nossos desejos e esperavamos sempre até á ultima hora contrariedades, foi o que succedeu mais esta vez.

No dia 30 organisámos o pessoal de cargas que devia seguir sob as ordens do ajudante, de que faziam parte cinco rapazes do Congo, Loandas e soldados, para augmentar o seu numero. Pronunciára-se uma gréve dos Loandas para não seguirem, mas essa mesma se desfez ainda que não sem custo.

Recebêra o ajudante instrucções e estavam dadas as ordens de marcha não só para a sua secção mas tambem para a comitiva de Manuel Bezerra e Paulo do Congo, que seguia para Malanje, devendo uns e outros partir na madrugada do dia seguinte 1.º de dezembro.

Era porém esse dia, *terça feira,* o que não nos occorrêra, e tudo foi frustrado!

Fugiram tres mulheres de Paulo do Congo e nestas ía a sua deidade, a Malia, arrastada por Camonga a quem tinhamos mandado dar palmatoadas e jurára vingar-se.

Paulo tinha ído buscar a casa de um amigo numa povoação distante, uma porção de azeite que lhe offerecêra para o caminho, e os seus rapazes lá foram dar-lhe parte do occorrido o qual se apresentou num berreiro, lamentando a sua desgraça, parecendo-nos um doido.

Já se vê que os cinco rapazes do Congo que faziam parte da secção não podiam seguir, portanto uma das vantagens principaes que era a de se chamarem os dez que estavam na frente ficára prejudicada, e a comitiva que devia regressar, tambem não seguia. Á vista d'isto precisavamos empregar todos os nossos exforços para que as mulheres apparecessem e acrescia que emquanto o não alcançassemos, deviamos contar com as impertinencias de Paulo.

Occorrendo-nos que podia muito bem ser, que os do Muatiânvua se lembrassem de aconselhar aquella fuga, como um meio de contrariar a marcha da primeira secção, fomos logo dizer-lhe: que se um dia descobrissemos, fosse onde fosse, que elle não era estranho áquelle incidente, e ainda que tivesse o lucano no braço, contasse com o nosso desprezo pela falta de brio e de capacidade para tratar com os filhos de Muene Puto.

Tanto Ianvo como a Muari se mostraram muito pesarosos a seu modo, embatucaram, levaram as mãos á bôca, bateram palmadas e depois de uma pausa, disse-nos elle: «Esta minha gente quer-me desgraçar, procuram intrigar-me com o meu bemfeitor, são elles as desgraças d'estas terras. Não desconfie de mim, lhe peço, se eu ganhasse alguma cousa em não partir o ajudante do meu amigo, pedia-lh'o, ainda que eu tivesse a certeza que o meu amigo se zangava. Suppor que eu fizesse tal cousa é julgar-me mal. Não descanço emquanto não apparecerem as mulheres, quero que ellas digam quem lhes aconselhou a fugirem e por que fugiram».

Mais tarde ouviu-se um pregoeiro ameaçando com perda de bens, qualquer que désse couto ás fugitivas.

Como Paulo não podia seguir, tratámos de convencê-lo a que ficasse comnosco e nomeasse um homem da confiança d'elle para em seu logar apresentar o caixão do principe D. Miguel ao seu Rei, que fizesse seguir os seus rapazes na comitiva do ajudante para estes irem chamar Manuel (o capitão do caminho) e seus companheiros para o pé d'elle; e no entretanto nós empregariamos todos os meios para se encontrar Maria e as duas mulheres que foram com ella.

Tanto Xa Madiamba como Caungula pelo seu lado, mandaram saír portadores em differentes direcções mostrando o seu interesse em que apparecessem as mulheres, Paulo com os nossos soldados guiando-se pelas informações que ía obtendo, corria tambem de povoação em povoação seguindo a margem do rio Mansai para o sul.

Almoçavamos no dia 1, quando fomos prevenidos de um crime horripilante que acabava de praticar Canapumba Angunza na sua companheira, que nós não podemos deixar de attribuir ao caracter perverso d'aquelle homem, despertado pelo ciume e egoismo.

A sua Muari, sob qualquer pretexto e resultado de viver em desharmonia com este homem fugiu de casa levando a mallêta das suas missangas e foi procurar um quilolo do Caungula que parece lhe não era indifferente, acreditâmos mesmo, com quem já tinha algumas relações amorosas e d'esta vez, usando de uma praxe antiga, quebrou uma panella á entrada de sua cubata, indicação de que queria mudar de possuidor e escolhêra o proprietario para esse fim, o qual tinha de a resgatar.

Dois dias ali estivera e Canapumba recorrendo ao Muatiânvua, este interveiu, intercedendo com Caungula que pozesse termo á questão, fazendo com que o seu quilolo entregasse a mulher a elle Muatiânvua, o qual recebendo a mulher, aconselhou-a na presença de Canapumba a que vivesse bem com o seu homem e a este, que fosse com ella para casa mas não lhe fizesse mal algum.

Logo que a mulher chegou á cubata pede-lhe Canapumba as missangas, e como as não apresentasse considerou-se roubado, lançou a mulher no chão, tapou-lhe a bôca com um panno, amarrou-lhe os braços atraz das costas e abrindo-lhe as pernas, sentou-se sobre uma, lançou jindungo (pimentinhas) nos bordos exteriores da bocca do canal genital e introduziu-lhe por ahi um pau ponteado, carregando até onde poude.

Quando o sub-chefe foi vê-la, ainda o coração batia ligeiramente e nos braços e pernas não havia a rigidez cadaverica. Auxiliado do ajudante trataram de fricciona-la com o alcool, mas não deu accordo de si.

A MUÁRI DE CANAPUMBA

Pouco tempo sobreviveu ao crime, e nós logo mandámos o interprete dizer a Xa Madiamba que estavamos ao facto do occorrido e não podendo elle deixar de castigar severamente aquelle criminoso, o preveniamos que nos asseverara por mais de uma vez que não mandaria matar pessoa alguma, pelo menos emquanto a Expedição de Muene Puto estivesse junto d'elle; que nos constava não ser essa, a primeira morte que aquelle homem fazia durante a nossa viagem e portanto não podia ficar impune, era preciso castigal-o e se não tinha outros meios ordenasse que elle nos fosse apresentado, que nós tinhamos recursos para o mandar a Muene Puto pelos soldados que iam acompanhar a gente do Congo, e Muene Puto o castigaria.

Foi sua resposta: que o coração d'elle estava muito triste e não sabia ainda o que devia fazer, porque demais aquelle

homem lhe desobedecêra; não ouvira os seus conselhos nem attendêra aos nossos, de se não maltratar pessoa alguma; procurava na occasião socegar, para mais tarde fallar comnosco.

Passava do meio dia e entra no nosso quarto Augusto Jayme com um rapaz que se dizia filho de Canapumba que nos apresentou ao uso da terra, seis lenços como signal de seu pae para nos fallar em nome d'elle.

Entregámos os lenços ao interprete, e dispozemo-nos a ouvil-o.

Principiou referindo-se á questão de Cacheche, que nunca tivera têrmo, muito de proposito para continuarem as exigencias de pagamentos no futuro; queixava-se de Caungula como um homem que queria mal ao pae, e com quem constantemente procurava conflictos; que fôra elle o motor para a amiga fugir e que ficára com as missangas que ella levára da cubata e eram de Canapumba; que este sabendo já ter sido combinado matarem-n'o mandava pedir a nossa intervenção para não consentir que lhe tirassem a vida.

Fôra Augusto Jayme o interprete e depois de o ouvirmos, respondemos: que Canapumba era para nós um grande criminoso; que fomos nós o primeiro a exigir do Muatiânvua um castigo severo para aquelle homem, mas matarem-n'o não consentiriamos, porque seria para Muene Puto um outro crime que não desculpava o primeiro. Precisava ser castigado para exemplo, e como elle só pedia que lhe salvassemos a vida, fosse elle Jayme, procurar o Muatiânvua e lhe dissesse que precisavamos fallar-lhe.

Saíu, e nós escrevemos em seguida: que transes porque passâmos nestas terras! Ha pouco exigimos uma penalidade rigorosa para o criminoso de um assassinato com premeditação, e agora vamos pedir por elle, porque neste paiz, não ha meio termo: ou morte ou uma pequena mulcta! Vou interceder a final por um assassino, contra quem ha pouco me revoltei! Já se viu cousa assim?

Na Europa, mesmo onde a pena de morte foi substituida por um degredo perpetuo e trabalhos, haveria clemencia para um

caso d'estes com aggravantes? Deixar-se-ía viver um infame d'esta ordem na mesma sociedade e com as suas honrarias? Não, decerto. E comtudo, nós aqui somos forçados a pedir clemencia para um tal malvado, que se for feliz terá apenas de pagar, quem sabe se o equivalente a 4$000 ou 5$000 réis, em diversos artigos de commercio, o mesmo que em Portugal, se não fôr menos, do que corresponde a dar um socco num contendor!

E se a auctoridade não perdoar, o sentencear á morte e a execução se praticar; ainda dirão que isto só se faz em paiz de selvagens?

Como somos injustos!

Num dia, queremos se faça na Lunda, o que ha seculos se não tem feito em muitos paizes civilisados, a abolição da pena de morte!... mas adiante, tentemos sempre.

O Muatiânvua estava em audiencia, e ahi nos recebeu.

Fomos logo direitos á questão, porque demais, d'ella estavam tratando. Recordámos ao Muatiânvua a sua promessa por mais de uma vez feita desde que nos avistámos no Cassassa, considerando que era insuspeita a nossa intervenção agora, porquanto lhe haviamos exigido castigasse o malvado, mas se nós não queriamos a pena de morte, tambem não queriamos que o criminoso ficasse impune.

A bandeira de Muene Puto não podia proteger um potentado que mandava executar a pena de morte e por isso nós tinhamos de pedir a bandeira que lhe haviamos dado se estava obrigado a fazer matar aquelle homem; e que o dissesse antes para nós retirarmos.

Se elle Xa Madiamba tinha de se sujeitar ao voto de seus quilolos e estes tivessem opinião contraria á nossa, nos avisasse, porque retiravamos de junto de si, como amigos e não como inimigos.

Pode muito bem governar o seu Estado sem haver precisão de fazer correr o sangue do seu povo. Lembre-se que está como nós bastante velho e já nos ultimos dias da vida, não queira que depois de morto, os que cá ficam fallem mal de si.

Canapumba merece um castigo, mas nós dispozemo-nos a não o deixar hoje sem ter a certeza de que somos attendidos; deve ter o Muatiânvua a certeza que o nosso desejo é que os quilolos de maior grandeza na Mussumba o recebam bem.

Chegou Caungula e passámos para a chiota, grande barracão ao meio da anganda (pateo interior) onde estavamos mais á vontade por causa de muita gente. Xa Madiamba aproveitou a occasião de ir aos seus aposentos e nós fomos conversar com Caungula, que nos pediu sementes de alhos, de cebolas, de couves e de rabanetes, que ficámos de lhe mandar.

Xa Madiamba voltou, tomou assento e depois dos cumprimentos do estylo tomou a palavra e dirigindo-se ao Caungula e aos que com elle vieram, pol-os ao facto do que nós antes haviamos dito, e depois voltando-se para o nosso interprete: Quem foi que participou ao meu pae que era minha intenção mandar matar o Canapumba? Eu ainda não pensei no que devo fazer, porque nem sequer ouvi o meu avô Caungula, de quem sou hospede. Muene Puto sabe que nós temos tido em attenção a sua presença, pois ainda na cerimonia da lucanga lhe demos uma prova, não matando pessoa alguma.

Respondemos: que acreditavamos não tivesse ainda tomado uma deliberação a tal respeito, mas ou pelo habito em que estão seus subditos ou porque reconheçam como grande o crime praticado, era certo que tal boato chegára á nossa Estação e o proprio Canapumba, receioso que assim succedesse, mandou um seu filho pedir-nos que lhe salvassemos a vida, muito embora elle tivesse de pagal-a com qualquer outro castigo.

Como varias vezes temos declarado ao nosso amigo o que Muene Puto quer a tal respeito, insistimos em lhe fazer sentir que ninguem póde tirar a vida a qualquer pessoa, porque tambem não lh'a póde dar. Esse poder só a Deus pertence.

O Caungula e os Cacuatas, que todos haviam comparecido, fizeram conhecer a sua opinião nestes termos: que o crime foi grande e por isso, grande devia ser o castigo, mas ninguem podia fallar sem o Muatiânvua dizer o que estava no seu coração.

Xa Madiamba levou tempo a descrever o nosso encontro e citar os conselhos que lhe tinhamos dado em nome de Muene Puto seu protector, mostrou que nos queria ser agradavel, mas não podia deixar de attender que todos estavam irados contra o criminoso porque demais não respeitou a terra de um grande Muata que estava recebendo muito bem a elle e á sua visita representante de Muene Puto. Narrou depois o crime com todas as suas circumstancias aggravantes, e terminou dizendo que não podia ser perdoado, no que foi apoiado por todos.

Antes que alguem se lembrasse pintar o quadro mais feio, interrompêmos os apoiados e commentarios que já se faziam, para dizermos como entendiamos se devia castigar o criminoso.

Depois de uma grande discussão em que tomaram parte diversos, e nós por differentes vezes por elles supporem serem peores os castigos de Muene Puto que os do Muatiânvua, deliberou-se que elle pagaria a sua vida a este e ao Caungula.

Xa Madiamba querendo encerrar a sessão, disse ao nosso interprete que nos participasse o que ficára resolvido e nos perguntasse se estavamos satisfeitos.

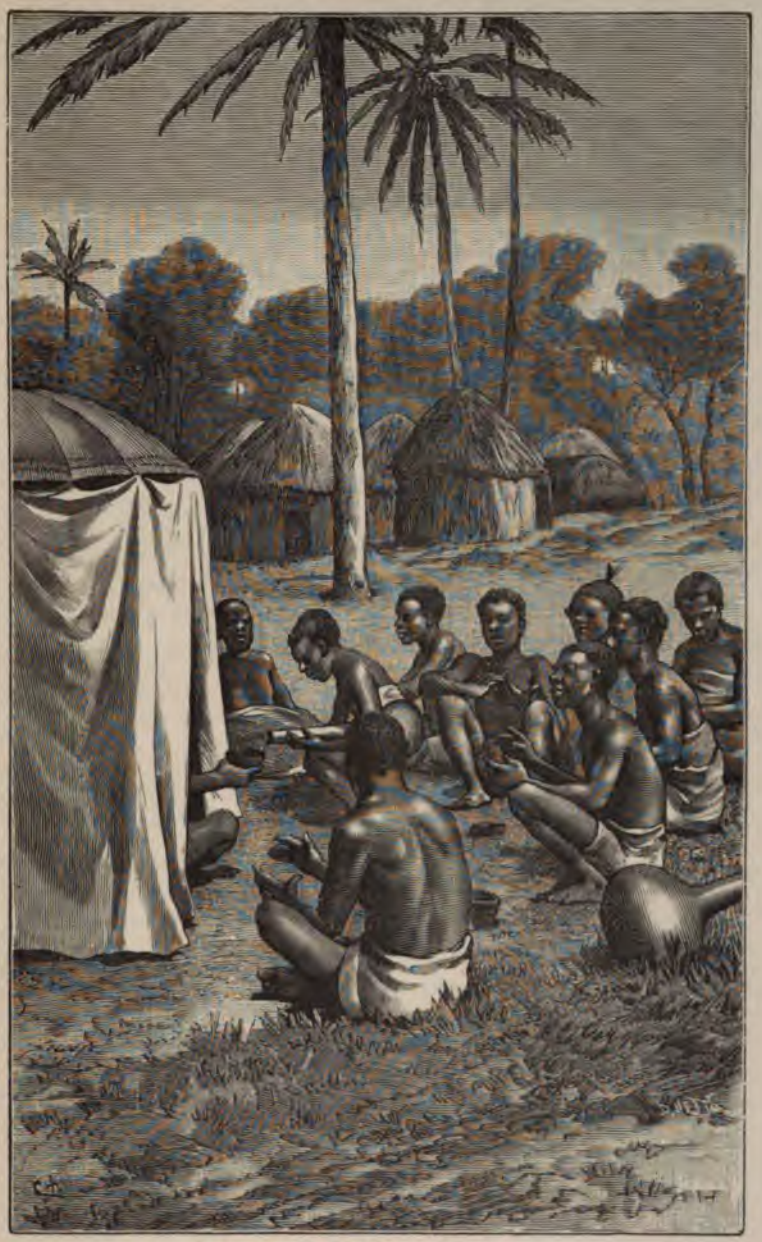
Como dissessemos que sim, terminou a sessão, pedindo-nos Xa Madiamba para bebermos malufo com elle e Caungula. Bebemos uma caneca e retirámos.

Na madrugada do dia 2, Canapumba enviára a Xa Madiamba dois banzos de fazenda [1] e dois barris de polvora para lhe indicar o logar em que devia ser enterrado o corpo da mulher e aquelle respondeu ao portador que apresentasse o que trazia ao Caungula que era o senhor da terra.

A condemnação, fôra do pagamento de seis servos, duas armas, quatro barris de polvora, dez pannos e de sua filha para milombe (aia) da Muari. Esta era o signal de lavado o crime para com o Muatiânvua que continuava a manter-lhe as honras que lhe concedêra no seu estado em viagem.

---

[1] Cada bonzo equivale a 6 peças, entre nós a 5$100 réis.



MUATIANVUA BEBENDO MALUFO

A condemnação foi entregue a Caungula por o crime ser praticado na sua terra, e este repartiu com o Muatiânvua o pagamento que recebeu.

Depois do enterro, veiu Canapumba rojar-se a nossos pés, todo coberto de pó branco, agradecer a nossa intervenção, dizendo que d'ali em deante era escravo de Muene Puto, pois a este pertencia a sua vida.

Mandámos então que o primeiro interprete, o qual por doente não assistíra á audiencia mas que passava o dia sentado e podia escrever, levantasse um Auto de Noticias, sobre o successo que se devia á influencia da nossa Expedição, ouvindo como testemunhas diversas pessoas que presencearam os debates e tiveram conhecimento de todas as occorrencias.

Alem dos dois casos que consideravamos de gravidade para a nossa missão nestas alturas, porque sem as resolver não era possivel fazer saír as secções que estavam preparadas para esse fim e se succederam sem interrupção; logo nesse dia, se deu terceiro, e este era dos taes que demandava a nossa mais séria attenção porque podia ter consequencias muito graves e prejudicar a nossa causa altamente.

Chegára a embaixada de Quiocos de Mona Muxico que se compunha de seu sobrinho Mulolo, do velho conselheiro Quicurica e outros, sendo dois rapazes do Quiesso subdito do Caungula.

Na vespera, já de noite, os dois rapazes de Quiesso, quilolo de Caungula, vieram participar a este, de mandado de seu amo, que Quiniama (Mona Muxico) estava disposto a enviar uma embaixada para propor-lhe as condições de pazes com seu sobrinho Mucanjanga e Quiesso pedia as suas ordens. Caungula respondêra: que avance a embaixada, mas sem armas.

A embaixada alojou-se na povoação do Fuma, sobrinho de Caungula proximo da residencia d'este e durante o dia, começaram a parlamentar com pessoas de confiança do Caungula constando que vinham informar-se dos motivos das queixas de Mucanjanga e se Caungula, com quem Muxico queria conti-

nuar a viver em boa amisade, estava disposto a pagar indemnisações das tres vidas que os Quiocos perderam na guerra, compromettendo-se elle, a entregar-lhe o pretendente Matata.

Veiu Caungula de tarde conferenciar comnosco em particular sobre isto, que era do seu conhecimento, e das disposições em que estava de não ceder a exigencias, não deixando todavia de ser rasoavel e adoptar como principio não os provocar.

Não podiamos deixar de corresponder á sua franqueza e por isso foi nosso voto que depois d'elles exporem os motivos por que Muxico os enviára, se fosse certo estar este auctorisado a apresentar Matata, o apresentasse e depois d'isto elle Caungula não devia ter duvida para socego das suas terras, em fazer o pagamento das vidas qne pediam, não a titulo de indemnisações de guerra porque Caungula as não provocou a fazerem-se nem tão pouco foi vencido, mas ainda porque não lhes propoz a compra da paz, mas como gratificação de lhe entregarem o seu quilolo rebelde.

Acceitou Caungula bem este nosso conselho e pediu-nos para no dia seguinte assistirmos á audiencia do Muatiânvua em que a embaixada tinha de ser ouvida.

Antes d'esta audiencia, seriam nove horas, vieram os Quiocos cumprimentar-nos e o tal Quicurica era quem fallava, apresentando-se-nos como neto de Quiniama, neto á moda d'elles, porque um seu ascendente fôra neto de um Quiniama e assim sempre será, em quanto houver um Quicurica e um Quiniama que representem os primeiros d'estes nomes embora o neto, como succede agora, seja muito mais idoso que o avô.

Mulolo não viera, por isso Quicurica, depois da sua apresentação começou o seu maézu por dizer: Mulolo manda-nos da parte de seu amo Muxico [1] cumprimentar Muene Puto seu amigo, por saber que está aqui hospedado.

---

[1] Mulolo durante a missão que veiu desempenhar era Muxico para todos os effeitos e o que fizesse, era Muxico o responsavel.

Muxico procura transaccionar com Caungula as pazes com os Quiocos, porque Muxico está velho e quer viver em boa amisade com os seus visinhos, segue para Muata Cambana onde tambem vae tratar de negocios de indemnisações com este, por casos que se deram ha tempos. Cumbana mandou pedir a Muxico um feitiço para se livrar de um quilolo inimigo, o feitiço produziu o effeito desejado, e até agora, nem sequer o participou ao seu amigo.

Como se vê, são sempre os Lundas que alem de mostrarem as suas fraquezas aos Quiocos, procuram servir-se dos seus prestimos e depois provocam as questões sem se lembrarem que elles miram haver os interesses que lhes promettem e sempre depois dos serviços feitos.

Tinhamos de ser cuidadosos nas nossas respostas, por isso prevenimos os que nos serviam de interpretes, que tomassem muito sentido no que queriamos unicamente se dissesse, não mettessem cousas do seu alvedrio nas transmissões a fazer-lhes e em não percebendo a significação das nossas palavras, nos perguntassem muitas vezes, que não nos zangavamos por esse motivo.

Do coração desejavamos que alcançassem as transacções que em boa harmonia vinha negociar da parte de Mona Muxico com Caungula, porquanto era de toda a conveniencia que entre povos visinhos se mantivessem relações de paz e que garantissem a amisade e socego que só se encontra na paz, porque só assim uns e outros podiam tratar com os precisos cuidados de suas familias, das casas, das lavras e de negocios.

Os Quiocos são muito trabalhadores, caçadores perseguem a caça até muito longe, precisam de viver bem com todos os povos, tornando-se estimados, para que encontrem o transito sempre livre e se lhes offereça por toda a parte a hospitalidade de que carecem nessas suas deligencias.

As dissenções, as luctas continuadas, as guerras, desviam os caçadores e negociantes das povoações, e os Quiocos devem estimar ganhar tempo encurtando distancias aos mercados de seus negocios, pois agora é preciso ir muito longe em procura

de borracha e marfim; deve até convir-lhes que feitorias de Muene Puto se estabeleçam nas terras da Lunda para ahi permutarem os productos que tenham alcançado nas suas explorações por fazendas e outros artigos que precisarem para seu uso.

As nossas considerações levaram-nos mais longe por vermos que nos percebiam e fomos até á questão do Lubuco, que elles Quiocos para si querem a primasia de ter descoberto os seus mercados.

Quilunga, continuámos nós, conheceu bem o partido a tirar de Muquengue e é certo que poucos annos passados vieram os inglezes (allemães) e principiaram a procurar a sua amisade levando a felicidade ás suas terras. Os Quiocos não quizeram receber bem os inglezes, por isso foram prejudicados, ganhando com isso Muquengue; e os povos d'este, têem ganho muito com as mercadorias que elles lhes levam.

Fomos interrompidos nesta altura: a culpa é dos filhos de Muene Puto, porque aquelles queriam roubar as nossas terras como estão fazendo aos *bana-moio;* mas nós havemos de fazer ver ao Muquengue que tudo nos deve e se quizer mostrar que é homem, ha de medir-se comnosco, póde elle trabalhar para os inguerezes, que nós continuâmos a trabalhar para Muene Puto, não queremos conhecer outros brancos.

Não contrariámos o modo de pensar d'elles a tal respeito e só insistimos que para os Quiocos era mais vantajoso a paz do que a guerra com os seus parentes lundas.

Os Quiocos são homens de trabalho e de negocios, têem portanto mais a perder nessas contendas com os Lundas, do que estes, estão mais em contacto com os negociantes de Muene Puto e devem por isso mesmo evitar as guerras, conservar os caminhos sempre limpos para os negociantes passarem.

Agradecendo o que lhes haviamos dito, sentiam que não podessemos avistar-nos com Mona Muxico, que era da nossa opinião e havia de gostar ouvir-nos.

Como eram horas para a audiencia, retiraram, ficando de voltarem com Mulolo quando se despedissem do Caungula.

Avisado de que já havia principiado a audiencia, para lá nos dirigimos e tivemos de supportar um sol abrazador.

No pateo de entrada já todos haviam tomado os seus logares na ordem do costume, havendo-se formado uma grande arena e já se tinham dado episodios pouco convenientes para o caso. A gente da Lunda, exigiu que os embaixadores que tinham os corpos tapados com os seus grandes angubos (pannos forrados) descobrissem os hombros e peitos por estarem em presença do Muatiânvua, senhor das terras. Naquelle momento era a questão da força bruta a impor-se a um insignicante numero de homens, sem lhes occorrer que a 3 kilometros de distancia estavam os Quiocos armados em grande numero.

Quando chegámos, já o Muatiânvua havia apresentado os embaixadores aos circumstantes, communicando-lhes o fim a que vinham. Sem que a estes fosse concedida a palavra, ora de um ora de outro lado, homens de Caungula e do Muatiânvua, por sua vez de faca desembainhada entravam na arena aos saltos mostrando as suas valentias, censurando os Quiocos e defendendo o Caungula, ameaçando que não temiam Muxico nem todos os Quiocos juntos, que elles eram servos do Muatiânvua, senhor da Lunda etc., uma serie de desconchavos por este gosto, que para nós só servia de os malquistar com os Quiocos e mais azedar as dissidencias que já existiam; e surprehendidos, assistiamos impassiveis aos doestos, esperando o final da scena que se estava representando.

Um dos falladores mais atrevidos e que chamou a nossa attenção, disse: não fomos nós que contendemos com os Quiocos, foram elles que vieram cá; tiveram de fugir do valente Caungula, e se voltarem, hão de fugir outra vez; estas terras são do Muatiânvua e todos que estão aqui se dispozeram a defendel-as e promptos a morrer por elle. Caungula não paga indemnisação alguma, são os Quiocos que vieram ataca-lo, que lhes devem pagar o seu atrevimento; não tinham rasão para atacar Caungula e vir collocar em seu logar Angunza Matata; quem é Angunza? Já se viu um servo, filho do nada, pretender o logar de um Muata Cárula do Muatiânvua? Os Quiocos é que

têem estragado as terras da Lunda, pretendendo ser mais que o Muatiânvua. Mona Muxico é um filho dos avós de Lueji, como o Muatiânvua, o Quissengue e todos os descendentes de Na Cambamba á Nama; não foi o Muatiânvua que os expulsou foram elles que se foram, e querem vir agora atacar os seus parentes? Na Cambamba Mussopo á Nama não quiz guerras, se V.cês seus filhos a querem, venham, que nos encontram aqui; matem-nos primeiro e levem então o que quizerem; têem polvora, tambem nós temos alguma; querem pagamento pelas vidas dos que morreram? Vão pedil-as a Matata, etc.

Assim continuaram uns e outros mais de uma hora, sempre aos saltos, recitando acompanhados do chinguvo.

Quando terminaram disse Xa Madiamba: Ouvistes o povo? ide dizer a Mona Quiniama, meu filho, que nada nos move contra o velho parente e amigo; quer saber das rasões da guerra contra Caungula, mande procural-as a quem as promoveu. Caungula, nosso parente, está neste Estado porque o Muatiânvua o collocou e só por morte o póde deixar; querem mal a Caungula? Pois este é o offendido, foi um dos vossos que primeiro o provocou, roubando-lhe uma rapariga. Mais tarde quizeram apoiar a pretenção de Matata, que é um servo d'elle, e ultimamente lhe trouxeram guerras a diversas povoações. Querem indemnisações? dou-lh'as eu. Apresentem-me Matata vivo ou morto; não querem assim? Mona Muxico que venha collocar Matata no Estado do Caungula e exija-lhe então as indemnisações; nada mais temos a responder.

Chovia, levantaram-se todos, Caungula montou-se sobre os hombros do seu quimangata e lá foi de batida pela estrada D. Luiz I, rodeado de todo o seu povo. A embaixada retirou e nós em seguida, mas bastante impressionados, não nos agradando a recepção que se lhes fez, não os deixando fallar sequer.

Bem sabemos: que aquelles homens na vespera, haviam parlamentado com os quilolos de confiança de Caungula; que quaesquer accordos se fizeram então; e que a scena da audiencia apenas representa uma questão theatral, de effeito para os que não tiveram conhecimento d'aquelles accordos. No em-

tanto nós, notámos que os da embaixada olharam para tudo com cara de pouco satisfeitos e por isso mandámos um dos interpretes dizer a Xa Madiamba que agradeciamos ter-nos convidado para assistirmos á audiencia, mas não nos tornasse a chamar para scenas tão pouco serias para um Muatiânvua; que nós não ouvimos os embaixadores nem sabiamos o que queriam, só vimos gente aos pulos, insultando os Quiocos e ameaçando-os. Parecia pois que a gente do Muatiânvua quer guerra com os Quiocos de Muxico, em vez de procurar saber o que este queria, e discutir com elles a causa que pretendem defender. Se isto era usado nas terras do Muatiânvua, nós não tinhamos taes usos nem podiamos appróva-los.

Mandou-nos dizer Xa Madiamba que tinhamos rasão, o que se passára foi uma criançada; esperava que Caungula fallasse para encaminhar as cousas, porém os rapazes começaram o cufuinha antes de tempo, veiu a chuva, e como elles já tinham trocado palavras com Caungula, dera então a sua resposta para Mona Muxico; mas o que se não fizera hoje podia fazer-se ámanhã e esperava que nós assistissemos para aconselhar todos para bem.

No dia seguinte, de madrugada, apesar da chuva fomos fallar com Caungula para não despachar os Quiocos sem que elles fossem novamente ouvidos pelo Muatiânvua, que lhes dava audiencia nesse dia, visto na vespera não os terem deixado fallar. Mostrámos quanto nos contrariára o procedimento que houve para com elles, porquanto desde o momento em que se acceitavam os parlamentarios, por muita rasão que houvesse contra quem os mandava, era um dever trata-los bem e escutá-los com attenção. O Muatiânvua dizendo-lhes «*tragam Angunza para o Estado que eu levo Caungula para a Mussumba*» acceitou-lhes uma guerra; e isto não foi resposta conveniente quando elle está em viagem para a Mussumba e deve ter em attenção o perigo que está correndo Mucanza.

O nosso amigo Xa Muteba já ouviu os homens? Não. Pois o Muatiânvua tambem fallou por informações e nestes casos tudo que se praticou tem muitos inconvenientes, porque se a

attitude dos Lundas foi provocante, as narrações exageradas que os Quiocos hão de fazer a Mona Muxico, mais hão de exasperal-o.

Caungula deu-nos rasão e disse: que na vespera á noite o Muatiânvua lhe mandára dizer que não despachasse os Quiocos sem elles irem á ambula fallar-lhe, embora de madrugada, pois assim o queria Muene Puto e elle já os tinha feito avisar.

Acabava de dizer isto e um Cacuata de Caungula participou-lhe que Mulolo e os seus companheiros pediam as armas para retirarem, visto o Muatiânvua já os haver despachado no dia antecedente com o recado que deviam levar a Mona Muxico. Disse mais, que Mulolo estava sentido pelo modo como o trataram os Lundas na audiencia, obrigando-o a sentar-se em chão razo e a descobrir o peito.

Rasões tinhamos para suppor que os homens não podiam estar satisfeitos e de facto, Mulolo representando para todos os effeitos Mona Muxico, devia ser tratado com todas as honras que a este pertenciam.

Caungula mandou dizer a Mulolo que o Muatiânvua para onde elle ía partir na occasião, queria ouvil-o para depois o despachar.

A recepção teve logar no grande barracão, orou Mulolo que disse com pequenas differenças o que já era sabido: Muxico saíra da sua residencia para ir a Muata Cumbana e como Mucanjanga estava sendo muito apoquentado pelos parentes dos Quiocos que morreram na guerra e lhes exigiam o pagamento das vidas d'estes, desviou-se um pouco do caminho para conseguir que Caungula, com quem sempre mantivera boas relações de algum modo contentasse seu sobrinho. Eram elles os encarregados d'aquella missão e desejavam levar uma boa resposta a Mona Muxico.

Xa Madiamba chamou os Suanas d'elle e de Caungula e um quilolo velho, muzumbo, para o centro, e deu a palavra a Camexi (o Fuma), sobrinho de Caungula, para fazer o relatorio sobre as questões que suscitaram a guerra de Mucanjanga e o que succedeu até agora a tal respeito.

O rapaz fallou com muita verbosidade, mais de uma hora, sempre apoiado, e era considerado um bom historiador.

Começou pela historia da Lunda para chegar á constituição do Estado de Caungula e deu conta de todos os potentados que se seguiram desde o primeiro Caungula conquistador das terras até ao actual Xa Muteba.

Tratando d'este, fallou do quilolo Angunza Matata, desenvolvendo o que já é sabido a respeito d'elle e passou as boas relações que sempre Caungula mantivera com os Quiocos, nestes termos.

Nunca Caungula negou licença aos Quiocos para fazerem suas povoações e lavras, nunca os expoliou nem se importou com os seus negocios, antes lhes ha permittido livre passagem para o Lubuco e outros pontos do norte onde vão fazer suas caçadas. As carnes e machados que lhes têem apresentado, sempre lhes pagou. Nunca lhes fez sequer uma exigencia.

QUICURICA E MULOLO

Convidado para fazer uma guerra a Mona Muxico, não acceitou porque o considerava seu amigo e parente.

Para que e porque motivo entendeu Mucanjanga e outros, auxiliar as pretenções de Angunza Matáta? Podia este fazer-lhe mais bem do que Caungula? Não. Então porque seria? Porque os Quiocos não são amigos dos Lundas.

Muitos ápartes da gente de Caungula reforçavam os argumentos de Camexi e a gente de Mulolo são só apoiava mas mostrava muito boas intenções de Muxico com respeito a Caungula.

Os Quiocos attribuiam as responsabilidades aos mais influentes das povoações de Mucanjanga e de Mona Ambumba e asseveravam que todos os de Muxico procuraram sempre manter boas relações de amisade com os Lundas e principalmente com o povo de Caungula.

Tambem Caungula invocou o testemunho de Mulolo e seus parentes para provar que nunca fôra hostil a Mona Muxico nem mesmo com Mucanjanga e com este continuaria a viver bem, se elle não tivesse querido medir valentias. Não fôra elle Caungula que o provocára, mas sim Mucanjanga que encarregou Cabouco, que vivia nas terras d'elle, para o desafiar. Confiou em Matata e pede agora indemnisações pelos que morreram na guerra! Matata é que as deve pagar.

Apresentem-me Matata que eu pago as indemnisações.

Xa Madiamba quiz pôr termo á discussão, dizendo ao nosso interprete que fôra Muene Puto quem o aconselhára a que se ouvisse Mona Muxico, por não ter fallado na vespera pela confusão que se estabeleceu e por causa da chuva, e como nós agora soubessemos tudo o que se havia de dizer, desejava conhecer da nossa opinião.

Principiámos por agradecer ter sido attendido o nosso alvitre que nos permittia estudar a questão e a intervir nella depois de ouvir uns e outros. Não nos parecia difficil dar agora conselhos que os conduziriam a uma conciliação sem haver quebra de dignidade de parte a parte.

Convenceu-se Mona Muxico que Caungula fôra provocado a uma guerra por Angunza que pretendia tirar-lhe o logar em que o collocára o Muatiânvua, e como não conseguira partido entre os Lundas fôra convidar Mucanjanga fazendo-lhe promessas de bons interesses logo que conseguisse o seu intento. Caungula teve força para resistir aos inimigos e repelli-los, e na refrega morreram alguns d'estes. Nas terras de Muene Puto se tal succedesse, quem ficava victorioso nada tinha que pagar aos vencidos, mas aqui vemos que Mucanjanga se julga com direito a haver o pagamento das vidas dos que morreram! E se fosse Caungula que morresse, quem pagava a vida d'este?

É certo que as duas raparigas prisioneiras e livres o chingufo de Mucanjanga em poder de Caungula e era isto que Caungula entregaria a Mucanjanga, se este oferecesse resgate.

Caungula não se importava com este resgate e mesmo indemnisa o portador de Mucanjanga ou de Muxico que lhe apresentar vivo ou morto Matata, é já uma proposta que devo agradar a Mona Muxico e os embaixadores têem de suspender por emquanto a sua missão até conhecer se elle a acceita.

É nosso voto pois, que Caungula mande dois homens acompanhar os embaixadores ao acampamento de Mona Muxico que lhe participem como as cousas se passaram e as conclusões a que chegaram.

Mostraram-se todos satisfeitos e os Quiocos vieram estender-nos a mão, signal de despedida, seguiram para o acampamento e nós retirámos para a Estação onde os nossos rapazes nos deram parte pouco tempo depois, terem ouvido os da Lunda dizerem que o Muatiânvua e Caungula procederam bem por terem sido guiados por Mucno Puto, pois com a resposta da vespera, os povos de Caungula ficavam sujeitos a uma grande guerra de Quiocos.

A resposta só chegou oito dias depois: que lhe entregasse Caungula as duas raparigas como signal de amizade com Muxico; que este seguia já para Cumbana e quando regressasse ao seu sitio se comprometia a fazer com que Matata lhe fosse apresentado.

Houve uma nova audiencia, mas esta, só dos homens mais velhos que acompanhavam o Muatiânvua e chefes de Caungula e os embaixadores. Depois de uma discussão demorada de que tomámos parte, Caungula para mostrar a sua boa disposição para com Mona Muxico, principiou-se a entregar agora uma das raparigas e esperar que lhe entregassem Matata ou que este se comprometesse com Mucanjanga para então lhe entregar a outra.

Aconteceu ainda na occasião que a outra rapariga era companheira de um dos nossos carregadores de Quessua, que já

não estava no sitio, e por isso nós dissemos a Caungula que a mandasse substituir.

Voltaram no dia 14 os embaixadores e como já sabiamos que os Quiocos não desistem de pôr termo a uma questão ainda que leve annos a resolver-se e isto nos podesse prejudicar, e tambem porque nos empenhavamos nas pazes entre Caungula e Muxico, tomámos sobre nós a responsabilidade de neste dia concluir as negociações e a contento de ambas as partes.

Interessa-se Mona Muxico em alcançar os refens de guerra para mostrar a Mucanjanga que ainda tem prestimo, e é amigo de Caungula com quem diz quer viver em harmonia; e quem garante que Mona Muxico se interesse por Caungula? Os embaixadores estão auctorisados a fechar as negociações hoje?

Afiançando-nos que dariam a *pemba* se Caungula chegasse a um accordo satisfatorio com elles, dissemos: na ultima entrevista resolvera-se que Angunza Matata é quem devia pagar a Mucanjanga as vidas dos homens que morreram e garantia Caungula esse pagamento se lhe entregassem Angunza. Mona Muxico hoje considera esta parte da questão resolvida e pede os refens da guerra para poder garantir as pazes, e Caungula já disse que entregava parte dos refens, reservando a outra parte para quando satisfeitos os compromissos de Mona Muxico. A sua intervenção nesta pendencia é devida a Mucanjanga ter dito que elle estava velho e só servia para beber malufo, quer mostrar que ainda presta para muito e que é amigo de Caungula, pois bem, somos nós enviados de Muene Puto que vamos impor as condições para o bom viver entre Quiocos e Caungula, garantindo por parte d'este o que propozermos.

Caungula não quer saber de Angunza Matata, mas não lhe permitte que volte ás terras do seu Estado, sujeitando-se, se nestas apparecer ás consequencias que não podem ser boas para elle, porque é considerado como um inimigo de Caungula; não tem Caungula que pagar indemnisações porque não foi quem provocou guerras com os Quiocos e foi obrigado a defender-se; se Mucanjanga julga ter direito a indemnisações, que as vá pedir a Matata; podem continuar os Quiocos a entrar

nas suas terras, que os considera como amigos até ao momento em que façam novas provocações com os seus povos, que então empregará todos os exforços para os repellir; como signal de que confia em Mona Muxico, entrega aos embaixadores uma das raparigas de Mucanjanga e se este se conformar com o que nós decidimos, póde mandar buscar o resto dos refens, mas para segurança de Caungula os embaixadores darão já a pemba; e Mona Muxico continuará a sua viagem para Muata Cumbana.

Quicurica declarou estar satisfeito com o modo por que nós resolviamos a pendencia e asseverou-nos que Mucanjanga acceitava bem o que fizesse Mona Muxico, não podia fazer mais exigencias e como a sua missão estava terminada, recebeu a rapariga e deu a *pemba* ao uso dos Quiocos.

Estavam as pazes entaboladas, dependente da rectificação de Mucanjanga o receber elle o resto dos refens, houve portanto nesse dia grande festa na chipanga de Caungula, em que os embaixadores foram comer e beber com elle.

Quicurica recebêra para levar a Mona Muxico uns presentes de Caungula, que os fez acompanhar, como de costume, para conhecer se os presentes foram entregues ao destinatario por dois dos seus Cacuatas, e nós quando Quicurica veiu despedir-se e agradecer a nossa intervenção, tambem o presenteámos com tabaco, e sal, um panno de lenços; e para Muxico um bom panno da costa e dois rolos do nosso tabaco.

Os Quiocos admiraram muito o nosso quibango (Estação) e lamentaram que nós não tivessemos visitado seu amo e na sua terra feito construir tambem um quibango para os filhos de Muene Puto irem descansar e fazer algum negocio.

A este proposito informou-nos Antonio Bezerra que Mona Muxico tratava muito bem os *quimbares,* todos os dias os ía procurar para conversar, e o seu maior prazer era comer e beber com elles, o que fazia nos quibangos ou na sua propria residencia, para onde os convidava.

Nunca ouviu os negociantes, mesmo Bangalas, queixarem-se da má hospitalidade de Muxico e tinha fama de evitar que a gente do seu povo promovesse questões com elles.

A questão das mulheres de Paulo do Congo, tambem se complicára e nos dera bastante trabalho, conseguindo nós nesta questão, empenhar não só Xa Madiamba e Caungula, mas muito mais gente, o que fez desenvolver a intriga entre alguns, de fórma que se chegou a apontar mais de um individuo interessado na fuga das mulheres, do que resultou recorrer-se aos juramentos.

Caungula havia combinado com o Muatiânvua acabar com aquella questão que era vergonha para elles, indemnisando Paulo dos prejuizos, entregando-lhe tres mulheres em logar das que fugiram. Convenciamo-nos que Paulo não queria, porque preferia Maria a tudo que lhe que quizessem dar em logar d'ella. Todavia isto era um bom alvitre para nos libertarmos de empecilhos, fazer seguir a diligencia para Malanje e elle que continuasse a marchar comnosco, se quizesse.

Queriam os do Muatiânvua fazer-nos convencer que era gente do Caungula que tinha escondido as mulheres, o Caungula afiançava que os Cacuatas do Muatiânvua sabiam onde ellas estavam e Paulo não perdia a occasião de gritar, ora contra uns ora contra outros.

Caungula não queria molestar o Muatiânvua e no emtanto disse que estava prompto a justificar os seus quilolos como innocentes, bebendo por todos juramento, e Muene Tubundo tomou a responsabilidade de acceitar o desafio, em nome dos Cacuatas e do Muatiânvua.

O que elle disse! Caungula convidou-o a ir á sua residencia para esse fim, e como nós interviessemos, assegurou-nos Caungula que dois cães é que haviam de bebel-o.

Perdeu Muene Tubundo, e este então tratou logo de chamar Ianvo, muzumbo do Muatiânvua, para preparar a bebida, porque elle queria mostrar entre os incriminados, pelo juramento de Caungula, que era um dos innocentes.

Tomou dois cães, escolheu um para o representar, fizeram a ambos beber a tal jurupiga (muave) e depois de um certo numero de voltas caíu o contrario. Já se vê Muene Tubundo e os que o rodeavam fizeram logo grande ovação, gritaria,

assobiada, porque estava provada a innocencia de Muene Tubundo e dos seus.

O modo como entre o gentio se procura demonstrar a innocencia no crime que se imputa qualquer e que a extranhos repugna, é muito usual entre os africanos na provincia de Angola, e tanto que os Ambaquistas, pela tradição dos seus passados educados pelos missionarios catholicos que lá introduziram o juramento aos Santos Evangelhos, interpretam aquelle uso como juramento.

Os mais em contacto com a civilisação, aquelles que na provincia se habituaram mais aos nossos usos e costumes, deixaram de ser rigorosos na forma, em vez de ser o individuo supposto criminoso que bebe a tal bebida preparada por um *anganga,* mesinheiro, é um animal qualquer, uma gallinha inclusivé, que lhe pertença ou que se obtem de qualquer forma para o representar.

Em Malange tivemos conhecimento de alguns juramentos que se fizeram nos sobados proximos da villa, mas um no Calandula vizinho foi dos mais rigorosos que soubemos, porque a bebida foi tomada por pessoas, de que resultou morrerem tres, sendo duas d'estas mulheres que incharam de uma maneira desconforme.

Os nossos carregadores de Malange pela mais pequena cousa convidavam-se a prestarem o juramento á custa de animaes para provarem a sua innocencia.

Alem do Cuango, entre povos tão diversos como os que vimos, observámos que acceitavam bem esta modificação que se lhes tornava mais suave.

Nós, com franqueza, convencidos elles que ficava dependente da sorte reconhecer-se da falsidade ou dos crimes de qualquer e temerem-se que esta lhes fosse desfavoravel, se não podiamos tolerar tal uso, não estranhavamos que entre elles se praticasse á falta de conhecimento de outro meio a justificarem sua innocencia; e muitas vezes lembramos como expediente se devia fazer na intenção de o não consentirmos, mas que no momento nos serviu para fazermos um melhor

juizo na apreciação de factos que se deram e em que tinhamos de intervir como auctoridade.

Para nós a questão era de receio; e consideravamos que em todas as religiões haviam juramentos de formas muito diversas e aceitámos bem a interpretação de juramento para aquelle uso, desde que não era a humanidade que soffria as consequencias.

Era de facto Muene Tubundo o mais causticado por Paulo, porque se dizer ainda parente de uma das mulheres e ser uma das visitas mais assiduas que recebia Paulo, de quem se dizia amigo.

Se este estava satisfeito, não ficára menos Caungula, porque pela praxe eram os do Muatiânvua, isto é, o proprio Muatiânvua quem tinha de pagar a fuga das mulheres. Não se importava Caungula auxiliar o Muatiânvua dando-lhe duas mulheres como deu, uma com uma filha de mezes, mas o que não queria era fazer o pagamento suppondo alguem que o fazia por ter escondidas as mulheres, que preferia ás que dava.

Xa Madiamba entregou tres mulheres a Paulo, que só depois de muita discussão as recebeu, compromettendo-se elle e Caungula a providenciar para as outras serem prezas e entregues quando se descobrisse em todo o tempo o seu paradouro certo, mas ainda esta questão não terminou com estas providencias, como veremos.

CHIQUELE

MARCHA DAS SECÇÕES

MARABÚ

Nomeado o pessoal e preparadas todas as cargas que deviam seguir com o ajudante para a margem esquerda do Chicapa, que ali tinha de estabelecer o acampamento Andrade Corvo, aguardando a nossa chegada, que dependia de contratarmos carregadores; emquanto o sub-chefe seguiria para a margem esquerda do Luachimo em que se devia estabelecer o acampamento Marianno de Carvalho, onde era certo demorar-nos algum tempo para que ahi se reunisse toda a expedição; depois de uma lucta em dias successivos, póde dizer-se durante um mez para resolver pendencias que eram entraves á nossa marcha, e que deram logar aos episodios, incidentes e casos graves apontados; conseguiu-se emfim, que aquella secção partisse no dia 6 de dezembro ás sete horas da manhã e em quatro marchas pequenas, venceu a distancia ao ponto do seu destino, onde foi encontrar, como ao ajudante haviamos annunciado, a comitiva do Ambanza Madamba, que elle suppunha por informações já ter passado o rio e seguido viagem.

Mostrava-nos este facto mais uma vez, que o filho do Muatiânvua Noeji, que nós acompanhavamos, estava realmente reconhecido pelos potentados da Lunda com quem iamos deparando, como o Muatiânvua eleito pelos quilolos da Mussumba e que, as ordens que elle dava se cumpriam.

Era facultativo aos carregadores da secção voltarem para ganharem gratificação pelo transporte de novas cargas, e com os que voltaram apresentaram-se Manuel do Congo com treze rapazes, que eram os que estavam na margem do Luachimo.

Manuel pareceu-nos esperto e destemido, e informado das occorrencias com Paulo, disse-nos que o desculpassemos, que elle era um homem velho e estava meio demente, por causa d'aquella mulher que muitos prejuizos já havia dado á expedição do Rei do Congo.

Com o apoio de Manuel, estava resolvido que Paulo fazia seguir cinco homens seus e toda a gente resgatada que pertencia ao Rei do Congo, para Malanje; Paulo e Manuel ficariam com os mais rapazes ao serviço da nossa Expedição e nós no emtanto, diligenciariamos que alcançassem mais indemnisações dos seus prejuizos e se apparecesse Maria, a fariamos entregar a Paulo.

Segundo o que nos contou Manuel, e mais concorda com a antiguidade que parece ter a ossada que vimos e dizem ser do principe D. Miguel, foi em 1874 que o Rei do Congo [1] despachou Paulo com uma pequena caravana de fazendas, polvora, missangas e armas, no valor approximado de 300$000 réis para negocio, nas terras de Capenda ca Mulemba. O Rei, antes fazia, negocio com um potentado visinho, Ambambo, nas proximidades do Cuango, que tinha marfim de Muene Puto Cassongo. Paulo fôra até ao rio Uhamba, onde numa povoação na margem direita d'este rio, conseguiu transaccionar a sua pacotilha.

---

[1] Parece ser esta Expedição a que se referia o Rei na carta que nos escreveu e publicâmos em documentos diversos.

Regressando, informára que o Xanama no Tenga (margem do Cassai), tinha abundancia de marfim e foi então que o principe D. Miguel, com quem Manuel vivia desde creança, chamou Paulo para o coadjuvar na sua exploração, e este não se tinha avistado com o Rei do Congo.

O resto da narração é com pequenas differenças o que já sabiamos por Paulo.

No intento de que o sub-chefe fosse acampar, como dissemos, na margem do Luachimo, preparámos a sua secção, conseguindo que o acompanhassem setenta cargas, indo neste numero dois rapazes de Caungula até á povoação de Anguina Ambanza, mas por mais exforços que fizemos para a fazer partir com brevidade, só o conseguimos no dia 13, data que para nós pouco influia no nosso animo, mas foi sempre desastrada para o sub-chefe, como este nos fez saber depois.

O Paulino, contratado em Loanda, porque a Joanna não mudasse de tenção em regressar a Malanje com a gente do Congo e por conseguinte não o quiz acompanhar para Anguina Ambanza, entendeu, já a secção ía seguindo, de dar uma pontada na face de Joanna com o canno da arma, que lh'a rasgou em parte, e seguiu. Ainda o sub-chefe teve de demorar-se a cozer-lhe a face e a preparar-lhe o medicamento de que havia usar.

Partíra emfim mais aquella secção para o acampamento Andrade Corvo, seguindo o itinerario da primeira.

Ficámos nós na Estação com um pequeno pessoal e por isso se reuniram todas as cargas num só armazem e podemos ceder o da direita para o alojamento de cargas e familia dos Ambanzas Quinguri e Angonga, que chegaram ao Caungula no dia 15, vindo das suas terras na margem direita do Cuango, visinhos de Xa Muteba de Xa Madamba proximo do porto Tuaza.

Tinha-se feito grande alarde antes da partida da primeira secção que o caminho para Anguina Ambanza estava infestado de Quiocos ladrões, que assaltavam os viajantes e lhes roubavam o que traziam. O proprio Manuel do Congo se queixou

que elle e os seus haviam sido victimas de um d'esses assaltos. É certo, porém, que os nossos carregadoros íam e vinham em pequenos grupos e nunca deram signal de terem encontrado sequer um Quioco no seu transito.

Aproveitavam os Lundas que vinham do interior, de serem acompanhados pelos nossos na supposição de que era a in-

AMBANZA QUINGÚRI

fluencia de Muene Puto que tinha affastado os Quiocos, sendo certo que algumas povoações que foram de gente do Caungula, estavam completamente abandonadas.

Os primeiros dos nossos carregadores que regressaram, trouxeram-nos noticia de terem chegado portadores da Mussumba á povoação de Anguina Ambanza que vinham encarregados

por seus amos de participar a Xa Madiamba que o Muriba foi morto em uma guerra pelos Quiocos. Esta nova foi recebida com manifestações de alegria por toda a gente.

Estes portadores só poderam ser ouvidos na audiencia do dia 14, o que para o Muatiânvua e Caungula era indifferente, porque já particularmente os tinham recebido e estavam ao facto das noticias que sendo em principio muito vagas, se resumiram em que a Lucuoquexe, a Suana Murunda, o Muitía e Muene Capanga foram os principaes que aconselharam Muriba a saír da Mussumba com forças para o sitio de Muene Quiji Canzaire na margem do Lulua a norte de Muene Capanga para ahi esperar as forças dos Quiocos que vinham do sul pela margem do Lulua no intento de fazer gazzivas ás povoações do Muitía.

OS PORTADORES DA MUSSUMBA

Travaram-se diversos combates em que foram repellidos os Quiocos, mas por ultimo uma força grande de Luenas, Cossas e Lassas, reunidos por Quicubo, com o nome supposto de Muxidi, filho de Xanama e capitaneados pelo seu irmão, que tambem tomou para si o nome de guerra Cassue ca Mutêna, atacaram Muriba no seu acampamento de guerra onde foi abandonado pelos quilolos de maior grandeza, e o mataram.

Disseram ainda os portadores, que Muxidi mandára dizer a Mucanza que podia fazer avançar seu tio Chibuinza Ianvo, por que elle mandára a guerra contra Muriba mas não queria o

seu logar. A seu tio é que esse logar pertencia ha muito tempo e se este quizesse contemplal-o, lhe désse o logar de Muitia, que lhe era devido por sua mãe, que elle ficava muito satisfeito. E por ultimo disseram que os Quiocos prenderam muita gente da Lunda e seguiram para leste do caminho para a Mussumba do Cauenda, mas não podiam encontrar pessoa alguma, porquanto todos de ali saíram.

Por parte de Mucanza fallou um dos portadores: que avançasse o Muatiânvua quanto antes, porque elle tinha de saír com uma guerra a defender os Tubinjis dos Quiocos, que no tempo das chuvas costumavam todos os annos a ir ali á caça de gente, e agora depois da morte do Muatiânvua não faltariam para poderem pagar as vidas dos Quiocos que morreram na guerra; se houver demora, com certeza Ianvo irá encontrar maus os caminhos para o Calanhi; que Caungula o não devia empatar mais tempo, pois não era elle o unica Cárula do Muatiânvua, e a Mussumba não era na sua terra.

Em seguida a estes lussangos, a alegria era grande e por isso a inferneira foi das maiores que até ali tinhamos visto. O cufuinha, as dansas, as cantigas e recitativos tudo era allusivo a reclamarem o Muatiânvua Ianvo para a Mussumba. Acabou a audiencia, com estes festejos que se prolongaram até ao outro dia, concorrendo para grande animação o muito malufo que appareceu até já de noite.

Paulo do Congo era o unico que não tinha alegria já havia alguns dias e refinou na noite d'este dia, ao encarar com as mulheres que estavam em logar das que fugiram.

«Eu quero a minha Malía, tirem d'aqui estes estapôras, levem-n'as ao Caungula, que elle é que me roubou a minha Malía. Eu bem sei o costume d'elle, achou-a bonita, nova, com os peitos muito direitinhos, e quer ficar com ella. Que me mate de uma vez e acabou-se tudo.»

Tal era o berreiro, que os rapazes de Loanda condoeram-se d'elle e procuraram aquietal-o. Elle continuava em despropositos analogos áquelle, dizendo as bondades de sua Malía, e passaram a troçal-o.

Não se restabelecia o socego, e tivemos de lá ír fazer debandar todos, mas o homem vendo-nos, lançou-se no chão agarrado ás nossas pernas, pedindo lhe dessemos a Malía. Por momentos suppozemos que o homem endoidecia, porque realmente era grande a sua magoa. Conseguimos leval-o para a cubata, promettendo-lhe que não deixariamos de nos interessar que fosse procurada. Ficou mais socegado, mas alta noite andava no pateo da Estação, sosinho, soluçando e fallando; «que não podia dormir, que a sua Malía era a sua vida, era tudo para elle...», etc.

Como todos os demais dormiam, ou pelo menos estavam callados, entendemos não nos importar com elle e entregámonos ao somno.

Quinguri e Angonga, nossos hospedes, logo de madrugada vinham conversar comnosco e nós aproveitámos muito da sua companhia, porque alem das informações que obtivemos sobre a historia das jagas de Cassanje, usos e costumes de seus povos, corrigimos os nossos trabalhos sobre o dialecto dos Bângalas, e démos um grande desenvolvimento ao nosso vocabulario.

Eram estes Ambanzas freguezes dos estabelecimentos commerciaes de Narcizo Antonio Paschoal, cujo principal é no Anjinji iá Cabári, concelho de Malanje, onde se foram fornecer de fazendas e outros artigos para esta sua viagem de exploração até á Mussumba, com o fim principal de compra de gente de que careciam para dar desenvolvimento aos seus carregamentos de sal, que todos os annos conduziam ao Lubuco e permutavam por borracha.

Por estes homens soubemos que Catau é um potentado do Xinje e é senhor de um porto do Cuango a quem deu o seu nome, visinhos do qual na margem direita ha povoações de Bângalas de que é Muhungo o principal Ambanza, e seguem-se por sua ordem para o norte, Xa Muteba, Xa Madamba, Quinguri Angonga. Na margem esquerda considera-se dono do porto Camassa cá Quitêmbo e visinho d'este, é o Camassa cá Quinênde.

A serra que nas cartas se lê Mossamba, deve ler-se Muênga. O plan'alto onde os negociantes acampam é que se denominou Camissamba, do nome do riacho que ali corre. Outros erros notámos de nomenclatura que temos de corrigir na nossa carta.

O caminho de Camassa para Malanje tambem se póde fazer rodeando a montanha de Tala Mugongo por Quiêngo quiá Catumba, Ambanza Cambolo, Quitanda, Luangue, Chissa, etc.

Quinguri, que mostrava simpathisar comnosco, fallando das relações do Cassanje com Muene Puto, disse-nos: que sempre os Bângalas têem tido receio, depois da ultima guerra de Cazal, que Muene Puto do Calunga, estivesse contra elles e lhes quizesse fazer mal, por isso quando nós nos preparavamos em Malanje correram boatos de que íamos combinar com Muatiânvua para expulsar os Bângalas do Cuango e houve uma grande indisposição contra nós, porém pouco depois conheceram do seu engano, porque a fama do nosso procedimento para com os Bângalas espalhou-se no Cuango, a ponto de animar muitos Ambanzas que estavam indecisos, a saírem com as suas comitivas para negocio.

Pelo caminho foram vendo que não era favor a fama que haviamos adquirido e souberam dos nossos bons conselhos ao Muatiânvua e aos Lundas para que os negociantes não fossem roubados, e estavam muito contentes por nos encontrarem ainda aqui e não seriam elles que seguiriam para deante sem nós avançarmos, pois estavam informados que as cousas para alem do Chicapa estavam muito más.

Dissemos: que Muene Puto considerava os filhos de Cassanje seus filhos, e não queria guerras; attendia sempre ás reclamações que fossem justas e bastava mandarem uma mucanda ao anguvulo em Angola, para elle providenciar por quem tivesse rasão e fazer-se-lhe justiça. Uma das cousas difficeis para o anguvulo era sempre a nomeação de um jaga, pois muitas vezes era enganado, confirmava no cargo o jaga que lhe diziam ser eleito quando succedia ter mais inimigos do que amigos. O anguvulo confirmando um jaga, tinha de protegel-o

e d'ahi vinham guerras, quando a culpa era dos que haviam enganado o anguvulo.

Os rapazes bangalas não são maus quando estão ao pé de nós, brancos, mas fallam muito das suas valentias e querem fazer suppor ao gentio que elles não têem medo das armas de Muene Puto, e isso acarreta-lhes males, porque se nós não prestavamos attenção a essas creançadas, ha muitos brancos que os não conhecem, tomam isso como insultos, e procuram castigar o atrevimento, tratando-os como inimigos.

Isso é verdade, dizem-nos elles, e bom foi que nesta occasião viesse o sr. major arranjar todas estas cousas, e quando voltar, todos os Bangalas hão de ir ao seu encontro agradecer o bom tratamento que tem tido. Já se dizia em Cassanje que era bom para todos, que o sr. major fosse collocar no Estado, o Suana Mulopo de Muteba que sempre tratou bem os negociantes que íam á Mussumba e hoje é irmão de Xa Muteba e de Xa Madamba; que muito bom seria quando voltasse o angana majolo que se demorasse tambem em Cassanje para concertar as cousas do jagado e alcançar que todos os Bângalas vivessem amigos uns com os outros.

Fallando-lhe sobre o projecto que em tempo formulámos em Camau e agora ampliavamos para se estender pelo caminho do Cundungulo até aqui, mostrámos carecer de um bom porto do Cuango a sul da feira de Cassanje, d'onde se podia fazer um caminho muito limpo para Malanje, e elles que apoiassem este projecto porque lhes facilitaria os reviros e garantia a segurança dos caminhos; disseram porque não ha de Muene Puto aproveitar o nosso porto, que o é tambem de Xa Muteba e Xa Madamba. Nós reconhecemos Muene Puto como nosso amo, o que não reconhecemos é o jaga, porque saíu da familia a que pertencia, ainda o ultimo e, preteriu a ordem. Aquelle porto é no caminho do commercio, e Muene Puto quando regressar, verá que o não enganamos.

Tinha ouvido Quinguri que os nossos carregadores Songos e Sanzas que fugiram, ainda estavam demorados nas margens do Luchico, ao norte, já em terras de Muata Cumbana, fa-

zendo negocio com os Quiocos. Esperavam que nós retirassemos para voltarem a receber os creditos que deixaram a diversos do Caungula, por isso fallámos a estes a tal respeito: que pouco nos importava que elles estivessem fazendo negocios, mas como roubaram as cargas de Muene Puto, se Caungula ou alguns dos seus filhos haviam recebido creditos nós lhes faziamos presente d'esses creditos.

Estavamos convencidos que essa seria a tenção dos devedores, mas assim proporcionavamos-lhes um bom pretexto: «nada pagâmos por ordem que tivemos do sr. major».

Isto dava-nos mais força ás nossas exigencias para não consentirem que se roubassem os negociantes e de indemnisarem os prejuizos que nós íamos reclamando para diversos.

E serviu-nos logo, dias depois, para argumentarmos com Xa Madiamba sobre uma exigencia de sessenta pessoas que fez ao importante Ambanza Ambumba, que chegára do interior num estado miseravel, tendo a sua grande comitiva soffrido uma grande derrocada pela imprevidencia e leviandade dos seus rapazes e nos trouxe noticias precisas dos acontecimentos nas margens do Lulua.

As primeiras noticias que tiveram nossos collegas em Anguina Ambanza, fizeram-nos suppor que a grande mortandade que contava a comitiva de Ambumba fôra mandada fazer por Anguvo Mucanza, o que não era verdade. Na occasião em que recebemos taes noticias, já nós estavamos melhor informados e fomos depois esclarecidos pelos pombeiros de João Correia da Gama, parente de Pacheco, residente em Malanje; e depois pelo proprio Ambanza, que recorreu á protecção da nossa bandeira para não ser espoliado e poder continuar socegado a sua viagem de regresso.

Eis o caso:

Diversos grupos capitaneados pelos seus Ambanzas constituiam a grande comitiva de que era o principal o Ambumba.

Na supposição de encontrarem já em socego a Mussumba, por terem noticia da morte de Xanama e no seu logar Ditênda, reuniram os Ambanzas fazendas, polvora, armas e missangas

que possuiam e tambem sal e tabaco, e com estes artigos constituiram as suas cargas em grande numero, na esperança de fazerem bom negocio na Mussumba, onde depois de 1880 deixaram de ir os Bângalas.

Como outr'ora, todos os Ambanzas se fizeram acompanhar de suas mulheres e servos, porque contavam demorar-se uns seis mezes em Cauenda.

Passára esta comitiva no Cassassa em abril e não quiz Ambumba annuir ao pedido de Xa Madiamba de ir para o Lubuco em vez de ir para a Mussumba porque o seu interesse era aproveitar a occasião em que calculava haver grande necessidade dos artigos que levava a caravana.

MUÁRI DE QUINGURI

Disse-lhe então Xa Madiamba que já Ditênda tinha sido assassinado para darem o Estado ao irmão Cangápua e que Muriba, sabendo que os da Mussumba tinham mandado procurar a elle Xa Madiamba, saíra do Tenga com uma força de Quiocos e fôra guerrear aquelle. Quiz convencel-o a esperar noticias do interior mas os rapazes de Ambumba não quizeram attender aos seus conselhos e a comitiva seguiu.

No Anguvo Mucanza souberam que para lá do Cassai os caminhos estavam maus e que os Quiocos se preparavam para fazer gazzivas aos povos do Lulua, a norte, e por isso acamparam ali. Varios portadores que vinham do Muatiânvua annunciaram que este tinha saído com uma grande guerra para bater os Quiocos e por ultimo que acampára na margem direita do Lussanzeji.

Queria Muriba que Mucanza saísse com forças a seu encontro para o auxiliar na guerra, porém este, que conheceu ter

elle intenção de lhe fazer mal, porquanto mandára para o seu governo, Ambinji e Cahunza com forças armadas, desculpou-se que deviam ir estes e não elle que estava velho e queria morrer no seu posto e nas suas terras.

Disseram a Muriba os portadores, que no Mucanza estava uma grande comitiva de Ambumba que tinha muito negocio e aquelle mandou logo chamal-o: que não tivesse receio de ir ao pé d'elles, porquanto já tinha derrotado dois quibengues de Quiocos; que lhe levasse armas e polvora que lhe pagaria muito bem; que os portadores lhe serviriam de guia por bons caminhos, etc. Mucanza, que era antigo amigo de Ambumba, aconselhou-o a que se não expozesse e se lembrasse que Cahunza já lhe havia tomado a credito muitas armas e polvora e não tinha com que lhe pagar. Elle Mucanza não lhe impedia passagem, como amigo prevenia-o que os da Mussumba mandaram chamar Xa Madiamba e por certo se queriam desfazer de Muriba.

Ambumba achava rasoavel que seu amigo o avisasse, mas não pôde conter os seus rapazes que insistiam em querer passar o Cassai e seguiram para leste, suppondo que pelo caminho encontrariam alguem ou podiam com segurança esperar o regresso do Muatiânvua e seus quilolos. Chegaram os rapazes, mesmo a dizer a Ambumba, se elle estava velho e medroso, não os devia ter desinquietado para aquella viagem de exploração; que elles ali só viam mulheres velhas e feias para comprar e queriam raparigas bem feitas.

Como houvesse tres doentes, deliberou Ambumba deixar ficar estes e suas cargas ao cuidado de Mucanza e disse aos rapazes: quando quizerem partimos, mas se acontecer alguma desgraça não se queixem contra mim nem contra Mucanza.

Passaram o Cassai e já proximos do Lussanzeji, Ambumba demorára-se com o seu companheiro Quicubo a beber malufo, seguindo a comitiva a sua marcha.

Os que íam na frente viram muita gente armada, mas persuadiram-se que seriam forças de Muriba que andavam rondando os caminhos e caminharam ao seu encontro.

Approximaram-se aquelles que eram Quiocos e reconhecendo uma caravana de commercio de Bângalas que seguia para o interior intimaram os rapazes, a suspenderem a marcha, que lhe pagassem tributos de guerra, e que retirassem porque atraz d'elles vinham Luenas, e decerto tudo lhes tirariam. Disseram os rapazes que paravam, mas que fossem fallar aos velhos, que deviam estar proximos.

Foram os chefes ao encontro de Ambumba e este disse a Quicubo que fosse elle com os rapazes para um bom sitio e pagasse o tributo.

Não gostam os Bângalas de abrir cargas deante de estranhos, com receio de que elles cubicem o que têem e no caso sujeito, de exigencias. Levantavam os rapazes cargas para seguirem Quicubo, e os Quiocos suppozeram que queriam continuar a marcha sem pagar o que se lhes pedia. Principiou então a altercação de ambas as partes e tal foi a barafunda, que os Quiocos mais proximos de Ambumba tomaram a bulha por desavenças e á queima roupa recebeu este um tiro pelas costas que o atirou a terra ferido com uma balla na perna.

Os que estavam na frente ouvindo aquelle tiro, largaram as cargas em terra, e os Quiocos fazendo fogo por vezes, prenderam as mulheres e creanças que fugiam. Foi uma derrota completa, ficando Bângalas mortos ao pé das cargas.

Sabe-se que morreram cento e vinte pessoas e foram roubadas vinte mulheres e todas as cargas, com excepção de seis muhambas.

De quatro rapazes que foram amarrados até ao Calânhi, um conseguiu escapulir-se em Cauenda e marchando só de noite alcançou chegar ao Mucanza, antes de Ambumba e dos restos da comitiva.

Conseguiram transportar Ambumba para o acampamento onde haviam dormido na vespera e ali reuniram cento e seis pessoas. Alguns queixavam-se contra os que estavam, que não tinham querido acceitar os conselhos de Mucanza e vendo o velho Ambumba ferido, procuravam convencel-o a retirar para o sitio do Mucanza, mas foi este então que não quiz.

Perdi o que trazia commigo, pouco me importa a vida. Agora embora só, dizia Ambumba, vou procurar Muriba, quero que elle saiba o que nos succedeu por desejar satisfazer ao seu pedido, é possivel que elle nos pague alguma cousa.

Lembre-se, diziam os companheiros, que tambem Mucanza duvidou que os portadores que nos foram desinquietar fossem de mandado de Muriba, não traziam signal e no tempo de guerra, todos aproveitam dos enganos.

Ambumba teimou, mas declarando que não obrigava nem pedia a ninguem que o acompanhasse, e foi seguido de todos.

O BANGALA CALOMBO

O que para o Bângala mais custa é que lhe roubem uma que seja, das suas mulheres; e neste conflicto, houve quem perdesse todas, ou mortas ou prisioneiras.

Chegaram ao acampamento de guerra de Muriba na occasião em que, a lucta estava travada de corpo a corpo; e ainda viram caír o Muatiânvua ás cutiladas e os poucos companheiros que o defendiam; e os Bângalas tomados por seus defensores, tiveram de fugir, perseguidos pelas ballas dos Quiocos, ficando alguns pelo caminho.

Appareceram no Mucanza desarmados e esfarrapados, alguns nús, e apenas a mulher do Ambumba.

Alem da derrota pela sua teimosia, o massacre foi de importancia!

O Anguvo Mucanza lastimou o occorrido e tanto mais que os despachára contra a sua vontade, unicamente para que não dissessem que os queria contrariar. Pagou-lhes immediatamente os creditos que havia tomado, mas Cahunza esquivou-se de o fazer na occasião, por não ter recursos.

Regressando, ainda esta comitiva no Xa Nhanvo na margem do Luembe, foi espoliada a pretexto de numa caçada uns rapazes terem morto duas pessoas, cujas vidas já haviam sido pagas em barris de polvora com o que se conformára o governador Mucanza. A exigencia foi de dez servos, queria Ambumba pagar só cinco, porém os de Mataba não cederam, allegando que elles aos Quiocos pagaram tudo que estes lhes exigiram e queriam mostrar-lhes que se enganavam, suppondo-os menos homens do que aquelles; era uma ameaça, e Ambumba, que estava ferido e procurava evitar novas complicações, completou a conta.

Para passarem o rio Chiumbue, tiveram tambem de resolver uma pendencia com os Quiocos que exigiam o pagamento do crime da morte de um jacaré que haviam lançado no rio para os livrar de feitiços.

Era isto um pretexto, porquanto naquelle rio abundam jacarés e cavallos marinhos, e levantado elle, como de facto se matára um jacaré, entendeu Ambumba ser melhor não adiar e tratar logo da questão de pagamento que se reduziu a 2 peças de fazenda.

Chegando a comitiva a Anguina Ambanza encontraram-se com a de Madamba e como o Ambumba, se sentia bastante doente da cabeça e dores no corpo, demorou-se ahi alguns dias, vindo os rapazes de Gama procurar-nos para os admitirmos ao serviço no transporte de cargas, pois cada um d'elles, eram quatro, desejavam ganhar um pouco de panno para se cobrirem.

Estes desgraçados perderam naquella derrota 4 arrobas de missangas, 50 barris de polvora, 20 armas, 50 peças de fazenda e sal, o que tudo era negocio de Gama. Annuimos ao pedido d'aquelles rapazes, que fizeram duas viagens a Anguina Ambanza por nossa conta.

O Bângala Calombo, que conseguiu fugir das cordas em Cauenda, informou-nos que a Mussumba que ali existia e onde vivia Muriba, já havia sido arrazada; a antiga de Xanama, onde esteve o dr. Max Buchner, de tal modo desappareceu que

já nem vestigios se viam; os Quiocos depois de morto Muriba continuaram perseguindo os Lundas nas povoações dos quilolos mais importantes e o seu fito era dar um assalto á Mussumba do Calânhi para roubarem todas as raparigas do harem do Muatiânvua. Diziam todos ser uma vingança de Muxidi por terem os Lundas morto seu pae Xanama, á traição, e Muriba ter feito guerra a Cangápua que era amigo de todos os filhos de Xanama. Ouvira dizer que Quicubo (Muxidi) tinha recebido uma faca do pae para a entregar aos seus amigos, caso fosse morto á traição na guerra com Ditenda.

A comitiva de Ambumba vinha chegando ao Caungula em debandada e desanimavam os patricios e os nossos, com quem fallavam, a proseguirem a viagem para a Mussumba. O Madamba e os Ambanzas seus companheiros e depois Quinguri, Angonga e outros, por causa dos receios em que estavam, entregaram as mulheres e filhos a Ambumba para com este regressarem ás suas povoações.

O Ambumba fôra o ultimo a chegar e já Caungula estava prevenido para passar revista ao seu acampamento e lhes tomar todos os servos da Lunda que pertenciam á comitiva.

Prevenidos por Quinguri e Angonga, nossos hospedes de tal resolução, dispozemo-nos a empregar todos os nossos exforços a evitar tal saque. Apesar de ser de noite que tivemos este aviso, fomos logo fallar ao Muatiânvua: quer desgraçar mais estas terras do que estão? Ambumba e sua gente já soffreram muito em Mataba e alem do Cassai; lembre-se que suas irmãs vivem com os Bângalas, e que são estes que levam cargas de negocio á Mussumba; todo o mal que fizer a Ambumba, recairá logo em suas irmãs e completa a destruição do Estado do Muatiânvua.

Ambumba é o Ambanza mais considerado do Cuango, alli vale mais que o Muatiânvua na sua Mussumba, porque os seus visinhos obedecem-lhe, emquanto os quilolos que estão fóra da Mussumba pouco se importam actualmente com as ordens do Muatiânvua. Se manda sequestrar aquella comitiva, os Ambanzas que para ahi estão nada dizem, porque estão interessados

agora em fazer o seu negocio, mas todos ficam com raiva aos Lundas e a maior vingança que elles podem fazer, e é a peor que póde succeder á Mussumba, é não consentirem d'aqui em deante que passe nem tão pouco elles levarão do Cuango, o mais insignificante negocio para lá e sem armas nem polvora, os Lundas terão de entregar-se á discrição dos Quiocos e acabou-se o Estado do Muatiânvua.

De tal peso foram estas considerações que, elle voltando-se para os seus, disse apenas: *ouviram meu pae Noeji?* e depois de um momento de pausa ordenou ao sobrinho Suana Mulopo que fosse com Quinguri ao acampamento e dissesse aos Bangalas que agradecessem a Muene Puto o despacho e podia retirar no dia seguinte á hora que quizessem. Não o mereciam, porquanto não haviam feito caso d'elle e de Mucanza, quando os podiam ter ajudado a salvar a Lunda dos governos das creanças que estavam retalhando as terras pelos Quiocos parentes, que tanto têem prejudicado Lundas e Cassanjes.

Caungula ainda quiz pôr obtaculos a esta decisão, dizendo que os Bângalas muito têem contribuido para a decadencia da Lunda, levando aos Quiocos, armas e polvora, porém tambem o conseguimos abrandar e mandou abrir os portos dos rios e fel-os acompanhar de um guia.

O Ambanza Ambumba não quiz retirar sem nos agradecer, e tivemos occasião de nos informar sobre as pessimas circumstancias em que estavam os negocios do Estado do Muatiânvua.

O Calânhi estava cercado pelos Quiocos, commandados pelo irmão de Muxidi e não se sabia se este lá estava, foram abandonadas as povoações de Dinhinga, Capanga Cabatalala, Angungo, Quianda, Casse Quiamba, Mulungo, Quipanga, Tota, Caúahua, nas margens do Lulua e Luiza.

Todos haviam corrido, como era da praxe em taes circumstancias para o Calânhi, mas perseguidos pelos Quiocos, quem poude, fugiu para a margem direita do Cajidixi e foram pedir hospitalidade a Muene Tondo. Este recebeu-os, mas prevenindo-os: «como os Lundas me trazem sempre a guerra, os que

quizerem ficar não sáem mais d'estas terras». Os Quiocos de Caqueneneca diziam não quererem mais Muatiânvua alem do Cassai, porque todos os que têem exercido esse cargo não souberam fazer amisade com os Quiocos. Se o Xa Madiamba não morreu, vão buscal-o, diziam aquelles, pois esse é o unico a quem entregaremos as insignias do Estado que estão em nosso poder, se quizer convencionar comnosco, como no tempo em que era Suana Mulopo.

Obtidas estas informações combinámos com Quinguri depois da retirada de Ambumba chamarmos Xa Madiamba e Caungula a uma entrevista, a fim de assentarmos nas resoluções a tomar. Estamos numa terra estranha, dissemos a Quinguri, e em más circumstancias, precisamos saber o que tencionam fazer os potentados para não compromettermos as nossas responsabilidades e de livrar-nos de soffrer o mesmo que Ambumba pela sua imprevidencia e leviandade de seus rapazes.

Os de Gama que estavam a nosso serviço, convinha-lhes partirem com os rapazes do Congo e Manuel Bezerra para ganharem ainda alguma cousa para comerem no caminho e alem d'isso, o chefe tinha dado um credito a Camexi, Suana Fuma do Caungula, que desejava rehavel-o como fôra do ajuste, agora no seu regresso.

Tambem alguns rapazes da comitiva do Ambanza Madamba, vieram do Chicapa procurar-nos e queixaram-se que o Calála os havia roubado de uma porção de borracha que tinham obtido dos Quiocos a troco de tabaco e sal, sendo o pretexto, embora elles dissessem que faziam parte da comitiva de Madamba, não terem pago emolumentos ao Muatiânvua por aquelle negocio.

Lá fomos convencer o nosso amigo Ianvo a que mandasse restituir a borracha aos rapazes e reprehendesse o seu Calála para se pôr termo a estas espoliações aos negociantes, de que já estavamos cansados de accusar. Fizemos-lhe sentir que os homens que o cercavam o estavam compromettendo com estes roubos pelo caminho e que se houvesse algum conflicto com Quiocos, elle não chegava a passar o Cassai.

Deu-nos rasão o Muatiânvua, e lá partiu o seu muzumbo com os rapazes para lhes ser entregue a borracha, e já as cousas estavam azedas porque o Calala tinha dado uma bofetada num companheiro do Ambanza, mas o muzumbo alcançou felizmente, apasiguar os contendores.

O Suana Fuma do Caungula, que era depositario de quatro cargas de borracha do mestre Manuel Correia Gama e lhe devia um banzo de fazenda, depois de o perseguirmos cinco dias com as nossas considerações, pagou a sua divida e com respeito ao deposito deixou de pagar algumas dezenas de bolas de borracha.

Durante este tempo, Paulo do Congo havia feito das suas diabruras e ainda foi causa de demora de mais alguns dias para a partida da gente que ía para Malanje.

Um typo dos mais selvagens e humildes que tinhamos visto entre os de Caungula que se dizia amigo da mulher que tinha uma cria e fôra dada a Paulo em logar de uma das fugitivas, sabendo que elle estava em vesperas de partir para Malanje, foi pedir a Paulo que a resgatasse, pois queria seguir com aquella mulher e seu filho para onde fossem. Respondeu Paulo não poder satisfazer ao seu desejo e aquelle disse que não saía mais da sua cubata e se o não resgatasse quebrava-lhe alguma cousa. Em seguida, vendo uma arma lazzarina, bateu com a coronha na hombreira do portal, partiu-a.

Sentimos grande alarido e fomos ver o homem já amarrado com cordas os pés e as mãos. Ordenámos logo a Paulo que o desamarrasse, e querendo contar-nos da sua rasão, os fizemos ir acompanhados de Augusto Jayme apresentar a questão ao Xa Madiamba, declarando que não nos queriamos involver nisso e a resolvesse elle como entendesse.

Aquelle ouvindo-os, deu rasão a Paulo e mandou-nos dizer que o que se passou era usado nas suas terras, mas Paulo tinha de pagar a quem o preto pertencesse a differença, isto é, duas divungas, porque esse havia perdido os direitos áquelle servo.

Apparecêra o proprietario, mas como era devedor a Paulo, este entendeu pagar-se por suas proprias mãos nada lhe dando,

com o que elle se não conformou e foi apresentar a questão ao seu amo Caungula.

Caungula comprehendia o direito á ingleza, forte com os fracos e tratando de igual com os fortes, portanto para Paulo aquella praxe não tinha logar e não se conformou com a decisão do Muatiânvua, allegando que elle não se lembrou ser o homem de que se tratava um servo da tribu, e não se ter procedido ás indagações precisas de se reconhecer se a arma fôra partida de combinação com Paulo, que procurava mandar mais aquelle servo para o seu Rei.

Dizia o mesmo, que Paulo era um ingrato, porquanto sabia muito bem que elle e os seus, estava provado, em nada concorreram para a fuga das suas mulheres e por attenção com Muene Puto e Muene Congo fôra elle quem dera ao Muatiânvua as mulheres que poz no logar d'aquellas; que antes da chegada de Muene Puto fôra elle que matara a fome a Paulo e aos seus rapazes; que podia proporcionar a saida aos seus rapazes e manda-los amarrar no caminho; mas se assim o não castigava não podia deixar de lhe exigir sete divungas como resgate d'aquelle servo ao seu proprietario.

Não só Paulo teve de pagar, mas ainda nós á ultima hora tivemos de intervir para saír a comitiva, reforçada com a gente de Gama, apresentando Caungula um guia com o seu signal, uma cauda de animal, tendo a péga guarnecida de missangas, para lhes não ser embargada a passagem em algum porto.

O proprio Caungula foi acompanhá-los á praia, onde embarcaram, e recommendou a Manuel Bezerra que entregasse a cauda a Quimuanga, no Cuilu, depois de passar este rio, e ficasse certo que apresentando-a aos pilotos e senhores de portos, ninguem lhes exigia que pagassem a sua passagem.

MUCUÁLI

OS ULTIMOS DIAS DO ANNO DE 1885

roporcionaram-nos as circumstancias que fossemos observando um certo numero de factos pelos quaes se póde avaliar dos usos e costumes ou antes da vida de um povo subjugado pela influencia do feiticismo. Uma grande quantidade de incidentes registamos no nosso Diario, e todos do mesmo genero de que é preciso ter-se conhecimento, embora alguns possam ser tomados á conta de puerilidade, para bem se comprehender o trabalho de um missionario no meio em que nos encontrámos, sem mesmo nos referirmos a todas as minucias com que se preenche a sua tarefa.

A minuciosidade ou antes as bagatellas a que parecemos descer julgámol-as indispensaveis, ainda que esta publicação fique mais extensa, para que as conclusões sobre o nosso modo de ver com respeito ás regiões em que nos demorámos, mereçam o necessario credito a quem d'ellas pretenda servir-se.

O que seria ocioso era repetir o que já tem sido dito por todos os exploradores e viajantes africanos com respeito ás privações de alimentos, falta de commodidades, sacrificios novos a que nós mesmos nos íamos impondo, á medida que o tempo decorria e continuavamos a internar-nos nos sertões do centro da Africa.

E nós no logar em que estavamos principiavamos a sentir a necessidade de nos sujeitarmos como os principaes da terra ás circumstancias, e olhando ao futuro tratavamos de fazer reducções do que era propriamente do nosso uso.

A nossa tenda que estava um tanto estragada, foi cortada em dois pannos, e devidamente remendados passaram a servir de capa á canôa; a nossa caixa-mala, que era os encantos de Xa Madiamba, passou a ser sua propriedade em troca de um cabrito e parte do que continha entrou nas duas de tapete, tendo remettido uma grande porção da nossa roupa e livros para Malanje.

Reduzimos assim o nosso pessoal de bagageiros a quatro homens.

Para o acampamento Andrade Corvo íamos fazendo seguir as cargas, e como esperassemos que a demora seria pequena, poucas latas de conservas tirámos para nosso uso e succedeu-nos o mesmo que no *Valle das Amarguras,* ficámos á mercê da providencia e nos peores dias, milho cozido ou poré de mandioca, hervas com um molho qualquer e infunde, suppria a falta de gallinhas ou gado cabrum que era o mais trivial das nossas refeições.

Mas alem de pouco nos importar a alimentação porque nos costumámos a comer pouco e de tudo, deixámos esses cuidados quando estavamos sós, a cargo dos nossos criados Antonio e Marcollino. Cremos que o nosso espirito constantemente preoccupado com os fins da missão e com os incidentes que eram entraves a attingil-os com o exito que desejavamos, nos fazia esquecer que não podiamos prescindir de alimentos.

Vinham chegando todos os dias do interior noticias que sobresaltavam e atemorisavam não só os nossos, como tambem

os Bangalas e os Lundas. Devido decerto a mas interpretações as cartas que recebiamos dos nossos collegas não estavam de accordo e chegavam mesmo a divergir no todo das informações que iamos registando.

A impassibilidade de Na Madiamba e o sangue frio de Chamgula, que mais tarde soubemos ser um dever dos seus cargos, faziam perfeito contraste com as narrações dos successos que se tornavam do dominio publico, e chegámos a persuadir nos que haviam exageros que por conveniencia se deixavam propalar.

Como é usual entre os indigenas africanos em vista dos boatos que correm, cada um tem a liberdade de propor os seus alvitres, fazer os seus commentarios, convictos de que não tem valor algum o que dizem e o que propõem, porque só a auctoridade tem conhecimento da verdade e sabe o que ha de fazer.

Nestas conjuncturas de muito nos serviu a constante companhia dos Ambanzas Quinguri e Angonga, homens serios com quem nos entretinhamos não só nos estudos de linguas, historia tradicional, usos, costumes de todos os povos que conheciam, mas ainda, nas descripções de suas viagens pelo sul e norte da região do Muatiânvua e tambem, nas discussões sobre os negocios da Lunda e modo de sairmos da má situação em que nos encontravamos.

Estavam elles resolvidos a não proseguir a sua exploração senão acobertos do nosso apoio, marchariam sempre na nossa rectaguarda. A sua ambição era liquidar a factura que traziam embora com pequenos interesses; preferiam isso a irem na avançada para negocios de poucos lucros e terem de soffrer as consequencias que tiveram Ambumba e seus companheiros. Nem mesmo queriam andar com o Madamba ao lado do Muatiânvua, porque teriam de sujeitar-se ás suas exigencias.

Na verdade o desastre da comitiva do Ambumba foi um bom ensinamento para os que pretendiem aventurar-se sem as precisas cautelas entre povos que estão em lucta, e mostra-nos que bem andámos nós, em sermos previdentes, não reagindo em nos

desembaraçarmos do homem que acompanhavamos e que não queria avançar um passo sem ter a convicção, de que ia pizar terreno seguro.

Dizia-nos elle muita vez que por sua causa não queria que se derramasse nas terras da Lunda uma gotta de sangue, e só iria deixar os ossos na terra em que nascêra, se fosse da vontade de todos os quilolos do Estado do Muatiânvua.

Estamos convencidos que assim pensava e assim procedia convicto de que a eleição não era unanime, e se tivesse seguido só, sem cortejo algum pelo menos até ao Cassai, á residencia de Anguvo Mucanza havia de deparar com muitas difficuldades.

Este homem depois que se expatriou tornára-se muito mais timorato do que era, e alem d'isso, ou por mal aconselhado ou porque era da sua indole, queria já viajar como Muatiânvua, queria todas as honras do cargo, e para satisfazer aos pedidos da Mussumba tinha de dispensar o auxilio dos Quiocos, aggravando mais as difficuldades da sua grande jornada, querendo que estes o fossem reconhecendo pagando-lhe os respectivos tributos pelo menos de comedorias.

Em viagem, os que o reconheciam como Muatiânvua pretendiam tambem preventos e teve de constituir a côrte com os individuos a quem segundo a praxe pertencia representar os quilolos da Mussumba com voto no Estado e elle tinha portanto de exercer o cargo com todas suas consequencias.

Era por isto que se constituiam as audiencias ordinarias e extraordinarias com o respectivo cerimonial; tinha de attender ás demandas; emfim, era Muatiânvua para todos os effeitos e com todos os poderes, embora lhe faltasse a investidura do lucâno no braço, cerimonia que a todo o tempo se faria.

Este caso era inteiramente novo, mas tal era a convicção que todos tinham, que não havia um unico quilolo que se oppozesse á sua successão no governo do Estado que ha muitos annos lhe pertencia e para que ha tempos o reclamavam, que o admittiram e não só os Lundas como os Bangalas e Quiocos que muito foram os que vieram ao seu encontro.

O cortejo ia augmentando de dia para dia e assim as diversas auctoridades íam constituindo povoações a que elles chamam estados, porque os individuos que se apresentavam eram distribuidos por elles, segundo os cargos que representavam os seus chefes.

Succedeu ter chegado da margem do Cuango uma mulher que contava mais de quarenta annos de idade e que em tempos fôra uma das amigas de Xa Madiamba, por isso este entendeu dar-lhe o logar de Temeinhe, sua segunda mulher, mas esta poucos dias gosou d'esse estado, porque morreu alguns depois e mencionâmos este facto porque temos de nos referir a elle.

E certo que, quanto maior se foi tornando a população que cercava Xa Madiamba, maiores foram sendo as complicações para a sua auctoridade e portanto faziam-se sentir mais as suas hesitações em dirigir a marcha dos negocios, pois tinha não só de attender aos conselheiros mas tambem ás exigencias dos povos e de modo a contental-os.

Parecia-nos inacreditavel que depois das noticias que trouxera o rapaz bangala que conseguiu escapulir-se aos Quiocos em Canenda, nem Xa Madiamba, nem Caungula, nem os homens mais velhos de um e outro, que costumavam ser consultados, não reflectissem sobre a triste situação em que ficaram os Lundas alem do Cassai e se providenciasse immediatamente a libertal-os d'ella.

Sabia-se que a gente que havia escapado ás gazzivas dos Quiocos se espalhára pelos mattos, e alguma que procurára refugiar-se na primitiva Mussumba do Calanhi estava cercada por alguns acampamentos de Luênas e Lassas, e estes decerto não retiravam sem fazerem ahi os seus saques.

Sabia-se que em poder dos Quiocos ficaram não só as insignias do Estado do Muatiânvua, mas tambem que alguns quilolos de importancia eram seus prisioneiros; e aquelles, na fórma do costume, não entregariam nem umas nem outros, senão a quem lhes merecesse confiança como auctoridade e podesse pagar os respectivos resgates em que se accordasse.

Asseverava-se que Muxidi que levantára a guerra que matou o Muriba, estava em correspondencia com Mucanza; não ambicionava o cargo de Muatiânvua e só admittia que o assumisse seu tio-avô Chibuinza Ianvo a quem estava esperando.

Pois sabendo-se tudo isto, aguardavam-se ainda melhores noticias e no emtanto, o espirito publico, em vez de se preoccupar com todas estas circumstancias, que eram anomalas, influenciado pelas superstições, esquecia numa tão critica occasião do que mais cuidado devia dar ao seu Muatiânvua.

Queixou-se a Muari que estava doente, suppunha-se enfeitiçada por alguem que fazia parte do cortejo de seu homem e não queria seguir para a Mussumba.

Declara este que se ella morresse ou não fosse para a Mussumba, tambem elle não ía, porque sem ella não era ninguem.

A Muari havia dias que perdêra a vontade de comer, queixava-se de dores de cabeça e de peito, e consideravam-se todos estes males, devidos a umas feridas que tinha nas pernas, que emquanto a nós eram antigas e nos parecia do mesmo genero que as que tinha o seu companheiro, que segundo as observações do sub-chefe eram syphiliticas.

Os conselheiros, querendo tornar-se agradaveis a um e outro, trataram de mandar adevinhar se aquella doença era devida a feitiço e quem era o feiticeiro.

Escusado será dizer que a conveniencia lhes aconselhava antes a apresentar uma victima do que attribuir a doença a qualquer dos idolos, pois nesse caso era uma desgraça para a causa do seu Muatiânvua, causa que segundo as apprehensões d'este, numa das noites anteriores, por ter observado um grande numero de estrellas errantes em constante movimento, se lhe afigurára ter se tornado mais difficil do que até então pensava.

Entravamos na quipanga a convite de Xa Madiamba e reparando na Muari que estava sentada no solo, encostada á cubata com as pernas estendidas cobertas de cinza; diz-nos logo o Xa Madiamba, que estava bebendo na cubata: «Veja, meu amigo, o estado em que o feiticeiro poz a minha Muari».

Vimos o que era, e fomos dizer áquelle: que não pensasse em feitiçaria, aquillo era uma doença natural e que nós tinhamos remedios para a tratar; que não acreditasse nas mentiras dos que queriam captar a sua benevolencia; e não era agora occasião para se tratar de negocios de feiticeiros

O homem já não estava bom da cabeça e pede desculpa de não nos attender d'esta vez porque o feiticeiro já tinha sido descoberto e havia entrado de noite na quipanga.

Os Tumbajes apoiaram-n'o e logo em seguida desembainham as facas e saíram correndo da casa em que estavam para o largo, amolavam as facas e cantavam á toada do chinguvo: que naquelle dia se havia de matar o feiticeiro; que escusava este de se esconder porquanto só conseguia mais exacerbar a coragem dos Tumbajes, a quem sua vida pertencia; que se apresentasse para acabar de uma vez e dar descanso aos Tumbajes, etc. O rapazio ao ouvir aquelles cantos que já conhece, vinha reunindo-se, e todos alegres dançavam e cantavam: «que venha o feiticeiro, que venha o feiticeiro, nós queremos ver as caras que ha de fazer aos golpes das facas dos Tumbajes, etc.»

A TEMBINHE

Repugnava-nos tudo isto, e levantando-nos para retirar, dissemos a Xa Madiamba: «não queremos que se mate pessoa alguma, tome sentido no que lhe dizemos; se não tem força para reagir contra taes preceitos entregue-nos a victima, aliás tenha a certeza que não o acompanhâmos».

Retirámos para a Estação e mandámos prevenir Caungula que Muene Puto contava com elle para não consentir que se

matasse pessoa alguma na sua terra, a pretexto de que era feiticeiro; e fosse ver que o Muatiânvua estava bebendo de mais.

Obtivemos por resposta que não podia elle ir á Mussumba tratar d'este assumpto mas que vigiaria pela sua parte a contrariar os Tumbajes e que fizessemos nós o mesmo.

A berraria continuava, e como os Tumbajes vinham para a rua em procura do feiticeiro, foi Augusto Jayme dizer da nossa parte a Xa Madiamba, que tivesse a certeza se houvesse um assassinato, não faziamos mais caso d'elle e não iamos á Mussumba.

Para salvar o feiticeiro, responde elle, preciso dar uma cabra e uma peça de fazenda aos Tumbajes.

Se a questão era essa, lhe mandamos dizer, escusavamos de assistir a esse espectaculo irrisorio e bulha infernal, que nos trouxessem o feiticeiro que nós pagariamos o que fosse da praxe.

Aquelle magote, de que faziam parte diversos homens considerados, seguiram no mesmo alarido pela rua D. Luiz I, indo á frente Muene Tembue, irmão-sobrinho de Xa Madiamba, direitos á quipanga de Caungula.

Um rapaz do Cacuata Muene Capenda foi avisado por um dos seus companheiros que o feiticeiro que procuravam se dizia ser elle, e portanto que fugisse, e este fugiu logo a esconder-se no arvoredo ao norte, mas reflectindo que não havia provas para o condemnarem, quando viu a multidão seguir, correu á quipanga do Muatiânvua e apresentou-se-lhe dizendo: «venho apresentar-me a meu pae que póde fazer de mim o que quizer, porém desejo beber o juramento para provar a minha innocencia». Xa Madiamba escondeu o rapaz na casa da audiencia, em que estava, porém tendo aquelle retirado, e sentindo o homem já os Tumbajes da parte de cima, saiu ainda correndo pela porta de baixo para o Caungula, a quem foi pedir protecção, e o Caungula chamou logo os pilotos para lhe darem immediatamente passagem para a outra margem do Lôvua.

Informados do que se havia passado, fomos para o mirante mais descansados e pouco depois soubemos que avisados os

Tumbajes de que um homem seguira correndo para Caungula, elles se encorajaram a seguir até lá.

Custa a crer, diziamos nós a Quinguri que nos acompanhava, como até as creanças vão satisfeitas atraz d'aquelles homens que procuram o seu similhante para o matar como se fosse um carneiro ou uma cabra! Vejo em todos a mesma anciedade e alegria como quando estão em volta de um boi e a aparar o sangue em panellas ou cortando pedacitos de carne ás escondidas para comerem.

Quinguri dizia-nos, que era nelles natural considerarem uma festa a morte de um feiticeiro, mas que bem sabia que os filhos de Muene Puto não acreditavam em feitiços e não gostavam que se matasse as pessoas, como se fosse um animal do matto.

Os Tumbajes, com a cara, peito, braços e costas pintadas, em parte de vermelho e em parte de branco, de facas empunhadas, um tanto ebrios, aos saltos, berrando como uns possessos, estavam completamente transformados, eram uns facciноras, famintos pela preza que tinham em vista, cegos de ferocidade, nem sequer reparavam que á porta da quipanga estava postado Caungula, que lhes embargou a passagem e os repelliu dizendo-lhes, apontando para uma mulher que estava a seu lado com uma creança nos braços: «Ahi têem a cabra, a vida do homem a quem imputam falsamente o crime de feiticeria pertence-me».

Quizeram os homens teimar em entar na quipanga, e Caungula cruzou os braços e disse-lhes: «Não entram assim, vão buscar armas e polvora e façam fogo contra mim».

Então retiraram com a mulher na mesma berraria e ainda voltaram, continuando seus cantos e danças para o largo, em frente da residencia do Muatiânvua, sendo a letra do canto a mesma: queremos o feiticeiro, o feiticeiro é nosso, etc.

De tarde acalmaram mais os animos, porém perto da noite passeavamos pela estrada D. Maria II, e vendo o interprete Antonio Bezerra que já dava seus passeios pequenos pela fresca, de moletas, dirigir-se a nós, perguntámos: «aquelles vadios ainda pensam no feiticeiro?»

Sim senhor, diz-nos elle, e agora peor, porque o Muatiânvua saíu fóra. Explique, tornámos nós, o que quer isso dizer? Que o Muatiânvua tambem está dançando de mucuali em punho, parece um maluco, e já a Muari procurou Jayme, para pedir ao patrão que fosse lá socegal-o porque elle quer que se vá buscar o feiticeiro ao Caungula e quer que se amarre de pés e mãos uma feiticeira que os adevinhos participaram de tarde tambem ter descoberto, e esta é de casa e trabalhou com o feiticeiro.

Ora nós estavamos descansados com respeito ao homem, mas dava-nos cuidado que elles, bebados como estavam, caissem de noite sobre a primeira rapariga que lhe lembrasse para pasto da sua ferocidade. Dirigimo-nos apressadamente á Estação no intento de mandar chamar alguem que nos podesse dar mais alguns esclarecimentos.

Soubemos que a Muari de novo nos mandára chamar por uma das suas aias, mostrando recear de um conflicto com Caungula, e disse que não queria saber de feiticeiros, nem se matasse pessoa alguma por sua causa.

Augusto Jayme, não menos supersticioso que os Lundas, considerando aquella questão das mais serias do Estado, entendeu não nos dever chamar para não nos envolvermos nella.

O largo estava illuminado com fogueiras, o alarido tomava grandes proporções e promettia continuar porque, cercando os Tumbajes que dançavam de roda, com o Muatiânvua no centro, se ia agglomerando gente, no numero da qual entravam parte dos nossos. Era forçoso que fizessemos pôr termo áquella inferneira.

Mandámos dizer a Jayme que fosse convencer o Muatiânvua, mas elle demorava-se, e apparece-nos Maria, correndo, com medo d'aquella scena em que a inferneira recrusdecia, e diz-nos que Jayme estava lá, porém ainda não tinha podido passar para o lado em que estava o Muatiânvua. Os Tumbajes estavam desesperados, fazendo sarilhos com as facas.

Caminhámos para o logar da scena, e veiu correndo a nós uma mulher nova com um volume na mão que nos embargou a passagem, lançando-se no chão, pedindo-nos que a salvassemos.

Era Cabuiza, que fomos acompanhar ao nosso alojamento e chamámos o interprete doente, para que ficasse junto d'ella até voltarmos determinando que por ella se informasse bem do que tinha succedido.

Nomeámos em seguida dois soldados para que vigiassem pela segurança das pessoas que estavam naquelle alojamento, durante a nossa ausencia.

Antonio e Marcollino seguiram-nos, e quando chegámos ao largo deparámos com um ridiculo extraordinario, mas que para elles era considerado como um acto muito serio.

Dançavam os Tumbajes, em roda, fazendo momices e esgares sempre que a roda parava a sua marcha, aos saltos e assobiando, sustentavam uma continuidade por grande espaço de tempo. O Muatiânvua no centro, em frente do chinguvo, ora dançando, ora recuando, de pernas arqueadas, panno levantado á frente, de faca desembainhada, fazendo pantomimices, acompanhando as pancadas das gommas (tambores) e chinguvo, parecia-nos já um doido.

CABUÍZA

Os nossos carregadores que se conservavam pela parte exterior avistando-nos, abriram alas e mostraram-nos Augusto Jayme que estava junto da roda dos dançantes, sendo difficil approximar-nos d'elle, por ser compacta a massa de gente que estava entre nós.

Occorreu-nos o expediente de não ter attenções, empurrão num, palmada nos hombros de outro, beliscão num terceiro, pisadella num quarto e uns avisavam outros, *Muene Puto ueza,* e todos se affastaram como poderam para nos darem passagem até chegarmos junto dos dançantes.

Uma vez ao pé de Jayme, soubemos que teve receio de cortar a linha dos que dançavam, por causa das facas. Elles marchavam, e quando passou perto de nós o muzumbo Ianvo, puchámol-o para fóra da roda e dissemos: então V.ce consente que o Muatiânvua esteja fazendo uma figura tão ridicula? Responde-nos: estou na malála (interdicto).

Esperámos occasião de passar um dos homens que nos parecia mais fraco, atirámos-lhe um empurrão em sentido contrario ao da marcha da roda, que deslocou os outros que vinham de seguida. Entrámos na arena, com o pé espalhámos os instrumentos de pancadaria, agarrámos fortemente no braço do Muatiânvua e atordoámos o seu ouvido direito com um berro, *ouvilé*.

O homem ficou espantado, olhando para nós; todos aguardavam o que iamos fazer, e aproveitámos o silencio para lhes dizer *texânhi*.

Então Jayme interpretou: que eu estava com elle para o acompanhar á Mussumba e não para o ver bebado, dançando com os seus rapazes.

Isto não é brincadeira, diz elle, quero matar dois feiticeiros.

Um dos que dançava quiz fallar, mas não teve tempo porque apesar de ter a faca na mão, logo que avançou para nós, um esforço nosso a tempo, fel-o recuar para junto dos companheiros, que riam a bom rir.

Se nos conhece, dissemos ao Muatiânvua na sua linguagem, venha fallar comnosco socegado e deixe os rapazes, que já voltâmos.

Os proprios rapazes nos apoiaram, e nós que lhe haviamos dado o braço, o fomos levando a pouco e pouco para a anganda, e fizemol-o sentar na pelle de onça, proximo do seu alojamento.

Fizemos chamar a Muari, o irmão e o Calála para nos auxiliarem a convencer o homem que devia recolher-se e procurar dormir e tambem para fazer retirar cada um a suas casas.

Sendo a sua teimosia — que era preciso matar os feiticeiros que se encorporaram ao seu cortejo, — para o abrandar dissemos-lhe que fosse socegar e que no outro dia de manhã iriamos combinar com elle o que se havia de fazer com respeito aos feiticeiros; que se havia fatigado muito com os Tumbajes, podia adoecer e retardando a sua viagem para a Mussumba prejudicava a sua causa e as dos seus amigos.

A Muari fez-lhe ver que nos haviamos incommodado a ir buscal-o para a anganda e devia ter em attenção os nossos conselhos. Vou deitar-me, diz elle então, mas recolha-se o meu amigo Muene Puto e não falte em vir muito cedo fallar-me.

Respondemos que lhe fariamos a vontade mas não podiamos recolher sem todos terem recolhido.

Deu as suas ordens para que todos recolhessem aos acampamentos, despediu-se de nós e lá foi com a Muari para os seus aposentos.

Informou-nos Bezerra do que lhe contou Cabuiza: que participaram ao Muatiânvua que, entre a gente que o rodeava, havia uma mulher feiticeira, e elle fazendo sair todos da quipanga disse: já sei quem é, e correu logo para a Cabuiza, que conseguiu fugir-lhe e esconder-se até que escureceu, e saíu em procura do sr. major para a proteger; não quer voltar ao poder da Muari e pede ao sr. major que a resgate.

A Muari tinha ciumes de todas as raparigas e com Cabuiza por vezes houve seus ares e tomares, que terminavam sempre em ralhos, no que o Muatiânvua tinha de intervir.

Poucos dias depois de chegarmos ao Caungula sentiu-se doente a Muari e chamou os adivinhos que attribuiram a doença a feitiços de Cabuiza. O Muatiânvua disse á Muari que era conveniente não se fallar nisso em viagem, por ser Cabuiza filha do grande quilolo Muene Caje, e na Mussumba se trataría d'esse caso.

Neste dia a Muari sentiu-se outra vez doente e disse ao Muatiânvua que víra de noite feiticeiros; «estes não querem que eu vá para a Mussumba e portanto siga o Muatiànvua com elles, que eu fico n'este sitio».

A firmeza com que a Muari disse: *vá com os feiticeiros para a Mussumba que eu fico aqui,* foi o que mais incitou o Muatiânvua a mandar adivinhar quem eram os feiticeiros.

Cabuiza, no conceito d'esta gente estava perdida, pois contavam-se d'ella já varias tolices para ser considerada feiticeira.

Fôra amasia de um parente da Lucuoquexe Camina do Xanama, e por vezes em nome do seu companheiro costumava pedir á Lucuoquexe, missangas para comprar malufo. Aconteceu fazer-se este pedido em dois dias seguidos o que se tornou reparado pela Lucuoquexe, porque no ultimo viera pouco depois cumprimental-a o parente. Esta, em ar de censura, disse-lhe: o meu parente está bebendo agora muito malufo.

Estranha este o caso, nega, e discute-se o pedido das missangas para tal fim. Vem Cabuiza para acareações, confessa o pedido, mas com respeito á sua applicação não diz cousa com cousa e descobre-se que tinha um amante a quem mimoseava com presentes.

O companheiro podia vendel-a, e tratava d'isso quando se apresenta o velho Lufuma, Lourenço Bezerra, que era amigo do pae de Cabuiza, para a resgatar, o que conseguiu, e mandou-a ao pae.

Na familia começaram as desavenças por causa do porte de Cabuiza, e não considerando natural as doenças e mortes que se deram em alguns dos seus membros, desenvolve-se uma corrente contra Cabuiza, que era uma grande feiticeira.

O pae, para evitar que se chamasse adivinhos e elle tivesse de comparecer com os parentes, entregando-a aos Tumbajes, procurou affastal-a do sitio e aproveitou a saída da diligencia do cacuata Muluanda para o Cuango, e confiou-lh'a para fazer aquella viagem na sua companhia.

Estando esta diligencia no Caungula, Cabuiza fez-se amiga da favorita do potentado, mas tendo adoecido aquella, imputou-se a origem da doença á amisade de Cabuiza. Caungula, que era amigo do pae, contentou-se em tel-a preza no libambo para não mais tornar a ver a sua favorita, e só d'ali saíu com Muluanda, que a entregou ao novo Muatiânvua.

Foi no Cassassa que nós a vimos a primeira vez, parecendo-nos que ella vivia satisfeita com a Muari, o que não admirava, por ser a unica companheira que então tinha, mas já se havia dado um caso que depois nos contou em segredo o Xa Madiamba, como cousa só por elle notada. Encontrára no seu infunde uma porção de cabellos enrolados em unhas de gente que guardou como feitiço, num panno, para mostrar ao Cacuata Muene Caje, que estava com Tambu no Anzâvo, os quaes Xa Madiamba sempre esperava viessem reunir-se ao seu cortejo para o cacuata tomar conta da questão.

Como a Cabuiza era a encarregada de fazer o infunde para o Muatiânvua, segundo este dizia, o feitiço era feito por ella, e já tinha a interpretação: «Que a cabeça d'elle havia de ser separada do corpo pelos da tribu a quem pertencia o homem ou mulher de quem foram aquellas unhas».

Mas elle Xa Madiamba não fazia caso d'isso por se tratar da sua pessoa, mas quando os feitiços fossem feitos contra a sua Muari, não podia perdoar, nem tão pouco esconder, porque era muito obrigado áquella sua companheira de trabalhos.

Se esta gente, pensámos nós, acredita em tudo isto, é de crer que triste sorte vae ter Cabuiza na Mussumba, se não for mesmo no caminho, e teriamos de empregar grandes esforços para garantir a protecção que desejavamos dispensar-lhe.

Com respeito ao rapaz de Muene Capanga, disse-nos Cabuiza que elle fazia parte da comitiva do Canapumba Angunza, que fôra ao Cassassa e de lá trouxe uma carga da Expedição.

Depois de ter chegado a mulher do Cuango, a quem o Muatiânvua concedeu o estado de Temeinhe, o rapaz andava amalucado por causa d'ella, queria por força que esta se deixasse requestar por elle e se não acceitasse ser sua amasia, o recebesse ao menos algumas vezes.

A mulher recusou dar-lhe attenção, dizendo que só d'ella podia dispor o Muatiânvua, que lhe fallasse, e se este ordenasse que vivesse com elle, obedecia. Não se atrevia o homem a pedir tal mercê, que só aos grandes se concedia, e insistiu para que o recebesse algumas vezes, e a mulher respondeu-

lhe já ter idade de mais para representar o papel de rapariga, que procurasse alguma d'essas, que não deixaria de encontrar quem acceitasse as suas propostas.

O rapaz, furioso pragueja: «Visto não querer ser minha amiga, nem tão pouco ter relações amorosas commigo, tenha a certeza que não ha de conhecer mais homem algum».

A Temeinhe adoeceu depois d'esta scena, e disse a uma das enfermeiras o que tinha passado com aquelle rapaz e fôra esta que espalhára o que sabia a tal respeito a algumas pessoas de sua amisade.

É d'este caso que os adivinhos tiraram partido para o apontarem como feiticeiro, e d'ahi a perseguição que se lhe fez.

Como Cabuiza algumas vezes visitou a doente e conversava com aquelle rapaz, eram os seus maiores receios lhe quizessem attribuir connivencia com elle na noite que pretendiam imputar-lhe o crime de feiticeria, mas com respeito á Muari, asseverou-nos que não havia o mais pequeno motivo para a accusarem. Todavia receando que a Muari lhe quizesse mal, pediu-nos com interesse que a comprassemos para Muene Puto.

Era bastante tarde, e aconselhámol-a a voltar á sua cubata para que não desconfiassem pela sua ausencia, que podia ser feiticeira, mas como tivesse receio, foi com ella Maria de Jayme para a acompanhar durante a noite e nos participar immediatamente qualquer occorrencia que houvesse.

Intercedeu para fallarmos de madrugada ao Muatiânvua, promptificando-se a sujeitar a sua innocencia á prova do juramento.

Foram-se, e nós, vestidos como estavamos, assim nos deitámos sóbre a cama e adormecemos, o que bem precisavamos.

Logo de madrugada nos apresentámos no aposento de Xa Madiamba e já elle estava com o Suana Mulopo e muzumbo, preparando-se para beber. Comprimentámo-nos e em seguida mostrando-nos zangados, despejámos o malufo fóra da portada, dizendo: viemos como promettemos, para lhe fallar sobre as occorrencias de hontem, se posso fallar, fallo, aliás retiro. Todos riram alvarmente de atirar por terra o malufo, e apro-

veitámos a occasião de attribuir aos que cercavam o Muatiânvua, em todos os tempos, as desgraças e miserias com que íamos deparando nas terras da Lunda.

O meu amigo, diz Xa Madiamba, é o pae de nós todos, falle, que nós apurâmos os nossos ouvidos para tomarmos muito sentido.

Em viagem tem dito o nosso filho, que não quer fazer correr sangue. Interrmpeu-nos o muzumbo que os feiticeiros não eram gente, e nós, puxando-lhe pela orelha direita, fomos dizendo. V.cê que andou nas terras de Muene Puto, tem obrigação de não ser tolo, e elle bate as mãos satisfeito, agradecendo, *(vudiê)*, emquanto os outros riam.

Tem rasão, não deve fazer sangue entre gente do povo, que o acclama e se sacrifica pela sua causa, mas tambem não deve exigir á força, milambos, nem obrigar o seu povo a juramentos que, pela fórma que se fazem é a sentença de morte de quem se sujeita a bebel-os. As noticias vôam adeante de nós, exageradas com as mentiras e a má fama do novo Muatiânvua, chegam á Mussumba antes de lá entrar e não póde ser bem recebido.

A nossa insistencia em não sentenciar pessoa alguma á morte, seja feiticeiro, seja quem for, é porque esse acto póde ser-lhe fatal, e irritar os seus quilolos e povo, pois todos estão muito descontentes depois do governo de Xanama, com as mortes determinadas por elle e seus successores.

Bem sabemos que precisa o Muatiânvua e os quilolos pensarem num castigo que substitua a pena de morte, mas isso só póde fazer se no Estado, e no emtanto, como está em viagem, não pense por ora senão em caminhar e attrahir a si as amisades das populações por onde vae passando.

Quando os que o acompanham o aconselharem a tratar de questões, responda-lhes o nosso filho, que o colloquem primeiro no Estado, pois não pode obrar como Muatiânvua sem ter o lucâno.

Se os attender e mandar matar alguem por voto d'elles, quem lhe póde afiançar que tem entrada na Mussumba?

Ouçam todos; — supponham que encontrâmos no caminho Muxidi ou Cahunza ou qualquer filho do Muatiânvua, que segue com os seus partidarios armados, como pretendente a tomar conta do Estado, quem é que póde mandar matar gente, o nosso filho ou aquelles filhos de Muatiânvua?

Então já a Lunda se retalhou em tantos Estados, quantos são os filhos de Muatiânvua que vivem e cada um póde matar os seus partidarios?

Se ha algum que tenha poder entre V.ce de mandar matar, é o Muatiânvua que tiver lucâno.

Nós bem sabemos que é o nosso filho que todos querem para Muatiânvua, porque querem um bom governo, um governo de um homem velho e experimentado, pois estão cansados das creanças. Mas quem garante que os quilolos não mudarão de voto e farão chamar outro filho de Muatiânvua, sabendo que, o que elles esperam, vae matando pelo caminho a gente que lhes pertence e mandaram ao seu encontro para o acompanhar? que na sua comitiva se encontra muita gente intrigada pelas milongas? que manda roubar as povoações pobres, que não podem presenteal-o com bons milambos?

Quem for seu amigo deve pensar como nós e se não lho diz é para não o desgostar e porque ainda o respeitam.

Não demore mais a sua viagem, com feiticerias, juramentos e mortes; se houver alguma doença, trate-se d'ella, mas não mande chamar o adivinho, que tudo que elles dizem, são mentiras que tem de pagar como verdades.

Que mais direitos têem esses homens para adivinhar que nós, o Muatiânvua, o Caungula, emfim, qualquer outra pessoa?

Nós dizemos uma cousa, outros dizem outras, quem é que falla verdade?

Os adivinhos são os que os enganam, são esses os verdadeiros feiticeiros, por causa d'elles se matam muitos innocentes.

O nosso amigo Caungula ouviu-nos e ajudou-nos a proteger um desgraçado que ía sendo victima da ferocidade dos algozes embriagados com o malufo.

Agora trata-se ainda de uma mulher que tambem está innocente. Se é pouco o que deu Caungula para a salvação das victimas, nós pagaremos em cima o que for preciso para saciar os famintos, os que estão anciosos por verem correr nestas terras em que estão hospedados, o sangue humano, dos humildes que não têem entre os seus companheiros um protector forte que os defenda.

Disse-nos o muzumbo, que o Muatiânvua e Caungula nos achavam rasão e agora só restava contentar os Tumbajes, pondo em cima da cabra que receberam do Caungula, duas peças de fazenda.

E quem nos póde garantir, lhe respondemos, que essas duas victimas não ficam sujeitas a serem perseguidas até as exterminar?

Pelos crimes de que são accusadas, diz-nos elle, o chefe dos Tumbajes.

Foi chamado este, que era o Muene Tembue, o irmão-sobrinho de Xa Madiamba, e de quem este por vezes nos mostrára ser amigo mas ter receio dos seus atrevimentos; o que nos convinha para o que tinhamos em vista.

O rapaz fugíra, e tolo seria se tornasse a voltar ao Caungula em quanto nós não tivessemos continuado a viagem, dava-nos cuidado, pois, a Cabuiza. Mandámos buscar as duas peças de fazenda e dissemos a Xa Madiamba que fizesse chamar a rapariga que os adivinhos apontaram como feiticeira.

Veiu Cabuiza, propozemo-nos a resgatal-a, e o Muatiânvua disse-nos particularmente que nenhuma pessoa das que estava com elle podia vendel-a, por pertencer ao estado de Muene Caje, mas protestava que se portando ella bem d'ahi em deante, não se podia matar.

Bem, lhe respondemos, somos nós que comprâmos a segurança da sua vida, não é assim? Todos apoiaram.

Demos as duas peças de fazenda a Muene Tembue e dissemos, receba Cabuiza debaixo da sua protecção, responde-nos pela vida d'ella, conte que lhe daremos sustento para ella, quando precise, e vá procurar-nos á Estação, que o queremos

vestir; mas fique sabendo que se emquanto andar comnosco, algum mal succeder a Cabuiza, tem de fazer fogo contra nós porque o considerâmos como inimigo.

Xa Madiamba estava surprehendido com a nossa resolução e nós dissemos á Muari: perdeu uma serva, mande buscar á nossa Estação o preço d'ella.

Agora é rapariga de Muene Tembue.

O que fez está muito bem feito, disse-nos ella, com o apoio de Xa Madiamba, Caungula e os circumstantes.

Muene Tembue retirou com Cabuiza, e o Caungula disse ao Muatiânvua: o seu amigo Muene Puto andou muito bem, e o Muatiânvua deve ouvir os seus conselhos com o coração limpo. Se quer fazer mortes na sua viagem, rogo as faça fóra do meu sitio, de outro modo dirão os quilolos ser influencia minha, e isto acarreta o odio ao Muatiânvua e a mim, e havemos de padecer.

Xa Madiamba volta-se para os seus: ouviram meu pae Noeji e Caungula? Não venham depois chamar-me fraco quando quizerem que eu ouça os maus conselhos de v.cês

Os Bangalas, que tiveram conhecimento como findaram as occorrencias da vespera, vieram felicitar-nos pelos bons conselhos que demos ao Muatiânvua, e durante o dia, constantemente nos procuraram homens e mulheres da Lunda, que se rojavam no chão a agradecerem ter salvo aquellas victimas, e convencendo-nos que foi a nossa influencia e procedimento que em verdade salvára a vida d'aquelles infelizes.

Determinámos por isso ao interprete que levantasse um auto de noticias do que dissessem a tal respeito os individuos com quem fallasse e chamasse testemunhas para assistirem ás suas indagações.

Cumpria-nos o dever de ir agradecer ao Caungula a sua coadjuvação e essa visita proporcionou-nos o ensejo de assistirmos depois, a uma festa dos seus caçadores, no quintal da quipanga, aonde elle nos acompanhou.

Numa especie de altar estavam expostos diversos aprestos de caça e em quantidade, mais ou menos ornadas com folha-

gem, missangas, fitas, que fazia bom effeito e tambem chifres, ossadas, pelles, etc.

Os caçadores já estavam dançando com as suas espingardas, em muito boa ordem e socego, nuns recittativos melodiosos, e eram acompanhados pelas palmadas e cantos das raparigas que, enfeitadas a seu uso, estavam sentadas em esteiras um pouco distantes dos caçadores.

De quando em quando estes, lançavam pitadas de polvora na caçoleta e faziam-n'a fuzilar como relampagos.

Demorámo-nos algum tempo esperando que nos trouxessem 4 jardas de fazenda e uma porção de missangas, por termos sido mimoseados com uma travessa de carne de palanga (antilope) muito fresca.

Demos a fazenda aos caçadores e as missangas ás raparigas, agradecemos a Caungula aquella sua amabilidade porquanto naquelle recinto só podiam entrar os caçadores, e retirámos.

No regresso, deparámos com dois rapazes á torreira do sol jogando uma especie do nosso *pares ou nunes,* um caroço dividido ao meio, fazia a festa. Cada um atirava ao ar o seu meio caroço dizendo a parte que voltava para cima se acertava, retirava o bolo, se errava, ficava na mesa. Seguia-se o outro, e assim successivamente. Jogavam desde a vespera; um era ricasso, pois tinha a seu lado um montão dos seus ganhos, que consistiam em pedaços de ferro, busios, missangas e retalhos de fazenda; o outro era o infeliz, que já estava jogando a credito e por vezes fez paradas da sua pessoa, reputada num certo valor, de que se havia salvo sempre, e era o seu ultimo recurso.

Quinguri procurou-nos á hora que lhe haviamos marcado para os nossos estudos diarios e deu-nos parte da chegada de diversos portadores, vindo entre elles Muzequele, sobrinho de Anguvo Mucanza, e tinha ouvido dizer que traziam noticias importantes: Mucanza considerava-se, depois da morte de Muriba, ainda mais em perigo do que estava.

Xa Madiamba esperava o irmão Lubembe que se dizia acampado no Luangue, e era preciso dispor as cousas para seguir-

dar-se o caso dos paes, como na Lunda, mandarem sujeitar a essa operação os seus filhos quando creanças, e assim discorrendo, lembrava-se de numa das suas viagens ao interior, circumcisar-se, porque os seus receios é que, fazendo-o depois de estar senhor do cargo, morria em seguida, como tem succedido aos ultimos, acreditando elle e outros, ser isso devido ás invejas das tribus.

E se eu, perguntava-nos elle, proceder assim, ratificará Muene Puto a minha nomeação?

Respondemos que, sendo elle o mais votado na eleição, ou tendo Muene Puto a faculdade de escolher entre dois ou tres individuos indicados, de certo Muene Puto o reconheceria como jaga. E tão satisfeito ficára em ouvir a nossa opinião, que nos pareceu ser para elle um negocio resolvido, e trataria de trabalhar para o elegerem.

Nós aturavamos com toda a paciencia este homem, porque tambem elle se prestava a dar-nos muitas informações que foram grandes subsidios para os nossos estudos e para sabermos caminhar com vantagem entre os povos com quem íamos deparando. E não lhe foi indifferente a nossa pachorra, chegando a demonstrar ao nosso interprete o conceito em que nos tinha; porquanto dizia: quando o sr. major regressar ao Cuango ha de encontrar os principaes Ambanzas de Cassanje com uma mucanda prompta para ser enviada ao sr. governador de Angola, em que todos lhe pedem para o sr. major governar os povos de Cassanje.

Foi no dia de Natal que teve logar a audiencia magna em que se apresentou Muzequele, sobrinho de Mucanza, e representantes do Muitia, de Suana Murunda e de Canapumba e tambem um rapaz cujo papel que representava era de lobo de Mucanza.

Depois dos cumprimentos do estylo, falla Muzequele.

Muriba deu ordens a Mucanza que fosse com uma guerra para o sul, bater os Quiocos de Quissengue, emquanto elle ía para Muene Quiji Canzari, no Lulua, onde proximo estavam os Quiocos acampados, e para as margens do Caungueji já ti-

MUENE CASSE E CACUATA

nham marchado Muitía, Muene Panda e Muene Casse, que tinham sido felizes, mataram muitos Quiocos e perseguiram os restantes em debandada.

Animado Muriba, bateu e destroçou a seguir, dois acampamentos.

Haviam regressado as forças de Caungueji a Muene Quiji, e os chefes procuraram convencer Muriba para retirar, pois já havia dado uma boa lição aos Quiocos.

Não quiz, e como Mucanza não tinha satisfeito a sua ordem, mandou que Muitía e Canapumba fossem tomar posições no sul, para se opporem á marcha dos Quiocos, que esperava viessem em soccorro dos que debandaram e queria que Mucanza fosse estabelecer-se no ponto em que lhe havia determinado.

Percebeu Mucanza que o fim de Muriba era deslocal-o para em seguida o mandar matar, e nunca quiz deixar a sua residencia, pretextando que nas suas terras, estavam estabelecidos Quibeu e muitos Quiocos importantes e quando soubessem que elle partia com forças para bater os do sul, tornar-se-íam senhores das terras e rios, que era um grande prejuizo para o Estado do Muatiânvua.

Determinára Muriba levantar e seguir para a capital de Mucanza, porém fôra prevenido que do sul vinha gente armada e elle suppoz ser a comitiva de Ambumba, a quem por vezes tinha mandado chamar, porque precisava de polvora e armas, e por isso esperou.

Eram os Luenas, Lassas, Cossas e Quiocos de Caqueneca, amigos de Xanama, a quem Quicubo seu filho havia convidado para vingarem as mortes que Muriba havia feito nos Quiocos.

Quicubo, com o nome supposto de Muxidi, marchou com as forças até certa altura, de onde mandou prevenir Mucanza, da guerra que mandava contra Muriba e lhe pedia que não fosse ajudal-o e fizesse prevenir seu tio Xa Madiamba que avançasse, para herdar o Estado.

As ordens de Muxidi foram, que lhe apresentassem o lucâno de Muriba, todas as suas raparigas e tudo mais que podessem pertencente ao Estado, que elle resgataria depois.

Muriba tinha determinado que todas as forças fossem tomar posições distante d'elle para se opporem á marcha dos inimigos, e ficou com pouca gente no seu acampamento, sendo na maioria as suas mulheres e caxalapolis.

Os chefes das forças estavam combinados para se refugiarem no matto logo que vissem os Quiocos, e abandonarem o Muatiânvua á sua vingança, visto a teimosia d'elle em não querer regressar á Mussumba, no que foram mais influentes os quilolos que insistiam com Mucanza para que avançasse Xa Madiamba, que já ha muito esperavam, e haviam preparado aquella guerra para o levarem depois em triumpho.

Surprehendido uma madrugada Muriba por grandes forças de Quiocos em torno do seu acampamento, fez-se rodear das suas mulheres que lhe carregavam as armas, e por algum tempo, animando os caxalapolis e seu irmão Suana Mulopo, sustentaram bastante fogo contra os primeiros que se atreveram a entrar no recinto em que estavam. Caindo morto o Suana Mulopo, Muriba desanimou e disse: a minha vida dependia d'aquella que acabou agora, mas a minha ha de custar-lhes mais do que pensam.

A fogo e depois a faca, fez grande mortandade, confessado pelos proprios Quiocos, que se não contentaram sem o ver feito em postas, que foi como terminou.

Emquanto batalhavam gritavam os Quiocos: lembrem-se que Muxidi recommendou que se não matasse rapariga alguma e só se matassem os defensores do Muatiânvua e o proprio Muatiânvua.

Na ultima refrega, alguns rapazes de Ambumba foram tomados por defensores de Muriba e foram perseguidos.

Os Quiocos, senhores da victoria, levantaram do theatro da guerra com todos os despojos, tendo o cuidado de tirar o lucâno do braço de Muriba e seguiram com as mais importantes insignias: Mulepe capenda (grande tambor de guerra); macongo (grande mondo); a chimbuia (o machadinho de Ilunga); o lubembe (campanulas de ferro), o chinguvo de guerra, outros instrumentos, armas, lanças, facas, etc.

Canapumba e Suana Murunda que trazia em si escondido o cofre dos lucânos, conseguiram mandar os seus representantes com presentes; o primeiro trouxe de signal o *dilande* (uma vara de chibata, revirada superiormente em arco); o segundo. o *muvulo* (uma especie de pá com que mechem o malufo).

Viram estes representantes, que seus amos passaram o Caungueji numa canôa, porém na outra margem foi Suana Murunda presa pelos Quiocos, e Canapumba salvou-se nadando para a margem opposta.

Casse e Calenga fugiram para o Calânhi; Quiala, Quiamba, Anguina Ambanza e Lucanda, não se sabia onde paravam. Muene Dinhinga, só com a sua arma, teve de abandonar o seu sitio e foi refugiar-se no Mucanza. A Lucuoquexe Macanda e o segundo Canapumba morreram na guerra, o Muitia logo de principio regressou com as suas forças.

Com Quicubo estavam seus irmãos Mulaje, Cabuico e Quilelemo. O Cahunza, que estava no Mucanza, não se liga com aquelles seus irmãos nem com Noeji e Cassue ca Mutêna; e suppõe-se que trabalha de accordo com Ambinji que procuram chamar ao seu partido o potentado quioco Quibeu, para matarem Mucanza e fazer-se Cahunza Muatiânvua e Ambinji governador de Mataba.

Foi avisado Mucanza por Camina, irmã de Cahunza, que tem sido sempre dedicada áquelle e ao Xa Madiamba, que aconselhou convencer seu irmão que não devia retirar do sitio e esperar ahi, a chegada d'aquelle seu tio, que os quilolos queriam para Muatiânvua, e que Mucanza se interessaria para ser bem recebido e obter um bom cargo no Estado; porém Cahunza insistia em querer retirar.

Mucanza chamou-o e disse-lhe: que socegasse, não o podia matar por ser filho de um Muatiânvua e alem d'isso tinha sido amigo de seu pae e havia de tomar conta d'elle. Parecia Cahunza ter socegado, mas Mucanza, desconfiado, fazia vigial-o por gente sua.

O Muxidi mandou participar a Mucanza que o Estado estava em seu poder e portanto pedisse a seu tio Ianvo, que

fosse acampar no sitio d'elle, e convocasse ahi uma reunião de todos os velhos quilolos e tambem Quissengue para se convencionar antes de entrar no Calânhi como harmonisar os complicados negocios entre Quiocos e Lundas e que elle entregaria perante todos as insignias em seu poder.

Era certo que a Mussumba de Cauenda estava destroçada e a do Calânhi cercada por Luenas, porém Muxidi declarava que nisto não tinha responsabilidade alguma, porquanto a missão que a si impozera, terminára com a morte de Muriba.

Á vista de taes noticias era prejudicial toda e qualquer demora, e de accordo com Xa Madiamba, Muari e Caungula, resolveu-se que se esperasse apenas pelo Lubembe Suana Mulopo. Este tinha ido a casa buscar a familia e a sua força armada, mas havia noticias estarem proximos, e de facto chegaram dois dias depois, aproveitando o acampamento dos nossos carregadores, já desoccupado.

Na companhia de Lubembe vinha um rapaz forte que, por parte da mãe, era irmão d'elle, e ao mesmo tempo parente de Joanna mulher de Manuel Ignacio, do qual temos de fallar e que a pedido d'este, o contratámos para o serviço das nossas cargas.

Preparava-se tudo para a partida, e já tinham seguido o interprete e outros doentes e nós estavamos apenas acompanhados pelo pessoal que nos era indispensavel para a nossa bagagem, contando seguirmos na manhã do dia 30, mas os negocios de Ambanza Ambumba e dos rapazes do Congo que deviam partir para Malanje não nos permittiram. Naquelle dia o tal rapaz de Muene Capanga, salvo por Caungula, teve a audacia de apresentar-se na audiencia ordinaria e declarar que era feiticeiro não da Muari, mas da Temeinhe; fôra elle que causára a morte d'esta por não querer dar alegria ao seu coração, dando-lhe a esperança de ser um dia sua mulher. Sabia que o Muatiânvua ía retirar, por isso se apresentava, não queria beber juramento porque era certo ser feiticeiro d'aquella mulher, que o mandasse matar, aliás faria mais feitiços, não podia viver contente sem aquella mulher a quem tirou a vida.

O Muatiânvua surprehendido, disse que não mandava matar ninguem, que assim o promettêra, e entregou o homem a Caungula, para proceder com elle como entendesse.

Não era um feiticeiro, era um envenenador!

Soube-se depois que numa porção de figado que dera a uma mulher, enfermeira da doente, que o cozinhára para esta, o havia elle preparado com venenos, e umas manchas esverdeadas que se tomou por podridão, era effeito d'esse veneno.

De noite Caungula mandou chamar dois Tumbajes do Muatiânvua, que lhe deceparam a cabeça na margem do Luchico e o lançaram no rio, facto de que só tivemos conhecimento no dia seguinte, porque por um acaso, foi visto pelo soldado 54, que tinha ído com a sua amasia, Na Muhongo, mulher de quem temos de nos occupar, nas margens do rio Luchico, e fôra tratar dos preparativos para a viagem, e nos deu conta d'essa scena horripilante que teve logar, bem longe das nossas vistas.

Caungula já havia entregue o seu presente a Xa Madiamba e comprometteu-se a apresentar-lhe vinte homens armados, para fazerem parte do seu cortejo, não podendo ir nem mandar mais força, porque o Muatiânvua bem sabia que esperava Mona Muxico, de regresso de Campana.

No dia 31 veiu despedir-se de nós o Caungula e recebeu as caixas de pharmacia, a quem recommendámos não consentisse que os seus rapazes tocassem nos frascos, porque alguns continham liquidos que podia fazer-lhes mal e não podiamos separar os que continham esses liquidos que bebidos em maior dóse do que é recommendado, podem matar.

Quinguri não nos acompanhava, seguia-nos sempre um dia depois para aproveitar os nossos acampamentos e se encontrasse negocio nas margens do Chicapa não ía para deante, estava com muitos receios dos povos de Mataba, que constava não viverem em harmonia nem com Quiocos nem com Lundas.

Pagámos de tarde a visita ao Caungula, deixando-lhe um bom presente e fomos depois ao Muatiânvua, a quem dissemos: «temos tudo disposto para partir ámanhã e não temos mesmo já recursos alguns se quizessemos ficar, tudo seguiu a esperar-

nos no primeiro acampamento; não são seus amigos os que o aconselharem a ficar mais um dia aqui; já vieram as verdades, o que póde vir agora são mentiras; esperámos em quanto havia rasão, agora demorar-se nesta terra era perder, porque os ganhos estão adeante; de madrugada viremos buscal-o.»

O homem abraçou-nos, e, na fórma do costume, apoiado sempre pelos que o rodeavam, na occasião, fez-se a resenha do muito que nos devia desde o nosso encontro no Cassassa.

Era já noite quando nos retirámos, e encerrando o nosso Diario d'este anno, escrevemos: «se é certo o adagio, principiando a marcha no primeiro do anno, a nossa peregrinação só terminará no fim d'elle. Nós temos algum tanto de supersticiosos, mas se formos a fazer caso d'isso, teremos ainda de adiar a partida, o que não nos convem.»

O futuro a Deus pertence, que se cumpra o destino e que não me seja menos propicio o anno em que vamos entrar. Com este que finda, que termine o meu penar nesta Estação, e esta que se conserve, como monumento dos meus oitenta e dois dias de existencia neste sitio, no fim do anno de 1885.

CABAÇA DE MALUFO

SYRNIUM DORSODORFFI

CAPITULO SUPPLEMENTAR

masuma makusala majikita, kumasŭana bŭate.
«Mais faz quem quer, que quem póde.»

Resultado das nossas observações: Situação geographica da capital dos dominios do Caungula Muata Xa Muteba e da dos dominios de Muata Cumbana; inconvenientes da partilha d'estes e de outros vizinhos na conferencia de Berlim por falta de esclarecimentos praticos da região a partilhar; como nós portuguezes devemos aproveitar o que nessa conferencia ficou por partilhar e por onde ha seculos é reconhecida a nossa influencia; considerações geraes sobre os factores meteorologicos observados na capital do Caungula comparados com os observados em S. Salvador do Congo e em Loanda no mesmo periodo; doenças predominantes e necessidade de estudos especiaes sobre a syphilis; considerações sobre a excellencia das terras e das aguas para a grande e pequena agricultura; communicações que projectámos da capital do Caungula á do Muata Cumbana e d'estas á de Capenda, á de Muene Puto Cassongo e á de S. Salvador do Congo; boas e estreitas relações commerciaes mantidas por Portuguezes com estes e com os povos vizinhos, nos territorios de expansão da nossa provincia de Angola e necessidade de se occuparem estes; considerações sobre esses povos e modo de aproveitar a sua actividade em beneficio do desenvolvimento de suas propriedades no que interessa o commercio de Angola e a acclimação de migrantes europeus; os nossos alvitres para se obter esse aproveitamento o mais promptamente possivel — beneficiar a situação do indigena e do meio em que elle vive; motivos porque a nossa expedição caminhou vagarosamente e estacionou mezes em algumas localidades e ainda porque não nos arrependemos do nosso modo de proceder como chefe dirigindo os trabalhos da expedição. — Documentos: Propostas enviadas ao governo de Sua Magestade, já em Lisboa, segundo o nosso modo de ver com respeito aos nossos trabalhos e ás informações que fomos obtendo á medida que estes trabalhos iam seguindo na sua publicação.

RESULTADOS DAS NOSSAS OBSERVAÇÕES

esumimos, como foi possivel no capitulo anterior, o que encontrámos de mais importancia nos nossos Diarios, com respeito a todas as occorrencias que se deram e ao que podémos observar de mais valor entre os diversos povos com quem tivemos de manter relações na Estação Luciano Cordeiro.

Póde dizer-se que esse capitulo é uma succinta narração de factos expostos com a naturalidade com que se succederam para não fugirmos á originalidade; e ficaria, de certo incompleto, se, sem ser preciso rememorar os factos os não fizessemos resaltar para argumento das conclusões a que chegâmos, em interesse dos fins da nossa missão, que se restringem ao que se nos afigurou de aproveitamento immediato ao nosso paiz e de util á causa da humanidade e da sciencia.

A situação geographica da capital do Caungula, quasi no centro da região em que domina o Muatiânvua, banhada a oeste pelo Lôvua, a leste pelo Chicapa, affluente esquerdo e já muito proximo do Cassai, na parte em que é navegavel a vapor, é um magnifico ponto estrategico e commercial entre os mercados importantes da nossa provincia de Angola, comprehendidos em toda a região limitada pelos parallelos de S. Salvador do Congo e de Cassanje, e os mercados de maior procura: a leste, mussumba do Muatiânvua, Samba, Canhiuca e Mataba e a norte, Lubas e Peindes.

A 80 milhas de distancia da capital de Muata Cumbana, que lhe fica a NNE., viagem que os indigenas carregando até 2 arrobas de peso, fazem em cinco dias; os dominios de um e outro potentado confinam com os de Muene Puto Cassongo e do Capenda na margem direita do Cuango, situada a capital d'aquelle, na latitude S. do Equador 6° 28′, e longitude E. de Greenwich 17° 18′ e a d'este na longitude S. do Equador 9° 5′ e longitude E. de Greenwich 18° 10′, isto é, uma da outra distantes, 280 kilometros, viagem que as caravanas indigenas de commercio têem feito entre quinze e vinte dias.

O Muata Cumbana é senhor de uma vasta região para o norte do parallelo 7° S. do Equador, entre os rios Cuilu e Luangue, ficando a sua capital proximo da confluencia dos rios Luchico e grande Luangue e por estes limitada. Os territorios a norte ainda não foram explorados por europeus, mas ha todas as rasões para acreditar que o rio Luangue, que vae entrar no Cassai depois de um percurso não inferior a 200 kilometros, seja navegavel se não em todo, numa grande parte d'este percurso.

Surprehendidos os delegados technicos portuguezes, na conferencia de Berlim, com respeito aos limites do nosso dominio com o que, para si tomou o Estado Livre do Congo de H. Stanley, apenas se haviam preparado com os esclarecimentos indispensaveis a argumentarem sobre os direitos que nos assistiam ao norte da provincia de Angola até ao Cuango e despercebidamente lhes passou que, chegando ao Cuango com o

parallelo do Noqui, a exigencia dos representantes do Estado para acompanharem o rio Cuango uns dez minutos pouco mais, a ganhar o sexto grau, para seguirem com o limite nesse parallelo, até ao meridiano 24.º, sob pretexto de arredondamento de numeros; alem de nos ser muito prejudicial, foi cortar povos de potentados cujos limites estavam bem definidos com os seus visinhos. E nos de Cumbana, a que nos vamos referindo, succede que toda a sua região a norte ficou comprehendida no Estado Livre.

Naturalmente, como os senhores indigenas da propriedade, ignoram das luctas dos brancos nos mais magnificos gabinetes das capitaes europeas com respeito á partilha das suas terras em interesse da humanidade, não podendo ainda saber que d'elles se lembrassem outros europeus que não fossem os Portuguezes, com quem seus avós mantiveram relações commerciaes; naturalmente, repetimos, acontecerá quando os agentes do Estado Livre quizerem explorar aquella região, ser preciso entenderem-se com Muata Cumbana, que continúa a suppor-se o senhor d'ella e o Muata dos seus habitantes, illusão que por muito tempo hade ser mantida por conveniencia dos referidos agentes.

E o que fica explicado com respeito a esta região e potentado, se dá com todos que ficam a seu leste.

Desenganemo-nos, a partilha de Africa pelas nações europêas poderá ser respeitada na Europa entre aquellas que, inconscientemente trataram d'essa partilha para evitar conflictos no equilibrio da sua politica; mas na Africa, no campo pratico, quando ahi quizerem trabalhar, se os elementos de que podem dispor lá chegarem um dia, acredite-se, serão os agentes d'essas nações que estabelecerão os conflictos entre si e com os povos indigenas, os verdadeiros senhores das suas terras; e a humanidade, em vez de beneficios, registará massacres, expoliações, sequestros, e quem sabe o que mais!

Os que viverem nesse tempo, condemnarão as precipitações e ambições demasiadas dos que na actualidade entenderam transformar num prompto, o continente africano em vastissi-

mos mercados de commercio para o que lhes sobra do que já comportam os civilisados europeus.

Esta é a verdade, e Portugal, que caminhava de vagar, caminhava sempre, dando interesse ás nações que hoje querem dividir entre si as terras que estão occupadas pelos seus naturaes possuidores, sem luctas, sem necessidade de forças armadas, respeitando as auctoridades constituidas entre os indigenas, com estas e seus povos mantendo boas relações, desculpando a sua ignorancia, tratando-os de igual para igual, catechisando-os para que reconhecessem da necessidade da sua evolução.

E todos esses povos respeitaram sempre a passagem do homem branco pela sua terra, que se não era Portuguez, só lá podia entrar, segundo o seu modo de ver, com a permissão do Rei dos Portuguezes.

E hoje, desde que lá entraram os subditos de outras nações, tendo a primasia os missionarios inglezes, disputa-se a passagem á força de armas, e armas dos systemas mais modernos, porque os sentimentos humanitarios com o decorrer do actual seculo, sobretudo no ultimo quartel, consistem em exterminar os povos que não podem por emquanto perceber para onde os querem arrastar, os que levaram seculos a civilisar-se.

Mas se nós não podêmos reagir contra os que machiavelicamente presentearam o Estado Livre com regiões e tribus a que elles nos reconheciam direitos á prioridade de muitos annos de contacto e de relações commerciaes constantes, e se serviram para ahi chegar (o paiz dos Lubas e visinhanças, são palpaveis exemplos) das nossas indicações, dos nossos linguas, dos nossos pombeiros, dos nossos carregadores, das nossas casas commerciaes européas, das nossas boas relações com todos os potentados do transito, e lá foram encontrar Portuguezes estabelecidos com suas familias e souberam terem sido precedidos de comitivas de commercio de Portuguezes europeus; resta-nos agora aproveitar o que elles não quizeram para si, fazendo alguns exforços, mesmo sacrificios, para que não nos empolguem esse resto, a pretexto do que temos desprezado.

Muene Puto Cassongo, que é um potentado tão importante que tem honras de Muatiânvua, tem a sua capital no parallelo que pouco differe de S. Salvador do Congo.

Podem considerar-se distantes de 290 kilometros, viagem que os indigenas carregados vencem entre quinze e vinte dias.

O Cuango, desde o Tembo Aluma, potentado visitado pelos nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens até Muene Puto Cassongo é navegavel, e o seu affluente esquerdo, o Cambo, que atravessa a região dos Bondos de Andala Quissua a contar de Massango, onde passou a nossa Expedição, até á confluencia no Tembo Aluma, é tambem navegavel e para a mesma lotação de lanchas.

A viagem para carregadores de Malanje a Massango, faz-se em dez dias, portanto, Muene Puto Cassongo póde collocar-se em relações constantes com Malanje e com muita facilidade, aproveitando-se d'aquellas linhas fluviaes.

A navegação já emprehendida sob nossos auspicios pelo major Von Mechow, foi alem de Muene Puto Cassongo até Quingunji, queda de agua algumas milhas acima do 5° S. do Equador, que o obrigou a suspender a sua exploração; por outro lado, já dissemos que o vapor *Peace,* vindo do Zaire, subiu o Cuango até 4° 35′, quer dizer, pois, que basta um caminho de 30 kilometros numa das margens do rio, para estabelecer uma boa communicação entre Muene Puto Cassongo e o Atlantico.

Uma Estação hospitaleira na margem do Uhamba, duas na do Cuango e outras duas na do Cuílu, no caminho a seguir da primeira, para Muata Cumbana e para Caungula, em territorios dos tres grandes potentados, com segurança, mantêem as communicações entre elles e a provincia de Angola, quer por S. Salvador do Congo, quer por Malanje, e por conseguinte para os melhores pontos do littoral, entre os rios Cuanza e Congo (Zaire).

Occupâmo-nos desenvolvidamente da meteorologia das Estações da nossa Expedição em um volume especial, no emtanto tem aqui logar pela media dos factos de mais consideração,

dar uma idéa, quando mais não seja, geral, do que podemos contar nesta região, em presença d'estes factos, comparando-os no mesmo periodo de tempo com os identicos observados em Loanda e em S. Salvador do Congo, cujas altitudes nos pontos de observação são por sua ordem: 59, 559 metros, quando no Caungula 822 metros acima do nivel do mar.

Considerando directas as distancias d'aquelles logares ao littoral e ao Equador, e observando sempre a mesma ordem, são approximadamente as primeiras: 0, 265, 429 kilometros, e as segundas 529, 380, 446 kilometros.

A capital do Caungula, muito mais distante da costa, mas numa distancia ao Equador intermedia á de Loanda e de S. Salvador, e numa altitude muito superior á d'aquelles dois pontos, teve por limite de variação de temperatura á sombra, de 23° a 34°, emquanto que tal variação em Loanda se deu entre 20° e 29°, e em S. Salvador entre 17° e 36°. Foram pois os limites maximos na ordem do affastamento 36°, 34°, 29°.

Se influiu no periodo considerado estar Loanda á beira-mar e refrigerado constantemente pelos ventos predominantes de W. a S.; S. Salvador apesar de uma altitude superior 559 metros, que está muito mais proximo do Equador, mas a grande distancia da costa, teve ainda contra si calmarias constantes de dia e de noite; e Caungula, que entra como os outros nos climas considerados excessivamente quentes, teve a seu favor sobre ambos os pontos, a sua altitude superior, e durante o dia as brisas de NW. e as rajadas fortes de SE. das regiões altas, o que compensava bem a desvantagem da sua maior distancia ao littoral e sobre S. Salvador, mais distante do Equador.

Pertencendo o periodo das observações á epocha das chuvas, a pressão variou no Caungula apenas de 3 millimetros, emquanto que em Loanda de 8 e em S. Salvador de 6, e contaram-se em Loanda apenas seis dias de chuvas e em pouca quantidade, quando no Caungula trinta e um, sendo o maior intervallo de suspensão, cinco. A atmosphera conservou-se bastante carregada, trovoada quasi todos os dias, e de certo

deve ter contribuido para isso o ardor do sol que, segundo o thermometro exposto, oscillou nos oitenta dias de observações entre 26° e 50°.

A maior altitude da localidade no Caungula, e certamente as mais elevadas temperaturas a que esteve sujeita, compensaram com respeito á humidade, a desvantagem de estar situada entre a abundancia de aguas, pois alem dos rios que limitam a capital, devemos tambem lembrar o grande numero de affluentes d'aquelles, os que passam proximo da Estação e ainda os pantanos e charcos, pois estavamos no grande valle entre Cuilu e Cassai.

A humidade variando aqui de 69° a 90° de saturação, variou em Loanda de 66° a 97°, e no Congo de 50° a 98°; e a tensão do vapor atmospherico, que é uma funcção da humidade, variando no Caungula de 5 a 10 millimetros, tanto em Loanda como em S. Salvador, teve maior oscillação de 15° a 21°. Sendo pois humido, é menos humido do que estes dois pontos. Não estando nós na epocha do cacimbo e não tendo chovido durante a noite, por vezes observámos de madrugada, sobre a folhagem de plantas e pequenos arbustos, como que teias brancas, uma similhança de floccos ou folhecas da neve, a que davamos piparotes e se desfaziam em chuva muito fina; e é certo que, passando encostados algumas vezes a essas plantas, encharcavamos a roupa.

Isto, a que os Ambaquistas e outros que fallavam portuguez interpretavam de neblinas, desfazia-se pouco depois do sol se descobrir acima do horisonte. Nos traduziamos este facto por as plantas terem a propriedade de a si chamarem algum dos componentes do vapor atmospherico, e dar-se depois alguma combinação, ficando depositada a agua naquella fórma sobre as folhas, tendo por ultimo logar a evaporação com o augmento da temperatura.

Bem sabiamos que debaixo do ardor do sol, o ar satura-se de vapor de agua, e esta humidade, dividida em moleculas que penetra por toda a parte, oppõe-se á evaporação das secreções da pelle e invade as vias pulmonares, originando-se as

febres de todas as naturezas, as dysenterias, as colicas, as doenças de figado, as anemias, em geral todas as doenças endemicas e tambem as de olhos, de pelle, etc.; mas, como observadores conscienciosos, e por experiencia propria devemos dizer: que se de facto os instrumentos nos accusavam clima dos mais ardentes, o achámos supportavel, não nos tendo poupado a dirigir trabalhos, expostos nas horas em que mais se sente a ardentia do sol, o que attribuimos a modificadores poderosos em que a altitude, julgâmos ser o menos a considerar, pois é muito inferior á de Malanje (1:154 metros), não se registaram doenças, mesmo entre os estranhos á região, das consideradas graves, das mais frequentes como as indicadas; apenas tivemos conhecimento de um ou outro caso de febres, diarrheas, resfriamentos e bronchites, mas simples, e tambem de algumas ulceras nos pés e pernas.

Não somos pois nós que podemos certificar de maligno o clima da capital do Caungula, sendo certo que numa area de 3 a 4 kilometros quadrados, onde em quatro grupos pouco distantes, estiveram mais de duas mil almas, apenas tivemos conhecimento do obito de uma creança de mezes e de uma mulher, a Temeinhe de Xa Madiamba, que parece ter sido envenenada.

Sem idéa de querermos attribuir como particular á localidade, temos de fazer menção da syphilis, porque se apresentaram casos sob fórmas diversas, e algumas eram antigas.

Já fallámos que foi em feridas miudas sobre as pernas, que esta doença se nos revellou no Ianvo e sua Muari, ficámos em duvida se a exostose na perna do nosso primeiro interprete seria consequencia d'aquella doença, e do mesmo modo o velho Matheus pelas que tinha junto aos cotovellos, sendo uma muito maior que outra, Camonga, a segunda mulher de Paulo do Congo e alguns individuos do nosso pessoal foram medicados por a contrahirem em data recente.

Se estes casos se não apresentaram com caracter de gravidade, era de toda a conveniencia que, especialistas estudassem no centro da Africa, aquella doença nas differentes fórmas em

que se manifesta, e em relação á sua origem, porque na verdade nós não podemos corroborar o que affirma Livingstone onde a observou: «Os indigenas contrahem-n'a pelo contacto com os europeus sobre a costa oriental, durante o tempo que ahi se demora a fazer as suas transacções, mas vêem-na curar expontaneamente quando regressam ás suas terras».

Pretende assim Livingstone demonstrar que não é doença das raças autochtonas, mas nós fallando a tal respeito com Bangalas e Quiocos, conheciam a doença e suppõem-n'a curar com as suas drogas medicinaes; e emquanto a nós, a cura é apparente, porque mais tarde o virus espalha-se pelo corpo e apparecem os resultados em fórmas tão variadas, que elles desconhecem então a causa.

É possivel que no clima ou nas comidas apimentadas, ou emfim na falta de bebidas alçoolicas se encontre motivo para a doença não ser frequente, e os casos passageiros, mesmo dos mais benignos que se conhecem na Eurepa.

Registámos: que as terras lavradas proximas dos rios, apresentavam um bello aspecto, que os gados vaccum e miudo creavam-se bem, sendo excellentes o ovelhum e suino que vimos na propriedade de que cuidava especialmente o Caungula na margem esquerda do Lôvua.

Nós já haviamos notado nas margens do Cuango, em terras dos Haris, dos Bondos e nos dominios do Cassanje de Mona Samba de Capenda, que o gado vaccum se desenvolve e propaga bem, por isso acreditámos o que nos diziam os cacuatas que conheciam Muene Puto Cassongo, tambem nas terras d'este potentado se dá bem aquelle gado.

Ora este facto é uma condição caracteristica que prova a favor da excellencia das terras e das aguas e tanto este como o desenvolvimento das plantações de milhos, mandiocas, amendoins e da canna, que se ha poupado ao vandalismo, e vinga ao cuidado da natureza, e outros productos horticolas, provam-nos: que as terras de Caungula, devidamente aproveitadas pela grande e pequena agricultura, promettem aos seus habitantes, um futuro de propriedades incalculaveis.

Quando celebramos com Caungula e os conselheiros do seu Estado, em presença e com o consentimento de Chibuinza Ianvo, Muatiânvua eleito, o Tratado de reconhecimento da soberania de Portugal; tivemos em vista occuparmos devidamente os seus dominios, ligando a capital á de Muene Puto Cassongo e á de Capenda, e as d'estes entre si e com S. Salvador do Congo e Malanje.

As Estações officiaes e estabelecimentos particulares de commercio portuguez e mais tarde de outras industrias, aproveitar-se-íam da agricultura regional e dos interesses das passagens de comitivas que fossem explorar os mercados a norte e leste.

Neste intento, desejando nós iniciar os primeiros trabalhos, chegámos a corresponder-nos com o Rei do Congo, e nos documentos que publicâmos, se conhece dos nossos exforços e da boa disposição d'aquelle Rei em nos auxiliar.

As boas relações que mantivemos com um representante de Muata Cumbana e 40 homens que o acompanharam e comnosco andaram durante o anno de 1886, davam-nos ensejo no nosso regresso e o haviamos combinado, de irmos celebrar um Tratado com aquelle Muata, no mesmo sentido do que se fizera com Caungula, sendo nossas vistas tambem explorar o rio Luangue e voltar á capital para abrirmos caminho para Muene Puto Cassongo.

Estavamos informados que nas margens do Luangue e entre este e o Cuango, proximo do 6.º grau; ainda se encontrava marfim e borracha; mas para aqui o principal negocio era sal.

Esta parte do nosso projecto não foi por deante, pelas rasões que tornaremos conhecidas na occasião opportuna.

Da parte de Capenda e de seus subditos Mona Samba, Mona Cafunfo e filhos, dos irmãos d'aquelle para sul, Mulundo e Massongo, e de Caianvo seu immediato, de quem fallaremos no nosso regresso; encontrámos auxiliares poderosos, querendo a Soberania de Portugal como unico meio de viverem tranquillos entre Bangalas e Quiocos, para se realisar a nossa occupação a contento d'elles e de todos os povos que se interessam no alargamento da nossa possessão occidental.

Com respeito aos Bangalas que marginam o Cuango, embora alguns querendo considerar-se na actualidade independentes do jaga, pelo que ficou escripto e pelo que muito mais se reconhecerá no nosso regresso; aguardam que o governo portuguez delibere aproveitar-se devidamente da importante linha fluvial do Cuango, estabeleça communicações seguras para o interior e alguma cousa faça em prol do concelho de Tala Mugongo.

Em todo o nosso percurso pelo sertão, os povos com quem íamos tratando, consideravam o Muene Quimbundo como subdito portuguez, não obstante ser quilolo do Muatiânvua, e isto, pela rasão muito simples, porque antes de 1860, Carneiro se estabeleceu junto d'elle, como chefe de uma colonia portugueza, e era elle sempre, quem resolvia as suas pendencias com Quissengue, potentado dos Quiocos, e as demandas entre os seus povos.

Carneiro era ali uma potencia como no Bihé o foi Silva Porto. Fez depois Carneiro sociedade com Saturnino Machado, e mais tarde ficou este substituindo-o como proprietario dos estabelecimentos da sociedade, mantendo as antigas e boas relações d'esta com os potentados e povos Lundas, Quiocos e Bangalas, continuando para elles a ser considerado um representante de Muene Puto naquellas paragens, chefe da colonia portugueza, a quem recorriam os indigenas de diversas tribus para a decisão de seus pleitos.

Seguindo o uso entre elles, observado sempre pelo seu predecessor, Saturnino fornecia a credito aos potentados, pacotilhas do seu commercio para exploração; era negocio demorado mas não menos lucrativo do que os abonos que antes fazia aquella casa, aos caçadores de elephantes, porque os caçadores já por ultimo, tinham de ir longe fazer as suas caçadas, e se contentavam de cada vez matar um elephante.

Nunca os creditos se saldavam, o que convinha ao devedor e ao credor, porque nem um nem outro perdiam o freguez, antes a casa proporcionava novos creditos, porque assim tinha agentes do seu commercio.

Não eram só os Ambaquistas, Malanjes e outros Portuguezes que Saturnino fez interessar nos negocios de seus estabelecimentos commercial e agricola, tambem Bangalas, Lundas, Quiocos e Lubas.

Affastava-se o elephante pela perseguição dos caçadores para o norte e leste, e isto deu logar a que a firma Carneiro & Machado tivesse de estabelecer agencias no Bungulo, margem esquerda do Luachimo, approximadameete no 8° 30′ S. do Equador; no Tenga, margem esquerda do Cassai, no parallelo 9°; no Xacambunje entre o Cassai e o Lulua, pouco acima do parallelo 10°; e na propria mussumba do Muatiânvua.

O fim principal d'estas agencias era a procura de marfim, mas já em 1857 a 1859 no Bungulo, considerou-se uma riqueza o deposito que havia feito Lourenço Bezerra durante tres annos, quarenta dentes de differentes grandezas, que teve de esconder no rio á falta de carregadores, quando se viu forçado a retirar para Quimbundo, com receio dos Bángalas, depois do desastre da guerra do Cassanje.

Os Bangalas que retiraram para a margem direita do Cuango tentaram assaltar os estabelecimentos portuguezes, disseminados até á margem do Chicapa, do que depois desistiram, contentando-se a maioria em crear povoações na margem direita do Cuango.

Nessa epocha já escasseava o marfim até ao 7.° grau áquem do Cassai e mesmo na Mussumba, onde foi estabelecer-se Lourenço Bezerra com sua familia, de 1862 até 1882, que de vez retirou cego. Nesses vinte annos, todo o marfim que apurou não excedeu seiscentos dentes, sendo a maior parte vindo do Samba e do Canhiúca.

Morrêra Carneiro deixando muitos creditos, e trataram as agencias de cobrar dos melhores credores as dividas, o que se obteve em parte e sem perseguições, pois é uma das praxes boas dos indigenas os mais selvagens, os que herdam cargos nas tribus e na familia, não se recusarem a pagar as dividas do fallecido ou do desthronado. Elles entendem que morre ou desthrona-se a pessoa, mas não a auctoridade que subsiste

como se fosse a primitiva, e por isso se houverem honras, glorias e feitos a commemorar para qualquer que exercesse o cargo, pertencem ao que o está exercendo, como lhe pertencem as derrotas e todos os prejuizos de que fogem fallar e os compromissos que tratam de satisfazer.

O estabelecimento commercial agricola portuguez no Quimbundo, mantinha um grande pessoal interessado no seu desenvolvimento, póde dizer-se que era um deposito a que recorriam os potentados de diversas tribus até grandes distancias, e isto obrigou Carneiro e depois Saturnino a estudarem todos os dialectos de modo a prescindirem de interpretes e assim poderam adquirir nome em toda a região da Lunda, que não será facil esquecer ainda por muitos annos. Ha quarenta annos que R. Graça foi á Mussumba pelo sul e regressou por outro caminho, pois o facto da passagem da sua grande expedição, deu-lhe nome de que muitos nos fallaram.

Depois de 1882 foi escasseando o negocio e tornaram-se mais difficeis ás caravanas indigenas de commercio a passagem do Cassai para leste e já os Quiocos vinham do sul em maior quantidade á falta de negocio, assaltar as pequenas caravanas de viajantes, isolados nos caminhos, e por isso augmentaram tambem as difficuldades de se obter carregadores e Saturnino via os seus armazens abarrotados de borracha, sem a poder transportar para Malanje.

Confiou o estabelecimento a dois dos seus antigos empregados e saíu em 1883 para fazer uma exploração entre os Lubas ao norte, onde já annos antes mandava seus pombeiros com negocio, e lá fornecia creditos.

Ora, ainda que as correntes de commercio se hajam desviado de Quimbundo, é certo que aquelle estabelecimento portuguez, que tem quarenta annos de existencia, nos fornece os precisos elementos para conhecermos: que os Portuguezes, mesmo europeus, apesar do clima ser torrido, ali viveram e se reproduziram: que os gados e creações desenvolveram-se, que as plantações européas vingaram, que as relações entre as tribus e a colonia portugueza são cordeaes; parece pois que se justi-

fica hoje como uma necessidade quando tratâmos da nossa expansão, que o Governo convide Saturnino Machado, ou quando elle não queira acceitar, nomeie um empregado de confiança para seu delegado naquella região, junto ao qual lembrâmos collocar-se uma missão civilisadora.

Se d'este ponto para Cassanje e Malanje temos a communicação facil, conhecida pelo Caminho Grande ou do Quissesso (Machado); tambem sabemos que pela primeira viagem dos nossos estimados exploradores Capello e Ivens, temos um caminho para o Bihé, região que, certamente o governo que para aqui vae fazer convergir do littoral uma linha ferrea, fará occupar devidamente e sem perda de tempo.

Occupados os pontos a que nos temos referido até ao rio Chicapa, pelo que mais tarde viemos a conhecer, facil é a nossa irradiação até aos confins leste da Lunda, pois tambem é grande a nossa influencia alem do Cassai.

Não queremos esquecer, porém, que sendo o nosso fito contentarmo-nos, porque os nossos protestos de nada valem, com os limites que nos fixaram ao norte; devemos ter em vista empregar todos os nossos exforços em evitar que o commercio que convergia para o litoral da nossa possessão no Occidente, seja desviado para o norte e assim devemos lembrar que o café nativo de Encoje e dos Hungos, já no ultimo anno foi levado para o Zaire, e isto é devido á falta de auctoridades conscientes naquelles logares.

Se nós estamos tratando da nossa expansão e não tratâmos de aproveitar o que temos dentro de casa, então é melhor desistirmos de mais sacrificios e pouparmos os exforços dos que se dedicam a trabalhar pelo bom nome de seu paiz, em proveito de outra causa melhor.

Tratando da região do Caungula a que neste momento mais particularmente nos temos de dedicar, nós, durante os oitenta e dois dias de residencia neste logar, tivemos ensejo de apreciar povos de diversas tribus e os documentos provam não ser difficil a bons missionarios, como os temos, cathechisal-os para interesse commum.

Em principio, não podemos deixar de confessar que ha vicios, e estes, se resentem mais entre os Lundas, sendo a causa primodial o ocio em que vivem. A ociosidade foi um dos caracteristicos da grandeza do Estado do Muatiânvua, outrora tão apregoada, e hoje, se raros potentados a podem manter como tal, para nós, entre muitos, denotou consequencia de desanimos, de descrenças no seu futuro, estado da humilhação em que se vêem na presença de Bangalas e de Quiocos, povos da mesma origem, mas que lograram approximar-se e aproveitar-se das relações com os povos que progrediam.

Numa inacção constante os Lundas, os que principalmente dispõem de forças de actividade, se não caça por falta de recursos ou por não ser o tempo proprio, a sua imaginação procura entreter-se nas questiunculas que para nós seriam insignificancias, nas fabulas, nas intrigas, nas relações amorosas com mulheres, de onde se originam muitas vezes as questões mais graves, nas expoliações aos mais fracos e até no jogo; mas desviando-lhes a attenção, chamando-os a nós, occupando-os de modo a entretel-os, é certo que, se manifestam de quando em quando as suas tendencias para esses males a que foram levados por uma má orientada educação, não é menos certo que d'elles se alcança alguma cousa, porque o seu caracter é submisso, têem a noção do bem, tivemos algumas provas de que são gratos aos beneficios que se lhes dispensa, apreciam o bom trato, não se revoltam contra a censura quando se convencem que é bem cabida, são em extremo hospitaleiros, caritativos para o seu similhante, observam a moralidade mesmo entre si, e por vezes provam uma rasão clara e sã, e que têem a faculdade de comprehender.

Diversas circumstancias concorreram para se atrazarem nas industrias, e attribuimos a causa principal, ao nosso commercio haver explorado em todos os ramos o que lhes devia levar de mais procura á satisfação das suas primeiras necessidades, que era para o que elles apenas trabalhavam.

Afigurou-se-nos todavia que os Lundas, actualmente, quando se procurem empregar as forças da sua actividade, referimo-

nos á população em geral, podem ser aproveitados com vantagem no cultivo das terras. É claro que, depois melhor orientada a sua edacação, hão de encontrar-se aptidões para diversos misteres.

Os Bangalas e Quiocos são mais activos, affastam-se do meio em que deixaram os Lundas gosarem apenas dos recursos que a natureza lhes proporcionava, e de caçadores tornaram-se negociantes, vão já longe em procura de lucros, quizeram constituir tribus independentes e como lhes faltassem as mulheres, voltaram ás povoações lundas, onde abundavam, devido á propagação, que é enorme, no que concorre certamente o clima torrido, estado de quietação em que vivem, e certamente outras causas que favorecem a fecundação; de lá as têem trazido, em principio a troco de artigos de commercio, e ultimamente, roubando-as.

As rivalidades entre Quiocos e Bangalas é devido exactamente á concorrencia do commercio no centro de Africa. Podem os Bangalas nas passagens do Cuango, não só sobre os Quiocos a leste, mas tambem sobre os quimbares: Ambaquistas, Malanjes, Bondos, Calandulas a oeste; alcançarem victorias, mas soffrem as consequencias dos contrarios, nas regiões que estes habitam.

Acreditamos que seria possivel harmonisal-os, estabelecendo-se entre elles, limites da área do seu commercio, e auxiliando-se mutuamente na tributagem de passagens pelas areas fóra dos limites de cada um.

Nas guerras de Quiocos com Lundas já temos um exemplo de como influimos nas pazes, e outros apresentaremos, em que fomos sempre felizes. Estas guerras, bem como as desintelligencias de menor importancia são provocadas pelos Lundas, que se imaginam ainda nos primitivos tempos em que o poder do Muatiânvua era o terror de todos os povos; e são a consequencia dos Quiocos se haverem tornado mais fortes, dispondo da sua actividade e da arma de fogo.

Ninguem senão nós, Portuguezes, que temos vivido com estes povos e os havemos estudado devidamente, pelo nosso cara-

cter bondoso e paciente, podêmos nelles influir para pôr termo a essas luctas e guerras, as quaes entre povos ainda não educados na força do direito, não são para estranhar.

Na actualidade, no continente europeu, os inglezes, allemães e francezes, que pretendem dar leis ao resto do mundo, entenderam que alem d'elles, não ha senão barbaros, selvagens, individuos que têem apparencia humana, mas não são homens; e a *doutrina da força,* está sendo empregada por elles, como meio de civilisação.

Fidelidade de execução de Tratados, só existe entre elles e não se lembram que o proprio indigena africano, o que elles consideram de mais barbaro, sempre cumpre o que for justo para si.

Não lhe arranquem contratos á falsa fé, não imaginem uma cruz como signal da sua assignatura, não lhes promettam o que não estão dispostos a cumprir, não se apoderem de territorios sem que d'elles tenham a necessaria licença, não estejam a todo o momento a mostrar-lhes o seu desprezo, o seu odio, a sua brutalidade; e imitem os Portuguezes, ensinando-lhes a doçura, a urbanidade, a polidez, façam-lhes a justiça por que elle clama e a que todo o homem na sociedade aspira, e verão que esse mesmo selvagem, garante a fidelidade dos seus Tratados.

Ao indigena africano ouvimos nós muita vez: «eu sou preto, mas o meu coração é como o dos brancos».

Mas como hão de aquellas tres potencias européas comprehender o que ha de sublime nesta phrase expontanea e sã, se no anno de 1890, se rasga a acta da conferencia africana em Berlim de 1885, renegam as suas assignaturas para satisfazer ás ambições de uma empreza commercial, rejeitam os nossos antigos direitos pelo facto de serem historicos, e se apoderam dos territorios em que nos pediram venia para ahi estabelecerem missões das suas Egrejas? E isto quando Portugal, embora com grandes sacrificios, em todos os tempos e com toda a pontualidade, tem religiosamente satisfeito os compromissos que com ellas tem contrahido?

Retalhar, retalhar a Africa entre si, contentando a Belgica por causa de H. Stanley, empregando os meios da força para saltarem por cima de nós e exterminarem os povos indefezos que nos são affectos, e sem os ouvirem e sem os chamarem a um convenio á mesa da partilha; é o unico fim que têem em vista.

Pois digam já o que nos deixam que — nós queremos continuar a nossa obra, ha seculos emprehendida, — a contar do littoral para o interior, civilisar os indigenas africanos em interesse d'elles e das suas terras, sem que nos tenha sido preciso dispormos de elementos de força.

Na supposição de que se não levantarão duvidas com o Estado Livre do Congo, sobre o limite convencionado 6°, e que a Inglaterra por emquanto não ultrapassará para o norte do seu ultimo limite, parallelo 20°, de encontro ao Zambeze, e podemos pacificamente tratar da occupação dos dominios dos Muatas a que nos vamos referindo, que reconhecem a soberania de Portugal, e tanto mais agora que está annunciado ha mezes que Portugal e o Estado Livre accordaram em mandar ao campo um dos seus delegados technicos para a rectificação dos limites marcados na conferencia de Berlim; vamos proseguir, esclarecendo o governo e o paiz como aproveitar todos os elementos da nossa observação que se nos afiguram não ser para desprezar, para que se torne proficua e de vantagens immediatas a nossa expansão, quer garantindo bases mais seguras ao commercio licito, fazendo do indigena seu consumidor em maior escala, quer educando-o de fórma que se torne util a si e á tribu, tornando-o productor de maiores ambições e conveniente áquelle commercio.

Tendo nós em vista que os paizes que visitámos depois do Cuango se podem considerar para os effeitos da civilisação como nascentes, e os seus habitantes num estado ainda primitivo e portanto que tudo ha a fazer como se tem feito entre nós nas sociedades que se iniciam; lembrâmos que na historia da acclimação dos tres reinos encontrâmos já uma serie de exemplos desde os primeiros tempos da mais alta importancia,

da natureza applicada a tornar a existencia humana mais facil na travessia que tem a percorrer. Provam esses exemplos que por toda a parte os animaes e vegetaes domesticos, são a base do desenvolvimento das sociedades que civilisam.

A acclimação ou melhor a domesticação de animaes e vegetaes uteis a beneficiar a alimentação dos povos, num meio differente d'aquelle de que são naturaes, é de uma importancia social de grande alcance, sobretudo quando o nosso fim seja preparar esse meio, a poder adaptar-se-lhe a colonisação de emigrantes do nosso paiz.

O dom de uma planta util é mais util que a descoberta de um thesouro; e tambem sabemos que os gados sempre fizeram a riqueza dos homens e hoje são ainda a base da opulencia dos Estados que não podem sustentar-se e desenvolver-se senão pela cultura das terras e pela abundancia do gado.

Isidoro Geoffroy Saint Hilaire definiu em 1854 a obra da sociedade de acclimação que elle tratava de fundar em França nos seguintes termos: «Queremos fundar, senhores, uma asso- até este dia sem exemplo, de agricultores, de naturalistas, de proprietarios, de homens esclarecidos, não só em França mas em todos paizes civilisados, para proseguirmos juntos numa cruzada que com effeito exige o concurso de todos, como deve reverter em vantagens para todos. Não se trata de nad menos que de povoar os nossos tanques, nossas florestas e nossos rios de hospedes novos, augmentar o numero dos nossos animaes domesticos, primeira riqueza do cultivador, acrescentar e variar os recursos alimenticios que tão insufficientes são os de que podemos dispor actualmente; crear outros productos economicos e industriaes; emfim, dotar a nossa agricultura, a nossa industria, o nosso commercio e a sociedade toda inteira de bens até agora desconhecidos ou desprezados, não menos preciosos um dia do que aquelles cujos beneficios nos ligaram as gerações passadas».

No estrangeiro, onde a iniciativa particular vae tomando incremento, pensa-se assim e os capitaes não faltam; mas entre nós essa iniciativa não foi dispertada ainda nem mesmo para

as emprezas que podiam vingar, debaixo do alcançe de suas vistas, porque os capitalistas, por timoratos, retrahem-se e por isso só podemos por emquanto contar com o governo para os emprehendimentos nas nossas possessões ultramarinas, sobretudo no que respeita a trabalhos preliminares ou de aprendisagem e emquanto o interesse for mais geral do que particular, isto é, beneficiar a situação do indigena e do meio em que elle vive.

Para que isto se consiga e segundo os recursos de que dispomos, devemos antes de tudo entrar nas considerações que nos suggeriram os alvitres que temos a lembrar.

O Muata Caungula e o Muata Cumbana, por estarem muito distantes da Mussumba, não contam com o auxilio do Muatiânvua para se manterem nos seus dominios, estão no caso de Muene Quimbundo; governam independentes os seus estados e por isso não são estes que provocam conflictos com os Quiocos, antes estimam que se estabeleçam nas suas terras; apreciam que elles e povos de outras tribus façam passar pelas suas capitaes as comitivas de commercio, de que auferem interesses; e até hoje, os que têem tentado levar-lhes guerras, encontram-nos bem prevenidos para os repellir.

Um e outro convenceram-se que, a felicidade de seus povos consiste no viver em boa harmonia com os visinhos, e, sem fazer como Muene Quimbundo, que entendeu aparentar-se com os potentados quiocos para garantia de sua segurança, compenetram-se que hoje, se quizessem repellir os Quiocos das localidades em que lhes permittiram estabelecer-se, seria necessaria uma lucta sem tregoas em que, aquelles, de certo, levariam a melhor, porque atacados, eram soccorridos pelas tribus visinhas do sul e leste até ao Cassai, tambem de Quiocos, mas já com outras denominações, emquanto elles tinham de sujeitar-se apenas aos seus recursos que, se são os sufficientes para se defenderem, são insignificantes para os irem atacar longe dos logares em que habitam.

Pensando assim, a auctoridade d'aquelles Muatas exerce-se de facto entre os seus povos, e respeitam-n'a os visinhos, ga-

rantindo todos os contractos e convenios que fazem com a consciencia do que praticam.

No nosso regresso, estes Muatas foram d'aquelles que entenderam fazer encorporar os seus representantes na embaixada da côrte e do Muatiânvua eleito, que nos acompanhou a Loanda com o fim de obter a protecção de Portugal para o Estado do Muatiânvua, e Caungula pretendia a approvação do Tratado que comnosco celebrára, sujeitando-se ás modificações que o governo julgasse dever fazer-lhe.

Já em Lisboa, por vezes, dos embaixadores que ficaram em Malanje aguardando as deliberações do governo por intermedio do governador geral de Angola, fomos solicitados para lhes alcançarmos uma resposta e nos davam noticias de recearem passar o Cuango se não fossem protegidos officialmente.

O ex.mo Ministro dos Negocios de Marinha e ultramar o sr. conselheiro Frederico Ressano Garcia e s. ex.a o conselheiro secretario geral do respectivo Ministerio, o sr. Francisco Joaquim da Costa e Silva, acceitando bem as nossas indicações, por conta do governo foi subsidiada a missão apostolica do Rev.do Padre Paschoal Campana para estabelecer a sua séde em Malanje e d'ahi fazer destacar missionarios para dirigirem estações em diversas localidades da Lunda entre differentes tribus sendo uma das primeiras a considerar a do Caungula; uma expedição sob o commando do brioso official do exercito Simão Candido Sarmento, organisada em Malanje, recebeu ordem para acompanhar os missionarios e os embaixadores da Lunda ao Caungula, sendo auctorisado o referido official a fazer occupar devidamente as nossas Estações e a rectificar todos os Tratados que celebrámos com os diversos potentados, devendo seguir o nosso itinerario.

Começou portanto o governo a mandar dar execução aos projectos por nós iniciados e os missionarios dirigidos pelo nosso amigo o Rev.do Campana que tem uma longa pratica de bons trabalhos em Landana, no nosso districto do Congo, taes como os comprehendemos e desejâmos vel-os em pratica nos pontos cuja occupação temos lembrado ao governo se faça sem

perda de tempo; garante-nos, quando áquelles benemeritos missionarios não faltem os recursos precisos, que a nossa obra vingará com proveito para o paiz e para a humanidade.

O nosso modo de ver com respeito ás missões e colonisação agricola dos territorios que possuimos e visitámos durante o nosso percurso até Caungula está definido, e longe estamos de empregar por emquanto outros braços que não sejam os dos indigenas que, trabalhando em proveito proprio, hão-de contribuir para o engrandecimento dos recursos da nossa provincia de Angola.

Os directores d'esses nucleos civilisadores, propriamente estações de conquista de acclimação de productos de uma flora e fauna estranha ás regiões em que as vamos estabelecer, verdadeiros centros de educação e de ensino para approximar os naturaes dos povos mais civilisados; devem encaminhar os trabalhos logo de principio, de modo que em pouco tempo nos seja dado para junto d'esses nucleos fazer convergir os emigrantes do nosso paiz, que ao lado d'elles serão outros tantos auxiliares para a sua tão meritoria como santa e gloriosa tarefa.

E agora entrâmos no assumpto que reclama os mais serios cuidados: *beneficiar a situação do indigena e do meio em que elle vive.*

Para que aproveitemos o indigena convenientemente no cultivo de terras ainda por desbravar, num clima dos mais ardentes e em que a sua hygrometria oscilla numa grande amplitude nos maximos graus de saturação, requerem-se cuidados e um certo numero de prevenções que não são menos indispensaveis do que em grau superior se exigem para o colono europeu e o primeiro esforço a fazer consiste em modificar-lhes os habitos inveterados do repouso, obrigando-os a exercicios que os torne physica e moralmente energicos, cohibindo-os ao mesmo tempo dos excessos a que os convida o clima.

Importa muito para a saude e melhor resistencia ao trabalho a que pretendemos habilital-o, que os sujeitemos aos preceitos que se devem observar no fabrico das suas habitações

e das mobilias que devem adquirir; na hygiene a attender, nas vestimentas a usar quanto a fórma, qualidade, natureza e côr da tecido, na qualidade e quantidade de alimentação, nas aguas de que podem dispor, pois nellas se encontra o germen de um grande numero de doenças proprias dos paizes quentes, na regularidade do uso de bebidas que embriagam, procurando fazel-as substituir pelo chá e café [1], na exposição aos rigores do sol e dos cacimbos, emfim, muitas outras medidas preventivas, aconselhadas pela pratica e entram nos dominios da hygiene individual.

Mas todas estas medidas se tornam insufficientes, se, onde tantas causas inherentes ao clima, ao solo e ao meio que contribuem a espalhar um grande numero de doenças sobre constituições de individuos desigualmente resistentes, a quem queremos impulsionar para uma vida activa, se, repetimos, por uma organisação previdente de serviço medical não for attendido o saneamento do homem com os mesmos cuidados que são indispensaveis para o saneamento do solo.

A saude, é a primeira condição do homem para poder preencher todos os seus deveres, mas desgraçadamente entre nós é para o que menos se attende; e tratando-se das nossas possessões africanas, é o que mais se tem desprezado. Custa a crêr que o nosso paiz, que é essencialmente centralisador, que tem soffrido bastantes prejuizos, até quebra de rendimentos pela

---

[1] Vem a proposito notar que o missionario Theophilo Jousse, no seu livro a *Missão da Zambezia*, já publicado este anno em París, referindo-se aos progressos do Bubosse ou Lobosse, Rei dos Barotzes, no Lialui, devido á influencia das missões de Coillard, de Jeanmairet e outras da mesma seita; erra, e não podemos acreditar seja por ignorancia, porque cita Livingstone a cada passo, quando nos quer fazer persuadir que aquelle Rei bebe chá e café em logar das bebidas que embriagam, devido aos esforços dos missionarios. Já em 1851, Livingstone, que no paiz dos Barotzes encontrou Silva Porto, apesar de asseverar que foi elle o primeiro europeu que visitou o Lialui, diz-nos que o Rei lhe offereceu chá e café para beber, e tambem um prato de biscoitos, de que tinha fornecimento do commercio portuguez de Benguella.

arreigada crença na centralisação, que manieta as forças que nos podia encorajar a grandes emprehendimentos, a unica cousa que não tem centralisado, é o que se conhece de maior importancia e o que mais o precisava, a saude publica.

Os estabelecimentos agricolas que os missionarios vão crear proximo das estações em que se fixarem, não devem entregar-se á exploração dos indigenas senão quando estejam preparados para os receberem; e nos trabalhos mais perigosos para o saneamento do solo, devem os missionarios empregar um pessoal escolhido, o mais reduzido possivel, e de preferencia as machinas entre nós frequentes, como por exemplo as de esgotos de aguas, os instrumentos proprios para cintar as arvores e arrancal-as do solo, as charruas a vapor para revolverem as terras, etc.

A acção central deve limitar-se a um certo numero de medidas que se podem considerar de regras geraes quando se trata com individuos civilisados, porém no caso sujeito, alem de ter de assegurar a viabilidade e passagens dos rios, tem de encaminhar e vigiar o indigena durante a sua aprendizagem; e tomal-o, sob sua tutella até que saiba disfructar dos seus primeiros trabalhos, que tenha adquirido a comprehensão do que é a liberdade individual e como empregar melhor a sua actividade.

De todas as medidas que podem melhorar as condições de uma região, sem duvida as mais importantes são as que tendem a promover a sua agricultura.

Toda a terra que não tem sido ou deixa de ser trabalhada, é doentia, e a necessidade de a trabalhar impoz-se aos paizes que outrora foram abandonados pela civilisação, depois que a natureza destruiu o que a industria do homem ali havia deixado e tornaram-se alem de desertos, pantanosas e doentias.

Ha mesmo exemplos de povos que abandonaram a agricultura pela industria mineira, terem concorrido para a insalubridade de seus paizes. E a reciproca tambem é verdadeira, os paizes onde a agricultura reappareceu, tornaram-se de novo immediatamente salubres.

Quando se não possa completamente fazer desapparecer pantanos, póde até certo ponto diminuir-se a grandeza dos effeitos perniciosos e tornal-os uteis pelo menos á fortuna publica, por culturas apropriadas. Terras que quasi sempre se encontram submergidas, se consegue neutralisar os perigos da influencia tellurica, pelas plantações de arroz [1], que é ao mesmo tempo um bom recurso alimenticio por conter uma grande quantidade de amido, sendo as suas folhas excellentes para o gado, de saccharina, palmeiras e outras, e tambem se têem feito acclimar determinados animaes que contribuem para o saneamento d'estas qualidades de terras.

Desapparecem muitas vezes pantanos e charcos, fazendo plantar, como dissemos, para o pantano de Malanje, especies vegetaes cujas raizes são ávidas de humidade, ou então o cruzamento de canaes de esgoto ou o emprego dos dois meios como fizemos na roça Arrayal, da cidade da ilha de S. Thomé, de que alcançámos as vantagens que previmos.

---

[1] Tambem devemos corrigir uma inexactidão do sr. Latrobe Bateman, que no seu livro *The first ascent of the Cassai*, se lembrou de attribuir a plantação de arroz na Estação do Luluabourg, ao fallecido dr. Paul Pogge, quando ella foi feita pelo Germano, filho de Ambaca ao uso da terra, na ausencia do mesmo doutor, emquanto foi acompanhar o seu amigo e companheiro o sr. Wissemann hoje major, ao Tippo-Tib no Cassongo. Quando pela primeira vez o fallecido doutor foi ás terras da Lunda, na feitoria de S. Machado em Quimbundo, onde esteve hospedado, comeu arroz plantado na localidade, e na Mussumba de Capue-ca-Machi onde esteve com o Muatiânvua Xanama recebeu muito arroz das plantações de Lourenço Bezerra, nas terras do Luambata, que por vezes visitou e para o seu regresso foi mimoseado por aquelle portuguez com algumas saccas.

É bom que se saiba que, tanto Germano como Joanes Caxavala que estiveram ao serviço do referido doutor, e depois ao de todos os expedicionarios allemães que se seguiram no Lubuco, eram parentes de Lourenço Bezerra, os quaes para toda a parte do sertão onde iam residir por algum tempo, como em geral fazem os Ambaquistas, tratam de cultivar arroz como lhes é mais familiar. O que se nota de civilisação no centro do continente, por emquanto é tudo devido aos Ambaquistas.

As plantações que mereceram a nossa attenção foram os eucalyptus, helianthus annuus (girasol), maranta indica (araruta), sinapis alba (mostarda branca) em grande quantidade, dioscorea (inhames); e aproveitámos bem as palmeiras e coqueiros que não derrubámos para a demarcação das largas ruas que abrimos, intermeando-as com bananeiras.

Alem d'estas plantas com vantagens para os estabelecimentos a que nos reportâmos, devem ahi ter preferencia, canna saccharina, beterraba, café, algodão, tabacos, arroz, especies de batatas, borracha, ficus elasticus e outras de gommas, já conhecidas; com as quaes se concorre para a hygiene e para a riqueza da região.

Os missionarios devem ter em vista ainda, promover a acclimação de vegetaes e animaes proprios a attrahir a colonisação europêa, que muito contribuem tambem a beneficiar a alimentação do indigena e de que nos dispensâmos de cathalogar agora o grande numero que desde os primitivos tempos, com vantagens em meios muito diversos das suas naturalidades se tem conseguido fazer acclimar, porque seria alargar em demasia as nossas considerações.

E tudo o que havemos exposto até aqui, justifica as nossas propostas e consultas á direcção geral dos negocios do Ultramar, sobre as diversas occupações para que tinhamos, é claro, o dever de chamar a attenção do Governo; trabalho a que damos publicidade em seguida, porque, embora de recente data, provam que tambem appellâmos para quem tanto já merece dos nossos dominios ultramarinos, o ex.^{mo} ministro o sr. conselheiro Julio de Vilhena.

Todavia para completo d'estas nossas conclusões ainda nos devemos referir a alguns factos que é de crer haviam impressionado desagradavelmente os nossos leitores, os quaes, perante o nosso juizo como observadores sinceros, se devem levar á conta da ignorancia dos povos, offerecem attenuantes nas suas antigas crenças, e desapparecem quando entre esses povos em que elles se repetem, esteja estabelecida a nossa auctoridade e a missão que para lá seguiu.

Os casos de feiticeria, de sequestros, de expoliações, de roubos, de demandas, etc., com excepção do primeiro, que sempre foram sob pretextos futeis, umas vezes como pena de Talião que recáem em individuos inteiramente estranhos, outras para fazerem valer a sua auctoridade, algumas como resultados de pequenas pendencias, ciumes de negocios ou de mulheres, etc.; se provam habitos que não abonam a favor do caracter d'estes povos, pela insistencia com que reclamámos justiça para os que d'ella careciam, vê-se que conseguimos influir nos animos dos potentados, salvando as victimas da pena de morte e restituindo aos lezados as expoliações e roubos, quando não completos, numa grande parte, ou em valores equivalentes.

Demonstrou-nos a experiencia que, tendo nós junto dos potentados, auctoridades ou missionarios a quem não falte a paciencia e perseverança para os aconselhar a fazer substituir a pena de morte por outra e sejam contumazes, em convencel-os ser crime roubar o seu similhante e obrigal-os a entregar os roubos; era uma questão de tempo, modificar taes habitos.

Consideram elles crime, o roubo entre si na tribu; e quando se tratam de mandiocas nas lavras, chegam a dizer: «Que o ladrão se póde matar como um porco.»

Não é pois difficil fazel-os considerar ser este furto muito menos prejudicial aos seus interesses que os roubos que fazem as comitivas de negocio e com premeditação quando de reregresso para as suas terras, pois é só neste caso que têem logar os sequestros á mão armada.

Acreditâmos não ser difficil, ir preparando-os a receberem alguns novos usos, fazel-os substituir a pena de morte, que só d'ella estão fazendo applicação como indispensavel para os que julgam de feiticeiros; pois que os ultimos Muatiânvuas, abusando do seu poder discricionario, originaram os rebeldes contra esse poder, causa principal para a constituição de partidos, intervenção dos Quiocos na politica dos estados dos Muatas e por ultimo ás ruinas com que fomos deparar nas terras da Lunda alem do Cassai.

Todos os Muatas abusaram d'aquelle poder que só fôra concedido ao Muatiânvua, elles mesmo o reconhecem hoje e acceitam bem as modificações que revogassem as antigas praxes das auctoridades disporem como lhes aprouver, da vida de cada um que por qualquer circumstancia lhe é sujeito.

Essa reforma faz-se, educando-os de modo que, exigindo-lhes deveres como homem social, ao mesmo tempo que se lhes faça sentir a comprehensão dos seus direitos.

Um dos maiores defeitos tratando da administração das colonias, já o temos feito sentir por mais de uma vez, é administrar muito, e nós estamos convencidos que se administrassemos menos, isto é, se fizessemos só as despezas productivas, tinhamos ganho muito mais.

Para o caso de penalidades, mais proficuo que as providencias que temos, sem duvida basta um simples codigo em que a base deve ser o trabalho obrigatorio. Na educação devemos ter em vista o que tem sido notado, que quanto mais distante estão os povos da nossa provincia de Angola mais desconfiados são, não só de nós, europeus, mas ainda de estranhos á tribu; e aquella celebre lição dada por um Melgache a um missionario, tem aqui todo o cabimento: «Vós pernoitaes com as nossas mulheres, quereis roubar as nossas terras, pilhar o paiz, fazer-nos a guerra, e quereis impor-nos o vosso Deus, dizendo que elle defende o roubo, a pilhagem e a guerra! Retirae-vos, e para bem longe! Vós sois brancos por um lado e negros pelo outro».

Pela nossa parte, verdade é que pozemos a paciencia á prova dos melhores missionarios catholicos, o que não admira, por sermos os primeiros, conseguimos que os indigenas do Songo, do Sanza, do Congo e os da terra, trabalhassem nas construcções da Estação e nos caminhos que deixámos regularisados devidamente e tambem no serviço de transporte das cargas, respeitando que os da terra não quizessem ir alem dos seus confins, querendo evitar que os visinhos lhes quizessem mal por auferirem interesses que estes podiam alcançar, substituindo-os até ao novo visinho.

Tambem se deprehende pelo que deixâmos exposto a urbanidade de que usámos sempre para com todos, sem em nós influir a importancia da tribu a que pertenciam, e a isto mesmo devemos nas maiores difficuldades em que jámais se encontrou o paiz da Lunda, podermos chegar á Mussumba, que era terminus da nossa viagem, sem necessidade de termos de disputar a nossa passagem sem ser pelos meios da persuasão.

Para terminar estas conclusões, referir-nos-hemos a factos que mais respeitam ao chefe da Expedição e justificam o seu procedimento.

É possivel que a muitos leitores por vezes impressione a demora da Expedição nos seus acampamentos em viagem e nas Estações, muito principalmente depois de havermos recebido supprimentos de Malanje, mas no decorrer d'este volume, claramente ficaram expostos os motivos que nos impunham essas demoras que para os diversos fins da missão que nos foi confiada, eram necessarias, como o demonstram todos os trabalhos que com a auctorisação e protecção do governo vão apparecendo ao publico.

Nenhum d'esses fins era, ainda que podessemos, abrir caminho fazendo fogo contra os proprietarios das terras em que estavamos; tinhamos de dar o exemplo de brandura e de morigeração querendo attrahil-os ao nosso convivio como nos fôra determinado nas nossas instrucções.

Não podiamos fazel-o em principio, porque o numero de cargas a transportar era dez vezes superior ao numero de carregadores com que saimos de Malanje e por consequencia, estavamos na dependencia dos potentados para caminharmos; e se mais tarde, queimando ou inutilisando algumas, podiamos igualar o numero de cargas e de carregadores, teriamos então de mudar de rumo, procurar caminhos fugindo das povoações e não pensar mais em estudos; limitariamos a nossa missão a passar de corrida por entre as florestas ou savanas do continente, até chegar á Mussumba, impondo aos carregadores marchas peniveis, de privações e de fadigas, e quem sabe quantos resistiriam á fome!

Já temos provado pelos nossos escriptos, que são do dominio do publico, que somos contra a politica que na Europa, as maiores nações, estão adoptando com respeito á Africa, que é de *bombardeamento,* de *conquista e de força.*

Se acceitassemos esta theoria, os nossos protestos contra a Inglaterra e outras nações que têem usado comnosco d'aquelles meios para nos expoliar em Africa, seria irrisorio!

A norma do nosso proceder com os povos indigenas foi baseado nesse principio e por isso transitámos sempre entre as populações as mais densas, que precisavamos conhecer *de visu,* para d'ellas fallarmos com conhecimento de causa.

E nisto para os que suppozeram haver antagonismo de pensar com os notaveis exploradores nacionaes e estrangeiros, que aconselham transitar longe das povoações, dirêmos, que elles attenderam unicamente ás conveniencias de uma travessia pelo continente, emquanto nós faziamos a exploração de um certo numero de paizes que constituem uma região d'esse continente e cujos estudos da nossa observação tinhamos de apresentar ao Governo para base de trabalhos que a elle cumpre fazer iniciar na parte que julgue interessar á superior administração do nosso paiz.

É occasião agora de frisar que fomos previdentes em não abandonar o Ianvo, filho do Muatiânvua Noeji, que encontrámos no nosso caminho, e sobre o qual se podiam estabelecer duvidas se elle era um pretendente ou de facto um eleito, chamado pelos quilolos da Mussumba para ir investir-se no cargo que de direito lhe pertencia herdar logo que morreu Muteba, Muatiânvua de quem elle fôra Suana Mulopo.

Sem entrarmos no que é assumpto do volume III e IV d'esta obra, reportando-nos apenas, ao que expozemos nos capitulos d'este volume, basta lembrar as nossas diligencias para alcançarmos carregadores entre os potentados do Estado do Muatiânvua, as noticias que chegavam de differentes auctoridades mais internadas, os massacres e derrotas de diversas comitivas de commercio que se afoutaram a passar para alem do Chicapa, o reconhecimento de diversos potentados, os mais im-

portantes áquem do Cassai, que Ianvo era eleito Muatiânvua, e por ultimo, como fôra previsto, a morte de Muriba, que conquistára á traição o poder com o apoio dos Quiocos ao Muatiânvua Cangápua; morte premeditada pelos da côrte, que retiraram, deixando-o cercado de inimigos; tudo justifica o nosso proceder, não desprezando o ditado: *Que quem vae a Roma, deve fazer-se romano.*

A derrota e os massacres das comitivas de Ambumba alem do Cassai, por não quererem attender aos conselhos de Mucanza, de esperarem o novo Muatiânvua Ianvo de que elle se encarregou acompanhar á Mussumba, segundo a deliberação dos quilolos que tinham voto no Estado; e a debandada em que nos appareceram, demonstraram-nos que, se conseguissemos que o nosso pessoal inferior nos obedecesse e avançasse se não tivessemos igual sorte, não deixariamos de ter conflictos, e se alcançassemos desfazer todos os attrictos e chegar a Cauenda, encontravamos já a Mussumba abandonada e toda a região d'ahi ao Calânhi, occupada pelos invasores.

Acredite-se o que é duvidoso, que chegavamos incolumes ao Calânhi, onde, como é da praxe, se refugiaram os que costumam saír com o Muatiânvua para a guerra; o que todos devem crer, é que o nosso desassocego de espirito teria sido muito grande e todo o nosso tempo seria empregado nos cuidados de escolha de caminhos, vigilancia por todo o pessoal e material da Expedição, na resolução de pendencias, discussões longas, que necessariamente deviam ter logar com os luctadores, principalmente com os Quiocos, para podermos proseguir sem conflictos na nossa missão de paz; e de certo o que não teriamos, era tempo com o socego indispensavel, para os mais simples estudos.

E no regresso, o que nos ficaria reservado, já sem recursos e contrariados os povos, por não os havermos attendido?

E finalmente, passando o Cuango, já em terras aonde a auctoridade portugueza exerce de facto a sua acção, olhando para traz, para terras d'onde vinhamos e sabe Deus quantos annos da nossa existencia ahi consumidos; o que teriamos a

dizer ao governo e ao paiz, da nossa missão iniciada com tão bons auspicios?

Ainda hoje, apesar dos muitos desgostos que nos torturaram e que nunca o leitor os poderá conhecer, porque um véu escuro e bem denso já sobre elles fizemos correr; dos muitos sacrificios a que nos sujeitámos; das muitas privações que soffremos; dos riscos e perigos a que nos expozemos, sobretudo quando sós durante nove mezes, sem os mais insignificantes recursos; e ainda de, alem de duas vezes á beira da sepultura graves e longas doenças nos haver prostrado, tendo por companheiros indigenas famintos, e por medico a natureza; não nos arrependemos do nosso modo de proceder como chefe da missão em frente das instrucções que nos foram confiadas, e cumprimos em todos os seus artigos, sem que ficassemos de mal com tribu alguma, quando diversas estavam em guerra, conscientes que assim alcançamos mais, a beneficio do nosso paiz, da sciencia e da humanidade, do que de nós sem auctoridade nem nome conhecido, se podia esperar; e é pelos bons resultados d'esse procedimento que de consciencia tomâmos a liberdade de propor ao governo a immediata occupação de alguns pontos e pelos motivos expostos nas propostas com que findâmos este volume.

APPENDICE

DOCUMENTOS

A S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios da Marinha e Ultramar

O artigo 10.º das instrucções que me foram confiadas na missão ao potentado africano Muatiânvua, é o seguinte:

«Deve ser um dos cuidados da missão, investigar do procedimento, propositos e influencia que entre aquelles povos, vão tendo os exploradores allemães ou outros quaesquer estrangeiros que até elles tem chegado e registar particularmente tanto essas informações como outras de interesse para Portugal.

Sempre que a missão verifique que alguns agentes estrangeiros tem usado da ascendencia que por acaso possam ter alcançado sobre os indigenas para prejudicar os interesses do commercio nacional ou o nome portuguez, protestará contra esse facto, procedendo com a perspicacia e zelo que poder empregar para destruir quaesquer prevenções ou malevolas insidias, e fazendo-lhes bem sentir que nem sempre são excessivamente humanitarios e civilisadores os trabalhos e tendencias de alguns desses exploradores ou agentes.»

Julgo pois do meu dever chamar a esclarecida attenção de v. ex.ª para alguns factos que me parecem de summa gravidade que muito podem influir na decadencia do nosso dominio colonial, tanto pelo lado politico como pelo lado financeiro, como na receita da alfandega central da provincia de Angola.

Não é possivel fazer-se perfeita ideia em Lisboa e mesmo em Loanda, dos perigos que estão ameaçando o commercio da provincia de Angola e a nossa influencia em todos os povos da região central do continente africano.

E este perigo é tanto mais grave quanto maior é o nosso desprendimento em animar e proteger as missões americanas e todos os exploradores que por la estão trabalhando em favor do novo Estado do Congo.

Aquelles e estes não correspondem ao valioso auxilio que lhes damos não só nos procuram tirar a influencia entre os indigenas e desviar todo o commercio para o novo Estado do Congo, mas tambem nos vem accusar perante a Europa de fazermos escravatura!

São bem palpaveis os meios de propaganda que elles empregam chegando mesmo a revelarem-se já nos seus escriptos, já em conferencias, já nas cartas geographicas que mandam coordenar onde marcam limites imaginarios atravez dos povos estranhos, e dão o pomposo titulo de Reino e independente, a Canhiuca, a que chamam Canhica ou Canhóca, a um simples tributario (quilolo), do Muatiânvua!

Não poderam em tempo ali entrar, mas obstaculo algum os fez desanimar e por todos os modos pretendem fazer passar este povo ao novo Estado do Congo!

O Dr. Wolf, companheiro do tenente Wissemann, numa conferencia em Manchester, não duvidou affirmar que se vendiam no Muquengue milhares de escravos por anno aos Bângalas e aos Quiocos a troco de armas e polvora.

É bem clara a insinuação, pois os Allemães, nunca poderam ir a terras da Lunda e da Luba sem a protecção dos Portuguezes, que lhe tem dispensado com mais benevolente confiança, e querem depois fazer perceber que são os negocios portuguezes que sustentam, esses mercados de escravatura.

Seria triumphante a resposta que lhe podiamos dar e dal-a-hei em occasião mais opportuna como é de justiça, narrando mesmo alguns factos quando V. Ex.ª me conceda uma entrevista para esse fim.

O que é certo é que essas grandes riquezas de marfim com que se pretendeu illudir os que com a melhor boa fé trabalharam em favor do novo Estado do Congo são illusorias; e como o desengano ha de ter logar mais cêdo do que se esperava, procura-se atttrahir já a fonte de receita immediata, a da borracha, e pode suppôr-se o que farão os interessados, pelo que tentam, para chamar esta como outras fontes de receita que lhes vá animando a esperança perdida!

A nossa influencia felizmente ainda é grande, e se os povos do Muquengue mal aconselhados procurarem apoderar-se de terras ou estabelecer-se nos dominios do Muatiânvua, terão logar guerras de exterminio, por que para isso se unirão todos os povos da Lunda, embora hoje em dessidencias, pois todos elles distinguem nos brancos os filhos bons de Muene Puto, e os maus que são os inguerêzes (todos os estrangeiros) e não acceitarão facilmente qualquer imposição que estes lhe queiram fazer.

Não devemos pois, deixar de empregar toda a nossa influencia para conservar e estreitar as relações com os povos da Lunda, tratando immediatamente de occupar as Estações levantadas pela minha Expe-

dição e fazer valer os tratados por mim celebrados com os potentados, procurando destruir ou pelo menos contrabalançar todos os manejos dos Allemães em favor do novo Estado.

Pela minha parte, como me era restrictamente recommendado fiz tudo quanto me foi possivel para conseguir este resultado.

Representantes de diversos potentados lundas, xinjes, bangalas, e bondos, no regresso me acompanharam a Malanje e garantiram ao commercio, que o caminho da Expedição era de Muene Puto e sua segurança vinham elles asseverar em nome de seus chefes.

Uma embaixada da Lunda, essa foi mais longe, até Loanda para fallar ao Governador sobre o objecto da sua missão.

Não desconhecendo o que fazem os estrangeiros em tal caso, empreguei todos os esforços para que uns e outros não fossem descontentes e até Malanje com as providencias que v. ex.ª me dispensou e valioso auxilio dos negociantes ali estabelecidos, os primeiros, regressaram muito satisfeitos de que possuo provas, como provas tenho da conveniencia que já o nosso commercio encontrou, do modo porque procedi.

Com respeito á embaixada, sendo muito insignificante o auxilio que a Junta de Fazenda me poude prestar, lhes abonei cincoenta mil réis em dinheiro para irem comendo até Malanje e consegui que o commercio do Dondo e em Malanje que é o mais interessado, me coadjuvasse para retirar satisfeita. E já tive noticias que foi importante a sua coadjuvação.

Eu sei perfeitamente os meios de que se servem os estrangeiros para catechisarem aquelles povos e o cuidado com que é preciso andar presentemente para que se salve o commercio de Loanda de alguma grave crise, nem se perca a nossa influencia nas terras de alem Cuango e por isso sacrifiquei alguns interesses dos meus trabalhos.

E seria gravissimo erro, se nós considerassemos o Cuango como limite da provincia a leste, e muito principalmente agora depois dos trabalhos da minha Expedição.

E é tão evidente este reparo, que só por incidente o chego a lembrar, talvez levado pela impressão que me deixou o traçado dos limites da provincia numa das cartas geographicas ultimamente publicadas pela commissão de cartographia.

Na conferencia de Berlim, afim de se arranjar o maior numero de povos que fosse possivel para o novo Estado do Congo, a vêr se o salvava de uma ruina quasi certa, traçaram-se todos os limites ao acaso, mas não devêmos consentir que queiram chamar a si parte das terras dos potentados da Lunda e nem mesmo a região que já de caso pensado d'ella separaram sob o pomposo titulo de Reino Canhioca, quando ella é um estado de quilolo do Muatiânvua; estado onde os Allemães repito, por vezes quizeram penetrar, mas o Muatiânvua e sua côrte nunca lhes permittiu por ser ahi onde se forneciam ultimamente de marfim.

Poderia trazer aqui todas as circunstancias em que se têem realisado as expedições estrangeiras em Malanje, e memorar ao mesmo tempo os bons serviços que estão fazendo á nossa causa colonial alguns compatriotas.

Mas deixo estas narrações para outro logar, pois o que profundamente se deve pezar por agora é a quebra que terá o nosso commercio se os agentes do Estado Livre levam por deante todo o plano em que se empenham.

Seria por certo, um gravissimo mal para a provincia de Angola em qualquer occasião, mas no momento em que se estão fazendo enormes despezas com a construcção do caminho de ferro de Ambaca, as perdas serão mais sensiveis e a encorporação de povos no novo Estado do Congo um mal irremediavel.

Parece pois, de toda a vantagem que se aproveite a boa impressão que a minha Expedição deixou entre todas as tribus por onde andou, e se nomeem residentes pelo menos no Caungula, no Quissengue (Quioco), no Caramanho (Quioco no Cassai) em Mataba e na Mussumba do Muatiânvua.

As missões americanas do bispo Taylor estabelecidas nos concelhos a leste, que grande mal nos estão fazendo, procuram já internar-se e estabelecer-se entre os Quiocos. Aguardavam os resultados da nossa Expedição. E á sombra d'ella conseguiu já o dr. Summers hasteando a bandeira portugueza estabelecer-se no Lulua proximo dos Allemães.

Devem pois esses residentes serem as nossas sentinellas vigilantes e empregarem todos os meios analogos aos que os estrangeiros ali estão pondo em pratica.

O que se não póde, sem se prejudicar os rendimentos da Provincia, é ficar indifferente aos manejos dos estrangeiros que pela sua actividade e preponderancia que irão adquirindo entre aquelles povos, nos reduzirão a uma estreita faixa, que mais tarde conseguirão cortar para seu transito.

Os maiores sacrificios serão sem duvida alguma os que dizem respeito ao caminho de ferro, mas desde que lhe démos principio, cumpre não desanimar.

Querem os protectores do novo Estado do Congo pelo seu lado levar á execução um caminho de ferro.

Continuemos nós o já encetado, mas com mais actividade e com mais ardor, e este, com as obras que lhe são annexas echoarão por todo o interior.

Já se falla d'elle e a tendencia que os povos mostraram em nosso favor, o que a Expedição provará em tempo competente o desejo que têem de se avassallar, crescerão tanto mais, quanto mais se adeantar esse meio de conducção e quanto mais certeza tiverem esses povos de que Muene Puto os não esquece, não tem escravos e lhes póde levar a protecção que desejam.

Se temos de adiar por causa das despezas as providencias que seriam convenientes; recorra-se já a missões religiosas ou qualquer meio que pareça mais rapido em que podem aproveitar-se africanos de Ambaca e de Malanje qne têem pratica d'aquelles povos.

Estamos soffrendo as consequencias de não se ter tomado as providencias mais indispensaveis depois da viagem de Rodrigues Graça em 1846 ás terras da Lunda.

O que então se desculpa pelas circumstancias anormaes da metropole, devemos lembrar-nos hoje, que tal falta se tornará muito mais grave, attendendo ao que se está passando naquellas terras e ao que os Allemães ali estão fazendo e tentam os Americanos fazer, servindo-se de meios muito diversos mas todos concorrendo ao mesmo fim: destruindo o nosso poderio colonial, o que nos collocará numa situação cujas consequencias V. Ex.ª melhor que eu, póde prever.

A nossa Expedição prova quanto influenciou, com dados estatisticos, para que não fossem cerceadas as receitas da alfandega de Loanda nos ultimos trez annos, por que agora não está lá e não ha quem se opponha a que a corrente do commercio não seja desviada para o N. por isso concluo dizendo ainda a V. Ex.ª que todo o sacrificio que se fizer para contrabalançar os trabalhos dos Allemães que estiverem ao serviço do Estado do Congo, será bem compensado, já não digo augmentado, evitando-se a diminuição da receita da alfandega de Loanda, o que corre grande risco.

É isto o que se me offerece já de mais urgente informar a V. Ex.ª

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa 15 de julho de 1888.—Illmo e Exmo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar.—O Chefe da Expedição ao Muatiânvua, *Henrique Augusto Dias de Carvalho*, Major do exercito.

A S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios da Marinha e Utramar

Não ignora V. Ex.ª o que nos ultimos trinta annos se tem passado em Angola, com respeito ao jagado de Cassanje e por isso deixando de parte essas occorrencias, e ainda no cumprimento de um dever e para que se aproveitem os resultados praticos da minha missão no centro de Africa, chamo hoje de novo a attenção de v. ex.ª para o que se me affigura de conveniente em interesse do nosso dominio colonial.

O meu nome ou antes o meu posto de major, tornou-se popular entre os povos com que lidei, tornou-se o memorando de uma das epochas da sua vida, sendo o nome com que baptisaram as creanças que nasceram nessa epocha. É uma forma de commemorar a minha visita áquelles po-

vos; e assim succederia a qualquer outro que sendo chefe de uma missão procedesse da fórma por que procedi para com elles.

Porém com os Bangalas d'aquem e d'além Cuango, isto é os subditos do jagado de Cassanje, suas manifestações de regosijo tornaram-se provas de reconhecimento do muito que devem á influencia de Muene Puto, que se devem aproveitar.

Aquelle povo, tão desconfiado como atrevido, em principio não recebeu com agrado a noticia da nossa Expedição e chegou mesmo, a pensar em contrariar a sua marcha, espalhando-se boatos: que procuravamos o Muatiânvua para lhes fazer mal, represalias das ultimas guerras de Cassanje á feira, já expulsando-os das margens do Cuango, já fazendo-lhes concorrencia no commercio com o interior.

O facto de passarmos por fóra de Cassanje, onde iamos levantando Estações em que nos demoravamos e de não procurarmos o jaga reconhecido pelo Governo de Angola, mais os desnorteava e fazia suppôr que nossa missão não lhes podia ser boa.

Durante os primeiros seis mezes houveram reuniões entre os maquitas, e como cousa alguma ao certo, elles sabiam, foram os velhos de parecer que se aguardassem os acontecimentos e aconselharam as comitivas que sahiam que respeitassem sempre Muene Puto se o encontrassem no seu transito. Em Africa o maésu é o telegramma sempre deturpado e que apesar de transmittido de bôca em bôca corre com maior velocidade do que aquelle.

Os boatos succediam-se, não passando ás vezes da imaginação de quem os inventa e sempre no fito de não avançarmos.

Proporcionaram-se as circumstancias e logo em Camáu tive occasião de receber as visitas dos principaes Ambanzas chefes de caravanas para o interior.

O modo por que os tratei, foi o primeiro movel para adquirir as suas sympathias e que constou para E. e W.

Já mais internados, proximo ao Cuilu, encontraram-me e d'ahi em deante, sempre prompto a protegel-os nos seus interesses, advogar de sua justiça, dando-lhe hospitalidade quando careciam, tratando-os emfim como homens que nos são muito uteis empregando toda a influencia de que ia dispondo entre os povos com quem estava, em seu beneficio e assim insinuando-me no animo de uns e d'outros.

As comitivas que se succediam no regresso, de mais em mais tinham que contar aos seus parentes dos beneficios que lhes dispensavamos, e lá ia o meu nome para as cantigas ao lado do seu jaga, chamando-me o pae d'elles, que me deviam a vida que ainda tinham porque não consenti que os roubassem e lhes dessem maus tratos, terminando por animar todo o Cassanje a ir ao negocio para o interior porque eu lá estava e ninguem se atrevia a roubal-os.

É certo, Ex.mo Sr., que muito de proposito, exerci toda a influencia de que ia dispondo, não só em favor d'elles como de outras comitivas de Calundulas, Bondos, Ambaquistas, Luximbes, Malanjes, do Rei do Congo e de Quiocos; para que podessem dizer ter encontrado nestas terras, o auxilio de Muene Puto.

Mas o que nunca podia imaginar é que os Bângalas fossem tão longe no seu reconhecimento.

Do sul para o norte se espalhou a fama do Sr. Major, diziam os cinco mil Bângalas que seguidamente encontrámos no nosso regresso seguindo aquelles para o Lubuco.

E é natural que encontrando-se naquelle numero muito poucos dos quatro mil que por vezes estiveram commigo e não encontrando nenhum d'esses em suas terras; fui recebido aqui pelos velhos e mulheres, familias d'elles, como protector de todos os Bângalas e me deram franca e rasgada hospitalidade, enviando-me os potentados de diversos pontos seus emissarios para me accompanharem a Malanje, o que ainda não consta ter-se feito a branco algum.

Dos Capêndas, seus visinhos na margem direita do Cuango, tenho pedidos por escripto para se avassallarem como já tive occasião de informar a V. Ex.ª

Dos Bondos visinhos na margem esquerda já o principal chefe Andála Quissúa por influencia da nossa Expedição se avassallou. Se attendermos pois que estes povos, muito principalmente os Bângalas são os melhores agentes do nosso commercio no interior do continente; que são elles os senhores do Cuango e o têem tornado barreira difficil de ser ultrapassada pelos povos do interior e vice-versa comitivas de Malanje e Ambaquistas que só la vão com aquelles encorporados e carregando com todas as despezas de passagens; e ainda que entre estes povos têem logar as cambolações por nós infelizmente iniciadas e donde se originam as amarrações tão prejudiciaes para um e outro lado e pode dar logar á constituição de coutos para protecção a ladrões, como os ha em outros pontos da provincia; é de toda a conveniencia que a alçada da nossa auctoridade ali se sinta com todos os seus beneficios, attrahindo a nós estes povos muito prestaveis ao commercio, e ao desenvolvimento da agricultura em suas fertilissimas regiões e por elles já iniciadas e façamos acquisição dos melhores portos do Cuango dotando-o de embarcações e propriedades e por elles garantir segura passagem ao commercio.

Não desconhece V. Ex.ª que algum marfim e toda a borracha que aquelles povos trazem do interior passa por Malanje e que hoje este concelho se tornou muito importante, desenvolvendo-se para leste e norte, não só por causa do commercio mas ainda pela cultura da canna.

Carece elle, desde já, de toda a protecção do Governo, não só para auxiliar os que nelle já têem sacrificado os seus haveres, mas ainda para

animar que outros se sigam a aproveitar a feracidade das terras daquella vasta região até ao Cuango com grandes culturas.

A norte de Malanje temos o Duque de Bragança, a Jinga, o Hungo e subditos do Rei do Congo que encostam com os Bondos e cujas terras muito podem render com uma boa administração auxiliada pela exploração do commercio.

Nestas regiões ainda se encontra a borracha em alguns pontos, e com uma acertada cultura se póde dar-lhe desenvolvimento, bem como a de canna e café de que ha bons exemplares.

Tambem na pequena agricultura lá existem exemplares em Malanje de bom trigo, betarraba, hortaliças e fructos europeus e americanos.

Se o caminho de ferro que parte de Loanda se destina apenas a servir a região de Cazengo que já tinha a linha fluvial do Dondo e na esperança da agricultura no Golungo, Ambaca e Icóllo; tenho a franqueza de dizer que nunca os rendimentos poderão corresponder aos sacrificios.

Assevero hoje com mais conhecimento o que disse ha muitos annos. A região que elle vae atravessar é maligna com respeito a clima e Ambaca nada hade produzir de valor. Pungo e Malanje muito podem concorrer para essa dispendiosa via e depois os Bondos e Bangalas completarão o exito que é para desejar.

Malanje tem condições de vida para o europeu e hade ser esta região que se hade tornar emporio do commercio e da agricultura a leste de Loanda. O Dondo está fatalmente condemnado e Ambaca nunca será cousa alguma.

A colonia Esperança instituida em Malanje pelo benemerito Governador Ferreira do Amaral, não é exemplo para desanimo, bem o conhecem os praticos que lá estão; e o extinguil-a da fórma por que se fez, foi um erro indesculpavel que se junta a outros muitos na administração da provincia de Angola, filhos da ignorancia ou más informações.

No mesmo concelho, outras propriedades d'aquella ordem e em que se tem despendido muito menos, vêem-se progredir.

As quatro companhias de moveis que lá conhecemos e estão ao serviço sustentam-se da pequena agricultura, o Governo nada lhes paga.

A alçada do Governo da Provincia nestas regiões torna-se inefficaz pela falta de recursos indispensaveis e por que a centralisação, dos mais pequenos negocios da administração local em Loanda torna-se uma monstruosidade, donde se não deixa caminhar seus povos para uma situação mais prospera por que alem de costumes diversos, acresce o prejuizo das demoradas resoluções.

Lembro pois como grande vantagem, que se reunam os concelhos de Malanje, Tala Mugongo, Duque de Bragança e todo o territorio até ao limite do Cuango, nessa linha, e para o sul o que fôr possivel entre

Cuanza e Cuango, sob um governo districtal da categoria e constituição como o do Congo. É occasião pois de aproveitarmos as boas disposições em que a nossa Expedição deixou todos aquelles povos e d'ahi mais facilmente podemos ir occupando com as nossas auctoridades alcançando resultados satisfatorios, os territorios do Muatiânvua além do Cuango onde seus povos reconhecem a Soberania de Portugal.

Proseguindo, como é de crer com actividade, o caminho de ferro até Malanje, o que poucas difficuldades de construcção offerece depois de Ambaca, fique certo V. Ex.ª que não faltarão as receitas para o novo Governo.

Na verdade tem sido o commercio, correndo muitos riscos e passando por muitos sacrificios que tem fornecido os agentes da nossa civilisação em Africa e que tem chamado os verdadeiros colonos para as regiões que aquelles tem explorado.

É tempo de ír-mos em auxilio, com a benefica acção do Governo, dos que de dia para dia, têem alargado o nosso dominio colonial, mantendo prestigio e influencia nos sertões.

Não é pela força de armas, V. Ex.ª o sabe muito bem, que se hade installar o novo Governo, mas estabelecido provisoriamente em Malanje o que os indigenas limitrophes muito hão de apreciar e preparando-se Cassanje para o receber, hade ser apoiado por este povo com o qual iremos muito longe. Se a politica iniciada pelo fallecido major Francisco Salles Ferreira tivesse sido seguida depois de 1852, não teriam havido os desastres de Cassanje e note-se que este povo ainda falla hoje de seu nome com muito respeito e saudosos da sua benefica administração em que adoptou o systema hollandez.

Desculpe-me v. ex.ª se me tornei importuno, e não veja nisto ambição para mim de tal governo por que hoje só me promptificaria a ir auxiliar a sua installação quando para isso se julgasse eu podia prestar algum serviço pelo facto de ser conhecido por aquelles povos.

Mas a occasião é propicia porque o terreno ficou preparado e hoje é de toda a conveniencia aproveitar-se dos trabalhos da nossa Expedição.

O nosso prestigio perde-se com delongas, pois os povos de além do Cuango, ficaram muito esperançados que do meu regresso á metropole e depois de fallar a Muene Puto, sua protecção se não fazia esperar e anteviam uma epocha de prosperidade, e harmonisadas as dessidencias entre elles.

Bastará a nossa approximação agora, para elles acreditarem que vão ser attendidos.

A boa disposição dos povos do Cuango são uns bons auxiliares á nossa causa.

Termino lembrando como Salles Ferreira terminava uma memoria que em abril de 1853 dirigiu ao governo de sua Magestade:

É de esperar que o governo tomando em consideração tão util acquisição como é a vassallagem de Cassanje donde nos vem todo o marfim e grande parte de cêra (hoje diria borracha) que se exporta de Angola, dê todas as providencias para a conservação do que com tanto trabalho se alcançou porque d'ali depende o pouco commercio que tem a provincia de Angola.

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa 19 de junho de 1888. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, *Henrique Augusto Dias de Carvalho,* Major do Exercito.

A S. Ex.ª o Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e Ultramar

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Depois da conferencia a que tive a honra de ser chamado no gabinete de V. Ex.ª com o Reverendo Prèfeito Apostolico Padre Pascal Campana da Missão de Landana que parece disposto a estabelecer uma missão analoga em Malanje, julgo do meu dever esclarecer v. ex.ª, informando-o particularmente sobre o que se me affigura de conveniente com respeito a tão importante assumpto, visto que com morosidade segue a publicação dos trabalhos da Expedição a meu cargo nos quaes d'elle me occupo com as devidas minucias.

Na villa de Malanje estabeleceu-se uma das missões americanas do *Bishop Taylor* e que tem sabido grangear as sympathias dos europeus e dos indigenas.

Os discipulos d'esta missão encontram ahi estimulo que os incita a não faltarem a uma frequencia assidua e os paes que podiam pagar a educação de seus filhos antes de lá se estabelecer a missão, preferiram esta ao filho do paiz que se propozera a ensina-los.

A missão é composta hoje de duas familias e todos os que d'ella fazem parte têem aprendido a lingua Ambundo, e educam os indigenas servindo-se do mau portuguez que com os mesmos indigenas aprendem.

Eu sei bem, que ha falta de ecclesiasticos, como ha falta de facultativos na Provincia para poder attender-se a todos os pontos onde hoje ha necessidade d'estes funccionarios; mas na occasião porém, podendo ser aproveitados os bons serviços do Reverendo Pascal Campana, cujos precedentes em Landana, são os melhores que poderiamos desejar, póde bem a cargo de um missionario ficar o serviço da parochia.

O Prefeito Apostolico do Baixo Congo Reverendo Padre Pascal Campana deseja estabelecer missões a seu cargo analogas á de Landana em terras do Muatiânvua. Proporcionar-lhe todos os meios para que consiga o seu intento, é de grandes vantagens para Portugal.

Pelo artigo 3.º da Convenção entre Portugal e a Associação Internacional do Congo feita em Berlim aos 14 dias do mez de fevereiro de 1885 publicada em Lisboa no *Diario do Governo* n.º 80 de 13 de abril do mesmo anno; sendo o curso do Cuango para sul a contar do parallelo que passa pelo Noqui, o limite das nossas possessões com as da Associação, infelizmente, se não ha um outro documento depois da data d'aquelle, explicativo, que designe os limites do Estado Independente, eu não vejo pelos artigos 1.º, 10.º, 11.º e 12.º da Declaração relativa á neutralidade dos territorios comprehendidos na bacia convencional do Congo e que fazem parte do Acto geral que foi discutido em Berlim dias depois de assignada a Convenção aos 26 dias do mesmo mez de fevereiro; não vejo repito, onde estejam consignados os limites designados para os nossos territorios na carta de Africa Meridional Portugueza 1886 da commissão de cartographia.

Na convenção parece que, os nossos representantes apenas tiveram em vista, ficassem bem definidos os limites ao norte da nossa provincia até ao Cuango, e não consta que elles acceitassem que a ultima parte d'esse limite, isto é o parallelo do Noqui até ao Cuango e a contar deste o parallelo 6.º prolongado até ao meredíano 24 de longitude E. de Gren, seja a fronteira sul das possessões do Estado que confinem com a nossa provincia de Angola ou terras de sua expansão.

Pelo referido artigo 3.º da convenção, infelizmente, repito ainda, para Portugal, o Cuango a contar do parallelo que passa pelo Noqui para sul é a nossa fronteira com as possessões do Estado Independente e portanto todos esses pequenos estados a seu leste e que constituem, o que até agora se acceitava como o grande Estado do Muatiânvua, ficaram em duvida se, os subentenderam comprehendidos de ha muito nos nossos dominios.

Parece pelos artigos que cito do Acto geral que tratam da neutralidade de territorios, que nestes se podem comprehender os que fazem parte do Muatiânvua, mas se assim é, no mesmo caso estão os que lhe ficam a norte, leste e sul porque fazem parte das bacias e affluentes dos rios considerados no primeiro d'esses artigos.

O limite que a commissão de cartographia designou, passando pelo parallelo 6.º para demarcar o sul das possessões do Estado Independente entre o Cuango e o Meridiano 24º será o que esse mesmo Estado para si adoptou sem reclamação das potencias que fizeram parte da convenção?

Nesse caso, Portugal tem todo o direito a reclamar, porque entre os parallelos 5.º e 6.º do meridiano 20º ao 24º; desde 1868, lá se encontra espalhada uma colonia portugueza que tem contribuido para a regeneração dos seus povos modificando-lhes seus usos seus costumes e linguagem.

É por intervenção d'esses Portuguezes que a agricultura ahi prosperou, que se lá encontra o gado vaccum, que os povos trajam á europea

No meu regresso, o Muatiânvua eleito chamado a tomar conta do Estado, resolveu e a côrte admittiu, que não ia tomar posse do cargo, investir-se segundo as cerimonias do rito, do poder, collocando no braço o lucâno (bracellete) sem ter a certeza, de que Muene Puto, acceitava tomar sob o seu protectorado, as terras do Estado e nessa conformidade, me fez acompanhar, por seu sobrinho um dos futuros successores ao Estado com uma embaixada.

Outros potentados tambem entenderam fazer-me acompanhar por seus delegados para assegurarem aos negociantes de Malanje que o caminho por onde eu tinha regressado estava aberto e garantido ao commercio e podiam por elle affoitamente seguir para o interior os seus aviados.

Com respeito a estes, como a questão era do commercio, entendi dois dias depois da nossa chegada ali, dever despacha-los e os negociantes de Malanje mais uma vez quizeram ser-me agradaveis, cotisaram-se entre si, dando-lhes bons presentes para os seus potentados, vestindo os delegados e fornecendo-lhes sustento para o seu regresso.

Emquanto á embaixada do Muatiânvua, telegraphei a S. Ex.ª o Ministro, dando parte do que esta desejava e perguntei se podia abonar-lhes passagem para Lisboa. S. Ex.ª respondeu: «que relações da embaixada com Governador, Major Carvalho Lisboa.»

O Governador da provincia, teve a amabilidade de me offerecer um quarto do seu palacio para me hospedar em Loanda e eu esperei que cessassem as chuvas e segui com a embaixada para Loanda. Aqui com grande pasmo meu nem s. ex.ª estava, nem pessoa alguma da sua parte me appareceu para me receber, e por isso recolhi a uma hospedaria.

O Sr. Secretario do Governo, não tinha ordens algumas com respeito á embaixada e eu estava disposto a ir com ella procurar s. ex.ª no sul onde tinha ido.

Felizmente, por causa de umas complicações que se deram com a moeda de cobre, foi um navio de guerra ao sul participar ao governador geral o que se estava passando e elle veiu nesse mesmo navio.

Tive occasião de apresentar a S. Ex.ª a embaixada e esta lhe disse: «que vinha agradecer a Sua Magestade a visita da Expedição, fez-lhe ver as circumstancias anormaes em que se encontrava o Estado do Muatiânvua depois de 1883 em que fôra assassinado o Muatiânvua Xanama; deu-lhe conhecimento das reclamações para que seu tio, a quem o Estado pertencia, fosse d'elle tomar conta, e a resposta d'este que só iria, se Muene Puto acceitasse tomar sob seu protectorado, as possessões d'aquelle Estado.»

O Governador Geral que não tinha recebido instrucções algumas de s. ex.ª o ministro, sobre o modo de haver-se com a embaixada, recebeu-a bem, mandou-lhes dar uma porção de fazenda para se vestirem os homens e mulheres que d'ella faziam parte e disse-lhes: «que emquanto á

resposta de Muene Puto, como o Sr. Major Carvalho ia para Lisboa falaria a Muene Puto e a resposta que viesse se daria ao Muatiânvua.»

Nos dias em que eu estive em Loanda, mostrei a conveniencia da embaixada ver um certo numero de edificios, fortalezas, navios de guerra o que s. ex.ª approvou mandando-lhes abonar 100 réis por dia a cada um para se sustentarem.

Devendo eu retirar, cessava o abono e a Junta de Fazenda quando lhes deu vestuario deu-lhes mais uma porção de fazenda, cousa insignicante, para sustento, e eu vi-me na necessidade de lhes dar cincoenta mil réis em cobre pelo menos para sustento até Malanje.

Alguns negociantes do Dondo entenderam dar-lhe peças de fazenda e os de Malanje tambem; porém o chefe d'essa embaixada, apresentando-se ao chefe do concelho participou-lhe que o governador geral lhe dissera que eu ia a Lisboa fallar a Muene Puto para que este désse a resposta que devia levar a seu pae e por isso ficava esperando ali essa resposta, pois não se atrevia a apresentar-se ao Muatiânvua sem saber o que havia de dizer e sollicitava do chefe que o protegesse.

Ha um anno que esta embaixada está em Malanje e por dó do pessoal e consideração pela minha pessoa, o chefe e alguns amigos que ali tenho lhe tem abonado sustento. O proprio representante do Muatiânvua logo de principio teve de vender até peças de seu vestuario para dar de comer á sua gente, motivo porque hoje parece mais um carregador que um filho de Muatiânvua.

Temem-se da passagem do Cuango e teimam em esperar a resposta de Muene Puto. Mais de um emissario já tem vindo da parte do Muatiânvua saber o que é feito de seu filho e um d'esses que se dirigiu a Loanda porque os Bangalas foram dizer na Lunda que a embaixada estava presa em Malanje e todos eram escravos de Muene Puto, morreu no caminho.

Não desconhece V. Ex.ª quanto o gentio é desconfiado e isto póde dar logar a que as comitivas de Bângalas e quimbares que vão para o interior sejam victimas de extorsões e mesmo de mortes até que a embaixada lhes appareça. Se algum Bângala fôr victima, nas margens do Cuango augmentarão de futuro as difficuldades para o commercio.

Urge, portanto, providenciar-se para que aquella embaixada regresse e satisfeita com os Portuguezes e talvez se não apresente outra occasião tão favoravel, como agora em que o missionario Campana se offerece para ir estabelecer missões nas possessões do Muatiânvua, ao mesmo tempo que se facilita ao Reverendo Missionario o transito fazendo-o acompanhar d'aquella embaixada.

Ex.mo Sr.—Entrando agora no assumpto da conferencia a que me referi com o missionario Campana, principio por dizer, que é de toda a conveniencia, e assim o proponho no meu relatorio da Expedição, que se estabeleçam missões portuguezas em Malanje, cuja influencia se alar-

gue até ao Cuango e se irradie depois em differentes sentidos, nas possessões no Muatiânvua.

As missões do Reverendo Campana além do ensino profissional, dedicam-se á agricultura e como elle deseje já estabelecel-as em terras do Muatiânvua, lembrei-lhe de collocar a sede em Malanje, e dahi destacar missionarios por emquanto só para Quimbundo, onde Saturnino Machado ainda tem a sua casa e para o Caungula mais ao norte, onde a Expedição estabeleceu a Estação Luciano Cordeiro.

Julgo ainda muito conveniente que se aproveite para uma missão intermedia a Estação Costa e Silva na margem direita do Cuango, terras do Capenda Camulemba ou mais a sul d'esse ponto proximo da povoação d'este, que insiste, para que o Governo portuguez o confirme no cargo de capitão dos portos do Cuango, cargo, que fora concedido ao seu antecessor pelo delegado do Governo, o fallecido major Francisco de Salles Ferreira, chefe da Expedição militar que bateu os rebeldes de Cassanje, como testemunho dos bons serviços que aquelle então lhe prestara.

O actual Capenda sollicita o protectorado de Portugal como já disse anteriormente e d'elle tenho recebido tres cartas nesse sentido.

Encarecer agora os serviços que elle pode prestar á séde da missão em Malanje seria alongar muito as minhas informações.

No meu relatorio se torna bem frisante esta importante questão vital para o aproveitamento da vasta extensão de territorios de Malanje e do Cuango ao Lubilachi e para V. Ex.ª em particular, seria ocioso, por que sei que se empenha no estabelecimento de missões em todas as nossas colonias para a educação dos seus indigenas.

A séde em Malanje encontra mesmo junto á villa, uma propriedade agricola que se póde considerar modelo pelos exemplares europeus e americanos ,que o seu proprietario tem conseguido acclimar e d'ella envio a V. Ex.ª com este, amostras de trigo que de lá trouxe.

Esta propriedade pertence a Custodio Machado que aguarda seu irmão para retirar de todo a sua casa em Villa Real e creio bem que elle a venderia para a missão, em condições muito favoraveis de pagamento; e a missão d'ella já podia usufruir um rendimento annual muito razoavel.

Só o Reverendo Missionario, se acceitar ir a Malanje, poderá lá conhecer se lhe convem tal alvitre ou escolherá em outro ponto mais para nordeste ou leste, logar para os estabelecimentos da missão, o que lhe não falta nas condições indispensaveis, de boas terras, de abundantes aguas, de boas madeiras e de visinhos indigenas bons alliados.

De Malanje para qualquer dos pontos além do Cuango, mencionados, os caminhos são bons e nelles se encontram facilmente escoteiros e como são logares onde afflue o commercio de Malanje e Cassanje póde a missão com os seus delegados ahi manter correspondencias mensaes e enviar-lhes o sal, outros artigos e generos que julgue mais indispensa-

veis para a sua manutenção e de que ha necessidade nos logares indicados. Eu poderia indicar e com vantagens aos fins da missão, aos indigenas e para o nosso paiz, outros logares como são: o do potentado Quissengue mais considerado pelos Quiocos áquem do Cassai na margem direita do Chicapa talvez a egual distancia do Caungula, e do Quimbundo, que muito deseja estreitar relações com os filhos de Muene Puto de quem reconhece a Soberania, e a quem tem sido empecilho os Bangalas no Cuango; e ainda em outros logares, entre os povos de Muatiânvua e Quiocos nas margens direita e esquerda do Cassai. Porém parece-me que os missionarios uma vez internados nos pontos que primeiro indiquei, com a pratica necessaria e devidamente informados e esclarecidos, melhor procederão á escolha das localidades que mais convem aos seus estabelecimentos.

Ha toda a vantagem, quando possa dispor-se de pessoal, em contemplar-se os Quiocos ao menos com uma missão, para evitar rivalidades entre estes e os subditos do Muatiânvua e se conseguir manter um bom viver entre estes povos que sendo parentes se tornam rivaes pela ambição de poderes, trabalho este que a Expedição pôde felizmente iniciar e é de toda a conveniencia que continue para bem d'aquelles povos e do nosso commercio.

Os Quiocos por estarem mais proximos da nossa Provincia avantajaram-se aos Lundas pondo em acção toda a actividade de que são susceptiveis e alcançaram impôr-se a estes que ainda em 1882 abusando do poder do seu Muatiânvua lhes ditavam a lei por meio de extorsões.

É por isso de toda a conveniencia principalmente politica, que não sejam esquecidos os povos quiocos querendo contemplar-se os do Muatiânvua, na educação da geração nova, que se me affigura quando devidamente orientada será o auxiliar poderoso com que podemos contar para o aproveitamento de toda a região entre as nossas provincias de Angola e de Moçambique.

Eis em resumo pois o que me cumpre informar a V. Ex.ª sobre o assumpto da conferencia com que V. Ex.ª me honrou, terminando por sollicitar mais uma vez, para que se estimulem os compositores da Imprensa por meio de serões ou por tarefas, a darem o necessario impulso á publicação dos trabalhos da Expedição a meu cargo, pois que se tratam nelles de assumptos instantes na occasião e se prestam esclarecimentos que muito illucidam os poderes publicos para uma boa e proveitosa reforma da administração provincial em todo o districto de Malanje e paizes visinhos que póde ser coadjuvada pela iniciativa particular e finalmente se supprem deficiencias nos estudos scientificos que respeitam ao centro do continente africano, pelos estrangeiros.

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa 3 de maio de 1889. — Illmo e Exmo Sr. Secretario Geral dos Negocios de Marinha e Ultramar, *Henrique de Carvalho,* Major do Exercito.

Occupação dos territorios de Muene Puto Cassongo

Ill.mo e Ex.mo Sr. — O Muene Puto Cassongo, segundo os melhores dados, tem a sua capital na margem direita do Cuango pouco mais ou menos situada, no 17° 18′ longitude E. de Gren. e no 6° 28′ latitude S. do Equador, portanto muito ao sul do parallelo que limita o Estado Independente do Congo.

Este grande potentado, que tem honras de Muatiânvua, apesar de viver independente, ainda actualmente, se considera subdito do Muatiânvua; mantem com elle relações de inferior para com superior e tanto os enviados de um como do outro, fazem as suas communicações directamente do Caungula para Muene Puto Cassongo pelas terras em que hoje dominam Anzâvo e Cambondo dizendo-se este subdito do Rei do Congo.

O Muene Puto Cassongo é descendente do Cassongo do Muatiânvua e a historia tradicional dá o pae do primeiro Muatiânvua, irmão do primeiro Cassongo, sendo certo que quando aquelle veiu formar o Estado pela conquista que depois se tornou o imperio poderoso e temido do Muatiânvua, com elle vieram Cassongos e o mais graduado d'estes, que marchou com suas forças na companhia de Maí, Caungula e Cumbana batendo os povos do Lulua para oeste, deixou aquelles; o 1° junto ao Cassai, o 2° entre o Quicapa e o Cuilu e o 3° a norte d'este que sob seu commando reuniu os povos batidos por aquelles como tambem os de Ambaca (os Peindes) para alem do Cuango pelos ascendentes dos actuaes Cassanjes; e foi então o Cassongo mais para oeste e fixou a sua residencia junto ao Cuango por saber que alem d'elle, as terras pertenciam a Muene Puto.

Organisando o seu Estado tomou então para si o titulo de Muene Puto Cassongo.

Entreteve sempre as suas boas relações com os subditos do Rei do Congo e este d'elle recebia marfim em troca de fazendas, polvora e armas que lhe mandava do commercio que fazia com os Portuguezes.

Muene Puto por seu turno, com parte dos artigos que recebia, obtinha do Muatiânuua não só cargas de marfim como a gente que o transportava.

Ultimamente, difficuldades se levantaram tanto para o lado do Muatiânvua d'onde de tempos a tempos appareciam caravanas, tendo eu encontrado no Caungula parte de tres d'essas comitivas que lá tinham ido em 1882 e 1883; como do lado do Congo, porque os regulos e outros potentados que se foram dispersando até ás margens do Cuango e para o lado da nossa provincia de Angola até Malanje, se tornaram salteadores das comitivas do Rei do Congo e as impediam de passar o Cuango para Muene Puto Cassongo.

Continuam ainda hoje inexploradas não só a região em que domina este potentado mas as vizinhas a leste.

O major Mechow conseguiu numa lancha (partiu de Malanje com a sua expedição) navegar o Cuango até alem do 6° grau e é sabido que a missão baptista do Alto Zaire tambem conseguiu fazer chegar o seu vapor *Peace* até ao 4° 35′. O embaraço da navegação para uns e outros foi a queda de agua apontada por Mechow e pela missão confirmadas.

Era pois uma questão de 50 kilometros de estrada inclusive para uma via de Decauville o aproveitar-se a linha fluvial do Cuango desde as immediações de Malanje pelo grande Zaire ao Oceano, e o que se nós não fizermos será feito por qualquer missão estrangeira quando não pelo Estado Livre do Congo.

Estou informado tambem que a missão americana do Bishop Taylor, que tem estações no Zaire, Dondo, Pungo Andongo e em Malanje, se prepara estabelecer estações intermedias nas margens do Cuango e anteriormente já eu sabia que pretendiam internar-se até aos Quiôcos no Quicapa.

O Sr. Ministro R. Garcia por vezes me honrou consultando sobre a missão do reverendo Campana que já deve estar em Malanje, em preparativos, para ir alem do rio Cuango occupar algumas das Estações que levantei e por mim indicadas como as que se me affiguravam de melhor partido á sua missão e tambem sobre a navegação do Cuango, chegando a determinar ao Ex.mo Sr. Secretario Geral Costa e Silva, para que se tratasse da acquisição dos barcos especiaes para aquella navegação, que entendeu ser de toda a conveniencia assegurar immediatamente por parte do Governo portuguez.

Hoje affigura-se-me de toda a importancia, fazer-se já occupar o Muene Puto Cassongo antes que os estrangeiros d'isso se lembrem, porque de certo elles devem ter conhecimento que durante o anno de 1889 as comitivas portuguezas tanto de Bângalas como dos concelhos sertanejos do districto de Loanda deixaram de ir ao Lubuco por não poderem concorrer nas permutações com os agentes do Estado Livre e encaminharam-se seguindo com o Cuango até entre o 6° e 7° graus onde encontraram borracha em quantidade e povos por explorar.

Em circumstancias economicas, nos podemos já antecipar ao Bishop Taylor que por subscripção entre os seus mais dedicados amigos espera façam construir um barco para levar por deante o seu intento, e mesmo a qualquer outra missão do Alto-Zaire que tantas são hoje na concorrencia, as que procuram quebrar a influencia portugueza, nas suas visinhanças.

Occorre-me que o ajudante que foi da minha expedição Sertorio de Almeida capitão do exercito de Africa occidental, n.° 1 para major, e que passou comnosco o Cuango no 8° 27′ e vae regressar a Angola, poderia bem desempenhar-se da missão de ir a Muene Puto Cassongo por Ma-

lanje ou mesmo por S. Salvador do Congo e sem grandes difficuldades preparar a occupação, fazendo construir logo uma casa para receber dois ou tres missionarios da nossa missão de S. Salvador sob o titulo filial d'esta e ao mesmo tempo, em pequenas lanchas como as de Mechow por emquanto, aproveitar já a linha fluvial para o commercio de Muene Puto Cassongo e povos visinhos, até ao ponto do Cuango mais proximo de Malanje, onde um qualquer negociante portuguez ou mais estabeleceriam filiaes.

Pelo que exponho nos capitulos do primeiro volume da descripção da minha viagem ao Muatiânvua, faço bem sentir o bom partido que se póde alcançar dos povos entre os rios Cambo e Cuango, muito principalmente na agricultura, e aqui eu consigno, no que insisto e é de uma grande responsabilidade esquecer, que em Africa, o elemento natural do trabalho é o seu indigena e a colonisação europêa torna-se utopia, emquanto não fôr preparada pelo indigena e nos pontos em que ella possa vingar.

Infelizmente ainda na actualidade faltam todas as bases para se tomar a responsabilidade de se fazer encaminhar a emigração de Portugal e ilhas para determinados pontos de Africa.

Copiar do estrangeiro neste caso, que é o que se tem feito, é um erro dos maiores que podemos commetter na actualidade.

S. Ex.ª o Sr. Ministro da Marinha já deu uma prova cabal de que aprecia o elemento indigena como uma necessidade até, para intervir na superior administração das nossas colonias e para sentir foi que encontrasse más vontades na execução, o seu bem elaborado codigo que attendia a essa necessidade, portanto não deixará de apreciar as minhas intenções com respeito á colonisação europêa.

Ha, e tambem no nosso paiz, quem professe a theoria que nada de bom se alcança do indigena africano e isto é desconhecer, que se elle mais não adiantou foi porque nós os civilisados entendêmos faze-lo progredir de um vôo de seculos.

Se nós lá não tivessemos ido levar-lhes o que nos sobrava de nossas industrias, elles de certo não teriam paralysado. Assim fomos alimentar-lhes vicios e os que têem podido manter-se na lucta, gozam-nos na ociosidade que é o peor de todos.

Como podemos mandar emigrantes para os pontos de Africa que se nos figuram bons, se esses pontos, quer pela meteorologia, quer pela medicina não estão estudados, como no continente e ilhas identicamente não estão estudadas as localidades d'onde se pretende emigrar e tudo se ignora da vida do emigrante e inclusive se não os inspeccionam e nem ha bases para se lhes indicar as regiões de Africa a que mais se adaptariam as diversas circumstancias que se dão no emigrante?

Tanto em Africa como na America já temos bons exemplos de imprevidencias para que se repitam; e se algumas localidades, a estas devem

o abandono como reconhecidos matadouros, poupêmos aquellas que, ainda, não passaram por esse flagello e em que se fundam boas esperanças, que a concorrencia para as desenvolver não será infructifera.

É este, porém, um assumpto que de certo merecerá toda a consideração de S. Ex.ª o Sr. Conselheiro Julio de Vilhena e por isso apenas agora chamo a attenção de S. Ex.ª para a occupação de Muene Puto Cassongo e como um dever entendemos suggerir-lhe os alvitres que ficam expostos.

Lisboa, 16 de abril de 1890. = *Henrique de Carvalho.*

Indicações sob a proposta da occupação de Muene Puto Cassongo

A região portugueza de Muene Puto Cassongo a occupar, é limitada a oeste pelo rio Cuango, a norte pela fronteira do Estado Independente do Congo que ficou determinada ser o parallelo que passa pelo 6º grau ao sul do Equador, a leste pelo rio Cuilo, que separa essa região d'aquella em que domina o Muata Cumbana, a sul as terras de Capenda ca Mulemba subdito de Portngal, em que domina Mona Samba Mahango, em cuja capital, a Expedição portugueza ao Muatiânvua estabeleceu a Estação Costa e Silva.

A capital de Muene Puto Cassongo, na margem direita do Cuango, fica, segundo os melhores dados, no parallelo 6º 28′ ao sul do Equador; a de Mona Samba tambem na margem direita do Cuango mais a sul, no parallelo 8º 28′ portanto d'aquella distante 200 kilometros.

O Major Mechow em 1880 seguindo em um pequeno barco de aço desmontavel em cinco peças que foram transportadas ás costas de homens, seguiu de Malanje ao rio Cambo, um pouco a norte de Massango onde passou a minha Expedição e navegando por este rio, entrou no Cuango em terras de Tembo Aluma, visitado pelos nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens.

Mechow seguiu depois no seu barco pelo rio Cuango, visitou Muene Puto Cassongo e continuou ainda a sua navegação até Quingunji na margem esquerda que determinou no parallelo 5º 5′. Os nossos exploradores caminhando por terra, margem occidental, para as terras de Iacca, atravessaram o affluente esquerdo do Cuango, o Cugho, passaram nas terras de Quicongo e attingiram o parallelo 6º 30′ na baixa das terras de Quiteca Ambungo, proximo do porto do Cuango, que dava passagem para a capital de Muene Puto Cassongo, a norte do affluente direito do mesmo Cuango, o Anganga, de que se fornece de agua aquella capital.

O Major Mechow interrompeu a sua navegação por causa de uma queda de agua importante e porque os seus carregadores, se temeram de conduzir o barco por terra com medo dos Iaccas a norte, no Lunda-luanquidiji, que consideravam de anthropophagos, mas de que só se falla por indicios, e já depois ha noticias, que mesmo sacrificios humanos se ali se praticam, é muito em segredo.

Esta quéda de agua em extensão não póde ser grande por quanto o dr. Mense com o reverendo Grenfeel da estação dos Missionarios Baptistas, em dezembro de 1886 no vapor *Peace* d'esta estação fizeram uma viagem de Stanley Pool pelo Zaire, Cua e Cuango até ao 4° 50′, isto é, até á altura de Muene Cundi, na margem esquerda, e não avançaram mais por causa da referida quéda, constando-lhes que o barco de Mechow não estava já em Quingunji na margem esquerda, onde o deixára, mas sim na margem direita em Candinga sobre o alto rochedo.

Ha, pois, pelos parallelos que foram terminus das navegações de um e outro lado, uma differença de 15 ou 25 kilometros, portanto facil nos será pela margem esquerda fazer um bom caminho de 30 kilometros, o muito de extensão, para que se possa estabelecer uma navegação regular e aproveitar as linhas fluviaes, se póde dizer, de Malanje para o Oceano Atlantico.

A occupação, tal como comprehendi, não se faz por meio de força e sim pelo da persuasão, da verdadeira cathechese, e debaixo d'este ponto de vista julguei acertado que esse encargo devia recair sobre um official que praticamente conhecesse senão todos, parte dos povos, por onde tem de transitar, que não ignorasse de seus usos e costumes, e não fosse extranho á linguagem d'estes povos, alem de outras condicções de vantagens para uma missão d'esta ordem.

O chefe d'esta missão na parte pratica, tem de preparar-se para immediatamente se dirigir á capital de Muene Puto Cassongo, estabelecer relações de amizade com este potentado; e em bom local, proximo do rio Cuango, fabricar uma casa nas melhores condicções possivel, aproveitando-se dos recursos da terra para poder receber dois ou tres misoionarios religiosos da nossa missão de S. Salvador do Congo; e ao mesmo tempo tratará, navegando o rio Cuango, de garantir as communicações com Malanje, por meio de lanchas, aproveitando-se do affluente Cambo.

Procederá a sondagem d'este rio e do Cuango até Quingunji, onde encontrará a quéda de agua que o impossibilita de continuar a navegação e d'este seu trabalho, que deve ser um dos primeiros, dará immediato conhecimento á direcção geral do ultramar, para por elle, se for possivel, se proceder ao fabrico de pequenos barcos a vapor.

Na margem esquerda deve procurar entabolar relações, com os Macundi e outros povos, alguns dos quaes se dizem ainda Maiacca, não só para abrir um caminho ao longo da margem esquerda, que se calcula de 25 a 30 kilometros, de modo a salvar-se a quéda de agua, e outro em direcção a S. Salvador do Congo.

É de toda a conveniencia que faça uma excursão pelo rio Cuango da parte não estudada entre Tembo Aluma e o porto de Muêto Anguimbo nos Haris, onde a Expedição ao Muatiânvua passou o Cuango para a Estação Costa e Silva, em Mona Samba Mahango, subdita de Capenda ca Mulemba.

Estabelecidas boas relações com Muene Puto Cassongo e logo que na Estação levantada, esteja pelo menos um missionario religioso, deverá fabricar de accordo com aquelle potentado mais duas ou tres casas no caminho que com segurança se deve preferir, attendendo ao commercio, até á capital de Muata Cumbana.

Para os fins d'esta missão, terá de organisar o chefe o seu pessoal de carregadores na villa de Malanje, porque existem aqui senão todos, parte dos carregadores que acompanharam Von Mechow, outros que teem feito parte de caravanas portuguezas que teem percorrido o centro do continente e alguns que nos ultimos tempos se dirigem com commercio para as terras que marginam o Cugho, affluente esquerdo do Cuango.

Este pessoal, alem da bagagem e rancho do chefe, tem a transportar artigos de commercio para a sua manutenção, negocio nas Estações e presentes para alguns potentados; e ainda, o equivalente a um ordenado mensal para o potentado Muene Puto Cassongo, que não deve ser inferior ao que o Governador de Angola estabeleceu, para os potentados alem Cuango, correspondente a 100$000 réis semestraes.

Sendo enorme a differença, mesmo, entre os artigos de commercio comprados em Lisboa, dos equivalentes que se podem obter em Malanje, muito principalmente, desonerando-os de direitos na alfandega de Loanda, é de toda a conveniencia que o chefe da expedição se forneça em Lisboa d'estes artigos.

É indispensavel que o chefe da missão, siga o mais breve possivel para Malanje, a fim de aproveitar a epocha da interrupção das chuvas, para emprehender a sua viagem, tendo a vantagem de encontrar os rios Cambo e Cuango já com bastante agua e corrente que lhe facilita a na-

vegação e emquanto prepara a sua expedição, a tempo receberá, enviado pela direcção geral do ultramar, duas lanchas apropriadas para a sua navegação.

Pela direcção do ultramar se encommendará um ou dois barcos a vapor do typo do Peace da missão baptista do Alto-Congo para a navegação do Zaire e Cuango até ao Muene Cundi, na margem esquerda do Cuango que deve ficar a cargo da missão em S. Salvador, que deve ter uma Estação na margem do Zaire em ponto mais conveniente.

Tendo reconhecido a Expedição portugueza ao Muatiânvua ser de toda a conveniencia aproveitar o potentado Muene Canje, na margem esquerda do Lui e das terras do qual tem de começar a navegação do rio Cambo; deve ahi o chefe da missão, installar uma Patrulha ou Estação, que deve ficar a cargo de um official de uma das companhias moveis do concelho de Malanje, pago na mesma fórma e com as vantagens que foram concedidas pelo Governador geral de Angola, a identicos encarregados das Estações que foi occupar a expedição Sarmento.

Sendo a região que se vae occupar uma dependencia da provincia de Angola, deve ficar ao arbitrio do Governador Geral d'esta provincia segundo as bases estabelecidas, compenetrando-se do pensamento do governo elaborar as instrucções particulares por onde se deve guiar o chefe da missão.

Occupação dos territorios dos Capêndas

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Não extranha V. Ex.ª que eu me torne impertinente, insistindo por tornar praticos os resultados da minha Expedição ás terras da Lunda, procurando fazer valer os meus trabalhos e as minhas promessas, aos chefes indigenas com quem mantive as mais cordiaes relações e confiaram ser eu na verdade um enviado de Muene Puto, que curava de conhecer do seu modo de existir para melhorar as suas circumstancias e faze-los progredir.

Depois que regressei, não tenho feito conferencias publicas, não tenho mesmo dado logar a reclames na imprensa periodica, porque entendi, emquanto o governo de Sua Magestade não tornar publicos os meus livros, que me devia limitar a inteirar V. Ex.ª Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e do Ultramar, do que acredito indispensavel fazer-se já, para não sermos surprehendidos com occupações de estrangeiros, na região em que trabalhei e venham a limitar a nossa expansão no Occidente como o pretendem agora fazer no Oriente.

Ha pouco tomei a liberdade de justificar a V. Ex.ª a necessidade immediata de se occupar as terras de Muene Puto Cassongo e hoje vou lembrar a occupação de um outro paiz tambem na margem direita do Cuango, fronteiro á feira de Cassanje e duzentos e tantos kilometros a sul do primeiro.

Mas antes de entrar no que é assumpto propriamente da actualidade, mas ainda não do dominio do publico, permitta V. Ex.ª que eu recorde o que é muito conhecido de V. Ex.ª porque data de ha quarenta annos, da expedição do fallecido major Francisco de Salles Ferreira em 1850.

No Diario d'esta expedição mez de março, dia 18, lê-se: O Capenda ca Mulemba participou ter em campo a sua força para prender o rebelde Jaga de Cassanje...

No dia 21, sentiu-se na margem direita do Cuango entre os Xinjes, um tiroteio de madrugada até ao meio dia, das forças de Capenda, perseguindo os rebeldes...

No dia 25, apresentou-se Quinguri com um macota de Capenda acompanhando 32 prisioneiros, escravos do rebelde...

No dia 27, soube-se que as insignias do Estado lançadas fóra pelo Bumba (Jaga) foram salvas pelos filhos de Capenda que as entregaram a este...

No dia 28, vieram os Xinjes entregar as insignias e já mais se viu nos Bângalas tão grande jubilo pela salvação de tão importantes reliquias (ferros velhos, dentes e outras similhantes cousas) com que julgaram desde logo Cassanje salvo, pois diziam e mostravam crer, que perdidos os attributos do Estado, este estava perdido.

Todos os macotas vieram espojar-se diante do Sr. Commandante Geral em signal de agradecimento. O Sr. Commandante, em attenção aos serviços prestados pelo Capenda ca Mulemba, mandou-lhe em nome do Governo, uma espada, uma banda, e a nomeação que elle havia pedido de Capitão dos portos do Cuango.

No dia 26 de abril d'aquelle anno, com a maior pompa possivel, foi baptisado o Jaga que substituiu o rebelde Bumba, com o nome de D. Fernando Accacio Ferreira.

Recordando estes factos, devo lembrar ainda, que até 1861 os partidarios de Bumba nos incommodaram bastante e foram causa de varios desastres para as nossas forças militares que ali mandámos e no entanto Capenda ca Mulemba e os seus, sem ter o nosso apoio, se conservaram fieis á nossa sujeição, embora soffressem bastante das gazzivas das Bângalas.

Não ignora tambem V. Ex.ª pelo que respeita á minha Expedição que querendo eu evitar difficuldades ao chefe do concelho de Talla Mugongo, residente na feira de Cassanje, que recentemente havia sido nomeado pelo estimado Governador Ferreira do Amaral,—o primeiro depois d'a-

quella data,—pois já corriam boatos que a minha Expedição ia vingar a morte do tenente coronel Casal, a que ligavam grande importancia por que pelo facto de eu ser major, julgavam ter em mim o espirito do fallecido major Salles Ferreira, nome que entre elles é ainda pronunciado com respeito de terror; marginei sempre a esquerda do Luí e fui passal-o, bem como o Cuango, pouco acima da confluencia dos dois, mas muito a norte das terras do jagado; e na margem direita do Cuango, já em terras de Mona Samba Mahango (mulher), fui estabelecer a nossa estação Costa e Silva.

Com esta e sua irmã Mona Cafunfo e filhos de ambas e seus velhos macotas (conselheiros dos estados d'ellas); consegui fazer um tratado que foi publicado no boletim official da provincia de Angola em agosto de 1885, por ordem do benemerito Governador Ferreira do Amaral.

São estas duas mulheres que dão os herdeiros para o estado Capenda ca Mulemba, porém na occasião, estava neste estado sem ter as insignias o que corresponde entre nós a interinidade, um tio de Mucanzo filho de Mona Samba com quem convivi tres mezes, por este ser menor.

A pedido d'aquellas mulheres, não fui visitar Quilelo que era o Capenda, por ellas entenderem ser já tempo de entregar o estado a Mucanzo; porém no meu regresso procurou elle vir a meu encontro e como não o conseguisse escreveu-me, por intermedio do seu secretario, Diogo Fernandes de Sousa e Silva; e já depois de estar em Lisboa, d'elle recebi mais duas cartas das quaes publiquei a ultima, no primeiro vol. I da Descripção da minha viagem pag. 556 e 557, insistindo como em todas, pedir a protecção do Governo de Sua Magestade e declarando estar prompto a prestar o juramento de vassallagem, desejando sejam declarados os seus dominios territorios portuguezes e devidamente occupados pelas nossas auctoridades.

Estendem-se estes dominios para leste até ao rio Cuengo, e approximadamente a capital tem por coordenadas latitude S do Equador 9° 20' e longitude E. de Gren. 18° 40'.

Foi Quilelo quem succedeu a Pire e este foi o Capenda que mereceu do fallecido major S. Ferreira a nomeação de capitão dos portos do Cuango, a que me referi.

As fundadas esperanças que tem aquelle potentado, que ficando as suas terras debaixo da protecção portugueza, não serão mais os seus subditos incommodados pelos visinhos Bângalas e Quiocos que com elles defrontam; a insistencia em me pedir a resposta dos seus pedidos a Sua Magestade, faz-me recear que, ou a missão do Bishop Taylor, já espalhada na nossa provincia até Malanje e no Zaire até á confluencia com o Cuango, por um ou outro lado, ali convergindo; ou uma das Baptistas do Congo que tentam a navegação dos confluentes esquerdos do Zaire; ou o Estado Livre do Congo que de certo pelo sul, não se contentará com

o limite no 6º grau; qualquer d'estas instituições, se aproveitará da nossa attenção forçada pelas circumstancias actuaes para os nossos dominios no Oriente, e uma vez que reconheçam o nosso desprendimento pelas terras que se nos offerecem, na margem direita do Cuango; nos antecedam e arvorem a bandeira que lhes é nacional.

Como me diz Capenda no seu officio n.º 2: «Sua Magestade mandando para as minhas terras um chefe, soldados, negociantes e mestres; satisfaz aos nossos desejos e esta occupação, não lhe custa vidas nem despezas de polvora porque o nosso povo, é que reclama, a sua valiosa protecção;» não é uma conquista de terras de inimigos e sim rectificar a vassallagem prestada pelo defuncto Capenda Pire seu tio e antecessor.

Ora com Mona Mahango e Mona Cafunfo e seus filhos, que podiam ser os unicos a contestar, se conseguissem, o que não conseguem, fazer substituir em vida, Quilelo por um dos filhos de Mona Mahango; temos nós a certeza pelo tratado que celebraram com a Expedição a meu cargo que tambem querem a protecção de Portugal.

Alem d'isto o Capenda ca Mulemba, seja qual for, o que estiver no poder reconhecido pela côrte, para todos os effeitos é considerado o superior aos Capendas, que se dizem descendentes de irmãos Mulundo e Massongo, cujos dominios são limitrophes marginando o Cuango para sul, terminando nos Minungos de Quimbundo, onde existe o grande e antigo estabelecimento portuguez de Carneiro e Saturnino, hoje de Saturnino Machado, e elles nos garante a posse d'aquelle vasto paiz.

É portanto de toda a conveniencia e mesmo urgente, que o Governo de Sua Magestade, tendo em vista fazer valer os seus direitos ás terras do Muatiânvua; auctorisando como auctorisou, o estabelecimento das missões romanas do Reverendo Campana, a quem concede subsidio; annuindo á occupação das terras de Muene Puto Cassongo como lembrei, aproveitando-se da nossa missão de S. Salvador do Congo do Reverendo Barroso; e, fazendo navegar o Cuango por pequenos barcos a vapor; faça sem perda de tempo, occupar tambem os dominios do Capenda ca Mulemba.

Só deste modo podemos garantir o predominio do rio Cuango e seus affluentes e ainda de todo o commercio que se faz nas terras da Lunda, ao mesmo tempo que se prepara sobre boas bases um governo interior, no planalto, nas melhores condições de salubridade, aguas e terras para a colonisação europêa; pois aqui se alcançarão pelo trabalho agricola vantagens que não ha talvez em outro qualquer outro ponto da provincia de Angola, a producção indigena chamada rica: café, algodão, saccharina, borrachas, gommas, tabacos, bons azeites, a par do bom arroz, explendido trigo (do qual uma amostra enviei em tempo a V. Ex.ª), batatas europeas, beterraba, inhame, centeio, bons gados, e das nossas mais estimadas fructas e hortaliças europêas e americanas.

Desculpe V. Ex.ª se me torno enfadonho alongando-me nas minhas communicações, e queira levar á conta de quanto desejo que a minha observação e estudos com que o paiz despendeu alguns contos de réis seja aproveitado em trabalhos praticos.

Deus guarde, etc. 26 de abril de 1890.—Illmo e Exmo Sr. Secretario Geral do Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Localidades de urgencia a occuparem-se

Illmo e Exmo Sr. — Á medida que estou revendo os meus Diarios e os originaes das communicações que das terras da Lunda dirigia a S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios da Marinha e do Ultramar, como me fôra determinado, os quaes V. Ex.ª me dispensou, para d'elles extractar o que fosse conveniente para as publicações dos meus trabalhos, vejo que já eu attendia a todas as condições vantajosas indispensaveis para alargarmos a expansão da nossa provincia de Angola, pelas terras do Muatiânvua, obedecendo a um plano que se me affigurava sensato e de facil execução, de que devia provir com o tempo, boas collocações para as correntes de emigração de diversos pontos da nossa metropole e ilhas adjacentes.

Já no fim do vol. II da Descripção da minha viagem, de que me estou agora occupando, se vê que em terras de Caungula, primeiro Muata dos de maior grandeza dos estados do Muatiânvua, se deram factos e effectuaram trabalhos de maior importancia ao fim que tinha em vista; o que provam não só a grande influencia de Portugal sobre os povos do vasto paiz do Caungula e visinhaças, mas ainda as boas disposições d'este potentado a moldar-se ás exigencias da civilisação.

Foi tão longa a correspondencia que da capital d'aquelle potentado, onde estabeleci a Estação Luciano Cordeiro, dirigi ao Sr. Ministro que a V. Ex.ª apenas recordarei neste momento os mais salientes factos a que se referia.

Como Chefe da Expedição, em sessão magna, usando por vezes da palavra, consegui salvar um grande quilolo, que praticára o crime de matar a sua companheira em terra extranha, de ser castigado com a pena de morte (degollado).

Salvei ainda da mesma pena uma mulher nova, que se refugiou na Estação portugueza, depois que foi julgada feiticeira da Muari (primeira mulher) do Muatiânvua eleito.

Protegendo trinta rapazes de uma comitiva de commercio do Rei do Congo que fora á Mussumba, e encontrei abandonados nús e esfomea-

dos por causa de expoliações que soffreram no regresso, aproveitei-os para o serviço das cargas da Expedição, conseguindo que se lhes fosse reparando alguns damnos, principiando logo naquella localidade.

Por vezes a seis diversas e grandes comitivas de Bângalas e de alguns Portuguezes de Angola que se queixaram de arrestos e gazzivas mandadas fazer sob pretextos futeis pelos potentados, alcançei que lhes fossem restituidas as expoliações e algumas na totalidade.

Intervim e consegui que se fizessem as pazes entre os Quiôcos de Muxico e Mucanjanga com Caungula.

Tres mezes que estive na localidade, catechisei os filhos da terra, de modo que a par do pessoal da expedição e dos rapazes do Congo, trabalharam nas construcções da Estação e prestaram-se ao serviço das cargas até á margem do Chicapa, limite das terras do seu potentado.

Institui na Estação uma escola de instrucção primaria onde creanças da Lunda, carregadores da Expedição, de terras diversas, aproveitaram, lendo e escrevendo rasoavelmente e alguns fazendo as quatro rudimentares operações.

Celebrei emfim, com Caungula e as auctoridades do seu conselho e com a assistencia de Muatiânvua eleito, um Tratado de protecção, cujo original foi para a conferencia de Bruxellas, escripto na lingua portugueza e da Lunda, de que junto a copia da parte portugueza; o qual foi assignado por testemunhas conscientes do acto que se praticou, soldados, empregados menores da Expedição, contratados de Loanda, Portuguezes de Ambaca e de Malanje, extranhos á Expedição, rapazes do Congo, Bángalas avassallados e não avassallados e diversos interpretes.

Este Tratado foi lido e assignado em seguida ao acto da inauguração da Estação, no dia 31 de outubro de 1885 e pelas copias juntas, se conhece bem, como se procedeu áquellas cerimonias e o cuidado e lealdade que houve nos trabalhos preparatorios.

As copias conservam a originalidade da redacção, por ser a fórma da melhor intelligencia para povos gentios.

Da copia da parte especial da communicação que se refere ao Tratado, notará V. Ex.ª que tive sempre em vista, aproveitar-me da protecção que estava dispensando aos rapazes da comitiva do Rei do Congo; e este, é já um dos pontos para que chamo a attenção de V. Ex.ª, devendo antes dizer que por circumstancias que se deram e soube no meu regresso a Malanje, as cartas que primeiro enviei por uma diligencia d'aquelles rapazes ao seu Rei, não tinham sido ainda entregues, porém este por intermedio do Chefe da Missão em S. Salvador, o nosso benemerito Barroso respondeu-me a uma terceira que lhe enviára pelo correio de Angola, e elle estava disposto a obrar de accordo commigo ao fim que eu tinha em vista.

Elle pela sua parte trataria de abrir e assegurar um caminho o mais directo possivel, de S. Salvador a Muene Puto Cassongo, e nós entre este e o Caungula.

Para V. Ex.ª conhecer as vantagens d'este caminho para a Mussumba do Muatiânvua, basta, tendo presente uma carta de Africa, saber que as comitivas do Congo estão fazendo o seu trajecto para as terras da Lunda, passando pelos Hungos na nossa provincia para virem a Malanje e d'ahi, atravessando os Bondos, vão cortar o rio Cuango entre o 8º e o 9º quasi sempre pouco mais ou menos a meio e seguem então para o Caungula, podendo considerar-se o NE. como rumo medio, o que, pelo menos, duplica a viagem que se faria, se o projectado caminho se realisasse.

Essas comitivas do Congo apesar de passarem por Malanje, tanto na ida como no regresso, nada influem no seu commercio e comprehende-se bem que assim deve ser, quando recordêmos que em S. Salvador e immediações são vendidos por menor custo os artigos europeus e se pagam melhor os productos gentios de alem do Cuango, do que em Malanje e o que nisso influe é geralmente sabido.

Aquelle caminho seria, pois, de muita vantagem, tanto para o commercio do nosso Congo, como do Ambrizette e do Ambriz, porque facilitaria as suas relações com os povos de Muata Cumbana, visinho ao norte do Caungula, onde se encontra por explorar marfim e borracha.

Creio que ainda hoje, a realisar-se o que eu então desejava fazer no meu regresso, como mostra a copia da carta que dirigi ao Rei do Congo, nos antecipariamos a que o Estado Livre do Congo ou as diversas missões do Alto-Congo, se lembrassem de desligar os dominios do Muata Cumbana do estado do Muatiânvua e toma-los sob seu protectorado.

E é occasião de dizer a V. Ex.ª que um representante d'aquelle Muata, esteve commigo durante um anno e uma força de 40 armas, que de proposito per ordem do Muata Cumbana vieram encorporar-se no Caungula ao cortejo que acompanhava o Muatiânvua eleito para a Mussumba.

O principal negocio para os povos de Muata Cumbana é o sal e preferem-no das salinas entre Luí e Cuango e do Cuanza, que existem em territorios portuguezes, e uma exploração feita de modo acertado póde dar um grande lucro ao commercio e por consequencia para a nossa provincia de Angola.

Sendo um dos fins da missão do Reverendo Campana estabelecer uma delegacia no Caungula e seguindo para ali a expedição Sarmento, que acompanha os representantes do Muatiânvua eleito e do Caungula, que vieram a Loanda commigo, estão dados os primeiros passos para de accordo com a missão de S. Salvador do Congo, a de Campana em Malanje, sua delegacia no Caungula e os chefes das occupações que ultimamente lembrei de Muene Puto Cassongo e de Capenda ca Mulemba, nos fixar-

mos com segurança no norte dos estados de Muatiânvua em regiões não exploradas por estrangeiros e evitarmos que estes pelo Estado Livre do Congo ultrapassem os limites que os representantes d'este Estado para si, tomaram na conferencia de Berlim.

Por outro lado, sendo politico não perdermos Quimbundo, que é um bom ponto estrategico e onde existem os estabelecimentos de Saturnino Machado, que soube sempre sustentar as relações do seu antecessor e socio Carneiro, com o Muata, subdito de Muatiânvua e Quiôcos visinhos de grande importancia, Congolo, Muxico (Quiniâma) Ambumba e Quissengue, deve aqui collocar-se tambem uma delegacia da missão de Campana em Malanje e assim teremos, até ao rio Chicapa, occupado os pontos principaes d'onde irradiará a influencia portugueza exercendo acção prompta até ao Cassai e sem receio de contestações, nem dos povos naturaes nem de europeus estrangeiros. E ligados os pontos principaes por caminhos o mais directos possivel, essa nova area alem do Cuango fica garantida á acção do nosso commercio de Angola.

Mas alem do Chicapa, entre os rios Luembe e Cassai e depois d'este, até ao Lubilaxi, ha tres estados seguidos ainda ao norte, importantes, que não devemos perder de vista, Mataba, Uanda e Canhíuca, que são cobiçados pelos agentes do Estado Independente do Congo. Nestas estados ha vasto campo para explorações e por emquanto de brancos, os Portuguezes, são os unicos que seus povos conhecem.

Em Mataba, a população é densissima e por isso poude resistir, sujeita aos seus recursos, ás gazzivas dos Lundas e Quiôcos. Avassallado o paiz ao dominio do Muatiânvua, admittiram o governador que este lhe impoz, mas considera-se o paiz independente na sua administração.

Do 8° grau para a confluencia dos rios que limitam o paiz pelo E e W. póde dizer-se que as florestas são virgens e as alterosas arvores estão ainda enredadas pelas grossas trepadeiras de que se extrahe a borracha, processo que por ora não conhecem.

Ainda ha oito annos, nem as caravanas indigenas ali penetravam, apenas lhes era permittido e pelo caminho do sul, dirigirem-se ao Anguvo Mucanza, governador na margem do Cassai, com honras de Muatiânvua, com quem negociavam.

Com este, estiveram os allemães, o fallecido Dr. Pogge e o meu amigo Dr. Buchner, mas foram acompanhados até á passagem do rio Luembe, por homens de confiança do Governador, para não terem contacto com os Calambas, chefes das povoações dos naturaes.

Havendo abundancia de caça, os indigenas, por imitação do que se fazia na capital em que vivia o Governador com o seu estado lunda, dedicaram-se á agricultura principalmente na região do sul entre o 8° 20′ e 8° 40′, e quando ali passei em dezembro de 1886 eram muito florescentes as grandes extensões de terreno lavradas.

Nas margens do Luembe obtêem com difficuldades sal, mas devo dizer que foi neste paiz, onde encontrei fabricado pelos processos rudimentares o melhor sal e tabaco, mesmo de gosto agradavel ao paladar europeu, e tambem as melhores mabellas que vestem e os melhores artefactos de ferro e cobre, metaes que existem em abundancia.

Os Calambas e os de maior consideração já negociavam com as comitivas quando ali estive e o que elles mais procuravam, póde dizer-se por que se sacrificavam, era pela as armas lazzarinas e polvora. Tratavam de se armar para se defenderem de Lundas da côrte e dos Quiôcos, pois contavam terem soffrido muito até 1875 d'essas guerras e de roubos de gente.

Promette este povo desenvolver-se e fal-o-ia em pouco tempo quando em contacto com a civilisação.

Os Uandas podem considerar-se divididos em dois grandes grupos como elles os distinguem, em povos que vestem pelles de animaes e povos que se servem da pelle da propria barriga para cobrirem as partes genitaes. São estes ainda anthropophagos.

O seu paiz está por explorar, salvo parte das populações a sul sujeitas ao Muatiânvua e das quaes os chefes têem assento e voto na côrte d'este, tendo eu mantido com alguns, boas relações. Fabricam as suas armas brancas, cujos fios envenenam, adereços de ferro e de cobre e mabellas finas e grossas. D'estes artefactos vi bastantes na Mussumba, que passando de povoações em povoações chegam ali para negocio.

Pelo exemplar que me apresentaram d'aquelles povos, um rapaz menor dos taes pelles-barrigas (interpretação do seu nome vulgar), obtivemos informações curiosas do modo de existir dos seus, de que dou conta nas minhas publicações.

Caçam o elephante que vive entre elles, mas como são de baixa estatura e muito ageis, fazem-no aos saltos munidos de harpões, luctando com o animal e não o deixando, emquanto elle não caír para mais se não levantar. Só matam o elephante para comer e dos dentes de marfim fazem cercas nos recintos em que vivem, para se defenderem das feras.

São os do sul, os pelles-animaes, que inconscientemente têem obstado que os Quiôcos e mesmo os Ampuedis (povo da côrte) do Muatiânvua, hajam devassado a região em que vivem aquelles, porque quando tentam fazer gazzivas a elles pelles-animaes, estes adoptaram para se defenderem, collocar nos caminhos entre o capim, flechas envenenadas e a mortandade já tem sido tão grande, que os desanimam as novas tentativas.

Marginando o Lulua pela esquerda e servindo-nos de Tambu uá Cabongo, potentado com quem tambem convivi tres mezes, em pouco tempo, uma missão religiosa de certo encontra naquelle paiz vasto campo para a sua catechese e ha de obter bons resultados porque ainda lá não chegaram os vicios de uma mal orientada civilisação.

Pelo norte, tentaram os Allemães explorar o paiz, mas encontraram povos Chilangues, que não lhes foi possivel domar e se não registaram resultados funestos, devem-no ao negociante portuguez Antonio Lopes de Carvalho, socio de Saturnino Machado, que os acompanhava nessa tentativa.

De Canhíuca, basta que eu diga a V. Ex.ª que é o paiz onde o Muatiânvua manda buscar marfim para dar em pagamento aos negociantes que vão á Mussumba e lhe entregam a sua factura; é o paiz que sempre foi cubiçado pelos Allemães e hoje pelo Estado Independente; e V. Ex.ª, reparando em qualquer carta de Africa estrangeira depois da conferencia de Berlim, verá este paiz já separado dos Estados do Muatiânvua, quando o Canhíuca é quilôlo tributario d'elle.

Esta separação não offerece duvida quanto a mim, que ouvi todos os exploradores allemães que depois de 1877 foram pela nossa provincia de Angola para o centro de Africa, que tem o fim reservado de com o tempo o envolverem nos dominios do Estado Livre.

Tanto este paiz como o Samba, a leste da Mussumba, parte do qual já foi cortado pelos limites d'aquelle Estado, marcados na conferencia, são aquelles d'onde provinha o marfim para a Lunda até 1880. Perdel-os de todo o Muatiânvua, póde dizer-se que é perder o nosso commercio de Angola o importante interesse de marfim.

Assegurarmos, pois, a nossa occupação, quando mais não seja por emquanto, nos pontos a norte indicados, a evitar sob qualquer pretexto a expansão do Estado Independente alem dos seus limites a sul, e convida-lo a uma rectificação de limites, não só da parte a norte da nossa provincia de Angola até ao Cuango, como os seus pedem, mas até ao meridiano que ficou designado na conferencia de Berlim como seu limite a leste a contar do 6º grau a S. do Equador, é indispensavel que por parte do nosso Governo se faça, embora custe alguns sacrificios.

Eu creio que V. Ex.ª deve estar ao facto do que se está passando no Barotze. Depois das grandes difficuldades com que luctou a familia Coillard (aquella de que fallou Serpa Pinto) lá conseguiu desenvolver seus estabelecimentos e a ella se foram reunir a familia *Jeanmairet* e ultimamente diversos missionarios, os quaes ali como perdidos no meio de Africa, lançaram os fundamentos de uma obra que já se acredita ha de ser muito superior á que as missões evangelicas de París conseguiram nos Sutos (Basoutos).

O missionario Theophilo Jousse já este anno publicou um livro sobre os trabalhos d'aquella missão, que estou esperando de Paris, a fim de melhor me esclarecer a tal respeito, mas da critica que eu conheço d'este livro acredito que muito têem conseguido já d'aquelles povos e parece-me que tarde será para nós lá irmos agora.

Evitar, pois, que esta ou novas missões da mesma ou de differentes seitas se espalhem para norte, é de uma grande vantagem para a nossa

expansão, sobretudo em terrenos que não nos foram por agora contestados e o Xinde, região que atravessou Livingstone para ir a Loanda e onde elle mesmo confessou iam commerciar e ainda lá vão, comitivas de Benguella e dos sertões do districtos de Loanda, que demais é no 12º grau e o potentado sujeito ao Muatiânvua, na fronteira do seu estado a sul; affigura-se-me bom logar para uma missão ou estação intermediaria entre as nossas provincias do litoral.

Acceites que sejam estas occupações, não póde adiar-se por mais tempo a creação do governo districtal em Malanje, que ousei lembrar no meu livro de Loanda ao Cuango e segundo o projecto e orçamento que apresentei a V. Ex.ª E este governo é tão necessario como dentro em pouco será um analogo ou já com mais desenvolvimento, no Bié, pois quer por Mossamedes quer por Benguella, o caminho de ferro ha de realisar-se até lá, e tão longe do litoral aquelle interposto do commercio, que se tornará da maxima importancia, precisa de uma administração especial e efficaz e que influa nos povos limitrophes.

Eu tenho por habito desejar apresentar testemunhos do que avanço, com respeito ao que fallo sobre a Africa, porque não desconheço que as descrenças são muitas e custar-me-ia fosse tomado á conta de visionario e mesmo de facciosismo o que se me affigura de bom.

Ora com respeito a Malanje em Portugal actualmente, póde dizer-se, afóra os meus collegas, ha apenas tres homens, mas auctoridades que todos respeitamos, que de sciencia alguma cousa podem dizer, porque atravessaram aquella região, são o estimado e bemquisto ex-Governador da provincia de Angola, o Conselheiro Ferreira do Amaral e os nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens.

Poderão elles informar V. Ex.ª se exagero, mostrando a necessidade d'aquelle governo e muito melhor ainda do que tambem lembro, tendo por capital o Bié.

Serão estes dois governos as sentinellas mais a leste, d'onde devem partir delegacias ou intendencias, que vão ligar-se com as do Oriente e garantirem seguras as nossas communicações de costa a costa.

Eu devo recordar a V. Ex.ª, porque hoje mais que nunca desejo escudar o meu modo de ver sobre o que lembro com respeito á Africa. Em 1882, pedi duas concessões ao governo, uma a construcção de uma via ferrea, systema Decauville, na ilha de S. Thomé, para serventia da região agricultada, e outra de uma via ferrea a vapor, para ligar Loanda com Calumbo e de accordo com a companhia da navegação do Cuanza, por um systema de cabos no rio, como os ha no nosso Douro, facilitar e tornar mais economica e regular a sua navegação; pois creio que fui tomado como visionario e é certo, com respeito á primeira, que já um grupo de agricultores d'aquella ilha se propõe a construir um caminho de ferro e mais dispendioso; emquanto á segunda, cujas idéas que vo-

gavam então, eram não aproveitar a linha fluvial, destruil-a mesmo pelo traçado do caminho de ferro de Ambaca, vejo agora que a empreza d'aquelle caminho, sobre um pretexto qualquer que lhe occorreu, pediu auctorisação para aproveitar o trabalho feito num ramal ao Cunga. E d'este modo o que havia de melhor na linha fluvial, que era exactamente a navegação entre Cunga e Calumbo é o que vae desprezar-se!

Ora se na verdade eu houvesse sido attendido naquella epocha, até Oeiras o governo nada tinha a despender e o caminho de ferro, tendo partido d'este ponto, já teria chegado a Ambaca e talvez se tivesse principiado o ramal a Malanje, região que pela sua salubridade e agricultura ha de ser florescente, tanto para productos indigenas, como para europeus e americanos, em poucos annos paga a despeza da construcção d'este ramal e com o tempo será a região que dará maiores interesses á companhia, bastando dizer que é a região por excellencia para a creação do gado bovino,

Mas voltando ao assumpto dos dois governos, nas regiões planalticas de Malanje e Bié, cujas capitaes ficam em altitudes acima do nivel do mar, a primeira variando de 1:150 a 1:200 e a segunda entre 1:700 e 1:800 metros, a V. Ex.ª que conhece bem a viagem de Rodrigues Graça, marginando o Cuanza de Malanje á Bella Vista, direi eu: não será conveniente estudar a parte d'aquelle rio entre os parallelos destes dois pontos?

Rodrigues Graça, se bem me recordo, acompanhando cargas e seguindo de povoação em povoação, fez aquella viagem em vinte jornadas, mas algumas de 15 a 20 kilometros. Se esta linha fluvial podesse ser aproveitada, que alta importancia não teria para as capitaes de dois governos interiores, que demais vão ser ligados ao litoral por vias ferreas, o encurtar-se a distancia entre elles, talvez reduzir-se a tres ou dois dias de viagem?

E depois que vantagem não seria em geral, para a nossa provincia de Angola, se a navegação d'aquella parte do rio fosse possivel, para emfim sujeitarmos os povos das margens do Cuanza entre outros, os Bailundos, os Songos, os Quiôcos, os Libollos e os Quissâmas, cujo abandono em que os temos deixado vegetar, nada provam a nosso favor?

Quem podia esperar que o Lulúa, o Cassai, o Sancuru e outros affluentes direitos do Zaire, já em parte estejam sendo navegados a vapor?

Hoje que barcos especiaes, demandando pouca agua, facilmente se montam e desmontam com as machinas e se transportam mesmo ás costas de homens; é uma necessidade que se estude as condições d'aquella parte do Cuanza, mesmo porque Ladislau Magyar nos disse em 1853, que este rio era já caudaloso, proximo das suas nascentes onde o passára.

Affigura-se-me, sendo assim e havendo uma differença de nivel consideravel, talvez mais de 500 metros no percurso do rio, entre os pontos

em questão, que o seu volume de agua permittirá a navegação e não me parece que possa haver difficuldades em verifical-o.

Acreditando que o projecto que em tempo o Sr. Ministro Ressano Garcia bem acolhêra, possa merecer a attenção de S. Ex.ª o actual Ministro, sem mais preambulos, sem entrar em considerações de vantagens que estão na mente de todos e muito mais quando sei que V. Ex.ª e S. Ex.ª o Sr. Ministro estão animados dos melhores desejos de aproveitar o movimento, que mais do que em tempo algum se está manifestando em todo o paiz, para que se dê á nossa Africa o desenvolvimento de que é susceptivel, sobre tudo onde póde vingar a colonisação europêa; e empenhando-me em provar praticamente que não são utopias o que escrevi sobre Malanje e de Malanje ao Cuango, no meu livro já impresso, lembro, o que não tenho duvida de me comprometter a executar, a conviencia de se preparar immediatamente em diversas localidades, na região de Malanje ao Cuango, com pessoal indigena de artistas e de trabalhadores, os necessarios abrigos e terrenos em devidas condições para 40 casaes europeus, das ilhas ou de qualquer provincia do reino, que principalmente se dediquem á lavoura, os quaes só devem partir de suas terras, á medida que se for dando por promptas as installações para grupos de dez.

Embarcados estes, seguirão directamente ao Dondo com bagagens, utensilios, ferramentas e armamento indispensavel, e aqui tudo estará prevenido para se transportarem com commodidade até Malanje.

Do fundo da colonisação da provincia de Angola se poderá abonar o custo das installações, sendo contratados em Loanda na sua administração do concelho, operarios indigenas para mestres, que ali os ha bons, e algum degredado de crimes simples e melhor comportamento para auxiliarem os trabalhos; e tambem d'esse fundo deve saír o importe das machinas, arados, moinhos de agua, carros para bois, viação Decauville (portatil) para 5 kilometros e sementes; o que tenho calculado custar vinte contos de réis.

Mas sendo estes artigos adquiridos em Lisboa pela Direcção do Ultramar, na fabrica Collares, alguns e outros nas casas agentes americanas, é de querer que montem a uma importancia menor.

É indispensavel que um medico, homem pratico no sertão de Angola, acompanhe os primeiros trabalhos, munido pelo menos do que é mais essencial para uma exploração de sua especialidade e não faltem os necessarios soccorros clinicos e possa mesmo aconselhar sobre a disposição e risco das installações e ainda outras condições a que se deve attender.

Tambem do Collegio das Missões no reino, se deve requisitar um ou dois padres, e muito conveniente seria algumas irmãs para cuidarem da educação das creanças e das mulheres doentes.

Se a titulo de emprestimo, o governo no primeiro anno estipular *um quantum* para alimentação dos casaes europeus, por exemplo, 400 réis diarios por casal, eu estou certo que no anno seguinte amortisarão parte da sua divida e no quarto já podem contribuir sem difficuldades, para os impostos municipaes e do governo provincial.

Os homens devidamente armados, em caso de necessidade, serão um elemento de força para a auctoridade do districto contra o gentio, o que espero nunca se dará.

Têem os casaes europeus, a titulo de colonos tutellados pelo Governo, emquanto não liquidam os seus debitos, de satisfazer a um certo numero de condições que devem constituir um regulamento approvado pelo mesmo Governo e que se formulará no campo pratico, em attenção aos diversos fins em vista e antes de se convidarem os primeiros casaes a aproveitarem-se das vantagens que o Governo lhes offerece naquella região.

As primeiras installações feitas com os recursos naturaes do paiz, material e pessoal, não demandam grandes despezas e nellas faço comprehender já o preparo da terra e plantações mais instantes para alimentação do futuro propietario.

É este o meio de evitar as maiores difficuldades, com que depara o europeu que quer estabelecer-se na agricultura em Africa, pois está provado que encontrando elle alguns commodos e observando as prescripções que a pratica aconselha se devem observar, domando os seus habitos ás exigencias do clima, póde trabalhar mesmo um certo numero de horas do dia nas regiões altas, principalmente acima de mil metros, e o resultado do seu trabalho não é inferior ao do indigena, embora este no dia trabalhe em tempo, um terço mais do que aquelle. Isto é uma questão de pratica e de consciencia no trabalho.

Eu tenho já dito a V. Ex.ª, que uma das boas condições de Malanje para o europeu é a barateza da carne de vacca, e quando a elle, lhe faltem, as posses necessarias para fabricar o pão de trigo, tem em abundancia a mandioca e tanto na sua farinha, como no amido de que os naturaes fazem o infunde, obtem elle, um conducto que não é menos salutar que o trigo.

Devo neste logar fazer sentir a V. Ex.ª, que eu ainda fui do tempo que em S. Thomé se fazia uso da banana torrada em logar de pão, e que a falta d'este, com o tempo, deixará de existir em Malanje, porque ha localidades no concelho em que o trigo fructifica.

Deve attender-se nas plantações a fazer ao indispensavel para consumo dos proprietarios, e ao que se destina para os mercados que lhes offereçam lucros e talvez, a não ser na região que se estende de Malanje ao Bié, isto é, as regiões do Cuanza, talvez não se encontre outra na provincia, que satisfaça ao mesmo tempo a estas condições.

vae abrir-se pelas terras do vizinho Muata Cumbana até Muene Puto Cassongo.

Seria, pois, de vantagem e de grande alcance, que vós com os sabios conselhos dos nossos Missionarios em S. Salvador, garantisseis tambem a segurança de um caminho, o mais directo possivel, da vossa capital ali ao Muene Puto Cassongo.

Se acceitaes bem o alvitre, podemos obrar de accordo neste grande melhoramento para o commercio, e como espero estar de regresso da Mussumba neste ponto, no mez de julho de 1886, seria de toda a conveniencia, que se preparasse uma comitiva que partisse de S. Salvador com commercio para aqui, seguindo já pelo caminho a fazer a Muene Puto Cassongo, onde deve esperar pela minha Expedição que ahi se dirigirá, deixando já um caminho aberto para então segui-lo ao Caungula.

Paulo, mujinga Congo, que vos apresentará este officio, vos esclarecerá sobre os promenores e da intervenção do Muatiânvua, que commigo segue para a Mussumba e em signal dos desejos que tem de manter convosco as mais cordeaes relações por elle vos envia, para vosso serviço, dois rapazes ainda novos.

Para felicidade do vosso estado, que Deus continue a velar pela vossa vida. — Caungula, 25 de novembro de 1885. — Ao Senhor, Rei do Congo. = O Chefe da Expedição ao Muatiânvua, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Senhor: — Em additamento ao meu officio de 25 do corrente e porque Paulo, mujinga Congo, m'o pede, devo dizer-vos, que os rapazes que deviam seguir em 26 com aquelle officio, ficaram demorados ainda até esta data, porque se deu o incidente de fugirem duas mulheres da sua comitiva e em logar de Paulo, que segue e outros rapazes com a minha Expedição no intento de encontrar estas e em Mataba que lhes sejam pagos, quando não todos, parte, de roubos que fizeram ali os Calambas á comitiva; vae agora João que chegou de Mataba e a quem os seus intitulam Capitão do Caminho.

Que Deus vos proteja para bem do vosso estado. — Caungula, 3 de dezembro de 1885. — Ao Senhor Rei do Congo. = O Chefe da Expedição portugueza ao Muatiânvua, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Senhor: — Ás vossas mãos, deve chegar esta carta por intervenção do nosso bom Missionario Barroso, a quem me dirijo pelo correio de Loanda.

Em 25 do mez passado tive occasião de vos participar a protecção que me foi possivel dispensar a uns rapazes do Congo que nesta localidade se me apresentaram nús e abatidos pela fome, dizendo fazerem parte

de uma comitiva de seu Rei, que fora á Mussumba sob o commando do Principe D. Miguel que lá morreu e cuja ossada elles levaram para a terem sepultada na vossa terra.

Esta comitiva na verdade, segundo me informam, que trouxe muito commercio alem dos grandes prejuizos no negocio, tem padecido muitas inclemencias e creio que pouco poderei conseguir em Mataba, de indemnisações para os vinte rapazes que commigo vão até lá na esperança de have-las.

Naquelle officio apresentei-vos um bom alvitre, para segurança de caminhos para as comitivas de commercio que desejeis encarreirar para a Mussumba ficando certo que pela minha parte empregarei todos os esforços para vos garantir o caminho que Caungula se compromette com Muata Cumbana a abrir até ao Cuango.

Aguardo a resposta d'aquelle officio, para conhecer se posso contar com o vosso apoio no melhoramento que desejo para nosso bem, deixar na minha passagem por estas terras.

Caungula (Lunda), 16 de dezembro de 1885. — Considerae-me amigo muito affeiçoado = Chefe da Embaixada ao Muatiânvua, *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Do Rei do Congo, D. Pedro V, ao Chefe da Expedição

Ex.mo Sr. Henrique de Carvalho, Chefe da Expedição portugueza ao Muatiânvua. — Recebi com o maior prazer a carta de V. Ex.ª datada de 16 de dezembro de 1885 e do intimo do meu coração sou grato ao muito que tem feito pela gente do Congo, quasi abandonada nessas paragens. Não recebi as duas cartas a que V. Ex.ª faz referencias, o que muito sinto, até porque numa vinha indicado o melhor caminho para ir a essa região.

Emquanto aos individuos que compõem a expedição commercial do Congo, sou forçado a dizer a V. E.ª, que não fui eu que os mandei, que os não conheço e que até não tenho conhecimento algum de tal expedição.

Não ha muito, talvez dois annos, mandei ao Muata um pequeno presente, não sei, porém, se elle o recebeu ou não.

Como desejo entreter com elle as melhores relações, não tenho duvida em mandar a minha gente negociar á Lunda e mandarei mesmo os presentes que V. Ex.ª me indicar como mais convenientes; é preciso, porém, que ahi encontre a minha gente protecção para as suas transacções, o que não encontraram as ultimas que têem ido ahi, como muito bem se deprehende do conteúdo da carta de V. Ex.ª

Nunca me foi mais proveitoso e conveniente attrahir o negocio do interior a S. Salvador do que agora, que aqui tenho tres casas importantes de commercio; tenho, pois, todo o empenho em mandar á Lunda procural-o, mas para isso, porém, espero as indicações de V. Ex.ª para seguir o caminho mais certo.

Agradecendo a V. Ex.ª novamente tudo quanto tem feito a favor da gente do Congo, sou com a mais distincta consideração, de V. Ex.ª muito digno amigo, *D. Pedro V*, Rei do Congo.

Nota. — Não tem esta carta data, porém recebia hoje, 30 de julho, na margem do Cassai, residencia do Ambinji, Governador de Mataba, com a correspondencia de Malanje. Ha de certo confusão, pois o presente que diz ter enviado ha dois annos, não deixa de ser o que trouxe Paulo, que se não apresentou ao Rei, mas recebeu-o por intermedio de um outro e creio que o Rei não conheça a gente da expedição de D. Miguel e mesmo que este Principe não seja filho do actual Rei. Os habitos sobre parentescos já os conheço agora.

Capital do Ambinji, na margem esquerda do Cassai, 30 de julho de 1887. = *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Communicações ao Ex.mo Director Geral dos Negocios do Ultramar

Ill.mo Ex.mo Sr. — Em additamento á communicação que hontem 27 de maio tomei a liberdade de enviar a V. Ex.ª, longe estava das noticias que se propalaram sobre os acontecimentos do Bié e foram confirmadas no parlamento, por S. Ex.ª o Sr. Ministro dos Negocios do Ultramar.

Parece, pois, que eu previra a necessidade dos governos interiores de Malanje e do Bié com bons fundamentos.

S. Ex.ª o Sr. Ministro, vejo pelo que disse na camara dos senhores deputados reconhece a necessidade de uma occupação séria no Bié e como Cassanje tem uma triste historia que V. Ex.ª não desconhece, não é demais que eu insista para com V. Ex.ª se interesse, ao mesmo tempo, que se trata do Bié se attenda a Malanje, pois V. Ex.ª sabe as difficuldades com que se lucta sempre, quando se pretende passar o rio Cuango.

Ex.mo Sr., a questão do Bié é d'aquellas que pede providencias energicas e rapidas da parte do nosso Governo, pois gloriar-se o gentio de uma derrota sobre as armas de Muene Puto, na occasião é-nos muito prejudicial. O boato corre de povoação a povoação, de tribu em tribu, anima os povos de sul a norte, Quiôcos, Bângalas, Lundas e quem sabe mesmo se os da margem esquerda do Cuanza, a seguirem o exemplo dos rebeldes do Bié, agora sabe Deus, aconselhado por quem e porque futeis pretextos.

Se o Governo num dos transportes de guerra, ou vapor afretado a uma das companhias, mandasse marchar um dos nossos regimentos, completo, para Benguella e aqui tudo fosse preparado para comboiar esse regimento dos mantimentos indispensaveis em direcção ao Bié, creia V. Ex.ª que bastava a presença de seiscentos homens brancos bem armados, para todos os pretos do Bié e immediações fugirem.

Ha mais de um mez que o facto se deu e contar com o recursos da provincia receio que, alem de poucos, sejam tardios.

Disse o explorador Serpa Pinto que grande é o numero de tropas irregulares em Africa e facilmente se mobilisam. Isto tem logar na provincia de Moçambique, pelas circumstancias muito especiaes do modo de ser d'aquella provincia, mas não se dá o mesmo em Angola, como V. Ex.ª muito bem sabe e ocioso seria demonstrar.

Se o Cuanza se aproveitasse, como eu lembro, para viação entre Malanje e o Bié, repare V. Ex.ª que vantagens não teriamos nós já sobre os povos que tentassem sustentar uma lucta, a favor dos rebeldes, contra as nossas armas.

É tão vasto o que proponho e não tendo a pretenção que não possa soffrer modificações que sejam convenientes ao fim, que eu insto para que sobre o meu trabalho, seja consultado o esclarecido e benemerito explorador Roberto Ivens.

Deus guarde a V. Ex.ª—Illmo e Exmo Sr. Conselheiro Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e do Ultramar.—Lisboa, 28 de março de 1890.=*Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

Illmo Exmo Sr. — Em additamento á minha communicação de 27 de maio ultimo, julgo favorecer a V. Ex.ª neste momento alguns esclarecimentos de importancia, com respeito ás missões estrangeiras evangelicas no Barotze e tambem auxiliado com umas vagas noticias que hontem recebi de Benguella, fazer alguma luz sobre os motivos que originaram o triste fim do nosso velho sertanejo Silva Porto, salvando a missão americana ao contrario do que em principio se propalou, ser a causa, não obstante poder ter sido o pretexto, mas por suggestões do jovem Missionario Escossez M. Stanley Arnot—e não Arnold como diz o *Diario de Noticias* de hoje.

O acaso leva-me a esta conclusão, cujas deducções passo a explicar.

Recebendo hontem de París a moderna obra do antigo missionario Theophilo Jousse de que fallava a V. Ex.ª na citada communicação sobre as referidas missões no Barotze—*A missão ao Zambeze*—vejo que o Missionario Coillard, já proximo do Lialui, capital do Barotze, tendo de suspender a sua marcha por causa da guerra contra o potentado Robosi (Liuanica) do qual esperava receber, como resposta a uma carta que em tempo lhe enviára, os mensageiros que deviam acompanhal-o á sua presença.

Escrevêra-lhe Coillard, convencido que junto d'elle estaria o missionario escossez Arnot, que annos antes se estabelecêra ali a seu convite, para instruir os seus filhos, porém este estava soffrendo muito de febres e porque não chegavam os recursos que esperava, havia muito tempo, vivia já numa grande miseria.

Prevenido com antecedencia e muito em segredo, que a revolução premeditada contra o rei estava prestes a rebentar, a todo o custo tratou de se affastar do theatro dos successos onde sua vida corria risco sem beneficio para pessoa alguma. O estado de sua sande era tão mau e a falta de medicamentos tão completa que todos acharam natural que elle pedisse para retirar pelo Bié, para a costa occidental. É assim, diz-nos Jousse que este corajoso servidor de Deus escapou a todos os riscos de uma situação que não podia ser mais perigosa.

É preciso que v. ex.ª saiba que no paiz dos Barotzes está estabelecido um commerciante inglez Westbeach. O principal estabelecimento d'este é em Patamatenga e proximo d'este, o missionario Coillard, com grande desgosto, foi encontrar um florescente estabelecimento agricola dos padres jesuitas, que se dividiam em campos de verdejantes trigos e jardins horticolas. O chefe d'estes missionarios era o padre hollandez Kroot.

A descripção feita por Coillard, dos estabelecimentos e pessoal completo d'esta missão, é na verdade, para causar admiração, mas em extremo obsequiados por ella, tanto Coillard como Jeanmairet, que casou com a sobrinha d'elle que o acompanhava, quer v. ex.ª conhecer como elle olhava aquella missão, com respeito aos interesses da sua? transcrevo as proprias palavras:

A partida definitiva dos padres jesuitas não é para contristar os nossos missionarios. O paiz é bastante grande para permittir as duas fracções da egreja christã trabalhar na civilisação dos Barotzes, todavia os attrictos são inevitaveis e sempre peniveis. Nós precedemol-os no Zambeze; já contavamos duas sepulturas quando elles chegaram a este paiz, não podemos deixar de louval-os pela resolução de nos deixar sós no campo do trabalho sobre o qual tinhamos adquirido direitos de anterioridade.

Mais.

Fazendo analyse aos trabalhos d'aquelles missionarios que considerava de importantes e de invejar pelas commodidades de que se souberam rodear, commenta: seria uma explendida estação se elles tivessem alguma obra a fazer aqui... mas que obra se póde fazer onde não ha população?

Estes senhores apprehendem pelo roubo alguns conductores de caravanas e os creados que seguem seus amos nestas paragens, o que de certo é muito pouco.

Para nos mostrar a pouca importancia d'estes missionarios e o mal que o Rei dos Barotzes lhes queria, basta ler este trecho de Jousse, em que se conhece que no animo do Rei influira, o que este considera de bemquisto Arnot, o tal jovem missionario escossez.

Na ausencia de M. Arnot ninguem podia ler as cartas de M. Coillard que foram devolvidas; porém o mensageiro do Rei que as trouxera, d'este trouxe as seguintes determinações: Se os jesuitas são os auctores da carta, o Rei permitte-lhes que vão buscar a bagagem que o anno passado deixaram na sua capital, mas declara que não lhes prestará soccorros, nem de homens nem de canôas, que vão lá com os seus carros. Se a carta é de M. Coillard, então Mussala fica encarregado de o conduzir immediatamente á sua capital.

Note agora V. Ex.ª:

Na carta que honte mli de Benguella, affirma-se que este Sr. Arnot, que se estabeleceu ultimamente no Bié, estava junto do regulo e o havia presenteado por vezes, sendo a ultima pouco antes dos factos que nos lamentâmos se dessem no Bié, muito principalmente por causa da irreparavel perda d'aquelle esteio Silva Porto, que era na verdade um grande elemento de força que ali tinhamos.

Não ignora V. Ex.ª que a missão americana que sob a protecção de Silva Porto se mantinha no Bié, que prega contra as bebidas alcoolicas, como um dos principaes fins da sua seita, por fórma alguma podia convir aos interesses do missionario escossez Arnot, que retirando do Lialui no Barotze, trabalhava de accordo com as missões evangelistas de Coillard, e pela sua influencia intrigante fez retirar d'ali a missão jesuita de Kroot, preparando o terreno para a entrada d'aquelle, o que se prova com as primeiras palavras de cumprimentos do tal commerciante inglez Westbeach a Coillard: «Todos os chefes no Barotze vos esperavam, eu procurando convencel-os que não estivessem impacientes, tinha já perdido a esperança de vos ver chegar, por não comprehender a que attribuir tanta demora.»

Tambem não ignora V. Ex.ª, que a missão americana no Bié, instruia os povos na lingua portugueza e mais radicava a nossa influencia entre elles, ensinando-lhes a estimar os nossos patricios, as nossas auctoridades e a apreciar as nossas beneficas leis. De certo esta educação não podia convir á influencia do missionario escossez.

Conhecendo este por ultimo, dos preparativos da expedição Couceiro, para o Barotze, com receio de que a nossa influencia fosse destruir a dos missionarios de Coillard, facilmente frustrou á marcha d'essa expedição conseguindo que o regulo do Bié não fornecesse carregadores que lhes eram necessarios; ou revogasse as ordens que nesse sentido tivesse dado. Por outro lado, uma vez em rebellião contra Silva Porto a quem fora sempre submisso, a exigencia logo em seguida, para retirar o capitão

Teixeira da Silva do Bailundo e a missão americana. Creio, pois, justificar bem a origem dos desastres no Bié.

Agora as minhas apprehensões com respeito ao que disse na communicação de maio, sobre as missões no Barotze.

O Rei Liuanica desenvolve-se de um modo de notavel; deixou de beber as bebidas fermentadas pelo chá e café[1]. A escola quotidiana com setenta discipulos, dez jovens princezas, a titulo de pensionistas, são educadas a esperar-se no futuro resultado de bom exito.

Os missionarios occupam os pontos mais importantes e são estes missionarios alem das familias Coillard e Jeanmáiret, a familia Jalla, Dardier, Goy, Levi e Arou e ainda outros irmãos devotados á causa do evangelho.

E quer V. Ex.ª saber como termina o missionario Jousse a sua narração sobre aquella missão no Alto-Zambeze?

«O que a missão precisa são luctadores como Jacob, Moysés, Daniel e Jeremias! Humanamente fallando, a obra dos Barotzes é uma obra impossivel sem o serio concurso de orações. Que todos aquelles que contribuem com os seus dons para sustentar esta obra contribuam para o seu bom exito, com ferventes orações feitas em commum ou em particular. Precisêmos nossos pedidos ao Senhor; lembremos-lhe suas promessas pedindo-lhe a força para cumprirmos as nossas; não lhes pedimos milagres para nos dispensar de cumprirmos com os nossos deveres.

«E como podemos nós duvidar da bondade de Deus e da sua fidelidade? Não tem Elle já correspondido ás nossas ferventes orações attrahindo a si esse Anguana Angombe, que expontaneamente depois de uma predica sobre o Deus desconhecido pronunciou entre outras estas palavras: Sim eu sou o servidor do missionario, mas sou outra cousa ainda, sou um crente. Eu estava perdido, Deus me salvou. Orêmos para que este primogenito engrandeça e se fortifique e que bem depressa novas conversões juntando-se a esta, possamos apontar nas margens do Zambeze uma Egreja do Senhor.»

Vê-se, pois, a persistencia com que estão trabalhando aquelles missionarios, embora as muitas difficuldades num paiz em que os seus povos se encontram em guerras por causa do poder.

Póde V. Ex.ª agora avaliar se rasão tinha quando disse que a nossa expansão pelo Barotze se vae tornando de dia para dia mais difficil.

Deus guarde a V. Ex.ª — Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e do Ultramar. — Lisboa, 20 de junho de 1890.

---

[1] A este respeito já deixei notado que Livingstone na sua primeira viagem, nos disse ter sido minorado pelo Liuanica com café, chá e bombas que do Bengueila revendia aquelle Bié.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Apresentou-se, chegado de Angola no ultimo paquete, o Capitão do Exercito de Africa occidental, Frederico Cesar Trigo Teixeira, que naquella provincia tem prestado relevantes serviços muito principalmente no seu sertão e de que de certo bem informa o Ex.mo Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, pois nelle encontrou um official destemido, sério e de bom senso para a administrição de povos, taes como os do concelhos de Caconga no sul, Ambaca, Duque, Malanje, Encoje e Dondo no districto de Loanda.

Como V. Ex.a não ignora, o futuro de Angola depende do desenvolvimento da sua agricultura e sem o qual não póde prosperar, mas ha uma região importante que está esquecida, a de Encoje, Maungo e os Dembos em geral, que junto de Golungo Alto, Cazengo e Zenza é o importante emporio do café da provincia.

Devo lembrar a V. Ex.a que a grande quantidade de café que no anno ultimo saíu pelo Zaire é sem duvida de Encoje que o gentio foi vender ao Congo; é pois de toda a necessidade evitar que continue para ali a encaminhar-se, com prejuizo do commercio portuguez e dos rendimentos das nossas alfandegas, cargas de café de Encoje e dos Maungo, café que é nativo e que o indigena até agora nada mais faz que colhel-o, e para isso lembro a S. Ex.a o Sr. Ministro da Marinha e Ultramar, a occupação devida d'aquella região em que por emquanto deve ser a capital, Encoje e será de grande vantagem convidar para esse fim o referido Capitão Trigo Teixeira, a titulo de delegado do governo de Angola ou de superintendente de categoria dos do governo de Cabinda; pois este distincto official em circumstancias bem difficeis, só, e sujeito aos recursos da localidade, soube haver-se com o gentio revoltado, mantendo devidamente a nossa soberania.

A não approximação do europeu d'estes ricos territorios, é devida á insalubridade, que ainda assim tem por modificadores os agentes atmosphericos devido ás boas altitudes, e tambem as difficuldades de transportes.

Todavia uma auctoridade zelosa como a que lembro póde, servindo-se do elemento natural do trabalho que é o indigena, preparar a transformação dos logares, de modo que o europeu dentro em pouco se anime a ir dirigir trabalhos e tornar-se proprietario naquellas explendidas regiões, em que não é só o café a riqueza, pois o algodão, a saccharina, o tabaco são productos tambem valiosissimos.

Os Hungos actualmente exportam café para o Golungo-Alto, Cazengo, Dondo, margens do Cuanza e algum para Loanda; Encoje para o Ambriz, Barra do Dande, Alto Dande, Barra do Bengo, Catumbo e Loanda.

Mas se as correntes proseguem, como já o tentaram, para o norte, todo elle irá alimentar a administração do Estado Independente do Congo.

Encoje, com excepção dos mezes de novembro e dezembro de 1884, e que ali esteve o Capitão Teixeira, tem estado aquelle concelho entregu a um Capitão dos Moveis, indigena, que transformou aquillo num sobad Trigo Teixeira, retirando por doente, foi para Caconda, mas a sua doenç foi mais consequencia de falta de recursos do que da insalubridade d paiz e prevenido devidamente para uma missão de tanto proveito par a provincia, estou convencido que se não recusará a desempenhá-la.

Lembro mais que a sua administração se deve estender até aos Dem bos e conte V. Ex.ª que feito isto, e estabelecidos os dois governos inte riores de Malanje e do Bié, como tenho lembrado nas minhas communi cações anteriores, ficará garantida a autonomia na nossa provincia d Angola, sem receio que influencias extranhas se atrevam sequer a provo car-nos conflictos.

Por emquanto do Bié para o norte os brancos conhecidos somos nós Portuguezes, todos os demais europeus, são *inguerêzes,* vocabulo pron nunciado com desprezo.

Termino como principiei, está em Lisboa o Capitão Trigo Teixeira e no intuito de ir a Hamburgo ver seu filho que ali está sendo educado V. Ex.ª chamando-o antes, elle melhor o informará sobre as vantagens que se me affiguram, occupando-se devidamente a região de Encoje Mahungos e Dembos.

Deus guarde a V. Ex.ª — Illmo e Exmo Sr. Conselheiro Secretario Geral do Ministerio dos Negocios de Marinha e do Ultramar. — Lisboa 25 de junho de 1890. = *Henrique Augusto Dias de Carvalho.*

DT
611
D5
v.2

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.